

BOX
UM DE NÓS

KAREN M.
McMANUS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BOX
UM DE NÓS

KAREN M.
McMANUS



BOX
UM DE NÓS

KAREN M.
McMANUS



Sumário

BOX UM DE NÓS
UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO

Rosto

Créditos

Dedicatória

Sumário

Parte Um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Parte Dois

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Parte Três

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Agradecimentos

UM DE NÓS É O PRÓXIMO

Rosto

Créditos

Dedicatória

+ Favoritos

Sumário

Parte Um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Parte Dois

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Agradecimentos

UM DE NÓS ESTÁ DE VOLTA

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Rosto

Créditos

Dedicatória

Sumário

Parte um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Parte dois

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais

Pontos de referência

Capa



Seu desafio: Ligar os pontos.

UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO

KAREN M. McMANUS

KAREN M. McMANUS

UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO

Tradução
André Gordinho

1ª edição

— **Galera** —
Rio de Janeiro | 2018

M429d

McManus, Karen M.

Um de nós está mentindo [recurso eletrônico] / Karen M. McManus ;
tradução André Gordinho. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2018.

recurso digital

Tradução de: One of us is lying

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11418-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Gordinho,
André. II. Título.

18-47009

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:
One of us is lying

Copyright © 2017 por Karen M. McManus

Copyright da edição em português © 2017 por Editora Record LTDA.

Publicado mediante acordo com a Lennart Sane Agency AB.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são
produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com eventos, lugares ou
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos
morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-11418-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

**Para Jack,
que sempre me faz rir.**

SUMÁRIO

Parte Um

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9

Parte Dois

- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18

Parte Três

- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30

Epílogo

Agradecimentos

PARTE UM

LÁ VEM TEXTÃO DO SIMON

CAPÍTULO 1

Bronwyn

Segunda-feira, 24 de setembro, 14h55

Uma sex tape. Alguém com medo de ter ficado grávida. Dois escândalos envolvendo traições. E essa é apenas a atualização das notícias da semana. Se tudo que você soubesse a respeito do Colégio Bayview viesse do aplicativo de fofoca de Simon Kelleher, você se perguntaria como alguém ainda poderia ter tempo de assistir às aulas.

— Isso é notícia velha, Bronwyn — diz uma voz pelas minhas costas. — Espere até ver o post de amanhã.

Droga. Eu odeio ser flagrado lendo Falando Nisso, especialmente pelo criador do aplicativo. Abaixo o celular e bato a porta do armário.

— Vai arruinar a vida de quem agora, Simon?

Simon passa a me acompanhar assim que vou contra o fluxo de alunos a caminho da saída.

— É um serviço de utilidade pública — responde ele, com um gesto de desdém. — Você é tutora do Reggie Crawley, né? Não seria melhor saber que ele tem uma câmera no quarto?

Nem me dou ao trabalho de responder. Eu chegar perto do quarto de Reggie Crawley, aquele eterno maconheiro, é tão provável de acontecer quanto Simon adquirir alguma consciência.

— De qualquer forma, a culpa é das pessoas. Se elas não mentissem e traíssem, eu estaria na rua. — Os frios olhos azuis de Simon percebem meus passos longos. — Para onde você está correndo? Vai se cobrir de glória extracurricular?

Quem me dera. Como se para me zoar, um alerta pisca no meu telefone: *Treino para a Olimpíada de Matemática, 15h, Café Epoch*. Seguido de uma mensagem de um dos meus colegas de equipe: *Evan está aqui*.

Claro que está. O atleta gatinho de matemática — um paradoxo menor do que você imagina — só parece dar as caras quando eu não posso.

— Não exatamente — respondo.

Como regra, e especialmente nos últimos dias, tento fornecer o

mínimo de informação possível para Simon. Nós passamos por portas verdes de metal em direção à escadaria dos fundos, uma linha divisória entre o ambiente sombrio do Colégio Bayview original e o novo anexo iluminado e arejado. A cada ano, mais famílias ricas saem de San Diego por causa do aumento do custo de vida na cidade e se mudam para Bayview, 25 quilômetros a leste, na esperança de que seus impostos paguem por uma educação melhor do que colégios com teto chapiscado e linóleo arranhado.

Simon continua na minha cola quando chego ao laboratório do Sr. Avery no terceiro andar, e dou meia-volta com os braços cruzados.

— Você não tem que estar em algum lugar?

— É, na detenção — diz Simon, que me espera continuar a andar. Quando pego a maçaneta em vez disso, ele cai na gargalhada. — Você está me zoando. Você também? O que você fez?

— Fui acusada injustamente — murmurei, e abri a porta com força.

Já havia três outros alunos sentados. Paro para observá-los. Não era o grupo que eu teria previsto. A não ser por um nome.

Nate Macauley inclina a carteira para trás e dá um risinho irônico para mim.

— Entrou no lugar errado? Aqui é a detenção, não o conselho estudantil.

Ele bem sabia disso. Nate se metia em confusões desde o quinto ano, que é mais ou menos a época em que nos falamos pela última vez. A corrente de fofocas me diz que Nate está sob liberdade condicional concedida pela polícia de Bayview por... alguma coisa. Pode ter sido por dirigir embriagado; pode ter sido por tráfico de entorpecentes. Ele é um conhecido fornecedor, mas meu conhecimento é puramente teórico.

— Poupe seus comentários. — O Sr. Avery risca alguma coisa na prancheta e fecha a porta quando Simon entra.

Janelas altas e arqueadas na parede dos fundos lançam triângulos de luz solar vespertina no chão, e ruídos do treino de futebol flutuam vindos do campo atrás do estacionamento.

Eu me sento quando Cooper Clay, que segura um pedaço de papel amassado como se fosse uma bola de beisebol, sussurra “se liga, Addy” e joga o papel na direção de uma garota sentada em frente a ele. Addy Prentiss pisca, sorri vagamente e deixa a bolinha cair no chão.

O relógio da sala de aula se arrasta em direção às três, e eu sigo o avanço com uma sensação impotente de injustiça. Eu nem sequer deveria *estar* ali. Deveria estar no Café Epoch, flertando sem jeito com Ewan Neiman diante de equações diferenciais.

O Sr. Avery é um sujeito do tipo detenção-primeiro-perguntas-nunca, mas talvez ainda houvesse tempo para fazê-lo mudar de opinião. Eu pigarreio e começo a erguer a mão quando noto o risinho

de Nate se alargando.

— Sr. Avery, aquele celular que o senhor encontrou não era meu. Não sei como foi parar na minha mochila. *Este* é o meu — explico a ele, brandindo meu iPhone com capinha listrada cor de melão.

Honestamente, a pessoa tinha que ser sem noção para levar um telefone para o laboratório do Sr. Avery. Ele mantém uma rígida política de proibição de uso de celulares e passa os primeiros dez minutos de cada aula vasculhando mochilas, como se fosse o chefe de segurança de uma companhia aérea e nós todos estivéssemos na lista de suspeitos. Meu celular estava no meu armário, como sempre.

— Você também? — Addy se vira para mim tão rapidamente que o cabelo lavado com xampu esvoaça em volta dos ombros. Ela deve ter sido separada cirurgicamente do namorado para ter aparecido sozinha. — Aquele também não era o meu telefone.

— Comigo são três — emenda Cooper.

O sotaque sulista faz o três parecer outra coisa. Addy e ele trocam olhares surpresos, e eu me pergunto como isso pode ser novidade se os dois fazem parte da mesma panelinha. Talvez pessoas superpopulares como eles tenham coisas melhores para conversar do que detenções injustas.

— Alguém nos sacaneou! — Simon se inclina à frente com os cotovelos na mesa, parecendo uma mola encolhida e pronto para dar o bote em uma fofoca fresquinha. Seu olhar passa por nós quatro, reunidos no meio de uma sala de aula praticamente vazia, antes de se concentrar em Nate. — Por que alguém ia querer prender na sala de detenção um bando de alunos com fichas praticamente limpas? Parece o tipo de coisa que, ah, sei lá, um cara que está aqui o tempo todo faria para se divertir.

Eu olho para Nate, mas não consigo imaginar aquilo. Manipular uma detenção significa ter algum trabalho, e tudo a respeito de Nate — desde os cabelos escuros e desgrenhados à jaqueta de couro surrada — diz bem claramente *não estou nem aí*. Ele sustenta meu olhar, mas não diz uma palavra, apenas inclina a cadeira mais para trás. Outro milímetro e Nate vai cair.

Cooper se endireita na cadeira e franze seu rosto de Capitão América.

— Esperem aí. Eu achei que isso fosse apenas um engano, mas, se a mesma coisa aconteceu com todos nós, então é uma pegadinha idiota feita por alguém. E estou perdendo *o treino de beisebol* por causa disso. — Ele fala como se fosse um cirurgião cardíaco que foi detido e estivesse perdendo uma operação para salvar vidas.

O Sr. Avery revira os olhos.

— Guardem as teorias conspiratórias para outro professor. Eu não vou acreditar. Todos conhecem as regras sobre trazer telefones para a

sala de aula, e vocês infringiram essas regras. — Ele lança um olhar especialmente feio para Simon. Os professores sabem que o Falando Nisso existe, mas não há muito o que possam fazer para impedir o aplicativo. Simon usa apenas iniciais para identificar as pessoas, e nunca fala abertamente sobre o colégio. — Agora prestem atenção. Vocês ficarão aqui até às quatro da tarde. Quero que cada um faça uma redação de quinhentas palavras sobre como a tecnologia está arruinando os colégios nos Estados Unidos. Quem não cumprir as regras leva outra detenção amanhã.

— Com o que a gente vai escrever? — pergunta Addy. — Não tem computador aqui.

A maioria das salas tinha notebooks, mas o Sr. Avery, que aparentemente já poderia estar aposentado há uma década, é um dinossauro.

O Sr. Avery vai até a mesa de Addy e bate com o dedo na ponta de um bloco pautado amarelo. Todos nós temos um igual.

— Explore a magia da caligrafia. É uma arte perdida.

O rosto bonito e em formato de coração de Addy parece uma máscara de confusão.

— Mas como vamos saber que chegamos às quinhentas palavras?

— Contem — responde o Sr. Avery. Os olhos descem para o telefone que ainda estou segurando. — E me dê isso aqui, Srta. Rojas.

— O fato de o senhor estar confiscando meu celular *duas vezes* não lhe faz parar para pensar? Quem tem dois telefones? — pergunto. Nate sorri, tão rápido que quase deixo de ver. — Sério, Sr. Avery, alguém está pegando uma peça na gente.

O bigode branco do Sr. Avery estremece de irritação, e ele estende a mão, gesticulando.

— *O telefone*, Srta. Rojas. A não ser que queira voltar aqui outra vez. — Eu entrego o celular suspirando enquanto ele olha os demais com reprovação. — Os celulares que confisquei do restante de vocês estão na minha mesa. Vocês pegarão os aparelhos de volta após a detenção.

Addy e Cooper trocam olhares, achando graça, provavelmente porque seus verdadeiros telefones estão em segurança nas mochilas.

O Sr. Avery joga meu celular em uma gaveta, se senta atrás de sua mesa e abre um livro enquanto se prepara para nos ignorar pela próxima hora. Eu pego uma caneta, bato no bloco amarelo e contemplo a tarefa. Será que o Sr. Avery realmente acredita que a tecnologia está arruinando as escolas? É uma declaração um pouco forte para se fazer por causa de alguns telefones contrabandeados. Talvez seja uma armadilha, e ele esteja esperando que a gente o contradiga, em vez de concordar.

Dou uma olhadela em Nate, que está debruçado sobre o bloco,

escrevendo *computadores são uma merda* sem parar, em letras garrafais.

Talvez eu esteja me preocupando demais com isso.

Cooper

Segunda-feira, 24 de setembro, 15h05

Minha cabeça começa a doer em poucos minutos. É ridículo, eu acho, mas não consigo me lembrar da última vez que escrevi qualquer coisa a mão. Para piorar, estou usando a mão direita, que nunca parece natural, embora eu já faça isso há muitos anos. Meu pai insistiu que eu aprendesse a escrever com a mão direita no segundo ano depois de me ver no campo de beisebol. *Seu braço esquerdo vale ouro*, disse ele. *Não desperdice com porcarias que não valem a pena*. O que vêm a ser qualquer coisa que não seja jogar beisebol, na opinião dele.

Foi quando meu pai começou a me chamar de Cooperstown, como o famoso jogador de beisebol. Nada como colocar um peso desses num menino de 8 anos.

Simon mete a mão dentro da mochila e vasculha tudo, abrindo cada divisória. Ele a coloca no colo e olha o interior.

— Onde diabos está minha garrafa d'água?

— Sem conversa, Sr. Kelleher — avisa o Sr. Avery sem erguer os olhos.

— Eu sei, mas minha garrafa d'água... sumiu. E estou com sede.

O Sr. Avery aponta para a pia no fundo da sala, com a bancada cheia de recipientes e tubos de ensaio.

— Vá beber água. *Em silêncio*.

Simon se levanta, pega um copo da pilha na bancada e o enche de água da torneira. Ele volta para o lugar e coloca o copo na mesa, mas parece distraído com a escrita metódica de Nate.

— Cara — diz Simon ao chutar com o tênis o pé da mesa de Nate —, falando sério, você colocou aqueles telefones nas nossas mochilas pra zoar com a gente?

Agora o Sr. Avery ergue os olhos e franze a testa.

— Eu disse *em silêncio*, Sr. Kelleher.

Nate se reclina e cruza os braços.

— Por que eu faria isso?

Simon dá de ombros.

— Por que você faz qualquer coisa? Pra você ter companhia na treta do dia?

— Mais uma palavra da parte de qualquer um de vocês e vai ter detenção amanhã — alerta o Sr. Avery.

Simon abre a boca mesmo assim, mas, antes que consiga falar,

surge o som de pneus guinchando e depois a colisão entre dois carros. Addy contém um gritinho de susto, e me seguro na mesa, como se alguém tivesse acabado de se chocar comigo pelas costas. Nate, que parece contente com a interrupção, é o primeiro a ficar de pé e ir à janela.

— Quem bate o carro no estacionamento do colégio?

Bronwyn olha para o Sr. Avery, como se estivesse pedindo permissão, e, quando ele se levanta da mesa, ela também corre para janela. Addy segue Bronwyn, e finalmente saio da minha carteira. Melhor ver o que está acontecendo. Eu me apoio no peitoral para espiar lá fora, e Simon surge ao meu lado com uma risada debochada ao ver a cena abaixo.

Dois carros, um vermelho velho e um cinza genérico, estão enfiados um no outro em um ângulo reto. Todos olhamos fixamente em silêncio até o Sr. Avery soltar um suspiro exasperado.

— Melhor eu verificar se alguém se machucou. — Ele passa os olhos por todos nós e para em Bronwyn, a mais responsável do grupo.

— Srta. Rojas, mantenha esta sala sob controle até eu voltar.

— Ok — responde Bronwyn, que lança um olhar nervoso para Nate.

Nós permanecemos na janela, vendo a cena lá embaixo, mas, antes que o Sr. Avery ou outro professor apareça fora do colégio, ambos os carros dão partida e saem do estacionamento.

— Bem, isso foi sem graça — diz Simon.

Ele volta para a mesa e pega o copo, mas, em vez de se sentar, vai até a frente da sala e examina o pôster com a tabela periódica de elementos. Simon enfia a cara no corredor, como se estivesse prestes a ir embora, mas a seguir se vira e ergue o copo em um brinde.

— Alguém quer água?

— Eu quero — responde Addy ao se sentar.

— Pegue você mesma, princesa — diz Simon, com um sorrisinho. Addy revira os olhos e não sai do lugar enquanto Simon se debruça sobre a mesa do Sr. Avery. — Literalmente, hein? O que você vai fazer agora que o baile já passou? É uma grande lacuna até a festa de formatura do terceiro ano.

Addy olha para mim sem responder. Eu não a culpo. A linha de raciocínio de Simon nunca leva a um lugar bom quando se refere aos nossos amigos. Ele age como se não se importasse em ser popular, mas ficou bastante convencido quando acabou fazendo parte do conselho da festa de formatura do ensino médio, na primavera passada. Ainda não sei como Simon conseguiu aquilo, mas talvez ele tenha comprado alguns votos com o seu silêncio.

Entretanto, Simon não foi visto no conselho do baile na semana anterior. Eu fui eleito rei, então talvez esteja na próxima lista de Simon para ser sacaneado ou seja lá que diabos ele esteja fazendo.

— O que você quer dizer, Simon? — pergunto ao me sentar ao lado de Addy.

Ela e eu não somos exatamente íntimos, mas eu meio que me sinto como protetor de Addy. Ela namora o meu melhor amigo desde o primeiro ano, e é gente boa. E também não é o tipo de pessoa que sabe enfrentar um cara insistente como o Simon.

— Ela é uma princesa, e você, um atleta — responde ele, apontando o queixo para Bronwyn e depois para Nate. — E você é um crânio. E também um criminoso. Vocês todos são estereótipos ambulantes de filmes de adolescente.

— E quanto a você? — pergunta Bronwyn.

Ela andou pairando pela janela, mas foi à mesa e se empoleirou em cima. Bronwyn cruzou as pernas e puxou o rabo de cavalo escuro sobre o ombro. Algo nela está mais bonito neste ano. Óculos novos, talvez? Cabelo mais comprido? De repente, Bronwyn está investindo nesse lance de nerd sexy.

— Eu sou o narrador onisciente — responde Simon.

As sobancelhas de Bronwyn subiram acima da armação escura do óculos.

— Não existe isso nos filmes de adolescente.

— Ah, mas, Bronwyn — Simon pisca e toma a água em um gole só —, *existe* uma coisa assim na vida real.

Ele diz quase em ameaça, e eu me pergunto se Simon tem algum segredo de Bronwyn naquele aplicativo idiota. Eu odeio aquele troço. Quase todos os meus amigos apareceram no aplicativo em algum momento, e às vezes ele causa problemas de verdade. Meu amigo Luis e a namorada terminaram por causa de uma coisa que Simon escreveu. Embora *fosse* uma história real sobre Luis ter ficado com a prima da namorada, mas, ainda assim. Esse tipo de coisa não precisa ser publicada. As fofocas de corredor já são suficientemente ruins.

E, sendo honesto, estou bem preocupado com o que Simon poderia escrever sobre mim se decidisse fazer isso.

Simon ergue o copo com uma careta.

— Que gosto de merda.

Ele deixa o copo cair, e eu reviro os olhos diante da sua tentativa de fazer drama. Mesmo quando o líquido cai no chão, ainda acho que Simon está de zoação. Mas aí começa a respiração ofegante.

Bronwyn é a primeira a ficar de pé e depois se ajoelha ao seu lado.

— Simon — chama ela, enquanto lhe balança o ombro. — Você está bem? O que aconteceu? Consegue falar?

A voz de Bronwyn vai da preocupação ao pânico, e é o suficiente para eu me colocar em ação. Mas Nate é mais rápido, me empurra para passar e se ajoelha do lado de Bronwyn.

— Uma caneta — pede ele, enquanto os olhos vasculham o rosto de

Simon, vermelho como tijolo. — Tem uma caneta?

Simon faz que sim com a cabeça freneticamente, e sua mão arranha o próprio pescoço. Eu pego a caneta da minha mesa e tento passá-la para Nate, pensando que ele está prestes a fazer uma traqueostomia de emergência ou algo do gênero. Nate apenas me encara, como se eu tivesse duas cabeças.

— Uma caneta de *adrenalina* — diz Nate procurando pela mochila de Simon. — Ele está tendo uma reação alérgica.

Addy fica em pé e abraça o próprio corpo, sem dizer uma palavra. Bronwyn se vira para mim, com o rosto corado.

— Vou achar um professor e ligar para a emergência. Fique com ele, ok? — Bronwyn pega o telefone da gaveta do Sr. Avery e dispara para o corredor.

Eu me ajoelho ao lado de Simon. Seus olhos estão esbugalhados, os lábios arroxeados, e ele emite sons horríveis de sufocamento. Nate joga o conteúdo inteiro da mochila de Simon no chão e vasculha a confusão de livros, papéis e roupas.

— Simon, onde você guarda a caneta? — pergunta ele ao abrir o pequeno compartimento frontal e arrancar duas canetas normais e um molho de chaves.

Porém, Simon já passou muito da fase de conseguir falar. Eu coloco uma palma da mão suada no seu ombro, como se isso fosse fazer algum bem.

— Você está bem, vai ficar bem. Estamos chamando ajuda. — Ouço minha voz desacelerando e engrossando como melado. Meu sotaque sempre sai forte quando estou estressado. Eu me viro para Nate e pergunto: — Tem certeza de que ele não está sufocando com alguma coisa?

Talvez Simon precise de uma manobra de Heimlich, não da porcaria de uma caneta médica.

Nate me ignora e joga a mochila vazia de Simon para o lado.

— Porra! — berra ele ao esmurrar o chão. — Você guarda a caneta no corpo, Simon? Simon!

Os olhos de Simon reviram enquanto Nate vasculha os bolsos do garoto, mas não encontra nada além de um lenço de papel amassado.

Sirenes berram ao longe quando o Sr. Avery e dois outros professores entram correndo, seguidos por Bronwyn, que fala ao telefone.

— Não conseguimos encontrar a caneta de adrenalina dele — explica Nate resumidamente ao gesticular para a pilha de coisas de Simon.

O Sr. Avery encara Simon de queixo caído e horrorizado por um segundo, depois se volta para mim.

— Cooper, há canetas de adrenalina na sala da enfermeira. Elas

devem estar etiquetadas e bem à vista. *Depressa!*

Eu disparo para o corredor e ouço passos atrás de mim que desaparecem conforme eu chego rapidamente à escadaria dos fundos e escancaro a porta. Desço três degraus por vez até chegar ao primeiro andar, e costuro entre alguns estudantes retardatários até chegar à sala da enfermeira. A porta está entreaberta, mas não há ninguém ali.

A sala é apertada, com a mesa de exame diante das janelas e um grande armário cinza que se agiganta à esquerda. Eu passo os olhos pela sala, e eles param em duas caixas brancas instaladas na parede com letras vermelhas garrafais. Uma diz Desfibrilador de Emergência, e a outra Adrenalina de Emergência. Eu me atrapalho com o ferrolho da segunda caixa e o abro.

Não tem nada dentro.

Abro outra caixa, que tem um aparelho de plástico com o desenho de um coração. Tenho certeza de que não é aquilo, então começo a vasculhar o armário cinza, tirando caixas de bandagens e aspirina. Não vejo nada que se pareça com uma caneta.

— Cooper, encontrou as canetas? — A Sra. Grayson, que havia entrado no laboratório com o Sr. Avery e Bronwyn, irrompe na sala, ofegante e com a mão na lateral do corpo.

Eu gesticulo para a caixa vazia na parede.

— Elas deveriam estar ali, né? Mas não estão.

— Veja no armário — instrui a Sra. Grayson, ignorando as caixas de Band-Aid espalhadas pelo chão, que provam que já tentei isso.

Outro professor se junta a nós, e reviramos a sala enquanto a sirene se aproxima. Quando abrimos o último armário, a Sra. Grayson seca um filete de suor da testa com as costas da mão.

— Cooper, avise ao Sr. Avery de que não encontramos nada ainda. O Sr. Contos e eu vamos continuar procurando.

Chego ao laboratório do Sr. Avery no mesmo momento que os paramédicos. Há três deles em uniformes da Marinha, dois empurrando uma maca branca, e um correndo à frente para abrir espaço na pequena multidão que está reunida em volta da porta. Espero até que todos estejam na sala, e entro de mansinho. O Sr. Avery está curvado ao lado do quadro-negro, com a camisa social amarela para fora da calça.

— Não conseguimos encontrar as canetas — digo a ele.

O professor passa a mão trêmula pelo cabelo branco ralo quando um dos paramédicos dá uma injeção em Simon e os outros dois o colocam na maca.

— Que Deus ajude esse garoto — sussurra o Sr. Avery, mais para si mesmo do que para mim, imaginando.

Addy está ao lado, sozinha na dela, com lágrimas escorrendo pela face. Cruzo o laboratório até ela e coloco o braço em seus ombros

quando os paramédicos empurram a maca de Simon até o corredor.

— O senhor pode vir junto? — pergunta um deles para o Sr. Avery.

Ele concorda com a cabeça e vai atrás, deixando o laboratório vazio, a não ser por alguns professores abalados e nós quatro, que havíamos começado a detenção com Simon.

Foi só há uns quinze minutos, eu acho, mas parece que foram horas.

— Ele está bem agora? — pergunta Addy, com um tom contido.

Bronwyn está com o telefone entre as mãos, como se usasse o aparelho para rezar. Nate está parado com as mãos na cintura, olhando fixamente para a porta conforme mais professores e alunos entram.

— Eu arrisco dizer que não — respondo.

CAPÍTULO 2

Addy

Segunda-feira, 24 de setembro, 15h25

Bronwyn, Nate e Cooper estão conversando com os professores, mas eu não consigo. Preciso de Jake. Tiro o celular da mochila para mandar uma mensagem a ele, mas minhas mãos estão tremendo demais. Então, resolvo ligar.

— Amor?

Ele atende no segundo toque, parecendo surpreso. Não usamos muito o celular para ligações. Nenhum dos nossos amigos o faz. Às vezes, quando estou com Jake e o telefone toca, ele levanta e brinca: “O que quer dizer ‘chamada recebida’?” Geralmente é sua mãe.

— Jake. — É tudo que consigo dizer antes de começar a chorar. O braço de Cooper ainda está nos meus ombros, e é a única coisa que me mantém de pé. Estou chorando demais para falar, e Cooper tira o telefone da minha mão.

— Ei, cara, é Cooper — diz ele, com o sotaque mais acentuado do que o normal. — Onde você está? — Cooper escuta por alguns segundos. — Pode encontrar a gente lá fora? Houve... Rolou um lance. Addy está realmente abalada. Não, ela está bem, mas... Simon Kelleher passou mal aqui na detenção. A ambulância o levou; nem sabemos se vai ficar bem.

As palavras de Cooper derretem umas nas outras, como sorvete, e eu mal consigo compreendê-lo.

Bronwyn se volta para a professora mais próxima, a Sra. Grayson.

— Devemos ficar? A senhora precisa da gente?

A Sra. Grayson leva a mão à garganta.

— Meu bom Deus, acho que não. Vocês contaram tudo para os paramédicos? Simon... bebeu um gole d’água e entrou em colapso? — Bronwyn e Cooper concordam com a cabeça. — É tão estranho. Ele tem alergia a amendoim, é claro, mas... vocês têm certeza de que ele não comeu nada?

Cooper devolve meu celular e passa a mão pelo cabelo castanho-claro com um corte escovinha meticuloso.

— Acho que não. Ele só bebeu um copo d'água e desmoronou.

— Talvez tenha sido algo que Simon comeu no almoço — arrisca a professora. — É possível que ele tenha tido uma reação atrasada. — Ela olha em volta da sala e se detém no copo de Simon, jogado no chão. — Acho melhor nós guardarmos isso — avisa a professora, enquanto passa por Bronwyn para pegá-lo. — Alguém pode querer examinar o copo.

— Eu quero ir embora — falo de supetão, limpando as lágrimas. Não aguento ficar mais um segundo naquela sala.

— Tudo bem se eu ajudar Addy? — pergunta Cooper, e a Sra. Grayson concorda com a cabeça. — Preciso voltar?

— Não, tudo bem, Cooper. Tenho certeza de que vão te chamar se precisarem de você. Vá para casa e tente voltar ao normal. Simon está em boas mãos agora. — Ela se debruça um pouco mais perto, e o tom de voz abranda. — Sinto muito mesmo. Deve ter sido horrível.

A professora fixa o olhar em Cooper, entretanto. Não há uma professora no Colégio Bayview que resista ao seu charme tipicamente norte-americano.

Cooper mantém o braço nos meus ombros ao sairmos. É bom. Eu não tenho irmãos, mas, se tivesse, imagino que seria assim que eles me apoiariam quando me sentisse mal. Jake não gostaria de ver a maioria dos amigos assim perto de mim, mas com Cooper não havia problema. Ele é um cavalheiro. Eu me apoio nele enquanto passamos pelos pôsteres do baile da semana passada que ainda não foram retirados. Cooper empurra a porta da frente para abri-la, e lá, graças a Deus, está Jake.

Eu desmorono nos seus braços, e por um segundo tudo está bem. Jamais vou esquecer quando vi Jake pela primeira vez, no primeiro ano: ele usava aparelhos nos dentes e ainda não tinha ganhado altura e ombros largos, mas bastou olhar para as covinhas e os olhos azuis da cor do céu de verão que eu *soube*. Jake era o cara certo para mim. Ele ter ficado bonito foi apenas um bônus.

Ele faz carinho no meu cabelo enquanto Cooper explica em voz baixa o que aconteceu.

— Meu Deus, Ads — diz Jake. — Que horrível. Vamos para casa.

Cooper vai embora sozinho, e, de repente, fico triste por não ter feito mais por ele. Pelo tom de voz de Cooper, sei que ele está tão surtado quanto eu, apenas escondendo melhor. Mas Cooper é um garoto de ouro, ele pode aguentar qualquer coisa. A namorada de Cooper, Keely, é uma das minhas melhores amigas e o tipo de garota que faz tudo certo. Ela vai saber exatamente como ajudar. Bem melhor do que eu.

Entro no carro de Jake e vejo a cidade passar como um borrão enquanto ele dirige um pouco rápido demais. Moro a menos de 2

quilômetros do colégio, e o trajeto de carro é curto, mas me preparo para a reação da minha mãe, porque tenho certeza de que ela já sabe. Seus canais de comunicação são misteriosos, porém à prova de falhas, e de fato ela está parada na nossa varanda quando Jake estaciona na garagem. Consigo perceber o estado de espírito dela ainda que o Botox tenha congelado suas expressões há muito tempo.

Espero Jake abrir a porta para eu sair do carro e me coloco embaixo do seu braço como sempre. Minha irmã mais velha, Ashton, gosta de fazer piada dizendo que eu sou uma daquelas cracas que morreria com o hospedeiro. Não é assim tão engraçado.

— Adelaide! — A preocupação da minha mãe é teatral. Ela estica a mão enquanto subimos os degraus, e faz carinho no meu braço. — Me conte o que aconteceu.

Eu não quero contar. Especialmente não com o namorado da minha mãe à espreita na porta atrás dela, fingindo que a curiosidade é preocupação genuína. Justin é doze anos mais novo que minha mãe, o que o torna cinco anos mais jovem do que o segundo marido, e quinze anos mais novo do que meu pai. Nesse ritmo, capaz de ela namorar Jake em seguida.

— Está tudo bem — murmuro, desviando deles. — Estou bem.

— Ei, Sra. Calloway — diz Jake. Minha mãe usa o sobrenome do segundo marido, não o do meu pai. — Vou levar Addy para o quarto. Aquilo tudo foi horrível. Eu posso contar para a senhora depois que ela estiver mais tranquila.

Eu sempre me espanto com a forma como Jake fala com minha mãe, como se fossem iguais.

E ela permite. *Gosta* disso.

— É claro — concede minha mãe, com um sorriso afetado.

Ela acha que Jake é bom demais para mim. Vem me dizendo isso desde o segundo ano, quando ele ficou supergostoso e eu continuei a mesma. Minha mãe costumava inscrever Ashton e eu em concursos de beleza quando éramos pequenas, sempre com os mesmos resultados para nós duas: terceira colocada. Princesa do baile, nunca rainha. Não exatamente ruim, mas não suficientemente boa para atrair e manter o tipo de homem que possa cuidar da pessoa pelo resto da vida.

Eu nem sei se isso algum dia foi colocado como um *objetivo* ou coisa do gênero, mas é o que devemos fazer. Minha mãe fracassou. Ashton está fracassando no casamento de dois anos com um marido que abandonou a faculdade de Direito e mal passa tempo com ela. Alguma coisa a respeito das irmãs Prentiss não conseguirem segurar os homens.

— Foi mal — murmuro para Jake ao subirmos a escada. — Não lidei bem com aquilo. Você deveria ter visto Bronwyn e Cooper. Eles foram demais. E Nate... meu Deus. Eu nunca pensei que veria Nate

Macauley tomar conta da situação daquela maneira. Fui a única inútil.

— Shhh, não fale assim — diz Jake, com o rosto afundado no meu cabelo. — Não é verdade.

Ele fala em tom de fim de discussão porque se recusa a ver qualquer coisa que não seja o melhor em mim. Se isso algum dia mudar, eu honestamente não sei o que faria.

Nate

Segunda-feira, 24 de setembro, 16h

Quando Bronwyn e eu chegamos, o estacionamento está praticamente vazio, e nós hesitamos assim que saímos pela porta. Conheço Bronwyn desde o jardim de infância, tirando alguns anos do ensino médio, mas não andamos juntos exatamente. Ainda assim, não é estranho estar com ela ao meu lado. Quase reconfortante após o desastre do andar de cima.

Bronwyn olha ao redor, como se tivesse acabado de acordar.

— Eu não dirigi — murmura ela. — Eu deveria ter pegado uma carona. Para o *Café Epoch*.

Algo na forma como Bronwyn diz aquilo parece importante, como se houvesse mais detalhes na história que ela não estava compartilhando. Tenho assuntos a resolver, mas provavelmente não seja a melhor hora.

— Quer uma carona?

Bronwyn acompanha meu olhar até a moto.

— É sério? Eu não sentaria nessa armadilha nem que você me pagasse. Você conhece a estatística de acidentes fatais? Não é brincadeira.

Ela parece prestes a puxar uma planilha e me mostrar.

— Você que sabe.

Eu deveria abandoná-la e ir embora, mas ainda não estou pronto para encarar *minha casa*. Eu me encosto no prédio e tiro um cantil de Jim Beam do bolso da jaqueta, abro a tampa e ofereço para Bronwyn.

— Vai uma bebida?

Ela cruza os braços.

— Você está brincando? Essa é sua brilhante ideia antes de subir nessa máquina de destruição? E dentro do colégio?

— Você é engraçada, sabia?

Eu não bebo muito, na verdade; peguei o frasco do meu pai hoje de manhã e esqueci. Mas irritar Bronwyn é de certa forma gratificante.

Estou prestes a guardar o cantil no bolso quando ela franze a testa e estica a mão.

— Que se dane.

Bronwyn se encosta na parede de tijolos vermelhos ao meu lado e vai escorregando lentamente até o chão. Por algum motivo, tenho uma lembrança do ensino fundamental, quando Bronwyn e eu frequentávamos o mesmo colégio religioso. Antes de a vida ir completamente para o inferno. Todas as garotas de uniforme com saias plissadas, e agora Bronwyn está com uma saia igual, que sobe até as coxas quando ela cruza as pernas. Não é uma visão ruim.

Ela bebe por um tempo longo e surpreendente.

— O quê. Acabou. De acontecer?

Eu me sento ao seu lado, pego o cantil e o coloco no chão entre nós.

— Não faço ideia.

— Ele parecia à beira da morte. — As mãos de Bronwyn tremem tanto que, quando ela pega novamente o cantil, ele faz um barulho contra o chão. — Você não acha?

— É — respondo, enquanto Bronwyn toma outro gole e faz uma careta.

— Pobre Cooper — diz ela. — Ele parece que saiu da roça ontem. Sempre fica assim quando está nervoso.

— Eu não tenho como dizer. Mas aquela sei-lá-quem foi inútil.

— Addy. — O ombro de Bronwyn me cutuca de leve. — Você deveria saber o nome dela, Nate.

— Por quê?

Eu não consigo pensar em um bom motivo. Aquela garota e eu mal nos cruzamos antes de hoje, e provavelmente jamais nos cruzaremos de novo. Tenho certeza de que não há problema quanto a isso para os dois. Eu conheço o tipinho. Não tem nada na cabeça a não ser o namorado e seja lá que jogada mesquinha de poder esteja rolando com os amigos nesta semana. Bem gostosinha, mas sei lá, tirando isso, não tem nada a oferecer.

— Porque todos nós passamos por um grande trauma juntos — responde Bronwyn, como se isso resolvesse a situação.

— Você tem um monte de regras, não é?

Eu me esqueci de como Bronwyn é *cansativa*. Mesmo no ensino fundamental, o monte de besteiras com que ela se importava diariamente deixaria qualquer pessoa normal esgotada. Bronwyn sempre queria participar das coisas ou criá-las para que outras pessoas participassem. E aí tentava assumir o comando de todas as coisas que ela criava ou de que passava a participar.

Mas Bronwyn não é entediante. Isso eu tenho que admitir.

Ficamos sentados em silêncio, observando os últimos carros saírem do estacionamento, enquanto Bronwyn bebe do cantil de vez em quando. Quando finalmente tiro a bebida dela, fico surpreso ao notar como está leve. Eu duvido que ela esteja acostumada a beber destilado

puro. Parece mais o tipo de garota que curte um coquetel. Se tanto.

Eu reponho o cantil no bolso quando Bronwyn puxa de leve a minha manga.

— Sabe, eu queria ter falado com você, quando aconteceu... Fiquei triste mesmo ao saber da sua mãe — diz ela, hesitante. — Meu tio morreu num acidente de carro também, mais ou menos na mesma época. Eu queria te dizer alguma coisa, mas... Você e eu, sabe, a gente realmente não se...

Bronwyn foi parando de falar, com a mão ainda pousada no meu braço.

— Falava — completei. — Tudo bem. Sinto muito pelo seu tio.

— Você deve sentir muita saudade dela.

Eu não queria falar sobre a minha mãe.

— A ambulância veio bem rápido hoje, né?

Bronwyn fica um pouco corada e recolhe a mão, mas acompanha a mudança rápida de assunto.

— Como você sabia o que fazer? Pelo Simon?

Eu dou de ombros.

— Todo mundo sabe que ele tem alergia a amendoim. É o que se faz.

— Eu não sabia da caneta. — Bronwyn ri pelo nariz. — Cooper te deu uma caneta de verdade! Como se você fosse escrever um bilhete para ele ou algo assim. Ai, meu Deus. — Ela bate com a cabeça na parede com tanta força que deve ter quebrado alguma coisa. — Eu deveria ir para casa. Isto não serve de nada, na melhor das hipóteses.

— A oferta da carona está de pé.

Eu não espero que ela aceite, mas Bronwyn diz “claro, por que não?” e estende a mão. Ela cambaleia um pouco enquanto a ajudo a se levantar. Não achei que o álcool fosse bater após quinze minutos, mas talvez tenha subestimado o fator peso-leve de Bronwyn Rojas. Talvez eu devesse ter lhe tirado o cantil antes.

— Onde você mora? — pergunto, enquanto monto no assento e coloco a chave na ignição.

— Na Rua Thorndike. A alguns quilômetros daqui. Depois do centro da cidade, vire à esquerda no Stone Valley Terrace depois do Starbucks. Na parte rica da cidade. É claro.

Geralmente não levo ninguém na moto e não tenho um segundo capacete, então ofereço o meu. Ela o pega, e eu faço um esforço para desviar os olhos da pele nua da sua coxa quando Bronwyn monta atrás de mim e enfia a saia entre as pernas. Ela abraça minha cintura com força demais, mas não digo nada.

— Vai devagar, ok? — pede, com um certo nervosismo quando dou partida no motor.

Eu gostaria de irritá-la mais, porém saio do estacionamento na

metade da minha velocidade normal. E, embora não achasse que isso fosse possível, ela me aperta com mais força ainda. Nós andamos de moto assim, com sua cabeça dentro do capacete e pressionada contra as minhas costas, e eu apostaria mil dólares, se tivesse esse dinheiro, que os olhos de Bronwyn estão bem fechados até chegarmos na sua casa.

Como era de se esperar, ela mora numa enorme mansão vitoriana com um jardim grande e um monte de árvores e flores complicadas. Há um SUV da Volvo na entrada da garagem, e minha moto — que, sendo generoso, pode ser chamada de clássica — parece tão ridícula ao lado dele quanto Bronwyn deve parecer atrás de mim. Por falar de coisas que não combinam.

Ela salta da moto e se atrapalha com o capacete. Eu solto as presilhas, ajudo Bronwyn a retirá-lo e desembaraço uma mecha de cabelo que se prendeu na tira. Ela respira fundo e ajeita a saia.

— Isso foi aterrorizante — diz, levando um susto quando um telefone toca. — Onde está minha mochila?

— Nas suas costas.

Ela tira a mochila dos ombros e arranca o celular do bolso frontal.

— Alô? Sim, eu posso... Sim, aqui é Bronwyn. Você... ai, Deus. Tem certeza? — A mochila escorrega da mão e cai aos seus pés. — Obrigada por ligar.

Bronwyn abaixa o telefone e me olha fixamente, com os olhos arregalados e vidrados.

— Nate, ele morreu — diz ela. — Simon morreu.

CAPÍTULO 3

Bronwyn

Terça-feira, 25 de setembro, 8h50

Não consigo parar de fazer as contas na cabeça. São 8h50 da manhã de terça-feira, e, há 24 horas, Simon participou da chamada pela última vez. Seis horas e cinco minutos antes do momento que fomos para a detenção. Uma hora depois, ele morreu.

Dezessete anos, morreu assim, do nada.

Eu escorrego para a carteira no canto dos fundos da sala e sinto 25 cabeças se virarem na minha direção quando me sento. Mesmo sem o Falando Nisso para fornecer uma atualização dos fatos, a notícia da morte de Simon esteve por toda parte na hora do jantar, ontem à noite. Recebi várias mensagens de todas as pessoas para quem um dia eu dei meu número.

— Você está bem?

Minha amiga Yumiko estende o braço e aperta minha mão. Faço que sim, mas o gesto piora ainda mais o latejar na minha cabeça. Descobri que meio cantil de uísque com o estômago vazio é uma *péssima* ideia. Felizmente meus pais ainda estavam no trabalho quando Nate me deixou em casa, e minha irmã, Maeve, me empurrou café goela abaixo, o suficiente para eu estar meio lúcida quando eles chegaram. Qualquer efeito remanescente, meus pais colocaram na conta do trauma.

Toca o primeiro sinal, mas o estalo do alto-falante, que geralmente antecede os anúncios da manhã, nunca acontece. Em vez disso, a professora que realiza a chamada, Srta. Park, pigarreia e se levanta da mesa. Ela segura uma folha de papel que treme na mão quando começa a ler.

— A seguir, um anúncio oficial da administração do Colégio Bayview. Sinto muitíssimo ter que compartilhar esta terrível notícia. Na tarde de ontem, um dos colegas de vocês, Simon Kelleher, sofreu uma grave reação alérgica. A assistência médica foi chamada de imediato e chegou com rapidez, mas, infelizmente, tarde demais para ajudar o Simon. Ele morreu no hospital, pouco tempo depois de dar

entrada.

Um burburinho agitado percorre a sala enquanto alguém contém um pranto. Metade da turma já está com o celular na mão. Que se danem as regras hoje, suponho. Mas, antes que eu me controle, tiro o telefone da mochila e arrasto as telas até o Falando Nisso. Eu meio que espero uma notificação sobre a notícia quente sobre a qual Simon se vangloriou ontem, antes da detenção, mas é claro que não há nada, a não ser as notícias da semana passada.

Nosso baterista e maconheiro favorito está investindo em uma carreira no cinema. O RC instalou uma câmera na luminária do quarto e está realizando pré-estreias para todos os amigos. Vocês foram avisadas, meninas. (Talvez seja tarde demais para a KL.)

Todo mundo viu o flerte entre a *maluquete* TC e o novo riquinho GR, mas quem diria que pudesse ser algo mais sério? Aparentemente não o namorado dela, que se sentou na arquibancada do jogo de sábado sem perceber nada, enquanto T&G davam uns amassos *calientes* bem embaixo do seu nariz. Foi mal, JD. Você é sempre o último a saber.

A questão com o Falando Nisso era que... muito provavelmente tudo ali era verdadeiro. Simon criou o aplicativo no segundo ano, depois de passar o recesso da primavera em uma colônia de férias cara para programadores no Vale do Silício, e ninguém além dele tinha permissão de postar. Simon tinha fontes pelo colégio inteiro e era exigente e cuidadoso com o que relatava. As pessoas geralmente negavam ou ignoravam, mas ele nunca estava errado.

Jamais apareci no Falando Nisso; sou muito certinha para tanto. Tem apenas uma coisa que Simon poderia ter escrito sobre mim, mas teria sido impossível ele descobrir.

Agora acho que isso nunca vai acontecer mesmo.

A Srta. Park ainda está falando:

— Nessa situação de luto, haverá apoio psicológico disponível no auditório o dia inteiro. Vocês podem sair da aula a qualquer momento se sentirem necessidade de conversar com alguém sobre essa tragédia. O colégio está planejando um velório para Simon após o jogo de futebol de sábado, e nós daremos mais detalhes assim que possível. Também faremos questão de mantê-los informados sobre as providências tomadas pela família assim que soubermos.

O sinal toca, e todos nós nos levantamos para ir embora, mas a Srta. Parks chama meu nome antes mesmo que eu pegue a mochila.

— Bronwyn, posso falar com você um instante?

Yumiko dispara um olhar de solidariedade para mim ao ficar de pé enquanto arruma uma mecha do cabelo preto revoltado atrás da orelha.

— Kate e eu vamos esperar por você no corredor, ok?

Concordo com a cabeça e pego a mochila. A Srta. Parks ainda está segurando o anúncio na mão quando me aproximo da mesa.

— Bronwyn, a diretora Gupta quer que todos vocês, que estiveram na sala com Simon, recebam apoio psicológico individual hoje. Ela me pediu para avisar a você que seu horário está marcado para as onze horas, na sala do Sr. O'Farrell.

O Sr. O'Farrell é meu orientador, e eu conheço muito bem sua sala. Passei muito tempo lá nos últimos seis meses, criando estratégias para entrar na faculdade.

— É o Sr. O'Farrell que está dando o apoio psicológico? — pergunto. Acho que não seria tão ruim assim.

A Srta. Parks franze a testa.

— Ah, não. O colégio trouxe um profissional.

Que ótimo. Passei metade da noite tentando convencer meus pais de que não precisava ver ninguém. Eles vão adorar saber que me forçaram a passar por isso mesmo assim.

— Tudo bem — concordo, e fico esperando caso ela tenha mais alguma coisa para me contar, mas a professora apenas dá um tapinha no meu ombro, sem jeito.

Como prometido, Kate e Yumiko estão esperando do lado de fora da porta. Elas me flanqueiam enquanto andamos até o primeiro período de Cálculo, como se estivessem me blindando dos *paparazzi* intrometidos. Yumiko se afasta, porém, quando vê Evan Neiman esperando do lado de fora da nossa sala de aula.

— Ei, Bronwyn. — Evan está usando sua camisa polo com um monograma ewn bordado em letra cursiva acima do coração. Sempre tive curiosidade em saber o que era o W... Walter? Wendell? William? Pelo bem dele, espero que seja William. — Você recebeu minha mensagem ontem à noite?

Recebi. *Precisa de alguma coisa? Quer companhia?* Sendo esta a única vez que Evan Neiman me mandou uma mensagem na vida, meu lado cínico decidiu que ele estava querendo um lugar na primeira fila da coisa mais chocante que jamais aconteceu no Colégio Bayview.

— Recebi, sim, obrigada. Mas eu estava muito cansada.

— Bem, se você estiver a fim de conversar, me avise. — Evan olha para o corredor, que está ficando vazio. Ele é um defensor da pontualidade. — A gente devia entrar, né?

Yumiko dá um sorriso para mim quando nos sentamos e sussurra:

— Evan não parava de me perguntar onde você estava durante o treino de ontem para a Olimpíada de Matemática.

Eu gostaria de estar tão entusiasmada quanto Yumiko, mas, em algum momento entre a detenção e o Cálculo, eu perdi todo o interesse em Evan Neiman. Talvez fosse estresse pós-traumático causado pela situação envolvendo Simon, mas agora eu não consigo lembrar o que me atraiu de início. Não que eu tivesse estado totalmente a fim de Evan em algum momento. Eu achava, inclusive,

que Evan e eu tínhamos potencial para ser um casal sério só até a formatura, quando romperíamos de maneira amigável e seguiríamos para faculdades diferentes. O que agora eu percebo que é bastante desinteressante, mas namoro no ensino médio também é. Para mim, de qualquer forma.

Deixo a aula de Cálculo passar, com a mente muito, muito distante da matemática, e, então, de repente ela acaba e estou andando para a aula de Inglês Avançado com Kate e Yumiko. Minha cabeça ainda está tão cheia com tudo que aconteceu ontem que, quando passamos por Nate no corredor, parece perfeitamente natural chamá-lo.

— Oi, Nate.

Eu paro, surpreendendo a nós dois, e ele para também.

— Ei — responde Nate.

Seu cabelo preto está mais desalinhado do que nunca, e tenho certeza de que ele está usando a mesma camiseta de ontem. De alguma forma, porém, para ele aquele estilo funciona. Um pouco bem demais. Tudo a respeito da compleição alta e magra de Nate às maçãs do rosto angulosas e os olhos separados e delineados está me fazendo perder a linha de raciocínio.

Kate e Yumiko também estão encarando Nate, mas de uma forma diferente. Mais como se ele fosse um animal imprevisível de zoológico em uma jaula frágil. Conversas no corredor com Nate Macauley não fazem parte exatamente da nossa rotina.

— Você já teve sua sessão de apoio psicológico? — pergunto.

Seu rosto exibe uma expressão totalmente vaga.

— Minha o quê?

— Apoio psicológico por causa do luto. Pelo Simon. Nenhum professor te disse isso na hora da chamada?

— Eu acabei de chegar aqui — responde ele.

Arregalo os olhos. Jamais esperei que Nate ganhasse qualquer prêmio por pontualidade, mas são quase dez da manhã.

— Ah. Bem, todos nós que estivemos lá devemos ter sessões individuais. A minha é às onze.

— Meu Deus — murmura Nate, enquanto passa a mão pelo cabelo.

O gesto atrai meus olhos para seu braço, onde ficam até Kate pigarrear. Meu rosto fica vermelho quando recupero a atenção, tarde demais para registrar seja lá o que ela disse.

— Enfim, a gente se vê — murmuro.

Yumiko dobra a cabeça na direção da minha assim que ficamos fora do alcance de sermos ouvidas.

— Parece que ele acabou de rolar da cama — sussurra ela. — E *não sozinho*.

— Eu espero que você tenha tomado um banho de desinfetante depois que saiu da moto dele — acrescenta Kate. — Ele é uma puta.

Eu olho feio para ela.

— Você percebe que é sexista chamá-lo de *puta*, né? Se tem que usar algum termo, podia pelo menos escolher um que não ofendesse apenas as mulheres.

— Não importa — diz Kate, com desdém. — A questão é que ele é uma DST ambulante.

Eu não respondo. Essa é a reputação de Nate, claro, mas nós realmente não sabemos nada sobre ele. Quase conto para Kate como ele foi cuidadoso ao me dar carona para casa ontem, só que não sei o que eu estaria tentando provar fazendo isso.

Após a aula de Inglês, sigo para a sala do Sr. O'Farrell, e ele me chama para entrar com um gesto quando bato na porta aberta.

— Sente-se, Bronwyn. A Dra. Resnick está um pouco atrasada, mas ela estará aqui em breve.

Eu me sento diante dele e espio meu nome rabiscado na pasta de cartolina meticulosamente colocada no meio da mesa. Faço um gesto para pegá-la e hesito, sem saber se é confidencial, mas ele empurra a pasta para mim.

— Sua recomendação do organizador de simulação estudantil da ONU. Com tempo de sobra para o prazo de admissão antecipada de Yale.

Eu suspiro, aliviada.

— Ah, obrigada! — digo, e pego a pasta.

É a última que eu estava esperando. Yale é uma tradição familiar — meu avô foi professor-visitante lá e se mudou com a família inteira da Colômbia para New Haven quando pegou a cátedra. Todos os filhos, incluindo meu pai, se formaram lá, e foi em Yale que meus pais se conheceram. Eles sempre disseram que nossa família não existiria se não fosse por Yale.

— De nada. — O Sr. O'Farrell se recosta e ajusta os óculos. — Suas orelhas estavam ardendo mais cedo? O Sr. Camino passou por aqui para perguntar se você se interessaria em ser tutora de química neste semestre. Um bando de calouros brilhantes está tendo dificuldades como você teve no ano passado. Eles adorariam aprender uns métodos de alguém que acabou gabaritando a matéria.

Tenho que engolir em seco duas vezes antes de responder.

— Eu me interessaria — respondi, com o máximo de alegria possível —, mas talvez já esteja com compromissos demais.

Dou um sorriso que fica repuxado demais sobre os dentes.

— Não se preocupe. Você tem muita coisa para resolver.

Química foi a única matéria em que tive dificuldades, tanto que minha média foi 5 no meio do semestre. A cada teste que eu fracassava, parecia que as universidades tradicionais ficavam mais distantes. Até o Sr. O'Farrell começou a sugerir sutilmente que

qualquer faculdade de primeira linha serviria.

Então, eu consegui aumentar minhas notas e tirei um 10 no fim do ano. Mas tenho certeza absoluta de que ninguém quer que eu compartilhe meus métodos com outros alunos.

Cooper

Quinta-feira, 27 de setembro, 12h45

— Vejo você hoje à noite?

Keely pega minha mão enquanto andamos até os armários depois do almoço, e ergue o olhar para mim com grandes olhos escuros. A mãe é sueca e o pai é filipino, e a combinação faz de Keely a menina mais bonita do colégio. De longe. Nós não nos encontramos muito esta semana por causa do beisebol e dos compromissos de família, e dá para perceber que ela está ficando impaciente. Keely não é exatamente grudenta, mas precisa de convivência regular como casal.

— Não sei — respondo. — Eu estou bem atrasado com os deveres de casa.

Os lábios perfeitos de Keely se curvam para baixo, e dá para perceber que ela está prestes a reclamar quando uma voz vem fluando do alto-falante.

— *Atenção, por favor. Cooper Clay, Nate Macauley, Adelaide Prentiss e Bronwyn Rojas, queiram se apresentar à diretoria, por favor. Cooper Clay, Nate Macauley, Adelaide Prentiss e Bronwyn Rojas à diretoria.*

Keely olha em volta, como se esperasse uma explicação.

— O que significa isso? Algo a ver com Simon?

— Acho que sim.

Dou de ombros. Há dois dias, respondi o interrogatório da diretora Gupta sobre o que aconteceu durante a detenção, mas talvez ela esteja preparando outra rodada de perguntas. Meu pai falou que os pais de Simon têm muitos contatos na cidade, e o colégio deve estar preocupado em ser processado caso tenha sido negligente de alguma forma.

— Melhor eu ir. Falo com você mais tarde, ok?

Dou um beijo rápido no rosto de Keely, coloco a mochila no ombro e sigo pelo corredor.

Quando chego à diretoria, a recepcionista aponta para uma pequena sala de reuniões que já está cheia de gente: a diretora Gupta, Addy, Bronwyn, Nate e um policial. Minha garganta fica um pouco seca quando me sento na última cadeira vazia.

— Cooper, ótimo. Agora podemos começar. — A diretora entrelaça as mãos diante de si e olha em volta da mesa. — Eu gostaria de apresentar o agente Hank Budapest, do Departamento de Polícia de

Bayview. Ele tem algumas perguntas sobre o que vocês testemunharam na segunda-feira.

O agente Budapest aperta a mão de cada um de nós a seguir. Ele é jovem, mas já está ficando careca, tem cabelo castanho-claro e sardas. Não é muito intimidador, em termos de autoridade.

— É um prazer conhecer todos vocês. Isto aqui não deve levar muito tempo, mas, após falar com a família Kelleher, nós queremos examinar mais a fundo a morte de Simon. Os resultados da autópsia saíram hoje de manhã e...

— Já? — interrompe Bronwyn, o que rende um olhar feio da diretora Gupta que ela nem percebe. — Eles geralmente não levam mais tempo?

— Resultados preliminares podem ficar disponíveis dentro de dois dias — explica o agente Budapest. — Esses foram bastante definitivos e mostram que Simon morreu de uma grande dose de óleo de amendoim ingerido pouco antes da crise alérgica. O que os pais acharam estranho, considerando como ele sempre foi cuidadoso com o que comia e bebia. Todos vocês disseram à diretora Gupta que Simon bebeu um copo d'água antes de entrar em colapso, certo?

Todos nós concordamos com a cabeça, e o agente Budapest continua:

— O copo contém traços de óleo de amendoim, então parece claro que Simon morreu por causa daquela bebida. O que estamos tentando descobrir agora é como o óleo de amendoim conseguiu entrar no copo.

Ninguém fala. Addy encontra meu olhar e depois vira o rosto, com a testa um pouco franzida.

— Alguém se lembra onde Simon pegou o copo? — pergunta o agente Budapest, e pousa a caneta sobre um bloco em branco diante de si.

— Eu não estava prestando atenção — responde Bronwyn. — Estava escrevendo a redação.

— Eu também — fala Addy, embora eu pudesse jurar que ela nem sequer tinha começado.

Nate alonga o corpo e encara o teto.

— Eu me lembro — digo. — Ele pegou o copo de uma pilha perto da pia.

— A pilha estava de cabeça para baixo ou virada para cima?

— De cabeça para baixo — respondo. — Simon puxou o copo de cima.

— Você notou algum líquido saindo quando ele pegou o copo? Simon balançou o copo?

Eu me recordo.

— Não, ele apenas encheu de água.

— E depois bebeu?

— Sim — digo, mas Bronwyn me corrige.

— Não — diz ela. — Não imediatamente. Ele falou por um tempo. Lembra? — Bronwyn se volta para Nate. — Ele perguntou se Nate colocou os celulares nas nossas mochilas. Aqueles que fizeram a gente ficar de detenção com o Sr. Avery.

— Os celulares. Certo. — O agente Budapest rabisca alguma coisa no bloco. Ele não disse aquilo como uma pergunta, mas Bronwyn explica mesmo assim.

— Alguém pregou uma peça na gente — diz ela. — É por isso que estávamos na detenção. O Sr. Avery encontrou telefones nas nossas mochilas, mas eles não eram nossos. — Bronwyn se volta para a diretora Gupta com uma expressão ofendida. — Não foi justo mesmo. Eu queria perguntar se isso é uma coisa que vai ficar no nosso currículo permanente?

Nate revira os olhos.

— Não fui eu. Alguém enfiou um celular na minha mochila também.

A diretora Gupta franze a testa.

— Esta é a primeira vez que ouço falar disso.

Eu dou de ombros quando ela me encara. Aqueles celulares foram a última coisa na minha cabeça nos últimos dias.

O agente Budapest não pareceu surpreso.

— O Sr. Avery mencionou esse fato quando eu me encontrei com ele mais cedo. Ele disse que nenhum dos alunos foi pegar os telefones, então pensou que deve ter sido um trote afinal de contas. — O policial enfia a caneta entre o indicador e o dedo médio, e bate na mesa de maneira ritmada. — Este é o tipo de brincadeira que Simon poderia ter feito com todos vocês?

— Não vejo motivo — responde Addy. — Havia um celular na mochila dele também. Além disso, eu mal o conhecia.

— Você esteve no conselho do baile dos calouros com ele — comenta Bronwyn.

Addy pestaneja, como se só agora se lembrasse de que isso era verdade.

— Algum de vocês já teve problemas com Simon? — pergunta o agente Budapest. — Eu ouvi falar sobre o aplicativo que ele criou... o Falando Nisso, certo? — Ele está olhando para mim, então concordo com a cabeça. — Vocês já estiveram nele alguma vez?

Todo mundo balança a cabeça, a não ser Nate.

— Um monte de vezes — responde ele.

— Por quais motivos? — indaga o agente Budapest.

Nate dá um risinho irônico.

— Por umas merdas... — Ele começa, mas é interrompido pela

diretora Gupta.

— Olhe o linguajar, Sr. Macauley.

— Por umas besteiras — corrige Nate. — Quem estou pegando, na maioria das vezes.

— Isso lhe incomoda? Ser motivo de fofocas?

— Não mesmo.

Ele parece estar sendo sincero. Acho que aparecer em um aplicativo de fofocas não é grande coisa comparado a ser preso. Se é que isso é verdade. Simon nunca postou, então ninguém parece saber exatamente qual é o lance com Nate.

É meio patético que Simon fosse nossa fonte mais confiável de notícias.

O agente Budapest olha para o restante de nós.

— Mas vocês três não? — Todos balançamos a cabeça novamente.

— Vocês algum dia se preocuparam com aparecer no aplicativo do Simon? Sentiram como se alguma coisa estivesse pairando sobre vocês ou algo assim?

— Eu, não — respondo, mas a voz não sai tão confiante quanto eu gostaria.

Desvio o olhar do agente Budapest e flagro Addy e Bronwyn com expressões opostas: Addy está pálida como um fantasma, e Bronwyn, vermelha como um tijolo. Nate observa as duas por alguns segundos, reclina a cadeira para trás e olha para o agente Budapest.

— Todo mundo tem segredos — diz ele. — Certo?

Minha série de exercícios entra noite adentro, mas meu pai faz todo mundo esperar até que eu termine para que todos possamos jantar juntos. Meu irmão, Lucas, agarra o estômago e cambaleia até a mesa com um olhar sofrido quando finalmente nos sentamos às sete horas.

O assunto da conversa é o mesmo da semana inteira: Simon.

— Era de imaginar que a polícia fosse se envolver em algum momento — diz o Pai, enquanto coloca no prato uma pequena montanha de purê de batata com a colher. — Algo não está certo na forma como aquele rapaz morreu. — Ele deu um muxoxo de desdém. — Óleo de amendoim no sistema hidráulico, talvez? Os advogados vão fazer a festa com isso.

— Os olhos dele estavam esbugalhados e saindo da cabeça *assim*? — pergunta Lucas, fazendo uma careta. Meu irmão tem 12 anos, e a morte de Simon não é nada além de sangue de videogame para ele.

Minha avó estende o braço e dá um tapa nas costas da mão de Lucas. Ela mal chega a 1,50 metro de altura, tem uma cabeça cheia de cachos brancos, mas não brinca em serviço.

— Cale a boca, a não ser que seja para falar daquele pobre rapaz com respeito.

A Vovó mora conosco desde que nos mudamos para cá, vindo do Mississippi, há cinco anos. Fiquei surpreso de ela ter nos acompanhado; nosso avô morreu há anos, mas a Vovó tinha muitos amigos e clubes que a mantinham ocupada por lá. Agora que moramos aqui há algum tempo, eu entendo. Nossa casa em estilo colonial, que é bem simples, custa três vezes o que a casa no Mississippi custava, e sem o dinheiro da Vovó não conseguiríamos bancá-la. Mas é possível jogar beisebol o ano inteiro em Bayview, e a cidade tem um dos melhores programas de ensino médio do país. Em algum momento, o Pai espera que eu faça essa hipoteca gigante e o emprego que ele odeia valerem a pena.

Talvez eu consiga. Depois que o meu arremesso melhorou em 8 quilômetros por hora no decorrer do verão, acabei em quarto lugar nas previsões que a ESPN faz para a seleção da liga de beisebol do ano seguinte. Também estou sendo sondado para um monte de universidades e não me importaria de ir para lá primeiro. Mas o beisebol não é o mesmo que o futebol americano ou o basquete. Se um cara consegue uma vaga nos times pequenos saindo do ensino médio, ele geralmente vai.

O Pai aponta para mim com a faca.

— Você tem um jogo de exibição no sábado. Não se esqueça.

Como se eu pudesse. O horário está pendurado pela casa inteira.

— Kevin, talvez fosse melhor um fim de semana de folga? — murmura minha mãe, mas sem convicção. Ela sabe que essa é uma batalha perdida.

— A melhor coisa que Cooperstown pode fazer é seguir com a vida — responde o Pai. — Ficar de corpo mole não vai reviver aquele garoto. Que Deus o tenha.

Os olhinhos vivos da Vovó se voltam para mim.

— Espero que você perceba que nenhum de vocês podia ter feito alguma coisa por Simon, Cooper. A polícia tem que colocar os pingos nos is, só isso.

Não sei, não. O agente Budapest não parou de me perguntar sobre o sumiço das canetas de adrenalina e quanto tempo fiquei sozinho na sala da enfermeira. Quase como se ele pensasse que eu pudesse ter feito alguma coisa com elas antes de a Sra. Grayson aparecer. Mas o policial não chegou a dizer isso. Se ele acha que alguém aprontou com Simon, não sei por que não está investigando Nate. Se qualquer um me perguntasse — o que ninguém fez —, eu gostaria de saber como um cara assim sabia sobre as tais canetas de adrenalina, para início de conversa.

Nós mal acabamos de recolher a louça da mesa quando a campainha toca e Lucas dispara para a porta aos berros:

— Eu atendo! — Alguns segundos depois, ele grita de novo: — É

Keely!

A Vovó fica de pé com dificuldade e usa a bengala com cabo de caveira, que Lucas escolheu no ano passado, quando se conformou com o fato de que não podia andar mais por conta própria.

— Achei que vocês dois não tivessem planos hoje à noite, Cooper.

— Não tínhamos — murmuro, quando Keely entra na cozinha com um sorriso e me abraça forte pelo pescoço.

— Como vai você? — sussurra ela no meu ouvido, e os lábios macios roçam na minha bochecha. — Pensei em você o dia inteiro.

— Ok — respondo.

Ela recua, mete a mão no bolso, mostra rapidamente uma embalagem de celofane e me dá um sorriso. Red Vines, que com certeza não faz parte da minha dieta nutricional, mas são meus doces de alcaçuz prediletos no mundo todo. Essa garota sabe me irritar. E meus pais, que exigem alguns minutos de conversa educada até saírem para o campeonato de boliche deles, também.

Meu celular apita, e eu o puxo do bolso.

Oi, gato.

Eu abaixo a cabeça para esconder o sorriso que subitamente surge no canto da boca e respondo à mensagem: *Oi.*

Vamos nos ver hoje à noite?

Agora não dá. Te ligo depois?

Ok, saudades.

Keely está falando com minha mãe, os olhos acesos com interesse. Ela não está fingindo. Keely não apenas é linda; ela é o que a Vovó chama de “feita inteirinha de açúcar.” Uma garota genuinamente doce. Todo cara em Bayview queria ser eu.

Saudades também.

CAPÍTULO 4

Addy

Quinta-feira, 27 de setembro, 19h30

Eu deveria estar fazendo o dever de casa antes que Jake passe aqui, mas, em vez disso, estou sentada à penteadeira do quarto, massageando a pele próxima ao meu couro cabeludo. A maciez na têmpora esquerda dá a impressão de que vai se transformar em uma daquelas enormes espinhas horríveis que aparecem de tantos em tantos meses. Sempre que estou com uma dessas, sei que é tudo que as pessoas conseguem ver.

Vou ter que usar o cabelo solto por um tempo, que é a maneira preferida de Jake, de qualquer forma. Meu cabelo é a única coisa em que tenho cem por cento de confiança, o tempo todo. Estive no Glenn's Diner na semana passada com minhas amigas, sentada ao lado de Keely em frente ao grande espelho, e ela esticou o braço e passou a mão pelo meu cabelo enquanto sorria para os reflexos. *Podemos trocar, por favor? Só por uma semana*, pediu ela.

Eu sorri para Keely, mas desejei que estivesse sentada no outro lado da mesa. Odeio quando Keely e eu estamos lado a lado. Ela é tão linda, com aquela pele morena, cílios longos e lábios de Angelina Jolie. Keely é a protagonista de um filme, e eu sou a melhor amiga figurante cujo nome a pessoa esquece antes que os créditos comecem a subir.

A campainha toca, mas sei que não devo esperar que Jake suba a escada imediatamente. Minha mãe vai sequestrá-lo por pelo menos dez minutos. Ela não se cansa de ouvir sobre o caso de Simon e conversaria sobre a reunião de hoje com o agente Budapest a noite inteira se eu deixasse.

Divido o cabelo em partes e passo a escova em cada lado. A mente continua voltando para Simon. Ele tinha sido uma presença constante no nosso grupo desde o primeiro ano, mas nunca foi um de nós. Tinha apenas uma amiga de verdade, uma garota meio gótica chamada Janae. Eu achava que os dois estavam juntos até que Simon começou a chamar todas as minhas amigas para sair. Claro que nenhuma nunca

disse sim. Embora ano passado, antes de começar a namorar Cooper, Keely ficou superbêbada numa festa e deixou Simon beijá-la por cinco minutos num closet. Ela levou anos para se livrar dele depois daquilo.

Eu não sei no que Simon estava pensando, para ser sincera. Keely só curte um único tipo: atleta. Ele devia ter corrido atrás de alguém como Bronwyn. Ela é bonitinha o suficiente, de um jeito discreto, com olhos cinzentos interessantes e um cabelo que provavelmente ficaria ótimo se algum dia o soltasse. Além disso, Simon e ela devem ter se esbarrado o tempo todo nas turmas avançadas.

Só que hoje eu tive a impressão de que Bronwyn não gostava muito de Simon. Ou não gostava nada. Quando o agente Budapest falou como Simon morreu, Bronwyn pareceu... sei lá. Que não estava triste.

Há uma batida na porta, e eu a vejo se abrir pelo espelho. Continuo escovando o cabelo enquanto Jake entra. Ele arranca os tênis e desaba na minha cama com um cansaço exagerado, de braços abertos ao lado do corpo.

— Sua mãe me exauriu, Ads. Eu nunca encontrei alguém que conseguisse fazer a mesma pergunta de tantas maneiras.

— Nem me fale — digo, levantando para me juntar a ele.

Jake passa o braço por mim, e eu me enroscro em seu corpo, com a cabeça no ombro e a mão no peito. Nós sabemos como nos encaixar perfeitamente, e isso me relaxa pela primeira vez desde que fui chamada à sala da diretora Gupta.

Passo os dedos por seu bíceps. Jake não é tão definido quanto Cooper, que é praticamente um super-herói com toda a malhação de nível profissional que ele faz, mas para mim Jake é o equilíbrio perfeito entre musculoso e magro. E ele é rápido, o melhor *running back* que o Colégio Bayview viu em anos. Ele não atrai tanta atenção quanto Cooper, mas algumas universidades estão interessadas, e Jake tem uma boa chance de conseguir uma bolsa.

— A Sra. Kelleher me chamou — revela ele.

Minha mão para a subida pelo braço de Jake enquanto encaro o tom vivo de azul do algodão de sua camiseta.

— A mãe do Simon? Por quê?

— Ela me pediu para carregar o caixão no enterro. Vai ser no domingo — responde Jake, dando de ombros. — Eu disse que sim. Não posso recusar, posso?

Eu às vezes me esqueço de que Simon e Jake foram amigos no ensino fundamental, antes de Jake se tornar um atleta e Simon virar... o que quer que ele fosse. No primeiro ano do ensino médio, Jake entrou para o time principal de futebol americano e começou a andar com Cooper — que já era uma lenda em Bayview, depois de quase ter levado seu time do ensino fundamental para o torneio nacional de beisebol infantil como arremessador. No segundo ano, os dois eram

basicamente os reis da nossa turma, e Simon era apenas um garoto esquisito qualquer que Jake conhecia.

Eu desconfio de que Simon tenha lançado o Falando Nisso para impressionar Jake. Simon descobriu que alguns rivais no futebol estavam por trás do assédio sexual de algumas calouras através de mensagens anônimas de texto e postou isso num aplicativo chamado Depois da Aula. Aquilo atraiu um monte de atenção por algumas semanas, e Simon também. Aquela deve ter sido a primeira vez que alguém em Bayview o notou.

Jake provavelmente deu um tapinha nas costas de Simon uma vez e se esqueceu daquilo, só que Simon seguiu em frente e criou o próprio aplicativo. Fofoca como serviço de utilidade pública não vai muito longe, então ele começou a postar coisas mais triviais e mais pessoais do que o escândalo das mensagens de conteúdo sexual. Ninguém mais pensou que ele era um herói, mas àquela altura todos estavam ficando com medo de Simon, e acho que, para ele, aquilo quase dava no mesmo.

Jake, porém, geralmente defendia Simon quando nossos amigos o criticavam por causa do Falando Nisso, *Não é como se ele estivesse mentindo*, observava Jake. *Parem de fazer coisas na encolha e ninguém vai ter problemas.*

Às vezes Jake consegue ser bem direto no seu raciocínio. É fácil quando nunca se cometeu um erro.

— Nós ainda vamos para a praia amanhã de noite se não houver problema — diz ele agora, enroscando meu cabelo nos dedos. Jake fala como se aquilo dependesse de mim, mas ambos sabemos que ele é o responsável por nossa vida social.

— É claro — murmuro. — Quem vai?

Não diga TJ.

— Cooper e Keely devem ir, embora ela não tenha certeza se ele está a fim. Luis e Olivia. Vanessa, Tyler, Noah, Sarah...

Não diga TJ.

— ... e TJ.

Argh. Não sei se é a minha imaginação ou se TJ, que costumava viver à margem do nosso grupo como o garoto novo, virou o centro das atenções, quando na verdade eu gostaria que ele sumisse de vez.

— Ótimo — digo sem emoção, e subo o rosto para beijar o maxilar de Jake. É aquele momento do dia quando está um pouco áspero, o que é uma novidade neste ano.

— Adelaide! — A voz da minha mãe surge pela escada. — Estamos saindo.

Justin e ela vão a algum lugar no centro quase toda noite, geralmente a restaurantes, mas às vezes a boates. Justin só tem 30 anos e ainda curte toda aquela cena noturna. Minha mãe também

curte quase do mesmo jeito, especialmente quando as pessoas confundem e acham que ela é da mesma idade de Jake.

— Ok! — respondo, e ouço a porta bater.

Após um minuto, Jake se debruça para me beijar e a mão entra embaixo da minha camiseta.

Um monte de gente acha que Jake e eu transamos desde o primeiro ano, mas não é verdade. Ele quis esperar até o baile dos calouros. Foi um grande evento; Jake alugou um quarto de hotel de luxo que ele encheu com velas e flores, e comprou uma lingerie fantástica da Victoria's Secret para mim. Eu não teria me incomodado com alguma coisa um pouco mais espontânea, eu acho, mas sei que tenho muita sorte de ter um namorado que se importe a ponto de planejar cada detalhezinho.

— Tudo bem com isso aqui? — Os olhos de Jake vasculham meu rosto. — Ou você prefere ficar apenas de bobeira?

As sobrancelhas se erguem, como se fosse uma pergunta de verdade, mas a mão continua descendo.

Eu nunca recuso Jake. É como minha mãe disse quando me levou pela primeira vez para tomar a pílula: se você diz não muitas vezes, logo outra pessoa vai aparecer para dizer sim. De qualquer forma, eu quero tanto quanto ele. Eu vivo por esses momentos de intimidade com Jake; acho que eu entraria dentro dele se fosse possível.

— Está mais do que bem — asseguro, e puxo Jake para cima de mim.

Nate

Quinta-feira, 27 de setembro, 20h

Eu moro *naquela* casa. Aquela pela qual as pessoas passam de carro e dizem *eu não acredito que alguém de fato vive ali*. Nós moramos naquela casa, mas o termo “morar” talvez seja um exagero. Passo o máximo de tempo fora dali, e meu pai está semimorto.

A casa fica no limite de Bayview, o tipo de rancho ferrado que os ricos compram para demolir. A chaminé está se desintegrando desde que tenho 10 anos. Sete anos mais tarde, todo o resto se juntou a ela: a pintura está descascada, as persianas caídas, os degraus de concreto na frente, com rachaduras escancaradas. O jardim está ruim do mesmo jeito. A grama quase chega aos joelhos, e depois da seca do verão ela ficou amarelada. Eu costumava cortá-la, até que me toquei que cuidar de jardim é um desperdício de tempo que nunca acaba.

Quando entro, vejo meu pai desmaiado no sofá com uma garrafa vazia de destilado na frente. Ele considera um golpe de sorte ter caído de uma escada enquanto consertava um telhado há alguns anos, na

época em que ainda era um alcoólatra operante. Acabou ganhando o valor do seguro contra acidentes de trabalho e passou a ser suficientemente inválido e a receber aposentadoria do governo, que, para um cara como meu pai, é como tivesse ganhado na loteria. Agora ele pode beber sem ser interrompido enquanto o pagamento continua caindo na conta.

O dinheiro não é muito, de qualquer forma. Gosto de TV por assinatura, manter minha moto rodando e, de vez em quando, comer algo mais do que macarrão com queijo. E é por isso que arrumei um trabalho de meio expediente e passo quatro horas distribuindo sacos plásticos cheios de analgésicos por San Diego, depois das aulas. Obviamente não é algo que eu deveria estar fazendo, especialmente após ter sido preso por traficar maconha no verão e estar em liberdade condicional. Mas nada paga tão bem e exige tão pouco esforço.

Vou para a cozinha, abro a porta da geladeira e tiro os restos de comida chinesa. Há uma foto presa por um ímã, rachada como uma janela quebrada. Meu pai, minha mãe e eu aos 11 anos, bem antes de ela ir embora.

Minha mãe era bipolar e não prestava muita atenção na medicação, então não é como se eu tivesse tido uma infância fantástica enquanto ela esteve aqui. A memória mais antiga que tenho é de minha mãe deixando cair um prato e depois se sentando no chão, em meio aos cacos, chorando sem parar. Uma vez eu saltei do ônibus quando ela estava jogando todas as nossas coisas pela janela. Várias vezes, minha mãe se encolhia num canto da cama e não se mexia durante dias.

Só que as fases maníacas eram uma viagem. No meu aniversário de 8 anos, ela me levou a uma loja de departamentos, me entregou um carrinho e disse para eu enchê-lo com o que quisesse. Quando eu tinha 9 anos e curti répteis, minha mãe me surpreendeu ao montar um terrário na sala de estar com um dragão-barbudo. Nós o chamamos de Stan por causa de Stan Lee, e eu ainda tenho o bicho. Esses animais vivem para sempre.

Meu pai não bebia tanto naquela época, e assim os dois conseguiram me colocar na escola e em atividades esportivas. Aí minha mãe interrompeu completamente a medicação e começou a tomar outras substâncias que mexem com a sua cabeça. Sim, eu sou o babaca que trafica drogas após elas terem destruído a própria mãe. Mas para deixar claro: eu não vendo nada além de maconha e analgésicos. Minha mãe teria ficado na boa se tivesse se mantido longe da cocaína.

Durante um tempo, ela voltava de poucos em poucos meses. Depois, uma vez por ano. A última vez que a vi foi quando eu tinha 14 anos e meu pai começou a desmoronar. Minha mãe não parava de falar sobre a fazenda comunitária para onde tinha se mudado no

Oregon e como lá era ótimo, que ela me levaria e eu poderia ir à escola com todos os garotos hippies, plantar frutinhas silvestres orgânicas e seja lá que diabos eles faziam.

Ela comprou para mim um sundae enorme no Glenn's Diner, como se eu ainda tivesse 8 anos, e me contou tudo a respeito da fazenda comunitária. *Você vai gostar de lá, Nathaniel. Todo mundo é tão tolerante. Ninguém te rotula como fazem aqui.*

Parecia uma mentira mesmo na época, mas melhor do que Bayview. Então eu fiz a mala, coloquei Stan na caixinha de transporte e esperei por ela nos degraus da frente. Devo ter passado metade da noite sentado lá, um verdadeiro trouxa da porra, até que finalmente me toquei de que minha mãe não ia aparecer.

Acabou que aquela ida ao Glenn's Diner foi a última vez que a vi na vida.

Enquanto a comida chinesa esquenta, eu cuido de Stan, que ainda tem uma pilha de frutas e legumes murchos e alguns grilos vivos de hoje de manhã. Eu levanto a tampa do terrário, e ele pisca para mim de cima da pedra. Stan é muito tranquilo e não dá muitos gastos, que é a única razão para ter conseguido se manter vivo nesta casa por oito anos.

— Qual é, Stan?

Eu o coloco no ombro, pego a comida e desmorono em uma poltrona diante do meu pai em coma. Ele está com a TV ligada na liga de beisebol, e eu desligo porque (a) odeio beisebol e (b) porque o jogo me faz lembrar de Cooper Clay, que me faz lembrar de Simon Kelleher e de toda aquela cena revoltante na detenção. Eu jamais gostei do garoto, mas aquilo foi horrível. E, pensando bem, Cooper foi quase tão inútil quanto a loura. Bronwyn foi a única que fez alguma coisa além de balbuciar que nem uma idiota.

Minha mãe gostava de Bronwyn. Ela sempre a notava nas atividades escolares. Como no Auto de Natal do quarto ano do fundamental, quando eu fui um pastor e Bronwyn foi a Virgem Maria. Alguém roubou o Menino Jesus antes de começarmos, provavelmente para sacanear Bronwyn porque ela levava tudo a sério demais, mesmo naquela época. Ela foi até a plateia, pegou uma bolsa emprestada, embrulhou num cobertor e levou nos braços como se nada tivesse acontecido. *Aquela garota não leva para casa desaforo de ninguém*, disse minha mãe em tom de aprovação.

Ok. Para falar a verdade, eu roubei o Menino Jesus, e foi para zoar com Bronwyn, com certeza. Teria sido mais engraçado se ela tivesse surtado.

A jaqueta apita, e eu procuro nos bolsos pelo telefone certo. Quase gargalhei na detenção segunda-feira quando Bronwyn disse que ninguém tinha dois telefones. Eu tenho três: um para as pessoas que

conheço, outro para os fornecedores e um terceiro para os clientes. E mais aparelhos para poder trocá-los. Mas eu não seria idiota a ponto de levar qualquer um deles para a aula do Sr. Avery.

Meus telefones de trabalho estão sempre programados para vibrar, então sei que é uma mensagem pessoal. Eu pego meu iPhone jurássico e vejo uma mensagem de texto de Amber, uma garota que conheci numa festa mês passado. *Tá a fim?*

Eu hesito. Amber é gostosa e nunca fica por muito tempo, mas ela esteve aqui há apenas algumas noites. As coisas começam a se complicar quando deixo uma transa casual acontecer mais de uma vez por semana. Mas estou inquieto e uma distração cairia bem.

Chega aí, respondo.

Estou prestes a guardar o telefone quando surge outra mensagem. É de Chad Posner, um cara do colégio com quem saio às vezes. *Viu isso?* Clico no link da mensagem e abro uma página do Tumblr com a manchete “Falando Nisso.”

Eu tive a ideia de matar Simon enquanto assistia ao *Dateline*.

Obviamente andei pensando no assunto por um tempo. Não é o tipo de coisa que a pessoa faça assim, do nada. Mas *como* sair impune sempre me deteve. Não me engano achando que cometi o crime perfeito. Tenho beleza demais para acabar na prisão.

No programa, um cara matou a esposa. Assunto típico do *Dateline*, certo? É sempre o marido. Mas na verdade um monte de gente ficou contente de vê-la morta. Ela provocou a demissão de um colega de trabalho, passou a perna no pessoal do conselho municipal e teve um caso com um amigo do marido. A mulher era um pesadelo, basicamente.

O cara do *Dateline* não foi muito inteligente. Contratou alguém para matar a esposa e os registros do celular foram fáceis de rastrear. Mas, antes de esses dados surgirem, ele tinha uma cortina de fumaça decente por causa de todos os outros suspeitos. Este é o tipo de pessoa que se pode matar e sair impune: alguém que todo mundo quer ver morto.

Sejamos francos: todo mundo no Colégio Bayview odiava Simon. A diferença é que eu tive coragem suficiente para fazer algo a respeito disso.

De nada.

O telefone quase escapa da minha mão. Outra mensagem de Chad Posner chegou enquanto eu estava lendo. *As pessoas são perturbadas.*

Eu respondo: *Onde você achou isso?*

Posner escreve *Uma pessoa qualquer mandou o link por e-mail*, acompanhado do *emoji* chorando de tanto rir. Ele acha que isso é uma brincadeira de mau gosto de alguém. O que é o que a maioria das pessoas pensaria se elas não tivessem passado uma hora com um policial perguntando, de dez maneiras diferentes, como óleo de amendoim foi parar no copo de Simon Kelleher. Junto com três outras pessoas que pareciam completamente culpadas.

Nenhuma tinha tanta experiência quanto eu em manter uma

expressão séria enquanto a merda está batendo no ventilador ao redor.
Pelo menos nenhum delas é tão boa nisso quanto eu.

CAPÍTULO 5

Bronwyn

Sexta-feira, 28 de setembro, 18h45

A noite de sexta-feira é um alívio. Maeve e eu nos instalamos no quarto dela para uma maratona de *Buffy, a caça-vampiros* na Netflix. É a nossa última obsessão, e eu estava ansiosa por isso a semana inteira, mas hoje à noite estamos prestando metade da atenção. Maeve está enroscada no banco embaixo da janela, teclando no laptop, e eu estou esparramada na cama com *Ulisses*, de James Joyce, aberto no Kindle. Esse livro está na primeira posição na lista dos 100 melhores romances da Biblioteca Moderna, e estou determinada a terminá-lo antes do fim do semestre, mas está indo bem devagar. E não consigo me concentrar.

Hoje, no colégio, todo mundo só conseguia falar sobre a postagem no Tumblr. Um bando de garotos recebeu o link por e-mail ontem à noite de um endereço “Falando Nisso” do Gmail, e lá pela hora do almoço todo mundo tinha lido a mensagem. Yumiko ajuda na sala da diretoria às sextas e ouviu os professores falando sobre tentar rastrear quem fez aquilo através do endereço de IP.

Duvido de que eles tenham sucesso. Ninguém com um mínimo de cérebro enviaria algo como aquilo usando tecnologia própria.

Desde a detenção na segunda-feira, as pessoas foram cuidadosas e extremamente gentis comigo, mas hoje foi diferente. As conversas sempre paravam quando eu me aproximava. Yumiko finalmente falou:

— Não é que as pessoas pensem que *você* mandou o e-mail. Elas só acham que é esquisito que vocês tenham sido interrogados pela polícia ontem à noite, e aí surge isso.

Como se isso fosse me fazer sentir melhor.

— Imagine só. — A voz de Maeve me assusta e me traz de volta ao quarto. Minha irmã coloca o laptop de lado e tamborila os dedos de leve na janela. — Nesta época, no ano que vem, *você* estará em Yale. O que *você* acha que vai fazer lá em uma sexta-feira à noite? Festa do grêmio?

Eu reviro os olhos para ela.

— Claro, porque a pessoa recebe um transplante de personalidade juntamente com a carta de aceitação. De qualquer forma, eu ainda tenho que entrar.

— Você vai entrar. Como não?

Eu me remexo inquieta na cama. *De várias maneiras.*

— Nunca se sabe.

Maeve continua tamborilando os dedos no vidro.

— Se você está sendo modesta por minha causa, pode parar. Estou bem à vontade no papel da acomodada da família.

— Você não é acomodada — contesto.

Ela apenas sorri e faz um gesto com a mão. Maeve é uma das pessoas mais inteligentes que conheço, mas, até o primeiro ano do ensino médio, ela estava doente demais para frequentar o colégio com consistência. Minha irmã foi diagnosticada com leucemia aos 7 anos e só ficou completamente livre da doença há dois, quando fez 14 anos.

Quase a perdemos em duas ocasiões. Uma vez, quando eu estava no quarto ano, ouvi um padre no hospital perguntar para os meus pais se eles começariam a tomar as “providências.” Eu entendi o que ele quis dizer. Abaixei a cabeça e rezei: *Por favor, não leve a minha irmã. Eu farei tudo certinho se ela ficar aqui. Vou ser perfeita. Prometo.*

Depois de tantos anos entrando e saindo do hospital, Maeve nunca aprendeu realmente como participar da vida. Eu faço isso por nós duas: entro para os clubes, venço os prêmios e tiro as notas para conseguir frequentar Yale, como nossos pais fizeram. Tudo isso deixa os dois felizes e evita que Maeve se esforce demais.

Minha irmã volta a olhar pela janela com a expressão distante de sempre. Ela mesma parece um devaneio: pálida e etérea, o cabelo castanho-escuro como o meu, mas os olhos cor de âmbar surpreendentes. Estou prestes a perguntar o que está pensando quando ela subitamente se senta com as costas retas e coloca as mãos em volta dos olhos enfiando a cara na janela.

— Aquele é Nate Macauley? — pergunta Maeve.

Eu dou um muxoxo de desdém sem me mexer, e ela diz:

— Estou falando sério. Olhe.

Eu me levanto e me debruço ao lado de Maeve. Só consigo distinguir uma silhueta tênue de uma moto na entrada de garagem.

— Mas que diabos...

Maeve e eu nos entreolhamos, e ela dispara um sorrisinho malicioso para mim.

— *O que foi?* — pergunto num tom que saiu mais agressivo do que eu queria.

— *O que foi?* — imita ela. — Você acha que eu não me lembro de você suspirando por ele no ensino fundamental? Eu estava doente, não morta.

— Não brinque com isso. *Meu Deus*. E aquilo foi há milhares de anos. — A moto de Nate ainda está na entrada da garagem, sem se mover. — O que você acha que ele está fazendo aqui?

— Só tem um jeito de descobrir. — A voz da Maeve é irritantemente cantada, e ela ignora o olhar feio que recebe de mim quando me levanto.

Meu coração dispara até lá embaixo. Nate e eu nos falamos mais no colégio nesta semana do que desde o quinto ano, o que, é bem verdade, ainda não é muita coisa. Toda vez que o vejo tenho a impressão de que ele mal pode esperar para estar em outro lugar qualquer. Mas eu continuo esbarrando nele.

A abertura da porta da frente aciona um refletor em frente à garagem que parece colocar Nate num palco. Vou até ele com os nervos à flor da pele, e sinto uma enorme vergonha de estar com a habitual roupa de ficar de bobeira com Maeve em casa: chinelos, um casaco com capuz e shorts de ginástica. Não que *Nate* esteja fazendo muito esforço. Eu já vi aquela camiseta da Guinness pelo menos duas vezes esta semana.

— Oi, Nate — cumprimento. — E aí?

Nate tira o capacete, e os olhos azul-escuros passam por mim até a nossa porta da frente.

— Oi. — Ele não diz mais nada por um tempo constrangedor.

Eu cruzo os braços e espero. Finalmente Nate encara o meu olhar com um sorriso irônico que faz meu estômago dar uma lenta pirueta

— Eu não tenho um bom motivo para estar aqui.

— Você quer entrar? — pergunto, sem pensar.

Nate hesita.

— Aposto que seus pais iam amar isso.

Ele não sabe da missa a metade. O estereótipo que o papai menos gosta é o traficante colombiano, e ele não gostaria de ouvir sequer uma insinuação de envolvimento com esse tipo da minha parte. Mas me vejo dizendo: — Eles não estão em casa. — E aí acrescento rapidamente: — Estou de bobeira com a minha irmã. — Antes que Nate pense que foi alguma espécie de cantada.

— Ah, ok.

Nate sai da moto e me segue, como se o convite não fosse grande coisa, então eu tento agir com a mesma indiferença. Maeve está apoiada na bancada da cozinha quando entramos, embora eu tivesse certeza de que ela estava espiando pela janela do quarto há dez segundos.

— Você já conhece minha irmã, Maeve?

Nate balança a cabeça.

— Não. Como vai?

— Beleza — responde Maeve, olhando para ele com sincero

interesse.

Eu não tenho ideia do que fazer a seguir, quando ele tira a jaqueta e a joga sobre a cadeira da cozinha. Como devo... *fazer sala* para Nate Macauley? Não é nem minha responsabilidade, certo? Foi ele que surgiu do nada. Eu deveria fazer o que faço normalmente. Só que o que faço normalmente é ficar sentada no quarto da minha irmã, vendo séries retrô de vampiros enquanto meio que leio *Ulisses*.

Estou completamente perdida aqui.

Nate não nota meu incômodo e passa pelas portas francesas que levam à sala de estar. Maeve me dá uma cotovelada enquanto o seguimos e murmura:

— *Que boca tan hermosa.*

— Cale a boca — reclamo.

O papai nos estimula a falar espanhol dentro de casa, mas duvido de que era isso que ele tivesse em mente. E, até onde sabemos, Nate é fluente na língua.

Ele para no grande piano e olha para nós.

— Alguém toca?

— A Bronwyn — responde Maeve antes de eu sequer abrir a boca. Fico parada na porta, de braços cruzados, enquanto ela se senta na poltrona de couro favorita do papai, diante da porta de correr que leva para a piscina. — Ela é muito boa.

— Ah, é? — pergunta Nate no mesmo momento que digo:

— Não sou, não.

— Você é — insiste Maeve.

Franzo os olhos e minha irmã arregala os dela em falsa inocência.

Nate passa pela enorme estante de livros de nogueira que cobre uma parede, e pega uma foto minha e de Maeve com o mesmo sorriso de janelinha nos dentes diante do castelo da Cinderela na Disneylândia. Ela foi tirada seis meses antes do diagnóstico de Maeve, e por um longo tempo foi a única foto de férias que tivemos. Ele examina a imagem, depois dá uma olhadela para mim com um sorrisinho. Maeve estava certa a respeito da boca de Nate; ela é sexy.

— Você deveria tocar alguma coisa.

Bem, é mais fácil do que falar com ele.

Eu vou até o banco, me sento e ajusto a partitura diante de mim. É “Variações do Cânone”, que eu venho ensaiando há meses. Tenho aulas desde os 8 anos e sou tecnicamente bem competente, mas nunca fiz as pessoas *sentirem* alguma coisa. “Variações do Cânone” é a primeira obra que me fez querer tentar. Tem algo na maneira como ela cresce, começando suave e amena, e depois ganhando volume e intensidade até ser quase raivosa. Esta é a parte mais difícil, porque em dado momento as notas se tornam agressivas, beirando o destoante, e eu não consigo reunir forças para tocá-las.

Não toco “Variações do Cânone” há mais de uma semana. A última vez que me atrevi, errei tantas notas que até Maeve fez cara feia. Ela parece ter se lembrado, porque olhou de lado para Nate e disse:

— Esta é uma música realmente difícil.

Como se tivesse se arrependido subitamente de me colocar para passar vergonha. Mas que se dane. Esta situação toda é surreal demais para ser levada a sério. Se eu acordasse amanhã e Maeve me dissesse que sonhei com tudo isso, eu acreditaria completamente.

Então começo, e imediatamente a música parece diferente. Mais solta, com menos esforço para chegar às partes mais difíceis. Por alguns minutos, eu me esqueço das pessoas na sala e curto ver as notas, que geralmente me derrubam, fluírem facilmente, até mesmo o crescendo — eu não o ataco com tanta energia quanto é necessário, mas sou mais rápida e segura do que o normal, e não erro uma única nota. Quando termino, dou um sorriso triunfante para Maeve, e só então, quando os olhos dela se dirigem para Nate, que me lembro de que tenho uma plateia formada por duas pessoas.

Ele está apoiado na estante de livros, de braços cruzados, e para variar não parece entediado ou prestes a me zoar.

— Isso foi a melhor coisa que ouvi na vida — elogia Nate.

Addy

Sexta-feira, 28 de setembro, 19h

Meu Deus, a minha mãe. Ela está *realmente* flertando com o agente Budapest, aquele com o rosto rosado e sardento e com umas entradas no cabelo.

— Claro que Adelaide fará qualquer coisa para ajudar — garante minha mãe, com uma voz sensual, passando o dedo pela borda da taça de vinho.

Justin está jantando com os pais, que odeiam minha mãe e nunca a convidam. Esse é o castigo dele, embora talvez Justin não saiba disso.

O agente Budapest chegou na hora em que estávamos terminando de comer o prato vegetariano tailandês que minha mãe sempre pede quando minha irmã, Ashton, vem nos visitar. Agora ele não sabe para onde olhar, então concentra os olhos no arranjo de flores secas na parede da sala de estar. Minha mãe redecora a casa a cada seis meses, e o último tema é “chique decadente”, com uma estranha pegada praiana. Rosas de cem pétalas e conchas até onde os olhos enxergam.

— Só uma questão complementar se não se importa, Addy — explica ele.

— Ok — concordo.

Estou surpresa de ele estar aqui, uma vez que pensei que já

tínhamos respondido a todas as perguntas do agente Budapest. Mas acho que a investigação continua firme e forte. Hoje o laboratório do Sr. Avery estava cercado por fitas amarelas, e policiais entravam e saíam do colégio o dia inteiro. Cooper disse que o Colégio Bayview provavelmente vai ficar em maus lençóis por ter óleo de amendoim na água ou algo assim.

Eu olho de relance para minha mãe. Os olhos estão fixos no agente Budapest, mas com aquela expressão distante que eu conheço bem. Mentalmente ela já se despediu; provavelmente está planejando os looks do fim de semana. Ashton entra na sala de estar e se instala na poltrona à minha frente.

— O senhor está falando com todos os jovens que estavam na detenção naquele dia? — pergunta ela.

O agente Budapest pigarreia.

— A investigação está em andamento, mas estou aqui porque tenho uma pergunta específica para Addy. Você esteve na sala da enfermeira no dia em que Simon morreu, correto?

Eu hesito e lanço uma olhadela para Ashton, depois volto a olhar para o agente Budapest.

— Não.

— Você esteve — retruca o agente Budapest. — Está no registro da enfermeira.

Eu olho para a lareira, mas sinto o olhar penetrante de Ashton. Enrolo uma mecha de cabelo no dedo e o puxo nervosamente.

— Eu não me lembro disso.

— Você não se lembra de ir à sala da enfermeira na segunda-feira?

— Bem, eu vou muitas vezes — respondo rapidamente. — Por causa de dores de cabeça e coisas assim. Provavelmente fui lá por causa disso. —Franzo a testa, como se estivesse pensando bem, e finalmente encaro o olhar do agente Budapest. — Ah, certo. Eu estava menstruada e sentindo cólicas horríveis, então, sim. Eu precisava de Tylenol.

O agente Budapest é daqueles que ficam ruborizados. Ele fica vermelho quando sorrio educadamente e solto o cabelo.

— Por que o senhor quer saber? — pergunta Ashton.

Ela ajeita uma almofada atrás do corpo de maneira que o desenho de estrelas-do-mar, feito com conchas de verdade, não machuque as costas.

— Bem, uma das coisas que estamos apurando é o motivo de aparentemente não ter nenhuma caneta de adrenalina na sala da enfermeira durante o ataque alérgico do Simon. A enfermeira jura que havia várias canetas naquela manhã, mas elas sumiram à tarde.

Ashton se ajeita e diz:

— O senhor não pode estar pensando que Addy pegou as canetas!

Minha mãe se volta para mim com um olhar levemente surpreso, mas não fala nada.

Se o agente Budapest nota que minha irmã assumiu o papel de responsável ali, ele não menciona o fato.

— Ninguém está dizendo isso. Mas você por acaso viu se as canetas estavam na sala, então, Addy? De acordo com o registro da enfermeira, você esteve lá às 13 horas.

Meu coração está disparado de uma maneira incômoda, mas mantenho o tom de voz sob controle.

— Nem sei como é a aparência de uma caneta de adrenalina.

Ele me faz dizer tudo de que me lembro da detenção, *novamente*, e depois dispara um bando de perguntas sobre a postagem no Tumblr. Ashton está completamente interessada e alerta, debruçada para a frente e interrompendo o tempo todo, enquanto minha mãe vai à cozinha duas vezes para encher a taça de vinho. Não paro de olhar para o relógio, porque Jake e eu temos que ir à praia em breve; nem comecei a retocar a maquiagem. A espinha não vai se cobrir sozinha.

Quando o agente Budapest finalmente se apronta para ir embora, ele me entrega um cartão de visitas.

— Ligue se você se lembrar de mais alguma coisa, Addy — diz ele.

— Nunca se sabe o que pode ser importante.

— Ok — respondo, enquanto enfio o cartão no bolso detrás das calças jeans.

O oficial se despede de minha mãe e de Ashton quando abro a porta para ele. Ashton se apoia no batente da porta ao meu lado, e nós vemos o agente Budapest entrar na patrulhinha e sair devagar, de marcha a ré, da nossa garagem.

Eu noto o carro de Justin esperando para entrar logo atrás do policial, e aquilo me faz entrar em ação novamente. Eu não quero ter que falar com ele e *ainda não* retoquei a maquiagem, então fujo para o segundo andar com Ashton me seguindo. Meu quarto é o maior da casa (a não ser pelo de casal) e era o de Ashton até eu assumi-lo quando ela se casou. Minha irmã ainda fica à vontade ali, como se nunca tivesse ido embora.

— Você não me contou sobre o lance do Tumblr — comenta ela ao se esparramar na minha colcha branca de ilhós e abrir o último número da *US Weekly*. Ashton é ainda mais loura do que eu, mas seu cabelo está cortado em camadas na altura do queixo, um corte que nossa mãe odeia. Eu acho bonito. Se Jake não amasse tanto meu cabelo, eu consideraria um corte assim.

Eu me sento à penteadeira e passo corretivo na espinha que havia encontrado mais cedo.

— Alguém está sendo escroto, só isso.

— Você realmente não lembrava de ter estado na sala da

enfermeira? Ou apenas não queria responder? — pergunta Ashton.

Eu me atrapalho com a tampa do corretivo, mas escapo de responder quando meu telefone berra “Only Girl” da Rihanna como tom de mensagem de texto, na mesinha de cabeceira. Ashton pega o aparelho e avisa:

— Jake está quase aqui.

— Cruze, Ash. — Olho sério para ela, pelo espelho. — Você não deveria olhar o meu telefone assim. E se fosse uma mensagem particular?

— Desculpe — responde Ashton num tom de quem totalmente não pedia desculpas. — Tudo bem com Jake?

Eu me viro na cadeira para encará-la, de testa franzida.

— Por que não estaria?

Ashton ergue a mão para mim.

— Foi apenas uma pergunta, Addy. Não estou insinuando nada. — O tom dela fica sério. — Não há motivo para pensar que você vai acabar como eu. Não é como se Charlie e eu tivéssemos sido namorados de colégio.

Eu pestanejo para ela, surpresa. Tipo, venho pensando há algum tempo que as coisas não vão bem entre Ashton e Charlie — por um lado, ela passou subitamente a aparecer aqui muitas vezes, e, por outro, ele deu muito em cima de uma dama de honra piranha no casamento do nosso primo, no mês passado —, mas Ashton nunca chegou e admitiu que havia um problema antes.

— As coisas estão... hã, muito ruins?

Ela dá de ombros, solta a revista e fica cutucando as unhas.

— É complicado. Casamento é bem mais difícil do que qualquer um diz. Agradeça por você ainda não ter que tomar decisões de vida. — Ela franze a boca. — Não deixe que a mamãe te influencie e distorça tudo. Apenas curta ter 17 anos.

Não posso. Tenho medo de que tudo seja arruinado. Que já esteja arruinado.

Eu queria poder contar isso para Ashton. Seria um alívio tão grande fugir. Eu geralmente conto tudo para Jake, mas não posso contar isso. E, depois dele, literalmente não há ninguém no mundo em quem eu confie. Em nenhum dos meus amigos, certamente não na minha mãe, e não na minha irmã. Porque, embora a minha irmã provavelmente esteja bem intencionada, ela é extremamente passiva-agressiva em relação a Jake.

A campainha toca, e a boca de Ashton se contorce num meio sorriso.

— Deve ser o Sr. Perfeito — diz ela, com sarcasmo, bem na hora.

Eu a ignoro, desço correndo a escada e abro a porta com o sorrisão que não consigo conter quando estou com Jake. E lá está ele, no seu

agasalho de futebol, com o cabelo castanho desgrenhado pelo vento, dando exatamente o mesmo sorriso de volta.

— Oi, gata.

Eu estou prestes a beijá-lo quando vislumbro outra figura atrás dele e travo.

— Você não se importa se dermos carona para o TJ, né?

Um riso nervoso surge na minha garganta, e eu o contenho.

— Claro que não. — Eu consigo meu beijo, mas o momento está arruinado.

TJ olha para mim, depois para o chão.

— Foi mal. Meu carro quebrou, e eu ia ficar em casa, mas Jake insistiu...

Jake dá de ombros.

— Era meu caminho para cá mesmo. Não há motivo para perder o passeio por causa de defeito no carro. — Os olhos dele descem do meu rosto para os tênis de lona, e ele pergunta: — Você vai com isso, Ads?

Não é exatamente uma crítica, mas estou usando o moletom universitário de Ashton, e Jake nunca gostou de mim em roupas muito largas.

— Vai estar frio na praia — respondo hesitantemente, e ele sorri.

— Eu te mantenho aquecida. Vá colocar algo mais bonitinho, hein?

Dou um sorriso tenso e volto para dentro, subo a escada arrastando os pés porque sei que não estive ausente por tempo suficiente para Ashton ter saído do meu quarto. De fato, ela ainda está folheando a *US Weekly* na minha cama e franze as sobrancelhas quando me dirijo ao closet.

— De volta tão cedo?

Puxo um par de leggings e desabotoo o jeans.

— Estou trocando de roupa.

Ashton fecha a revista e me observa em silêncio até eu trocar o moletom dela por um suéter justo.

— Você não vai estar aquecida o suficiente nisso aí. Está frio hoje à noite. — Ela contém um riso de descrença quando tiro os tênis e coloco um par de sandálias de tiras e saltinho. — Você vai calçar isso para ir à *praia*? Essa mudança de roupa foi ideia de Jake?

Eu jogo as roupas descartadas no cesto e ignoro minha irmã.

— Tchau, Ash.

— Addy, espera.

O tom sarcástico sumiu da voz de Ashton, mas não me importo. Desço a escada e estou lá fora antes que ela possa me impedir, e entro na brisa que me provoca arrepios imediatamente. Jake me dá um sorriso de aprovação e abraça meus ombros para a curta caminhada até o carro.

Odeio o passeio inteiro. Odeio ficar sentada ali, agindo

normalmente, quando quero vomitar. Odeio ficar ouvindo Jake e TJ falar do jogo de amanhã. Odeio quando toca a música mais nova do Fall Out Boy e TJ diz “adoro essa música”, porque agora não posso mais gostar dela. Mas, principalmente, odeio o fato de que, pouco mais de um mês depois da minha inesquecível primeira vez com Jake, eu fiquei bêbada que nem uma cachaceira e transei com TJ Forrester.

Quando chegamos à praia, Cooper e Luis já estão acendendo a fogueira, e Jake dá um resmungo de frustração ao colocar a marcha em ponto morto.

— Eles fazem errado toda vez — reclama ele, que pula do carro na direção dos outros. — Pessoal, vocês estão próximos demais da água!

TJ e eu saímos do carro mais lentamente, sem nos olharmos. Eu já estou congelando e abraço o corpo para me aquecer.

— Você quer o meu casa... — TJ começa a falar, mas não deixa que termine.

— Não — interrompo. Vou na direção da praia e quase tropeço com essa sandália idiota quando chego à areia.

TJ está ao meu lado com o braço esticado para me equilibrar.

— Addy, ei. — A voz dele está baixa, e o hálito de hortelã passa brevemente pela minha bochecha. — A situação não precisa ser tão complicada, sabe? Eu não vou falar nada.

Eu não deveria estar puta com ele. Não foi culpa de TJ. Fui eu que fiquei insegura depois de ter transado com Jake e comecei a pensar que ele estava perdendo o interesse sempre que levava tempo demais para responder a uma mensagem de texto. Fui eu que flertei com TJ quando nos esbarramos nesta mesmíssima praia no verão, quando Jake estava de férias. Fui eu que desafiei TJ a arrumar uma garrafa de rum e bebi quase metade com um gole de Coca Zero.

Em dado momento naquele dia, eu ri tanto que saiu refrigerante pelo meu nariz, o que teria deixado Jake enojado. TJ apenas falou, de seu jeito sarcástico:

— Uau, Addy, que atraente. Isso me deixou com muito tesão por você neste exato momento.

E foi então que o beijei. E sugeri que voltássemos para a casa dele.

Então, de fato, nada daquilo foi culpa de TJ.

Nós chegamos à beira da praia, e observo Jake apagar o fogo para reacendê-lo onde quer. Dou uma olhadela para TJ e vejo as covinhas aparecerem quando ele acena para a galera.

— Só esqueça que aquilo aconteceu — diz TJ, baixinho.

Ele parece sincero, e meu peito se enche de esperança. Talvez a gente realmente consiga manter aquilo entre nós. Bayview é um colégio fofoqueiro, mas pelo menos o Falando Nisso não paira mais sobre a cabeça de todo mundo.

E, sendo cem por cento sincera, tenho que admitir — isto é um

alívio.

CAPÍTULO 6

Cooper

Sábado, 29 de setembro, 16h15

Olho feio para o rebatedor. Estamos com a contagem cheia, e ele cometeu falta nos dois últimos lançamentos. O rebatedor está me dando trabalho, o que não é bom. Em um jogo de exibição como este, em que encaro um jogador de segunda base destro com estatísticas meias-bocas, eu já deveria ter acabado com ele.

O problema é que estou distraído. Foi uma semana e tanto.

O Pai está na arquibancada, e posso imaginar exatamente o que ele está fazendo. Tirou o boné e o está torcendo com as mãos enquanto olha fixamente para o monte do arremessador. Como se abrir um buraco em mim com o olhar fosse ajudar.

Eu coloco a bola na luva e dou uma olhadela para Luis, que é meu receptor durante a temporada regular. Ele também está no time de futebol do Colégio Bayview, mas recebeu permissão de faltar ao jogo de hoje para que pudesse estar aqui. Luis sinaliza uma bola rápida, mas faço que não com a cabeça. Já lancei cinco, e aquele cara sacou todas elas. Continuo balançando a cabeça para Luis até ele me dar o sinal que quero. Ele se ajeita ligeiramente, e nós já jogamos tanto tempo juntos que consigo ler seus pensamentos naquele movimento. *É o seu fim, cara.*

Posiciono os dedos na bola e reteso o corpo em preparação para arremessá-la. Não é meu arremesso mais consciente. Se eu errar, vai sair uma bola frouxa e aquele cara vai detoná-la.

Eu puxo o braço para trás e lanço com a maior força possível. O arremesso vai diretamente para o meio da base do rebatedor, que dá uma tacada ansiosa e triunfante. Então, a bola pega um efeito, sai da zona de strike e entra na luva de Luis. O estádio explode e comemora, e o rebatedor balança a cabeça, como se não fizesse a menor ideia do que aconteceu.

Ajeito o boné e tento não parecer satisfeito. Venho trabalhando nesse *slider* o ano inteiro.

Elimino o próximo rebatedor com três bolas rápidas. A última

chega a 150 quilômetros por hora, o arremesso mais rápido que já fiz. Nada mal para um canhoto. Minhas estatísticas depois de duas entradas são três eliminações, dois *groundouts* e uma bola área longa, que teria eliminado dois adversários se o campista direito não tivesse mergulhado para pegá-la. Eu queria poder refazer aquele arremesso — minha bola curva acabou não saindo curva —, mas, tirando isso, estou bem contente com o jogo.

Estou no Petco — o estádio dos Padres — para um evento de exibição exclusivo, ao qual meu pai insistiu que eu viesse, embora o funeral de Simon seja daqui a uma hora. Os organizadores aceitaram que eu arremessasse primeiro e fosse embora mais cedo, então pulo minha rotina pós-jogo de sempre, tomo um banho e saio do vestiário com Luis para encontrar o Pai.

Eu o vejo quando alguém chama meu nome.

— Cooper Clay?

O homem que se aproxima de mim parece ser bem-sucedido. É a única forma que penso para descrevê-lo. Roupas elegantes, corte de cabelo moderno, um bronzado na medida certa e um sorriso confiante quando estende a mão para mim.

— Josh Langley, dos Padres. Falei com seu técnico algumas vezes.

— Sim, senhor. Prazer em conhecer — cumprimento.

Meu pai sorri, como se alguém tivesse acabado de lhe entregar as chaves de um Lamborghini. Ele consegue se apresentar para Josh sem babar, mas é por pouco.

— Que *slider* dos diabos você mandou ali — elogia Josh. — Saiu bem da base do rebatedor.

— Obrigado, senhor.

— Boa velocidade na bola rápida também. Você realmente melhorou esse fundamento desde a primavera, não foi?

— Eu tenho malhado bastante — respondo. — Ganhando força no braço.

— Foi uma grande evolução em pouco tempo — comenta Josh, e por um segundo a declaração paira no ar entre nós como uma pergunta, mas aí ele dá um tapinha no meu ombro. — Bem, continue assim, rapaz. É bom ter um garoto local sob observação. Facilita o trabalho. Menos viagens.

Josh dá um sorriso, acena uma despedida com a cabeça para meu pai e Luis, e vai embora.

Foi uma grande evolução em pouco tempo. É verdade. De 140 quilômetros por hora para 150 em poucos meses é fora do comum.

O Pai não cala a boca na volta para casa, variando entre reclamar do que fiz de errado e manifestar alegria por causa de Josh Langley. No final das contas, ele acaba ficando de bom humor, mais feliz a respeito do olheiro dos Padres do que irritado por alguém quase ter

me rebatido.

— A família de Simon vai estar lá? — pergunta meu pai, quando para no Colégio Bayview. — Ofereça nossas condolências se eles estiverem.

— Não sei — respondo. — Pode ser que seja apenas um lance do colégio.

— Tirem os bonés, pessoal — pede o Pai.

Luis enfia o dele no bolso do casaco de futebol, e o Pai tamborila no volante com impaciência enquanto hesito.

— Ora, vamos, Cooper, pode ser ao ar livre, mas ainda é um velório. Deixe o boné no carro.

Eu obedeço e saio, mas, quando passo a mão no cabelo amassado pelo boné e fecho a porta do passageiro, minha vontade era ainda estar com ele. Eu me sinto exposto, e as pessoas já me encararam demais nesta semana. Se dependesse de mim, eu iria para casa e passaria uma noite tranquila, vendo beisebol com meu irmão e a Vovó, mas não posso perder o velório de Simon quando fui uma das últimas pessoas a vê-lo com vida.

Nós nos dirigimos à multidão, no campo de futebol americano, e mando uma mensagem para Keely a fim de descobrir onde estão os nossos amigos. Ela me informa que estão perto da frente, então, nós passamos por baixo das arquibancadas e tentamos vê-los da lateral do campo. Keely está encostada em um poste, observando o campo de futebol com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco maior do que ela.

— Foi mal — lamento, e então percebo quem é. — Ah, ei, Leah. Você está indo para o campo?

Aí eu desejo que pudesse engolir minhas palavras, porque é impossível que Leah Johnson esteja ali para chorar a perda de Simon. Ela na verdade tentou se matar no ano passado por causa dele. Após Simon ter escrito que ela transou com um bando de calouros, Leah foi assediada nas redes sociais por meses. Ela acabou cortando os pulsos no banheiro e ficou afastada do colégio pelo restante do ano.

Leah dá um muxoxo de desdém.

— Até parece. Já foi tarde. — Ela olha fixamente para a cena diante de nós e chuta a terra com a ponta da botina. — Ninguém gostava de Simon, mas estão todos com velas na mão, como se ele fosse uma espécie de mártir em vez de um babaca fofoqueiro.

Leah não está errada, mas agora não parece ser o momento para ser tão sincera. Ainda assim, não vou tentar defender Simon para ela.

— Acho que as pessoas querem prestar suas homenagens — arrisco dizer.

— Hipócritas — murmura ela, enquanto enfia ainda mais as mãos nos bolsos. A expressão muda, e Leah puxa o celular com um olhar malicioso. — Vocês sabem da última?

— Que última? — pergunto, com uma sensação de desânimo.

Às vezes a melhor coisa a respeito do beisebol é o fato de a pessoa não poder verificar o celular enquanto está jogando.

— Tem outro e-mail com uma atualização do Tumblr.

Leah desliza o dedo no celular algumas vezes e passa o aparelho para mim. Eu o pego relutantemente e olho para a tela, com Luis lendo por cima do meu ombro.

É hora de esclarecer algumas coisas.

Simon tinha uma grave alergia a amendoim — então por que não passar uma pasta no seu sanduíche e resolver a questão?

Eu venho observando Simon Kelleher há meses. Tudo que ele comia vinha embrulhado em 2 centímetros de celofane. Simon levava aquela maldita garrafa d'água para todos os lugares, e era tudo que ele bebia.

Mas Simon não passava dez minutos sem tomar um gole daquilo. Imaginei que, se ela não estivesse presente, ele se voltaria para a boa e velha água da bica. Então, sim, eu roubei a garrafa.

Passei muito tempo pensando onde eu poderia colocar óleo de amendoim em algo que Simon bebesse. Um lugar contido, sem um bebedouro. A sala de detenção do Sr. Avery parecia o local ideal.

Eu me senti mal vendo Simon morrer. Não sou sociopata. Naquele momento, quando ele ficou com aquela cor horrível e lutou para respirar — se eu pudesse ter impedido, eu teria.

Só que eu não podia. Porque, afinal, eu peguei a caneta de adrenalina do Simon. E todas as canetas da sala da enfermeira.

Meu coração dispara, e meu estômago dá um nó. A primeira postagem foi bem ruim, mas esta — esta foi escrita como se a pessoa estivesse mesmo na sala quando Simon teve o ataque. Como se fosse um de nós.

Luis dá um muxoxo de desdém.

— Que confusão do caralho.

Leah está me observando com atenção, e eu faço uma careta quando devolvo o telefone.

— Espero que descubram quem está escrevendo essa parada. É muito doentio.

Ela dá de ombros.

— Sei lá. — Leah começa a recuar. — Divirtam-se bastante com o luto, galera. Fui.

— Tchau, Leah.

Eu contenho a vontade de segui-la, e nós seguimos em frente com dificuldade até chegarmos à linha de dez jardas. Começo a passar pela multidão dando ombradas, e finalmente encontro Keely e o restante dos nossos amigos. Quando chego perto dela, Keely me entrega uma vela, acende com a própria e me dá o braço.

A diretora Gupta vai ao microfone e bate com o dedo nele.

— Que semana terrível para o nosso colégio — começa ela. — Mas

como é inspirador ver todos vocês reunidos aqui, na noite de hoje.

Eu deveria estar pensando em Simon, mas minha cabeça está cheia demais com outras coisas. Keely, que está apertando meu braço com força. Leah, que disse as coisas que a maioria das pessoas apenas pensa. A nova postagem do Tumblr — feita logo antes do velório de Simon. E Josh Langley com o sorriso radiante: foi um grande salto em pouco tempo.

Esta é a verdade sobre diferenciais competitivos. Algumas vezes eles são bons demais para ser verdade.

Nate

Domingo, 30 de setembro, 12h30

Minha agente de liberdade condicional não é das piores. Ela está na casa dos 30 anos, não é feia e tem senso de humor. Mas enche o saco por causa do colégio.

— Como foi sua prova de História?

Estamos sentados na cozinha para nossa reunião dominical de sempre. Stan está à mesa, mas ela não tem problema quanto a isso pois gosta dele. Meu pai está no segundo andar, algo que sempre cuido para que aconteça antes de a agente Lopez aparecer. Parte da função dela é garantir que eu esteja sendo adequadamente supervisionado. Ela sacou qual era a do meu pai na primeira vez que o viu, mas também sabe que eu não tenho mais para onde ir e que a tutela estatal pode ser pior do que a negligência de um alcoólatra. É mais fácil fingir que meu pai é um responsável adequado quando não está desmaiado na sala de estar.

— Normal — respondo.

A agente de liberdade condicional espera por mais. Quando não acrescento nada, ela pergunta:

— Você estudou?

— Eu ando meio distraído — lembro a ela. A agente Lopez ouviu a história de Simon pelos colegas policiais, e nós passamos a primeira meia hora após sua chegada falando sobre o que aconteceu.

— Eu compreendo. Mas acompanhar o ritmo do colégio é importante, Nate. Faz parte do acordo.

Ela cita “O Acordo” toda semana. San Diego está ficando mais rígida com relação aos delitos juvenis envolvendo drogas, e a agente Lopez acha que tive sorte de ficar em liberdade condicional. Um relatório ruim da parte dela pode me colocar de volta diante de um juiz puto da vida. Outro flagrante com drogas pode me levar à prisão juvenil. Então, todo domingo de manhã, antes de ela chegar, eu recolho toda a droga que não vendi e os celulares descartáveis, e enfio

no barracão do vizinho senil. Só para garantir.

A agente Lopez estende a mão para Stan, que rasteja metade do caminho até perder o interesse. Ela pega e pousa o dragão-barbudo sobre o braço.

— Tirando isso, como foi sua semana? Conte algo de positivo que ocorreu.

A agente sempre diz isso, como se a vida fosse cheia de paradas maneiras que eu pudesse estocar e contar todo domingo.

— Eu cheguei a 3 mil dólares no *Grand Theft Auto*.

Ela revira os olhos. Faz muito isso na minha casa.

— Outra coisa qualquer. Que avanço você fez em direção aos seus objetivos?

Meu Deus. Meus *objetivos*. Ela me fez escrever uma lista na primeira reunião. Não há nada com que eu realmente me importe ali, apenas coisas que sei que a agente Lopez quer ouvir a respeito do colégio ou de empregos. E sobre amigos, que a esta altura ela sacou que eu não tenho. Tenho pessoas com quem vou às festas, para quem vendo e com quem trepo, mas não chamaria nenhuma delas de amigo.

— Foi uma semana devagar em termos de objetivo.

— Você deu uma olhada na papelada que eu deixei para você sobre a Alateen?

Não. Não olhei. Não preciso de um panfleto para me dizer como é ruim quando seu único pai é um bêbado, e certamente não preciso conversar sobre isso com um bando de choramingões em algum porão de igreja.

— Sim — minto. — Andei pensando a respeito.

Tenho certeza de que a agente Lopez enxerga a mentira, pois não é idiota. Mas ela não insiste.

— Que bom ouvir isso. Compartilhar experiências com outros jovens cujos pais estão sofrendo pode ser transformador para você.

Ela não desiste, é preciso reconhecer. Nós podemos estar cercados pelos mortos-vivos no apocalipse zumbi, e ela ainda tentaria ver o lado bom da situação. *Seu cérebro ainda está na cabeça, certo? Que grande superação das expectativas!* A agente simplesmente me adoraria ouvir dizer, pelo menos uma vez, uma coisa positiva de verdade. Tipo como passei a noite de sexta-feira com Bronwyn Rojas, que está a caminho das grandes universidades, e não dei vexame. Mas essa não é uma conversa que eu preciso ter com a agente Lopez.

Não sei por que fui parar lá. Estava inquieto, encarando o Vicodin que sobrou depois de uma entrega, e imaginando se deveria tomar alguns para descobrir a razão de todo o alvoroço. Jamais embarquei nessa porque tenho certeza de que acabaria em coma, na sala de estar ao lado do meu pai, até que alguém nos expulsasse por não pagar a hipoteca.

Então, fui à casa de Bronwyn em vez disso. Não esperava que ela saísse. Ou que me convidasse para entrar. Ouvi-la tocar piano teve um efeito estranho em mim. Eu quase me senti... em paz.

— Como todo mundo está lidando com a morte de Simon? Já realizaram o funeral?

— É hoje. O colégio mandou um e-mail. — Eu dou uma olhadela no relógio do micro-ondas. — Em mais ou menos meia hora.

Ela ergueu as sobranceiras.

— Nate, você deve ir. Seria algo positivo para você. Preste sua homenagem, dê uma espécie de desfecho para esse evento traumático.

— Não, obrigado.

A agente Lopez pigarreia e dá um olhar maroto para mim.

— Deixe eu tentar de outra maneira. Vá para a porra do funeral, Nate Macauley, ou não farei vista grossa para o seu índice irregular de assiduidade escolar da próxima vez que preencher meus relatórios. Eu vou com você.

E foi assim que acabei no funeral de Simon Kelleher, com minha agente de liberdade condicional.

Chegamos atrasados, e a Igreja de Santo Antônio já está lotada, então mal conseguimos espaço no último banco. O velório não começou ainda, mas ninguém está falando. Quando o velho à nossa frente tosse, o som ecoa pelo ambiente. O cheiro de incenso me faz lembrar de quando minha mãe costumava me levar à missa todo domingo. Eu não venho à igreja desde o ensino fundamental, mas parece exatamente a mesma coisa: tapete vermelho, madeira escura envernizada, janelas altas com vitrais.

A única diferença é que o local está apinhado de policiais.

Não de uniforme. Mas eu noto, e a agente Lopez também. Depois de um tempo, alguns deles olham para mim, e fico paranoico que ela tenha me conduzido para alguma espécie de armadilha. Mas não tenho nada comigo. Por que eles não param de olhar para mim?

Não apenas para mim. Eu acompanho o olhar dos policiais até Bronwyn, que está lá na frente com os pais, e para Cooper e a loura, sentados no meio com os amigos. Sinto um arrepio na nuca, mas não no bom sentido. Meu corpo fica tenso, pronto para fugir até que a agente Lopez coloca a mão no meu braço. Ela não diz nada, mas fico quieto no lugar.

Um monte de gente discursa — ninguém que eu conheça, a não ser a gótica que costumava seguir Simon para cima e para baixo. Ela lê um poema esquisito e divagante, com a voz trêmula o tempo todo.

O passado e o presente definham... já os enchi e esvaziei,
Passo a encher minha própria dobra do futuro.

Vocês que me escutam aí em cima! Algum segredo para me contar?
Me encare enquanto assopro o discreto poente,
(Seja sincero, ninguém está te ouvindo, só vou ficar mais um
minuto.)

Me contradigo?
Tudo bem, então, me contradigo,
(Sou vasto, contenho multidões.)...

Você vai falar antes que eu vá embora? Ou virá quando já for tarde
demais?...

Vou-me feito vento, agito meus cabelos brancos contra o sol
fugitivo,
Esparramo minha carne em redemoinhos e a deixo flutuar em
retalhos rendados.

Me entrego à terra para crescer da relva que amo,
Se me quiser de novo, me procure sob a sola de suas botas.

Vai ser difícil você saber quem sou ou o que estou querendo dizer,
Mas, mesmo assim, vou dar saúde,
Vou filtrar e dar fibra a seu sangue.

Não me cruzando na primeira não desista,
Não me vendo num lugar procure em outro,
Em algum lugar, eu paro e espero você.*

— “Canção de Mim Mesmo” — murmura a agente Lopez, quando a
garota termina. — Escolha interessante.

Há música, mais leituras, e finalmente o velório acaba. O padre diz
que o enterro será uma cerimônia íntima reservada à família. Por
mim, beleza. Jamais quis tanto ir embora de um lugar na minha vida,
e já estou pronto para vazar antes que aquela procissão toda percorra
a nave da igreja, mas a Agente Lopez coloca a mão no meu braço
novamente.

Um bando de veteranos do colégio conduz o caixão de Simon para
fora. Umas vinte pessoas vestidas em tons escuros seguem em fila
atrás deles, com um homem e uma mulher de mãos dadas no fim. Ela
tem um rosto fino e anguloso como Simon, e olha fixamente para o
chão, mas, ao passar pelo nosso banco, a mulher ergue o olhar,
encontra o meu e contém um pranto furioso.

Mais pessoas lotam as coxias da igreja, e alguém se enfia no banco comigo e a agente Lopez. É um dos agentes à paisana, um sujeito mais velho com corte escovinha. Noto de cara que ele não é amador como o agente Budapest. Ele sorri para mim, como se a gente se conhecesse.

— Nate Macauley? — pergunta ele. — Tem alguns minutos, rapaz?

* Folhas de relva (1855). Canção de Mim Mesmo. Tradução e posfácio de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005. (N. do T.)

CAPÍTULO 7

Addy

Domingo, 30 de setembro, 14h05

Protejo os olhos contra o sol do lado de fora e vasculho a multidão até ver Jake. Ele e os demais carregadores colocam o caixão de Simon em uma espécie de maca de metal, depois se afastam para os diretores do funeral conduzirem o aparato na direção do carro funerário. Eu baixo os olhos, sem querer ver o corpo de Simon ser colocado como uma mala grande, na traseira de um carro e alguém toca no meu ombro.

— Addy Prentiss? — Uma mulher mais velha, vestida em um tailleur azul de linhas retas, me oferece um sorriso educado e profissional. — Sou a detetive Laura Wheeler da polícia de Bayview. Gostaria de dar prosseguimento à conversa que você teve semana passada com o agente Budapest sobre a morte de Simon Kelleher. Você poderia vir à delegacia comigo por alguns minutos?

Encaro a mulher e umedeço os lábios. Quero perguntar o motivo, mas ela está tão calma e segura, como se fosse a coisa mais natural do mundo me abordar após um funeral, que parece falta de educação questioná-la. Jake, então, surge ao meu lado, lindo em seu terno, e oferece um sorriso amigável e curioso para a detetive Wheeler. Meus olhos vão de um para o outro e gaguejo:

— Não é... quero dizer... não dá para falarmos aqui?

A detetive Wheeler faz uma careta.

— Muito cheio de gente, não acha? E estamos logo ali na esquina. — Ela oferece um meio sorriso para Jake. — Detetive Laura Wheeler, polícia de Bayview. Preciso pegar Addy emprestada por um tempinho para esclarecer algumas questões relacionadas à morte de Simon Kelleher?

— Claro — responde ele, como se isso resolvesse a situação. — Mande uma mensagem se precisar de carona depois, Addy. Luis e eu vamos ficar no centro da cidade. Estamos morrendo de fome e vamos falar da estratégia ofensiva para o jogo do próximo sábado. Vamos ao Glenn's, provavelmente.

Então, é isso, eu acho. Acompanho a detetive Wheeler pelo

caminho de paralelepípedos que leva à calçada atrás da igreja, embora eu não queira. Talvez isso seja o que Ashton quer dizer quando fala que eu não penso por mim mesma. São três quarteirões até a delegacia, e nós passamos em silêncio por uma loja de ferragens, pelo correio e por uma sorveteria onde uma menininha está dando um chique, querendo chocolate granulado em vez de sorvete arco-íris. Fico pensando se deveria falar com a detetive Wheeler que minha mãe ficará preocupada se eu não for direto para casa.

Passamos pelos detectores de metal na frente da delegacia, e a detetive me conduz aos fundos, para o interior de uma sala pequena e superaquecida. Nunca estive dentro de uma delegacia antes e pensei que ela seria mais... sei lá. Que teria uma aparência de autoridade. A delegacia me lembra a sala de reunião no gabinete da diretora Gupta, só que com uma iluminação pior. A luz fluorescente piscante acima de nós realça todos os traços do rosto da detetive Wheeler e deixa sua pele com um tom amarelo feio. Eu imagino o que essa luz faz com a minha.

A detetive Wheeler me oferece algo para beber, e, quando nego, ela sai da sala por alguns minutos e volta com uma bolsa tipo carteiro pendurada no ombro, e uma mulher pequena, de cabelos escuros, atrás. Ambas se sentam diante de mim à mesa pequena de metal, e a detetive Wheeler pousa a bolsa no chão.

— Addy, esta é Lorna Shaloub, a agente da juventude do Distrito Escolar de Bayview. Ela está aqui na figura de um adulto que se faz presente, em seu nome. Agora, isto não é uma detenção para interrogatório. Você não tem que responder às minhas perguntas e está livre para ir embora a qualquer momento. Entendeu?

Não exatamente. Eu não entendi a partir da “figura de um adulto que se faz presente”, mas digo “claro”, embora deseje mais do que nunca que simplesmente tivesse ido para casa. Ou que Jake tivesse vindo comigo.

— Ótimo. Espero que fique aqui comigo. Creio que, de todos os jovens envolvidos, você provavelmente foi quem se entregou mais na situação sem má intenção.

Eu olho surpresa para ela.

— Sem má o quê?

— Sem má intenção. Quero lhe mostrar uma coisa.

Ela enfia a mão na bolsa e retira um laptop. A Sra. Shaloub e eu esperamos enquanto a Detetive Wheeler abre o notebook e pressiona algumas teclas. Eu mastigo as bochechas, imaginando se ela vai me mostrar as postagens do Tumblr. Talvez a polícia ache que algum de nós as escreveu como uma espécie de piada horrível. Se me perguntarem quem, acho que eu diria que foi Bronwyn. Porque a coisa toda parece que foi escrita por alguém que acha que é dez vezes mais

inteligente do que o resto.

A detetive Wheeler vira o laptop para mim. Não tenho certeza do que estou vendo, mas parece ser um tipo de blog, com a logo do Falando Nisso em primeiro plano. Faço uma expressão indagativa, e ela diz:

— Este é o painel de administrador que Simon usava para gerenciar o conteúdo do Falando Nisso. O texto embaixo da data da última segunda-feira são as postagens mais recentes.

Eu me debruço na mesa e começo a ler.

Esta é a primeira vez na vida deste aplicativo que mostramos a boazinha BR, detentora do mais perfeito histórico escolar do colégio. Só que ela não tirou aquele 10 em química só por causa do velho e bom esforço, a não ser que seja assim que você defina o roubo de testes do Google Drive do Senhor C. Alguém ligue para Yale...

Na outra ponta do espectro, NM, nosso criminoso favorito, está de volta ao que ele faz de melhor: garantir que o colégio esteja tão chapado quanto quiser. Tenho certeza de que isso é uma violação da liberdade condicional, N.

Quando junho chegar, a Liga Nacional de Beisebol mais CC vai ser igual a um monte de notas bem verdinhas, certo? Parece inevitável que o canhotinho de Bayview fará muito sucesso nos times grandes... Mas eles não têm regras rígidas contra doping? Porque o desempenho de CC certamente ganhou um empurrãozinho durante a temporada de exibição.

AP e JR são o casal perfeito. Princesa do baile e o craque *running back*, apaixonados por três anos seguidos. A não ser por aquele desvio romântico que A tomou no verão com TF na casa de praia dele. Mais embaraçoso agora que os caras são amigos. Será que eles trocam figurinhas?

Não consigo respirar. Está revelado para todo mundo ver. Como? Simon está morto; ele não pode ter publicado isso. Será que alguém assumiu o lugar dele? A pessoa que posta no Tumblr? Mas isso sequer importa: como, por quê, quando — tudo que importa é que o post *existe*. Jake vai ver isso, se já não viu. Todas as coisas que li antes de chegar às minhas iniciais, que me chocaram quando saquei sobre quem elas eram e o que significavam, saem do meu cérebro. Nada existe além do meu erro horrível e estúpido ali, em preto e branco, na tela, para o mundo todo ver.

Jake vai *saber*. E jamais me perdoará.

Estou quase dobrada ao meio, com a cabeça na mesa, e de início não consigo distinguir as palavras da detetive Wheeler. Então, algumas conseguem furar o bloqueio.

— ... entendo que você se sinta numa armadilha... evitar que isto seja publicado... se você nos contar o que aconteceu, nós podemos lhe ajudar, Addy...

Apenas uma frase penetrou na cabeça.

— Isso não foi publicado?

— A postagem entrou na fila no dia que Simon morreu, mas nunca

foi ao ar — responde a detetive Wheeler, calmamente.

Salvação. Jake não viu isso. Ninguém viu. A não ser... esta policial e talvez outros. Meu interesse e o interesse dela são duas coisas diferentes.

A detetive Wheeler se debruça à frente, com um sorriso nos lábios que não se reflete no olhar.

— Você já deve ter reconhecido as iniciais, mas essas outras notícias são sobre Bronwyn Rojas, Nate Macauley e Cooper Clay. Os quatro que estiveram na sala com Simon quando ele morreu.

— Isto é... uma coincidência esquisita — consigo dizer.

— E não é mesmo? — concorda a detetive Wheeler. — Addy, você já sabe como Simon morreu. Nós analisamos a sala do Sr. Avery e não descobrimos nenhuma maneira como aquele óleo de amendoim possa ter entrado no copo de Simon, a não ser que alguém tenha colocado ali após ele enchê-lo na bica. Havia apenas seis pessoas na sala, uma das quais está morta. Seu professor saiu por um longo período de tempo. Todos vocês que permaneceram com Simon tinham motivos para querer mantê-lo em silêncio. — A voz dela não fica mais alta, porém preenche meus ouvidos, como o zumbido de uma colmeia. — Você percebe aonde quero chegar com isso? O ato pode ter sido realizado em grupo, mas não significa que você compartilha da mesma responsabilidade. Há uma grande diferença entre ter uma ideia e levá-la adiante.

Encaro a Sra. Shaloub. Ela parece *presente*, tenho que admitir, mas não parece presente para *ficar* do meu lado.

— Não entendo o que a senhora quer dizer.

— Você mentiu sobre ter estado na sala da enfermeira, Addy. Alguém lhe forçou a fazer aquilo? Retirar as canetas de adrenalina para que Simon não pudesse ser ajudado depois?

Meu coração bate enquanto eu tiro uma mecha de cabelo dos ombros e a enrolo nos dedos.

— Não menti. Eu me esqueci.

Meu Deus, e se ela me fizer passar por um detector de mentiras? Eu nunca passarei.

— Jovens da sua idade estão sob muita pressão hoje em dia — diz a detetive Wheeler em um tom quase amável, mas os olhos estão insensíveis como nunca. — Todas essas redes sociais... é como se você não pudesse cometer um erro, não é? Elas te seguem por toda a parte. O tribunal é bem indulgente com jovens impressionáveis que agem às pressas quando têm muito a perder, especialmente quando eles nos ajudam a descobrir a verdade. A família de Simon merece a verdade, você não acha?

Eu encolho os ombros e puxo o cabelo. Não sei o que fazer. Jake saberia — mas Jake não está aqui. Eu olho para a Sra. Shaloub

ajeitando o cabelo atrás das orelhas, e subitamente a voz de Ashton me surge na cabeça. *Você não tem que responder a qualquer pergunta.*

Certo. A detetive Wheeler disse isso no início, e as palavras expulsam tudo mais do meu cérebro com um alívio e clareza surpreendentes.

— Eu vou sair agora.

Digo isso com confiança, mas ainda não estou cem por cento certa de que posso fazer isso. Eu me levanto e espero que a detetive Wheeler me detenha, mas ela não se opõe. Apenas franze os olhos e diz:

— É claro. Como eu lhe disse, isto não é uma detenção para interrogatório. Mas, por favor, compreenda, a ajuda que eu posso lhe garantir agora não será a mesma quando você sair desta sala.

— Eu não preciso da sua ajuda — retruco, e, então, saio pela porta e, depois, da delegacia.

Ninguém me detém. Porém, assim que estou lá fora, não sei para onde ir e o que fazer.

Eu me sento em um banco e pego o telefone com as mãos trêmulas. Não posso ligar para Jake, não para isso. Mas quem sobra? Minha mente está em branco, como se a detetive Wheeler tivesse passado uma borracha apagando tudo. Construí todo o meu mundo em volta de Jake, e agora que esse mundo está quebrado, eu me dou conta, tarde demais, de que deveria ter dedicado tempo a outras pessoas que se importariam que uma policial com penteado de coroa e um tailleur elegante tenha acabado de me acusar de assassinato. E quando digo “se importar”, não é ao estilo *ai-meu-Deus-você-soube-o-que-aconteceu-com-Addy*.

Minha mãe se importaria, mas não posso encarar tanto desdém e crítica neste exato momento.

Desço até os As na lista de contatos e aperto um nome. É minha única opção, e faço uma prece silenciosa de agradecimento quando ela atende.

— Ash? — De alguma forma, consigo não chorar ao ouvir a voz da minha irmã. — Preciso de ajuda.

Cooper

Domingo, 30 de setembro, 14h30

Quando o detetive Chang me mostra a página não publicada de Simon no Falando Nisso, eu leio a menção de todo mundo primeiro. A de Bronwyn me choca; a de Nate, não; não faço ideia de quem diabos seja esse “TF” com quem Addy supostamente ficou — e tenho quase certeza de que sei o que me aguarda. Meu coração dispara quando

espio minhas iniciais: *Porque o desempenho de CC certamente ganhou um empurrãozinho durante a temporada de exibição.*

Hum. A pulsação diminui quando me recosto na cadeira. Não era isso que eu esperava.

Embora, talvez, eu não devesse estar surpreso. Melhorei muito, rápido demais — até mesmo o olheiro dos Padres comentou a respeito.

O detetive Chang aborda o assunto com rodeios durante um tempo e faz insinuações até que eu compreenda que ele acha que nós quatro que estivemos na sala planejamos tudo aquilo para evitar que Simon postasse a atualização. Eu tento imaginar o caso — eu, Nate e as duas garotas tramando um assassinato por óleo de amendoim na sala de detenção do Sr. Avery. É tão idiota que nem sequer renderia um bom filme.

Sei que estou calado por muito tempo.

— Nate e eu jamais sequer nos falamos antes da semana passada — digo finalmente. — E é claro, diacho, que nunca falei com as garotas sobre isso.

O detetive Chang quase se debruça até a metade da mesa.

— Você é um bom rapaz, Cooper. Seu histórico é irretocável até agora, e tem um futuro brilhante. Você cometeu um erro e foi flagrado. É assustador. Eu entendo. Mas não é tarde demais para fazer a coisa certa.

Não tenho certeza de qual erro ele está se referindo: meu suposto doping, o suposto assassinato ou algo de que não falamos ainda. Mas, até onde sei, eu não fui flagrado fazendo nada. Apenas acusado. Bronwyn e Addy provavelmente estão recebendo o mesmo discurso em algum lugar. Acho que Nate receberia um diferente.

— Eu não trapaceei — digo para o detetive Chang. — E não machuquei Simon.

Não machuqueeiii. Eu ouço o sotaque voltando.

Ele tenta uma abordagem diferente.

— De quem foi a ideia de usar os celulares forjados para levar todos vocês, juntos, para a detenção?

Eu me debruço à frente, com as palmas apoiadas no veludo negro das calças sociais. Praticamente não as uso nunca, e elas estão me dando coceira e calor. O coração dispara novamente.

— Preste atenção. Eu não sei quem fez isso, mas... não é algo que você deveria investigar? Tipo, havia digitais nos telefones? Porque, para mim, parece que talvez tenham incriminado a gente.

O outro cara na sala, um representante qualquer do Distrito Escolar de Bayview que não disse uma palavra, concorda com a cabeça, como se eu tivesse dito algo profundo. Mas a expressão do detetive não muda.

— Cooper, nós examinamos aqueles telefones assim que começamos a suspeitar de que houve um crime. Não há prova forense que sugira que qualquer outra pessoa esteja envolvida. Nosso foco é em vocês quatro, e é aí que espero que ele permaneça.

O que finalmente me faz dizer:

— Quero ligar para os meus pais.

A parte de “querer” não é verdade, mas não consigo sair dessa enrascada. O detetive Chang dá um suspiro, como se tivesse se desapontado comigo, mas diz:

— Tudo bem. Você está com seu celular?

Quando concordo com a cabeça, ele fala:

— Você pode fazer a ligação aqui.

O Detetive Chang permanece na sala enquanto ligo para o Pai, que entende a situação mais rápido do que eu.

— Me passe aquele detetive com quem você está falando — vocifera ele. — Agora mesmo. E Cooperstown... espere, Cooper! Espere. Não diga mais porra nenhuma para *ninguém*.

Passo meu telefone para o Detetive Chang, que leva o aparelho ao ouvido. Não consigo ouvir tudo que o Pai está dizendo, mas ele fala suficientemente alto para eu ter uma ideia geral. O detetive Chang tenta inserir algumas palavras — no sentido de como é perfeitamente legal interrogar menores de idade na Califórnia sem a presença dos pais —, mas, na maior parte do tempo, ele deixa o Pai reclamar. Em dado momento, o detetive diz “não, ele está livre para ir embora”, e meus ouvidos se aguçam. Não me ocorreu que eu podia *sair*.

Ele me devolve o celular, e a voz do Pai estala no ouvido.

— Cooper, está aí? Venha para casa, porra. Eles não vão acusá-lo de nada, e você não vai responder a mais nenhuma pergunta se não estiver comigo e um advogado do seu lado.

Um advogado. Será que eu realmente preciso de um cara desses? Desligo e encaro o detetive Chang.

— Meu pai me mandou ir embora.

— Você tem esse direito — responde ele.

Eu queria ter sabido disso desde o início. Talvez ele tenha me dito. Sinceramente, não me lembro.

— Mas, Cooper, essas conversas estão acontecendo na delegacia inteira com seus amigos. Um deles vai concordar em cooperar conosco, e quem fizer isso será tratado de maneira bem diferente do restante de vocês. Acho que deveria ser você. Eu gostaria de lhe dar essa chance.

Quero dizer para o detetive que ele entendeu tudo errado, mas o Pai me mandou parar de falar. Porém, não consigo ir embora sem dizer alguma coisa. Então, acabo apertando a mão do detetive Chang e dizendo:

— Obrigado pela sua atenção, senhor.

Pareço o maior puxa-saco do século. São anos de condicionamento entrando em ação.

CAPÍTULO 8

Bronwyn

Domingo, 30 de setembro, 15h07

Não tenho como agradecer o fato de meus pais terem estado comigo na igreja quando o detetive Mendoza me chamou e pediu que eu fosse à delegacia. Achei que seriam perguntas complementares às do agente Budapest. Eu não estava preparada para o que veio a seguir, e não teria sabido o que fazer. Meus pais assumiram a situação e se recusaram a me deixar responder às perguntas dele. E ainda extraíram um monte de informações do detetive sem dar nada em troca. Foi muito magistral.

Mas. Agora eles sabem o que eu fiz.

Bem. Ainda não. Eles sabem o rumor. No momento, estamos indo para casa de carro após sair da delegacia. Eles ainda estão reclamando da injustiça daquela situação toda. Minha mãe está, pelo menos. Meu pai está prestando atenção às ruas, mas mesmo seus movimentos para ligar a seta do carro são excepcionalmente agressivos.

— Quero dizer — o tom da minha mãe é urgente, o que indica que ela mal está começando —, é horrível o que aconteceu com Simon. Claro que os pais querem respostas. Mas pegar uma postagem de fofoca escolar e transformá-la em uma acusação como aquela é simplesmente ridículo. Eu não compreendo como alguém pode pensar que Bronwyn *mataria* um rapaz porque ele estava prestes a postar uma mentira.

— Não é uma mentira — confesso, porém baixinho demais para ela me ouvir.

— A polícia não tem nada. — Meu pai soa como se estivesse avaliando uma empresa que pensa em adquirir e considera deficiente. — Provas circunstanciais frágeis. Obviamente não houve nenhum trabalho forense de verdade ou não estariam jogando verde desta forma. Eles estão desesperados.

O carro da frente para de repente por causa de um semáforo amarelo, e o papai xinga baixinho em espanhol ao frear.

— Bronwyn — começa ele —, eu não quero que você se preocupe

com isso. Vamos contratar um advogado excepcional, mas é puramente uma formalidade. Sou capaz de processar o departamento de polícia quando tudo isso acabar. Especialmente se qualquer detalhe do caso vier a público e prejudicar sua reputação.

Minha garganta parece estar pronta para empurrar palavras através do lodo.

— Eu coleí. — Sou quase inaudível. Pressiono a palma da mão no rosto ardendo e forço a voz a sair mais alta. — Eu roubei o teste mesmo. Desculpe.

Minha mãe gira o corpo no assento.

— O que você disse, querida? O que foi?

— Eu roubei.

As palavras saem rolando de mim, confessando como usei o computador no laboratório logo depois do Sr. Camino e percebi que ele não tinha se desconectado da conta no Google Drive. Um arquivo com todas as perguntas das provas de Química para o ano todo estava bem ali. Baixei o arquivo para um pendrive quase sem pensar no que estava fazendo. E usei para tirar notas perfeitas pelo restante do ano.

Não faço ideia de como Simon descobriu. Mas, como sempre, ele estava certo.

Os minutos seguintes no carro são horríveis. Mamãe vira no assento e me encara com uma expressão de traída. Papai não pode fazer o mesmo, mas não para de olhar pelo retrovisor, como se esperasse ver alguma coisa diferente. Consigo notar a mágoa nos olhares de ambos: *você não é quem pensávamos que era.*

Para meus pais, tudo se resume à meritocracia. Papai foi um dos diretores financeiros mais jovens na Califórnia antes de nós sequer nascermos, e o consultório de dermatologia da mamãe é tão bem-sucedido que ela não consegue aceitar novos pacientes há anos. Eles vêm martelando a mesma mensagem na minha cabeça desde o jardim da infância: *trabalhe pesado, faça o melhor de si, e o resto virá.* E sempre veio, até a Química.

Acho que eu não sabia o que fazer a respeito daquilo.

— Bronwyn. — A mamãe ainda está me encarando, e a voz sai baixa e contida. — Meu Deus. Eu nunca teria imaginado que você faria algo assim. Isso é terrível, mas, o pior de tudo, é que isso te dá um motivo.

— Eu não fiz nada com Simon! — vocifero.

As linhas de expressão em volta de sua boca relaxam ligeiramente enquanto ela balança a cabeça para mim.

— Estou desapontada com você, Bronwyn, mas não cometi esse exagero. Só estou citando os fatos como eles são. Se você não é capaz de dizer inequivocamente que Simon estava mentindo, a situação pode ficar bem complicada. — Ela esfrega os olhos com a mão. — Como ele

sabe que você roubou o teste? Tem provas?

— Não sei. Simon não... — Eu faço uma pausa, pensando em todos as atualizações do Falando Nisso que li ao longo dos anos. — Simon nunca *provou* nada realmente. A questão é... que todo mundo acreditava nele porque ele nunca estava errado. As coisas sempre apareciam com o tempo.

E eu que pensei que tinha escapado desde que peguei os arquivos do Sr. Camino, em março passado. O que não entendo é, se Simon sabia, por que não atacou o assunto imediatamente?

Eu sabia que o que fiz foi errado, é óbvio. Até mesmo pensei que pudesse ser ilegal, embora tecnicamente eu não tenha invadido a conta do Sr. Camino, uma vez que ela já estava aberta. Mas aquela parte mal pareceu ser verdade. Maeve usa suas habilidades sinistras com computadores para invadir sistemas por diversão o tempo todo, e, se eu tivesse pensado a respeito, provavelmente poderia ter pedido a ela para conseguir os arquivos por mim. Ou até mesmo mudar minha nota. Mas a coisa não foi premeditada. O arquivo estava diante de mim naquele momento, e eu o peguei.

Depois decidi usá-lo meses depois e me convenci de que não tinha problema porque uma aula difícil não deveria arruinar meu futuro inteiro. O que é meio irônico, de um jeito terrível, dado o que acabou de acontecer na delegacia.

Imagino se tudo que Simon escreveu sobre Cooper e Addy é verdade também. O detetive Mendoza nos mostrou todas as menções e insinuou que alguma outra pessoa poderia já estar confessando e fazendo um acordo. Sempre pensei que o talento de Cooper fosse uma bênção dos céus e que Addy era obcecada demais por Jake para sequer olhar para outro cara, mas eles provavelmente também nunca imaginariam que eu faria o que fiz.

Sobre Nate, eu não tenho dúvidas. Ele nunca fingiu ser outra coisa além do que é exatamente.

Papai estaciona na garagem, desliga o motor, tira as chaves da ignição e se vira para me encarar.

— Tem mais alguma coisa que você não nos contou?

Eu me recordo da salinha claustrofóbica na delegacia, com meus pais ao meu lado, enquanto o detetive Mendoza atirava perguntas como granadas. *Você competia com Simon? Algum dia esteve na casa dele? Sabia que ele estava escrevendo uma postagem sobre você?*

Você tinha algum motivo, além da postagem, para ter antipatia ou rancor dele?

Meus pais disseram que eu não tinha que responder a nenhuma das perguntas do detetive, mas eu respondi àquela. *Não*, disse na ocasião.

— Não — repito agora, sustentando o olhar do meu pai.

Se ele sabe que estou mentindo, não demonstra.

Nate

Domingo, 30 de setembro, 17h15

Chamar a carona que a agente Lopez me deu após o funeral do Simon de “tensa” seria pouco.

Antes de mais nada, a carona foi horas depois. Primeiro, o agente Escovinha me levou para a delegacia e perguntou, de meia dúzia de maneiras diferentes, se eu matei Simon. A agente Lopez perguntou se podia estar presente durante o interrogatório, e ele concordou, o que por mim não foi problema. Embora a situação tenha ficado um pouco esquisita quando ele leu a acusação de tráfico de drogas feita por Simon.

Acusação que, embora seja verdade, o agente Escovinha não pode provar. Até mesmo eu sei disso. Fiquei calmo quando ele me contou que as circunstâncias envolvendo a morte de Simon deram justa causa à polícia para vasculhar minha casa em busca de drogas, e que eles já tinham um mandado. Eu tirei tudo hoje de manhã, então sabia que a polícia não encontraria nada.

Graças a Deus eu e a agente Lopez nos encontramos aos domingos. Caso contrário, eu provavelmente estaria na prisão. Devo muitíssimo a ela por causa disso, embora ela não saiba. E por me apoiar durante o interrogatório, o que eu não esperava. Eu menti na cara dela todas as vezes que nos encontramos, e tenho certeza de que ela sabe disso. Mas, quando o agente Escovinha começou a se irritar, ela segurou a onda dele. Com o tempo, tive a impressão de que eles só têm circunstâncias frágeis e uma teoria que estão tentando forçar para alguém admitir sob pressão.

Respondi algumas poucas perguntas. Aquelas que eu sabia que não iam me colocar em apuros. Todo o resto foi alguma versão de *não sei* e *não me lembro*. Às vezes até foi verdade.

A agente Lopez não disse uma palavra, do momento que saímos da delegacia até parar na entrada da minha casa. Agora ela está me dando um olhar que deixa evidente que não consegue ver um lado positivo no que acabou de acontecer.

— Nate, não vou perguntar se o que vi naquele site é verdade. Esta é uma conversa para você e um advogado, se algum dia a situação chegar a esse ponto. Mas é preciso que você entenda uma coisa. Se, deste dia em diante, você traficar drogas de alguma forma, qualquer que seja, *eu não posso te ajudar*. Ninguém pode. Isto não é brincadeira. Você está lidando com um possível crime capital. Há quatro adolescentes envolvidos nesta investigação, e cada um deles, *a não ser você*, é apoiado por pais que são materialmente estáveis e estão presentes na vida dos filhos, ou até mesmo ricos e influentes. Você é o desajustado, o bode expiatório óbvio disso tudo. Estou sendo clara?

Meu Deus. Ela não está pegando leve.

— Sim.

Eu sabia disso. Vim pensando nisso até chegar em casa.

— Muito bem. A gente se vê no próximo domingo. Ligue se precisar de mim antes disso.

Saio do carro sem agradecer à agente Lopez. É um gesto babaca, mas não consigo ser agradecido. Entro na cozinha de teto rebaixado e sou imediatamente atingido pelos cheiros: vômito velho penetra meu nariz e garganta, e me dá ânsia. Eu procuro pela fonte — creio que hoje é meu dia de sorte, porque meu pai conseguiu chegar à pia. Ele simplesmente não se incomodou em abrir a torneira depois. Coloco uma mão no rosto e uso a outra para mirar um jato d'água, mas não adianta. O troço endureceu a esta altura e não vai sair a não ser que eu esfregue.

Nós temos uma esponja em algum lugar. Provavelmente no armário embaixo da pia. Em vez de procurar, dou um chute. O que é bastante satisfatório, então, repito aquilo umas cinco ou dez vezes, cada vez com mais força até a madeira barata rachar e quebrar. Estou ofegante, respirando golfadas de ar fedendo a vômito, e tão de saco cheio de tudo isso, caralho, que seria capaz de matar alguém.

Algumas pessoas são tóxicas demais para viver. Simplesmente são.

Um som conhecido de arranhão vem da sala de estar — Stan, passando as garras no vidro do terrário, querendo comida. Eu aperto meia embalagem de detergente na pia e miro outro jato d'água em cima. Cuido do resto depois.

Depois, pego uma caixa com grilos vivos na geladeira, deixo cair dentro da jaula de Stan e vejo-os pular de um lado para o outro, sem noção do que o destino lhes reserva. Minha respiração desacelera, e a cabeça fica lúcida, mas isso não é exatamente uma boa notícia. Se não estou pensando numa merda sem tamanho, tenho que pensar em outra.

Assassinato coletivo. É uma teoria interessante. Acho que tenho que agradecer pelo fato de a polícia não ter tentado jogar toda a culpa em mim. Não ter pedido para os outros três concordarem com a cabeça e ganharem uma saída livre da prisão. Tenho certeza de que Cooper e a loura teriam adorado cooperar.

Bronwyn, talvez, não topasse.

Fecho os olhos e apoio as mãos em cima do terrário de Stan, pensando na casa de Bronwyn. Como era limpa e iluminada, e como ela e a irmã falavam entre si como se todas as partes interessantes da conversa fossem as coisas que as duas não diziam. Deve ser legal, após ser acusado de assassinato, voltar para um lugar como aquele.

Quando saio de casa e subo na moto, eu me convenço de que não sei para onde vou. Piloto sem rumo por quase uma hora. Quando

acabo na entrada de garagem da casa de Bronwyn, está na hora do jantar para pessoas normais, e não espero que ninguém saia.

Porém, estou errado. Alguém sai. É um homem alto de colete de lã e camisa xadrez, de óculos e cabelo curto e preto. Ele parece com um homem acostumado a dar ordens, e se aproxima de mim com um passo calmo e calculado.

— Nate, certo? — As mãos estão na cintura, e um relógio grande reluz no pulso. — Sou Javier Rojas, o pai de Bronwyn. Infelizmente, você não pode estar aqui.

Ele não parece puto, apenas focado. Mas também soa como se nunca tivesse falado tão sério na vida.

Eu tiro o capacete para o encarar.

— Bronwyn está?

Essa é a pergunta mais inútil de todos os tempos. É óbvio que ela está, e é óbvio que o pai não vai me deixar vê-la. Eu nem sei por que quero fazer isso, só sei que não posso. E que quero perguntar para Bronwyn: *É verdade? O que você fez? O que você não fez?*

— Você não pode estar aqui — repete Javier Rojas. — Tenho certeza de que você não quer mais envolvimento da polícia tanto quanto eu.

Ele está fazendo um bom trabalho em fingir que eu não seria seu pior pesadelo mesmo que não estivesse envolvido em uma investigação de assassinato ao lado da filha.

É isso, eu acho. Os limites estão traçados. Sou o desajustado, o bode expiatório óbvio disso tudo. Não há muito mais a dizer, então dou meia-volta com a moto e rumo para casa.

CAPÍTULO 9

Addy

Domingo, 30 de setembro, 17h30

Ashton destranca a porta do apartamento no centro de San Diego. É uma quitinete de quarto e sala, porque ela e Charlie não podem bancar nada maior. Especialmente com a dívida de um ano inteiro de faculdade de Direito que será difícil de quitar, ainda mais agora que o negócio de design gráfico de Ashton não decolou e que Charlie decidiu fazer documentários sobre a natureza em vez de ser advogado.

Mas não é sobre isso que estamos aqui para conversar.

Ashton faz café na cozinha, que é minúscula, mas uma graça: armários brancos, bancadas de granito preto reluzente, eletrodomésticos de aço inoxidável e luminárias em estilo retrô.

— Onde está Charlie? — pergunto, enquanto ela coloca leite e açúcar no meu café, que fica pálido e doce do jeito que gosto.

— Foi fazer escalada — responde Ashton, franzindo os lábios ao me passar a caneca.

Charlie tem um monte de hobbies de que Ashton não participa, e todos são caros.

— Vou ligar para ele e perguntar se ele conhece um advogado para você. Talvez um dos seus antigos professores conheça alguém.

Ashton insistiu em me levar para comer alguma coisa depois de sairmos da delegacia, e eu contei tudo a ela no restaurante — bem, quase tudo. A verdade sobre o rumor de Simon, pelo menos. Ashton tentou ligar para nossa mãe ao vir para cá, mas caiu na caixa postal e ela deixou uma mensagem enigmática do tipo *ligue-para-mim-assim-que-ouvir-este-recado*.

Mensagem que minha mãe ignorou. Ou não viu. Talvez eu deva dar a ela o benefício da dúvida.

Nós levamos o café à varanda de Ashton e nos instalamos em cadeiras vermelhas brilhantes em ambos os lados de uma mesinha. Fecho os olhos, tomo um gole grande do líquido quente e doce, e me forço a relaxar. Não funciona, mas continuo bebendo devagar até acabar. Ashton pega o telefone e deixa uma mensagem sucinta para

Charlie, depois tenta ligar para nossa mãe novamente.

— Ainda na caixa postal — suspira ela, e acaba com o próprio café.

— Ninguém em casa além de nós — digo, e, por algum motivo, isso me faz rir. Um pouquinho histericamente. Talvez eu esteja pirando.

Ashton apoia os cotovelos na mesa e entrelaça os dedos embaixo do queixo.

— Addy, você tem que contar para Jake o que aconteceu.

— Simon não publicou a atualização — comento baixinho, mas Ashton balança a cabeça.

— Esse post vai vazar. Talvez por fofoca, talvez quando a polícia falar com ele para pressionar você. Mas é algo que você precisa lidar no relacionamento, aconteça o que acontecer. — Ashton hesita e ajeita o cabelo atrás das orelhas. — Addy, tem alguma parte de você que *quer* que Jake descubra?

A indignação toma conta de mim. Ashton não dá uma trégua nessa perseguição contra Jake mesmo no meio de uma crise.

— Por que eu iria querer uma coisa dessas?

— Ele manda em tudo, não manda? Talvez você tenha se cansado disso. Eu teria.

— Certo, porque você é a especialista em relacionamentos — disparo. — Não vejo você e Charlie juntos há mais de um mês.

Ashton franze os lábios.

— A questão não sou eu. Você precisa contar para Jake, e logo. É melhor que ele não fique sabendo dessa história por outra pessoa.

Perco todo o ímpeto de discutir porque sei que minha irmã está certa. Esperar só vai piorar a situação. E já que a mamãe não retornou nossa ligação, é melhor arrancar o curativo de uma vez.

— Você me leva à casa dele?

De qualquer modo, recebi um bando de mensagens de Jake, perguntando como foram as coisas na delegacia. Eu provavelmente deveria estar me concentrando no aspecto criminal de toda a situação, mas, como sempre, minha mente está consumida por ele. Eu pego o telefone, abro as mensagens e mando uma: *Posso contar pessoalmente?*

Jake responde de imediato. “Only Girl” berra, o que parece inadequado para a conversa que está prestes a vir.

Claro.

Enxáguo as canecas enquanto Ashton pega as chaves e a bolsa. Entramos no corredor, Ashton tranca a porta ao sairmos, e dá um puxão na maçaneta para verificar se está trancada. Eu acompanho minha irmã ao elevador, com os nervos à flor da pele. Eu não deveria ter tomado aquele café. Mesmo que *tenha sido* em grande parte leite.

Passamos do meio do caminho para Bayview quando Charlie liga. Tento não prestar atenção à conversa cortada e concisa de Ashton, mas é impossível em um espaço tão confinado.

— Não estou pedindo para *mim* — diz ela em dado momento. — Será que você pode ser uma pessoa mais altruísta de vez em quando?

Eu me remexo no banco, pego o celular e vejo as mensagens. Keely mandou uma meia dúzia de recados sobre fantasias de Halloween, e Olivia está se martirizando se deve voltar ou não com Luis. De novo. Ashton finalmente desliga e fala, com bom humor forçado:

— Charlie vai fazer umas ligações sobre o advogado.

— Ótimo. Agradeça a ele por mim.

Sinto que deveria dizer mais, porém não sei o quê, e nós ficamos em silêncio. Ainda assim, eu prefiro passar horas no carro silencioso da minha irmã a ficar cinco minutos na casa de Jake, que surge diante de nós rápido demais.

— Não sei quanto tempo vai levar — digo para Ashton, quando ela para na entrada de garagem. — E talvez eu precise de uma carona para casa.

Meu estômago fica nauseado. Se eu não tivesse feito o que fiz com TJ, Jake insistiria em participar do que quer que aconteça a seguir. A situação inteira ainda seria assustadora, mas eu não teria que enfrentá-la sozinha.

— Estarei no Starbucks da Rua Clarendon — avisa Ashton, quando saio do carro. — Mande uma mensagem quando terminar.

Neste momento, eu fico arrependida de ter sido ríspida com minha irmã e de ter lhe dado aquela alfinetada sobre Charlie. Se ela não tivesse me pegado na delegacia, eu não sei o que teria feito. Mas Ashton sai de ré com o carro antes que eu consiga dizer qualquer coisa, e começo minha marcha lenta até a porta da frente da casa de Jake.

A mãe dele atende quando toco a campainha, e sorri de forma tão normal que quase penso que tudo vai ficar bem. Sempre gostei da Sra. Riordan. Ela era uma publicitária fodona até Jake entrar no ensino médio. Foi quando ela decidiu mudar de vida e se concentrar na família. Acho que, no fundo, minha mãe queria ser como a Sra. Riordan, com uma carreira glamorosa que não precisa seguir mais, e com um marido bonito e bem-sucedido.

O Sr. Riordan, no entanto, é capaz de ser intimidante. Ele é o tipo de homem que só aceita as coisas do seu jeito. Sempre que menciono isso, Ashton começa a murmurar que filho de peixe, peixinho é.

— Oi, Addy. Eu estou de saída, mas Jake está esperando você lá embaixo.

— Obrigada — agradeço ao passar por ela e entrar na sala.

Ouçõ a porta da casa ser trancada quando a Sra. Riordan sai, e a porta do carro bater enquanto desço as escadas até Jake. A família Riordan tem um porão decorado que é basicamente o domínio de Jake. O cômodo é enorme, e eles instalaram uma mesa de sinuca, uma

TV gigante e um monte de poltronas e sofás estofados então, nossos amigos ficam de bobeira aqui mais do que em qualquer outro lugar. Como sempre, Jake está esparramado no maior sofá com um controle de Xbox na mão.

— Ei, gata. — Ele pausa o jogo e endireita o corpo quando me vê.
— Como foi lá?

— Não foi bom — confesso, e começo a tremer.

O rosto de Jake está cheio de uma preocupação que eu não mereço. Ele fica de pé e tenta me puxar para me sentar ao seu lado, mas eu resisto dessa vez. Em vez disso, sento na poltrona ao lado do sofá.

— Acho que é melhor eu sentar aqui enquanto conto uma coisa.

Jake franze a testa. Ele volta a se sentar, na borda do sofá desta vez, com os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto me encara intensamente.

— Você está me assustando, Ads.

— Está sendo um dia assustador — revelo, enquanto enrolo uma mecha de cabelo no dedo. Minha garganta está seca como poeira. — A detetive queria falar comigo porque acha que eu... Ela acha que todos nós que estivemos na detenção com Simon naquele dia... o matamos. A polícia acredita que colocamos óleo de amendoim de propósito na água para que ele morresse.

Enquanto as palavras saem, me ocorre que eu talvez não devesse falar sobre essa parte, mas estou acostumada a contar tudo para Jake.

Ele me encara, perplexo, e solta uma risada curta.

— Meu Deus, isso não tem graça, Addy. — Jake quase nunca me chama pelo nome.

— Não estou brincando. Eles acham que fizemos isso porque Simon estava prestes a publicar um post no Falando Nisso sobre nós quatro. Um post que contaria coisas horríveis que nunca queríamos ver reveladas. — Estou tentada a contar primeiro as outras fofocas para ele (*viu, não sou a única pessoa horrível!*), mas não conto. — Há uma coisa sobre mim no site, uma verdade, que tenho que contar a você. Eu devia ter contado quando aconteceu, mas fiquei assustada demais.

Encaro fixamente o chão, e meus olhos se concentram em um fio solto no tapete azul felpudo. Se eu o puxasse, aposto que a parte inteira se desfiaria.

— Continue — encoraja Jake, num tom que não consigo interpretar.

Meu Deus. Como meu coração pode estar disparado assim e eu ainda estar viva? Ele deveria ter irrompido do peito a esta altura.

— No fim do último ano letivo, quando você estive em Cozumel com seus pais, eu esbarrei com TJ na praia. Nós tomamos uma garrafa de rum e acabamos ficando muito bêbados. Eu fui para a casa dele e, hã, nós ficamos.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e pingam nas clavículas.

— Ficaram como? — pergunta Jake, categórico.

Eu hesito e imagino se há alguma forma de fazer com que a situação soe menos terrível do que é. Mas aí Jake repete “ficaram como?” com tanto vigor que as palavras saem de mim.

— Nós transamos. — Choro tanto que mal consigo colocar as palavras para fora. — Desculpe, Jake. Eu cometi um erro estúpido e horrível, e estou muito, muito arrependida.

Jake não diz nada por um minuto. Quando fala, sua voz sai gelada:

— Você está arrependida, né? Que ótimo. Está tudo bem então. Desde que você esteja *arrependida*.

— Estou mesmo — começo a falar, mas, antes que eu continue, Jake se levanta de supetão e esmurra a parede atrás dele.

Não consigo evitar o grito assustado que escapa de mim. O gesso racha e provoca uma chuva de pó branco no tapete azul. Jake balança o punho e soca a parede com mais força.

— *Porra*, Addy. Você trepa com meu amigo meses atrás, mente pra mim todo esse tempo e está *arrependida*? Qual é o seu problema? Eu te trato como uma *rainha*.

— Eu sei. — Choramingo ao olhar para as manchas de sangue que os nós dos dedos de Jake deixaram na parede.

— Você me deixou andar com um cara que está se acabando de rir pelas minhas costas enquanto você pula da cama dele para a minha, como se nada tivesse acontecido. Fingindo que se importa comigo, porra.

Jake quase nunca fala palavrão na minha frente, e se fala, pede desculpas depois.

— Eu me importo! Jake, eu te amo. Eu sempre te amei, desde a primeira vez que te vi.

— Então por que você fez isso? *Por quê?*

Eu me fiz essa pergunta por meses e não encontrei nenhuma resposta além de desculpas capengas. *Eu estava bêbada, foi uma estupidez, me senti insegura*. Acho que essa última é a mais próxima da verdade; anos não sendo suficiente finalmente cobraram seu preço.

— Cometi um erro. Faria qualquer coisa para consertá-lo. Se pudesse apagá-lo, eu o apagaria.

— Mas não dá para apagar, não é? — pergunta Jake. Ele fica em silêncio por um minuto, com a respiração acelerada. Não ousa dizer mais uma palavra. — Olhe para mim. — Eu mantenho a cabeça nas mãos o máximo possível. — *Olhe* para mim, Addy. Você me deve isso, porra.

Eu devo, sim, mas queria não dever. O rosto de Jake — aquele rosto lindo que eu amo desde antes de estar tão bonito quanto agora

— está contorcido de raiva.

— Você arruinou tudo. Sabe disso, não sabe?

— Eu sei.

A resposta sai como um gemido, como se eu fosse um animal preso em uma armadilha. Se pudesse roer minha própria perna para escapar da situação, eu a roeria.

— Vá embora. Vá embora da minha casa, porra. Não consigo olhar pra você.

Não sei como subo as escadas, nem como saio porta afora. Assim que estou na entrada da garagem, fuço a mochila, tentando achar meu celular. Não há como ficar ali chorando enquanto espero por Ashton. Preciso andar até a Rua Clarendon e encontrá-la. Então, um carro do outro lado da rua buzina baixinho, e, no meio da confusão de lágrimas, eu vejo minha irmã baixar o vidro da janela.

Ashton faz uma expressão triste quando me aproximo.

— Imaginei que isso fosse acontecer. Vamos, entre. A mamãe está esperando por nós.

PARTE DOIS

PIQUE-ESCONDE

CAPÍTULO 10

Bronwyn

Segunda-feira, 1º de outubro, 7h30

Eu me apronto para o colégio na segunda-feira do mesmo jeito de sempre. De pé às seis, para poder correr por meia hora. Mingau de aveia com frutas silvestres e suco de laranja às seis e meia, um banho de dez minutos. Seco o cabelo, escolho as roupas, passo filtro solar. Dou uma olhada no *New York Times* por dez minutos. Verifico os e-mails, coloco livros na mochila e garanto que o celular esteja plenamente carregado.

A única coisa diferente é a reunião das sete e meia com minha advogada.

O nome dela é Robin Stafford, e, de acordo com meu pai, é uma advogada criminalista brilhante e muito bem-sucedida. Mas não é *superfamosa*. Não é o tipo de profissional automaticamente associada a ricos culpados tentando pagar para se livrar de alguma encrenca. Ela é pontual e me dá um sorriso afetuoso quando Maeve a conduz até a cozinha.

Eu não conseguiria dizer a idade da minha advogada ao olhar para ela, mas a biografia que meu pai me mostrou ontem à noite diz que Robin Stafford tem 41 anos. Ela usa um *tailleur* cor de creme que se destaca na pele negra, joias de ouro discretas e sapatos que parecem caros, mas não no nível Jimmy Choo.

A advogada se senta à ilha da cozinha, diante de meus pais e de mim.

— Bronwyn, é um prazer. Vamos conversar sobre o que você deve esperar hoje e como deve lidar com o colégio.

Claro. Porque esta é a minha vida agora. O colégio é uma coisa com a qual devo *lidar*.

Ela entrelaça as mãos diante de si.

— Não acredito que a polícia realmente ache que vocês quatro planejaram isso juntos, mas creio que eles esperam assustar e pressionar um de vocês a dar informações úteis. O que indica que a evidência que a polícia tem é frágil, na melhor das hipóteses. Se

nenhum de vocês apontar culpados e as histórias se alinharem, eles não têm para onde levar esta investigação, e acredito que, no fim das contas, o caso será arquivado como morte acidental.

O torno que vinha apertando meu peito a manhã inteira se solta um pouco.

— Mesmo que Simon estivesse prestes a postar aquelas coisas horríveis sobre nós? E que haja todo aquele lance do Tumblr rolando?

Robin deu de ombros de maneira elegante.

— No fim das contas, aquilo não é nada além de fofocas e trolagem. Sei que vocês, jovens, levam isso a sério, mas no mundo legal as postagens não significam nada, a não ser que provas concretas surjam para corroborá-las. A melhor coisa que você pode fazer é não falar sobre o caso. Certamente não com a polícia, mas também não com a administração do colégio.

— E se eles perguntarem?

— Diga que você arrumou uma advogada e não pode responder a perguntas sem ela estar presente.

Eu me imaginei tendo essa conversa com a diretora Gupta. Não sei o que o colégio ouviu falar do caso, mas exercer meu direito constitucional de ficar calada seria tremendamente suspeito.

— Você é amiga dos outros jovens que estavam na detenção naquele dia? — pergunta Robin.

— Não exatamente. Eu e Cooper temos algumas aulas juntos, mas...

— Bronwyn. — Minha mãe interrompe com frieza na voz. — Você é tão amiga de Nate Macauley que ele apareceu aqui ontem à noite. Pela *terceira* vez.

Robin se endireita na cadeira, e eu fico corada. Esse foi um grande tópico de discussão na noite passada após meu pai ter feito Nate ir embora. Papai achou que ele se aproximou do nosso endereço de uma forma meio sinistra, então eu tive que dar algumas explicações.

— Por que Nate esteve aqui três vezes, Bronwyn? — pergunta Robin, com um ar interessado e educado.

— Não é nada demais. Ele me deu carona para casa no dia que Simon morreu. Depois passou aqui na sexta-feira para ficar de papo por um tempo. E não sei o que ele veio fazer ontem à noite, já que ninguém me deixou falar com ele.

— É o “ficar de papo” enquanto seus pais não estão em casa que me perturba... — começa a falar minha mãe, mas Robin a interrompe.

— Bronwyn, qual é a natureza do seu relacionamento com Nate?

Eu não faço ideia. Talvez você pudesse me ajudar a analisá-lo? Isso faz parte do seu serviço?

— Eu mal o conheço. Não falava com ele há anos antes da semana passada. Estamos os dois nesta situação esquisita e... ajuda estar cercado de outras pessoas que estão passando pela mesma coisa.

— Recomendo manter distância dos demais — aconselha Robin, que ignora o olhar feio da mamãe na minha direção. — Não há necessidade de fornecer mais munição para as teorias da polícia. Se seu celular e e-mail forem examinados, eles mostrarão comunicações recentes com esses outros três estudantes?

— Não — respondo sinceramente.

— Isso é uma ótima notícia. — Ela dá uma olhadela para o relógio, um fino Rolex de ouro. — Bem, por ora, é tudo que podemos abordar se você quiser chegar ao colégio na hora, que é o que deve fazer. Tudo como de costume. — Robin me dá aquele sorriso afetuoso novamente. — Vamos conversar mais detalhadamente depois.

Eu me despeço dos meus pais, sem conseguir encará-los, e chamo Maeve enquanto pego as chaves do Volvo. Passo o trajeto inteiro me preparando para que algo horrível aconteça assim que chegarmos ao colégio, mas está tudo estranhamente normal. Não há policiais esperando por mim. Ninguém está me olhando de maneira diferente do que eles vêm fazendo desde que saiu a primeira postagem no Tumblr.

Ainda assim, só estou meio atenta ao falatório de Kate e Yumiko após a chamada, e meus olhos vasculham o corredor. Só há uma pessoa com quem quero falar, embora seja exatamente de quem eu deveria me manter longe.

— Vejo vocês mais tarde, ok? — murmuro, e intercepto Nate após ele entrar na escada dos fundos.

Se Nate está surpreso em me ver, não demonstra.

— Bronwyn. Como vai a família?

Eu me apoio na parede ao lado de Nate e abaixo a voz.

— Quero me desculpar por meu pai ter feito você ir embora ontem à noite. Ele está meio surtado com tudo isso.

— Não é à toa. — Nate abaixa a voz também. — Você já foi revistada?

Arregalo os olhos, e ele dá uma risada cruel.

— Não imaginei que fosse. Eu fui. Você provavelmente não deveria estar falando comigo, certo?

Eu não consigo evitar olhar ao redor para a escadaria vazia. Já estou paranoica, e Nate não está ajudando. Eu tenho que continuar me lembrando que nós, aliás, não conspiramos para cometer nenhum assassinato.

— Por que você foi me visitar?

Os olhos de Nate vasculham os meus, como se ele estivesse prestes a dizer algo profundo sobre a vida e a morte e a presunção de inocência.

— Ia pedir desculpas por ter roubado o menino Jesus de você.

Eu recuo um pouco. Não faço ideia do que ele está falando. Nate

está fazendo alguma espécie de alegoria religiosa?

— O quê?

— No Auto de Natal do quarto ano, no São Pio. Roubei Jesus, e você teve que carregar uma bolsa embrulhada num cobertor. Desculpe por aquilo.

Olho estupefata para ele por um segundo, enquanto a tensão sai de mim e me deixa de corpo mole e ligeiramente tonta. Dou um soco no ombro de Nate, que leva um susto tão grande que chega a rir.

— Eu sabia que tinha sido você. Por que fez aquilo?

— Pra te tirar do sério. — Ele sorri para mim, e, por um segundo, eu esqueço tudo, a não ser o fato de que Nate Macauley ainda tem um sorriso adorável. — E também queria falar com você sobre... tudo isso. Mas acho que é tarde demais. Você já deve estar com advogado a essa altura, certo?

O sorriso dele desaparece.

— Sim, mas... eu quero falar com você também.

Toca o sinal, e puxo o telefone. Depois me lembro de Robin ter perguntado sobre registros de comunicação entre nós quatro, e enfio o aparelho de volta na mochila. Nate percebe o gesto e solta outro riso sem graça.

— É, trocar números é uma ideia de merda. A não ser que você queira usar isso.

Ele enfia a mão na mochila e me entrega um celular de flip, que eu pego cautelosamente.

— O que é isso?

— Um telefone reserva. Eu tenho alguns.

Passo o polegar pela capa e me vem a ideia do possível uso do celular, e Nate acrescenta rapidamente:

— É um telefone novo. Ninguém vai ligar para ele ou coisa do gênero. Mas eu tenho o número. Vou te ligar. Você pode atender ou não. É com você. — Ele faz uma pausa e acrescenta: — Só não deixe, tipo, o aparelho por aí. Se eles conseguirem um mandado para confiscar seu telefone e computador, isto é tudo que eles podem tocar. Não podem vasculhar a casa inteira.

Tenho certeza de que minha advogada caríssima me diria para não aceitar conselhos legais vindos de Nate Macauley. E ela provavelmente teria algo a comentar sobre o fato de que ele tem um estoque aparentemente inesgotável dos mesmos telefones descartáveis que nos levaram à detenção na semana passada. Mas eu coloco o aparelho na mochila mesmo assim.

Cooper

Segunda-feira, 1º de outubro, 11h

É quase um alívio estar no colégio. Melhor do que ficar em casa, onde o Pai passou horas reclamando que Simon é mentiroso, que a polícia é incompetente, que o colégio devia estar respondendo por causa dessa situação e que os advogados vão custar uma fortuna que não temos.

Ele não perguntou se nada daquilo era verdade.

Estamos em um limbo esquisito agora. Tudo é diferente, mas parece a mesma coisa. A não ser por Jake e Addy, que estão andando por aí, como se quisessem matar e morrer, respectivamente. Bronwyn me dá o sorriso menos convincente de todos os tempos no corredor, com lábios tão franzidos que quase desaparecem. Não vi Nate em lugar algum.

Todos estamos esperando que algo aconteça, eu suponho.

Depois da aula de educação física, algo acontece, mas não tem nada a ver comigo. Meus amigos e eu estamos a caminho do vestiário após jogar futebol, ficando para trás de todo mundo, e Luis não para de falar sobre uma caloura nova de quem ele não tira o olho. O professor de educação física abre a porta para deixar um bando de moleques entrar, quando Jake subitamente gira o corpo, pega TJ pelo ombro e dá um soco no seu rosto.

É claro. O “TF” no Falando Nisso é TJ Forrester. A falta do *J* me confundiu.

Eu seguro os braços de Jake e o puxo para trás antes que ele consiga dar outro soco, mas Jake está tão furioso que quase escapa de mim antes de Luis vir ajudar. Mesmo assim, nós dois mal conseguimos contê-lo.

— Seu *babaca* — vocifera Jake para TJ, que cambaleia, mas não cai.

TJ leva a mão ao nariz arruinado, que sangra e provavelmente está quebrado. Ele não faz esforço algum para revidar.

— Jake, pare com isso, cara — digo, enquanto o professor de educação física corre até nós. — Você vai ser suspenso.

— Vale a pena — retruca Jake, com amargura.

Então, em vez de a grande notícia de hoje ser sobre Simon, é sobre Jake Riordan ter sido mandado para casa por ter socado TJ Forrester depois da aula de educação física. E, como Jake se recusou a falar com Addy antes de ir embora, e ela está praticamente às lágrimas, todo mundo tem certeza do motivo.

— Como ela pôde fazer isso? — murmura Keely na fila do almoço, enquanto Addy arrasta os pés, como uma sonâmbula.

— Nós não sabemos a história toda — saliento.

Acho que é uma boa Jake não estar aqui, uma vez que Addy se senta conosco durante o almoço, como sempre. Não sei se ela teria coragem, caso contrário. Mas Addy não fala com ninguém, e ninguém fala com ela. Eles deixam isso bem claro. Vanessa, que sempre foi a

mais venenosa do grupo, dá as costas para Addy quando ela se senta ao seu lado. Até mesmo Keely não faz nenhum esforço em incluir Addy na conversa.

Bando de hipócritas. Luis apareceu no aplicativo de Simon pela mesma merda, e Vanessa tentou bater uma punheta para mim numa festa à beira da piscina no mês passado, então, os dois não deveriam estar julgando ninguém.

— Como vai, Addy? — pergunto, e ignoro os olhares feios do restante da mesa.

— Não seja educado, Cooper. — Ela mantém a cabeça baixa, e a voz tão miúda que mal consigo escutá-la. — É pior se a pessoa for educada.

— Addy. — Toda a frustração e medo que venho sentindo entram na minha voz, e, quando ela ergue o olhar, uma onda de compreensão passa por nós. Há um milhão de coisas que deveríamos estar conversando, mas não podemos dizer nenhuma delas. — Vai ficar tudo bem.

Keely põe a mão no meu braço e pergunta:

— O que *você* acha?

E me dou conta de que perdi uma conversa inteira.

— Sobre o quê?

Ela me balança levemente.

— Sobre o Halloween! Quem nós vamos ser na festa de Vanessa?

Estou desorientado, como se eu tivesse acabado de ser jogado dentro de um reluzente mundo de videogame, onde tudo é muito brilhante e eu não compreendo as regras.

— Cruze, Keely, sei lá. Qualquer coisa. O Halloween é quase daqui a um mês.

Olivia estala a língua em desaprovação.

— Bem típico dos homens. Vocês não fazem ideia de como é difícil encontrar uma fantasia que seja sexy, mas não seja de vadia.

Luis mexe as sobancelhas na direção dela.

— Vá de vadia, então — sugere ele, e Olivia dá um soco em seu braço.

O refeitório está abafado demais, quase quente, e eu seco a testa úmida enquanto troco outro olhar com Addy. Keely me cutuca.

— Me dá o seu telefone.

— O quê?

— Quero ver aquela foto que tiramos na semana passada, em Seaport Village? A mulher no vestido com franjas. Ela estava fantástica. Talvez eu consiga fazer algo parecido.

Eu dou de ombros, pego o telefone, desbloqueio e passo para ela. Keely aperta meu braço ao abrir as fotos.

— Você ficaria muito gato num daqueles ternos de mafioso.

Ela passa o celular para Vanessa, que solta um “ohhh!” emocionado e exagerado. Addy empurra a comida no prato sem nunca levar o garfo à boca, e estou prestes a perguntar se ela quer que eu pegue outra coisa qualquer quando meu telefone toca.

Vanessa fica com o celular e dá um muxoxo de desdém:

— Quem resolve ligar durante o *almoço*? Todo mundo que você conhece já está aqui! — Ela olha para a tela e depois para mim. — Ah, Cooper. Quem é *Kris*? Será que Keely tem que ficar com ciúmes?

Eu demoro a responder por alguns segundos, depois respondo rápido demais:

— Só, hã, um cara que conheço. Do beisebol.

Meu rosto inteiro fica quente e irritadiço quando pego o telefone da mão de Vanessa e mando a ligação para a caixa postal. Queria muito atendê-la, mas agora não é o momento.

Ela ergue a sobrancelha.

— Um cara que se chama *Chris* com um *K*?

— É. Ele é... alemão.

Meu Deus. Pare de falar. Coloco o telefone no bolso e me volto para Keely cujos lábios estão ligeiramente abertos, como se estivesse prestes a fazer uma pergunta.

— Eu ligo para ele depois. Então, um vestido de franjas, hein?

Estou prestes a ir para casa após o último sinal quando o treinador Ruffalo me para no saguão.

— Você não se esqueceu da nossa reunião, certo?

Bufo de frustração porque sim, me esqueci. O Pai está saindo mais cedo do trabalho para nos reunirmos com um advogado, mas meu treinador quer falar sobre o recrutamento universitário. Estou dividido, porque tenho certeza de que o Pai gostaria que eu fosse às duas reuniões ao mesmo tempo. Como não é possível, eu acompanho o treinador Ruffalo e calculo que será rápido. O gabinete dele é próximo ao ginásio e tem cheiro de vinte anos de atletas passando por ali. Em outras palavras, não cheira bem.

— Meu telefone não para de tocar por sua causa, Cooper — diz o técnico, enquanto me sento diante dele, numa cadeira torta de metal que range com meu peso. — A UCLA, Louisville e Illinois estão oferecendo bolsas de estudos integrais. Estão exigindo um comprometimento para novembro, embora eu tenha respondido que não dá para você tomar uma decisão antes da primavera. — Ele nota a minha expressão e acrescenta: — É bom manter opções abertas. Obviamente, o recrutamento pela liga profissional é uma possibilidade real, mas, quanto mais interesse houver em nível universitário, mais atraente você será para os grandes times.

— Sim, senhor.

Não é com a estratégia de recrutamento que estou preocupado. É como essas universidades reagirão se o lance no aplicativo de Simon for revelado. Ou se toda essa situação degringolar e eu continuar a ser investigado pela polícia. Será que todas essas ofertas vão sumir ou sou inocente até que provem o contrário? Não sei se devo falar tudo isso para o treinador Ruffalo.

— É só que... é meio difícil organizar todas as ofertas.

Ele pega uma pilha de papéis grampeados e sacode para mim.

— Eu fiz isso por você. Aqui está uma lista de cada universidade com quem mantive contato e a oferta atual. Destaquei aquelas que acho que se encaixam melhor ou que serão mais impressionantes para os grandes times. Eu não colocaria necessariamente a Universidade Estadual da Califórnia ou sua filial de Santa Barbara na lista de candidatos, mas ambas são locais e estão oferecendo visitas às instalações. Se você quiser marcar em algum fim de semana, me avise.

— Ok. Eu... eu tenho alguns lances de família, então, talvez fique meio ocupado por um tempo.

— Claro, claro. Sem pressa, sem pressão. Tudo depende de você, Cooper.

As pessoas sempre dizem isso, mas não parece verdade. Sobre nada.

Eu agradeço e vou para o corredor quase vazio. Estou com o telefone na mão e a lista na outra, e estou tão perdido em meus pensamentos enquanto olho para os dois que quase atropelo alguém no caminho.

— Foi mal — me desculpo ao perceber a figura frágil que abraça uma caixa. — Hã... ei, Sr. Avery. Precisa de ajuda para carregar isso?

— Não, obrigado, Cooper.

Eu sou bem mais alto do que ele e, quando olho para baixo, não vejo nada além de pastas na caixa. Acho que consigo levá-las. O Sr. Avery franze os olhos lacrimosos quando vê meu telefone.

— Eu não gostaria de interromper suas *mensagens*.

— Eu estava apenas... — Paro de falar, uma vez que explicar que estou atrasado para a reunião com o advogado não vai me render pontos.

O Sr. Avery funga o nariz e ajusta a pegada na caixa.

— Eu não compreendo vocês, jovens. Tão obcecados com suas telas e *fofocas*.

Ele faz uma careta, como se a palavra tivesse um gosto ruim, e não sei o que dizer. Será que ele está falando de Simon? Imagino se a polícia se deu ao trabalho de interrogá-lo neste fim de semana, ou se ele foi desqualificado por não ter um motivo. Que eles saibam, de qualquer forma.

O Sr. Avery se sacode, como se também não soubesse do que está falando.

— Deixe para lá. Se me dá licença, Cooper.

Tudo que ele tem a fazer para passar por mim é dar um passo para o lado, mas acho que este trabalho é meu.

— Certo — digo ao sair do caminho.

Vejo-o arrastar os pés pelo corredor, e decido deixar minhas coisas no armário e ir para o carro. Já estou bastante atrasado, na verdade.

Estou parado no semáforo vermelho antes da minha casa quando o telefone apita. Eu baixo os olhos esperando ler uma mensagem de Keely, porque, de alguma forma, acabei prometendo que nos veríamos hoje à noite para planejar as fantasias de Halloween. Mas é uma mensagem da minha mãe.

Encontre conosco no hospital. A Vovó teve um ataque cardíaco.

CAPÍTULO 11

Nate

Segunda-feira, 1º de outubro, 23h50

Dei várias ligações para os meus fornecedores, na manhã de hoje, para contar que ficarei inativo por um tempo. Depois joguei fora aquele telefone. Ainda tenho alguns. Eu geralmente pago em dinheiro por um monte de celulares no Walmart e alterno entre eles por alguns meses, antes de substituí-los.

Então, após assistir ao máximo de filmes japoneses de horror que consigo aguentar e já ser quase meia-noite, eu pego um novo aparelho e ligo para aquele que dei para Bronwyn. Ele toca seis vezes antes de ela atender nervosa à beça.

— Alô?

Fico tentado a disfarçar a voz e perguntar se posso comprar um saco de heroína para zoar com Bronwyn, mas ela provavelmente jogaria o telefone fora e jamais falaria comigo de novo.

— Ei.

— Está tarde — diz Bronwyn, em tom de acusação.

— Você estava dormindo?

— Não — admite ela. — Não consigo.

— Nem eu.

Nenhum de nós diz alguma coisa por um minuto. Estou esparramado na cama com dois travesseiros finos atrás de mim, olhando fixamente para a imagem pausada na tela de créditos em japonês. Eu desligo o filme e navego pelo guia de programação.

— Nate, você se lembra da festa de aniversário de Olivia Kendrick no quinto ano?

Eu me lembro, sim. Foi a última festa de aniversário no São Pio a que fui na vida, antes de meu pai me tirar do colégio porque nós não podíamos mais pagar. Olivia convidou a turma inteira e fez uma caça ao tesouro no quintal e no bosque dos fundos. Bronwyn e eu estávamos na mesma equipe, e ela encarou as pistas como se fosse um emprego e estivesse atrás de uma promoção. Vencemos, e nós cinco ganhamos um cartão de vale-presente de 25 dólares da loja do iTunes.

— Sim.

— Acho que aquela foi a última vez que nos falamos antes de tudo isso.

— Talvez.

Eu me lembro melhor do que Bronwyn imagina, provavelmente. No quinto ano, meus amigos começaram a notar as garotas, e, em dado momento, todos eles tiveram namoradas por, tipo, uma semana. Uma bobagem de criança onde eles chamavam uma menina para sair, ela dizia sim, e depois eles se ignoravam. Enquanto andávamos pelo bosque de Olivia, eu vi o rabo de cavalo de Bronwyn balançando na minha frente e imaginei o que ela diria se eu a pedisse em namoro. Só que não fiz isso.

— Para onde você foi depois do São Pio? — pergunta ela.

— Granger.

O São Pio durou até o oitavo ano, então, só fui estar novamente no mesmo colégio de Bronwyn no ensino médio. Àquela altura, ela já tinha virado uma das melhores alunas da escola.

Bronwyn faz uma pausa, como se esperasse que eu continuasse, e dá uma risadinha.

— Nate, por que você me ligou se só vai dar respostas monossilábicas para tudo?

— Talvez você não esteja fazendo as perguntas certas.

— Ok. — Outra pausa. — Você fez aquilo?

Não preciso perguntar o que ela quer dizer.

— Sim e não.

— Você terá que ser mais específico.

— Sim, eu vendi drogas durante a liberdade condicional *por* vender drogas. Não, não coloquei óleo de amendoim no copo de Simon Kelleher. Você?

— Mesma coisa — diz Bronwyn baixinho. — Sim e não.

— Então você roubou o teste?

— Sim.

A voz dela treme, e, se Bronwyn começar a chorar, eu não sei o que farei. Vou fingir que a ligação caiu, talvez. Mas ela se controla e continua:

— Estou realmente envergonhada. E com muito medo de que as pessoas descubram.

Bronwyn parece toda preocupada mesmo, então eu não deveria rir, mas não consigo evitar.

— Pelo visto você não é perfeita. E daí? Bem-vinda ao mundo de verdade.

— Eu conheço o mundo de verdade. — A voz dela é fria. — Eu não vivo numa bolha. Estou arrependida pelo que fiz, só isso.

Bronwyn provavelmente está arrependida sim, mas essa não é a

verdade completa. A realidade é mais confusa do que isso. Ela teve meses para confessar se realmente estivesse atormentada pelo que fez, mas não confessou. Não sei por que é tão difícil para as pessoas admitirem que, às vezes, são simplesmente babacas que fazem merda porque não esperam ser descobertas.

— Você parece mais preocupada com o que os outros vão pensar — digo.

— Não há nada de errado em se preocupar com o que os outros pensam. Isso mantém a pessoa longe de viver em *liberdade condicional*.

Meu telefone principal apita. Ele está ao lado da cama, na mesinha de cabeceira arranhada que cambaleia toda vez que toco nela porque está sem a pontinha de uma perna e sou preguiçoso demais para consertá-la. Eu rolo para ler uma mensagem de Amber: *Tá a fim?* Estou prestes a dizer para Bronwyn que tenho que ir quando ela suspira.

— Foi mal. Golpe baixo. É só que... é mais complicado do que isso, para mim. Eu desapontei meus pais, mas é pior para o meu pai. Ele está sempre lutando contra os estereótipos porque não é daqui. Ele construiu esta grande reputação, e eu posso arruinar tudo com uma única jogada imbecil.

Estou prestes a contar para ela que ninguém pensa assim. A família dela parece bem intocável do meu ponto de vista. Mas acho que todo mundo tem que lidar com problemas, e eu não conheço os dela.

— De onde seu pai é? — pergunto em vez disso.

— Ele nasceu na Colômbia, mas se mudou para cá aos 10 anos.

— E sua mãe?

— Ah, a família dela está aqui desde sempre. Quarta geração de irlandeses ou algo assim.

— A minha também — digo. — Mas minha reputação indo por água abaixo não surpreende ninguém.

Bronwyn suspira.

— Isto é surreal, não é? Que alguém possa imaginar que um de nós realmente *matou* Simon.

— Você está acreditando na minha palavra? — pergunto. — Estou em *liberdade condicional*, lembra?

— É, mas eu estava lá quando você tentou ajudar Simon. Teria que ser um ator muito bom para fingir aquilo.

— Se sou suficientemente sociopata para matar Simon, eu posso fingir qualquer coisa, certo?

— Você não é um sociopata.

— Como você sabe? — provoco como se estivesse zoando, mas realmente quero saber a resposta.

Sou o cara que foi revistado. *O desajustado e o bode expiatório óbvio disso tudo*, como a agente Lopez deixou claro. Alguém que mente

sempre que é conveniente e que faria isso num piscar de olhos para salvar a própria pele. Não sei como tudo isso vira confiança para alguém com quem não falo há seis anos.

Bronwyn não responde imediatamente, e eu paro de navegar na programação ao encontrar o Cartoon Network para ver um trequinho de um programa novo qualquer com um moleque e uma cobra. Não parece promissor.

— Eu me lembro de como você costumava cuidar de sua mãe — diz ela, finalmente. — Quando ela aparecia no colégio e agia... você sabe. Como se estivesse doente ou algo assim.

Como se estivesse doente ou algo assim. Acho que Bronwyn talvez esteja se referindo à ocasião em que minha mãe gritou com a irmã Flynn durante a reunião de pais e responsáveis, e acabou arrancando todos os nossos desenhos das paredes. Ou à forma como ela chorava no meio-fio enquanto esperava para me pegar após o treino de futebol. Tem muita coisa para escolher.

— Eu realmente gostava da sua mãe — revela Bronwyn, com hesitação, quando não respondo. — Ela costumava falar comigo como se eu fosse adulta.

— Minha mãe falava palavrões para você, quer dizer — falo, e Bronwyn ri.

— Sempre pensei que era mais como se ela estivesse falando palavrões *comigo*.

Algo na forma como Bronwyn diz isso me afeta. Como se ela conseguisse enxergar a pessoa embaixo de toda aquela merda.

— Minha mãe gostava de você.

Penso sobre Bronwyn na escada hoje, com o cabelo ainda naquele rabo de cavalo reluzente e o rosto radiante. Como se tudo fosse interessante e valesse sua atenção. *Se minha mãe estivesse aqui, ela gostaria de você agora.*

— Sua mãe costumava me dizer... — Bronwyn faz uma pausa. — Ela disse que você só me provocava tanto porque era a fim de mim.

Eu dou uma olhadela para a mensagem de Amber, ainda sem resposta.

— Talvez eu fosse. Não me lembro.

Como eu disse. Minto sempre que é conveniente.

Bronwyn fica quieta por um minuto.

— Eu tenho que ir. Vou tentar dormir um pouco.

— É. Eu também.

— Acho que veremos o que acontece amanhã, né?

— Acho que sim.

— Bem, tchau. E, hã, Nate? — Ela fala rapidamente, com pressa. — Eu era a fim de *você* naquela época. Se é que essa informação vale de alguma coisa. Não deve valer de nada, provavelmente. Mas, de

qualquer forma, para você saber. Então, boa noite.

Depois que Bronwyn desliga, eu coloco o celular na mesinha de cabeceira e pego o outro. Releio a mensagem de Amber e digito *Chega aí*.

Bronwyn é ingênua se acha que sou mais complexo do que aparento ser.

Addy

Quarta-feira, 3 de outubro, 7h50

Ashton continua me obrigando a ir ao colégio. Minha mãe não está nem aí. Segundo ela, eu arruinei todas as nossas vidas, então, não importa muito o que eu faça. Minha mãe não fala essas palavras exatamente, mas estão impressas no seu rosto sempre que olha para mim.

— Cinco mil dólares só para falar com um advogado, Adelaide — reclama ela comigo, durante o café da manhã na quarta-feira. — Espero que você saiba que esse dinheiro está saindo da sua poupança para a faculdade.

Eu reviraria os olhos se tivesse forças. Nós duas sabemos que eu não tenho uma poupança para a faculdade. Ela ficou pendurada no telefone com meu pai em Chicago há dias, enchendo o saco dele pelo dinheiro. Meu pai não tem muita grana sobrando, graças à sua segunda família, mais jovem, porém provavelmente vai mandar pelo menos metade do valor para calar a boca da minha mãe e se sentir bem por ser um pai participativo.

Jake continua sem falar comigo, e sinto tanta falta dele que parece que uma explosão nuclear abriu um buraco em mim e não deixou nada além de cinzas flutuando dentro de ossos quebradiços. Mandeí dezenas de mensagens que não estão apenas sem resposta; estão sem visualização. Ele me excluiu do Facebook e deixou de me seguir no Instagram e no Snapchat. Está fingindo que não existo, e começo a achar que ele tem razão. Se não sou a namorada de Jake, quem sou eu?

Ele deveria ter ficado suspenso a semana inteira por bater em TJ, mas os pais armaram uma confusão, argumentando que a morte de Simon deixou todo mundo nervoso, então, pelo visto Jake volta hoje. A ideia de vê-lo me deixa tão enjoada que decidi ficar em casa. Ashton teve que me arrancar da cama. Ela está ficando conosco indefinidamente, por enquanto.

— Você não vai definhar e morrer por causa disso, Addy — diz Ashton, em tom de sermão, enquanto me empurra para o banho. — Ele não vai te apagar do mundo. Meu Deus, você cometeu um erro

idiota. Não é como se você tivesse assassinado alguém.

Ela dá uma risadinha sarcástica e acrescenta:

— Bem, acho que isso ainda resta saber.

Ah, o humor negro em nossa casa agora. Quem imaginava que as irmãs Prentiss tinham talento para serem sequer um pouco engraçadas?

Ashton me leva de carro ao Colégio Bayview e me deixa na entrada.

— Mantenha a cabeça erguida — aconselha ela. — Não permita que aquele controlador hipócrita te deixe deprimida.

— Cruzes, Ash. Eu realmente traí Jake, sabe. Ele não está sem razão.

Ela franze bem os lábios.

— Ainda assim.

Saio do carro e tento reunir coragem para enfrentar o dia. O colégio costumava ser tão fácil. Eu fazia parte de tudo sem sequer me esforçar. Agora mal me seguro na beirada de quem eu era, e, quando vejo um reflexo em uma janela, eu mal reconheço a garota que devolve o olhar. Ela está usando as minhas roupas — o tipo de top colante e calças jeans justas que Jake gosta —, mas o rosto encovado e o olhar sem vida não combinam com o visual.

Meu cabelo pelo menos está um escândalo. Só isso conta a meu favor.

Apenas uma pessoa parece estar pior do que eu no colégio: Janae. Ela deve ter perdido 5 quilos desde que Simon morreu, e sua pele está horrível. O rímel escorre o tempo todo, então, creio que ela chora no banheiro entre as aulas tanto quanto eu. É surpreendente que a gente não tenha se esbarrado ainda.

Assim que entro no corredor, vejo Jake no armário dele. Fico pálida e tão zozna que chego a cambalear ao andar na sua direção. A expressão dele é calma e preocupada enquanto gira o segredo da tranca. Por um segundo, torço para que tudo fique bem, que o tempo longe do colégio tenha ajudado Jake a se acalmar e me perdoar.

— Oi, Jake — cumprimento.

O rosto dele muda instantaneamente: de neutro para furioso. Ele escancara a porta do armário com uma expressão de desprezo, retira um monte de livros e o enfia na mochila. Depois bate a porta, coloca a mochila nos ombros e me dá as costas.

— Você algum dia vai voltar a falar comigo? — pergunto.

Minha voz está miúda, ofegante. Patética.

Jake se vira e me lança um olhar tão cheio de ódio que dou um passo para trás.

— Não se eu puder evitar.

Não chore. Não chore. Todo mundo está me olhando quando Jake vai embora. Eu percebo Vanessa dando um sorrisinho irônico a alguns

armários de distância. Ela está *adorando* esta situação. Como pude algum dia pensar que Vanessa era minha amiga? Ela provavelmente vai correr atrás de Jake em breve, se é que já não o fez. Tropeço na frente do meu próprio armário e estendo a mão até a tranca. Levo alguns segundos para que as letras escritas com marcador preto façam sentido.

PUTA.

Risadas abafadas me cercam enquanto meus olhos acompanham o traço que corta o A. É um garrancho distinto e torto. Eu fiz dezenas de pôsteres pedindo apoio para os Bayview Wildcats com Vanessa e impliquei com os As esquisitos que ela faz. Vanessa nem tentou esconder. Acho que ela queria que eu soubesse.

Eu me esforço para andar, e não correr, até o banheiro mais próximo. Há duas garotas paradas diante do espelho, ajeitando a maquiagem, e eu passo correndo por elas até a última cabine. Desmorono no vaso sanitário e choro em silêncio, com a cabeça enfiada nas mãos.

O primeiro sinal toca, mas fico onde estou, com lágrimas descendo pelas bochechas até que acabem. Abraço meus joelhos e abaixo a cabeça. Permaneço imóvel quando o segundo sinal toca e as garotas entram e saem do banheiro novamente. Trechos de conversas flutuam pelo ambiente, e, sim, alguns são sobre mim. Eu enfio os dedos nos ouvidos e tento não escutar.

No meio do terceiro período, eu me desenrosco e fico de pé. Destranco a porta da cabine, vou ao espelho e afasto o cabelo do rosto. O rímel foi embora, mas estou ali há tanto tempo que meus olhos não estão mais inchados. Encaro o reflexo e tento reorganizar as ideias espalhadas. Não posso lidar com as aulas hoje. Eu poderia ir à sala da enfermeira e alegar que estou com dor de cabeça, mas não me sinto à vontade lá agora que sou suspeita de ter roubado as canetas de adrenalina. Isso só me deixa com uma opção: sair daqui e ir para casa.

Estou na escada dos fundos com a mão na porta quando passos pesados martelam os degraus. Eu me viro e vejo TJ Forrester descendo; seu nariz ainda está inchado, fazendo par com um olho roxo. Ele para quando me vê, a mão segurando firme o corrimão.

— Ei, Addy.

— Você não deveria estar na aula?

— Tenho consulta com o médico. — TJ coloca a mão no nariz e faz uma careta. — Talvez eu esteja com desvio de septo.

— É bem feito. — As palavras amargas saem antes que eu consiga detê-las.

TJ fica boquiaberto, depois fecha a boca, e o pomo de Adão sobe e desce.

— Eu não contei nada para Jake, Addy. Juro por Deus. Eu não

queria que o segredo vazasse tanto quanto você. Isso também ferrou com tudo para mim. — Ele toca no nariz delicadamente.

Eu não estava pensando em Jake, na verdade; estava pensando em Simon. Mas é claro que TJ não saberia nada a respeito das postagens não publicadas. Como Simon soube, então?

— Nós éramos as únicas duas pessoas ali — insisto. — Você deve ter contado para *alguém*.

TJ balança a cabeça e faz uma careta, como se o movimento doesse.

— A gente estava se beijando numa praia pública antes de ir para a minha casa, lembra? Qualquer pessoa podia ter nos visto.

— Mas elas não teriam como saber...

Eu me interrompo porque me dou conta de que o post de Simon nunca disse que eu e TJ transamos. Ele apenas *insinuou*, com muita ênfase, mas só. Talvez eu tenha confessado demais. A ideia me enoja, embora eu não tenha certeza se conseguiria ter contado apenas uma meia verdade para Jake, de qualquer forma. Ele teria arrancado a verdade de mim, com o tempo.

TJ olha para mim com arrependimento nos olhos.

— Sinto muito que esta situação seja uma merda tão grande para você. Se serve de consolo, acho que Jake está sendo um babaca. Mas eu realmente não contei para ninguém. — Ele põe a mão no coração. — Juro pelo túmulo do meu avô. Sei que isso não significa nada para você, mas para mim, sim.

Eu finalmente concordo com a cabeça, e ele solta um longo suspiro e pergunta:

— Aonde você está indo?

— Para casa. Não aguento mais ficar aqui. Todos os meus amigos me odeiam. — Não sei por que estou contando isso a ele, tirando o fato de que não tenho mais ninguém para quem contar. — Duvido que sequer me deixem sentar com eles agora que Jake voltou.

É verdade. Cooper está fora hoje, foi visitar a avó doente e, provavelmente, foi encontrar com o advogado (embora ele não tenha dito isso). Com a ausência de Cooper, ninguém vai ousar enfrentar a ira de Jake. Nem sequer querer fazer isso.

— Eles que se danem. — TJ me dá um sorriso torto. — Se seus amigos ainda estiverem sendo babacas amanhã, venha se sentar comigo. Já que querem falar, vamos dar um motivo a eles.

Isso não deveria me fazer sorrir, mas quase sorrio.

CAPÍTULO 12

Bronwyn

Quinta-feira, 4 de outubro, 12h20

Fui atraída por uma falsa sensação de complacência.

Acontece, eu acho, mesmo durante a pior semana da sua vida. Coisas horríveis e impactantes se empilham em cima da pessoa até ela estar prestes a sufocar e então... elas param. E, como mais nada acontece, a pessoa então começa a relaxar e pensa que está fora de perigo.

Esse é um erro de principiante que me dá um tapa na cara na quinta-feira durante o almoço, quando o falatório geralmente baixo do refeitório subitamente cresce e ganha corpo. A princípio, eu olho em volta, interessada, como qualquer um ficaria, e me pergunto por que todo mundo de repente pegou os celulares. Mas, antes que eu pegue o meu, noto as cabeças virando na minha direção.

— Ah.

Maeve é mais rápida do que eu, e seu leve suspiro ao examinar o celular está tão carregado de dó que perco as esperanças. Ela morde o lábio inferior e franze a testa.

— Bronwyn. É, há, outro Tumblr. Sobre... bem. Aqui.

Eu pego o telefone dela com o coração disparado e leio as mesmíssimas palavras que o Detetive Mendoza me mostrou no domingo, após o funeral de Simon. *Esta é a primeira vez na história deste aplicativo que a boazinha BR, detentora do mais perfeito histórico escolar do colégio, aparece por aqui.*

Está tudo ali. As menções a cada um de nós não publicadas por Simon, com um comentário adicional no rodapé:

Vocês acham que eu estava brincando a respeito de ter matado Simon? Leiam e chorem, molecada. Todo mundo na detenção com Simon na semana passada tinha um motivo muito especial para querer vê-lo morto. Prova A: a postagem acima, que ele estava prestes a publicar no Falando Nisso.

Agora eis o dever de casa: liguem os pontos. Será que está todo mundo mancomunado ou alguém está no controle? Quem é o manipulador e quem são as marionetes?

Vou dar uma pista para vocês começarem: todo mundo está mentindo.
Valendo!

Ergo os olhos e encontro os de Maeve. Ela sabe a verdade completa, mas eu não contei para Yumiko ou Kate. Porque pensei que talvez isso pudesse permanecer sob controle, em sigilo, enquanto a polícia conduzia a investigação em segundo plano e depois a engavetasse por falta de provas.

Eu sou muito ingênua mesmo. Que patética. É óbvio.

— Bronwyn? — Eu mal consigo ouvir Yumiko por causa do ruído nos ouvidos. — Isto é verdade?

— Que se *foda* esta merda de Tumblr. — Eu teria me surpreendido com o linguajar de Maeve se não tivesse ultrapassado meu limite de surpresa há dois minutos. — Aposto que posso invadir essa porcaria e descobrir quem está por trás disso.

— Maeve, não! — Minha voz sai tão alta. Eu baixo o tom e mudo para espanhol. — *No lo hagas... No queremos...*

Eu me obrigo a parar de falar enquanto Kate e Yumiko continuam me encarando. *Não faça isso... Nós não queremos...* Isso deve ser suficiente por enquanto.

Mas Maeve não cala a boca.

— Não me importa — diz ela furiosamente. — *Você* pode se importar, mas eu...

Salva pelo alto-falante. Mais ou menos. Sinto um *déjà-vu* quando uma voz sem corpo flutua pelo ambiente.

— *Atenção, por favor. Cooper Clay, Nate Macauley, Adelaide Prentiss e Bronwyn Rojas, queiram se apresentar à diretoria, por favor. Cooper Clay, Nate Macauley, Adelaide Prentiss e Bronwyn Rojas à diretoria.*

Eu não me lembro de ter me levantado, mas devo ter feito isso, porque cá estou, andando. Arrastando os pés como um zumbi, passando por olhares e sussurros, costurando entre as mesas até chegar à saída do refeitório. Sigo pelo corredor, passo por pôsteres do baile de três semanas atrás. Nosso comitê de planejamento está sendo negligente, o que atrairia mais desdém se eu não fizesse parte dele.

Quando chego ao gabinete, a recepcionista aponta para a sala de reunião com o gesto cansado de alguém que acha que eu já deveria saber como é o procedimento a essa altura. Sou a última a chegar — pelo menos acho que sou, a não ser que a polícia de Bayview ou integrantes do conselho escolar se juntem a nós.

— Feche a porta, Bronwyn — pede a diretora Gupta.

Eu obedeço e desvio dela para me sentar entre Nate e Addy, diante de Cooper.

A diretora Gupta apoia o queixo na ponta dos dedos.

— Tenho certeza de que não preciso dizer por que vocês estão aqui.

Estamos de olho naquele Tumblr repugnante e recebemos a atualização de hoje ao mesmo tempo que vocês. Logo depois, recebemos um pedido do Departamento de Polícia de Bayview a fim de deixar o corpo estudantil disponível para entrevistas, a partir de amanhã. Pelo que entendi, baseada nas conversas com a polícia, o Tumblr de hoje é um reflexo preciso das postagens que Simon escreveu antes de morrer. Sei que a maioria de vocês está agora com representação judicial, o que obviamente o colégio respeita. Mas este é um lugar seguro. Se há alguma coisa que vocês gostariam de me contar que possa ajudar o colégio a entender a pressão que estão sentindo, agora é a hora.

Encaro a diretora enquanto meus joelhos começam a tremer. Ela está falando sério? Agora com certeza *não* é a hora. Ainda assim, sinto uma vontade quase irresistível de responder, de me explicar, até que uma mão embaixo da mesa pega a minha. Nate não olha para mim, mas seus dedos se entrelaçam aos meus, quentes e fortes, apoiados na minha perna, que treme. Ele está usando a camiseta da Guinness novamente, e o material está gasto nos ombros, como se tivesse passado por centenas de lavagens. Eu dou uma olhadela para Nate, que balança a cabeça de maneira quase imperceptível para mim.

— Não tenho mais nada a dizer além do que disse na semana passada — diz Cooper, com o sotaque carregado.

— Eu também não — acrescenta Addy rapidamente.

Os olhos dela estão vermelhos, e Addy parece exausta, seu rosto de fadinha está atormentado. Ela está tão pálida que noto as sardas claras no nariz pela primeira vez. Ou talvez Addy simplesmente não esteja usando maquiagem. Acho, com uma pontada de compaixão, que ela foi a que mais se abalou entre todos, de longe.

— Eu não acho que... — começa a diretora Gupta, quando a porta é aberta e a recepcionista enfia a cabeça dentro da sala.

— Polícia de Bayview na linha 1 — diz ela, e a diretora fica de pé.

— Com licença um momento.

Ela fecha a porta ao sair, e nós quatro permanecemos sentados em um silêncio tenso, ouvindo o zumbido do ar-condicionado. É a primeira vez que todos nós estamos em uma sala juntos desde que o agente Budapest nos interrogou semana passada. Eu quase rio ao lembrar de como não sabíamos de nada naquela ocasião, discutindo sobre detenções injustas e o conselho do baile dos calouros.

Embora, sinceramente, eu é que estava reclamando, em grande parte.

Nate solta a minha mão e inclina a cadeira para trás enquanto observa o ambiente.

— Bem, isto é constrangedor.

— Vocês estão bem? — As palavras saem depressa, o que me

surpreende. Não sei qual era a minha intenção, mas não era essa. — Isto é surreal. Que eles... suspeitem de nós.

— Foi um acidente — diz Addy imediatamente, mas não parece que ela tem muita certeza disso. É mais como se estivesse testando uma teoria.

Cooper vira os olhos para Nate.

— Acidente esquisito. Como óleo de amendoim vai parar sozinho num copo?

— Talvez alguém tenha entrado na sala em dado momento e a gente não notou — arrisco, e Nate revira os olhos para mim. — Sei que parece ridículo, mas... temos que considerar tudo, certo? Não é impossível.

— Muitas pessoas odiavam Simon — acrescenta Addy. Pelo jeito que o maxilar dela está travado, Addy é uma delas. — Ele arruinou muitas vidas. Vocês se lembram de Aiden Wu? Na nossa turma, que se transferiu no segundo ano?

Eu sou a única que faço que sim com a cabeça, então Addy vira o olhar para mim.

— Minha irmã conhece a irmã dele da faculdade. Aiden não se transferiu simplesmente porque quis. Ele teve um colapso depois que Simon postou que ele se vestia de mulher.

— Sério? — pergunta Nate.

Cooper não para de passar a mão no cabelo.

— Você se lembra daquelas postagens de destaque que Simon costumava fazer quando lançou o aplicativo? — indaga Addy. — Coisas mais aprofundadas, quase tipo um blog?

Minha garganta se fecha.

— Eu me lembro.

— Bem, ele fez isso com Aiden — fala Addy. — Foi maldade pura.

Algo no tom dela me deixa incomodada. Nunca pensei que ouviria a pequena e frívola Addy Prentiss falar com tanto veneno na voz. Ou ter uma opinião própria.

Cooper se intromete às pressas, como se estivesse preocupado que ela fosse começar um discurso.

— Foi o que Leah Jackson falou no velório. Esbarrei com ela embaixo das arquibancadas. Ela disse que nós éramos todos hipócritas por tratá-lo como uma espécie de mártir.

— Bem, aí está — diz Nate. — Você estava certa, Bronwyn. O colégio inteiro provavelmente andava por aí com garrafas de óleo de amendoim nas mochilas, esperando por uma chance.

— Não um óleo de amendoim qualquer — comenta Addy, e todos nós nos voltamos para ela. — Teria que ser um óleo obtido por compressão a frio para uma pessoa com alergia reagir ao produto. Um óleo de amendoim tipo gourmet, basicamente.

Nate encara Addy com a testa franzida.

— Como você sabe disso?

Addy deu de ombros.

— Eu vi no Food Network uma vez.

— Talvez esse seja o tipo de coisa que você não deva falar quando Gupta voltar — sugere Nate, e um leve sorriso passa rapidamente pelo rosto de Addy.

Cooper olhou feio para Nate.

— Isto não é uma brincadeira.

Nate boceja, impassível.

— É o que parece, às vezes.

Engulo em seco. Minha mente ainda está agitada durante a conversa. Leah e eu éramos amigas antigamente — fomos parceiras na competição de simulação estudantil da ONU que nos levou às finais estaduais no início do primeiro ano. Simon quis participar também, mas nós lhe demos o prazo final de inscrição errado e ele perdeu a seleção. Não foi de propósito, mas Simon nunca acreditou nisso e ficou furioso com nós duas. Algumas semanas depois, ele começou a escrever sobre a vida sexual de Leah no Falando Nisso. Geralmente Simon postava alguma coisa uma vez e deixava de lado, mas, com Leah, ele continuou com as atualizações. Foi pessoal. Tenho certeza de que Simon teria feito o mesmo comigo se naquela época eu tivesse algum podre para ser explorado.

Quando Leah começou a sair dos trilhos, ela me perguntou se enganei Simon de propósito. Eu não fiz aquilo, mas, ainda assim, me sentia culpada, especialmente quando Leah cortou os pulsos. Depois que Simon começou essa campanha contra Leah, nada mais foi o mesmo para a garota.

Não tenho ideia do que passar por uma coisa daquelas faz com uma pessoa.

A diretora Gupta retorna à sala, fecha a porta ao entrar e se acomoda na cadeira.

— Desculpem-me, mas o assunto não podia esperar. Onde estávamos?

O silêncio cai por alguns segundos, até que Cooper pigarreja.

— Com todo respeito, senhora, acho que estávamos concordando que não podemos ter essa conversa.

Há uma coragem em sua voz que não estava ali antes, e em um instante eu sinto a energia da sala se aglutinar e mudar. Não confiamos uns nos outros, isso é bastante óbvio — mas confiamos menos ainda na diretora Gupta e no Departamento de Polícia de Bayview. Ela percebe isso também e empurra a cadeira.

— É importante que saibam que a porta está sempre aberta para vocês — diz a diretora, mas nós já estamos nos levantando e abrindo a

porta nós mesmos.

Passo o restante do dia meio aérea e ansiosa, realizando automaticamente tudo que devo fazer no colégio e em casa. Não consigo relaxar até que o relógio passe da meia-noite e que o telefone secreto de Nate toque.

Ele me ligou todas as noites desde segunda-feira, sempre por volta do mesmo horário. Nate me disse coisas que eu não poderia imaginar sobre a doença da mãe e a bebedeira do pai. Eu contei sobre o câncer de Maeve e a pressão insuportável que sempre senti em ser boa em tudo por nós duas. Às vezes, não falamos nada no telefone. Ontem à noite, ele sugeriu que assistíssemos algo na Netflix, e ficamos até duas da manhã vendo um filme de horror péssimo que Nate escolheu. Adormeci com os fones ainda nas orelhas e talvez tenha roncado no ouvido dele em algum momento.

— É sua vez de escolher um filme — diz ele no lugar de um cumprimento.

Notei isso a respeito de Nate; ele não é de gentilezas. Só começa a falar o que lhe passa pela cabeça.

A minha, porém, está em outro lugar.

— Estou procurando — aviso, e ficamos em silêncio por um minuto, enquanto navego pelos títulos da Netflix sem vê-los realmente. Não adianta; não estou no clima de ver filme. — Nate, você está encenado pelo jeito que tudo aconteceu hoje no colégio?

Depois que saí do gabinete da Diretora Gupta, o que restou da tarde foi um conjunto confuso de olhares, sussurros e conversas incômodas com Kate e Yumiko assim que finalmente expliquei o que vem acontecendo nos últimos dias.

Ele dá uma risadinha de desdém.

— Já estive encenado antes. Nada mudou.

— Minhas amigas estão putas comigo porque não contei a elas.

— Sobre ter roubado o teste? Ou estar sendo investigada pela polícia?

— As duas coisas. Eu não falei nada sobre ambas as coisas. Achei que talvez tudo isso fosse passar, e elas jamais precisariam saber.

Robin disse para não responder a nenhuma pergunta sobre o caso, mas não vi como eu aplicaria essa medida às minhas duas melhores amigas. Quando o colégio inteiro começa a se voltar contra você, é preciso ter *alguém* do seu lado.

— Eu gostaria de conseguir me lembrar de mais coisas a respeito daquele dia. Em que aula você estava quando o Sr. Avery encontrou o celular na sua mochila?

— Física — responde Nate. — Ciência para leigos, em outras palavras. E você?

— Estudo dirigido — digo, mordendo o interior das bochechas. Ironicamente, minhas notas fora de série em química me permitiram montar minha própria grade de estudos de ciência no último ano. — Imagino que Simon estivesse na turma de Física Aplicada. Não sei que aulas Addy e Cooper teriam com o Sr. Avery, mas na detenção os dois se mostraram surpresos de ver um ao outro.

— E daí? — pergunta Nate.

— Bem, eles são amigos, certo? É de se imaginar que eles teriam falado a respeito daquilo. Ou mesmo que estivessem na mesma turma quando aconteceu.

— Quem sabe? Um deles poderia estar na chamada ou no período de estudos. Avery é pau pra toda obra — argumenta Nate, que acrescenta, quando não respondo: — Peraí. Você acha que aqueles dois planejaram tudo?

— Apenas seguindo uma linha de raciocínio — respondo. — Acho que a polícia mal está prestando atenção em como é estranha essa situação dos celulares, porque eles têm tanta certeza de que estamos mancomunados. Tipo, pense bem, o Sr. Avery sabe, melhor do que ninguém, que aulas temos com ele. Talvez o Sr. Avery tenha feito tudo. Ele pode ter enfiado os telefones em nossas mochilas e passado óleo de amendoim nos copos antes que fôssemos lá. Ele é um professor de Ciências; saberia como fazer isso.

Na hora em que falo, porém, a imagem mental de nosso professor frágil e pacato adulterando freneticamente os copos antes da detenção não parece plausível. Nem a imagem de Cooper sumindo com as canetas de adrenalina ou Addy bolando um plano de assassinato enquanto assistia ao Food Network.

Mas eu realmente não conheço nenhum deles. Incluindo Nate. Mesmo que pareça que sim.

— Tudo é possível — diz Nate. — Já escolheu um filme?

Fico tentada a escolher algo descolado e alternativo para impressioná-lo, só que ele enxergaria a verdade. Além disso, Nate já escolheu um filme de horror que era uma merda, então, não há muito que corresponda.

— Você já viu *Divergente*?

— Não. — O tom dele é cauteloso. — E nem quero.

— Está difícil. Eu não queria ver um bando de gente ser morta por uma bruma causada por um rompimento feito por alienígenas no contínuo espaço-tempo. Mas mesmo assim eu vi.

— Droga.

Nate parece resignado. Ele faz uma pausa e pergunta:

— Já carregou o filme?

— Sim. Aperte o play.

E nós apertamos.

CAPÍTULO 13

Cooper

Sexta-feira, 5 de outubro, 15h30

Eu pego o Lucas depois do colégio e passo no quarto do hospital da Vovó antes de nossos pais chegarem lá. Ela esteve dormindo na maioria das vezes em que a visitamos a semana inteira, mas hoje está sentada na cama com o controle remoto da TV na mão.

— Essa televisão só pega três canais — reclama a Vovó, enquanto eu e Lucas estamos parados na porta. — É o mesmo que estar em 1985. E a comida é horrível. Lucas, você trouxe algum doce?

— Não, senhora — responde Lucas, enquanto tira o cabelo longo demais de cima dos olhos.

A Vovó lança um olhar esperançoso para mim, e eu fico impressionando como ela parece *velha*. Quero dizer, claro, a Vovó tem 80 e tantos anos, mas sempre teve tanta energia que eu nunca notei realmente. Agora eu me toco que, embora o médico diga que ela está se recuperando bem, será uma sorte passar alguns anos sem que algo do gênero ocorra novamente.

E, então, em algum momento, a Vovó não estará mais conosco, de vez.

— Estou sem nada. Foi mal — digo, e abaixo a cabeça para esconder meus olhos, que ardem.

Ela solta um suspiro teatral.

— Ah, diabos. Vocês são uns meninos bonitos, mas não muito prestativos, do ponto de vista prático. — A Vovó remexe na mesinha ao lado da cama e encontra uma nota de vinte dólares amassada. — Lucas, vá lá embaixo na loja de suvenires e compre três Snickers. Uma barra para cada um de nós. Vá sem pressa e fique com o troco.

— Sim, senhora.

Os olhos de Lucas brilham quando ele calcula o lucro que vai obter. Meu irmão sai voando pela porta, e a Vovó se acomoda na pilha de travesseiros do hospital.

— Lá vai ele forrar os bolsos, que Deus abençoe seu coraçãozinho mercenário — diz ela, com carinho.

— A senhora já pode comer doce? — pergunto.

— Claro que não. Mas quero saber como vai você, meu amor. Ninguém me diz nada, mas ouço as coisas.

Eu me sento na cadeira ao lado da cama, com os olhos voltados para o chão. Ainda não tenho coragem de encará-la.

— A senhora precisa descansar, Vovó.

— Cooper, este foi o infarto menos perigoso da história cardíaca. Nadica de nada. Bacon demais, só isso. Me atualize sobre a situação de Simon Kelleher. Eu prometo que não vou ter uma recaída.

Pestanejo algumas vezes e me imagino pronto para lançar um *slider*: endireito o pulso, coloco os dedos na parte externa da bola de beisebol e deixo que ela role sobre o polegar e o indicador. Funciona; os olhos secam, a respiração se controla, e eu finalmente consigo encará-la.

— Está uma confusão dos diabos.

Vovó suspira e faz carinho na minha mão.

— Ah, meu amor, claro que está.

Eu conto tudo a ela: que os rumores de Simon sobre nós estão correndo por todo o colégio agora e que a polícia se instalou na administração hoje e entrevistou todo mundo que conhecemos. E mais um monte de gente que não conhecemos. Que o treinador Ruffalo ainda não me chamou em particular para perguntar se estou tomando bomba, mas tenho certeza de que vai, em breve. Que tivemos um substituto na aula de astronomia porque o Sr. Avery estava enfiado em outra sala com dois policiais. Se ele estava sendo interrogado como nós fomos ou se estava fornecendo alguma espécie de prova, eu não sabia dizer.

A Vovó balança a cabeça quando termino. Ela não pode arrumar o cabelo da forma como faz em casa, e ele balança de um lado para o outro, como algodão solto.

— Eu sinto muitíssimo por você ter sido envolvido nessa situação, Cooper. Logo você. Não é certo.

Eu espero que a Vovó faça a pergunta, mas ela não faz. Então, eu finalmente digo — de maneira hesitante, porque, após passar dias com advogados, parece errado dizer qualquer coisa como se fosse uma verdade:

— Eu não fiz o que eles estão dizendo, Vovó. Não me dopei, nem usei anabolizantes e não machuquei Simon.

— Bem, tenha santa paciência, Cooper. — A Vovó esfrega impacientemente o cobertor do hospital. — Você não precisa dizer isso para *mim*.

Engulo em seco. De alguma forma, o fato de que ela aceita a minha palavra sem questioná-la me faz sentir culpado.

— A advogada está custando uma fortuna e não está ajudando. Nada está melhorando.

— As coisas pioram antes de melhorar — comenta ela placidamente. — É assim que funciona. E não se preocupe com o custo. Eu estou pagando.

Sou atingido por uma nova onda de culpa.

— A senhora pode bancar isso?

— Claro que posso. Seu avô e eu compramos um monte de ações da Apple nos anos 1990. Só porque não entregamos tudo para o seu pai comprar uma McMansão nesta cidade superfaturada não significa que eu não poderia bancar uma. Agora, conte algo que eu *não* sei.

Eu não entendi o que ela quer dizer. Eu poderia contar que Jake está dando um gelo em Addy e que todos os nossos amigos se juntaram a ele nessa, mas é deprimente demais.

— Não tem muito mais para contar, Vovó.

— E como Keely está lidando com toda esta situação?

— Como um chiclete. Grudenta — respondo, antes de me conter.

Depois eu me sinto péssimo. Keely está apenas me dando muito apoio, e não é culpa dela que isso me faça sentir sufocado.

— Cooper. — A Vovó pega a minha mão nas delas, que são pequenas e leves, cheias de veias grossas e azuis. — Keely é uma menina linda e adorável. Mas, se ela não for quem você ama, ela simplesmente *não* é. E tudo bem.

Minha garganta fica seca, e eu olho para um programa de concurso na tela. Alguém está prestes a ganhar um novo conjunto de lavadora/secadora e está muito feliz por isso. A Vovó não diz mais nada, apenas continua segurando a minha mão.

— Eu não sei o que a senhora quer dizer — respondo.

Se a Vovó sente meu sotaque caipira indo e vindo, ela não menciona o fato.

— O que quero dizer, Cooper Clay, é que estive observando quando aquela menina liga ou manda mensagem, e você sempre parece que está tentando fugir. Aí outra pessoa qualquer liga, e seu rosto se ilumina como uma árvore de Natal. Não sei o que está lhe impedindo, meu amor, mas eu gostaria que você não se impedisse mais. Não é justo com você *ou* com Keely. — A Vovó aperta a minha mão e a solta. — Não temos que falar sobre isso agora. Na verdade, você poderia ir atrás daquele seu irmão, por favor? Talvez não tenha sido a melhor das ideias deixar um menino de 12 anos perambular pelo hospital com a tentação do dinheiro no bolso.

— Sim, claro.

Ela está me deixando escapar sem maiores problemas, e ambos sabemos disso. Fico de pé e saio do quarto para um corredor cheio de enfermeiras em jalecos com cores berrantes. Todas elas param o que estão fazendo e sorriem para mim.

— Precisa de ajuda, querido? — pergunta a mais próxima.

Tem sido assim a minha vida inteira. As pessoas me olham e imediatamente pensam o melhor sobre mim. Assim que me conhecem, passam a gostar mais ainda.

Se algum dia vazar que eu realmente fiz algo contra Simon, muitas pessoas me odiariam. Mas também haveria gente que daria desculpas por mim, dizendo que minha história deveria ter algo mais do que simplesmente estar sendo acusado de usar anabolizantes.

A questão é que essa gente estaria certa.

Nate

Sexta-feira, 5 de outubro, 23h30

Para variar, meu pai está acordado quando eu chego em casa na sexta-feira, vindo de uma festa na casa de Amber. Ainda estava firme e forte quando fui embora, mas por mim já tinha bastado. Coloco miojo no fogão e jogo alguns legumes e verduras na jaula de Stan. Como sempre, ele simplesmente pisca para a comida, como um ingrato.

— Você chegou cedo — comenta meu pai.

Ele parece o mesmo de sempre: uma merda. Inchado e enrugado, com um tom de pele amarelado e pastoso. A mão treme quando ele levanta o copo. Há alguns meses, eu voltei para casa e meu pai mal estava respirando, então chamei uma ambulância. Ele passou alguns dias no hospital, onde os médicos disseram que o fígado estava tão prejudicado que meu pai poderia cair morto a qualquer momento. Ele concordou com a cabeça e agiu como se ligasse, depois veio para casa e abriu outra garrafa de destilado.

Eu venho ignorando aquela conta da ambulância há semanas. É quase mil dólares graças ao nosso seguro de merda, e agora que tenho zero rendimento há menos chance ainda de a gente conseguir pagar.

— Eu tenho coisas para fazer.

Jogo o miojo em uma tigela e vou para o meu quarto com a comida.

— Viu meu telefone? — grita meu pai. — Não parou de tocar hoje, mas não consegui encontrá-lo.

— É porque não está no sofá — murmuro, e fecho a porta ao entrar.

Ele provavelmente estava alucinando. Seu telefone não toca há meses.

Eu mato o miojo em cinco minutos, depois me acomodo nos travesseiros e coloco o fone de ouvido para ligar para Bronwyn. É a minha vez de escolher um filme, graças a Deus, mas mal chegamos a uma hora de *Ringu*, *O chamado* original, quando Bronwyn decide que já chega.

— Eu não posso assistir a isso sozinha. É assustador demais — diz ela.

— Você não está sozinha. Estou assistindo com você.

— Não *aqui* comigo. Eu preciso de uma pessoa no quarto para um filme como esse. Vamos ver outra coisa qualquer. Minha vez de escolher.

— Não vou assistir a outra porra de *Divergente*, Bronwyn. — Espero antes de acrescentar: — Você devia vir aqui para ver *Ringu* comigo. Saia pela janela e dirija até aqui.

Eu digo em tom de piada, e em grande parte é. A não ser que ela diga sim.

Bronwyn faz uma pausa, e noto que ela está levando a sério.

— Minha janela está a quase 5 metros do chão — argumenta Bronwyn. *Piada*.

— Então use uma porta. Você tem, tipo, umas dez aí na sua casa. *Piada*.

— Meus pais me matariam se descobrissem.

Sério.

O que significa que ela está considerando. Eu imagino Bronwyn sentada ao meu lado naquele shortinho que ela usava quando estive na sua casa, com a perna colada à minha, e fico sem ar.

— Por que eles te matariam? — pergunto. — Você disse que eles não acordam por nada. — *Sério*. — Vamos, só por uma hora até terminarmos o filme. Você pode conhecer meu lagarto. — Levo alguns segundos para perceber como isso pode ser interpretado. — Não foi uma cantada. Eu tenho um lagarto de verdade. Um dragão-barbudo chamado Stan.

Bronwyn ri tanto que quase se engasga.

— Ai, meu Deus. Isso teria sido completamente inconsistente com o seu comportamento e ainda assim... por um segundo eu realmente pensei que você quis dizer outra coisa.

Não consigo conter o riso também.

— Ei, gata. Você estava adorando aquele papinho. Admita.

— Pelo menos não é uma anaconda — solta Bronwyn.

Eu rio ainda mais, porém continuo meio excitado. Combinação estranha.

— Vem pra cá — peço. *Sério*.

Ouçõ Bronwyn respirar por um tempo, até ela finalmente falar:

— Não posso.

— Ok. — Não estou desapontado; nunca pensei que ela viesse mesmo.

— Mas você precisa escolher um filme diferente.

Nós concordamos em assistir ao último filme da série *Bourne*, e estou vendo com os olhos semicerrados, ouvindo as mensagens cada

vez mais frequentes de Amber que apitam ao fundo. Ela talvez esteja começando a achar que nós somos algo que não somos. Eu estendo a mão para silenciar aquele telefone quando Bronwyn diz:

— Nate. Seu celular.

— O quê?

— Alguém não para de mandar mensagens para você.

— E daí?

— E daí que é muito tarde.

— E? — pergunto, irritado.

Eu não tinha identificado Bronwyn como uma pessoa possessiva, especialmente uma vez que tudo que fazemos é falar ao telefone, além de ela ter acabado de recusar meu convite piada-mas-também-sério.

— Não são... clientes, são?

Eu suspiro e desligo o outro telefone.

— Não. Eu te disse, não estou fazendo mais isso. Não sou idiota.

— Beleza.

Ela soa aliviada, mas cansada. A voz está começando a ficar arrastada.

— Acho que vou dormir agora — avisa Bronwyn.

— Ok. Você quer desligar?

— Não. — Ela solta uma risada grave, já semiadormecida. — Mas estou ficando sem minutos. Acabei de receber um alerta. Tenho meia hora sobrando.

Esses telefones pré-pagos têm centenas de minutos, e Bronwyn está com esse aparelho há menos de uma semana. Não percebi que conversamos tanto assim.

— Eu te dou outro celular amanhã — digo, antes de me lembrar que amanhã é sábado e nós não temos aula. — Bronwyn, espere. Você precisa desligar.

Eu acho que ela já está dormindo até que Bronwyn murmura:

— O quê?

— Desligue, ok? Assim seus minutos não acabam, e eu posso te ligar amanhã para combinar de te dar outro aparelho.

— Ah. Então tá. Boa noite, Nate.

— Boa noite.

Eu desligo, coloco os dois telefones lado a lado, pego o controle remoto e desligo a TV. É melhor ir dormir.

CAPÍTULO 14

Addy

Sábado, 6 de outubro, 9h30

Estou em casa com Ashton e estamos tentando descobrir algo para fazer, mas sempre esbarramos no fato de que nada me interessa.

— Vamos, Addy.

Estou deitada na poltrona, e Ashton me cutuca com o pé, lá do sofá.

— O que você faria normalmente num fim de semana? E não diga ficar com Jake — acrescenta ela rapidamente.

— Mas é isso que eu faço — reclamo.

É patético, mas não consigo evitar. Eu passei a semana inteira com uma sensação horrível de enjoo no estômago, como se estivesse andando por uma ponte sólida e ela sumisse embaixo dos pés.

— Você realmente não consegue pensar em uma única coisa que goste que não seja relacionada a Jake?

Eu me remexo na poltrona enquanto pondero sobre a pergunta. O que eu fazia antes de Jake? Eu tinha 14 anos quando começamos a namorar, praticamente uma criança. Minha melhor amiga era Rowan Flaherty, uma garota com quem cresci e que se mudou para o Texas mais tarde naquele ano. Nós nos afastamos no nono ano, quando Rowan demonstrou zero interesse em garotos, mas no verão antes do ensino médio a gente ainda passeou de bicicleta por toda a cidade, juntas.

— Eu gosto de andar de bicicleta — respondo vagamente, embora não ande numa há anos.

Ashton bate palmas, como se eu fosse um bebê relutante que ela está tentando animar a respeito de uma nova atividade.

— Vamos fazer isso! Andar de bicicleta em algum lugar.

Urgh, não. Não quero me mexer. Não tenho energia.

— Eu dei a minha bicicleta há anos. Estava meio enferrujada e abandonada em casa. E você não tem uma, de qualquer modo.

— Vamos usar aquelas bicicletas de aluguel... como se chamam mesmo? Estão por toda a cidade. Vamos lá encontrar algumas.

Eu suspiro.

— Ash, você não pode ser a minha babá para sempre. Eu te agradeço por ter impedido que eu ficasse arrasada a semana inteira, mas você tem uma vida. Devia voltar para Charlie.

Ashton não responde imediatamente. Ela vai à cozinha, e ouço a porta da geladeira ser aberta e o barulho suave de garrafas. Quando volta, minha irmã está segurando uma Corona e uma San Pelegrino, que ela me entrega. Ashton ignora minhas sobranceiras erguidas — não são nem dez manhã — e toma um longo gole da cerveja ao se sentar e cruzar as pernas embaixo do corpo.

— Charlie está tão feliz quanto possível. Acho que ele já deve ter trazido a namorada para morar com ele, a esta altura.

— O quê? — Eu me esqueço de como estou cansada e me endireito na poltrona.

— Eu flagrei os dois quando voltei para casa a fim de pegar umas roupas semana passada. Foi tudo um clichê tão horrível. Até joguei um vaso nele.

— Você acertou Charlie? — pergunto, com esperança. E com hipocrisia, acho. Afinal de contas, eu sou Charlie no meu relacionamento com Jake.

Ela balança a cabeça e toma outro gole da cerveja.

— Ash.

Levanto da poltrona e me sento ao lado dela no sofá. Ashton não está chorando, mas seus olhos estão reluzentes, e, quando coloco a mão no braço dela, minha irmã engole em seco.

— Sinto muito. Por que você não disse nada?

— Você tinha muita coisa com que se preocupar.

— Mas é o seu casamento!

Eu não consigo evitar olhar para a foto de casamento de Ashton e Charlie de dois anos atrás, que está ao lado da minha foto do baile dos calouros no aparador da lareira. Os dois eram um casal tão perfeito, as pessoas costumavam brincar que eles pareciam que tinham vindo com a moldura. Ashton esteve tão feliz naquele dia, linda, radiante e eufórica.

E aliviada. Eu tentei conter aquela ideia porque sabia que era traiçoeira, mas não pude evitar achar que Ashton tinha medo de perder Charlie até o dia em que casou com ele. Charlie era *sensacional* no papel — bonito, de boa família, a caminho de cursar Direito em Stanford —, e nossa mãe estava empolgada. Só quando os dois estavam casados há um ano que eu notei que Ashton quase nunca ria quando Charlie estava por perto.

— O casamento acabou há algum tempo, Addy. Eu deveria ter ido embora há seis meses, mas fui covarde demais. Acho que não queria estar sozinha. Ou admitir que falhei. Vou acabar encontrando meu próprio lugar, mas ficarei aqui por um tempo. — Ela dispara um olhar

atravessado para mim. — Muito bem. Eu fiz minha confissão sincera. Agora me conte você. Por que você mentiu quando o agente Budapest perguntou sobre ter estado na sala da enfermeira no dia em que Simon morreu?

Eu solto o braço da minha irmã.

— Eu não...

— Addy, ora, vamos. Você começou a mexer no cabelo assim que ele puxou esse assunto. Você sempre faz isso quando está nervosa. — O tom é casual, sem ser acusador. — Não acredito nem por um segundo que você tenha pego aquelas canetas de adrenalina, então, o que está escondendo?

Lágrimas incomodam meus olhos. De repente, eu me sinto tão cansada de todas as meias verdades que acumulei nos últimos dias e semanas. Meses. Anos.

— É uma estupidez tão grande, Ash.

— Conte.

— Eu não fui por minha causa. Fui pegar Tylenol para Jake porque ele estava com dor de cabeça. E não quis dizer isso na sua frente porque sabia que você me daria aquele *olhar*.

— Que olhar?

— *Você sabe. Aquele olhar de Addy-você-é-um-tremendo-capacho.*

— Eu não penso assim — assegura Ashton, baixinho.

Uma lágrima imensa desce pela minha bochecha, e minha irmã estica a mão para secá-la.

— Deveria. Eu sou.

— Não mais.

Aquilo é o suficiente. Eu abro o berreiro, encolhida em posição fetal numa ponta do sofá, com Ashton me abraçando. Nem sei por quem ou pelo que estou chorando: Jake, Simon, meus amigos, minha mãe, minha irmã, por mim mesma. Todas as respostas anteriores, acho.

Quando as lágrimas finalmente param, estou em frangalhos, exausta, com as pálpebras quentes e os ombros doloridos de tremer por tanto tempo. Mas me sinto mais leve e limpa também, como se tivesse expurgado algo que estava me fazendo mal. Ashton pega uma pilha de lenços de papel e me dá um minuto para que eu seque os olhos e assoe o nariz. Quando finalmente amasso todos os lenços úmidos e jogo na cesta de canto, minha irmã toma um pequeno gole da cerveja e torce o nariz.

— Isso não está tão gostoso quanto eu imaginava. Vamos, hora de andar de bicicleta.

Eu não posso dizer não para Ashton agora. Então, sigo atrás dela até o parque que fica a 1 quilômetro da nossa casa, onde há uma fileira inteira de bicicletas de aluguel. Ashton descobre como funciona o cadastro e passa o cartão de crédito para liberar duas. Não temos

capacetes, mas como vamos apenas passear pelo parque, isso não importa.

Não ando de bicicleta há anos, mas acho que é verdade o que dizem: a pessoa não esquece como pedalar. Após um começo desengonçado, nós dispparamos na trilha larga que cruza o parque, e tenho que admitir que é meio divertido. A brisa passa pelo meu cabelo enquanto minhas pernas pedalam e meu coração se acelera. É a primeira vez na semana que não me sinto meio morta. Fico surpresa quando Ashton para e diz:

— Acabou a hora. — Ela nota a minha expressão e pergunta: — Vamos alugar por mais uma?

Eu sorrio para ela.

— Sim, ok.

Acabamos nos cansando na metade da segunda hora, e devolvemos as bicicletas para ir a um café e nos reidratar. Ashton pega as bebidas enquanto procuro uma mesa, e navego pelas mensagens enquanto espero por ela. Levo menos tempo do que antes — só tenho algumas de Cooper, perguntando se vou à festa de Olivia hoje à noite.

Olivia e eu somos amigas desde o primeiro ano, mas ela não falou comigo a semana inteira. *Tenho certeza de que não fui convidada*, escrevo.

“Only Girl” toca com a resposta de Cooper. Eu guardei na mente que tenho que mudar o tom de mensagem para alguma coisa menos irritante quando tudo isso acabar e eu tiver um minuto para raciocinar direito.

Bobagem. Eles são seus amigos também.

Vou ficar de fora dessa, respondo. *Divirta-se*. A esta altura, nem estou triste de ter sido excluída. É apenas mais uma coisa.

Cooper não entende. Acho que deveria lhe agradecer; se ele tivesse me abandonado como todos os outros, Vanessa teria vindo para cima de mim com tudo a esta altura. Mas ela não ousa irritar o rei do baile, mesmo quando ele está sendo acusado de doping. A opinião do colégio está dividida se Cooper usou anabolizantes ou não, mas ele não confirma nem desmente.

Penso se poderia ter feito o mesmo — mentido descaradamente para superar esse pesadelo inteiro sem contar a verdade para Jake. Aí olho para minha irmã, rindo com o cara atrás do balcão do café de uma maneira que nunca riu com Charlie, e me lembro como tinha que ser contida e tomar cuidado sempre que estava com Jake. Se eu fosse para a festa hoje à noite, teria que usar algo que ele escolhesse, ficar até quando ele quisesse e não falar com ninguém que pudesse irritá-lo.

Eu ainda sinto falta dele. Sinto mesmo. Mas não sinto falta disso.

Bronwyn

Sábado, 6 de outubro, 10h30

Meus pés voam sobre o caminho conhecido enquanto os braços e as pernas acompanham o ritmo da música que berra nos ouvidos. O coração acelera, e os medos que vêm povoando o cérebro a semana inteira recuam, substituídos por puro esforço físico. Quando termino a corrida, estou exausta, porém cheia de endorfinas e me sinto quase alegre ao rumar para a biblioteca e pegar Maeve. É nossa rotina de sempre nas manhãs de sábado, mas não consigo encontrá-la nos locais que ela costuma ficar, então mando uma mensagem para minha irmã.

Quarto andar, responde ela, então, sigo para a seção infantil.

Minha irmã está sentada em uma cadeirinha perto da janela, digitando num dos computadores.

— Revisitando a infância? — pergunto, ao me jogar no chão ao lado dela.

— Não — diz Maeve, com os olhos na tela e uma voz baixa, quase como um sussurro. — Estou no painel do administrador do Falando Nisso.

Levo um segundo para registrar o que ela disse, e, então, meu coração dispara em pânico.

— Mas que diabos, Maeve? O que você está fazendo?

— Dando uma conferida. Não surta — acrescenta ela, com uma olhadela de lado para mim. — Não estou mexendo em nada, e, mesmo que estivesse, ninguém saberia que sou eu. Estou usando um computador público.

— Usando sua carteirinha da biblioteca! — rebato.

Não é possível ficar on-line aqui sem digitar o número da conta.

— Não. Usando a dele.

Maeve inclina a cabeça na direção do menininho a algumas mesas de distância com uma pilha de livros ilustrados à sua frente. Eu a encaro, incrédula, e ela dá de ombros.

— Eu não *roubei*. Ele deixou a carteira exposta, e eu anotei os números.

A mãe do menininho então se junta a ele e sorri quando percebe o olhar de Maeve. Ela jamais imaginaria que minha irmã de rosto gentil acabou de roubar a identidade de seu filho de 6 anos.

Eu não consigo pensar em outra coisa para dizer a não ser:

— Por quê?

— Eu queria ver o que a polícia está vendo — responde Maeve. — Se há outros rascunhos de postagens, outras pessoas que pudessem querer calar Simon.

Eu me aproximo um pouco, mesmo contra a vontade.

— E tem isso aí?

— Não, mas tem algo *estranho*. Sobre a postagem de Cooper. Está datado para dias depois da postagem de todos os outros, para a noite antes da morte de Simon. Existe um arquivo mais antigo com o nome dele, mas está encriptado e não consigo abri-lo.

— E daí?

— Não sei. Mas é diferente, o que o torna interessante. Eu preciso voltar com um pendrive para baixá-lo.

Olho surpresa para minha irmã, tentando identificar o exato momento que ela se transformou numa investigadora-hacker. Maeve continua:

— Tem outra coisa. O nome de usuário de Simon para o site é AnarchiSK. Eu coloquei no Google e veio um bando de tópicos de discussão do 4chan em que ele postava constantemente. Não tive tempo para ler, mas deveríamos.

— Por quê? — pergunto, enquanto ela coloca a mochila no ombro e fica de pé.

— Porque tem algo estranho em tudo isso — responde Maeve de forma casual ao me conduzir pela porta e escada abaixo. — Você não acha?

— Estranho é pouco — murmuro. Como paro na escadaria vazia, minha irmã também para e me olha com uma expressão de questionamento. — Maeve, como você sequer entrou no painel de administrador de Simon? Como sabia onde procurar?

Um pequeno sorriso puxa os cantos da boca da minha irmã.

— Você não é a única que rouba informações confidenciais de computadores que outras pessoas estão usando.

Eu olho para ela, boquiaberta.

— Então você... então Simon estava postando no Falando Nisso no colégio? E deixou o site aberto?

— Claro que não. Simon era inteligente. Ele postava daqui. Não sei se foi uma vez só ou se postava na biblioteca o tempo todo, mas eu vi Simon num fim de semana do mês passado, quando você estava correndo. Ele não me viu. Eu entrei no computador depois dele e peguei o endereço do histórico do navegador. De início, não fiz nada com aquilo — diz ela, respondendo à minha expressão incrédula com um olhar calmo. — Só salvei para referência futura. Comecei a tentar entrar depois que você voltou da delegacia. Não se preocupe — acrescenta Maeve, dando um tapinha no meu braço. — Não de casa. Ninguém pode rastrear.

— Ok, mas... por que o interesse pelo aplicativo? Antes de Simon sequer morrer? O que você faria?

Maeve franze os lábios, pensativa.

— Eu não tinha pensado nessa parte. Cogitei talvez começar a apagar tudinho logo depois de ele postar, ou mudar todo o texto para

russo. Ou desmantelar a coisa toda.

Eu troco o pé de apoio, cambaleio um pouco e agarro o corrimão.

— Maeve, você fez isso pelo que aconteceu no primeiro ano?

— Não. — Os olhos cor de âmbar da minha irmã ficam sérios. — Bronwyn, só você ainda pensa naquilo. Eu, não. Eu apenas queria que o controle que Simon tinha sobre o colégio inteiro parasse. E, bem — ela solta uma risadinha sem graça que ecoa pelas paredes de concreto da escadaria —, acho que consegui.

Maeve volta a descer os degraus com passos largos e empurra com força a porta de saída quando chega ao pé da escada. Eu a sigo em silêncio, tentando assimilar o fato de que minha irmã mantinha um segredo de mim parecido com o que mantive dela. E que ambos têm a ver com Simon.

Maeve me dá um sorriso radiante quando saímos, como se a conversa que acabamos de ter jamais tivesse acontecido.

— O Bayview Estates fica no caminho de casa. Será que devemos pegar nossa tecnologia proibida?

— Podemos tentar.

Eu contei a ela tudo a respeito de Nate, que me ligou hoje de manhã para dizer que deixaria um telefone na caixa de correio do número 5 na Rua Bayview Estate. É parte de um novo loteamento de casas semiconstruídas, e a área costuma estar deserta nos fins de semana.

— Só não sei a que horas Nate está em atividade num sábado.

Nós chegamos ao Bayview Estates em quinze minutos e dobramos numa rua cheia de casas quadradas e semiconstruídas. Maeve põe a mão no meu braço quando nos aproximamos do número 5.

— Deixa que eu vou — oferece ela, com um ar sinistro e os olhos indo de um lado para o outro dramaticamente, como se a polícia de Bayview fosse surgir com as sirenes berrando a qualquer minuto. — *Só por precaução.*

— Vá lá — murmuro.

Nós provavelmente chegamos cedo demais, de qualquer forma. Mal são onze horas.

Mas Maeve volta fazendo um gesto triunfal com um pequeno aparelho preto, e ri quando o arranco da mão dela.

— Muito ansiosa, sua nerd?

Quando ligo o celular, há uma mensagem, e eu abro para ver a imagem de um lagarto marrom-amarelado sentado placidamente sobre uma pedra no meio de uma jaula grande. *Um lagarto de verdade*, diz a legenda, e eu gargalho alto.

— Ai, meu Deus — murmura Maeve, enquanto olha sobre meu ombro. — Piadinhas internas. Você está *suuuper* a fim dele, né?

Não preciso responder. É uma pergunta retórica.

Cooper

Sábado, 6 de outubro, 21h20

Quando chego à festa de Olivia, quase todo mundo já perdeu a linha. Alguém está vomitando nos arbustos quando empurro a porta da frente. Eu vejo Keely ao lado de Olivia perto da escada, tendo uma daquelas conversas intensas que garotas têm quando estão bêbadas. Alguns calouros fumam maconha no sofá. Vanessa está em um canto, tentando agarrar Nate, que não podia estar mais desinteressado enquanto observa o aposento atrás dela. Se fosse homem, a esta altura alguém já teria denunciado Vanessa por todo o agarramento não solicitado que ela faz. Meus olhos encontram brevemente o olhar de Nate, e ambos viramos o rosto sem falar um com o outro.

Finalmente encontro Jake no pátio com Luis, que está entrando para pegar mais bebida.

— O que você quer? — pergunta Luis ao me dar um tapinha no ombro.

— O que você for tomar.

Eu me sento ao lado de Jake, que está pendendo para o lado na cadeira.

— Qual é, matador? — cumprimenta ele, com a voz pastosa e cospe uma gargalhada. — Você já se cansou de piadas de assassino? Eu ainda não.

Estou surpreso de ver Jake tão bêbado assim; ele geralmente segura a onda durante a temporada de futebol. Mas acho que a semana dele foi tão ruim quanto a minha. Foi sobre isso que vim falar com ele, embora não sei se devo me dar ao trabalho ao vê-lo tentar espantar um inseto sem sucesso.

Eu tento, ainda assim.

— Como estão as coisas? Dias péssimos, hein?

Jake ri novamente, mas desta vez não como se achasse algo engraçado.

— Cara, isso é tão *Cooper* da sua parte. Você não fala sobre sua semana de merda, apenas quer saber da minha. Você é um santo da porra, Coop. É mesmo.

O tom de irritação na voz me avisa que não devo morder a isca, mas mordo.

— Você está puto comigo por alguma coisa, Jake?

— Por que eu estaria? Não é como se você estivesse defendendo a piranha da minha ex-namorada para todo mundo ouvir. Ah, espere. Isso é exatamente o que você está fazendo.

Jake franze os olhos para mim, e percebo que não dá para ter a conversa que vim ter. Ele não parece muito a fim de pegar leve com Addy no colégio.

— Jake, sei que Addy agiu errado. Todo mundo sabe disso. Ela cometeu um erro.

— Traição não é um erro. É uma escolha — argumenta Jake furiosamente, e por um segundo ele parece estar completamente sóbrio.

Jake solta a garrafa vazia de cerveja no chão e ergue a cabeça com um olhar acusador.

— Onde diabos está Luis? Ei!

Ele pega o braço de um cara do segundo ano, arranca a cerveja fechada da mão do sujeito, gira tampinha para abrir e toma um longo gole.

— O que eu estava dizendo? Ah, sim. Traição. Isso é uma escolha, Coop. Sabe, minha mãe chifrou meu pai quando eu estava no fim do ensino fundamental. Fodeu com a família inteira. Jogou uma granada bem no meio e... — Ele abre um braço, derrama meia cerveja e faz um som de rajada de ar. — Tudo explodiu.

— Eu não sabia disso. — Conheci Jake quando me mudei para Bayview no oitavo ano, mas não começamos a andar juntos até o ensino médio. — Foi mal, cara. Isso piora ainda mais a situação, né?

Jake balança a cabeça, com os olhos brilhando.

— Addy não tem noção do que fez. Arruinou tudo.

— Mas seu pai... perdoou sua mãe, certo? Eles ainda estão juntos?

É uma pergunta idiota. Eu estive na casa dele há um mês para um churrasco antes de tudo isso começar. O pai estava fazendo hambúrgueres na grelha, e a mãe conversava com Addy e Keely sobre um novo salão de manicure que abriu no Bayview Center. Normalmente. Como sempre.

— É, eles estão juntos. Mas nada é o mesmo. Nunca mais foi o mesmo.

Jake olha para a frente com tanto nojo que nem sei o que dizer. Eu me sinto um babaca por ter dito para Addy que ela deveria vir, e estou contente por ela não ter me ouvido.

Luis volta e entrega uma cerveja para cada um de nós.

— Você vai à casa de Simon amanhã? — pergunta ele para Jake.

Não sei se ouvi Luis direito, mas Jake responde:

— Acho que sim.

Luis percebe minha expressão confusa.

— A mãe de Simon pediu pra gente passar lá e, tipo, pegar alguma coisa como recordação dele antes que empacotem tudo. Isso me deixa bolado porque eu mal conhecia o cara, mas ela parece achar que nós éramos amigos, então o que eu posso fazer, né? — Ele toma um gole da cerveja e ergue uma sobrancelha para mim. — Imagino que você não foi convidado?

— Não — respondo, me sentindo um pouco mal.

A última coisa que quero fazer é mexer nas coisas de Simon diante dos pais enlutados, mas, se todos os meus amigos estão indo, o menosprezo é bem evidente. Estou sob suspeita e não sou bem-vindo.

— Cara, Simon. — Jake balança a cabeça solenemente. — Ele era brilhante pra caralho.

Ele ergue a cerveja, e, por um segundo, penso que vai derramá-la no pátio, como um brinde dedicado a um parceiro morto, mas Jake se contém e, em vez disso, a bebe.

Olivia se junta a nós e passa o braço pela cintura de Luis. Pelo visto os dois voltaram a namorar outra vez. Ela me cutuca com a mão livre e ergue o telefone, com o rosto iluminado pela expressão empolgada que Olivia faz quando está prestes a contar uma grande fofoca.

— Cooper, sabia que você está no *Bayview Blade*?

Da forma como ela fala, tenho certeza de que não é uma reportagem de beisebol. A noite só melhora.

— Não fazia ideia.

— Edição de domingo, on-line hoje à noite. Tudo sobre Simon. Eles não estão... acusando vocês, exatamente, mas vocês quatro são considerados suspeitos, e eles mencionam aquela coisa que Simon ia postar sobre você. Há fotos suas. E, hã, a reportagem já foi compartilhada umas cem vezes. Então. — Olivia me entrega o telefone. — Acho que agora todo mundo sabe.

CAPÍTULO 15

Nate

Segunda-feira, 8 de outubro, 14h50

Ouçó os boatos antes de ver as vans de reportagem. Há três estacionadas em frente ao colégio, com repórteres e cinegrafistas esperando pelo último sinal. Eles não têm permissão de invadir o terreno do colégio, mas estão tão perto quanto possível.

O Colégio Bayview está *adorando* isso. Chad Posner me encontra depois do último período e me conta que as pessoas estão praticamente fazendo fila para serem entrevistadas lá fora.

— Estão perguntando sobre você, cara — alerta ele. — Melhor sair pelos fundos. Eles não tiveram permissão para ficar no estacionamento, então, você pode cortar caminho pelo bosque na moto.

— Valeu.

Eu vazo e procuro por Bronwyn no corredor. A gente não conversa muito no colégio para evitar — como ela diz na voz de advogada — *a aparência de conluio*. Mas aposto que essa situação vai deixá-la surtada. Vejo Bronwyn diante do armário dela com Maeve e uma das amigas. Previsivelmente, ela parece pronta para vomitar. Quando Bronwyn me vê, acena para que eu me aproxime, sem sequer tentar fingir que mal me conhece.

— Você ficou sabendo? — pergunta Bronwyn, e concordo com a cabeça. — Eu não sei o que fazer. — Ela exhibe uma expressão aterrorizada de compreensão. — Acho que precisamos passar por eles de carro, né?

— Eu dirijo — oferece Maeve. — Você pode, tipo, se esconder atrás ou algo assim.

— Ou podemos ficar aqui até eles irem embora — sugere a amiga.

— Esperar até que saiam.

— Odeio essa situação — reclama Bronwyn.

Talvez seja o momento errado para notar, mas gosto como o rosto de Bronwyn ganha cor sempre que tem um sentimento forte sobre alguma coisa. Essa reação faz com que ela pareça duas vezes mais viva

do que a maioria das pessoas, e mais perturbadora do que ela já é de vestidinho curto e botas.

— Venha comigo — digo. — Vou de moto pelos fundos até a Rua Boden. Eu te levo ao shopping. Maeve pode te pegar depois.

Bronwyn fica alegre quando Maeve diz:

— Isso vai dar certo. Eu te encontro em meia hora na praça de alimentação.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — murmura a outra garota, enquanto me olha feio. — Se eles pegarem vocês juntos, será dez vezes pior.

— Eles não vão nos pegar — garanto curto e grosso.

Não tenho certeza de que Bronwyn concordou com isso, mas ela balança a cabeça e diz para Maeve que vai vê-la em breve, e dá um sorriso calmo como resposta para o olhar chateado da amiga. Eu sinto uma onda idiota de triunfo, como se Bronwyn tivesse me escolhido, embora ela basicamente tenha escolhido não aparecer no noticiário das cinco da tarde. Mas ela anda perto de mim enquanto saímos pela porta dos fundos para o estacionamento, sem parecer se importar com os olhares. Pelo menos já estamos nos acostumando com isso. Microfones e câmeras são outra história.

Passo meu capacete para Bronwyn e espero que ela se ajeite na moto e me abrace. Outra vez apertado demais, mas não ligo. A pegada forte de Bronwyn, juntamente à aparência das pernas dela naquele vestido, foi o motivo para eu ter bolado esta fuga em primeiro lugar.

Não levamos muito tempo no bosque até que a trilha estreita que tomo se alargue e vire uma rua de terra que passa por uma fileira de casas atrás do colégio. Eu pego estradas secundárias por alguns quilômetros até chegarmos ao shopping, e, então, paro a moto numa vaga o mais longe possível da entrada. Bronwyn tira o capacete e me entrega apertando meu braço. Ela pausa as pernas no asfalto; está com as bochechas coradas e o cabelo desgrenhado.

— Obrigada, Nate. Foi legal da sua parte.

Eu não fiz isso para ser legal. Estico a mão, pego Bronwyn pela cintura e a puxo para mim. E aí paro, sem saber o que fazer a seguir. Eu não costumo fazer isso. Se alguém tivesse me perguntado há dez minutos, eu teria dito que costumo, sim. Mas agora me ocorre que eu provavelmente não faço esse tipo de coisa. Meu costume é não dar a mínima.

Enquanto estou sentado e Bronwyn está de pé, somos quase da mesma altura. Ela está suficientemente perto para eu notar que seu cabelo cheira a maçã verde. Não paro de olhar para os lábios dela enquanto espero que se afaste. Bronwyn não se afasta, e, quando ergo meus olhos para os dela, parece que meu fôlego foi arrancado dos pulmões.

Dois pensamentos passam pela minha cabeça. Um, eu quero beijá-la mais do que quero ar. E dois, se beijá-la, vou acabar ferrando com tudo e ela vai parar de olhar para mim daquela maneira.

Uma van freia na vaga ao nosso lado, e nós dois levamos um susto e nos preparamos para uma equipe de cinegrafistas do noticiário. Mas é uma van comum de mãe suburbana cheia de crianças berrando. Quando elas saltam do carro, Bronwyn pestaneja e sai do caminho.

— E agora? — pergunta ela.

Agora espere até as crianças irem embora e volte aqui. Mas Bronwyn já está andando na direção da entrada.

— Compre um pretzel gigante para mim por ter salvado sua pele — respondo, em vez disso.

Ela ri, e eu me pergunto se ela ficou grata por aquela interrupção.

Nós passamos pelos vasos de palmeira que adornam a entrada principal, e abro a porta para uma mãe com aparência estressada e dois bebês aos berros em um carrinho duplo. Bronwyn dá um sorriso solidário para ela, mas, assim que entramos, o sorriso desaparece e Bronwyn baixa a cabeça.

— Todo mundo está me encarando. Você foi esperto de não deixar que tirassem sua foto de turma. Aquela publicada no *Bayview Blade* nem se parece com você.

— Ninguém está encarando — asseguro, mas não é verdade; a garota que está dobrando suéteres na Abercrombie & Fitch arregala os olhos e puxa o celular quando passamos. — Mesmo que estivessem, tudo que você teria que fazer era tirar os óculos. Disfarce instantâneo.

Estou zoando, mas Bronwyn tira os óculos e coloca a mão no mochilão para pegar o estojo azul brilhante onde ela os guarda.

— Ótima ideia, só que fico cega sem eles.

Eu só vi Bronwyn sem óculos uma vez, quando eles foram derrubados por uma bola de vôlei numa aula de educação física do quinto ano. Foi a primeira vez que notei que seus olhos não eram azuis, como sempre pensei, mas de um cinza-claro brilhante.

— Eu guio você — digo. — Aquilo é um chafariz. Não esbarre nele.

Bronwyn quer ir à loja da Apple, onde franze os olhos vendo iPod Nanos para a irmã.

— Maeve está começando a correr agora. Ela vive pegando o meu emprestado e se esquecendo de carregá-lo.

— Você sabe que esse é um problema de menina rica e que ninguém mais se importa, certo?

Ela sorri de maneira afetada, sem se ofender.

— Eu preciso fazer uma playlist para mantê-la motivada. Alguma sugestão?

— Duvido de que a gente goste das mesmas músicas.

— A Maeve e eu temos um gosto musical variado. Você ficaria

surpreso. Deixe eu ver sua biblioteca.

Dou de ombros e destravo o celular. Bronwyn navega pelo iTunes com uma testa cada vez mais franzida.

— O que é tudo isso aqui? Por que não reconheço nada? — Depois ela olha para mim. — Você tem “Variações do Cânone”?

Eu pego o telefone da mão de Bronwyn e o recoloco no bolso. Esqueci que tinha baixado aquilo.

— Eu gosto mais da sua versão — revelo, e os lábios dela se curvam num sorriso.

Nós tomamos o rumo da praça de alimentação e ficamos de bate-papo sobre besteiras, como se fôssemos dois adolescentes comuns. Bronwyn insiste em realmente pagar um pretzel para mim, embora eu tenha que ajudá-la porque ela não consegue ver dois palmos diante do nariz. Nós sentamos ao lado do chafariz para esperar por Maeve, e Bronwyn se debruça sobre a mesa para ver meus olhos.

— Tem uma coisa que eu vinha querendo falar com você.

Eu ergo as sobrancelhas, interessado, até ela dizer:

— Estou preocupada com o fato de você não ter um advogado.

Então, engulo um pedaço de pretzel e evito o olhar de Bronwyn.

— Por quê?

— Porque esta situação toda está começando a implodir. Minha advogada acha que a cobertura da imprensa vai viralizar. Ela me fez mudar todas as minhas contas de mídias sociais para privadas. Você deveria fazer o mesmo, falando nisso. Se tiver alguma. Eu não te encontrei em lugar algum. Não que eu estivesse dando uma de *stalker*. Só por curiosidade. — Ela se sacode um pouco, como se tentasse colocar as ideias de volta nos trilhos. — Enfim, a pressão está aí, e você já está em liberdade condicional, então, é melhor... é melhor você ter alguém do seu lado.

Você é o desajustado, o bode expiatório óbvio disso tudo. É o que Bronwyn está querendo dizer; só é educada demais para falar diretamente. Eu afasto a cadeira da mesa e a inclino para trás, equilibrada em duas pernas.

— Isso é uma boa notícia para você, certo? Se eles se concentrarem em mim.

— Não! — Ela fala tão alto que as pessoas na mesa ao lado olham para cá, e Bronwyn baixa o tom de voz. — Não, é horrível. Mas eu estava pensando... Você já ouviu falar do Até que Provem?

— O quê?

— Até que Provem. É aquele grupo voluntário de advogados que começou na Faculdade de Direito da Califórnia Western. Lembra? Eles soltaram aquele mendigo que foi condenado por assassinato por causa de um erro no teste de DNA, e encontraram o verdadeiro assassino.

Não sei se estou ouvindo bem.

— Você está me comparando ao mendigo no corredor da morte?

— É apenas um exemplo de um caso famoso. Eles fazem outras coisas também. Achei que valesse a pena dar uma olhada neles.

Bronwyn e a agente Lopez realmente se dariam bem. Ambas têm certeza de que é possível dar um jeito em qualquer problema com o grupo de apoio correto.

— Parece inútil.

— Você se importaria se eu ligasse para eles?

Eu recoloco a cadeira no piso com um barulhão, perdendo a calma.

— Você não pode cuidar desta situação como se fosse o conselho estudantil, Bronwyn.

— E você não pode simplesmente esperar para ser julgado e condenado sem provas!

Ela espalma as mãos na mesa e chega à frente, com um olhar intenso.

Cruzes. Bronwyn é um pé no saco, e não consigo me lembrar de por que eu queria tanto beijá-la há poucos minutos. Ela provavelmente me transformaria em um *projeto*.

— Cuide da sua vida.

A frase sai mais ríspida do que eu pretendia, mas estou falando sério. Sobrevivi por quase todo o ensino médio sem Bronwyn Rojas cuidando da minha vida, e não preciso que ela comece agora.

Bronwyn cruza os braços e olha feio para mim.

— Estou tentando te *ajudar*.

É aí que percebo que Maeve está parada ali, olhando de um para o outro, como se estivesse vendo a partida de pingue-pongue menos divertida do mundo.

— Hã...Cheguei em má hora? — pergunta ela.

— É uma *ótima* hora — respondo.

Bronwyn fica de pé abruptamente, coloca os óculos e a mochila no ombro.

— Obrigada pela carona.

A voz dela é tão fria quanto a minha.

Tanto faz. Eu me levanto e vou para a saída sem responder, sentindo uma combinação perigosa de raiva e inquietude. Preciso de uma distração, mas nunca sei o que diabos fazer agora que saí do tráfico de drogas. Talvez parar tenha sido apenas o adiamento do inevitável.

Estou quase do lado de fora quando alguém puxa a minha jaqueta. Quando me viro, braços dão a volta no meu pescoço e o cheiro agradável de maçã verde me envolve quando Bronwyn beija meu rosto.

— Você está certo — sussurra ela, com o hálito quente no meu ouvido. — Foi mal. Não é da minha conta. Não fique puto, ok? Eu não

consgio aguentar essa barra se você parar de falar comigo.

— Não estou puto.

Eu tento destravar para devolver o abraço, em vez de ficar parado ali, como um toco de madeira, mas Bronwyn já foi embora, correndo atrás da irmã.

Addy

Terça-feira, 9 de outubro, 20h45

De alguma maneira, Bronwyn e Nate conseguiram desviar das câmeras. Cooper e eu não demos tanta sorte assim. Ambos aparecemos no noticiário das cinco da tarde de todos os principais canais de San Diego: Cooper atrás do volante de seu Jeep Wrangler, e eu entrando no carro de Ashton após ter abandonado minha bicicleta novinha em folha no colégio e enviado uma mensagem de texto em pânico, implorando por uma carona. O noticiário encerrou com uma bela imagem minha, que foi colocada ao lado de foto antiga, de quando eu tinha 8 anos, no concurso de beleza Little Miss Southeast San Diego. Onde, claro, fiquei em terceiro lugar.

Pelo menos, não há vans quando Ashton estaciona para me deixar no colégio no dia seguinte.

— Me liga se precisar de carona — diz ela, e eu dou um abraço rápido, que a esgana.

Pensei que estaria mais à vontade para demonstrar carinho fraternal depois da choradeira da semana passada, mas ainda é esquisito e eu acabo prendendo o bracelete no suéter de Ashton.

— Foi mal — murmuro, e dou um sorriso dolorido.

— A gente vai ficar melhor nisso com o tempo.

Eu já me acostumei com olhares, então, o fato de que eles se intensificaram desde ontem não me incomoda. Quando saio da sala no meio da aula da História é porque sinto a menstruação descendo, e não porque tenho que chorar.

Mas, quando chego ao banheiro feminino, outra pessoa está chorando. Sons abafados vêm da última cabine porque quem quer que esteja lá se controla. Eu cuido do meu problema — alarme falso — e lavo as mãos enquanto observo meus olhos cansados e o cabelo surpreendentemente exuberante. Não importa o quanto minha vida esteja horrível, meu cabelo ainda consegue estar bonito.

Estou prestes a sair, mas hesito e vou para a outra ponta do banheiro. Eu me abaixo e vejo coturnos surrados embaixo da porta da última cabine.

— Janae?

Sem resposta. Eu bato com os nós dos dedos na porta.

— É Addy. Você precisa de alguma coisa?

— Cruzes, Addy — diz Janae em uma voz embargada. — *Não*. Vá embora.

— Ok — digo, mas não vou. — Sabe, geralmente sou eu que fico nessa cabine chorando sem parar. Então, tenho muito lenço de papel se você precisar. E também colírio.

Janae não fala nada.

— Eu sinto muito pelo Simon. Não creio que isso signifique muita coisa dado tudo que você ouviu, mas... fiquei chocada com o que aconteceu. Você deve sentir muito a falta dele.

Janae permanece calada, e eu me pergunto se falei demais novamente. Sempre achei que Janae fosse apaixonada por Simon e que ele não notava. Talvez ela finalmente tenha contado a verdade para ele antes de ele morrer e foi rejeitada. Isso tornaria a situação ainda pior.

Estou prestes a sair quando Janae dá um grande suspiro. A porta se abre e revela o rosto borrado e a roupa toda preta.

— Eu aceito o colírio — diz ela ao esfregar os olhos de guaxinim.

— Você deveria aceitar o lenço de papel também — sugiro ao colocar as duas coisas na sua mão.

Ela solta algo parecido com uma risada pelo nariz.

— Nada como um dia depois do outro, Addy. Você nunca falou comigo antes.

— Isso te incomodava? — pergunto, com curiosidade sincera.

Janae nunca me pareceu uma pessoa que quisesse fazer parte do nosso grupo. Ao contrário de Simon, que sempre rondou pelas beiradas, à procura de uma entrada.

Janae molha um lenço de papel na pia e o passa nos olhos enquanto olha feio para mim pelo espelho o tempo todo.

— Vai se catar, Addy. Sério. Que pergunta é essa?

Eu não me ofendo, como normalmente me ofenderia.

— Não sei. Uma pergunta idiota, eu acho. Só agora estou percebendo que tenho um péssimo traquejo social.

Janae espirra um jato de colírio em ambos os olhos, e as manchas de guaxinim reaparecem. Eu ofereço outro lenço de papel para que ela possa repetir o processo de limpeza.

— Por quê?

— Porque na verdade quem era popular era Jake, não eu. Eu só estava de carona.

Janae se afasta do espelho com um passo.

— Nunca pensei que te ouviria dizer isso.

— “Sou vasto, contenho multidões” — digo para ela, que arregala os olhos. — *Canção de Mim Mesmo*, certo? Walt Whitman. Eu ando lendo desde o funeral de Simon. Não entendo a maior parte, mas é

reconfortante de uma forma meio estranha.

Janae continua limpando os olhos.

— Foi o que pensei. Era o poema favorito de Simon.

Penso em Ashton e em como ela vem me mantendo sem pirar nas últimas duas semanas. E em Cooper, que me defendeu no colégio embora não haja nenhuma amizade real entre nós.

— Você tem com quem conversar?

— Não — murmura Janae, e os olhos dela se enchem de água novamente.

Sei por experiência própria que ela não vai me agradecer por continuar a conversa. Em algum momento, nós precisamos engolir o choro e seguir para a aula.

— Bem, se você quiser falar comigo... eu tenho muito tempo. E espaço ao meu lado no refeitório. Enfim, fica o convite. De qualquer maneira, sinto mesmo por Simon. A gente se vê.

Levando tudo em conta, acho que o resultado daquele encontro foi muito bom. Janae parou de me insultar no final, de qualquer forma.

Volto para a aula de História, mas está quase no fim, e, após o sinal tocar, é hora do almoço — a parte que menos gosto do dia. Falei para Cooper não se sentar comigo, porque não suporto a forma como todo mundo o trata mal, mas odeio comer sozinha. Estou prestes a pular o almoço e ir à biblioteca quando sinto a mão em minha manga.

— Ei.

É Bronwyn, com uma aparência surpreendentemente elegante em um blazer justo e sapatos baixos listrados. O cabelo está solto e caindo sobre os ombros em camadas negras reluzentes. Noto com uma pontada de inveja como a pele dela está limpa. Aposto que não tem espinhas enormes. Não sei se algum dia vi Bronwyn tão bonita assim, e estou tão distraída que quase perco as próximas palavras dela.

— Você quer almoçar com a gente?

— Ah... — Eu inclino a cabeça para Bronwyn. Passei mais tempo com ela nas últimas duas semanas do que passei nos últimos três anos no colégio, mas não foram exatamente momentos sociáveis. — Sério?

— É. Bem. Nós temos alguma coisa em comum agora, então...

Bronwyn não completa o argumento, seus olhos se afastam dos meus, e imagino se ela acha que eu possa ser a responsável por tudo isso. Bronwyn deve achar que sim, porque eu penso o mesmo a respeito dela às vezes. Mas tipo um gênio do mal, uma vilã de desenho animado. Agora que Bronwyn está parada diante de mim com sapatos fofos e um sorriso hesitante, aquilo parece impossível.

— Tudo bem — respondo.

Sigo Bronwyn para uma mesa com a irmã dela, Yumiko Mori, e uma garota alta e de aparência taciturna que não conheço. Melhor do que pular o almoço na biblioteca.

Quando saio pela entrada principal depois do último sinal, não há nada — nenhuma van de noticiário, nenhum repórter —, então, mando uma mensagem para Ashton, dizendo que ela não precisa me pegar, e aproveito a oportunidade para ir para casa de bicicleta. Eu paro no semáforo vermelho superdemorado da Rua Hurley e descanso os pés no asfalto enquanto olho para as lojas do centro comercial à minha direita: roupas baratas, bijuterias baratas, celulares baratos. E cortes de cabelo baratos. Nada como meu salão de beleza de sempre no centro de San Diego, que cobra sessenta dólares a cada seis semanas para conter o avanço das pontas duplas.

Sinto o cabelo pesado e quente embaixo do capacete. Antes de o semáforo abrir, eu viro a bicicleta para fora da rua, subo na calçada e entro no estacionamento do centro comercial. Guardo a bicicleta no estacionamento do lado de fora do salão Supercuts, retiro o capacete e entro.

— Oi! — A moça atrás do caixa é apenas alguns anos mais velha do que eu e usa uma regata preta que expõe tatuagens coloridas de flores cobrindo os braços e ombros. — Você veio aparar o cabelo?

— Cortar.

— Ok. Não estamos muito ocupados, então, posso atender você agora mesmo.

A moça me conduz a uma cadeira preta vagabunda que está perdendo o estofamento, e ambas olhamos para o meu reflexo no espelho enquanto ela passa a mão pelo meu cabelo.

— Ele é tão bonito.

Eu olho fixamente para os cachos reluzentes na mão da moça.

— Ele está precisando ser cortado.

— Alguns centímetros?

Eu balanço a cabeça.

— Todo.

Ela ri de nervoso.

— Na altura dos ombros, talvez?

— Todo — repito.

Ela arregala os olhos, assustada.

— Ah, você não está falando sério. Seu cabelo é lindo!

A moça desaparece e ressurgue com uma supervisora. Ambas ficam paradas ali, confabulando em tom baixo por alguns minutos. Metade do salão está me encarando. Imagino quantos clientes viram o noticiário de San Diego ontem à noite, e quantos pensam que sou apenas uma adolescente com os hormônios à flor da pele.

— Às vezes, as pessoas pensam que querem um corte radical, mas não é verdade — começa a falar a supervisora, com cautela.

Eu não a deixo terminar. Estou mais do que cansada de as pessoas me dizerem o que quero.

— Vocês cortam cabelo aqui? Ou devo ir a outro lugar qualquer?

Ela puxa um cacho do próprio cabelo louro platinado.

— Eu odiaria que você se arrependesse disso. Se quer um visual diferente, você pode experimentar...

Há tesouras espalhadas pela bancada diante de mim, então pego uma delas. Antes que alguém consiga me deter, eu puxo um punhado grosso de cabelo e corto o pedaço bem acima da orelha. Gritinhos contidos percorrem o salão, e encaro o olhar chocado da moça tatuada no espelho.

— Dê um jeito nisso — digo a ela.

E é o que ela faz.

CAPÍTULO 16

Bronwyn

Sexta-feira, 12 de outubro, 19h45

Quatro dias depois de aparecermos no noticiário local, a reportagem se torna nacional no programa *Mikhail Powers Investiga*.

Eu sabia que isso aconteceria, já que a produção de Mikhail tentou entrar em contato com minha família a semana inteira. Nós nunca respondemos, graças a um bom senso básico e também à consultoria de Robin. Nate também não respondeu, e Addy disse que tanto ela quanto Cooper se recusaram a falar. Então, o programa vai ao ar em quinze minutos sem comentários de nenhuma das pessoas realmente envolvidas.

A não ser que um de nós esteja mentindo. O que é sempre uma possibilidade.

A cobertura local já foi suficientemente ruim. Talvez tenha sido a minha imaginação, mas tenho certeza de que meu pai fez uma careta toda vez que eu fui citada como “a filha de Javier Rojas, notório empresário latino”. E ele saiu da sala quando um canal informou sua nacionalidade como chilena em vez de colombiana. A coisa toda me fez querer, pela centésima vez desde que tudo isso começou, que eu simplesmente tivesse levado aquele 5 em Química.

Maeve e eu estamos esparramadas na minha cama, olhando os minutos passarem no despertador até minha estreia como uma desgraça nacional. Ou melhor, *eu* estou, enquanto minha irmã está examinando minuciosamente os links do 4chan que encontrou no site de administrador de Simon.

— Olhe isto aqui — mostra ela ao virar o laptop para mim.

Um longo tópico de discussão aborda um tiroteio em um colégio que aconteceu na primavera passada, a alguns condados de distância. Um aluno do segundo ano escondeu uma pistola no casaco e abriu fogo no corredor após o primeiro sinal. Sete estudantes e um professor morreram antes de o garoto apontar a arma para si mesmo. É preciso ler alguns comentários mais de uma vez até eu perceber que a discussão não está condenando o garoto, mas exaltando-o. Um bando

de psicopatas vibrando com o que ele fez.

— Maeve. — Enfio a cabeça nos braços, sem querer ler mais. — Que diabos é isso?

— Um fórum qualquer que Simon frequentava há alguns meses.

Eu ergo a cabeça para encará-la.

— *Simon* postava ali? Como você sabe?

— Ele usou aquele nome AnarchiSK tirado do Falando Nisso — responde Maeve.

Vasculho o tópico de discussão, mas é comprido demais para notar nomes individuais.

— Você tem certeza de que é Simon? Talvez outras pessoas usem o mesmo nome.

— Eu ando verificando as postagens, e com certeza é Simon — garante Maeve. — Ele faz referências a lugares em Bayview, fala dos clubes de que fez parte no colégio, menciona o carro algumas vezes.

Simon sentia um orgulho absurdo do Fusca 1970 que dirigia. Minha irmã se reclina nas almofadas e morde o lábio inferior.

— Há muita coisa para examinar, mas vou ler tudo quando tiver tempo.

Não consigo imaginar uma coisa que eu quisesse fazer menos.

— Por quê?

— A discussão está cheia de gente esquisita com ressentimentos — diz Maeve. — Simon pode ter feito alguns inimigos ali. Vale a pena pesquisar, de qualquer forma.

Ela pega o laptop de volta e acrescenta:

— Eu peguei aquele arquivo criptografado sobre Cooper na biblioteca naquele dia, mas não consegui abrir. *Ainda*.

— Meninas. — A voz da minha mãe está tensa ao berrar para o segundo andar. — Está na hora.

É verdade. A família inteira vai se reunir para assistir *Mikhail Powers Investiga*. O que é um círculo do inferno como Dante jamais imaginou.

Maeve fecha o laptop enquanto eu faço um esforço para ficar de pé. Há uma leve vibração vindo de dentro da minha mesinha de cabeceira, e abro a gaveta para tirar o telefone de Nate.

Aproveite o programa, diz a mensagem.

Não tem graça, respondo.

— Guarde isso — avisa Maeve, fingindo rigor. — Agora *não é a hora*.

Nós descemos para a sala de estar, onde mamãe já se instalou em uma poltrona com uma taça de vinho excepcionalmente cheia. Papai está funcionando no modo executivo despojado, vestido casualmente com seu colete de lã favorito e cercado por meia dúzia de aparelhos de comunicação. Um comercial de papel-toalha surge na tela enquanto

Maeve e eu nos sentamos lado a lado no sofá e esperamos que *Mikhail Powers Investiga* comece.

O programa se concentra em descrever crimes reais, e é muito sensacionalista, porém mais confiável do que outras atrações similares por causa do passado de cobertura de acontecimentos relevantes de Mikhail. Ele trabalhou anos como âncora de uma das grandes redes de televisão e agrega uma certa credibilidade aos trabalhos.

Mikhail Powers sempre lê o enredo inicial em voz grave e autoritária enquanto fotos policiais granuladas são exibidas na tela.

Uma jovem mãe desaparece. Uma vida dupla exposta. E um ano depois, uma prisão chocante. Será que a justiça finalmente foi feita?

Um casal famoso morto. Uma filha dedicada suspeita. Será que sua conta no Facebook pode ser a chave para desvendar a identidade do assassino?

Eu conheço a fórmula, então, não é surpresa alguma quando é aplicada a mim.

A morte misteriosa de um estudante do ensino médio. Quatro colegas de turma com segredos. Quando a polícia não chega a lugar algum, o que virá a seguir?

O medo começa a se espalhar por mim: meu estômago dói, meus pulmões se apertam, até minha boca tem um gosto horrível. Por quase duas semanas, eu fui interrogada e examinada, fui julgada e me tornei motivo de sussurros. Tive que me esquivar de perguntas feitas pela polícia e por professores sobre as alegações de Simon e ver seus olhos ficarem sérios enquanto liam nas entrelinhas. Venho esperando que caia outra bomba; que o Tumblr solte um vídeo meu acessando os arquivos do Sr. Camino ou que a polícia me denuncie. Mas nada pareceu tão real e brutal quanto ver minha foto de turma sobre o ombro de Mikhail Powers em rede nacional.

Há imagens de Mikhail e sua equipe em Bayview, mas ele divulga a apuração dos fatos por trás de uma mesa cromada elegante, no estúdio de Los Angeles. Mikhail tem pele e cabelos negros e sedosos, olhos expressivos, e o vestuário sob medida mais perfeito que já vi na vida. Não duvido que, se ele conseguisse me interrogar sozinha, eu teria revelado todo tipo de coisa que não deveria.

— Mas quem são os integrantes do Quarteto de Bayview? — pergunta Mikhail, encarando intensamente a câmera.

— Vocês têm um nome — sussurra Maeve, mas não suficientemente baixo para mamãe não ouvir.

— Maeve, isso não é *nada* engraçado — critica ela, rispidamente, quando a câmera corta para um vídeo do trabalho dos meus pais.

Ah, não. Estão começando por mim.

Bronwyn Rojas, uma aluna exemplar, vem de uma família de alto desempenho, traumatizada pela doença persistente da filha mais nova.

Será que a pressão para estar à altura a levou a roubar provas e tirar Yale do alcance para sempre? Seguido por um porta-voz de Yale confirmando que eu, na verdade, ainda não me inscrevi.

Todos nós temos nossa vez. Mikhail examina o passado de concurso de beleza de Addy, fala com comentaristas de beisebol sobre a predominância do doping no ensino médio e o impacto potencial na carreira de Cooper, e revela os detalhes sobre a prisão de Nate por tráfico de drogas e a sentença de liberdade condicional.

— Não é justo — sussurra Maeve no meu ouvido. — Não falaram nada sobre o fato de o pai dele ser um bêbado e a mãe estar morta. Cadê o contexto?

— Ele não ia querer isso, de qualquer forma — sussurro de volta.

Passo o programa encolhida de medo até ver uma entrevista com um advogado do grupo Até que Provem. Uma vez que nenhum dos nossos advogados concordou em falar, a equipe de Mikhail chamou o Até que Provem como especialistas no tema. O advogado com quem eles falam, Eli Kleinfelter, não parece sequer dez anos mais velho do que eu. Tem um cabelo cacheado desgrenhado, um cavanhaque falho e intensos olhos escuros.

— Eis o que eu diria se fosse o advogado deles — diz o rapaz, e eu me debruço à frente, sem querer. — Toda a atenção está voltada para esses quatro jovens. Eles estão sendo arrastados na lama, sem prova alguma que os ligue a qualquer crime, após semanas de investigação. Mas havia um quinto jovem na sala, não havia? E ele parece ser do tipo que talvez tivesse mais do que quatro inimigos. Então, me diga: quem *mais* tem um motivo? Qual a história que não está sendo contada? É aí que eu investigaria.

— E-xa-ta-men-te — concorda Maeve, separando cada sílaba.

— E não é possível presumir que Simon era a única pessoa com acesso ao painel de administrador do Falando Nisso — continua Eli. — Qualquer um poderia ter entrado no painel antes de ele morrer e ter visto ou modificado aquelas postagens.

Eu olho para Maeve, mas desta vez ela não diz nada, apenas encara a tela com um meio sorriso no rosto.

Não consigo parar de pensar nas palavras de Eli pelo restante da noite. Mesmo quando estou ao telefone com Nate, meio assistindo a *Battle Royale*, que é melhor do que muitos dos filmes que ele gosta. Mas com *Mikhail Powers Investiga* e nosso passeio ao shopping na segunda-feira — em que eu penso sem parar no tempo vago quando não me imagino indo para a cadeia —, não consigo me concentrar. Muitos outros pensamentos disputam um espacinho no meu cérebro.

Nate esteve prestes a me beijar, não é? E eu queria que ele me beijasse. Então, por que não nos beijamos?

Eli finalmente falou a coisa certa. Por que ninguém está procurando por

outros suspeitos?

Imagino se Nate e eu agora entramos oficialmente para a friendzone.

Mikhail Powers conduz investigações em série, então, esta situação só vai piorar.

Nate e eu seríamos horríveis juntos de qualquer maneira. Provavelmente.

É sério que a revista People acabou de me enviar um e-mail?

— O que está acontecendo com esse seu cérebro grande, Bronwyn?
— pergunta Nate, finalmente.

Muita coisa, e a maior parte eu provavelmente não deveria compartilhar.

— Quero conversar com Eli Kleinfelter — digo. — Não sobre você — acrescento, quando Nate não responde. — Só em termos gerais. Estou intrigada pelo que ele pensa.

— Você já tem uma advogada. Acha que ela gostaria que você obtivesse uma segunda opinião?

Eu sei que ela não gostaria. Robin só quer saber de restrição e defesa. *Não dê nada a ninguém que possa ser usado contra você.*

— Não quero que ele me represente ou algo assim. Só quero uma conversa. Talvez eu tente ligar para ele na semana que vem.

— Você nunca desliga, não é?

A frase não soa como um elogio.

— Não — admito, e me pergunto se matei qualquer atração esquisita que Nate possa ter sentido por mim um dia.

Nate fica em silêncio enquanto assistimos Shogo fingir as mortes de Shuya e Noriko.

— Esse filme não é ruim — concede ele, finalmente. — Mas você ainda me deve terminar de ver *Ringu* pessoalmente.

Pequenas faíscas elétricas percorrem minha corrente sanguínea. *A atração não morreu, então? Talvez esteja sobrevivendo por aparelhos.*

— Eu sei. É meio que um desafio de logística. Especialmente agora que somos famosos.

— Não há nenhuma van de reportagem aqui, agora.

Pensei sobre isso. Talvez algumas dezenas de vezes desde a primeira vez que ele me convidou. E, embora eu não compreenda muito do que está rolando entre mim e Nate, eu sei de uma coisa: o que acontecer a seguir não me envolve dirigindo para a casa dele no meio da noite. Começo a enumerar todos os excelentes motivos práticos, tipo, que o motor barulhento do Volvo vai acordar meus pais, quando Nate me corta:

— Eu posso te buscar.

Suspiro e encaro o teto. Não sou boa em passar por essas situações, provavelmente porque elas só ocorriam na minha mente.

— Acho esquisito ir para a sua casa a uma da manhã, Nate. Tipo,

é... diferente de assistir a um filme. E não te conheço tão bem a ponto de, hã, não assistir a um filme com você.

Ai, Deus. É por isso que as pessoas deveriam esperar até o último ano do ensino médio para namorar. Meu rosto inteiro está ardendo, e, enquanto espero pela resposta dele, agradeço de verdade por Nate não poder me ver.

— Bronwyn. — A voz dele não é tão debochada quanto eu esperava. — Eu não estou tentando *não assistir* a um filme com você. Quero dizer, claro, se você estivesse a fim disso, eu não diria não. Acredite. Mas o principal motivo de eu te chamar para vir aqui após a meia-noite é que a minha casa é uma merda durante o dia. Em primeiro lugar, dá para vê-la. O que eu não recomendo. Em segundo, meu pai está por perto. Eu preferia que você... você sabe. Que não tropeçasse nele.

Meu coração perde o compasso.

— Eu não ligo para isso.

— Mas eu ligo.

— Ok. — Eu não compreendo completamente as regras de Nate para gerenciar seu mundo, mas para variar eu vou cuidar da minha própria vida e não vou dar opinião sobre o que importa ou não. — Vamos dar algum jeito nisso.

Cooper

Sábado, 13 de outubro, 16h35

Não existe um lugar bom para romper o namoro com alguém, mas pelo menos a sala de estar da pessoa é reservada e ela não tem que ir para lugar algum depois. Então, é lá que dou a notícia a Keely.

Não é por causa do que a Vovó disse. Já estava para acontecer há algum tempo. Keely é ótima de mil formas diferentes, mas não é para mim, e não posso arrastá-la por toda essa situação sabendo disso.

Keely quer uma explicação, e eu não tenho uma boa.

— Se é por causa da investigação, não me importo! — exclama ela às lágrimas. — Eu te apoio, não importa o que aconteça.

— Não é isso — digo.

Não é só isso, de qualquer forma.

— E eu não acredito em uma palavra daquele Tumblr horroroso.

— Eu sei, Keely. Sou grato por isso, sou mesmo.

Houve outra postagem na manhã de hoje, exultando a cobertura da mídia:

O site do programa *Mikhail Powers Investiga* recebeu milhares de comentários sobre o Quarteto de Bayview. (Um nome meio sem graça, falando nisso. Eu teria esperado coisa melhor de um programa jornalístico de primeira linha.) Alguns

pedem por sentença de prisão. Alguns reclamam que os jovens são mimados e têm tudo de mão beijada hoje em dia, e que este é um grande exemplo disso.

É uma grande reportagem: quatro alunos bonitos e famosos, todos sendo investigados por assassinato. E ninguém é o que parece.

A pressão está forte agora, polícia de Bayview. Talvez vocês devam examinar com mais atenção as antigas postagens de Simon. Podem encontrar algumas pistas interessantes sobre o Quarteto de Bayview.

Só estou falando.

A última parte faz meu sangue gelar. Simon nunca escreveu sobre mim antes, mas não gostei da insinuação. Ou da sensação ruim e intensa de que outra coisa está vindo. E em breve.

— Então, por que você está fazendo isso?

Keely está com a cabeça entre as mãos e lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela é uma chorona bonita; não fica vermelha, nem manchada. Keely olha para mim com afogados olhos negros.

— Vanessa disse alguma coisa?

— A... o quê? Vanessa? O que *ela* diria?

— Ela tem pegado no meu pé por eu ainda estar falando com Addy. Ela ameaçou te contar uma coisa que você nem deveria se importar, porque aconteceu antes do nosso namoro. — Keely olha para mim esperançosamente, e minha expressão impassível parece deixá-la furiosa. — Ou talvez você *devesse* se importar, assim se importaria com alguma coisa relacionada a mim. Você está sendo tão presunçoso sobre a maneira como Jake está agindo, Cooper, mas pelo menos ele tem emoções. Jake não é um robô. É normal ter ciúmes quando a garota de quem você gosta está com outra pessoa.

— Eu sei.

Keely espera um segundo antes de dar uma risadinha sarcástica.

— É assim, então? Você não está nem um pouco curioso. Não está preocupado comigo ou quer me proteger. Você simplesmente não dá a mínima.

Chegamos àquele ponto onde nada que eu diga estará certo.

— Foi mal, Keely.

— Eu fiquei com Nate — confessa ela abruptamente, com os olhos fixos nos meus. Tenho que admitir que isso me surpreende. — Na festa de Luis, na última noite do primeiro ano. Simon estava me seguindo a noite inteira, e eu estava de saco cheio disso. Daí Nate apareceu e eu pensei, que se dane. Ele é um cara gostoso, né? Mesmo que *seja* um degenerado completo. — Keely dá um sorriso afetado para mim, com um traço de amargura no rosto. — Nós só nos beijamos, basicamente. Naquela noite. Aí você me chamou para sair algumas semanas depois.

Ela olha intensamente para mim de novo, e não sei que mensagem Keely está tentando passar.

— Então, você estava comigo e com Nate ao mesmo tempo?

— Isto te incomodaria?

Ela quer tirar algo de mim desta conversa. Eu gostaria de descobrir o que é e dar a ela, porque sei que não fui justo com Keely. Seus olhos negros estão fixos nos meus, as bochechas, coradas, e os lábios, ligeiramente abertos. Keely é realmente linda e, se eu disser que cometi um engano, me aceitaria de volta e eu continuaria sendo o cara mais invejado de Bayview.

— Acho que não gostaria... — começo a dizer, mas Keely me interrompe com uma meia gargalhada e meio soluço de choro.

— Ai, meu Deus, Cooper. A sua *cara*. Você não dá a mínima mesmo. Bem, só pra constar, eu parei de fazer qualquer coisa com Nate assim que você me chamou pra sair. — Ela recomeça a chorar, e eu me sinto o maior babaca do mundo. — Sabe, Simon teria dado qualquer coisa para que eu o tivesse escolhido. Você nem chegou a saber que *foi* uma escolha. As pessoas sempre te escolhem, né? Elas sempre me escolheram também. Até você chegar e me tornar invisível.

— Keely, eu nunca tive a intenção...

Ela não está mais escutando.

— Você nunca se importou, não é? Só queria o acessório certo para a temporada de recrutamento.

— Isso não é justo...

— É tudo uma grande mentira, não é, Cooper? Eu, os seus arremessos...

— Eu *nunca* usei anabolizantes — interrompo, subitamente furioso.

Keely dá outra risada embargada.

— Bem, pelo menos você sente algo por *alguma coisa*.

— Eu vou embora.

Fico de pé abruptamente, sentindo a adrenalina nas veias enquanto saio pela porta de Keely, antes que eu diga algo que não deveria. Fiz exames após as acusações de Simon virem à tona, e deram negativo. E também uma outra vez no verão, como parte de uma série de exames físicos no centro de medicina esportiva exigidos pela UCSD antes de montar meu regime de treinamento. Mas foi só isso. Uma vez que os esteroides anabolizantes desaparecem do organismo em questão de semanas, não consigo provar minha inocência completamente. Falei para o treinador Ruffalo que as acusações não são verdadeiras, e, até então, ele não entrou em contato com nenhum colega. Só que agora nós fazemos parte do circuito de notícias, e as coisas não vão ficar em segredo por muito tempo.

E Keely está certa — andei bem mais preocupado com isso do que com nosso relacionamento. Devo a ela um pedido de desculpas melhor do que esse que acabei de improvisar. Mas não sei como fazer.

CAPÍTULO 17

Addy

Segunda-feira, 15 de outubro, 12h15

O sexismo segue firme e forte na cobertura policial, porque Bronwyn e eu não somos tão populares com a opinião pública quanto Cooper e Nate. *Especialmente* Nate. Todas as pré-adolescentes postando sobre a gente nas redes sociais amam Nate. Elas nem ligam que ele seja um traficante de drogas condenado — Nate tem olhos cativantes.

A mesma coisa acontece no colégio. Bronwyn e eu somos párias — tirando as amigas dela, a irmã e Janae, quase ninguém fala conosco. Só sussurram pelas costas. Mas Cooper continua o queridinho de sempre. E Nate — bem, não é como se Nate algum dia tivesse sido exatamente popular. Ele nunca pareceu se importar com o que as pessoas pensavam, e continua sendo assim.

— É sério, Addy, pare de mostrar essa coisa. Eu não quero ver.

Bronwyn revira os olhos para mim, mas não parece realmente puta. Acho que somos quase amigas agora, ou tão amigáveis quanto possível quando você não tem cem por cento de certeza de que a outra pessoa não está lhe incriminando por assassinato.

Por outro lado, ela não compartilha da minha necessidade obsessiva de acompanhar as notícias sobre nós. E eu não mostro nada para ela, especialmente não os comentários horríveis com ofensas contra a família de Bronwyn. Esta é uma camada a mais de merda que ela não precisa. Em vez disso, mostro para Janae um dos artigos mais positivos que encontrei.

— Olhe. A notícia mais compartilhada no *BuzzFeed* é o Cooper saindo do ginásio.

A aparência de Janae está horrível. Ela perdeu mais peso desde que esbarrei com ela no banheiro, e parece mais apavorada do que nunca. Não sei por que Janae almoça com a gente, já que, na maior parte do tempo, ela não diz uma palavra. Mas agora ela olha com entusiasmo para o meu celular.

— É uma boa foto, eu acho.

Kate me lança um olhar severo.

— Quer guardar isso?

Eu guardo o celular, mas mentalmente estou mostrando o dedo para ela o tempo todo. Yumiko é legal, mas Kate quase me faz sentir saudades de Vanessa.

Não. É uma mentira deslavada. Eu *odeio* Vanessa. Odeio como ela bancou a menina malvada para chegar ao centro do meu antigo grupo e como colou com Jake, forçando uma imagem de casal. Ainda que eu não enxergue muito interesse da parte dele. Cortar meu cabelo foi como desistir de Jake, uma vez que ele não teria me notado há três anos sem o cabelo. Mas só porque eu abandonei as esperanças não significa que parei de prestar atenção.

Depois do almoço, vou para a aula de Geociência e me sento num banco ao lado de um colega de laboratório que mal olha na minha direção.

— Não se acomodem muito — alerta a Senhorita Mara. — Vamos misturar as coisas hoje. Vocês todos já estiveram com seus colegas por um tempo, então, vamos revezar.

Ela nos dá instruções complicadas — algumas pessoas vão para a esquerda, outras para a direita, e o restante fica parado no lugar —, mas não presto muita atenção ao processo até que acabo ao lado de TJ.

Seu nariz parece bem melhor, mas duvido de que algum dia fique reto novamente. TJ me dá um meio sorriso encabulado ao puxar a travessa de rochas diante de nós.

— Foi mal. Este provavelmente é o seu pior pesadelo, certo?

Não fique se gabando, TJ, penso. Ele não tem nada a ver com meus pesadelos. Parece que todos aqueles meses de culpa angustiada por ter transado com ele na casa de praia aconteceram em outra vida.

— Tudo bem.

Nós classificamos as rochas em silêncio, até que TJ fala:

— Gosto do seu cabelo.

Dou um muxoxo de desdém.

— Sei, claro.

Com a exceção de Ashton, que é suspeita para falar, *ninguém* gosta do meu cabelo. Minha mãe está estarecida. Meus antigos amigos riram abertamente quando me viram no dia seguinte. Até Keely deu um risinho de desdém. Ela pulou imediatamente para Luis. Já que não pode ter o Cooper, acho que ela resolveu se conformar em ficar com o colega de equipe dele. Luis deu um pé na bunda de Olivia por Keely, mas ninguém ficou surpreso com isso.

— Estou falando sério. Finalmente dá para ver o seu rosto. Você parece a Emma Watson loura.

É mentira. Mas acho que é legal da parte dele. Eu seguro uma rocha entre o polegar e o indicador, e aperto os olhos para enxergá-la.

— O que você acha? Ígnea ou sedimentar?

TJ dá de ombros.

— Não sei a diferença.

Eu chuto e coloco a rocha na pilha de ígneas.

— TJ, se eu consigo me importar com rochas, tenho certeza de que você pode se esforçar mais.

Ele faz uma expressão de surpresa para mim e depois sorri.

— *Aí sim.*

— O quê?

Todo mundo parece absorto com suas rochas, mas TJ baixa a voz mesmo assim.

— Você foi muito engraçada quando nós... hã, da primeira vez que a gente ficou. Na praia. Mas, sempre que eu te vi depois daquilo, você era tão... passiva. Sempre concordando com tudo que Jake dizia.

Eu olho feio para a travessa diante de mim.

— Isso é uma grosseria.

O tom de voz de TJ é brando.

— Foi mal. Mas nunca entendi por que você ficou em segundo plano daquela maneira. Você foi uma diversão e tanto. — Ele nota meu olhar feio e acrescenta rapidamente: — Não *desse* jeito. Ah, bem, sim, *desse* jeito também, mas ... Quer saber? Deixe pra lá. Eu vou parar de falar agora.

— Ótima ideia — murmuro ao pegar um punhado de rochas e soltá-las diante dele. — Classifique essas, pode ser?

Não é que o comentário de TJ sobre “ficar em segundo plano” me magoe. Eu sei que é verdade. Porém, não consigo assimilar o resto. Ninguém nunca me disse que sou engraçada. Ou divertida. Eu sempre achei que TJ continuava falando comigo porque não se importaria de me pegar sozinha novamente. Jamais pensei que ele realmente fosse curtir ficar comigo durante a parte do dia, sem o envolvimento físico.

Chegamos ao fim da aula em silêncio, a não ser para concordar ou discordar sobre a classificação das rochas, e, quando o sinal toca, pego a mochila e vou para o corredor sem olhar para trás.

Até que uma voz atrás de mim me detém, como se eu tivesse dado de cara com uma parede invisível.

— Addy.

Meus ombros ficam tensos quando me viro. Eu não tentei falar com Jake desde que ele me dispensou no armário, e tenho medo do que ele vá me dizer agora.

— Como você está? — pergunta ele.

Eu quase rio.

— Ah, você sabe. *Nada bem.*

Não consigo interpretar a expressão de Jake. Ele não parece puto, mas também não está sorrindo. Parece diferente de alguma forma.

Mais velho? Não exatamente, mas... menos moleque, talvez. Ele vinha me ignorando por quase duas semanas, e não entendo por que eu subitamente me tornei visível novamente.

— As coisas devem estar ficando sérias. Cooper se fechou completamente. Você... — Ele hesita e troca a mochila de ombro. — Você quer conversar alguma hora?

Minha garganta sente como se eu tivesse engolido algo afiado. *Se eu quero?* Jake espera por uma resposta, e mentalmente eu me sacudo. Claro que sim. É tudo que eu quero desde que aquilo aconteceu.

— Sim.

— Ok. Talvez hoje à tarde? Eu te mando uma mensagem. — Jake sustenta meu olhar, ainda sem sorrir, e acrescenta: — Meu Deus, não consigo me acostumar com o seu cabelo. Você nem parece você mesma.

Estou prestes a dizer *eu sei* quando me lembro das palavras de TJ. *Você era tão... passiva. Sempre concordando com tudo que Jake dizia.*

— Bem, eu me acostumei — digo em vez disso, e disparo pelo corredor antes que ele consiga quebrar o contato visual primeiro.

Nate

Segunda-feira, 15 de outubro, 15h15

Bronwyn se senta na pedra ao meu lado, ajeita a saia sobre os joelhos e olha por cima do topo das árvores diante de nós.

— Nunca estive no Pico do Marechal antes — confessa ela.

Não estou surpreso. O Pico do Marechal — que não é realmente um pico, está mais para um afloramento rochoso com vista para o bosque que cortamos para sair do colégio — é a suposta paisagem deslumbrante de Bayview. É também um ponto famoso para se embriagar, se drogar ou fazer pegação, embora não às três da tarde de uma segunda-feira. Tenho certeza de que Bronwyn não tem noção do que ocorre aqui nos fins de semana.

— Espero que esteja à altura da fama — digo.

Ela sorri.

— É melhor do que sofrer uma emboscada da equipe do Mikhail Powers.

Tivemos que fugir de novo pela porta dos fundos quando eles apareceram na frente do colégio hoje. Estou surpreso que eles ainda não tenham se tocado de vigiar o bosque. Dirigir até o shopping center novamente pareceu uma má ideia, visto que ficamos muito famosos na última semana, então, cá estamos.

Os olhos de Bronwyn estão abaixados, observando uma fila de formigas carregar uma folha pela rocha ao nosso lado. Ela umedece os

lábios quando está nervosa, e eu me aproximo um pouco mais. A maior parte do meu tempo com Bronwyn é passada ao telefone, e não sei dizer o que ela está pensando pessoalmente.

— Eu liguei para Eli Kleinfelter — revela Bronwyn. — Do Até que Provem.

Ah. É *nisso* que ela está pensando. Eu me afasto.

— Ok.

— Foi uma conversa interessante — diz ela. — Ele gostou de ter ouvido notícias minhas, não pareceu nada surpreso. Eli prometeu não contar a ninguém que eu liguei para ele.

Apesar de toda a inteligência, Bronwyn pode ser uma criancinha inocente às vezes.

— E de que isso adianta? — pergunto. — Eli não é o seu advogado. Ele pode falar com Mikhail Powers sobre você se quiser ganhar mais destaque na televisão.

— Eli não vai falar — responde Bronwyn calmamente, como se tivesse compreendido tudo. — De qualquer forma, eu não contei nada a ele. Não falamos sobre mim, de maneira alguma. Eu só perguntei o que ele achava da investigação até então.

— E?

— Bem, ele repetiu um pouco do que disse na televisão. Que estava surpreso por não se falar mais sobre Simon. Eli acha que qualquer um que cuidasse do aplicativo como Simon fazia, pelo tempo que ele cuidava, teria feito muitos inimigos que adorariam usar nós quatro como bodes expiatórios. Ele disse que verificaria algumas das postagens mais prejudiciais e os alunos envolvidos. E que pesquisaria sobre Simon em geral. Como o que Maeve está fazendo com o lance do 4chan.

— A melhor defesa é o ataque? — pergunto.

— Certo. Eli também disse que nossos advogados não estão fazendo o suficiente para dismantelar a teoria de que mais ninguém poderia ter envenenado Simon. O Sr. Avery, por exemplo. — Um toque de orgulho surge na voz de Bronwyn. — Eli disse a mesmíssima coisa que eu falei, que o Sr. Avery teve a melhor oportunidade de todos nós para colocar os celulares e adulterar os copos. Mas, afora ter sido interrogado algumas vezes, a polícia o deixou em paz a maior parte do tempo.

Eu dou de ombros.

— Qual é o motivo dele?

— Tecnofobia — responde Bronwyn, que olha feio para mim quando eu rio. — Isso *existe*. De qualquer forma, é apenas uma ideia. Eli também mencionou a batida de carro como um momento que todo mundo estava distraído e alguém poderia ter entrado na sala.

Franzo a testa para ela.

— Nós não ficamos na janela tanto tempo assim. Teríamos ouvido a porta abrindo.

— Teríamos? Talvez não. O que eu quero dizer é que é possível. E ele falou outra coisa interessante. — Bronwyn pega uma pequena pedra e a manipula, pensativa. — Eli disse que investigaria essa batida. Que a coincidência foi suspeita.

— O que isso significa?

— Bem, tem a ver com o argumento anterior de Eli de que alguém poderia ter aberto a porta enquanto nós olhávamos os carros pela janela. Alguém que sabia que o acidente ia acontecer.

— Ele acha que o acidente de carro foi *planejado*? — Eu encaro Bronwyn, e ela evita o meu olhar ao jogar a pedra sobre as árvores embaixo de nós. — Então, você está sugerindo que alguém provocou uma batida no estacionamento para nos distrair, nos colocou na detenção e passou óleo de amendoim no copo de Simon? Que essa pessoa não tinha como saber que Simon estava com o copo se já não estivesse na sala? E que depois ela deixou o copo de Simon por ali, porque é idiota?

— Não é uma idiotice se a pessoa estiver tentando nos incriminar — salienta Bronwyn. — Mas seria uma idiotice que um de nós deixasse o copo ali, em vez de descobrir uma forma de se livrar dele. Havia boas chances de ninguém nos revistar logo depois.

— Isso ainda não explica como alguém do lado de fora da sala saberia que Simon estava com um copo d'água, para início de conversa.

— Bem, é como a postagem do Tumblr disse. Simon estava sempre bebendo água, né? A pessoa podia ter estado do lado de fora da porta, observando pela janela. É o que o Eli diz, de qualquer forma.

— Ah, bem, se *Eli* diz. — Eu não sei por que esse cara é um deus da advocacia aos olhos de Bronwyn. Ele não pode ter mais de 25 anos. — Parece que ele está cheio de teorias cretinas.

Estou me preparando para uma discussão, mas ela não morde a isca.

— Talvez — concorda Bronwyn passando o dedo pela rocha entre nós. — Mas eu andei pensando muito sobre isso ultimamente e... não acho que tenha sido alguém naquela sala, Nate. Não acho mesmo. Eu conheci Addy um pouquinho melhor esta semana — ela ergue a palma da mão diante do meu olhar de descrença — e não estou dizendo que virei subitamente uma especialista sobre ela ou algo assim, mas, honestamente, não consigo imaginá-la fazendo qualquer coisa contra Simon.

— E quanto a Cooper? Aquele cara certamente está escondendo alguma coisa.

— Cooper não é um assassino. — Bronwyn parece convencida, e,

por alguma razão, isso me irrita.

— E você sabe disso porque vocês são muito próximos? Encare os fatos, Bronwyn, nenhum de nós realmente conhece um ao outro. Caramba, *você mesma* poderia ter feito aquilo. Você é inteligente o suficiente para planejar algo tão bizarro e se safar.

Estou brincando, mas Bronwyn fica rígida.

— Como você pode dizer isso?

Suas bochechas ficam vermelhas e dão a Bronwyn aquela aparência corada que sempre me perturba. *Um dia, ela vai te surpreender com a beleza que tem.* Minha mãe costumava dizer isso sobre Bronwyn.

Minha mãe estava errada, no entanto. Não há nada surpreendente a respeito disso.

— Eli mesmo disse, certo? — argumento. — Tudo é possível. Talvez você tenha me trazido aqui para me empurrar morro abaixo e quebrar meu pescoço.

— Você me trouxe aqui — salienta Bronwyn.

Ela arregala os olhos, e eu rio.

— Ah, ora, vamos. Você realmente não acha... Bronwyn, isto mal pode ser considerado uma ladeira. Empurrar você desta rocha não é lá um grande plano maligno se um tornozelo torcido é tudo que vai conseguir.

— Isso não tem graça — diz ela, mas um sorriso perpassa seus lábios.

O sol da tarde faz Bronwyn brilhar, coloca lampejos de ouro no cabelo escuro dela, e, por um segundo, eu quase perco a respiração.

Meu Deus. Esta garota.

Eu me levanto e estendo a mão. Ela me dá um olhar desconfiado, mas pega minha mão e deixa que eu a puxe até ficar de pé. Eu ergo a outra.

— Bronwyn Rojas, juro solenemente não assassiná-la hoje ou em qualquer momento no futuro. Combinado?

— Você é ridículo — murmura ela, ficando mais vermelha ainda.

— Me preocupa que você esteja evitando uma promessa de não me assassinar.

Bronwyn revira os olhos.

— Você diz isso para todas as garotas que traz aqui?

Hum. Talvez ela conheça a reputação do Pico do Marechal, afinal de contas.

Eu me aproximo até que haja somente alguns centímetros entre nós.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta.

Bronwyn se inclina para a frente e leva os lábios ao meu ouvido. Ela está tão perto que posso sentir seu coração batendo enquanto sussurra:

— Eu prometo não assassinar você.

— Que tesão.

Falo como se fosse brincadeira, mas a voz sai feito um rosnado, e, quando os lábios dela se abrem, eu beijo Bronwyn antes que ela possa rir. Uma onda de energia percorre meu corpo quando pego no seu rosto com as mãos, e meus dedos agarram as bochechas e a linha do maxilar. Deve ser a adrenalina que está fazendo meu coração bater tão rápido. Todo aquele lance de ninguém-mais-seria-capaz-de-entender-essa-conexão. Ou talvez sejam os lábios macios e o cabelo com cheiro de maçã verde, e a forma como ela agarra o meu pescoço, como se não suportasse a ideia de me soltar. Seja como for, eu continuo beijando Bronwyn por quanto tempo ela permite, e, quando ela se afasta, eu tento puxá-la de volta porque não foi suficiente.

— Nate, meu telefone — diz ela, e pela primeira vez noto um toque de mensagem insistente e dissonante. — É a minha irmã.

— Ela pode esperar — retruco, enquanto enfio a mão no cabelo de Bronwyn e beijo a linha do maxilar até o pescoço.

Ela treme abraçada a mim, e ouço um gemidinho vindo da sua garganta. Que eu gosto.

— É só que... — Bronwyn passa a ponta dos dedos na minha nuca. — Ela não continuaria mandando mensagens se não fosse importante.

Maeve é a nossa desculpa — Bronwyn e ela deveriam estar juntas na casa de Yumiko —, então, eu me afasto relutantemente para que ela baixe a mão e retire o telefone da mochila. Ela olha para tela e respira nervosa.

— Ai, meu Deus. Minha mãe também está tentando entrar em contato. Robin diz que a polícia quer que eu vá à delegacia. Para, abre aspas, “examinar algumas coisas”. Fecha aspas.

— Provavelmente a mesma baboseira. — Consigo parecer calmo, mesmo não estando.

— Eles ligaram para você? — pergunta Bronwyn.

Ela parece torcer para que tenham ligado, e se odeia por isso. Eu não ouvi meu telefone, mas tiro do bolso para verificar.

— Não.

Bronwyn acena com a cabeça e começa a disparar mensagens.

— Devo mandar Maeve me pegar aqui?

— Fale pra ela encontrar a gente na minha casa. É no meio do caminho entre aqui e a delegacia.

Assim que falo isso, eu meio que me arrependo — ainda não quero que Bronwyn chegue perto da minha casa quando o dia está claro —, mas é a opção mais conveniente. E nós não precisamos entrar.

Bronwyn morde o lábio.

— E se houver repórteres lá?

— Não haverá. Eles já sacaram que não tem ninguém nunca. —

Como ela ainda parece preocupada, eu acrescento: — Olhe, a gente pode estacionar na minha vizinha e ir andando. Se houver alguém lá, eu te levo para outro lugar qualquer. Mas, confie em mim, vai dar tudo certo.

Bronwyn manda meu endereço por mensagem para a irmã, e nós andamos até o limite do bosque, onde deixei a motocicleta. Eu a ajudo a colocar o capacete, e ela sobe atrás de mim e me abraça pela cintura enquanto ligo o motor.

Eu piloto lentamente por ruas secundárias, estreitas e tortuosas até chegarmos à minha rua. O Chevrolet enferrujado da minha vizinha está parado na entrada de garagem, no mesmíssimo lugar onde tem estado pelos últimos cinco anos. Eu estaciono ao lado dele, espero Bronwyn descer da moto e pego a mão dela enquanto cruzamos o quintal da minha vizinha até o meu. Ao nos aproximarmos, vejo a minha casa pelos olhos de Bronwyn e desejo que eu tivesse me dado ao trabalho de cortar a grama em algum momento no ano passado.

De repente ela para e contém um gritinho, mas não está olhando para a grama na altura dos joelhos.

— Nate, tem alguém na sua porta.

Eu paro também e vasculho a rua atrás de uma van de reportagem. Não há nenhuma, apenas um Kia detonado estacionado em frente à minha casa. Talvez eles estejam melhorando no quesito camuflagem.

— Fique aqui — digo para Bronwyn, mas ela vem comigo quando me aproximo da entrada da garagem para ver melhor quem está na porta.

Não é um repórter.

Minha garganta fica seca e minha cabeça começa a latejar. A mulher que aperta a campainha se vira e fica um pouco boquiaberta ao me ver. Bronwyn está imóvel ao meu lado, e sua mão se solta da minha. Eu continuo andando sem ela.

O tom normal da minha voz surpreende a mim mesmo:

— E aí, mãe?

CAPÍTULO 18

Bronwyn

Segunda-feira, 15 de outubro, 16h10

Maeve estaciona na entrada de garagem segundos depois de a Sra. Macauley se virar. Eu fico paralisada, com as mãos crispadas ao lado do corpo e o coração disparado, encarando a mulher que pensei que estivesse morta.

— Bronwyn? — Maeve baixa a janela e coloca a cabeça para fora do carro. — Está pronta? A mamãe e Robin já estão lá. O papai está tentando sair do trabalho, mas ele tem uma reunião com a diretoria. Eu tive que inventar uma história para explicar por que você não estava atendendo o telefone. Você está passando mal do estômago, ok?

— Não deixa de ser verdade — murmuro.

As costas de Nate estão viradas para mim. A mãe dele está falando, encarando o filho com olhos famintos, mas não consigo ouvir nada do que ela diz.

— Hã? — Maeve acompanha meu olhar. — Quem é aquela ali?

— Eu te conto no carro — respondo ao arrancar o olhar de Nate. — Vamos.

Eu entro no banco do carona do Volvo, onde o aquecedor está a toda porque Maeve está sempre com frio. Ela dá marcha a ré na entrada de garagem com aquele jeito cuidadoso do tipo acabei-de-tirar-a-carteira enquanto fala o tempo todo.

— Mamãe está fazendo toda aquela encenação de mãe, como se não estivesse surtando, mas está completamente surtada — avisa ela, embora eu não esteja prestando muita atenção. — Acho que a polícia não está divulgando muitas informações. A gente nem sabe se mais alguém vai estar lá. Você sabe se Nate vai?

Eu volto a prestar atenção.

— Não. — Para variar, eu fico contente que Maeve goste de manter a temperatura igual a de um forno enquanto dirige, porque isso está contendo o frio que quer subir pela minha espinha. — Ele não vai.

Maeve se aproxima de uma placa de parada obrigatória e freia aos

trancos e barrancos enquanto olha para mim.

— O que foi?

Eu fecho os olhos e me reclinio no apoio de cabeça.

— Aquela era a mãe de Nate.

— O quê?

— A mulher na porta agorinha mesmo. Na casa de Nate. Era a mãe dele.

— Mas... — Maeve para de falar, e percebo pelo som da seta que ela está prestes a fazer uma curva e precisa se concentrar; quando ajeita o carro novamente, minha irmã continua: — Ela está morta.

— Aparentemente não.

— Eu não... mas é isso que... — Maeve gagueja por alguns segundos, enquanto mantenho os olhos fechados. — Então... qual é o lance? Ele não *sabia* que a mãe estava viva? Ou mentiu a respeito?

— Nós não tivemos exatamente tempo para discutir isso — respondo.

Mas essa é a pergunta de um milhão de dólares. Eu me lembro de ter ouvido há três anos o rumor de que a mãe de Nate havia morrido em um acidente de carro. O meu tio, irmão da minha mãe, também faleceu da mesma maneira, e eu senti muita empatia por Nate, mas nunca perguntei a ele na época. Só nas últimas semanas. Nate não gostou de falar no assunto, no entanto. Tudo que ele disse foi que não ouviu nada a respeito da mãe desde que ela lhe deu um bolo e não o levou para o Oregon, até que Nate recebeu a notícia de que a mãe morreria. Ele nunca mencionou um funeral nem nada, na verdade.

— Bem. — O tom de voz de Maeve é encorajador. — Talvez seja algum milagre. Como se tudo fosse um engano horrível e todo mundo pensasse que ela estivesse morta, mas, na verdade, ela... teve amnésia. Ou estava em coma.

— Certo. — Eu dou um muxoxo de desdém. — E talvez Nate tenha um gêmeo do mal que está por trás de tudo. Porque estamos vivendo numa telenovela, afinal de contas.

Eu penso no rosto de Nate antes de ele se afastar de mim. Nate não pareceu chocado. Ou feliz. Ele pareceu... resignado. Nate me lembrou do meu pai toda vez que Maeve tinha uma recaída. Como se uma doença que ele temia tivesse voltado, e Nate simplesmente tivesse que encará-la agora.

— Chegamos — anuncia Maeve, parando com cuidado.

Eu abro os olhos.

— Você está na vaga de deficientes — digo.

— Eu não vou ficar, só estou te deixando. Boa sorte. — Ela estica o braço e aperta minha mão. — Tenho certeza de que vai dar certo. Tudo.

Entro lentamente e dou o nome para a mulher atrás da divisória de

vidro no saguão, que me dirige para uma sala de reunião no fim do corredor. Quando entro, minha mãe, Robin e o detetive Mendoza já estão sentados em volta de uma mesinha. Fico desanimada diante da ausência de Addy e Cooper, e ao ver um laptop em frente ao detetive.

Minha mãe me lança um olhar preocupado.

— Como está seu estômago, meu amor?

— Não muito bem — respondo honestamente, enquanto me sento ao lado dela e coloco a mochila no chão.

— Bronwyn não está bem — comenta Robin, com um olhar frio na direção do detetive Mendoza. Ela está usando um *tailleur* azul-marinho elegante e um colar comprido com várias voltas. — Esta deveria ser uma discussão entre nós dois, Rick. Eu posso informar a Bronwyn e aos pais dela conforme seja necessário.

O detetive Mendoza aperta uma tecla do laptop.

— Não vamos segurar vocês por muito tempo. É sempre melhor falar cara a cara, na minha opinião. Bronwyn, você está ciente de que Simon tinha outro site-irmão do Falando Nisso, onde ele escrevia postagens mais longas?

Robin interrompe antes que eu possa falar.

— Rick, não vou deixar que Bronwyn responda a qualquer pergunta até você me dizer por que ela está aqui. Se você tiver algo para nos mostrar ou contar, por favor, faça isso primeiro.

— Eu tenho — diz o detetive Mendoza, que vira o laptop para mim. — Um de seus colegas de turma nos alertou sobre uma postagem publicada há dezoito meses, Bronwyn. Você já viu isso?

Minha mãe aproxima sua cadeira de mim enquanto Robin se debruça sobre meu ombro. Eu concentro os olhos na tela, mas já sei o que estou prestes a ler. Eu vinha me preocupando há semanas que isso pudesse ser descoberto.

Então, talvez eu devesse ter dito alguma coisa. Mas agora é tarde demais.

Notícia de última hora: a festa de fim de ano de LV não é um evento beneficente. Só para deixarmos isso claro. Mas não há problema se você achar que é, pois há um recorde de presença de calouros.

Leitores regulares (e se você não é um, qual é o seu problema, diabos?) sabem que eu tento pegar leve com a molecada. As crianças são nosso futuro etc. e tal. Mas me deixem fazer um pronunciamento de utilidade pública para uma recém-chegada (e presença passageira, imagino eu) à cena social: MR, que não parece perceber que SC é demais para ela.

Ele não está atrás de uma cadelinha, menina. Pare de correr atrás dele. É patético.

E, pessoal, não venham com aquele papo furado de a-coitadinha-teve-câncer. Já chega. M está bem grandinha e já pode aprender algumas regras básicas:

1. Jogadores do time de basquete do colégio com namoradas *cheerleaders* NÃO

ESTÃO DISPONÍVEIS. Eu não deveria ter que explicar isso, mas aparentemente é preciso.

2. Duas cervejas são demais quando a pessoa é peso-leve, porque isso acarreta:
3. Pior dança desengonçada em cima da mesa que eu vi na vida. Sério, M. Nunca mais.
4. Se uma cerveja te faz vomitar, tente não fazer isso na máquina de lavar do dono da casa. É muita grosseria.

Vamos pedir identidade na entrada partir de agora, ok, LV? Na primeira vez é engraçado, mas depois é apenas triste.

Fico imóvel na cadeira e tento manter a expressão impassível. Eu me lembro dessa postagem como se fosse ontem: minha irmã ficou eufórica com o primeiro crush dela e a primeira festa, embora nenhum dos dois tenha saído exatamente como planejado. E depois Maeve se fechou ao ler a postagem de Simon e se recusou a sair de novo. Eu me lembro de toda a raiva e impotência que senti por Simon ser tão despreocupadamente cruel apenas porque podia. Porque tinha um público disposto a devorar tudo.

E eu o odiava por isso.

Eu não consigo olhar para minha mãe, que não fazia ideia de que tudo aquilo havia acontecido, então, me concentro em Robin. Se minha advogada está surpresa ou preocupada, ela não demonstra.

— Certo, eu li. E qual é o significado que você vê nesta postagem, Rick?

— Eu gostaria que essa resposta viesse de Bronwyn.

— Não. — A voz de Robin estala como um chicote de veludo, suave, mas inflexível. — Explique por que nós estamos aqui.

— Esta postagem parece ter sido escrita sobre a irmã de Bronwyn, Maeve.

— O que o leva a achar isso? — pergunta Robin.

Minha mãe solta uma gargalhada furiosa e descrente, e eu finalmente olho de relance para ela. Seu rosto está supervermelho, os olhos ardidos. A voz treme quando minha mãe fala:

— Isso é sério? O senhor nos traz aqui para mostrar essa postagem horrível escrita por um... um garoto que obviamente tinha *problemas*, é preciso dizer, e a troco de quê? Qual é o seu objetivo, exatamente?

O detetive Mendoza inclina a cabeça na direção dela.

— Eu tenho certeza de que isso é difícil de ler, Sra. Rojas. Mas com as iniciais e o diagnóstico de câncer, é óbvio que Simon estava escrevendo sobre sua filha caçula. Não há nenhum aluno do Colégio Bayview que hoje ou no passado se encaixe nesse perfil. — Ele se volta para mim. — Essa postagem deve ter sido humilhante para a sua irmã, Bronwyn. E, pelo que os outros jovens da escola nos contaram recentemente, ela nunca participou realmente de atividades sociais

desde então. Isso a fez ressentir-se de Simon?

Minha mãe abre a boca para falar, mas Robin coloca uma mão no braço dela e a interrompe.

— Bronwyn não tem nenhum comentário a fazer.

Os olhos do detetive Mendoza brilham, e ele parece que mal consegue conter um sorriso.

— Ah, mas ela tem sim. Ou teve, na verdade. Simon tirou o blog do ar há mais de um ano, mas todas as postagens e comentários ainda estão registrados no servidor. — Ele recolhe o laptop e pressiona algumas teclas, depois vira o aparelho para nós, com uma nova janela aberta. — É preciso fornecer o e-mail para deixar um comentário. Este é o seu e-mail, certo, Bronwyn?

— Qualquer pessoa pode deixar o e-mail de outra — diz Robin rapidamente.

Depois ela se debruça sobre o meu ombro e lê o que eu escrevi no fim do segundo ano.

Vai se foder e morra, Simon.

Addy

Segunda-feira, 15 de outubro, 16h15

A estrada da minha casa até a de Jake é um trajeto bem tranquilo, exceto na esquina da Rua Clarendon. É um grande cruzamento, e eu tenho que ir para a pista da esquerda do outro lado sem a ajuda de uma ciclovía. Quando voltei a andar de bicicleta, eu costumava subir na calçada e atravessar no semáforo, mas agora costuro por três pistas, como uma profissional.

Subo na entrada da garagem de Jake e abaixo o suporte ao desmontar, tiro o capacete e penduro no guidão. Passo a mão no cabelo enquanto me aproximo da casa, mas é um gesto inútil. Eu já me acostumei ao corte e às vezes até gosto dele, mas, a não ser que ele cresça meio metro, não há nada que eu possa fazer para melhorá-lo aos olhos de Jake.

Eu toco a campainha e dou um passo para trás, sentindo a incerteza correndo pelas veias. Não sei por que estou aqui e nem o que espero que aconteça.

A porta faz barulho e é aberta por Jake. Ele parece o mesmo de sempre — cabelo desgrehado, olhos azuis, e uma camiseta justa que exhibe o resultado de seu treinamento para a temporada de futebol.

— Ei. Entre.

Eu me viro instintivamente para o porão, mas não é para lá que vamos. Em vez disso, Jake me conduz à sala de estar, onde passei menos do que uma hora desde que comecei a namorar com ele, há

mais de três anos. Eu me sento no sofá de couro dos pais de Jake, e as pernas ainda suadas grudam quase que imediatamente. Quem decidiu que mobília de couro era uma boa ideia?

Quando ele se senta diante de mim, sua boca se torce em uma linha tão séria que dá para perceber que esta não será uma conversa de reconciliação. Eu espero ser esmagada pela decepção devastadora, mas isso não acontece.

— Então, você anda de bicicleta agora? — pergunta Jake.

De todos os assuntos possíveis, não sei por que ele começa com este.

— Eu não tenho carro — comento para lembrá-lo. *E você costumava me levar para todos os cantos.*

Jake se debruça com os cotovelos nos joelhos — um gesto tão conhecido que quase espero que ele comece a conversar sobre a temporada de futebol, como teria feito há um mês.

— Como vai a investigação? Cooper não está mais falando sobre isso. Vocês ainda estão com a corda no pescoço ou não?

Não quero falar sobre a investigação. A polícia me interrogou duas vezes na semana passada, sempre tentando encontrar novas formas de me perguntar sobre as canetas de adrenalina que sumiram da sala da enfermeira. Meu advogado me disse que interrogatórios repetitivos significam que a investigação não está chegando a lugar algum, e não que eu seja a principal suspeita. Porém, isso não é da conta de Jake, então, eu conto uma história boba e inventada que nós quatro fomos ver a detetive Wheeler comer um prato inteiro de rosquinhas numa sala de interrogatório.

Jake revira os olhos quando termino.

— Então, basicamente eles não estão chegando a lugar algum.

— A irmã de Bronwyn acha que as pessoas deveriam estar investigando mais Simon — digo.

— Por que o Simon? Ele está morto, pelo amor de Deus!

— Porque a investigação pode revelar suspeitos que a polícia ainda nem cogitou. Outras pessoas que tinham alguma razão para querer tirar Simon da jogada.

Jake solta um suspiro de irritação e joga o braço para trás da cadeira.

— Culpar a vítima, você quer dizer? O que aconteceu com Simon não é culpa dele. Se as pessoas não fizessem babaquices às escondidas, o Falando Nisso nem teria existido. — Ele franziu os olhos para mim. — Você sabe disso melhor do que ninguém.

— Ainda assim, isso não faz dele uma boa pessoa — contra-argumento, com uma teimosia que me surpreende. — O Falando Nisso prejudicou muita gente. Não entendo como ele manteve isso no ar por tanto tempo. Simon gostava que as pessoas sentissem medo dele?

Tipo, você foi amigo dele na infância, certo? Simon sempre foi assim? É por isso que você parou de sair com ele?

— Você está fazendo o trabalho de investigação de Bronwyn por ela agora?

Jake está fazendo uma expressão de *desprezo* para mim?

— Estou tão curiosa quanto ela. Simon é tipo uma figura central na minha vida agora.

Ele dá um muxoxo de desdém.

— Eu não te convidei para discutir comigo.

Olho fixamente para Jake, procurando algo de conhecido no seu rosto.

— Eu não estou discutindo. Nós estamos conversando.

Mas assim que digo isso, tento me lembrar da última vez que falei com Jake e que não concordei com cem por cento do que ele falou. Não consigo pensar em nada. Eu ergo a mão e mexo na parte de trás do brinco, puxo até que ele quase saia, e depois o coloco no lugar novamente. É um tique nervoso que desenvolvi agora que não tenho cabelo para enroscar nos dedos.

— Então *por que* você me convidou? — pergunto.

Jake contorce os lábios enquanto desvia o olhar de mim.

— Resquícios de preocupação, eu acho. Além disso, mereço saber o que está acontecendo. Não paro de receber ligações de repórteres, e estou de saco cheio disso.

Ele parece estar esperando por um pedido de desculpas. Mas eu já dei muitos.

— Eu também.

Jake não diz nada, e, quando o silêncio preenche o ambiente, eu percebo claramente como o relógio em cima da lareira é alto. Conto sessenta e três tiques antes de perguntar:

— Você algum dia será capaz de me perdoar?

Nem sei mais que tipo de perdão eu quero. É difícil me imaginar de novo como namorada de Jake. Mas seria legal que ele parasse de me odiar.

Ele arreganha as narinas e contorce a boca numa expressão amarga.

— Como eu posso? Você me traiu e mentiu para mim, Addy. Você não é quem eu pensava que era.

Estou começando a pensar que isso é uma coisa boa.

— Não vou dar desculpas, Jake. Eu cometi um erro, mas não porque não me importava com você. Acho que nunca pensei que eu merecesse você. Aí fui lá e fiz algo para provar isso.

O olhar frio de Jake não cede.

— Não banque a coitadinha, Addy. Você sabia o que estava fazendo.

— Ok.

De repente, parece que eu estou sendo interrogada pela detetive Wheeler outra vez: *eu não tenho que falar com você*. Jake pode estar se satisfazendo em arrancar a casquinha do nosso relacionamento, mas eu, não. Fico de pé, e meu corpo emite um leve som de descolamento ao se desgrudar do sofá. Tenho certeza de que deixei duas marcas de coxas para trás. Nojento, mas quem se importa com isso?

— Acho que a gente se vê por aí — digo.

Eu saio sozinha, monto na bicicleta e coloco o capacete. Assim que ele está bem preso, puxo o suporte e pedalo para valer ao sair da garagem de Jake. Quando meu coração volta a um ritmo tranquilo, eu me lembro de como ele quase saiu do peito quando confessei que traí Jake. Nunca me senti tão aprisionada na vida. Eu pensei que me sentiria da mesma forma na sala de estar dele hoje, esperando que Jake me dissesse novamente que não presto.

Mas não me senti, nem me sinto assim. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto livre.

Cooper

Segunda-feira, 15 de outubro, 16h20

A minha vida não é mais minha. Foi tomada por um circo da mídia. Não há repórteres todo dia em frente à minha casa, mas ocorre com bastante frequência, e isso sempre faz meu estômago doer quando me aproximo de casa.

Tento não entrar na internet mais do que preciso. Eu costumava sonhar em ver meu nome sendo buscado no Google, mas por realizar uma partida impecável no torneio nacional. Não por ter possivelmente matado um sujeito com óleo de amendoim.

Todo mundo diz *apenas seja discreto*. Eu venho tentando, mas, quando a pessoa fica sob um microscópio, nada passa em branco. Na última sexta-feira, no colégio, eu saí do carro na mesma hora em que Addy saiu do carro da irmã, com a brisa mexendo no seu cabelo curto. Ambos estávamos com óculos escuros — uma tentativa inútil de se camuflar —, e nós trocamos o sorriso de boca fechada de sempre, do tipo ainda-não-acredito-que-isto-está-acontecendo. Não demos mais do que alguns passos até vermos Nate andar até o carro de Bronwyn e abrir a porta, em um gesto exageradamente educado. Ele deu um sorrisinho quando ela saiu, e Bronwyn respondeu com um olhar que fez com que Addy e eu nos entreolhássemos por trás dos óculos escuros. Nós quatro praticamente acabamos formando uma fila ao andar na direção da entrada dos fundos.

Tudo aquilo mal levou um minuto — mas foi tempo suficiente para alguém gravar um vídeo no celular, que acabou no TMZ daquela

noite. Eles exibiram em câmera lenta com a canção “Kids” do MGMT tocando ao fundo, como se fôssemos uma espécie de clube de assassinos colegiais descolados que estivesse cagando para o mundo. O vídeo viralizou em um dia.

Talvez isso seja o mais estranho dessa situação toda. Muitas pessoas nos odeiam e querem nos ver presos, mas o mesmo número de pessoas — se não mais — nos adora. De repente, eu tenho uma *fan page* no Facebook com mais de 50 mil curtidas. A maioria de garotas, de acordo com meu irmão.

A atenção diminui às vezes, mas nunca para de verdade. Eu achei que tivesse escapado hoje à noite quando saí de casa para me encontrar com Luis na academia, mas, assim que cheguei, uma mulher bonita, de cabelos pretos e rosto cheio de maquiagem, corre na minha direção. Fico desanimado porque reconheço o tipo. Fui seguido novamente.

— Cooper, você tem alguns minutos? Meu nome é Liz Rosen, do noticiário do Channel 7. Gostaria de ouvir sua opinião sobre tudo isso. Muitas pessoas estão torcendo por você!

Não respondo e passo por ela na porta da academia. Ela entra atrás de mim, fazendo barulho com o salto alto, seguida pelo cinegrafista, mas o sujeito no balcão detém os dois. Eu frequento aquela academia há anos, e eles estão sendo bem bacanas com tudo o que está acontecendo. Então, desapareço no corredor enquanto ele discute com a mulher que não é possível entrar ali sem ser sócio.

Luis e eu fazemos supino durante um tempo, mas estou preocupado com o que me espera do lado de fora quando eu terminar. Não falamos a respeito, mas depois, no vestiário, ele diz:

— Me dê sua blusa e as chaves.

— O quê?

— Eu vou me passar por você e sair daqui com seu boné e óculos escuros. Eles não vão notar a diferença. Pegue o meu carro e cai fora daqui. Vá pra casa, dê uma volta, tanto faz. Podemos destruir os carros amanhã no colégio.

Estou prestes a dizer a ele que isso nunca vai dar certo. O cabelo de Luis é bem mais escuro que o meu, e ele é no mínimo mais bronzeado. Por outro lado, com uma camisa de manga comprida e um boné, talvez isso não seja problema. Vale a tentativa, enfim.

Então, eu fico pelo corredor enquanto Luis sai pela porta da frente com minhas roupas para as luzes brilhantes das câmeras. Meu boné de beisebol está abaixado sobre a testa, e a mão dele protege o rosto enquanto Luis entra no meu Jeep. Ele sai do estacionamento e é seguido por algumas vans.

Eu coloco o boné e os óculos escuros de Luis, depois entro no seu Honda e jogo a mochila da academia no banco do carona. Levo

algumas tentativas para ligar a ignição, mas, assim que o motor ronca, saio do estacionamento e pego estradas secundárias até chegar à rodovia na direção de San Diego. No centro da cidade, circulo por meia hora, ainda paranoico que alguém esteja me seguindo. Com o passar do tempo, vou para o bairro North Park e estaciono em frente a uma velha fábrica que passou por reformas e virou um condomínio no ano passado.

A vizinhança está na moda, com as calçadas cheias de jovens bem-vestidos, um pouco mais velhos do que eu. Uma garota bonita num vestido florido quase se dobra de rir ao ouvir algo que o cara ao lado diz. Ela agarra o braço dele quando os dois passam pelo carro de Luis sem olhar para mim, e eu tenho uma sensação profunda de perda. Fui como eles há algumas semanas e agora... não sou.

Eu não deveria estar aqui. E se alguém me reconhecer?

Tiro uma chave da mochila da academia e espero por uma brecha na multidão da calçada. Saio do carro de Luis e estou na porta da frente tão rápido que não acho que alguém possa ter me visto. Entro no elevador, subo ao último andar e solto um suspiro de alívio quando ele não para nem uma vez. O silêncio ecoa no corredor vazio; todos os hipsters que moram aqui devem ter saído para curtir a tarde.

Exceto um, eu espero.

Quando bato na porta, eu não espero muito que haja resposta. Jamais liguei ou mandei mensagem dizendo que vinha. Mas a porta se abre, e um par de olhos verdes assustados encara os meus.

— *Ei.* — Kris dá espaço para que eu entre. — O que você está fazendo aqui?

— Tive que sair de casa.

Fecho a porta ao entrar, tiro o boné e os óculos escuros, e jogo os dois numa mesa vazia. Eu me sinto bobo, como um garoto que foi flagrado brincando de espião. Só que as pessoas *estão* me seguindo. Apenas não neste exato momento.

— Além disso, acho que a gente tem que conversar sobre todo esse lance de Simon, hein? — digo.

— Depois.

Kris hesita por uma fração de segundos, depois se inclina à frente, me puxa com força na sua direção e enfia os lábios nos meus. Eu fecho os olhos, e o mundo ao redor some, como sempre acontece, quando passo as mãos no cabelo dele e o beijo de volta.

PARTE TRÊS

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA

CAPÍTULO 19

Nate

Segunda-feira, 15 de outubro, 16h30

Minha mãe está no segundo andar, tentando ter uma conversa com meu pai. Boa sorte para ela. Estou no sofá com meu telefone descartável na mão, imaginando que mensagem mandar para Bronwyn a fim de evitar que ela me odeie. Não tenho certeza de que *Foi mal por ter mentido que minha mãe estava morta* vai colar.

Não é que eu quisesse que ela estivesse morta. Mas pensei que minha mãe provavelmente estivesse ou morreria em breve. E foi mais fácil do que dizer ou pensar na verdade. *Ela é uma viciada em cocaína que fugiu para uma comunidade hippie e não fala comigo desde então.* Então, quando as pessoas começaram a perguntar onde minha mãe estava, eu menti. Quando me dei conta de como essa resposta era perturbadora, era tarde demais para retirar o que tinha dito.

Na verdade ninguém mais se importou, de qualquer forma. A maioria das pessoas não presta atenção ao que digo ou faço, desde que eu mantenha o fluxo de drogas. A não ser a agente Lopez, e agora Bronwyn.

Pensei em contar a ela, algumas vezes de madrugada enquanto conversávamos. Mas jamais consegui descobrir como começar o papo. Ainda não consigo.

Então, guardo o celular.

Os degraus rangem quando minha mãe desce, passando as mãos na parte da frente das calças.

— Seu pai não está em condição alguma de conversar neste momento.

— Que surpresa — murmuro.

Ela parece ao mesmo tempo mais velha e mais jovem do que era. O cabelo está bem mais grisalho e curto, mas o rosto não está tão maltratado e cansado. Está mais gorda, o que deve ser bom. Significa que está comendo, de qualquer forma. Minha mãe vai ao terrário de Stan e me dá um sorrisinho nervoso.

— Bom ver que Stan ainda está por aqui.

— Nada mudou muito desde a última vez que a gente se viu — digo ao apoiar os pés na mesinha de centro diante de mim. — Mesmo lagarto entediado, mesmo pai bêbado, mesma casa caindo aos pedaços. A não ser que agora estou sendo investigado por assassinato. Talvez você tenha ouvido falar a respeito?

— Nathaniel. — Minha mãe se senta na poltrona e entrelaça as mãos diante de si; as unhas estão roídas como sempre. — Eu... eu nem sei por onde começar. Estou sóbria há três meses e quis entrar em contato com você a cada segundo. Mas estava com tanto medo de não estar forte o suficiente ainda, e com isso te decepcionar de novo. Aí eu vi o noticiário. Tenho passado aqui nos últimos dias, mas você nunca está em casa.

Eu gesticulo para as paredes rachadas e o teto caindo.

— Você ficaria aqui?

Ela faz uma expressão de pesar.

— Sinto muito, Nathaniel. Eu esperava... eu esperava que seu pai fosse tomar uma atitude.

Você esperava. Ótimo plano para criar um filho.

— Pelo menos ele está aqui.

É um golpe baixo, e não uma aprovação retumbante, uma vez que o sujeito mal se mexe, mas sinto que tenho esse direito.

Minha mãe treme a cabeça ao concordar enquanto estala os nós dos dedos. Meu Deus, eu me esqueci de que ela fazia isso. É irritante pra caralho.

— Eu sei. Não tenho direito de criticar. Não espero que você me perdoe. Ou que acredite que vai ter algo melhor da minha parte do que está acostumado. Mas finalmente estou tomando remédios que funcionam e que não me deixam louca de ansiedade. É o único motivo de eu ter conseguido terminar a reabilitação desta vez. Tenho uma equipe médica inteira no Oregon que está me ajudando a permanecer sóbria.

— Deve ser legal ter uma equipe.

— É mais do que mereço, eu sei.

O olhar baixo e o tom humilde de minha mãe estão me irritando. Mas tenho certeza de que qualquer coisa que ela fizesse me irritaria neste momento. Fico de pé.

— Tudo isso foi ótimo, mas eu preciso estar em outro lugar. Você pode sair sozinha, certo? A não ser queira ficar com o papai. Às vezes ele acorda por volta das dez.

Ai, merda. Agora ela está chorando.

— Desculpe, Nathaniel. Você merece muito mais do que nós dois. Meu Deus, olhe só para você, eu não acredito como ficou bonito. E você é mais esperto do que seus pais juntos. Sempre foi. Você deveria estar vivendo num daqueles casarões em Bayview Hills, e não

tomando conta sozinho deste pardieiro.

— Deixe pra lá, mãe. Está tudo beleza. Foi um prazer ver você. Mande um cartão-postal do Oregon uma hora dessas.

— Nathaniel, por favor. — Ela se levanta e puxa meu braço com mãos que parecem ser vinte anos mais velhas do que o resto do corpo; são macias e enrugadas, cobertas por pintas marrom e cicatrizes. — Eu quero fazer alguma coisa para te ajudar. Qualquer coisa. Estou hospedada no Motel Six na Estrada Bay. Posso te levar para jantar amanhã? Assim que você tiver tido tempo para digerir tudo isso?

Digerir isso. Meu Deus. Que espécie de jargão de reabilitação ela está vomitando?

— Não sei. Deixe um número que eu te ligo. Talvez.

— Ok.

Minha mãe concorda novamente com a cabeça, como uma marionete, e eu vou perder o controle se não me afastar em breve.

— Nathaniel, aquela era Bronwyn Rojas que eu vi mais cedo?

— Sim — respondo, e ela sorri. — Por quê?

— É só que... bem, se é com ela que você está, nós não te estragamos tanto assim.

— Não estou *com* Bronwyn. Nós somos suspeitos de assassinato, lembra? — digo, e saio batendo a porta; o que é um gesto autodestrutivo, porque, quando ela se soltar das maçanetas, *de novo*, sou eu que terei que consertá-la.

Assim que saio de casa, não sei para onde ir. Pego a motocicleta e rumo para o centro de San Diego, depois mudo de ideia e pego a rodovia para o norte. Apenas continuo pilotando e paro depois de uma hora para encher o tanque. Enquanto isso, pego o celular descartável e verifico as mensagens. Nada. Eu deveria ligar para Bronwyn e ver como foram as coisas na delegacia. Ela deve estar bem, de qualquer forma. Tem aquela advogada cara e pais que são como cães de guarda e ficam entre Bronwyn e as pessoas que tentam prejudicá-la. E, enfim, que diabos eu diria?

Guardo o telefone.

Piloto por quase três horas até chegar às estradas largas do deserto, pontilhadas por arbustos raquíticos. Embora esteja ficando tarde, é mais quente aqui perto do Deserto do Mojave, e eu paro a fim de tirar a jaqueta quando me aproximo das árvores-de-josué. As únicas férias na vida em que viajei com meus pais foi para acampar aqui aos 9 anos. Passei o tempo todo esperando que algo ruim fosse acontecer: que nosso carro supervalioso fosse quebrar, que minha mãe começasse a berrar ou chorar, que meu pai ficasse imóvel e calado como sempre fazia quando a situação ficava além do que ele podia suportar.

Só que a viagem foi quase normal. Os dois estavam tensos um com o outro, como sempre, mas não discutiram muito. Minha mãe estava

se comportando bem, talvez porque adorasse aquelas árvores baixas e retorcidas que estavam por toda parte.

— Nos primeiros sete anos na vida de uma árvore-de-josué, ela é apenas um tronco vertical, sem galhos — dissera ela, quando estávamos percorrendo a trilha. — Ela leva anos para florescer. E cada galho para de crescer após florescer, então, existe um sistema complexo de áreas mortas e crescimento novo.

Eu costumava pensar nisso, às vezes, quando me perguntava que partes da minha mãe poderiam ainda estar vivas.

Já passa da meia-noite quando volto para Bayview. Pensei em continuar na estrada, pilotando noite adentro, até onde conseguisse ir antes de cair exausto. Deixar que meus pais tenham seja lá que porra de reunião eles estejam prestes a ter sozinhos. Deixar que a polícia de Bayview venha atrás de mim se um dia quiser falar comigo de novo. Mas isso é o que a minha mãe faria. Então, no fim das contas, voltei, verifiquei os telefones e fui atrás da única mensagem que eu tinha: uma festa na casa de Chad Posner.

Quando chego lá, não vejo Posner em lugar algum. Acabo na cozinha dele, segurando uma cerveja e ouvindo duas garotas falar sem parar sobre um programa de TV que nunca vi. É um saco e não tira a minha mente da reaparição súbita da minha mãe nem da convocação de Bronwyn pela polícia.

Uma das garotas começa a dar uma risadinha.

— Eu conheço você — diz ela ao me cutucar no lado do corpo. A garota ri mais ainda e pressiona a mão no meu estômago. — Você apareceu no *Mikhail Powers Investiga*, não foi? Um dos jovens que talvez tenha matado aquele cara?

A menina está meio bêbada e cambaleia ao se aproximar. Ela se parece com muitas das garotas que conheço nas festas na casa de Posner: bonita de uma forma esquecível.

— Ai, meu Deus, Mallory! — exclama a amiga. — Que falta de educação.

— Não sou eu — digo. — Só pareço com ele.

— Mentira. — Mallory tenta me cutucar novamente, mas saio do alcance. — Bem, eu não acho que você matou Simon. Nem Brianna. Certo, Bri? — A amiga concorda com a cabeça. — Nós achamos que foi a garota de óculos. Ela parece ser uma piranha arrogante.

Minha mão se fecha com força na garrafa de cerveja.

— Já disse que não sou eu, então, pare com isso.

— Foi maaaals. — Mallory enrola a língua e inclina a cabeça para tirar a franja dos olhos. — Não seja tão rabugento. Aposto que posso te animar. — Ela enfia a mão no bolso e tira um saquinho amassado com quadradinhos. — Quer subir com a gente e viajar um pouco?

Eu hesito. Faria quase qualquer coisa para sair da minha cabeça neste exato momento. É o jeito da família Macauley. E todo mundo já acha que eu sou esse cara.

Quase todo mundo.

— Não posso — digo.

Pego o celular descartável e começo a passar pela multidão. O aparelho toca antes de eu sair. Quando olho para a tela e vejo o número de Bronwyn — embora ela seja a única pessoa na vida que me liga neste telefone —, sinto um enorme alívio, como se eu estivesse congelando e alguém me envolvesse num cobertor.

— Ei — diz Bronwyn, quando eu atendo. A voz dela está longe e distante. — Podemos conversar?

Bronwyn

Terça-feira, 16 de outubro, 0h30

Estou nervosa com relação a trazer Nate escondido para dentro de casa. Meus pais já estão furiosos comigo por não ter contado a eles sobre a postagem no blog de Simon — tanto agora quanto na época que ocorreu. No entanto, nós saímos da delegacia sem muitos problemas. Robin deu um discurso daqueles tipo: *Pare de nos fazer perder tempo com especulação sem sentido que você não pode provar e que não seria litigável mesmo que você pudesse.*

Acho que ela tinha razão, pois cá estou eu. Embora ainda de castigo até que, como minha mãe diz, eu pare de “sabotar meu futuro por não ser transparente”.

— Por que você não aproveitou para invadir o blog antigo de Simon? — murmurei para Maeve antes de ela ir dormir.

Minha irmã pareceu genuinamente irritada.

— Ele tirou o blog do ar há tanto tempo! Achei que nem existisse mais. E eu nunca soube que você escreveu aquele comentário. Não foi postado. — Ela balançou a cabeça para mim com uma espécie de afeto irritado. — Você sempre ficou mais perturbada por aquela situação do que eu, Bronwyn.

Talvez Maeve esteja certa. Enquanto estou deitada no quarto escuro ponderando se devo ligar para Nate, me ocorreu que passei anos pensando que minha irmã era muito mais frágil do que realmente é.

Agora estou no primeiro andar, na sala de TV, quando recebo uma mensagem de Nate dizendo que ele está na casa. Abro a porta do porão e coloco a cabeça para fora.

— Aqui — chamo baixinho, e uma figura sombria sai do canto da casa ao lado da entrada do cômodo.

Eu recuo para o interior e deixo a porta aberta e Nate me segue. Ele

entra usando uma jaqueta de couro sobre uma camiseta amassada e rasgada, e o cabelo cai suado sobre a testa por causa do capacete. Não digo nada até levá-lo à sala de TV e fechar a porta após entrarmos. Meus pais estão a três andares de distância e dormindo, mas o bônus de uma sala à prova de som é inegável em uma ocasião como esta.

— Então.

Eu me sento em uma ponta do sofá, com os joelhos dobrados e braços cruzados sobre as pernas, formando uma barreira. Nate tira e joga a jaqueta no chão, e se senta na extremidade oposta. Quando ele encara os meus olhos, os dele estão opacos com tanto sofrimento que eu quase esqueço de ficar irritada.

— Como foi lá na delegacia? — pergunta ele.

— Tudo bem. Mas não é sobre isso que quero conversar.

Nate baixa o olhar.

— Eu sei...

O silêncio se estende entre nós, e quero preenchê-lo com uma dúzia de perguntas, mas não o faço.

— Você deve achar que sou um babaca — diz ele finalmente, ainda olhando para o chão. — E um mentiroso.

— Por que você não me contou?

Nate solta um lento suspiro e balança a cabeça.

— Eu quis. Pensei nisso. Não sei como começar. A questão é... era uma mentira que eu contava porque era mais fácil do que a verdade. E porque eu meio que acreditava, sabe? Eu não pensava que um dia ela fosse voltar. E aí, uma vez que se diz uma coisa dessas, como retirar? Eu ia ficar parecendo a porra de um psicopata. — Ele ergue os olhos novamente e encara os meus com uma intensidade súbita. — Mas eu não sou. Não menti pra você sobre mais nada. Não estou mais traficando drogas, e não fiz nada contra Simon. Não te culpo se você não acreditar em mim, mas juro por Deus que é verdade.

Outro longo silêncio recai enquanto tento refletir por um instante. Eu deveria estar mais furiosa, provavelmente. Deveria exigir uma prova da integridade dele, embora não faça ideia de como seria isso. Deveria fazer um monte de perguntas incisivas com a intenção de arrancar outras mentiras que Nate tenha me contado.

Mas o problema é que eu acredito nele. Não vou fingir que conheço Nate de trás para a frente após algumas semanas, mas sei como é contar uma mentira para si mesma tantas vezes até que ela vire verdade. Fiz isso e não tive que encarar a vida quase completamente sozinha.

E jamais pensei que Nate fosse capaz de matar Simon.

— Me fale sobre a sua mãe. Pra valer, ok? — encorajo.

E ele me fala. Conversamos por mais de uma hora, mas, após os primeiros quinze minutos, mais ou menos, cobrimos basicamente

velhos assuntos. Eu começo a me sentir dolorida por estar sentada por tanto tempo, e ergo os braços acima da cabeça para me alongar.

— Cansada? — pergunta Nate ao se aproximar.

Será que ele notou que estou encarando a sua boca pelos últimos dez minutos?

— Não exatamente.

Nate estica a mão, coloca minhas pernas sobre seu colo e faz um círculo com o polegar no meu joelho esquerdo. Minhas pernas tremem, e junto as duas para fazê-las parar. Os olhos de Nate me encaram e depois se abaixam.

— Minha mãe pensou que você fosse minha namorada.

Talvez se fizer algo com as minhas mãos, eu consiga ficar imóvel. Estico o braço, entrelaço os dedos no cabelo da nuca de Nate e ajeito as ondas suaves contra a pele quente.

— Bem, quer dizer, isso é impossível?

Ai, Deus. Eu falei mesmo. E se for?

A mão de Nate desce pela minha perna, quase inconscientemente, como se não tivesse ideia de que está transformando meu corpo inteiro em gelatina.

— Você quer que um traficante suspeito de assassinato que mentiu sobre a mãe não estar morta seja seu namorado?

— Ex-traficante — corrijo. — E não sou capaz de julgar.

Ele ergue os olhos com um meio sorriso, mas sua expressão é de desconfiança.

— Eu não sei como ficar com alguém como você, Bronwyn. — Nate deve ter visto minha expressão de desapontamento, porque rapidamente acrescenta: — Não estou dizendo que não quero. Estou dizendo que acho que eu estragaria tudo. Sempre fui... você sabe, casual quanto a esse tipo de coisa.

Eu não sei. Recuo as mãos e torço as duas sobre o colo enquanto observo a pulsação aumentar sob a pele fina do pulso.

— Você está sendo casual agora? Com outra pessoa?

— Não — responde Nate. — Eu estava, quando nós começamos a conversar, mas não mais.

— Bem. — Fico em silêncio por alguns segundos, ponderando se estou prestes a cometer um erro gigantesco. Provavelmente sim, mas avanço de qualquer forma. — Eu gostaria de tentar, se você quiser. Não porque fomos jogados nesta situação bizarra e porque te acho um tesão, embora eu ache. Mas porque você é inteligente e engraçado, e porque faz a coisa certa mais vezes do que admite. Eu curto seu gosto horrível para filmes, a forma como você é sempre direto com as coisas e o fato de que tem um lagarto de verdade. Eu teria orgulho de ser sua namorada, mesmo de forma não oficial enquanto nós, você sabe, estivermos sendo investigados por assassinato. Além disso, não

consigo passar mais do que alguns minutos sem querer te beijar, então... é isso.

Nate não responde de primeira, e me preocupo que tenha estragado tudo. Talvez tenha sido informação demais. Mas ele ainda está passando a mão na minha perna quando finalmente fala:

— Você está se saindo melhor do que eu. Nunca paro de pensar em te beijar.

Nate tira, dobra e coloca os meus óculos na mesinha ao lado do sofá. A mão dele no meu rosto é leve quando ele se debruça e puxa minha boca em direção à dele. Fico ansiosa quando nossos lábios se juntam, e a pressão suave manda um desejo ardente que zumbe pelas minhas veias. É doce e carinhoso, diferente do beijo cheio de tesão e carente do Pico do Marechal, mas, ainda assim, me deixa tonta. Estou tremendo toda e coloco as mãos no peito de Nate para tentar controlar a tremedeira, mas sinto uma superfície dura de músculos através da camiseta fina. *Isso não está ajudando.*

Meus lábios se abrem num suspiro que vira um pequeno gemido quando Nate enfia a língua para encontrar a minha. Os beijos ficam mais profundos e intensos, os corpos tão entrelaçados que não consigo dizer onde para o meu e começa o dele. Sinto que estou caindo, flutuando, voando. Tudo ao mesmo tempo. Nós nos beijamos até meus lábios estarem doloridos e a pele soltar faíscas, como se tivessem acendido um pavio.

As mãos de Nate são surpreendentemente desbravadoras. Ele toca o meu cabelo e o meu rosto muitas vezes, e, por fim, enfia a mão sob a blusa e passa pelas costas e ai, Deus, acho que soltei um gemido. Os dedos de Nate mergulham no elástico dos meus shorts e sinto um arrepio, mas ele para ali. Meu lado inseguro imagina que ele não está atraído por mim como estou por ele, ou como está atraído por outras garotas. Só que... estou colada a Nate por meia hora e *sei* que não é isso.

Nate se afasta e olha para mim, seus cílios grossos e escuros se abaixam. *Meu Deus*, os olhos dele. São lindos.

— Não paro de imaginar seu pai entrando — murmura Nate. — Isso meio que me assusta.

Dou um suspiro porque, verdade seja dita, o pensamento também me ocorreu. Embora ainda que exista uma chance de cinco por cento, ela seria grande demais.

Nate passa um dedo nos meus lábios.

— Sua boca está vermelha demais. É melhor a gente dar um tempo antes que eu faça um estrago permanente. Além disso, eu preciso, hã, me acalmar um pouco.

Ele dá um beijo na minha bochecha e pega a jaqueta no chão.

Fico desapontada.

— Você está indo embora?

— Não. — Ele tira o telefone do bolso, abre a Netflix e depois me passa os óculos. — Nós finalmente podemos terminar de ver *Ringu*.

— Droga. Achei que você tivesse se esquecido disso.

Mas, dessa vez, minha decepção é falsa.

— Vamos, isso é perfeito. — Nate se deita no sofá, e eu me enrosco ao lado, com a cabeça no seu ombro, enquanto ele apoia o iPhone na dobra do meu braço. — Vamos usar o telefone em vez daquele monstro de 60 polegadas na parede. Você não vai se assustar com nada em uma tela tão minúscula.

Honestamente, eu não me importo com o que fizermos. Só quero ficar abraçada a ele pelo máximo de tempo possível, lutando contra o sono e me esquecendo do resto do mundo.

CAPÍTULO 20

Cooper

Terça-feira, 16 de outubro, 17h45

— Passe o leite, por favor, Cooperstown? — O Pai aponta para mim com o queixo e vira os olhos para a TV sem som na sala de estar, onde os resultados do futebol universitário passam no pé da tela. — Então, o que você fez na sua noite de folga?

Ele acha hilário que Luis tenha se disfarçado de mim após a academia, ontem. Passo a embalagem de leite e me imagino respondendo à pergunta honestamente. *Fiquei com Kris, o cara por quem estou apaixonado. É, Pai, eu disse cara. Não, Pai, não estou brincando. Ele é calouro do curso preparatório de medicina da UCSD e trabalha como modelo nas horas vagas. Partidão. O senhor ia gostar dele.*

E aí a cabeça do Pai explode. É sempre assim que termina na minha imaginação.

— Só dirigi por aí por um tempo — respondo em vez disso.

Não tenho vergonha de Kris. *Não mesmo.* Mas é complicado.

A questão é que eu não me dei conta de que podia me sentir dessa forma por um cara até conhecê-lo. Quero dizer, sim, eu *suspeitava*, desde os 11 anos, mais ou menos. Mas enterrei esses pensamentos o mais fundo possível porque sou um atleta sulista tentando uma carreira na liga nacional de beisebol, e não é assim que a gente deve ser.

Realmente acreditei nisso na maior parte da minha vida. Sempre tive namorada. Mas nunca foi difícil esperar até o casamento, como fui criado. Só recentemente eu compreendi que aquilo era mais uma desculpa do que uma sincera convicção moral.

Eu menti para Keely por meses, mas contei, sim, a verdade sobre Kris. Eu o conheci através do beisebol, embora ele não jogue. Kris é amigo de outro cara com quem participei de uns jogos de exibição, que convidou a nós dois para sua festa de aniversário. E ele *é* alemão.

Só deixei de fora a parte de estar apaixonado por Kris.

Ainda não posso admitir isso para ninguém. Que não é uma fase ou experiência ou uma distração da pressão. A Vovó tem razão. Meu

estômago dá piruetas quando Kris me liga ou manda mensagem. Toda vez. E, quando estou com ele, eu me sinto como uma pessoa de verdade, não o robô que Keely me disse que eu sou: programado para agir como esperado.

Mas Cooper-e-Kris só existe na bolha do apartamento dele. Tirar essa bolha de lá para qualquer outro lugar me assusta demais. Para começo de conversa, já é bem difícil fazer sucesso no beisebol quando se é um cara normal. O número de jogadores assumidamente gays que faz parte da grande liga nacional é exatamente um. E ele ainda está nos times pequenos.

Por outro motivo: o Pai. Meu cérebro inteiro trava quando imagino a sua reação. Meu pai é o tipo de caipira que chama os gays de “bichas” e acha que passamos o tempo todo dando em cima dos héteros. Quando vimos uma reportagem sobre o jogador de beisebol gay, ele deu um muxoxo de nojo e disse: *Caras normais não deveriam ter que conviver com esse merda no vestiário.*

Se eu contar sobre Kris para ele, os dezessete anos que passei sendo o filho perfeito irão sumir num instante. O Pai jamais olharia para mim da mesma maneira, da forma como está me encarando agora, embora eu seja suspeito de assassinato e esteja sendo acusado de usar esteróides. Com isso ele consegue lidar.

— Tem exame amanhã — lembra ele.

Preciso fazer exames antidoping toda maldita semana agora. Enquanto isso, continuo arremessando, e, não, minha bola rápida não ficou mais lenta. Porque eu não menti. Não trapaceei. Eu melhorei minhas estratégias.

Foi ideia do Pai. Ele quis que eu me contivesse um pouco no primeiro ano, não desse tudo de mim, para que houvesse mais empolgação ao redor do meu nome durante a temporada de exibição. E houve. Pessoas como Josh Langley me notaram. Mas agora, obviamente, parece suspeito. *Valeu, Pai.*

Pelo menos ele se sente culpado por isso.

Eu tive certeza, quando a polícia foi me mostrar as postagens não publicadas do Falando Nisso mês passado, que eu ia ler alguma coisa sobre mim e Kris. Eu mal conhecia Simon, apenas falei com ele pessoalmente algumas vezes. Mas, sempre que me aproximava de Simon, eu me preocupava que ele descobrisse meu segredo. Na primavera, no baile dos calouros, Simon estava caindo de bêbado, e, quando esbarrei com ele no banheiro, Simon passou o braço por mim e me puxou tão perto que quase tive um ataque de pânico. Eu tive certeza de que Simon — que nunca teve uma namorada, até onde eu soubesse — percebeu que eu era gay e estava dando em cima de mim.

Fiquei tão surtado que mandei Vanessa desconvidá-lo para a festa pós-baile que ela organizou. E Vanessa, que nunca dispensa uma

chance de excluir alguém, o fez com o maior prazer. E deixei isso rolar mesmo depois de ver Simon dando em cima de Keely mais tarde, com o tipo de intensidade que não dá para fingir.

Eu evitei pensar nisso desde que Simon morreu; que, da última vez que falei com ele, agi como um babaca porque não conseguia lidar com o que eu era.

E a pior parte é que, mesmo depois disso tudo, ainda não consigo.

Nate

Terça-feira, 16 de outubro, 18h

Quando chego ao Glenn's Diner meia hora depois do combinado para encontrar minha mãe, o Kia dela está parado bem do lado de fora. Ponto para a nova versão melhorada, imagino. Eu não teria ficado nada surpreso se ela não tivesse aparecido.

Pensei em fazer a mesma coisa. Muito. Mas fingir que ela não existe não deu lá muito certo.

Estaciono minha moto a algumas vagas de distância do carro dela e sinto as primeiras gotas de chuva nos ombros antes de entrar no restaurante. A recepcionista me olha com uma expressão educada e indagadora.

— Vim encontrar uma pessoa. Macauley — digo.

Ela concorda com a cabeça e aponta para uma mesa no canto.

— Bem ali.

Noto que minha mãe já está lá há algum tempo. O copo de refrigerante está quase vazio, e ela picotou o papel que embala o canudo. Quando eu me sento no banco diante dela, pego o menu e o examino cuidadosamente para evitar seus olhos.

— Já pediu?

— Ah, não. Estava esperando por você.

Praticamente consigo sentir minha mãe querendo que eu erga os olhos. Eu não queria estar ali.

— Você quer um hambúrguer, Nathaniel? Você costumava adorar os hambúrgueres do Glenn's.

Eu adorava e adoro, mas agora quero pedir outra coisa qualquer.

— É Nate, ok? — Eu fecho o menu de supetão e olho para a garoa cinza que cai na janela. — Ninguém mais me chama assim.

— Nate — ecoa ela, mas meu nome soa estranho dito por minha mãe.

É uma daquelas palavras que a pessoa repete sem parar até perder o significado. Vem uma garçonete, e eu peço uma Coca e um sanduíche que não quero. O telefone descartável vibra no bolso, e eu o puxo para ler uma mensagem de texto de Bronwyn. *Espero que esteja*

indo bem. Sinto uma onda de afeto, mas guardo o telefone sem responder. Eu não tenho palavras para explicar para Bronwyn como é almoçar com um fantasma.

— Nate. — Minha mãe pigarreia ao dizer meu nome. Ainda soa errado. — Como está... como você vai no colégio? Você ainda gosta de Ciências?

Cruzes. *Você ainda gosta de Ciências?* Tenho ficado de recuperação desde o nono ano, mas como ela saberia? Os boletins são enviados lá para casa, eu falsifico a assinatura do meu pai, e eles voltam. Ninguém jamais questiona as minhas notas.

— Você pode pagar por isso? — pergunto, gesticulando pela mesa, como o babaca insolente que me tornei nos últimos cinco minutos. — Porque eu não posso. Então, se espera que eu pague, é melhor dizer antes que a comida chegue.

O rosto dela reflete seu desânimo, e sinto uma pontada inútil de triunfo.

— Nath... Nate. Eu jamais... Bem, por que você deveria acreditar em mim?

Ela puxa uma carteira e coloca duas notas de vinte na mesa, e eu me sinto péssimo até pensar nas contas que não paro de jogar no lixo em vez de pagar. Agora que não estou ganhando nada, a pensão de invalidez do meu pai mal cobre a hipoteca, a água, a luz, o gás... e o álcool dele.

— Como você tem dinheiro se está em reabilitação há meses?

A garçonete volta com um copo de Coca para mim, e minha mãe espera que ela saia para responder:

— Um dos médicos em Pine Valley, que é a clínica onde estou, me pôs em contato com uma empresa de transcrição médica. Eu posso trabalhar de qualquer lugar, e paga bem. — Ela passa a mão na minha, e eu me afasto. — Posso ajudar seu pai e você, Nate. E vou ajudar. Queria perguntar... você tem um advogado para a investigação? Podemos ver isso.

De alguma maneira, consigo não rir. Seja lá quanto ela ganha, não é suficiente para bancar um advogado.

— Estou de boa.

Minha mãe continua tentando e pergunta sobre o colégio, Simon, liberdade condicional, meu pai. Quase me afeta porque ela está diferente do que eu lembro. Mais calma e tranquila. Mas aí ela pergunta:

— Como Bronwyn está lidando com tudo isso?

Não. Toda vez que penso em Bronwyn, meu corpo reage como se estivesse de volta no sofá da sala de TV dela; coração disparado, sangue bombando, pele formigando. Não vou transformar a única coisa boa que saiu dessa confusão em outra conversa embaraçosa com

minha mãe. O que significa que basicamente ficamos sem assunto. Graças a Deus a comida chegou, e assim podemos parar de fingir que os últimos três anos não aconteceram. Mesmo que o sanduíche tenha gosto de nada, de poeira, é melhor do que isso.

Minha mãe não se toca. Ela continua citando Oregon, os médicos e *Mikhail Powers Investiga* até eu sentir que vou engasgar. Puxo a gola da camiseta como se isso fosse me ajudar a respirar, mas não ajuda. Não consigo ficar ali, ouvindo as promessas e torcendo para que tudo dê certo. Desejando que minha mãe fique sóbria, empregada e sã. Que simplesmente fique.

— Eu tenho que ir — aviso abruptamente, e largo o sanduíche comido pela metade no prato.

Fico de pé, bato com o joelho na borda da mesa com tanta força que faço uma careta, e saio sem olhar para ela. Sei que ela não vai vir atrás de mim. Não é assim que ela funciona.

Quando estou do lado de fora, eu fico confuso a princípio porque não vejo a moto. Ela está enfiada entre dois Range Rovers enormes que não estavam ali antes. Eu vou até a motocicleta, e aí um sujeito bem-vestido demais para ir ao Glenn's Diner entra na minha frente com um sorriso ofuscante. Eu o reconheço imediatamente, mas o ignoro como se não o tivesse reconhecido.

— Nate Macauley? Mikhail Powers. Você é um sujeito difícil de achar, sabia? Estou empolgadíssimo em conhecê-lo. Estamos trabalhando na sequência da investigação sobre Simon Kelleher e adoraria ter sua opinião. Que tal eu lhe pagar um café lá dentro, e nós conversarmos por alguns minutos?

Eu subo na moto e coloco o capacete, como se não tivesse ouvido nada. Fico pronto para tirar a moto de ré, mas dois produtores bloqueiam a passagem.

— Que tal você dizer para o seu pessoal sair do caminho?

O sorriso de Mikhail Powers está tão largo, como sempre.

— Não sou seu inimigo, Nate. O tribunal da opinião pública é importante num caso como este. Que tal conquistar o apoio do público?

Minha mãe aparece no estacionamento e fica boquiaberta ao ver quem está ao meu lado. Eu tiro a moto de ré lentamente até que as pessoas no meu caminho saiam e eu fique livre para partir. Se ela quiser me ajudar, pode falar com ele.

CAPÍTULO 21

Bronwyn

Quarta-feira, 17 de outubro, 12h25

No almoço de quarta-feira, Addy e eu conversamos sobre esmaltes. Ela é uma enciclopédia de informações sobre o assunto.

— Com unhas curtas como as suas, é melhor usar algo clarinho, quase *nude* — aconselha Addy, enquanto examina minhas unhas com ar de profissional. — Mas, tipo, superbrilhante.

— Eu não uso esmalte mesmo — digo.

— Bem, você anda ficando mais elegante, né? Por *sabe-se lá que motivo*. — Ela levanta a sobancelha para meu penteado cuidadosamente alisado, e minhas bochechas ficam vermelhas quando Maeve ri. — É melhor você experimentar.

É uma conversa mundana e inócua comparada ao almoço de ontem, quando falamos sobre minha visita à polícia, a mãe de Nate e o fato de que Addy foi chamada à delegacia separadamente para responder novamente a perguntas sobre as canetas de adrenalina que sumiram. Ontem éramos suspeitas de assassinato com vidas pessoais complicadas, mas hoje estamos apenas sendo meninas.

Até que uma voz estridente vindo de algumas mesas corta a conversa.

— É como eu disse a eles — fala Vanessa Merriman. — De quem é o boato que é *realmente* verdadeiro? E quem desmoronou completamente desde que Simon morreu? Esta pessoa é o assassino.

— Sobre o que ela está falando agora? — murmura Addy, enquanto mordisca como um esquilo um crouton tamanho gigante.

Janae, que não fala muito quando se senta com a gente, dispara um olhar para Addy e diz:

— Você não soube? A equipe do Mikhail Powers está lá na frente. Um monte de alunos está dando entrevistas.

Sinto um vazio no estômago, e Addy empurra a bandeja.

— Ai, que ótimo. Era tudo de que eu precisava, Vanessa na TV falando pelos cotovelos que sou culpada.

— Ninguém pensa realmente que foi você — diz Janae, apontando

para mim com a cabeça. — Nem você. Nem...

Ela observa Cooper se encaminhando para a mesa de Vanessa com uma bandeja equilibrada numa das mãos, depois nos vê e muda de rumo para vir se sentar na beirada da nossa. Ele faz isso algumas vezes; se senta com Addy por alguns minutos no início do almoço. Fica por tempo suficiente para mostrar que não está abandonando Addy, como o resto dos amigos dela, mas não tanto a ponto de irritar Jake. Não consigo me decidir se isso é fofo ou covarde.

— E aí, pessoal? — pergunta Cooper, enquanto começa a descascar uma laranja.

Ele está vestido com uma camisa de colarinho abotoado cor de sálvia, que realça os olhos cor de nogueira, e está com um bronzeado de boné de beisebol, provocado pelo sol que bate em suas bochechas mais do que em qualquer outro lugar. De alguma forma, em vez de fazer com que ele pareça falho, aquilo só aumenta o brilho de Cooper Clay.

Eu achava que Cooper era o cara mais gato do colégio. Talvez ainda seja, mas ultimamente ele tem algo meio parecido com o boneco Ken — um pouco de plástico e convencional. Ou talvez meu gosto tenha mudado.

— Você já deu sua entrevista para Mikhail Powers? — brinco.

Antes que Cooper possa responder, uma voz fala no meu ombro.

— Vocês deveriam. Vão em frente e sejam o clube de assassinos que todo mundo acha que são. Livrando o Colégio Bayview dos babacas.

Leah Jackson se senta à mesa ao lado de Cooper. Ela não nota Janae, que fica vermelha como um tomate e se empertiga na cadeira.

— Oi, Leah — cumprimenta Cooper pacientemente, como se já tivesse ouvido aquilo antes.

Acho que já, no velório de Simon.

Leah percorre a mesa com o olhar e para em mim.

— Você algum dia vai admitir que roubou o teste?

O tom é de conversa, e a expressão é quase amigável, mas eu ainda travo.

— Que coisa hipócrita, Leah. — A voz de Maeve ecoa e me surpreende. Quando eu me viro, os olhos dela estão intensos. — Você não pode reclamar de Simon num segundo e repetir o rumor dele no próximo.

Leah faz uma pequena saudação para Maeve.

— *Touché*, Rojas mais nova.

Mas Maeve está apenas esquentando.

— Estou de saco cheio dessa conversa que nunca muda. Por que ninguém comenta como o Falando Nisso tornou esse colégio horrível algumas vezes? — Ela olha diretamente para Leah com uma expressão desafiadora. — Por que não você? Eles estão bem ali fora, sabe?

Doidos para ouvir uma nova abordagem. Você poderia dar essa dica a eles.

Leah recua.

— Não vou falar com a mídia sobre isso.

— Por que não? — pergunta Maeve. Eu nunca a vi assim; ela está quase violenta ao intimidar Leah com o olhar. — Você não fez nada de errado. Simon fez. Fez por anos, e agora todo mundo está transformando o cara num santo por causa disso. Você não tem nada contra isso?

Leah devolve o olhar, e não consigo identificar a expressão que ela faz. É quase... triunfante?

— Obviamente tenho.

— Então faça algo a respeito — encoraja Maeve.

Leah fica de pé abruptamente e empurra o cabelo para trás do ombro. O movimento ergue a manga e revela uma cicatriz em formato de crescente no pulso.

— Talvez eu faça.

Ela sai do refeitório com passadas largas.

Cooper faz cara de espanto quando Leah vai embora.

— Porra, Maeve, me lembre de nunca pisar no seu calo.

Maeve franze o nariz, e eu me lembro do arquivo com o nome de Cooper que ela ainda não conseguiu acessar.

— Não foi *Leah* que pisou no meu calo — murmura ela, enquanto digita furiosamente no telefone.

— O que você está fazendo? — Quase sinto medo de perguntar.

— Estou enviando os tópicos de discussão de Simon no 4chan para o *Mikhail Powers Investiga* — responde ela. — Eles são jornalistas, certo? Devem investigar isso.

— O quê? — irrompe Janae. — Do que você está falando?

— Simon não saía desses tópicos de discussão cheio de gente repugnante que comemorava tiroteios em escolas e coisas assim — explica Maeve. — Eu venho lendo há dias. Outras pessoas abriam os tópicos, mas ele entrava nisso e dizia todo tipo de coisa horrível. Ele nem se importou quando aquele garoto matou todas aquelas pessoas em Orange County.

Ela ainda está digitando quando Janae agarra seu pulso e quase arranca o celular da mão.

— Como você sabe disso? — rosna ela, e Maeve finalmente sai do transe e nota que talvez tenha falado demais.

— Solte ela — mando.

Quando Janae não solta, estico o braço e arranco os dedos dela do pulso de Maeve. Eles estão gelados. Janae empurra a cadeira para trás, fazendo um barulhão, e fica tremendo toda após se levantar.

— Nenhum de vocês sabia nada dele — diz ela numa voz

embargada, e sai pisando duro como Leah fez.

Só que ela provavelmente não dará uma declaração a Mikhail Powers. Maeve e eu nos entreolhamos enquanto tamborilo os dedos na mesa. Eu não consigo sacar qual é a de Janae. Na maioria dos dias, não sei por que ela se senta com a gente, afinal devemos lembrá-la constantemente de Simon.

A não ser que seja para ouvir conversas como a que acabamos de ter.

— Tenho que ir — avisa Cooper de repente, como se tivesse gastado todo o tempo destinado a ficar longe de Jake.

Ele ergue a bandeja, onde a maior parte da comida permanece intocada, e vai tranquilamente para sua mesa de sempre.

Então, nossa galera volta a ser composta somente por garotas, e permanece assim pelo restante do almoço. O único outro cara que se sentaria conosco nunca se dá ao trabalho de dar as caras no refeitório. Mas eu passo por Nate no corredor mais tarde, e todas as perguntas que fervilham no meu cérebro sobre Simon, Leah e Janae desaparecem quando ele me dá um sorriso passageiro.

Porque, Deus, é tão lindo quando aquele garoto sorri.

Addy

Sexta-feira, 19 de outubro, 11h12

Está quente na pista, e eu não deveria estar correndo tanto. É apenas a aula de Educação Física, afinal de contas. Mas meus braços e pernas latejam, cheios de uma energia inesperada, enquanto meus pulmões se enchem e expandem, como se todos os passeios recentes de bicicleta tivessem me dado uma reserva que precisa ser gasta. O suor escorre na testa e cola minha camiseta nas costas.

Sinto uma onda de orgulho ao passar por Luis — que, verdade seja dita, mal está se esforçando — e Olivia, que está na equipe de atletismo. Jake está na minha frente, e a ideia de alcançá-lo parece ridícula, porque ele é obviamente muito mais veloz do que eu, maior e mais forte também, e não há como eu me aproximar de Jake, só que estou fazendo isso. Ele não é mais um pontinho; Jake está próximo, e, se eu mudar de pista e mantiver este ritmo, talvez consiga, provavelmente, com certeza...

As pernas me faltam. Eu mordo o lábio e sinto o gosto metálico de sangue encher minha boca enquanto as palmas das mãos batem com força no chão. Pedrinhas rasgam minha pele, se incrustam na carne viva e explodem em dezenas de pequenos cortes. Meus joelhos estão em agonia, e sei, antes de ver as manchas vermelhas no chão, que a pele de ambos se rasgou.

— Ah, não! — A voz de Vanessa ecoa com preocupação falsa. — Pobrezinha! As pernas cederam.

Minhas pernas não cederam. Enquanto eu estava de olho em Jake, alguém passou o pé pelo meu tornozelo e me derrubou. Tenho uma boa ideia a quem pertencia o pé, mas não consigo dizer nada porque estou ocupada demais tentando encher os pulmões de ar.

— Addy, você está bem? — Vanessa mantém a voz falsa ao se ajoelhar ao meu lado, até estar perto do meu ouvido e sussurrar: — Bem feito, vadia.

Eu adoraria responder, mas ainda não consigo respirar.

Quando a professora de Educação Física chega, Vanessa se afasta, e, no momento que recupero o ar para falar, ela já foi. A professora examina meus joelhos, vira minhas mãos e estala a língua ao ver os ferimentos.

— Você precisa ir à enfermaria. Limpe esses cortes e tome antibióticos. — Ela vasculha a multidão que se reuniu em volta de mim e chama: — Srta. Vargas! Ajude Addy.

Creio que tenho que agradecer por não ser Vanessa ou Jake. Mas eu mal vi Janae desde que a irmã de Bronwyn chamou atenção para Simon há alguns dias. Enquanto manco na direção do colégio, Janae não olha para mim até quase chegarmos à entrada.

— O que aconteceu? — pergunta ela ao abrir a porta.

Agora eu já tomei fôlego suficiente para rir.

— A moralista da Vanessa acha que tem que tomar conta da vida sexual alheia.

Viro para a esquerda em vez da direita na escadaria, rumo ao vestiário.

— Você deveria ir à enfermeira — avisa Janae.

Eu gesticulo que não para ela. Há semanas que não passo ali, e, de qualquer forma, os cortes são dolorosos, mas superficiais. Tudo de que realmente preciso é um banho. Eu manco até um boxe e arranco as roupas, entro embaixo da ducha morna e vejo a água marrom e vermelha descer pelo ralo. Fico no chuveiro até a água estar límpida, e, quando saio, enrolada em uma toalha, Janae está ali, segurando uma embalagem com Band-Aids.

— Eu peguei isso para você. Seus joelhos estão precisando.

— Obrigada.

Eu me sento num banco e coloco as tiras cor de pele nos joelhos, que previsivelmente estão ficando escorregadios com sangue novamente. Minhas palmas ardem e estão raladas, em carne viva, mas não há onde eu possa colocar um Band-Aid que vá fazer diferença.

Janae está sentada o mais distante de mim no banco. Coloco três Band-Aids no joelho esquerdo, e dois no direito.

— Vanessa é uma vaca — diz ela em voz baixa.

— Sim — concordo.

Fico de pé e dou um passo cauteloso. Como as pernas me aguentam, vou até o meu armário e pego as roupas.

— Mas estou recebendo o que mereço, né? — argumento. — É o que todo mundo pensa. Acho que é o que Simon queria. Tudo revelado para que as pessoas julguem. Sem segredos.

— Simon... — Janae está com aquele som embargado na voz novamente. — Ele não é... ele não era como dizem. Tipo, sim, Simon passou dos limites com o Falando Nisso e escreveu algumas coisas horríveis. Mas os últimos dois anos foram difíceis. Ele tentou tanto fazer parte de tudo e jamais conseguiu. Eu não acho... — Ela tenta achar as palavras. — O verdadeiro Simon não teria desejado que você passasse por essa situação.

Janae soa realmente triste por causa daquilo, mas não sou capaz de me importar com Simon agora. Eu termino de me vestir e olho o relógio. Faltam ainda vinte minutos para o fim da aula de Educação Física, e não quero estar aqui quando Vanessa e seu clã chegarem.

— Obrigada pelos Band-Aids. Diga que ainda estou na sala da enfermeira, ok? Vou para a biblioteca até o próximo período.

— Ok — responde Janae, com o corpo curvado no banco, parecendo abatida e exausta. Quando me dirijo à porta, ela abruptamente me chama: — Você quer sair hoje à tarde?

Eu me viro para Janae com uma expressão de surpresa. Não tinha pensado que tínhamos chegado àquele ponto da nossa... relação, acho. *Amizade* ainda parece uma palavra forte.

— Hã, sim. Claro.

— Minha mãe vai ter o clube de leitura dela, então... talvez eu possa passar na sua casa?

— Tudo bem — concordo.

Imagino a reação da minha mãe tendo Janae como visita depois de estar acostumada a uma casa cheia de, patricinhas como Keelys e Olivias. A ideia me deixa animada, e nós combinamos a visita após o colégio. Sem mais nem menos, eu mando uma mensagem convidando Bronwyn, mas me lembro de que ela está de castigo. Além disso, Bronwyn tem aula de piano. Tempo livre espontâneo não é realmente o lance dela.

Mal guardei a bicicleta perto da varanda depois do colégio quando Janae chega arrastando sua mochila tamanho família, como se tivesse vindo estudar. Ficamos num papinho torturante com minha mãe, cujos olhos não param de examinar os vários piercings e os coturnos gastos de Janae, até que eu a levo para o andar de cima para vermos TV.

— Você gosta daquela nova série da Netflix? — pergunto, enquanto aponto o controle para a televisão e me esparramo na cama para que

Janae fique com a poltrona. — A de super-heróis?

Ela se senta cautelosamente, como se tivesse medo de que o xale cor-de-rosa fosse engoli-la por inteiro.

— É, ok — responde Janae, que coloca a mochila ao lado e olha todas as fotografias emolduradas na parede. — Você realmente curte flores, hein?

— Não exatamente. Fiquei brincando com a câmera nova da minha irmã e... tirei um monte de fotos velhas da parede recentemente.

Elas estão enfiadas embaixo das caixas de sapato agora: várias memórias minhas com Jake nos últimos três anos, e quase o mesmo número com meus amigos. Hesitei em relação a uma foto — eu, Keely, Olivia e Vanessa na praia, no verão passado, usando chapéus de sol enormes, sorrindo que nem bobas contra um céu azul brilhante. Foi um dia raro de passeio só de meninas, mas, depois de hoje, estou mais contente do que nunca por ter banido o sorriso idiota de Vanessa para o closet.

Janae brinca com a alça da mochila.

— Você deve sentir saudade de como as coisas eram antes — diz ela, em voz baixa.

Mantenho o olhar fixo na tela enquanto reflito sobre o comentário.

— Sim e não — respondo finalmente. — Sinto saudade de como o colégio era fácil. Mas acho que ninguém com quem eu saía realmente se importava comigo, né? Ou as coisas teriam sido diferentes. — Eu me remexo inquieta na cama e acrescento: — Mas não vou fingir que é sequer parecido com o que você está lidando. Perder Simon daquela maneira.

Janae fica vermelha e não responde, e eu desejo que não tivesse puxado o assunto. Não consigo descobrir como interagir com ela. Nós somos amigos ou apenas duas pessoas sem opções melhores? Olhamos a TV fixamente em silêncio, até que Janae pigarreia e diz:

— Pode pegar algo para eu beber?

— Claro.

É quase um alívio fugir do silêncio que se instalou entre nós, até que encontro minha mãe na cozinha e me vejo envolvida em uma conversa seca de dez minutos sobre *o tipo de amigos que você tem agora*. Quando finalmente subo a escada, com dois copos de limonada na mão, Janae está com a mochila nas costas e a meio caminho da porta.

— Acho que não estou me sentindo muito bem — murmura ela.

Que ótimo! Até meus amigos inadequados não querem passar tempo comigo.

Frustrada, mando uma mensagem para Bronwyn, sem esperar por uma resposta já que ela provavelmente está no meio de Chopin ou algo assim. Fico surpresa quando ela me responde imediatamente, e

mais surpresa ainda pelo que ela escreve.

Tome cuidado. Eu não confio em Janae.

CAPÍTULO 22

Cooper

Domingo, 21 de outubro, 17h25

Estamos quase terminando o jantar quando o telefone do Pai toca. Ele olha o número e atende imediatamente. As rugas em volta da boca se acentuam.

— Aqui é Kevin. É. O quê? Hoje à noite? É realmente necessário?

— O Pai espera um instante. — Beleza. Nós nos vemos aí.

Ele desliga e solta um suspiro irritado.

— A gente tem que encontrar com sua advogada na delegacia em meia hora. O detetive Chang quer falar com você novamente. — O Pai ergue a mão quando abro a boca. — Não sei sobre o quê.

Engulo em seco. Não fui mais interrogado faz algum tempo, e vinha esperando que toda essa situação estivesse se acalmando. Quero mandar uma mensagem para Addy e ver se ela está sendo chamada também, mas estou sob ordens expressas de não registrar nada sobre a investigação por escrito. Ligar para Addy também não é uma grande ideia. Então termino de jantar calado e dirijo até a delegacia com o Pai.

Minha advogada, Mary, já está conversando com o detetive Chang quando entramos. Ele nos chama com um gesto para a sala de interrogatório, que não é nada parecida com o que se vê na TV. Não há um janelão com um espelho falso por trás. Apenas uma salinha banal, com uma mesa de reuniões e um bando de cadeiras dobráveis.

— Olá, Cooper. Sr. Clay. Obrigado por terem vindo.

Estou prestes a passar por ele pela porta quando o detetive coloca a mão no meu braço.

— Você tem certeza de que quer que seu pai esteja presente?

Estou prestes a perguntar *por que eu não iria querer?*, mas, antes que eu fale, o Pai começa a vociferar que é seu direito divino estar presente durante o interrogatório. Ele ensaiou esse discurso à perfeição e, assim que começa, precisa terminar.

— É claro — concede o detetive Chang educadamente. — É principalmente uma questão de privacidade para Cooper.

A forma como ele fala me deixa nervoso, e olho para Mary em busca de ajuda.

— Não há problema de começar apenas comigo na sala, Kevin — assegura ela. — Chamo você se for preciso.

Mary é bacana. Ela está na casa dos 50 anos, é bem séria e capaz de lidar tanto com a polícia quanto com meu pai. Então, no fim das contas, apenas eu, o detetive Chang e Mary nos sentamos em volta da mesa.

Meu coração já está acelerado quando o detetive Chang puxa um laptop.

— Você sempre reclamou que a acusação de Simon não era verdade, Cooper. E não houve queda no seu desempenho no beisebol. Isso contradiz a reputação do aplicativo de Simon, que não era conhecido por postar mentiras.

Tento manter uma expressão neutra, embora venha pensando a mesma coisa. Fiquei mais aliviado do que puto quando o detetive Chang me mostrou o site de Simon pela primeira vez, porque uma mentira é sempre melhor do que a verdade. Mas por que Simon mentiria sobre mim?

— Então, a gente cavou um pouco mais fundo. Na verdade, deixamos passar algo na análise inicial dos arquivos de Simon. Havia uma segunda menção que foi criptografada e trocada pela acusação de uso de anabolizantes. Levamos um tempo para destrinchar aquele arquivo, mas o original está aqui.

Ele vira a tela para mim e Mary. Nós nos aproximamos para lê-la.

Todo mundo quer tirar uma casquinha do canhoto CC de Bayview, e, finalmente, ele caiu em tentação. Está chifrando a linda KS com alguém do mundo da moda que veio da Alemanha. Que cara não faria isso, certo? Só que o novo interesse amoroso desfila com cueca samba-canção, e não sutiã e calcinha. Foi mal, K, mas não dá para competir quando se está no time errado.

Todas as partes do meu corpo parecem congeladas, a não ser os olhos, que não conseguem parar de piscar. Era isso o que eu temia ver havia semanas.

— Cooper. — A voz de Mary está controlada. — Não há necessidade de reagir a isso. O senhor tem uma pergunta, detetive Chang?

— Sim. Este rumor que Simon planejava postar é verdade, Cooper?

Mary fala antes que eu consiga:

— Não há nada criminoso nessa acusação. Cooper não precisa comentar a respeito.

— Mary, você sabe que essa não é a questão. Temos uma situação interessante aqui. Quatro estudantes com quatro menções que eles querem manter sigilosas. Uma delas é apagada e substituída por uma

menção falsa. Você sabe o que isso parece?

— Boataria de segunda classe? — pergunta Mary.

— Como se alguém tivesse acessado os arquivos de Simon para se livrar dessa menção em especial. E garantir que Simon não estivesse por perto para consertar o feito.

— Preciso de alguns minutos com meu cliente — avisa Mary.

Eu me sinto mal. Imaginei contar a notícia sobre Kris para os meus pais de várias maneiras, mas nenhuma tão direta e horrível quanto essa.

— É claro. É melhor que você saiba que pediremos um mandado para vasculhar melhor a casa de Cooper, além dos registros do computador e celular dele. Dada essa nova informação, Cooper passou a ser mais suspeito do que antes.

Mary está com a mão no meu braço. Ela não quer que eu fale. Ela não precisa se preocupar. Eu não conseguiria falar mesmo que tentasse.

Fornecer informações sobre orientação sexual viola os direitos constitucionais à privacidade. É o que Mary diz, e ela ameaçou envolver a União Norte-americana pelas Liberdades Cíveis se a polícia tornar públicas as postagens de Simon sobre mim. O que entraria na categoria Um Pouco Tarde Demais.

O detetive Chang dá voltas em torno da situação. Eles não têm intenção de invadir minha privacidade, mas precisam investigar. Ajudaria se eu contasse tudo. Nossas definições de *tudo* são diferentes. A dele inclui confessar que matei Simon, deletei a menção a mim no Falando Nisso e a substituí por uma falsa sobre anabolizantes.

O que não faz sentido. Por que eu não me tiraria completamente do cenário? Ou criaria algo que prejudicasse menos a carreira? Tipo estar chifrando Keely com outra garota. Isso teria matado dois coelhos com uma cajadada só, por assim dizer.

— Isso não muda nada. — Mary não para de falar. — Vocês não têm mais provas do que já tiveram em algum momento de que Cooper tocou no site de Simon. Não ouse repassar informações sigilosas em nome da sua *investigação*.

O problema, porém, é que não importa. A verdade está escapando. Este caso está cheio de vazamentos desde o início. E eu não posso sair daqui após ser interrogado por uma hora e dizer a meu pai que nada mudou.

Quando o detetive Chang sai, ele deixa claro que vão revirar minha vida do avesso nos próximos dias. Eles querem o número de Kris. Mary me diz que eu não preciso fornecê-lo, mas o detetive Chang comenta que eles confiscarão o celular por meio de uma intimação e conseguirão o número de qualquer forma. Eles querem falar com

Keely também. Mary não para de ameaçar com a União Norte-americana pelas Liberdades Civas, e o detetive Chang não para de dizer, sendo a calma em pessoa, que eles precisam compreender minhas ações nas semanas anteriores ao assassinato.

Mas todos sabem o que realmente está acontecendo. Eles vão tornar minha vida um inferno até que eu ceda sob pressão.

Fico sentado na sala de interrogatório com Mary após o detetive Chang sair, grato por não haver um espelho falso quando enfio o rosto nas mãos. A vida como eu conhecia acabou, e em breve ninguém me olhará da mesma maneira. Eu acabaria contando com o passar do tempo, mas... em alguns anos, talvez? Quando já fosse um astro do beisebol e intocável. Não agora. Não desta *maneira*.

— Cooper. — Mary coloca a mão no meu ombro. — Seu pai vai ficar se perguntando por que ainda estamos aqui dentro. Você precisa conversar com ele.

— Não posso — respondo automaticamente. *Numposso*.

— Seu pai te ama — diz ela baixinho.

Quase rio. O Pai ama o *Cooperstown*. Ele ama quando faço uma sequência de arremessos perfeitos e chamo a atenção de olheiros importantes, e quando meu nome passa no pé da tela da ESPN. Mas me amar?

Ele nem me conhece.

Surge uma batida na porta antes que eu possa responder. O Pai enfia a cara dentro e estala os dedos.

— Acabamos aqui? Quero ir pra casa.

— Tudo pronto — respondo.

— Que diabos significou tudo isso? — exige saber de Mary.

— Você e Cooper precisam conversar — diz ela.

O maxilar do Pai fica tenso. Está escrito na cara dele *estamos te pagando para quê, diabos?*

— Podemos discutir os próximos passos depois disso — conclui Mary.

— Fantástico — murmura o Pai.

Eu fico de pé e me espremo pelo espaço estreito entre a mesa e a parede, passo por Mary e entro no corredor. Nós andamos em silêncio, um na frente do outro, até que atravessamos as portas duplas de vidro e Mary murmura uma despedida.

— Noite — responde o Pai, nos conduzindo laconicamente ao carro na outra extremidade do estacionamento.

Tudo dentro de mim se retesa e contorce enquanto coloco o cinto de segurança ao lado dele no Jeep. Por onde começo? O que eu digo? Conto agora ou espero até estarmos em casa e eu possa contar para a Mãe, a Vovó e... ai, Deus. *Lucas?*

— O que significou tudo aquilo? — pergunta o Pai. — Por que

demorou tanto?

— Há novas provas — digo, sem esboçar reação.

— É? O quê?

Não posso. Não posso. Não com apenas nós dois no carro.

— Vamos esperar até a gente chegar em casa.

— É sério assim, Coop? — O Pai dá uma olhadela para mim ao passar por um Volkswagen em baixa velocidade. — Você está enrascado?

Minhas palmas da mão começam a suar.

— Vamos esperar — repito.

Preciso contar para Kris o que está acontecendo, mas não ousou mandar mensagem para ele. Eu deveria ir ao seu apartamento e explicar pessoalmente. Outra conversa que vai matar uma parte de mim. Ele saiu do armário desde o ensino médio. Seus pais são artistas, então, isso nunca foi um problema. A atitude deles foi basicamente de *é, nós sabemos, por que você levou tanto tempo?* Kris nunca me pressionou, mas não quer viver às escondidas.

Eu olho pela janela e tamborilo os dedos na maçaneta pelo resto do trajeto até chegarmos em casa. O Pai estaciona na entrada da garagem, e a casa se agiganta diante de mim: sólida, familiar e o último lugar que eu queria estar neste exato momento.

Nós entramos. O Pai joga as chaves na mesa do corredor e vê minha mãe na sala de estar. Ela e a Vovó estão sentadas lado a lado no sofá, como se estivessem esperando por nós.

— Onde está Lucas? — pergunto ao entrar na sala com o Pai.

— Lá embaixo, jogando Xbox. — A Mãe silencia a TV, e a Vovó inclina a cabeça de lado e fixa o olhar em mim. — Tudo bem?

— Cooper está misterioso. — O olhar do Pai é meio sagaz, meio desdenhoso; ele não sabe se deve levar a sério ou não o fato de que estou obviamente surtado. — Pode contar pra gente, Cooperstown. O que foi toda aquela agitação? Eles têm alguma prova concreta desta vez?

— Eles acham que têm. — Eu pigarreio e enfio as mãos nas calças militares. — Quero dizer, eles têm. Estão com novas informações.

Todo mundo está em silêncio, absorvendo a notícia, até que notam que não estou com pressa alguma de continuar.

— Que tipo de informação nova? — pergunta a Mãe.

— Havia uma menção no site de Simon que estava encriptada antes de a polícia chegar lá. Acho que era o que ele originalmente tinha a intenção de postar sobre mim. *Nada a vê* com doping. — Lá vem meu sotaque de novo.

O Pai nunca perdeu o dele e não nota quando o meu vai e vem.

— Eu sabia! — diz ele, triunfante. — Eles te inocentaram, então?

Estou mudo, a mente vazia. A Vovó se inclina para a frente, as

mãos segurando a bengala com uma caveira na ponta.

— Cooper, o que Simon ia postar sobre você?

— Bem...

Só são necessárias três palavras para transformar tudo na minha vida em Antes e Depois. O ar foge dos pulmões. Não consigo olhar para minha mãe, e com certeza não consigo olhar para o meu pai. Então eu me volto para a Vovó.

— Simon. De alguma forma. Descobriu. Aquilo. — *Meu Deus*. Eu não tenho mais como enrolar. A Vovó bate com a bengala no chão, como se quisesse me ajudar a ir em frente. — Eu sou gay.

O Pai ri. Ri mesmo, uma gargalhada meio aliviada, e me dá um tapinha no ombro.

— Cruzes, Coop. Você me enganou por um minuto. Sério, o que está acontecendo?

— Kevin. — A Vovó range os dentes ao falar. — Cooper *não está brincando*.

— Claro que está — diz o Pai, ainda rindo. Olho para o rosto dele porque tenho certeza de que é a última vez que o Pai vai olhar para mim da maneira que sempre olhou. — Certo? — pergunta ele. Seus olhos se voltam para os meus, casuais e confiantes, mas, quando ele vê meu rosto, o sorriso se apaga. *Pronto*. — Certo, Coop?

— Errado — falo para ele.

CAPÍTULO 23

Addy

Segunda-feira, 22 de outubro, 08h45

Há filas de viaturas da polícia em frente ao Colégio Bayview novamente. E Cooper cambaleia pelo corredor, como se não dormisse há dias. Não me ocorre que os dois fatos possam estar relacionados até ele me puxar para uma conversa particular antes do primeiro sinal.

— Podemos conversar?

Examino Cooper com mais cuidado e sinto um nervosismo no estômago. Nunca vi seus olhos tão injetados antes.

— Sim, claro.

Acho que Cooper tinha a intenção de que a conversa fosse ali no corredor, mas, para minha surpresa, ele me leva pela escadaria dos fundos até o estacionamento, onde nos encostamos na parede ao lado da porta. O que significa que chegarei depois da chamada, imagino, mas meu registro de presença já está tão ruim que outro atraso não fará diferença.

— O que foi?

Cooper passa a mão no cabelo castanho-claro até formar um moicano alto, o que não é uma coisa que eu um dia imaginei que seu cabelo pudesse fazer até agora.

— Acho que a polícia está aqui por minha causa. Para fazer perguntas sobre mim. Eu só... queria contar o motivo para alguém antes que tudo vá para o inferno.

— Ok. — Coloco a mão no antebraço dele e fico tensa pela surpresa de sentir que ele está tremendo. — Cooper, qual é o problema?

— Então, o negócio é o seguinte... — Ele faz uma pausa e engole em seco.

Cooper parece que está prestes a confessar alguma coisa. Por um segundo, Simon passa pela minha mente: ele entrando em colapso na detenção seu rosto vermelho, arfante, com dificuldade para respirar. Eu não consigo evitar recuar. Então, vejo os olhos de Cooper — lacrimosos, mas tão gentis quanto nunca — e percebo que não pode ser isso.

— Qual é o negócio, Cooper? Não tem problema, você pode me dizer.

Cooper me encara fixamente e capta a minha imagem completa — o cabelo desgrenhado que está ficando espetado de qualquer jeito porque não tive tempo de secá-lo com secador, a pele mais ou menos por causa de todo o estresse, a camiseta desbotada de alguma banda que Ashton curtia, porque estamos realmente atrasadas em relação a colocar as roupas para lavar —, antes de responder:

— Eu sou gay.

— Ah. — A declaração não bate de primeira, mas a seguir, sim. — *Ahhh*. — Todo aquele lance não-sou-a-fim-de-Keely subitamente faz sentido. Como parece que devo dizer mais do que isso, então acrescento: — Legal.

É uma resposta inadequada, eu acho, mas sincera. Porque Cooper é um cara bacana, a não ser pelo jeito um pouco distante de sempre. Isso explica *muita coisa*.

— Simon descobriu que estou saindo com uma pessoa. Um cara. Ele ia postar essa informação no Falando Nisso junto com todas as outras fofocas. Só que a postagem foi trocada e substituída por mentiras sobre eu estar me dopando. Não troquei a informação do post dele — acrescenta rapidamente. — Mas eles acham que eu fiz isso, então estão pegando pesado na investigação a meu respeito, o que significa que o colégio inteiro vai saber em breve. Acho que eu queria... contar para alguém por mim mesmo.

— Cooper, ninguém vai se importar... — começo, mas ele balança a cabeça.

— Vão, sim. Você sabe que vão.

Eu abaixo o olhar porque não posso negar.

— Enfiei a cabeça no chão como um avestruz sobre toda essa investigação — continua Cooper, com a voz rouca. — Na esperança de que considerassem um acidente porque não há prova concreta de nada. Agora, eu não paro de pensar sobre o que Maeve disse sobre Simon um dia desses: quanta coisa esquisita acontecia ao redor dele. Você acha que há algo por trás disso?

— Bronwyn acha — respondo. — Ela quer que a gente se reúna, nós quatro, para trocar ideias. Ela diz que Nate vai.

Cooper concorda com a cabeça distraidamente, e me ocorre que, uma vez que ele ainda está dentro da bolha de Jake na maior parte do tempo, Cooper não está totalmente a par de tudo que está acontecendo.

— Você ouviu sobre a mãe de Nate, por falar nisso? — pergunto. — Que ela, hã, não está morta, afinal de contas?

Eu não achava que Cooper pudesse ficar ainda mais pálido, mas ele fica.

— O quê?

— A história é meio longa, mas, sim. Na verdade, ela era uma viciada em drogas que vivia numa espécie de comunidade, mas está de volta agora. E sóbria, teoricamente. Ah, e Bronwyn foi chamada à delegacia por causa de uma postagem repugnante que Simon escreveu sobre a irmã dela no segundo ano. Bronwyn escreveu na seção de comentários que queria que ele morresse, então... você sabe. Isso meio que causou uma má impressão.

— Mas que diabos?

Pela expressão incrédula no rosto de Cooper, eu consegui distraí-lo dos próprios problemas. Então, o último sinal antes do início das aulas toca, e os ombros dele esmorecem.

— É melhor irmos embora — diz Cooper. — Mas, sim, se vocês se reunirem, eu estou dentro.

A polícia de Bayview novamente se instala numa sala de reuniões com um agente da juventude e começa a entrevistar os estudantes, um por um. De início, a situação é meio discreta, e, quando o dia termina sem rumores, tenho esperanças de que Cooper esteja errado sobre a revelação de seu segredo. Mas, no meio da manhã seguinte, na terça-feira, começam os sussurros. Não sei se é o tipo de pergunta que a polícia está fazendo, ou com quem ela está falando, ou apenas o velho e bom vazamento, mas, antes do almoço, minha ex-amiga Olivia — que não fala comigo desde que Jake socou TJ — corre até meu armário e me pega pelo braço com um olhar de pura alegria.

— Ai, meu Deus, você ouviu sobre Cooper? — Os olhos se arregalam de empolgação quando ela baixa a voz a um tom penetrante de sussurro. — Todo mundo está dizendo que ele é gay.

Eu me afasto. Se Olivia acha que estou grata por ter sido incluída na roda de fofocas, está enganada.

— Quem se importa? — pergunto categoricamente.

— Bem, *Keely* se importa. — Olivia ri enquanto joga o cabelo sobre o ombro. — Não surpreende que ele não transasse com ela! Você está indo almoçar agora?

— Sim. Com Bronwyn. Tchau.

Bato a porta do armário e dou meia-volta antes que ela consiga dizer mais alguma coisa.

No refeitório, pego a comida e vou para nossa mesa de sempre. Bronwyn está bonita num vestido suéter e usando botas, com o cabelo solto em volta dos ombros. Suas bochechas estão tão rosadas que me pergunto se ela está usando maquiagem para variar, mas, se estiver, ficou bem natural. Bronwyn não para de olhar para a porta.

— Está esperando alguém? — pergunto.

Ela fica mais vermelha.

— Talvez.

Eu tenho uma boa ideia de quem seja. Provavelmente não é Cooper, embora os demais ali pareçam estar esperando por ele. Quando Cooper entra no refeitório, todo mundo cala a boca, e, então, um burburinho baixo corre o refeitório.

— Cooper Clay ou Cooper GAY? — grita alguém em tom de falsete alto.

Cooper trava na porta quando algo voa e o atinge bem no peito. Eu reconheço a embalagem azul imediatamente: camisinhas da marca Trojan. A que Jake usa. Juntamente com metade do colégio, acho. Mas a embalagem veio da direção da minha antiga mesa.

— Tá queimando a rosca, Clay? — debocha alguém, e a gargalhada toma conta do ambiente. Parte das risadas são cruéis, mas muitos risos são nervosos e chocados. A maioria das pessoas parece que não sabe o que fazer. Fico calada porque a expressão de Cooper é a pior coisa que já vi na vida. Como eu queria que isso não estivesse acontecendo.

— Ah, pelo amor de Deus. — É Nate. Ele está na porta ao lado de Cooper, o que me surpreende porque eu nunca o vi no refeitório antes. As demais pessoas ficam igualmente surpresas e se calam a ponto de a voz desdenhosa de Nate superar os sussurros ao examinar a cena diante de si. — Seus idiotas, vocês realmente se importam com essa merda? Vão arrumar o que fazer.

— Tão namorando? — grita uma voz de menina grita, disfarçado com uma tosse falsa.

Vanessa dá um risinho quando todo mundo em volta dela cai naquele tipo de gargalhada que vem sendo direcionada a mim no último mês: meio culpada, meio achando graça, e completamente *Graças a Deus que isso está acontecendo com você, e não comigo*. As únicas exceções são Keely, que está mordendo o lábio e olhando para o chão, e Luis, que está meio de pé, com os antebraços apoiados na mesa. Uma das funcionárias da escola está parada na passagem entre a cozinha e o refeitório, aparentemente dividida entre deixar aquela cena continuar e chamar um professor para interferir.

Nate se volta para a cara de desprezo de Vanessa sem o menor sinal de vergonha.

— Sério? *Você* tem algo a dizer? Eu nem sei seu nome, e você tentou enfiar a mão nas minhas calças da última vez que a gente se esbarrou numa festa. — Mais risos, mas desta vez não são às custas de Cooper. — Na verdade, se tem um cara no Bayview com quem você não tentou fazer isso, eu gostaria de conhecê-lo.

Vanessa fica boquiaberta quando uma mão se ergue no meio do refeitório.

— Eu — diz um garoto, sentado na mesa dos nerds.

Os amigos dele riem de nervoso quando a atenção pulsante do

ambiente — sério, é como uma onda que vai de um alvo para outro — se concentra no garoto. Nate faz um sinal de positivo para ele e volta a olhar para Vanessa.

— Pronto. Tenta fazer isso acontecer e cale a porra da boca.

Nate vem até a nossa mesa e joga a mochila ao lado de Bronwyn. Ela fica de pé, passa os braços pelo pescoço dele e beija Nate como se os dois estivessem sozinhos enquanto o refeitório inteiro explode em suspiros de susto e vaias. Olho tão espantada como todo mundo. Tipo, eu meio que imaginava, mas isto é muito público. Não sei se Bronwyn está tentando distrair todo mundo de Cooper ou se simplesmente não conseguiu se controlar. Talvez ambos os motivos.

De qualquer forma, Cooper foi efetivamente esquecido. Ele está imóvel na entrada até eu pegá-lo pelo braço.

— Sente aí. O clube dos assassinos inteiro numa única mesa. Eles podem nos encarar todos juntos.

Cooper me segue e não se dá ao trabalho de pegar a comida. Nós nos instalamos na mesa, e um silêncio incômodo paira até que mais alguém se aproxima: Luis com a bandeja na mão, que se senta na última cadeira vazia na nossa mesa.

— Aquilo foi babaquice — reclama ele, que olha para o espaço vazio diante de Cooper. — Você não vai comer?

— Não estou com fome — responde Cooper em poucas palavras.

— Você tem que comer alguma coisa. — Luis pega o único alimento intocado na bandeja e oferece. — Aqui, coma uma banana.

Todo mundo trava por um segundo; depois todos nós gargalhamos ao mesmo tempo. Incluindo Cooper, que apoia o queixo na palma da mão e massageia a têmpora com a outra mão.

— Eu passo — diz ele.

Eu nunca vi Luis tão vermelho.

— Por que não podia ter sido dia de maçã? — murmura ele, e Cooper lhe oferece um sorriso cansado.

A pessoa descobre quem são seus verdadeiros amigos quando coisas assim acontecem. Na verdade, eu não tinha nenhum, mas fico contente que Cooper tenha.

CAPÍTULO 24

Nate

Quinta-feira, 25 de outubro, 0h20

Eu entro com a motocicleta no beco no fim do Bayview Estates, desligo o motor e fico parado por um minuto a fim de verificar se há sinal de alguém por perto. Está um silêncio, então, saio da moto e ajudo Bronwyn a fazer a mesma coisa.

A vizinhança ainda é uma área em construção, sem postes de luz, de forma que nós dois andamos na escuridão até a casa número 5. Quando chegamos lá, tentamos abrir a porta da frente, mas está trancada. Damos a volta pelos fundos da casa e mexemos em todas as janelas até que encontro uma que abre. Ela é suficientemente baixa, e eu consigo subir e entrar facilmente.

— Volte para a entrada; eu abro pra você — digo em voz baixa.

— Acho que consigo fazer isso também — retruca Bronwyn, se preparando para erguer o corpo.

Ela, porém, não tem força no braço, e tenho que me debruçar para ajudá-la. A janela não é suficientemente grande para os dois, e, quando solto Bronwyn e dou um passo atrás para abrir espaço, ela tem dificuldade para transpor o resto do caminho e cai no chão com um baque seco.

— Que graciosa — elogio, quando Bronwyn se levanta e tira poeira das calças jeans.

— Cala a boca — murmura ela, enquanto olha ao redor. — Será que devemos destrancar a porta para Addy e Cooper?

Estamos numa casa vazia, ainda em construção, no meio da madrugada para uma reunião do Quarteto de Bayview. É como um filme de espionagem ruim, mas não há jeito de todos nós conseguirmos nos encontrar em qualquer outro lugar sem chamar muita atenção. Até meus vizinhos que não ligam a mínima, de repente começaram a ficar de olho, agora que a equipe de Mikhail Powers não para de passar pela nossa rua.

Além disso, Bronwyn continua de castigo.

— Sim — concordo.

Nós avançamos, tateando, até chegarmos a uma cozinha ainda não finalizada e entrarmos numa sala de estar com uma enorme janela saliente. Raios de luar entram reluzentes em volta da porta, e eu abro o ferrolho.

— Que horas você marcou com eles?

— Meia-noite e meia — responde Bronwyn, enquanto aperta um botão no seu Apple Watch.

— Que horas são?

— Meia-noite e vinte e cinco.

— Ótimo. Temos cinco minutos.

Eu passo a mão na bochecha dela, imprenso Bronwyn contra a parede e colo seus lábios nos meus. Ela se apoia em mim, me abraça pelo pescoço e abre a boca com um suspiro delicado. Minhas mãos descem pela curva da cintura até os quadris e encontram uma faixa de pele exposta embaixo da borda da blusa. Bronwyn tem um corpo incrivelmente sorrateiro embaixo de todas aquelas roupas conservadoras, embora eu mal tenha visto algum detalhe.

— Nate — sussurra ela após alguns minutos, naquela voz sem fôlego que me deixa doido. — Você ia me contar como foram as coisas com sua mãe.

É. Acho que eu ia. Vi minha mãe de novo hoje à noite e foi... tudo bem. Ela apareceu no horário combinado e sóbria. Parou de fazer perguntas e deu dinheiro para as contas. Mas passei o tempo todo apostando comigo mesmo quanto tempo aquilo duraria. Minha aposta atual é de duas semanas.

Antes que eu possa responder, porém, a porta range e não estamos mais sozinhos. Uma figura pequena entra e fecha a porta. O luar está claro o suficiente a ponto de eu enxergar Addy, incluindo as inesperadas mechas escuras no cabelo.

— Ah, que bom, não fui a primeira — sussurra ela, depois coloca as mãos na cintura ao olhar feio para mim e para Bronwyn. — Você dois estavam se pegando? É sério?

— Você pintou o cabelo? — Bronwyn muda de assunto enquanto se afasta de mim. — Que cor é essa? — Ela estica a mão e examina a franja de Addy. — Roxo? Gostei. Por que a mudança?

— Não consigo acompanhar o ritmo das exigências de um cabelo curto — resmunga Addy ao pousar um capacete de bicicleta no chão. — Colorido não fica tão ruim. — Ela inclina a cabeça para mim e acrescenta: — Eu não preciso do seu comentário se você discorda, aliás.

Ergo as mãos.

— Eu não ia dizer uma palavra, Addy.

— Quando você sequer passou a saber meu nome? — Ela faz graça. Eu rio para Addy.

— Você ficou meio saidinha quando perdeu todo o cabelo. E o namorado.

Ela revira os olhos.

— Onde faremos a reunião? Na sala de estar?

— Sim, mas nos fundos. Longe da janela — decide Bronwyn.

Ela passa por alguns materiais de construção e se senta com as pernas cruzadas diante de uma lareira de pedra. Eu me esparramo ao lado de Bronwyn e espero que Addy faça o mesmo, mas ela permanece parada perto da porta.

— Acho que ouvi alguma coisa — diz Addy ao espiar pelo olho mágico.

Ela abre uma nesga da porta e dá um passo para o lado a fim de deixar Cooper entrar. Addy o traz na direção da lareira, mas quase sai voando ao tropeçar em uma extensão.

— *Eita!* Porra, isso fez muito barulho. Foi mal.

Ela se instala ao lado de Bronwyn, e Cooper se senta ao seu lado.

— Como vão as coisas? — pergunta Bronwyn para Cooper.

Ele esfrega o rosto.

— Ah, você sabe. Parece um pesadelo. Meu pai não fala comigo, estou sendo detonado nas redes sociais, e nenhum dos times que estava de olho em mim responde às ligações do treinador Ruffalo. Tirando isso, estou ótimo.

— Sinto muito — lamenta Bronwyn, e Addy pega a mão dele e dobra-a no meio das dela.

Ele solta um suspiro, mas não puxa a mão.

— As coisas são como são, eu acho. Vamos simplesmente ao motivo de estarmos aqui, hein?

Bronwyn pigarreia.

— Bem. Basicamente para... trocarmos ideias? Eli não para de falar sobre procurarmos por padrões e conexões, o que faz muito sentido. Acho que a gente poderia examinar algumas das coisas que sabemos. E que não sabemos. — Ela franze a testa e começa a enumerar as coisas com os dedos: — Simon estava prestes a postar algumas coisas bem chocantes sobre todos nós. Alguém reuniu a gente naquela sala com os celulares falsos. Simon foi envenenado enquanto estávamos ali. Muitas pessoas além de nós tinham motivos para estar putas com Simon. Ele estava envolvido com todo tipo de coisa repugnante no 4chan. Quem sabe que tipo de pessoa ele irritou.

— Janae disse que ele odiava estar fora da rodinha e que estava realmente irritado por nada mais ter rolado com Keely — diz Addy, olhando para Cooper. — Você se lembra disso? Simon começou a dar em cima dela no baile dos calouros, e ela cedeu durante uma festa algumas semanas depois, e ficou com ele por, tipo, cinco minutos. Só que Simon pensou que aquilo realmente fosse adiante.

Os ombros de Cooper caem, como se ele estivesse lembrando algo que não deveria.

— Certo. Hã. Acho que esse é um padrão. Ou uma conexão, sei lá. Comigo e Nate, quero dizer.

Eu não entendo.

— O quê?

Ele me encara.

— Quando eu terminei com Keely, ela me contou que tinha ficado com você numa festa para se livrar de Simon. E que eu a chamei para sair umas duas semanas depois.

— Você e Keely? — Addy olha espantada para mim. — Ela nunca falou!

— Foi só umas duas vezes.

Honestamente, eu tinha me esquecido completamente.

— E você é amiga de Keely. Ou era — diz Bronwyn para Addy.

Ela não parece abalada pela ideia de Keely e eu juntos, e agradeço por Bronwyn não perder o foco.

— Mas eu não tenho nada a ver com ela — continua Bronwyn. — Então... não sei. Será que isso significa alguma coisa ou não?

— Eu não vejo como significaria — argumenta Cooper. — Ninguém além de Simon se importava com o que aconteceu no lance dele com Keely.

— Keely talvez se importasse — salienta Bronwyn.

Cooper contém uma risada.

— Você não pode estar pensando que Keely teve algo a ver com esta situação!

— Estamos levantando possibilidades — diz Bronwyn, ao se inclinar para a frente e apoiar o queixo na mão. — Ela é um ponto em comum.

— É, mas Keely tem zero motivos para qualquer coisa. Será que a gente não deveria estar falando de pessoas que odiavam Simon? Além de você — acrescenta Cooper, e Bronwyn fica imóvel. — Quero dizer, por aquela postagem no blog que ele escreveu sobre a sua irmã. Addy me contou a respeito. Aquilo foi um golpe muito baixo. Nunca vi a postagem da primeira vez. Eu teria dito alguma coisa se tivesse visto.

— Bem, eu não *matei* Simon por aquilo — diz Bronwyn com firmeza.

— Não estou dizendo... — começa Cooper, mas Addy interrompe.

— Não vamos desviar do assunto. E quanto a Leah ou mesmo Aiden Wu? Não dá pra dizer que eles não gostariam de ter se vingado.

Bronwyn engole em seco e baixa os olhos.

— Eu também me pergunto sobre Leah. Ela tem sido... Bem, tenho uma conexão com ela que não contei a vocês. Nós duas fomos colegas num campeonato de simulação estudantil da ONU e, por engano,

informamos a Simon um prazo errado. Ele acabou sendo desclassificado e começou a torturar Leah no Falando Nisso logo depois.

Na verdade, Bronwyn falou comigo sobre isso. A questão sobre Leah a incomoda há dias, mas é novidade para Cooper e Addy, que começa a balançar a cabeça.

— Então Leah tem motivo para odiar Simon e estar puta com você. — Aí ela franze a testa. — Mas e quanto ao restante de nós? Por que arrastar a gente?

Dou de ombros.

— Talvez a gente tenha sido apenas os segredos que Simon tinha a mão. Danos colaterais.

Bronwyn suspira.

— Eu não sei. Leah é esquentada, mas não exatamente traiçoeira. Estou mais confusa quanto ao lance de Janae. — Ela se volta para Addy. Uma das coisas mais estranhas sobre o Tumblr é quantos detalhes ele acertou. Seria quase preciso que a pessoa fosse um de nós para saber daquelas coisas... ou passar muito tempo conosco. Vocês não acham estranho que Janae circule entre a gente embora nós estejamos sendo acusados de matar o melhor amigo dela?

— Bem, justiça seja feita, *eu* a convidei — explica Addy. — Mas ela anda muito nervosa ultimamente. E vocês notaram que ela e Simon não estavam tão juntos como sempre logo antes de ele morrer? Eu não paro de imaginar se algo aconteceu entre os dois. — Ela se apoia na parede e morde o lábio inferior. — Acho que, se alguém sabia quais segredos Simon estava prestes a revelar e como usá-los, essa pessoa seria Janae. Eu só... não sei, galera. Não sei se Janae teria coragem de fazer algo assim.

— Talvez Simon tenha a rejeitado, e ela... o matou? — Cooper parece não acreditar antes de terminar a frase. — Mas não vejo como. Ela não estava lá.

Bronwyn dá de ombros.

— Não temos certeza disso. Quando conversei com Eli, ele não parou de falar que alguém podia ter planejado o acidente de carro como uma distração para entrar de mansinho na sala. Se vocês aceitarem essa possibilidade, qualquer pessoa poderia ter matado Simon.

Zoei Bronwyn quando ela tocou no assunto pela primeira vez, mas... não sei. Eu queria conseguir me lembrar mais daquele dia, de dizer com certeza se aquilo sequer é possível. A coisa inteira virou uma memória confusa.

— Um dos carros era um Camaro vermelho — relembra Cooper. — Parecia antigo. Eu não me lembro de ter visto esse carro antes no estacionamento. Ou desde então. O que é estranho quando se pensa no

caso.

— Ah, qual é — desdenha Addy. — Isso é tão absurdo. Parece com um advogado que tem um cliente culpado e está se agarrando a qualquer coisa. Alguém novo provavelmente só estava pegando um aluno naquele dia.

— Talvez — diz Cooper. — Não sei. O irmão de Luis trabalha numa oficina no centro da cidade. Talvez eu pergunte para ele se um carro como aquele passou por lá, ou se ele pode verificar com outras oficinas. — Cooper levanta a mão diante das sobrelanceiras erguidas de Addy. — Ei, não é *você* a nova suspeita favorita da polícia, ok? Estou desesperado aqui.

Não estamos chegando a lugar algum com essa conversa, mas eu me dou conta de duas coisas ao ouvi-los conversar. Primeiro: gosto mais de todos eles do que pensei que gostaria. Bronwyn obviamente foi a maior surpresa, e *gostar* não é o termo adequado. Mas Addy virou uma baita fodona, e Cooper não é tão unidimensional quanto eu pensava.

E dois: não acho que nenhum deles matou Simon.

Bronwyn

Sexta-feira, 26 de outubro, 20h

Na noite de sexta-feira, minha família inteira se reúne para assistir a *Mikhail Powers Investiga*. Sinto mais medo do que de costume, me preparando para ver a postagem no blog de Simon sobre Maeve e me preocupando se o programa vai mostrar algo sobre Nate e eu. Eu nunca deveria tê-lo beijado no colégio. Embora, em minha defesa, ele estava inacreditavelmente gostoso naquela ocasião específica.

De qualquer forma, estamos todos nervosos. Maeve se enrosca ao meu lado quando toca o tema do programa de Mikhail e fotos de Bayview surgem na tela.

Uma investigação de assassinato se torna uma caçada. Quando a tática policial inclui revelar informações pessoais em nome da coleta de provas, será que eles foram longe demais?

Espere. O quê?

A câmera dá um zoom em Mikhail, e ele está *puto*. Eu me endireito no assento quando ele encara a câmera e diz:

— A situação em Bayview, na Califórnia, ficou feia nesta semana quando um estudante homossexual enrustido, envolvido na investigação, teve sua orientação sexual revelada após uma rodada de interrogatórios policiais, o que causou uma erupção na mídia que deve preocupar todo norte-americano que se importa com o direito à privacidade.

E aí eu me lembro. Mikhail Powers é gay. Ele saiu do armário no ensino médio e foi algo importante porque aconteceu quando algumas fotos dele beijando um cara circularam na internet. Não foi escolha dele. E, pela forma que está cobrindo a reportagem agora, Mikhail Powers ainda guarda rancor.

Porque, de repente, a polícia de Bayview é o bandido. Eles não têm provas, causaram transtornos em nossas vidas e violaram os direitos constitucionais de Cooper. A polícia está na defensiva quando um porta-voz alega que eles foram cuidadosos durante os interrogatórios e que nada vazou do departamento. Mas a União Norte-americana pelas Liberdades Cíveis quer se envolver agora. E lá está Eli Kleinfelter da Até que Provenha novamente, falando que o caso foi mal conduzido desde o início, que nós quatro fomos feitos de bodes expiatórios enquanto ninguém sequer pergunta quem mais teria desejado a morte de Simon Kelleher.

— Será que todo mundo se esqueceu do professor? — pergunta ele, se debruçando por trás de uma mesa cheia. — Ele é a única pessoa presente naquela sala que está sendo tratada como testemunha em vez de suspeito, embora tivesse tido mais oportunidades do que qualquer outro. Isso não pode ser descartado.

Maeve inclina a cabeça perto da minha e sussurra:

— Você devia estar trabalhando para a Até que Provenha, Bronwyn.

Mikhail chama o próximo bloco: *O verdadeiro Simon Kelleher vem à tona*. A foto de turma de Simon surge na tela enquanto as pessoas se recordam e comentam sobre as boas notas, a boa família e de todos os clubes de que ele fazia parte. Então, Leah Jackson aparece na tela, parada no jardim da frente do Colégio Bayview. Eu me viro para Maeve, de olhos arregalados, e ela parece igualmente chocada.

— Ela deu um depoimento — murmura minha irmã. — Ela realmente deu um depoimento.

A entrevista de Leah é seguida por blocos com outros alunos prejudicados pelas fofocas de Simon, incluindo Aiden Wu e uma menina cujos pais a expulsaram de casa quando a notícia de sua gravidez se espalhou. A mão de Maeve encontra a minha quando Mikhail solta a última bomba — uma captura de tela dos tópicos de discussão do 4chan, com as piores postagens de Simon sobre o tiroteio no colégio de Orange County destacadas.

Olhe, em tese, eu apoio a ideia de abalar colégios com violência, mas esse moleque demonstrou uma falta deprimente de imaginação. Quero dizer, foi bacana, eu acho. Cumpriu sua função, mas foi tão prosaico. Já não vimos isso uma centena de vezes? Um garoto sai dando tiros no colégio, se mata, filme às onze horas. Aumentem as expectativas, pelo amor de Deus. Façam algo original.

Uma granada, talvez. Espadas de samurai? Quero que me surpreendam ao eliminar um bando de babacas. É tudo que peço.

Eu me lembro de Maeve mandando mensagens sem parar naquele dia que Janae ficou irritada com ela durante o almoço.

— Então, você mandou mesmo aquilo para o programa? — sussurro.

— Mandei mesmo — sussurra ela de volta. — Mas eu não sabia que iam usar. Ninguém nunca me retornou.

Quando termina o programa, os verdadeiros vilões são a polícia de Bayview, seguida bem de perto por Simon. Addy, Nate e eu somos testemunhas inocentes no meio de um fogo cruzado que não merecemos, e Cooper é um santo. Toda a situação passa por uma reviravolta estonteante.

Não sei se é possível chamar aquilo de jornalismo, mas o *Mikhail Powers Investiga* definitivamente provocou um impacto nos dias seguintes. Alguém começou uma petição no *Change.org* para interromper a investigação e reuniu quase 20 mil assinaturas. A liga nacional de beisebol e as universidades locais são pressionadas por discriminação contra jogadores gays. O tom da cobertura da mídia muda, com mais questões sendo levantadas sobre a condução do caso por parte da polícia do que sobre nós. E, quando volto ao colégio na segunda-feira, as pessoas passam a falar comigo novamente. Até Evan Neiman, que andou agindo como se nunca tivesse me conhecido, se aproxima de mim cautelosamente no último sinal e me pergunta se vou ao treino da Olimpíada de Matemática.

Talvez minha vida não volte a ser completamente normal, mas, no fim da semana, eu começo a ter esperança de que será menos criminosa.

Na noite de sexta-feira, estou no telefone com Nate como sempre, lendo para ele a postagem mais recente do Tumblr.

Ser acusado de assassinato está sendo um tremendo pé no saco. Quero dizer, claro, a cobertura da TV é interessante. E me parece bom que a cortina de fumaça que instalei esteja funcionando — as pessoas ainda não fazem ideia de quem matou Simon.

Nate me interrompe após o primeiro parágrafo.

— Foi mal, mas temos coisas mais importantes a discutir. Responda honestamente: se eu não sou mais um suspeito de assassinato, você ainda vai me achar atraente?

— Você ainda vai continuar em liberdade condicional por tráfico de drogas — argumento. — Isso é um tesão.

— Ah, mas isso acaba em dezembro — responde Nate. — No ano que vem, é capaz de eu ser um cidadão-modelo. Seus pais podem até me deixar te chamar pra sair de verdade. Se você quiser ir.

Se eu quisesse ir.

— Nate, eu quero sair com você desde o quinto ano — revelo.

Eu gosto que ele imagine como nós dois seremos fora desta bolha esquisita. Talvez, se ambos estivermos pensando a respeito, haja uma possibilidade de descobrirmos.

Nate me conta sobre a visita mais recente da mãe, que realmente parece estar tentando. Nós assistimos a um filme juntos — escolha dele, infelizmente —, e eu adormeço ao som da voz de Nate criticando os movimentos de câmera ruins. Quando acordo no sábado de manhã, noto que o telefone só tem alguns minutos sobrando. Tenho que pedir um outro a ele, que será o celular número quatro, eu acho.

Talvez a gente possa usar os nossos telefones de verdade um dia desses.

Fico na cama até um pouco mais tarde do que de costume, até o momento que preciso me mexer se eu e Maeve pretendemos fazer nosso esquema de sempre de correr e passar na biblioteca. Mal acabei de amarrar os cadarços dos tênis e estou procurando pelo iPod na cômoda quando uma batida hesitante ecoa na porta do quarto.

— Entre — convido ao desencavar um pequeno aparelho azul de uma pilha de faixas de cabeça. — É você, Maeve? É você o motivo para isso aqui estar só com dez por cento de bateria?

Eu me viro para ver minha irmã com a cara tão pálida e trêmula que quase deixo o iPod cair. Sempre que Maeve parece doente, sou tomada por um medo horrível de que ela tenha uma recaída.

— Você está se sentindo bem? — pergunto ansiosamente.

— Estou bem. — As palavras saem como um suspiro de susto. — Mas você precisa ver uma coisa. Desça, ok?

— O que está acontecendo?

— Apenas... venha.

A voz de Maeve está tão fraca que meu coração bate dolorosamente. Ela desce pela escada inteira agarrada ao corrimão. Estou prestes a perguntar se há algo de errado com a mamãe ou o papai quando Maeve me conduz à sala de estar e aponta para a televisão, sem dizer nada.

Onde leio as palavras *Prisão no Caso do Assassinato de Simon Kelleher* passando pelo pé da tela. Nate está algemado, sendo levado de casa.

CAPÍTULO 25

Bronwyn

Sábado, 27 de outubro, 10h17

Desta vez eu *realmente* deixo o iPod cair.

Ele escorrega da minha mão e cai suavemente no tapete enquanto vejo um dos policiais ao lado de Nate abrir a porta da viatura e empurrá-lo, sem muita delicadeza, para o banco de trás. A cena corta para uma repórter do lado de fora, afastando do rosto o cabelo escuro remexido pelo vento.

— A polícia de Bayview se recusou a dar qualquer declaração. A única confirmação é que novas provas indicam que há causa provável para incriminar Nate Macauley, o único integrante do Quarteto de Bayview com antecedentes criminais, pelo assassinato de Simon Kelleher. Vamos continuar trazendo novas informações de acordo com o desdobramento do caso. Sou Liz Rosen, para o noticiário do Channel 7.

Maeve para ao meu lado, com o controle remoto na mão. Eu puxo a manga dela.

— Você pode voltar para o início, por favor?

Ela retrocede a gravação, e eu examino o rosto de Nate no vídeo que vai e volta. Sua expressão é neutra, quase entediado, como se ele tivesse sido convencido a ir a uma festa que não lhe interessa.

Conheço aquela expressão. É a mesma que Nate usou quando mencionei o Até que Provem no shopping center. Ele está se desligando e armando suas defesas. Não há traços do garoto que conheço do telefone, dos nossos passeios de moto ou da minha sala de TV. Ou daquele que me recordo do ensino fundamental, a gravata torta do São Pio e a camisa para fora da calça, conduzindo a mãe em prantos pelo corredor com um olhar intenso que desafiava qualquer um de nós a rir.

Eu ainda acredito que aquele é o Nate de verdade. Seja lá o que a polícia pense ou tenha encontrado, isso não muda.

Meus pais não estão em casa. Pego o telefone e ligo para minha advogada, Robin, que não atende. Deixo uma mensagem tão longa e

incoerente que a caixa postal me interrompe, e desligo me sentindo impotente. Robin é minha única esperança de obter informações, mas ela não consideraria isso uma emergência. É um problema para o futuro advogado de Nate, não para Robin.

Esse pensamento me deixa ainda mais em pânico. O que um defensor público atolado de serviço que nunca conheceu Nate vai ser capaz de fazer? Meu olhos dispararam pela sala e encontram o olhar atormentado de Maeve.

— Você acha que ele pode ter...

— Não — respondo, com vigor. — Ora, vamos, Maeve, você viu como esta investigação está zoada. Eles acharam que *eu* matei Simon durante um tempo. Eles estão errados. Tenho certeza de que estão errados.

— Fico pensando o que eles podem ter encontrado — diz minha irmã. — É de considerar que a polícia tomaria muito cuidado depois de todas as críticas que recebeu da imprensa.

Eu não respondo. É a primeira vez na vida que não sei o que fazer. Meu cérebro está vazio de tudo, a não ser de uma ansiedade turbulenta. O Channel 7 desistiu de fingir que sabe de alguma novidade e está repetindo trechos da investigação até a data de hoje. Há imagens retiradas do *Mikhail Powers Investiga*. Addy com seu corte pixie rebelde, mostrando o dedo em desafio a quem quer que a estivesse filmando. Um porta-voz do Departamento de Polícia de Bayview. Eli Kleinfelter.

É claro.

Eu pego o telefone e procuro pelo nome de Eli. Ele me deu o número da última vez que nos falamos, e disse para ligar a qualquer hora. Espero que tenha sido sincero.

Eli responde ao primeiro toque.

— Eli Kleinfelter.

— Eli? É Bronwyn Rojas, de ...

— É claro. Oi, Bronwyn. Imagino que você esteja vendo o noticiário. O que tem a dizer?

— Eles estão errados. — Eu olho fixamente para a televisão enquanto Maeve faz o mesmo comigo; o medo está tomando conta de mim, como uma trepadeira que cresce rápido e aperta meu coração e pulmões, de forma que é difícil respirar. — Eli, Nate precisa de um advogado melhor do que qualquer defensor público aleatório que vão empurrar para ele. Nate precisa de alguém que se importa e sabe o que está fazendo. Eu acho, hã, bem... basicamente, acho que ele precisa de você. Você consideraria aceitar o caso?

Eli não responde de cara, e, quando responde, sua voz é cautelosa.

— Bronwyn, você sabe que estou interessado neste caso e que simpatizo com todos vocês. A situação de vocês é uma merda e tenho

certeza de que essa prisão é mais do mesmo, porém já estou com uma quantidade de serviço impossível...

— *Por favor* — interrompo, e o restante sai aos borbotões de mim.

Eu conto a Eli sobre os pais de Nate e como ele praticamente se criou sozinho desde o quinto ano. Conto todas as histórias horríveis, de partir o coração, que Nate me disse ou que eu testemunhei ou adivinhei. Nate odiaria isso, mas nunca acreditei em algo com tanta intensidade quanto acredito que ele precisa de Eli para não ir para a prisão.

— Tudo bem, tudo bem — responde Eli finalmente. — Entendi. Entendi mesmo. Algum dos pais está em condições de falar? Vou arrumar algum tempo para uma consulta e dar a eles algumas ideias. Mas isso é tudo que posso fazer.

Não é suficiente, mas já é alguma coisa.

— Sim! — respondo, com uma confiança descaradamente falsa.

Nate falou com a mãe há dois dias, e ela estava aguentando firme, mas não tenho ideia do efeito que a notícia de hoje possa provocar na Sra. Macauley.

— Eu vou falar com a mãe de Nate — digo. — Quando podemos nos encontrar?

— Amanhã às dez, na nossa sede.

Maeve ainda está me observando quando desligo.

— Bronwyn, o que você está fazendo?

Pego as chaves do Volvo na ilha da cozinha.

— Preciso encontrar a Sra. Macauley.

Maeve morde o lábio.

— Bronwyn, você não pode...

Cuidar disso como se fosse o conselho estudantil? Ela tem razão. Eu preciso de ajuda.

— Você viria? Por favor?

Minha irmã debate por meio minuto e mantém os olhos cor de âmbar fixos em mim.

— Tudo bem.

Meu telefone quase escapa da palma da minha mão suada quando nos dirigimos para o carro. Eu devo ter recebido uma dezena de ligações e mensagens enquanto falava com Eli. Meu pais, amigos e um bando de números que não reconheço, que provavelmente são de repórteres. Tenho quatro mensagens de Addy, todas com alguma variação de *Você viu?* e *Que porra é essa?*

— Vamos contar para o papai e a mamãe sobre isso? — pergunta Maeve, enquanto saio da entrada de garagem de marcha a ré.

— O que seria “isso”? A prisão de Nate?

— Eu tenho certeza de que eles sabem da prisão de Nate. “Isso” é... a coordenação jurídica que você está fazendo.

— Você desaprova?

— Não *desaprovo*, exatamente. Mas você está perdendo o controle antes de sequer saber o que a polícia encontrou. Pode ser algo rotineiro. Eu sei que você realmente gosta dele, mas... não é possível que ele tenha feito aquilo?

— Não — respondo secamente. — E sim. Eu vou contar para a mamãe e o papai. Só estou tentando ajudar um amigo.

Minha voz gruda na última palavra, e nós dirigimos em silêncio até chegamos ao Motel 6.

Fico aliviada quando o balconista me informa que a Sra. Macauley ainda está hospedada, mas ela não atende ao telefone do quarto, o que é um bom sinal — espero que ela esteja com Nate, onde quer que seja. Eu deixo um recado com meu telefone e tento não exagerar com os sublinhados e letras maiúsculas. Maeve assume a direção na volta para casa enquanto ligo para Addy.

— Mas que diabos? — diz ela ao atender, e a trepadeira que aperta meu peito se solta um pouco diante da descrença na voz de Addy. — Primeiro eles acham que somos todos culpados. Depois vem uma dança das cadeiras até finalmente culparem Nate, pelo visto.

— Alguma novidade? — pergunto. — Eu estou longe da TV há meia hora.

Mas não há nada. A polícia está de bico fechado sobre o quer que eles tenham encontrado. O advogado de Addy não tem uma pista do que está acontecendo.

— Quer ficar aqui hoje à noite? — convida ela. — Você deve estar enlouquecendo. Minha mãe e o namorado tem um compromisso, então Ashton e eu vamos fazer pizza. Traga Maeve, podemos fazer uma noite de irmãs.

— Talvez, se essa situação não estiver muito fora de controle — aceito, em tom de agradecimento.

Maeve vira na nossa rua, e fico desanimada ao ver a fila de vans brancas de noticiário em frente à casa. Parece que a Univision e a Telemundo se juntaram à confusão, o que vai irritar meu pai seriamente. Ele nunca consegue que os dois canais cubram alguma coisa positiva sobre sua empresa, mas por causa *disso* as duas emissoras aparecem.

Nós estacionamos na entrada de garagem atrás do carro dos meus pais, e, assim que abro a porta, surge meia dúzia de microfones na minha cara. Eu os empurro para passar, encontro Maeve na frente do carro e pego a mão dela enquanto costuramos entre as câmeras e luzes que pipocam. A maioria dos repórteres berra alguma variação de “Bronwyn, você acha que Nate matou Simon?”, mas um grita:

— Bronwyn, é verdade que você e Nate estão namorando?

Eu *realmente* espero que não tenham feito essa mesma pergunta

para os meus pais.

Maeve e eu batemos a porta ao entrarmos e passamos abaixadas pelas janelas até entrarmos na cozinha. Mamãe está sentada à ilha com uma caneca de café entre as mãos e o rosto contraído de preocupação. Papai aumenta o tom de voz em uma conversa exaltada que vem da porta fechada de seu escritório.

— Bronwyn, nós precisamos conversar — diz mamãe, e Maeve sai voando para o segundo andar.

Eu me sento diante da minha mãe à ilha da cozinha e vejo seu olhar cansado com uma pontada de dó. *A culpa é minha.*

— Você viu o noticiário, obviamente — começa ela. — Seu pai está falando com Robin se aquilo significa alguma coisa para você. Enquanto isso, fizeram um monte de perguntas para nós enquanto passávamos por aquele zoológico. Algumas a respeito de você e de Nate. — Noto que ela está se esforçando muito para manter um tom de voz neutro. — Talvez a gente tenha criado dificuldades para você conversar sobre quaisquer... relacionamentos que tenha com outros garotos. Porque, do nosso ponto de vista, a melhor maneira de deixá-la a salvo foi mantê-la separada. Então, talvez você não pense que pode confiar em nós, mas preciso que seja sincera comigo agora que Nate foi preso. Existe alguma coisa que eu deva saber?

A princípio, tudo que consigo pensar é: *qual é o mínimo de informação que posso oferecer e que ainda permita fazê-la entender que preciso ajudar Nate?* Mas aí minha mãe estica o braço e aperta minha mão, e sinto uma pontada de culpa ao perceber que nunca escondi nada dela até roubar o teste de Química. E veja o que *aquilo* provocou.

Então, eu conto quase tudo para minha mãe. Não sobre ter trazido Nate para nossa casa ou tê-lo encontrado no Bayview Estates, porque tenho certeza de que isso nos levaria por um mau caminho. Mas explico as ligações nas altas horas, as escapadas do colégio de motocicleta, e, sim, os beijos.

Tenho que reconhecer que minha mãe está se esforçando *muito* para não surtar.

— Então, você... gosta mesmo dele? — Ela quase engasga com as palavras.

Minha mãe não quer a verdade. A estratégia de Robin de responder a uma pergunta diferente daquela que se está tentando desviar funcionaria bem agora.

— Mãe, eu entendo que esta é uma situação bizarra e que não conheço Nate tão bem assim, mas não acredito que ele machucaria Simon. E ele não tem ninguém que o proteja. O Nate precisa de um bom advogado, e é isso que estou tentando arrumar.

Meu telefone vibra com um número que não reconheço, e faço uma careta ao perceber que preciso atender caso seja a Sra. Macauley.

— Oi, aqui é Bronwyn.

— Bronwyn, que bom que você atendeu! Aqui é Lisa Jacoby do *Los Angeles Ti...*

Eu desligo e encaro minha mãe novamente.

— Desculpe por não ter sido sincera com a senhora depois de tudo que fez por mim, mas me deixe colocar a Sra. Macauley e o Eli em contato, ok?

Minha mãe massageia a têmpora.

— Bronwyn, não sei se você compreende como foi arrogante. Você ignorou o conselho de Robin e tem sorte que isso não explodiu em cima de você. Mas ainda pode acontecer. Só... não, não vou te impedir de falar com a mãe de Nate. Este caso está tão confuso que qualquer pessoa envolvida precisa de apoio jurídico decente.

Eu lhe dou um abraço e, meu Deus, que sensação boa simplesmente abraçar minha mãe por um minuto.

Ela dá um suspiro quando a solto.

— Deixe que eu falo com o seu pai. Eu não acho que uma conversa entre vocês dois seja produtiva neste exato momento.

Impossível discordar. Estou a caminho do segundo andar quando o telefone toca novamente, e meu coração pula quando vejo o DDD de Oregon. Eu não consigo conter a esperança na voz quando atendo.

— Oi, aqui é Bronwyn.

— Bronwyn, olá. — A voz é baixa e tensa, mas límpida. — É Ellen Macauley, a mãe do Nate. Você me deixou um recado.

Ai, graças a Deus graças a Deus graças a Deus. Ela não recorreu às drogas nem fugiu para Oregon.

— Sim. Sim, eu deixei.

Cooper

Sábado, 27 de outubro, 15h15

É difícil avaliar os jogos de exibição agora, mas, no todo, este aqui foi muito bom. Meu arremesso atingiu 150 quilômetros por hora, eliminei dois rebatedores, e apenas alguns caras nas arquibancadas pegaram no meu pé. Mas, como eles estavam usando saias de bailarina e bonés de beisebol, conseguiram se destacar mais do que o homofóbico comum até serem expulsos pelos seguranças.

Alguns olheiros de faculdade apareceram, e o cara da Universidade Estadual da Califórnia até se deu ao trabalho de falar comigo depois. O treinador Ruffalo começou a receber contatos de outros times, mas isso me parece mais uma jogada de relações públicas do que interesse genuíno. Só a Universidade Estadual da Califórnia ainda está falando em bolsa, embora eu esteja arremessando melhor do que

nunca. Essa é a vida de um suspeito de assassinato que saiu do armário, eu suponho. O Pai não espera mais por mim do lado de fora do vestiário. Ele vai direto para o carro quando termino, e liga o motor para que façamos uma saída rápida.

Os repórteres são outros quinhentos; estão doidos para falar comigo. Eu me preparo quando uma câmera se acende no momento que deixo o vestiário, e espero que a mulher com o microfone faça a meia dúzia de perguntas de sempre, mas ela me pega de surpresa:

— Cooper, o que você acha da prisão de Nate Macauley?

— Hã?

Eu paro do nada, chocado demais para passar por ela, e Luis quase tromba comigo.

— Você não soube? — A repórter sorri, como se eu tivesse entregado para ela um bilhete premiado da loteria. — Nate Macauley foi preso pelo assassinato de Simon Kelleher, e a polícia de Bayview declarou que você não é suspeito. Pode me dizer como se sente?

— Hã... — *Não. Não posso.* Ou não vou dizer. Dá no mesmo. — Com licença.

— Que diabos? — murmura Luis assim que passamos pelo corredor polonês de câmeras. Ele puxa o telefone e mexe freneticamente enquanto localizo o carro do meu pai. — Porra, ela não estava mentindo. *Cara.* — Luis me encara com os olhos arregalados. — Você está salvo.

É esquisito, mas isso não me passou pela cabeça até ele falar.

Estamos dando uma carona para Luis até a casa dele, o que é bom, pois diminuiu o tempo que eu e o Pai passamos sozinhos. Luis e eu colocamos as mochilas no banco traseiro, e sento no banco do carona enquanto Luis se instala atrás. O Pai está mexendo no rádio, tentando achar uma estação de notícias.

— Eles prenderam aquele moleque, o Macauley — diz ele com uma satisfação sinistra. — Ouçam o que eu estou dizendo, eles vão ficar com um bando de processos nas mãos quando isto terminar. Começando pelo meu.

O Pai desvia o olhar para a minha esquerda quando me sento. É tipo um novo lance dele: ele olha *perto* de mim. O Pai não olha mais nos meus olhos desde que contei sobre Kris.

— Bem, tinha que ser Nate — diz Luis calmamente.

Ele joga Nate aos leões como se não estivesse sentado com o cara para almoçar a semana passada inteira.

Eu não sei o que pensar. Se tivesse que apontar um dedo para alguém quando tudo isso começou, teria sido para Nate, embora ele estivesse genuinamente em desespero enquanto procurava pela caneta de adrenalina de Simon. Nate era a pessoa que eu menos conhecia e já era um criminoso, então... não era um grande exagero.

Mas, quando o refeitório inteiro do Colégio Bayview esteve prestes a acabar comigo como um bando de hienas, Nate foi a única pessoa que disse alguma coisa. Eu nunca lhe agradeci, mas pensei muito sobre como o colégio teria ficado pior se ele tivesse passado por mim e deixado a situação virar uma bola de neve.

Meu telefone está cheio de mensagens de texto, mas as únicas que me importam são uma sequência enviada por Kris. Tirando uma visita rápida para avisá-lo sobre a polícia e pedir desculpas pelo futuro massacre da mídia, eu mal o vi nas últimas duas semanas. Embora as pessoas saibam sobre nós, nós não tivemos nenhuma chance de sermos normais.

Ainda não sei como isso sequer se pareceria. Gostaria de poder descobrir.

Ai, meu Deus, eu vi o noticiário

Isso é bom, certo??

Me ligue quando puder

Respondo a ele enquanto meio que escuto o que o Pai e Luis dizem. Depois de deixarmos Luis, o silêncio se instala entre meu pai e eu, denso como uma bruma. Sou o primeiro a quebrá-lo.

— Então, como me saí?

— Bem. Pareceu bem. — A resposta mínima, como de costume ultimamente.

Tento de novo.

— Eu falei com o olheiro da Universidade Estadual da Califórnia.

Ele solta um muxoxo de desdém.

— A *estadual*. Nem está entre as dez melhores.

— Certo — concordo.

Nós vemos as vans de noticiário quando estamos no meio da nossa rua.

— Puta que pariu — xinga o Pai. — Lá vamos nós de novo. Espero que isto valha a pena.

— Que o que valha a pena?

Ele para ao lado de uma van, coloca a marcha em ponto morto e arranca a chave da ignição.

— Sua *escolha*.

A raiva aumenta dentro de mim — por causa das palavras e como ele vocifera sem sequer me olhar.

— Nada disto é uma escolha — rebato, mas o barulho do lado de fora engole as palavras quando ele abre a porta.

O corredor polonês de repórteres é mais fino que o usual, então imagino que a maioria deles esteja na casa de Bronwyn. Eu sigo o Pai até o interior da casa, onde ele imediatamente ruma para a sala de estar e liga a TV. Eu deveria fazer o alongamento pós-jogo agora, mas meu pai não tem se dado ao trabalho de me lembrar da minha rotina

de exercícios há um tempo.

A Vovó está na cozinha, preparando torradas na manteiga com açúcar mascavo em cima.

— Como foi o jogo, querido?

— Fantástico — respondo com cansaço ao desmoronar numa cadeira.

Pego uma moedinha solta e giro até virar um borrão na mesa da cozinha.

— Arremessei bem demais, mas ninguém se importa — continuo.

— Ora, ora. — A Vovó se senta na minha frente com a torrada e me oferece um pedaço, mas eu a empurro na direção dela. — Dê tempo ao tempo. Você se lembra do que eu te disse no hospital?

Balanço a cabeça.

— As coisas vão piorar antes de melhorar — responde a Vovó. — Bem, elas certamente pioraram mesmo, e agora não há mais para onde ir, a não ser para cima.

Ela morde a torrada, e eu continuo girando a moedinha até que a Vovó engula.

— Você devia trazer aquele seu rapaz algum dia desses para jantar, Cooper. Já está na hora de a gente conhecê-lo.

Eu tento imaginar meu pai conversando com Kris e comendo frango à caçarola.

— O Pai odiaria isso.

— Bem, ele vai ter que se acostumar, não é?

Antes que eu possa responder, o celular vibra com um número que não reconheço. *É Bronwyn. Peguei seu número com Addy. Posso ligar?*

Claro.

O telefone toca em segundos.

— Oi, Cooper. Você soube de Nate?

— Sim.

Não tenho certeza do que dizer além disso, mas Bronwyn não me dá uma oportunidade.

— Estou tentando armar uma reunião com a mãe de Nate e Eli Kleinfelter do Até que Provem. Estou torcendo para ele pegar o caso. Será que você teve uma chance de perguntar ao irmão de Luis sobre aquele Camaro vermelho do acidente no estacionamento?

— Luis ligou para ele na semana passada a respeito disso. Ele ia dar uma olhada, mas eu não soube de nada ainda.

— Você se importaria de verificar com ele? — pergunta Bronwyn.

Hesito. Embora ainda não tenha digerido tudo aquilo, há uma pequena bola de alívio crescendo dentro de mim, porque ontem eu era o principal suspeito da polícia. E hoje já não sou. Eu estaria mentindo se dissesse que não era uma boa sensação.

Mas isso envolvia Nate. Que não é um amigo, exatamente. Ou de

maneira alguma, creio eu. Mas ele não é nada.

— É, ok — digo a Bronwyn.

CAPÍTULO 26

Bronwyn

Domingo, 28 de outubro, 10h

Somos um grupo e tanto na sede do Até que Provem no domingo de manhã: eu, a Sra. Macauley e minha mãe — que estava disposta a me deixar ir, mas não sem supervisão.

O escritório pequeno e pouco mobiliado está lotado de gente, com cada mesa com pelo menos duas pessoas. Todo mundo está falando urgentemente ao telefone, ou digitando sem parar no computador. Às vezes ambas as coisas.

— Agitado para um domingo — comento, quando Eli nos conduz a uma sala minúscula abarrotada por uma mesinha e cadeiras.

O cabelo de Eli parece ter crescido uns 8 centímetros desde que apareceu no *Mikhail Powers Investiga*, tudo para cima. Ele passa a mão nos cachos de cientista louco e os coloca ainda mais para o alto.

— Já é domingo?

Como não há cadeiras suficientes, eu me sento no chão.

— Desculpem — diz Eli. — Podemos ser breves. Primeiro, Sra. Macauley, eu sinto muito pela prisão do seu filho. Soube que ele foi transferido para um centro de detenção juvenil em vez de uma instalação para adultos, o que é uma boa notícia. Como eu disse a Bronwyn, não há muito que eu possa fazer dado meu volume atual de serviço. Mas, se a senhora estiver disposta a compartilhar qualquer informação que tenha, farei o possível para dar sugestões e talvez uma recomendação.

A Sra. Macauley parece exausta, mas como se tivesse feito um esforço para se arrumar um pouco ao vestir calças azul-marinho e um cardigã cinza desajeitado. Minha mãe está no seu estilo chique sem fazer esforço, com leggings, botas de cano alto, um suéter comprido de caxemira e um cachecol infinito com padronagem sutil. As duas não podiam ser mais diferentes, e a Sra. Macauley puxa a borda puída do cardigã como se soubesse disso.

— Bem, o que me disseram — fala ela — é que o colégio recebeu um telefonema informando que Nate tinha drogas no armário...

— Telefonema de quem? — pergunta Eli, anotando num bloco amarelo.

— Eles não disseram. Acho que foi anônimo. Mas eles foram em frente e retiraram o cadeado na sexta-feira, depois do horário das aulas, para verificar. Não encontraram droga alguma, mas acharam uma bolsa com a garrafa d'água e a caneta de adrenalina de Simon. E todas as canetas de adrenalina que sumiram da sala da enfermeira no dia que ele morreu.

Passo os dedos pelo tecido grosso do tapete e penso em todas as vezes que Addy foi interrogada sobre aquelas canetas. Cooper também. Elas pairam sobre nossas cabeças há semanas. Mesmo que Nate fosse realmente culpado por alguma coisa, não há como ele ter sido tão burro a ponto de deixar as canetas dentro do armário.

— Ah. — A voz de Eli sai como um suspiro, mas a cabeça permanece curvada sobre o bloco de notas.

— Então, a polícia se mobilizou e arrumou um mandado para vasculhar a casa no sábado de manhã — continua a Sra. Macauley. — E eles encontraram um computador no armário de Nate com um... diário, acho que é assim que estão chamando. Todas aquelas postagens que vêm surgindo no Tumblr desde que Simon morreu.

Eu ergo o olhar e vejo minha mãe me encarando, com uma espécie de pena e ansiedade passando pelo rosto. Sustento seu olhar e balanço a cabeça. Não acredito em nada daquilo.

— Ah — repete Eli, que desta vez ergue o olhar, mas o rosto permanece calmo e neutro. — Alguma impressão digital?

— Não — responde a Sra. Macauley, e eu exalo baixinho.

— O que Nate diz sobre tudo isso? — pergunta Eli.

— Que não faz ideia de como essas coisas foram parar no armário ou na casa — responde a mãe de Nate.

— Ok. E o armário dele não foi vasculhado antes disso?

— Eu não sei — admite a Sra. Macauley, e Eli olha para mim.

— Foi — lembro. — Nate diz que foi vasculhado no primeiro dia em que nos interrogaram. O armário e a casa. A polícia foi com cachorros e tudo mais, à procura de drogas. Eles não encontraram nada — acrescento rapidamente, com uma olhadela de lado para minha mãe antes de me voltar novamente para Eli. — Mas ninguém encontrou as coisas de Simon ou um computador na ocasião.

— Sua casa fica sempre trancada? — pergunta Eli para a Sra. Macauley.

— Nunca fica trancada — responde ela. — Não acho que a porta sequer *tenha* mais uma tranca.

— Hum — murmura Eli, que volta a anotar no bloco.

— Tem mais uma coisa — diz ela, com a voz trêmula. — O promotor público quer que Nate seja transferido para uma prisão

normal. Dizem que ele é perigoso demais para ficar num centro de detenção juvenil.

Um abismo se abre no meu peito quando Eli se endireita na cadeira de supetão. É a primeira vez que ele deixa cair a máscara de advogado imparcial e demonstra alguma emoção. O horror no rosto de Eli me aterroriza.

— Ah, não. Não, não, não. Isso seria um desastre, caralho. Desculpem o linguajar. O que o advogado dele está fazendo para impedir isso?

— Nós ainda não o conhecemos. — A Sra. Macauley parece que está prestes a chorar. — Recomendaram uma pessoa, mas não entraram em contato.

Eli solta a caneta e dá um resmungo de frustração.

— Estar de posse dos pertences de Simon não é bom. Não é bom mesmo. Pessoas foram condenadas com menos do que isso. Mas a forma como conseguiram essas provas... Eu não gosto. Denúncias anônimas, coisas que não estavam lá antes surgindo agora, de maneira conveniente. Em lugares que não são de difícil acesso. Cadeados com combinação são fáceis de arrombar. E, se o promotor público está falando sobre mandar Nate para uma prisão federal com 17 anos... qualquer advogado digno da profissão que exerce deveria bloquear essa medida imediatamente. — Ele esfrega o rosto com a mão e faz cara feia para mim. — Droga, Bronwyn. A culpa é sua.

Tudo que Eli vem dizendo tem me feito passar mal, a não ser isso. Agora estou apenas confusa.

— O que *eu* fiz? — reclamo.

— Você chamou minha atenção para este caso e agora eu tenho que assumi-lo. E *não* tenho tempo. Mas dane-se. Isto presumindo que a senhora está aberta a mudar de advogado, Sra. Macauley?

Ai, graças a Deus. O alívio que passa por mim me deixa mole e quase tonta. A Sra. Macauley concorda vigorosamente com a cabeça, e Eli suspira.

— Eu posso ajudar — digo, ansiosa. — A gente andou investigando...

Estou prestes a contar para Eli sobre o Camaro vermelho, mas ele ergue a mão com uma expressão de proibição.

— Pare imediatamente, Bronwyn. Se eu for representar Nate, não posso falar com outras pessoas representadas por advogados neste caso. Eu posso perder minha licença e colocar você sob risco de envolvimento. Na verdade, preciso que você e sua mãe saiam para que eu possa acertar alguns detalhes com a Sra. Macauley.

— Mas... — Olho impotente para minha mãe, que está concordando com a cabeça enquanto se levanta e pendura a bolsa no ombro com um ar decidido.

— Ele está certo, Bronwyn. Você precisa deixar a situação com o Sr. Kleinfelter e a Sra. Macauley agora. — Ela abrandando a expressão quando encara a mãe de Nate. — Eu lhe desejo a melhor sorte do mundo com tudo isso.

— Obrigada — agradece a Sra. Macauley. — E obrigada a você, Bronwyn.

Eu deveria me sentir bem. Missão cumprida. Mas não me sinto. Eli não sabe da metade do que sabemos, e agora como vou conseguir contar a ele?

Addy

Segunda-feira, 29 de outubro, 18h30

Na segunda-feira, a situação se tornou estranhamente normal. Bem, o novo normal. Novormal? De qualquer forma, a questão é, quando me sento para jantar com minha mãe e Ashton, não há vans de noticiário na entrada da garagem e meu advogado não liga uma única vez.

Minha mãe coloca dois jantares congelados e comprados na mercearia na nossa frente, depois se senta entre nós com um copo turvo com uma bebida marrom-amarelada.

— Não vou comer — anuncia ela, embora a gente não tenha perguntado. — Estou me desintoxicando.

Ashton torce o nariz.

— Eca, mãe. Isso não é limonada com xarope de bordo e pimenta caiena, é? É nojento.

— Não dá para discutir com os resultados — argumenta minha mãe ao tomar um longo gole.

Ela passa o guardanapo nos lábios exageradamente carnudos, e observo minha mãe com o cabelo loiro armado, unhas com esmalte vermelho e o vestido justo que ela veste para passar uma segunda-feira normal. Essa sou eu daqui a 25 anos? A ideia me deixa com menos fome ainda do que eu estava há um minuto.

Ashton liga a TV, e nós assistimos à cobertura da prisão de Nate, incluindo uma entrevista com Eli Kleinfelter.

— Que garoto bonito — comenta a mamãe, quando a foto da ficha policial de Nate aparece na tela. — Pena que se revelou um assassino.

Afasto de mim a bandeja comida pela metade. Não faz sentido levantar a hipótese de que a polícia possa estar errada. A mamãe está simplesmente feliz que as contas do advogado estejam quase acabando.

A campainha toca, e Ashton dobra o guardanapo ao lado do prato.

— Eu vejo quem é.

Ela chama meu nome alguns segundos depois, e minha mãe me

lança um olhar surpresa. Ninguém veio à minha porta há semanas, a não ser que quisesse me entrevistar, e minha irmã sempre espantava essas pessoas. A mamãe me acompanha até a sala de estar no momento que Ashton abre a porta para deixar TJ entrar.

— Ei. — Eu o encaro com surpresa. — O que você está fazendo aqui?

— Seu livro de História acabou indo parar na minha mochila depois da aula de Geociência. Isto é seu, não é?

TJ me passa um livro escolar grosso e cinza. Nós somos colegas de laboratório desde a primeira classificação de rochas, e geralmente é o ponto alto do meu dia.

— Ah. Sim, obrigada. Mas você podia ter devolvido amanhã.

— Mas temos aquele teste.

— Certo. — Não faz sentido contar que eu basicamente desisti dos estudos neste semestre.

Minha mãe está encarando TJ como se ele fosse a sobremesa, e TJ a encara com um sorriso educado.

— Oi, sou TJ Forrester. Eu estudo com Addy.

Ela sorri de maneira afetada e aperta a mão dele, enquanto observa as covinhas e o casaco de futebol. TJ é quase uma versão de pele escura e nariz quebrado de Jake. O nome não traz lembranças para minha mãe, mas Ashton suspira de leve atrás de mim.

Eu tenho que tirar TJ daqui antes que a mamãe some dois mais dois.

— Bem, obrigada novamente. É melhor eu ir estudar. Vejo você amanhã.

— Você quer estudar junto um pouco? — oferece TJ.

Eu hesito. Gosto de TJ, gosto mesmo. Mas me encontrar com ele fora do colégio é um passo que não estou pronta para tomar.

— Eu não posso, por causa de... outro lance.

Praticamente empurro TJ porta afora, e, quando me volto para dentro, o rosto da minha mãe é uma mistura de pena e irritação.

— Qual é o seu problema? — reclama ela. — Ser tão rude com um menino bonito como aquele! Não é como se eles estivessem mais batendo à sua porta. — Os olhos passam pelo meu cabelo com listras púrpuras. — Do jeito que você se descuidou, deveria se considerar com sorte que ele queira passar tempo com você.

— Cruze, mãe... — diz Ashton, mas eu a interrompo.

— Não estou procurando outro namorado, mãe.

Ela me encara como se eu tivesse ganhado asas e começado a falar chinês.

— E por que não? Faz séculos que você e Jake terminaram.

— Eu passei mais de três anos com Jake. Uma folga cairia bem.

Digo isso em grande parte para discutir, mas, assim que as palavras

saem da minha boca, eu sei que são verdadeiras. Minha mãe começou a namorar aos 14 anos, como eu, e não parou desde então. Mesmo quando isso significa sair com um garotão imaturo que é covarde demais para apresentá-la aos pais.

Não quero ter tanto medo assim de ficar sozinha.

— Não seja ridícula. Esta é a última coisa que você quer. Saia algumas vezes com um garoto como TJ, mesmo que não esteja interessada, e os outros rapazes do colégio talvez passem a te desejar novamente. É melhor do que acabar encalhada, Adelaide. Uma solteira patética que passa o tempo todo com aquele grupo esquisito de amigos que você tem agora. Se você tirasse essa porcaria de tinta do cabelo, deixasse crescer um pouco e voltasse a usar maquiagem, poderia se sair *muito* melhor do que isso.

— Eu não preciso de um homem para ser feliz, mãe.

— Claro que precisa — dispara ela. — Você está infeliz há um mês.

— Porque eu estava sendo investigada por assassinato — digo para minha mãe se lembrar. — Não porque eu estava *solteira*.

Isso não é cem por cento verdade, uma vez que a principal fonte da minha tristeza era Jake. Mas era com ele que eu queria estar. Não com qualquer outro.

Minha mãe balança a cabeça.

— Continue dizendo isso para si mesma, Adelaide, mas você está longe de conseguir entrar numa faculdade. Agora é o momento de encontrar um rapaz decente com um bom futuro que esteja disposto a tomar conta de vo...

— Mãe, ela só tem 17 anos — interrompe Ashton. — A senhora pode adiar esse roteiro por pelo menos dez anos. Ou para sempre. Não é como se todo esse lance de relacionamento tivesse funcionado bem para alguma de nós.

— Fale por você, Ashton — diz a mamãe, com arrogância. — Justin e eu somos loucamente felizes.

Ashton abre a boca para dizer mais, porém o telefone toca e eu ergo o dedo quando o nome de Bronwyn aparece.

— Ei, qual é? — atendo.

— Oi. — A voz soa grossa, como se ela estivesse chorando. — Então, eu estava pensando sobre o caso de Nate e queria sua ajuda com uma coisa. Você pode passar aqui rapidinho hoje à noite? Vou chamar Cooper também.

Isso é melhor do que ser insultada pela minha mãe.

— Claro. Mande seu endereço por mensagem.

Jogo fora o jantar comido pela metade, pego o capacete e grito tchau para Ashton ao sair pela porta. Está uma noite perfeita de fim de primavera, e as árvores da rua balançam na brisa leve conforme eu passo pedalando. A casa de Bronwyn fica a menos de 2 quilômetros da

minha, mas é uma vizinhança completamente diferente: não há nenhuma falta de originalidade em relação àquelas casas. Subo na garagem da enorme construção vitoriana cinza e vejo as flores de cores vibrantes e a varanda que circunda a casa com uma pontada de inveja. Ela é linda, mas não é apenas isso. A casa se parece com um lar.

Quando toco a campainha, Bronwyn responde com um “ei” abafado. Seus olhos estão caídos de exaustão, e metade do seu cabelo está fugindo do rabo de cavalo. Noto que todos nós tivemos nossa vez de sermos esmagados por esta experiência: eu, quando Jake me deu um pé na bunda e todos os meus amigos se voltaram contra mim; Cooper quando sua homossexualidade foi revelada, quando foi ridicularizado e perseguido pela polícia; e agora Bronwyn, quando o cara que ela ama está na cadeia por assassinato.

Não que Bronwyn tenha dito algum dia que ama Nate, mas é bem óbvio.

— Entre — convida ela ao abrir a porta. — Cooper está aqui. Estamos lá embaixo.

Bronwyn me conduz a uma sala espaçosa com sofás estofados e uma televisão enorme de tela plana montada na parede. Cooper já está esparramado numa poltrona, e Maeve está sentada de pernas cruzadas em outra, com o laptop apoiado no braço entre as duas. Bronwyn e eu afundamos no sofá.

— Como vai Nate? Você esteve com ele? — pergunto.

Pergunta errada, aparentemente. Bronwyn engole em seco uma vez, depois outra, tentando se controlar.

— Ele não quer que eu o veja. A mãe diz que Nate está... bem, considerando tudo isso. O centro de detenção juvenil é horrível, mas pelo menos não é a prisão.

Ainda. Todos sabemos que Eli está batalhando para manter Nate onde ele está.

— De qualquer forma — continua ela. — Obrigada por virem. Acho que apenas... — Os olhos de Bronwyn se enchem de lágrimas, e Cooper e eu trocamos um olhar preocupado antes que ela as contenha, piscando. — Sabem, eu fiquei tão contente quando nós todos nos reunimos e começamos a falar sobre essa situação. Eu me senti muito menos sozinha. E agora acho que estou pedindo a ajuda de vocês. Quero terminar o que começamos. Continuar juntando nossas ideias para entender este caso.

— Luis não me contou nada sobre o carro — diz Cooper.

— Na verdade, eu não estava pensando sobre isso neste exato momento, mas, por favor, vamos em cima disso, ok? Eu tinha mais esperança de que a gente pudesse olhar de novo aquelas postagens do Tumblr. Tenho que admitir, comecei a ignorá-las porque elas estavam

me deixando doida. Mas agora que a polícia diz que Nate escreveu aquilo tudo, pensei que a gente deveria examiná-las e notar qualquer coisa que seja surpreendente, ou que não se encaixe nas nossas memórias dos fatos, ou que simplesmente nos pareça estranha. — Ela puxa o rabo de cavalo sobre o ombro ao abrir o laptop. — Vocês se incomodam?

— Agora? — pergunta Cooper.

Maeve vira a tela de maneira que Cooper consiga vê-la.

— Não há momento melhor do que o presente.

Bronwyn está ao meu lado, e nós começamos pelas primeiras postagens no Tumblr. *Eu tive a ideia de matar Simon enquanto assistia ao Dateline.* Nate nunca me pareceu ser um fã de programa de variedades, mas duvido de que este seja o tipo de sacação que Bronwyn esteja procurando. Ficamos em silêncio por um tempo, lendo. O tédio toma conta de mim, e me dou conta de que estava passando os olhos, então, volto e tento ler com mais atenção. *Blá-blá-blá, sou tão inteligente, ninguém sabe que fui eu, a polícia não tem pista.* E por aí vai.

— Espere aí. Isto não aconteceu. — Cooper está lendo com mais atenção do que eu. — Vocês já chegaram aqui? A postagem do dia 12 de outubro, sobre a detetive Wheeler e as rosquinhas?

Eu ergo a cabeça, como um gato que levanta as orelhas ao ouvir um som distante.

— Humm — diz Bronwyn, enquanto vasculha a tela com os olhos. — Ah, sim. Este é um comentário esquisito, né? Nós nunca estivemos todos juntos na delegacia ao mesmo tempo. Bem, talvez logo após o funeral, mas não nos vimos ou falamos uns com os outros. Geralmente, quando a pessoa que está escrevendo essas postagens dá algum detalhe específico, ele é bem preciso.

— O que vocês estão olhando? — pergunto.

Bronwyn aumenta o tamanho da página e aponta.

— Ali. Na penúltima linha.

A investigação está virando um clichê tão grande que nós quatro até flagramos a detetive Wheeler comendo uma pilha de rosquinhas na sala de interrogatório.

Uma onda gelada passa por mim quando as palavras entram no meu cérebro, se aninham ali e empurram para fora todo o resto. Cooper e Bronwyn estão certos: aquilo não aconteceu.

Mas foi o que eu contei para Jake.

CAPÍTULO 27

Bronwyn

Terça-feira, 30 de outubro, 19h30

Eu não devo falar com Eli. Então, na noite de ontem, mandei uma mensagem para a Sra. Macauley com um link para a postagem do Tumblr que Addy, Cooper e eu lemos juntos, e expliquei o que havia de estranho ali. Depois eu esperei. Um tempão muito frustrante até receber uma mensagem dela após as aulas.

Obrigada. Eu informei a Eli, mas ele pede que você não se envolva mais.

Só isso. Deu vontade de atirar o telefone do outro lado do quarto. Admito: passei a maior parte da noite fantasiando que a bomba de Addy tiraria Nate da prisão imediatamente. Embora eu tenha noção de que aquilo foi ridiculamente ingênuo, ainda acho que a informação merece mais do que uma rejeição.

Mesmo que eu não consiga conceber o significado. Porque... *Jake Riordan?* Se eu tivesse que escolher a pessoa mais aleatória para estar envolvida neste caso, ainda assim não teria sido ele. E envolvido como, exatamente? Será que ele escreveu o Tumblr inteiro ou apenas aquela postagem? Será que ele incriminou Nate? Será que matou Simon?

Cooper derrubou essa hipótese quase que imediatamente.

— Ele não poderia ter matado — disse Cooper na noite de segunda-feira. — Jake estava no treino de futebol quando Addy ligou para ele.

— Ele pode ter saído — insisti.

Então, Cooper ligou para Luis e confirmou.

— Luis diz que não — informou Cooper. — Jake estava dando o treino de passes o tempo todo.

Não sei se podemos apoiar uma investigação inteira na memória de Luis. Aquele garoto matou um monte de células cerebrais ao longo dos anos. Ele nem sequer questionou por que Cooper estava perguntando.

Agora estou no meu quarto com Maeve e Addy, colando na parede dezenas de Post-its coloridos que resumem tudo que sabemos. É muito *Lei & Ordem*, só que nada disso faz sentido.

*Alguém colocou celulares nas nossas mochilas
Simon foi envenenado durante a detenção
Bronwyn, Nate, Cooper, Addy e o Sr. Avery estavam na sala
O acidente de carro nos distraiu
Jake escreveu pelo menos uma postagem no Tumblr
Jake e Simon eram amigos antigamente
Leah odeia Simon
Aiden Wu odeia Simon
Simon era a fim de Keely
Simon tinha um alter ego na internet que adorava violência
Simon estava deprimido
Janae parece deprimida
Janae & Simon deixaram de ser amigos?*

A voz da minha mãe sobe pela escada.

— Bronwyn, Cooper está aqui.

A mamãe já ama Cooper. Ama tanto a ponto de não reclamar que todos nós nos reunamos novamente, mesmo quando o conselho de Robin como advogada seja para ainda mantermos distância uns dos outros.

— Ei — diz Cooper, longe de estar sem fôlego por subir rápido pela escada. — Não posso ficar muito tempo, mas trago boas notícias. Luis acha que talvez tenha encontrado aquele carro. O irmão ligou para um amigo de uma oficina em Eastland, e eles receberam um Camaro vermelho com o para-lama batido alguns dias depois da morte de Simon. Eu peguei a placa e um telefone para você.

Cooper vasculha dentro da mochila e me entrega um envelope rasgado com números rabiscados atrás.

— Acho que você pode passar isso para Eli, né? Talvez haja algo aí.

— Obrigada — agradeço de verdade.

Cooper passa os olhos pela parede.

— Isto está ajudando?

Addy se senta apoiada nas coxas e solta um barulho de frustração.

— Na verdade, não. É apenas uma coleção de fatos aleatórios. Simon isso, Janae aquilo, Leah isso, Jake aquilo...

Cooper franze a testa e cruza os braços enquanto se inclina à frente para examinar melhor a parede.

— Não entendo a parte de Jake, não mesmo. Não consigo acreditar que ele realmente se sentou para escrever aquela porra de postagem no Tumblr. Acho que Jake simplesmente... contou sem querer para a pessoa errada ou algo assim. — Ele bate com o dedo no Post-it com todos os nossos nomes escritos. — E eu não paro de me perguntar: por que nós? Por que fomos arrastados para essa situação? Será que somos apenas danos colaterais, como Nate disse? Ou existe alguma razão

específica para a gente ser parte disso?

Eu inclino a cabeça para ele, curiosa.

— Tipo qual?

Cooper dá de ombros.

— Não sei. Por exemplo, você e Leah. É uma coisa pequena, mas e se algo assim deu início a um efeito dominó? Ou eu e... — Ele vasculha a parede com o olhar e para em um Post-it. — Aiden Wu, talvez. Revelaram que ele se vestia de mulher, e eu estava escondendo que sou gay.

— Mas essa notícia foi alterada — lembro a Cooper.

— Eu sei. E isso é estranho também, né? Por que se livrar de uma ótima fofoca que é verdadeira e substituir por uma que não é? Não consigo me livrar da sensação de que o lance é *pessoal*, saca? A forma como o Tumblr manteve a situação andando, incitando as pessoas contra nós. Eu queria entender o motivo.

Addy mexe num dos brincos. Sua mão treme, e, quando ela fala, a voz também.

— A situação foi bem pessoal entre mim e Jake, eu acho. E talvez ele tivesse ciúmes de você, Cooper. Mas Bronwyn e Nate... por que ele envolveria os dois?

Danos colaterais. Todos nós fomos afetados, mas Nate foi de longe o mais prejudicado. Não faz sentido que Jake seja o culpado. Por outro lado, nada disso faz.

— Eu tenho que ir — avisa Cooper. — Vou encontrar com Luis.

Consigo dar um sorriso.

— E não Kris?

O sorriso que Cooper devolve é um pouco tenso.

— Ainda estamos vendo como vão ficar as coisas. De qualquer forma, me avise se o lance do carro for útil.

Ele sai e Maeve se levanta para ir ao ponto perto da minha cama que Cooper acabou de vagar. Ela mexe nos Post-its na parede e coloca quatro deles formando um quadrado:

Jake escreveu pelo menos uma postagem no Tumblr

Leah odeia Simon

Aiden Wu odeia Simon

Janae parece deprimida

— Essas são as pessoas mais conectadas. Ou que têm motivo para odiar Simon, ou que já sabemos que estão envolvidas de alguma forma. Algumas são bem improváveis — ela bate com o dedo no nome de Aiden — e algumas têm grandes indícios contra elas. — Maeve aponta para Jake e Janae. — Mas nada está muito claro. O que estamos deixando passar?

Dá para saber muita coisa sobre uma pessoa quando se tem sua placa de carro e telefone. O endereço, por exemplo. E o nome, onde a pessoa estuda. Então, se quiser, é possível ficar no estacionamento do colégio da pessoa antes de as aulas começarem e esperar pelo seu Camaro vermelho aparecer. Teoricamente.

Ou na prática.

Eu tive a intenção de entregar os números que Cooper me deu para a Sra. Macauley, para que ela pudesse passá-los a Eli. Mas não parei de pensar na mensagem sucinta da mãe de Nate: *Eu informei a Eli, mas ele pede que você não se envolva mais*. Será que Eli sequer me levaria a sério? Foi ele que primeiro mencionou o acidente de carro como suspeito, mas está gastando todo o tempo tentando manter Nate no centro de detenção juvenil. Eli pode considerar a questão do Camaro vermelho como nada além de uma distração irritante.

Seja como for, estou apenas fazendo uma investigação preliminar. É disso que me convenço quando entro no estacionamento do Colégio Eastland. Como as aulas aqui começam quarenta minutos antes das nossas, vou conseguir voltar ao Bayview com tempo de sobra para o primeiro sinal. Está abafado no carro, e eu baixo as duas janelas da frente ao entrar numa vaga e desligar o motor.

O problema é que preciso estar fazendo alguma coisa. Se não fizer, eu penso demais em Nate. Penso onde ele está, no que está passando, e no fato de que ele não fala comigo. Quero dizer, entendo que ele tem opções limitadas de comunicação. Obviamente. Mas elas não são nulas. Eu perguntei à Sra. Macauley se poderia visitá-lo, e ela me disse que Nate não me quer ali.

E isso me magoa. A Sra. Macauley acha que ele quer me proteger, mas não tenho certeza. Nate está muito acostumado às pessoas desistirem dele, e talvez tenha decidido fazer isso primeiro comigo.

Um lampejo vermelho me chama a atenção, e um Camaro velho com um para-lama reluzente estaciona a poucas vagas da minha. De dentro dele sai um garoto baixo, de cabelo escuro, que retira uma mochila do banco do carona e a pendura num ombro só.

Eu não tenho a intenção de dizer nada, mas ele olha para mim ao passar pela minha janela, e, antes que eu consiga me deter, saio dizendo:

— Ei.

Ele para, e olhos castanhos curiosos encontram os meus.

— Ei. Eu te conheço. Você é a garota da investigação no Colégio Bayview. Bronte, certo?

— Bronwyn. — Uma vez que já estraguei meu disfarce, é melhor entrar de sola.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ele, vestido como se estivesse esperando pela volta do grunge dos anos 1990, com uma blusa de flanela sobre uma camiseta do Pearl Jam.

— Hã...

Meus olhos se voltam para o carro. Eu deveria perguntar, certo? Foi para isso que vim. Mas, agora que estou de fato falando com este garoto, a coisa toda parece ridícula. O que devo dizer? *Ei, qual é o lance com aquele acidente de carro estranhamente oportuno num colégio que você não frequenta?*

— Estou esperando por alguém — respondo.

Ele franze a testa para mim.

— Você conhece gente daqui?

— Sim.

Mais ou menos. Eu sei do conserto recente que você fez no seu carro, de qualquer forma.

— Todo mundo anda falando de vocês. Caso estranho, hein? O moleque que morreu... ele era meio esquisito, né? Tipo, quem sequer faz um aplicativo daqueles? E todo aquele lance que falaram no *Mikhail Powers*. Doideira.

Ele parece... nervoso. Meu cérebro canta *pergunte pergunte pergunte*, mas a boca não obedece.

— Bem, até mais.

O garoto começa a passar pelo meu carro e ir embora.

— Espere! — Minha voz se solta, e ele para. — Posso conversar com você por um instante?

— A gente *estava* conversando agora mesmo.

— Certo, mas eu... tenho uma pergunta de verdade para você. A questão é, quando falei que estava esperando por alguém, eu quis dizer você.

Ele está definitivamente nervoso.

— Por que você estaria esperando por mim? Você nem me conhece.

— Por causa do seu carro — explico. — Eu te vi se envolvendo num acidente no nosso estacionamento naquele dia. No dia que Simon morreu.

O garoto fica pálido e olha espantando para mim.

— Como você... por que você acha que fui eu?

— Vi sua placa — minto, pois não há necessidade de entregar o irmão de Luis. — A questão é... a coincidência foi esquisita, sabe? E agora que alguém foi preso por algo que tenho certeza de que não cometeu, eu fiquei curiosa... Você por acaso viu alguma coisa ou alguém estranho naquele dia? Isso ajudaria... — A voz falha, e os olhos ardem com lágrimas, e pisco para contê-las. — Qualquer coisa que você puder me dizer vai ajudar.

O garoto hesita, dá um passo para trás e olha para o fluxo de alunos

entrando no colégio. Eu espero que ele recue e se junte aos demais, mas, em vez disso, o garoto dá a volta no meu carro, abre a porta do carona e entra. Aperto um botão para subir o vidro das janelas e me volto para encará-lo.

— Então. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Isto é esquisito. Eu sou Sam, falando nisso. Sam Barron.

— Bronwyn Rojas, mas acho que você já sabe disso.

— É. Eu andei vendo os noticiários e fiquei pensando se deveria dizer alguma coisa, mas não sabia se tinha algum significado. — Ele dá uma olhadela de lado para mim, como se verificasse por indícios de preocupação. — Nós não fizemos nada de errado. Tipo, ilegal. Até onde eu sei.

Sinto um arrepio na espinha ao me endireitar no banco.

— Quem é “nós”?

— Eu e meu amigo. Nós causamos o acidente de propósito. Um cara nos pagou mil pratas para fazer aquilo. Disse que era uma pegadinha. Tipo, você não faria? O para-lama mal custou quinhentos para consertar. O resto foi puro lucro.

— Alguém...

Está quente no carro com os vidros fechados, e minhas mãos estão escorregando de suor ao agarrar o volante. Eu deveria ligar o ar-condicionado, mas não consigo me mexer.

— Quem? — pergunto. — Você sabe o nome dele?

— Eu não sabia, mas...

— Ele tem cabelo castanho e olhos azuis? — disparo.

— Sim.

Jake. Ele deve ter fugido de Luis em algum momento, afinal de contas.

— Ele era... espere, tenho uma foto aqui em algum lugar — digo.

Eu procuro atabalhoadamente pelo telefone dentro da mochila. Tenho certeza de que tirei uma foto do conselho do baile em setembro.

— Eu não preciso de uma foto — fala Sam. — Sei quem ele é.

— Sério? Tipo, você sabe o nome dele? — Meu coração está tão disparado que consigo ver o peito se mexendo. — Tem certeza de que ele te deu um nome de verdade?

— Ele não me deu nome algum. Eu saquei depois quando vi o noticiário.

Eu me lembro daquelas primeiras reportagens, com a foto de turma de Jake ao lado da foto de Addy. Um monte de gente achou que não era justo mostrá-la, mas estou contente que tenham feito aquilo. Eu consegui achar a foto do baile agora e mostro para Sam.

— É ele, certo? Jake Riordan.

Ele olha surpreso para o celular, balança a cabeça e devolve.

— Não. Não é ele. Foi alguém muito mais... intimamente envolvido com o lance todo.

Meu coração está prestes a explodir. Se não foi Jake, só há outro garoto com cabelo escuro e olhos azuis envolvido na investigação. Envolvido *intimamente*, ainda por cima. E é Nate.

Não. Não. Por favor, Deus, não.

— Quem? — Minha voz nem sequer é um sussurro.

Sam solta um suspiro e se reclina no apoio de cabeça. Ele fica calado pelos segundos mais longos da minha vida até que diz:

— Foi Simon Kelleher.

CAPÍTULO 28

Cooper

Quarta-feira, 31 de outubro, 19h40

Esses encontros do clube dos assassinos estão se tornando um lance regular. Só que a gente precisa de um novo nome.

Desta vez, estamos numa cafeteria no centro de San Diego, enfiados em uma mesa dos fundos, porque nossos integrantes continuam crescendo. Kris veio comigo, e Ashton veio acompanhando Addy. Bronwyn trouxe todos os Post-its em um bando de pastas de cartolina, incluindo o mais recente: *Simon pagou a dois caras para que encenassem um acidente de carro*. Ela diz que Sam Barron prometeu ligar para Eli e avisá-lo. Como isso vai ajudar Nate, eu não faço ideia.

— Por que você escolheu este lugar, Bronwyn? — pergunta Addy.
— Meio fora do caminho.

Bronwyn pigarreia e rearruma as anotações nos Post-its de maneira espalhafatosa.

— Não há motivo. Então, enfim. — Ela dispara um olhar sério para a mesa inteira. — Obrigada por virem. Maeve e eu não paramos de examinar tudo isso, mas nada nunca faz sentido. Achamos que uma reunião coletiva poderia ajudar.

Maeve e Ashton voltam do balcão equilibrando os pedidos em um par de bandejas recicláveis. Elas distribuem as bebidas, e eu vejo Kris abrir metodicamente cinco sachês de açúcar e jogar dentro do café com leite.

— O que foi? — pergunta ele ao ver minha expressão.

Kris está vestido com uma camisa polo verde que realça seus olhos, e ele está muito, muito bonito. Isso ainda parece o tipo de coisa que eu não deveria notar.

— Você gosta de açúcar, hein?

Que besteira eu fui falar. O que quero dizer é *não faço ideia de como você gosta de tomar seu café porque esta é a primeira vez que estamos juntos, em público*. Kris junta os lábios, o que não deveria ser atraente, mas é. Eu me sinto incomodado e nervoso e acidentalmente bato no joelho dele embaixo da mesa.

— Não há nada de errado nisso — comenta Addy.

Ela brinda batendo sua bebida na de Kris. O líquido dentro da xícara de Addy é tão branco que mal se parece com café.

Kris e eu estamos passando mais tempo juntos, mas ainda não parece uma coisa natural. Talvez eu tenha me acostumado a encontrá-lo escondido ou ainda não tenha caído a ficha de que estou namorando um cara. Eu me vi mantendo distância de Kris quando nós saímos do meu carro para a cafeteria, porque não quis que as pessoas adivinhassem o que éramos um para o outro.

Odeio esta parte de mim, mas ela existe.

Bronwyn está tomando uma espécie de chá fumegante que parece quente demais para beber. Ela empurra a bebida para o lado e apoia uma das pastas de cartolina na parede.

— Isto é tudo que sabemos sobre Simon: ele ia postar rumores sobre nós. Pagou a dois caras para encenar um acidente de carro. Estava deprimido. Tinha uma personalidade virtual repugnante. Ele e a Janae pareciam estar de mal. Era a fim de Keely. Antigamente era amigo de Jake. Estou deixando passar alguma coisa?

— Ele apagou a menção original sobre mim no Falando Nisso — lembro.

— Não necessariamente — corrige Bronwyn. — Sua menção foi apagada, mas não sabemos por quem.

Justo, acho.

— E eis o que a gente sabe sobre Jake — continua Bronwyn. — Ele escreveu pelo menos uma das postagens do Tumblr ou ajudou alguém a escrever. Não estava no prédio do colégio quando Simon morreu, de acordo com Luis. Ele é...

— Um completo louco por controle — corta Ashton.

Addy abre a boca para reclamar, mas a irmã a interrompe.

— É *sim*, Addy. Ele controlou todos os aspectos da sua vida por três anos. Aí, assim que você fez algo que Jake não gostou, ele explodiu.

Bronwyn escreve *Jake é um louco por controle* num Post-it com um olhar de desculpas para Addy.

— É uma informação — diz Bronwyn. — Agora, e se...

A porta da frente abre, e ela fica muito vermelha.

— Que coincidência.

Eu acompanho o olhar de Bronwyn e vejo um rapaz com cabelo desgrenhado e uma barba rala entrando na cafeteria. Ele parece conhecido, mas não consigo identificá-lo. O rapaz nota Bronwyn com uma expressão exasperada que se torna assustada quando ele percebe Addy e eu.

O rapaz coloca a mão na frente do rosto.

— Eu não vejo você. Nenhum de vocês. — Aí ele nota Ashton, dá uma clássica segunda olhada e quase tropeça por causa disso. — Ah,

oi. Você deve ser a irmã de Addy.

Ashton pestaneja, confusa, e olha para ele e para Bronwyn.

— Eu te conheço?

— Este é Eli Kleinfelter — explica Bronwyn. — Ele trabalha na Até que Provem. O escritório fica no andar de cima. Eli é, hã, o advogado de Nate.

— *Que não pode falar com você* — avisa Eli, como se tivesse acabado de se lembrar.

Ele dá mais um olhar comprido para Ashton, mas vira o rosto e rumo para o balcão. Ashton dá de ombros e assopra o café. Tenho certeza de que ela está acostumada ao efeito que causa nos homens.

Addy está com os olhos arregalados ao ver Eli recuando.

— Cruzes, Bronwyn. Não acredito que você foi atrás do advogado de Nate.

Bronwyn parece quase tão envergonhada quanto deveria estar, e retira do mochila o envelope que dei para ela.

— Eu só queria saber se Sam Barron chegou a entrar em contato e passar aquela informação se ele não tivesse feito isso. Achei que se esbarrasse com o Eli naturalmente, ele pudesse falar comigo. Pelo visto, não. — Ela dispara um olhar esperançoso para Ashton. — Mas aposto que ele falaria com *você*.

Addy coloca as mãos na cintura e joga o queixo para a frente, indignada.

— Você não pode oferecer a minha irmã!

Ashton dá um sorriso irônico e estica a mão para pegar o envelope.

— Desde que seja por uma boa causa. O que eu devo dizer?

— Diga que ele estava certo, que o acidente de carro no Bayview no dia em que Simon morreu foi encenado. O envelope tem o contato do garoto que Simon pagou para fazer aquilo.

Ashton vai ao balcão, e todos nós bebemos em silêncio. Quando ela volta, um minuto depois, o envelope ainda está em sua mão.

— Sam ligou para ele — confirma Ashton. — Ele disse que está investigando, agradece pela informação, e que você deveria cuidar da porra da sua vida. Essa foi uma citação direta.

Bronwyn parece aliviada e em nada insultada.

— Obrigada. Esta notícia é ótima. Então, onde a gente estava?

— Simon e Jake — responde Maeve, que apoia o queixo numa das mãos enquanto olha para as duas pastas de cartolina. — Eles estão conectados, mas como?

— Com licença — diz Kris calmamente.

Todo mundo olha para ele como se tivesse esquecido que Kris estava à mesa, o que provavelmente aconteceu mesmo. Ele estava calado desde que chegamos ali.

Maeve tenta compensar o fato dando um sorriso encorajador para

Kris.

— Sim?

— Estou aqui pensando — começa Kris, com um inglês sem sotaque e quase perfeito, com apenas um toquezinho de formalidade que indica que ele vem de outro lugar. — Sempre foi dado muito destaque a quem estava na sala. Foi por isso que a polícia originalmente mirou em vocês quatro, porque seria praticamente impossível que alguém que não estivesse na sala matasse Simon, certo?

— Certo — digo.

— Então. — Kris retira dois Post-its de uma das pastas. — Se o assassino não é Cooper, Bronwyn, Addy ou Nate, e ninguém acha que o professor que estava ali pudesse ter algo a ver com aquilo, quem sobra?

Ele cola um Post-it em cima do outro na parede ao lado da cabine, depois se reclina no assento e olha para nós com um atenção educada.

Simon foi envenenado durante detenção

Simon estava deprimido

Ficamos todos em silêncio por um longo minuto, até Bronwyn soltar um pequeno suspiro de susto.

— Eu sou o narrador onisciente — diz ela.

— O quê? — pergunta Addy.

— Foi o que Simon disse antes de morrer. Eu disse que isso não existia nos filmes de adolescente, mas ele disse que, na vida real, sim. Depois Simon tomou a água num gole só.

Bronwyn se vira e berra “Eli!”, mas a porta já está se fechando quando o advogado de Nate sai.

— Então, você está dizendo... — Ashton encara a mesa inteira até o olhar parar em Kris. — Você acha que Simon cometeu suicídio?

Kris concorda com a cabeça.

— Mas por quê? Por que desta *forma*?

— Vamos voltar ao que sabemos — diz Bronwyn, com uma voz quase clínica, mas o rosto está vermelho como tomate. — Simon era uma dessas pessoas que achava que deveria estar no centro de tudo, mas não estava. E era obcecado com a ideia de causar alguma espécie de impacto grande e violento no colégio. Ele fantasiava sobre isso o tempo todo naquelas discussões no 4chan. E se essa foi a versão de Simon para um tiroteio no colégio? Tirar a própria vida e levar um bando de alunos com ele, mas de uma forma inesperada, tipo incriminá-los pelo assassinato? — Ela se volta para a irmã. — O que Simon disse no 4chan, Maeve? *Façam algo original. Quero que me surpreendam ao eliminar um bando de babacas. É tudo que peço.*

Maeve concorda com a cabeça.

— Citação perfeita, eu acho.

Penso em como Simon morreu — engasgando, em pânico, tentando recuperar o fôlego. Se ele realmente fez aquilo contra si mesmo, eu desejo mais do que nunca que a gente tivesse encontrado a porra da caneta de adrenalina.

— Acho que Simon se arrependeu no fim — digo, e o coração sente o peso das palavras. — Ele parecia que queria ajuda. Se tivesse conseguido a medicação a tempo, talvez um susto desses tivesse transformado Simon num cara diferente.

A mão de Kris aperta a minha embaixo da mesa. Bronwyn e Addy parecem que estão de volta à sala onde Simon morreu, horrorizadas e atordoadas. Elas sabem que tenho razão. O silêncio cai, e acho que talvez a gente tenha terminado até que Maeve olha para a parede com Post-its e faz uma careta.

— Mas como Jake se encaixa? — pergunta ela.

Kris hesita e pigarreia, como se estivesse esperando permissão para falar. Quando ninguém reclama, ele diz:

— Se Jake não é o assassino de Simon, ele deve ser o cúmplice. Alguém tinha que manter as coisas andando após Simon morrer.

Ele vê o olhar de Bronwyn, e uma espécie de compreensão passa entre os dois. Eles são o cérebro desta operação. O restante está apenas tentando acompanhar. A mão de Kris se afastou da minha enquanto ele estava falando, e eu a pego de volta.

— Simon descobriu sobre Addy e TJ — diz Bronwyn. — Talvez tenha sido assim que ele se aproximou de Jake de início, para conseguir sua ajuda. Jake ia querer vingança, porque ele...

Uma cadeira faz barulho ao ser arrastada ao meu lado quando Addy se afasta da mesa.

— Pare — diz ela em uma voz embargada, com o cabelo com listras púrpuras caindo nos olhos. — Jake não faria... não poderia...

— Acho que já chega por uma noite — comenta Ashton com firmeza ao se levantar. — Vocês podem continuar, mas nós precisamos ir para casa.

— Foi mal, Addy — se desculpa Bronwyn, com uma expressão constrangida. — Eu me empolguei.

Addy gesticula com a mão.

— Tudo bem — releva ela, insegura. — Eu apenas... não consigo neste momento.

Ashton dá o braço à irmã até que cheguem à porta, depois abre e deixa que Addy saia na frente.

Maeve observa as duas com o queixo nas mãos.

— Ela tem razão. Toda essa situação parece impossível, né? E, mesmo se estivermos certos, não podemos provar nada.

Ela olha de maneira esperançosa para Kris, como se quisesse que

ele fizesse mais alguma mágica com os Post-its. Kris dá de ombros e bate com o dedo no quadrado colorido mais próximo a ele.

— Talvez haja uma pessoa sobrando que saiba algo de útil.

Janae parece deprimida

Bronwyn e Maeve vão embora por volta das nove; Kris e eu não ficamos muito mais tempo. Recolhemos o que sobrou da mesa e colocamos na lixeira perto da saída. Ambos estamos em silêncio, saindo de um dos encontros mais estranhos da história.

— Bem — começa Kris ao passar pela porta e parar na calçada para me esperar. — Isto foi interessante.

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, eu agarro Kris e o imprenso contra a parede da cafeteria. Meus dedos se afundam em seu cabelo, e minha língua lhe penetra a boca num beijo profundo e carente. Kris solta um som como um rosnado de surpresa e me puxa com mais força contra o peito. Quando outro casal sai pela porta, e nos separamos, ele parece tonto.

Kris ajeita a camisa e passa a mão pelo cabelo.

— Pensei que você tinha esquecido como fazer isso.

— Desculpe. — Minha voz fica grossa com o desejo de beijá-lo de novo. — Não é como se eu não quisesse, é só que...

— Eu sei. — Kris entrelaça os dedos aos meus e ergue as mãos como uma pergunta. — Sim?

— Sim — respondo, e começamos a andar pela calçada juntos.

Nate

Quarta-feira, 31 de outubro, 23h30

Então, é assim que você lida com a prisão.

Fique de boca calada. Não fale sobre a vida ou o motivo de estar ali. Ninguém se importa, a não ser que queiram usar a informação contra você.

Não aceite provocação de ninguém. Jamais. Detenção juvenil não é a série *Oz*. Os detentos vão foder com você se acharem que é fraco.

Faça amigos. Eu uso o termo de maneira imprecisa. Identifique as pessoas que não são tão ruins e se associe a elas. Andar em bando é útil.

Não desobedeça às regras, mas finja que não viu quando alguém desobedecer.

Malhe e assista à televisão. Muito.

Fuja o máximo possível da atenção dos guardas. Incluindo a mulher exageradamente simpática que vive oferecendo ajuda para você dar

telefonemas do escritório dela.

Não reclame sobre a lerdeza da passagem do tempo. Quando você está preso por um crime capital, mas a apenas quatro meses de completar 18 anos, os dias que se arrastam são seus amigos.

Você cria novas maneiras de responder às perguntas incessantes do advogado. *Sim, deixo meu armário aberto às vezes. Não, Simon nunca esteve na minha casa. Sim, a gente se viu algumas vezes fora do colégio. A última ocasião? Provavelmente quando eu vendi maconha para ele. Foi mal, a gente não deve falar sobre isso, né?*

Não pense sobre o que está do lado de fora. Ou quem. Especialmente se for melhor para ela que se esqueça da sua existência.

CAPÍTULO 29

Addy

Quinta-feira, 1 de novembro, 19h

Não paro de ler aquele Tumblr do Falando Nisso, como se fosse mudar, mas nunca muda. As palavras de Ashton se repetem na minha cabeça: *Jake é um louco por controle*. Ela não está errada, mas isso significa que o restante tem que estar certo? Talvez Jake tenha contado para outra pessoa o que eu disse, e essa pessoa escreveu aquilo. Ou talvez seja tudo apenas uma coincidência.

Só que surge uma memória da manhã da morte de Simon, aparentemente tão insignificante que não tinha passado pela minha cabeça até agora: Jake tirando a mochila dos meus ombros com um sorriso despreocupado enquanto andávamos pelo corredor juntos. *Isto é pesado demais para você, gata. Eu levo*. Ele nunca tinha feito isso antes, mas não questionei o fato. Por que questionaria?

E um telefone que não era meu foi retirado da minha mochila poucas horas depois.

Não sei o que é pior — que Jake possa ter participado de algo tão horrível, que eu o levei a isso, ou que ele andou fingindo por semanas.

— A escolha foi dele, Addy — argumenta Ashton para me lembrar. — Muitas pessoas levam chifre, e não perdem a cabeça. Veja o meu caso, por exemplo. Eu joguei um vaso na cabeça de Charlie e segui com a minha vida. É uma reação normal. Seja lá o que esteja rolando aqui, não é culpa sua.

Isso pode ser verdade, mas não *parece* ser verdade.

Então, eu tenho que conversar com Janae, que não foi ao colégio a semana inteira. Tentei mandar mensagens algumas vezes depois das aulas, e novamente depois do jantar, mas ela nunca respondeu. Por fim decido descobrir o seu endereço no diretório escolar e simplesmente visitá-la. Quando contei a Bronwyn, ela se ofereceu para vir junto, mas pensei que seria melhor ir apenas eu. Janae nunca foi muito com a cara de Bronwyn.

Cooper insiste em me dar carona, mesmo quando digo que ele terá que esperar no carro. Janae nunca vai se abrir sobre qualquer coisa se

ele estiver por perto.

— Beleza — concorda Cooper ao estacionar do outro lado da rua da casa de Janae, uma construção em falso estilo Tudor. — Mande uma mensagem se a situação ficar esquisita.

— Mando sim — digo, e presto continência ao fechar a porta e atravessar a rua.

Não há carros na garagem de Janae, mas há luzes acesas pela casa inteira. Eu toco a campainha quatro vezes sem ser atendida e dou de ombros ao olhar para Cooper na última tentativa. Estou prestes a desistir quando a porta abre uma fresta e um dos olhos com rímel negro de Janae me encara.

— O que você está fazendo aqui?

— Vendo se você está bem. Você não tem aparecido e não está respondendo às mensagens. Tudo bem?

— Ótimo. — Janae tenta fechar a porta, mas meto o pé para impedi-la.

— Posso entrar? — pergunto.

Ela hesita, mas solta a porta e dá um passo para trás, o que me permite empurrar a porta e entrar. Quando dou uma boa olhada em Janae, quase solto um suspiro de susto. Ela está mais magra do que nunca, e tem urticárias vermelhas e inflamadas cobrindo o rosto e o pescoço. Janae coça o problema na pele constrangida.

— O que foi? Não estou me sentindo bem. Obviamente.

Espio o corredor.

— Mais alguém em casa?

— Não. Meus pais saíram para jantar. Olhe, hã, sem querer ofender, mas você tem algum motivo para estar aqui?

Bronwyn treinou comigo o que dizer. Devo começar com questões pequenas e sutis sobre onde Janae esteve a semana inteira e como está se sentindo. Seguir com o assunto da depressão de Simon e encorajá-la a me contar mais. Como último recurso, eu talvez consiga falar a respeito do que espera Nate quando o promotor público tentar mandá-lo para uma prisão de verdade.

Não faço nada disso. Ao contrário, dou um passo à frente e abraço Janae, embalo aquele corpo magricelo, como se ela fosse uma criança que precisasse de apoio. Janae parece mesmo uma criança, cheia de ossos sem peso e braços frágeis. Ela enrijece o corpo, depois cai sobre mim e começa a chorar.

— Ai, meu Deus! — exclama Janae em uma voz grave e rouca. — Está tudo fodido. Tudo está completamente fodido.

— Vamos.

Eu a levo para o sofá da sala de estar, onde ela desaba e chora mais. A cabeça de Janae se enfia sem jeito no meu ombro enquanto faço carinho em seu cabelo, que está duro por causa da tinta. As raízes

de tom castanho-claro opaco se misturam à tintura reluzente de preto azulado.

— Simon fez isso com ele mesmo, não foi? — pergunto com cuidado.

Ela se afasta, enfia a cabeça nas mãos e confirma, balançando para a frente e para trás.

Meu Deus. É verdade. Eu não acreditava completamente até agora.

Eu não deveria contar tudo para Janae. Na verdade, não deveria contar *nada* a ela, mas conto. Não consigo pensar em outra forma de ter essa conversa. Quando termino, ela se levanta e sobe ao segundo andar sem dizer uma palavra. Eu espero alguns minutos, fico contorcendo uma mão no colo e uso a outra para mexer no brinco. Será que Janae está ligando para alguém? Pegando uma arma para dar um tiro na minha cabeça? Cortando os pulsos para se juntar a Simon?

Bem no momento em que penso que deveria ir atrás dela, Janae desce pela escada com passos pesados, segurando uma pilha fina de papéis que ela estende na minha direção.

— O manifesto de Simon — anuncia Janae, com a boca contorcida numa expressão amarga. — Deveria ser enviado para a polícia daqui a um ano, após as vidas de você estarem completamente fodidas. Para que todo mundo soubesse como ele conseguiu fazer tudo isso.

As folhas tremem na minha mão enquanto leio:

Eis a primeira coisa que vocês precisam saber: eu odeio a minha vida e tudo nela.

Então decidi cair fora, mas não discretamente.

Pensei muito em como fazer isso. Podia comprar uma arma, como basicamente qualquer idiota nos Estados Unidos. Barrar as portas numa manhã e matar o maior número de babacas do Colégio Bayview enquanto tivesse balas para atirar, antes de mirar a última em mim mesmo.

E eu teria muitas balas.

Mas já fizeram muito isso. Não teria mais o mesmo impacto.

Eu quero ser mais criativo. Mais original. Quero que meu suicídio seja comentado por anos. Quero que impostores tentem me imitar. E que falhem, porque o planejamento que isso exige vai além do típico fracassado deprimido com um desejo de morrer.

Vocês viram os fatos se desdobrarem há um ano agora. Se aconteceu da maneira que espero, não fazem ideia do que realmente houve.

Eu tiro os olhos dos papéis.

— Por quê? — pergunto, sentindo a bile na garganta. — Como Simon chegou a esse ponto?

— Ele andava deprimido há um tempo — responde Janae, torcendo o tecido da saia preta entre as mãos, o que faz com que os vários braceletes com tachas que ela usa em ambos os braços chacoalhem com o movimento. — Simon sempre achou que deveria receber muito mais respeito e atenção do que recebia, sabe? Mas ele ficou realmente amargurado com toda essa situação neste ano. Começou a passar o tempo todo na internet com um bando de gente repugnante, fantasiando sobre se vingar de todo mundo que o fazia infeliz. Chegou ao ponto em que acho que Simon nem sabia mais o que era realidade. Sempre que algo ruim acontecia, ele exagerava de maneira desproporcional.

As palavras saem aos borbotões de Janae.

— Simon começou a falar sobre se matar e levar pessoas com ele, mas, tipo, com criatividade. Ficou obcecado com a ideia de usar o aplicativo para incriminar todo mundo que ele odiava. Simon sabia que Bronwyn tinha roubado o teste e isso o deixava irritado. Ela já estava praticamente garantida como oradora da cerimônia de formatura, mas fez com que fosse impossível que ele a alcançasse. Simon também achava que ela tomou o lugar dele quando foi para as finais da simulação estudantil da ONU. E ele não suportava Nate por causa do lance com Keely. Simon achou que tinha chance com ela, mas aí Nate ficou com ela sem sequer tentar ou mesmo se importar com isso.

Meu coração se contraí. Cruzes, pobre Nate. Que motivo idiota e sem sentido para acabar na cadeia.

— E quanto a Cooper? Simon o envolveu por causa de Keely também?

Janae solta um muxoxo amargo de desdém.

— O Sr. Perfeitinho? Cooper fez Simon entrar na lista negra da festa pós-baile organizada por Vanessa, mesmo com o Simon fazendo parte do conselho e tudo mais. Ele se sentiu *tão* humilhado não apenas por não ter sido convidado, mas sim por ter sido proibido de ir. *Todo mundo* estaria lá.

— Cooper fez isso?

Olho espantada. Isso é novidade para mim. Cooper não mencionou esse fato, e eu nunca notei que Simon não estava lá.

O que eu acho que era parte do problema.

Janae concorda com a cabeça.

— É. Não sei por que, mas ele fez. Então, esses três foram os alvos de Simon, e ele tinha as fofocas preparadas. Até então eu ainda achava que era só papo dele. Uma forma de extravasar. Talvez tivesse sido, se eu tivesse convencido Simon a sair da internet e parar de ficar obcecado. Mas aí Jake descobriu algo que Simon não queria que ninguém soubesse e foi... aquilo foi simplesmente a gota d'água.

Ah, não. Cada segundo que passou sem a menção ao nome de Jake me fez ter esperança de que ele não esteve envolvido, afinal de contas.

— O que você quer dizer?

Puxo o brinco com tanta força que corro o risco de rasgar o lóbulo. Janae arranca o esmalte lascado da unha e deixa cair pedacinhos cinzentos na saia.

— Simon fraudou a votação para participar do conselho do baile dos calouros.

Minha mão trava na orelha, e eu arregalo os olhos. Janae solta uma risadinha sem graça e diz:

— Pois é, que idiotice, né? Simon era esquisito assim. Ele debochava das pessoas, mas queria as mesmas coisas que elas. E queria ser admirado. Então, Simon fraudou a votação e ficou tirando onda sobre isso na piscina no verão passado, dizendo como foi fácil e que mexeria com o baile de volta às aulas também. E Jake nos ouviu.

Como eu imediatamente imagino a reação de Jake, as próximas palavras de Janae não me surpreendem.

— Ele se acabou de rir. Simon surtou. Ele não suportava a ideia de Jake contando para as pessoas, e todo mundo do colégio descobrindo que ele fez uma coisa tão patética. Tipo, Simon passou anos contando os segredos de todo mundo, e agora ele ia ser humilhado por um segredo próprio. — Janae faz uma careta. — Consegue imaginar? O criador do Falando Nisso sendo exposto por um motivo fútil desses? Aquilo fez com que ele passasse do limite.

— Do limite? — repito.

— Sim. Simon decidiu parar de falar sobre o plano maluco e realmente colocá-lo *em prática*. Ele já sabia sobre você e TJ, mas ficou guardando a fofoca até que as aulas recomeçassem. Então, Simon usou a informação para calar Jake e envolvê-lo no plano, porque ele precisava de alguém para manter as coisas em andamento após sua morte, e eu não faria isso.

Não sei se devo acreditar nela ou não.

— Você não faria?

— Não, não faria. — Janae não me encara. — Não pelo *bem* de vocês. Eu não me importava com nenhum de vocês. Pelo bem de Simon. Mas ele não me dava ouvidos, e, de repente, já não precisava de mim. Simon sabia como Jake era, que ele ficaria maluco quando descobrisse sobre você e TJ. Simon disse para Jake que ele incriminaria você sobre tudo, de maneira que você levasse a culpa e acabasse na prisão. E Jake topou completamente. Ele até bolou a ideia de mandar você para a sala da enfermeira naquele dia atrás de Tylenol para que você parecesse mais culpada.

Um ruído branco provoca um zumbido no meu cérebro.

— A vingança perfeita por ter traído um namorado perfeito.

Eu não tenho certeza de que disse isso em voz alta até Janae concordar com a cabeça.

— Sim — concorda ela —, e ninguém jamais adivinharia que Simon e Jake sequer fossem amigos. Para Simon, tinha a vantagem adicional de que ele não se importava se Jake fizesse merda e fosse preso. Ele basicamente torcia para isso, porque odiava Jake há anos.

A voz de Janae ganha volume, como se estivesse se aquecendo para participar do tipo de sessão de reclamações que ela e Simon provavelmente tinham o tempo todo.

— A forma como Jake simplesmente abandonou Simon no primeiro ano. Começou a andar com Cooper, como se os dois sempre tivessem sido melhores amigos, como se Simon não existisse mais. Como se ele não fosse importante.

A saliva nada no fundo da minha garganta. Eu vou vomitar. Não, vou desmaiar. Talvez as duas coisas. Qualquer uma das duas coisas seria melhor do que ficar sentada aqui ouvindo isso. Todo aquele tempo depois que Simon morreu, quando Jake me confortou, me fez ir a uma festa com TJ, como se nada tivesse acontecido, *transou* comigo; ele sabia. Sabia que eu o tinha traído e estava apenas esperando pelo momento certo. Esperando para me punir.

Talvez esta seja a pior parte: como ele agiu *normalmente* o tempo todo.

De alguma forma, eu encontro minha voz.

— Mas ele... mas *Nate* foi incriminado. Jake mudou de ideia?

Aquilo machuca tanto que eu quero que seja verdade.

Janae não responde de primeira. A sala fica em silêncio, a não ser pela respiração ofegante dela.

— Não — diz ela finalmente. — A questão é... tudo aconteceu quase da maneira exata como Simon planejou. Ele e Jake colocaram os celulares nas mochilas de vocês naquela manhã, e o Sr. Avery descobriu os aparelhos e mandou todos para a detenção, exatamente como Simon disse que ele faria. Ele facilitou a investigação da polícia ao deixar o site de administrador do Falando Nisso escancarado. Escreveu um resumo do diário do Tumblr e mandou que Jake postasse as atualizações em computadores públicos com detalhes sobre o que realmente estava acontecendo. Foi como assistir a um reality show fora de controle, onde a pessoa não para de pensar que os produtores vão intervir dizendo *chega*. Mas ninguém interveio. Aquilo me revoltou. Eu falava para Jake que ele precisava parar antes que a situação fosse longe demais.

Meu estômago dá um nó.

— E Jake não parou?

Janae torce o nariz.

— Não. Ele realmente curtiu todo o lance assim que Simon morreu.

Teve delírios de poder vendo vocês serem levados para a delegacia, vendo a confusão no colégio e todo mundo surtando por causa do Tumblr. — Ela para por um segundo e dá uma olhada para mim. — Acho que você sabe disso.

É, acho que sim, mas podia passar sem o lembrete agora.

— Você poderia ter impedido isso, Janae — digo, e meu tom de voz sobe conforme a raiva começa a superar o choque. — Deveria ter contado para alguém o que estava acontecendo.

— Eu *não podia* — confessa Janae, com os ombros caídos. — Uma vez, quando nos reunimos com Simon, Jake nos gravou no celular. Eu estava tentando colocar algum juízo na cabeça de Simon, mas a forma como Jake editou o vídeo fez parecer que tudo foi praticamente ideia minha. Ele disse que entregaria a gravação para a polícia e colocaria a culpa de tudo em mim se eu não ajudasse.

Ela respira fundo, tremendo.

— Eu deveria forjar todas as provas contra você. Lembra daquele dia que fui à sua casa? Eu estava com o computador comigo, mas não consegui fazer. Depois disso, Jake não parou de me atormentar e entrei em pânico. Simplesmente joguei tudo em cima de Nate. — Janae contém um soluço. — Foi mais fácil. Nate não tranca nada. E fiz a denúncia anônima sobre ele, e não sobre você.

— Por quê? — Minha voz sai miúda, e as mãos tremem tanto que o manifesto de Simon faz um barulho de chocalho. — Por que você não seguiu o plano?

Janae recomeça e se balança para a frente e para trás.

— Você foi legal comigo. Centenas de pessoas naquele colégio idiota, e *ninguém*, a não ser você, jamais perguntou se eu sentia falta de Simon. Eu sentia. Eu *sinto*. Sei completamente que ele era todo errado, mas... Simon era meu único amigo. — Ela recomeça a chorar para valer, e os ombros magros balançam. — Até você. Sei que nós não somos realmente amigas e que você provavelmente me odeia agora, mas... eu não poderia ter feito aquilo com você.

Não sei como reagir. E se continuar pensando sobre Jake, vou ficar maluca. Minha mente se agarra a uma pecinha deste quebra-cabeças confuso que não faz sentido.

— E quanto à notícia sobre Cooper? Por que Simon escreveria a verdade e depois substituiria com uma mentira?

— Aquilo foi Jake — responde Janae, secando os olhos. — Ele obrigou Simon a mudar a postagem. Ele disse que estava fazendo um favor para Cooper, mas... não sei. Acho que foi mais o caso de Jake não querer que alguém soubesse que seu melhor amigo era gay. E ele parecia sentir muito ciúme de toda a atenção que Cooper estava recebendo por causa do beisebol.

Minha cabeça está girando. Eu deveria estar fazendo mais

perguntas, mas só consigo pensar em uma:

— E agora? Você vai... quero dizer, você não pode deixar que Nate seja condenado, Janae. Você vai contar para alguém, certo? Tem que contar para alguém.

Janae passou a mão pelo rosto.

— Eu sei. Isso está me fazendo mal há uma semana. Mas o problema é que eu não tenho nada além deste material impresso. Jake tem a versão em vídeo no disco rígido de Simon, juntamente com todos os arquivos de backup que mostram que ele planejou tudo isso há meses.

Eu empunho o manifesto de Simon como um escudo.

— Isto aqui basta. Isto e a sua palavra são *muita coisa*.

— O que aconteceria comigo? — murmura Janae baixinho. — Estou, tipo, sendo cúmplice, certo? Ou obstruindo a justiça? *Eu* posso acabar na prisão. E Jake tem aquela gravação pairando sobre a minha cabeça. Ele já está puto comigo. Tenho medo até de ir para o colégio. Ele não para de passar por aqui e... — A campainha toca, e Janae trava quando meu celular toca anunciando uma mensagem. — Ai, meu Deus, Addy, provavelmente é ele. Jake só vem quando o carro dos meus pais não está na entrada de garagem.

Meu telefone toca com uma mensagem de Cooper. *Jake está aqui. O que está acontecendo?* Eu pego Janae pelo braço.

— Preste atenção. Vamos fazer com Jake exatamente o que ele fez com você. Fale com ele sobre tudo isso, e a gente grava. Você está com seu telefone?

Janae tira o aparelho do bolso quando a campainha toca novamente.

— Não vai adiantar de nada. Jake sempre me faz entregar o celular para ele antes de a gente conversar.

— Ok. A gente usa o meu. — Eu olho para a sala de jantar às escuras atrás de nós. — Vou me esconder ali enquanto você conversa com ele.

— Eu não acho que consigo — sussurra Janae, mas eu balanço o braço dela com força.

— Você tem que conseguir. Você precisa dar jeito nesta situação, Janae. Tudo isso já foi longe demais.

Minhas mãos estão tremendo, mas consigo mandar uma mensagem rápida para Cooper — *está tudo bem, apenas espere* — e me levantar. Puxo Jane comigo e a empurro na direção da porta.

— Atenda à porta.

Entro tropeçando na sala de jantar e me ajoelho, abro o aplicativo de gravador do celular e aperto para gravar. Coloco o aparelho o mais próximo possível da passagem entre a sala de jantar e a de estar, e corro para me encolher na parede ao lado de uma cristaleira.

De início, o sangue que corre para as orelhas bloqueia um som ou outro, mas, quando ele recua, ouço a voz de Jake:

— ... você não tem ido ao colégio?

— Eu não estou me sentindo bem — responde Janae.

— Sério. — A voz de Jake está tomada por desdém. — Eu também não, mas vou mesmo assim. E você também precisa comparecer. Tudo como antes, sabe?

Tenho que fazer algum esforço para ouvir Janae.

— Você não acha que esta situação já foi longe demais, Jake? Tipo, Nate está na *cadeia*. Sei que esse é o plano e tudo mais, mas agora o que está acontecendo é muito complicado.

Não tenho certeza se o telefone vai conseguir captá-la, mas não posso fazer muita coisa a respeito. Não dá exatamente para dirigir Janae como uma atriz de teatro aqui da sala de jantar.

— Eu sabia que você estava surtando. — A voz de Jake ecoa facilmente. — Nós não podemos. Janae, nós não podemos surtar, porra. Isso colocaria a gente em risco. De qualquer forma, mandar Nate para a prisão foi escolha sua, não foi? Deveria ter sido Addy, e aliás é por isso que estou aqui. Você fez merda e precisa consertar a situação. Eu tenho algumas ideias.

A voz de Janae fica um pouco mais forte.

— Simon era *doente*, Jake. Cometer suicídio e incriminar outras pessoas por assassinato é loucura. Eu quero cair fora. Não vou contar a ninguém que você está envolvido, mas quero que a gente... sei lá... faça uma denúncia anônima de que tudo foi uma pegadinha ou algo assim. Temos que fazer isso parar.

Jake dá um muxoxo de desdém.

— A decisão não é sua, Janae. Não se esqueça do que tenho comigo. Posso colocar tudo na sua porta e ir embora. Não há nada que me ligue ao que aconteceu.

Errado, babaca, penso eu. Depois o tempo parece parar quando uma mensagem de Cooper surge no telefone com um toque alto de “Only Girl” da Rihanna. *Você está bem?*

Eu me esqueci do básico que era silenciar o celular antes de usá-lo como espã.

— Mas que diabos? *Addy?* — ruge Jake.

Nem sequer penso, apenas disparo pela sala de jantar e cruzo a cozinha de Janae, agradecendo a Deus que ela tenha uma porta dos fundos por onde posso fugir. Passos pesados ecoam atrás de mim, então, em vez de ir para o carro de Cooper, eu corro para o bosque fechado atrás da casa de Janae. Passo voando pelo matagal em pânico, me desviando de arbustos e raízes enormes até que meu pé engancha em algo e caio no chão. É como a pista de atletismo novamente — joelho rasgado, sem fôlego, mãos em carne viva —, só que desta vez

meu tornozelo também está torcido.

Eu ouço galhos quebrando atrás de mim, mais longe do que pensava, mas vindo bem na minha direção. Fico de pé, faço uma careta e considero minhas opções. Uma coisa é certa: depois de tudo que ouvi na sala de estar, Jake não vai sair deste bosque até me achar. Não sei se consigo me esconder, e tenho certeza absoluta de que não consigo correr. Eu respiro fundo, berro *Socorro!* a plenos pulmões e disparo novamente, tentando ziguezaguear para longe do ponto onde acho que Jake está, enquanto ainda tento me aproximar da casa de Janae.

Mas, ai, Deus, meu tornozelo dói demais. Eu mal estou me arrastando à frente, e os barulhos atrás de mim ficam mais altos até que uma mão agarra meu braço e me puxa para trás. Eu consigo gritar uma vez mais antes que Jake coloque a outra mão sobre a minha boca.

— Sua putinha — diz ele, com a voz rouca. — Você mesma que provocou isso, sabia?

Eu cravo os dentes na palma da mão de Jake, e ele emite um som animal de dor, solta a mão e levanta com a mesma rapidez para dar um tapa na minha cara.

Cambaleio com o rosto doendo, mas consigo ficar de pé e girar o corpo numa tentativa de enfiar o joelho na virilha de Jake e as unhas no seu olho. Jake grunhe de novo quando faço contato, e cambaleia o bastante para que eu me solte e dê meia-volta. Meu tornozelo cede, e a mão de Jake agarra meu braço com a força de uma trepadeira. Ele me puxa em sua direção e me pega firme pelos ombros. Por um momento bizarro, acho que Jake vai me beijar.

Em vez disso, ele me empurra para o chão, se ajoelha e bate com minha cabeça em uma pedra. Meu crânio explode de dor, e minha visão fica vermelha nas bordas, depois preta. Alguma coisa faz pressão no meu pescoço e começo a sufocar. Não consigo ver nada, mas consigo escutar.

— Deveria ser você na prisão em vez de Nate, Addy — rosna Jake, enquanto arranha as mãos dele. — Mas isso serve também.

Uma voz de garota em pânico atravessa a dor na minha cabeça.

— Jake, pare! Deixe Addy em paz!

A pressão terrível para, e eu arfo para respirar. Ouço a voz de Jake, baixa e furiosa, depois um guincho e um baque. Eu deveria me levantar *agora mesmo*. Estico as mãos e sinto grama e terra embaixo dos dedos enquanto luto para encontrar um apoio. Eu simplesmente preciso me tirar do chão. E tirar as estrelas brilhando dos olhos. Uma coisa de cada vez.

As mãos voltaram para a minha garganta e estão apertando. Ataco com as pernas, mando que elas funcionem como fazem na bicicleta,

mas elas parecem espaguete. Eu não paro de piscar até finalmente conseguir ver. Só que agora desejo não ter visto nada. Os olhos de Jake brilham como prata ao luar, cheios de fúria gelada. *Como eu não percebi que isso ia acontecer?*

Não consigo arrancar as mãos dele por mais força que faça.

Então, volto a respirar novamente quando Jake voa para trás, e imagino vagamente como e por que ele fez aquilo. Sons tomam conta do ar quando rolo de lado e arfo para encher os pulmões. Segundos ou minutos se passam, é difícil dizer, até que uma mão aperta meu ombro e eu pestanejo para ver um par de olhos diferentes. Gentis e preocupados. E tão assustados quanto os meus.

— Cooper — digo com a voz áspera.

Ele me coloca sentada, e eu deixo a cabeça cair no seu peito. Sinto o coração acelerado na minha bochecha enquanto o lamento distante de sirenes se aproxima.

CAPÍTULO 30

Nate

Sexta-feira, 2 de novembro, 15h40

Sei que tem alguma coisa diferente pela maneira como o guarda me olha quando chama meu nome. Não feito um bloco de terra que ele quer esmagar com o sapato, como sempre.

— Traga suas coisas — diz ele.

Eu não tenho muita coisa, mas enfio tudo sem pressa num saco plástico antes de segui-lo pelo longo corredor cinzento até o gabinete do diretor.

Eli está na entrada com as mãos nos bolsos e me lança um o mesmo olhar intenso de sempre, só que multiplicado por cem.

— Bem-vindo ao restante da sua vida, Nate. — Quando eu não reajo, ele acrescenta: — Você está livre. Está solto. Tudo isso foi uma pegadinha que acabou de ser desmascarada. Então, tire este macacão, coloque roupas normais e vamos embora daqui.

A esta altura, estou acostumado a fazer o que me mandam, então, isso é tudo o que faço. Não compreendo nada, mesmo quando Eli me mostra as notícias sobre a prisão de Jake, até que ele me diz que Addy está no hospital com uma concussão e uma fratura no crânio.

— A boa notícia é que é uma fratura fina, sem dano cerebral profundo. Ela vai se recuperar completamente.

Addy, aquela princesa do baile desmiolada que virou investigadora ninja fodona, no hospital com o crânio rachado porque tentou me ajudar. Possivelmente está viva apenas por causa de Janae, que ganhou um maxilar quebrado pela inconveniência, e Cooper, que de repente virou uma espécie de super-herói por quem a mídia está babando. Eu ficaria feliz por ele se toda essa situação não me deixasse enjoado.

Há um monte de papelada quando se sai da prisão por um crime que você não cometeu. *Lei & Ordem* nunca mostra quantos formulários são necessários preencher antes de voltar ao mundo. A primeira coisa que vejo quando saio para a luz do sol reluzente é uma dezena de câmeras ganhando vida. É claro. A situação toda é um filme que não

termina, e eu passei de vilão a herói em questão de horas, embora não tenha feito uma única coisa para influenciar esse desfecho desde que cheguei aqui.

Minha mãe está lá fora, o que acho que é uma surpresa agradável. Eu *nunca* estou despreparado para que ela desapareça. E Bronwyn, mesmo eu tendo dito especificamente que não queria vê-la perto deste lugar. Acho que ninguém acreditou que eu estava falando sério a respeito disso. Antes que eu possa reagir, os braços dela estão em volta de mim e meu rosto está enfiado em seu cabelo de maçã verde.

Meu Deus. Esta garota. Por alguns segundos sinto seu cheiro e tudo está bem.

Só que não.

— Nate, como você se sente estando livre? Tem algum comentário sobre Jake? Qual o seu próximo passo?

Eli dispara comentários para todos os microfones na minha cara enquanto avançamos para o carro dele. Eli é o homem do momento, mas não entendo o que ele fez para merecer isso. As acusações foram retiradas porque Bronwyn continuou desenrolando a trama, e foi atrás de uma testemunha. Porque o namorado de Cooper ligou os pontos que ninguém viu. Porque Addy se colocou na linha de tiro. E porque Cooper salvou tudo antes que Jake conseguisse calá-la.

Eu sou o único integrante do clube dos assassinos que não contribuiu com porra nenhuma. Tudo que fiz foi ser o bode expiatório.

Eli passa lentamente com o carro por todas as vans de noticiários até chegarmos à rodovia e o centro de detenção juvenil virar um pontinho ao longe. Ele está falando sobre tantas coisas que fica difícil acompanhar: que está trabalhando com a agente Lopez para retirar minhas acusações de tráfico de drogas; que se eu quiser dar uma declaração à imprensa, ele recomendaria Mikhail Powers; que preciso de uma estratégia para ser reintegrado ao colégio. Eu olho pela janela, e minha mão é um peso morto na de Bronwyn. Quando finalmente ouço a voz de Eli indagando se tenho alguma pergunta, noto que ele vem se repetindo há um tempo.

— Alguém alimentou Stan? — pergunto.

Meu pai com certeza não.

— Eu alimentei — responde Bronwyn.

Quando eu não reajo, ela aperta minha mão e acrescenta:

— Nate, você está bem?

Bronwyn tenta encontrar meu olhar, mas eu não consigo. Ela quer que eu esteja feliz, mas também não consigo. A impossibilidade de Bronwyn me atinge como um soco no estômago: tudo que ela quer é bom, certo e lógico, e eu não consigo fazer nada disso. Bronwyn sempre será aquela garota diante de mim na caça ao tesouro, com o cabelo reluzente me hipnotizando tanto que quase me esqueço que

estou andando inutilmente atrás dela.

— Só quero ir para casa e dormir.

Ainda não estou olhando para Bronwyn, mas, pelo rabo do olho, vejo sua expressão ficar triste, e, por algum motivo, isso é perversamente satisfatório. Estou decepcionando Bronwyn, como fui programado para fazer. Finalmente algo faz sentido.

Cooper

Sábado, 10 de novembro, 9h30

É muito surreal descer para tomar café no sábado de manhã e ver minha avó lendo um exemplar da revista *People* comigo na capa.

Eu não posei para ela. É uma foto de Kris e eu saindo da delegacia após darmos depoimentos. Kris está fantástico, e eu pareço que acabei de acordar de uma noite de bebedeira terrível. É óbvio qual de nós dois é o modelo.

É engraçado como esse lance de fama acidental funciona. Primeiro as pessoas me apoiaram mesmo eu tendo sido acusado de trapaça e assassinato. Depois me odiaram por quem eu me revelei ser. Agora elas me amam de novo porque eu estava no lugar certo, na hora certa, e consegui derrubar Jake com um soco bem dado.

E por causa do efeito mágico de estar com Kris, eu suponho. Como Eli deu todo o crédito a Kris por ter descoberto o que realmente aconteceu, ele é o novo astro que surgiu nesta confusão inteira. E o fato de ele estar tentando evitar a máquina da mídia só faz com eles o queiram ainda mais.

Lucas está sentado diante da Vovó, enfiando colheres de cereal de chocolate na boca enquanto mexe no iPad.

— Sua página de fãs no Facebook tem cem mil curtidas agora — informa ele, enquanto tira uma mecha de cabelo do rosto, como se fosse um inseto irritante.

Essa é uma boa notícia para o meu irmão, que levou para o lado pessoal quando a maior parte dos meus pretensos fãs desertaram da página após a polícia ter revelado que eu sou gay.

A Vovó torce o nariz e joga a revista na mesa.

— Que horrível. Um rapaz está morto, outro arruinou a própria vida e quase arruinou a de vocês, e as pessoas ainda tratam o caso como se fosse um programa de TV. Em breve tudo isso vai passar, se Deus quiser. Outra coisa vai surgir e você pode voltar ao normal.

O que quer que seja isso.

Já faz uma semana que Jake foi preso. Até agora, ele foi acusado de agressão, obstrução da justiça, manipulação de provas, e um bando de outras coisas que não consigo acompanhar. Jake está com advogado

próprio e se encontra no mesmo centro de detenção onde Nate esteve preso, o que considero que seja justiça poética, mas não é uma coisa boa. Eu ainda não consigo conciliar o cara que arranquei de cima de Addy com o moleque de quem fui amigo desde o nono ano. O advogado dele está falando sobre influência indevida por parte de Simon, e talvez isso explique tudo. Ou talvez Ashton esteja certa e Jake sempre foi um louco por controle, desde o início.

Janae está cooperando com a polícia e parece que ela vai fazer um acordo de delação premiada. Addy e ela são unha e carne agora. Eu tenho sentimentos contraditórios em relação a Janae e à forma como ela deixou a situação ir tão longe. Mas também não sou tão inocente quanto pensava. Enquanto Addy estava zureta das ideias por causa dos analgésicos no hospital, ela me contou tudo, incluindo como a desfeita idiota e assustada que cometi no baile dos calouros fez Simon ter ódio suficiente de mim a ponto de me incriminar por assassinato.

Tenho que descobrir uma forma de conviver com isso, e não será por não perdoar os erros das outras pessoas.

— Você vai se encontrar com Kris mais tarde? — pergunta a Vovó.

— Sim — respondo.

Lucas continua comendo cereal sem piscar um olho. Na verdade, ele não está nem aí que o irmão mais velho tenha um namorado, embora pareça que sinta saudade de Keely.

Também vou ver Keely hoje, antes de me encontrar com Kris. Em parte porque lhe devo desculpas, e em parte porque ela também foi envolvida nesta confusão, mesmo que a polícia tenha tentado manter seu nome fora da confissão de Simon. Keely não foi mencionada no registro público, mas o pessoal no colégio já sabia o suficiente para adivinhar. Eu mandei uma mensagem para ela no início da semana para saber como estava, e ela respondeu com um pedido de desculpas por não ter me apoiado mais quando a história sobre Kris foi revelada. Isso foi bacana da parte de Keely, considerando as mentiras que contei.

Nós trocamos algumas mensagens depois. Ela ficou muito magoada pelo papel que desempenhou em tudo, embora não fizesse ideia do que estava acontecendo. Eu sou uma das poucas pessoas na cidade que conseguem compreender essa sensação.

Talvez a gente consiga ser amigos depois que tudo isso acabar. Eu gostaria disso.

O Pai entra na cozinha com o laptop, balançando o aparelho, como se tivesse um presente dentro.

— Você viu seu e-mail?

— Hoje ainda não.

— Josh Langley entrou em contato. Quer saber se você está pensando na universidade em vez da seleção. E chegou a oferta da

UCLA. Mas nada da Universidade Estadual da Louisiana por enquanto.

O Pai não vai ficar feliz até que todos os cinco principais times universitários façam uma oferta de bolsa. A faculdade em Louisiana foi a única que não se pronunciou, o que deixa meu pai irritado, já que ela é a primeira da lista.

— Enfim — diz ele —, Josh quer conversar semana que vem. Você topa?

— Claro — respondo, embora eu já tenha decidido que não irei diretamente para a seleção.

Quanto mais eu penso sobre meu futuro no beisebol, mais quero que o próximo passo seja só o beisebol universitário. Tenho o resto da vida para jogar, mas apenas alguns poucos anos para fazer faculdade.

E minha primeira escolha é a Universidade Estadual da Califórnia, porque foi a única faculdade que não se afastou de mim quanto eu estava na pior.

Mas o Pai vai ficar feliz de conversar com Josh Langley. Voltamos a ter uma hesitante relação pai e filho desde que as boas notícias do beisebol começaram a surgir. Ele ainda não fala comigo sobre Kris e fica calado quando outra pessoa o menciona. Porém, não sai mais correndo do ambiente. E voltou a me olhar nos olhos.

É um começo.

Addy

Sábado, 10 de novembro, 14h15

Como não posso andar de bicicleta por causa do crânio fraturado e do tornozelo torcido, Ashton me leva de carro para a consulta de revisão do médico. Tudo está sarando do jeito que deveria, embora eu ainda sinta dores de cabeça instantâneas caso mexa a cabeça rápido demais.

O lance emocional vai demorar mais. Metade do tempo, tenho a sensação de que Jake morreu, e, na outra metade, eu quero matá-lo. Posso admitir, agora, que Ashton e TJ não estavam errados a respeito de como era nosso relacionamento. Ele controlava tudo, e eu permitia. Mas nunca imaginaria que Jake seria capaz daquilo que fez no bosque. Meu coração parece que ficou como o meu crânio logo depois que Jake me atacou — como se tivesse sido dividido ao meio por um machado cego.

Também não sei o que sinto em relação a Simon. Às vezes eu fico muito triste quando penso como ele planejou arruinar a vida de quatro pessoas porque achou que tiramos dele coisas que todo mundo quer: ser bem-sucedido, ter amigos, ser amado. Ser *visto*.

Mas, na maior parte do tempo, simplesmente desejo que nunca tivesse conhecido Simon.

Nate me visitou no hospital, e eu o vi algumas vezes desde que tive alta. Estou preocupada com ele. Nate não é uma pessoa que desabafa, mas ele me disse o suficiente a ponto de eu perceber que ele se sentiu bastante inútil por ficar preso. Venho tentando convencê-lo do contrário, mas não acho que esteja conseguindo entrar na cabeça dele. Eu gostaria que Nate me desse ouvidos, porque, se alguém sabe como foder a vida quando a pessoa decide que não presta, esse alguém sou eu.

TJ me mandou mensagens algumas vezes desde que recebi alta há alguns dias. Ele não parava de dar sinais de que ia me chamar para sair, então eu finalmente tive que dizer que não vai acontecer. É impossível que eu me junte à pessoa que me ajudou a iniciar toda essa reação em cadeia. É uma pena, porque talvez houvesse potencial se a gente tivesse conduzido a situação de maneira diferente. Mas estou começando a me dar conta de que há coisas que são impossíveis de serem desfeitas, não importa o tamanho das boas intenções.

Tudo bem também. Eu não concordo com minha mãe que TJ fosse minha última e melhor esperança para evitar o posto prematuro de titia. Ela não é a especialista que pensa que é em relacionamentos.

Prefiro seguir o exemplo de Ashton, que está curtindo a súbita paixão por Eli. O advogado foi atrás dela após a situação com Nate ser resolvida, e chamou minha irmã para sair. Como Ashton disse que não está pronta para namorar ainda, ele não para de interromper sua jornada de trabalho insana para levá-la a programas elaborados e cuidadosamente planejados que não são encontros — que, ela tem que admitir, está curtindo.

— Não sei se posso levá-lo a sério — comenta Ashton, enquanto capengo até o carro de muletas após o exame. — Quero dizer, só por aquele cabelo...

— Eu gosto do cabelo. Tem personalidade. Além disso, parece macio como uma nuvem.

Ashton dá um sorriso e afasta uma mecha solta de cabelo da minha testa.

— Eu gosto do *seu*. Deixe crescer um pouco mais e seremos gêmeas.

Esse é o plano secreto. Venho cobiçando o penteado de Ashton desde o início.

— Eu tenho algo para te mostrar — diz ela ao se afastar do hospital. — Boas notícias.

— Sério? O quê?

Às vezes é difícil lembrar qual é a sensação de receber boas notícias. Ashton balança a cabeça e sorri.

— É para mostrar, não para contar.

Ela estaciona em frente a um novo prédio naquilo que mais se aproxima de uma vizinhança descolada em Bayview. Ashton

acompanha meu ritmo lento ao entrarmos no saguão iluminado e me conduz a um banco na recepção.

— Espere aqui — diz ela, enquanto apoia as muletas no banco.

Minha irmã desaparece por uma curva e, quando retorna dez minutos depois, me conduz a um elevador, que nos leva ao terceiro andar.

Ela enfia uma chave na porta marcada com o número 302 e abre para revelar um grande apartamento com pé-direito alto, parecido com um estúdio. É cheio de janelões, tijolos expostos e piso de tábua corrida encerada, e eu amo o apartamento instantaneamente.

— O que você acha? — pergunta Ashton.

Eu apoio as muletas na parede, entro aos pulinhos na cozinha aberta e admiro o mosaico de azulejos na parede atrás da pia. Quem diria que Bayview tem um lugar assim?

— É lindo. Você, hã, está pensando em alugá-lo?

Tento parecer entusiasmada, e não com medo de que Ashton me deixe sozinha com a mamãe. Minha irmã não está morando lá em casa há tanto tempo assim, mas fiquei meio que acostumada a tê-la conosco.

— Já aluguei — revela ela, dando um sorriso e um pequeno rodopio no piso de madeira de lei. — Charlie e eu recebemos uma oferta no condomínio enquanto você esteve no hospital. O negócio ainda tem que ser fechado, mas, assim que for, vamos ter um bom lucro. Ele aceitou assumir todos os empréstimos estudantis como parte do acordo de divórcio. Meu trabalho como designer ainda está devagar, mas vou ter grana suficiente para conseguir pagar o aluguel. E o custo de vida em Bayview é bem menor do que em San Diego. Esse apartamento no centro custaria o triplo lá.

— Que fantástico! — Espero estar fazendo um bom trabalho ao fingir empolgação. *Estou* empolgada por ela, de verdade, mas sentirei falta da minha irmã. — É bom que você tenha um quarto sobrando para eu poder te visitar.

— Eu tenho, de fato, um quarto sobrando — diz Ashton. — Mas não quero que você visite.

Olho estupefata para ela. Não posso ter ouvido direito. Pensei que a gente estivesse se dando bem nos últimos meses. Ela ri ao ver minha expressão.

— Quero que você *more* aqui, sua boba. Você precisa sair daquela casa tanto quanto eu. A mamãe disse que não tem problema. Ela está naquela fase ladeira abaixo com Justin onde pensa que um casal precisa passar bastante tempo sozinho para resolver seus problemas. E, além disso, você vai fazer 18 anos de idade em alguns meses e pode morar onde bem quiser.

Eu agarro Ashton num abraço antes que ela consiga terminar, e

minha irmã aguenta por alguns segundos antes de se desvencilhar. Ainda não dominamos a arte da afeição entre irmãs que não seja embaraçosa.

— Vá em frente, vá ver seu quarto. É bem ali.

Eu capengo até um quarto banhado pelo sol com uma enorme janela que dá vista para uma ciclovía atrás do prédio. Há estantes de livros embutidas na parede, e vigas expostas no teto sustentam um lustre sensacional cheio de lâmpadas de filamentos em vários tamanhos e formatos. Eu amo tudo naquele quarto. Ashton se encosta na porta e sorri para mim.

— Um recomeço do zero para nós duas, hein?

Finalmente parece que isso pode ser verdade.

Bronwyn

Domingo, 11 de novembro, 10h45

No dia seguinte à libertação de Nate, eu dei minha primeira e única entrevista para a imprensa. Eu não queria, mas o próprio Mikhail Powers me emboscou do lado de fora da minha casa, e, como eu imaginava, quando vi pela primeira vez a potência de seu charme voltada para o nosso caso, não consegui resistir a ele.

— Bronwyn Rojas. A garota com um futuro brilhante.

Ele estava com um terno azul-marinho elegante e uma gravata com padronagem discreta, as abotoaduras de ouro reluziram quando Mikhail estendeu a mão com um sorriso gentil.

— Venho tentando falar com você há semanas — confessa ele. — Você nunca desistiu do seu amigo, não foi? Eu admiro isso. Admirei você pelo decorrer do caso inteiro.

— Obrigada — agradeço com a voz fraca.

Aquilo foi uma tentativa franca de me bajular, e funcionou completamente.

— Eu adoraria saber sua opinião sobre tudo. Pode ceder alguns minutos para nos dizer como foi essa provação para você e como se sente agora que acabou?

Eu não deveria. Robin e minha família tivemos nossa última reunião jurídica na manhã de hoje, e seu conselho de despedida foi para sermos discretos. Ela estava certa, como sempre. Mas tinha algo que eu queria revelar que não pude dizer antes.

— Só uma coisa. — Eu olhei para a câmera enquanto Mikhail dava um sorriso encorajador. — Eu realmente roubei o teste de Química e sinto muito. Não apenas por ter me colocado nesta confusão, mas porque foi uma coisa horrível de se fazer. Meus pais me criaram para ser honesta e trabalhar duro, como eles fazem, e eu decepcionei os

dois. Não foi justo com eles, com meus professores ou com as faculdades que eu queria entrar. E não foi justo com Simon.

Minha voz começou a tremer naquele momento, e não consegui conter mais as lágrimas.

— Se eu soubesse... se tivesse imaginado... nunca vou deixar de me sentir arrependida pelo que fiz. Nunca farei algo assim novamente. É tudo que eu queria dizer.

Eu duvido que era isso que Mikhail queria, mas ele usou o material mesmo assim no último programa sobre o Colégio Bayview. Dizem os rumores que Mikhail vai tentar inscrever a série para concorrer ao Emmy.

Meus pais não param de falar que não posso me culpar pelo que Simon fez. Assim como não paro de dizer a mesma coisa para Cooper e Addy. E eu diria a Nate, se ele permitisse, mas mal ouvi falar dele desde que saiu do centro de detenção juvenil. Nate fala com Addy mais do que comigo agora. Quero dizer, ele *deve* falar com Addy, que é obviamente uma estrela do rock. Mas ainda assim.

Nate finalmente concorda em me deixar visitá-lo e colocar o papo em dia, mas não crio tanta expectativa como costumava quando toco a campainha. Alguma coisa mudou desde que ele foi preso. Quase espero que Nate não esteja em casa, mas ele abre a porta rangente e me dá passagem.

A casa de Nate parece melhor do que antes, quando alimentei Stan. A mãe dele está ficando aqui e acrescentou todo tipo de detalhes novos, como cortinas, almofadas e fotografias emolduradas. A última vez que falei brevemente com Nate depois que ela voltou para casa, ele disse que a mãe convenceu o pai a tentar passar um tempo numa clínica de reabilitação. Nate não tem muita esperança quanto a isso, mas tenho certeza de que estar com o pai temporariamente fora de casa é um alívio.

Nate desaba numa poltrona na sala de estar enquanto vou até Stan e espio dentro da jaula, contente pela distração. Ele ergue a pata da frente na minha direção, e eu rio de surpresa.

— Stan acabou de *acenar* para mim?

— Sim. Ele faz isso, tipo, uma vez por ano. É o único gesto dele. — Nate encara meu olhar com um sorriso, e por um segundo as coisas estão normais entre nós, mas aí o sorriso desaparece e ele baixa os olhos. — Então. Parece que eu não tenho muito tempo, na verdade. A agente Lopez quer me arrumar um emprego de fim de semana numa construtora qualquer em Eastland. E tenho que estar lá em vinte minutos.

— Que ótimo. — Eu engulo em seco. Por que é tão difícil falar com ele agora? Foi a coisa mais fácil do mundo há algumas semanas. — Eu só... — digo. — Acho que eu queria dizer que, hã, sei que você passou

por algo terrível e entendo se não quiser falar a respeito, mas estou aqui caso queira. E eu ainda... gosto de você. Tanto quanto antes. Então. É só isso, eu acho.

É um começo embaraçoso, agravado pelo fato de que Nate não olha para mim durante meu pequeno discurso triste. E, quando finalmente olha, seus olhos não têm emoção.

— Eu venho querendo falar com você quanto a isso. Primeiro, obrigado por tudo que você fez. Sério, eu te devo uma. Provavelmente jamais poderei pagar, mas é hora de voltar ao normal, certo? E nós não somos o normal um do outro.

Ele desvia o olhar novamente, o que me mata. Se Nate olhasse para mim por mais de dez segundos, tenho certeza de que não diria isso.

— Não, não somos. — Fico surpresa com a firmeza da minha voz. — Mas isso nunca me incomodou, e não acho que tenha incomodado você. Meus sentimentos não mudaram, Nate. Ainda quero estar com você.

Eu nunca disse algo tão importante de maneira tão direta, e a princípio fico contente que não tenha me acovardado. Mas Nate parece que não está nem aí. E, embora eu não me abale por obstáculos externos que surgem no meu caminho — *Pais que desaprovam? Sem problema! Sentença na cadeia? Eu vou te soltar!* —, a indiferença dele me faz perder as forças.

— Eu não vejo sentido. Nós levamos vidas muito diferentes, e não temos nada em comum agora que a investigação foi encerrada. Você precisa se preparar para as grandes universidades, e eu... — Nate solta uma risada sem graça. — Eu farei seja lá o que for o oposto disso.

Quero abraçá-lo e beijá-lo até que ele pare de falar assim. Mas seu rosto está fechado, como se sua mente já estivesse a mil quilômetros dali, esperando que o corpo o alcançasse. Como se Nate só tivesse me deixado vir ali por causa de uma sensação de obrigação. E eu não suporto aquilo.

— Se é assim que você quer.

Ele concorda com a cabeça tão rápido que qualquer fiapo de esperança que eu pudesse ter desaparece.

— É. Boa sorte com tudo, Bronwyn. Obrigado de novo.

Nate se levanta, como se fosse me acompanhar até a porta, mas não consigo tolerar falsa educação neste exato momento.

— Não se incomode — digo ao passar por ele com os olhos voltados para o chão.

Eu saio sozinha e ando com o corpo rígido até o carro, fazendo um esforço para não correr, e remexo atabalhoadamente na bolsa com as mãos trêmulas até achar as chaves.

Dirijo para minha casa com os olhos secos, que não piscam, e subo até meu quarto antes de perder o controle. Maeve bate suavemente na

porta e entra sem esperar pelo convite. Ela se aninha ao meu lado e faz carinho no meu cabelo enquanto choro com a cara enfiada num travesseiro, como se meu coração tivesse acabado de rachar no meio. O que acho que aconteceu.

— Sinto muito — lamenta minha irmã, que sabia aonde eu tinha ido, e não preciso contar a ela o que aconteceu. — Ele está sendo um babaca.

Maeve não diz mais nada até eu me esgotar e sentar, esfregando os olhos. Eu me esqueci de como é cansativo chorar sem parar.

— Desculpe por não conseguir melhorar esta situação — diz Maeve, enquanto enfia a mão no bolso e retira o telefone. — Mas tenho algo para te mostrar que pode te animar. Muitas reações no Twitter à declaração que você fez ao *Mikhail Powers Investiga*. Todas positivas, aliás.

— Maeve, eu não me importo com o *Twitter* — digo, cansada.

Eu não acessei o Twitter desde que essa confusão toda começou. Mesmo com o perfil privado, eu não conseguiria lidar com o massacre de opiniões.

— Eu sei, mas você deveria ver isso.

Ela me entrega o telefone e aponta para uma postagem feita pela Universidade de Yale:

Errar é humano @BronwynRojas. Estamos ansiosos para receber seu pedido de matrícula.

EPÍLOGO

TRÊS MESES DEPOIS

Bronwyn

Sexta-feira, 15 de fevereiro, 18h50

Eu meio que estou saindo com Evan Neiman agora. A relação chegou de mansinho. Primeiro estávamos sempre juntos em grupos grandes, depois nos menores, e há algumas semanas ele me deu carona até em casa, após termos assistido (e odiado) *The Bachelor*, na casa de Yumiko, com muitos amigos. Quando chegamos a minha casa, Evan se debruçou sobre mim e me beijou

Foi... bom. Ele beija bem. Eu me vi analisando o beijo em detalhes praticamente clínicos enquanto acontecia, congratulando Evan mentalmente sobre a técnica fora de série, e ao mesmo tempo notando a ausência de qualquer tesão ou atração magnética entre nós. Meu coração não disparou quando devolvi o beijo, e os braços e pernas não tremeram. Foi um bom beijo com um rapaz bacana. O tipo que eu sempre quis.

Agora as coisas estão praticamente como eu pensava que estariam quando me imaginei namorando com Evan pela primeira vez. Nós somos um casal sério. Eu tenho um acompanhante automático para o baile do recesso da primavera, o que é legal. Mas estou planejando minha vida pós-colégio em uma trilha paralela que não tem nada a ver com ele. Somos um casal até a formatura, no máximo.

Eu me matriculei em Yale, mas não fiz matrícula antecipada. Vou descobrir no mês que vem, juntamente com todo mundo, se entrei ou não. Entretanto, agora isso não parece mais ser o fator essencial do meu futuro. Estou trabalhando como estagiária de Eli nos fins de semana e começando a ver o lado bom de permanecer em Bayview e acompanhar o Até que Provem.

Tudo está muito mutável, e estou tentando levar isso na boa. Penso muito em Simon e no que a mídia chamou de “ressentimento causado pela sensação de direito adquirido” — a crença de que deviam a

Simon algo que ele não recebeu, e que todo mundo deveria pagar por causa disso. É quase impossível de compreender, a não ser por aquele cantinho do meu cérebro que me levou a roubar um teste por uma legitimação que eu não merecia. Eu nunca mais quero ser aquela pessoa de novo.

A única ocasião em que vejo Nate é no colégio. Ele frequenta mais do que antigamente, e acho que está indo bem. Mas não sei ao certo, porque não nos falamos mais. De maneira alguma. Nate não estava brincando sobre seguirmos nossas vidas separadas.

Às vezes eu quase flagro Nate olhando para mim, mas provavelmente é um desejo que eu queria que fosse realidade.

Ele ainda está na minha mente constantemente, e isso é uma merda. Eu torci para que meu relacionamento com Evan pudesse conter a presença de Nate nos meus pensamentos, mas só piorou as coisas. Então, tento não pensar em Evan a não ser que esteja de fato com ele, o que significa que eu às vezes deixo passar coisas que não deveria. Tipo, hoje à noite que paguei de pseudonamorada de Evan.

Tenho um solo de piano com a Orquestra Sinfônica de San Diego. É parte da série de concertos Foco no Ensino Médio, para o qual me inscrevi desde que era caloura sem jamais ter recebido um convite. No último mês, finalmente recebi. Provavelmente foi por causa de algum resquício de notoriedade, embora eu goste de pensar que o vídeo de teste de “Variações do Cânone” que enviei ajudou.

— Você está nervosa? — pergunta Maeve ao descermos a escada.

Minha irmã está arrumada para o concerto com um vestido de veludo cor de vinho que tem um ar renascentista, e seu cabelo está preso por uma trança cheia de pequenos grampos cravejados. Maeve recentemente conseguiu o papel de Lady Guinevere na próxima versão de *Rei Arthur* do clube de teatro, e exagerou um pouco ao entrar no papel. Porém, o vestido lhe cai muito bem. Eu estou mais conservadora num vestido de tecido Jacquard com decote em U e uma padronagem sutil de pontos pretos e brancos, que é justo na cintura e rodado acima dos joelhos.

— Um pouco — respondo, mas ela está meio distraída.

Os dedos de Maeve voam pelo telefone, provavelmente combinando mais um ensaio de fim de semana com o garoto que interpreta Lancelot em *Rei Arthur*, que ela insiste que é apenas um amigo. Claro.

Estou com o celular na mão, mandando mensagens com orientações para Kate, Yumiko e Addy. Cooper vai trazer Kris, mas os dois estão jantando com os pais dele primeiro, então, talvez se atrasem. Com os pais de Kris, quero dizer. O pai de Cooper está mudando lentamente de opinião, mas ainda não chegou a esse ponto. Yumiko manda uma mensagem *Devemos procurar por Evan?*, e nesse momento eu me lembro de que jamais o convidei.

Mas tudo bem. Não é nada demais. Saiu no jornal, e tenho certeza de que ele teria mencionado se tivesse visto e quisesse vir.

Nós estamos no Salão Copley, diante de uma plateia lotada. Quando é a minha vez de tocar, entro no enorme palco que apequena o piano no centro. A plateia está em silêncio, exceto por algumas tosses ocasionais, e meus saltos fazem um barulho alto no piso encerado. Ajeito o vestido embaixo de mim antes de me sentar no banco de ébano. Nunca me apresentei para tanta gente, mas não estou nervosa como pensei que estaria.

Eu flexiono os dedos e espero por um sinal dos bastidores. Quando começo, posso dizer logo de cara que será a melhor apresentação da minha vida. Todas as notas fluem, mas não é apenas isso. Quando atinjo o crescendo e as notas suaves a seguir, eu coloco todas as emoções dos últimos meses nas teclas embaixo dos dedos. Sinto cada nota como uma batida do coração. E sei que a plateia também o faz.

Altos aplausos ecoam pelo salão quando eu termino. Fico de pé e inclino a cabeça, absorvendo a aprovação do público até que o gerente de palco acena para mim e entro nas coxias. Nos bastidores, eu recolho as flores que meus pais deixaram para mim, e as abraço enquanto ouço os demais artistas.

Depois consigo conversar com meus amigos no saguão. Kate e Yumiko me dão um buquê menor, que se junta às flores que já estão nas mãos. Addy está sorrindo com as bochechas rosadas e usando um novo casaco da equipe de atletismo sobre um vestido preto; a atleta mais improvável do mundo. O cabelo que é quase igual ao corte *choppy bob* da irmã, a não ser pela cor. Ela decidiu usá-lo completamente púrpura, e caiu bem.

— Aquilo foi tão bom! — elogia Addy alegremente ao me puxar para um abraço. — Eles deviam ter te deixado tocar *todas* as canções.

Para minha surpresa, Ashton e Eli surgem atrás dela. A irmã de Addy mencionou que estaria ali, mas não pensei que Eli fosse sair do escritório tão cedo. Acho que eu já deveria saber. Os dois são oficialmente um casal agora, e Eli dá algum jeito de encontrar tempo para o que quer que Ashton queira fazer. Ele fica com aquele sorriso bobo de sempre quando estão juntos, e duvido de que Eli tenha ouvido uma nota que eu toquei.

— Nada mal, Bronwyn — diz ele.

— Filmei você — avisa Cooper, brandindo o celular. — Eu te mando depois que fizer umas edições.

Kris, que está elegante vestindo um paletó esportivo e jeans escuros, revira os olhos.

— Cooper finalmente aprendeu a usar o iMovie e agora nada o detém. Acredite. Eu tentei.

Cooper abre um sorriso de quem não está arrependido, guarda o telefone e dá a mão a Kris. Addy não para de virar o pescoço para vasculhar o saguão lotado a ponto de eu ficar curiosa se ela trouxe um acompanhante.

— Esperando alguém? — pergunto.

— O quê? Não — responde ela ao fazer um gesto animado. — Só olhando as coisas. Que prédio lindo.

Addy tem o pior rosto inexpressivo do mundo. Eu acompanho o seu olhar, mas não vejo nenhum possível sujeito misterioso. Mas ela não parece desapontada.

As pessoas continuam me parando a fim de conversar, então, eu, Maeve e meus pais levamos meia hora para sair. Meu pai aperta os olhos para as estrelas cintilantes no céu.

— Eu tive que estacionar bem longe. É melhor vocês três não andarem até lá de salto alto. Esperem aqui que vou trazer o carro.

— Tudo bem — diz minha mãe, que dá um beijo na bochecha dele.

Eu seguro firme as flores e olho para todas as pessoas bem-vestidas ao nosso redor, rindo e murmurando enquanto saem aos borbotões para as calçadas. Uma fila de carros de luxo avança, e observo os veículos, mesmo que esteja cedo demais para meu pai estar entre eles. Um Lexus. Um Range Rover. Um Jaguar.

Uma moto.

Meu coração dispara quando as luzes se apagam e o piloto retira o capacete. Nate desce da moto, passa por um casal mais velho e avança na minha direção com os olhos fixos nos meus.

Eu não consigo respirar.

Maeve cutuca o braço da minha mãe.

— Melhor a gente se aproximar do estacionamento para o papai nos ver.

Meus olhos estão voltados para Nate, então, eu apenas ouço o longo suspiro da mamãe. Mas ela se afasta com Maeve, e as duas me deixam sozinha na calçada quando Nate chega.

— Ei.

Ele me encara com aqueles olhos cativantes, com cílios grandes e escuros, e o rancor corre pelas minhas veias. Eu não quero ver aqueles olhos idiotas, aquela boca idiota, e todas as partes daquele rosto idiota que me fez sofrer pelos últimos três meses. Eu tive uma noite, finalmente, onde pude me perder em algo além da minha patética vida amorosa. Agora ele a estragou.

Mas não vou lhe dar a satisfação de saber disso.

— Oi, Nate. — Fico surpresa com minha voz calma e neutra; é impossível imaginar como o coração quer fugir desesperadamente da caixa torácica. — Como vai você?

— Ok — responde ele, enquanto enfia as mãos nos bolsos.

Nate parece quase... envergonhado? É uma postura nova vindo dele.

— Meu pai voltou para a clínica de reabilitação — diz ele. — Mas disseram que isso é uma coisa positiva, que ele está dando outra chance.

— Que ótimo. Espero que dê certo. — Não parece que estou sendo sincera, embora eu esteja. Quanto mais tempo ele fica ali, mais difícil é agir naturalmente. — Como vai sua mãe?

— Bem. Trabalhando. Ela trouxe tudo do Oregon, então... acho que vai ficar por um tempo. Esse é o plano, de qualquer forma. — Nate passa a mão pelo cabelo e dispara outra olhadela com os olhos semicerrados para mim, o tipo de expressão que costumava tomar seu rosto antes de me beijar. — Eu vi seu solo. Eu estava errado, naquela noite na sua casa quando te ouvi pela primeira vez. *Esta*, hoje à noite, foi a melhor coisa que já ouvi na vida.

Eu aperto tanto os talos das flores que os espinhos das rosas me espetam.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você veio? Quero dizer... — Eu aponto a multidão com o queixo. — Esta não é a sua praia, né?

— Não — admite Nate. — Mas é importante para você, certo? Eu queria ver.

— Por quê? — repito.

Quero perguntar mais, porém não consigo. A garganta se fecha, e fico horrorizada quando os olhos ardem e se enchem. Eu me concentro na respiração, aperto os espinhos e forço a dor leve a me distrair. Ok. Pronto. Lágrimas contidas. Desastre impedido.

Nos segundos em que fiquei me controlando, Nate se aproximou. Eu não sei para onde olhar porque não há parte do corpo dele que não me desconcentre.

— Bronwyn. — Nate esfrega a nuca e engole em seco, e percebo que ele está tão nervoso quanto eu. — Fui um idiota. Ficar preso bagunçou a minha cabeça. Pensei que você ficaria melhor sem mim na sua vida, então, eu simplesmente... fiz com que isso acontecesse. Desculpe.

Eu baixo os olhos para os tênis de Nate, que parecem ser o ponto mais seguro. Não confio em mim para falar.

— O problema é que... nunca tive alguém de fato, sabe? Não estou dizendo isso para você sentir pena de mim. Só para tentar explicar. Eu não sei... não sabia... como essas coisas funcionam. Que não dá para fingir que não dá a mínima e acabou. — Nate troca de pés, o que eu noto já que meus olhos permanecem fixos no chão. — Eu venho falando com Addy sobre isso porque... — Ele ri um pouco. — Ela não

deixa o assunto em paz. Eu perguntei a Addy se ela achava que você ficaria furiosa se eu tentasse conversar com você, e ela disse que não isso não importava. Que eu te devia uma explicação de qualquer forma. Addy está certa. Como sempre.

Addy. Aquela intrometida. Não surpreende que ela tenha ficado procurando por alguém no salão.

Eu pigarreio para tentar desfazer o nó da garganta, mas não adianta. Tenho que superá-lo para falar.

— Você não era apenas meu namorado, Nate. Você era meu *amigo*. Ou eu achei que fosse. E aí você parou de falar comigo como se não fôssemos nada.

Eu tenho que morder com força o interior da bochecha para evitar as lágrimas novamente.

— Sei disso. Eu fui... meu Deus, nem consigo explicar, Bronwyn. Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, e isso me fez surtar. Achei que eu fosse te arruinar. Ou que você fosse me arruinar. É assim que as coisas rolam no lar dos Macauley. Mas você não é assim. — Ele solta um longo suspiro, e a voz fica mais baixa. — Você não é como qualquer outra pessoa. Eu sei disso desde que éramos crianças e simplesmente... fiz merda. Eu finalmente tive uma chance com você e fiz merda.

Nate espera um segundo para que eu diga algo, mas não consigo ainda.

— Desculpe — lamenta ele, trocando os pés novamente. — Eu não devia ter vindo. Joguei isso em cima de você assim, do nada. Eu não tinha a intenção de estragar sua grande noite.

A multidão está diminuindo, o ar da noite, esfriando. Meu pai vai chegar aqui em breve. Eu finalmente ergo os olhos, e a situação é tão enervante quanto achei que fosse.

— Você me magoou de verdade, Nate. Você não pode simplesmente chegar aqui de moto com... tudo isso — eu gesticulo em volta do rosto dele — e esperar que a situação entre nós fique bem. Não vai.

— Eu sei. — Os olhos de Nate procuram os meus. — Mas eu tinha esperanças... Quero dizer, o que você falou antes. Que éramos amigos. Eu queria te convidar... provavelmente é uma idiotice, depois de tudo isso, mas você sabe o Cinema Porter, em Clarendon? Aquele em que passa filmes antigos? Eles estão passando o segundo filme da série *Divergente* lá. Eu estava, hã, querendo saber se você gostaria de ir alguma hora.

Uma longa pausa. Meus pensamentos estão uma zona, mas tenho certeza de uma coisa — se eu disser não será motivado por orgulho e autopreservação. Não porque eu não queira.

— Como amigos?

— Como o que você quiser. Quero dizer, sim. Como amigos seria

ótimo.

— Você odeia esses filmes — digo para ele se lembrar.

— Odeio mesmo. — Nate soa arrependido, e eu quase começo a rir.

— Mas gosto mais de você. Estou sentindo muito a sua falta.

Eu franzo a testa para ele, que acrescenta rapidamente:

— Como amigo.

Nós nos encaramos por alguns segundos até o maxilar dele tremer.

— Ok. Como estou sendo sincero aqui, mais do que como amigo.

Mas entendo que não seja onde sua cabeça está. Ainda assim, eu gostaria de te levar para um filme merda e ficar de boqueira por algumas horas, se você permitir.

Minhas bochechas ardem, e os cantos da boca não param de tentar se virar para cima. Meu rosto oscila entre me trair e não me trair. Nate vê a expressão e se anima, mas, quando não digo nada, ele puxa a gola da camiseta e baixa a cabeça, como se já tivesse sido rejeitado.

— Bem, apenas pense a respeito, ok?

Eu respiro fundo. Ter levado um pé na bunda de Nate partiu meu coração, e a ideia de me abrir de novo para esse tipo de sofrimento é assustadora. Mas eu me arrisquei por Nate uma vez, quando disse o que sentia por ele. E novamente, quando o ajudei a sair da prisão. Nate vale pelo menos uma terceira vez.

— Se você admitir que *Insurgente* é um *tour de force* cinematográfico e que no fundo está doido para assistir, eu considerarei sua proposta.

Nate ergue o rosto de supetão e me dá um sorriso, como se o sol tivesse surgido.

— *Insurgente* é um *tour de force* cinematográfico, e eu estou doido para assistir.

A felicidade começa a borbulhar em mim, o que dificulta sustentar uma expressão séria. Porém, consigo manter a pose porque não vou facilitar *tanto assim* a situação para ele. Nate vai ver a série inteira antes de sairmos da *friendzone*.

— Essa foi rápida — digo. — Eu esperava mais resistência.

— Já desperdicei tempo demais.

Concordo com um leve aceno de cabeça.

— Tudo bem, então. Eu te ligo.

O sorriso de Nate some um pouco.

— Mas a gente nunca trocou números, não foi?

— Ainda tem o seu celular descartável? — pergunto.

O meu está carregando no closet há três meses. Só por precaução.

O rosto de Nate fica feliz novamente.

— Sim, tenho.

O toque gentil porém insistente de uma buzina penetra no meu cérebro. O BMW do papai entra devagar diretamente atrás de nós, e a mamãe abaixa a janela do carona para espiar. Se eu tivesse que usar

uma palavra para descrever a expressão dela seria *resignada*.

— A minha carona chegou — aviso a Nate.

Ele estica a mão para pegar a minha e aperta rapidamente antes de soltá-la, e, juro por Deus, fagulhas de verdade percorrem a minha pele.

— Obrigado por não me mandar pastar. Vou esperar você me ligar, ok? Quando estiver pronta.

— Ok.

Eu passo por Nate na direção do carro dos meus pais e sinto que ele se vira para me ver. Eu finalmente me permito sorrir, e agora que comecei, não consigo parar. Mas não tem problema. Eu vejo o reflexo de Nate na janela traseira, e ele também não consegue parar.

AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas me ajudaram no decorrer da jornada, da ideia à publicação, e eu serei eternamente grata a todas elas. Primeiro, um enorme agradecimento a Rosemary Stimola e Allison Remcheck, sem as quais este livro não existiria. Obrigada por me dar uma chance e pelos conselhos brilhantes e apoio constante.

Para Krista Marion, obrigada por ser uma editora incrível e pela compreensão profunda da minha história e dos meus personagens. Suas opiniões perspicazes e orientação fortaleceram este livro de maneiras que não julguei serem possíveis. A toda a equipe da Random House/Delacorte Press, estou honrada por fazer parte de seus autores.

Escritores melhoram muito quando fazem parte de uma comunidade. Para Erin Hahn, meu primeiro parceiro crítico, obrigada por ser um crítico honesto, um torcedor incansável e um bom amigo. Obrigada a Jen Fulmer, Meredith Ireland, Lana Kondryuk, Kathrine Zahm, Amelinda Berube e Ann Marjory K pela leitura cuidadosa e sábias dicas. Todas vocês melhoraram este livro.

Obrigada, Amy Capelin, Alex Webb, Bastian Schlueck e Kathrin Nehm por levarem *Um de nós está mentindo* para o público do mundo todo.

Obrigada à minha irmã, Lynne, em cuja mesa da cozinha eu me sentei e anunciei: “Finalmente vou escrever um livro.” Você leu todas as palavras que escrevi desde então, e acreditou em mim quando tudo isso parecia um sonho impossível. Obrigada, Luis Fernando, Gabriela, Carolina e Erik pelo amor e apoio, e por aturar meu laptop nos encontros de família. Obrigada, Jay e April, vocês fazem parte de todas as histórias de irmãos que escrevo, e Julie por sempre querer saber como andava o livro.

Uma gratidão imensa aos meus pais por transmitirem a mim esse amor pela leitura e a disciplina exigida pela escrita. E para a minha professora do segundo ano do fundamental, Karen Hermann Pugh, já falecida, que foi a primeira pessoa a me chamar de contadora de histórias. Eu gostaria de poder ter lhe agradecido pessoalmente.

Todo o amor do mundo para Jack, meu filho tão gentil, inteligente e engraçado. Estou sempre orgulhosa de você.

E, finalmente, aos meus leitores — obrigada do fundo do coração por terem escolhido passar algum tempo com este livro. Eu não poderia estar mais feliz de compartilhá-lo com vocês.

NÚMERO UM DO
NEW YORK TIMES

UM DE NÓS É O PRÓXIMO

KAREN M. McMANUS



Karen McManus

UM DE NÓS É O PRÓXIMO

Tradução de
Ana Lima

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2021

McManus, Karen

M429d

Um de nós é o próximo [recurso eletrônico] / Karen McManus ; tradução Ana Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2020.

recurso digital

Tradução de: One of us is next

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-215-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Ana. II. Título.

20-68399

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Título original norte-americano:

One of us is next

Copyright © 2020 by Karen McManus

Leitura sensível: Lorena Ribeiro

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5587-215-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para mamãe e papai

+		Editar
Favoritos		
Maeve Rojas		
Caloura no Colégio Bayview, irmã de Bronwyn		
Knox Myers		
Calouro no Colégio Bayview, Até que Provem		
Phoebe Lawton		
Caloura no Colégio Bayview, Café Contigo		
Bronwyn Rojas		
Uma das integrantes originais do Quarteto de Bayview, irmã de Maeve		
Maie Macauley		
Um dos integrantes originais do Quarteto de Bayview		
Addy Prentiss		
Uma das integrantes originais do Quarteto de Bayview, Café Contigo		
Cooper Clay		
Um dos integrantes originais do Quarteto de Bayview		
Lois Santos		
O melhor amigo de Cooper, Café Contigo		
Emma Lawton		
Formanda no Colégio Bayview, irmã de Phoebe		
Owen Lawton		
Irmão de Phoebe		
Ashton Prentiss		
Irmã de Addy		
Kersten Myers		
Irmã de Knox		
Eli Kleinfelter		
Advogado, Até que Provem		
Jules Crandall		
Calouro do Colégio Bayview, melhor amigo de Phoebe		
Brandon Weber		
Calouro do Colégio Bayview, quarterback		
Sam Murdock		
Calouro do Colégio Bayview, jogador de beisebol		

SUMÁRIO

Parte Um

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

Parte Dois

- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Agradecimientos

PARTE UM

Sexta-feira, 6 de março

REPÓRTER: (parada no extremo de uma rua sinuosa, com um grande prédio branco de estuque atrás dela): Bom dia. Eu sou Liz Rosen, para o noticiário do Channel 7 ao vivo do Colégio Bayview, cujos alunos se recuperam da perda, ocorrida ontem, de um de seus colegas. É a segunda morte trágica de um adolescente nesta cidadezinha nos últimos 18 meses, e o clima fora da escola é de choque e *déjà-vu*.

(corte para duas meninas, uma chorando, a outra sem expressão)

GAROTA CHORANDO: É só que... é muito triste. Tipo, às vezes parece que Bayview está amaldiçoado, sabe? Primeiro Simon, agora isso.

GAROTA INDIFERENTE: Isso não se parece nem um pouco com o que aconteceu com Simon.

REPÓRTER: (inclinando o microfone na direção da garota chorando): Você e o estudante que morreu eram próximos?

GAROTA CHORANDO: Tipo, próximos *próximos* não. Acho que nem um pouco próximos. Quero dizer, eu sou só uma caloura.

REPÓRTER: (se virando para a outra garota): E você?

GAROTA INDIFERENTE: Acho que não deveríamos estar falando com você.

Dez semanas atrás

Reddit, subfórum A Vingança É Minha

Fio iniciado por Bayview2020

Oi. Esse é o grupo em que Simon Kelleher costumava postar? — Bayview2020

Olá. O próprio. — Darkestmind

Por que você mudou? E por que quase não tem postagem? — Bayview2020

Muitos exneridos e jornalistas no site antigo.

E adotamos novas medidas de segurança. Uma lição aprendida com o nosso amigo Simon. Que eu imagino que você conheça, considerando seu nome de usuário? — Darkestmind

Todo mundo conhece Simon. Aliás. Conhecia.

Mas não é como se fôssemos amigos. — Bayview2020

Certo. Então o que veio fazer aqui? — Darkestmind

Eu não sei. Encontrei o fórum por acaso. — Bayview2020

Mentira. Esse fórum é dedicado à vingança e não é fácil de encontrar.

Você está aqui por um motivo.

Qual é? Ou eu deveria perguntar *quem* é? — Darkestmind

Quem.

Uma pessoa fez algo horrível.

Acabou com a minha vida e com a de tantos outros.

E, ainda assim, NADA aconteceu com ela.

E não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

— Bayview2020

Sei como é.

Nós temos muito em comum.

É uma merda quando quem destruiu sua vida pode seguir livremente por aí.

Como se o que fizessem não importasse. Só que preciso discordar de sua conclusão.

Sempre tem alguma coisa que você pode fazer.

— Darkestmind

CAPÍTULO 1

Maeve

Segunda-feira, 17 de fevereiro

Minha irmã me acha preguiçosa. Ela não diz isso na minha cara — na verdade, não diz nem por mensagem —, mas está bem óbvio.

Você viu a lista de faculdades que eu mandei?

O segundo semestre do primeiro ano não é cedo demais para começar a procurar. Na real, é meio tarde.

Nós podemos visitar alguns lugares quando eu estiver em casa para a despedida de solteira de Ashton, se você quiser.

Você deveria tentar um lugar totalmente fora da sua zona de conforto também.

Que tal a Universidade do Havaí?

Eu desvio os olhos das mensagens piscando no meu celular para encontrar o olhar questionador de Knox Myers.

— Bronwyn acha que eu deveria estudar na Universidade do Havaí — informo, e ele quase se engasga com a empanada que está mastigando.

— Ela sabe que fica em uma ilha, né? — pergunta ele, alcançando um copo de água gelada e bebendo metade dele num só gole. As empanadas do Café Contigo são lendárias em Bayview, mas também difíceis de comer se você não está acostumado com comida apimentada. Knox, que se mudou para cá do Kansas durante o ensino fundamental e ainda considera uma sopa à base de cogumelos sua

comida favorita, definitivamente não se acostumou com comida apimentada. — Bronwyn já se esqueceu de que você é veementemente contra a praia?

— Não sou contra a praia — protesto. — Só não sou a favor da areia. Ou de muito sol. Ou ondas fortes. Ou criaturas submarinas. — A cada frase as sobancelhas de Knox se levantam mais e mais. — Veja bem, foi você quem me fez assistir a *Monsters of the Deep* — lembro a ele. — A minha talassofobia é, em grande parte, culpa sua. Knox foi meu primeiro namorado, e isso aconteceu durante o verão passado. Os dois inexperientes demais para perceber que não estávamos realmente atraídos um pelo outro. Passamos a maior parte do nosso relacionamento assistindo ao Science Channel, o que deveria ter rapidamente indicado que a gente funcionava melhor sendo amigos.

— Você me convenceu — diz Knox, secamente. — É a faculdade para você. Mal posso esperar para ler sua, sem nenhuma dúvida, sincera carta de apresentação quando chegar o prazo. — Ele se inclina para a frente e eleva o tom de voz para enfatizar. — No ano que vem.

Dou um suspiro, batendo os dedos na mesa brilhante de azulejos. O Café Contigo é uma cafeteria argentina com paredes azul-escuras e telhado de zinco, e o ar é uma mistura de fragrâncias doces e salgadas. Fica a menos de dois quilômetros da minha casa e se tornou meu lugar preferido para fazer trabalhos da escola desde que Bronwyn foi para Yale e meu quarto, de repente, ficou quieto demais. Gosto do alvoroço amistoso do café e do fato de ninguém se importar se peço apenas um café durante as três horas que fico aqui.

— Bronwyn acha que estou atrasada — digo a Knox.

— Sim, bem, Bronwyn tinha a inscrição para Yale pronta praticamente desde a educação infantil, né? — ele retruca. — Temos tempo suficiente. — Knox é, assim como eu, um calouro de 17 anos do Colégio Bayview, mais velho do que a maioria dos nossos colegas de turma. No caso dele, porque era baixinho para a idade que tinha no jardim de infância e os pais o fizeram repetir. No meu caso, porque precisei frequentar muitos hospitais durante metade de minha infância devido à leucemia.

— Suponho que sim. — Eu me estico para pegar o prato vazio de Knox a fim de colocá-lo em cima do meu, mas, em vez disso, derrubo o saleiro, espalhando sal pela mesa. Quase sem pensar, eu pego uma pitada de sal entre os dois dedos e jogo por cima do ombro. Para afastar a má sorte, conforme Ita me ensinou. Minha avó tem dezenas de superstições: algumas vêm da Colômbia e outras ela incorporou depois de morar nos Estados Unidos por 30 anos. Eu costumava seguir todas elas quando era pequena, principalmente quando ficava doente. Se eu usar a pulseira de contas que Ita me deu, esse exame não vai doer. *Se eu evitar pisar em todas as falhas do chão, a minha contagem de*

celulas brancas estará normal. Se eu comer 12 uvas à meia-noite, na noite de Ano-Novo, não vou morrer este ano.

— De todo modo, não é o fim do mundo se você não for para a faculdade esse ano — diz Knox. Ele se larga na cadeira, afastando um tufo de cabelo castanho da testa. Knox é tão magro e ossudo que mesmo depois de se entupir com todas as suas empanadas e metade das minhas ele ainda parece estar faminto. Toda vez que ele está na minha casa, meu pai ou minha mãe, ou os dois, tentam alimentá-lo. — Muita gente não vai. — Seu olhar ronda a lanchonete até parar em Addy Prentiss empurrando as portas da cozinha com uma bandeja equilibrada numa das mãos.

Observo Addy atravessar o Café Contigo, deixando os pratos de comida nas mesas com prática e facilidade. Ao longo do feriado de Ação de Graças, quando o programa de crimes reais *Mikhail Powers Investiga* exibiu sua reportagem especial “O Quarteto de Bayview — Onde eles estão agora?”, Addy concordou pela primeira vez em conceder uma entrevista. Provavelmente porque percebeu que os produtores estavam armando para apresentá-la como a indolente do grupo — minha irmã foi para Yale; Cooper tinha uma impressionante bolsa na Cal State, ou Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton; e até mesmo Nate estava frequentando algumas aulas na universidade pública — e Addy não deixaria isso acontecer. Adelaide Prentiss não seria identificada numa matéria com a chamada “O auge da ex-rainha da beleza foi no ensino médio”.

— Se você sabe o que quer fazer quando se formar, ótimo — tinha dito ela, em cima de um banco do Café Contigo com o cardápio do dia escrito a giz no quadro atrás dela. — Se não sabe, por que pagar uma fortuna por um diploma que talvez nunca seja usado? Não há nada de errado em não ter sua vida inteira traçada quando se tem 18 anos.

Ou dezessete. Olho para o meu celular com cautela, esperando por mais uma enxurrada de mensagens de Bronwyn. Eu amo a minha irmã, mas seu perfeccionismo é algo difícil de acompanhar.

Os clientes da noite estão começando a chegar, ocupando as últimas mesas quando alguém liga todas as televisões suspensas no jogo de beisebol de abertura da Cal State Fullerton. Addy para quando sua bandeja está praticamente vazia e dá uma conferida no local, sorrindo quando encontra meu olhar. Ela vem até nossa mesa no canto e põe um pequeno prato de alfajores entre mim e Knox. Os sanduíches de cookie com doce de leite são uma especialidade do Café Contigo e a única coisa que Addy aprendeu a fazer ao longo dos nove meses em que trabalha aqui.

Tanto eu quanto Knox nos esticamos para pegá-los.

— Querem mais alguma coisa, pessoal? — pergunta Addy, pondo uma mecha do cabelo prata e cor-de-rosa atrás da orelha. Ela

experimentou algumas cores diferentes durante o ano anterior, mas nada que não fosse cor-de-rosa ou roxo por muito tempo. — Se quiserem, deveriam fazer o pedido agora. Todos vão parar um pouco assim que Cooper começar a arremessar... — Ela dá uma olhada no relógio na parede. — Em cinco minutos, mais ou menos.

Eu balanço a cabeça quando Knox se levanta, limpando as migalhas da frente do seu moletom cinza favorito.

— Estou bem, mas preciso ir ao banheiro — diz ele. — Você pode guardar meu lugar, Maeve?

— Com certeza — digo, colocando minha bolsa sobre a cadeira dele.

Addy gira o corpo de leve e quase deixa a bandeja cair.

— Ai, meu Deus! Olha ele ali!

Todas as TVs do restaurante se enchem com a mesma imagem: Cooper Clay indo até o montinho para se aquecer antes do seu primeiro jogo de beisebol. Eu encontrei Cooper no Natal, não faz nem dois meses, mas ele parece maior do que eu me lembro. Lindo e com o queixo quadrado de sempre, além de um brilho determinado nos olhos que eu nunca vi antes. Mas também, até este exato momento, eu só tinha visto Cooper arremessar de longe.

Não consigo ouvir os anunciantes por causa do falatório na lanchonete, mas posso adivinhar o que estão dizendo: a estreia de Cooper é o assunto do momento no beisebol universitário, algo grande o bastante para que um programa local de esportes de um canal a cabo cubra o jogo inteiro. Parte da comoção se deve à persistente notoriedade do Quarteto de Bayview e ao fato de Cooper ser um dos poucos jogadores de beisebol a assumir a homossexualidade, mas também porque ele foi muito bem nos treinos de primavera. Analistas de esporte estão apostando se ele vai pular para o time dos veteranos antes de sequer terminar a primeira temporada na faculdade.

— Nossa estrela finalmente vai se encontrar com seu destino — diz Addy, carinhosamente, enquanto Cooper ajeita o boné na tela. — Preciso verificar minhas mesas uma última vez, mas já me junto a vocês. — Ela começa a se mover pelo restaurante com a bandeja debaixo do braço e o bloco de pedidos na mão, mas a atenção do salão já se voltou da comida para o jogo.

Meus olhos se demoram na televisão ainda que a imagem tenha mudado de Cooper para uma entrevista com o técnico do outro time. *Se Cooper vencer, esse ano vai terminar bem.* Tento afastar o pensamento assim que ele se forma, porque não serei capaz de curtir o jogo se transformá-lo em mais uma aposta contra o destino.

Uma cadeira é arrastada ruidosamente ao meu lado e uma jaqueta de couro preta familiar roça no meu braço.

— E aí, Maeve? — Nate Macauley pergunta, sentando-se na

cadeira. Seus olhos perambulam pela mesa repleta de sódio. — Ops. Massacre salino. Estamos condenados, não estamos?

— Ha e ha — digo, mas meus lábios retorcem. Nate é como um irmão mais velho para mim desde que ele e Bronwyn começaram a namorar, quase um ano atrás, então suponho que a provocação venha no pacote. Mesmo agora, que eles estão dando “um tempo” pela terceira vez desde que Bronwyn foi para a faculdade. Depois de passar o último verão se remoendo, considerando se um relacionamento à distância de mais de quatro mil quilômetros poderia funcionar, minha irmã e o namorado se ajeitaram num padrão — sendo inseparáveis, discutindo, terminando e voltando — que parece funcionar para ambos.

Nate sorri e caímos num confortável silêncio. É fácil sair com ele, Addy e os outros amigos de Bronwyn. *Nossos amigos*, ela sempre diz, mas não é exatamente verdade. Eles eram amigos dela primeiro e não seriam meus se não fosse por ela.

Meu telefone toca como se pegasse a deixa e eu baixo o olhar para ler outra mensagem de Bronwyn. *O jogo começou?*

Em breve, digito. Cooper está aquecendo.

Queria que fosse transmitido pela ESPN para eu poder assistir!!! O canal Pacific Coast Sports infelizmente não pega em New Haven, Connecticut. Nem em nenhum lugar num raio maior que três horas de San Diego. E eles não transmitem on-line também.

Estou gravando para você, lembro a ela.

Eu sei, mas não é a mesma coisa.

Desculpa :(

Engulo meu último alfajor, vendo que Bronwyn está digitando por tanto tempo que já sei o que vem em seguida. Bronwyn é uma digitadora muito veloz. Ela nunca hesita, a não ser que esteja prestes a dizer algo que acha que não deveria, e no momento há apenas um tópico na lista que ela impôs a si mesma sobre O Que Não Falar.

E obviamente é: *Nate está aí?*

Minha irmã pode não morar mais a um quarto de distância de mim, mas isso não significa que eu não possa lhe dar algum trabalho. *Quem?*, digito em resposta, e depois olho para Nate.

— Bronwyn está dando oi — digo.

Seus olhos azul-escuros brilham, mas a expressão dele se mantém impassível.

— Diga oi de volta.

Acho que eu entendo. Independentemente do quanto você goste de alguém, as coisas mudam quando essa pessoa que costumava estar por perto o tempo todo, de repente, não está mais. Entretanto, Nate e eu não temos o costume de conversar sobre o que estamos sentindo — nenhum de nós faz isso com ninguém além de Bronwyn, na verdade

—, então eu só faço uma careta para ele.

— Reprimir não é saudável, você sabe.

Antes de Nate conseguir responder, há uma repentina agitação ao nosso redor: Knox está de volta, Addy puxa uma cadeira até a mesa em que estamos e um prato de tortillas de milho cobertas por carne, queijo derretido e chimichurri — a versão do Café Contigo para nachos — se materializa na minha frente.

Eu olho na direção de onde o prato veio para encontrar um par de intensos olhos castanho-escuros.

— O lanchinho do jogo — diz Luis Santos, transferindo para o ombro a toalha que usou para segurar o prato. Luis é o melhor amigo de Cooper do Colégio Bayview. Até o ano anterior, quando os dois se formaram, ele era o receptor para as bolas que Cooper arremessava no campo de beisebol. Os pais de Luis são os donos do Café Contigo e, enquanto está estudando na universidade pública, ele trabalha aqui meio expediente. Desde que fiz dessa mesa de canto a minha segunda casa, eu vejo Luis mais vezes do que via quando frequentávamos a mesma escola.

Knox avança nos nachos como se não tivesse acabado de comer duas empanadas e um prato de alfajores cinco minutos atrás.

— Cuidado, tá muito quente — alerta Luis, se abaixando na cadeira à minha frente. E eu imediatamente penso *É, está mesmo*, porque tenho um fraco constrangedor por atletas bonitinhos que despertam a Maeve de 12 anos que habita em mim. É de se pensar que eu teria aprendido depois que meu interesse não correspondido em um jogador de basquete me rendeu um post humilhante no blog de fofoca de Simon Kelleher, Falando Nisso, no primeiro ano. Mas não.

Não estou exatamente com fome, mas pego um nacho da pilha mesmo assim.

— Obrigada, Luis — digo, chupando o sal de uma das pontas.

Nate ri com desdém.

— O que você estava dizendo sobre repressão mesmo, Maeve?

Meu rosto fica vermelho e eu não consigo pensar em uma resposta melhor para dar a ele além de enfiar o nacho inteiro na boca e mastigá-lo agressivamente. Às vezes eu não sei o que minha irmã vê nele.

Merda. Minha irmã. Olho meu celular já sentindo uma fígada de culpa quando noto as carinhas tristes que Bronwyn mandou. *Tô brincando. Nate parece bem triste*, garanto a ela. Ele não parece triste, até porque ninguém usa tão bem a máscara “tô-nem-aí” quanto Nate Macauley, mas tenho certeza de que ele está triste, sim.

Phoebe Lawton, outra garçonzete do Café Contigo e caloura no colégio, entrega copos de água antes de se sentar na extremidade da mesa assim que a rebatida do time oposto passeia pelo campo de

beisebol. A câmera foca no rosto de Cooper, que levanta a luva e estreita os olhos.

— Vamos lá, Coop — murmura Luis, a mão esquerda se curvando instintivamente como se estivesse dentro da luva de couro. — Jogue!

Em duas horas o café está tomado por uma agitação animada, depois do desempenho praticamente irretocável de Cooper: oito arremessos válidos, um walk, uma rebatida e nenhuma corrida durante sete entradas. Os Cal State Fullerton Titans estão ganhando por três pontos, mas ninguém em Bayview se importa muito agora que um lançador reserva assumiu o lugar de Cooper.

— Estou tão feliz por ele — comemora Addy. — Ele merece tanto depois de... você sabe. — O sorriso dela vacila. — Depois de tudo.

Tudo. É uma palavra pequena demais para definir o que aconteceu quando Simon Kelleher decidiu encenar a própria morte, há quase 18 meses, enquadrando minha irmã, Cooper e Addy como responsáveis. O especial de Ação de Graças do *Mikhail Powers Investiga* refez tudo em detalhes excruciantes, da armação de Simon para manter todos juntos na detenção aos segredos que ele deu um jeito de vaziar no Falando Nisso para fazer parecer que os outros quatro tinham razões para querê-lo morto.

Eu vi o especial com Bronwyn enquanto ela estava em casa no feriado. O programa me levou imediatamente de volta ao ano anterior, quando a história se tornou uma obsessão nacional e vans de noticiários lotavam nossa calçada todos os dias. O país inteiro ficou sabendo que Bronwyn havia roubado provas para tirar 10 em química, que Nate tinha vendido drogas enquanto estava em liberdade condicional por *vender drogas* e que Addy traía o namorado, Jake — que veio a ser um boy lixo controlador tão horrível que concordou em ser cúmplice de Simon. E Cooper foi falsamente acusado de usar anabolizantes e arrancado do armário antes de estar pronto para se assumir para sua família e seus amigos.

Tudo isso foi um pesadelo, mas não um pesadelo tão ruim quanto ser suspeito de um assassinato.

A investigação se desenrolou mais ou menos como Simon havia previsto — exceto pela parte em que Bronwyn, Cooper, Addy e Nate se uniram em vez de se voltarem uns contra os outros. É difícil imaginar como seria essa noite se eles tivessem feito isso. Duvido que Cooper pontuaria em praticamente todos os arremessos do seu primeiro jogo na universidade, ou que Bronwyn entraria em Yale. Nate provavelmente estaria preso. E Addy... Não gosto de pensar onde Addy poderia estar. Principalmente porque receio que ela não estaria

mais aqui.

Sinto um calafrio e chamo a atenção de Luis. Ele levanta seu copo, com o olhar determinado de quem não vai deixar que o triunfo de seu melhor amigo fique amargo.

— Bom, então um brinde ao carma. E a Coop, por arrasar em seu primeiro jogo universitário.

— A Cooper — todos repetem.

— Temos que planejar uma viagem de carro para vê-lo! — Addy exclama. Ela toca o braço de Nate por cima da mesa e dá uma cutucada quando ele começa a olhar ao redor do café como se estivesse calculando em quanto tempo pode ir embora. — Isso inclui você. Não tente escapar.

— O time de beisebol inteiro vai querer ir — diz Luis. Nate sorri de um jeito resignado, porque Addy é uma força da natureza quando está determinada a fazê-lo socializar.

Phoebe, que se aproximou de mim e de Knox enquanto o jogo rolava e as pessoas iam embora, se serve de um dos copos de água da mesa.

— Bayview é tão diferente sem Simon, mas também... não é. Entendem? — murmura ela, tão baixinho que somente eu e Knox ouvimos. — Não é como se as pessoas tivessem ficado mais legais depois que o choque passou. Só não temos mais o Falando Nisso para acompanhar quem está sendo horrível uma semana após a outra.

— Não por falta de esforço — murmura Knox.

Criaram um monte de blogs copiando o Falando Nisso depois que Simon morreu. A maior parte fracassou em dias, embora um site, o Simon Manda, tenha ficado no ar por quase um mês no último outono, até que a escola resolveu se envolver e derrubá-lo. Mas ninguém levou o site a sério, porque seu criador — um daqueles alunos quietinhos que quase ninguém conhece — não postou uma só fofoca que já não fosse do conhecimento de todos.

Esse era o lance com Simon Kelleher: ele sabia de segredos que a maioria nem chegaria a imaginar. Ele era paciente, estava disposto a descobrir o que fosse possível em termos de drama e dor em qualquer situação. E era bom em esconder o quanto detestava todo mundo no Colégio Bayview; o único lugar em que extravasava era no fórum de vingança que encontrei enquanto procurava por pistas que explicassem sua morte. Ler os posts que Simon fazia naquela época me deixou enojada. Ainda me provoca arrepios às vezes, pensar em como qualquer um de nós entendia tão pouco sobre o que significava ir contra uma mente como a de Simon.

As coisas poderiam ter sido muito diferentes.

— Ei — Knox me chama de volta ao presente, e eu pisco até seu rosto entrar em foco. Ainda somos só nós três presos a nossa conversa

paralela; não acho que os formandos do ano anterior se permitam pensar em Simon por muito tempo. — Por que está tão séria? O passado ficou para trás, certo?

— Certo — concordo, e me viro quando um gemido alto vem da multidão no Café Contigo. Levo um minuto para entender o que está acontecendo e, quando entendo, meu coração aperta: o reserva de Cooper deixou corredores ocuparem todas as bases na nona entrada, saiu, e o novo arremessador entregou um grand slam. Do nada, a vantagem do Cal State sumiu, uma corrida perdida. O outro time avança no rebatedor em campo, pulando em cima dele até caírem num animado amontoado. Apesar de ter arremessado como num sonho, Cooper não teve sua vitória.

— Nãooooo — resmunga Luis, enfiando o rosto nas mãos. Ele soa como se estivesse sentindo dor de verdade. — Mas que merda.

Phoebe estremece.

— Que azar. Mas não foi culpa de Cooper.

Meus olhos procuram pela única pessoa na mesa com quem posso contar numa reação sem filtro: Nate. Ele olha da minha expressão tensa para o sal ainda espalhado pela mesa e balança a cabeça, como se soubesse da aposta supersticiosa que fiz comigo mesma. Consigo ler seu gesto como se ele estivesse falando: *Não quer dizer nada, Maeve, é só um jogo.*

Tenho certeza de que ele tem razão. Mas ainda assim. Eu gostaria que Cooper tivesse ganhado.

CAPÍTULO 2

Phoebe

Terça-feira, 18 de fevereiro

A parte lógica do meu cérebro sabe que minha mãe não está brincando de boneca. Mas é cedo, estou cansada e ainda sem as minhas lentes de contato. Então, em vez de gritar mais alto que ela, eu me inclino sobre a bancada da cozinha e pergunto:

— O que são essas bonecas?

— São para o topo de um bolo de casamento — diz minha mãe, puxando uma delas da mão do meu irmão de 12 anos, Owen, e me entregando. Olho e vejo uma noiva de vestido branco, com as pernas entrelaçadas na cintura do noivo. Um artista subestimado deu um jeito de deixar cheias de desejo as carinhas de plástico dos dois.

— Elegante — digo. Eu deveria ter adivinhado que tinha alguma relação com casamento. Na semana anterior, a bancada da cozinha estava coberta por artigos de papelaria e antes disso havia arranjos artesanais florais para os centros das mesas.

— Essa é a única assim — diz ela, na defensiva. — Suponho que todos os gostos devem ser considerados. Você poderia pôr na caixa? — Ela projeta o queixo na direção de uma caixa de papelão com bolinhas de espuma até a metade. Jogo o casal feliz lá dentro e pego um copo de vidro do armário que fica ao lado da nossa pia, enchendo-o com água da torneira para esvaziar seu conteúdo em dois goles longos e ávidos.

— Enfeites de bolo, é? — pergunto. — As pessoas ainda usam isso?

— São só amostras da Golden Rings — diz mamãe.

Desde que ela se uniu a um grupo de cerimonialistas, caixas cheias desse tipo de coisa surgem em nosso apartamento a cada duas semanas. Minha mãe tira fotos, toma nota do que gostou e em seguida empacota de novo e envia para a próxima cerimonialista do grupo.

— Alguns são até fofos. — Ela segura um casal de noivos dançando valsa. — O que acha desse?

Tem uma caixa de waffles Eggo aberta em cima da bancada. Eu pego os dois últimos e ponho na torradeira.

— Eu acho que pessoas de plástico em cima do bolo de casamento de Ashton e Eli não faz muito o estilo dos dois. Eles não estão tentando deixar tudo bem simples?

— Às vezes você não sabe o que quer até encontrar — diz mamãe, animada. — Parte do meu trabalho é abrir os olhos deles para o que existe por aí.

Pobre Ashton. A irmã mais velha de Addy tem sido a vizinha dos sonhos desde que nos mudamos para o apartamento em frente ao delas no último verão — ela nos deu indicações de delivery, nos mostrou quais máquinas de lavar não comem as nossas moedas e nos deu ingressos para espetáculos que ganha onde trabalha, o California Center for the Arts. Ela não tinha ideia de onde estava se metendo quando concordou em ajudar mamãe em seu negócio de organização de casamentos, coordenando alguns “detalhes” de seu casamento com Eli Kleinfelter, que acontecerá em breve.

Minha mãe errou a mão um bocadinho. Ela quer causar uma boa impressão, já que Eli é tipo uma celebridade local. Ele é o advogado que defendeu Nate Macauley quando Nate foi acusado de matar Simon Kelleher, e agora ele está sempre sendo entrevistado a respeito de um ou outro caso importante. A imprensa adora o fato de que ele está prestes a se casar com a irmã de uma integrante do Quarteto de Bayview, então noticiam o casamento dele com alguma frequência. Isso significa mídia espontânea para mamãe, incluindo uma menção no jornal *Tribuna de San Diego* e um perfil elaborado na edição de dezembro do *Bayview Blade*, que virou um jornaleco de fofocas desde a cobertura da morte de Simon, então é óbvio que escolheram a abordagem mais dramática possível: “Depois de uma arrebatadora perda, viúva de Bayview começa um negócio com base na alegria”.

Nós poderíamos ter ficado sem esse *lembrete*.

Ainda assim, mamãe pôs muito mais energia nesse casamento do que em qualquer outra coisa que fez nos últimos anos, então eu deveria ser grata pela infinita paciência de Ashton e Eli.

— Seus waffles estão queimando — diz Owen placidamente, enfiando na boca os quadradinhos ensopados de xarope de bordo.

— Merda! — Eu puxo meus waffles com um gemido de dor quando meus dedos roçam o metal quente. — Mãe, podemos comprar uma torradeira nova, por favor? Essa não serve mais para nada. Vai de zero a queimando em 30 segundos.

As sobancelhas da minha mãe ficam unidas e ela ganha o ar preocupado de sempre que falamos em gastar dinheiro.

— Eu percebi isso. Mas primeiro devemos tentar limpá-la antes de trocar. Deve ter uns dez anos de migalhas de pão aí dentro.

— Eu faço isso — Owen se oferece, ajustando os óculos no nariz. — E se não funcionar, eu vou abri-la. Aposto que posso consertar isso.

Sorrio para ele, distraída.

— Não tenho dúvidas, craniozinho. Eu deveria ter pensado primeiro nisso.

— Eu não quero você brincando com nada que seja elétrico, Owen — retruca minha mãe.

Ele parece ficar ofendido.

— Eu não estaria *brincando*.

Ouvimos o clique de uma porta se abrindo quando nossa irmã mais velha, Emma, sai do quarto em direção à cozinha. Essa é uma coisa que eu nunca vou me acostumar em relação a um apartamento: como estar num único andar faz com que seja possível saber onde todos estão o tempo inteiro. Não tem onde se esconder. Que saudade da nossa antiga casa, onde não só cada um tinha seu quarto como havia uma sala de estar, um escritório que eventualmente virava a sala de jogos de Owen e a sala de trabalho do papai no porão.

Também tínhamos meu pai.

Minha garganta fecha enquanto os olhos de Emma percorrem as pilhas de bonecas de plástico com vestido na bancada da cozinha.

— Ainda tem gente que usa enfeite de bolo?

— Sua irmã perguntou exatamente a mesma coisa — diz mamãe. Ela faz isso o tempo todo: aponta semelhanças entre mim e Emma, como se ter ciência disso fosse capaz de nos deixar unidas como fomos quando pequenas.

Emma solta um murmúrio e eu fico concentrada no meu waffle conforme ela se aproxima.

— Pode se afastar? — pede com educação. — Preciso do liquidificador.

Eu chego para o lado e Owen pega um enfeite de bolo com uma noiva de cabelos ruivos.

— Essa se parece com você, Emma — diz ele.

Nós da família Lawton somos todos ruivos de algum modo — o cabelo de Emma é ruivo escuro, o meu é acobreado e o de Owen é louro-avermelhado —, mas nosso pai era quem realmente se destacava na multidão, seu cabelo era tão laranja que o apelido dele no ensino médio era Cheetos. Uma vez meu pai nos deixou na praça de alimentação do shopping de Bayview enquanto ia ao banheiro e, quando voltou, encontrou um casal mais velho sorrateiramente de olho na mamãe, com seu cabelo e pele escuros e suas três crianças clarinhas e ruivas. Papai surgiu ao lado da minha mãe, pondo o braço ao redor de seu ombro e dando um sorriso ao casal.

— Viu, *agora* nós fazemos sentido — disse ele.

E agora, três anos depois da morte dele? Não fazemos.

Se eu tivesse que sinalizar a parte do dia que Emma mais detesta... Eu estaria sob pressão, porque parece que Emma não gosta de muitas coisas ultimamente. Mas ter que buscar minha amiga Jules a caminho do colégio certamente está entre as três primeiras.

— Ai, meu Deus — diz Jules, ofegante, quando entra no banco de trás do nosso Corolla de 10 anos de idade, empurrando a mochila para longe. Eu me viro no assento e ela tira os óculos escuros para fixar um olhar mortal em mim. — Phoebe, eu não *suporto* você.

— O quê? Por quê? — pergunto, confusa. Eu me mexo no lugar para ajeitar a saia que sobe pelas minhas coxas. Depois de anos de tentativa e erro, eu finalmente descobri o tipo de roupa que cai bem no meu corpo: saia curta e esvoaçante, principalmente se tiver uma padronagem ousada; blusa de gola v ou decote cavado, de cor vibrante; e um tipo de bota de salto baixo.

— Cinto de segurança, por favor — pede Emma.

Jules prende o cinto, ainda me observando.

— Você sabe o porquê.

— Sinceramente não sei, não — reclamo. Emma se afasta do meio-fio da modesta casa de dois andares de Jules, que fica a apenas uma rua de onde costumávamos morar. Nosso antigo bairro nem de longe é o mais abastado de Bayview, mas ainda assim o jovem casal para quem mamãe vendeu a casa estava eufórico por comprar o primeiro imóvel aqui.

Os olhos verdes de Jules, em contraste com a pele marrom e o cabelo preto, se arregalam de forma dramática.

— Nate Macauley estava no Café Contigo ontem à noite e você não me mandou uma única mensagem!

— É, bem... — Eu aumento o som para que minha resposta se misture à última música de Taylor Swift.

Jules sempre teve uma quedinha por Nate — ela adora esse tipinho bad boy bonito —, mas nunca o considerou namorável até Bronwyn Rojas considerar. E agora ela vive como um abutre ao redor dele toda vez que Bronwyn e ele terminam o namoro. O que fez minha lealdade se dividir desde que comecei a trabalhar no Café Contigo e fiquei amiga de Addy, que, obviamente, veste a camisa do time de Bronwyn.

— E ele *nunca* sai — lamenta Jules. — Que boa oportunidade desperdiçada. Você vacilou com sua amiga, Phoebe Jeebies. Não foi legal. — Ela pega um tubo de gloss cor de vinho e se inclina para a frente para que possa se enxergar no retrovisor enquanto passa uma camada. — Como ele estava? Você acha que ele superou Bronwyn?

— Quer dizer, é difícil saber — respondo. — Ele não conversou muito com ninguém além de Maeve e Addy. Principalmente Addy.

Jules pressiona um lábio contra o outro, e uma leve expressão de pânico cruza seu rosto.

— Ai, meu Deus. Você acha que *eles* estão juntos agora?

— Não. Definitivamente não. São amigos. Nem todo mundo acha Nate irresistível, Jules.

Jules devolve o gloss labial para a bolsa e encosta a cabeça no vidro da janela com um suspiro.

— Fale por você. Ele é tão gostoso. Eu morro.

Emma para em um sinal vermelho e esfrega os olhos, em seguida alcançando o botão de volume do rádio.

— Preciso abaixar o som — diz ela. — Minha cabeça está explodindo.

— Você está ficando doente? — pergunto.

— Apenas cansada. Minha monitoria com Sean Murdock terminou muito tarde ontem.

— Surpresa nenhuma — murmuro. Se estiver procurando por sinais de vida inteligente na turma de calouros do Colégio Bayview, não é em Sean Murdock que você vai achar. Mas os pais do garoto têm dinheiro e vão despejá-lo em Emma com felicidade para que, talvez, a ética de trabalho ou notas da minha irmã passe para o filho deles, pelo menos um pouquinho.

— Eu deveria contratar você, Emma — diz Jules. — Nesse semestre, química vai ser um pesadelo se eu não tiver ajuda. Ou posso dar uma de Bronwyn Rojas e roubar o teste.

— Bronwyn inventou essa aula — lembro, e Jules chuta o encosto do meu banco.

— Não defenda Bronwyn — diz ela, emburrada. — Ela está destruindo minha vida amorosa.

— Se você estiver falando sério sobre a monitoria, tenho um horário vago nesse fim de semana — diz Emma.

— Química no *fim de semana*? — Jules parece escandalizada. — Não, obrigada.

— Então tá. — Minha irmã dá um suspiro breve, como se não estivesse esperando nada diferente disso. — Não era sério.

Emma é somente um ano mais velha do que eu e Jules, mas a maior parte do tempo ela parece ter mais a idade de Ashton Prentiss do que a nossa. Emma não age como uma garota de 17 anos. Ela parece ter vinte e poucos e fazer pós-graduação em vez de aulas avançadas no ensino médio. Mesmo agora, com todas as aplicações das faculdades entregues, apenas esperando o retorno, ela não consegue relaxar.

Seguimos em silêncio o restante do caminho até que, quando Emma entra no estacionamento, meu telefone toca. Olho e leio a mensagem.

Arquibancada?

Eu não deveria ir. Mas ao mesmo tempo em que meu cérebro me lembra de que já levei duas advertências por atraso esse mês, meus

dedos digitam *Ok*. Ponho o telefone no bolso e mantenho a porta do carro semiaberta antes mesmo de Emma acabar de estacionar. Ela levanta as sobrancelhas quando saio.

— Tenho que ir rapidinho até o campo de futebol — digo, levando minha mochila até o ombro e pousando a mão sobre a maçaneta da porta.

— Para quê? Não vá se atrasar de novo — Emma diz, estreitando os olhos castanho-claros para mim. São iguaizinhos aos do papai e, junto com o cabelo ruivo, o único traço que temos em comum. Emma é alta e magra. Eu sou baixinha e curvilínea. O cabelo dela é totalmente liso e não chega aos ombros. O meu é comprido e ondulado. No sol, ela fica com sardas e eu fico bronzeada. Agora nós duas estamos com a cor do inverno, no entanto, e posso sentir minhas bochechas ficando vermelhas conforme olho para o chão.

— É para, hum, o dever — murmuro.

Jules sorri ao sair do carro.

— É assim que vamos chamar agora?

Eu dou meia-volta para me retirar o mais rápido possível, mas ainda sinto o peso da censura de Emma pairando sobre meus ombros como uma capa. Ela sempre foi séria, mas isso não importava quando éramos jovens. Nós duas éramos tão próximas que costumávamos ter conversas inteiras sem dizer uma palavra. Mamãe brincava que a gente devia ser telepata, mas não era isso. Nós apenas nos conhecíamos tão bem que era possível ler cada expressão com a mesma nitidez de uma palavra.

Também éramos próximas a Owen, apesar da diferença de idade. Meu pai costumava nos chamar de “Los tres amigos”, e, na infância, fazíamos sempre a mesma pose para as fotos: eu e Emma de cada lado de Owen, os braços entrelaçados sobre os ombros, os sorrisos largos. Nós parecíamos inseparáveis — e eu pensei que fôssemos. Nunca me ocorreu que papai era a cola que nos mantinha juntos.

A separação foi tão súbita que eu não reparei imediatamente. Emma se afastou primeiro, se enterrando em trabalhos escolares.

— É o jeito dela de sofrer — dissera mamãe, então eu deixei, embora o *meu jeito* fosse sofrer junto dela.

Eu compensava a tristeza indo para qualquer evento que encontrava — principalmente depois que meninos começaram a se interessar por mim —, enquanto Owen fugia para o confortável mundo fantástico dos jogos de videogame. Antes que eu pudesse perceber, esses se tornaram nossos caminhos e nós nos mantemos neles. No nosso cartão do último Natal, estávamos os três parados atrás da árvore, organizados por altura, as mãos entrelaçadas na frente do corpo e os sorrisos duros. Meu pai teria ficado tão decepcionado com aquela foto.

Ele também teria ficado decepcionado comigo, porque, depois que tiramos a foto, eu fui para a festa de Natal de Jules. Uma coisa é tratar sua irmã mais velha como uma estranha e outra... é fazer o que fiz. Eu costumava sentir um tipo melancólico de solidão quando pensava em Emma, mas agora sinto apenas culpa. E alívio por ela não conseguir mais ler meus pensamentos ou minhas expressões.

— Ei! — Estou tão imersa em meus pensamentos que teria dado de cara com uma coluna embaixo das arquibancadas se uma mão não tivesse me alcançado e impedido. Ele me puxa com tanta rapidez que meu telefone escorrega do bolso e ouço a batida fraca quando ele cai na grama.

— Merda — digo, mas os lábios de Brandon Weber estão colados aos meus antes que eu consiga dizer qualquer outra coisa. Eu sacudo meus ombros até que minha mochila se solte e caia no chão, junto ao telefone. Brandon puxa a barra da minha blusa, e, já que eu vim até aqui exatamente para isso, eu o ajudo a tirá-la de dentro da saia.

As mãos de Brandon sobem pela minha pele nua, puxando a renda do meu sutiã, quando ele ronrona contra minha boca:

— Meu Deus, você é muito sexy.

E ele também é. Brandon é *quarterback* do time de futebol americano, e o *Bayview Blade* gosta de chamá-lo de “o próximo Cooper Clay”, porque ele é bom ao ponto de algumas universidades estarem começando a observá-lo. Mas eu não acho essa comparação muito boa. Por um motivo: o talento de Cooper está em outro patamar. E ele também é um docinho. Enquanto isso, Brandon é basicamente um babaca.

Mas ele sabe beijar. Toda a tensão se esvai do meu corpo conforme ele me empurra na direção da coluna atrás de nós, e agora o que sinto é uma inebriante fagulha de expectativa. Passo um dos braços pelo seu pescoço, tentando trazê-lo até a minha altura enquanto a outra mão brinca com o cós de sua calça jeans. E então o meu pé chuta alguma coisa pelo chão e o ruído de uma mensagem de texto me distrai.

— Meu telefone — digo, me afastando. — Nós vamos quebrá-lo se eu não pegar do chão.

— Eu compro um novo para você — diz Brandon, com a língua no meu ouvido. Não gosto disso (por que os caras acham isso sexy?), então eu o empurro até que ele me solte. O bolso da frente da calça de Brandon vibra alto e eu sorrio ao ver o volume ali enquanto pego meu celular do chão.

— Recebeu uma mensagem ou só está feliz em me ver? — digo, limpando a tela. Então olho para baixo e recupero o fôlego. — Ah, tá de brincadeira? De novo isso?

— O que foi? — pergunta Brandon, tirando o próprio celular do bolso.

— Número desconhecido, e adivinhe a mensagem? — Faço uma voz afetada. — *Ainda tem saudades do Falando Nisso? Eu sei que eu tenho. Vamos brincar de um novo jogo.* Não acredito que alguém inventa uma merda dessas depois do aviso da Sra. Gupta.

Os olhos de Brandon piscam na direção da tela.

— Recebi a mesma coisa. Tá vendo o link?

— Sim. Não clica, provavelmente é um vírus ou...

— Tarde demais. — Brandon ri. — Ele mantém os olhos semicerrados na tela enquanto eu observo sua imagem: mais de 1,80 de altura, cabelos louros, olhos azul-esverdeados e lábios carnudos, do tipo que uma garota mataria para ter. Ele é tão lindo que parece poder voar com uma harpa pelos céus a qualquer instante. E ninguém sabe disso melhor do que ele. — Jesus, é uma merda de um livro — reclama.

— Deixa eu ver. — Pego o telefone de sua mão, porque de jeito nenhum vou clicar naquele link do meu aparelho. Deixo a tela fora do sol para poder enxergar melhor. Estou olhando para um site com uma réplica malfeita da logomarca do Falando Nisso e um bloco grande de texto abaixo dela. — *Atenção, Colégio Bayview. Vou explicar as regras apenas uma vez — leio. — É assim que brincamos de Verdade ou Consequência. Irei incitar apenas uma pessoa e, se for você, não pode contar a NINGUÉM. Não estrague a surpresa. Isso vai me deixar chateado, e não sou tão legal quando estou chateado. Você tem 24 horas para me mandar uma mensagem de volta com a sua escolha. Se escolher verdade, eu revelo um de seus segredos. Se escolher consequência, eu lhe darei um desafio. De um modo ou de outro, vamos nos divertir um pouco e aliviar a monotonia de nossa existência.*

Brandon corre uma das mãos pelo cabelo grosso e amarelado.

— Fale por você, babaca.

— *Qual é, Colégio Bayview. Vocês sabem que sentiram falta disso.* — Faço uma careta ao terminar. — Você acha que isso foi enviado para todos na escola? É melhor que ninguém diga nada, se quisermos ficar com nossos celulares. — No último outono, depois que a diretora Gupta derrubou o último engraçadinho que se fazia passar por Simon, ela nos disse que estava instaurando uma política de tolerância zero na escola: se visse qualquer vestígio de algum outro Falando Nisso, iria banir os celulares da escola permanentemente. E expulsar quem quer que fosse pego tentando entrar com um aparelho.

Fomos todos cidadãos exemplares desde então, ao menos no que se refere à fofoca on-line. Ninguém consegue imaginar o que é enfrentar um dia de aula — imagine *anos* — sem o celular.

— Ninguém se importa. Isso é velho — diz Brandon com desdém.

Ele guarda o telefone no bolso e passa um braço pela minha cintura, me puxando para mais perto.

— E onde estávamos?

Ainda estou segurando meu celular, agora pressionada contra o peito de Brandon, e ele vibra na minha mão antes que eu possa responder. Quando inclino a cabeça para trás para olhar a tela, vejo que há mais uma mensagem do Número Desconhecido. Mas, dessa vez, o telefone no bolso de Brandon não toca junto com o meu.

Phoebe Lawton, você é a primeira! Mande de volta a sua escolha: devo revelar uma verdade ou você vai arriscar a consequência?

CAPÍTULO 3

Knox

Quarta-feira, 19 de fevereiro

Eu inspeciono a metade exposta da arara de roupas ao meu lado, sentindo um pavor existencial. Odeio lojas de departamento. Elas são claras demais, barulhentas demais e muito cheias de porcarias que ninguém precisa. Sempre que sou forçado a passar algum tempo numa delas, eu começo a pensar em como a cultura do consumismo é apenas uma longa e cara destruição do planeta com o intuito de nos fazer esquecer de que todos vamos morrer de qualquer forma.

Então termino de tomar o restinho do meu café gelado de seis dólares, porque nada sou além de um disposto participante dessa charada.

— São 42 dólares, querido — diz a mulher quando chega minha vez. Estou comprando uma carteira nova para minha mãe e espero ter escolhido certo. Mesmo com as instruções detalhadas que ela me deu, essa se parece com outras 12 carteiras pretas. Fiquei tempo demais me decidindo entre elas e agora estou atrasado para o trabalho.

Provavelmente isso não importa, porque Eli Kleinfelter não me paga ou, na maioria dos dias, sequer percebe que estou ali. Ainda assim, eu acelero o passo quando saio do shopping de Bayview, seguindo por uma calçada atrás do prédio até que ela fica estreita e termina no asfalto. Então, depois de uma olhada rápida por cima do ombro para garantir que ninguém está me vendo, eu me aproximo da frágil cerca de arame que circunda um terreno vazio em construção.

Deveria existir um novo estacionamento entrando pela encosta atrás do shopping, mas a construtora faliu depois que a obra já estava em andamento. Algumas empresas estão participando de um leilão para assumir a construção, incluindo a do meu pai. Até lá, a obra está no meio do que costumava ser um caminho entre o shopping e o centro de Bayview. Agora é preciso contornar o prédio e descer uma rua, o que demora dez vezes mais.

A não ser que você faça o que estou prestes a fazer.

Eu me abaixo para passar por um buraco gigantesco na cerca e vou margeando uma meia dúzia de cones brancos com laranja até estar de frente para uma garagem semiconstruída e o que deveria ser seu teto. A coisa toda é coberta por uma lona plástica grossa, com exceção da plataforma de madeira com um conjunto de escadas de metal de um dos lados, levando a uma parte da colina que ainda não foi escavada.

Eu não sei quem do Colégio Bayview teve essa ideia primeiro, mas agora é um atalho conhecido do shopping até o centro da cidade. E, obviamente, meu pai me *mataria* se soubesse que peguei esse caminho. Mas ele não está aqui e, ainda que estivesse, presta ainda menos atenção em mim do que Eli. Então eu me seguro em um dos cones da construção e olho para baixo.

Há um único problema.

Não é que eu tenha medo de altura. Mas meio que tenho uma preferência pela terra firme. Quando interpretei Peter Pan no acampamento de teatro no último verão, eu surtei tanto com a ideia de voar preso por uma roldana que tiveram que me abaixar para que eu ficasse a um metro do palco.

— Você não está voando, Knox — reclamava o produtor geral a cada vez que eu passava por ele balançando. — Está, no máximo, planando.

Tudo bem. Tenho medo de altura. Mas estou tentando superar. Olho para as grossas tábuas de madeira abaixo. Parecem estar a seis metros de mim. Alguém rebaixou o telhado?

— É um excelente dia para alguém morrer. Mas não eu — murmuro como se eu fosse Dax Reaper, o mais cruel dos caçadores de recompensas de *Bounty Wars*. Porque a única forma de deixar essa situação ainda mais patética é citando um personagem de videogame.

Eu não consigo fazer isso. Saltar de verdade. Sento na beirada, fecho os olhos e empurro o corpo para rastejar pelos metros restantes como uma cobra covarde. Eu aterrisso desajeitado, tremendo com o impacto e tropeçando nas tábuas irregulares de madeira. Não, não sou nada atlético.

Consigno recuperar o equilíbrio e sigo mancando em direção às escadas. O metal leve faz um som estridente a cada degrau que desço. Solto um suspiro de alívio quando encontro chão firme e sigo o que falta do caminho pela encosta até a última cerca. As pessoas costumavam passar por cima dela até alguém quebrar o cadeado. Atravesso o portão e saio no arvoredo na lateral do Bayview Center. Um ônibus da linha 11, que leva ao centro de San Diego, está com o motor ligado, mas parado na garagem em frente à prefeitura, então dou uma corridinha para atravessar a rua e entrar pelas portas ainda abertas.

Cheguei com um minuto de vantagem. Talvez eu chegue ao Até que Provem a tempo, no fim das contas. Pago minha passagem, afundo num dos últimos lugares vazios e tiro o telefone do bolso.

Ouçoo uma fungada alta ao meu lado.

— Essas coisas praticamente fazem parte da sua mão hoje em dia, não é mesmo? O meu neto não larga o dele. Eu sugeri que ele deixasse o telefone em casa da última vez em que saímos para comer e parecia que eu o havia ameaçado fisicamente.

Levanto a cabeça e encontro olhos azul-claros atrás das lentes bifocais. É óbvio. Não falha nunca: sempre que estou num lugar público e há uma senhora por perto, ela começa a conversar comigo. Maeve chama isso de Fator Jovem Bonzinho.

— Você tem essa cara — costuma dizer ela. — Elas sabem que você não vai ser grosseiro.

Eu chamo de A Praga de Knox Myers: irresistível para as octogenárias, invisível para as meninas da minha idade. Durante o jogo de estreia da Cal State Fullerton na temporada, no Café Contigo, Phoebe Lawton literalmente tropeçou em mim para chegar em Brandon Weber quando ele apareceu por lá no fim da noite.

Eu deveria continuar mexendo no celular e fingir que não ouvi, como Brandon faria. *O Que Brandon Faria* é um mantra de vida terrível, já que ele é um desperdício de espaço deprimente, que patina pela vida com o cabelo bonito, feições simétricas e a habilidade de fazer um arremesso perfeito — mas ele também consegue tudo o que quer e provavelmente nunca fica preso em estranhas conversas geriátricas no ônibus.

Então, sim. Perda seletiva de audição pelos próximos 15 minutos seria uma solução. Em vez disso, eu me pego dizendo:

— Tem uma palavra para isso: nomofobia. Medo de ficar sem o celular.

— É mesmo? — pergunta ela, e eu sou responsável por isso. As comportas estão abertas. Quando chegamos ao centro, eu já sei tudo sobre seus seis netos e sua cirurgia de quadril. Só quando desço do ônibus, a uma quadra do escritório de Eli, é que consigo voltar a fazer o que ia fazer no celular, para começo de conversa — verificar se havia mais alguma mensagem de quem quer que tenha mandado as regras da Verdade ou Consequência no dia anterior.

Eu deveria ter fingido que não tinha visto. Todos no Colégio Bayview deveriam ter feito isso. Mas não fizemos. Depois do que aconteceu com Simon, ficou gravado no nosso DNA um fascínio mórbido por essas coisas. Na noite anterior, enquanto muitos de nós deveríamos estar memorizando as falas da peça da primavera, ficamos desviando do assunto para tentar descobrir quem havia mandado a mensagem.

Só que a coisa toda provavelmente era uma piada. São quatro da tarde quando passo pelas portas do prédio onde fica o escritório do Até que Provem — passou muito do prazo de 24 horas que quem quer que fosse jogar tinha para responder —, e parece que o último que tentou ser Simon se calou.

Passo pela cafeteria no saguão e pego o elevador para o terceiro andar. O Até que Provem fica no fim de um estreito corredor, ao lado de uma dessas clínicas de implante capilar que empestieia o ambiente inteiro com um cheiro rançoso de química. Um sujeito careca sai pela porta, a cabeça salpicada por tufo irregulares de cabelo fino. Ele baixa o olhar e se retira furtivamente como se eu o tivesse pego comprando pornografia.

Quando eu escancaro a porta do Até que Provem, sou imediatamente golpeado pelo zumbido de pessoas demais amontoadas em um lugar pequeno, todas falando ao mesmo tempo.

— Quantas condenações?

— Sabemos de doze, mas deve haver mais.

— Alguém chamou o Channel 7 de volta?

— Dezoito meses, foi solto e então voltou.

— Knox! — Sandeep Ghai, um graduando de direito em Harvard que começou a trabalhar para Eli no último outono, vem rapidamente até onde estou, os braços tomados por uma pilha de pastas vermelhas que vai até a altura do seu nariz. — O homem que eu estava procurando. Preciso de 40 kits-emprego montados e enviados hoje. O kit que você vai usar como modelo está no topo da pilha, junto aos endereços. Você consegue fazer isso até o correio das cinco?

— Quarenta? — Levanto as sobancelhas quando pego as pastas que ele segura. O Até que Provem não somente defende pessoas que Eli e os outros advogados acreditam terem sido injustamente incriminadas, como também as ajuda a conseguir empregos quando saem da prisão. Então de vez em quando eu envio folhetos cheios de currículos e uma carta de apresentação, que explica por que contratar ex-detentos é bom para os negócios. Mas geralmente temos sorte se, por semana, uma empresa local se interessa. — Por que tantos?

— Publicidade depois do caso Agostino — diz Sandeep, como se isso explicasse tudo. Já que eu ainda pareço confuso, ele acrescenta: — Todo empresário vira um cidadão consciente quando há chance de publicidade gratuita.

Eu devia ter adivinhado. Eli está aparecendo toda hora no noticiário depois de provar que um monte de gente condenada por acusações ligadas a drogas na verdade havia sido chantageada e incriminada por um sargento da polícia de San Diego, Carl D'Agostino, e dois de seus subordinados. Eles estão todos presos aguardando o julgamento, e o Até que Provem está trabalhando para que as

acusações falsas sejam retiradas.

Da última vez que Eli conseguiu tanta imprensa assim foi no caso de Simon Kelleher. Na época, Eli foi notícia principal em todos os programas depois de tirar Nate Macauley da cadeia. A empresa do meu pai contratou Nate algumas semanas depois. Ele ainda trabalha lá, e agora a empresa está pagando para ele cursar uma universidade.

Depois que Bronwyn Rojas foi para Yale e o Até que Provem começou a procurar por outro estagiário do ensino médio, eu imaginei que Maeve ficaria com a vaga. Ela é próxima de Eli e também foi uma peça importante para desvendar o plano de Simon, para começo de conversa. Ninguém teria olhado para Simon como algo além de vítima se Maeve não tivesse rastreado a persona virtual secreta dele.

Mas Maeve não queria o emprego.

— Isso é coisa da Bronwyn. Não é para mim — ela chegou a dizer, no tom de voz que usa quando quer que uma conversa termine.

Então eu me candidatei. Em parte porque é interessante, mas também porque eu não estava exatamente com alguma outra oportunidade de trabalho em vista. Meu pai, que dizia para quem quisesse ouvir que Nate Macauley “é um jovem excepcional”, nunca se preocupou em perguntar se eu queria trabalhar na Myers Construções.

Para ser justo: eu sou péssimo em qualquer coisa que precise de ferramentas para ser executada. Uma vez fui parar na emergência depois de martelar o dedo pendurando um quadro. Mas, ainda assim, ele poderia ter perguntado.

— Cinco horas — repete Sandeep, apontando para mim conforme se afasta em direção a sua mesa. — Posso contar com você, né?

— Pode deixar — digo, olhando ao redor à procura de algum lugar vazio. Meu olhar para em Eli, que é a única pessoa no Até que Provem que tem uma mesa inteira para si. Ela está tão tomada por pastas que quando ele se arqueia para a frente para pegar o telefone, tudo que vemos é seu cabelo de cientista maluco. Por algum milagre, a mesa que fica atrás dele está vazia.

Sigo naquela direção, esperando, talvez, ter uma chance de falar com ele. Eli me fascina, não somente porque é ridiculamente bom no seu trabalho, mas porque ele é o cara para o qual você provavelmente não olharia duas vezes se visse na rua. Ainda assim, ele é tão confiante e, não sei, *magnético*, ou algo do gênero. Agora que já trabalho com Eli tem alguns meses, não me surpreende que ele tenha uma noiva espetacular ou que consiga fazer com que pessoas que estão envolvidas em processos criminais digam todo o tipo de coisa que provavelmente não deveriam dizer. Eu quero que Eli me ensine seus métodos.

E também seria ótimo se ele aprendesse meu nome.

Mas eu nem consigo chegar à metade do corredor quando Sandeep

grita:

— Eli! Precisamos de você em Winterfell.

Eli empurra a cadeira para trás e espia através das pastas a seu redor.

— Onde?

— Winterfell — responde Sandeep, com expectativa.

Quando Eli segue inexpressivo, limpo a garganta.

— É a sala de reunião pequena — explico. — Sabe? Sandeep deu nomes a elas para que pudéssemos diferenciá-las. A outra se chama, hum, King's Landing. — Assim como eu, Sandeep é um grande fã de *Game of Thrones*, então deu às salas de reunião os nomes de dois lugares da trama. Mas Eli nunca leu os livros ou viu a série de TV, e a coisa toda o confunde à beça.

— Ah. Certo. Obrigado. — Eli acena com a cabeça discretamente para mim, depois se vira para Sandeep. — O que tem a sala de reunião pequena?

— Precisamos de você em Winterfell — repete Sandeep, a voz ganhando um tom de impaciência. Eli se levanta com um suspiro e eu ganho um sorriso torto quando ele passa. Progresso.

Espalho minhas pastas pela mesa vazia, ponho meu telefone ao lado delas e começo a montar os kits. Assim que o faço, meu celular recebe uma série de notificações de mensagens enviadas, é óbvio, pelas minhas irmãs. Eu tenho quatro irmãs, todas mais velhas do que eu e com nomes começando por K: Kiersten, Katie, Kelsey e Kara. Somos como as Kardashian, mas sem a grana.

Minhas irmãs começam uma conversa em grupo por qualquer assunto. Aniversários, séries de televisão, namorados ou namoradas atuais, os/as ex. E frequentemente o assunto sou eu. É um pesadelo quando todas elas começam a se meter na minha vida amorosa ou no meu futuro ao mesmo tempo. *Knox, o que houve com Maeve? Ela era tão legal! Knox, quem você vai levar para a formatura? Knox, você já pensou nas opções de faculdade? Antes de você perceber já chegamos no próximo ano!*

Mas dessa vez elas estão falando sobre o noivado surpresa de Katie, que aconteceu no Dia de São Valentim. Ela vai ser a primeira dos Myers a se casar, então há *muito* o que conversar.

Elas eventualmente ficam em silêncio, e já estou na metade dos kits quando chega outra mensagem. Abaixo o olhar para dar uma espiada, esperando ver o nome de uma das minhas irmãs — provavelmente Kiersten, porque ela precisa ter a última palavra em tudo —, mas é de um número desconhecido.

Tsc, nenhuma resposta do nosso primeiro jogador. Quer dizer que você perdeu.

Eu esperava mais de você, Phoebe Lawton. Não tem nenhuma graça.

Agora preciso revelar um dos seus segredos no melhor estilo Falando Nisso.

Merda. Está mesmo acontecendo. Se bem que... Quão ruim poderia ser? Simon nunca se incomodou em colocar Phoebe no *Falando Nisso* porque ela é um livro aberto. Phoebe fica com um monte de gente, mas não trai ninguém nem faz com que se separem. E ela é uma daquelas garotas que transita com facilidade entre os grupos sociais da Escola Bayview, como se os limites imaginários que mantêm a maioria de nós separados não se aplicassem a ela. Tenho bastante certeza de que não há nada a ser dito sobre Phoebe que a gente já não saiba.

Por um tempo vejo que a pessoa está *digitando*. O anônimo das mensagens está tentando criar um suspense e, embora eu saiba que não devo morder a isca, minha pulsação acelera, o que meio que faz eu me odiar. Estou prestes a virar a tela do aparelho para baixo quando uma mensagem finalmente pipoca.

Phoebe dormiu com o namorado de Emma, a irmã dela.

Calma aí. Como é?

Olho ao redor do escritório esperando algum tipo de reação coletiva. Às vezes esqueço que sou o único por aqui que ainda está no ensino médio. Todos me ignoram, pois precisam lidar com problemas que realmente importam, então volto ao meu telefone. A tela escureceu e, portanto, aperto o botão para reativá-la.

Phoebe dormiu com o namorado de Emma, a irmã dela.

Isso não pode ser verdade. Para começo de conversa, Emma Lawton tem namorado? Ela é uma das garotas mais quietas e menos sociáveis do terceiro ano. Pelo que posso perceber, ela tem uma relação íntima com seu dever de casa, e é isso. Phoebe não faria isso com a própria irmã, faria? Quero dizer, eu não a conheço bem, mas existem regras. Minhas irmãs derramariam sangue numa situação dessas.

Mais mensagens surgem. Uma após a outra.

Como assim, Bayview? Vocês não sabiam?

Que vergonha. Estão atrasados nas fofocas.

Aqui vai um conselho para a próxima vez que brincarmos:

Sempre escolham consequência.

CAPÍTULO 4

Maeve

Quinta-feira, 20 de fevereiro

Eu deveria saber fazer esse negócio de falar com alguém que acabou de ter seu segredo mais profundo e vergonhoso vazado para a escola inteirinha. Mas estou meio enferrujada. Tem um tempo já.

Ontem eu estava no Café Contigo fazendo o dever de casa quando as mensagens sobre Phoebe chegaram. Assim que ela parou de servir as mesas e conferiu o celular, eu soube que a fofoca era verdadeira. A expressão em seu rosto era exatamente a mesma de Bronwyn, 18 meses atrás, quando o site de Jake Riordan — o que copiava o Falando Nisso depois da morte de Simon — revelou que ela havia colado em química. Não era apenas horror, mas também culpa.

Emma entrou correndo pela porta do café logo em seguida, o rosto vermelho e tremendo. Eu quase não a reconheci.

— Isso é verdade? É por isso que você está tão estranha? — ela cuspiu as palavras, o celular na mão.

Phoebe estava no caixa, ao lado do pai de Luis, tirando o avental. Eu tenho certeza de que ela estava prestes a fingir que não se sentia bem para dar o fora dali. Phoebe congelou, os olhos redondos, e não respondeu. Emma continuou se aproximando até estar a centímetros da irmã e, por um segundo, tive medo de que batesse nela.

— Foi enquanto nós estávamos namorando?

— Depois — disse Phoebe, tão enfática e rapidamente que eu tinha certeza de que também era verdade. Então o Sr. Santos entrou em ação, pondo um braço ao redor de Phoebe e de Emma, conduzindo as duas para a cozinha. Foi a última vez que os vi naquela noite.

Eu achei que o Sr. Santos tinha sido rápido o suficiente para manter a briga das duas em segredo, mas então percebi dois alunos do segundo ano do Colégio Bayview, os dois do time de beisebol, se aproximando do balcão.

— O pedido para viagem de Reynolds — disse um deles para o

garçom, que de repente era o responsável por atender todo o salão e pelo caixa. O outro rapaz nem levantou os olhos do celular. Quando cheguei em casa e falei com Knox, ele já sabia de tudo.

— Parece que o mais novo fofoqueiro de Bayview sabe dos podres — disse ele.

Na noite passada, fiquei pensando se deveria mandar uma mensagem para Phoebe. *Tudo bem?* Mas acontece que, embora eu sempre tenha gostado dela, nós não somos amigas. Somos *colegas*, principalmente porque passo tempo demais onde ela trabalha e porque ela é uma dessas pessoas extrovertidas que conversam com todo mundo. Uma vez Phoebe me deu seu número de celular “só para eu ter”, mas nunca entrei em contato, e parecia um momento estranho para fazê-lo pela primeira vez. Como se eu estivesse curiosa em vez de preocupada. Agora, descendo as escadas para o café da manhã, eu ainda não sei se minha decisão foi acertada.

Mamãe está à mesa quando entro na cozinha, a testa franzida para o notebook. Quando estava aqui, Bronwyn costumava tomar café da manhã na bancada da cozinha. Sentar no banco ao lado do dela, agora vazio, me faz perder o apetite. Mamãe nunca diria nada, porque o fato de Bronwyn estar em Yale era um sonho tanto dela quanto da minha irmã, mas acho que ela se sente como eu.

Mamãe levanta a cabeça e abre um sorriso brilhante.

— Adivinha só? — E então seus olhos se estreitam quando puxo uma caixa de Froot Loops do armário ao lado da pia. — Eu não me lembro de ter comprado isso.

— Não comprou — respondo. Encho um pote com rodelinhas coloridas até a borda, depois pego uma caixa de leite da geladeira e me sento ao seu lado. Papai entra na cozinha ajeitando a gravata e mamãe lança para ele seu olhar do mal.

— Sério, Javier? Achei que tivéssemos combinado de comprar um café da manhã saudável.

Ele parece culpado apenas por um segundo.

— Esses pelo menos são fortificados, têm vitaminas e minerais. É o que diz na caixa. — Ele pega um pouquinho de cereal do meu pote e põe na boca antes que eu acrescente o leite.

Mamãe revira os olhos.

— Você é tão horrível quanto ela. Não venha chorar para mim quando seus dentes apodrecerem.

Papai engole o cereal e dá um beijo na bochecha dela e outro no topo da minha cabeça.

— Eu prometo suportar todas as cáries com o nível apropriado de austeridade — diz ele. Meu pai se mudou da Colômbia para os Estados Unidos quando tinha dez anos, então ele não tem exatamente um sotaque, mas há um ritmo no seu jeito de falar que é um pouquinho

formal e um pouquinho musical. É uma das coisas que eu mais gosto nele. Bom, isso e a nossa mútua apreciação por açúcar refinado, uma coisa que mamãe e Bronwyn não compartilham conosco. — Não esperem por mim para jantar, tudo bem? Temos aquela reunião do conselho hoje. Tenho certeza de que vai terminar tarde.

— Certo, mau exemplo — responde minha mãe com afeto. Papai pega suas chaves de um gancho na parede e sai porta afora.

Engulo uma imensa colherada de Froot Loops já mole e faço um gesto na direção do notebook dela.

— Então, o que você comprou?

Ela pisca com a mudança de assunto e depois sorri.

— Ah, você vai amar isso. Ingressos para assistir a *Into the Woods* quando Bronwyn vier, na semana que vem. Está passando no Civic. É a peça que o clube de teatro vai fazer nessa primavera, não é? O Colégio Bayview é do time dos profissionais mesmo.

Engulo outra colherada de cereal antes de respondê-la. Preciso de um segundo para reunir o nível apropriado de entusiasmo.

— É, sim. Incrível! Vai ser tão divertido.

Demais. Eu exagerei. Minha mãe enruga a testa.

— Você não quer ir?

— Não, eu quero muito ir — minto.

Ela não se deixa convencer.

— Qual o problema? Achei que você amava musicais!

Essa é minha mãe. Preciso lhe dar algum crédito por sempre defender cada um dos meus interesses passageiros. *Uma vez Maeve atuou em uma peça. Logo, Maeve ama todas as peças!* Eu participei da peça da escola no ano passado e foi... legal. Mas não participei dos testes para a deste ano. É como uma daquelas coisas que eu fiz uma vez e agora poderia facilmente colocar na prateleira das experiências que não preciso repetir. *Sim, eu tentei, foi legal, mas não é para mim.* Que é onde costumo pôr a maior parte das minhas experiências.

— Eu gosto — digo. — Mas Bronwyn já não viu *Into the Woods*?

Mamãe franze a testa.

— Ela viu? Quando?

Eu procuro as últimas rodela de Froot Loops com a colher e demoro um tempo para engolir.

— No Natal, eu acho? Com, hum... Nate.

Hum. Que mentira ruim. Nate nunca iria a um musical.

A testa dela fica ainda mais franzida. Mamãe não desgosta de Nate, mas também não faz questão de esconder que acha que ele e Bronwyn vêm de, como costuma dizer, “mundos diferentes”. Além do mais, ela vive insistindo em dizer que Bronwyn é nova demais para estar em um relacionamento sério. Quando eu interfiro e falo que ela e papai se conheceram na faculdade, ela responde:

— Quando estávamos no *segundo ano*.

Como se eles tivessem amadurecido uma década nesse intervalo.

— Bom, deixa eu confirmar com ela — diz mamãe agora, alcançando o telefone. — Eu tenho 30 minutos para pedir o reembolso.

Dou um tapa na testa.

— Quer saber? Esquece. Eles não viram *Into the Woods*, foi *Velozes e Furiosos parte 12*, ou algo assim. Você sabe. Basicamente a mesma coisa.

Mamãe logo muda a expressão de confusa para exasperada quando eu viro a tigela em que estava o cereal para beber o leite cor-de-rosa com um ruído.

— Maeve, pare com isso. Você não tem mais seis anos. — Ela se volta para o notebook, a testa franzida. — Ah, pelo amor de Deus. Eu acabei de olhar meus e-mails. Como já chegaram tantos outros?

Abaixo a tigela e pego um guardanapo, porque do nada meu nariz começou a escorrer. Eu limpo sem pensar em muito mais que *ainda não chegamos na época da alergia*, mas então abaixo minha mão e... ah.

Ai, meu Deus.

Eu me levanto sem dizer nada, o guardanapo preso entre os dedos, e vou para o banheiro do primeiro andar. Posso sentir a umidade se acumulando debaixo das minhas narinas e, antes mesmo de olhar no espelho, eu sei o que verei. Rosto pálido, boca rígida, olhos estupefatos — e um fio curto de sangue vermelho-vivo descendo por cada narina.

O pavor vem tão forte e tão rápido que parece que alguém me acertou com uma arma elétrica: há um momento de choque gélido e depois estou tremendo, tendo espasmos, sacudindo tão fortemente que mal consigo segurar o guardanapo no nariz. O vermelho corre em uma padronagem de cerejas conforme meu coração martela no peito, o pulsar frenético ecoando nos meus ouvidos. Meus olhos não param de piscar, seguindo o ritmo perfeito da palavra que se repete no meu cérebro.

Voltou. Voltou. Voltou.

Todas as vezes em que a leucemia voltou, começou com um sangramento nasal.

Eu me imagino entrando na cozinha e mostrando o guardanapo sujo de sangue para minha mãe, e todo o ar deixa meus pulmões. Eu não posso ver *aquela expressão* no rosto dela de novo — como se estivéssemos em um filme em que o tempo acelera e mamãe envelhece vinte anos em vinte segundos. Ela vai ligar para meu pai e, quando ele voltar para casa, toda a alegria que tinha pela manhã terá ido embora. Ele estará com aquela expressão que eu detesto mais que tudo, porque conheço a prece silenciosa que a acompanha. Eu a ouvi uma vez —

quando tinha oito anos e quase morri —, as palavras em espanhol sussurradas enquanto ele estava sentado com a cabeça baixa ao lado da minha cama no hospital.

— *Por favor, Dios, llévame a mi en su lugar. Yo por ella. Por favor.* — Embora estivesse semiconsciente, eu pensei, *Não, Deus, não ouça meu pai*, porque eu refuto qualquer prece em que ele peça para estar no meu lugar.

Se eu mostrar esse guardanapo para minha mãe, teremos que voltar às baterias de exames. Eles começam com o menos invasivo e doloroso, mas torna-se necessário realizar todos eles. E então nos sentaremos no consultório do Dr. Gutierrez, encarando seu rosto fino e preocupado, enquanto ele apresenta os prós e os contras das opções igualmente horríveis de tratamento, nos lembrando de que *a cada vez que o câncer volta, é mais difícil de tratar, por isso precisamos nos ajustar*. Por fim, escolhemos o medicamento, que é seguido por meses de perda de peso, perda de cabelo, perda de energia, perda de tempo. Perda de esperança.

Da última vez, aos treze anos, eu disse a mim mesma que nunca faria aquilo novamente.

Meu nariz parou de sangrar. Analiso o guardanapo com o máximo de distanciamento clínico que consigo. Não tem tanto sangue assim, na verdade. Talvez seja apenas o ar seco; estamos em fevereiro, afinal. Às vezes um sangramento nasal é apenas um sangramento nasal e não é preciso deixar as pessoas nervosas por conta disso. Minha pulsação desacelera conforme pressiono um lábio contra o outro e respiro fundo, ouvindo nada além do ar. Jogo o guardanapo no vaso sanitário e dou descarga rapidamente para não precisar ver os filetes de sangue se dissolvendo na água. Então pego outro lenço de papel da caixa em cima da privada e o umedeço para limpar os traços restantes de vermelho.

— Está tudo bem — digo para o meu reflexo, segurando a pia pelas beiradas. — Está tudo bem.

Chegaram, pela manhã, duas mensagens sobre o novo jogo de fofoca do Colégio Bayview: um alerta sobre o próximo jogador ser contatado em breve e um lembrete com um link para as regras do jogo. Os alunos todos estão lendo o novo site do Falando Nisso durante o almoço, jogando distraidamente a comida na boca, os olhos colados aos celulares. Eu não consigo não pensar que Simon estaria *amando* a cena.

E, sendo totalmente honesta, essa distração não me incomoda agora.

— Eu ainda estou mais chocado por Emma ter um namorado — diz Knox, dando uma olhada na mesa em que Phoebe está sentada com uma amiga, Jules Crandall, e várias outras meninas do segundo ano. Emma não está em lugar algum, mas ela nunca está. Eu tenho certeza de que ela almoça lá fora com a amiga com quem já a vi, uma menina quieta chamada Gillian. — Você acha que ele é da escola?

Pego uma das batatas fritas que estamos dividindo e passo no ketchup antes de jogá-la na boca.

— Eu nunca vi Emma com ninguém.

Lucy Chen, que estava profundamente envolvida em outra conversa na nossa mesa, se vira para nós.

— Vocês estão falando sobre Phoebe e Emma? — pergunta, nos encarando com um olhar de reprovação. Porque Lucy Chen é *aquela* garota: a que reclama de qualquer coisa que você estiver fazendo enquanto tenta se intrometer no assunto. E esse ano ela é também a estrela da peça de teatro ao lado de Knox. — Todo mundo precisa ignorar esse jogo.

Chase Russo, o namorado dela, pisca em sua direção.

— Lucie, *esse jogo* é sobre o que você não para de falar nos últimos dez minutos.

— Sobre o quanto ele é *perigoso* — diz Lucy, presunçosamente cheia de razão. — O Colégio Bayview tem uma população de alto risco quando se trata desse tipo de coisa.

Eu seguro um suspiro. É isso que acontece quando você não é boa em fazer amigos: você acaba andando com umas pessoas de quem não necessariamente gosta. Na maior parte do tempo, sou grata pela camaradagem entre os integrantes do grupo de teatro, porque eles me fazem companhia mesmo quando Knox não está por perto. Outras vezes, eu penso em como seria a escola e a vida se eu me esforçasse mais. Se eu escolhesse alguém para andar comigo em vez de me deixar levar por qualquer círculo que me aceite. Fico olhando para Phoebe, que está mastigando e encarando o nada. Hoje deve estar sendo difícil, mas ela está aqui, de cabeça erguida. Ela me lembra a Bronwyn. Phoebe está com um de seus vestidos brilhantes, os cachos cor de bronze caindo pelos ombros, a maquiagem perfeita. Nada de ficar nos bastidores.

Eu gostaria de ter mandando uma mensagem para ela ontem, no fim das contas.

— De todo modo, estou certa de que todos sabemos quem está por trás disso — completa Lucy, apontando com a cabeça para um canto onde Matthias Schroeder está almoçando sozinho, seu rosto escondido atrás de um grosso livro. — Matthias devia ter sido expulso depois do Simon Manda. A política de zero tolerância da diretora Gupta chegou tarde demais.

— Sério? Você acha que Matthias fez isso? Mas as brincadeiras do Simon Manda eram tão inofensivas — respondo. Eu não consigo desgostar de Matthias, mesmo que meu nome sempre aparecesse no blog-plágio de curta duração que ele fez no último outono. Matthias se mudou para cá quando era calouro, bem na época em que eu comecei a vir mais para a escola, e ele nunca se encaixou muito bem em nenhum lugar. Eu o observava andando com grupinhos que ou o zoavam ou o ignoravam, e eu sabia que seria exatamente como ele se não fosse por Bronwyn.

Chase sorri.

— Aquele cara inventou as fofocas mais toscas de todos os tempos.

— Ele entoa uma voz esbaforida. — *Maeve Rojas e Knox Myers terminaram!* Tipo, tá, cara. Todo mundo já sabe disso e ninguém se importa. Foi o término mais sem emoção da história. Tente mais uma vez.

— Ainda assim. — Lucy dá uma fungada. — Eu não confio nele. Ele tem a mesma vibe de garoto solitário e triste que Simon tinha.

— Simon não tinha... — começo, mas sou interrompida por uma voz retumbante atrás de nós.

— E aí, Phoebe, qual é? — Todos nós nos viramos e Knox deixa escapar um “ugh” quando avistamos Sean Murdock inclinando sua cadeira para trás, o dorso forte virado na direção da mesa de Phoebe. Sean é o amigo mais babaca de Brandon Weber, o que é algo relevante a ser dito. Ele costumava me chamar de Zumbi Ambulante no primeiro ano, e tenho certeza de que ainda não sabe o meu nome de verdade.

Phoebe não responde e Sean empurra sua cadeira para longe da mesa, com um som alto de raspagem.

— Eu não sabia que você e Emma eram tão próximas — diz ele, mais alto que o burburinho da lanchonete. — Se estiver procurando por um rapaz novo para dividir, eu ofereço os meus serviços. — Os amigos dele começam a rir e Sean levanta o tom de voz: — Vocês podem revezar. Ou as duas ficam comigo ao mesmo tempo. Eu sou bom de uma forma ou de outra.

Monica Hill, uma aluna do segundo ano que sempre anda com Sean e Brandon, dá um grito alto e bate no braço de Sean — mais como se para provocar o garoto do que pedindo que se calasse. Quanto a Brandon, ele está rindo mais do que qualquer outra pessoa em sua mesa.

— Só se for nos seus sonhos, cara — diz ele, sem nem mesmo olhar na direção de Phoebe.

— Não seja guloso só porque tá pegando — diz Sean. — As Lawton têm amor suficiente para dividir. Não é verdade, Phoebe? O dobro para o povo. Compartilhar é amar. — Ele está gargalhando agora. —

Olha isso, Bran. Sou um poeta, eu sei.

De repente, o ambiente fica muito silencioso. O tipo de silêncio que só ocorre quando todo mundo do lugar está focado na mesma coisa. Phoebe está encarando o chão, as bochechas pálidas, os lábios pressionados num traço fino. Eu estou praticamente de pé tamanha a necessidade de fazer *alguma coisa*, ainda que não tenha a menor ideia do que, quando Phoebe levanta a cabeça e olha diretamente para Sean.

— Obrigada, mas não — diz ela em alto e bom som. — Se eu quisesse ficar entediada e decepcionada, era só assistir a você jogando beisebol. — Em seguida, ela dá uma grande e consciente mordida em uma maçã verde brilhante.

Os murmúrios dão lugar a vaias e assobios enquanto Chase diz:

— Cacete, garota. — O rosto de Sean fica vermelho como um pimentão, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, um dos atendentes da lanchonete sai da cozinha. É Robert, que tem o corpo de um *linebacker* e é a única pessoa no Colégio Bayview que tem a voz mais alta que a de Sean. Ele põe as mãos ao redor da boca, como se fosse um megafone, enquanto afundo de volta no meu lugar.

— Todos precisam se acalmar agora. Ou querem que eu chame um dos professores? — grita.

O barulho cai pela metade imediatamente, mas isso só faz com que seja mais fácil ouvir as últimas palavras de Sean, quando ele vira de costas de volta para a sua mesa.

— Falou como a puta que você é, Lawton.

Robert não hesita.

— Diretoria, Murdock.

— O quê? — Sean reclama, abrindo os braços. — Ela começou! Ela veio me desrespeitar. É uma violação da prática antibullying da escola.

Uma indignação toma as minhas veias. Por que exatamente eu estou calada? O que eu tenho a perder nessa vida?

— Mentiroso — chamo, assustando tanto Knox que ele dá um pulo da cadeira. — Você a provocou e todo mundo sabe disso.

Sean funga mais alto que o murmúrio de concordância ao redor.

— Ninguém perguntou nada a você, Cancerígena.

As palavras fazem o meu estômago afundar, mas reviro os olhos como se fosse uma ofensa datada.

— Ora, ora — devolvo.

Robert cruza os braços tatuados e dá alguns passos à frente. Há rumores de que ele costumava trabalhar na cozinha da penitenciária, o que é um treinamento sólido para o que faz agora. Na verdade, é provavelmente por isso que foi contratado. A diretora Gupta aprendeu ao menos algumas coisas no ano passado.

— Diretoria, Murdock — rosna ele. — Pode ir por conta própria ou eu posso levar você. Prometo que não vai gostar da experiência.

Dessa vez, eu não consigo ouvir nada do que Sean resmungue enquanto se levanta. Ele lança um olhar mortal para Phoebe quando passa por sua mesa, e ela devolve na mesma moeda. Mas, uma vez que ele passa, o rosto dela meio que... fica estranho.

— Alguém vai para a detenção — avisa Chase, cantarolando. — Tente não morrer, Murdock. — Eu prendo a respiração, e ele dá um sorriso de desculpas. — Cedo demais?

O sinal toca e começamos a reunir nossas coisas. Algumas mesas adiante, Jules pega a bandeja de Phoebe e sussurra alguma coisa no ouvido da amiga. Phoebe concorda, balançando a cabeça, e põe uma das alças da mochila sobre o ombro. Ela segue em direção à porta, parando ao lado da nossa mesa, fazendo com que um grupo de alunas se afaste para ela passar no pequeno espaço entre as cadeiras. Todas olham para trás, para ela, e começam a rir baixinho.

Eu encosto no braço de Phoebe.

— Você está bem? — pergunto. Ela parece bem, mas, antes que possa responder, eu vejo Lucy se aproximando pelo outro lado.

— Você não precisa passar por isso, Phoebe — diz Lucy, e por um segundo eu quase gosto dela. Mas então ela assume seu ar de certinha de novo. — Talvez a gente deva contar para a diretora Gupta o que está acontecendo. Estou começando a achar que essa escola seria melhor se ninguém tivesse um celular, para começo de conv...

Phoebe se vira na direção dela, os olhos em chamas. Lucy arfa e tropeça dando um passo para trás, porque ela é dramática desse jeito. Phoebe parece realmente preparada para dar o bote e, quando fala, sua voz é gélida:

— Não ouse. Não. Ouse.

CAPÍTULO 5

Phoebe

Quinta-feira, 20 de fevereiro

— *Bizarro* — digo a Owen.

Ele se inclina para a frente no seu banquinho, na bancada da cozinha, franzindo o rosto de preocupação.

— Você consegue usar numa frase?

— Hum... — hesito, e ele deixa escapar um leve suspiro.

— Tem uma no verso da carta.

— Ah. Certo. — Giro a carta que estou segurando e leio: — *O filme era tão bizarro que deixamos o cinema num silêncio estupefato.*

— Bizarro — diz Owen. — B-I-Z-A-R-O. — Então ele sorri com expectativa, como se estivesse esperando pelo sinal de joinha que fiz para as 12 palavras anteriores.

Eu sorrio para ele, o cartão na mão. Não há muitas coisas que possam me distrair das últimas 24 horas com facilidade, mas Owen se enrolando enquanto pratica para o campeonato de soletração do ensino fundamental é uma delas. Ele geralmente está no nível ensino médio nesse tipo de coisa.

— Não — falo. — Você soletrou errado.

— O quê? — pergunta ele, ajeitando os óculos. — Eu soletrei a palavra que você me deu. Posso ver? — pede Owen com a mão estendida para a carta.

Eu não costumo ajudá-lo com nada relacionado à escola, mas a culpa por ter sido uma irmã tão horrível com Emma me levou a isso ao chegar em casa. Ele ficou tão positivamente surpreso que agora eu me sinto ainda pior. Sei que Owen quer mais a minha atenção e de Emma. É óbvio pelo tanto que ele fica nos rondando. Meu irmão é naturalmente curioso e fica pior quando recebemos amigos. Quando Jules está, ele fica vagando pelo meu quarto o tempo todo, além de seguir Emma nas sessões de tutoria na biblioteca às vezes. Nós duas ficamos irritadas com ele, embora eu saiba — e tenho certeza de que

Emma também sabe — que ele quer apenas fazer parte das coisas.

Seria fácil chamá-lo para ficar conosco, mas nunca fazemos isso. Cada um fica na sua.

— É óbvio! — A culpa novinha em folha deixa a minha voz gentil demais, e Owen me dá uma olhada confusa ao pegar a carta.

Estamos sozinhos no apartamento, mamãe está no escritório e Emma... não está aqui. Eu mal a vi desde que o Sr. Santos nos puxou na cozinha do Café Contigo e sugeriu que fôssemos conversar em casa. Emma concordou, mas assim que saímos do restaurante, ela seguiu para a casa da amiga, Gillian, e passou a noite lá. Ela não respondeu a nenhuma das minhas mensagens e me evitou na escola.

O que, de certa forma, foi um alívio, exceto pela parte em que estamos evitando o inevitável.

— Hum. Eu sempre pensei que fosse com um “r” só. — Owen larga a carta na bancada e amassa uma framboesa. — Que constrangedor.

Eu resisto ao impulso de bagunçar o cabelo dele. Owen não é mais um menininho, embora ainda aja como um. Às vezes sinto como se ele tivesse parado no tempo quando o papai morreu, para sempre com nove anos, independentemente do quanto cresceu. Owen é mais esperto do que eu e Emma juntas — suas provas estão no nível de um geniozinho e ele conseguiu botar nosso antigo notebook para funcionar, além de ter sincronizado o computador com todos os celulares da casa, o que nos deixou abismadas. Mas ele é tão emocionalmente imaturo que minha mãe nunca deixou que pulasse uma série na escola, embora Owen tivesse inteligência para isso.

Antes que eu possa responder, uma chave gira na fechadura da porta da frente e meu coração acelera. É cedo demais para a mamãe chegar, o que significa que Emma finalmente apareceu.

Minha irmã atravessa a porta com a mochila em um ombro e uma bolsa no outro. Ela está de camisa social azul-clara e calças jeans, o cabelo preso para trás com uma faixa azul-marinho. Seus lábios estão finos e ressecados. Ela para rapidamente quando me vê e deixa as duas bolsas caírem no chão.

— Oi — digo. Minha voz sai mais como um ganido, depois some.

— Oi, Emma — cumprimenta Owen, animado. — Você não vai acreditar no que eu acabei de soletrar errado. — Ele fica esperando, ansioso, mas quando só o que ela lhe dá é um sorriso contido, ele completa: — Sabe a palavra *bizarro*? Tipo quando uma coisa é bem esquisita?

— Sei — responde Emma, os olhos grudados em mim.

— Eu soletrei com um “r” só.

— É compreensível. — Emma parece estar fazendo um esforço tremendo para falar. — Você vai tentar de novo?

— Não, agora eu já aprendi — diz Owen, levantando do banco. —

Vou jogar um pouco de *Bounty Wars*. — Nem eu nem Emma respondemos quando Owen sai pelo corredor em direção ao quarto dele. Assim que a porta se fecha com um clique suave, Emma cruza os braços e se vira para mim.

— Por quê? — pergunta ela, calma.

Minha boca está totalmente seca. Eu alcanço o copo quase cheio de Fanta já quente que Owen deixou na bancada e bebo a coisa toda antes de responder.

— Me desculpa.

O rosto de Emma fica tenso, e posso ver sua garganta se mexendo quando engole.

— Não é um motivo.

— Eu sei. Mas eu sinto. Sinto muito, quero dizer. Eu nunca tive a intenção de... É só que teve essa festa na casa de Jules na véspera do Natal, e o Derek... — Ela vacila quando digo o nome dele, mas continuo: — Bom, acontece que ele conhece o primo de Jules. Eles foram para um acampamento de música juntos. Os dois tocam saxofone. — Agora estou falando demais e Emma apenas me olha com o cenho cada vez mais franzido. — Eu fui para a festa ver Jules, e ele estava... lá.

— Ele estava lá — repete Emma num tom maçante. — Então é esse o seu motivo? Proximidade?

Eu abro a boca e fecho logo em seguida. Não tenho uma boa resposta. Nem para ela e nem para mim mesma. Tenho tentado entender faz dois meses.

Porque eu estava bêbada. Óbvio, mas é só uma desculpa. O álcool não me faz ter atitudes que eu não teria sóbria. Apenas me dá um empurrãozinho para que eu faça o que normalmente já faria.

Porque vocês tinham terminado. Sim, três semanas antes. Emma conheceu Derek na simulação da ONU no verão e eles namoraram por cinco meses. Eu não sei a razão do término. Ela nunca me contou, assim como nunca me contou sobre os encontros dos dois. Mas eu via, no nosso quarto desconfortavelmente pequeno, como ela demorava para se arrumar. Talvez eles reatassem se eu e Derek não tivéssemos arruinado essa chance.

Porque eu gostava dele. Argh. Essa é a cereja no topo do meu sundae de más decisões. E nem era tanto assim.

Porque eu queria magoar você. Não conscientemente, mas... às vezes eu me pergunto se estou me aproximando da verdade com essa possibilidade. Eu venho tentando chamar a atenção de Emma desde que papai morreu, mas na maior parte do tempo é como se eu não estivesse ali. Talvez algo no meu cérebro quisesse *forçá-la* a me notar. E, nesse caso, missão cumprida.

Os olhos dela encontram os meus.

— Ele foi o meu primeiro, sabe — diz. — O meu único.

Eu não sabia porque ela nunca me contou. Mas eu poderia ter adivinhado. E sei que Derek ocupar esse lugar na vida dela faz tudo ser ainda pior. Sinto uma fisgada forte de culpa ao dizer:

— Me desculpe, Emma. Eu faria qualquer coisa para compensar. E juro por Deus que nunca contei a ninguém. Nem para Jules! Derek deve ter...

— *Pare de dizer o nome dele!* — O grito de Emma é tão agudo que me cala. — Eu não quero ouvir. Eu o odeio, odeio você e, enquanto eu viver, não quero falar com nenhum dos dois nunca mais!

As lágrimas começam a escorrer pelas bochechas dela e, por um segundo, eu não consigo respirar. Emma dificilmente chora na frente dos outros; a última vez foi no enterro do pai.

— Emma, nós podemos...

— Estou falando sério, Phoebe! Me deixe em paz! — Ela passa por mim em disparada para o nosso quarto, batendo a porta com tanta força que as dobradiças chacoalham. A porta do quarto de Owen se abre devagar, mas antes que ele possa colocar a cabeça para fora e fazer perguntas, eu pego a minha chave e saio do apartamento.

Meus olhos começam a encher d'água e eu preciso piscar para que a pessoa que está à minha frente no corredor entre em foco.

— Oi — diz Addy Prentiss. — Eu só ia ver se a sua mãe está em casa... — Ela se cala quando chega mais perto, o rostinho de fada se enrugando de preocupação. — Está tudo bem com você?

— Tudo bem. Alergia — digo, enxugando os olhos. Addy não parece convencida, então eu me adianto: — Minha mãe ainda está no trabalho, mas deve estar de volta em mais ou menos uma hora. Você precisa de algo antes disso? Posso ligar para ela.

— Ah, não tem pressa — responde Addy. — Estou planejando a despedida de solteira de Ashton e queria pegar algumas sugestões de restaurantes com ela. Vou mandar uma mensagem.

Ela sorri e o nó no meu peito afrouxa um pouquinho. Addy me dá esperança, porque mesmo quando sua vida desmoronou depois que o blog de Simon revelou o seu pior erro, ela recolocou tudo no lugar — e ficou melhor do que estava antes. Ela está mais forte, mais feliz e muito mais próxima da irmã. Addy é a rainha das segundas chances e, nesse exato momento, eu realmente preciso acreditar que elas existem.

— Que tipo de lugar você tem em mente? — pergunto.

— Um lugar discreto. — Addy dá um sorriso torto. — Nem sei ao certo se posso usar o termo “despedida de solteira”. Ele tem todo um significado, não é mesmo? É só uma noite apenas para as meninas, na verdade. Um lugar em que eu possa entrar.

Tenho um impulso de chamar Addy para sair comigo, embora eu nem saiba para onde estou indo. Estava apenas à procura de um plano

de fuga. Mas antes que eu possa inventar um bom motivo para sairmos, ela olha novamente para a porta de sua casa e diz:

— É melhor eu ir. Preciso encomendar as coisas para as lembrancinhas do casamento. As funções da madrinha nunca acabam.

— Que tipo de lembrancinhas?

— Saquinhos de amêndoas caramelizadas. Bem original, né? Mas Ash e Eli adoram isso.

— Você quer ajuda para embalá-las? — pergunto. — Eu me tornei uma expert em lembrancinhas agora que a minha mãe vive recebendo coisas para experimentar.

Addy se anima.

— Isso seria ótimo! Eu aviso quando chegarem. — Ela se vira para o apartamento com um aceno. — Aproveite o que você estava indo fazer. O dia está lindo.

— Vou aproveitar. — Ponho as chaves no bolso, a animação que surgiu por conversar com Addy rapidamente vai embora. Fico repetindo as palavras de Emma na cabeça enquanto entro no elevador. “Eu o odeio, odeio você e, enquanto eu viver, não quero falar com nenhum dos dois nunca mais!” Addy e Ashton podiam não se dar bem antes do ano que passou, mas aposto que nunca tiveram uma conversa dessa.

Quando a porta do elevador se abre, eu cruzo o chão que imita mármore e empurro as pesadas portas de vidro para alcançar a luz do dia. Não peguei meus óculos escuros ao sair, então preciso colocar a mão sobre os olhos quando atravesso até o parque do outro lado da rua. Ele é pequenino, do tamanho de um quarteirão, e popular entre os pais jovens e descolados de Bayview por conta da parede de escaladas para crianças e do mercado Whole Foods que fica próximo. Eu atravesso a entrada em arco, passando por dois menininhos brincando de bola, a caminho de um canto relativamente calmo, com sombra e um banco vazio.

Puxo o celular do bolso sentindo um vazio no peito. Recebi dezenas de mensagens hoje, mas depois de confirmar que nenhuma delas era de Emma, eu mal conseguia lê-las. Pela centésima vez no dia, eu gostaria de ter acreditado que dessa vez a cópia de Simon era para valer.

Ignoro as mensagens das pessoas que eu não conheço muito bem e leio todas as de Jules.

Você podia ter me contado, sabe.

Eu não julgo.

Quero dizer, foi desonesto, mas todo mundo erra.

Sinto um peso no estômago. Jules foi ótima hoje, um escudo entre mim e o restante da escola. Mas eu sabia que ela estava magoada por ter descoberto sobre Derek ao mesmo tempo que todos os alunos do

Colégio Bayview. Nós geralmente contamos tudo uma para a outra, mas eu não consegui contar isso para ela.

A última mensagem de Jules diz: *Monica está me dando uma carona para casa. Você quer ir?* Eu gostaria de ter lido isso antes de andar mais de três quilômetros do colégio até meu apartamento. Exceto por... Monica? Desde quando ela e Jules andam juntas? A imagem de Monica sendo alegremente falsa com Sean no almoço me vem e tenho a sensação de que começou assim que ela viu uma chance de descobrir mais podres.

A mensagem seguinte é de um número que eu não conheço e que não tenho nos meus contatos. *Oi, é a Maeve. Só para saber se você está bem.* Maeve nunca me escreveu antes. É legal da parte dela ter me procurado, eu acho, e ter se posicionado contra Sean no almoço hoje, mas eu não sei exatamente o que responder. Não estou bem, mas não há nada que Maeve — com seus pais perfeitos, sua irmã perfeita e um ex-namorado que agora é seu melhor amigo, porque nem quem leva um pé na bunda dela consegue se zangar com Maeve — possa fazer.

Brandon: *Passa aqui? Meus pais estão fora. ;)*

Meu rosto queima e fico irritada.

— Eu não acredito! — grito para a tela do telefone. Só que acredito sim, porque eu sempre soube que Brandon se importa menos comigo do que com um par novo de chuteiras de futebol americano. Rir de mim no almoço combina perfeitamente com Brandon, e eu deveria saber disso antes de ficar com ele.

Diferentemente de Emma, eu tive muitos namorados. E embora eu não tenha dormido com todos eles, eu dormi toda vez que me pareceu a coisa certa a se fazer. Sexo sempre pareceu algo positivo na minha vida até o último dezembro, quando me escondi na lavanderia de Jules com Derek. Depois corri dele diretamente para Brandon, apesar de todos os alertas para me manter afastada. Talvez depois de ter vacilado tanto com Derek eu tenha achado que não merecia coisa melhor.

Mas eu mereço. Um erro não condena ninguém a um futuro cheio de Brandons Weber. Apago a última mensagem. E então apago o número dele da agenda. Isso me dá meio segundo de satisfação, até que vejo a mensagem seguinte.

Número desconhecido: *Bom, isso foi divertido, não foi? Quem está pronto para...*

Eu não consigo ler mais nada na prévia da mensagem. Penso se devo apagar essa também, sem ler mais nada, mas não tenho motivo para isso. Se esse joguinho doentio estiver falando de mim, eu vou saber mais cedo ou mais tarde. Então abro a mensagem.

Bom, isso foi divertido, não foi? Quem está pronto para outra partida? Em seguida chegam mais de 50 mensagens de alunos do Colégio

Bayview implorando por mais. Babacas. Eu deslizo pelas mensagens até chegar na última, de Desconhecido:

O próximo jogador será contatado em breve. Tic-toc.

E então eu me lembro por que o Falando Nisso foi tão popular por tanto tempo. Porque apesar de odiar o Número Desconhecido, de ficar nervosa por ele ter revelado um segredo que jamais pensei que vazaria e de a ideia de outro Simon Kelleher rondando o Colégio Bayview ser nauseante, eu não consigo não ficar curiosa.

O que vai acontecer agora?

CAPÍTULO 6

Knox

Sábado, 22 de fevereiro

Estou prestes a matar a minha irmã.

— Desculpa, Kiersten, mas você tá no meu caminho. — Com um clique do meu dedão no controle, o avatar de Kiersten em *Bounty Wars* cai esmagado no chão, sangue esvaindo pelo pescoço dela. Minha irmã pisca, aperta alguns botões aleatoriamente e se vira para mim com uma careta incrédula.

— Agora você *rasgou a minha garganta*? — Ela observa a tela da televisão enquanto Dax Reaper paira sobre seu corpo sem vida. — Achei que estivéssemos nessa juntos! — Nosso golden retriever coroa, o Fritz, que estava semiadormecido aos pés de Kiersten, levanta a cabeça e deixa um chiado alto escapar.

— Estávamos — digo, tirando uma das mãos do controle para coçar atrás da orelha do Fritz. — Mas você viveu além da sua utilidade.

Na tela, Dax concorda comigo.

— É um bom dia para alguém morrer — rosna ele, metendo sua faca na bacia e flexionando os músculos. — Só que não eu.

Kiersten faz uma careta.

— Esse jogo é ruim. E estou faminta. — Ela está sentada ao meu lado no sofá do nosso porão e se mexe um pouco para cutucar meus joelhos com os dela. Kiersten mora a uma hora daqui e geralmente não passa os sábados conosco, mas a namorada dela está dando aulas no Japão por seis semanas, e ela está inquieta com isso. — Vamos lá, dê uma pausa no seu *alter ego* ridiculamente exibido e almoce comigo.

— Você se refere ao meu sócia — digo. — A semelhança é desconcertante. — Eu baixo meu controle e flexiono um braço, logo em seguida eu desejo não tê-lo feito. Qual é o contrário de *ridiculamente exibido*? Pateticamente franzino? Entre os irmãos, eu e Kiersten somos os mais parecidos, até o cabelo curto espetado, mas ela tem uma musculatura mais bem desenvolvida devido aos treinos de

remo nos finais de semana. Normalmente, eu tento não chamar atenção para o meu corpo.

Kiersten ignora a minha tentativa lamentável de piada.

— O que você está a fim de comer? — Ela levanta a mão antes que eu possa responder. — Por favor, não diga *fast-food*. Eu sou velha, lembra? Preciso de uma taça de vinho e alguns legumes. — Kiersten tem 30 anos, é a mais velha entre as minhas quatro irmãs. Elas nasceram uma atrás da outra, e então meus pais pensaram que tinham fechado a fábrica até eu aparecer 10 anos mais tarde. Minhas irmãs me trataram como um boneco por anos, me levando no colo o tempo todo, e por isso eu não me incomodei em aprender a andar até quase completar dois anos.

— Wing Zone — respondo imediatamente. É um restaurante famoso por suas asinhas de frango ultrapicantes e uma galinha inflável gigante no teto. Agora que Bayview está ficando na moda, os que chegaram há pouco começaram a reclamar que a galinha é brega e “não combina com a estética da cidade”. Aspas de uma carta ao editor na edição da semana passada do *Bayview Blade*. Com isso, os donos do Wing Zone estão dobrando a aposta: no Dia de São Valentim, amarraram uma guirlanda de corações vermelhos de néon no pescoço da galinha, e continua lá até hoje. Um deboche de nível profissional, e eu estou 100% de acordo.

— Wing Zone? — Kiersten franze a testa conforme seguimos para as escadas do porão, Fritz no nosso encalço. — Eu não acabei de pedir especificamente por legumes?

— Eles têm palitinhos de aipo.

— Isso não conta, é 99% água.

— Também tem salada de repolho.

— É 100% maionese.

— As asinhas de Lemon Pepper têm... suco de limão?

— Vou ensinar uma coisa para você, Knox. Gosto artificial de fruta não é nem nunca vai ser natural. — Kiersten me olha de novo ao abrir a porta do porão e eu lhe dou o tipo de sorriso esperançoso e cativante que funciona com absolutamente ninguém além das minhas irmãs. — Argh, tudo bem — resmunga. — Mas você me deve essa.

— É óbvio — digo. Mas sei que ela nunca vai me cobrar. É a vantagem de ter irmãs que pensam que são sua mãe.

Nosso porão dá na cozinha e, quando subimos as escadas, vejo que meu pai está sentado à mesa, curvado sobre uma papelada. Ele se parece bem mais com Dax Reaper do que eu. Agora que ele é o dono da sua própria empresa, papai não necessariamente precisa pôr a mão na massa numa construção, mas ainda o faz, o que o torna o cinquentão mais em forma que conheço. Ele olha para cima, e seus olhos passam rapidamente por mim — o garoto chatonildo que ainda

mora em sua casa — e brilham quando param em Kiersten.

— Eu não sabia que você ainda estava aqui — diz ele. Fritz, que sempre gostou mais do macho alfa que é meu pai do que de qualquer outra pessoa, se inclina adoravelmente em sua direção.

Minha irmã suspira.

— Knox me prendeu no mundo infernal dos videogames.

Papai franze a testa, porque ele acha que jogos de videogame são uma perda de tempo. Ao contrário dos esportes de verdade, que ele adoraria que eu praticasse. Mas ele apenas balança para mim a pasta que está segurando e diz:

— Vou deixar isso para você levar para o trabalho na segunda-feira.

— O que é? — pergunto.

— Cartas de apresentação. Vamos contratar alguns dos ex-detentos do D'Agostini — diz. — Recebi do Até que Provem pelo correio.

Ótimo. Mas não veio pelo correio. Eu trouxe para casa e deixei na mesa dele. Com um *bilhete*. Que, eu suponho, ele nem notou.

Kiersten se anima.

— Que ótimo, pai! Uma bela maneira de servir de exemplo para a comunidade.

Meu pai e Kiersten são um estranho e amistoso par. Ele é aquele cara conservador, machão, das antigas, que de algum modo se dá melhor com a filha lésbica de costumes ultraliberais do que com qualquer outra pessoa. Talvez porque os dois são do tipo atlético, controlador e independente.

— Bom, até agora tem funcionado bem — diz meu pai, empurrando a pasta para um canto da mesa. — Nate é um bom funcionário. E você sabe que ele tirou dez nas duas matérias que custeamos para ele no último semestre. O garoto é bem mais inteligente do que acham.

Bom, nessa casa ele tem bastante reconhecimento. Mas tudo bem.

— É tão legal que você esteja fazendo isso por ele — diz Kiersten, e a emoção genuína contida em sua voz faz eu me sentir um babaca. Eu não tenho nada contra Nate, mas não consigo afastar a sensação de que ele é o filho que o meu pai *gostaria* de ter tido. Pego meu moletom da cadeira, onde o deixei mais cedo, enquanto Kiersten complementa: — Quer almoçar, pai? Vamos comer asinhas de frango. — Ela dá um sorrisinho ao dizê-lo.

— Não, obrigado. Preciso voltar ao trabalho e terminar a proposta para o estacionamento do shopping. Está desocupado por tempo demais e, sendo sincero, é ao mesmo tempo uma monstruosidade e um perigo. — Ele franze a testa e se vira para mim. — Um dos meus funcionários disse ter ouvido rumores de que adolescentes estão cortando caminho pelo terreno em construção. Você viu algo assim,

Knox?

— O quê? Não! Definitivamente não. — Eu praticamente grito, alto demais e agitado demais. Deus, meu pai me deixa nervoso. Sua testa fica ainda mais franzida e Kiersten me puxa pelo braço.

— Tudo bem, então. Estamos indo. Veja você mais tarde! — Já passamos pela porta da entrada e estamos na metade do caminho até a calçada quando Kiersten fala novamente. — Você precisa treinar sua expressão quando mente, Knox — murmura ela, tirando um molho de chaves da bolsa e apontando para o seu Civic prateado. — E pare de cortar caminho por terrenos abandonados.

É um sábado ensolarado, porém frio. Eu puxo o gorro do meu casaco quando sento no banco do passageiro.

— Foram apenas algumas vezes.

— Ainda assim — diz Kiersten, sentando-se ao meu lado. — É meu dever enquanto irmã mais velha lembrá-lo de que isso não é seguro. Considere-se avisado. — Ela gira a chave e nós dois estremecemos quando a música toca no volume máximo. Eu sempre me esqueço de que Kiersten ouve música muito alto quando está dirigindo sozinha. — Foi mal — diz, abaixando o som. Ela dá uma olhada pelo retrovisor e começa a dar ré na calçada. — Então, quase não consegui falar com você durante aquele jogo esquisito. Segue sendo palhaçada você ter me matado, aliás. Não superei. Mas e quais são as novidades? Como está o trabalho, a peça, a escola?

— Está tudo bem. Tudo muito bom.

Ela liga a seta e se prepara para sair da nossa rua.

— Por que só muito bom?

Eu não sei bem como começar. Mas não preciso, porque o telefone de Kiersten toca.

— Um instante — diz ela, o pé ainda no freio enquanto revira o interior da bolsa. — É Katie — diz, me entregando o celular. — Ponha no viva-voz, pode ser? — Obedeço e Kiersten chama: — Oi, Katie. Estou no carro com Knox. Tudo bem?

A vizinha da minha segunda irmã mais velha começa a reclamar pelo alto-falante sobre algo que é salmão, mas deveria ser cor-de-rosa. Ou talvez seja o contrário.

— Katie, para — pede Kiersten, avançando pela rua principal que vai nos levar ao Bayview Center. — Não estou nem conseguindo entender. Isso é sobre... flores? Ok, noiva ansiosa, acalme-se um pouco.

Eu paro de prestar atenção nas duas, desbloqueando meu próprio telefone com uma pontada de excitação. Como todo mundo no Colégio Bayview no fim de semana, estou esperando pela mensagem do Número Desconhecido. Mas nada aconteceu. Imagino que quem quer que seja o alvo está decidido a escolher consequência, e eu não sei o

que esperar disso. É um novo território. Simon nunca se preocupou com esse tipo de joguinho.

É errado que eu esteja meio que... sei lá, *interessado*? Eu não deveria estar assim depois do que aconteceu com Phoebe. Para não mencionar a longa lista de merdas do ano passado. Mas esse jogo tem um quê de videogame que me deixou estranhamente envolvido. Tipo, eu poderia simplesmente bloquear as mensagens do Número Desconhecido e acabar com isso, mas não o faço. Quase ninguém do Colégio Bayview bloqueou, pelo que sei. Do que foi mesmo que Lucy Chen nos chamou no outro dia, no almoço? *População de alto risco*. Condição a responder ao tipo certo de provocação, como ratinhos de laboratório superestimados.

Era o termo favorito de Simon. Ratinhos.

Enquanto estou rolando a tela, uma mensagem de Maeve aparece. *Oi, uma galera vai sair na sexta, quando Bronwyn estiver na cidade. Posso contar com você?*

Talvez, respondo. Ela está de recesso?

Não, ela vem só para o fim de semana. É a despedida de solteira de Ashton. E também vamos assistir a Into the Woods. Ela completa com um emoji fazendo careta. Respondo com três deles de volta. Eu já não aguento mais essa peça, e ainda estamos a semanas da abertura. Meu alcance vocal cantando é mínimo, mas mesmo assim fiquei com o papel principal porque sou um dos únicos garotos da turma do teatro. Agora a minha garganta dói o tempo todo por conta do esforço e, além disso, os ensaios estão atrapalhando o meu horário de trabalho no Até que Provem.

É estranho e meio desconfortável perceber que você talvez tenha superado uma coisa que costumava ser a sua vida. Principalmente se você não souber o que mais pode fazer. Não é como se eu estivesse arrasando na escola ou no trabalho. A minha maior contribuição no Até que Provem até agora foi ter apoiado a escolha de Sandeep para os nomes das salas de reunião. Mas eu gosto de lá. E ficaria mais horas no estágio se tivesse disponibilidade.

Estamos no centro de Bayview antes de Katie finalmente desligar a ligação. Kiersten me lança um olhar de desculpa conforme entra com o carro no estacionamento do outro lado da rua do Wing Zone.

— Me desculpa por essa “emergência floral”. Que de emergência não tinha nada. Com quem você estava trocando mensagens enquanto eu ignorava você?

— Maeve — respondo. O meu telefone está quase sem bateria, então desligo o aparelho antes de guardá-lo de volta no bolso.

— Ah, Maeve. — Kiersten suspira, nostálgica. — A que escapou. — Ela estaciona em uma vaga e desliga o carro. — De mim, quero dizer. Eu estava shippando tanto vocês. Eu tinha até escolhido o nome de

casal dos dois. Eu já contei isso para você? Era Knaeve. — Eu resmungo quando abro a porta. — Mas você parece estar bem. Você *está* bem? Quer conversar sobre isso?

Ela sempre faz essa pergunta e eu nunca digo que quero.

— É óbvio que estou bem. Tem muito tempo que nós terminamos.

Saímos do carro e seguimos até uma passagem no portão de entrada do estacionamento.

— Eu sei, eu sei — diz Kiersten. — Eu só não entendo o *porquê*. Vocês eram perfeitos juntos!

Em momentos assim, independentemente das minhas irmãs serem ótimas, eu desejo ter um irmão mais velho. Ou um melhor amigo que gostasse de meninas. Eu e Maeve não éramos perfeitos juntos, mas eu não sei como desenvolver esse assunto com Kiersten. Eu não sei como fazer isso com ninguém.

— Somos melhores como amigos — explico.

— Bom, eu acho ótimo que... Huh. — Kiersten para de andar tão de repente que quase nos esbarramos — Por que tanta gente? É sempre cheio desse jeito aos sábados?

Já podemos ver o restaurante e ela tem razão — a calçada está lotada.

— Não, nunca — digo, e um sujeito na minha frente se vira ao ouvir a minha voz. Por um segundo, eu não o reconheço, porque nunca o vi fora da escola. Mas não há como não identificar Matthias Schroeder, mesmo fora de contexto. Ele se parece com um espantalho: alto e magro, com roupas largas, cabelo louro fino e olhos estranhamente escuros. Percebo que estou observando seus olhos perto demais, imaginando se são de verdade ou lentes de contato.

— Oi, Knox — diz ele, sem emoção. — É o frango.

— Quê? — pergunto. Ele está falando em algum tipo de código? Eu devo responder que *Os corvos voam à meia-noite* ou algo do gênero? Kiersten espera, ansiosa, como se eu fosse apresentá-la, mas não sei o que dizer. *Esse é Matthias. Ele foi suspenso por imitar Simon Kelleher no último outono. Nós nunca conversamos antes. Esquisito, né?*

Matthias aponta para o alto com seu dedo comprido e pálido. Eu sigo seu olhar até o teto do Wing Zone e então não acredito como não havia notado antes. O colar de corações vermelhos da galinha inflável sumiu, assim como sua cabeça. Bom, provavelmente ainda está lá, só que alguém meio que enfiou o que parece ser a cabeça do mascote do Colégio Bayview, um gato selvagem, no lugar. Agora a coisa toda parece um gato-galinha gigante e bizarro, e não consigo desviar o olhar. Dou uma bufada, mas seguro a gargalhada completa quando percebo a expressão exasperada de Kiersten.

— Minha mãe do céu — murmura ela. — Por que alguém faria algo assim?

— Vingança dos coxinhas? — pergunto, mas imediatamente rejeito a ideia. O tipo de gente que reclama que uma galinha inflável está desvalorizando seus imóveis não vai ficar feliz com uma coisa dessas.

— Você não entendeu? — Matthias pergunta. Ele olha com intensidade para mim e, caramba, esse menino é estranho. Quase posso ouvir Maeve dizendo *Ele só é sozinho*, o que talvez seja verdade, mas *também* é verdade que ele é estranho. Às vezes as duas coisas estão relacionadas, é o que quero dizer.

Meu estômago ronca. Ele sabe que estamos perto das asinhas e não está feliz com esse atraso.

— Não entendi o quê? — pergunto, impaciente.

— Escolha sempre a consequência, não é? — Matthias diz. Ele me cumprimenta de um jeito contido e breve e dá meia-volta, se misturando à multidão. Kiersten parece confusa.

— Qual o problema dele?

— E eu sei? — digo, distraído, puxando meu telefone do bolso para ligá-lo. Há duas mensagens do Número Desconhecido.

CONSEQUÊNCIA: Colocar a cabeça do mascote do Bayview Wildcat no lugar da cabeça da galinha do Wing Zone.

STATUS: Realizado por Sean Murdock. Parabéns, Sean. Bom trabalho.

A segunda mensagem vem com uma foto do gato-galinha. Bem de pertinho. Como se tivesse sido tirada por alguém que estava bem ali ao lado. Tudo ao redor está escuro, o que me faz pensar que a troca de cabeças ocorreu ontem à noite, mas ainda não havia chamado a atenção da população até as pessoas que foram almoçar no Wing Zone aparecessem.

Mais mensagens surgiram, dessa vez dos alunos do Colégio Bayview respondendo ao Número Desconhecido:

Hino!!!

Hahahhhahaha, não consigo parar de rir

Totalmente épico, Sean

Rindo pacaralho

Sinto uma pontada de frustração. Assim que me mudei para Bayview, no sétimo ano, Sean — e Brandon Weber — fizeram da minha vida um inferno com brincadeirinhas do tipo *Quantos livros do Knox conseguimos enfiar na privada?* Até hoje Sean gosta de me perguntar como a minha irmã sapatão está, porque é um neandertal que nem sabe que isso não é um insulto. Se tem alguém no colégio que eu gostaria de ver humilhado nesse jogo, esse alguém é ele. Mas, em vez disso, vai inflar ainda mais o ego já grande de Sean.

Não existem consequências para caras como ele e Brandon. Nunca.

— Seu telefone está frenético — observa Kiersten. — Sobre o que seus amigos estão falando?

Eu desligo o aparelho e enfio no bolso, desejando poder desligar a

minha raiva com essa mesma facilidade.

— É só um grupo perdendo a noção — digo. — Não são meus amigos.

E o Número Desconhecido também não é. O que eu deveria saber desde o começo, obviamente, mas agora eu *realmente* sei.

CAPÍTULO 7

Maeve

Quinta-feira, 27 de fevereiro

Eu não consigo parar de sorrir para Bronwyn.

— É tão estranho você estar aqui.

— Eu estive aqui menos de dois meses atrás — lembra ela.

— Você parece diferente — digo, embora ela não pareça. Quero dizer, a trança lateral é fofa e eu nunca vi Bronwyn usar o cabelo assim antes, mas, além disso, ela não mudou nadinha. Bronwyn está inclusive usando seu suéter favorito, o antigo de cashmere, que é tão velho que ela precisa enrolar as mangas para disfarçar o tanto que os punhos estão desgastados. É o restante do mundo que parece mais brilhante quando ela está por perto, eu acho. Até os especiais do dia rabiscados de giz no quadro do Café Contigo parecem mais vibrantes. — Você precisa voltar a morar aqui na pós-graduação, tá? Essa distância não está dando certo para mim.

— Nem para mim. — Bronwyn suspira. — No fim das contas, eu sou mesmo uma garota da Califórnia. Quem poderia imaginar? — Ela enfia uma colher no seu café com leite para redistribuir a espuma em uma fina camada. — Mas talvez você nem esteja mais aqui quando eu voltar, se for para a faculdade no Havaí.

— Bronwyn, qual é?! Nós duas sabemos que eu não vou para a Universidade do Havaí — digo, comendo o meu último pedaço de alfajor e tomando um gole de água. Meu tom é leve, casual. Daqueles que significam *Eu não vou porque não sou uma pessoa de ilhas* e não *Eu não vou porque tive outro sangramento nasal hoje pela manhã*. Foi mínimo, no entanto. Parou em alguns minutos. Não sinto nenhuma dor nas articulações, febre ou manchas estranhas pelo corpo, então está tudo bem.

Está tudo bem.

Bronwyn abaixa a colher e une as mãos, me lançando um dos seus olhares sérios.

— Se em cinco anos você pudesse estar em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa, o que você escolheria?

Não. De jeito nenhum vamos falar sobre isso. Se eu começar a falar sobre o futuro com a minha irmã, minha fachada cuidadosamente construída vai desaparecer e eu vou quebrar como um ovo. O que, por sua vez, estragaria a visita dela, seu semestre e um milhão de outras coisas.

— Você não pode analisar o meu futuro agora — digo, pegando outro alfajor. — Dá azar.

— O quê? — Bronwyn franze a testa. — Por quê?

Aponto para o relógio na parede, que vem marcando dez horas desde que a bateria acabou, uma semana atrás.

— Porque o relógio está quebrado. O tempo está, literalmente, parado.

— Ai, meu Deus, Maeve. — Bronwyn revira os olhos. — Isso nem é uma superstição de verdade. É só uma coisa que você e a vovó Ita inventaram. Ela mandou um oi, aliás. — Agora que Bronwyn mora em Connecticut, pode ver nossos avós regularmente. Nosso avô, Ito, ainda dá aulas como convidado em Yale. — E também mandou falar que você é perfeita e a favorita dela.

— Ela não disse isso.

— Estava implícito. Está *sempre* implícito. Os jantares de domingo com Ito e Ita são, basicamente, noites de elogios para Maeve — Bronwyn toma um golinho de café, parecendo pensativa de repente. — Então... se hoje já é um dia sem sorte, será que podemos falar sobre eu e Nate talvez termos terminado para valer dessa vez?

— Bronwyn. Qual é o *problema* de vocês? — Balanço a cabeça. — Por que não conseguem resolver isso? O relacionamento de vocês começou com conversas no telefone, falando as coisas em alto e bom som! Apenas faça isso por, sei lá, três meses e vai ficar tudo bem.

— Eu não sei — diz ela, desanimada. Bronwyn tira os óculos e esfrega os olhos. Viemos para cá direto do aeroporto e, obviamente, ela está com um pouco de jet lag por ter atravessado o país no voo. Ela está perdendo algumas aulas para estar aqui hoje, o que não deixou o papai nada animado, mas minha mãe não consegue não pedir para Bronwyn ficar um dia a mais quando ela vem visitar. — Nós nunca mais estivemos na mesma sintonia — diz ela. — Quando estou me sentindo bem em relação a alguma coisa, ele sente como se estivesse me *segurando*. — Ela sorri e faz um sinal de aspas no ar. — Quando ele começa a falar sobre o que deveríamos fazer no recesso, na primavera, eu fico pensando se não cometi um erro ao não me inscrever para a viagem voluntária na qual eu estava interessada. Depois eu começo a pensar nele vivendo naquela casa, com todas aquelas pessoas, meninas entrando e saindo o tempo inteiro, e tenho

tanto ciúme que me deixa irracional. E isso não tem *nada* a ver comigo.

— Não, não tem — concordo. — E você também vive num dormitório, então é a mesma coisa.

— Eu sei. — Bronwyn suspira. — É só tão mais difícil do que eu pensei que seria. Tudo que eu sinto, ou digo, parece errado quando se trata de Nate.

Eu não me preocupo em perguntar se ela ainda ama Nate. Eu sei que sim.

— Você está pensando demais — digo a ela, e Bronwyn solta uma risada engasgada.

— Ah, você *acha*? Nossa, seria a primeira vez. — O telefone dela vibra sobre a mesa e a sua expressão muda. — Já são quatro horas? Evan está lá fora.

— O quê? Evan *Neiman*? — Minha voz se altera quando digo o sobrenome dele. — O que ele está fazendo aqui?

— Me dando carona para a casa de Yumiko — diz Bronwyn, terminando o café com leite. — Ela está reunindo o pessoal antigo da Olimpíada de Matemática para assistir a alguma coisa que tem a ver com *Os Vingadores*. Não me pergunte o que é, você sabe que eu não ligo. — Ela guarda o telefone na bolsa e fica olhando para dentro dela. — Argh, eu esqueci os meus óculos de grau? Sempre esqueço onde estão. Quase não preciso deles em Connecticut.

— Por que Evan vai levar você? Ele não está na Caltech?

Bronwyn segue vasculhando a bolsa.

— Está, mas ele e Yumiko saem juntos às vezes. E ele esteve em Yale mês passado para a competição do Clube de Debate, então... aha! Aqui estão. — Eu dou um pigarro alto e ela finalmente olha para mim, a caixa azul-clara dos óculos nas mãos. — Por que você está me olhando com essa cara?

— *Evan*?

Ela se mexe na cadeira.

— Não é nada de mais.

— Você está pegando carona com o seu ex depois de acabar de reclamar sobre como as coisas não estão funcionando com o seu *outro* ex e não é nada de mais? — Cruzo os braços. Para alguém tão inteligente, minha irmã pode ser ridiculamente ingênua. — Qual é, passei a metade da minha vida num hospital, com câncer, e até eu sei que não é uma boa ideia.

— Evan e eu somos apenas amigos que por acaso namoraram por um bom tempo. Como você e Knox.

— Não, não é como eu e Knox. Nós dois concordamos com o término. Você largou o Evan para ficar com Nate, e Evan ficou ruminando isso pelo restante do último ano. Ele escreveu *poesias*. Você

se esqueceu das *Estufas do desespero*? Porque eu não me esqueci. E agora ele está dirigindo por duas horas e meia numa sexta-feira para assistir a *Homem de Ferro* com você?

— Acho que não é *Homem de Ferro* — responde ela, em dúvida.

— Alô, Bronwyn. Isso não é importante. Evan ainda está apaixonado e todo mundo, a não ser você, consegue perceber. — Eu passo o saleiro para ela como se ele estivesse em chamas, mas acabo derrubando-o e então tenho que fazer todo o ritual de olhar para trás. Bronwyn se aproveita da minha distração para ficar de pé e me envolver num abraço de um braço só. Ela parece estar ficando preocupada, mas a carona está lá fora e eu posso praticamente ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto calcula o quociente de estranheza se decidir voltar agora. Alto demais.

— Tenho que ir. Vejo você em casa — diz. — Volto antes do jantar.

— Ela joga a bolsa carteiro sobre um dos ombros e segue para a porta.

— Faça boas escolhas — aconselho.

Olho ao redor do café quando ela passa pela porta. Phoebe está trabalhando hoje, a testa franzida de concentração conforme ela anota um pedido de dois hipsters de gorrinho na cabeça. Desde o triunfo enfurecedor de Sean Murdock no Wing Zone, as pessoas têm agido como se o Verdade ou Consequência do Colégio Bayview fosse um jogo hilário. Chegou uma mensagem ontem do Número Desconhecido — *o próximo jogador foi contatado, tic-toc* — e agora todos estão apostando sobre quem é o novo escolhido. Considerando o desenrolar dos dois últimos rounds, a consequência está em vantagem.

É como se todo mundo no Colégio Bayview tivesse se esquecido de que Simon era uma pessoa de verdade que acabou sofrendo mais do que todo mundo porque ele mesmo usava a fofoca como arma. Mas é só olhar para os olhos tristes e para o rosto fundo de Phoebe para saber que não tem nada de engraçado nisso.

Puxo o notebook da bolsa e abro o site do novo Falando Nisso, no qual uma foto da galinha de Sean no Wing Zone está em destaque. Há uma seção de comentários abaixo, e as pessoas que não estão parabenizando Sean estão especulando sobre a identidade do Número Desconhecido.

É Janae Vargas, galera. Terminando o que Simon começou. Eu não acredito nessa hipótese nem por meio segundo. A ex-melhor amiga de Simon não conseguiu sair de Bayview rápido o bastante depois da formatura. Agora ela frequenta uma faculdade em Seattle, e não acho que tenha voltado à cidade sequer uma vez.

Madman Matthias Schroeder, óbvio.

O próprio Simon. Ele não morreu, só queria que pensássemos que estava morto.

Eu abro outra aba e digito AnarchiSK — o nome antigo de usuário

de Simon — na busca. Eu costumava procurar esse nome no Google o tempo inteiro, quando estava tentando descobrir quem poderia ser o responsável pelo que aconteceu com Simon. São milhares de resultados, a maior parte de artigos antigos, então restrinjo a busca até as últimas 24 horas. Um link aparece, de um fórum do Reddit com as palavras *A Vingança É Minha* na URL.

Minha nuca começa a pinicar. Simon costumava publicar os seus discursos de vingança em um fórum chamado *A Vingança É Minha*, mas ficava hospedado no 4chan. Eu deveria saber, passei horas lendo aquilo antes de mandar o link para o programa *Mikhail Powers Investiga*. Mikhail exibiu uma série sobre a morte de Simon e, assim que ele mencionou o fórum da vingança, o site foi invadido por posts falsos e curiosos. Por isso o fórum fechou.

Pelo menos era o que eu pensava. Meio segundo antes de eu clicar no link, as palavras *Ele não morreu, só queria que pensássemos que estava morto* não parecem mais tão forçadas quanto antes.

Mas a página está praticamente em branco, a não ser por alguns posts:

Meu professor precisa dar o fora antes que eu o mate para valer. — Jellyfish

Eu quase soquei a cara dele kkkk. — Jellyfish

Bom, agora você não pode matá-lo. O que o AnarchiSK sempre diz? “Não seja tão óbvio.” — Darkestmind

Foda-se esse cara. Pegaram ele. — Jellyfish

A porta do café se abre e Luis entra usando uma camiseta desbotada da Universidade de San Diego e, sobre o cabelo escuro, um boné de beisebol virado para trás.

Ele me vê e faz um daqueles gestos que ele e Cooper estão sempre fazendo, em que se projeta o queixo para a frente — um código para *É, tô vendo você, mas sou descolado demais para acenar*. E então, para a minha surpresa, ele muda o rumo e vem na minha direção, sentando-se no espaço que Bronwyn acabou de deixar vago.

— E aí, Maeve, tudo certo?

Tirando minha contagem de células brancas, que deve estar lá em cima... Deus, como eu sou engraçada.

— Tudo bem — digo, empurrando o notebook para o lado. — Veio da aula?

— Sim. Contabilidade. — Luis faz uma expressão irônica. — Não é a minha favorita, mas não podemos passar todos os dias na cozinha.

Infelizmente. — Luis está estudando para conseguir o diploma em hotelaria, e assim poderá ter o seu próprio restaurante um dia, o que é o tipo de coisa que eu nunca teria imaginado quando ele era o cara no campus.

— Bronwyn acabou de sair daqui — digo, porque suponho que foi por isso que ele parou na minha mesa. Eles dois não são próximos, mas saem juntos às vezes por causa de Cooper. — Ela está na casa da Yumiko, se você... — E então eu me interrompo, porque as relações sociais entre Bronwyn e Luis começam e terminam com Cooper. Tenho certeza de que Luis não está planejando aparecer na noite de filmes da galera da Olimpíada de Matemática de Bayview.

— Legal. — Luis abre um sorriso e estica as pernas sob a mesa. Estou tão acostumada a Knox sentado comigo que a presença de Luis é um pouco desconcertante. Ele ocupa mais espaço, tanto seu físico quanto... sua autoestima, acho. Knox parece nunca ter certeza de que deveria estar onde está. Luis se espalha, como se o lugar fosse dele. Bom, nesse caso, os pais dele são mesmo os donos, então talvez seja por isso. Mas ainda assim. Ele tem uma facilidade que, eu acho, vem do fato de ele ter sido atlético e popular a vida inteira. Luis passou anos sendo o centro de um ou outro time. Ele sempre pertenceu. — Eu tinha uma pergunta para você, na verdade.

Posso sentir o meu rosto ficando vermelho, e ponho as duas mãos embaixo do queixo para esconder. Eu gostaria de não ser constantemente atraída pelo tipo de cara que ou me ignora ou me trata como sua irmã, mas aqui estamos. Não tenho defesas quando se trata de atletas bonitinhos.

— Ah?

— Você mora aqui agora? — pergunta ele.

Eu pisco, sem ter certeza se estou decepcionada ou se fui pega desprevenida. Provavelmente ambos.

— O quê?

— Você fica nesse restaurante mais tempo que eu, e sou pago para estar aqui.

Seus olhos escuros brilham e meu estômago retorce na barriga. Ai, Deus. Ele acha que estou aqui por causa *dele*? Quero dizer, sim, ver Luis numa daquelas camisetas justas que ele está sempre usando é geralmente um momento alto do meu dia, mas eu não achei que estava sendo tão óbvia em relação a isso.

Estreito o olhar na direção dele e procuro usar um tom de voz imparcial.

— Seu relacionamento com os clientes precisa melhorar.

— Não é isso. Estou apenas imaginando se você conhece uma coisa chamada *o mundo lá fora*? Tem sol e ar fresco, pelo que eu ouvi falar.

— Puro boato. E especulação — respondo. — Isso não existe. Além

disso, estou fazendo a minha parte pela economia de Bayview. Apoiando o comércio local. — Bebo o restante da minha água para me forçar a ficar calada. Essa é a conversa mais longa que eu já tive a sós com Luis, e estou me esforçando tanto para parecer descolada que nem sei o que estou dizendo.

— Esse seria um argumento melhor se você pedisse alguma coisa diferente de café todas as vezes — repara Luis, e dou risada com o meu erro.

— Posso ver que as aulas de contabilidade estão dando resultado — digo. Ele ri também, e eu finalmente relaxo a ponto do meu rosto voltar a ter uma temperatura normal. — Você acha que vai ficar com os negócios dos seus pais um dia? Tomar conta do Café Contigo, quero dizer?

— Provavelmente não — responde Luis. — Esse lugar é deles, sabe? Quero algo que seja somente meu. E eu também sou mais interessado em restaurantes sofisticados. O pai me acha metido, no entanto. — Ele imita o tom grave do pai: — *Tienes el ego por las nubes, Luis.*

Dou um sorriso. O ego de Luis *está* nas nuvens, mas pelo menos ele sabe disso.

— Ele deve estar feliz por você estar interessado no ramo da família, por outro lado.

— Acho que sim — diz Luis. — Principalmente porque Manny não sabe fazer uma torrada que não fique queimada. — O irmão mais velho de Luis, o que tem o mesmo nome do pai, sempre foi mais chegado a carros que a cozinhas. Mas ele tem trabalhado no restaurante desde que foi dispensado de uma oficina mecânica. — Ele vem ajudar amanhã à noite e o papai está todo “Por favor, não toque em nada. Apenas lave os pratos”. — Luis tira o boné, passa a mão pelo cabelo e põe o boné de volta. — Você vai estar aqui, certo? Acho que Cooper vai aparecer, no fim das contas.

— Ele vem? — pergunto, genuinamente feliz. — Todos os amigos de Bronwyn e Addy vão se encontrar no Café Contigo antes da despedida de solteira de Ashton amanhã à noite, mas quando fiquei sabendo disso, a vinda de Cooper ainda era uma dúvida.

— Sim. Somos muitos agora que o pai nos deu a sala de trás. — Luis olha para a soleira de uma porta nos fundos do restaurante, onde uma cortina de contas faz a separação para uma pequena área de jantar reservada. — Espero que não fique cheio demais quando souberem que Cooper estará por aqui. Na mesa de verdade cabem, tipo, umas dez pessoas. — Ele começa a contar nos dedos. — Você, eu, Coop, Kris, Addy, Bronwyn, Nate, Keely... Quem mais? Seu namorado vem?

— O meu o quê? Você tá falando do Knox? — Eu pisco quando Luis concorda com a cabeça. — Ele não é meu namorado. Nós terminamos

há séculos.

— Sério? — As sobrelhas de Luis se levantam. Céus, parece que você fica totalmente por fora das fofocas quando se forma. — Mas ele tá sempre aqui com você.

— Sim, ainda somos amigos. Mas não estamos mais juntos.

— Huh — diz Luis. Seus olhos piscam na minha direção e minhas bochechas voltam a pegar fogo. — Interessante.

— Luis! — O Sr. Santos põe a cabeça para fora da cozinha. Ele é bem mais baixo e mais gordo do que qualquer um dos filhos, até mesmo os mais novos. Todos puxaram a mãe na altura. — Hoje você vai trabalhar ou paquerar?

Eu abaixo a cabeça e puxo meu notebook para a minha frente mais uma vez, esperando parecer ocupada e não menos confiante. Eu estava me divertindo tanto conversando com Luis que quase me esqueci: esse é um comportamento padrão para ele. Ele é ótimo em jogar charme, e é por isso que metade da clientela do Café Contigo é formada por meninas entre quatorze e vinte anos.

Luis dá de ombros ao ficar de pé.

— Eu faço várias coisas ao mesmo tempo, pai.

Os olhos do Sr. Santos se voltam para mim, as sobrelhas unidas numa expressão exagerada de preocupação.

— Ele está incomodando você, *mi hija*? Diga e eu chuto ele para fora daqui.

Dou um sorriso forçado.

— Ele só está fazendo o seu trabalho.

Luis para na ponta da mesa, me lançando um olhar que não consigo decifrar.

— Você quer alguma coisa? Café ou... café?

— Estou bem, obrigada — digo. Meu sorriso está mais para uma careta de dor, então desisto.

— Vou trazer alguns alfajores para você — diz ele, olhando para trás ao seguir para a cozinha.

Phoebe está passando neste instante e para, baixando sua bandeja vazia para ver Luis recuando.

— Por que isso pareceu obsceno? — pergunta ela, pensativamente. Ela chuta o meu pé e baixa o tom de voz: — Ele é tão gracinha. Você devia deixar acontecer.

— Nos meus sonhos — murmuro, voltando os olhos para a tela do computador. Depois deixo escapar um grito assustado de dor quando Phoebe me chuta novamente, dessa vez com mais força. — Ai. Por que você fez isso?

— Porque sou estúpida — responde ela, deixando o corpo cair na cadeira em frente à minha. — Ele está a fim de você.

— Você tá de brincadeira? — Faço um gesto para a porta da

cozinha como se Luis estivesse lá, embora ele não esteja. — Quero dizer, olhe para ele.

— Olhe para você — rebate Phoebe. — Por favor, não me diga que você é uma dessas meninas bonitas que insiste em dizer que não é bonita. Isso é cansativo. Você é gostosa, assumo. E você gosta dele, não gosta? Deveria deixar transparecer em vez de ficar toda estranha e carrancuda quando ele está flertando com você.

— Não sou estranha e carrancuda! — protesto. Phoebe apenas inclina a cabeça, enrolando devagar em um dos dedos um cacho cor de bronze, e eu completo: — Na maior parte do tempo. Além do mais, Luis flerta com todo mundo. Não quer dizer nada.

Phoebe dá de ombros.

— Não é a impressão que eu tenho. E eu sou muito boa em interpretar os meninos. — É simplesmente a constatação de um fato, mas assim que ela diz isso, a confusão toda com o namorado de Emma me vem à mente e não consigo evitar arregalar os olhos num reflexo. Phoebe morde o lábio e desvia o olhar. — Embora eu tenha zero credibilidade nesse departamento agora, então vou deixar você voltar para... sei lá o que você estava fazendo — diz, empurrando a cadeira para se afastar da mesa.

Minha mão está no punho dela antes que eu perceba o que estou fazendo.

— Não, espera. Não vá embora — digo rápido. — Eu não quis parecer que estou julgando, mas... aparentemente eu sou estranha e carrancuda em situações diversas. — Ela quase sorri, então me sinto encorajada a completar: — Olha, eu sei como isso tudo deve ser para você. Eu passei por isso com Bronwyn no ano passado... Sou uma boa ouvinte, se você quiser conversar em algum momento. Ou até mesmo, você sabe, sair e tacar fogo nos nossos celulares.

Fico aliviada quando Phoebe ri. Não estou muito acostumada a me meter quando as pessoas não pediram a minha ajuda, e, de certa forma, eu esperava que ela fosse se afastar e nunca mais falar comigo de novo.

— Talvez eu concorde com isso — cede ela. E então sua expressão murcha e ela arranca uma linha solta do avental. — Emma está tão zangada comigo. Eu fico tentando me desculpar, mas ela não me ouve.

— Eu sinto muito — digo. — Talvez você só precise dar um pouco mais de tempo para ela. — Phoebe concorda com a cabeça, melancolicamente, e eu complemento: — Espero que não esteja zangada só com você. Quero dizer, você não era a única pessoa envolvida. O ex dela também estava lá.

Phoebe faz uma cara.

— Eu não sei se eles chegaram a conversar depois que ela descobriu. Nem ousou perguntar. — Ela segura o queixo com uma das

mãos e olha, pensativa, para os azulejos coloridos que formam o mosaico brilhante na parede ao nosso lado. — Eu gostaria de saber como a coisa vazou, para começo de conversa. Quero dizer, é óbvio que Derek deve ter contado a alguém, porque tenho certeza de que eu não contei. Mas ele mora em Laguna e não conhece ninguém aqui.

— Como você acabou se encontrando com ele, então? Depois que ele e Emma terminaram, quero dizer.

— Festa de Natal na casa da Jules — revela Phoebe. Eu levanto as sobrancelhas, e ela continua: — Mas Jules não o conhece. Derek estava lá com o primo dele. Acho que eles nem se cumprimentaram naquela noite.

— Certo — digo, deixando aquela informação guardada para futura referência. Se o ano passado me ensinou uma coisa, foi a ser cautelosa. — Bom, tenho aqui algo que pode ser interessante para você. Um segundo. — A tela do notebook apagou, então aperto um botão para que o fórum do Reddit apareça de novo. — Eu estava procurando no Google algumas coisas relativas ao Simon e... — Recarrego a página para que postagens mais recentes apareçam e então paro, confusa. A pequena thread que eu acabei de ler desapareceu, não tem mais nada na página além do cabeçalho do fórum. — Espera aí. O que houve?

— O quê? — pergunta Phoebe, movendo sua cadeira para poder espiar o notebook. — A Vingança É Minha? Por que isso me parece familiar?

— É o nome do fórum de vingança que Simon Kelleher usou para postar no ano passado, só que em um site diferente. — Eu franzo a testa, batendo um dedo no queixo. — Que estranho. Eu ia mostrar uma postagem que falava sobre Simon, mas sumiu.

— Já tentou recarregar? — Phoebe se inclina na minha frente para apertar o botão de atualização ao lado da barra de endereços.

— Sim, e foi isso que fez desaparecer, aliás. Era...

— É isso aqui? — interrompe Phoebe quando três novos posts aparecem.

— Não — respondo, observando as linhas. — Esses são novos.

Verdade, Jellyfish. Ele foi mesmo pego.

Mas sua influência vive em Bayview.

E ele amaria a brincadeira que estou jogando agora mesmo. —
Darkestmind

Sexta-feira, 6 de março

REPÓRTER: Boa noite, aqui é Liz Rosen para o Noticiário do Channel 7, trazendo uma atualização sobre a nossa principal história: a morte prematura de mais um aluno do Colégio Bayview. Estou com Sona Gupta, diretora do Colégio Bayview, para saber a reação da administração.

DIRETORA GUPTA: Uma correção, se me permite. Essa tragédia em particular não ocorreu *no* Colégio Bayview. No terreno da escola.

REPÓRTER: Eu acredito que não foi o que eu disse, foi?

DIRETORA GUPTA: Pareceu estar implícito. Nós estamos, obviamente, devastados com a perda de um membro querido da nossa unida comunidade, e estamos comprometidos em apoiar nossos alunos em momentos de necessidade. Temos muitos recursos disponíveis para ajudá-los a processar o impacto e o luto.

REPÓRTER: O Colégio Bayview ficou famoso nacionalmente por sua corrosiva cultura de fofocas. Você está preocupada com...

DIRETORA GUPTA: Com licença, estamos desviando para um tópico que não tem relação com o assunto abordado aqui, sem dizer que é totalmente desnecessário. O Colégio Bayview é hoje uma escola diferente da que foi 18 meses atrás. Nossa política de tolerância zero em relação a fofoca e bullying se provou altamente eficaz. Fomos inclusive perfilados na revista *Education Today* no verão passado.

REPÓRTER: Não conheço essa publicação.

DIRETORA GUPTA: É altamente considerada.

CAPÍTULO 8

Phoebe

Sexta-feira, 28 de fevereiro

Na sexta-feira à noite, mando uma mensagem seguida da outra para Jules.

Tem estado ocupada, é?

Quer fazer alguma coisa essa noite?

Tenho que trabalhar, mas só até 20h.

Quer me encontrar lá?

Então me sento na beirada da cama e olho ao redor do quarto que divido com Emma. É menor que meu quarto anterior na nossa antiga casa e entupido com o dobro de tralhas. Mamãe recebeu um seguro do trabalho do meu pai quando ele morreu e, embora ela nunca tenha falado sobre o valor, eu imaginei que fosse *o bastante*. O bastante para que ela não tivesse que voltar a trabalhar a não ser que quisesse e para que a gente ficasse onde estava.

Agora minha mãe trabalha como gerente em um escritório, odeia sua função, e nós moramos aqui. Quando nos mudamos, no último verão, ela disse que sair de uma casa para um apartamento seria mais prático, que não era pelo dinheiro. Mas ninguém além de Owen acreditou nisso.

Eu me levanto e perambulo até o lado de Emma no quarto, que é impecável se comparado ao meu. A cama dela é bem arrumada, cada amassadinho desfeito na colcha branca de matelassê. Na sua mesa não há nada além do notebook que dividimos, uma caneca de café cheia de lápis de cor e um caderno com uma gravura do Monet na capa. Tenho um impulso repentino de abrir o caderno e rabiscar uma mensagem com uma cor que indique clemência. Rosa-bebê, talvez. *Emma, sinto sua falta. Tenho sentido sua falta faz anos. Apenas me diga o que posso fazer para você me perdoar e eu o farei.*

Emma está na biblioteca e, apesar de mal nos falarmos, o vazio do quarto me impele a bater na porta de Owen para me oferecer para

jogar uma partida de *Bounty Wars*. Sou salva pelo toque do celular. Olho para baixo, surpresa ao ver uma mensagem de Jules. Ela tem sido legal comigo desde a revelação sobre Derek, eu não esperava um retorno tão rápido.

Aquele lance é hoje? Com Cooper Clay e todo mundo?

Sim, por volta de 18h. Mas vai ficar lotado. Você quer evitar a cena e vir apenas às 20h, quando eu saio?

A pré-despedida de solteira de Ashton no Café Contigo começou a sair de controle quando as pessoas ouviram que Cooper talvez fosse. Vários alunos do Colégio Bayview que nem mesmo o conhecem estão dizendo agora que vão, e eu não tenho certeza de que os Santos estão preparados para esse tipo de multidão.

Nate vai?

Eu suspiro ao responder. *Provavelmente.* Acho que vou vê-la bem antes das 20h.

Meu telefone toca, me assustando. *Jules quer usar o FaceTime.* Aperto “aceitar” e o seu rosto preenche a tela, com um sorriso de expectativa.

— Eiiiiiii — diz ela, soando como a Jules de sempre. — Você tem tempo para uma consultoria de guarda-roupa?

— É óbvio.

— Qual desses aqui diz: *Sou bem mais divertida que a sua ex e Eu moro aqui mesmo?* Esse... — Jules segura um top decotado de lantejoulas e o balança por alguns segundos antes de largá-lo e pegar uma frente única preta com babados. — Ou esse?

Argh! Não quero encorajar Jules com essa obsessão por Nate Macauley. Ainda que Bronwyn não esteja mais na jogada, bastante certeza de que ele e Jules fariam um casal péssimo. Jules gosta de ficar completamente grudada com quem quer que seja seu namorado e Nate não me parece esse tipo de pessoa.

— Os dois são lindos — respondo. Jules faz um beicinho que indica claramente que não foi a resposta certa. — Mas se eu tivesse que escolher, seria o preto. — É um pouco menos revelador, de todo modo.

— Certo, o preto então — diz ela, alegremente. — Vou assistir a alguns vídeos de maquiagem e tentar fazer um olho esfumado. Vejo você à noite! — Ela acena e desliga.

Jogo meu telefone no edredom amassado — que está embolado no centro da minha cama porque meu sono é muito inquieto, principalmente de um tempo para cá — e pego um elástico da mesinha. Puxo o cabelo em um rabo de cavalo conforme me levanto e atravesso até a porta do quarto. Quando a escancaro, Owen quase cai em cima de mim.

— Owen! — Eu ajeito meu cabelo, ajustando o penteado com mais

força, e estreito os olhos na direção dele. — Você estava ouvindo atrás da porta? — Pergunta retórica, é óbvio que ele estava. Quanto mais a minha guerra silenciosa com Emma se prolonga, mais bisbilhoteiro Owen fica. Como se ele soubesse que algo não está bem e estivesse tentando descobrir o que é.

— Não — responde Owen, sem convencer ninguém. — Eu só ia... — Uma batida alta soa na porta da frente e a expressão no rosto dele diz *100% salvo pelo gongo*. — Eu vim dizer que tem alguém à porta.

— Óbvio que era isso — digo, e então franzo a testa quando ouço mais uma batida. — Estranho. Eu não ouvi o interfone tocar. — Imagino que seja alguma entrega, mas geralmente precisamos liberar a entrada antes da pessoa subir as escadas. — Você ouviu?

— Não — responde Owen. — Você vai abrir?

— Vou ver quem é. — Atravesso a sala de estar e pressiono um olho contra o olho mágico. O rosto do outro lado está distorcido, mas segue sendo irritantemente familiar. — Argh. Você só pode estar de brincadeira.

Owen está logo atrás de mim.

— Quem é?

— Vá para o seu quarto, tá? — Ele não se move e lhe dou um empurrão de leve. — Espera lá só um pouco que já vou jogar *Bounty Wars* com você.

Owen sorri.

— Tudo bem! — Ele sai correndo e eu espero ouvir o clique da porta do seu quarto antes de abrir a da sala.

A porta se abre para revelar Brandon Weber no corredor, com um sorriso preguiçoso no rosto.

— Você demorou — reclama ele, entrando e fechando a porta atrás de si.

Cruzo os braços com firmeza sobre o peito, de repente bastante ciente de que tirei o sutiã quando cheguei da aula.

— O que você está fazendo aqui? Quem deixou você entrar no prédio?

— Uma vovó estava saindo quando eu cheguei. — É óbvio, é assim que o mundo funciona quando você é Brandon Weber: as portas se abrem sempre que você quer. Ele se agiganta na minha frente, ficando perto demais, e eu dou um passo para trás quando ele pergunta: — Por que você não está respondendo as minhas mensagens?

— Você tá falando sério? — Eu examino a cara bonita dele à procura de uma pontinha de compreensão, mas não há nada. — Você *riu* de mim, Brandon. Sean estava sendo um esquisitão e você ficou do lado dele.

— Ah, qual é. Foi uma piada. Você não aguenta uma piada? — Ele se aproxima de novo, colocando uma das mãos na minha cintura. Seus

dedos procuram a barra da minha camisa e seus lábios se curvam num sorriso presunçoso. — Eu achei que você gostasse de se divertir.

Eu o empurro, a raiva percorrendo minhas veias. Eu fui a vilã a semana inteira: a que traiu a irmã e que merece o que for como punição por isso. É quase um alívio ficar zangada com alguém que não seja eu mesma para variar.

— Não me toque — rosno. — Acabou.

— Você não está falando sério. — Ele ainda está sorrindo, totalmente sem noção, como sempre. Brandon acha que isso é um jogo, um jogo em que ele dita todas as regras e eu tenho sorte só por ter uma chance de jogar. — Sinto sua falta. Quer ver o quanto? — Ele tenta mover a minha mão até a sua virilha, e eu a puxo de volta.

— Sai daqui. Não estou interessada.

Sua expressão fica sombria conforme ele me puxa de novo, dessa vez com mais força.

— Para de me provocar.

Pela primeira vez desde que ele chegou, eu sinto uma pontada de apreensão. Sempre gostei do quanto Brandon é forte, mas neste momento... eu não gosto. Ainda estou zangada e uso essa adrenalina para me soltar dele.

— Sério? Deixa eu ver se entendi direito. Se eu faço o que você quer, sou uma vagabunda. Se eu não faço o que você quer, estou provocando. O que eu quero não conta, mas você é o machão de Bayview, independentemente de qualquer coisa. Isso dá uma resumida?

Brandon funga.

— Que isso agora, virou feminazi?

Eu seguro mais uma resposta atravessada. Não vai levar a nada.

— Só vai embora, Brandon.

Em vez disso, ele dá um bote e esmaga os lábios contra os meus, emanando uma onda de horror elétrico por todo o meu corpo. Minhas mãos se levantam num instante e eu empurro o peito dele com toda a força, mas seus braços seguram minha cintura, me mantendo no mesmo lugar. Eu viro o rosto e quase cuspo para tirar o gosto dele da minha boca.

— Para! Eu já disse que não! — A minha voz sai como um chiado baixo porque, de algum modo, mesmo com meu coração prestes a saltar do peito, eu ainda estou preocupada em assustar meu irmão.

Brandon não me ouve. As suas mãos e boca continuam em mim, e eu não sei como fazê-lo parar. Eu nunca me senti tão pequena, de todos os ângulos possíveis.

Ele força mais um beijo, movendo o corpo o bastante para que eu fique com um dos braços livre. Mantenho meus lábios firmemente fechados, impedindo a língua dele de entrar, até alcançar com a mão

um punhado do seu cabelo. Puxou a cabeça de Brandon para trás, depois solto e bato na sua cara com toda a força. Ele solta um grunhido surpreso de dor e sua pegada afrouxa. Eu me viro e o empurro com força suficiente para que ele cambaleie para trás.

— Sai! — Dessa vez, eu grito, as palavras rasgando a minha garganta seca.

Brandon me encara, o queixo meio caído de surpresa, a marca vermelha da minha mão em sua bochecha. Sua boca retorce e dou um passo para trás, pensando se devo correr não sei para onde, quando a porta do quarto de Owen se abre.

— Phoebe? — Ele põe a cabeça para fora, os olhos arregalados. — O que está acontecendo?

— Nada — digo, tentando manter a voz estável. — Brandon já está de saída.

Brandon deixa uma risada amarga escapar, os olhos piscando de mim para Owen.

— Qual é, mocinho? — diz ele, a boca retorcida, zombeteira. — Não tem nada acontecendo aqui. Somente a sua irmã sendo uma piranha. Mas acho que sua família já sabe disso, não é? Principalmente Emma. — Eu inspiro profundamente e fecho o punho, a palma da mão dolorida pinicando de vontade de acertá-lo de novo. Os olhos de Brandon brilham, seu showzinho terminado. Ele abre a porta e levanta um dos braços num gesto alegre de despedida. — Vejo você por aí, Phoebe. — Depois mete as mãos nos bolsos e vai seguindo de costas pelo corredor, sem tirar os olhos de mim.

Eu bato a porta com força e fecho a tranca. Em seguida, parece que não consigo me mover, minha mão congela sobre a fechadura.

— Phoebe? — chama Owen, baixinho.

Eu pressiono a testa contra a porta fechada. Não posso. Não posso ter essa conversa com o meu irmão mais novo.

— Volte para o seu quarto, Owen. *Por favor.* — Ouço passos e um clique suave. Espero mais um instante antes de deixar as lágrimas rolarem.

Nada disso estaria acontecendo se o papai estivesse aqui. Eu sei, no fundo da minha alma, que eu seria uma pessoa melhor, mais esperta e mais forte, se ele não tivesse morrido. Eu me lembro daquele dia como se fosse ontem: eu e Emma doentes, com gripe, enroscadas em lados opostos do sofá da nossa antiga casa, cobertas por uma manta. Mamãe estava na cozinha pegando picolés quando o telefone tocou. Eu ouvi o “alô” estressado dela — ela estava cansada por nossa causa —, e então o silêncio.

— É sério? — ela finalmente pergunta, num tom de voz que eu nunca tinha ouvido antes.

Ela correu para a porta alguns instantes depois, com o telefone em

uma das mãos e um picolé semiderretido na outra.

— Tenho que deixar vocês por um momento — disse no mesmo tom robótico. O picolé roxo escorria pelo seu braço. — Houve um acidente.

Um acidente terrível, impossível, um pesadelo bizarro. Meu pai trabalhava como supervisor em uma fábrica de granito, em Eastland, direcionando os funcionários enquanto eles manejavam imensas placas de pedra para cortar e fazer bancadas. Uma empilhadeira com uma das pedras emperrou no momento errado — e foi tudo o que eu quis saber. Nada mais importava, de todo modo, a não ser pelo fato do meu pai não estar mais ali.

— Sinto sua falta — digo para a porta. Meus olhos estão bem fechados, as bochechas molhadas, a respiração ofegante. — Sinto sua falta, sinto sua falta, sinto sua falta. — As palavras martelam na minha cabeça, mesmo três anos depois. Acho que nunca vão embora. — Sinto sua falta.

É um alívio estar no trabalho esta noite, cercada de gente. E quero dizer realmente cercada. Eu nunca vi o Café Contigo tão cheio. Não somente todas as mesas estão ocupadas, como o Sr. Santos trouxe todas as cadeiras extras, que geralmente ficam guardadas no porão, e não foi o bastante. As pessoas estão agrupadas em todos os cantos, ocupando cada espacinho enquanto eu tento passar por elas com uma bandeja de bebidas para Addy e seus amigos.

Eu empurro a cortina de contas que separa a sala dos fundos do salão principal do restaurante. Ali há apenas uma grande mesa, a metade tomada por rostos familiares: Addy, Maeve, Bronwyn, Luis e Cooper. Um rapaz bonito, de cabelo escuro, se levanta ao lado de Cooper quando eu me aproximo da mesa e estende uma das mãos na direção da bandeja com um olhar questionador.

— Posso ajudar? — pergunta. — Vou atrapalhar se começar a tirar os copos daqui?

Sorrio para ele. Eu ainda não tinha conhecido Kris, o namorado de Cooper, pessoalmente, mas o reconheço de fotos da imprensa e gosto dele imediatamente. Ele deve ter servido mesas em algum momento da vida, se sabe a importância de uma bandeja equilibrada.

— Tirando do meio está ótimo — respondo.

O cômodo deveria ser privado, mas conforme Kris e eu passamos as bebidas adiante, pessoas seguem entrando ou enfiando o pescoço pela porta para espiar Cooper. A maioria volta imediatamente, mas um grupo de meninas se demora na entrada e fica sussurrando com as mãos sobre a boca até que começam a rir histericamente.

— Desculpe, isso é tão estranho — murmura Cooper, enquanto lhe entrego um copo de Coca-Cola. Eu não vejo Cooper pessoalmente desde que ele se formou, e não posso culpar as meninas fascinadas na porta. O cabelo dele está mais comprido e despenteado de um jeito atraente, ele está bem bronzado e preenche sua camisa branca da universidade superbem. Olhar para ele é como observar o sol.

— Bem, você é o menino de ouro de Bayview — diz Kris, se sentando novamente ao lado de Cooper, que segura a sua mão, com uma expressão preocupada, meio tensa.

— Agora, talvez — responde ele. — Vamos ver quanto tempo dura.

Não o culpo por não confiar em toda aquela adoração. Eu me lembro de como algumas pessoas o trataram quando souberam que ele era gay — não apenas alunos do Colégio Bayview, mas adultos que não deveriam reagir assim. Cooper tem segurado os comentários maldosos desde os treinos da primavera, já que é perfeito em todos eles. A pressão deve ser absurda. Em algum momento ele vai perder, porque ninguém pode ganhar sempre. E o que vai acontecer então?

A mais ousada das garotas do grupo das risadinhas se aproxima de Cooper.

— Posso pegar o seu autógrafo? — Ela lhe entrega uma caneta, depois põe um dos pés na parte de baixo da cadeira de Cooper e se vira, deixando a coxa à mostra por baixo da saia curta. — Bem aqui.

— Hum. — Cooper parece totalmente confuso quando Addy dá uma risada. — Eu poderia... assinar num guardanapo ou algo assim? — pergunta ele.

Conforme a sala enche, eu entro e saio do cômodo, trazendo mais bebidas e petiscos que parecem desaparecer assim que os ponho na mesa.

— Como estão as coisas lá atrás? — Addy pergunta quando estou na minha quinta viagem de volta da cozinha.

— Ótimo, a não ser por Manny, que deixou cair, tipo, três pedidos de empanadas até agora — digo, colocando um prato entre ela e Bronwyn.

— Aqui estão as sobreviventes, aproveitem.

Maeve está sentada do outro lado de Bronwyn, vestindo uma blusa preta de decote canoa, que está mais justa do que ela costuma usar e a favoreceu muito. Tem uma estampa fofa, que, a princípio, parece um buquê de flores, mas são vários monstrosinhos desenhados. Não consigo parar de olhar para ela. Nem Luis, embora eu tenha certeza de que nossos motivos não são os mesmos.

Mas Maeve não percebe a atenção de nenhum dos dois, porque fica encarando a entrada. Eu sigo o olhar dela quando a cortina de contas se afasta mais uma vez e Nate Macauley entra. A única cadeira vazia fica do outro lado da mesa, até que Maeve se levanta num salto.

— Parece que você precisa de ajuda, Phoebe — diz ela, se aproximando de mim. Eu não preciso, mas deixo que ela pegue alguns talheres da mesa.

Nate se senta na cadeira agora vaga de Maeve, encostando os nós dos dedos no braço de Bronwyn. Quando ela se vira, seu rosto inteiro se ilumina.

— Oi — diz Bronwyn, ao mesmo tempo em que Nate diz:

— Oi. — E em seguida: — Você está...

— Eu esperava que...

Eles param e sorriem um para o outro, e tudo em que consigo pensar é que Jules não tem chance alguma. Nate se aproxima de Bronwyn para dizer alguma coisa ao pé de seu ouvido e ela vira o corpo inteiro na direção dele ao responder com uma risada. Bronwyn passa a mão pela jaqueta de Nate como se houvesse algo ali, o que é um dos truques mais velhos de todos. E funciona totalmente, porque ele segura a mão dela e, uau, não demorou nadinha mesmo. Estou prestes a sair para dar aos dois alguma privacidade quando ouço outra voz.

— Uouuu, isso aqui está lotado! — Um nerdzinho hipster de blusa polo azul-clara está parado na cortina de contas, se abanando sozinho enquanto olha ao redor. É Evan Neiman, o ex-namorado de Bronwyn, que, pelo que sei, não foi convidado para essa reuniãozinha. Evan vê a última cadeira vazia e a arrasta para o mais perto que consegue de Bronwyn. — Oi — cumprimenta ele, se inclinando sobre a mesa com um sorriso sonhador. — Eu consegui.

Bronwyn congela, os olhos arregalados atrás dos óculos como um bichinho assustado.

— Evan? O que está fazendo aqui? — pergunta. Toda a animação deixa o rosto de Nate quando ele solta a mão de Bronwyn e inclina sua cadeira para trás. Bronwyn passa a língua pelos lábios. — Por que você não está em Pasadena?

— Eu não queria perder a chance de vê-la mais uma vez antes de você ir — diz Evan.

Nate deixa a cadeira cair no chão com um estrondo.

— Mais uma vez? — pergunta ele, com um olhar incisivo para Bronwyn. Ele não parece estar exatamente zangado, mas magoado. Os olhos de Bronwyn vão de Nate para Evan, que segue sorrindo como se não houvesse tensão alguma no ar. Eu não consigo afirmar se ele é sem noção ou diabólico.

— E, além disso, você deixou seus óculos escuros no meu carro — completa Evan, segurando a caixinha retangular azul como se fosse um troféu.

Maeve está parada ao meu lado, limpando com um guardanapo uma faca já limpa.

— Ah, não, ah, não, ah, não — murmura ela.

Eu tiro a faca da sua mão.

— Fazem isso na cozinha, você sabe.

— Por favor, me leve para lá — sussurra ela. — Eu não posso olhar.

Eu lhe entrego a minha bandeja e saímos pela porta, mas não sem antes dar uma pausa quando a mão de alguém afasta a cortina para o lado e uma menina entra. Eu não reconheço Jules de cara, ela arrasou no esfumado do olho, seja lá qual tenha sido o tutorial a que assistiu. O cabelo escuro está alisado, e ela usa um top de paetês e calça jeans justinha, com sandálias de salto alto. Sendo bem direta, preciso dizer que seus peitos estão incríveis.

— Ei, Ju... — começo, mas ela pousa um dedo sobre os meus lábios.

Jules cruza alguns centímetros até a confusão. Nate afastou sua cadeira da mesa como se fosse se levantar, mas Jules o impede com uma mão em seu ombro. Antes que ele possa se mexer, ela sobe no garoto e se senta em seu colo, o peito grudado no dele. Em seguida, Jules segura o rosto de Nate com as duas mãos e o beija. Com força e determinação, pelo que parece uma eternidade, embora só alguns segundos tenham se passado. Espero eu. Uma luz se acende do outro lado da sala e eu tenho um vislumbre de Monica segurando o seu telefone enquanto atravessa a cortina de contas.

Ninguém tem reação até Jules levantar tão rapidamente quanto se sentou, sacudindo o cabelo e se virando para sair. Então Nate limpa um pouco do gloss que ficou em sua boca, com uma expressão assombrada. Cooper parece preocupado e Addy, furiosa. Bronwyn parece que vai começar a chorar. E Evan Neiman sorri como se tivesse ganhado na loteria.

Eu deixo escapar um gemido de dor quando Maeve derruba no meu pé a bandeja que estava segurando. Jules encontra o meu olhar e, antes de atravessar a cortina de contas, me dá uma piscadela exagerada e triunfante.

— *Sempre escolha consequência* — ela murmura para mim.

CAPÍTULO 9

Knox

Segunda-feira, 2 de março

É um reflexo checar meu telefone, mesmo estando no trabalho. Mas não há nenhuma novidade do Número Desconhecido nesta segunda-feira. As últimas mensagens foram na noite de sexta:

CONSEQUÊNCIA: Beijar um integrante do Quarteto de Bayview.

STATUS: Realizado por Jules Crandall. Parabéns, Jules. Bom trabalho. Com a mensagem, chegou uma foto de Jules no colo de Nate, beijando-o como se sua vida dependesse disso.

O próximo jogador será contatado em breve. Tic-toc.

Estou meio que feliz por ter tido ensaio e, assim, arrumado a desculpa perfeita para não ir ao Café Contigo na sexta. Maeve disse que a noite foi ladeira abaixo muito rápido depois que Jules interrompeu o jantar. Para piorar, o restaurante ficou tão caótico que a comida acabou e Cooper teve que ir embora pela porta dos fundos.

— Nessa instância em particular, a causa é confissão falsa — diz Sandeep ao meu lado. Hoje nós estamos dividindo mesa no Até que Provem, e ele está ao telefone desde que chegou. Sandeep segura uma caneta em uma das mãos, batucando-a ritmadamente na mesa enquanto fala. — Então não vejo como pode se aplicar. O quê? Não. Relacionado a homicídio. — Ele aguarda alguns instantes, batendo a caneta. — Ainda não posso confirmar isso. Ligo de volta quando puder. Tudo bem. — Ele desliga. O Até que Provem ainda tem telefones de mesa, uns troços grandes e pesados, com fios de verdade ligados a uma parede. — Knox, você pode pedir uma pizza? — pergunta, alongando os ombros. — Estou faminto.

— Pode deixar. — Pego meu celular, porque nem mesmo sei como os telefones de mesa funcionam, e também o aparelho porque Eli surge na nossa frente. Ele parece diferente, mas não consigo perceber por que até Sandeep falar.

— Você cortou o cabelo — diz ele. Eli dá de ombros enquanto

Sandeep inclina sua cadeira para trás e gira 180 graus, os dedos num movimento ascendente embaixo do queixo. — O que houve? Você *nunca* corta o cabelo.

— Eu garanto a você que corto, sim — responde Eli, ajustando os óculos sobre o nariz. Ele se parece bem menos com Einstein agora. — Você tem a pasta do caso Henson?

— É para o casamento? — pergunta Sandeep. — Ashton o obrigou?

Eli esfrega a têmpora como se estivesse tentando reunir alguma paciência.

— Eu e Ashton não nos obrigamos a fazer coisa alguma. Você tem a pasta do caso Henson ou não?

— Hum. — Sandeep começa a procurar pelas pilhas de papéis em sua mesa. — Provavelmente está aqui em algum lugar. Do que você precisa?

— Do nome do procurador de acusação.

— Eu tenho — me intrometo, e os dois se viram na minha direção. — Não a pasta, mas o nome. Fiz uma planilha. Um instante. — Abro o Google Docs e viro o meu notebook para Eli. — Tem todas as informações essenciais das condenações de D'Agostino. Nomes, datas, endereços, advogados, coisas assim. Eu percebi que você sempre pergunta por essas coisas e... — Eu me interrompo quando uma ruga surge na testa de Eli. Talvez eu não devesse ter feito isso? São informações públicas, então não pensei que estivesse fazendo nada errado ao reuni-las num documento.

O olhar de Eli corre pela minha tela.

— Isso é ótimo. Você pode compartilhar comigo, por favor?

— Hum, sim, com certeza — respondo.

Seu olhar encontra o meu.

— Qual é mesmo o seu nome?

— Knox. Knox Myers. — Eu dou um sorriso meio largo demais, feliz por ter sido notado ao menos uma vez.

— Obrigado, Knox — diz Eli, com sinceridade. — Você me poupou bastante tempo.

— Eli! — grita alguém do outro lado da sala. — O juiz Balewa está na linha para falar com você! — Eli sai sem dizer mais nada, e então Sandeep me dá um soquinho de leve no braço.

— Olha só você, sendo elogiado pelo picão! Bom trabalho, garoto — parabeniza ele. — Mas não deixe isso subir à cabeça, hein. Eu ainda quero aquela pizza. E você pode separar a correspondência?

Peço algumas pizzas tamanho gigante para o escritório, depois pego um punhado de envelopes de uma bandeja ao lado da porta de entrada e os levo até a minha cadeira. Alguns são cartas registradas e eu não devo abrir, então as separo para Sandeep. Uma boa parte é boleto, e esses ficam em outra pilha. Então analiso o que sobrou. A

maioria é de pedidos para o Até que Provem pegar um caso específico. É surpreendente o número de pessoas que escreve cartas em vez de mandar um e-mail, mas acho que eles esperam chamar atenção assim. O Até que Provem recebe mais pedidos de ajuda do que poderia assumir ainda que triplicasse sua equipe.

Pego um envelope com o nome de Eli rabiscado na frente. Rasgo-o e dentro há uma única folha de papel. Eu puxo e leio as poucas frases curtas.

Você mexeu com as pessoas erradas, babaca.

Eu vou foder com você como você fez com a gente.

E vou me divertir vendo você morrer.

Eu recuo como se alguém tivesse me dado um soco.

— Sandeep — chamo. Ele levanta o olhar do notebook, com uma expressão intrigada, e eu empurro o papel até ele. — Olha isso!

Sandeep pega a carta e lê. Ele não parece tão impressionado quanto eu esperava.

— Ah, sim. Recebemos uns assim às vezes. Eu categorizo no arquivo com ameaças de morte.

— No o *quê*? — Não consigo disfarçar o terror na minha voz. — Tem um arquivo *inteiro* disso?

— Ameaças de morte chegam ao longo de qualquer caso grande — responde ele. — Babacas desapontados e enraivecidos, em sua maioria, mas temos que documentar tudo. — Ele analisa a folha de papel mais uma vez antes de dobrá-la e recolocá-la no envelope. — Pelo menos essa não tem discurso de ódio. Eli recebe muita coisa antisemita. Essas ficam numa pasta separada.

— Jesus — digo baixinho. Minha pulsação está desconfortavelmente acelerada. Eu sabia que os advogados do Até que Provem tinham que lidar com muita merda, mas nunca imaginei algo assim.

Sandeep afaga meu ombro.

— Desculpe, Knox. Eu não quis parecer blasé. Sei que é desconcertante, ainda mais sendo a primeira vez que você vê algo assim. É o que se espera nesse tipo de trabalho, entretanto, e temos procedimentos adequados para lidar com isso. — Suas sobrancelhas se unem de preocupação conforme ele assimila minha cara suada e provavelmente pálida. — Você não está se sentindo seguro? Quer ir para casa?

— Não. Eu não estou preocupado comigo. — Engulo, observando Eli gesticular animadamente pela janela de uma sala de conferência. — Mas Eli...

— Ele está acostumado — diz Sandeep, gentil. — Ele escolheu essa área e não tem medo de gente assim. — Um desgosto toma sua expressão quando ele joga o envelope na mesa à nossa frente. — São

uns covardes, realmente. Se escondendo para ameaçar e intimidar, em vez de fazer algo significativo para amenizar a situação deles.

Dou uma olhada no meu celular, que agora está cheio de mensagens zombeteiras do Número Desconhecido.

— Sim, sei o que você quer dizer.

Eu tinha planejado voltar direto para casa depois do trabalho, mas quando dá cinco da tarde eu ainda estou agitado e inquieto. *Onde você está?* Envio uma mensagem para Maeve conforme sigo para o elevador, prendendo a respiração para evitar o cheiro acre do salão de beleza masculino.

Ela responde imediatamente. *Café Contigo.*

Quer companhia?

Sempre.

Tem um ônibus parado no engarrafamento a alguns metros de onde estou, e corro para chegar ao ponto antes que ele saia. Enquanto embarco, meu telefone ainda está na minha mão, e ele apita quando sento ao lado de uma velhinha com cachos grisalhos bem fechados. Ela sorri animada para mim quando pego o fone e conecto ao celular, lhe devolvendo um sorriso educado antes de encaixar os fones no ouvido. Hoje não, Florence.

Imagine Dragons está bombando enquanto leio uma mensagem de Kiersten. *Baixa isso aqui. Um novo app de mensagens para grupos de família.* Eu cliço no link para um aplicativo que se chama ChatApp. O ícone é um balãozinho de diálogo com um cadeado dentro.

Nunca ouvi falar, escrevo de volta. *Qual o problema com os dez apps que eu já tenho?*

Kiersten manda um emoji dando de ombros. *Não sei. Kelsey quer. Sincroniza mais facilmente com o notebook dela, ou algo assim.* Nossa irmã do meio é tecnologicamente jurássica, e prefere mandar mensagens do computador em vez de usar o celular. *Tem mais privacidade tb.*

Ah, ótimo. Eu não ia querer que os detalhes secretos do casamento de Katie vazassem.

Ha. Ha. O Wing Zone já consertou a galinha?

Sim, é uma galinha completa novamente. Com um chapéu de gnomo por conta do dia de St. Patrick's. Kiersten responde com seis emojis dando risada e alguns trevinhos de quatro folhas.

Termino de baixar o aplicativo e, assim que entro, vejo quatro convites de conversa me esperando, de Kiersten, Katie, Kelsey e Kara. Não estou preparado para o cataclismo fraterno, então saio do app sem responder convite algum. Estou quase chegando à minha parada,

então me levanto e sigo até a porta, me segurando na barra para manter o equilíbrio conforme nos aproximamos, aos solavancos, da calçada.

O Café Contigo fica a apenas um quarteirão do ponto do ônibus. Quando eu entro, Maeve está em sua mesa de canto habitual, uma xícara de café à frente e o celular na mão. Eu puxo os meus fones da orelha e me sento no lugar ao lado dela.

— E aí, fazendo o que?

Ela apoia o telefone na mesa. Ele vibra duas vezes.

— Nada de mais. Como foi o trabalho?

Eu ainda não quero falar sobre as ameaças de morte. Prefiro não pensar nelas. Gesticulo para o telefone de Maeve, que vibra mais uma vez.

— Você precisa atender?

— Não. É só a Bronwyn me mandando fotos de uma peça a que ela está assistindo. O cenário é bem bom, parece.

— Ela gosta desse tipo de coisa?

— Ela acha que eu gosto. Porque atuei numa peça uma vez. — Maeve balança a cabeça numa irritação divertida. — Ela e minha mãe são iguaizinhas. Sempre que eu demonstro o mínimo interesse por alguma coisa, elas agem como se fosse a nova paixão da minha vida.

Um garçom se aproxima; é um universitário alto e magro chamado Ahmed, e peço uma Sprite. Eu espero ele se afastar para perguntar:

— Como está Bronwyn depois da confusão toda de sexta-feira? Ela e Nate terminaram de novo?

— Não sei se é possível terminar se você não chegou a voltar de verdade — diz Maeve, descansando o queixo na mão com um suspiro. — Bronwyn não está falando sobre o assunto. Bom, ela falou sobre isso *demoradamente* no sábado, mas, agora que voltou para Yale, não deu mais um pio sobre Nate. Juro por Deus, aquele lugar meio que deixa as emoções dela em curto-circuito. — Maeve toma um gole de café e faz uma expressão de desgosto. — Ela acha que Nate estava a fim. Do beijo da Jules, quero dizer. E não foi assim que eu interpretei a situação, mas Bronwyn não me ouve.

— Você disse a ela que fazia parte de um jogo?

— Eu tentei. — Maeve morde o lábio. — Não quis entrar em muitos detalhes porque ela piraria se soubesse que havia a mínima conexão que fosse com Simon. Ela já estava tão chateada com Nate, e aquela foto estúpida que Monica tirou estava em todas as redes sociais no fim de semana. O que me faz lembrar... Eu queria mostrar uma coisa a você. — Maeve desliza o dedo pela tela do celular algumas vezes, depois estende o aparelho para mim. — Eu achei isso outro dia. Você se lembra daquele fórum de vingança em que Simon costumava postar? — Concordo com a cabeça. — Bom, essa é uma nova versão,

só que agora os posts desaparecem depois de algumas horas.

— O quê? — Minhas sobrançelas se erguem quando pego o celular de Maeve. — Como você sabe disso?

— Encontrei quando estava pesquisando pelo nome de usuário de Simon, na semana passada. Havia uma postagem anterior que mencionava Bayview e algo sobre um jogo. — Ela batuca os dedos sem parar na mesa. — Não me lembro exatamente o que dizia. Gostaria de ter tirado um print, mas eu não sabia que os posts sumiam.

Analiso algumas postagens na página. Alguém chamado Jellyfish está puto da vida com o professor.

— Certo, e... O que você está achando? Que esse Jellyfish é o responsável pelo Verdade ou Consequência?

— Não exatamente ele — responde Maeve. — Esse cara parece ser limitado. Mas talvez o outro usuário esteja envolvido. É estranho, você não acha? Que o jogo das mensagens comece citando Simon, e então esse fórum de vingança surge e faz a mesma coisa?

— Acho — respondo, mesmo sem ter certeza. Parece um argumento meio fraco, mas, de novo, Maeve sabe bem mais do que eu sobre rastrear fofocas vingativas.

— Eu deveria instalar um serviço de monitoramento, ou algo assim. Tipo o PingMe — diz ela, pensativa. Quando percebe minha expressão intrigada, ela complementa: — É uma ferramenta que avisa quando um site é atualizado. É mais rápido que o Google Alert. Assim eu poderia me manter a par dessas conversas que desaparecem.

Seu olhar fica perdido. Embora eu ache que ela está ficando obcecada demais com um post aleatório na internet, posso dizer que Maeve não vai me ouvir se eu lhe disser isso. Em vez disso, eu devolvo o seu celular sem fazer nenhum comentário. Quando ela pega o aparelho, a manga da sua camisa sobe um pouco, e deixa exposta uma marca roxa bem feia.

— Ai, como isso aconteceu? — pergunto.

— O quê? — Maeve segue o meu olhar e ouço quando prende a respiração. Ela fica pálida e tão imóvel que parece uma estátua. Então puxa a manga da blusa até cobrir totalmente o hematoma. — Não sei. Só... bati em alguma coisa, acho.

— Você acha? — Os olhos dela estão voltados para o chão, e sinto uma inquietação na barriga. — Quando?

— Eu não me lembro — diz ela.

Passo a língua sobre os meus lábios ressecados.

— Maeve, alguém... alguém fez isso com você?

Sua cabeça se levanta num instante e ela deixa escapar uma risada assustada e sem humor.

— O quê? Ai, meu Deus, não, Knox. Eu juro, não aconteceu nada

disso. — Ela me encara e eu relaxo um pouquinho. Se tem uma coisa que eu aprendi com Maeve, foi que ela é incapaz de manter contato visual se estiver contando a mais inofensiva das mentiras. Não se deve nunca, por exemplo, perguntar o que ela acha do seu novo corte de cabelo se não estiver totalmente preparado para lidar com a verdade. Eu aprendi isso do modo mais difícil quando decidi deixá-lo mais curto, na semana passada.

— Certo, então... — Eu paro, porque agora não me lembro sobre o que a gente estava falando, e o olhar de Maeve vagueia sobre o meu ombro. Ela acena e eu me viro para encontrar um menino magro, de cabelo louro-avermelhado e óculos a alguns metros de nós.

— Oi, Owen — cumprimenta Maeve. — Phoebe não está trabalhando hoje.

— Eu sei. Vim buscar comida para levar para casa.

Maeve abaixa o tom de voz quando Owen se aproxima do balcão.

— É o irmão mais novo de Phoebe. Ele vem muito aqui depois da aula, mesmo quando não é para buscar comida. Só para dar uma volta e conversar com Phoebe, ou com o Sr. Santos, quando eles não estão ocupados. Acho que ele é meio sozinho.

De alguma maneira, esse jogo por mensagens fez Maeve e Phoebe ficarem amigas, o que foi a única coisa boa disso tudo. Maeve andava meio perdida desde que Bronwyn se formou, e é bom para Phoebe ter alguém ao seu lado. Ela continua sendo chamada de vagabunda na escola, e Jules almoça com o grupinho de Monica Hills agora. Acho que, para Jules, esse lance todo teve um lado positivo: alpinismo social a partir do sucesso do Verdade ou Consequência.

O Sr. Santos vem dos fundos do restaurante com uma sacola grande de papel, que entrega a Owen enquanto gesticula para que o garoto guarde a nota que está tentando dar a ele.

— Não, *mi hijo*, guarde isso — diz. — O seu dinheiro não vale nada aqui. Como está a escola? Phoebe me contou que você tem um campeonato de soletração em breve.

Owen começa a falar sem parar, mas não estou prestando muita atenção, porque sigo pensando na expressão aliviada do garoto quando guardou o dinheiro. A minha mãe era corretora de seguros do acordo que a empresa do Sr. Lawton pagou para a família depois que ele morreu. Eu me lembro de quando falou para o meu pai, sem saber que eu estava ouvindo, que achava que o pagamento pelo acidente dele tinha sido bem inferior ao que deveriam pagar. *Eu não acho que Melissa Lawton saiba como esse dinheiro vai embora depressa quando não tem nenhum chegando*, ela dissera.

Quando Owen finalmente se afasta do balcão, ele está com um sorriso largo no rosto. *Ele precisava daquilo*, pensei. Uma espécie de figura paterna, ou irmão mais velho, talvez. Eu entendo. Sei o que é

crescer cercado por irmãs que são ótimas, mas não podem dizer a você como ser um homem no século XXI. Quando Owen passa pela nossa mesa, eu me vejo dizendo:

— Ei, você gosta de *Bounty Wars*?

Owen para e aponta para a própria camiseta com a mão livre.

— Hum, *sim*.

— Eu também. A propósito, me chamo Knox. Estudo com Phoebe.

— Maeve assente e sorri, como se estivesse confirmando que sou confiável. — Qual é o seu avatar? — pergunto.

Owen parece cauteloso, mas me responde rápido.

— Dax Reaper.

— O meu também. Em que nível você está?

— Nível 15.

— Caramba, sério? Não consigo passar do nível 12.

O rosto inteirinho de Owen se ilumina.

— É uma questão das armas que se escolhe — diz ele, e então não para mais.

Falamos sobre estratégias de jogo em *Bounty Wars* até que noto que a sacola de papel que ele está segurando começou a ficar molhada da gordura do que quer que esteja dentro dela.

— Você tem que ir para casa, né? — pergunto. — O pessoal deve estar esperando o jantar.

— Acho que sim. — Owen oscila o peso do corpo de um pé para o outro. — Você e Phoebe são amigos?

Boa pergunta. Não exatamente, mas agora que Phoebe está passando mais tempo com Maeve na escola, ela está, automaticamente, passando mais tempo comigo. Considerando que o Colégio Bayview se tornou um ninho de cobras, isso provavelmente nos torna próximos o bastante.

— Ah, sim, somos.

— Você devia aparecer para jogar *Bounty Wars* com a gente um dia. Vou falar para Phoebe convidar você. Tchau. — Owen acena quando se vira para ir embora. Maeve, que passou o tempo todo mexendo no celular, dá uma cutucada no meu joelho com o dela.

— Isso foi muito legal — diz ela.

— Para de repetir isso — resmungo enquanto ela sorri.

Um garoto alto de cabelo castanho desgrenhado aparece na porta e a segura para que Owen saia, passando por baixo do seu braço. Ele analisa o ambiente, os olhos vacilantes passando por mim e Maeve, sem muito interesse, e parando em uma garçonne que está arrumando as cestinhas de molhos. Ele parece ter somente um ou dois anos a mais do que eu, mas há algo excessivamente intenso no seu olhar. Somando as notinhas na caixa registradora, o Sr. Santos levanta o olhar e parece percebê-lo também.

— Boa noite — diz.

O sujeito atravessa metade do salão com os olhos ainda grudados nas costas da garçonete. Ela se vira, mostrando o seu rosto de meia-idade que não condiz com o rabo de cavalo saltitante. O Sujeito Intenso volta a sua atenção para o Sr. Santos.

— Ei. A Phoebe está? — A voz dele é alta demais para um lugar tão pequeno.

O Sr. Santos se inclina no balcão, os braços cruzados.

— Posso ajudar com o que você precisar, filho. — Nada de *mi hijo* para esse cara.

— Estou procurando a Phoebe. Ela trabalha aqui, não trabalha? — O Sr. Santos não responde imediatamente, e a mandíbula do rapaz fica tensa. Ele mete as mãos nos bolsos do casaco verde camuflado. — Você entende inglês ou não, *señor*? — pergunta ele, com um sotaque espanhol debochado.

Maeve prende a respiração, mas a expressão agradável do Sr. Santos não muda.

— Eu entendo você perfeitamente.

— Então responda a minha pergunta — exige o garoto.

— Se você quiser pedir comida, fico feliz em anotar o pedido — diz o Sr. Santos no mesmo tom comedido.

— Olha, vovô... — O sujeito avança, mas se interrompe quando Luis e Manny saem da cozinha um após o outro. Luis puxa uma toalha do ombro, segurando-a entre as mãos, fazendo cada músculo dos braços saltar. Provavelmente não é o momento de querer estar no lugar de outra pessoa, mas, cara, Luis é demais. De algum modo, ele consegue parecer um Capitão América, com a sua camisa suja de gordura e uma bandana.

Maeve também percebe. Ela está praticamente se abanando do outro lado da mesa.

Manny não é tão atlético quanto o irmão, mas é alto, corpulento e bastante intimidador quando cruza os braços e faz cara feia.

— Precisam de você na cozinha, Pa — diz, os olhos fixos no Sujeito Intenso. — A gente assume aqui por enquanto.

O Sujeito Intenso pode ser um babaca, mas não é estúpido. Ele se vira imediatamente e vai embora.

Os olhos de Maeve se demoram no balcão até Luis voltar para a cozinha, depois ela se vira para mim.

— Que diabos foi isso? — pergunta. O telefone dela vibra de novo, e Maeve deixa escapar um som de frustração da garganta. — Meu Deus, Bronwyn, dá um tempo. Eu não ligo para cenários tanto quanto você pensa. — Ela pega o celular e deixa num ângulo em que consiga ver melhor a tela. — Ah, não.

— O quê? — pergunto.

Ela estende o telefone para mim, os olhos cor de âmbar arregalados. *Maeve Rojas, você é a próxima! Mande de volta a sua escolha: devo revelar uma verdade ou você aceita a consequência?*

CAPÍTULO 10

Maeve

Terça-feira, 3 de março

Se eu lanço um Verdade ou Consequência, você tem 24 horas para fazer a sua escolha.

Estou no Café Contigo com um copo cheio de café que já ficou gelado, porque eu continuo relendo a postagem do Falando Nisso com as regras do Verdade ou Consequência. São 15h15 de terça-feira, o que significa que tenho menos de três horas até o “prazo final”. Não que eu me importe. Eu não vou responder, obviamente. Estive no meio de toda a confusão com Simon e me recuso a participar de qualquer coisa que tenha a mínima relação com o que aconteceu. Foi uma tragédia, não uma piada, e é doentio que alguém esteja tentando fazer disso um jogo divertido. Eu não serei um peão do Número Desconhecido e podem fazer o que quiserem em contrapartida, porque eu não tenho nada a esconder.

E, ainda, pensando mais amplamente: quem liga para o Número Desconhecido?

Saio da página do Falando Nisso para os Contatos Favoritos da minha agenda. São cinco: meus pais, Bronwyn, Knox e o meu oncologista. Pressiono a ponta do dedo na grande mancha roxa no meu antebraço e posso praticamente ouvir o Dr. Gutierrez: *Tratar quando os primeiros sintomas aparecem é essencial. É por isso que você continua aqui.*

Ligo para o número dele antes de pensar muito a respeito. Uma mulher atende quase que imediatamente.

— Consultório do Dr. Ramon Gutierrez.

— Oi. Hum, eu tenho uma pergunta sobre, hum, diagnóstico.

— Você é paciente do Dr. Gutierrez?

— Sim. Eu estava pensando se... — Eu afundo no meu lugar e baixo o tom de voz: — Teoricamente, se eu quisesse fazer alguns testes para... verificar meu status de remissão... é o tipo de coisa que eu

poderia fazer sem a presença dos meus pais? Eu não tenho dezoito anos ainda.

Há um momento de silêncio do outro lado da linha.

— Poderia me dizer seu nome e a data de nascimento, por favor?

Eu seguro o telefone com mais força contra a minha já suada palma da mão.

— Pode responder a minha primeira pergunta?

— O consentimento dos pais é necessário para o tratamento de menores, mas se você puder...

Eu desligo. Foi o que eu imaginei. Eu viro o braço para não ver mais a mancha. Ontem à noite encontrei uma na minha coxa também. Só de olhá-las eu fico cheia de pavor.

Uma sombra surge na mesa e eu levanto o olhar para encontrar Luis ali parado.

— Estou encenando uma intervenção — diz ele.

Eu pisco, confusa. Luis não faz parte do contexto em que minha mente está agora, e tenho que obrigatoriamente afastar pensamentos sobre tratamentos para câncer e mensagens de texto anônimas antes de conseguir focar nele. Ainda assim, não tenho certeza se ouvi direito.

— O quê?

— Se lembra do que você falou sobre não acreditar no *mundo lá fora*? Eu vou provar que você está errada. Vamos lá. — Ele gesticula para a porta, depois cruza os braços. Depois da cena com o Sr. Santos e o garoto grosseiro no dia anterior, eu quase não consigo tirar os olhos daqueles braços. Talvez Luis pudesse fazer aquele negócio com a toalha mais umas duas, três ou vinte vezes.

Ele espera por uma resposta e suspira.

— Conversas geralmente envolvem mais de uma pessoa, Maeve.

Consigo descongelar minha língua.

— Ir aonde?

— Lá fora — diz Luis, pacientemente. Como se estivesse falando com uma criança pequena e não muito inteligente.

— Você não tem que trabalhar?

— Não antes das cinco.

O meu telefone está sobre a mesa, zombando de mim com o seu silêncio. Talvez, se eu ligar de novo, outra pessoa atenda e me dê uma resposta diferente também.

— Eu não sei...

— Vamos lá. O que você tem a perder?

Luis dá um dos seus sorrisos de muitos megawatts e, caramba, é o suficiente para me colocar de pé. Como eu disse: não tenho defesas contra esse tipinho.

— E o que você está pensando em fazer lá fora?

— Você vai ver — diz Luis, segurando a porta. Olho para a esquerda e para a direita quando chegamos à calçada, imaginando qual lado iremos seguir, mas Luis para no parquímetro e começa a retirar a corrente da bicicleta que está presa a ele.

— Hum. É sua? — pergunto.

— Não. Eu escolho cadeados de bicicletas aleatórias por diversão — diz Luis, retirando a corrente para prendê-la embaixo do banco. Ele abre um sorriso para mim quando termina. — É óbvio que é minha. Estamos a mais ou menos um quilômetro e meio de onde quero levar você.

— Certo, mas... — Gesticulo para o espaço vazio entre nós. — Eu não tenho uma bicicleta. Vim para cá de carro.

— Você pode vir comigo. — Ele sobe na bicicleta de modo a ficar de pé acima do banco, as mãos alcançando as extremidades do guidão para manter a estrutura em equilíbrio. — Sobe.

— Subir... onde? — Ele me olha com expectativa. — Você quer dizer no *guidão* da bicicleta?

— Sim. Você não fez isso quando criança? — pergunta Luis. Como se ele não estivesse falando com alguém que passou a maior parte da infância entrando e saindo de hospitais. É meio desconcertante, principalmente agora, mas a verdade é que mal sei guiar uma bicicleta do jeito normal.

— Nós não somos crianças — digo. — Eu não vou caber aí.

— É óbvio que vai. Faça isso o tempo inteiro com os meus irmãos, e eles são maiores do que você.

— Com o Manny? — pergunto, incapaz de manter a expressão séria ao pensar na cena.

Luis também ri.

— Eu quis dizer os mais novos. Mas sim, eu poderia levar Manny aqui se fosse preciso. — Continuo hesitante, incapaz de imaginar como isso pode dar certo, então o sorriso confiante dele esmorece um pouquinho. — Ou podemos apenas caminhar até algum canto.

— Não, pode ser assim mesmo — falo, porque ver Luis com uma expressão decepcionada é esquisito demais. Pessoas que não costumam ouvir “não” como resposta ficam *péssimas* quando finalmente ouvem um. De todo modo, não pode ser tão difícil, né? O ditado *é tão fácil quanto andar de bicicleta* deve existir por um motivo. — Eu vou... subir. — Olho ansiosa para o guidão, que não me parece um lugar adequado para sentar, e decido que não vou conseguir fingir naturalidade para sair dessa. — Como eu faço isso, exatamente?

Luis entra no modo instrutor sem hesitar um minuto.

— Fique de costas para mim e coloque uma perna de cada lado da roda da frente — orienta. É meio estranho, mas eu obedeço. — Ponha as mãos atrás do seu corpo e agarre o guidão. Se prepare, assim. — As

mãos quentes e firmes dele se fecham brevemente sobre as minhas. — Agora empurre para baixo para que você levante seu corpo e... isso! — Ele ri, assustado, quando eu me levanto num movimento fácil para me aboletar sobre o guidão. Nem eu sei bem como fiz isso. — Você conseguiu. Habilidades de uma profissional.

Não é a coisa mais confortável que já fiz, e parece ser mais do que um pouco precário. Especialmente quando Luis começa a pedalar.

— Ai, meu Deus, nós vamos morrer. — Eu arfo sem intenção, fechando os olhos com força. Mas então o queixo de Luis está no meu ombro enquanto uma brisa fresca bate no meu rosto e, honestamente, há modos muito piores de morrer.

Ele é um ciclista veloz e seguro de si, pedalando sem pausas por uma rota que leva à ciclovia atrás do centro de Bayview. O caminho é largo e está praticamente vazio, mas de vez em quando um pontinho aparece adiante e então, sem que eu perceba como, Luis ultrapassa quem quer que seja. Quando ele finalmente desacelera e diz “Segure firme, nós já vamos parar”, eu vejo um portão de ferro forjado e uma placa de madeira com os dizeres ARBORETO DE BAYVIEW.

Minha descida é bem menos graciosa, mas Luis não parece se importar enquanto prende a bicicleta num poste.

— Tudo bem? — pergunta ele, puxando uma garrafa de água do suporte da bicicleta e bebendo a metade do conteúdo em alguns goles. — Achei que poderíamos andar um pouco.

— É perfeito. Eu não venho muito aqui.

Começamos a descer por um caminho de cascalho margeado por cerejeiras que estão começando a florescer.

— Eu amo esse lugar — diz Luis, tampando os olhos contra a luz do sol. — É tão tranquilo. Venho aqui sempre que preciso pensar.

Dou uma olhada nele, aquela pele marrom clara, os ombros largos e o sorrisinho fácil. Eu nunca imaginei que Luis fosse o tipo de pessoa que vai a algum lugar tranquilo para pensar.

— Em que você pensa?

— Ah, você sabe — diz Luis, sério. — Coisas intensas e profundas sobre a humanidade e a situação do universo. Penso nisso o tempo todo. — Eu inclino a cabeça na direção dele, as sobranceiras arqueadas como se dissessem *continue*, e ele encontra o meu olhar com um sorriso. — Mas não estou pensando nisso agora. Me dê um minuto.

Eu sorrio de volta. É impossível não fazê-lo.

— E quando você não está tendo crises existenciais? Com que tipo de coisas mundanas se preocupa?

— Com conseguir dar conta de tudo — responde ele, imediatamente. — Tipo, eu tenho um montão de aulas nesse semestre, além do estágio, porque eu vou tentar me formar mais cedo. Eu trabalho de 20 a 30 horas por semana no Contigo, dependendo de

quanto os meus pais precisam de mim. E ainda jogo beisebol de vez em quando. Apenas jogos informais com os caras da escola, nada comparado ao cronograma que eu tinha quando jogava no Bayview com Cooper, mas estamos tentando formar uma liga. Ah, e eu ajudo o time dos meus irmãos na Liga Infantil às vezes. É bom, mas é muita coisa. Tem vezes que me esqueço de onde deveria estar, sabe?

Eu não sei. Quando Luis estava no Colégio Bayview, eu achava que tudo que ele fazia era jogar e ir a festas.

— Eu não imaginava que você lidava com tanta coisa — digo.

Ele olha na minha direção conforme nos aproximamos de um jardim de rosas. A primavera está chegando, e a maior parte dos botões está apenas começando a se abrir, mas alguns exibidos estão totalmente floridos.

— É um modo educado de dizer que você pensava que eu era um jogadorzinho bobó?

— Óbvio que não! — Fico observando as rosas para não ter que encará-lo, já que eu pensei isso, sim. Sempre achei que Luis era legal o bastante para os padrões dos atletas do Bayview, principalmente quando ele apoiou Cooper enquanto os demais viravam as costas para ele no ano da formatura, mas nada muito além disso.

Tirando a parte de achá-lo lindo de morrer, óbvio. Ele sempre foi assim. E agora está revelando nuances escondidas, ficando ainda mais atraente; o que, francamente, é um pouco injusto. Não que precisasse de mais encorajamento.

— Eu só não havia percebido que você já tinha decidido tanto sobre a sua vida — digo a ele. — Estou impressionada.

— Não decidi, na verdade. Eu só faço o que gosto e vejo o que acontece.

— Você faz parecer tão fácil. — Não consigo esconder o tom melancólico da minha voz.

— E você? — pergunta Luis. — Você passa o tempo pensando em quê?

Ultimamente? Em você.

— Nos fundamentos filosóficos da sociedade ocidental, obviamente.

— Obviamente. Nem precisava dizer. No que mais?

Em morrer. Eu me seguro antes de dizer. Tente manter a conversa um pouquinho menos mórbida, Maeve. *Se algo terrível será enviado por mensagem para centenas dos meus colegas de escola em, tipo, duas horas e meia.* Deus. De repente percebo que Luis só está sendo sincero comigo e eu não consigo lhe responder nada que seja verdade. Estou envolvida demais em dúvidas e segredos.

— Não é uma pegadinha — diz Luis, e percebo que fiquei em silêncio enquanto passamos pelo jardim de rosas inteiro. Estamos numa minicampina de flores silvestres repleta de cores vibrantes e

emaranhados verdes, e eu ainda não disse a ele em que venho pensando. — Você pode responder qualquer coisa. Em memes de gatos, Harry Potter, empanadas. — Ele abre um sorriso. — Em mim.

Meu estômago revira e eu tento ignorar.

— Você me pegou. Estava pensando em quantas flores precisaria pegar para escrever o seu nome com pétalas de rosa no gramado.

— Quinze — diz Luis imediatamente, depois me lança um olhar arregalado de inocência quando dou uma bufada. — O que foi? Acontece muito. Os jardineiros nem me deixam entrar aqui no auge da estação.

Meus lábios retorcem.

— *Tienes el ego por las nubes*, Luis — digo, e ele sorri.

Sua mão roça na minha, tão rapidamente que não consigo saber se foi de propósito ou acidental. E então ele diz:

— Sabe, eu quase chamei você para sair no ano passado. — O meu corpo inteiro fica quente e eu tenho certeza de que não ouvi bem até que ele completa: — Mas o Coop não deixou.

Minha pulsação se agita freneticamente.

— Cooper? — solto. Que diabos? Minha vida amorosa, ou a falta dela, não é da conta do Cooper. — Por quê?

Luis dá uma risadinha.

— Ele estava sendo protetor. Não era um grande fã do meu histórico com garotas quando estávamos na escola. E ele não achava que eu estava falando sério sobre mudar. — Já passamos da metade do campo de flores silvestres, e Luis olha de um lado para o outro. — Só que eu estava.

Minha respiração fica curta. O que isso quer dizer? Acho que eu poderia perguntar. É uma pergunta totalmente válida, considerando, principalmente, que foi ele quem tocou no assunto. Ou eu poderia dizer o que está passando pela minha cabeça nesse instante, que é: *Eu gostaria que você tivesse me chamado. Quer tentar de novo?* Em vez disso, eu me vejo forçando uma risada e dizendo:

— Ah, bem, você conhece o Cooper. Ele sempre precisa ser o paizão de todo mundo, não é? E um pai sabe das coisas.

Luis enfia as mãos nos bolsos.

— É — diz, a voz baixa e com uma pontada do que parece ser decepção. — Acho que ele sabe.

Quando éramos crianças, Bronwyn costumava dizer que eu me sentia atraída por caras inalcançáveis porque era seguro.

Você gosta do sonho, não da realidade, dizia ela. Assim você pode manter distância. E eu revirava os olhos, porque não era como se ela já tivesse tido um namorado naquela época também. Mas talvez ela tivesse razão, porque tudo o que consigo dizer é:

— Bom, obrigada pela intervenção. Você estava certo. Eu precisava

disso.

— Quando precisar — responde Luis, soando despreocupado como sempre. Sou atingida por uma certeza enfadonha de que, se havia alguma chance de algo acontecer entre nós, eu acabei de deixar passar.

Depois do jantar, estou inquieta e ansiosa. Agora são três itens na minha lista de Coisas Em Que Não Suporto Pensar: sangramentos e manchas, o lembrete da Verdade ou Consequência cujo prazo vence em 15 minutos, e o fato de que sou uma verdadeira covarde emocional. Se eu não fizer algo que ao menos *pareça* produtivo, vou descolar da minha própria pele. Então pego meu notebook, me abotoo no assento da janela, depois conecto o fone no celular e ligo para Knox.

— Tem algum motivo para você estar usando tecnologia de voz? — ele pergunta a título de cumprimento. — É uma forma de comunicação tão desconcertante. É estranho tentar manter uma conversa sem pistas não verbais ou corretor ortográfico.

— Bom falar com você também, Knox — respondo, seca. — Desculpe, mas estou usando o notebook e preciso das minhas mãos livres. Você pode encerrar a conversa quando quiser. — Digito algumas palavras na barra do Google e completo: — Você já pensou em como alguém pode bloquear o próprio número de aparecer numa mensagem de texto?

— É uma pergunta retórica ou você vai me dizer?

— Estou pesquisando agora mesmo. — Espero alguns instantes até a tela carregar. — São três formas, segundo o wikiHow.

— Você tem certeza de que o wikiHow é uma fonte confiável para isso?

— É um começo. — Limpo a garganta. Para ser sincera, é constrangedor lembrar de como, dezoito meses atrás, eu estava invadindo o painel de controle da página do Simon para coletar evidências que a polícia havia ignorado. E agora estou buscando entradas do wikiHow. Eu gostaria de entender de tecnologia móvel a metade do que entendo de computadores e sistemas em rede. — Então, aqui diz que você pode usar um site de mensagens, um aplicativo ou um endereço de e-mail.

— Certo. E por que isso seria útil?

— É conhecimento fundamental. A pergunta mais importante é: como se rastreia o número de uma mensagem anônima? — Congelo diante da tela. — Argh. A resposta mais recente do Google é de três anos atrás. Não é um bom sinal.

Enquanto leio, Knox fica calado para em seguida dizer:

— Maeve, se você está preocupada com o Número Desconhecido, talvez devesse simplesmente responder *consequência*. São inofensivas.

— Jules beijar Nate não foi *inofensivo*.

— É verdade — concorda Knox. — Mas poderia ter sido em circunstâncias diferentes. Se Nate e Bronwyn estivessem firmes, ela poderia ter ficado chateada por Jules ter beijado o namorado dela, mas teria superado. Ela não teria ficado zangada *com ele*, de todo modo. Ou Jules poderia ter escolhido qualquer outra pessoa e feito algo mais amistoso. Tipo um beijo na bochecha. A voz dele fica reflexiva. — Ou talvez isso fosse considerado trapacear.

Uma janela se abre na tela e eu paro. É um alerta do PingMe: *O site que você está monitorando foi atualizado*. Tenho recebido isso regularmente por causa do A Vingança É Minha, tanto no celular quanto no notebook, e estou começando a me arrepender de ter colocado o alerta. Não tem nada útil, somente desabafos bizarros. Pelo menos parece que Jellyfish se acalmou. Ainda assim, abro uma nova aba e digito o endereço familiar.

Dessa vez, tem uma série de postagens de alguém chamado Darkestmind — e, assim que vejo o nome, reconheço que foi quem me chamou a atenção ali pela primeira vez. Quem mencionou Simon e Bayview.

— Knox — chamo, ansiosa. — Darkestmind está postando novamente.

— Hein? Quem está fazendo o quê?

— No fórum de vingança — digo, e ouço Knox suspirar ao telefone.

— Você ainda está vigiando esse site?

— Shh. Estou lendo. — Estudo a sequência curta de posts:

Saudações para todos nós que estamos FAZENDO O QUE TEM QUE SER FEITO essa semana.

E por nós eu quero dizer eu e Bayview2020.

Dica para os não iniciados: não se metam com a gente.

— Ele está falando de Bayview de novo — informo. — Ou, mais especificamente, de alguém com Bayview no nome de usuário. Posso apostar que é alguém que frequenta a nossa escola.

— Ou... Olha, só uma ideia, mas ouça. Ou talvez seja um fã esquisito de Simon que usa o nome *porque* é um fã esquisito de Simon. E sabemos disso porque eles estão conversando em um subfórum de fãs esquisitos de Simon — sugere Knox.

Tiro um print dos posts antes de atualizar a tela.

— Você está sendo sarcástico? — pergunto. Não estou surpresa por Knox não estar me levando a sério; Bronwyn também não levou até minha pesquisa chegar no *Mikhail Powers Investiga*, um noticiário nacional.

— Bastante.

Quando a página recarrega, eu grito tão alto e vitoriosamente que Knox deixa escapar um “ai” na linha.

— AHÁ! Eu sabia! — exclamo, meu peito martelando de animação.

— Tem uma nova postagem do Darkestmind, ouça só: *Eu sempre quis superar Simon e, cacete, acho que consegui. Mais em breve. Tic-toc.* A merda do tic-toc, Knox! É exatamente o que o Número Desconhecido escreve quando está se preparando para mandar outro aviso de Verdade ou Consequência. É a mesma pessoa!

— Certo. Isso é realmente interessante — cede Knox. — Mas pode ser só uma coincidência.

— De jeito nenhum. Não existem coincidências quando se trata desse tipo de coisa. Ele também mencionou Simon, então tem todo aquele negócio de usar-fofoca-como-arma. Esse é o nosso cara.

— Ótimo. E agora o quê? Como você descobre quem Darkestmind realmente é?

Um pouco da minha excitação se esvai.

— Bom, essa é a Fase Dois, obviamente, e chegarei a ela... mais tarde.

A voz de Knox falha, como se ele estivesse longe do telefone.

— Certo, tudo bem, desculpe. Eu já estou indo. — O volume da voz dele volta ao normal. — Tenho que ir. Estou no trabalho.

— Está? — pergunto, surpresa. — Você não tem ensaio hoje à noite?

— Sim, mas tem muita coisa acontecendo no Até que Provem e o meu substituto poderia se beneficiar do ensaio, então não fui. — Knox fala como se não fosse grande coisa, mas eu não consigo me lembrar de algum momento em que tenha perdido um ensaio antes. — Preste atenção, Maeve. Já são quase seis horas, então... se você vai responder *consequência*, a hora é essa.

— De jeito nenhum. Eu já falei, não vou jogar o jogo deles. — Embora ao dizê-lo eu tenha dificuldade para engolir e olhe para o relógio do notebook. 17h59.

Não sei dizer se o suspiro de Knox em resposta é de frustração ou de resignação.

— Tudo bem. Mas não diga que eu não avisei.

CAPÍTULO 11

Phoebe

Terça-feira, 3 de março

Emma, a rainha da pontualidade, está atrasada.

O sinal tocou e estou parada na porta do seu armário há cinco minutos, e nada dela. Deveríamos ir para o campeonato de soletração de Owen juntas — apresentando uma frente unida diante da mamãe para que ela siga sem saber que não estamos nos falando —, mas estou começando a ter a incômoda sensação de que minha irmã me abandonou.

Vou esperar mais dois minutos, decidido. Se ela não aparecer, desisto de esperar e vou embora.

Dou alguns passos para a direita para observar o quadro de avisos enquanto espero. SEJA O TIPO DE PESSOA QUE FAZ COM QUE TODOS SINTAM QUE SÃO ALGUÉM, me diz um cartaz com letras da cor do arco-íris; só que riscaram a palavra “alguém” e embaixo escreveram MERDA.

Ah, Colégio Bayview. Se há algo que você tem de sobra, é consistência.

Um ombro esbarra no meu, e dou meia-volta.

— Desculpa! — Monica Hill diz, despreocupada. Ela está usando seu uniforme de líder de torcida do time de basquete, o cabelo platinado puxado para trás com um laço roxo e branco. — Está vendo o seu anúncio? Que legal que você e Emma estão trabalhando juntas.

— Não estamos — respondo, seca. Não sei sobre o que ela está falando, mas não tem importância. Monica é bem próxima de Sean e Brandon, então a encenação amistosa dela não me engana. Além do mais, ela vem tentando roubar a minha melhor amiga há semanas. E está conseguindo, suponho, considerando que Jules contou a ela sobre a consequência em vez de contar para mim.

Os lábios de Monica se curvam num sorrisinho.

— O seu anúncio diz outra coisa. — Ela passa por mim e bate o

dedo numa familiar folha de papel azul-claro que traz o título: *Tutoria Emma Lawton*. Minha irmã espalhou pela escola inteira o papel com o telefone dela e uma lista de disciplinas: matemática, química/biologia, espanhol. Mas nesse anúncio em particular há mais do que isso. Num rabisco de caneta abaixo da letra bonita de Emma:

Ménage (oferta especial com Phoebe Lawton)

Entre em contato conosco no Instagram!

Apesar do bolo na garganta, engulo em seco enquanto observo o meu nome de usuário manuscrito no pé da página. Imagino que seja a vingança de Brandon, porque o coloquei para fora do apartamento na semana anterior. Aquele babaca.

Só que de jeito nenhum darei a Monica a satisfação de uma reação. O que eu disser ou fizer agora vai chegar imediatamente em Brandon.

— Você não tem um jogo para ir? — pergunto. Então dedos passam pelo meu ombro, pegando o papel azul pela borda e arrancando-o do quadro de avisos.

Eu me viro para ver Emma com a sua habitual faixa no cabelo e a camisa de botão. No rosto, uma máscara de calma conforme amassa o anúncio na palma de uma das mãos.

— Com licença — diz ela para uma Monica que sorri maliciosamente. — Lixo. Quero dizer, você está na frente do lixo. — Emma contorna Monica para jogar a bola de papel no cesto de reciclagem, depois vira a cabeça na minha direção, ainda perfeitamente tranquila. — Desculpe o atraso. Eu tinha algumas perguntas para o Sr. Bose depois da aula de história. Vamos?

— Vamos.

Sigo pelo corredor atrás das passadas largas da minha irmã, quase correndo para acompanhá-la. Minha mente está agitada conforme seguimos. Isso quer dizer que Emma me perdoa? Ou que não me odeia mais?

— Obrigada por aquilo — agradeço, minha voz baixinha quando empurramos as portas que levam ao estacionamento.

Emma me lança um olhar de esguelha que não é exatamente amigável, mas também não é zangado.

— Algumas pessoas vão longe demais — diz ela. — Existem limites. Precisa haver limites.

O auditório da Escola Granger é exatamente como eu me lembrava: abafado, claro demais e com cheiro de tecido mofado e cascas de lápis apontado. A metade da frente do local está tomada por cadeiras dobráveis, e vejo mamãe na terceira fila, acenando freneticamente assim que eu e Emma entramos. Uma cortina pesada é puxada no

palco e uma mulher de meia-idade com um cardigã largo e saia na altura dos joelhos aparece.

— Vamos começar em alguns minutos — avisa, mas ninguém presta atenção. Minha mãe segue acenando até estarmos praticamente em cima dela, então tira sua bolsa e casaco de cima de duas cadeiras ao seu lado, apertando os joelhos para que possamos passar e sentar nos nossos lugares.

— Bem na hora — diz ela. Mamãe está bonita hoje, seu cabelo escuro caindo pela echarpe com tons de outono, que fazem a sua pele brilhar. Vê-la assim me anima, porque me lembra de como a minha mãe era quando eu estava no fundamental: sempre a mãe mais bem-vestida em todos os eventos escolares. Ela tem um estilo natural, mas não se esforçou muito mais depois que o papai morreu. Trabalhar no casamento de Ashton e Eli definitivamente fez bem para a cabeça dela. Ela dá uma puxadinha na manga de Emma e pergunta: — Você poderia me ajudar com algumas tarefas de casamento?

Emma e mamãe encostam a cabeça uma na outra, e aproveito para sorrateiramente pegar meu celular. Emma conversou comigo na nossa viagem de ida, não quero estragar a nossa frágil trégua olhando o Instagram. Mas preciso saber quanto hate estou recebendo.

As notificações dominam a tela assim que entro na minha conta. Tipo, muitas.

Minha última postagem foi uma foto no trabalho, que tinha tido vinte comentários. Agora tem mais de cem. Eu leio o primeiro — *sim, oi, por favor, me inscreva no ménage básico* — e imediatamente saio.

— Famílias, bem-vindas ao campeonato anual de soletração da Escola Granger! — O meu coração já está acelerado dentro do peito, e a voz alta ressoando no microfone o faz acelerar ainda mais. É a mesma mulher que falou antes, parada atrás de um púlpito num dos cantos do palco do auditório. Dez crianças, inclusive Owen, estão organizadas numa fila atrás dela. — Deixem-me apresentar os alunos que irão encantar vocês com suas façanhas ao soletrar hoje. O primeiro é o único aluno do sexto ano na competição: Owen Lawton!

Eu bato palmas sem parar até que a diretora passa para a próxima criança, então volto minha atenção ao telefone. É como se eu tivesse arrancado um band-aid e agora não conseguisse deixar de futucar a ferida. Mudo a configuração da minha conta no Instagram para privada, o que eu obviamente deveria ter feito uma semana atrás, e rolo até as mensagens. São diversos sujeitos que não conheço me pedindo para ser sua “tutora”. Um deles deixa apenas o número de telefone. Isso funciona com alguém? Alguma menina na história do mundo mandou mensagem para um estranho porque ele deixou seu número no inbox? Estou prestes a apertar “Excluir todas” para apagar as mensagens da minha conta para sempre quando um nome no pé da

página chama a minha atenção.

Dereculpepper01. Oi, é o Derek. Eu estava

É tudo que eu consigo ver sem abrir a mensagem. Argh, o que o ex de Emma quer? Nós não nos falamos desde a noite na lavanderia de Jules. Nunca trocamos telefone, obviamente, ou ele não apareceria agora no Instagram. Se vai se desculpar por ter contado a alguém sobre o que aconteceu conosco, eu não ligo. É tarde demais.

Olho novamente para o “Excluir todas”, mas a minha curiosidade leva a melhor. *Oi, é o Derek. Eu estava esperando que a gente pudesse se falar em algum momento. Você pode me escrever?* E um número de telefone.

Bom, isso deixa mais perguntas do que respostas.

Fecho a mão ao redor do aparelho para bloquear a tela da visão de Emma e vou até o perfil de Derek. O feed do Instagram dele é todo composto por fotos de comida ou de cachorro. Quem faz isso? Não é como se ele fosse feio. Só um pouco esquecível.

Emma tosse de leve e dou outra olhada furtiva em sua direção. Eu iria preferir cortar o meu próprio braço e me autoflagelar a falar com Derek Culpepper de novo, e tenho certeza de que Emma pensa assim também. Isso deixa Derek sozinho no nosso triângulo bizarro, o único interessado em reabrir os canais de comunicação para os quais ninguém liga.

— E agora vamos começar com a primeira palavra do dia para Owen Lawton. Owen, você pode soletrar *bizarro* para nós, por favor?

Eu levanto o olhar bem a tempo de ver a expressão de Owen quando ele sorri e faz para mim o que ele pensa ser um joinha discreto. Guardo meu celular e tento sorrir de volta.

Algumas horas mais tarde, mamãe está numa reunião de planejamento de casamentos da Golden Rings enquanto eu e Emma estamos no nosso quarto. Estou deitada na cama com um livro da escola no colo e Emma está na mesa dela, de fones, a cabeça balançando de leve com seja lá qual for a música que está tocando. Não estamos nem interagindo, mas tudo parece estar menos tenso do que esteve por um bom tempo.

Ouçõ uma batida na porta, e a cabeça de Owen surge no batente.

— Ei — digo, me sentando. — Parabéns de novo, geniozinho.

— Obrigado — Owen agradece enquanto Emma tira os fones. — Mas não foi uma competição de verdade. Ninguém naquela escola sabe soletrar.

— Alex Chen foi um forte concorrente — Emma destaca.

Owen não parece convencido.

— É, mas era de se pensar que um aluno do oitavo ano saberia soletrar *obsessão*. — Ele senta na ponta da minha cama e vira o corpo na minha direção. — Phoebe, eu me esqueci de falar com você. — Os óculos dele estão imundos, então eu os tiro e limpo as lentes com a manga da camisa. O olhar de Owen parece incompleto sem os óculos. — Você precisa convidar aquele seu amigo para vir aqui. Knox alguma coisa?

— Eu preciso o que... o quê? — Pisco, surpresa enquanto devolvo os óculos a Owen. Ele os acomoda de um jeito assimétrico no nariz. — Como você conhece o Knox?

— Eu o conheci no Café Contigo. Ele joga *Bounty Wars* — diz Owen, como se fosse toda a explicação de que preciso.

Emma franze a testa para mim.

— Você e Knox Myers são amigos?

— Temos amigos em comum — respondo.

Ela balança a cabeça em aprovação.

— Ele parece ser um cara legal.

— Ele é — digo, e me volto para Owen. — Por que você quer que eu o convide para vir aqui?

— Para jogarmos *Bounty Wars*. Falamos sobre isso no Café Contigo — explica Owen, e agora tudo começa a fazer sentido. Por muitas vezes o meu irmão interpreta mal interações sociais. Knox provavelmente foi gentil e perguntou a Owen sobre o seu jogo favorito enquanto ele esperava a nossa comida ficar pronta. Eu não conheço Knox muito bem, mas ele parece ser o tipo de garoto que é amado pelos pais porque é amigável com crianças e idosos. Educado, bem-apeado e completamente inofensivo.

Eu estranhei quando percebi, um tempo atrás, que ele e Maeve estavam ficando, porque os dois formavam um casal tão esquisito. Ela tem o tipo de beleza sutil que passa despercebida, mas, uma vez que você começa a reparar nela, fica se perguntando como não notou antes. Talvez sejam os olhos; eu nunca vi mais ninguém com aquele tom de mel escuro. Ou a forma como ela anda pelo Colégio Bayview, como se estivesse apenas de passagem e não se preocupasse com as mesmas coisas que o restante de nós. Não é à toa que Luis Santos não tira os olhos dela. *Esses dois* eu consigo ver juntos. Eles combinam.

É um jeito meio fútil de ver as coisas, mas não faz com que seja menos verdadeiro.

Knox tem potencial, entretanto. Mais alguns quilos, um corte de cabelo melhor, ajuste na confiança e... boom. Knox Myers pode destruir corações um dia. Só que não ainda.

Owen continua me olhando com expectativa.

— Eu e Knox não temos o tipo de amizade em que um frequenta a casa do outro — digo a ele.

Ele faz um beicinho.

— Por que não? Você deixou o *Brandon* vir.

Meu peito se retorce com a lembrança da língua viscosa de Brandon tentando invadir a minha boca.

— Isso não...

— Brandon *Weber*? — Tanto eu quanto Owen pulamos quando a voz de Emma sobe um oitavo. — Aquele esquisito veio ao nosso apartamento? Por quê? — Eu não respondo, e a expressão dela gradualmente passa de horrorizada para trovejante. — Ai, meu Deus. É com *ele* que você tem se encontrado ultimamente?

— Podemos não conversar sobre isso agora? — peço, lançando um olhar na direção de Owen.

Mas o rosto de Emma ficou manchado de vermelho, o que é sempre um mau sinal. Ela puxa os fones do pescoço e se levanta, seguindo na minha direção como se fosse me arrancar da cama para me jogar na parede. Eu quase recuo, mas ela para a centímetros de mim, as mãos no quadril.

— Jesus Cristo, Phoebe. Você é *tão* estúpida. Brandon Weber é um merda que não liga para ninguém que não seja ele mesmo. Você sabe disso, não sabe?

Eu fico de boca aberta, magoada e confusa. Achei que estávamos finalmente superando a situação com Derek, e agora ela está zangada comigo por causa de Brandon? Será que ela... Ai, Deus. Por favor, não.

— Você também se envolveu com o Brandon? — solto.

O queixo de Emma cai.

— Você está falando sério? Eu nunca faria isso. Você realmente pensa... Não, é óbvio que não pensa. É esse o problema, né? Você não pensa. Você só *faz*. O que você quiser. — Ela volta para a escrivaninha, pondo o caderno em cima do notebook e abraçando os dois contra o peito. — Vou para a biblioteca. Não consigo fazer nada nessa porcaria de lugar.

Ela sai, batendo a porta, e Owen me encara.

— Vocês vão parar de brigar algum dia? — pergunta.

Deixo meus ombros caírem, cansada demais para fingir que não sei sobre o que ele está falando.

— Provavelmente.

Owen balança as pernas para a frente e para trás, a sola dos tênis raspando no chão.

— Está tudo acabado, né? — A voz de Owen sai tão baixinha que mal se ouve. — A nossa família. Acabou quando o papai morreu.

— Owen, não! — Eu passo um braço sobre o ombro magro dele e o puxo para mim, mas ele está tão travado que só encosta, desconfortavelmente, na lateral do meu corpo. Tudo em mim dói quando, de repente, percebo há quanto tempo eu não abraçava o meu

irmão. Ou a minha irmã. — É óbvio que não acabou. Nós estamos bem. Emma e eu estamos apenas passando por uma fase difícil.

Mesmo com as palavras saindo da minha boca, eu sei que é tarde demais. Eu deveria ter confortado Owen nestes últimos três anos, não apenas nos últimos três minutos.

Ele se desvencilha do meu abraço e fica de pé.

— Eu não sou mais um garotinho, Phoebe. Sei quando você está mentindo. — Owen abre a porta e sai, fechando-a com menos barulho do que Emma fez, mas tão enfaticamente quanto.

Eu desabo na minha cama e fico encarando o relógio na parede. Como é possível ainda ser sete da noite? Esse dia está durando para sempre.

O som de uma mensagem de texto vem de algum lugar do meu edredom embolado. Não tenho energia para me sentar, então vasculho ao redor com uma das mãos até achar o telefone e trazê-lo para perto do rosto.

Número Desconhecido: Tsc, sem resposta do nosso último jogador.

Isso quer dizer que você perdeu, Maeve Rojas.

Agora eu posso revelar um dos seus segredos no melhor estilo Falando Nisso.

Meus olhos se arregalam. Maeve não me contou que havia sido escolhida, embora estejamos andando juntas na escola ultimamente. A garota é seriamente reservada ou tem problemas. Talvez os dois.

Ainda assim, não há nada com o que se preocupar. Maeve não tem um monte de segredos constrangedores, como eu tenho. O Número Desconhecido provavelmente vai só rememorar aquela velha história da vez em que vomitou no porão da casa de um jogador de basquete quando era caloura. Ou talvez seja sobre a atração dela por Luis, embora isso seja tão visivelmente óbvio que não se qualifica como segredo. De qualquer maneira, eu gostaria que a mensagem chegasse logo para eu parar de obcecar com esse jogo babaca.

E então chega.

A última fofoca do Número Desconhecido toma a tela. Eu pisco cinco ou seis vezes, mas ainda não acredito no que estou lendo. Não. De jeito nenhum. Ah, não. Ah, merda, não.

As mensagens de *Ai meu Deus o quê????* não param de chegar, tão rapidamente que não consigo acompanhar. Tento ligar para Maeve, mas ela não atende. Não me surpreende. É bom que esteja numa ligação com outra pessoa agora.

CAPÍTULO 12

Knox

Terça-feira, 3 de março

O sujeito na King's Landing está suando bicas. Tremendo, se balançando e constantemente esfregando uma das mãos no queixo enquanto conversa com Sandeep na sala de conferência fechada.

— É estranho como gente inocente pode parecer culpada às vezes — digo a Bethany Okonjo, uma aluna de direito que é assistente jurídica no Até que Provem.

Estamos alocados numa mesa do lado de fora da sala de conferência, reunindo notícias sobre o caso D'Agostino. Bethany dá de ombros e alcança uma gaveta para pegar mais grampos.

— E vice-versa, né? — diz. — Gente culpada pode parecer totalmente inocente. Veja o nosso amigo aqui. — Ela segura um longo artigo sobre o sargento Carl D'Agostino, que estampa uma foto do homem com seu uniforme policial e um sorriso largo. O braço dele está ao redor de um universitário, segurando uma placa. — Engraçado terem usado essa foto e não a de quando ele foi preso — ela completa, jogando as tranças por cima de um dos ombros. — Nenhuma das pessoas para quem ele armou teve esse tratamento mamão com açúcar quando foram presas.

Dou uma olhada na legenda embaixo da foto: *Uma semana antes de ser preso, o sargento Carl D'Agostino foi homenageado pelos alunos da Universidade do Estado de San Diego pela excelência como mentor comunitário.*

— Eu nunca pensei nisso — digo, analisando os primeiros parágrafos do artigo. — Mas você tem razão. É tudo sobre como ele era um cara legal até que... opa, um grande escândalo. Como se ele tivesse armado para 17 pessoas sem querer.

Coloco o artigo sobre os demais da minha pilha e olho para o relógio que fica na parede ao lado da sala de conferência. São quase sete da noite. Eu nunca fiquei até tão tarde, mas estou começando a

achar que sou a única pessoa no Até que Provem que sai no horário. O escritório ainda está a todo vapor, as mesas desarrumadas e cheias de caixas de pizza e latas de Coca-Cola. Bethany pega a borda que havia dispensado e dá uma mordidinha no canto.

— Eles deram o mesmo tratamento àquele seu colega de turma. Jake Riordan, se lembra dele? — Como se eu fosse me esquecer. — *O atleta famoso envolvido no caso de Simon Kelleher* — diz Bethany com sua voz de repórter de televisão. — Ah, com “envolvido” você quer dizer que ele tentou matar a própria namorada? Esse tipo de *envolvimento*?

— Papo furado — concordo.

— O sistema judiciário funciona de modo muito diferente quando se é branco, homem, rico e com boa aparência. — Ela empurra o último pedaço de pizza na minha direção. — Bom para você, acho, caso decida recorrer a uma vida de crime.

Eu pego a fatia, mas está tão fria e dura que não consigo dar nem uma mordida.

— Só duas dessas coisas se aplicam a mim.

— Não se menospreze, garoto.

Eli passa por nós segurando um telefone com uma capinha familiar que ele acena para mim.

— Knox, é seu, não é? Você deixou na sala da copiadora. E Maeve está ligando. — Ele olha para o aparelho. — Estava ligando. Você não atendeu.

Eu estava mesmo achando meu telefone estranhamente silencioso.

— Desculpa — digo, pegando o celular. Noto uma quantidade alarmante de mensagens antes de colocá-lo na mesa como um profissional ocupado que não tem tempo para fofocas do Colégio Bayview. Eli finalmente sabe o meu nome e começou a me dar coisas mais interessantes para fazer. Não quero estragar tudo parecendo um adolescente viciado em celular na frente dele. Ainda que eu seja esse adolescente. — Você precisa de alguma coisa? Eli passa a mão pelo novo cabelo curto.

— Preciso que você vá para casa. Temos leis sobre trabalho infantil, ou pelo menos é o que Sandeep me diz, e provavelmente estamos violando-as. Principalmente por não estarmos pagando nada a você. Ligue de volta para Maeve e dê o fora daqui, tá bem? Todo o resto pode esperar até amanhã. — Ele olha para Bethany, que ainda está grampeando as matérias. — Bethany, você pode sentar comigo e revisar as escalas da corte da semana que vem?

— Sim, sem problemas. — Ela olha ao redor do escritório cheio. — Devemos ir para Winterfell?

Eli revira os olhos. Ele nunca vai se acostumar com esses nomes.

— Tudo bem.

Eles saem e eu olho para o meu celular, hesitante. Eu realmente odeio fazer ligações, mas talvez Maeve esteja mais uma vez em seu notebook e não consiga digitar. Clico no nome dela e ela atende antes do primeiro toque.

— Ah, graças a Deus. — Sua voz está baixa, ofegante. — Fiquei com medo de você não me ligar de volta.

O sujeito suado está andando em círculos ao redor de Sandeep, na sala de reunião, e isso me distrai.

— Por que não ligaria? Eu estava brincando sobre ser alérgico a ligações. Mais ou menos brincando. — A ligação fica em silêncio e eu acho que caiu. — Maeve? Você está aí?

— Eu... sim. Hum, o que você está fazendo?

— Ainda estou no trabalho, mas já vou sair.

— Tudo bem. Certo. Você já... — Ela se interrompe e acho que a ouço tomando fôlego. — Você já olhou o seu telefone?

— Não. Esqueci na sala da copiadora por, tipo, uma hora. O que houve? — Olho novamente para o relógio na parede e me dou conta. — Merda. A sua mensagem de Verdade ou Consequência chegou, não foi? O que dizia? Você está bem?

— Ai, Deus. — A voz de Maeve vira um sussurro. — Me desculpa, Knox. Eu sinto muito, muito mesmo.

— O quê? Maeve, você está começando a me assustar. — Eu paro, a preocupação serpenteando pelas minhas entranhas conforme a respiração dela falha. — Você está *chorando*?

— Hum... — Definitivamente está. — Então, eu acho... certo. Vou ler para você a mensagem do Número Desconhecido, porque, hum, eu não quero que você tenha que ler todos os comentários para chegar nela. Porque eles são estúpidos e sem sentido como sempre. — Maeve engole a respiração trêmula. — Mas antes que eu o faça... preciso que você saiba que eu não disse isso, tá? Não *exatamente* isso. Eu não diria. Fiquei pensando e pensando e só consigo me lembrar de uma conversa que é um pouquinho pertinente, mas eu juro por Deus que foi *muito* mais vago que isso. E a conversa foi com Bronwyn, que nunca diria uma palavra, então sinceramente não sei como isso aconteceu.

— Maeve, sério. O que está acontecendo? Com quem eu tenho que brigar?

— Não. — Ela resmunga a palavra. — Eu... Ok. A mensagem diz o seguinte: *Maeve Rojas*, hum... — Ouço uma inspiração profunda e depois as palavras saem num turbilhão: *Maeve Rojas terminou com Knox Myers porque ele é brocha*.

Que. Merda. É. Essa.

Ouço a respiração irregular de Maeve por um instante. Ou talvez seja a minha. Quando ela tenta perguntar:

— Knox? Você está...? — Eu desligo. O telefone cai da minha mão,

quicando de leve na mesa, e eu o deixo com a tela virada para baixo enquanto pressiono os punhos contra a testa.

Mas que *merda*. Meu coração está martelando para fora do peito. Não. De jeito nenhum. A escola inteira não leu sobre o momento mais humilhante da minha vida. Que foi *privado*. E que deveria permanecer para sempre assim.

Maeve e eu... Meu Deus. Que idiotice. Nós falamos sobre aquilo por meses. *Perder a nossa virgindade*, como se fosse algum projeto que tivéssemos que concluir antes de terminar o ensino médio. Deveria ter sido uma pista, termos sido tão práticos em relação ao assunto. Mas nós também achávamos que queríamos, e então meus pais viajaram para o aniversário de casamento deles e ali estava: a oportunidade.

Só que eu estava tão nervoso. Tomei algumas doses de vodca do meu pai antes de Maeve chegar porque achei que me acalmaria, mas só me fez ficar tonto e enjoado. E então estávamos nos beijando e simplesmente... não rolou. Nada. Eu podia ver que ela também não estava no clima, mas nós tínhamos, tipo, *nos comprometido*. Eu não sabia que podia não rolar. Principalmente porque os homens, em teoria, nascem prontos.

Foi um grande alívio para mim quando Maeve se afastou e perguntou se poderíamos parar um pouco. Depois ela abotoou a camisa e disse:

— Você já sentiu que às vezes nos esforçamos demais para ser algo que não somos?

Fui grato a ela naquele momento. Por entender. Por não tratar como um problemão. Por não ficar estranha, tanto na hora quanto depois, e então eu pude fingir que não aconteceu. Eu quase me convenci de que não tinha acontecido. Até agora.

Porque ela *contou* para as pessoas. Para mais alguém além de Bronwyn, tenho certeza, porque Bronwyn não é do tipo que faz fofoca.

Nem mesmo importa quem tenha sido. O estrago está feito.

Eu viro o meu telefone. Há novas mensagens de Maeve, que eu ignoro, abrindo em vez disso a imensa troca de mensagens depois do que o Número Desconhecido mandou. *Eu não quero que você tenha que ler todos os comentários para chegar nela*, disse Maeve. *Porque eles são estúpidos e sem sentido como sempre*.

E são muitos. Deve ter centenas deles.

Sinto muito pela moleza, cara.

Conheço uma farmácia ótima no Canadá em que você pode encomendar Viagra no atacado.

Talvez seja porque ela não é homem.

Jesus. Como vou aparecer na escola amanhã? Ou qualquer outro dia? Ou subir em um palco no mês que vem para me apresentar em *Into the Woods*, cantando na frente de todo mundo? O Colégio Bayview

é implacável. Um incidente é tudo do que você precisa para ser definido pelo resto da vida, e eu acabei de conhecer o meu. No nosso reencontro de vinte anos de formatura, Brandon Weber e Sean Murdock ainda estarão rindo disso.

— Knox? — Dou um pulo com a voz de Eli. Ele e Bethany estão se aproximando da minha mesa, segurando os notebooks. — Achei que você estivesse indo embora. — Eu esfrego a mão no rosto e ele me olha mais atentamente, franzindo a testa. — Está tudo bem? Você parece meio doente.

— Dor de cabeça — resmungo. — Nada de mais. Eu só vou... é. Estou indo. — Pego meu telefone e fico de pé enquanto Eli me observa com a testa cada vez mais franzida. Ele abaixa seu notebook na quina da mesa.

— Vou levá-lo em casa. Você está muito pálido.

Eu hesito. Qual é o pior lugar para se estar enquanto piadas sobre pau se acumulam no meu telefone: num carro com o meu chefe ou num ônibus ao lado de alguma vovó que jamais verei de novo?

— Não precisa, estou bem. — Me forço a dizer. — Estou bem. Vejo você amanhã. — Estou quase na porta quando sinto uma cutucada no braço. Dou meia-volta, perdendo a razão rápido demais para conseguir me segurar. — Já disse que estou *bem*!

— Eu sei — diz Bethany. — Mas você provavelmente ainda quer isso. — Ela coloca a alça da minha mochila na minha mão.

— Sim. Me desculpe. — Sinto uma onda de culpa e evito olhar em seus olhos enquanto coloco a mochila nas costas. Ainda estou revoltado, mas Bethany não tem culpa em nada disso. Espero até chegar ao elevador, na segurança das portas fechadas, para encontrar um alvo melhor.

As mensagens de Maeve estão no topo da minha lista:

Eu sinto muito.

Nunca quis magoar você.

Podemos conversar?

Quero dizer muitas coisas, mas decido ser curto e grosso.

Vai para o inferno, Maeve.

CAPÍTULO 13

Maeve

Quarta-feira, 4 de março

Sean Murdoch é a primeira pessoa a me cumprimentar quando chego na escola na quarta pela manhã. O cumprimento é segurar a frente da sua calça.

— Monta aqui sempre que você quiser um homem de verdade. — O olhar é lascivo e ele projeta para a frente os quadris enquanto Brandon Weber gargalha logo atrás. — Satisfação garantida.

Meu rosto queima com a combinação de terror e vergonha que eu não sentia desde o post mordaz que Simon Kelleher escreveu sobre mim no primeiro ano. Só que dessa vez eu não posso me esconder nas sombras para fugir de tudo. Por um motivo: minha irmã não está por perto para me defender. E outro: não sou a única atingida.

— Primeiro: que nojo — digo, alto. — Segundo: esse jogo babaca está *mentindo*. Isso nunca aconteceu. — Eu coloco minha senha e puxo a porta do meu armário com tanta força que ela escapa da minha mão e bate na do lado. — Você é um babaca se acredita em tudo o que lê. Bom, você é um babaca independentemente disso. Mas, de qualquer forma, não é verdade.

Essa é a minha história e, faça chuva ou faça sol, eu vou me agarrar a ela.

— Sei, Maeve. — Sean sorri maliciosamente. Que momento bosta para descobrir que ele sabe o meu nome. Seus olhos percorrem o meu corpo, me deixando arrepiada. — A oferta segue de pé.

Brandon ri de novo.

— Literalmente — diz ele. E levanta uma das mãos para um *high five*, mas Sean parece confuso.

Risadas ecoam pelo corredor, e Sean se anima quando se vira na direção do som. Há um grupo de pessoas aglomeradas em volta da área onde fica o armário de Knox.

— Parece que o seu namorado chegou — diz Sean. — Bom, ex-

namorado. E eu não posso culpá-la por isso. Espero que ele goste do presente. — Meu coração afunda no peito quando ele e Brandon saem passeando pelo corredor na direção da multidão crescente. Eu pego quaisquer livros do armário, que provavelmente não são os que preciso para a aula, enfio na mochila e bato a porta para trancá-la.

Estou na metade do caminho até o armário de Knox quando alguém segura o meu braço.

— Eu não faria isso — diz Phoebe, me fazendo parar. Seu cabelo cacheado está preso num rabo de cavalo alto, que balança quando ela vira a cabeça para olhar o que está atrás de nós. — Você ficar perto dele agora só vai piorar tudo. — Seu tom não é cruel, apenas prático, mas as palavras, ainda assim, machucam.

— O que está acontecendo?

— Tem uma maria-mole pregada no armário dele. Tem o formato de... Você pode imaginar. — Ela dá de ombros de um jeito que claramente quer mostrar que está relaxada, mas as linhas tensas em torno da sua boca não combinam com essa atitude. — Podia ter sido pior. Pelo menos vai ser moleza de tirar. — O maxilar fica tenso. — Quero dizer, vai ser fácil.

Eu viro para trás, na direção do armário.

— Ai, Deus. Eles são tão babacas. E nem é verdade. — Eu levanto o tom de voz. — Eu *nunca* disse aquilo. — Dou uma olhada em Phoebe, testando a mentira em alguém com muito mais neurônios que Sean.

— Não importa — ela responde, naquele mesmo tom de voz despreocupado-porém-tenso. — De qualquer forma, as pessoas vão acreditar no que elas quiserem.

Faço uma careta, frustrada.

— O pior é que eu realmente estava progredindo na tarefa de descobrir quem está fazendo isso. Só não fui rápida o bastante.

Phoebe pisca.

— Como é?

Eu a atualizo sobre as últimas postagens do Darkestmind no fórum.

— Posso apostar que a última era sobre mim — digo, segurando o meu telefone para que Phoebe veja o print que tirei da tela. *Mais em breve. Tic-toc.*

Ela morde o lábio inferior.

— Humm. Talvez? Mas ainda não dá nenhuma pista sobre quem está falando.

— Ainda não — digo. — Mas você ficaria surpresa. Pessoas que acreditam estar sendo furtivas e anônimas se entregam o tempo inteiro. — Simon certamente se entregou.

— Posso dar um conselho a você? — Phoebe pergunta. Eu concordo com a cabeça enquanto ela se inclina contra o armário ao nosso lado, o rosto sério. — Fiquei a noite passada inteira pensando

nesse jogo estúpido e em como ele mantém as pessoas presas, como marionetes. Quem quer que esteja por trás do Verdade ou Consequência está numa grande onda de poder. E a verdade é que nós estamos *dando* esse poder. Ao nos importarmos. Ao reagir. Ao passar todo o tempo se preocupando com quem vai ser o próximo e o que é verdade. Nós estamos alimentando o monstro, e eu, pelo menos, estou farta. Bloqueei o Número Desconhecido ontem à noite e acho que você deveria fazer o mesmo. Se afastar do fórum de vingança. Pare de dar a esses esquisitos a atenção que eles tanto querem. Se todo mundo ignorar, eles vão parar.

— Mas *ninguém* vai ignorar — protesto. — Estamos falando do Colégio Bayview. A capital da fofoca da América do Norte.

Phoebe balança a cabeça.

— Bom, nós temos que começar por algum lugar, não é mesmo? Eu estou oficialmente fora dessa.

— Na teoria parece ótimo — digo. — Eu não discordo. Mas isso não vai ajudar Knox nesse momento.

— As pessoas estão se importando demais — retruca Phoebe. Ela se aproxima um pouco mais e abaixa o tom de voz. — Não é nada de outro mundo, sabe. Principalmente sendo a primeira vez. Teve algum consumo de álcool, por acaso?

Eu resisto ao impulso de bater a cabeça contra o armário, mas é por pouco.

— Por favor, não. — E então, porque estou desesperada para entender o que aconteceu e porque Knox não está falando comigo, eu completo num sussurro: — Eu não sei como descobriram. Eu só contei a Bronwyn e ela nunca diria nada.

— Você tem certeza? — Phoebe arqueia a sobancelha, em dúvida, e acho que eu não posso julgá-la por perguntar. Ela e Emma não têm um laço estreito de confiança.

— Tenho. Talvez Knox tenha contado a alguém. Ele tem bem mais amigos do que eu.

Phoebe balança a cabeça, enfaticamente.

— De jeito nenhum. Um cara jamais contaria.

— Ele me odeia agora.

O sinal toca e Phoebe acaricia meu braço.

— Olha, isso é péssimo e é óbvio que ele está chateado. Mas você não fez nada de tão horrível. A verdade é que meninas conversam sobre esse tipo de coisa. *Pessoas* conversam sobre esse tipo de coisa. Ele sabe disso. Apenas dê um tempo a ele.

— É — murmuro, e então o meu coração vai na garganta quando noto Knox e o seu suéter cinza familiar vindo na nossa direção. A mochila dele está pendurada em um ombro só, a cabeça baixa. Quando ele se aproxima o bastante para que eu veja o seu rosto, ele

parece tão triste que eu não consigo ficar calada.

— Oi, Knox — solto, minha voz vacilante ao dizer o seu nome.

A boca dele retorce para baixo, então sei que me ouviu. Mas Knox passa por nós sem dizer uma única palavra.

Phoebe acaricia meu ombro de novo, com mais força.

— Dê mais tempo que isso.

O restante do dia não fica muito melhor. Imagens de pintos moles começam a aparecer em toda a parte: em armários, portas de salas de aula, paredes de banheiro, até mesmo na fila do almoço. O ex-presidiário Robert rasga uma das fotos enquanto eu pego um sanduíche empapado de peru que não tenho intenção de comer.

— Qual é a novidade que esses demônios estão aprontando agora?

— murmura ele, com uma expressão que é igualmente confusa e apreensiva.

Qualquer outra preocupação deixou a minha mente. Os sangramentos nasais e as manchas podem esperar. A identidade do Número Desconhecido... eu nem ligo mais. Phoebe estava certa: quem quer que seja não merece todo o tempo e toda a atenção que tenho dado. Preciso focar a minha energia em consertar essa confusão com Knox. Quero dizer, eu tenho meras cinco pessoas na minha lista de contatos favoritos e ele é o único que não tem nenhum parentesco comigo nem está sendo pago para evitar a minha morte. Eu não posso deixar que isso estrague a nossa amizade.

Depois do último sinal, eu sigo para o ensaio de *Into the Woods*, esperando ter uma chance de falar com Knox. Sigo devagar pelo corredor que dá no auditório, ao mesmo tempo conferindo a pequena aglomeração e contando quantas luzes estão ligadas acima do palco. Se for um número par, Knox vai me perdoar hoje. Dez, onze, doze... treze.

Merda. Azar em dobro.

Knox não está à vista e não parece que o ensaio começou. Só duas pessoas estão no palco, e, quando me aproximo, vejo que uma delas é a Sra. Kaplan, a professora de teatro, e a outra é Eddie Blalock, um garoto meio soturno.

— Mas eu não sei o texto — diz Eddie. Ele é do segundo ano, baixinho e franzino, de cabelo escuro, que arruma com gel para ficar espetado.

— Você é o *substituto* — a Sra. Kaplan põe as mãos no quadril. — Deveria ter aprendido as falas ao longo dos últimos dois meses.

— Sim, mas... — Eddie coça a parte de trás da cabeça. — Mas eu não aprendi.

A Sra. Kaplan suspira de um jeito ameaçador.

— Era sua única obrigação, Eddie.

Lucy Chen está sentada na ponta da cadeira da primeira fila, se inclinando para a frente com os braços e pernas cruzados. Ela lembra um pretzel humano zangado.

— O que está acontecendo? — pergunto.

Ela pressiona um lábio contra o outro com tanta força que eles quase desaparecem.

— Knox desistiu da peça — responde ela, os olhos fixos em Eddie, como uma ave de rapina. — E Eddie é péssimo. — Eu inspiro, chocada, e Lucy parece pela primeira vez registrar com quem está falando. — Muito obrigada por estragar a peça e tudo o mais.

Eu perco a compostura. Passei o dia todo me culpando, mas chego ao meu limite quando Lucy faz o mesmo.

— A culpa não é minha. É daquele jogo horrível...

— Você quer dizer o jogo horrível que *eu* pedi para denunciar duas semanas atrás? — Lucy levanta o queixo. — Se alguém tivesse me ouvido, provavelmente estaria fora do ar agora e nada disso estaria acontecendo.

Deus, odeio quando Lucy tem razão.

— Talvez a gente devesse contar a alguém agora — sugiro, meus olhos fixos na Sra. Kaplan.

— Ah, não, você não vai fazer isso. — Lucy se irrita. — Ela já tem muito com o que se preocupar. Além do mais, todo mundo sabe como ganhar esse jogo a essa altura. É só escolher a consequência. É preciso estar muito fora de órbita para não fazer isso.

As palavras que Phoebe me disse no corredor voltam agora. *Quem quer que esteja por trás do Verdade ou Consequência está numa grande onda de poder.*

— Ou poderíamos todos bloquear o número dessa pessoa bizarra e parar de jogar ao mesmo tempo — digo. E então pego meu telefone para, enfim, poder fazer isso.

— *Mi hija*, você ficou aqui durante o jantar e não comeu nada. Você está bem?

Levanto o olhar do notebook para o Sr. Santos, assustada por ver um boné de beisebol sobre os seus cachos desgrenhados. Ele só usa boné quando está saindo do Café Contigo à noite, e geralmente ele é o último a sair. E então percebo como o restaurante está vazio.

— Estou bem, só sem fome. — Eu estava ansiosa demais e preferi evitar me sentar à mesa com os meus pais essa noite, então disse a eles que encontraria Knox aqui. Infelizmente, uma grande mentira. Eu nem

consigo fazer com que ele me responda uma mensagem. E estou estressada demais para comer. Fiquei apenas encarando, sem expressão, o exercício de história que eu deveria estar escrevendo.

O Sr. Santos solta um *tsc*.

— Eu não acredito nisso. Acho que só não encontramos a comida certa para deixá-la tentada. Talvez você esteja precisando de uma receita colombiana tradicional. Qual é a sua favorita? — Ele estremece de leve. — Por favor, não diga *salchipapas*.

Consigo dar uma risada. Bronwyn se recusava a comer cachorro-quente quando éramos crianças, então nós nunca comemos esse tradicional prato colombiano deles, a salsicha cortadinha misturada com batata frita.

— Certamente não. Nossa família é mais do *ajiacó*.

— Excelente escolha. Farei para você.

— Sr. Santos, não! — Eu puxo a manga de sua blusa quando ele se vira para a cozinha. — Quero dizer, é muita gentileza sua, mas *ajiacó* leva horas para fazer. E você está fechando o restaurante.

— Farei uma versão fast-food. Estilo argentino. Vai levar 15 minutos.

Meu Deus. Não acredito que pareço tanto um cachorrinho abandonado, a ponto de fazer esse homem incrivelmente gentil trabalhar além do horário para fazer o meu jantar. Pelo menos estou de mangas compridas e ele não pode ver as manchas no meu braço também.

— Eu estou bem mesmo, Sr. Santos. Não é...

— Eu vou fazer — uma voz atrás de nós anuncia. Luis está debruçado contra a porta semiaberta da cozinha, vestindo uma camisa cinza respingada de gordura apertada nos ombros. É ridículo o quanto ele fica bem com aquilo. — Vá para casa, Pa. Eu fecho. — Ele atravessa até a metade do salão e levanta a mão direita. Não sei bem o que ele está fazendo até o Sr. Santos alcançar o próprio bolso e entregar para Luis um molho de chaves.

— Está bom, então — diz o Sr. Santos, e se vira para mim com um sorriso gentil: — Não se sinta tão culpada, *mi hija*. Ele precisa praticar.

O Sr. Santos acena amistosamente e sai porta afora. Espero ele desaparecer na esquina do prédio antes de me levantar, colocar meu notebook na bolsa e olhar desolada para Luis.

— Olha, vai para casa. Se ele perguntar, vou dizer que você me alimentou. Eu nem estou com fome. — Meu estômago vazio escolhe aquele momento para roncar bem alto. Luis levanta as sobrancelhas conforme eu cruzo os braços com força sobre o peito. Meu estômago ronca de novo. — Não estou mesmo.

— Qual é?! — Um meio-sorriso surge em seus lábios. — Não pense que você não vai me ajudar. — Ele se vira e desaparece nos fundos do

restaurante, sem me dar a opção de não segui-lo.

Eu só tinha visto a cozinha de longe, do salão, clara, caótica e muito barulhenta. Agora está tão parada e silenciosa que a voz de Luis faz um eco enquanto ele gesticula para a fileira de utensílios atrás de uma longa bancada de metal.

— É aqui que a mágica acontece.

Coloco as mãos no quadril e olho a cozinha ao redor com o que, eu espero, seja um interesse profissional.

— Muito impressionante.

— Espera um segundo. Preciso tirar essa camisa. Está um horror. — Luis vai para trás das prateleiras de um móvel de metal e pega algo branco de uma bolsa. Antes que eu possa entender o que está fazendo, ele tira a camisa suja e veste uma peça limpa. Pego um lampejo dos músculos dos seus ombros e ele está pronto, enfiando a camisa suja na bolsa, que coloca de volta na prateleira.

Eu queria ter recebido um aviso, assim poderia ter prestado mais atenção.

Luis atravessa até uma geladeira industrial e abre a porta.

— Vejamos... Ah, sim, temos tudo. Temos frango e batata já prontos para amanhã. Não o tipo certo de batata, mas vai servir. Não tem milho, mas posso preparar rapidinho. — Ele começa a pegar os ingredientes de dentro da geladeira, distribuindo-os pela bancada. Depois escolhe uma faca de um móvel na parede e me entrega o utensílio. — Você pode cortar um pouco de cebolinha?

— Posso. — Eu pego a faca com cuidado. É a menor que havia no móvel, mas eu nunca manejei algo com aparência tão mortal.

— Tem uma tábua de cortar embaixo da bancada.

Há várias tábuas. Vasculho por elas, imaginando se é melhor uma de plástico ou de madeira, mas já que Luis não especificou, eu acabo simplesmente pegando uma que está no topo da pilha. Coloco a cebolinha em cima da tábua, virando as folhas até entender qual o melhor ângulo para cortá-las. Quando corto a primeira metade do molho, parece que Luis esteve na cozinha por horas. Panelas fumegando, alho dourando, o frango e a batata cortados em pedacinhos. Luis abaixa a faca, passa as costas da mão na testa e depois sorri quando olha na minha direção.

— Fique à vontade aí.

Solto uma gargalhada pela primeira vez no dia.

— Sou a pior assistente de cozinha que existe.

— Você não viu o Manny aqui. — Luis ajusta o botão de uma das bocas do fogão e eu acelero o que falta cortar para poder terminar e assisti-lo. Ele se move pela cozinha como se estivesse em uma quadra de beisebol: com fluidez e confiança, como se estivesse pensando dez passos adiante e soubesse exatamente onde precisa estar o tempo todo.

É a coisa mais sexy que já vi.

Ele pega uma pinça e olha de relance para mim, notando que o estou observando. No flagra. Minhas bochechas ardem quando ele abre um sorriso.

— O que está acontecendo com você hoje? — pergunta. — Ficou debruçada no computador por horas.

— Eu... — hesito. De jeito nenhum posso contar toda a história a ele. — Tive um dia ruim. Knox e eu brigamos. E, hum, acho que a culpa foi minha. Deleta isso. Eu *sei* que a culpa foi minha.

Observo com atenção a reação dele, porque Luis ainda tem amigos no Colégio Bayview. É possível que saiba exatamente a que estou me referindo. Só que, se ele sabe, também esconde isso muito bem.

— Você disse isso para ele?

— Eu tentei. Mas Knox não está falando comigo no momento.

Luis pega a minha tábua cheia de cebolinha para jogar numa panela fervendo. O cheiro é incrível. Eu não sei como a comida vai estar cozida em apenas dez minutos, mas não questiono os métodos dele.

— Que bosta. É preciso dar às pessoas uma chance para se desculparem.

— Não é culpa dele — digo. — Ele só está magoado. Coisas que ninguém deveria saber vazaram e agora está uma fofoca generalizada, uma bagunça imensa.

Luis faz uma careta.

— Cara, eu *não* sinto saudades dessa escola. Que lugar fodidamente tóxico.

— Sinto como se a tóxica fosse eu. — As palavras saem antes que eu consiga pensar, e, assim que escapam, os meus olhos começam a pinicar. Que inferno. Levo a tábua até a pia para lavá-la e poder ficar de cabeça baixa.

Luis se inclina contra a bancada.

— Você não é tóxica. Eu não sei o que aconteceu, mas disso eu sei. Olha, todo mundo faz coisas que não deveria fazer. Eu fui um babaca no Colégio Bayview por um bom tempo. E então aquela situação toda com Jake, Addy e Cooper começou a piorar, e as coisas mudaram. — Ele está limpando a bancada agora, tão rápido quanto na preparação. — Eu costumava contar ao Pa o que estava rolando na escola e ele dizia: “Quem você quer ser, o sujeito que não faz nada ou o que se posiciona? É a hora de decidir.”

Afasto a tábua.

— Foi ótimo como você defendeu o Cooper.

— Nate defendeu o Cooper — corrige Luis. Um músculo do seu maxilar treme. — Tudo o que fiz foi não apedrejar. Eu deveria ter defendido Addy bem antes disso. Não fui fodão como você, que

ajudou o pessoal desde o início. Mas não se pode mudar o passado, sabe? Tudo que se pode fazer é se esforçar mais da próxima vez. Então não desista de você ainda.

Nesse momento, eu nunca quis tanto fazer uma coisa quanto quero pegar o rosto de Luis e beijar cada centímetro. O que deveria me fazer sentir culpa depois do que aconteceu hoje com Knox, mas em vez disso faz com que eu me aproxime mais de Luis. De repente, estou completamente farta de nunca fazer o que eu quero nem dizer o que eu sinto.

Quero dizer, posso estar morta daqui a seis meses. Qual o sentido de ficar me controlando?

Luis se vira para o fogão e diminui o fogo. Ele pega um *timer* da bancada, girando-o de leve.

— Precisa ferver por cinco minutos em fogo baixo. — Ele volta ao seu posto, enxugando as mãos num pano, e me decido. Eu me aproximo dele até que o espaço entre nós seja praticamente nenhum e ponho a mão em seu braço. Se nada acontecer, pelo menos é o que venho querendo fazer há tempos. Minha pulsação começa a acelerar e eu pergunto:

— O que devemos fazer durante esses cinco minutos, então?

Luis congela e, por um terrível segundo, acho que vai cair na gargalhada. Se ele fizer isso, eu nem preciso me preocupar mais com o câncer, porque vou morrer imediatamente. Então sua boca se curva, devagar, num sorriso. Ele me olha de cima por entre os cílios longos e cheios, que quase parecem embaraçados.

— Não sei. Você tem alguma ideia?

— Algumas. — Levo uma das mãos até a sua nuca e me inclino em sua direção, passando os dedos pelo seu cabelo. É mais macio do que eu esperava; sua pele está quente do fogão e das luzes claras acima de nós. Eu paro para recuperar o fôlego porque quase chega a ser demais, o modo como cada nervo do meu corpo está zumbindo com a sensação, sendo que nada aconteceu ainda.

E então Luis me beija, seus lábios fazem uma gentil pressão quente contra a minha boca. Macios e quase doces, até que eu enlaço os braços em seu pescoço e o puxo para mais perto. Ele me beija com mais força, me levantando num movimento gentil e me colocando sobre a bancada. Eu não tenho onde colocar as pernas a não ser em volta da cintura dele. Luis deixa escapar um gemido suave enquanto percorre com os lábios a minha mandíbula até chegar no meu pescoço. Minhas mãos encontram um caminho por baixo da bainha da camiseta dele, e cada pensamento aleatório que ainda quicava pelo meu cérebro se dissolve quando sinto os músculos de Luis se contraindo sob os meus dedos. Continuamos nos beijando até que eu perco qualquer noção de tempo e espaço, e a única coisa que quero é *mais*.

Um barulho súbito me traz de volta. Alguém assobiando sem ritmo e uma passada pesada vindo na nossa direção. Eu me afasto de Luis, meu rosto vermelho quando noto o quanto levantei a camiseta dele e o modo como segurava o tecido. Eu estava a segundos de arrancá-la pela cabeça dele.

Os olhos de Luis parecem perdidos até registrar o barulho. Então ele enrug a testa e se desprende de mim, indo em direção à porta.

— Que diabos? — murmura. Eu desço da bancada, os joelhos bambos, e tento ajeitar meu cabelo. Um instante depois, Manny surge na cozinha, ainda assobiando.

— E aí, Lu? — Ele estende a mão para um cumprimento que se transforma em um soco no ombro quando Luis não retribui. — Por que você ainda está cozinhando?

— Estou preparando algo para a Maeve — diz Luis. A voz não é nem de longe tão amistosa quanto costuma ser ao falar com o irmão. — O que você está fazendo aqui?

— Ah, oi, Maeve. — Manny me vê e acena. — Esqueci minha bolsa da academia e a minha carteira está dentro dela. Caramba, que cheiro bom isso aí. Você fez a mais?

Luis o encara, os braços cruzados enquanto Manny atravessa até a panela fervendo no fogão e olha seu conteúdo:

— Cara — diz Luis. — Se toca.

— O quê? — Manny pergunta, dando uma mexida no *ajiacó*. O timer então apita, me fazendo pular. — Está pronto?

— Preciso ir embora — digo de repente. Minhas bochechas ainda estão vermelhas, a cabeça girando. Não consigo acreditar que me joguei em cima do Luis depois de tudo o que aconteceu nas últimas 24 horas. Quer dizer, eu *consigo*, mas ainda assim. Sou um clichê ambulante e uma amiga terrível. — Obrigada por tudo, Luis, mas eu ainda não estou com fome e deveria... ir embora.

Manny fica olhando de mim para Luis e parece finalmente perceber.

— Ah, ei, não. Fique. Eu só vou pegar a minha carteira e sair — diz ele, mas eu já estou na porta da cozinha. Pego a bolsa do meu notebook da cadeira sem interromper o passo e me dirijo para a saída. Provavelmente sou boba e também fraca por estar indo embora, mas é coisa demais para processar ao mesmo tempo; o constrangimento e a culpa estão acima do tipo de atração física intensa que eu nem tinha certeza de que era capaz de sentir até agora. Pelo menos agora eu finalmente sei por que fazem tanto rebuliço quando o assunto é esse.

Por que tanto rebuliço. Ai, meu Deus... A lembrança me atinge assim que eu abro a porta de saída. Eu disse exatamente isso a Bronwyn quando lhe contei sobre a noite desastrosa com Knox.

— Não fiquei decepcionada — disse a ela. — Apenas aliviada. Eu

não senti nada enquanto a gente se beijava. Eu só conseguia pensar:
não entendo por que tanto rebuliço.

Eu contei a ela *aqui*. Na minha mesa de sempre, em público. Onde
qualquer um pode ter ouvido.

Sou uma otária.

CAPÍTULO 14

Phoebe

Quinta-feira, 5 de março

Parece que hoje vai ser um dia acima da média.

Por um motivo: Emma está doente. Não que eu esteja feliz por ela estar trancada no banheiro colocando os bofes para fora, mas o café da manhã é bem menos tenso sem Emma olhando para a minha cara. Além do mais, estou com o carro e posso oferecer uma carona para Jules. Tenho ido e voltado da escola a pé para dar espaço a ela, o que significa que ou Jules está indo de ônibus ou pegando carona com Monica. E eu sinto falta dela.

O segundo motivo para hoje ser um dia menos horrível é esse: pela primeira vez em semanas, sinto que o jogo da Verdade ou Consequência não está pairando acima de mim. Sei que continua existindo, mas não ter que me preocupar com aquilo fazendo o meu telefone apitar é um alívio imenso. Eu nunca imaginei que pudesse ser tão poderoso manter algo fora do alcance e da mente. Ao me vestir, pego a minha saia favorita, que já não uso há algum tempo porque é também uma das minhas roupas mais curtas; o familiar farfalhar do tecido contra as minhas pernas faz com que eu me sinta um pouquinho mais como eu mesma. — Você está bonita, querida — elogia mamãe quando entro na cozinha. Ela também está, com um dos seus vestidos antigos de moletom, combinando com bijuteria pesada e um par de botas. Sorrio quando pego a chave do carro do gancho ao lado da porta. Eu e minha mãe não temos personalidades tão parecidas quanto ela e Emma, mas nós duas usamos a moda para nos expressarmos bem mais do que qualquer outra pessoa da família. Se estou lendo corretamente a roupa que escolheu, mamãe também está se sentindo mais como ela mesma. O que vem a ser um terceiro motivo para me sentir bem com o dia de hoje.

Quando busco Jules, ela abre um sorriso ao me ver no banco do motorista.

— O que aconteceu com a Srta. Roda Presa?

Sinto um impulso de defender Emma, mas não quero discutir com Jules quando mal a encontrei a semana inteira.

— Virose — respondo.

Jules dá risada ao se sentar ao meu lado em vez de no banco traseiro.

— Que pena, tão triste. Eu poderia me acostumar com isso. — Ela ajusta o rádio até chegar numa música da Beyoncé, depois prende o cinto de segurança enquanto eu me afasto do meio-fio. Cantamos alguns versos juntas e eu estou começando a relaxar com a cadência familiar da sua companhia até que ela diz: — Então, eu soube de uma coisa.

— Que coisa?

— O treinador Ruffalo comprou um monte de ingressos para um dos jogos de Cooper Clay em Fullerton. Ele dará para qualquer um do Colégio Bayview que pedir. Incluindo recém-formados. — Ela lambe os beijos como se estivesse prestes a devorar sua sobremesa favorita quando eu não respondo. — Nós deveríamos ir. Aposto qualquer coisa que Nate estará lá.

— Provavelmente, mas... — Dessa vez eu não consigo me segurar.

— Você não acha que talvez esteja na hora de deixar isso para lá?

O tom de voz dela fica frio.

— Deixar *o que* para lá?

— É só que... Nate sabe que você está interessada, né? Você o beijou. Ele é um cara bem direto, pelo que eu vi. Se ele quisesse continuar, acho que você já saberia a essa altura. — Ela não responde, e espero que isso signifique que está levando em consideração o que estou falando, então continuo. — A questão é que eu vi Nate e Bronwyn conversando no Café Contigo antes de você chegar naquela noite, e... acho que é para valer entre os dois. Acho que não importa que ela esteja a quase cinco mil quilômetros de distância. Ainda é ela quem ele quer. Provavelmente ela *sempre* será a escolhida.

— Ótimo — diz Jules, sem emoção. — Obrigada pelo apoio.

— Eu a estou apoiando — protesto. — Você é incrível e merece alguém que saiba disso. Não um cara que está apaixonado por outra menina.

Jules abaixa o quebra-sol para se olhar no espelho, passando o dedo pelos cílios inferiores para pegar qualquer pedacinho de rímel que tenha caído.

— Tanto faz. Talvez eu deva tentar ficar com o Brandon agora que ele está disponível.

Meu estômago dá uma cambalhota quando viro com o carro no estacionamento do Colégio Bayview.

— Jules. Não. — Eu não conto a ela sobre Brandon me agredir no

meu apartamento, mas ela precisa saber que foi ele quem fez o anúncio da tutoria de sexo. E ela *definitivamente* viu Brandon ter um ataque de riso quando Sean zoou com a minha cara. Não posso acreditar que ela está brincando sobre ficar com ele depois disso. Ou pior: não estar brincando.

— Calma, Phoebe Jeebies, ou você vai atropelar aquele cara. — Jules estreita o olhar para o sujeito alto e magro que passa na frente do carro. — Ah, quem se importa, é o Matthias Schroeder. Vai em frente e passa por cima desse esquisito. — Ela põe uma mecha do cabelo perfeitamente alisado atrás da orelha; Jules tem usado chapinha desde a noite em que beijou Nate. — Que cara bizarro. Parece que bate uma lendo fanfic erótica de Star Wars, você não acha?

Piso no freio, uma veia da minha têmpora começando a pulsar. Jules está incisiva hoje, a provocação beirando a maldade de um jeito quase anormal. Abro a minha janela e grito:

— Desculpa, Matthias! — Ele parece assustado e sai do caminho. — Eu tento não pensar nele e ponto — murmuro conforme manobro para entrar na vaga.

Nós saímos do carro e seguimos para a entrada dos fundos. Jogo as minhas chaves na bolsa enquanto Jules confere o seu celular.

— Pensei que fôssemos receber outra mensagem do Número Desconhecido por agora.

Congelo.

— O quê?

— Você sabe. *O próximo jogador foi contatado. Tic-toc.*

Ela sorri e o fiapo de paciência que eu ainda tinha se esvai.

— Eu não saberia, não faço mais parte disso — retruco, abrindo bem a porta. — Deixou de ser um *jogo superdivertido* depois que fez Emma me odiar, e foi ladeira abaixo depois disso. Mas você segue jogando, parece.

— Você precisa relaxar — Jules diz conforme saio pisando duro pelo corredor. Não me preocupo em dizer a ela que procure outra carona para voltar para casa. Tenho certeza de que já havia planejado isso mesmo.

As aulas estão quase acabando quando encontro Knox pessoalmente, mas passei o dia vendo as provocações deixadas para ele. Fotos de paus flácidos estão *por toda a parte*. As marias-moles sumiram do seu armário, mas quando passo por ali a caminho da aula de saúde — que é a única a que assistimos juntos —, uma embalagem imensa com VIAGRA rabiscado na frente está colada com fita no armário.

Ando mais devagar conforme me aproximo, sentindo um aperto no

peito ao ver Knox arrancar a embalagem para colocar suas coisas no armário. A aula de saúde vai ser *péssima* para ele. Estamos estudando o sistema reprodutor masculino, o que já é ruim o bastante num dia normal, mas equivalente à tortura em um dia como esse. Principalmente porque Brandon e Sean estão na turma. Knox recua e se vira, parecendo aliviado quando vê que sou eu ali.

— Oi — cumprimento. — Quer matar?

Ele franze a testa.

— Hein?

— Quer matar esse último tempo? — Alcanço minha bolsa e puxo a chave do carro, girando em um dos dedos. — Estou de carro hoje.

Knox parece muito confuso.

— O quê... Como faz isso?

— Em vez de ir à aula, saímos da escola e vamos a algum lugar divertido — respondo, pronunciando cada palavra bem devagar. — Não é um bicho de sete cabeças, Knox.

Seus olhos percorrem o corredor, como se tivéssemos cometido um crime e as autoridades estivessem prestes a chegar.

— Não vai dar problema? — pergunta.

Dou de ombros.

— Não é nada de mais, é só não levar isso tão a sério. Seus pais vão receber a ligação de um robô e você diz a eles que teve que ir à enfermaria, mas estava muito cheio e não chegou a ser atendido. — Giro as chaves mais rápido. — Ou você pode simplesmente ir para a aula de saúde.

A essa altura, eu meio que estou torcendo para que ele diga não. Começo a me dar conta de que todos que passam por nós ficam nos encarando, e sei que vou atrair todo o tipo de merda por ter sido vista com ele hoje. Mas então Knox bate a porta do armário e diz:

— Que se foda. Vamos.

Agora não dá para voltar atrás.

Fico olhando para a frente conforme descemos o corredor, me controlando para não correr até a saída. Há uma vozinha urgente sussurrando na minha cabeça, que lembra muito o narrador de um programa sobre a vida selvagem a que eu costumava assistir com o meu pai: *Movimentos rápidos vão apenas chamar a atenção da matilha faminta*. Atrás de nós, ouço Brandon fazer piada com alguma coisa, mas estamos longe demais para ser conosco. Eu acho. Ainda assim, me sinto aliviada quando saímos pela porta da escadaria dos fundos.

— Bem-vindo à vida do crime — digo a Knox quando saímos do prédio e descobrimos que está serenando. Ele arregala os olhos e eu reviro os meus. — Não é um crime de verdade, Knox. Você realmente nunca matou aula antes?

— Não — admite ele conforme descemos as escadas. — Eu ganhei

o prêmio por frequência dois anos seguidos. — Ele faz uma careta. — Não sei por que falei isso. Finja que não aconteceu. — Há um leve ruído metálico à nossa frente e nós dois paramos para ver alguém pular a cerca dos fundos, atrás do estacionamento. Reconheço o perfil alto de Matthias Schroeder e seu casaco de capuz azul-claro pouco antes de o garoto desaparecer em meio às árvores atrás da escola. Parece que não somos os únicos matando a aula de saúde. É um pesadelo para todos os nerds.

Quando chegamos no carro, Knox puxa a maçaneta como se esperasse que a porta estivesse aberta, mas a tranca elétrica do nosso Corolla deu problema anos atrás. Eu destranco minha porta, sento no banco do motorista e estico o braço para deixá-lo entrar.

— Então, aonde vamos? — pergunta.

Eu ainda não pensei tão adiante. Ligo o carro e aciono o para-brisa porque agora chove forte.

— Bom, o tempo não está muito bonito, então podemos esquecer a praia ou um parque — digo, dirigindo para a saída. — Podemos ir até San Diego, se você quiser. Tem uma cafeteria que eu gosto com música ao vivo de tarde. O único problema é... — Estou tão entretida falando que não percebo que estou prestes a entrar na rua principal e um carro está passando; preciso pisar no freio para não bater. Tanto eu quanto Knox somos jogados para a frente com força, contra os cintos de segurança. — Eu não costumo dirigir muito, sou meio ruim no trânsito. E ainda tem a chuva. Podemos ir para o Epoch Coffee no shopping, em vez disso.

— O Epoch Coffee é bom — responde Knox, massageando o ombro.

Ficamos em silêncio e sinto um pouquinho de raiva por nós dois. É ridículo que eu esteja sendo zoada por ter feito sexo e Knox por *não ter* feito. Enquanto isso, ninguém está atacando Derek ou Maeve, embora eles tenham feito a mesmíssima coisa que fizemos. Ou não fizemos. As pessoas gostam de pensar que têm a cabeça aberta, mas se você joga um estereótipo de gênero no caminho delas, vão cair todas as vezes. Eu não entendo por que o mundo insiste em colocar os jovens em caixinhas que nunca pedimos para ter e depois ainda se irritam quando não permanecemos nelas.

Mas se eu começar a reclamar disso, não vou parar nunca mais. E tenho certeza de que Knox precisa de um tipo diferente de distração agora. Então, no caminho até o shopping de Bayview, eu falo tudo que me vem à cabeça: programas de TV, meu trabalho, meu irmão.

— Ele quer que você vá na nossa casa — digo a Knox quando entramos no estacionamento do shopping. Está cheio por conta do dia chuvoso, mas dou sorte quando um Jeep sai de uma vaga bem na primeira fila na hora em que estou passando. — Aparentemente, você causou uma boa impressão.

— Os fãs de *Bounty Wars* são uma comunidade unida — diz Knox. Eu pego a vaga do Jeep e desligo o carro, enrugando a testa com o aguaceiro que cai do lado de fora da janela. Estamos o mais perto possível do shopping, mas ainda assim ficaremos encharcados até conseguir entrar. Knox destrava o cinto de segurança e pega a sua mochila, então se ajeita e olha para mim de verdade pela primeira vez desde que entramos no carro. Seus olhos castanhos têm belas pintinhas douradas, o que me faz arquivar a informação: *Knox Vai Ser Gostoso um Dia*. — Obrigado por fazer isso.

— Sem problemas. — Abro a porta do carro e coloco a cabeça na chuva, que só me acerta por segundos antes de Knox estar de repente ao meu lado, segurando um guarda-chuva sobre nós. Dou um sorriso para ele. — Uau, você é preparado.

Ele sorri de volta e eu fico feliz por tê-lo resgatado dos porões raivosos e flamejantes da aula de saúde no inferno.

— Ex-escoteiro — explica ele quando seguimos para a entrada. — Se precisarmos acender uma fogueira mais tarde, posso fazer isso também.

Quando chegamos no Epoch Coffee, pegamos uma mesa privilegiada no canto. Knox se oferece para pedir nossas bebidas e eu pego o meu telefone enquanto espero ele voltar. Não entrei no Instagram desde que apaguei todos os comentários nojentos da semana anterior, então dou uma olhada agora para saber se ter mudado o perfil para privado manteve os babacas afastados. Em sua maioria sim, embora eu tenha algumas solicitações de mensagem. A maior parte de homens que eu não conheço, com exceção de um.

Dereculpepper01 Ei, eu não quero

Eu franzo o cenho e clico para ler a mensagem inteira. *Ei, eu não quero ser um pé no saco nem nada disso, mas eu realmente gostaria de conversar. Você pode me escrever? Ou me ligar, se preferir.*

— Não, palhaço, eu não posso — falo em voz alta assim que Knox volta para a mesa.

Ele congela no movimento de me entregar a bebida.

— O quê?

— Não é com você — digo, aceitando o café gelado. — Obrigada. — Eu hesito antes de dar mais explicações, mas logo penso que *e daí?* Nada distrai mais do que ouvir sobre os problemas dos outros. — Então, você sabe sobre o lance do Verdade ou Consequência comigo e com a minha irmã, né? Bom, o tal ex-namorado fica me mandando mensagem e eu não sei por quê. E também não ligo, mas é irritante. *Ele é irritante.*

— As redes sociais são uma bosta — concorda Knox. Ele jogou uma pequena montanha de sachês de açúcar na mesa e pegou três, abrindo todos de uma vez. Seus ombros ficam encurvados enquanto ele joga o

açúcar em seja lá o que for que está bebendo. — Eu não vejo nada desde que... tem um tempo. Não consigo lidar.

— Bom — falo. — Mantenha-se afastado. Espero que você também tenha bloqueado o Número Desconhecido.

— Bloqueei — responde Knox, cabisbaixo. Ele parece estar ficando triste de novo, então mudo de assunto rapidamente e, pela hora seguinte, conversamos sobre tudo *menos* sobre o jogo das mensagens. Vez ou outra fico pensando se devo mencionar Maeve, mas... não. Ainda é muito cedo.

Quando Knox olha para o telefone e avisa que precisa ir para o trabalho, eu fico surpresa em perceber como o tempo passou depressa. Eu também tenho que ir; preciso ajudar Addy e Maeve a arrumar as lembrancinhas do casamento de Ashton à tarde.

Uso um guardanapo para limpar as marcas dos nossos copos da mesa e pego o meu café quase terminado.

— Você quer uma carona? — ofereço, seguindo Knox em direção à saída do Epoch Coffee até o corredor principal do shopping.

— Bom, é em San Diego. — Ele parece nervoso, como se estivesse se lembrando de cada quase acidente da vinda. Para ser honesta, foram muitos para um trajeto de menos de três quilômetros. — É bem fora do seu caminho. — Chegamos à saída do prédio e empurramos as portas. Ainda está nublado, mas a chuva parou. — Vou pegar um ônibus. — Ele olha o relógio. — Vai sair um em dez minutos. Se eu cortar caminho pela área em construção nos fundos, dá tempo.

— Certo, então... — Uma risadinha familiar me interrompe, e eu me viro para ver Jules caminhando pelo estacionamento com Monica Hill. Elas estão andando numa reta que vai dar na lateral do shopping, não na entrada principal. Quando estão a poucos metros de nós, Jules me vê e para. Ela segura o braço de Monica para que ela pare também.

— Eiiii — fala Jules, com metade do seu entusiasmo de sempre. — O que você está fazendo aqui? — Seus olhos se viram para Knox e ficam arregalados. Monica segura uma risada e sussurra alguma coisa no ouvido de Jules.

Sinto minhas bochechas ficando mais vermelhas que um pimentão. Eu *odeio* estar envergonhada porque Jules e Monica me viram com Knox, principalmente depois de termos passado um tempo tão agradável juntos. Mas eu estou.

— Só pegando um café — respondo.

— Nós também — diz Jules, embora esteja óbvio que elas não estão a caminho do Epoch Coffee. — Uma pena que nos desencontramos.

— É, que pena — repete Monica. Elas continuam paradas ali, claramente esperando que eu saia, o que me faz querer ficar apenas para irritar as duas.

Só que Knox está estranhamente quieto atrás de mim, deixando tudo ainda pior. Meu Deus, e se elas pensarem que é um encontro? E por que eu me importo?

Argh. Fodam-se as duas.

— Bom, tchau — falo para ninguém em particular e sigo para o meu carro. Quando entro, não ligo o motor imediatamente. Em vez disso, apoio a cabeça no volante e me permito chorar por uns quinze minutos por ter perdido uma amiga que tenho desde o ensino fundamental. É só mais uma coisa na longa lista de casualidades do jogo de Verdade ou Consequência, mas ainda é uma bosta.

Assim dirijo para casa, atordoada, fazendo curvas no piloto automático até que o som alto de sirenes me faz pular. Meu coração começa a acelerar porque sei que não vinha prestando muita atenção, e eu provavelmente infringi, tipo, dez leis de trânsito. Mas quando desacelero, vejo as luzes piscando na minha frente e não no meu espelho retrovisor. Sigo para o acostamento quando dois carros de polícia, seguidos de um carro de bombeiro, passam por mim em direção ao shopping de Bayview.

CAPÍTULO 15

Maeve

Quinta-feira, 5 de março

— Eu não vejo qual é o problema — diz Addy, jogando uma amêndoa caramelizada na boca.

Estamos as duas no sofá do apartamento de Ashton, e Phoebe está sentada no chão, de pernas cruzadas, na frente da mesa de centro. Nós três estamos colocando balas num saquinho de rede, amarrando com um laço azul e enfileirando sobre a mesa. São lembrancinhas para o casamento de Ashton e Eli, que, de repente, já é em menos de um mês.

Pego um laço e coloco ao redor de um saquinho cheio de balas.

— Tudo é problema — observo.

Addy se demora mastigando e engolindo a amêndoa.

— Tudo — repete ela. — Por que você pegou um cara enquanto ele cozinhava o seu jantar? — Ela balança a cabeça e pega outra amêndoa. Ela comeu praticamente todas que ensacou. — Você tem uns problemas de primeiro mundo, menina.

Ela não sabe de metade dos meus problemas, mas não é sua culpa. Sou eu que estou guardando segredos.

— Eu praticamente o ataquei — corrijo. — E depois fugi. — Toda vez que penso na noite anterior, eu me encolho. E Luis provavelmente faz o mesmo. Eu evitei o Café Contigo hoje, mas secretamente quis que ele entrasse em contato. Mas Luis não falou comigo.

— Apenas fale com ele — sugere Addy.

Phoebe deixa escapar um suspiro dramático.

Obrigada. Eu fico tentando dizer isso a ela.

Não respondo, e Addy me dá um tapinha no ombro.

— Não é fraqueza deixar que alguém saiba que você está a fim, sabe — diz ela.

Eu sei. Venho dizendo isso para mim mesma há semanas, tentando mudar. Mas ainda não consigo colocar em prática.

— Então por que parece ser? — pergunto, quase que para mim

mesma.

Addy dá risada.

— Porque rejeição é horrível. E não estou dizendo que é o que Luis vai fazer com você — completa ela rapidamente quando levanto a cabeça.

— Ele não vai fazer isso — Phoebe murmura, a testa franzida de concentração conforme dá um laço cuidadoso.

— Eu estou dizendo no geral — continua Addy. — Nós todos temos medo de nos colocar na linha de frente sem receber nada em troca. Mas ninguém olha para trás e pensa “Caramba, eu gostaria de ter sido menos honesto com as pessoas com quem me importo”.

Antes de poder responder, ouço o barulho de uma chave girando na fechadura, seguido pelo ranger da dobradiça e o toc-toc de saltos. Ashton coloca a cabeça para dentro do hall de entrada do apartamento de conceito aberto. Ela está cheia de sacolas e com uma pilha de correspondências.

— Oi — diz Ashton. Ela cruza o cômodo e larga os envelopes na beirada da mesa de centro, sorrindo quando avista as lembrancinhas do casamento. — Ah, muito obrigada por isso! Estão incríveis. Vocês comeram ou querem comer alguma coisa?

— Já comemos — responde Addy. Ela amarra outro laço, arruma o saquinho com as balas e começa a mexer na correspondência.

— Tudo bem, então — fala Ashton, indo até a cozinha. Ela põe as sacolas na bancada, depois volta e se senta no braço do sofá. — Addy, você vai estar por aqui no sábado à noite? O primo de Eli, Daniel, vem à cidade, e eu estava pensando em chamá-lo para jantar. — Addy levanta a cabeça e olha para a irmã sem expressão, então Ashton completa: — Lembra? Eu já falei dele para você. Ele é um dos padrinhos do casamento e vai ser transferido para a UCSD no próximo outono. Está estudando biologia molecular. — Ashton cutuca o pé de Addy com o seu e sorri. — Ele viu aquela foto nossa com a mamãe na semana passada, no Instagram do Eli, e agora quer *muito* conhecer você.

Addy franze o nariz.

— Biologia molecular? Não sei. Talvez eu esteja ocupada.

— Acho que você vai gostar dele. Ele é legal. E engraçado. — Ashton desliza o dedo pelo telefone algumas vezes antes de entregá-lo para Addy. — Esse é Daniel.

Phoebe se levanta e espia o telefone de Ashton. Eu me inclino para me aproximar de Addy e poder ver também, e não consigo segurar o *ohhh* de admiração quando dou uma olhada na foto de Daniel. É um biólogo molecular bem bonitinho.

— Ele parece um irmão perdido dos Hemsworth — digo.

Phoebe inclina a cabeça para ver melhor.

— É um filtro ou os olhos dele são azuis assim mesmo?

— Sem filtro — diz Ashton.

— Tudo bem, então. — Addy balança a cabeça em concordância tão rápido que eu fico com medo do seu pescoço quebrar. — Sábado. Já é.

Ashton pega o telefone de volta e se levanta, parecendo satisfeita.

— Ótimo. Vou pedir a Eli para fazer reserva num lugar divertido. Vou trocar de roupa e engolir o jantar para ajudar vocês com as lembrancinhas. — Ela some no quarto e Phoebe volta a se sentar no chão, pegando outro saquinho. Addy rasga um envelope grande e grosso enquanto solta um *AHÁ* satisfeito.

— O que é? — pergunto.

Addy coloca uma mecha de cabelo cor-de-rosa atrás da orelha.

— É de uma instituição chamada *Colegio San Silvestre*, no Peru — diz.

Sinto uma pontada súbita de pânico. *Não, você não pode me deixar também.*

— E você vai para lá?

Ela ri.

— Não. Bom, não como aluna. É uma escola de ensino fundamental. Mas tem esse programa de verão em que as crianças aprendem inglês e conselheiros de outros países são contratados. Eu pensei em me inscrever. Não é preciso falar espanhol, porque todas as conversas devem ser em inglês para que as crianças pratiquem. Estive olhando os programas de ensino para o próximo ano e achei que seria uma boa experiência. E ainda por cima eu poderia viajar. Eu nunca saí do país antes. — Ela vira as páginas brilhantes de uma brochura devagar. — Ashton vive dizendo que posso morar com ela e Eli por quanto tempo eu quiser, mas em algum momento eu preciso pensar no que vem depois. E *não vou* voltar a morar com a minha mãe.

A mãe de Addy é a definição de mãe baladeira. Na última vez em que a vi, logo antes de Addy se mudar para a casa de Ashton, ela me ofereceu uma taça de vinho enquanto seu par, um garoto de vinte e poucos anos que encontrou no Tinder, dava uma conferida na minha bunda. Ela não se envolveu muito com o planejamento do casamento, a não ser ao enviar para Addy fotos de cada um dos vestidos em que viu potencial para vestir a mãe da noiva.

— Parece ótimo — digo, espiando a brochura por cima do ombro de Addy. — Posso ver?

Addy me entrega com um sorriso.

— Você deveria dar uma olhada também. Não é preciso estar no último ano do ensino médio para se candidatar. Seria divertido.

Ela tem razão. Seria mesmo. Eu não consigo pensar em nada que eu queira mais do que um verão com Addy na América do Sul, na

verdade. Mas eu mal posso planejar a próxima semana, com todas as merdas que têm acontecido na minha vida. Vai saber qual será o meu estado quando a data para se candidatar estiver próxima? Ainda assim, a publicação me tenta com fotos do colégio e das crianças, e estou folheando aquilo com grande interesse quando Ashton vem correndo do quarto.

Ela está descalça e com a blusa para fora, como se tivesse se arrumado pela metade.

— Acabei de receber uma mensagem do Eli — diz, sem fôlego, os olhos vagueando pela mesa de centro. — Onde está o controle remoto?

— Acho que estou sentada em cima dele. — Addy se remexe e enfia a mão entre as almofadas para retirar o controle. Ela pisca, surpresa, quando Ashton o arranca da sua mão. — Eita, Ash, por que a pressa?

A irmã fica empoleirada atrás dela, no braço do sofá, e aponta o controle para a televisão.

— Houve um acidente — explica. A tela ganha vida e Ashton tira do E! Network. — Acho que está passando no Channel 7... isso. Aqui está.

Um âncora sem expressão está sentado atrás de uma bancada brilhante em semicírculo, a palavra *Urgente* correndo atrás dele em letras garrafais.

— A repórter Liz Rosen está no local e fala conosco agora — diz ele, lançando um olhar intenso para a câmera. — Liz, o que você pode nos dizer?

— Argh. *Ela*. — Addy franze o rosto quando uma mulher de cabelo escuro e blazer azul ganha a tela. Liz Rosen praticamente perseguiu Addy, Bronwyn, Cooper e Nate no ano anterior, quando eles eram investigados pela morte de Simon. E então a testa de Addy se enrugava ao se inclinar para a frente, esticando o pescoço para ver melhor. — Ela está no shopping?

— Obrigada, Tom — responde Liz. — Seguimos trazendo as últimas notícias de Bayview, onde ocorreu uma tragédia numa área em construção. O caso ainda está se desenrolando, mas o que sabemos até agora é que um grupo de adolescentes estava numa área interditada quando um rapaz caiu do telhado de um prédio parcialmente construído. Outro rapaz também se machucou, porém ainda não se sabe como. E nós acabamos de ser informados, por um dos policiais aqui, que o menino que caiu do telhado não resistiu aos ferimentos.

Minha mão vai voando até a boca enquanto assimilo o local familiar atrás da repórter.

— Ai, meu Deus! — exclama Addy. Meia dúzia de amêndoas caramelizadas voa de seus dedos até o chão.

Phoebe arfa e se levanta depressa.

— Knox. — Ela respira. — Ele cortou caminho por lá.

— Eu sei — respondo, os olhos colados na televisão. — Ele vive dizendo como o pai ficaria zangado se soubesse. E com razão. É *realmente* perigoso.

— Não — corrige Phoebe, apressada. — Quero dizer que ele cortou caminho por ali *hoje*. A caminho do trabalho, logo antes de eu ter chegado aqui.

Ai, meu Deus. *Knox*.

Meu coração para quando um banner amarelo com os dizeres ACIDENTE EM ÁREA EM CONSTRUÇÃO OCASIONA MORTE DE ADOLESCENTE aparece na parte de baixo da tela. Impotente, o pânico devastador me domina e eu reviro os montes de tecido em busca do meu celular.

— Não pode ser ele — digo. Minha voz está trêmula e eu forço uma convicção maior. Se parecer verdade, talvez seja verdade. — Ele está bem. Vou telefonar para ele agora mesmo.

Liz continua falando:

— Ainda há muitas perguntas sem resposta. A polícia diz que é preciso notificar os responsáveis, e por isso não divulgaram o nome do falecido. Também não se sabe o tipo de ferimento que o segundo adolescente sofreu. Tudo o que temos de informação é que sua vida não está em risco e ele está sendo transportado para o Bayview Memorial Hospital para receber atendimento.

A minha ligação para Knox cai direto na caixa postal e eu começo a soluçar descontroladamente.

— Ele... ele não está atendendo. — É o que consigo dizer quando Addy põe os braços ao meu redor e me puxa para perto dela.

— Vou ligar para Eli — diz Ashton. — Espere. Deixei meu telefone no quarto.

Minha cabeça está encostada no ombro de Addy quando a voz profunda do âncora se torna pesarosa.

— A cidade de Bayview já sabe o que é uma tragédia, Liz.

— Desliga — pede Addy, firme.

— Eu não consigo... não consigo achar... — Parece que Phoebe também está em lágrimas. — Acho que Ashton levou o controle remoto com ela.

— É a mais pura verdade, Tom — diz Liz Rosen. — A cidade ainda está se recuperando da morte chocante de um aluno do Colégio Bayview, Simon Kelleher, há 18 meses, que ganhou as manchetes do país. Ainda é preciso saber como essa história vai se desenrolar, mas vamos continuar monitorando e dando novas informações conforme as tivermos.

Eu seguro o braço de Addy como se fosse um colete salva-vidas, o meu estômago revirado de medo e culpa. Se algo tiver acontecido a

Knox sem que eu tenha tido a chance de fazer as pazes com ele...

— Ele está bem. Knox está bem! — A voz de Ashton me enche de tanto alívio que finalmente consigo levantar a cabeça. — Mas é ele quem está no hospital. Eli ainda não sabe o que aconteceu. Vou levar vocês até lá agora.

Addy mantém o braço ao meu redor quando nos levantamos. Eu me sinto tão instável quanto um filhote de veado; nenhum dos meus membros está funcionando direito quando sigo apressada para a porta.

— Eli sabe quem morreu? — Consigo perguntar.

Ashton concorda com a cabeça, a expressão sombria.

— Sim, foi um rapaz chamado Brandon Weber. Você o conhecia?

Ouvimos um baque alto próximo à porta. Phoebe, que estava pegando as nossas mochilas e bolsas, fica paralisada e deixa tudo cair no chão.

Duas horas depois, finalmente vemos Knox.

Inicialmente, somente a família dele pode entrar, os seus pais e irmãs se revezam. As informações que chegam são picadas, e não temos muita certeza do que é verdade. Mas algumas coisas começam a se repetir consistentemente, tanto no noticiário quanto nas mensagens que chegam nos nossos telefones.

Um: Brandon morreu tentando pegar um atalho pela área em construção.

Dois: Sean, Jules e Monica estavam com ele no momento.

Três: Knox teve uma concussão, mas está bem.

Quatro: Sean Murdock salvou a vida de Knox jogando-o no chão quando ele tentou ir atrás de Brandon.

— Sean Murdock. — Phoebe fica repetindo o nome, como se nunca o tivesse escutado antes. Ela está sentada com as pernas encostadas no peito, os braços agarrados com força nelas. Seus olhos estão vidrados, as bochechas pálidas. Ela parece quase catatônica, e eu acho que a notícia sobre Brandon ainda nem foi absorvida. A minha ficha ainda não caiu também. — Você está me dizendo que Sean Murdock salvou a vida de Knox. — Ela fala isso como se dissesse *Você está me contando que agora cachorros podem falar e dirigir.*

Addy franze a testa.

— O nome é familiar, mas não me lembro dele.

— Ele... — Eu quase termino dizendo “é um completo babaca”, mas paro a tempo. Seja o que for que tenha acontecido, Sean perdeu seu melhor amigo hoje. E talvez tenha salvado a vida de Knox, embora eu esteja tendo tanta dificuldade quanto Phoebe com essa parte. — Ele era amigo de Brandon. Ele e Knox... não são próximos.

Uma das irmãs de Knox, Kiersten, surge no corredor do hospital, as outras estão atrás dela. Os olhos de Kiersten vasculham a sala de espera até que me encontram.

— Maeve, nós vamos encontrar meus pais na lanchonete um pouco. Knox está ficando cansado, mas ainda pode conversar. Você e suas amigas querem dar um oi? — Ela sorri com tanto carinho que tenho certeza de que desconhece totalmente o jogo das mensagens ou o que vem acontecendo comigo e com Knox nos últimos dois dias. — Ele está no quarto 307, virando o corredor.

Eu me levanto num salto, puxando Phoebe e Addy comigo.

— Sim, por favor. Como ele está?

— Ele vai ficar bem — diz Kiersten, de maneira tranquilizadora. — Vão mantê-lo aqui esta noite para que fique em observação, mas parece que está tudo bem. — E então a expressão resolutamente animada dela se desfaz um pouquinho. — Bom, quase tudo bem. Se prepare. O rosto dele está bem machucado. — Ela aperta o meu braço quando passamos.

Hospitais me deixam ansiosa, e eu preciso de um instante na porta do quarto de Knox para me preparar. Essa área do Bayview Memorial não se parece nem um pouco com a enfermaria do câncer, que é bem mais moderna e tecnológica, mas o cheiro de antisséptico e as fortes luzes fluorescentes são iguais. Observo os detalhes do quarto — a tinta pastel ultrapassada, o quadro com um triste vaso de girassóis emoldurados, a televisão suspensa no canto, a cortina fina separando uma cama vazia de Knox — antes de pousar meus olhos nele. E então fico sem ar.

— Eu sei — Knox diz pelos lábios inchados —, minha aparência já foi melhor.

Ele está com a própria roupa, com um pequeno curativo em um dos lados da cabeça, mas o rosto está praticamente irreconhecível. Um dos olhos está preto e semiaberto, o nariz vermelho e inchado, e todo o lado direito do rosto é um imenso machucado. Eu me jogo na cadeira ao seu lado e tento segurar sua mão, mas ele a enfia debaixo do cobertor puído antes que eu a alcance.

Não consigo saber se foi uma coincidência ou se ele me evitou propositalmente, e lembro a mim mesma que não importa. Pelo menos ele está bem.

— O que aconteceu? — pergunto ao mesmo tempo em que Phoebe diz:

— Foi Sean quem fez isso? — Ela arrasta uma cadeira do canto do quarto e a posiciona ao meu lado.

— Muitas perguntas ao mesmo tempo — repreende Addy. — Quando tive uma concussão, esse tipo de coisa me dava dor de cabeça imediatamente. — Ela segue de pé, os olhos na tela da televisão. —

Espere aí. Eles vão entrevistar Sean Murdock. — Ela se inclina sobre mim para pegar o controle remoto da mesa de cabeceira de Knox e o aponta na direção do aparelho para aumentar o volume.

— Fantástico — ironiza Knox quando todas nós olhamos para o alto.

Liz Rosen do Channel 7 segura o microfone para Sean, que está parado com as mãos unidas como se estivesse prestes a rezar. Eles estão diante da casa de alguém, o céu do crepúsculo em um tom escuro de azul atrás deles. As palavras “AO VIVO: ADOLESCENTE LOCAL SE LEMBRA DO ACIDENTE FATAL” piscam na parte inferior da tela enquanto Liz diz:

— Obrigada por ceder seu tempo para falar com a gente, Sean, depois de um dia tão traumático. Você pode nos dizer com as suas palavras o que aconteceu?

Sean é muito mais alto que Liz. Ele curva os ombros como se estivesse tentando parecer menor e responde.

— É tudo um grande borrão, mas vou tentar. Nós estávamos no shopping e queríamos ir para o centro. A gente queria economizar um tempo e... Deus, isso parece tão bobo agora, né? Tipo, podíamos ter ido pelo caminho normal. Mas já conhecíamos o atalho pelo terreno. Muitos jovens fazem esse caminho; não imaginamos nada disso. De todo modo, Bran estava brincando, como sempre, e então ele pulou, e... — Sean abaixa a cabeça e põe a mão sobre a têmpora, tapando seu rosto. — E então de repente ele não estava mais lá. — Um som gutural vem de Phoebe, atrás de mim, e eu procuro a mão dela. Diferentemente de Knox, ela me deixa segurar.

Brandon está morto.

Brandon Weber está morto.

Brandon.

Weber.

Está. Morto.

Posso repetir essas palavras mentalmente dezenas de vezes, de inúmeras formas diferentes, e ainda não parece real.

— Deve ter sido um susto horrível — diz Liz.

Sean assente, a cabeça ainda abaixada. Não consigo saber se está chorando ou não.

— Foi — concorda.

— Você entendeu imediatamente o que estava acontecendo?

— A gente não conseguia ver direito dentro do... abaixo do telhado. Mas sabíamos que tinha sido sério quando ele caiu.

— E o que houve com o outro garoto? O que está machucado?

— O garoto... estava em choque, eu acho. Ele correu direto para a beirada atrás de Brandon, e eu só conseguia pensar que ele ia cair também. Entrei em pânico. Fiz a única coisa em que consegui pensar

para impedi-lo. — Sean finalmente levanta a cabeça, a boca retorcida numa careta arrependida. — Dei um soco nele. Acho que acabei machucando ele feio, e sinto muito por isso. Mas pelo menos ele parou, sabe? Pelo menos está a salvo.

— Mentira — diz Knox, calmo.

Todos nós viramos na direção dele.

— Não foi isso que aconteceu? — pergunto.

Knox toca o curativo na têmpora e treme.

— Eu... Na verdade, não me lembro — confessa, hesitante. — É tudo um grande borrão desde que deixei Phoebe até acordar com alguém enfiando uma luz na minha cara. Mas não consigo me imaginar correndo atrás de Brandon quando ele *caiu do telhado*. Quero dizer, estive em terrenos em construção a minha vida inteira, sabe? Não é o tipo de coisa que eu faria.

— Talvez você não estivesse pensando muito bem — sugere Addy.

— Eu não estaria.

Knox ainda parece cético.

— Talvez. Ou talvez Sean esteja mentindo.

Addy pisca.

— Por que ele faria isso?

Knox balança a cabeça, o rosto endurecendo como se o movimento causasse dor.

— Eu não faço ideia.

PARTE DOIS

Domingo, 15 de março

REPÓRTER: Boa noite, aqui é Liz Rosen para o noticiário do Channel 7. Estou ao vivo do estúdio com um convidado especial, Lance Weber, que perdeu seu filho de 16 anos, Brandon, num trágico acidente em um terreno em construção atrás do shopping de Bayview há apenas dez dias. Sr. Weber, meus pêsames.

LANCE WEBER: Obrigado. Minha esposa e eu estamos inconsoláveis.

REPÓRTER: Você está aqui esta noite, pelo que disse aos nossos produtores, porque quer respostas.

LANCE WEBER: É isso mesmo. Fui um homem de negócios por mais da metade da minha vida, Liz, e nos negócios tudo se resume a prestação de contas. Mas não posso fazer com que nenhuma das entidades envolvidas nessa horrível tragédia — seja a empresa de construção, o shopping, ou até mesmo os policiais locais — se apresente e forneça os detalhes sobre quais, eu tenho certeza, teriam sido os múltiplos indícios de negligência que causaram a morte do meu filho.

REPÓRTER: Você está dizendo que uma dessas organizações, ou talvez todas elas, tem culpa?

LANCE WEBER: Eu estou dizendo que uma coisa assim não acontece do nada, Liz. Sempre há um responsável.

Um dia depois

Reddit, subfórum A Vingança É Minha

Fio iniciado por Darkestmind

Onde diabos está você, Bayview2020?

ME. RESPONDA. NO. CHAT.

Não ouse me ignorar. — Darkestmind

Eu não estou de brincadeira.

Sei onde encontrar você.

E não tenho medo de deixar o circo pegar fogo.

Posso fazer isso apenas para ver você pegando fogo também.

— Darkestmind

CAPÍTULO 16

Phoebe

Segunda-feira, 16 de março

— Eu agradeço mesmo a carona — Knox diz.

Emma afivela o cinto e engata a ré do carro.

— Sem problemas.

Faz uma semana e meia que Brandon morreu, e nada em Bayview parece o mesmo. Olhando pelo lado positivo, tenho saído mais com Knox, tanto que eu e Emma o levamos para casa depois da aula às vezes. Por outro, o lado *bem* negativo, Jules e Sean viraram um casal do nada. Cheguei a pensar que estava alucinando na primeira vez em que vi os dois se pegando no corredor.

— O trauma nos aproximou. — Ouvi Jules dizendo para uma garota na aula de inglês. Os olhos dela tinham o brilho de devoção de uma integrante de culto. — Nós *precisamos* um do outro.

Pelo que ouvi na escola, parece que o jogo de Verdade ou Consequência acabou com a bomba Knox/Maeve, o que me faz questionar se o objetivo era mexer com a vida dela. Afinal, foi Maeve quem virou o jogo contra Simon no ano passado. Talvez um dos seguidores dele tenha decidido se vingar. Se foi isso, então deu certo, porque ela e Knox ainda mal se falam, e isso está a deixando tristíssima. O que é péssimo, mas, pelo menos, ninguém mais está falando daquele jogo estúpido.

Outra possibilidade: eu acho que Brandon estava por trás do jogo o tempo todo e o usou para ajudar seus amigos a ganhar popularidade enquanto estragava a vida de quem ele não gostava. Mas, como o jogo começou com um terrível segredo a meu respeito enquanto eu e Brandon estávamos ficando, não consigo pensar nessa opção por muito tempo sem querer vomitar.

Enquanto isso, Sean começou uma estranha parceria com Knox. De repente ele está chamando Knox de “meu parça” e gritando com qualquer um que tenta fazer piada sobre pinto mole, o que é confuso

para as pessoas, já que foi Sean quem começou com as piadas. Knox ainda não consegue se lembrar do que aconteceu no terreno em construção no dia em que Brandon morreu.

E Brandon... Brandon está morto e enterrado.

O enterro foi na semana passada, o primeiro a que fui desde a morte do meu pai. Eu nunca senti tantas emoções misturadas — choque, descrença, tristeza e também alguma raiva. É estranho ficar de luto por alguém que foi horrível com você. Quando o padre elogiou Brandon, senti como se ele estivesse falando de um garoto que nunca conheci. E eu gostaria de ter conhecido, porque esse cara sim, ele era ótimo.

Tanto potencial desperdiçado.

— Você vai para o Até que Provem, Knox? — Emma pergunta. Ela voltou a ser calma e educada comigo, e não mencionou Derek nenhuma vez desde o enterro de Brandon. Talvez a morte dele a tenha assustado e feito a raiva passar, ou talvez seja só porque eu finalmente tenho um amigo de quem ela gosta. Ela nem se incomoda de ocasionalmente deixar Knox em San Diego.

— Não, não estou trabalhando — responde Knox. Dou uma olhada nele pelo espelho retrovisor, verificando o estado dos seus hematomas, como faço todos os dias. O círculo ao redor do olho continua roxo, mas a bochecha e o maxilar já estão com um tom amarelado. Se ele usasse maquiagem, poderia cobrir totalmente aquilo com a base da cor certa. — Vou para casa mesmo, obrigado.

— Você deveria ir lá para casa — sugiro no impulso. — Jogar aquele tal de *Bounty Wars* que o Owen vive pedindo. — Meu irmão tem estado calado, absorvendo o clima ruim que ronda a casa desde a morte de Brandon. Uma sessão de videogame em nova companhia seria uma maneira perfeita de animá-lo.

— Sim, sem problemas — concorda Knox. E então ele enruga a testa e se inclina para a frente. — O carro parece meio... torto para vocês?

— Sempre — respondo. — É velho.

— Eu estava pensando a mesma coisa — diz Emma. — Tem algo errado. — Ela vira na garagem embaixo do nosso prédio e estaciona na nossa vaga. Pego a minha bolsa enquanto ela sai do carro e dá um passo para trás para olhar o pneu da frente do lado do motorista.

— Está esvaziando — resmunga Emma conforme eu saio.

Knox se agacha e analisa o pneu.

— Parece que você passou por um prego — observa ele.

Pego o meu telefone e constato que a bateria acabou.

— Emma, você pode mandar uma mensagem para a mamãe ligar para o seguro?

Minha irmã balança a cabeça.

— Perdi meu telefone, lembra?

Emma perdeu o celular há quase uma semana. A mamãe deu um chique e disse que não poderia comprar um novo, que Emma teria que comprar com o dinheiro que ganhava na tutoria. E até agora Emma não comprou outro celular, o que é incompreensível para mim. Eu não consigo ficar uma hora sem o meu, imagina uma semana. Mas Emma age como se não estivesse sentindo falta dele.

— Você tem um estepe? — Knox pergunta. — Eu posso trocar.

— Sério? — falo, surpresa.

Knox fica ruborizado ao abrir o porta-malas.

— Não fique tão assustada. Eu não sou totalmente inútil.

— Eu não quis dizer isso — digo rapidamente, indo para o seu lado para lhe dar um tapinha reconfortante no braço. — É só que nunca conheci alguém que soubesse trocar um pneu antes. Achei que fosse uma habilidade do passado. — O que é verdade, mas também é verdade que se alguém me perguntasse sobre as habilidades de Knox para consertar um carro, numa escala de zero a dez, eu diria zero. No entanto, ele não precisa saber disso.

— Meu pai não deixou que eu ou as minhas irmãs tirássemos a habilitação antes de aprendermos. Demorei um mês, mas aprendi. — Ele puxa um trinco no porta-malas que eu nem sabia que existia e desliza uma parte do revestimento do bagageiro para revelar um pneu por baixo dele. — Ei, uau, é um pneu do tamanho certo. Carros antigos são o máximo.

Knox troca o pneu tão devagar e meticulosamente que eu me questiono se devo dar uma escapadinha para carregar o celular e avisar a minha mãe que vamos precisar do seguro, mas ele consegue terminar.

— Ainda precisa de um pneu novo, mas esse vai aguentar até você ir a uma oficina — diz Knox. É meio fofo o quanto ele está tentando ser indiferente quando obviamente está muito orgulhoso de si mesmo.

— Muito obrigada — agradece Emma com uma ternura verdadeira na voz. — Você é o máximo.

— É o mínimo que eu posso fazer — Knox diz conforme caminhamos até o elevador. — Vocês têm me levado de carro para todo lado.

— Bom, você está machucado — digo, apertando o botão para subir.

— Que nada, eu estou bem agora. Os médicos me liberaram totalmente na última consulta — diz Knox, reclinando contra a parede enquanto esperamos. Os hematomas parecem ainda piores sob a fria luz fluorescente da garagem. — De todo modo, segundo o meu pai, eu mereci.

Emma engasga quando a porta se abre e nós entramos no elevador.

— *Quê?*

Knox parece imediatamente arrependido.

— Não foi exatamente assim. Não foram essas as palavras nem nada disso. Ele só está zangado porque eu tentei cortar caminho pelo terreno em construção — diz Knox.

Franzo a testa.

— Ele deveria ser grato por você estar vivo. O Sr. Weber trocaria de lugar com ele num instante. — O pai de Brandon recentemente apareceu em cada um dos maiores canais de notícias de San Diego, ameaçando processar o shopping, a construtora falida que começou a obra da garagem e toda a cidade de Bayview. — Você viu a entrevista com Liz Rosen ontem à noite?

— Sim. Ele estava esbravejando muito — responde Knox. O elevador para no nosso andar e nós três saímos para o corredor, que tem um leve cheiro de caramelo e baunilha. Addy deve estar fazendo cookies de novo. — Acho que não se pode culpá-lo, no entanto. Quero dizer, aquela área em construção é perigosa. Meu pai vem repetindo isso há meses. E, ainda por cima, Brandon é filho único, então é como se a família inteira tivesse desaparecido de repente. Entende?

— Entendo — concordo com uma pontada de tristeza.

Emma está em silêncio desde que saímos do elevador. Quando entramos no apartamento, ela murmura para dentro:

— Tenho que estudar. — E segue para o nosso quarto, fechando a porta.

Knox levanta as mãos, manchadas de óleo preto do pneu.

— Onde eu posso me lavar?

Levo Knox até a pia da cozinha e abro a torneira, jogando detergente nas palmas abertas das mãos dele.

— Gostei da sua casa — elogia ele, olhando as janelas amplas e os tijolos expostos.

— É ok — respondo de má vontade. E é, mas para um casal hipster jovem e sem filhos. Garanto que Knox não acharia tão charmoso se tentasse enfiar a família inteira dele aqui dentro. — Você quer algo para beber? Vou tomar um *ginger ale*. Owen chega em uns dez minutos.

— Sim, ótimo. Obrigado. — Knox enxuga as mãos num pano de prato e se acomoda em um dos banquinhos da bancada da cozinha enquanto eu pego dois copos. Me ocorre de repente que, além de Brandon, Knox é o único cara do Colégio Bayview que já esteve nesse apartamento. Eu não convido muitas pessoas para vir aqui, muito menos meninos. E, é óbvio, eu não convidei Brandon.

Mas ele veio mesmo assim.

— Tudo bem? — pergunta Knox, e eu percebo que congelei no lugar não sei por quanto tempo. Então dou uma chacoalhada em mim

mesma e coloco os dois copos na mesa.

— Sim, desculpe. Eu só... tenho saído de órbita às vezes, sabe?

— Sei — Knox responde conforme eu pego uma garrafa de *ginger ale* da geladeira. — Noite passada tinha umas plantas espalhadas pela mesa da nossa cozinha e eu quase tive um infarto quando notei que eram da garagem em construção. O meu pai tem ajudado os investigadores a juntar as peças. Eles estão tentando entender por que o teto caiu somente com Brandon, com mais ninguém. As pessoas têm pegado aquele atalho faz meses.

— Bom, o Brandon é... era... bem maior que a maioria dos alunos da escola.

— Sim, mas a engenharia deve ser pensada para aguentar um peso muito maior do que o dele.

— Eles descobriram alguma coisa?

— Nada que meu pai tenha me contado. Mas ele provavelmente não contaria mesmo. — Knox esfrega o maxilar machucado, distraído.

— Ele não divide as coisas de trabalho comigo. Não é como Eli.

Eu sento no banquinho ao lado do dele e dou um gole na bebida.

— Você gosta de trabalhar com Eli?

— Adoro — diz Knox, subitamente animado. — Ele é ótimo. Principalmente quando você leva em consideração a quantidade de porcaria com que ele tem que lidar todo dia.

— Tipo o quê?

— Bom, por causa da área em que atua, Eli é constantemente cobrado. Por outros advogados, por policiais, pela mídia. E ainda pelas pessoas que querem que ele assuma seus casos ou estão iradas porque ele assumiu o caso de alguém. — Knox toma um gole demorado de *ginger ale*. — Ele recebe até ameaças de morte.

— Sério? — pergunto. Minha voz treme um pouco quando falo. Eli é sempre tratado pela mídia como um herói, o que eu pensava ser uma coisa *boa*. Nunca me ocorreu que esse tipo de visibilidade pudesse ser perigosa.

— É. Chegou mais uma ontem. Parece que é de uma mesma pessoa, então estão levando mais a sério. Sandeep, um dos advogados que trabalha lá, diz que normalmente as ameaças são únicas.

Abaixo o copo com um ruído.

— Isso é horrível! A Ashton sabe?

Knox dá de ombros.

— Deve saber, né?

— Acho que sim. — Um arrepio percorre minha coluna, e deixo uma estremecida completa se livrar dele. — Argh. Eu teria tanto medo. Eu já me assusto com mensagens bizarras no Instagram.

As sobranceiras de Knox ficam unidas.

— Você ainda tem recebido isso? Do... hum. — Ele olha na direção

da porta fechada do quarto e abaixa a voz. — Derek ou sei lá?

— Ultimamente não. Espero que ele tenha desistido.

A fechadura faz um barulho alto e por tanto tempo que eu me levanto do banco e atravesso a sala.

— Owen. Apesar de recentemente ter consertado uma torradeira, ele ainda não domina completamente a arte de lidar com a chave — explico, girando o ferrolho e abrindo a porta para o meu irmão conseguir entrar.

— Eu ouvi isso — resmunga Owen, deixando a mochila pesada cair no chão. — Quem é voc... ah, oi. — Ele pisca para Knox como se nunca o tivesse visto antes. — Uau, o seu rosto está... ai.

— Parece pior do que realmente é — diz Knox.

— Knox está aqui para jogar *Bounty Wars* com você, Owen! — digo, animada. — Não é legal? — Knox enrugando a testa para mim como se não entendesse por que estou falando com meu irmão pré-adolescente como se ele fosse uma criança. Eu também não sei, então paro de falar.

— Sério? — O rosto de Owen se ilumina com um sorriso tímido quando Knox concorda com a cabeça. — Tá. Legal.

— Quer me mostrar a sua configuração? — pergunta Knox.

Os dois desaparecem no quarto de Owen e eu sinto um estranho misto de apreço e arrependimento conforme vejo os dois indo. Me vem uma imagem súbita de mim daqui a dez anos, esbarrando em Knox na rua depois de ficar bonitinho, conseguir um emprego incrível e uma namorada também, me culpando por não ter sido capaz de vê-lo como nada além de um amigo do colégio.

Termino meu *ginger ale* e lavo o copo. Meu cabelo pesa sobre os ombros, implorando por um rabo de cavalo. Começo a juntar os cachos para trás e sigo para o corredor, abrindo a porta do quarto.

— Emma? Eu só vou pegar um elástico. — Emma está sentada na cama, bebendo de um imenso copo do Bayview Wildcats. Vou até o meu armário, passando por uma pilha de roupas no chão, e fuço a gaveta de cima até encontrar um elástico cor-de-rosa brilhante. — Acho que tenho esse desde a terceira série — falo, mostrando para Emma. E então percebo as lágrimas escorrendo pela sua bochecha.

Fecho a gaveta e atravesso até a sua cama, lançando para ela um olhar aflito ao me acomodar de leve na pontinha. Embora estejamos nos dando melhor ultimamente, eu ainda não tenho 100% de certeza de que ela não vai me mandar dar o fora.

— O que houve? — pergunto.

— Nada. — Ela enxuga o rosto, perde um pouco o equilíbrio e deixa cair o conteúdo do copo em sua mão. — Ops — murmura, levantando a barra da camiseta para enxugar a bagunça. Tem algo ao mesmo tempo familiar e estranho no seu movimento. Familiar porque

eu já fiz isso dezenas de vezes. Estranho porque ela não costuma fazer.

Estico o meu elástico de cabelo entre dois dedos.

— O que você tá bebendo?

— Hein? Nada. Água.

Emma não bebe nada alcoólico — não bebe em festas, porque ela não vai a festas, e definitivamente não às três da tarde no quarto. Mas ela balbucia a última palavra tão porcamente que não pode haver outra explicação.

— Por que você está bebendo e chorando? — pergunto. — Está triste por causa do Brandon?

— Eu nem conhecia o Brandon — ela murmura dentro do copo, os olhos enchendo d'água de novo.

— Eu sei, mas... é triste mesmo assim, né?

— Você pode sair? — pede Emma, baixinho. Eu não me mexo imediatamente, e a voz dela fica ainda mais contida. — Por favor?

Emma não me diz “por favor” tem um tempo, então eu faço o que ela pede. Mas não parece certo fechar a porta — embora esteja lhe dando o que ela está pedindo, não é o que ela realmente precisa.

O restante do dia é tranquilo, só preciso afastar Knox de Owen quando dá cinco da tarde. Meu irmãozinho está meio encantado.

— Você vai voltar? — pergunta ele, melancólico.

— Vou, sim — responde Knox, abaixando seu controle. — Só que antes preciso aprender alguns movimentos novos. Para conseguir acompanhar você.

— Vou levar você — ofereço. Dei uma espiada em Emma uma vez desde que a deixei no quarto e ela parecia estar dormindo. Fico pensando se não imaginei a cena toda. Talvez ela realmente estivesse bebendo água? E sendo apenas superdesastrada? De todo modo, espero que ela acorde sendo ela mesma até a mamãe chegar em casa.

Knox estremece, provavelmente se lembrando de todos os quase acidentes da última vez que dirigi, mas não se opõe enquanto o guio até o elevador.

— Obrigada pelo espírito esportivo — agradeço quando a porta fecha. — Foi um bocado de tempo jogando *Bounty Wars*.

— Sem problemas — diz Knox. Ele coloca a mão nos bolsos e se apoia contra a parede do elevador enquanto descemos. — Owen é um excelente jogador. Ele tem toda essa estratégia que é realmente... — Ele balança a cabeça. — Vamos apenas dizer que eu fui superado. — O elevador para e, quando a porta se abre, eu saio primeiro em direção ao carro. — Mas teve uma coisa estranha... O jogo me fez lembrar de uma coisa.

Chego até o Corolla e destranco a porta do motorista.

— Como assim?

Knox não responde até estar instalado no banco do carona, ao meu lado.

— Tipo, você sabe que é um jogo de caçadores de recompensa, né?

— Eu concordo com a cabeça. — Então há modos diferentes de matar as pessoas. Você pode atirar ou esfaquear, obviamente.

— Obviamente.

— Ou você pode ser mais criativo. O meu alvo estava no alto de um prédio, e eu estava prestes e jogá-lo de lá, e isso me fez lembrar de quando estive no terreno em construção, no dia em que Brandon morreu. E então me bateu uma coisa... — Ele pisca quando saímos da garagem escura para a claridade do sol e abaixa o quebra-sol à sua frente. — Uma lembrança, acho.

— Uma lembrança? — repito, olhando para ele. — Do Brandon? — Minha pele pinica ao pensar nele. Não sei ao certo se estou pronta para ouvir qualquer coisa nova sobre o que aconteceu com Brandon naquele dia.

— Não — responde Knox, devagar. — Do Sean. — Foi somente um lampejo, mas... de repente, eu consegui visualizar. Eu o vi parado na ponta do telhado com o celular levantado. Como se estivesse tirando uma foto ou filmando. E então ele gritou “Que merda você está fazendo aqui, Myers?”.

— Espera, é sério? — Eu me viro para encará-lo.

Knox se segura no painel quando ouvimos uma buzina.

— Era uma placa de pare — avisa.

— Ai. Merda. Desculpa. — Eu desacelero e levanto uma das mãos num gesto de arrependimento para quem quer que esteja no outro carro, que provavelmente está me mostrando o dedo do meio. — Mas você está falando sério? Quero dizer, é algo que Sean certamente diria, mas... por que ele diria isso?

Knox deixa escapar um resmungo frustrado enquanto esfrega a têmpora.

— Sei lá. É tudo do que me lembro. Nem sei se é real.

Mordo a parte interna da bochecha, ponderando enquanto seguimos o curto trajeto até a casa de Knox. A história que Sean contou sobre *dar um soco em Knox para salvá-lo* nunca fez muito sentido, mas Monica e Jules estavam lá também e elas nunca contradisseram a versão dele. É óbvio que Sean e Jules estão inseparáveis agora, então tem isso.

— Talvez você deva jogar mais *Bounty Wars* com Owen para continuar exercitando a memória — sugiro a Knox quando chegamos na calçada da sua casa.

Ele abre um sorriso para mim e destrava o cinto.

— Tenho a sensação de que isso vai acontecer de qualquer jeito. Seu irmão pode ser pequeno, mas é persistente.

CAPÍTULO 17

Knox

Terça-feira, 17 de março

A formatura é em dois meses, Knox!

Com quem você vai?

Você não pode decidir em cima da hora!

Jesus, as minhas irmãs... Estou tentado a fechar o aplicativo de mensagens sem responder para terminar o meu dever de casa em paz, mas elas vão me caçar por mensagem de texto. *Devo ir com uma amiga,* respondendo por fim.

Kiersten se intromete rapidamente. *Quem, Maeve?*

É, tá bom. Mal sabe ela. Sou mais ligado a Kiersten do que às minhas outras irmãs, mas não lhe contei sobre o que aconteceu comigo e Maeve, e fiz o possível e o impossível para que ela não soubesse que fui a piada de disfunção erétil favorita do Colégio Bayview por um tempo. Meus pensamentos estão num cabo de guerra desde ontem; uma parte minha quer deixar que a história de Sean prevaleça para que não voltem a falar de mim, mas, por outro lado, quero saber que diabos ele está armando.

Provavelmente não, respondo para Kiersten. Por um momento fico pensando se Phoebe iria comigo. Como amigos, óbvio, porque ela está tão fora do meu alcance que eu seria um iludido de esperar qualquer outra coisa. Mas acho que nos divertiríamos.

Eu e Maeve ainda não estamos numa relação ótima. Nem mesmo boa. Tudo o que aconteceu com Brandon foi a desculpa perfeita para não falar mais nessa merda, então não falamos. E quanto mais não falamos, mais difícil fica tocar no assunto. Talvez seja bom, no entanto. Talvez o problema desde sempre tenha sido ser amigo da garota com quem falhei em perder a virgindade.

Eu me estico para olhar o relógio digital na mesa de cabeceira. Quase oito horas. Estou acostumado a ficar em casa a essa hora, mas estou inquieto. Poderia dar uma volta em algum lugar, talvez comer

alguma coisa. Penso nos alfajores do Café Contigo e começo a salivar. Phoebe está trabalhando hoje e Maeve tem evitado o lugar como se fosse uma praga por algum motivo. É um café tão bom quanto qualquer outro, então começo a descer as escadas.

Estou na metade do caminho quando ouço a voz do meu pai.

— Talvez tenha sido algum problema de sustentação da estrutura, mas é difícil ter certeza diante do tempo em que o terreno esteve intocado. — Meus pais estão na cozinha; posso ouvir o ruído fraco de cerâmica batendo em madeira conforme esvaziam a lava-louças. — Mas um fato permanece: os meninos estavam invadindo. Inclusive o nosso filho. Com isso, se Lance Weber decidir processar, pode acabar provocando um processo contra eles.

Congelo onde estou, uma das mãos no corrimão. Merda. Estou sendo *processado*?

— Lance teria a coragem — a voz da mamãe está contida. — Espero que ele esteja falando isso apenas por conta do luto. Sinto muito por ele, é óbvio, porque... meu Deus. Perder um filho. É um pesadelo. Mas para Lance mencionar a possibilidade de um processo depois de tudo o que fez para manter Brandon longe de confusão... é mais do que hipócrita.

Eu chego mais perto, apurando os ouvidos. Do que ela está falando?

— Foi um erro desde o começo — diz papai, sem revelar muito. — O caso nunca deveria ter sido resolvido daquela forma. Não por uma coisa *daquelas*. Tudo o que fez foi mostrar a Brandon que ações não têm consequências, o que é um exemplo péssimo. Principalmente para um menino como ele.

Minha mãe deixa escapar um suspiro alto.

— Eu sei. Ainda me arrependo de não ter pressionado mais. Penso nisso o tempo todo. Mas foi o meu primeiro ano trabalhando no Jenson e Howard, e eu estava tentando não criar caso. Se aquele processo chegasse na minha mesa agora, eu trataria diferente.

Espero pela resposta do meu pai, mas ouço apenas um rosnado gutural e o som de unhas raspando o chão de linóleo. Fritz entra na sala de estar, farejando até me encontrar. O seu rabo começa a balançar e suas cheiradas se transformam num ganido animado.

— Shhh — sibilo. — Senta. — Em vez disso, ele segue ganindo e enfia o nariz pelo gradil da escada.

Uma cadeira é arrastada sobre o chão da cozinha.

— Knox? — chama minha mãe. — É você?

Eu desço o resto da escada, Fritz no meu calcanhar até a cozinha. Minha mãe está apoiada na frente da pia e meu pai, sentado à mesa.

— Ei — digo. — Sobre o que vocês estavam falando? — Meu pai fica com aquele semblante fechado e irritado, o mesmo desde que tive

alta do hospital.

— Nada que seja da sua conta. — diz meu pai.

Minha mãe me lança o seu melhor sorriso, sendo a policial boazinha da situação, e pergunta:

— Você precisa de alguma coisa, querido?

— Vou sair um pouco. — Ela parece aliviada? Acho que sim. — Mas ouvi vocês falando sobre o Brandon. Ele estava envolvido em algum tipo de problema?

— Ah, querido, isso não é importante. O seu pai e eu estamos apenas falando de trabalho.

— Tá, mas... — Não sei ao certo por que não estou deixando o assunto para lá. Normalmente um olhar cortante do meu pai é o suficiente para me calar, e ele já me lançou dois. — O seu escritório cuidou de algum caso com ele? Você nunca me contou isso. Do que se tratava?

Minha mãe para de sorrir.

— Knox, o meu trabalho é confidencial e você sabe disso. Eu não tinha ideia de que você estava escutando, ou não teria falado nada. Peço a você que não repita nada do que ouviu aqui, por favor. Enfim. — Ela pigarreia e consigo praticamente vê-la jogando todo o episódio dentro de uma caixa com a etiqueta Não Revisitar. — Aonde você vai?

Eu não vou conseguir nada dela, obviamente. E meu pai é uma causa perdida.

— Ao Café Contigo. Posso pegar o seu carro?

— Pode — diz ela rápido demais. — Divirta-se, mas volte até às 23h, por favor.

— Vou voltar. — Pego as chaves do chaveiro na parede da cozinha com a desconfortável certeza de que estou deixando passar algo importante. Mas não sei o quê.

— Qual é, cara?

Merda. Eu vim para ver Phoebe, não Sean, o meu novo melhor amigo. Só que ela não está no salão e ele sim, estendendo a mão enorme para um *high five*.

Retribuo com relutância.

— Oi, Sean.

— O que está rolando? — pergunta. Ele está esperando seu pedido inclinado sobre o balcão, totalmente relaxado. Jogando conversa fora como se não tivesse visto o melhor amigo morrer menos de duas semanas atrás. Jesus, eu odeio ele.

Desde que aquela pseudomemória surgiu na minha cabeça, não consigo parar de pensar nisso: Sean parado na ponta do telhado no terreno em construção, com o telefone preparado, ou algo assim. E depois um grande nada, como se a televisão tivesse sido desligada, e a

voz dele falando “Que merda você está fazendo aqui, Myers?”.

Isso aconteceu mesmo? Ou estou imaginando coisas?

Eu gostaria de ter certeza.

Sean ainda está falando.

— Estou pegando um jantar para a minha namorada. A comida daqui é horrível, mas ela gosta. O que eu posso fazer, né?

— É. — Puxo uma das cadeiras de uma mesa de canto perto da caixa registradora e coloco minha mochila sobre o assento, mas não me sento. O celular de Sean está na sua mão enquanto ele espera. Eu não acho que ele seja o tipo de cara que apaga fotos ou vídeos incriminadores. Ele não tem esse senso comum. Dou um pigarro e me inclino sobre a mesa quando Luis sai da cozinha com uma sacola de papel. — Ei, Sean — digo. — Posso pedir um favor, cara?

Caramba. Que coisa ridícula. Eu não sei conversar com sujeitos como Sean. Ele inclina a cabeça, parecendo entretido, e eu sigo em frente.

— Posso usar o seu telefone? Preciso ver uma coisa e deixei o meu em casa.

Sean tira a carteira do bolso de trás da calça.

— Knox, meu parça — diz ele, pegando uma nota de vinte. — Não deixou, não. O seu telefone está no bolso de fora da sua mochila.

Eu me sento na cadeira, derrotado. Sou mais que patético.

— Ah, é. Aqui está. Obrigado.

— Como é que tá? — pergunta Sean para Luis enquanto eles fazem um aperto de mão complicado. Sean também joga beisebol, bem o bastante para ter estado no time principal quando Cooper e Luis eram formandos. — Sentimos a sua falta no time, cara. Você vai a Fullerton na quinta-feira para o jogo do Cooper?

— É óbvio — responde Luis, entregando a Sean o troco dele.

— Eu também, parça.

— Vejo você lá.

— Legal. — Sean dá as costas para o caixa. — Vejo você amanhã, meu chapa — diz ao passar por mim, a mão levantada para mais um *high five*. Eu bato na palma da sua mão, principalmente para ele ir embora daqui o mais rápido possível. Ele é inútil para mim agora que o meu triste plano de espionagem deu errado.

Eu poderia me beneficiar das habilidades de Maeve hoje.

Quando a porta se fecha atrás de Sean, Luis pega um copo e uma garrafa de água do bar e traz até a minha mesa. Ele pousa os dois e enche o copo.

— Por que você queria o celular dele? — pergunta.

— Eu o quê? — Me atrapalho. — Eu não queria.

— Qual é. — Luis se senta na cadeira em frente a minha com uma expressão sagaz. — Parecia que alguém tinha chutado um cãozinho

quando ele apontou para o seu celular.

— Hum. — Ficamos nos observando por alguns instantes em silêncio. Eu não o conheço muito bem, só sei que ele defendeu Cooper quando quase mais ninguém o fez. E Phoebe acha Luis ótimo, fora que o pai dele é basicamente o sujeito mais legal do planeta. Eu poderia ter aliados piores, acho. — Ele fez um vídeo que eu quero ver. Mas não acho que ele deixaria se eu pedisse diretamente. Na verdade, tenho certeza de que ele não deixaria.

— Que tipo de vídeo?

Eu hesito. Nem mesmo sei se existe um vídeo. A coisa toda pode ser invenção da minha cabeça confusa. Mas talvez não.

— Do terreno em construção no dia em que Brandon morreu.

— Hum. — Luis fica quieto por um momento, observando o salão para ver se mais alguém precisa da sua atenção. Não precisam, e ele se volta para mim. — Por que você quer o vídeo?

Boa pergunta.

— Não consigo me lembrar de muita coisa daquele dia, por causa da concussão — respondo. — Algumas das coisas que as pessoas me contam não fazem sentido. Eu queria ver com os meus próprios olhos.

— Luis! — Manny põe a cabeça para fora da cozinha. Ele é como a imagem de Luis refletida numa casa de espelhos: maior, mais largo e com uma expressão ainda mais confusa. — Fazemos guacamole com ou sem alho?

Luis parece sentido.

— Jesus, Manny. Você pergunta isso todos os dias.

— Então... com?

— Preciso ir. — Luis suspira, ficando de pé. — Você quer alguma coisa?

— Alfajores — peço. — Mas não tenho pressa.

Ele sai e eu dou uma olhada ao redor. E agora? Eu estava contando com Phoebe para me fazer companhia, já que não sei como me portar sozinho num restaurante. O que Maeve costumava fazer por tantas horas? Eu pego o meu telefone, mas guardo de volta imediatamente ao ver as 37 notificações do aplicativo de mensagens. Talvez mais tarde.

A porta se abre e um cara da minha idade entra. Olho de soslaio até identificá-lo. É o Sujeito Intenso de algumas semanas atrás. O que veio procurar por Phoebe até que Manny e Luis o afugentaram. Dou uma olhada no balcão, mas não há ninguém. Dessa vez, o rapaz escolhe uma mesa de canto e se senta todo curvado num banco. Ahmed, um dos garçons, vai até a mesa para levar água. Eles se falam por um instante, mas nada parece acender o alerta de Ahmed, que deixa a mesa com a sua expressão agradável, porém preocupada de sempre.

O Sujeito Intenso abaixa a cabeça quando Manny aparece

rapidamente no balcão, mas, fora esse momento, ele escaneia o lugar como se estivesse assistindo a um filme. Ahmed leva para ele uma xícara de café e o cara continua apenas sentado e observando, sem bebê-lo. Agora estou contente por Phoebe não estar trabalhando, porque tenho a sensação que ele está procurando por ela novamente.

Por quê? Quem diabos é esse sujeito? Derek, o ex de Emma, talvez? Eu já me esqueci do sobrenome dele. Pego meu celular e abro o Instagram, mas não vai servir de nada: há milhões de Dereks.

Depois de passar uns quinze minutos vigiando o Sujeito Intenso/Suposto Derek observar o lugar — o que é tão instigante quanto parece —, o cara joga uma nota na mesa e sai sem sequer ter encostado no seu café. Eu fico com a mesma sensação desconfortável que tive na cozinha dos meus pais mais cedo.

Estou deixando alguma coisa passar.

CAPÍTULO 18

Maeve

Quinta-feira, 19 de março

Cooper enrijece os músculos, se prepara para lançar e então arremessa a bola destruidora do home plate. O batedor adversário parece golpear o ar quando erra, e o estádio inteiro explode de alegria. Derrotado no terceiro strike, o batedor joga o bastão no dugout e sai pisando duro.

— Que falta de espírito esportivo — Kris murmura atrás de mim, abrindo um dos braços para que a avó de Cooper, sentada ao seu lado, possa se apoiar nele enquanto se levanta para aplaudir de pé. Ela faz isso sempre que Cooper faz um strikeouts, o que aconteceu diversas vezes nesse jogo. É a coisa mais fofa que eu já vi.

É quinta-feira à noite e estamos no Goodwin Field, na Cal State Fullerton, fazendo parte da multidão que lota o estádio para ver Cooper pontuar contra o time da UCLA. Os assentos são dispostos no formato de uma ferradura ao redor do campo, e nós estamos quase que diretamente atrás do home plate, numa seção lotada de alunos do Colégio Bayview — tanto os já formados quanto os atuais. Peguei uma carona com Addy, que encurralou Nate assim que ele chegou e o forçou a ser sociável. Acho que vi Luis se sentando junto a um grupo de ex-colegas de time de Cooper, mas afastei o olhar antes de ter certeza. Depois de duas semanas de silêncio total, eu nem sei o que dizer se encontrá-lo hoje à noite.

O meu telefone toca na minha mão. Estou esperando uma mensagem de Bronwyn, que está a noite inteira pedindo updates do jogo, mas é só a minha mãe perguntando a que horas chegarei em casa. Ainda não me acostumei com o silêncio do meu celular desde que desativei os alertas do PingMe. Estou satisfeita por ter ouvido Phoebe em relação a isso, principalmente depois que o jogo de Verdade ou Consequência acabou. Eu gostaria de acreditar que seja lá quem tenha interrompido o jogo fez isso por respeito ao luto do Colégio Bayview pela morte de Brandon, mas é mais como se tivesse

percebido que perdeu a atenção de todo mundo.

De vez em quando eu ainda me pego pensando em quem estava por trás do jogo e se havia algum ressentimento específico com Phoebe, Knox e comigo. Mas acho que isso não importa. Meu verdadeiro problema é que ainda não pensei em como consertar as coisas com Knox. Agora que eu consegui afastar tanto ele quanto Luis, o meu círculo social se restringe mais uma vez aos amigos de Bronwyn.

Bom, e Phoebe. Pelo menos ela ainda está falando comigo.

Cooper lança um dos seus famosos sliders e o batedor da UCLA fica lá parado, confuso, enquanto mais um ponto é marcado.

— Você já pode se sentar também, rapazinho — grita a avó de Cooper. — Você já era.

O meu humor melhora um pouco quando me inclino para Kris.

— Ouvir as provocações da vovó talvez seja a coisa mais divertida que já fiz na vida.

Ele sorri.

— Sempre. Nunca perde a graça.

— Você acha que Cooper vai para a liga profissional ano que vem? — pergunto.

— Não sei bem. — Kris está ainda mais lindo de camisa polo verde, destacando seus olhos, o cabelo escuro salpicado por fios dourados do sol de tantos estádios de beisebol. — Cooper está realmente dividido. Ele adora estar na faculdade, e o time tem ido muito bem. Não somente no beisebol, mas... em relação a tudo. — Kris faz um gesto irônico para si. — Já a liga profissional não é exatamente receptiva com jogadores gays. Seria uma transição difícil, especialmente com todo o aumento da pressão. Mas a verdade é que o jogo dele não vai evoluir como deve se ele seguir no nível universitário por muito mais tempo.

Observo Cooper no montinho, desconcentrada por ser quase impossível reconhecê-lo a distância. Com o boné bem baixo sobre o rosto, poderia ser qualquer um.

— Como se faz essa escolha? — pergunto quase que para mim mesma. — Entre o que se precisa e o que se quer? — Sinto que a minha irmã está passando pela própria versão desse dilema.

Os olhos de Kris também estão em Cooper.

— Você espera que sejam a mesma coisa, acho.

— Mas e se não forem?

— Não tenho ideia. — Kris prende a respiração quando o bastão faz contato com o lance seguinte de Cooper, mas é rasteiro, inofensivo, e fica fácil chegar entre a segunda e terceira bases. — O San Diego Padres vive atrás dele — completa. — Eles querem muito o Cooper, e estão com uma escalação excelente esse ano.

— Seria uma decisão mais fácil se ele pudesse ficar por aqui? Ele

ainda teria que viajar bastante, é óbvio, mas pelo menos estaria perto de casa.

Não estou falando exatamente de Bayview, e acho que Kris sabe disso. Ele se permite dar um meio-sorriso.

— Talvez.

Eu sorrio de volta em meio a sentimentos conflituosos. Por um lado, é estranho estar aqui com tantos outros alunos do Colégio Bayview, nesse clima de celebração, duas semanas depois da morte de Brandon. Por outro, é quase um alívio estar focada em algo positivo para variar. Estou feliz por Kris e Cooper, porque eles merecem tudo de bom e estou animada com o futuro dos dois.

Ainda que não tanto com o meu.

Levanto a manga da minha camisa para ver outro hematoma. Eu me sinto como um pêssago que foi deixado por tempo demais na janela e acabou caindo. Enganosamente maduro por fora, mas apodrecendo vagarosamente por dentro.

E então eu sinto: o líquido gotejando pelo nariz de novo. *Ah, não. Aqui não.*

Pego um lenço na bolsa e o pressiono contra o rosto, me levantando ao mesmo tempo.

— Banheiro — digo para Kris, passando por cima dele e da vovó com um pedido de desculpas murmurado no caminho até o corredor. A escadaria está livre com quase todos os espectadores em seus lugares, ligados em Cooper, então consigo chegar ao banheiro feminino rapidamente. Eu não olho para o lenço de papel até estar em uma cabine com a porta trancada.

Vermelho-vivo.

Deixo-me cair sobre o assento sanitário e as lágrimas vêm, silenciosas, mas com tanta força que os meus ombros chacoalham. Apesar dos meus melhores esforços para fingir que nada disso está acontecendo, está. E não sei o que fazer. Eu me sinto isolada, sem esperança, aterrorizada e simplesmente exausta. As lágrimas se misturam ao sangue enquanto passo um lenço atrás do outro pelo rosto até finalmente puxar um metro de papel higiênico e meter minha cara ali.

As lágrimas e o sangue terminam quase ao mesmo tempo. Eu fico onde estou por mais um tempo, deixando a minha respiração normalizar e o coração desacelerar. Então me levanto, dou descarga no monte de papel que usei e saio da cabine. Jogo água da torneira no rosto, observando meu reflexo no espelho embaçado. Poderia ter sido pior. Os meus olhos não estão tão vermelhos e não estou usando nenhuma maquiagem, então nada borrou. Passo uma escova pelo cabelo embaraçado, lavo as mãos e saio para o saguão.

Os banheiros ficam em uma esquina depois das carrocinhas de

comida, e a primeira coisa que noto ao sair é uma confusão de rostos familiares: Sean, Jules, Monica e Luis. Jules está tão enroscada em Sean que corre o risco de derrubar a bandeja com os lanches. Monica fica encostando no braço de Luis, piscando os olhos na sua direção. Os quatro estão rindo e brincando como se estivessem no melhor encontro a quatro de suas vidas e não houvesse mais problema algum no mundo.

Por um instante, odeio todos.

— Tá bem, cara, obrigado — agradece Luis, entregando alguma coisa para Sean. — Eu preciso ir.

Monica faz um beicinho sedutor.

— Você não está *indo embora*, está? — ela pergunta. — Depois de termos comprado essa comida toda? Alguém precisa dividir a pipoca comigo.

— De jeito nenhum. Eu não perderia Cooper. Vejo vocês lá nos assentos, tá? — Os outros três se viram, ainda rindo, e Luis caminha na minha direção. Eu deveria entrar no banheiro feminino de novo, porém minhas pernas se recusam a cooperar.

Ele para a alguns metros de distância quando me nota.

— Maeve, oi. — Ele franze a testa ao me examinar com mais atenção. — Está tudo bem?

Talvez os meus olhos não estejam tão normais quanto eu esperava.

— Tudo bem — minto. Cruzo os braços e afasto a lembrança da crise de choro no banheiro. — Ele é um babaca, você sabe.

— O quê? — Luis se vira, achando que eu estava falando de alguém logo atrás dele. — Quem?

— Sean. Ele foi péssimo com Knox, com Phoebe e... outras pessoas.

— Ah. Sim, bom, nós jogávamos juntos. — Ele dá de ombros como se fosse a única explicação necessária. Isso altera meu humor e fico grata pela distração.

— Então vocês são *brothers* — digo, sarcástica. — Maravilha.

Luis fica imóvel, os olhos se estreitando.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que vocês se apoiam, não? Parças unidos, que não ligam para mais ninguém. — Minha pele pinica, ainda pelo medo, pelo ódio direcionado para a coisa errada e por algo mais que não consigo nomear. — Imagino que ele possa fazer o que quiser contanto que arremesse uma bola longe o bastante.

— Brother, parça... É o que você pensa de mim?

— É quem você é. — Eu nem sei mais o que estou dizendo. Sei apenas que me sinto bem liberando um pouco da frustração que vem crescendo em mim há semanas.

Ele retesa o maxilar.

— Entendo. Foi por isso que você sumiu da face da terra?

— Eu não... — Me interrompo. Certo, talvez eu tenha sumido. Mas ele não se incomodou em me procurar também. Meu nariz coça e o pavor me assombra. Outro sangramento vai começar logo, já sei. — Preciso ir. Aproveite a *pipoca*.

Ah. Essa é a terceira coisa que estou sentindo. Ciúmes.

— Espera. — O tom de voz de Luis é impositivo o bastante para que eu pare. Sua postura é determinada, a expressão, tensa. — Eu esperava encontrar você hoje. Queria finalmente pegar o número do seu celular. — Meu coração dá uma cambalhota contra a minha vontade e volta para o lugar quando ele acrescenta: — Agora que eu sei o que você pensa em relação a brothers e parças, não vou mais incomodá-la. Mas ainda tem uma coisa que quero mandar para você. É para Knox, na verdade, mas é você quem está aqui. — Ele puxa o telefone do bolso. — Pode me dar o seu número? Depois você pode me deletar dos seus contatos, da sua vida ou sei lá de onde.

Estou tomada de arrependimento, mas também tenho certeza de que vou começar a sangrar na frente dele. Digo meu número rápido, e Luis aperta algumas teclas antes de guardar seu celular.

— Talvez demore um pouquinho para chegar. Os arquivos são grandes. Diga a Knox que eu espero que o ajudem.

Ele sai assim que um fio de sangue escapa pelo meu nariz. E começa a escorrer rapidamente, até pingar na minha camisa, mas eu não me mexo para limpar. Eu não sei o que acabou de acontecer, mas sei que fui horrível com Luis sem motivo e que pisei no que quer que estivesse acontecendo entre nós, deixando ali mesmo no chão.

O que é uma merda, porém não chega nem perto dos meus problemas de agora.

— Maeve. Mas que merda...

Levanto o olhar e vejo Nate com bandejas cheias de refrigerantes nas duas mãos, seus olhos indo do meu rosto para o sangue na minha camisa. Eu nunca disse a ele o que um sangramento significa no meu caso, mas, pela expressão no seu rosto agora, Bronwyn explicou. Algo desmonta dentro de mim e, antes que eu consiga me controlar, estou novamente chorando.

Nate não hesita e joga as duas bandejas no lixo mais próximo. Ele põe um braço ao meu redor e me guia para longe da entrada principal até uma área ao lado, com algumas mesas de piquenique espalhadas. Não é exatamente particular, mas somos os únicos aqui. Ele faz com que nos sentemos, o braço ainda sobre os meus ombros. Eu desmorono em cima dele, chorando no seu peito nem sei por quanto tempo. Nate continua tirando guardanapos amassados do bolso até que acabam e eu preciso usar os que já estão úmidos e manchados de sangue. Tudo em que penso enquanto seguro o casaco de Nate, e ele se mantém firme com uma das mãos no meu braço, é que finalmente não estou

sozinha nessa.

Quando enfim me sento direito, enxugando os olhos, ele diz:

— Bronwyn não me contou.

Eu pego um lenço da minha bolsa e assoo o nariz.

— Ela não sabe.

Os olhos azul-escuros de Nate ficam arregalados.

— Os seus pais não contaram para ela?

— Eles também não sabem. Ninguém sabe.

— Maeve. Mas que merda — repreende ele. Não me parece o tipo de comentário que precisa de resposta, então não falo nada. — Mas isso não... Quero dizer, só para eu ter certeza de que estou entendendo o que se passa aqui. Isso é uma coisa que acontece quando há uma recaída, certo? — Concordo com a cabeça. — Então você não pode... Você tem que... Por quê? Por que você guardaria algo assim para você?

Minha voz está baixa e rouca.

— Você não sabe como é.

— Como é o quê? — Nate pergunta.

— A recaída.

— Me conte.

— É só que... tudo muda. Todos ficam tristes. A vida normal é congelada e todos nós embarcamos nessa maldita montanha-russa do tratamento que só faz descer. É horrível e machuca de todas as maneiras possíveis e, o pior, *não dá certo*. — Eu começaria a chorar de novo se minhas lágrimas já não tivessem esgotado. Afundo no ombro de Nate em vez disso, e o braço dele me segura com mais força. — Nunca funciona por muito tempo. Quatro anos é o máximo dos máximos. Eu pensei que talvez não fosse mais passar por isso e... não sei se consigo.

Nate fica em silêncio por alguns instantes.

— Certo — diz, finalmente. — Eu entendo. Mas é a sua *vida*, Maeve. Você precisa tentar. Não acha?

Estou incrivelmente cansada. Se eu fechasse meus olhos agora, dormiria por dias. Não é um pensamento reconfortante.

— Não sei.

— Se não fizer isso por você, faça pela sua família, tá legal? — O tom de Nate é urgente agora. — Pense na sua mãe e no seu pai. E em Bronwyn. Como eles se sentiriam se você... Caso algo aconteça, eles vão enlouquecer imaginando que as coisas teriam sido diferentes se você tivesse confiado neles o bastante para contar.

Fico tensa.

— Não é sobre *confiança*.

— Mas é isso o que eles vão pensar. — Eu não respondo e ele pressiona. — Você sabe que é o que Bronwyn vai pensar. Ela vai se

culpar por não ter estado aqui, ou por não ter descoberto. E isso vai consumi-la pelo resto da vida.

Merda. Nate acabou de tocar no meu ponto fraco e sabe disso. Quando eu me endireito, ele já parece mais aliviado.

— Tudo bem — murmuro. — Vou falar com os meus pais.

Assim que falo isso, sou tomada por uma onda de alívio, que leva embora um pouco do terror que vem aumentando há semanas. E então percebo o quanto eu queria contar a eles, mas tinha me deixado imobilizar pelo medo e pela indecisão. Precisava de um empurrãozinho.

Nate deixa um suspiro longo escapar.

— Graças a Deus.

— Mas você precisa fazer algo para mim em compensação — aviso. Ele levanta a sobrancelha, curioso. — É sobre a minha irmã: lembra!

A risada surpresa de Nate quebra a tensão e eu sorrio também.

— Escuta aqui, Maeve. Você não precisa se preocupar comigo e com Bronwyn. Está escrito nas estrelas.

Enxugo uma lágrima do canto do olho.

— O que isso quer dizer?

— Significa que vamos ficar juntos em algum momento. Talvez leve um ano para entendermos as coisas, ou dois, ou dez. Não importa. Mas vai acontecer.

— Talvez você deva dizer isso *a ela* — sugiro.

Ele abre aquele famoso sorriso Nate Macauley que sempre faz a minha irmã se derreter.

— Ela sabe. Ela pode não admitir ainda, mas ela sabe.

CAPÍTULO 19

Phoebe

Sexta-feira, 20 de março

— Gente, vocês precisam ver isso — diz Maeve, pegando o seu celular.

Ela parece bastante esverdeada, mas pode ser a luz daqui. Estamos nos bastidores do auditório do Colégio Bayview, sentados no chão de uma salinha que o clube de teatro usa como escritório. Eu nem sabia que esse lugar existia. Uma mesa e uma cadeira ocupam metade do espaço. E há uma parede com prateleiras até o teto repletas de réplicas, livros e fantasias dobradas. As outras estão cobertas por pôsteres da Broadway, com uma fina camada de poeira sobre tudo.

— O que é isso? — pergunto. Estou entre Maeve e Knox, que é onde eu sempre termino quando estamos os três juntos. Knox pode não ser mais a piada da escola, mas isso não significa que as coisas entre ele e Maeve estejam boas. Ele só veio porque ela insistiu muito.

— Um vídeo que Luis me enviou — explica Maeve. — Eu recebi ontem, mas... meio que tive uma noite intensa com os meus pais. Coisas de família... Mas não é sobre isso que quero falar. O que quero dizer é que não tinha visto as gravações até pouco tempo atrás. Luis mandou diversos vídeos, acho que porque não sabia qual era importante. E ele *claramente* não olhou o conteúdo, porque teria dito alguma coisa, já que...

— Maeve. — Eu a interrompo. — Acho que você deve apenas reproduzir o vídeo.

— Sim. Certo. — Ela destrava a tela e abre a galeria de fotos. — Apenas para situar vocês melhor: veio do telefone de Sean Murdock. E foi feito no dia em que Brandon morreu.

Eu engasgo. Knox, que estava meio largado atrás mim, se ajeita.

— Espera aí. *O quê?* — pergunta. Ele passa por mim engatinhando e para ao lado de Maeve. — Como o Luis conseguiu isso?

— Acho que ele pegou o celular de Sean emprestado durante o jogo ontem à noite — diz Maeve.

— Ai, meu Deus, Knox! — exclamo, percebendo o que ela tem ali.
— É o vídeo. Você tinha razão!

Maeve franze a testa conforme seus olhos disparam entre nós dois.

— Vocês já sabiam disso? — pergunta. Ela parece ao mesmo tempo confusa e magoada.

— Não exatamente — diz Knox. — Eu tive uma lembrança de Sean *gravando* alguma coisa no terreno em construção, mas não sabia o que era. — Ele praticamente vibra de tensão quando segura o braço de Maeve. — Mostra o vídeo.

Ela aperta a tecla de reproduzir e minha pulsação começa a acelerar quando uma imagem de Brandon toma a tela, seu cabelo desgrenhado pelo vento. Ele está parado bem na beirada do prédio, olhando para baixo, e lágrimas brotam nos meus olhos. Quase me esqueci de como ele era bonito. Eu costumava passar períodos inteiros de aula pensando naqueles lábios.

— Isso é muito sem graça — diz Brandon, e a voz familiar me provoca um arrepio. — Por que não recebi algo como o seu? — continua, se virando para olhar atrás dele, fora do alcance da câmera. — Ou até mesmo o seu.

— O que você está esperando, bonito? — A voz de Sean, meio esganiçada, nos chega em alto e bom som. — Não tá com medo de um pulinho, tá?

— Estou decepcionado — reclama Brandon, colocando as mãos no quadril. — Não tem glória alguma nisso. Eu deveria dar um salto mortal, ou algo assim.

— Seria incrível — diz uma voz feminina ofegante, e o meu coração vacila. *Jules*.

— Pelo menos você pode brincar — diz a voz que reconheço ser de Monica. — Com quem devo dormir para conseguir a porcaria de uma consequência por aqui?

— Puta merda — murmura Knox, mas eu o calo.

— Comigo — diz Brandon, e Sean cai na gargalhada.

— Para um sujeito que não está com medo, Branny, você está é falando demais — provoca ele. — Qual é. Vamos registrar para a posteridade. Pula, filho da puta. Pula, pula, pula!

Jules e Monica fazem coro. Eles estão batendo palmas e, ai, meu Deus, isso é tão horrível que eu choramingo.

— Ele vai... Vocês estão vendo ele... — gaguejo. E então Brandon flexiona as pernas para pular e eu *não consigo olhar*. Fecho bem os olhos e pressiono o rosto com força contra o ombro de Maeve. Mas ouço o impacto mesmo assim.

— Caralho! — A voz de Sean sai com um grito, alto e aterrorizado. — Bran! Que merda foi essa? — Posso ouvir Jules e Monica gritando também e, com cuidado, levanto a cabeça para olhar a tela do celular

de Maeve. O vídeo não passa de terra e grama, o chão é um borrão enquanto Sean se movimenta. — Bran? Você...? Puta merda.

— Onde ele está? — pergunta Jules, chorosa.

— Ele atravessou o *maldito teto*! — grita Sean. O telefone ainda aponta para o chão, gravando. Monica diz alguma coisa que não consigo entender. E então alguns minutos de conversa baixa e apressada que é impossível discernir até a voz de Sean voltar, bem nítida: — Que merda você tá fazendo aqui, Myers? — A tela fica preta.

— Jesus — murmura Knox.

Maeve engole em seco.

— Vocês pegaram a essência da coisa, né? — pergunta ela. — O jogo não acabou comigo e Knox, no fim das contas. Era a consequência de Brandon.

— É, eu entendi. — Pisco para afastar as lágrimas e ponho a mão sobre a barriga. Eu teria vomitado se tivesse almoçado antes de assistir a isso. — Meu Deus. Foi horrível.

Maeve pousa a mão com gentileza no meu braço.

— Desculpe. Eu devia ter avisado. Vivo esquecendo que vocês, hum, saíram por um tempo. — Ela se vira para Knox. — Acho que você estava certo. Não parece que Sean socou você para ajudar. Mas ainda não estou certa do motivo para ele ter feito isso.

Os olhos de Knox continuam fixos no telefone apagado.

— Nem eu. Achava que ver isso ia refrescar minha memória, mas não. — Ficamos todos em silêncio por alguns instantes, perdidos em pensamentos, até Knox acrescentar: — Maeve, você disse que Luis mandou vários vídeos. Tem algum outro...

— Não — ela logo corta. — Não há mais nada sobre Brandon. O resto é só... coisas pessoais. — Ela fica vermelha igual a um pimentão ao dizer isso. Embora eu ainda esteja entorpecida de pavor, meus lábios se retorcem num sorriso.

— Eca. Por favor, não me diga que você assistiu a um vídeo de Sean transando.

Parece que Maeve acabou de chupar um limão.

— Não, mas tinha uma selfie... no chuveiro.

— Ai, meu Deus. — Olho para ela com compaixão horrorizada. — E era...

— Nude frontal — confirma ela, tremendo com a lembrança.

Knox solta uma risada sem humor.

— Imaginem como poderíamos nos divertir com isso se fôssemos babacas como ele. — Então ele franze a testa e massageia as têmporas. — Então, o que devemos fazer sobre o vídeo? Devemos contar a alguém?

— Bom — digo com cautela. — Não muda nada, muda? Ainda é

uma bosta de acidente, só que agora todos ficarão encrencados por mentir. — Eu não ligo para Sean ou Monica, mas tenho que considerar Jules. — E com isso... o jogo de Verdade ou Consequência seria exposto, os professores ficariam sabendo e não poderíamos mais usar celular na escola. E nossos pais ficariam sabendo. — Dou uma olhada em Knox para ver se ele está entendendo, e sim, ele parece assustado só de pensar. Tenho certeza de que ele não quer que seus pais fiquem sabendo da verdade dele, como sei que não quero que a minha mãe saiba da minha.

— Certo — diz Knox, decidido. — Não muda nada.

Eu me viro para Maeve. Ela geralmente é a primeira a expressar sua opinião, mas está quieta faz um tempo. Agora que os meus olhos se acostumaram às luzes do escritório do clube de teatro, ela não parece mais verde — mas parece exausta, com olheiras. O cabelo, geralmente brilhante, está puxado para trás num coque opaco e desarrumado.

— O que você acha? — pergunto.

Seus olhos cor de âmbar esmorecem.

— O que vocês quiserem fazer. — Ela pega sua bolsa carteiro e coloca sobre o ombro. — Preciso ir. Tenho médico em meia hora.

Eu puxo a manga da sua camisa.

— Está tudo bem?

— Está, sim. Tudo bem. É só... — Maeve olha de Knox para mim e morde o lábio, o conflito no rosto. — É só que talvez eu não esteja mais tão presente por um tempo. Dependendo de como forem as coisas hoje. Eu tenho tido... sintomas. O tipo de coisa que costumava acontecer antes que eu entrasse em remissão. E vou ver isso. Vamos começar com um exame de sangue e então veremos o que vem em seguida.

Fico de boca aberta e enraizada no chão quando Maeve se levanta. Mas Knox não, ele se levanta ao mesmo tempo que ela, batendo o joelho com força na mesa. Ele não parece perceber.

— Maeve, que diabos? Por que você não me contou?

Ela abre um meio-sorriso para ele.

— A gente não tem conversado.

— Sim, mas isso... mas esse problema entre nós não importa. Não quando sua saúde está em questão. — Knox passa os dedos pelo cabelo e pega sua mochila do chão. — Eu vou com você.

— Você não pode — reclama Maeve. — Você tem aula.

— Vou matar essa aula. Phoebe me ensinou como se faz.

— É verdade — digo, mas nenhum dos dois presta atenção.

Maeve junta as mãos.

— Os meus pais vão me levar. Não acho que eles gostariam de um comitê na sala do meu oncologista.

— Eu espero na recepção. Ou no estacionamento. — Knox coloca a mochila sobre os ombros e segura nas alças com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Deus, Maeve. Sinto muito. Eu me sinto um merda por não saber disso.

— Você não tem que se desculpar por nada — diz Maeve. — Eu que tenho.

— Você tentou, eu não ouvi.

De repente tenho a sensação de que estou me intrometendo numa conversa que deveria ter acontecido há muito tempo. Eu me levanto e envolvo Maeve em um abraço forte, mas rápido.

— Preciso ir — digo, ainda no abraço. — Boa sorte. Estou mentalizando as melhores coisas para você. — Ela murmura um agradecimento enquanto eu saio pela porta do escritório.

Abro as cortinas de veludo do palco e desço a escada lateral até o andar do auditório. Meus pensamentos estão num turbilhão, processando as notícias de Maeve e o vídeo que acabei de assistir. Quando chego aos fundos do auditório, quase tropeço no pé de alguém, projetado para o corredor.

— Ei — diz Matthias Schroeder. — Tenho um recado para você.

Ele está sentado na última fileira, com um saco de papel pardo no colo, segurando um sanduíche pela metade. Eu paro para analisá-lo: moletom de capuz com algum personagem de Star Wars que não conheço, jeans skinny preto e tênis vermelhos estranhamente chamativos. Seu cabelo louro e ralo é comprido demais, caindo sobre os olhos.

— Você tem um recado para *mim*? — pergunto, descrente. Eu e Matthias nunca nos falamos antes. — E qual foi? Você tinha que me fazer tropeçar antes de me dizer o que é?

— Eu acenei para você todo o tempo enquanto vinha subindo pelo corredor — diz ele. — Você não me notou. Enfim, tive aula de inglês com Emma antes do almoço e ela não estava se sentindo bem, então pegou o carro e foi para casa. Acho que ela não tem celular, sei lá.

— Ah, tudo bem. — Olho para ele, cautelosa. — Como sabia que eu estaria aqui?

— Eu segui você — responde ele. Sua expressão é defensiva quando eu arregalo os olhos. — Não estou, tipo, rondando você. Eu ia dar o recado na lanchonete, mas você veio para cá. Eu almoço aqui às vezes, então fiquei esperando.

Ele dá uma mordida no sanduíche. É um pão branco com algum frio cor-de-rosa, uma alface murcha despontando de um dos lados. É a verdura mais solitária que eu já vi. Quando ele põe o sanduíche sobre o saco, posso ver as marcas onde seus dedos estavam pressionando.

— Bom, obrigada por me avisar — agradeço.

Com isso eu deveria ir embora, mas apenas ajeito a minha mochila

no ombro.

— Você teve alguma coisa a ver com as mensagens do Verdade ou Consequência? — pergunto de repente.

Matthias parece assustado.

— Quê? Não. Por que você pensaria isso?

Todo mundo pensa isso, quase digo a ele.

— Você começou o Simon Manda.

Matthias desvia o olhar para o sanduíche.

— Foi diferente.

— Diferente como?

— Eu só queria saber qual era a sensação. — A luz no auditório está fraca, mas ainda consigo ver as bochechas de Matthias ficando vermelhas. — De ter a atenção das pessoas.

— Elas prestaram atenção ao Verdade ou Consequência também.

— Já disse que não fui eu. — Matthias parece surpreso com o som da própria voz ecoando pelo cômodo vazio. Ele abaixa o tom. — Eu nem saberia como descobrir as coisas. Os segredos. Ninguém fala comigo. Ou você não percebeu?

— Eu estou falando com você.

— É, tá. — Matthias joga o resto do sanduíche no saco de papel e amassa tudo numa bolinha. — Nós dois sabemos que isso não vai durar. — Ele estica o corpo magricelo para se levantar e eu sinto... não sei. Que eu não deveria deixá-lo ter razão.

— Se você não quiser almoçar aqui amanhã, poderia, hum, comer com a gente — convido.

Matthias encara seus tênis vermelhos, parecendo um pouco assustado.

— Acho que não. Mas obrigado. — Ele sai em disparada antes que eu possa responder. E ainda bem. Eu não sei sobre o que conversáramos por mais de cinco minutos, de todo modo.

Está quente para março — não é o melhor dia para ser abandonada por uma Emma doente —, então, quando chego ao meu quarto, estou suada e mal-humorada. Meu celular toca e eu o xingo num sussurro. Quase ninguém me liga além da minha mãe, nem preciso olhar a tela antes de atender.

— Oi, mãe — cumprimento, pegando as minhas chaves quando me aproximo da entrada do nosso prédio.

Sua voz é de preocupação.

— Oi, Phoebe. Emma está com você? Você pode passar o telefone para ela?

Coloco a chave na fechadura com uma das mãos e giro para a

direita. A tranca não se mexe e eu resmungo, irritada. Tudo nesse prédio tem uma aparência ótima, mas o funcionamento é péssimo.

— Ela não está comigo — digo, distraída.

Mamãe deixa uma respiração frustrada escapar.

— Não entendo. Isso não é do feitio dela!

— Quê? — Meu cérebro absorve apenas metade do que ela disse enquanto brigo com a chave até a tranca finalmente girar. — O que não é do feitio dela? — pergunto, puxando a porta para abri-la.

— Não aparecer dessa maneira. Ela deveria estar fazendo para mim um guia do restaurante em que Ashton e Eli farão o jantar do pré-casamento. O gerente só podia fazer isso hoje à tarde, e eu não posso sair do trabalho, por isso pedi a Emma que fosse no meu lugar. Temos uma série de perguntas para fazer, mas ela não apareceu. E ainda não comprou outro telefone, então não posso nem ligar para ela.

Estou no lobby agora, e paro em frente a um dos vasos de planta. Minha mãe está certa. Isso não é mesmo do feitio de Emma, mesmo ela não se sentindo bem. Ela se arrastava para dar aulas de monitoria quando estava com febre.

— Ela está passando mal — falo. — Saiu mais cedo da aula. Ela não falou com você?

Mamãe dá um suspiro no meu ouvido.

— Não, não falou. Tudo bem. O que ela tem? É aquele problema de estômago de novo ou ela...

— Não sei — interrompo. — Eu não a vi. Ela pediu a alguém da escola para me avisar que estava indo embora e eu acabei de chegar em casa.

Atravesso o lobby para o elevador e chego nele no exato momento em que as portas estão começando a se fechar. Enfio a mão entre as portas até que se abram novamente e sorrio, me desculpando, para a senhora parada em um dos cantos do elevador. Ela mora no nosso andar, então o botão já foi apertado.

— Você quer que eu vá para o restaurante no lugar dela?

— Ah, que gentileza da sua parte, Phoebe. Mas é tarde demais. O gerente já foi embora. Vou pensar em alguma outra coisa. Você pode ver como está a sua irmã e me ligar de volta?

— Ok — respondo. Minha mãe agradece e desliga quando o elevador apita. Estou meio ansiosa em relação a Emma agora, porque o quão mal ela pode estar para ter se esquecido de que deveria ir ajudar a mamãe? Esse é o tipo de coisa que *eu* faria.

Abro a porta do nosso apartamento e está tudo completamente silencioso conforme eu entro.

— Emma? — chamo, tirando as minhas botas. Eu as deixo ao lado da porta e largo as minhas chaves e a mochila na bancada da cozinha, então sigo silenciosamente para o quarto. — Como você está se

sentindo?

Não há resposta. A porta está fechada e eu a empurro para abrir. Emma está deitada na cama num emaranhado de cobertor e lençol. A cama dela está parecida com a minha, para variar. Ela está suando frio e respira ritmadamente de boca aberta. Quando eu me aproximo, Emma deixa escapar um ronco leve. Bato o dedão do pé em alguma coisa no chão e piso numa área úmida. O copo de Emma do Bayview Wildcats está ao seu lado na cama, e eu o pego para cheirar o que há dentro. Franzo o nariz e reconheço. É gim dessa vez.

— Jesus, Emma. — Não sei se devo ficar enjoada ou preocupada, então escolho os dois. — Que diabos está havendo com você?

Pego alguns lenços de papel da minha cômoda e me abaixo para limpar o molhado, recuando quando meu joelho acerta algo afiado. É a ponta do carregador do celular de Emma, jogado inutilmente no chão desde que ela decidiu não comprar outro telefone. Ela fica pegando o meu telefone sempre que quer ver alguma coisa e não tem o notebook a mão, o que é irritante, porque...

Eu paro, os lenços encharcados em uma das mãos. Sempre que Emma pede o meu telefone eu lhe entrego sem questionar. Metade das vezes eu o deixo no nosso quarto com ela. E se Emma abriu o meu Instagram e encontrou as mensagens de Derek? Eu nunca as apaguei. Seria o tipo de coisa que a deixaria descontrolada?

— Phoebe? — A voz sonolenta de Emma me dá um susto tão grande que eu quase caio. Os olhos dela tremulam e se fixam em mim. — O que você está fazendo?

— Limpando a sua bagunça — digo, agachando. — Tem meio copo de gim no chão. Você não está doente de verdade, né? Está bêbada. Você por acaso se lembra de que deveria ajudar a mamãe com o jantar de pré-casamento de Ashton e Eli?

Emma pisca devagar na minha direção.

— Eu preciso perguntar uma coisa.

Minha frustração aumenta.

— Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

— Você o ama? — pergunta ela, a voz rouca.

Engulo seco. Merda. Ela definitivamente viu as mensagens de Derek.

— Não. Foi um imenso erro e acabou. Eu gostaria que nunca tivesse acontecido.

Ela bufa e deixa escapar uma risada sem humor.

— Sei que acabou. Não sou estúpida. É só que eu nunca imaginei... Eu não pensei... — Suas pálpebras pendem, talvez tenham se fechado. Não tenho certeza vendo desse ângulo.

— Não pensou o quê? — pergunto.

Ela não responde e eu me levanto de novo, o copo do Bayview

Wildcats na minha mão. Estou quase saindo quando ouço um sussurro vindo da cama de Emma, tão fraco que quase não entendo.

— Eu não achei que ele fosse continuar.

— Continuar o quê? — pergunto. Mas o ronco recomeça e acho que é tudo o que terei dela por enquanto.

Eu levo o copo para o banheiro e o lavo bem, jogando algumas gotas de sabonete líquido até que fique com cheiro de limão e não de álcool. Minha cabeça está latejando como se tivesse sido eu a beber só Deus sabe quanto de gim puro. Quando termino, seco o copo com a toalha e coloco atrás do vaso sanitário. Então me inclino contra a pia e vejo os meus olhos cansados no espelho. Eu não sei o que está acontecendo com a minha irmã ou o que eu devo fazer quanto a isso. Não quero preocupar minha mãe sabendo que ela está bem mais animada ultimamente. Eu poderia tentar conversar com a melhor amiga de Emma, Gillian, mas ela basicamente me odeia depois de toda a revelação com Derek. Quando ela me encontra na escola, seu olhar me atravessa. Não tem mais ninguém a quem eu possa recorrer que conheça Emma o bastante para ajudar.

Quase considero responder Derek. Quase. Mas não é para tanto.

CAPÍTULO 20

Knox

Sexta-feira, 20 de março

Sandeep enrugou a testa diante do envelope e o segurou contra a luz.

— É, acho que é a mesma pessoa que enviou as duas últimas ameaças. A fonte na etiqueta é exatamente a mesma.

Bethany está empoleirada na beirada da mesa que Sandeep e eu estamos dividindo. Ela aperta os olhos e se aproxima.

— Fonte? Parece letra manuscrita.

— É o design da fonte — diz Sandeep. Ele pega um Ziploc da gaveta da mesa e joga o envelope lá dentro, tirando todo o ar do saco e fechando antes de entregá-lo a Bethany. — Mas olhe o *kerning*. É muito perfeito.

— O quê? — pergunta Bethany.

— O espaçamento entre cada letra — repete Sandeep. — É um termo tipográfico.

Bethany revira os olhos ao se levantar e seguir para sua mesa.

— Você é tão nerd.

— Dar atenção às fontes não é ser nerd! — grita Sandeep para ela. — Tipografia é uma forma de arte.

Bethany dá a língua para ele e pega sua bolsa.

— Se você está dizendo. Estou indo, rapazes. Não fiquem aqui até tarde.

Eu giro na minha cadeira ao lado de Sandeep.

— Você não vai abrir? Ler o que tem dentro?

— Mais tarde. Quando eu estiver de luvas. — diz ele. Eu franzo a testa, confuso, já que não entendo por que precisaria de luvas, e Sandeep completa: — A essa altura, já recebemos ameaças o suficiente de uma mesma pessoa e precisamos entregá-las para a polícia. Quero mexer no envelope o mínimo possível para não contaminá-lo antes que vejam.

Eu não consigo tirar os olhos do envelope. A última ameaça que li

ainda está gravada no meu cérebro: *Vou me divertir vendo você morrer.*

— O que você acha que irritou tanto essa pessoa? — pergunto.

— As ameaças não são específicas, mas meu palpite é que estão relacionadas ao caso D’Agostino — Sandeep responde tão prontamente que posso dizer que ele já pensou bastante sobre isso. Ele empurra o Ziploc para um dos cantos da mesa. — As pessoas ficam muito irritadas quando policiais são acusados de um crime, mas essa raiva geralmente é deslocada para o acusador ou para a vítima. O conflito entre obedecer a uma autoridade e a consciência de cada um é bem documentado.

— Certo — falo, embora tenha entendido apenas a metade. Quando Sandeep entra no modo professoral, fica meio difícil de acompanhá-lo. Além do mais, eu estou distraído, verificando o meu celular para ver se recebi atualizações. A consulta de Maeve com o oncologista terminou quatro horas atrás, e ela me disse quando saímos do consultório que o resultado demoraria um pouco.

— Estão priorizando, mas pode levar alguns dias — disse ela. — Os horários dos laboratórios são difíceis de prever.

Ainda assim, eu fico esperando que “priorizando” signifique “nesta tarde”. Estamos no século XXI, afinal de contas.

Pela manhã eu ainda estava zangado com Maeve. Estava bem resolvido em relação a guardar rancor e talvez perder uma amiga. Mas isso foi quando a perda não era algo tangível ou permanente. Agora eu não consigo parar de pensar no quanto é raro ter alguém com quem se pode ser completamente verdadeiro, mesmo quando as coisas ficam feias, desconfortáveis e um pouco assustadoras. *Principalmente* quando ficam.

Tudo o que eu quero é que a minha amiga fique bem.

— Enfim, tente não se preocupar demais com isso. Vamos resolver.

— Eu pisco ao ouvir a voz de Sandeep e o escritório volta a entrar em foco. Ele escorrega uma pilha de pastas para mim pela mesa. — Enquanto isso, Eli precisa que alguém lhe dê os detalhes do cronograma da corte da próxima semana e eu, meu amigo, não sou esse *alguém*. — Ele passa uma das mãos pelo cabelo escuro sedoso. — Tenho um encontro.

Dou mais uma última olhada no telefone. Nada. Provavelmente 18h30 de uma sexta-feira não é o melhor horário para atualizações médicas.

— E aquelas leis sobre trabalho infantil sobre as quais você está sempre falando? — pergunto.

— Elas deixam de valer quando eu tenho um encontro — responde Sandeep, inclinando a cabeça na direção da sala de conferência menor. — Eli está em Winterfell. Ele precisa apenas do básico desse calendário agora. Faça mais uma das suas planilhas mágicas, ele

adora. — Ele puxa o colarinho da camisa, parecendo culpado. — A não ser que você tenha que ir para casa. Quero dizer, já está meio tarde.

— Tudo bem — digo. Eu não ligo de fazer hora extra no Até que Provem, até porque onde mais eu estaria em uma sexta-feira à noite?

Além do mais, Sandeep, Eli, Bethany e todos os outros agem como se a minha presença aqui fizesse diferença, como se as coisas funcionassem de um jeito melhor quando estou por perto. É uma sensação boa.

Sandeep sorri e se levanta, guardando o notebook na bolsa, que coloca sobre o ombro.

— Bom garoto. Vejo você na segunda.

— Espera — chamo, pegando uma jaqueta de couro preta de trás da cadeira dele. — Você esqueceu seu casaco.

Sandeep para de andar e se vira com uma expressão intrigada.

— O quê? Eu não trouxe casaco. — Ele olha atentamente para a jaqueta que estou segurando e sua expressão atenua. — Ah, acho que essa jaqueta é do Nate Macauley. Ele veio aqui na hora do almoço para conversar com Eli sobre um estudo de caso do Simon Kelleher. Talvez ele o publique na *Harvard Law Review*.

— Talvez Nate publique? — pergunto, confuso.

Sandeep ri.

— É, com certeza. Harvard sempre publica artigos de adolescentes sem formação legal. Não, talvez *Eli* publique. Mas somente se todos os menores envolvidos estiverem confortáveis com isso. De qualquer forma, entregue isso a Eli e ele devolve para o Nate.

— Eu posso levar para ele — respondo. — Menos uma coisa para Eli se preocupar. Fica no meu caminho. — Na verdade, eu nunca estive dentro da imensa casa velha onde Nate aluga um quarto, mas fica a apenas algumas ruas da minha casa. Maeve aponta para ela toda vez em que passamos de carro na frente.

— Tem certeza? — Sandeep pergunta e eu concordo com a cabeça. — Você é o melhor — diz ele, fazendo um gesto com os dedos para mim conforme vai se retirando. Quando ele sai, sigo para a sala de conferência.

Eli está no telefone quando eu entro em Winterfell e gesticula para que eu me sente numa cadeira.

— Prometo que não vou — diz ele. — Preciso desligar o telefone agora. — O tom de voz dele é bem mais afetuoso do que quando está falando com um cliente ou com outro advogado, então teria imaginado que não era uma ligação de trabalho mesmo se ele não tivesse acrescentado: — Te amo mais, anjinho. Vejo você daqui a pouco. — Ele desliga o telefone e assente distraidamente para mim. — Preciso que a próxima semana caiba em quatro dias. Sexta-feira estou

fora.

— É, uau. — Pegou algumas pastas do topo da pilha. — Não acredito que você se casa em uma semana. Está preparado? — Eu não sei por que estou perguntando isso, mas parece o tipo de coisa que um cara pergunta a outro.

Eli sorri.

— Estou pronto faz um ano. Estou feliz que ela esteja pronta também.

— Ashton é incrível. Você deu sorte — solto, e depois me sinto meio babaca, porque, que merda, isso não foi meio ofensivo? Mas Eli apenas assente.

— O sujeito mais sortudo do planeta — diz. Eli une as mãos, encosta os dedos sob o queixo e me lança um olhar pensativo. — Mas posso dizer uma coisa a você. O meu eu do ensino médio jamais imaginaria que um dia eu construiria uma vida ao lado de alguém tão incrível quanto a Ashton. Na época, as meninas só prestavam atenção em mim quando queriam ajuda com o dever de casa. Eu não tive um único encontro até os 19 anos.

— Sério?

— Ah, sim. — Eli dá de ombros. — Demora um pouco para alguns de nós. O lado bom é que a vida é longa e o tempo na escola é curto, embora não seja essa a sensação quando estamos lá. — Ele gesticula para uma das pastas na minha mão. — É o caso Carrero? Vamos começar com isso.

— Sim — respondo, e entrego a ele. Essa foi uma nítida tentativa de fazer eu me sentir melhor com o fato de estar aqui em mais uma noite de sexta-feira. E quer saber? Meio que funcionou.

Ouçó a casa de Nate antes de vê-la. Mal deu nove da noite, mas o som do rap e das risadas me dá boas-vindas na esquina e vai ficando mais alto conforme eu me aproximo do antigo prédio vitoriano caindo aos pedaços. Os vizinhos devem *amá-los*.

Toco a campainha, mas é inútil. Ninguém vai ouvi-la, então abro a porta e entro. A música está tão alta que o chão gasto de madeira praticamente vibra, e imediatamente sou atingido pelo cheiro de pipoca e cerveja choca. Estou em um corredor estreito de frente para uma escada com um corrimão curvo, de onde um grupo de garotos um pouco mais velho que eu grita para uma menina no segundo andar.

— Vai! — pedem eles, erguendo no ar seus copos descartáveis. A garota desce escorregando pelo corrimão e cai na confusão de pessoas embaixo, dispersando-as como pinos de boliche.

— Nãooooooooo! — geme um cara com uma camiseta vintage de

banda, tropeçando em mim quando seu drinque cai no chão. — Ooops! — Ele segura o meu braço para se equilibrar e completa: — Não tente isso em casa.

— O Nate está? — pergunto bem alto. O sujeito põe a mão no ouvido, como se não estivesse ouvindo, e eu repito ainda mais alto: — O. NATE. ESTÁ?

— Lá em cima — o cara grita de volta.

Eu hesito, procurando por um cabideiro ou outro lugar em que possa deixar a jaqueta de Nate, mas não há opção. Então subo as escadas, me apertando contra a parede para evitar o pessoal que circula por ali. Estou quase no fim da escada quando a garota que desceu escorregando pelo corrimão me segura pela camisa e me dá um copo cheio de cerveja.

— Parece que você tá precisando — grita em meu ouvido.

— Hum, obrigado. — Ela me olha com expectativa, e com isso dou um gole. Está morna e azeda. O corredor estreito está cheio de gente, mas eu não reconheço ninguém. — Você por acaso sabe onde está o Nate?

A garota gesticula para uma porta fechada ao fim do corredor.

— Sendo antissocial, como sempre. Diga a ele para sair e vir se divertir. — Ela levanta a mão para bagunçar o meu cabelo. — Você é bonitinho, amigo do Nate, com exceção disso aqui. Deixe crescer. Faz parecer que você está no ensino médio.

— Eu *estou* no... — começo, mas ela já está descendo corrimão abaixo de novo. Eu chego na porta que ela me apontou e hesito. Não sei se Nate vai me ouvir bater, mas eu não posso simplesmente entrar, posso? E se ele estiver com alguém? Talvez eu deva deixar a jaqueta no chão e sair daqui.

Enquanto estou ponderando, o cara com a camiseta vintage de banda aparece de repente atrás de mim. Ele bate na porta de Nate, abrindo-a em seguida e entrando no quarto.

— Venha para a porra da minha festa, Macauley! — grita. E então ele se vira e corre de volta pelas escadas, rindo. Estou sozinho na porta quando Nate, que está sentado à escrivaninha no canto do quartinho, se vira.

— Não fui eu — digo, levantando a mão num cumprimento. Ainda estou segurando o copo de cerveja.

Nate pisca como se eu fosse uma miragem.

— O que você tá fazendo aqui? — pergunta. Pelo menos, acho que é o que diz. Não consigo ouvir direito, então entro no quarto e fecho a porta. — Você deixou sua jaqueta no Até que Provem — explico, atravessando em direção à mesa para poder lhe entregar. — Falei para Eli que deixaria aqui. Maeve me disse onde você morava.

— Merda. Eu nem percebi que estava sem ela. Obrigado. — Nate

pega a jaqueta da minha mão e joga no pé da cama bagunçada. Tirando essa parte, o quarto é relativamente arrumado, mais ainda se compararmos ao restante da casa. Há pôsteres de filmes japoneses cobrindo as paredes, mas não tem muita coisa aqui além da mesa, da cama, uma cômoda baixa e um terrário aberto, com um réptil grande e amarelo-amarronzado. Dou um pulo quando ele raspa uma das garras contra o vidro. — Esse é o Stan — diz Nate. — Não se incomode com ele, mal se mexe.

— E ele é o quê? — pergunto. O bicho parece uma miniatura de dinossauro.

— É um pogona.

Caramba. Até o bicho de estimação de Nate é mais legal que o meu.

— Então você conseguiu ultrapassar os obstáculos na escada, hein? — brinca Nate.

— Sua casa é sempre assim?

Ele dá de ombros.

— Só nos fins de semana. Normalmente todos vão embora antes das dez da noite. — Ele se reclina na cadeira. — Ei, você tem alguma notícia da Maeve? Ela disse que você ia com ela ao médico hoje, mas foi a última coisa que soube.

— Nada ainda. Ela acha que não terá resposta antes de segunda-feira, no mínimo. — Ponho minha mão livre no bolso, sentindo uma culpa súbita. Em vez de sentir ciúmes de Nate, como de costume, eu deveria agradecê-lo por ser um amigo melhor para Maeve do que eu fui. — Fico feliz que você tenha convencido Maeve de contar para os pais. Eu nem sabia. Me sinto um babaca.

— É, bom, não se martirize por isso. Ninguém sabia — diz Nate, batendo o lápis que segura no tampo da mesa a sua frente.

Na mesa não há nada além de um notebook bem velho, uma pilha de livros e duas fotos — a primeira, uma criança posando com dois adultos em frente ao que parece ser uma árvore de Josué e a outra é de Nate com Bronwyn. Ela está atrás dele, com os braços ao redor do seu pescoço enquanto beija Nate na bochecha. Ele parece mais feliz nessa foto do que jamais o vi. O olhar de Nate se demora na foto e eu me sinto um invasor. Estou prestes a sair quando tenho um vislumbre da tela do seu computador.

— Você está fazendo dever de projeto e instalações?

— Quê? — Nate baixa o olhar com uma risadinha. — Ah, não. Tenho ajudado o seu pai a revisar tudo o que foi documentado sobre o terreno em construção do shopping, onde Brandon morreu. Temos que fotografar tudo para a investigação. — Ele faz um gesto para a tela. — Essas estão me encucando, não consigo parar de olhar para elas.

— Por quê? — pergunto, curioso. Meu pai não me fala nada sobre a investigação do terreno. As fotos no computador de Nate não parecem

ser muita coisa. Apenas pilhas de madeira num chão de cimento.

— Por causa do que não está ali, acho. Não é a quantidade de destroços que se espera quando uma plataforma bem construída desaba. Algumas vigas nem tinham barrotes, então, tipo, como estariam de pé para começo de conversa? — Nate estreita os olhos para o computador. — Mas as vigas têm buracos onde os barrotes *estavam*, então... Se estivéssemos totalmente paranoicos, poderíamos pensar que alguém mexeu na plataforma.

— Mexeu na plataforma? Você está falando sério? — Eu me inclino para a frente, intrigado, e esvazio metade do meu copo de cerveja antes de me lembrar que preciso ir embora depois disso. Ponho o copo no canto da mesa de Nate e observo as fotos com mais atenção. Elas ainda não me dizem nada.

Nate dá de ombros.

— O seu pai acha estranho também, mas a empresa que estava trabalhando nisso era uma porcaria e deixou uns registros de merda. Então não podemos ter certeza de nada. — Ele bate novamente o lápis na mesa. — Seu pai realmente entende do trabalho dele. Os caras na firma estão sempre falando sobre como as demais empresas fazem as coisas apressadas e malfeitas para economizar, mas ele nunca faz isso.

Meu primeiro instinto é ser indiferente e responder: “Eu não saberia”. Mas há um tom quase reflexivo na voz de Nate, como se ele estivesse imaginando como teria sido crescer com um pai que é dono de um negócio respeitado em vez de com um que abandonou o filho em troca de uma garrafa de uísque. E quando se coloca assim... meus problemas com o meu pai parecem fichinha em comparação. Então eu me limito a:

— Ele gosta mesmo de trabalhar com você. Me fala isso o tempo todo.

Nate dá um meio-sorriso quando a porta se abre, assustando a nós dois. O cara da camiseta vintage de banda se encosta no batente, parecendo corado e suado ao apontar para Nate.

— Cara — balbucia ele. — Falando hipoteticamente. Se a gente decidir sair por aí pelo bairro, você vem?

— Não — responde Nate, esfregando a mão na lateral do rosto ao se virar para mim com uma expressão cansada. — Se eu fosse você, entenderia como uma deixa para ir embora. Vai por mim.

Quando chego em casa, meu pai está sozinho à mesa da cozinha. É a mesma mesa velha que temos desde que eu era criança, uma monstrosidade de madeira em que nós sete poderíamos nos sentar confortavelmente. Eu costumava ficar apertado no canto próximo à

parede — o pior lugar e com mais difícil acesso para o caçula. Posso me sentar onde eu quiser agora, já que apenas três de nós restaram na casa, mas de algum modo eu ainda me vejo me apertando no mesmo lugar do canto todas as noites.

Papai está escrevendo num bloco de notas amarelo, cercado por uma pilha do que parecem ser plantas de construção. Ele está usando uma camiseta da própria empresa que costumava ser preta, mas depois de tantas lavagens ficou com um tom esmaecido de cinza.

— Você chegou tarde — diz ele sem levantar o olhar. Fritz está roncando baixinho aos seus pés, as patas tremendo como se estivesse sonhando com um passeio.

Vou até a geladeira e pego um refrigerante. Preciso tirar o gosto de cerveja amarga da boca.

— Muito trabalho no estágio — respondo. — Eli se casa na semana que vem.

— Certo. — Meu pai rabisca uma anotação no bloco. — Bom ver você envolvido com alguma coisa.

Tiro a tampa da garrafa e tomo um gole, observando-o na beirada da mesa quando algo dentro de mim murcha. *Seu pai realmente entende do trabalho dele*, disse Nate. É verdade, mas o papai nunca divide nada disso comigo. Tudo que eu ganho são alfinetadas verbais. Eu geralmente ignoro, mas hoje não estou no clima.

— O que você quer dizer? — pergunto.

Ele continua escrevendo.

— Sua mãe disse que você largou a peça em que estava atuando.

— E? — provoco. — Desde quando você se importa? Tem anos que você não vai a uma das minhas peças.

Ele finalmente levanta o olhar e eu sou impactado por como as linhas em seu rosto estão profundas. Posso jurar que não estavam assim ontem.

— Eu me importo porque quando você se compromete com uma coisa, deveria se manter comprometido.

É. *Deveria*. A não ser que você seja motivo de piada na escola inteira e estar no palco só deixe as coisas centenas de vezes piores. Eu arruinaria a peça para todos os outros que fazem parte dela, embora a maioria não veja assim. Lucy não vê, ela ainda não está falando comigo.

E se eu for totalmente honesto, não foi uma decisão tão difícil assim. Eu parei de me importar com o palco faz um tempo, mas meus pais não notaram. Papai age como se quisesse que eu mudasse, mas não é de verdade. Sempre que eu tento algo diferente, ele rejeita.

Mas eu não posso dizer isso a ele. Eu não posso dizer nada a ele.

— Tinha coisa demais acontecendo na minha vida — digo. Ele deixa escapar uma bufada de desdém e volta para a sua papelada.

Ressentimento gira pelas minhas entranhas, me deixando mais atrevido do que de costume. Ou talvez seja a meia cerveja que eu tomei. — Você disse alguma coisa? — pergunto. — Não consegui ouvir.

Meu pai levanta a cabeça, as sobrancelhas erguidas. Ele espera um instante e, quando não desvio o olhar, ele diz:

— Se com a quantidade de videogames que você joga e o tempo que passa no celular fazendo sei lá o quê você acha que tem *muita coisa* acontecendo, então lamento pelo seu futuro empregador quando tiver um emprego de verdade.

Sinto um frio na barriga. Jesus. *Fala o que pensa, pai.* Ele basicamente me chamou de inútil.

— O Até que Provem é um emprego de verdade. Eu trabalho bastante lá. Costumo trabalhar bastante, normalmente. Você saberia se tivesse me dado uma oportunidade de trabalhar com você.

Ele franze a testa.

— Você nunca teve interesse em trabalhar comigo.

— Você nunca me chamou — desabafo. — É um negócio supostamente familiar, mas você trata Nate Macauley mais como filho do que eu. — Minha mãe não deve estar em casa, porque estou elevando o tom de voz e não há sinal dela. Geralmente é nesse momento que ela se intromete em nome da paz. Eu gesticulo para as plantas, minha cabeça ainda cheia do que Nate disse em seu quarto. — Você nem me conta o que está acontecendo na investigação sobre o terreno em construção do shopping e eu estava lá quando Brandon morreu!

A expressão do meu pai fica possessa. Ops. Escolhi o argumento errado. Quero me afundar no chão quando ele se inclina para a frente e aponta o lápis para mim.

— Você. Estava. Invadindo — diz, avançando para a frente o lápis a cada palavra. — E prestes a pegar um atalho incrivelmente perigoso que eu pedi especificamente para que não pegasse. *Você* poderia ter morrido. Agradeço todos os dias por não ter sido você, mas estou furioso por ter estado nessa posição para começar. Você cresceu em terrenos em construção, Knox, e você conhece bem isso. Mas não tem respeito algum pelo que digo ou pelo trabalho que faço.

Eu abro a boca, mas não sai uma palavra. A vergonha faz o meu rosto arder. Ele está certo sobre tudo, com exceção da última parte. Ele realmente acha que eu não respeito o seu trabalho?

Quando eu não respondo, papai balança o lápis para mim de novo.

— Você não tem dever para fazer? Ou algo para assistir na TV?

Dispensado, como sempre. Mas dessa vez eu não posso culpá-lo e não sei como me desculpar ou me explicar. Principalmente porque ele já voltou a trabalhar como se eu não estivesse mais aqui. Então sigo

escada acima com o meu refrigerante, embora as palavras de Nate continuem na minha cabeça, futucando as poucas memórias nebulosas que tenho do dia em que Brandon morreu.

Se estivéssemos totalmente paranoicos, poderíamos pensar que alguém mexeu na plataforma.

CAPÍTULO 21

Maeve

Segunda-feira, 23 de março

Quando eu e Phoebe chegamos, Knox já estava no escritório do clube de teatro para o almoço, com um Tupperware imenso à sua frente. Phoebe deu uma espiada no pote, a expressão intrigada ao se ajeitar ao lado de Knox.

— Você está comendo enroladinho de salsicha sem recheio no almoço? — pergunta.

— É óbvio que não — responde Knox. — Eles têm manteiga de amendoim dentro.

Phoebe franze o nariz.

— Que estranho!

— Por quê? Só o formato do pão que é diferente — murmura Knox antes de dar uma mordida. Ele engole, toma um gole de água da garrafa também à sua frente e se vira para mim: — Alguma novidade do médico?

Ele deve ter me mandado essa mensagem umas dez vezes desde sexta-feira. Mas não tem importância, estou feliz que estejamos voltando ao normal.

— Não, mas o laboratório funciona normalmente hoje, então espero saber de alguma coisa em breve — digo. Phoebe acaricia meu braço de um jeito encorajador e puxa uma garrafa de smoothie da bolsa, abrindo a tampa para tomar um gole do líquido roxo. Eu não trouxe nada, mas meu estômago está embrulhado demais para eu comer.

— E por que você quis almoçar aqui e não na lanchonete? — pergunto a Knox.

Ele engole o resto do enroladinho com outro gole de água antes de responder:

— Eu queria conversar com vocês a respeito de algo sem pessoas ouvindo — responde, passando o dorso da mão pela boca.

— E por pessoas você quer dizer Lucy — murmuro. Eu ainda não superei ela me dando sermão quando fui atrás de Knox no ensaio da peça.

— Ou Sean — completa ele. — Ou Monica. Ou Jules. — Phoebe levanta a sobancelha e ele complementa: — Ou qualquer um, basicamente. Tem uma coisa me encucando o fim de semana inteiro, quero ver se vocês acham estranho ou se estou exagerando.

— Bom, agora estou intrigada — digo. Estou prestando atenção enquanto dedilho o bracelete de contas no meu punho. Ita me deu a pulseira para dar sorte da última vez em que fui para o hospital, há mais de quatro anos. Eu não a usava desde então, e está um pouco apertada, mas... aquele acabou sendo um dia bom. E talvez hoje seja um desses dias também. — O que foi?

— Certo, vou explicar. Eu encontrei Nate na sexta à noite... Não pergunte — ele completa, quando minhas sobancelhas se erguem. — É uma longa história, relacionada a trabalho e nada importante. Enfim, Nate estava observando essas fotos da área em construção onde Brandon caiu. Lembram que contei que meu pai estava ajudando na investigação do acidente? — Nós duas concordamos com a cabeça e Knox prossegue: — Bom, Nate disse que ele acha que alguém pode ter mexido na plataforma de onde Brandon pulou.

— Mexido? — repito. Agora ele tem a minha total atenção. — Mexido como?

Knox dá de ombros, o maxilar rígido.

— Tirando alguns suportes, acho? Não sei exatamente. Eu quis perguntar ao meu pai, mas... ele não estava de muito bom humor. E Nate disse que a coisa toda é inconclusiva, de todo modo. Mas passei o fim de semana inteiro pensando no que isso poderia significar. Por que alguém deliberadamente faria isso? E foi quando comecei a imaginar... vocês acham que alguém queria que Brandon se machucasse? Tipo, estava com ele na mira para dar essa consequência?

Phoebe engasga com o smoothie e eu lhe dou um tapinha nas costas.

— Tá falando sério? — pergunto enquanto ela tosse. Knox assente. — Tipo quem?

Ele abre os braços.

— Não sei. Talvez Sean? Ele estava lá quando aconteceu e me causou uma concussão quando eu me aproximei. Talvez ele quisesse Brandon fora de cena para finalmente poder ser o mandachuva do Colégio Bayview, ou algo assim.

— Hum. — Apoio meu queixo nas mãos e encaro o pôster de *Wicked* na parede, um cartaz grosso de uma bruxa verde com um sorriso dissimulado. Penso na conversa que tive com Lucy Chen no

auditório durante o ensaio de *Into the Woods*, logo depois de Knox desistir de encenar a peça. *Todo mundo sabe como ganhar esse jogo a essa altura. É só escolher a consequência.* E ela estava certa. Depois de ver o que aconteceu comigo e com Phoebe em comparação ao que aconteceu com Sean e Jules, ninguém no Colégio Bayview escolheria algo diferente de *consequência*. Principalmente alguém competitivo e confiante como Brandon.

Ainda assim... estamos falando de Sean Murdock.

— Não sei — digo, devagar. — Sean sempre me pareceu um agressor mais direto. Com pensamento de curto prazo. Não consigo vê-lo planejando algo tão elaborado.

Phoebe também parece questionar.

— Talvez o seu pai só quisesse dizer que a construtora não fez o trabalho dela direito. A empresa faliu, não foi? E provavelmente porque não são bons em construir coisas.

— É totalmente possível — Knox concorda.

— Eles não terminaram a investigação, terminaram? — pergunta Phoebe. Knox balança a cabeça. — Então, deixa o seu pai terminar para ver o que o relatório final diz, talvez? O vídeo não vai sair andando. Podemos compartilhá-lo quando quisermos.

Tudo soa perfeitamente razoável — mas há uma vozinha no fundo da minha mente me incitando a ativar o PingMe novamente. Apenas para ficar de olho em qualquer conversa sobre o jogo de Verdade ou Consequência. Tiro meu celular do bolso e aciono novamente os alertas, então dou um pulo quando o aparelho toca na minha mão. Quando olho para a tela, o meu coração quase para. Dr. Ramon Gutierrez.

— Ai, meu Deus, gente. — Minha voz sai baixa e sufocada. — É o meu oncologista.

— Você quer que a gente fique ou saia? — Phoebe pergunta.

— Eu não... — Não consigo pensar.

Phoebe se levanta enquanto meu telefone continua a tocar e segura Knox pelo braço para que ele também fique de pé.

— Vamos lhe dar alguma privacidade, mas estaremos aqui fora. — Ela me envolve num abraço de um braço só enquanto vai empurrando Knox porta afora. — Vai ficar tudo bem.

Meu telefone continua tocando. Ai, Deus. Não mais. Parou. Eu perdi a ligação. Observo a tela até ela bloquear, depois desbloqueio e ligo de volta com as mãos trêmulas.

— Consultório do Dr. Ramon Gutierrez — diz uma voz feminina indiferente.

Não consigo falar. Deveria ter pedido a Phoebe que ficasse.

— Alô? — a voz de novo.

— Hum. Olá — grasno. As palmas das minhas mãos estão suando

tanto, eu não sei como estou conseguindo segurar o aparelho. — Aqui... aqui é Maeve... — Perco a capacidade de falar de novo, mas ela entende o bastante.

— Ah, Maeve, sim. Espere. Vou transferir você agora mesmo.

Fico mexendo meu bracelete para cima e para baixo no punho, o frio das contas de vidro me tranquilizando. *Vai ficar tudo bem*, disse Phoebe. Todo mundo diz isso, e às vezes fica mesmo. Mas eu vivi anos do outro lado do tudo bem. Sempre achei que mais cedo ou mais tarde acabaria lá para sempre.

— Maeve Rojas! — Eu não reconheço o tom caloroso do Dr. Gutierrez de primeira. — Acabei de falar com a sua mãe ao telefone e ela me deu permissão para lhe contatar diretamente enquanto ela... bem. Ela precisava de um tempo.

Ai, Deus. O que isso quer dizer? Mas antes que eu consiga me torturar com possibilidades, o Dr. Gutierrez continua:

— Tenho boas notícias. O seu exame de sangue está totalmente normal. A contagem de leucócitos está boa. Vou falar com os seus pais sobre fazer outros exames, se eles quiserem confirmar o diagnóstico, mas esse mesmo teste não nos permitiu interpretações equivocadas no passado. Minha avaliação é de que a sua remissão não está comprometida.

— Não está? — Não estou assimilando as palavras. Preciso que ele diga de um jeito diferente. — A leucemia não voltou?

— Isso. Não há indicação no seu exame de sangue de que a leucemia tenha voltado.

Deixo um suspiro longo e trêmulo escapar conforme toda a tensão que estou segurando pelo último mês escorre de mim, me deixando tonta e mole. Meus olhos se enchem e as lágrimas transbordam rapidamente.

— Mas os sangramentos... os hematomas...

— Você apresenta uma deficiência de ferro, o que obviamente não é algo que queremos ver em alguém com o seu histórico. Então vamos tratar disso com uma receita de vitaminas e consultas mais frequentes. E também sugiro que você coloque vaselina no nariz umas duas vezes ao dia. As suas membranas nasais estão inflamadas, o que potencializa o problema.

— Vitaminas e vaselina. É isso? — As palavras saem automaticamente, sem sinal do imenso alívio que ferve nas minhas veias. A minha cabeça ainda não está alinhada ao coração.

— É isso — diz o Dr. Gutierrez, com gentileza. — Falarei com os seus pais sobre mais detalhes relativos ao acompanhamento e observação. Foi um susto, mas acredito que não passe disso.

— Tudo bem — consigo falar. E então ele diz mais algumas coisas, mas eu não ouço porque já larguei o telefone no colo e apoiei a cabeça

nas mãos para poder chorar para valer. A dobradiça range e sinto um cheiro floral de shampoo quando Phoebe se ajoelha e me envolve em um abraço. Knox me abraça pelo outro lado.

— Nós ficamos ouvindo atrás da porta. Desculpe, mas estamos tão felizes — Phoebe engasga.

Eu ainda não consigo falar para poder dizer a ela *Eu também*.

Preciso de alguns minutos para mim depois das novidades. Embora eu aprecie Phoebe e Knox ficarem comigo, fico aliviada quando eles saem para que eu me recomponha. Quero falar com os meus pais, mas o sinal do almoço está prestes a tocar, então mando mensagens apressadas prometendo ligar mais tarde. Eu já sei quais reações eles devem ter: tão felizes por eu não estar morrendo que nem ficarão mais zangados por eu ter escondido tudo deles por semanas.

O que, estou começando a perceber, vai ser algo que preciso colocar na minha cabeça se vou realmente deixar para trás o posto de garota doente. Pela maior parte da vida, eu tive passe livre para errar. Dificilmente alguém exige o meu esforço ou fica chateado comigo por muito tempo. Até mesmo Knox voltou quando a leucemia mostrou sua cara feia de novo.

Não é uma muleta que pedi, mas tenho me apoiado nela de qualquer forma.

Mando uma última mensagem para um número que salvei em vez de deletar, como ele sugeriu:

Oi, Luis. É a Maeve. Queria agradecer pelo vídeo. Ajudou muito. E também me desculpe pelo que disse no jogo do Cooper. Não tive a intenção. Não que seja uma desculpa, mas eu estava tendo um dia ruim e descontei em você.

Sinto muito, de verdade.

Eu gostaria de conversar mais em algum momento, se você quiser também.

Então jogo o celular na bolsa. Não é o bastante, mas já é um começo.

CAPÍTULO 22

Phoebe

Quinta-feira, 26 de março

A pichação feita na divisória do suporte de papel higiênico, no banheiro feminino do primeiro andar, é bem recente. Um rabisco trêmulo com tinta azul diz *Phoebe Lawton é uma grande...* Só que não consigo ler o restante, porque alguém rabiscou por cima com uma canetinha preta. Obrigada, benfeitora desconhecida, que provavelmente é Maeve. Na verdade, não. Ela teria rabiscado a frase inteira para que eu não visse o meu nome.

As minhas mãos nem tremem enquanto as lavo. A essa altura, pichação personalizada no banheiro é igual a nada. Nos últimos dias, eu recebi mais duas mensagens de Derek no Instagram, que apaguei antes que a minha irmã visse, e me dei mal num teste de ciências porque não consigo me concentrar nesse inferno. Além de tudo, Maeve fica me mandando prints daquele fórum com o qual ela está obcecada de novo, em que alguém chamado Darkestmind constantemente grita: *ONDE ESTÁ VOCÊ BAYVIEW2020?* Como se fosse algum tipo de fórum de anúncios para esquisitões solitários.

E eu? Eu estou apenas aliviada porque as aulas de hoje acabaram e posso esquecer o Colégio Bayview por algumas horas.

Estou puxando uma folha de papel do suporte quando a porta se abre e Jules aparece.

— Ah, oi — digo, aflita. Eu não falo com Jules desde que vi o vídeo do celular de Sean. Eu mal a vejo na escola ultimamente, a não ser os momentos em que me esquivei das suas sessões de amasso com Sean no corredor.

— Oiiiiii — diz Jules, dando uma olhada na pichação. Ela não parece surpresa. Eu adoraria achar que tinha sido ela quem riscou a última palavra, porque ao menos significaria que ainda se importa um pouquinho comigo. Mas é mais provável que ela tenha escrito aquilo, considerando o tanto que está envolvida com Sean agora. Ela até

mentiria por ele — algo que eu nunca imaginei ser possível, se não tivesse visto aquele vídeo com os meus próprios olhos.

Jogo o papel molhado no lixo.

— Sean vai bem?

Ela faz um beicinho ao pegar um tubo de gloss e abrir.

— Não finja que se importa.

Vê-la preencher os lábios perfeitos me faz ficar perfeitamente ciente do quão ressecados estão os meus. Pego um protetor labial da bolsa, fazendo uma careta quando vejo que tem sabor de coco. O que eu menos gosto. Passo na boca mesmo assim.

— Ele deve sentir falta de Brandon, imagino.

Os olhos de Jules ficam inexpressivos quando encontram os meus no espelho.

— O que isso quer dizer?

Dou de ombros.

— Nada. Sinto por ele, só isso. — Soa falso até mesmo para mim. Sean não tem agido como alguém que perdeu o melhor amigo. Muito pelo contrário, tem desfilado pelo Colégio Bayview mais do que nunca.

Vocês acham que alguém queria que Brandon se machucasse?

Knox levantou a possibilidade, e eu desconsidereei como se fosse ridículo demais só de pensar nisso. Ainda assim, Sean estava ao lado de Brandon quando ele morreu, incitando-o a pular. Sean pareceu chocado e aterrorizado no vídeo, mas vamos ser honestos: ele já provou que pode interpretar um papel quando precisa.

Observo meu reflexo no espelho e puxo meu rabo de cavalo para que fique mais firme.

— Em pensar que poderia ter sido qualquer um de vocês, hein? — pergunto.

— O quê? — Jules parece confusa.

— Qualquer um de vocês poderia ter caído daquela plataforma. Já que todos estavam prestes a pegar o mesmo atalho.

Jules fica sem expressão por tempo demais. Ela não é uma mentirosa tão boa se você souber onde cutucar.

— Ah, é — diz por fim.

— Brandon caiu primeiro por acaso — adiciono. Eu não sei por que continuo falando, ou o que espero conseguir desta conversa. Jules não vai confessar para mim. Ela escolheu seu lado faz um tempo. Mas ainda há uma parte em mim que espera ver uma rachadura em sua carapaça, algum sinal de que podemos conversar como antes.

Ei, Jules, sabia que mentir para a polícia pode arrumar uns problemas para a sua vida?

Você não acha que os pais de Brandon merecem saber a verdade?

Já passou pela sua cabeça que o seu novo namorado pode ser um

sociopata?

— Eu não penso muito nisso. — Jules pressiona um lábio no outro e joga o gloss na bolsa, então põe o cabelo sobre um dos ombros e se vira em direção à porta. — Preciso ir. Sean e eu temos planos para depois da aula.

— Eu também — respondo. As sobranceiras dela se levantam. — Quero dizer, eu também tenho planos para depois da aula.

Mais ou menos. Vou trabalhar. Mas levarei amigos, então conta. Jules me olha com julgamento. Ela sabe que as minhas interações sociais estão bem limitadas agora.

— Você e Knox? — Ela tenta adivinhar. O desdém em sua voz é tão evidente que sei exatamente o que ela está tentando dizer.

Resisto ao impulso de responder *Não é um encontro*.

— E Maeve.

Jules sorri com malícia e segue para a porta, escancarando-a.

— Bom, parece um *ménage à trois* divertido.

Vou sapateando atrás dela na tentativa de organizar uma resposta, mas, assim que pisa no corredor, Jules é envolvida pelo abraço de polvo de Sean Murdock.

— Amor — ronrona, sugando a cara dela. Eu passo por eles com o maxilar travado, desejando de repente ter tentado desenrolar o lance dela com Nate quando tive a chance.

O Café Contigo está calmo para uma quinta-feira, e às quatro da tarde a maior parte dos que estão no restaurante são funcionários. Fazendo uma rara aparição na caixa registradora, a Sra. Santos gesticula para mim quando o meu único cliente se levanta para sair. Ahmed, o outro garçom do turno, está inclinado contra o balcão atrás dela, os olhos na mesa cheia de mãos descoladas que estão sentadas à sua mesa com carrinhos caros de bebê. Todas usam roupas fofas de ioga, os cabelos presos em rabos de cavalo cuidadosamente desarrumados. Os bebês estavam quietos desde que chegaram, mas um deles começou a se agitar.

— Shhh, shhh — faz a mãe da criança num tom musical, balançando o carrinho para a frente e para trás. — Está tudo bem, volte a dormir. — Ahmed não parece achar que vai funcionar, e eu não o culpo. Tenho cinco primos com menos de três anos e sei bem que quando um deles começa a chorar os demais vão se juntar a ele em solidariedade.

— Por que você não se adianta e bate o ponto, Phoebe? — sugere a Sra. Santos. Ela é alta e magra, com expressivos olhos escuros e maçãs do rosto elegantes. Luis herdou dela a beleza. — Addy chega em cinco

minutos e Ahmed pode cuidar do salão até lá.

— Tudo bem — aceito, começando a soltar meu avental.

Ahmed, ainda perambulando ao redor da Sra. Santos e com os olhos na mesa das mãos iogues, pergunta:

— Você deu o negócio para Phoebe, Sra. S? — Nós duas piscamos para ele, que completa: — O bilhete?

A Sra. Santos solta um *tsc* e balança a cabeça.

— Eu me esqueci completamente! Me desculpe, Phoebe. Ahmed disse que alguém deixou isso aqui mais cedo. — Ela fuça embaixo do balcão e me entrega um envelope lacrado com o meu nome escrito na frente. — Um jovem. O que ele disse mesmo, Ahmed?

— Que você estava esperando — responde ele. A mãe iogue mais louira acena para chamar a atenção dele, e Ahmed atravessa o salão na direção da sua mesa.

— Esperando o quê? — pergunto, mas ele não me ouve. Eu tiro o avental e guardo atrás do balcão, seguindo para a mesa em que Knox, Maeve e Luis estão sentados. Em teoria, Luis está trabalhando, mas passou a última hora ali, sentado e conversando. Eu poderia jurar que a cadeira dele estava mais e mais perto da de Maeve cada vez que olhava em sua direção. Ela tem estado particularmente bonita desde que recebeu o resultado dos exames; hoje está com uma camiseta justa com uma costura dourada que destaca seus olhos cor de mel. O inesperado atestado de boa saúde a deixou praticamente brilhando. Ou talvez seja efeito de outra coisa.

Rasgo o envelope para abri-lo enquanto ando, curiosa, e puxo de lá uma única folha de papel.

— O seu turno acabou? — pergunta Maeve, mas eu praticamente não ouço o que ela diz. O meu coração vai na boca quando leio o que está escrito:

Qual é a do desaparecimento?

Precisamos conversar.

Me encontre no coreto do parque Callahan hoje às 17h30.

NÃO IGNORE como você tem feito com todo o resto.

Que diabos.

— Ahmed! — chamo. Ele está andando apressado para a cozinha, mas para quando nota a urgência na minha voz.

— O quê?

Eu balanço o papel.

— Quem deixou isso?

— Eu falei. Um cara.

— Mas *quem* era?

— Ele não disse o nome. Só... um cara. Ele já veio aqui antes.

— O que está acontecendo? — Maeve pergunta. Eu lhe entrego o bilhete. Seus olhos inspecionam o papel e ela inspira profundamente.

— Opa. Quem mandou isso?

— Eu não sei — digo, impotente. A única pessoa que venho ignorando é Derek, e jamais imaginei que esse nível de assédio fizesse o estilo dele. Porém, além dos dez minutos que passei com ele na lavanderia de Jules no Natal, os mais infelizes da minha vida, não conheço o cara de verdade.

Aceno freneticamente para Ahmed, que está tentando fugir para a cozinha novamente.

— Ahmed, espera! Você pode vir aqui um minutinho?

Maeve lê o bilhete em voz alta para Luis e Knox enquanto Ahmed se aproxima. De repente, estamos todos falando ao mesmo tempo, um cortando o outro. Finalmente, Maeve levanta o tom de voz:

— Calma aí. Você disse que o sujeito que deixou isso já esteve aqui antes? — Ela inclina a cabeça de um jeito questionador para Ahmed, que assente. — Como ele era?

— Eu não sei. Homem branco padrão. — Ahmed dá de ombros. — Um pouco mais velho que vocês, talvez. Cabelo castanho. Branco. Meio alto.

É Derek, Derek também, e Derek. O que me deixa um pouco menos apreensiva. Pelo menos é alguém conhecido, de certa forma.

Os olhos de Knox ficam arregalados.

— Parece ser... O cara tinha um olhar intenso? — pergunta ele.

Ahmed franze a testa.

— Eu não sei o que isso quer dizer.

— Sabe sim... focado. Sério — tenta Knox. — Como se estivesse obstinado.

Um dos bebês da mesa das mães começa a chorar alto, e Ahmed puxa o colarinho da sua camisa.

— Olha, eu tenho que dar andamento aos pedidos delas, tá? Já volto.

Ele sai apressado e eu me viro para Knox, confusa.

— Por que você está perguntando isso?

— Porque a descrição que Ahmed deu me lembrou de alguém que já vi aqui antes. — Knox se vira para Maeve e dá um tapinha em seu braço. — Você se lembra do cara que veio aqui um tempo atrás? O que foi um babaca com o Sr. Santos e ficava perguntando por Phoebe? O que Luis e Manny puseram para correr?

— Desculpa, como é? — solto. — Quando isso aconteceu?

— Eu me lembro — diz Luis. — Foi há algumas semanas, não foi? — Ele se reclina na cadeira, os braços cruzados, e, quando Maeve dá uma conferida nele, as suas bochechas ficam vermelhas. Parece que

ela se perdeu totalmente na conversa. Fico tentada a estalar os dedos na cara dela para que se lembre de que agora deveria estar se preocupando *comigo* em vez de encarar os bíceps realmente bonitos de Luis. Prioridades.

— É. No dia eu deixei para lá — diz Knox, parecendo se desculpar. — Achei que fosse só algum babaca, mas ele voltou à noite faz uns dias. Aqui, digo. Pediu café, se sentou e saiu sem nem tocar na bebida. Eu fiquei pensando se seria Derek tentando encontrar você, já que está ignorando as mensagens dele.

Eu olho para ele, as mãos no quadril.

— Por que você só está me dizendo isso agora?

— Eu não tenho raciocinado direito — diz Knox, se defendendo. — Estou com uma concussão.

— Você *teve* uma concussão. Três semanas atrás.

— Os efeitos podem perdurar por anos — informa ele. Knox batuca com os dedos na mesa. — Além do mais, eu não tinha certeza de que significava alguma coisa. Mas você acha que pode ser ele? Derek é alto, branco e tem cabelo castanho?

— Sim, ele é isso tudo — digo. — Particularmente, eu não o descreveria com um olhar intenso, mas cada um é cada um, acho.

Maeve devolve o bilhete para mim e eu o guardo no bolso, a cabeça girando. Derek faria isso mesmo? Aparecer no meu trabalho para deixar um recado ameaçador porque estou ignorando suas mensagens no Instagram? Ele nunca agiu de maneira possessiva ou agressiva com Emma. Até onde sei, pelo menos.

— Quem é Derek? — Luis quer saber.

E eu só consigo pensar *Obrigada, Deus, por ele não saber da fofoca*. Isso me dá esperança de que existe vida depois do Colégio Bayview, e de que essa vida não inclui uma análise ininterrupta e detalhada dos piores erros de cada um.

— É uma longa história — digo —, mas é alguém de quem tenho me esquivado ultimamente.

— Você tem uma foto dele? — Luis pergunta. — Nós todos o vimos. Podemos dizer se era ele ou não.

— Boa ideia. Por que não pensei nisso? — Maeve questiona. Luis sorri e ela se demora olhando para ele de novo, o que, na minha opinião, responde a sua pergunta.

— Não — falo. — Quero dizer, posso olhar agora, mas ele nunca posta fotos dele mesmo... — Pego meu telefone, abro o Instagram e vou direto no perfil de Derek para ver se foi atualizado recentemente. O feed inteiro segue sendo apenas com animais, comida e fotos artísticas de galhos de árvores. Eu mostro a Knox, que faz uma careta.

— Nenhuma selfie? Que cara esquisito, hein? — Então ele olha para o relógio na parede, que finalmente foi consertado pelo Sr.

Santos. — O parque Callahan fica em Eastland, não é? Conseguimos chegar lá até 17h30 se sairmos agora.

— Eu não vou atrás dele! — protesto, mas Knox levanta uma das mãos num gesto apaziguador.

— Não quis dizer que você deveria ir. Mas talvez nós possamos, tipo, espionar. Ver se é o Derek. E então você pode denunciá-lo por assédio ou algo assim. — Ele puxa a carteira e pega algumas notas, colocando-as sobre a nota de vinte que já está na mesa. — Poderíamos ir até a minha casa para pegar o binóculo primeiro, assim não teríamos que nos aproximar.

— Binóculo? — Quase me distraio. — Por que você tem isso?

Knox parece ficar meio confuso.

— Todo mundo tem um binóculo, não?

— Não — eu e Maeve respondemos ao mesmo tempo.

Luis franze a testa.

— Acha que é uma boa ideia? Esse cara está praticamente perseguindo você, Phoebe. Talvez você deva avisar a polícia, deixar que eles lidem com isso.

— Mas eu não tenho certeza de que foi Derek quem escreveu o bilhete — digo. — As mensagens dele no Instagram foram bem mais educadas. — Eu me viro para Maeve. — Você pode nos levar de carro?

Ela ajeita o cabelo escuro sobre um dos ombros e concorda com a cabeça.

— Sim, óbvio.

— Eu vou com vocês — diz Luis imediatamente. — Está calmo aqui, posso sair.

— Certo — concordo, tentando não soar tão aliviada quanto me sinto. Eu amo Knox e Maeve, mas eles não são exatamente minhas primeiras escolhas de reforço se algo der errado. Seja quem for esse cara, Luis já o colocou para fora uma vez, e tenho certeza de que pode fazer isso de novo. — É um plano, então. Vamos stalkear ele um pouco agora.

CAPÍTULO 23

Maeve

Quinta-feira, 26 de março

— É inútil — resmunga Phoebe. — Eu não consigo ver nada.

Chegamos ao parque Callahan com meia hora de atraso graças ao trânsito do horário do rush, mas notamos uma figura solitária sentada nos degraus do coreto assim que paramos em uma vaga em frente à cerca. A pessoa está bem na nossa mira, mas longe demais para vermos nitidamente, mesmo com o binóculo de Knox ampliando a imagem ao máximo. Phoebe o segura faz uns cinco minutos, mas ainda não consegue dizer quem é.

Eu me viro para olhar para ela no banco traseiro.

— Você quer ir embora?

Ela balança a cabeça veementemente.

— De jeito nenhum. Viemos até aqui e ele está bem ali. Eu só preciso me aproximar mais. — Ela olha pela janela. — Hum, olha o trepa-trepa do parquinho. Tem uma casinha no alto, dali seria perfeito. Se eu fosse até lá, poderia enxergar muito melhor.

Luis franze a testa.

— Combinamos que você ficaria no carro.

— Mas olhem para o caminho até o parquinho. Tem uns arbustos altos. Ele nunca vai me notar chegando — Phoebe insiste. — E aquela área é arrumadinha e cheia. Posso passar despercebida. — Ela cutuca o braço de Knox. — Me empresta o seu moleton?

— Hum, tudo bem. — Ele tira o casaco com uma expressão confusa e entrega a ela. Phoebe põe o casaco cinza de capuz sobre a sua camiseta cor-de-rosa e puxa o zíper.

— Que cheiro bom — comenta. — Foi recém-lavado?

— Não. — Knox parece culpado. — Não o lavo tem um tempo, na verdade. Desculpa.

— Ah. — Phoebe dá de ombros. — Bom, então o seu cheiro que é gostoso. — Ela levanta o capuz e põe sobre a cabeça para esconder os

cachos brilhantes. — Pronto. Anônima. E sou baixinha, então passo por uma criança.

Luis ainda está com o cenho franzido.

— Vou com você — diz, mas Phoebe balança a cabeça.

— Ele já o viu antes, e você chama atenção demais. Vou com o Knox.

— Óbvio, por que não? — Knox murmura. — Eu sou completamente esquecível, afinal de contas.

Mordo o lábio e olho na direção do coreto. O garoto está andando agora, circulando a pequena estrutura.

— Não sei, Phoebe. Seja quem for esse cara, ele está começando a me apavorar. Talvez a gente deva simplesmente ir embora.

— Não sem dar uma olhada nele — diz ela, obstinada. — Eu preciso saber se é o Derek. — Ela abre a porta do carro e puxa Knox pela manga da blusa. — Você vem ou o quê?

— Óbvio que vou. — Knox suspira e se vira para mim. — Mande uma mensagem se ele sair dali, tá bem?

— Ele não vai sair. Não vai ver a gente chegando — responde Phoebe com confiança. Acho que ela provavelmente tem razão, mas ainda sinto um aperto no estômago quando ela e Knox saem do carro. Eu os perco de vista no caminho arborizado quase que imediatamente, depois os vejo de relance atravessando o parquinho.

— Isso é muito errado — murmura Luis do banco do passageiro ao meu lado. — Foi assim quando você e Bronwyn seguiram os rastros deixados por Simon no ano passado?

— Não exatamente — digo. — Eu só cuidei do que era on-line. Bronwyn vigiou um sujeito uma vez, mas ele era inofensivo. No fim das contas, ele acabou nos ajudando de verdade. — Dou um pulo quando meu celular vibra com uma mensagem, e baixo a cabeça para ler. É de Knox. *Estamos aqui.* — Eles conseguiram — informo, e digito em resposta: *É o Derek?*

Ela ainda não viu. Uma das lentes do binóculo caiu, estamos arrumando.

— Eles estão tendo problemas técnicos com o binóculo — digo a Luis.

Ele abre um sorriso.

— Falha no equipamento. Sempre acontece nos piores momentos possíveis.

Concordo com a cabeça e penso em fazer uma piada, mas então fico completamente ciente de que estou sozinha com Luis pela primeira vez desde que gritei com ele no jogo de Cooper. Nós trocamos mensagens desde então, e ele aceitou minhas desculpas. Mas eu não disse nenhuma das coisas que realmente queria dizer. Como sempre.

— Então — começo assim que ele também diz:

— Aqui. — E então nós dois paramos de falar.

— Você primeiro — dizemos juntos. Luis ri um pouquinho, e eu dou um sorriso sem graça. Então reúno a minha coragem e digo:

— Não, quer saber? Eu falo primeiro. Se for tudo bem por você. — Porque se ele disser alguma coisa que eu não quero ouvir, vou acabar não contando a *minha* coisa. E embora o meu coração esteja praticamente pulando para fora do peito só de pensar em ser totalmente honesta com ele, eu ainda quero que ele saiba.

Os olhos de Luis grudam nos meus, sua expressão é indecifrável.

— Tudo bem.

Respiro fundo.

— Eu gostaria de falar sobre o que eu fiz no jogo de Cooper... — Minha voz falha e eu engulo em seco, tentando aliviar minha garganta para conseguir falar o restante. Mas já comecei mal, porque Luis balança a cabeça.

— Eu já disse, esquece isso. — Ele alisa o meu braço com a mão, seus dedos traçando com delicadeza a marca fraca de um hematoma.

— Eu entendo. Você não estava legal.

— Não é isso. Quero dizer, sim, eu não estava. Mas não foi a única razão para eu ter sido tão grossa. — A mão de Luis congela o movimento, mas fica onde está. O calor da pele dele irradiando na minha está fazendo com que seja difícil pensar, mas não quero voltar atrás. Faltam só mais algumas frases. — Eu estava, hum, com ciúmes. — Eu não consigo encará-lo agora, então fico olhando para o painel do carro na minha frente. — Eu vi você com a Monica e fiquei com ciúmes porque parecia que vocês estavam juntos e eu... eu queria que fosse eu. Porque eu gosto de você, Luis. E já faz um tempo.

Pronto. Falei.

Inspiro rapidamente, ainda sem olhar para ele, e adiciono apressada:

— Não tem nenhum problema se você não se sentir como eu me sinto, porque ainda podemos ser amigos e eu não vou ficar chateada...

— Opa, calma aí — Luis me interrompe. — Posso responder antes de você responder por mim?

— Ah. — Meu rosto pega fogo e eu encaro o painel com tanta intensidade que fico impressionada quando os ponteiros do odômetro não se mexem. — Sim. Com certeza. Me desculpe.

A mão de Luis escorrega pelo meu braço até que seus dedos se entrelaçam aos meus e ele aperta a minha palma de leve.

— Olhe para mim, tá? — pede ele, baixo. Viro a cabeça e percebo que a expressão em seu rosto é tão suave e aberta que sinto uma pontinha de esperança. — Eu também gosto de você, Maeve — diz ele, os olhos escuros firmes nos meus. — E já faz um tempo.

Meu coração despenca e depois explode.

— Ah! — exclamo. Esqueci todas as outras palavras.

Seus lábios rapidamente se curvam.

— Devemos então fazer alguma coisa em relação a isso? Ou você vai preferir continuar me torturando a distância?

O sorriso que abro é grande o bastante para ocupar todo o meu rosto.

— Devemos — consigo dizer. — Fazer alguma coisa.

— Que bom — responde Luis. Ele toca meu rosto e se aproxima. Os meus olhos se fecham e uma quentura sobe pelas minhas veias enquanto espero que os seus lábios encontrem os meus e... meu colo solta um bipe alto. Nós dois nos assustamos e recuamos.

— Droga — murmuro, frustrada, pegando o telefone. — Esqueci que estamos em vigilância.

Luis ri.

— Não existe um momento de tédio ao seu lado. O que houve?

Eu leio a mensagem de Knox, pisco algumas vezes, e leio de novo.

— Phoebe disse que não é o Derek.

— Sério? — Luis parece tão surpreso quanto eu. — Então quem é?

— Ela não sabe. Ela disse que nunca o viu antes.

Luiz faz uma careta.

— Isso é estranho.

Meu telefone apita com outra mensagem de Knox. *Ele está indo embora.*

— Ah! — Pegó o braço de Luis. A figura que estávamos observando no coreto de repente está bem mais próxima. — É ele.

O Sujeito Intenso está atravessando a grama e indo para perto do parquinho, mas nem olha para a estrutura no trepa-trepa, onde Phoebe está. Ele passa por um grupo de crianças e se dirige para a saída do parque. Daqui não há dúvidas de que é a mesma pessoa que confrontou o Sr. Santos há algumas semanas. Ele pode pegar dois caminhos para sair do parque, e escolhe o que vai dar quase que diretamente no meu carro.

— Merda. Ele está vindo nessa direção — digo, olhando para baixo para proteger meu rosto. O cara mal piscou para mim no Café Contigo, mas é melhor não arriscar. — Abaixa, Luis. — Em vez disso, Luis faz exatamente o que não deveria fazer, que é se inclinar para a frente para ver melhor. — Pare! — chio. — Não deixe que ele o veja. Ele vai reconhecer você!

— E daí? — diz Luis. Juro por Deus, ele deve ser o cara mais gostoso que já vi, mas é inútil numa situação de vigilância. Tento puxá-lo para trás, mas ele ainda está esticando o pescoço e o Sujeito Intenso está *logo ali*, prestes a atravessar na frente do carro, então eu não tenho escolha a não ser segurar o rosto de Luis e beijá-lo.

Quero dizer, provavelmente tenho outras opções, mas essa é a melhor.

Estou inclinada de um jeito estranho, presa pelo cinto de segurança, até que Luis passa a mão sobre mim e o solta. Eu interrompo o beijo para sair de trás do volante. Ele me puxa para mais perto, me levantando para o seu colo, e volto com as mãos para o seu rosto. Seus braços estão quentes e firmes ao meu redor, me segurando no lugar enquanto nos entreolhamos por um instante.

— Linda — diz ele, e eu derreto. Então seus lábios caem sobre os meus e está acontecendo de novo: o calor, a tontura e a necessidade desesperada de estar o mais perto possível dele. Seus dedos deslizam pelas minhas bochechas, os meus estão enrolados no cabelo dele, e o beijo continua até eu me esquecer completamente de onde estamos e o que deveríamos estar fazendo.

Até a batida alta na janela do carro.

Ai, Deus. A realidade volta em um lampejo enquanto levanto o olhar, esperando ver o Sujeito Intenso olhando furioso para nós. Em vez disso, Phoebe inclina a cabeça e acena, sorrindo animadamente. Knox está a alguns metros dela, a cabeça baixa enquanto guarda o binóculo no estojo. Ela se vira e fica de costas para nós e para a janela.

Eu não lembro em que momento isso aconteceu, mas parece que eu ou Luis reclinamos o banco e estamos praticamente deitados.

— Hum. Então. — Eu alcanço além do colo de Luis à procura do botão e não consigo segurar o riso quando o banco começa a subir devagar enquanto seguimos embolados um no outro. — Este é o botão de reclinar — digo, ajeitando o cabelo.

— Bom saber — responde Luis, beijando o meu pescoço, a palma da mão quente sobre a minha cintura. — Obrigado pela demonstração.

— Sem problemas. Eu mostro para todo mundo. É importante entender como o veículo funciona. — Relutante, eu escorrego do colo de Luis até ficar atrás do volante novamente. Então aperto a sua mão, ficando toda boba por aparentemente poder fazer isso agora. — Continuamos depois?

Ele sorri e aperta a minha mão também.

— Definitivamente.

— Bom! — Phoebe abre a porta traseira e engatinha pelo banco. O capuz do casaco de Knox ainda está sobre a cabeça dela, o laço bem amarrado na frente do seu rosto. Knox entra depois e fecha a porta. Ele parece preocupado com o binóculo. Tenho certeza de que Phoebe agiu rápido o bastante e Knox não viu Luis comigo. — É oficial: eu nunca vi esse cara na vida. Não faço a mínima ideia de quem ele seja.

— E agora? — pergunto. — Nós devemos...

— Merda, ele está vindo! — Knox puxa Phoebe, pressionando-a contra o ombro dele, o que a faz soltar um gritinho abafado. Abaixo

no meu lugar automaticamente, mas Luis, é óbvio, fica onde está. Ele é realmente péssimo nisso. — Desculpa — diz Knox com a voz mais calma ao soltar Phoebe. — Mas ele passou dirigindo por nós. Não se preocupe, ele não olhou para cá.

Phoebe se inclina para a frente e espia entre os bancos dianteiros.

— O carro azul? — pergunta. Quando Knox resmunga confirmando, ela bate no meu ombro. — Siga o carro dele. Vamos ver o que esse esquisito faz quando não está assediando meninas que ele nem conhece.

CAPÍTULO 24

Knox

Quinta-feira, 26 de março

Cerca de duas horas depois de sairmos do parque, temos o número da placa do carro, um endereço e um nome. Mais ou menos.

— O carro está registrado no nome de David Jackson — informa Maeve, os olhos na tela do computador. — Então talvez David Jackson seja o Sujeito Intenso? — Estamos sentados na mesa da minha cozinha, depois de deixarmos Luis e Phoebe em casa. Meus pais saíram para jantar com os vizinhos, então estamos comendo macarrão na manteiga e palitinhos de cenoura, porque é até onde vai o meu repertório culinário. Eu não sou Luis. Em mais de um aspecto.

É, eu vi. Estou tentando ficar feliz por eles. Não é como se eu estivesse com ciúmes. É só que... por uma vez na vida eu gostaria que alguém reagisse daquela maneira comigo. Talvez só aconteça com caras tipo Luis.

— Ótimo — digo, desbloqueando meu celular para abrir o Instagram. — É um nome muito incomum. Se eu der busca, encontro... resultados demais para contar.

Maeve enrugou a testa.

— Estou dando um Google no nome dele e na cidade, e... hum. Nada interessante. — Nós seguimos o carro azul até um sitiozinho em uma área detonada em Rolando Village que a base de dados imobiliários da cidade indica pertencer a um casal, Paul e Lisa Curtin. Maeve acha que deve ser alugado. — Tem um dentista na cidade que se chama David Jackson. Ele tem péssimas avaliações na internet.

— Bom, o nosso Sujeito Intenso não parece ser muito simpático — digo. — E ele também não tem idade para já ter terminado a faculdade de odontologia.

Maeve morde um palitinho de cenoura e Fritz, que está sentado entre nós dois, estica a cabeça na direção dela com um olhar esperançoso.

— Você não gostaria de cenoura — ela lhe garante, acariciando o monte de pelo cinzento entre as orelhas dele. Fritz não parece convencido. Eu me inclino sobre ele para ver melhor a tela de Maeve, e ela gira o notebook na minha direção. — Esse David Jackson tem uns 50 anos — diz. — Esse outro acabou de se aposentar por uma companhia de gás... — Maeve clica na segunda página de resultados, depois suspira e se reclina na cadeira. — Eles são todos velhos.

— Talvez David Jackson seja o pai do Sujeito Intenso — sugiro. — O pai é o dono do carro e o filho dirige?

— Pode ser. Mas isso não nos ajuda muito. — Maeve morde o lábio inferior, pensativa. — Eu gostaria que Phoebe conversasse com a mãe dela sobre o que está acontecendo.

No caminho de volta de Rolando Village, todos nós tentamos convencer Phoebe a contar para a Sra. Lawton a respeito do Sujeito Intenso e do bilhete. Mas ela não concordou.

— Minha mãe já tem problemas demais — insistiu. — E, obviamente, é um caso de identidade trocada. Ele está procurando outra Phoebe.

Eu consigo entender ela querer pensar assim. E espero que seja verdade. Embora eu sinta pena da Outra Phoebe, se for isso mesmo.

Um alerta pisca na tela do computador de Maeve. *O site que você está monitorando teve uma atualização.* Deus, ela tem sincronização do PingMe para *tudo*. Engulo um resmungo enquanto Maeve abre uma nova guia para o fórum A Vingança É Minha. Eu prefiro continuar procurando o David Jackson nas redes sociais pela próxima hora a vagar por essa bizarrice de novo.

Então uma sequência de mensagens surge:

Vai se foder, Phoebe, por não ter aparecido.

É, usei seu nome verdadeiro.

NÓS TÍNHAMOS UM TRATO — Darkestmind

Fico de queixo caído e Maeve se vira para mim, os olhos arregalados.

— Ai, meu Deus — diz. Fritz choraminga baixinho com a tensão na voz dela. — Não pode ser uma coincidência. Você entende o que isso quer dizer?

Finalmente eu entendo, sim. Fiz pouco caso de Maeve por ter espionado o fórum porque eu não acreditava que havia alguma conexão entre as digressões delirantes de lá e o que estava acontecendo em Bayview. Agora essas mensagens me dão um tapa na cara, porque eu estava totalmente errado. Aponto para o nome de usuário à nossa frente.

— Isso quer dizer que Darkestmind e o Sujeito Intenso são a mesma pessoa?

— Não apenas isso — diz Maeve, com urgência. Fritz deixa a cabeça cair no joelho dela, que afaga uma das orelhas molengas do bicho sem desgrudar os olhos do computador. — Durante todo o tempo eu achei que esse Darkestmind era a pessoa por trás do Verdade ou Consequência. Lembra? Ele vivia falando sobre o colégio e um jogo, até escreveu *tic-toc*, assim como o Número Desconhecido. E se eu estiver certa sobre isso... o Sujeito Intenso também é o Número Desconhecido. Os três fios que estamos seguindo levam todos a uma mesma pessoa.

— Merda. — Estou encarando a mensagem do Darkestmind há tanto tempo que as palavras estão começando a sair de foco. — Você está dizendo que nós seguimos quem manda as mensagens do Verdade ou Consequência?

— Eu acho que sim — responde Maeve. — E ele definitivamente não frequenta o Colégio Bayview. Eu sabia que não era o Matthias — completa, quase que para si mesma. — Dá para notar que aquele pouquinho de visibilidade que ele teve com o Simon Manda o deixou apavorado.

— Tudo bem, mas... — Pisco algumas vezes para clarear a visão. — Do que diabos esse cara está falando, então? Ele diz que ele e Phoebe tinham um acordo. Um acordo para quê? Destruir a vida dela na escola? Não faz sentido algum.

— Eu também não entendo essa parte — murmura Maeve. A expressão dela fica pensativa. — Você acha que ela pode não estar nos contando alguma coisa?

— Tipo o quê?

Maeve dá de ombros.

— Tipo, talvez Phoebe conheça o cara, mas foi um término ruim e ela não quer falar sobre isso. — Ela faz uma careta. — Bem ruim. Aquele sujeito parecia estar atrás de sangue.

Atrás de sangue. As palavras me acertam e eu me empertigo no assento.

— Espera — digo. — Pensei em uma coisa. Vamos imaginar que estamos certos e que o Sujeito Intenso é o Darkestmind, que é o Número Desconhecido. A propósito, vamos escolher um único apelido, porque isso está ficando confuso. Meu voto é para Sujeito Intenso. É o mais descritivo e, também, fui eu que inventei. Enfim. O Sujeito Intenso tem algum tipo de desentendimento com Brandon? — Gesticulo para a tela do computador de Maeve. — Quero dizer, é um fórum de vingança, não é? Nate acha que alguém pode ter mexido na plataforma do terreno em construção. O Sujeito Intenso levou Brandon até lá com a consequência. Com isso, talvez a teoria bizarra que descartei no outro dia possa estar, na verdade, certa, e ele feriu Brandon de propósito.

— Mas por quê? — Maeve pergunta. — Você acha que talvez ele estivesse com ciúmes? Porque Brandon estava saindo com Phoebe? — A mão dela congela na cabeça de Fritz. — O jogo começou com uma fofoca sobre Phoebe e Derek, não foi? Talvez esse cara não suporte pensar nela com qualquer outra pessoa.

— Talvez — digo, devagar. — Mas você não estava com Phoebe no parquinho. Ela parecia genuinamente intrigada com ele. E eu estava pensando em alternativas diferentes, do tipo... — O telefone de Maeve toca e eu paro. — É a Phoebe?

Maeve pega o celular. O semblante inteirinho dela muda, ficando luminoso e corado como se alguém tivesse injetado champanhe rosé nela.

— Não — responde, lutando contra um sorriso conforme larga Fritz para poder digitar com as duas mãos. — Eu só vou... responder aqui rapidinho.

— Mande um oi para o Luis — falo, olhando ao redor da cozinha. Fritz cutuca a coxa de Maeve com o nariz algumas vezes, depois suspira e se joga no chão quando não consegue chamar a atenção dela de volta.

Meus olhos param na bolsa do notebook da minha mãe, que está em cima de uma cadeira vazia, onde ela sempre deixa quando chega do trabalho. Ser uma corretora de seguros não é um trabalho de horário comercial, e mamãe geralmente pega o notebook pelo menos uma vez por noite para trabalhar em algum caso. Mas agora ela e o meu pai ficarão fora por mais uma hora, no mínimo.

Quando Maeve finalmente larga o telefone, eu digo:

— Talvez nós estejamos fazendo a pergunta pelo ângulo errado.

— Quê? — Ela ainda parece meio efervescente. — Que pergunta?

— Você perguntou por que o Sujeito Intenso, particularmente, odiaria Brandon — lembro a ela. — Mas talvez devêssemos perguntar: o que Brandon pode ter feito para fazer alguém odiá-lo tanto a ponto de querer eliminá-lo?

As sobrancelhas de Maeve ficam unidas.

— Não entendi.

— Estou apenas pensando numa conversa que ouvi entre os meus pais. A gente não estava se falando, então não mencionei antes, mas tenho pensando nisso desde então. Meus pais comentaram como seria irônico se o Sr. Weber processasse o terreno em construção, por conta de algum processo envolvendo Brandon que a empresa da minha mãe cuidou três anos atrás. E meu pai disse algo do tipo: “O caso não deveria ter sido resolvido assim. Tudo o que fez foi mostrar a Brandon que ações não têm consequências”.

— Então você vai perguntar para a sua mãe?

— Seria inútil. Ela não diria nada.

— E se você contasse a ela sobre tudo isso? — sugere Maeve, gesticulando para o computador. — Quero dizer, o seu pai já acha que o acidente de Brandon foi suspeito, né? Mas ele não sabe que fez parte de um jogo que deliberadamente levou Brandon até a área em construção. Nós somos os únicos, além de Sean, Jules e Monica, que sabemos disso, porque somos os únicos que vimos o vídeo do telefone de Sean.

Engulo em seco.

— Poderíamos contar, eu acho. Mas o problema é que... o meu pai me acha um idiota. — Maeve começa um murmúrio para discordar, mas eu dispenso. — É verdade. Ele acha. E se eu for atrás dele com isso, falando sobre jogos, postagens que desaparecem em fóruns anônimos e um sujeito aleatório que eu segui no parque, ele nunca me levaria a sério.

— Certo — diz Maeve, com cautela. Ela parece querer argumentar, mas se resume a: — Acho então que só nos resta esperar para ver se os seus pais conectam esses mesmos pontos. Eles são os especialistas, afinal.

— Eu não quero esperar — digo. — Quero saber o que Brandon fez três anos atrás que foi tão terrível a ponto de acabar em algum tipo de acordo secreto. — Eu me inclino e pego pela alça a bolsa com o notebook da minha mãe, puxando-a pelo espaço entre mim e Maeve. — Esse é o computador da minha mãe.

Maeve pisca, surpresa.

— Você está sugerindo que a gente... invada o computador?

— Não — respondo. — Isso é ridículo. Estou sugerindo que *você* invada o computador. Eu não sei fazer isso.

Abro a bolsa e tiro de lá um notebook preto e compacto que parece do início dos anos 2000 e o empurro na direção de Maeve. Ela pousa uma das mãos sobre o tampo e hesita, os olhos arregalados e questionadores.

— Você quer mesmo que eu faça isso?

Levanto a sobrancelha.

— Você consegue?

Maeve dispensa a pergunta com um *pffff* .

— Desafio aceito.

Ela abre o tampo e aperta o botão de ligar.

— Se a sua mãe estiver com uma versão antiga do Windows, há algumas alternativas para o login... Mas, antes de tentar isso: em que ano Kiersten nasceu? — Eu respondo e ela murmura. — Kiersten + o ano de nascimento é... Certo, não é. E Katie? — Repetimos o processo e a testa de Maeve fica franzida. — Uau, tenho mais seis tentativas antes do sistema travar. São muitas. Kelsey nasceu um ano depois de Katie?

— Sim, mas... — Eu paro quando ela abre um sorriso, virando o computador para mim enquanto a tela acende com uma foto antiga de uma família esquiando. — Você está brincando. Realmente funcionou?

— Pais são as piores ameaças quando se trata de segurança cibernética — diz Maeve, calma, virando a tela de volta para ela. — Certo, vamos procurar por Brandon Weber em todos os documentos. — Ela digita e em seguida se recosta na cadeira, semicerrando os olhos. — Nada. Talvez apenas Weber. — Ela aperta mais algumas teclas e então faz uma careta. — Argh. É muita coisa. Fomos amaldiçoados por nomes comuns hoje. Endereços eletrônicos, catálogo telefônico e mais um monte de outras coisas... — Ela segue deslizando a tela e murmurando sozinha enquanto eu coloco os nossos pratos vazios na máquina de lavar e sirvo mais Sprite nos copos em que estávamos bebendo. Dou um gole no meu enquanto ela trabalha.

— Acho que entendi o sistema de nomes da sua mãe — diz Maeve depois de alguns minutos. Todos os casos estão nomeados da mesma forma. Então se eu colocar as palavras-chave e cruzar com Weber... temos um número bem menor de arquivos. Foi há três anos, você disse?

— Sim. Quando a minha mãe começou na Jenson e Howard.

Os dedos de Maeve voam pelo teclado e ela abre um sorrisinho.

— Certo, agora temos apenas dois documentos. Vou tentar abrir um deles. — Ela dá dois cliques e balança a cabeça afirmativamente, como se o resultado fosse exatamente o que estava esperando. — Protegido por senha, mas...

Fritz de repente se senta, latindo loucamente, e sai correndo para a porta da entrada. Eu e Maeve congelamos, os olhos em pânico. Fritz só se movimenta assim quando um carro entra na garagem.

— Achei que você tivesse dito que os seus pais só voltavam mais tarde — reclama Maeve. Ela começa a desligar o computador enquanto eu tropeço em mim mesmo e sigo Fritz. Ele ainda está furioso, e eu seguro a sua coleira quando abro a porta e dou uma olhada lá fora. Os faróis brilhando nos meus olhos são bem menores do que eu esperava.

— Espera — digo para Maeve da porta. Fritz continua latindo, e o rabo bate contra a minha perna. — Não guarda o computador ainda. É Kiersten.

Maeve para.

— Ela não vai se incomodar com o que estamos fazendo?

— Com certeza vai. Mas posso distraí-la por alguns minutos. Mande os arquivos para você por e-mail, ok? Venha até a calçada quando tiver terminado.

Abro a porta apenas o suficiente para sair sem deixar que Fritz passe, então desço os degraus da entrada. Meu movimento aciona os

refletores da garagem, e os faróis de Kiersten são desligados. Ela abre a porta do carro e pisa na calçada.

— Ei! — chama, balançando as duas mãos num cumprimento. — Eu estava por perto por causa do trabalho e só quis...

Antes que ela tenha a chance de terminar, eu a abraço com tanta força que quase a derrubo.

— É tão bom ver você! — grito. Levanto minha irmã do chão o mais alto que consigo.

— Hum. Ok. Uau. — Kiersten dá tapinhas nas minhas costas. — É bom ver você também. — Eu a coloco de volta no chão sem soltar o abraço, e os tapinhas ficam mais fortes. — Você pode me soltar agora — diz. A voz dela está abafada na minha camisa. Continuo grudado nela, e Kiersten praticamente me dá um soco entre as omoplatas. — Sério. Mas obrigada pelas boas-vindas entusiasmadas.

— Eu que agradeço — digo, a abraçando mais forte. — Por nos agradecer com a sua presença.

— Pelo quê? O que vo... — Kiersten fica rígida e se afasta, esticando o pescoço para dar uma boa olhada na minha cara. — Knox, você está *bêbado*? — Ela me cheira ruidosamente, depois usa três dedos para puxar a pálpebra inferior do meu olho esquerdo. — Ou chapado? Você usou alguma coisa?

Por que diabos Maeve está demorando tanto lá dentro?

— Eu estou bem — digo, me soltando dela rapidamente. — Só estou feliz de ver você porque eu queria... — Paro por alguns instantes, caçando em meu cérebro algo que mantenha Kiersten interessada o bastante para fazê-la esquecer que estamos parados na calçada. Ela estreita os olhos e bate um pé, esperando.

Engulo com dificuldade e digo:

— Conselhos amorosos.

O rosto inteirinho de Kiersten se ilumina quando ela bate as mãos.

— *Finalmente*.

Maeve então sai pela porta, a bolsa do notebook pendurada em um dos ombros. Os olhos de Kiersten se arregalam e ela se vira para mim, com uma expressão esperançosa.

— Não é ela — murmuro, quando Maeve acena. — Seguimos sendo apenas amigos.

— Que pena. — Kiersten suspira e abre os braços para cumprimentar Maeve.

Quando ela passa por mim para abraçar a minha irmã, sussurra:

— Consegui.

Seja lá o que ela tenha achado, é melhor que seja bom, porque estou prestes a abrir mão de pelo menos uma hora da minha vida por isso.

CAPÍTULO 25

Phoebe

Quinta-feira, 26 de março

Quando chego em casa, minha mãe não está, foi para mais uma reunião de planejamento de cerimônias do Golden Rings. Ela me deixou um bilhete na bancada da cozinha: *Emma ainda não está se sentindo bem. Owen comeu e tem algumas sobras na geladeira. Você pode fazer o dever com ele?*

Abaixo o bilhete com um suspiro. Eu disse aos meus amigos que não contaria à mamãe nada do que aconteceu no Café Contigo nem no parque Callahan, e falei sério. Mas uma parte de mim, que não é tão pequena assim, está cansada de se sentir como se eu fosse a mãe da casa. Não é culpa dela, eu sei. Mamãe está fazendo tudo o que pode. Mas me dói quando penso em como eu costumava engatinhar até o colo dela quando mais nova para despejar todos os meus problemas. Me fazia tão *bem* por tudo para fora.

Mas eram problemas de criança. Brinquedos quebrados e joelhos ralados. Eu nem saberia por onde começar se quisesse explicar as últimas seis semanas da minha vida. Nem Emma. O que quer que esteja acontecendo com a minha irmã, uma coisa é óbvia: ela também não tem ninguém em quem ache que pode confiar.

Que merda que não podemos ser essa pessoa uma para a outra.

O apartamento está silencioso a não ser por um ruído baixo de videogame vindo do quarto de Owen e pelo zumbido da máquina de lavar louças. A única coisa nesse apartamento que é melhor do que na nossa casa antiga é que aqui a máquina de lavar louças funciona. Lá nós tínhamos que lavar a louça na pia antes de colocar na máquina de lavar, o que sempre levava meu pai a fazer uma piadinha:

— É o secador de louças mais caro do mundo — reclamava. De vez em quando, ele tentava consertá-la, mas toda a sua habilidade sumia quando se tratava da lava-louças. Da última vez em que tentou, acabou saindo água de um cano no armário do porão.

— A gente devia comprar uma lavadora nova — eu disse a ele enquanto ajudava a colocar baldinhos de praia no armário para pegar a água. Eu não pensava em quanto as coisas custavam naquela época. Uma lavadora nova não significava tanto para mim quanto um par de tênis novos.

— Nunca — respondeu meu pai, cheio de energia. — Eu e a lavadora estamos presos um ao outro numa competição. E um dia eu vou ganhar.

Agora eu percebo que não tínhamos dinheiro para uma nova lavadora. Depois que o papai morreu, de repente podíamos comprar *qualquer coisa* — a mamãe nos levou para a Disney de Los Angeles, embora já fôssemos meio velhas, mas Owen aproveitou. Ela andava conosco pelo parque de dia e chorava no travesseiro do quarto do hotel à noite. Ganhamos roupas novas e celulares, e minha mãe comprou um carro novo para que eu e Emma pudéssemos ficar com o dela. Tudo estava perfeito e brilhante, mas não queríamos nada daquilo, não de verdade, então não foi um problema quando acabou.

Dou um chute na base da nossa lava-louças silenciosa e eficiente. Eu a odeio.

Não estou com fome, então abro o armário abaixo da pia e executo meu ritual: verificar quanto de bebida mamãe ainda tem. Ontem havia uma única garrafa de tequila. Hoje ela não está mais aqui. É chocante que a minha mãe não tenha notado o que vem acontecendo com Emma, mas, de novo, Emma nos deixou muito bem treinados em acreditar que ela sempre faria o certo. Se não dividisse o quarto com ela, eu também não saberia. E não teria essa preocupação me corroendo o estômago a cada vez que entro no apartamento. Eu nunca sei o que vou encontrar, ou como fazer com que qualquer coisa melhore.

No entanto, agora precisa acabar, já que Emma secou todo o estoque de álcool da mamãe. Minha irmã introvertida e correta não vai conseguir comprar mais bebida sozinha. Com um suspiro, fecho a porta do armário e vou para o quarto ver como Emma está. Há chances de ter mais sujeira para que eu limpe de novo.

Quando abro a porta, a primeira coisa que noto é o som... baixo, gorgolejante.

— Emma? — chamo, escancarando a porta. — Tudo bem?

Ela está deitada na cama, tremendo. A princípio penso que está encatarrada, como se estivesse como uma gripe horrível, mas logo percebo: ela está *sufocando*. Seus olhos estão fechados, os lábios, azuis, e eu observo apavorada o corpo dela convulsionar.

— Emma! Emma, não!

Parece que as palavras estão sendo arrancadas de mim. Eu me lanço para a frente para segurá-la pelos ombros, quase derrubando a

garrafa de tequila no chão, e puxou seu corpo para o lado. O barulho gorgolejante ainda sai dela, mas agora está misturado a um chiado.

— Emma! — grito, batendo nas suas costas, pânico me consumindo. E então o corpo todo dela se contrai e um jato de vômito sai da sua boca, encharcando tanto a minha camisa quanto os lençóis.

— Phoebe? — Owen espia pela porta. — O que está acontecendo? — Ele fica de boca aberta quando vê Emma. — O que... o que tem de errado com ela?

Emma engasga uma vez e depois cai imóvel sobre a cama. Eu a escoro para que a sua cabeça fique de lado no travesseiro e o vômito desça pela boca aberta.

— Pegue o meu telefone. Está na bancada. Ligue para a emergência. Diga o nosso endereço e avise que temos uma pessoa com envenenamento por álcool. *Agora* — acrescento quando Owen não se mexe. Ele dispara do quarto enquanto pego o lençol de Emma pela borda e tento limpar a sua boca. O cheiro ácido do vômito finalmente me acerta, e meu estômago embrulha conforme sinto que a frente da minha blusa úmida começa a pingar.

— Como você pôde fazer isso? — sussurro.

O peito de Emma está subindo e descendo, mas lentamente. Seus lábios seguem azulados. Eu levanto a mão dela para sentir a pulsação sob a pele pegajosa do punho. Mal sinto qualquer movimento, principalmente quando a minha própria pulsação está tão acelerada.

— Owen! Não desligue! Traga o telefone! — grito.

Meu irmão volta para o quarto, o meu telefone agarrado ao ouvido.

— A moça diz que alguém está a caminho — choraminga ele. — Por que ela está envenenada? — completa, a voz trêmula conforme olha a figura flácida de Emma. O cabelo dela cai sobre o rosto, próximo demais da boca, e eu puxo para trás. — Quem a envenenou?

— Ninguém — digo entre dentes. Não literalmente, de todo modo. Eu não posso responder por quem ou o que tem envenenado a mente dela nessas últimas semanas, mas começo a achar que não é Derek. Se Emma conseguiu se manter inteira depois de descobrir que eu e ele “dormimos juntos”, certamente não estaria a ponto de se matar por conta de algumas mensagens no Instagram. Tem que ter alguma outra coisa acontecendo. Eu estendo a mão para o meu irmão. — Me dê o telefone.

Ele obedece e eu seguro o aparelho contra a orelha.

— Alô, me ajude, eu não sei o que fazer — peço, tremendo. — Eu a deitei de lado e ela vomitou, então não está mais asfíxiada, mas também não está se mexendo. Quase não sinto a sua respiração e eu não consigo, eu não sei...

— Tudo bem, querida. Você fez a coisa certa. Agora me ouça para que eu possa ajudar. — A voz do outro lado é sensata e tranquilizante.

— Uma ambulância está a caminho. Eu farei algumas perguntas a você, e então saberemos o que fazer até que eles cheguem aí. Estamos juntas nisso, ok?

— Ok — respondo. Lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas e eu inspiro profundamente para me acalmar. Tento focar na voz da mulher em vez de prestar atenção às duas perguntas que seguem retumbando na minha cabeça.

A minha: *Como você pôde fazer isso?*

A de Owen: *Quem a envenenou?*

CAPÍTULO 26

Maeve

Sexta-feira, 27 de março

Minha irmã está me sufocando, mas da forma mais legal possível.

É sexta-feira à tarde, e cheguei da escola há menos de meia hora. Bronwyn acabou de chegar do aeroporto de Uber e está no meu quarto, com os braços ao redor dos meus ombros enquanto eu pressiono o telefone contra a orelha, tentando entender o que Phoebe está me dizendo:

— Bom, isso é bom, né? — pergunto.

— Acho que sim. — Phoebe parece exausta. Quando ela não apareceu na escola hoje, fiquei preocupada que algo mais pudesse ter acontecido com o Sujeito Intenso. Eu e Knox mandamos um monte de mensagens urgentes para saber se ela estava bem, e ela finalmente respondeu na hora do almoço, nos avisando que estava no hospital com Emma. Phoebe passou a maior parte da noite anterior no hospital, disse, até a mãe insistir que ela fosse para casa para tentar dormir um pouco. A primeira coisa que fez de manhã foi voltar para o hospital.

— Ela ainda está no soro, mas pararam com o oxigênio — explica Phoebe agora. — Dizem que não deve ter sequelas a longo prazo. Mas estão falando sobre tratamento para vício quando ela sair do hospital. Uma reabilitação, ou algo do gênero. Eu nem sei.

— Emma disse por que estava bebendo? — pergunto.

— Não. Ela não ficou muito tempo acordada também. — Phoebe dá um suspiro longo e cansado ao telefone. — É uma coisa atrás da outra nessa família.

Minha garganta fecha. Antes de saber sobre Emma, fiquei me coçando para contar a Phoebe tudo o que descobrimos a respeito do Sujeito Intenso na noite anterior, para fazê-la pensar melhor sobre de onde poderia conhecê-lo. Mas não posso jogar isso nela agora. Um problema de cada vez.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

— Obrigada, mas acho que não. Preciso ir agora. Tenho que fazer minha mãe comer alguma coisa. Só queria avisar que Emma vai sobreviver. — Ela diz de um jeito leve, como se o contrário jamais tivesse sido possível, mas estou ansiosa desde a mensagem que ela mandou mais cedo. Eu só conseguia pensar que *Phoebe não pode perder mais ninguém*.

— Manda mensagem se precisar de alguma coisa — digo, mas Phoebe já desligou. Solto o telefone para poder retribuir o abraço da minha irmã. O cheiro familiar do seu shampoo de maçã verde me envolve, e eu relaxo pela primeira vez em dias. — Bem-vinda — digo, as palavras abafadas contra o ombro dela. — Desculpe, mas Bayview está uma confusão terrível novamente. Senti saudades.

Quando Bronwyn finalmente me solta, nos sentamos no banco sob a minha janela. Nosso lugar de sempre, como se ela nunca tivesse ido embora. Nossos pais ainda estão no trabalho, então o restante da casa está em silêncio.

— Eu nem sei por onde começar em relação a tudo que está acontecendo aqui — Bronwyn diz, cruzando as pernas. Ela está de calça legging preta e uma camiseta de Yale com decote em V. Uma roupa fofa e confortável para viajar de avião, ponto para ela. — Emma está bem, então?

— Sim, Phoebe disse que ela vai ficar bem.

— Deus. — Bronwyn balança a cabeça, os olhos arregalados. — Essa cidade está desmoronando. E você... — Ela me pega pela mão e dá uma balançada. — Me deixou zangada. Briguei com você mentalmente ao longo da semana inteira. Como não me contou o que estava acontecendo? — Seu rosto exibe afeto e reprovação na mesma medida. — Achei que contássemos tudo uma para a outra. Mas eu não tinha noção de que nada disso estava acontecendo até tudo já ter acabado.

— No fim não era nada — digo, mas ela apenas puxa minha mão com mais força.

— Passar semanas achando que você está terrivelmente doente de novo não é *nada*. E se tivesse perdido um tempo de tratamento valioso? Você não pode fazer isso, Maeve. Não é justo com ninguém.

— Você tem razão. Eu estava... — Hesito, olhando as nossas mãos entrelaçadas enquanto procuro pela melhor resposta. — A verdade é que eu nunca pensei que realmente terminaria o ensino médio. Então procurei não me apegar demais às pessoas nem deixar que elas se apegassem a mim. É mais fácil para todo mundo desse jeito. Mas eu jamais poderia fazer isso com você. Você não deixaria. Você sempre esteve *bem aqui*, me confrontando e me fazendo sentir coisas. — Bronwyn deixa escapar um choro sufocado e aperta minha mão com

mais força. — Acho que com você longe eu me esqueci de como assim é realmente bem melhor.

Bronwyn está chorando para valer agora, e eu também. Nós nos abraçamos por alguns minutos e deixamos as lágrimas correrem. Parece que estou lavando meses de arrependimento por todas as coisas que eu deveria ter feito ou dito de modo diferente. *Não se pode mudar o passado*, Luis disse na noite em que preparou *ajiacó* na cozinha do Café Contigo. *Tudo que se pode fazer é se esforçar mais da próxima vez.*

E eu farei isso. Não vou mais recompensar amor com falsa indiferença. Não vou fingir que não quero minha vida ou as pessoas que estão nela; quero tanto que estou disposta a partir o coração de todos nós se o pior acontecer.

Bronwyn finalmente se afasta, enxugando os olhos.

— Prometa que nunca mais vai fazer nada parecido com isso.

Faço uma cruz com os dedos sobre o meu coração.

— Juro pela minha mãe vivinha. — É a nossa promessa de criança, modificada por Bronwyn quando fiquei no hospital pela primeira vez, dez anos atrás, ela com oito anos e eu com sete.

Ela dá uma risada nervosa e olha para o seu relógio da Apple.

— Caramba, quase quatro horas. Ainda nem chegamos na parte boa, a sobre o Luis, mas preciso encontrar a Addy. Estamos cuidando dos preparativos para o jantar de pré-casamento hoje à noite para que a Sra. Lawton possa ficar com Emma.

— Você vai ao jantar? — pergunto.

— Não. É só para as famílias. Vou embora assim que eu e Addy arrumarmos tudo, depois volto para a festa.

— Vocês querem ajuda? — ofereço, embora meus olhos já estejam se desviando para o notebook. Venho tentando sem sucesso abrir os arquivos que peguei do computador da mãe de Knox antes de Bronwyn chegar. A Sra. Myers é bem mais cautelosa ao proteger os arquivos dos casos do que o acesso ao sistema. Mas acho que estou chegando lá.

— Não, duas é o bastante. Provavelmente é até exagero, sinceramente. Mas não posso deixar Addy fazer isso sozinha. — Bronwyn faz uma careta. — Não é por mal, mas ela não é a mais organizada das pessoas.

— Dá para acreditar que Ashton e Eli se casam amanhã? — pergunto. — Para mim, é como se eles tivessem acabado de ficar noivos.

— Para mim também — diz Bronwyn. — O tempo passa rápido.

— Você precisa de carona até Addy? — pergunto.

Os lábios de Bronwyn se curvam num sorriso.

— Já arrumei uma.

Sigo o seu olhar até a calçada justamente quando uma moto

encosta, e eu não consigo segurar a risada satisfeita que me escapa.

— Ora, ora, que *déjà-vu*. — Nós estávamos sentadas exatamente neste lugar quando Nate veio até a nossa casa da primeira vez. Puxo a manga de Bronwyn enquanto ela abre um imenso sorriso para a janela, vendo Nate tirar o capacete. — O que está rolando?

— Eu liguei para ele depois de você me contar o que aconteceu no jogo de beisebol de Cooper. Depois de ter ouvido que ele esteve lá por você, tudo que nós dois vínhamos discutindo pareceu sem sentido. Temos conversado todas as noites desde então. E assistido a filmes. — Os olhos cinzentos dela brilham quando ela se levanta, arrumando a frente da blusa. — É quase como se ele estivesse lá comigo, mesmo a distância. Eu não me sentia assim desde que fui embora.

— Hum, interessante. — Bato com um dedo no queixo, tentando parecer pensativa enquanto luto contra um sorriso. — Então, se estou entendendo corretamente, o meu alarme falso para a leucemia fez vocês dois voltarem? De nada.

Um franzir breve interrompe o momento radiante de Bronwyn.

— Essa não é a conclusão certa.

Dou um empurrãozinho no tênis dela com o meu.

— Veja quem está com segredos, *Bronwyn*. E eu achando que deveríamos contar tudo uma para a outra. — Mas meu tom de voz é zombeteiro, porque não estou nada zangada com ela. Bronwyn fica com as bochechas coradas e não me olha nos olhos. Acho que principalmente porque não consegue tirar os olhos da janela. Nate continua na moto, esperando pacientemente. Ele nem se incomoda de ir até a porta, e tenho certeza de que sabe exatamente onde nós estamos.

— Faz alguns dias apenas. Acho que não quis contar para não dar azar.

— Você sabe que ele é louco por você, né? — digo. — Mais do que nunca. Eu estava praticamente morrendo na frente dele e ele só conseguia pensar em *você*.

— Você não estava morrendo.

— Bom, Nate não sabia disso, sabia?

— Eu realmente o amo — diz ela, baixinho.

— Novidade: nós sabemos. Você não tem enganado ninguém. — Dou uma cutucada na cintura dela. — Aproveite a carona. Imagino que você e Nate tenham planos para depois do jantar de pré-casamento, então vejo vocês na festa.

Ela sai e eu fico no meu banco sob a janela, observando até que vejo minha irmã chegar na calçada. Nate tira o capacete a tempo de pegar Bronwyn, que vai correndo até ele. Reparo nos braços dela ao redor do pescoço de Nate enquanto ele a gira, e me viro com um sorriso para que os dois tenham seu reencontro e o beijo a sós.

— Escrito nas estrelas — digo para o quarto vazio.

CAPÍTULO 27

Maeve

Sexta-feira, 27 de março

— Existe uma palavra para assediar o assediador da sua amiga? — Knox pergunta num tom baixo e reflexivo.

— Perseguição amistosa — digo, sem desviar os olhos do meu notebook.

— São duas palavras. E são péssimas.

São quase 20h30, e estamos ocupando uma das mesas perto da janela de uma cafeteria em Rolando Village. Bronwyn está com Nate, Luis está trabalhando, meus pais estão em um evento de caridade e eu não aguentei ficar zanzando pela casa sozinha por duas horas enquanto esperava a festa, que começaria depois do jantar de pré-casamento de Ashton e Eli. Então liguei para Knox. Nenhum de nós conseguia falar sobre nada que não fosse o Sujeito Intenso. Da conversa fomos para o carro e aqui estamos.

O café desse lugar é terrível, mas a localização é ideal. Estamos praticamente na frente da casa até onde seguimos o Sujeito Intenso no dia do parque Callahan.

— Tem algo de reconfortante em saber que ele está em casa — observa Knox. A calçada estava vazia quando chegamos, mas o carro azul estacionou alguns minutos depois, e vimos o Sujeito Intenso entrar sozinho na casinha estilo fazenda. Ele não saiu mais.

— Eu sei — concordo, distraída, os olhos fixos na tela do computador. Eu trouxe o notebook para poder continuar tentando abrir os documentos que tirei do sistema da mãe de Knox. Ele também está com o próprio computador para pesquisar “David Jackson”, mas até agora só teve os mesmos resultados inúteis.

Knox bebe metade de um Sprite com uma sugada barulhenta no canudo e pergunta:

— Que horas precisamos sair para chegar na... Onde é mesmo a festa de Ashton e Eli?

— Restaurante da Talia, na Charles Street — respondo. — E podemos ficar aqui mais uns vinte minutos, por aí.

— Ótimo — diz Knox, olhando ao redor da desinteressante cafeteria. As paredes são cinzentas como numa prisão, as cadeiras e mesas parecem as de lanchonetes de escola primária e os sanduíches parecem estar expostos no balcão há um bom tempo. O barista boceja enquanto apaga *chocolate quente* do quadro de giz atrás dele e joga uma caixa vazia de mistura pronta para a bebida no lixo. — Você acha que Phoebe vai?

— Duvido. Ela está praticamente morando no hospital agora. — De repente, o documento a minha frente abre e dou um sorriso triunfante para Knox. — Consegui! Abri o primeiro arquivo. Esse é... hum. Provavelmente não é relevante. É algo relacionado ao caso para o Grupo Weber Reed Consultoria, da Flórida. — Estudo as primeiras páginas rapidamente, então fecho o documento e vou para o seguinte. — Vou tentar o outro.

— Bom trabalho, Sherlock. — Knox parece pensativo, e esfrega uma das mãos no rosto conforme olha pela janela. — Gostaria que tivéssemos a mesma sorte levantando os podres desse sujeito. Estamos bem na frente da casa dele e ainda não sabemos quem é ele. Tem aparecido algo interessante no fórum de vingança? Ou preocupante?

Estou com o A Vingança É Minha aberto em outra guia do computador, e recebi alguns alertas do PingMe desde que chegamos aqui, mas é só falação entre nomes que não reconheço.

— Nada de Darkestmind — digo. — Ele está quieto desde aquela postagem sobre Phoebe.

Knox se agita impacientemente.

— O que o bilhete que ele deixou no Café Contigo dizia mesmo? Ele não assinou com a inicial dele nem nada do tipo?

— Não — respondo, assertiva, e então fico quieta. Eu li o bilhete muito rapidamente, não estava com a cabeça muito tranquila. — Acho que não, mas vamos confirmar. — Afasto os olhos da tela, onde o cabeçalho ACORDO EM NOME DA CORPORAÇÃO EAGLE GRANITE MANUFATURADA, EASTLAND, CALIFÓRNIA apareceu, para procurar meu celular na bolsa. Abro as fotos e deslizo a tela até achar a imagem. — Tirei uma foto. Confira você mesmo — digo, entregando o telefone para Knox.

Ele estreita os olhos e então toda a cor do seu rosto é drenada. Sua cabeça se levanta rapidamente, uma expressão tensa estampada no rosto.

— Mas. Que. Diabos. — Antes que eu possa questionar a mudança súbita de comportamento, ele completa: — Por que você não me mostrou isso antes?

Eu pisco. Ele está *zangado* comigo?

— Do que você está falando? Eu li o bilhete para você no Café Contigo.

— Não é a mesma coisa! — insiste.

Sinto uma comichão no couro cabeludo com o tom de voz nada característico de Knox.

— Como assim não é a mesma coisa? Você sabe o que está escrito.

— Mas eu não tinha visto o bilhete.

— Eu não...

Ele me empurra o telefone, cortando a minha fala.

— Estou falando da fonte. Como o bilhete foi escrito. Sabe, essa letra que parece escrita à mão, mas não é? Eu já vi isso antes. As últimas ameaças de morte recebidas no Até que Proven eram assim.

— Quê? — pergunto. Quando Knox não responde imediatamente, repito: — Quê?

— É... espere — pede Knox. Ele larga o meu celular e se volta para o notebook, os dedos voando pelo teclado. — Sandeep achou que as ameaças tinham relação com o caso D'Agostino, então eu vou... tenho várias coisas na minha nuvem. — Ele vira um pouco o notebook para que eu possa ver também. — Essa é uma tabela de todos que estão envolvidos no caso D'Agostino. Vou procurar David Jackson. — Ele digita o nome na busca e nenhum de nós respira até o resultado ser zero.

— Tente apenas Jackson — digo.

Dessa vez temos imediatamente um resultado: *policial Ray Jackson, réu. Acusado de ajudar o sargento Carl D'Agostino a chantagear e incriminar dezessete inocentes por posse de entorpecentes. Idade: 24 anos. Status: preso, aguardando julgamento.*

— Hum — digo. — Ray Jackson. Talvez seja parente de David Jackson?

— Talvez — concorda Knox. Ele ainda está digitando, os olhos grudados na tela. — Calma, eu indexei toda a cobertura da imprensa também. Vamos ver se mencionam a família. — Ele fica em silêncio por alguns minutos, e então vira a tela na minha direção. — Esse artigo tem *Jackson e irmão* em algum lugar. — Uma notícia preenche a tela, mostrando o sargento D'Agostino com os braços ao redor de um jovem arrumadinho, segurando uma placa. — Eu me lembro dessa matéria, li com a Bethany. É sobre D'Agostino entregando algum prêmio de mentoria. — Ele aponta para a legenda. *Uma semana antes de ser preso, o sargento Carl D'Agostino foi homenageado pelos alunos da Universidade do Estado de San Diego pela excelência como mentor comunitário.*

— Certo, então esse é D'Agostino — digo. — O que diz sobre Jackson? — Corremos os olhos pela página, mas eu sou mais rápida. Quase engasgo quando leio. — *Ironicamente, um dos jovens em risco que*

recebeu o prêmio de mentoria foi o irmão mais novo de Ray Jackson, Jared, de 19 anos, que esteve em condicional no ano passado por pequenos delitos — leio. Eu me viro para Knox. — Tem uma foto de Ray Jackson em algum lugar?

— Sim, não nesse artigo, mas... — Knox puxa outra matéria, com fotos de cada um dos policiais acusados. Ele clica no nome *Ray Jackson* e amplia a imagem até que ocupe metade da tela. Desse tamanho, apesar de um pouco desfocada, não tem como não notar a similaridade da boca e dos olhos de Ray Jackson e do sujeito que seguimos.

— O Sujeito Intenso é Jared Jackson. — Respiro fundo. — O irmão de Ray Jackson. Deve ser. A idade bate, assim como o rosto. Eles definitivamente são parentes.

— É — diz Knox. — E o bilhete que ele deixou para Phoebe é idêntico aos que estamos recebendo no Até que Provem, então... Jared Jackson *também* deve ser a pessoa que vem ameaçando Eli. — Ele franze a testa. — O que faz sentido de um jeito estranho, acho, já que Eli pôs o irmão dele na cadeia. Mas qual é a relação dele com Phoebe?

— Eu não sei, mas é melhor contarmos a Eli — digo. Knox procura seu telefone, mas eu já disquei o número de Eli no meu celular. Em segundos, a voz dele preenche o silêncio: *Aqui é Eli Kleinfelter. Não vou ouvir minhas mensagens até segunda-feira, 30 de março. Se precisar de assistência imediata com assuntos legais, por favor, ligue para Sandeep Ghai, do Até que Provem, no número 555-239-4758. Caso contrário, deixe uma mensagem.* — Caiu direto na caixa postal — digo a Knox.

— É verdade, ele prometeu a Ashton que desligaria o telefone por todo o fim de semana. Para que pudessem se casar em paz.

Sinto um nó no meu estômago.

— Acho que teremos que avisar a ele pessoalmente, então. Está quase na hora de ir para a festa, de todo modo.

— Espere. — Os dedos de Knox correm pelo teclado do computador mais uma vez. — Acabei de jogar Jared Jackson no Google e há muitos resultados. — Seus olhos navegam para cima e para baixo pela tela. — Então, isso mesmo. Ele foi preso por roubo numa loja de conveniência logo depois de se formar no ensino médio. Ficou em condicional, fez o programa de mentoria, começou a trabalhar numa empresa de construção. — Algo apita no meu subconsciente, mas Knox continua falando e a conexão se perde. — Não parece que ele teve nenhuma reincidência com a lei desde então. Mas tem um monte de coisas aqui sobre os efeitos colaterais da prisão do irmão...

Ele fica em silêncio por um minuto enquanto lê.

— Não menciona o pai deles pelo nome, mas posso apostar que é David Jackson. Ele tem câncer de pulmão e eles perderam a casa depois que o irmão de Jared foi preso. Isso é uma merda, óbvio.

Eufemismo, até. E a mãe deles... ah, merda. — Knox inspira profundamente, levantando o olhar para mim. — A mãe se matou na noite de Natal. Bom, eles acreditam que foi suicídio. Ela teve uma overdose de remédio para dormir, mas não deixou nenhum bilhete.

— Ah, não. — O meu coração afunda no peito conforme observo a casa dos Jackson; está escura com exceção do brilho amarelado de uma lâmpada no primeiro andar. Tudo na casa parece abandonado, do abajur quebrado às persianas tortas. — Que horrível.

— É mesmo. — Knox segue o meu olhar. — Certo, agora me sinto mal pelo Jared. Ele passou por muita merda. Talvez tudo isso seja apenas um modo doentio de descarregar a raiva.

— Talvez — digo, e então dou um pulo quando a lâmpada na janela de Jackson de repente se apaga e a casa mergulha na escuridão. A porta se abre e uma figura sombria surge. Knox empurra o notebook para o lado e mexe no zíper da mochila, procurando até achar seu binóculo. — Sério? — pergunto enquanto ele o encaixa nos olhos. Somos os únicos na cafeteria além do barista, que tem nos ignorado desde que pegamos as bebidas. Esse não é um modo exatamente discreto de ficar de olho no seu inimigo. — Você trouxe isso?

— É óbvio que trouxe. Ele tem modo de visão noturna. — Knox ajusta a lente e se inclina para a frente, espiando pela janela conforme a figura alcança um pedaço da calçada iluminado por um poste da rua. — É o Jared.

— Eu pude perceber isso *sem* o binóculo.

— Ele está de mochila, entrando no carro.

— Knox, eu consigo vê-lo perfeitamente bem...

Um alerta do PingMe abre na minha tela. *O site que você está monitorando foi atualizado.* Minimizo a tela com o documento da Sra. Myers e vou até a aba do A Vingança É Minha.

Tic-toc, o tempo acabou. Acho que eu mesmo vou fazer isso. — Darkestmind.

Eu congelo. Não sei o que as palavras significam, mas não tenho dúvidas de que não é nada bom. Fecho o notebook com força e guardo na bolsa.

— Vamos, precisamos segui-lo — digo. — Ele está tramando alguma coisa.

CAPÍTULO 28

Knox

Sexta-feira, 27 de março

Maeve empurrou sua bolsa para mim antes de sentar ao volante, e agora estou segurando coisas demais para colocar o cinto de segurança enquanto ela arranca com o carro da rua de Jared Jackson. Ponho minha mochila aos meus pés, mas continuo segurando a bolsa de Maeve.

— Você precisa de algo daqui? — pergunto.

— Você pode tirar o meu celular? — pede Maeve, os olhos no carro azul a nossa frente. Ele vira uma esquina, ela faz o mesmo. — Para caso seja necessário. Pode deixá-lo no porta-copos.

Eu obedeco, e em seguida olho para baixo, na direção do MacBook parcialmente para fora da bolsa ainda aberta de Maeve. Eu quase me esqueci do que ela estava fazendo antes de Jared Jackson tirar qualquer outro assunto da minha mente.

— Ei, qual foi o segundo documento que você abriu? Dos que estavam no computador da minha mãe? — pergunto. — Havia algo sobre Brandon lá?

— Não sei. Não tive a chance de ler. Você quer fazer isso? Ainda está aberto, eu só minimizei.

— Poderia ler, sim. — Puxo o computador de Maeve, encaixo a bolsa dela ao lado da minha mochila no chão e acomodo o MacBook no meu colo. Abro o notebook e clico no ícone dos documentos na parte inferior na tela. — É esse? ACORDO EM NOME DA CORPORAÇÃO EAGLE GRANITE MANUFATURADA... Espera. Calma aí um pouco. — Franzo a testa. — Por que isso me parece familiar?

— É daqui, né? — pergunta Maeve. — Acho que tinha uma em Eastland.

— É. — Vou pulando um monte de coisas que não entendo até chegar novamente no nome da empresa e começar a ler. — *Acordo de compensação de trabalhador negociado por Jensen e Howard em nome da*

Corporação Eagle Granite Manufaturada em função da morte acidental de... Ah, merda. — Sinto meus olhos se arregalando conforme reconheço o nome.

— O quê? — Maeve pergunta, distraída. Jared é um motorista meio instável, e Maeve está correndo bem mais do que o normal para acompanhá-lo.

— *Em função da morte acidental de Andrew Lawton.* É o pai de Phoebe. Eu me esqueci de que minha mãe pegou esse caso na época. — Então me lembro de Owen agradecido guardando uma nota de vinte dólares no Café Contigo; e do apartamento de Phoebe, que é bacana, mas bem menor do que uma casa padrão para quatro pessoas em Bayview. — A mamãe sempre fala que a Sra. Lawton não ganhou tanto quanto deveria — digo.

— Que horrível — responde Maeve. Jared sai da estrada e ela o segue. Eu levanto os olhos da tela e registro uma placa familiar de um Costco; não estamos longe de casa. Ela segura o volante com mais firmeza e completa: — Você procurou por Weber?

— Estou procurando. — Ler no carro me dá enjoo, mas sigo analisando os parágrafos até que meus olhos encontram o nome. — *Lance Weber, vice-presidente executivo no comando da Corporação Eagle Granite Manufaturada* — leio. Minha pele começa a pinicar. — Lance Weber. Não é o pai de Brandon?

Ouçoo o chiado da respiração ofegante de Maeve enquanto ela rapidamente muda de pista para ficar atrás do carro de Jared.

— Sim. Meus pais estavam falando sobre ele um dia desses. Meu pai já fez negócios com o Sr. Weber, e ele definitivamente é conhecido no ramo manufaturado. Só que agora trabalha para um fornecedor de aeronaves.

— Bom, acho que antes não trabalhava. — Sigo lendo até chegar ao parágrafo que faz todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Leio duas vezes para me certificar de que o que está ali é realmente o que eu estou pensando ser. — Maeve. Puta merda.

— O quê? — Noto que ela não está prestando muita atenção, porque está concentrada demais em se manter na cola dos movimentos à la Fórmula 1 de Jared, então cutuco seu braço para enfatizar.

— Você precisa prestar atenção. É sério. *Lance Weber reconhece que no sétimo dia de outubro, Dia de Levar os Filhos para o Trabalho na Corporação Eagle Granite Manufaturada, seu filho de 13 anos estava presente no andar industrial. Apesar de diversas advertências para se manter distante do equipamento, o menor subiu em uma empilhadeira e operou seus controles por cerca de cinco minutos, segundo um funcionário. A empilhadeira mencionada emperrou pouco tempo depois, enquanto transportava o bloco de concreto que esmagou Andrew Lawton.*

Desvio o olhar do documento para o rosto pálido e tenso de Maeve. Seus olhos ainda estão no carro de Jared.

— Foi Brandon. Só pode ter sido — concluo. — Se divertindo com a empilhadeira que matou o pai de Phoebe. Merda. A merda do Brandon Weber.

Agora a conversa que ouvi entre os meus pais faz todo o sentido. *O caso nunca deveria ter sido resolvido daquela forma*, disse o meu pai. Por “daquela forma”, imagino que estivesse querendo falar da omissão do nome e envolvimento de Brandon no que veio a público sobre o acidente. *Tudo o que fez foi mostrar a Brandon que ações não têm consequências*. Por um segundo, sinto tanta raiva ao imaginar Brandon brincando com um maquinário pesado — Brandon, como sempre, fazendo o que lhe desse na telha sem se incomodar se isso afetaria outra pessoa — que até me esqueço de que ele está morto.

E então eu me lembro. A lembrança pesa no meu peito, comprimindo meus pulmões com tanta força que fica difícil respirar.

— Bom, acho que isso responde a minha pergunta, né? — falo.

— Que pergunta?

— Sobre quem tem motivos para odiar Brandon a ponto de querê-lo morto. — Fico atenta às lanternas traseiras do carro à nossa frente até saírem de foco. — É Phoebe.

— Phoebe? — Maeve repete, a voz fraca.

— Nós ficamos nos perguntando se talvez ela conhecia o Sujeito Intenso, certo? E vendo ele persegui-la pela cidade, falando sobre algum acordo que fizeram em um *fórum de vingança*. — Meu estômago se agita como se as coisas perturbadoras e incriminadoras que descobrimos sobre Jared nas últimas horas colidissem com a garota que eu conhecia. Rosto meigo, língua afiada, a impulsiva Phoebe Lawton. — Maeve, você acha que ela poderia de algum modo ter...

— Não — responde Maeve, imediatamente.

— Você não me deixou terminar.

— Phoebe não sabia de nada disso — diz ela, com urgência. — Ela *não poderia* saber. Ela estava saindo com Brandon! Phoebe nunca faria isso se soubesse que ele tinha algo a ver com o acidente do pai dela. E ela também não espalharia aquela fofoca horrível sobre *ela mesma*! — E então Maeve hesita. Eu quase consigo ver as engrenagens em sua mente buscando as memórias de Simon Kelleher e Jake Riordan e todas as coisas doentias que os dois fizeram no ano anterior para se vingar de pessoas cujos erros eram infinitamente mais inofensivos que o de Brandon Weber. — Quero dizer — continua ela, sem mais tanta certeza —, ela teria de ser uma assassina de sangue-frio e com uma autoconfiança imensa para bolar isso. Certo?

— Certo. — Eu tento rir como se fosse ridículo, porque é. A não ser pela parte em que faz mais sentido do que o que aconteceu nas

últimas semanas. Se não fosse pelo descuido de Brandon, o pai de Phoebe ainda estaria vivo e a vida dela seria totalmente diferente. Como saber o que uma coisa dessas provoca numa pessoa?

Espero um minuto para registrar os arredores e me bate uma certeza asquerosa de que temos um problema completamente diferente agora. E embora o último fio da meada tenha sido terrível, esse é ainda pior.

— Maeve, você percebeu onde estamos?

— Quê? — pergunta, tensa e distraída. — Não, estou olhando apenas para a placa de Jared durante todo o trajeto. Eu nem... — Ela deixa os olhos perambularem por um instante, então seu rosto fica tão pálido quanto sinto que o meu está. — Ai. Ai, meu Deus.

Estamos na Charles Street, em Bayview, o letreiro do Restaurante da Talia brilhando em branco à nossa esquerda. A festa depois do jantar de pré-casamento de Eli e Ashton está acontecendo neste exato momento, e nós deveríamos estar nela. Mas estamos atrasados porque ficamos seguindo o sujeito que mandou ameaças de morte para Eli por semanas. E esse mesmo sujeito acabou de estacionar do outro lado da rua e, finalmente, desligou o carro.

CAPÍTULO 29

Knox

Sexta-feira, 27 de março

— Certo, não — diz Maeve, a voz tensa. — Tem que ser uma coincidência. Ele não vai para o jantar de pré-casamento de Eli e Ashton. Como ele sabia onde seria?

— Você sempre diz que coincidências não existem — lembro a ela. Sinto uma pressão atrás dos meus olhos. — E as pessoas podem descobrir as coisas na internet. Nós não acabamos de provar isso?

Minha voz soa calma, mas não estou calmo, porque, cacete, isso é ruim. Estou apenas começando a entender o quanto é ruim. Maeve encostou de um lado da rua, algumas vagas atrás de Jared, no espaço demarcado da Charles Street. Ele continua no carro.

— Ai, Deus, ai, Deus — Maeve resmunga. — Temos que tentar ligar para Eli mais uma vez.

— Ele não vai atender. — O desespero está me deixando rouco. De todos os dias do ano, logo hoje Eli decide se desconectar.

— Então vou ligar para Bronwyn. Ela já deve ter chegado a essa hora. Ah, Deus — diz Maeve de novo, tapando o rosto com as mãos. — Bronwyn está lá.

Todos estão lá, penso. Com exceção de Phoebe e da família dela, embora eles devessem estar, até Emma ir parar no hospital ontem. Cristo, eu nem posso pensar nisso agora. Maeve está tremendo tanto que não consegue fazer a ligação, então pego o celular dela.

— Deixa comigo — digo. Mas o número de Bronwyn cai direto na caixa postal também. — Ela não está atendendo.

— Tente a Addy — pede Maeve.

O resultado é o mesmo.

— Por que ninguém está atendendo? — grito, frustrado, batendo com o punho no joelho. — Somos da Geração Z, pelo amor de Deus. Os celulares deveriam estar permanentemente grudados nas nossas mãos.

A resposta de Maeve é uma arfada, e desvio o olhar do celular para ver Jared parado no meio-fio, esperando um carro passar. O meu coração começa a bater como uma britadeira no peito enquanto devolvo o celular para Maeve e pego o meu. Coloco a câmera para gravar e miro em Jared quando ele começa a andar.

— Precisamos ir — diz Maeve. — Ela pega o meu braço quando abaixo o telefone. — Não, continue filmando. Mas siga ele, tá bem? Eu vou ligar para a polícia e dizer que... nem sei. Alguma coisa. Estou logo atrás de você.

Uma buzina soa quando saio do carro protegendo meus olhos dos faróis. Espero outro carro passar roncando, depois atravesso enquanto Jared circula uma grade em frente ao restaurante. O Da Talia fica espremido entre um prédio comercial e um banco, ambos escuros e fechados a essa hora da noite. Há banquinhos do lado de fora dos dois lados da entrada principal. Posso ouvir os murmúrios e risos de algum lugar no fundo do estabelecimento. Venta e há um pouco de névoa, que rodopia pelo poste de luz próximo ao restaurante. Imagino que Jared vá entrar pela porta principal, mas em vez disso ele vai pela lateral.

Hesito quando ele some e Maeve aparece atrás de mim, sem fôlego.

— Cadê ele?

— Foi por trás. Devemos tentar encontrar o Eli?

— Primeiro vamos ver o que ele está fazendo.

As vozes ficam mais altas conforme nos aproximamos dos fundos do restaurante. Eu paro quando chegamos em uma esquina, esticando a cabeça somente o bastante para ver o local adiante. O Da Talia tem um deck elevado ao ar livre, que fica a uns dois metros e meio do chão, cercado por um gradil de madeira. Luzes brancas estão penduradas por toda a parte; ouço música tocando enquanto as pessoas esperam aglomeradas no deck, conversando e rindo. Estou num ângulo ruim, mas acho que identifico a parte de trás da cabeça de Cooper.

Jared está com um dos joelhos apoiado no chão e com a mochila à sua frente. Meu telefone continua gravando, então eu o levanto de novo e foco em Jared. Ele alcança dentro da mochila e, por um segundo paralisante, acho que vai sacar uma arma. As possibilidades passam pela minha mente: derrubá-lo? Gritar? As duas coisas? Mas quando ele tira a mão, ela está vazia. Ele fecha a mochila e a lança embaixo do deck. E então Jared se levanta. Puxo o braço de Maeve, recuando com ela até a entrada do restaurante.

— Escadas — sussurro, e corremos pela entrada nos espremendo contra a parede ao lado da porta.

Jared aparece alguns instantes depois, vindo do outro lado do prédio. Ele dá passos largos pelo estacionamento, olhando fixamente

para a frente todo o tempo. Nós o observamos até que ele desaparece pela grade.

— O que ele está fazendo? — Maeve toma fôlego.

— Eu não sei, mas é melhor pegarmos aquela mochila. — Guardo meu telefone no bolso e pego Maeve pela mão. A palma fria e seca é um conforto contra a minha. — Vamos.

Nós refazemos nossos passos até os fundos do prédio. O espaço abaixo do deck não é aberto como eu pensei que seria quando vimos Derek jogar a mochila da esquina. É uma treliça grossa de madeira, exceto por um espaço estreito no meio pelo qual só dá para passar agachado. Eu fico de joelhos e estico o braço lá dentro, vasculhando em todas as direções, mas não consigo sentir nada que não seja pedra ou terra.

Maeve me entrega o telefone dela com a lanterna ligada, e eu ilumino o buraco. A mochila está praticamente na minha direção, mas a quase dois metros de distância.

— Está lá. Vou entrar — digo, respirando fundo.

Eu não desgosto de espaços apertados tanto quanto de alturas, mas também não sou um grande fã. Assim que coloco a cabeça lá dentro, já sei que o restante do corpo não vai caber. Ninguém diria que tenho os *ombros largos*, mas ainda assim eles não cabem. Recuo e me sento de cócoras, ficando próximo à abertura.

— Talvez a gente devesse pedir para que todos saíssem — digo, limpando o queixo no ombro. Meu rosto é uma combinação nojenta, pegajosa e arenosa dos poucos segundos em que me rastejei para tentar entrar no espaço. — O que está nessa mochila certamente não é bom, ou ele não a teria colocado ali.

Maeve fica de joelhos ao meu lado.

— Deixa eu tentar. — Ela abaixa a cabeça pela abertura, girando o corpo para que seus ombros fiquem no ângulo certo. Ela é bem mais estreita que eu, e consegue deslizar o resto do corpo lá para dentro. A mochila logo surge pelo buraco, nas mãos sujas de terra de Maeve. Ela vem em seguida, forçando os ombros pela abertura com uma careta de dor enquanto eu levanto a mochila por uma das alças. Ela é de um tom pálido de marrom, está rasgada de um dos lados e pesa. Abro o zíper da mochila e direciono a lanterna do telefone de Maeve para dentro dela.

Maeve tosse e tira uma teia de aranha do cabelo. Ela está coberta de terra, o braço direito sangrando por causa de um arranhão comprido e dentado.

— O que tem dentro?

— Algo redondo, de metal — informo. — Tem vários fios e... botões, ou algo do gênero. — O sinal de alerta vai invadindo minhas veias, me fazendo suar. Deus, eu gostaria de ter prestado mais atenção

no meu pai quando ele costumava explicar como as coisas funcionam. — Não tenho certeza, mas parece muito ser a versão caseira de alguém para uma bomba. — Minha voz falha na última palavra.

Os olhos de Maeve ficam imensos e assustados.

— O que a gente faz?

Eu congelo, indeciso. Quero que esse seja o problema de outra pessoa. Quero que Eli veja a porcaria do telefone. Ele está lá em cima em algum lugar e, se eu gritar alto o bastante, provavelmente consigo chamar a atenção dele. Mas não sei quanto tempo nós temos.

— Temos que nos livrar disso — digo, analisando a área. Nós estamos com sorte, de certa maneira, porque o espaço atrás do Da Talia não tem nada além de grama, com uma ciclovía quase 100 metros depois. Arbustos altos circundam a parte de trás da ciclovía e, se estou geograficamente correto, o jardim botânico de Bayview é logo ali atrás. E fecha às seis, então deve estar deserto.

Eu corro para a ciclovía, Maeve vem logo atrás. Não era minha intenção — achei que ela fosse ficar perto do deck, mas não há tempo de discutir. Nunca corri tão rápido na minha vida, e ainda assim parece que demora uma eternidade para chegar lá. Quando chego, paro por alguns segundos, ofegante. Estamos longe o bastante? Espero realmente que sim, porque estou com medo de segurar essa coisa por mais tempo, principalmente com Maeve ao meu lado.

Estendo o braço, a mochila pendurada na minha mão como se eu estivesse prestes a lançar um disco.

— Gostaria que Cooper estivesse aqui — murmuro. E então respiro fundo, giro o corpo com o braço totalmente esticado e arremesso a mochila com o máximo de força por cima dos arbustos. Eu a vejo flutuar pela escuridão e seguro Maeve pela mão. — Certo, vamos sair daqui e pedir ajuda.

Estamos prestes a nos virar e correr quando uma voz fraca e familiar vem de trás dos arbustos, fazendo a gente parar.

— Que merda foi essa? — pergunta a voz.

Meu coração para e depois despenca até o pé. Maeve congela, os olhos tão redondos quanto um pires.

— Nate? — Ela respira e depois eleva o tom de voz num grito agudo. — Nate, *corre!* É Maeve. Essa mochila tem uma bomba dentro, de alguém que está ameaçando Eli. Você precisa correr na direção do restaurante agora!

Ouvimos um farfalhar alto e eu aperto a mão de Maeve.

— Nós temos que correr também. Não sei quanto tempo...

— Maeve? — É uma voz feminina.

Maeve engasga e grita de novo, alto e em pânico:

— *Bronwyn?*

Jesus Cristo. Nate e Bronwyn escolheram o pior momento possível

para um passeio pelo jardim.

Maeve se lança para a frente e eu passo um braço pela sua cintura para impedi-la.

— Para o outro lado, Maeve! Me desculpe, mas temos que ir para o outro lado! — Eu começo a puxá-la, gritando na direção do jardim enquanto isso. — Não é piada, gente! Corram!

Duas pessoas saem dos arbustos de mãos dadas, e eu vejo de relance a silhueta de uma saia voando sob a luz fraca do luar. Sigo puxando Maeve pela grama, sem fazer o progresso que gostaria. Conforme as figuras vindo na nossa direção se aproximam, vejo Nate fazendo o mesmo com Bronwyn, tentando usar seu impulso para puxá-la. De algum modo, apesar do grande esforço de Maeve, consegui trazê-la até a metade do caminho entre a ciclovía e o restaurante.

— Vamos! — Trinco os dentes de frustração. — Nate está com ela! Isso não está ajudando! — Maeve finalmente para de lutar comigo e corremos pelo restante do gramado até estarmos a alguns poucos metros do restaurante. O som de vozes fica mais alto conforme as pessoas começam a se reunir no gradil, os rostos confusos iluminados pelas luzes brancas da decoração.

— Entrem! — Gesticulo com a mão que não está segurando o braço de Maeve. Eu ainda não confio que ela vai ficar por perto. E então, como ninguém está prestando muita atenção, eu dou minha cartada.

— Tem uma bomba no jardim botânico! Entrem todos!

Com a frase se vai o que eu ainda tinha de capacidade pulmonar, e ofego dolorosamente enquanto gritos e suspiros preenchem o ar. Nate e Bronwyn estão quase na metade do gramado agora. Nada aconteceu ainda, então me permito sentir algum alívio. Alguém que saiba o que diabos está fazendo poderia assumir agora. Talvez não seja tão ruim quanto pensamos, talvez tenhamos tempo de sobra, ou talvez a mochila tivesse algo totalmente diferen...

Quando uma explosão corta o céu, o som é ensurdecedor. Eu e Maeve nos jogamos no chão enquanto uma bola de fogo laranja irrompe por trás dos arbustos. Eu estico o braço para cobrir a cabeça por instinto, mas, antes de bloquear minha visão, olho o gramado em que Nate e Bronwyn estavam há alguns segundos. Vejo a fumaça branca ondulando, alta e rapidamente pelo ar, fragmentos de Deus sabe o que girando com ela, e nada mais.

CAPÍTULO 30

Phoebe

Sexta-feira, 27 de março

— Cuidado, não tão perto. Você vai se queimar.

Tenho oito anos e estou sentada entre o meu pai e a minha irmã, em frente a uma pequena fogueira na beira da praia. É uma viagem especial, somente nós três. Mamãe está em casa com Owen, que é pequeno demais para assar marshmallows. Mas eu sou boa nisso. Seguro meu palitinho com distância apropriada das chamas, girando os marshmallows com cuidado até que cada lado esteja dourado e borbulhante. Sou melhor do que Emma, porque ela hesita demais e não aproxima o marshmallow o suficiente para que fique tostado.

É meio satisfatório ser melhor do que Emma em alguma coisa. Isso quase nunca acontece.

— O meu não está bom — reclama ela, irritada. Parece que vai cair no choro.

— Deixe-me ajudar você — diz papai, colocando sua mão sobre a dela para segurar o palitinho no lugar. E com isso eu fico chateada por ter que assar o meu marshmallow sozinha e meto o palitinho mais do que devo entre as chamas, deixando-o pegar fogo.

— Também preciso de ajuda! — digo.

Meu pai deixa uma risadinha discreta escapar e pega o palito da minha mão, assoprando o marshmallow em chamas. Ele enfia verticalmente o palito na areia entre nós, e o marshmallow chamuscado começa a escorrer.

— Phoebe, você estava fazendo direito — diz ele. — Deixe para pedir ajuda quando realmente estiver precisando.

— Eu precisei — digo, amuada, e ele me envolve com um dos braços.

— Sua irmã precisava um pouquinho mais — sussurra ele no meu ouvido. — Mas estou sempre aqui para as duas. Você sabe disso, não sabe?

Eu me sinto melhor aninhada na quentura ao lado dele, e também sinto muito por Emma não ter aproveitado o marshmallow perfeito dela.

— Sim — respondo.

Ele beija o topo da minha cabeça.

— E me garantam que farão o mesmo uma para a outra. Vocês duas. O mundo pode ser um lugar muito duro, e vocês precisam ficar juntas. Combinado?

Eu fecho os olhos e deixo as chamas dançantes diante de mim inundarem minhas pálpebras com a cor alaranjada.

— Combinado.

O bipe me acorda. Uma máquina no quarto de Emma desperta e eu faço o mesmo, me aprumando na cadeira do canto. Tiro meu cabelo do rosto conforme as lembranças do meu sonho desvanecem e eu me recordo de por que estou aqui.

— Emma — chamo, rouca. Estou quase de pé quando uma enfermeira entra no quarto.

— Tudo bem — diz ela, mexendo num botão da máquina atrás de Emma. — Vamos dar a ela mais um pouco de soro, é só isso. — Minha irmã continua imóvel na cama, adormecida. O quarto está na penumbra, e estou sozinha com Emma e a enfermeira. Não faço ideia da hora, e minha garganta está bem seca.

— Posso beber um pouco de água? — pergunto.

— Com certeza. Venha até a enfermaria comigo, querida. Estique um pouco essas pernas. — A enfermeira desaparece no corredor. Antes de segui-la, dou mais uma olhada em Emma, que está tão quieta e parada que também poderia estar morta. Então puxo o celular do bolso e finalmente mando a mensagem que estive evitando escrever faz semanas:

Oi, Derek. É a Phoebe. Me liga.

Deixo o quarto ainda meio grogue e encontro a enfermeira de Emma me aguardando no corredor.

— Onde está a minha mãe? — pergunto.

— Levou o seu irmão para casa para dormir. Uma babá vai ficar com ele e ela volta assim que deixar tudo ajeitado — responde a enfermeira.

Um relógio no corredor marca 22h15, e o andar está tranquilo a não ser pela conversa aos sussurros entre três enfermeiras agrupadas na mesa central.

— Alguém precisa tirar aqueles garotos da sala de espera — uma delas diz.

— Acho que estão em choque — responde a outra.

A que me deu a água faz um barulho ao se inclinar com os braços sobre o balcão em volta da mesa.

— Essa cidade está virando o inferno. Crianças morrendo, bombas explodindo...

— O quê? — Eu quase engasgo com a água. — Uma bomba? Do que você está falando?

— Hoje à noite — responde a enfermeira. — Num jantar de pré-casamento, veja só. Havia uma bomba caseira armada por algum jovem perturbado.

— Eles não são todos perturbados? — diz outra enfermeira, friamente.

Sinto minha pele formigar, os nervos em alerta.

— Pré-casamento? Em Bayview? Foi... — Eu pego meu telefone do bolso para checar as mensagens, mas uma das enfermeiras logo fala:

— No Restaurante da Talia.

Deixo meu copo cair com um estrondo, espalhando água pelo chão. Começo a tremer da cabeça aos pés, praticamente vibrando, e a enfermeira mais próxima me segura pelos ombros, dizendo rápido:

— Eu sinto muito. Deveríamos ter imaginado que você conheceria pessoas que estavam lá. Está tudo bem, alguém tirou a bomba da área antes que pudesse causar mais danos. Só um garoto teve mais que ferimentos superficiais...

— E eles estão aqui? — Olho enlouquecida ao redor, como se os meus amigos estivessem logo ali e eu ainda não tivesse notado.

A enfermeira me solta e pega o copo que deixei cair.

— Há um grupo na sala de espera mais próxima da emergência, descendo as escadas.

Eu saio para as escadas antes que ela consiga dizer qualquer outra coisa, meu tênis golpeando o chão de linóleo. Sei exatamente aonde ir; fiquei sentada na sala de espera da emergência na noite anterior, depois que os paramédicos trouxeram Emma. É no andar abaixo do que estou e, quando empurro a porta da escadaria, sou imediatamente atingida por um zumbido — é bem mais alto do que o lá de cima. Várias pessoas de avental cirúrgico estão paradas de braços cruzados em frente à televisão e a Liz Rosen, do Channel 7, que olha diretamente para a câmera com um terninho vermelho distinto e bem maquiada.

— Nada de imprensa a partir desse ponto — diz um homem conforme vou chegando mais perto deles.

A sala de espera está lotada, não há lugares para sentar. Meu coração aperta ao encontrar tanta gente que conheço com a pior aparência que já vi.

Bronwyn, o rosto manchado por lágrimas e o belo vestido vermelho

rasgado, está sentada entre a mãe e uma mulher de meia-idade que não reconheço. Cooper e Kris estão de mãos dadas ao lado de Addy, que está curvada para a frente, mastigando suas cutículas. Luis está do outro lado de Addy, com Maeve em seu colo, segurando-a enquanto ela afunda o rosto contra o ombro dele, de olhos fechados. O braço direito dela está enrolado por um curativo feito com gaze. Eu não vejo Ashton nem Eli nem Knox em lugar algum. *Só um garoto teve mais que ferimentos superficiais...*

Eu sigo primeiro até Maeve, minha garganta fechada de preocupação.

— Ela está bem? — sussurro.

— Está — diz Luis. — Dormindo. Ela apagou tem uns 10 minutos.

— Seus braços estão firmes ao redor de Maeve. — Noite longa.

— Uma enfermeira lá em cima me contou sobre a bomba. — Dizer em voz alta não faz parecer menos surreal. — O que houve?

Addy passa uma das mãos sobre o rosto.

— Quanto tempo você tem?

Kris se levanta e faz um gesto para a cadeira.

— Aqui, sente-se. Preciso ir ao banheiro. Alguém quer beber algo ou quer alguma outra coisa? Aproveitem que estou de pé.

— Eu mataria por uma Coca zero — diz Addy, cansada. Kris circula pela sala recebendo outros pedidos enquanto me sento na cadeira dele.

— Knox está bem? — pergunto, ansiosa. — Por que ele não está aqui?

— Ele está bem — responde Addy, e eu respiro aliviada. — Ele foi o herói da noite, na verdade. Juntamente com essa aqui. — Ela alcança o braço de Maeve e dá uma cutucadinha. — Ele, Ash e Eli estão com a polícia. Maeve deveria ter ido também, mas ela apagou e falaram para deixá-la descansar. Knox pode contar a história toda, acho. Eles estiveram juntos a noite inteira.

Arquivo a informação.

— Quem se machucou? A enfermeira disse que havia alguém ferido — digo, olhando ao redor da sala para tentar perceber quem faltava. — Foi...

Meus olhos passam pela expressão angustiada de Bronwyn novamente antes de Addy responder:

— Nate. — Eu suspiro e ela completa: — Ele vai ficar bem, dizem. É só que... ele e Bronwyn eram os mais próximos da bomba quando ela explodiu. E ele foi praticamente o escudo humano dela, então sentiu o impacto. — Ela levanta a mão para girar um dos brinquinhos dourados na orelha. — Foi... Você se lembra da bomba na maratona de Boston? Que era uma panela de pressão com pregos e outras coisas dentro? — Concordo com a cabeça, embora não consiga acreditar que

estamos conversando sobre técnicas de explosivos no meio do Bayview Memorial Hospital. — Do mesmo tipo. Eles já estavam distantes, felizmente, mas o braço de Nate foi bem afetado e tiveram que tirar...

Ela hesita e eu fico sem respirar.

— O braço dele?

— Não! Não, não — responde Addy rapidamente. Ela puxa o brinco com força. — Meu Deus, sinto muito. Eu estava tentando me lembrar da palavra para, tipo... os pedacinhos que saem voando de uma bomba.

— Estilhaços — diz Luis. Fico mole de alívio quando Addy concorda.

— Mas ele vai ficar bem?

— É o que estão dizendo. Mas não sei a gravidade dos ferimentos do braço dele. — Addy fala mais baixo, tremeluzindo os olhos na direção da mulher de meia-idade sentada ao lado de Bronwyn. — Vai ser terrível se ele não puder trabalhar. Nate precisa do dinheiro para ficar no apartamento. Apesar de não serem mais casados, a mãe dele está morando com o pai, porque ele ainda está entrando e saindo da reabilitação e precisa de cuidados. É tão *tensa* aquela casa. Nate não pode mais viver daquele jeito. Simplesmente não pode.

Tem informação demais chegando de uma única vez, mas ainda há muita coisa que eu não entendo.

— Por que alguém faria algo assim? — pergunto. — Você disse que Knox e Maeve são os heróis, o que eles fizeram?

Addy expira.

— Ainda está meio confuso. Nós não tivemos muitas oportunidades de conversar com nenhum dos dois, o que entendemos completamente, mas... Havia esse cara, Jared Jackson, acho? O irmão dele é um dos policiais que está no noticiário por prender pessoas sob falsas acusações criminais a respeito de drogas. Ele vinha mandando ameaças de morte para Eli, e decidiu levar isso a cabo essa noite. Knox e Maeve estavam no encalço dele. Eu nem sei bem como eles chegaram nisso, sendo honesta, mas o seguiram até o Da Talia. — Ela estremece e abaixa na cadeira de novo. — Todos nós provavelmente estaríamos mortos sem os dois. A bomba estava literalmente embaixo do deck em que estávamos.

— Pelo menos a polícia prendeu o sujeito bem rápido — acrescenta Luis, soturnamente.

— Graças a Maeve e Knox — diz Addy. — Knox gravou tudo. O pior foi que a polícia *estava* no restaurante. Eli tomou todas as precauções por conta das ameaças. Mas eles estavam lá *dentro*. Ninguém se preparou para isso. — Os lábios dela ficam rígidos, formando uma linha. — Tipo, essa é a vida da minha irmã agora? Ela vai ter que lidar com terroristas e ameaças de morte? Eu amo Eli do

fundo do meu coração, mas isso é horrível.

Maeve se mexe, mas não acorda, e Luis dá um beijinho no topo da cabeça dela.

— O casamento ainda vai acontecer amanhã? — pergunta ele.

— Eu nem sei. — Addy suspira.

Meu telefone começa a tocar no bolso. Eu pego o aparelho e contendo um resmungo ao ver que é Derek me ligando. Já. O *timing* é péssimo, mas não quero ficar fazendo joguinhos. Quem sabe ele não supera de uma vez. E talvez, quando acabarmos, Knox tenha voltado para me explicar mais a respeito do que aconteceu essa noite.

— Preciso atender — digo a Addy.

Eu me levanto e sigo com cuidado pela multidão da sala de espera até chegar ao corredor.

— Alô — digo, tapando a outra orelha com o dedo indicador.

— Phoebe, é o Derek. Estou feliz por você ter entrado em contato.

— A voz dele parece distante e, se eu já não soubesse quem era, nunca teria reconhecido. *Eu não faço ideia de quem seja essa pessoa*, penso enquanto me apoio na parede.

— Por quê? — digo sem entonação.

Derek dá um pigarro.

— Bom, para ser honesto, eu não consigo parar de pensar em você desde a festa na casa da sua amiga. Sinto que podemos ter algo especial se...

— Você tá de sacanagem comigo? — Eu não percebo que estou gritando até que uma enfermeira me lança um olhar de advertência. Eu abaixo a voz. — Você sabia que Emma está no hospital?

— Ela o quê? — Ele parece desnorteadado. — Não. Como eu saberia disso? Não falo com Emma há meses. O que aconteceu?

— Ela está destruída! E acho que tem relação com o que aconteceu entre nós; o que, a propósito, não foi *especial*. Foi estúpido. Enfim. Emma descobriu sobre a gente no mês passado, e de repente está bebendo horrores. Para quem você abriu a boca? Você parou um segundo para pensar que se saísse falando para os outros poderia chegar nela?

— Eu... — Derek fica em silêncio, o som da respiração dele sendo a única garantia de que continua na linha. Estou sentindo uma onda de satisfação por minhas palavras tenham surtido efeito quando ele completa: — Phoebe, *eu* contei para Emma. No dia seguinte.

Eu pressiono o celular com mais força contra o ouvido, a fim de evitar o barulho do corredor.

— Como é? O que você disse?

— Contei a Emma sobre nós. Eu me senti muito mal e achei que você fosse contar a ela, então eu só... Eu queria tirar esse peso de mim, acho.

— Você contou para Emma — repito. Afasto o telefone da orelha e fico olhando para a tela, como se isso fosse me ajudar a entender as palavras de Derek, e uma sequência de mensagens da minha mãe pipocam:

Phoebe, você ainda está aqui?

As enfermeiras disseram que você desceu.

Preciso que você volte para o quarto de Emma.

Agora.

Merda. Não parece bom. Levo o telefone de volta ao ouvido apenas por tempo o suficiente para dizer a Derek:

— Preciso desligar. — E é o que faço antes de refazer meu trajeto escada acima.

Eu estava me preparando para muitas coisas quando cheguei ao quarto de Emma, mas não para um oficial da polícia.

— Hum. Oi — digo, nervosa, apertando o meu celular quando entro. Mamãe está sentada ao lado da cama de Emma e o policial está de pé. A enfermeira grisalha está escrevendo alguma coisa no registro da minha irmã, que segue dormindo. Observo o seu rosto tranquilo, desejando poder enxergar dentro da sua cabeça. Emma sabia sobre o que aconteceu entre mim e Derek. Ela *sabia*. Mesmo quando me confrontou no Café Contigo, ruborizada e quase aos prantos, balançando o telefone como se fosse a primeira vez em que ouvia a respeito.

A não ser que Derek esteja mentindo. Mas por que ele faria isso? Minha cabeça dói, meu cérebro trabalhando sem parar na tentativa de conectar os pontos de todas as novas informações que chegaram até mim hoje.

A voz irritada da mamãe penetra o emaranhado dos meus pensamentos.

— Phoebe, esse é o detetive Mendoza, da polícia de Bayview. Ele tem algumas perguntas para você.

— Para mim? — Tiro os olhos de Emma quando a enfermeira se apruma.

— Pode ficar aqui, se quiser — diz ela, cruzando em direção à porta. — Podemos fechar por alguns minutos para dar privacidade a vocês. É só apertar o botão se a paciente precisar de alguma coisa.

Eu fico parada perto da porta depois que ela fecha, e o detetive Mendoza dá um pigarro.

— Phoebe, eu já expliquei isso a sua mãe: você não está sendo acusada de nada relacionado aos eventos desta noite. Você tem um alibi válido para a noite inteira. Mas gostaríamos da sua cooperação

conforme montamos o caso contra Jared Jackson, e para isso precisamos entender a sua relação com ele.

— A minha... o quê? — Eu gostaria de ter um copo de água em mãos. De repente a minha garganta está tão seca que dói. — Eu não tenho uma *relação* com ele. Ouvi esse nome pela primeira vez agora, lá embaixo.

— Nós interrogamos o Sr. Jackson pelas últimas horas sobre as motivações dele para o que aconteceu no Restaurante da Talia. Nós também apreendemos o telefone dele, em que ele alega ter meses de conversas com você. Ele disse que a conheceu em um fórum na internet chamado A Vingança É Minha no fim de dezembro. Vocês dois se conectaram pelas tragédias familiares e, eventualmente, concordaram em, como ele colocou, *derrubar* os seus inimigos. O Sr. Jackson disse que cumpriu a parte dele do acordo quando bolou um jogo de mensagens de Verdade ou Consequência, no Colégio Bayview, que acabou levando à morte de Brandon Weber no início do mês.

As minhas pernas ficam subitamente bambas e eu mal consigo chegar na cadeira do canto.

— Eu não entendo... Brandon... O que tem Brandon? — Eu olho na direção da mamãe, que se mexe ao lado da cama de Emma como uma sonâmbula tentando se levantar.

— Espere. Brandon Weber? Você não falou nada disso antes — ela se mete, grossa.

O detetive Mendoza olha para um bloquinho que tem nas mãos.

— De acordo com Jared Jackson, ele usou fofocas sobre os alunos do Colégio Bayview, incluindo sobre você e a sua irmã, para dar início ao jogo. — Ele me olha rapidamente, depois volta para as suas notas. — As ações que acarretaram na morte de Brandon Weber foram resultado de uma consequência endereçada a ele. O Sr. Jackson se aproveitou do conhecimento que tinha em construção para remover os suportes da plataforma, provocando a queda que levou Brandon à morte. Em troca, você deveria ajudar o Sr. Jackson a se vingar de Eli Kleinfelter por ter colocado o irmão dele na cadeia. Entretanto, o Sr. Jackson alega que você sumiu depois da morte de Brandon Weber e ignorou as tentativas de contato dele. E assim chegamos ao ataque desta noite. Ele decidiu lidar com a questão sozinho e finalizar o combinado sem você.

Não ignore as tentativas de contato. Precisamos conversar. Era isso que estava escrito no bilhete que peguei no Café Contigo ontem. Se estou entendendo o detetive Mendoza, Jared Jackson foi quem o escreveu. E bolou todo o jogo da Verdade ou Consequência... para mim. O que absolutamente não faz sentido algum. Mesmo deixando de lado a ideia sem sentido de que eu concordaria em machucar Eli... Como uma pessoa que eu nunca conheci acredita que eu faria um acordo desses?

E que eu queria Brandon morto?

Vou vomitar.

— Não. Isso não... Eu não faria algo assim nem em um milhão de anos — respondo. Uma imagem me passa pela cabeça: Brandon no meu apartamento, me assediando e soltando insultos. Naquele momento, eu o odiei. Conteí isso a quem não devia? Como Jared Jackson poderia saber sobre isso, ou sobre mim? — Por que eu? Brandon e eu não... Nós não nos dávamos bem o tempo todo, mas ele não era meu *inimigo*.

O tom do detetive Mendoza não muda, segue calmo e sem emoção, como se as suas anotações fossem um livro de referência que ele estivesse usando para dar uma aula:

— O Sr. Jackson disse que você lhe contou que Brandon Weber contribuiu para a morte do seu pai ao provocar o mau funcionamento de uma empilhadeira em um momento crítico de sua operação.

Tudo dentro de mim congela. Eu me esqueço de como respirar. As lágrimas que vinham se acumulando no fundo dos meus olhos congelam. O meu coração, que estava retumbando forte nos meus ouvidos, de repente está tão silencioso que por um breve segundo eu penso que estou morta.

— O quê? — Forço as palavras pelos meus lábios adormecidos, frios e murchos. Não parece ser tudo. Deve ser preciso mais palavras. Eu procuro por elas no meu cérebro. — Você. Disse.

Um choro sufocado escapa da minha mãe.

— Eu nunca quis que vocês soubessem, Phoebe. Qual o objetivo de saber uma coisa dessas? Eu sinto muito por não ter preparado você para isso. Mas você poderia ter *falado* comigo. Por que você não falou comigo?

Brandon. *Papai*. É um pesadelo. Estou acordada e tendo o pior pesadelo de toda a minha vida. Eu me belisco com o máximo de força que consigo, mas também não acordo.

— Eu não... — digo, finalmente — sabia de nada disso.

— De acordo com o Sr. Jackson, vocês dois conversaram sobre isso detalhadamente — diz o detetive Mendoza. — Quando você contou sobre o acidente pela primeira vez, ele procurou seu nome na internet e viu a cobertura de imprensa do serviço de cerimonial da sua mãe. Por isso ele propôs o pacto de vingança: ele sabia que você poderia lhe dar acesso ao Sr. Kleinfelter. — Pela primeira vez, a voz do detetive Mendoza fica um pouco mais gentil. — Você ainda estava processando uma descoberta traumática quando o conheceu. A lei compreende isso, principalmente quando temos cooperação total. Podemos contar com isso?

— Não. — A minha voz ganha força, finalmente, porque que se dane isso. A única coisa de que tenho certeza aqui é que não fazia

ideia de quem era Jared Jackson antes de hoje. — Jared Jackson está enganado. Ou mentindo. Eu nunca falei com ele na internet, nem mesmo pessoalmente. E não sabia que Brandon tinha qualquer coisa a ver com o que aconteceu com o meu pai até esse exato momento. — Tudo está se desfazendo agora: as lágrimas escorrem, meu coração acelera e minha voz treme: — Eu não fiz nada disso.

— Então como Jared saberia que Brandon estava envolvido no acidente do seu pai, Phoebe? — pergunta o detetive Mendoza. Não como se estivesse zangado, mas genuinamente curioso.

Abro e fecho a boca.

— Eu contei a ele.

Pisco, completamente confusa. Eu disse isso?

O rosto do detetive Mendoza vira de mim para a cama de Emma. Os meus olhos seguem o movimento. Ela está se sentando, pálida, mas acordada. Sua mão está entrelaçada na da minha mãe.

— Eu disse a ele — repete Emma, baixo. — E disse a ele que eu era Phoebe.

A expressão da mamãe fica tensa do choque conforme o detetive Mendoza se aproxima do pé da cama.

— Você está dizendo que fez esse pacto de vingança com Jared Jackson, Emma? — pergunta ele.

— Eu... não. — Emma hesita. — Não como você descreveu. Eu o conheci na internet e fingi ser a minha irmã porque... porque eu estava com raiva dela por outros motivos. — Ela me dá uma olhada, e eu fico vermelha. — E eu contei a ele o que aconteceu com o meu pai e ele... e ele disse que poderíamos nos ajudar. — A voz de Emma vacila. Ela solta a mão da mamãe e começa a mexer na borda do seu cobertor hospitalar. — Mas ele nunca falou de Eli. Eu nem sabia que eles se conheciam. E assim que o jogo de Verdade ou Consequência começou, eu *odiei*. Eu me arrependi de tudo. Pedi a Jared para cancelar o plano e ele disse que o faria.

A voz dela treme mais e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Mas o jogo continuou. Eu não entendi o porquê, mas tive medo de entrar em contato com Jared novamente. Fiquei esperando que ele se entediasse e parasse. E Brandon... — Emma solta um choro engasgado conforme as lágrimas escorrem por suas bochechas. — Brandon não deveria ter morrido.

Eu ouço o meu próprio suspiro quando o detetive Mendoza pergunta:

— O que deveria ter acontecido com Brandon? — Já não há mais o tom gentil de antes.

Emma hesita e minha mãe fala antes que ela consiga:

— Acho que basta — diz, a expressão de espanto sumindo. Os seus ombros se endireitam, como se finalmente algo estivesse se

encaixando, e ela adiciona: — Acho que não devemos falar mais nada enquanto não houver um advogado presente.

CAPÍTULO 31

Maeve

Sábado, 28 de março

— Senhoras e senhores, aqui estão eles. Pela primeira vez apresentados como marido e mulher, deem as boas-vindas a Eli Kleinfelter e Ashton Prentiss!

A multidão no salão de festas do hotel fica de pé para bater palmas quando Eli leva Ashton para a pista de dança. Todos estão aplaudindo tanto que o som das palmas quase abafa a música. Ontem à noite, Eli e Ashton disseram a todo mundo que ainda planejavam se casar hoje, mas que entenderiam totalmente se as pessoas decidissem não comparecer.

Mas todos viemos, cada um dos convidados. Com exceção dos Lawton. A essa altura, o casamento está sem cerimonialista, porque a Sra. Lawton está ocupada com outras coisas.

Ninguém sabe exatamente o que aconteceu entre Emma Lawton e Jared Jackson. Eli só conseguiu apurar uma ou outra informação ontem à noite e hoje pela manhã. Pelo que ele entendeu, Emma encontrou a papelada do acordo com a empresa em que o pai trabalhava logo depois do Natal. Ela estava revoltada o bastante para procurar pelo antigo fórum de vingança de Simon, onde conheceu Jared Jackson e contou para ele o que Brandon havia feito. Jared veio com a ideia de um pacto de vingança e Emma não refutou de imediato. Mas depois disso fica meio confuso.

De acordo com Eli, Emma diz que parou de falar com Jared logo após o início do jogo de Verdade ou Consequência. Ela insiste que não sabia que Brandon ia morrer, ou que Eli era um alvo. E Jared insiste em dizer que ela sabia.

O restante de nós só está esperando a verdade vir à tona.

Eu não sei como Eli conseguiu se preocupar comigo e com Knox no meio de tudo isso, mas ele garantiu que soubéssemos que o envolvimento de Phoebe se limitava a Emma usar o nome dela.

— Para a polícia, Phoebe não está mais sob suspeita — ele nos disse.

Ela mandou algumas mensagens para Knox e para mim um pouco antes de sairmos para o casamento:

Eu amo vocês dois.

Obrigada pelo que fizeram.

Estou feliz por vocês estarem bem.

Não consigo dizer mais nada agora, então não perguntem.

Desculpe.

Eu gostaria que as coisas fossem diferentes e que ela pudesse fazer parte desta noite. A cerimônia de casamento de Eli e Ashton acabou sendo o antídoto perfeito para o trauma de ontem. Vê-los trocando juras fez com que todos se lembrassem de que o amor, a esperança e a beleza ainda existem, mesmo quando as coisas parecem impossivelmente difíceis. O meu humor tem melhorado consistentemente ao longo do dia, e agora que Ashton e Eli estão dançando na pista — de um jeito meio desengonçado, porque Eli *não sabe* dançar e fica um esbarrando no outro —, eu me sinto quase normal. Addy, que chorou praticamente a noite inteira, está parada e sorrindo na beira da pista, com um belo vestido azul-claro de dama de honra. Ela está segurando um buquê de rosas brancas numa das mãos e com a outra segura o braço do padrinho-biólogo-molecular-gatinho. Ele se inclina na direção do ouvido dela e diz algo que a faz rir tanto que quase derruba as flores.

— Ashton está deslumbrante — diz Bronwyn. Ela está parada ao meu lado na nossa mesa, a mão firme na de Nate. Eu não acho que ela o tenha largado desde que ele recebeu alta do hospital pela manhã. Nate é o que está vestido mais informalmente entre nós, já que ele não conseguiu usar nada que não fosse uma camiseta com a tipoia. Os cirurgiões retiraram cinco estilhaços de metal do braço esquerdo dele, que está enfaixado até o ombro. Nate provavelmente ficará com cicatrizes, mas teve muita sorte por não ter tido nenhuma lesão no nervo.

E por trabalhar para o Sr. Myers. O pai de Knox foi até hospital ontem à noite para avisar a Sra. Macauley que o seguro da empresa pagaria o salário de Nate enquanto ele estivesse se recuperando.

— Por quanto tempo? — perguntou a Sra. Macauley, nervosa.

— Pelo tempo que for necessário — ele respondeu.

Agora Nate está sorrindo para mim e para Bronwyn.

— Parece que Eli está prestes a desmaiar.

— Eu tenho certeza de que é a primeira vez dele numa pista de dança — digo.

Nate concorda com a cabeça.

— Eu acredito.

Bronwyn olha ao redor do salão lotado.

— Onde está o seu par?

— Conversando com a mamãe e com o papai — respondo, apontando algumas mesas adiante, onde minha mãe está sorrindo animadamente para Luis enquanto papai dá um tapinha nas costas dele.

Minha irmã faz uma cara feia conforme os observa.

— Ah, isso não é nada justo. Luis é seu namorado faz cinco minutos e eles já estão caidinhos por ele. Levou um ano para que mamãe e papai começassem a gostar de... — Ela olha para Nate, que ainda está ao seu lado, e se toca: — Qualquer pessoa.

Nate passa o braço bom pela cintura dela e a puxa, cheirando seu pescoço.

— Do que você está falando? — brinca. — Seus pais me amam. Sempre amaram.

O DJ pega o microfone mais uma vez quando a música muda para um ritmo animado.

— Todos vocês, juntem-se ao casal na pista de dança!

Kris agarra Cooper pela mão e começa a puxá-lo.

— Vamos lá. É melhor você estar preparado, porque eu sou uma máquina quando se trata de dançar em casamentos. Nós só vamos parar quando a música acabar.

Cooper pisca enquanto o segue.

— Ainda tem tanta coisa que eu não sei a seu respeito, né?

— Vamos dançar — Bronwyn diz a Nate.

— Não posso. — Ele levanta o braço enfaixado. — Estou machucado.

Ela põe a mão nos quadris.

— Suas *pernas* não estão.

Nate faz uma careta e leva a mão até a testa.

— Me sinto tonto de repente — tenta, afundando na cadeira atrás dele. — Talvez eu desmaie. — Quando Bronwyn se inclina na direção do namorado com uma expressão preocupada, ele a segura pela cintura, puxando-a para o seu colo. — Provavelmente preciso de uma reanimação cardiorrespiratória. Você tem certificado, não tem?

— Você é horrível — reclama Bronwyn, mas começa a beijá-lo antes mesmo de terminar a frase.

Olho para a mesa dos meus pais, onde Luis segue conversando educadamente. Mais uma de suas qualidades: Bom em Lidar com Pais. Eu sugeriria que ele desse umas aulas para Nate, mas acho que com todo esse lance de *se sacrificar para salvar Bronwyn* ele finalmente conquistou os dois. Quando mamãe olha para onde estamos, ela nem faz cara feia para a sessão de amassos a minha direita.

Eu e Luis nos olhamos ao mesmo tempo, e eu não consigo evitar o

sorriso quando ele vem na minha direção. Aquele garoto. De terno... uau.

Nós nos encontramos na beira da pista de dança e ele estende a mão.

— Vamos?

— Vamos — Luis me gira com habilidade, e minha saia rodopia, traçando um círculo brilhante antes que ele me puxe para perto. Eu apoio minha cabeça no seu peito, sentindo o cheiro agradável de sabonete, e ele aproxima os lábios do meu ouvido.

— Como você está?

É uma pergunta difícil de responder. Inclino a cabeça para poder encará-lo.

— Neste exato momento, muito bem. Hoje foi lindo. No entanto, no geral... — Um tremor percorre meu corpo, fazendo tudo arrepiar. — As coisas não estão ótimas, né? Estou com medo por Ashton, por Eli e por todos que trabalham com ele. Ninguém sabe o que está rolando com Emma. E Brandon continua morto. — Minha voz falha um pouco. — Se tivéssemos descoberto antes quem era Jared...

Os braços de Luis me apertam.

— Não tinha como você ler os pensamentos dele. Nem pense nisso. Você foi ótima, Maeve. Você salvou vidas, sabe. Você e Knox.

Essa parte ainda não parece real. O meu cérebro não me deixa imaginar um enredo alternativo em que nós não conseguimos tirar a mochila de Jared de perto do restaurante.

— Acho que sim. — Eu quero sentir algo bom, alguma felicidade, então lanço meus braços ao redor do pescoço de Luis e fico na ponta dos pés para roubar um beijo de leve.

— Um dia desses — diz ele quando me afasto — eu é que vou surpreender você.

Um sorriso se forma nos cantos da minha boca.

— Mal posso esperar.

— Talvez quando eu a levar num encontro de verdade.

Olho em volta.

— Isso aqui não é um encontro?

— Que nada, tem gente demais. E nós ficamos em ambientes fechados o dia todo. Você sabe como me sinto quanto a isso.

— Você é anormalmente afetado por isso mesmo. Aonde você me levaria, então? Se, por exemplo, decidíssemos fazer alguma coisa amanhã?

— Na baía La Jolla — responde imediatamente. — Levaria você para andar de caiaque.

Eu engasgo. Ai, Deus, praia não. E o *mar*. Mas talvez seja diferente com Luis. Muitas coisas já são. Ainda assim, estreito os olhos para ele.

— Caiaque? Parece trabalhoso.

— Eu faço tudo — promete.

— É assim que vai ser namorar com você? Vai ficar me levando para cenários pitorescos na grande San Diego? — Não é nada mau, na verdade.

Ele abre um sorriso.

— Vou ensiná-la a andar de caiaque, se você quiser. É divertido, juro. Minha família vai muito durante o verão. Eles adorariam que você fosse também.

Estou gostando do rumo dessa conversa, mas...

— Mas talvez eu não esteja aqui — respondo. Ele levanta as sobrancelhas. — Acho que vou me candidatar para ser orientadora em uma escola no Peru, com Addy. Se for aceita, teria que estar lá em julho e agosto.

Venho pensando na possibilidade desde que vi o panfleto no apartamento de Addy, mais ainda depois do atestado de boa saúde do Dr. Gutierrez. Ontem à noite, enquanto não conseguia dormir, tentei enumerar as coisas positivas que vieram com essa experiência horrível. Luis, definitivamente. Ficar amiga de Phoebe. Ter aprendido que eu e Knox sempre poderemos contar um com o outro. E acreditar o bastante no meu futuro para fazer planos.

— Dois meses inteiros? Caramba. — Ali está a cara decepcionada de Luis de novo, até que ele a muda com um sorriso pesaroso. — Quero dizer, parece ótimo. Óbvio. Só me garanta que vai voltar.

— Eu garanto. Prometo. — Do canto do olho, percebo uma figura familiar sozinha em uma mesa vazia. Estou de olho em Knox, porque a todo momento sua aparência alegre desmonta e ele começa a esmorecer frente ao peso da noite passada. E agora parece ser um desses momentos. Eu me afasto de Luis e aperto o seu braço. — Vou ver como Knox está, ok? Ele parece precisar de companhia.

— Tudo bem — responde Luis. Eu me viro para sair, mas ele me puxa de volta e me segura pelas bochechas, se abaixando para me dar um beijo lento e demorado. Eu fico sem ar e ele ri conforme se afasta. — Agora foi.

— É, bem. Você ainda precisa de mais para me alcançar. — Olho para trás e jogo um beijo para ele, caminhando até Knox.

Quando chego na sua mesa, ele está de pé e com um guardanapo dobrado numa das mãos.

— Ei — diz. — Acho que vou embora.

— O quê? Não! A festa acabou de começar.

— Eu sei, mas... estou arrasado. — Knox afrouxa o nó da sua gravata, deixando-o mais baixo. O cabelo dele está bagunçado, os olhos sombreados por olheiras. — Foi um dia longo. E pensei em ver como Phoebe está, talvez levar um pedaço de bolo para ela. — Ele levanta a mão com o guardanapo, e agora percebo o glacê branco

perolado saindo.

— Já cortaram o bolo? — pergunto. — Como eu perdi isso?

— Não cortaram — diz Knox. — Mas uma das garçonetes me disse que havia fatias extras na cozinha, caso alguém quisesse levar para casa. Ela me deu um pedaço.

— Muito legal da sua parte. — Num impulso, eu dou um passo à frente e aperto a mão livre de Knox. — Você é um bom amigo, sabe disso?

Em algum momento, provavelmente em breve, a nossa estranha história de amor vai vazar para além das fofocas do Colégio Bayview. A história de Jared Jackson tem peso, e os repórteres já estão atrás de detalhes. A equipe de Mikhail Powers tem ligado para a minha casa sem parar. O próprio Mikhail mandou um buquê imenso de flores exóticas e coloridas para nós, com um bilhete: *Minha mais profunda admiração e respeito pelas mulheres fortes da família Rojas, sempre.*

— Não se deixe levar pelo charme dele — Bronwyn aconselhou quando eu lhe contei. Mikhail Powers persuadiu minha irmã a dar mais de uma entrevista. Nunca foram ruins, mas ela sempre diz a si mesma que não vai repetir a experiência. Até repetir. — Mas se você for falar com ele, diga que mandei um oi.

Não pretendo falar com ninguém. Mas já experimentei o circo da imprensa antes, quando Simon morreu. Não vão sossegar enquanto cada uma das mensagens do Verdade ou Consequência não for exposta e analisada — incluindo o que aconteceu comigo e com Knox. Mas fiz minhas pazes com isso, e espero que ele não se importe, assim como eu não me importo. Nenhum de nós tem nada a justificar, ou motivo para sentir vergonha. Temos sorte, isso é tudo. Temos mais do que sorte por ter um ao outro.

Ele aperta a minha mão, dando um sorriso torto.

— Você também é.

CAPÍTULO 32

Knox

Sábado, 28 de março

A Sra. Lawton me recebe na porta e, pela sua aparência, eu diria que faz um mês que não dorme. Mesmo assim, ela se esforça para se animar e me lança um sorriso exausto.

— Olá, Knox. Como você está bonito.

Ela não me pergunta como foi o casamento, e eu não conto. É melhor não ter certas conversas quando as coisas estão recentes assim.

— Obrigado. — Consigo discernir um ruído leve de videogame em algum lugar do apartamento, e espero que Owen não apareça. Eu não conseguiria fingir que me importo com *Bounty Wars* nesse momento.

— A Phoebe está?

A Sra. Lawton hesita.

— Desculpe, Knox, mas Phoebe provavelmente não deve falar com outra testemunha do caso Jackson agora. É um momento delicado.

— Não, eu entendo totalmente. Phoebe já disse, eu entendo. Prometo que não vou falar sobre o assunto. Mas achei que um amigo poderia ser bom. E... — Coloco a mão no bolso e puxo um papel dobrado. — Eu queria entregar isso a você. Eli mandou. É uma lista de advogados para os quais você poderia ligar, se estiver à procura de escritórios de confiança, ou algo do gênero. Ele diz que esses são bons.

Eli me mandou a lista por e-mail antes de sair de casa para a cerimônia de casamento. *O Até que Provem obviamente não pode chegar perto do caso, por causa do nosso envolvimento*, ele escreveu. *Mas Emma precisa arrumar uma defesa assim que for possível. Os precedentes de cortes pegando pesado com jovens tidos como incitadores, tanto pessoalmente quanto on-line, só estão crescendo. Mesmo quando há desistência, como aconteceu com Emma.*

Isto é, se ela desistiu mesmo. Eu quero acreditar em Emma, mas é difícil imaginar que Jared continuaria o jogo de Verdade ou Consequência sem o envolvimento dela. E ainda há um fato: ela deve

ter abastecido esse cara de fofocas, não somente sobre Phoebe e Derek — o que é bastante doentio —, mas também sobre mim e Maeve, ainda que nenhum de nós tenha feito nada contra ela. Eu até achava que ela gostava de mim. Quem pode saber do que mais Emma é capaz?

Você tem certeza de que ela está dizendo a verdade?, escrevi para Eli.

Ele respondeu imediatamente: *Estando ou não, ela precisa de uma boa defesa.*

Espero um dia ser o tipo de cara que não se preocupa com uma garota que supostamente fez parte de uma trama de vingança para me destruir. Só que ainda não cheguei lá. Estou feliz por Emma ter que passar mais um dia no hospital e eu não correr o risco de esbarrar com ela agora.

— Que gentileza. — Os olhos da Sra. Lawton brilham quando pega o papel. — Por favor, diga a ele que eu agradeço. — Ela esfrega a têmpora e me dá um sorrisinho. — Imagino que alguns minutos com Phoebe não façam mal. Você tem razão: pode ser bom ver um amigo. Ela ficaria imensamente feliz em ver você, tenho certeza. Ela está no terraço.

— Obrigado, e... — Eu estava prestes a entrar, mas paro na soleira da porta. — Desculpe, onde?

— Fizeram um novo terraço no prédio. Instalaram o gradil na semana passada. Phoebe está lá. Você pode pegar o elevador até o último andar e então subir uma escada bem ao lado dele, que leva ao terraço.

— Ah. — O meu medo de altura ficou dez vezes pior depois que Brandon morreu, um terraço é o último lugar em que quero estar agora. Vou ficar bem no meio, de onde não se pode ver a borda. Vai parecer só mais um andar. Um andar sem paredes ou um teto. Merda. — Certo. Então. Eu vou então para o... terraço. — Tento dar um aceno confiante para ela quando sigo pelo corredor, mas não acho que convenço.

A porta do elevador é de espelhos, e eu poderia viver sem isso na viagem até o último andar. A minha camisa está para fora da calça e toda amassada, a gravata afrouxada está torta. Parece que eu penteei o cabelo com um aparador de grama. Pelo menos ele finalmente está crescendo, acho. Quando a porta se abre, encontro a escada e subo dois lances curtos de degraus até uma porta pesada de metal. Eu a empurro e imediatamente sou atingido por uma rajada de vento.

Certo. É óbvio. Porque a única coisa pior do que estar em um terraço é estar em um onde venta tanto que o vento pode atirar você de lá.

Sufoco o pensamento e tento dar uns passos adiante, até que vejo Phoebe encostada no que parece ser um gradil muito frágil.

— Ei — chamo e ela se vira. — Trouxe um pedaço de bolo.

Phoebe levanta a mão num aceno fraco, mas fica onde está, então acho que vou ter que ir até lá. Eu provavelmente devo isso a ela, depois de pensar, mesmo que por um nanossegundo, que Phoebe poderia estar envolvida nessa confusão.

— Você trouxe o quê? — ela pergunta quando estamos próximos o bastante para conversar. O cabelo de Phoebe está preso num coque desarrumado no topo da cabeça, cachos voando para todo lado com o vento. Ela está vestindo o que parecem ser calças de pijama e um top. Eu diria que ela está congelando de frio, mas Phoebe não parece perceber a friagem no ar.

— Bolo. — Engulo em seco, estendendo a mão quando estou a centímetros dela. É o mais perto que consigo chegar da armadilha mortal do gradil. — Bolo de casamento. Do casamento... — Por um segundo, parece que ela vai começar a chorar, e o arrependimento toma o meu peito. Foi besteira ter feito isso? E então ela sorri e pega o bolo.

— Obrigada. É muito legal da sua parte. — Ela separa um pedacinho e come, depois estende para mim o guardanapo. — Quer um pouco? — pergunta de boca cheia.

— Não, estou bem. — Coloco as mãos nos bolsos e tento entender para onde devo olhar. Um suor frio começa a cobrir o meu rosto. Não há nada ao redor além do céu, o que está me deixando tonto, então mantenho o foco no rosto de Phoebe. Mesmo sujo de migalhas, não é uma tarefa difícil. — Como você está?

Phoebe está comendo o bolo como se não colocasse nada na boca há dias. O que é possível, imagino. Ela diz algo que não consigo entender e eu espero enquanto ela engole.

— Na merda — repete, dando mais uma mordida no bolo.

— Imagino que sim. Eu sinto muito.

Ela engole de novo e limpa os farelos do canto da boca.

— Mas você! Eu não tive a oportunidade de agradecer. Primeiramente, por ter descoberto tudo e por ter salvado todo mundo. As coisas seriam ainda piores se... — A voz dela vacila. — Se mais alguém além de Brandon... Deus. — Ela dobra o guardanapo vazio ao meio para usar o lado que não está sujo e enxugar as lágrimas. — Me desculpe. Toda vez que eu acho que já chorei tudo, começo a chorar de novo. — Os ombros dela tremem conforme se curva no gradil, engasgando com altos soluços. — Não consigo parar. Não sei quando isso vai terminar.

Fico paralisado por alguns segundos, dividido entre a tristeza de Phoebe e o vazio assustador logo atrás dela. Então dou um passo à frente e ignoro como a minha cabeça gira e o meu estômago afunda ao chegar na borda do parapeito, puxando Phoebe para um abraço

estranho.

— Ei, está tudo bem. — Eu afago suas costas enquanto ela chora no meu ombro. — Vai ficar tudo bem.

— Como? — ela lamenta. — Está tudo horrível. O meu pai está morto por causa do Brandon e Brandon está morto por minha causa!

— Não por sua causa — digo, mas ela soluça ainda mais. Fico segurando Phoebe por não sei quanto tempo até que ela finalmente para de chorar e começa a respirar bem fundo, num descompasso. Uma das palmas da sua mão está sobre o meu peito, e ela levanta os olhos cheios de lágrimas para me olhar.

— Knox, o seu coração está batendo muito forte.

— É. — Eu pisco, tentando afastar os pontos pretos do meu campo de visão. — O lance é que eu tenho medo de altura e esse gradil é... ele não parece seguro. Ou alto. Não é alto o bastante para o meu gosto.

— Ai, meu Deus. — Ela deixa uma risada chorosa escapar e, para o meu imenso alívio, vai me puxando do parapeito até estarmos no meio do terraço. — Por que você não disse nada? Eu poderia ter chorado no seu ombro aqui do mesmo jeito.

— Bom, você sabe. — Minha tontura retrocede a um nível aceitável. — Tento não chamar muita atenção para o quanto eu sou covarde.

— Covarde? — Ela me encara, enxugando as bochechas. — Você está brincando comigo? Você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci. — Eu baixo o olhar, envergonhado, e ela ri de leve. — Sabe no que eu pensei lá no parapeito? Que o seu coração estava batendo forte assim por minha causa.

— Quê? — Fico tão assustado que praticamente grito, e Phoebe faz uma cara engraçada.

— Não precisa ficar tão apavorado.

— Eu não estou apavorado. Não mesmo — digo rapidamente. — É só que... não é algo que eu teria sequer considerado, porque... — Eu me calo e esfrego a nuca com uma das mãos. — Eu obviamente não teria nenhuma chance. Você é gata demais para mim. Não que eu passe um tempo bizarro e inapropriado analisando o quanto você é gata, mas...

E então eu não consigo mais falar, porque Phoebe está me beijando.

Sua boca é ao mesmo tempo macia e firme, e cada terminação nervosa minha que eu nem sabia que existia pega fogo. Ela tem gosto de açúcar, é cheia de curvas, tem a pele quente. Phoebe levanta a minha camisa, percorrendo a minha barriga com os dedos até chegar no cós da calça, e meu cérebro quase entra em curto-circuito. Só que não inteiramente, porque quando levanto as mãos para segurar o seu

rosto, sinto que está molhado de lágrimas.

— Phoebe. — Eu me afasto com relutância, já sentindo a sua falta. Ela está respirando tão pesadamente quanto eu, mas os seus olhos estão vidrados. Passo o dedo pelo rastro de lágrimas no rosto dela. — Isso foi incrível, mas... Acho que você está triste demais agora. E preocupada e... Provavelmente não é um bom momento para fazermos isso.

Ela deixa escapar um som que é metade choramingo, metade gemido.

— Deus, eu sou um desastre. Você deve me odiar.

— O quê? Não! Tá brincando? Acredite em mim, eu gostaria muito que você tentasse isso de novo em, não sei, uma semana. Ou quando você estiver se sentindo melhor. Se você quiser. Mas se não quiser, tudo bem também.

Ela deixa escapar um suspiro trêmulo.

— Você tem noção do quanto é incrível?

— Não exatamente, não tenho. — Eu ajeito a frente da minha calça, que está meio desconfortável graças à ereção que o amasso com Phoebe provocou. Ela percebe meu movimento e sorri, maliciosamente, em meio às lágrimas. — Que fique registrado, no entanto, que tudo está funcionando perfeitamente aqui — completo. — Caso houvesse alguma dúvida depois de... você sabe.

Ela começa a rir tanto que eu ficaria constrangido se não tivesse notado que a alegrei.

— Ai, meu Deus, você me fez rir. Eu não sabia que isso era possível. — Ela limpa os olhos com as costas da mão. — Obrigada. Eu precisava disso. De tudo isso.

— Que bom. Fico feliz. — Eu a pego pela mão e puxo para a escada. — Podemos sair desse telhado agora?

Quando chego em casa, já está tarde. Andei por todos os lugares esta noite: da recepção do casamento até o apartamento de Phoebe, e de lá até a minha casa. Tem sido difícil respirar desde ontem, e o ar frio tem ajudado um pouco.

Meus lábios ainda formigam do beijo de Phoebe quando abro a porta da entrada. Revivi o momento uma centena de vezes a caminho de casa. Provavelmente só vai acontecer dessa vez, e tudo bem. As coisas não precisam ficar esquisitas. Se eu e Maeve conseguimos encarar a escola inteira sabendo da nossa não primeira vez, um beijo triste no terraço não é nada.

E vai saber, talvez Phoebe realmente tenha querido aquele beijo. Não seria demais?

As luzes da cozinha e da sala de estar estão acesas, e posso ouvir o som de algum jogo na televisão quando entro. Já passou da hora da minha mãe dormir, então deve ser somente o meu pai, e ele não gosta de ser interrompido durante um jogo. Deixo as minhas chaves sobre a mesa e sigo para a escada.

— Knox? — A voz do meu pai me interrompe. Então ouço passos até que ele aparece no batente da porta com uma garrafa de Bud Light na mão. A luz amarelada e pálida do corredor aprofunda cada ruga do seu rosto. — Como foi o casamento?

— Ah. — Por um instante, tenho um branco. Parece que o casamento aconteceu meses atrás. — Foi... bom. Eu acho. Você sabe. Foi bom o bastante, diante das circunstâncias.

Ele assente com veemência.

— É, com certeza.

— Nate estava lá — completo. — Ele parecia bem. Estava brincando, não parecia estar sentindo muita dor nem nada assim. — Dou um pigarro. — É ótimo o que você está fazendo por ele. Sabe, o lance do seguro. Todo mundo fica repetindo como foi bom... Como é bom. Vai ser.

Jesus. Você não consegue calar a boca, Knox.

— Norma da empresa — diz papai, sério.

— Eu sei, mas, tipo... você faz as normas.

Para a minha surpresa, sua expressão se transforma num sorriso.

— Acho que sou eu, sim.

É um momento tão bom quanto qualquer outro para externar o que venho querendo dizer a ele há um tempo.

— Pai, sinto muito por ter cortado caminho pelo estacionamento do shopping. Eu não deveria ter feito isso. Não é que eu não ouça você, ou que não respeite o seu trabalho. Eu respeito, sim, e muito. Só fui descuidado.

As linhas no rosto dele se suavizam.

— Bom, você tem 17 anos. Isso vai acontecer algumas vezes, acho. — Ele toma um gole de cerveja e olha para o chão. — Devo desculpas a você também. Eu não deveria ter dito que você não trabalhava duro. Sei que você trabalha. — A voz dele fica rouca. — E mais uma coisa. Você foi esperto ontem à noite. E corajoso e, embora eu desejasse que você tivesse se mantido em segurança nessa situação, estou orgulhoso demais pelo que você fez. Tenho muito orgulho de você, ponto final. Sempre.

Caramba. Eu consegui passar as últimas 24 horas sem chorar e agora o meu *pai*, de todas as pessoas, vai me fazer ir às lágrimas. E então ele provavelmente vai retirar tudo o que disse, porque sou um fraco. Antes que eu me descontrole, no entanto, papai abaixa a sua cerveja numa mesinha, deixa escapar um soluço engasgado e me puxa

para um abraço de urso. Que dói um pouquinho, mas levando em consideração todo o contexto?

Vale a pena.

CAPÍTULO 33

Phoebe

Quarta-feira, 1º de abril

Eu demoro para sair do carro no estacionamento da escola na quarta-feira de manhã. Saí de Bayview no domingo e fui ficar com Owen e minha tia em outra cidade. Mamãe achou que precisávamos de uma pausa, e ela provavelmente estava certa. Owen continuou lá, porque é um gênio e está meses adiantado no conteúdo do ano letivo. Mas eu não posso ficar afastada para sempre.

Estou assustada por estar aqui. Com medo do que as pessoas vão pensar e dizer agora que a verdade está começando a aparecer. Receio que vão odiar Emma — e a mim. E eu não posso culpá-los, porque na maior parte do tempo eu odeio a gente também. Odeio Emma por ter começado essa confusão e a mim por ter dado o empurrãozinho que faltava quando fiquei com Derek no pior momento possível.

E odeio Brandon pelo que ele fez três anos atrás, mas não o bastante para não estar cheia de remorso pelo que aconteceu com ele. Sei que o erro de um garoto mimado de 13 anos não merece isso.

Tudo dói, basicamente. O tempo todo.

O meu telefone apita na bolsa e eu o alcanço para ler uma mensagem de Knox. *Não fique nervosa. Estamos com você.*

Mando um emoji de joinha de volta, sentindo um frio na barriga. Fico repassando o momento que tivemos no terraço o tempo todo — não somente o beijo, que esquentou todo o meu corpo de dentro para fora, mas a maneira como Knox me confortou no gradil por tanto tempo, mesmo que estivesse com muito medo. E o modo como me fez rir quando eu pensei que já havia me esquecido de como se fazia isso. E ele ainda estava extremamente gato com a camisa amassada e o cabelo desgrehado, o rosto magro e assombrado pela noite anterior.

Talvez eu tenha uma quedinha por heróis feridos. Ou talvez a Phoebe do Futuro, que poderia valorizar alguém como Knox, não esteja tão distante quanto imaginei.

Meu telefone apita de novo. Agora é Maeve. *Entre. O sinal já vai tocar.*

Argh. Acho que não posso evitar isso para sempre. Saio do carro, tranco a porta e me arrasto na direção da entrada dos fundos. Meus olhos estão grudados no chão e, quando chego nas escadas, quase esbarro em um casal que se beija apaixonadamente.

— Desculpe, a culpa foi minha — murmuro, e congelo quando eles se afastam.

Meu estômago se contorce. Sean e Jules. Literalmente as duas últimas pessoas que eu queria ver. Nem consigo imaginar o que Sean vai me dizer — não, não preciso imaginar, porque ele já abriu a sua boca estúpida e, como não consigo me mexer, isso vai ser horrível.

— Oi, Phoebe.

É tão diferente do que eu esperava que o silêncio me atinge.

Jules se desenrosca e dá uma cutucada no braço de Sean.

— Entre — pede ela. — Encontro você no meu armário. — Para o meu espanto, ele a obedece, seguindo desajeitado escada acima até desaparecer pela porta sem dizer uma única palavra.

— Você o adestrou — observo. E com isso eu quero me afundar no chão, porque, *meu Deus*, que grosseria; nenhum dos dois merece isso nesse momento.

Mas Jules sorri.

— Sean tem alguns modelos masculinos muito tóxicos na vida dele, mas tem se esforçado. Ele não é tão horrível quanto você pensa, Phoebe.

Acho que ela tem razão. Principalmente considerando que em algum momento eu pensei que Sean poderia ter começado o jogo das mensagens para matar o melhor amigo. Que piada comigo mesma, acho, quando na verdade foi a minha irmã quem fez isso. Supostamente.

Mas ainda tem uma coisa que eu preciso saber. Talvez já tenha aparecido na imprensa, mas tenho evitado o noticiário como a uma praga. Eu me inclino no corrimão, alternando o peso do meu corpo entre um e outro pé.

— Por que vocês mentiram, Jules? Sobre Brandon ter pulado?

— Apenas porque... Sean pensou que ficaríamos encrencados, sabe? Ele disse que seria melhor se pensassem que havia sido por causa do atalho, e assim não teríamos que explicar... tudo. — Ela põe uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Inclusive o que disseram sobre você e Emma.

— Sean não ligava para isso — falei. Talvez eu esteja sendo grossa de novo, mas sei que é a verdade.

— Não. Mas eu liguei. — E eu acredito nela. — E Sean não teve a intenção de bater em Knox com tanta força, é sério. Ele entrou em

pânico.

— Então ele nunca pensou que Knox estava indo atrás de Brandon — afirmo. Apenas para me certificar.

A boca de Jules se retorce.

— Não. Ele estava surtando e Knox estava... lá.

— A coisa vai ficar ruim pra você? — pergunto. — Por mentir, quero dizer.

Ela suspira.

— A polícia não está feliz com a gente, mas eles têm problemas bem maiores agora. Disseram que, se cooperarmos para dar continuidade ao processo, ficaremos bem. — Ela lambe os lábios e baixa o olhar. — Emma está...

Não deixo que termine.

— Não posso falar sobre Emma.

Jules assente rapidamente, quase como se estivesse aliviada.

— Entendo.

Só que ela provavelmente não entende. Não é só porque não tenho permissão para falar sobre o que aconteceu sem a aprovação do novo advogado de Emma — a quem devo encontrar pela primeira vez hoje mais tarde —, mas porque não sei nada diferente do que o restante do mundo já ouviu. Eu mal vi ou falei com Emma desde que a deixei no hospital na sexta-feira à noite.

Eu sei o que ela disse ao detetive Mendoza. E sei que ela se posicionou quando podia ter deixado que eu fosse incriminada. Mas é só isso.

O sinal toca. Tanto eu quanto Jules ficamos paradas, ajeitando nossas mochilas e arrastando os pés.

— Eu queria ter me esforçado mais para tentar conversar com você sobre o que estava acontecendo — digo, finalmente.

— Eu também queria — fala Jules. — Me desculpe por não ter ficado ao seu lado. Fiquei tão envolvida com Sean.

— Estou contente por você estar feliz. — É mentira, porque não consigo imaginar nenhum tipo de felicidade com Sean Murdock que não termine com um profundo arrependimento e alguma doença sexualmente transmissível, mas vou ficar calada pelo menos dessa vez. Acho que existem coisas piores do que ter um babaca como namorado.

Jules prende o seu braço no meu e me puxa em direção às escadas.

— Vamos, Phoebe Jeebies. Vamos voltar ao normal.

— Eu preciso que você seja 100% honesta comigo, Emma — pede Martin McCoy, apoiando o antebraço sobre a mesa da nossa cozinha. Ele é magro e coberto por sardas. O novo advogado da minha irmã é

ruivo-claro, assim como era o meu pai, e isso, por algum motivo, me faz confiar nele. — As ações de Jared Jackson foram filmadas e não há dúvida sobre a culpa dele em relação à bomba no Da Talia. Além do mais, Jared confessou ter provocado a morte de Brandon Weber, embora não houvesse suspeita alguma do envolvimento dele até então. — Martin esfrega a têmpora, como se a confissão não solicitada de Jared machucasse o cérebro de advogado dele. — Pelo que posso dizer, ele fez isso exclusivamente para envolver *você*. Para que você caísse com ele. E o advogado dele tem montes de transcrições de chats — ele faz um gesto para uma pasta de arquivos à sua direita —, que alega terem sido com você, concordando com um pacto de vingança e planejando o jogo de Verdade ou Consequência.

Emma olha a pasta, nervosa.

— Você leu as transcrições? — pergunta.

Ela tomou banho antes de Martin chegar, então parece um pouco mais com a Emma de sempre. O cabelo escuro ainda está úmido e puxado para trás com uma bandana, e ela está vestindo uma das suas camisas quadriculadas favoritas. Ela prendeu o botão de cima errado, mas ainda assim. Um progresso.

— Ainda não — diz Martin. — Chegaram ao escritório um pouco antes de eu vir para cá. Mas, de qualquer maneira, eu gostaria de ouvir a sua versão primeiro.

Estou sentada ao lado de Emma, imaginando se vou ser expulsa da conversa em algum momento. Eu já contei a Martin tudo o que sei sobre Jared. E agora mamãe fica me olhando, inquieta, como se desejasse que eu tivesse ficado na casa da minha tia com Owen. Eu, de certa forma, sinto o mesmo. Mas se preciso ficar neste apartamento, prefiro saber o que está acontecendo em vez de ficar trancada no quarto sozinha. Então permaneço calada e imóvel.

Emma morde o lábio.

— Quero dizer... A mamãe já contou, não? Eu conversei bastante com ele. No começo.

Minha mãe se remexe no lugar, mas, antes que ela possa responder, Martin se pronuncia:

— Me explique exatamente como você conheceu Jared, sobre o que vocês dois conversaram e como terminou. Não tente amenizar nem deixe nada de fora. Eu não posso ajudar se não souber a história toda.

Minha irmã respira fundo. E eu também. *Lá vamos nós.*

A voz de Emma fica mecânica, como se ela estivesse se preparando para um longo discurso.

— É verdade o que Jared falou sobre como nos conhecemos online. Eu estava passando por um momento difícil. Tinha acabado de descobrir que Phoebe e o meu ex-namorado tinham ficado e estava muito chateada.

Fico observando a padronagem de madeira falsa da nossa mesa, evitando com cuidado o olhar da minha mãe, porque *essa* é uma conversa merda que não quero ter de novo. — Já estava bem ruim — continua Emma. — Mas depois eu fui mexer na papelada da mamãe, para tentar descobrir quanto dinheiro tínhamos guardado para a faculdade, e encontrei o acordo do acidente do meu pai. Eu fiquei... tão irada. — Os olhos dela estão só pupila. — Quando li o que Brandon havia feito, eu senti tanta raiva dele que não consegui pensar com nitidez. Eu queria *fazer* alguma coisa. Então me lembrei do antigo fórum de vingança de Simon Kelleher e fui procurá-lo. A hospedagem mudou, mas acabei encontrando o site. Inventei um nome e me inscrevi. Conheci Jared lá, e começamos a conversar. Nós meio que... tivemos uma conexão, acho. Bom, eu usei o nome da Phoebe.

Ela me lança um olhar culpado e eu tento manter minha expressão neutra. Não gosto que Emma tenha feito isso, mas é como Jules disse mais cedo: há problemas *bem* maiores agora.

— Eu contei tudo a ele — continua Emma. — Ele era um bom ouvinte. — Pela expressão em seu rosto, parece que dói nela admitir isso. — Jared disse que Brandon parecia ser o tipo de pessoa que nunca teve que enfrentar uma consequência por seus atos na vida. E que ele poderia me ajudar a me vingar dele, se eu o ajudasse a fazer o mesmo.

— Mas ele não contou a história dele? — Martin pergunta. — Você não sabia da relação dele com Eli Kleinfelter?

— Não — responde Emma, enfaticamente. — Eu não sabia nada sobre isso até o detetive Mendoza me contar. Ele disse que Jared concluiu que a mamãe era a cerimonialista do casamento de Eli e decidiu... me usar. — Ela engole em seco. — Tudo o que Jared me disse foi que alguém havia arruinado a vida do irmão dele, e que a mãe tinha se matado por causa disso. Eu me senti péssima por ele. — Emma fica vermelha e baixa o olhar para a mesa. — Jared disse que podíamos começar por mim. Ele falou que poderíamos fazer algo para... machucar Brandon. Assim ele não poderia mais jogar futebol e saberia como é perder algo importante.

— E você concordou com ele? — questiona Martin, calmo.

Emma passa a língua pelos lábios.

— Sim — admite ela, baixinho, fechando os olhos por um momento quando a minha mãe emite um ruído assustado que não consegue segurar. — Naquele momento parecia... justo.

O meu coração está na boca, ameaçando me engasgar, mas o tom tranquilo de Martin não muda.

— E quem inventou o jogo de Verdade ou Consequência?

— Jared — diz Emma. — Ele gostou da ideia de usar o... *legado* de Simon, como chamou, para criar um jogo baseado em fofocas ao qual

os alunos do Colégio Bayview não conseguiriam resistir. A intenção era construir o jogo devagar, até chegar a um ponto em que Brandon escolheria a consequência.

Emma fica tensa e eu ouço o seu pé começar a bater ritmadamente no chão.

— Jared falou que as pessoas são fáceis de entender. Se você já jogou Verdade ou Consequência, sabe que a maioria das pessoas escolhe a consequência. Porque elas querem parecer... ousadas, acho. Além do mais, ninguém quer ter que lidar com a verdade. Mas primeiro nós tínhamos que fazer as pessoas prestarem atenção. Era preciso começar o jogo com uma fofoca de verdade, uma que ninguém soubesse, algo interessante e ao mesmo tempo verdadeiro e terrível. Depois disso, Jared disse que seria preciso apenas mirar nas pessoas que jogariam, e o plano estaria em curso.

— Certo — diz Martin. — Então você precisava de alguém que não comprasse a ideia para começar o jogo, e precisava de um bom segredo sobre essa pessoa. Você deu isso a Jared?

Emma para de batucar o pé e o único som na cozinha é o ruído baixo do relógio acima da minha cabeça. Então ela toma fôlego e admite:

— Sim. — Minha mãe contém outro som sufocado conforme Emma continua: — Eu estava fingindo que era Phoebe, então disse: “Eu transei com o ex da minha irmã, é um segredo terrível o suficiente para você?” — Eu me encolho como se ela tivesse me dado um tapa, e Emma continua: — E Jared ficou tipo: “Você quer mesmo contar isso?” e eu disse... — A voz de Emma fica tão baixa que eu preciso me esforçar para ouvi-la. — Eu disse: “Sim, por que não? Não é como se eu me importasse com a minha irmã. Se me importasse, nunca teria feito isso, para começar”.

Eu vou chorar. Ou vomitar. Provavelmente os dois. Quero que Emma pare de falar, mas infelizmente Martin não pensa como eu.

— Certo. E você deu outros nomes a Jared? Pessoas que você achou que jogariam e escolheriam a consequência?

Emma concorda com a cabeça.

— Sim. Eu era monitora de Sean e dava carona para Jules até a escola, então tinha bastante certeza de que eles gostariam da atenção.

— E quanto a Maeve Rojas? — ele pergunta.

— Foi ideia de Jared — responde Emma. — Ele queria envolver Maeve porque ela fez parte de tudo o que aconteceu com Simon. Tinha isso em Jared... ele pensava *muito* em Simon. Queria ser mais esperto do que ele, enganar alguém que Simon não conseguiu enganar. — As bochechas de Emma ficam ruborizadas quando ela olha para baixo. — Maeve deveria ter escolhido a consequência, como todo mundo, mas ela não entrou no jogo. E eu não faço ideia de como

Jared descobriu sobre ela e Knox. Eu nunca... eu jamais teria contado isso a ele. Mesmo se eu soubesse. Gosto dos dois.

Ouvir Emma dizer isso depois de ter confessado que me jogou no caminho de Jared dói mais do que pensei que fosse doer a essa altura, quando eu deveria me sentir anestesiada.

— E o que aconteceu quando o jogo começou? — continua Martin.

— Foi horrível. — A voz de Emma falha no fim. — As pessoas foram tão medonhas. Eu só conseguia pensar nessa frase, que não lembro onde li, mas diz mais ou menos assim: “Guardar rancor é como beber veneno e esperar que a outra pessoa morra”. Foi exatamente assim que eu me senti. Eu não queria mais vingança. Eu só queria que aquilo parasse. — Ela me olha, implorando. — Sinto muito, Phoebe. Por tudo.

Fecho os punhos sobre o colo para não dizer a primeira coisa que me vem à mente, que é: *Você pode enfiar as suas desculpas no rabo, Emma*. Mas sei como é quando a sua irmã se recusa a perdoar o seu pior erro.

— Eu... Tudo bem — solto, entre dentes.

— No seu depoimento para a polícia, você disse que havia pedido a Jared para acabar com o jogo, e que ele concordou — prossegue Martin. — Isso está correto?

Emma assente.

— Sim. Ele estava zangado e nós discutimos. Mas em algum momento ele disse que ia parar, porque não daria certo se eu não estivesse totalmente comprometida. Eu deletei o aplicativo de conversas do meu telefone e achei que estava acabado.

A voz dela falha de novo.

— Mas o jogo continuou. Depois Brandon morreu e... — As lágrimas começam a cair rapidamente, escorrendo pelo rosto até os lábios ressecados dela. — Eu não sabia o que dizer ou fazer. Sentia tanto medo o tempo todo. Comecei a beber para tentar me acalmar e então não consegui mais parar. Quebrei meu telefone e o joguei fora, porque achei que ele poderia me incriminar. Eu sinto muito. Sinto muito por tudo. Sinto muito mesmo. — Ela se contorce contra mamãe, que a segura cautelosamente, como se não tivesse certeza se Emma ainda caberia ali.

Fecho e aperto bem os olhos para não chorar também. É tudo mais que horrível. Só consigo pensar que: *Isso jamais teria acontecido se eu e Emma ainda fôssemos próximas. Emma e eu ainda seríamos próximas se o papai não tivesse morrido. O papai não teria morrido se não fosse Brandon*. É o pior tipo de círculo vicioso, e estou começando a ver como pode dominar a sua mente.

Martin deixa Emma chorar por alguns minutos, examinando a sua pasta até que os soluços viram fungadas. Quando ela finalmente se

solta da mamãe e enxuga os olhos, o advogado diz:

— Sei que isso foi difícil. Você está bem para continuar? — Ela concorda com a cabeça. — Você pode me dizer exatamente quando parou de se corresponder com Jared? A data e, preferencialmente, a hora?

Emma respira, trêmula.

— Acho que... foi logo depois que a mensagem sobre Phoebe foi enviada. Eu passei a noite na casa da minha amiga Gillian, mas não consegui dormir. Comecei a mandar mensagens para Jared, nós discutimos até ele concordar em parar com o jogo. Eu fiz *logoff* e fui me deitar, antes de meia-noite, acho. Foi a última vez em que falei com ele.

Martin está olhando para a papelada na sua frente.

— Isso teria sido em 19 de fevereiro, então. É a essa conversa que você está se referindo? — Ele entrega uma folha de papel para Emma e ela umedece os lábios, nervosa, ao pegá-la.

— São prints? — pergunta. — Das nossas conversas no aplicativo?

— Sim — confirma Martin. — Tirados do telefone que Jared usava. Olhando rapidamente, eles parecem corroborar o que você contou, indo até 19 de fevereiro. Como declarou, você pediu a ele que parasse com o jogo e, depois de alguma discordância inicial, ele concordou. — Pela primeira vez, as linhas ao redor da boca de Martin ficam rígidas. A minha pele começa a formigar antes mesmo que ele diga: — Mas nós temos um problema depois disso.

— Como assim? — Emma umedece os lábios de novo quando Martin levanta outra folha de papel.

— Essa é uma transcrição da manhã de 20 de fevereiro — explica.

— Quando a conversa entre “Phoebe” e Jared recomeça.

CAPÍTULO 34

Phoebe

Quarta-feira, 1º de abril

Meu estômago revira quando mamãe diz num tom baixo e alarmante:

— Emma. — A minha irmã se vira na direção dela, os olhos arregalados, e mamãe complementa: — Você precisa contar tudo a Martin.

— Mas eu contei — insiste Emma, parecendo assustada. — Isso não é possível, deixe-me ver.

Martin lhe entrega o papel e eu me esgueiro para a frente para conseguir ler também.

Phoebe: Me desculpe pelo que falei mais cedo, não foi por mal.

Jared: Não falou por mal o quê? Que sou extremo demais e você está fora?

Phoebe: Sim, eu pirei por um instante, mas estou com você agora.

Phoebe: Vamos continuar.

— Não, não, *não*! — Emma larga o papel como se estivesse pegando fogo, encarando a folha com uma expressão genuinamente confusa. — Não fui eu. Nunca mais falei com Jared depois da noite na Gillian. — Ela parece suplicar, de mamãe para Martin, como se pudesse fazê-los acreditar por pura força de vontade. — Eu juro por Deus. Eu juro pelo *túmulo* do meu pai. Você não poderia... checar o IP, ou algo assim?

Martin fica sério de novo.

— Vou conferir quão rastreável essa tecnologia é, mas aplicativos de mensagens são complicados. Agora, se tivéssemos o seu telefone, seria possível verificar. O seu aparelho não tem salvação?

Emma fica vermelha e baixa o olhar.

— Não, eu o esmaguei com um martelo e joguei numa lixeira. Nem sei mais onde pode estar.

— Entendo. — O tom de Martin é calmo, mas ele não pode estar tranquilo com isso.

Mamãe se inclina para a frente, sua voz é tensa.

— Não é possível que esse rapaz tenha escrito essas mensagens para ele mesmo, quando Emma encerrou a conversa? — pergunta. — Ele é claramente perturbado.

— É possível — diz Martin. — Jared certamente estava sob forte pressão por causa da prisão do irmão, da doença do pai e do suicídio da mãe. Talvez seja uma teoria que valha a pena seguir, principalmente se as últimas correspondências mostrarem uma diferença nítida nos padrões do discurso. — Emma estica a mão como se estivesse se afogando e acabasse de ver uma boia salva-vidas.

— Posso ver mais mensagens?

— Pode, sim. — Martin lhe entrega um bloco de folhas e um lápis. — Aqui está o restante da conversa em 20 de fevereiro. Se vir algo que pareça dissonante, anote.

Emma começa a ler e eu faço o mesmo. Depois de “Phoebe” reaparecer e prometer seguir com o jogo, Jared passa pelo menos meia página se vangloriando por ser brilhante. “Phoebe” concorda e... conforme leio as respostas, uma fagulha de esperança surge em mim. As mensagens não fazem mesmo o estilo de Emma. “Phoebe” está usando muitos “kkkk” e pontos de interrogação, para começar. E os elogios a Jared parecem excessivos. Será que a teoria da minha mãe está certa? Então leio o fim da página.

Jared: Esse jogo é genial. As pessoas fazem qualquer coisa que você queira.

Jared: Não importa se for estranho, a pessoa vai fazer.

Phoebe: Quanto mais bizarro melhor, né? Kkkkk.

Seguro um arquejo bem a tempo. Meu coração começa a martelar, batendo tão forte que me dói fisicamente, e leio de novo a última mensagem. Não está escrito “bizarro”. Está *bizarro*. Olho para Emma, cujo rosto ficou manchado de vermelho. Quando nossos olhares se encontram, sei que ela também percebeu.

Estou congelada na cadeira. Não tenho absolutamente nenhuma ideia do que falar ou fazer. Fico apenas pensando em todos os pequenos detalhes que não significavam nada até agora:

O meu irmão sempre escutando sorrateiramente atrás das portas.

O meu irmão que entende de tecnologia e conecta em rede todos os nossos dispositivos.

O meu irmão solitário indo ao Café Contigo, onde Maeve contou a

Bronwyn o que aconteceu entre ela e Knox.

O meu irmão assustado vendo Brandon me insultar.

O meu irmão triste dizendo *Nossa família acabou* depois que eu e Emma brigamos por causa do Brandon.

E, ah, sim. O meu irmão, vencedor do campeonato de soletração, cometendo um erro raro e memorável. O encontro de “Phoebe” e Jared aconteceu antes que eu tivesse a chance de corrigi-lo.

Começo a me sentir tonta, então respiro profunda e ritmadamente enquanto encaixo mentalmente o meu irmão nos acontecimentos das últimas semanas. E faz sentido. Owen poderia estar monitorando as conversas de Emma com Jared desde o início — tudo, do acidente do nosso pai ao planejamento do jogo de Verdade ou Consequência e a decisão de Emma de abandonar o barco. E quando ela o fez, Owen pode facilmente ter entrado em cena. Fora que ele provavelmente teria sido muito mais cuidadoso ao cobrir seus rastros do que Emma; a coisa toda deve ter parecido um videogame para ele: a partida realista de *Bounty Wars*, planejando um movimento após o outro.

Até Brandon morrer.

Emma coloca a folha de papel sobre a mesa com tanto cuidado que seria preciso estar observando de perto para notar sua mão tremendo.

— Posso ver a última página, por favor? — pede ela. — O final das transcrições?

Martin folheia o bloco que está segurando e entrega uma folha para Emma.

— A troca de mensagens se encerra no dia em que Brandon Weber morreu — diz ele.

Eu me forço a não olhar para Emma enquanto nós duas começamos a ler:

Phoebe: Não era para ter acontecido isso.

Jared: Óbvio que era. É o que você queria.

Phoebe: Eu... eu não acho que era isso que eu queria.

Jared: Ele mereceu. Está feito. De nada.

Jared: Mas só temos meio caminho andado. Agora é a minha vez.

Jared: Ei????

Jared: Diga alguma coisa. Não ouse me dar um perdido.

E acaba aí. Eu não movo um músculo além de desviar o olhar para Emma, esperando pela reação dela. A minha irmã encontra o meu olhar novamente e, pela primeira vez em anos, nós temos uma conversa sem palavras. Como fazíamos quando éramos pequenas, lendo os pensamentos escritos na cara uma da outra. Invisível para

todos, mas perfeitamente nítido para nós.

Emma olha para baixo, nota que deixou de fechar um botão da sua camisa xadrez e o faz habilmente. Então levanta o olhar, pálida, mas agora composta, e empurra a transcrição para Martin.

— Acho que minha mãe tem razão — diz. — Jared está alucinando. Isso é apenas ele conversando com ele mesmo depois que eu parei de responder. E ninguém pode provar que não foi isso que aconteceu, pode?

Agradecimentos

Um de nós tem sorte, e essa pessoa sou eu. No meu terceiro livro, eu não só tive a chance de revisitar personagens e um cenário que amo, mas o fiz com o mesmo time editorial fenomenal que me apoiou desde o início. Agradecimentos infinitos a Rosemary Stimola e a Allison Remcheck, por enxergarem a fagulha naquela primeira reunião sobre *Um de nós está mentindo* e por guiarem essa continuação (assim como a minha carreira) com tanta compreensão e cuidado. Eu não ia querer ninguém diferente ao meu lado.

Krista Marino, às vezes tento imaginar como seriam os meus livros sem a sua excelência editorial, mas esse é um pensamento assustador demais para essa escritora de thriller considerar por muito tempo. Obrigada por me ajudar a encontrar o que faltava para “o livro da Maeve” ganhar vida e também por me ajudar a construir uma história que poderia tanto seguir a da irmã mais velha quanto se sustentar sozinha.

Delacorte Press, por onde eu começo? Sou imensamente agradecida a Barbara Marcus, Beverly Horowitz e Judith Haut por darem aos meus livros e a mim uma casa tão acolhedora. Fico constantemente deslumbrada com todos os profissionais talentosos e dedicados com quem tenho o prazer de trabalhar diariamente, incluindo Monica Jean, Kathy Dunn, Dominique Cimina, Kate Keating, Elizabeth Ward, Kelly McGauley, Adrienne Weintraub, Felicia Frazier, Becky Green, Enid Chaban, Kimberly Langus, Kerry Milliron, Colleen Fellingham, Heather Lockwood Hughes, Alison Impey, Kenneth Crossland, Martha Rago, Tracy Heydweiller, Linda Palladino e Denise DeGennaro.

Obrigada à equipe incrível da Penguin UK — especialmente a Holly Harris, Francesca Dow, Ruth Knowles, Amanda Punter, Harriet Venn, Simon Armstrong, Gemma Rostill e Kat Baker — por ser a minha casa editorial longe de casa. Espero que publiquemos vários outros livros juntos (e não somente porque isso significa mais cupcakes personalizados).

Obrigada também a Jason Dravis, meu maravilhoso agente audiovisual, e aos agentes que ajudaram este livro a encontrar suas casas ao redor do mundo: Clementine Gaisman e Alice Natali, da

Intercontinental Literary Agency; Bastian Schlueck, da Thomas Schlueck Agency; e Charlotte Bodman, da Rights People. E um outro obrigada a John Saachi e Matt Groesch, da 5 More Minutes Productions, e a Pete Ryan e Erica Rand Silverman, do Stimola Literary Studio. Um grande alô para os meus críticos parceiros Erin Hahn, Meredith Ireland e Kit Frick, por me ajudarem a dar sentido aos primeiros rascunhos e por serem pessoas incríveis e amigas.

Um agradecimento especial ao meu cunhado Luis Fernando, por me ajudar com as traduções, e ao restante da minha família, pelo suporte: mamãe, papai, Lynne, Jay, April e Julie. Muito amor para a próxima geração, que segue me impressionando com os jovens adultos que estão se tornando: Kelsey, Drew, Ian, Zachary, Aiden, Shalyn, Gabriela, Carolina, Erik — e meu filho, Jack, que é engraçado, leal, gentil e oficialmente mais alto do que eu. Finalmente, obrigada a todos os leitores que continuam seguindo comigo nessa jornada, porque nada disso acontece sem vocês.

UM DE NÓS ESTÁ DE VOLTA

KAREN M. McMANUS

A CONCLUSÃO DA TRILOGIA
BEST-SELLER UM DE NÓS



Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Um de Nós

Um de nós está mentindo

Um de nós é o próximo

Um de nós está de volta

Mortos não contam segredos

Os primos

Assim você me mata

Nada a declarar

KAREN M. McMANUS

UM
DE NÓS
ESTÁ DE
VOLTA

Tradução
Luara França

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2023

IMAGENS DE CAPA
Ilustração: MEPhotography, eugenesergeev /
Istockphoto
PREPARAÇÃO
Elisa Costa Is Back
eBook
Flex Estúdio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144d

McManus, Karen M.

Um de nós está de volta [recurso eletrônico] / Luara França. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2023.
recurso digital (Um de nós ; 3)

Tradução de: One of us is back

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-350-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. França, Luara. II. Título. III. Série.

23-84831

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2023 by Karen M. McManus

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-350-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para os meus leitores

Contatos

AP	Addy Prentiss Uma das integrantes originais do Quarteto de Bayview, Café Contigo	①
AP	Ashton Prentiss Irmã de Addy	①
BR	Bronwyn Rojas Uma das integrantes originais do Quarteto de Bayview, irmã de Maeve	①
CC	Cooper Clay Um dos integrantes originais do Quarteto de Bayview	①
EK	Eli Kleinfelter Advogado, Até que Provem, cunhado de Addy	①
EL	Emma Lawton Irmã de Phoebe, ex-aluna do Colégio Bayview	①
JR	Jake Riordan Ex-namorado de Addy	①
KS	Keely Soria Ex-namorada de Cooper	①
KM	Knox Myers Integrante da Galera de Bayview, Até que Provem	①
KB	Kris Becker Namorado de Cooper	①
LS	Luis Santos Namorado de Maeve, Café Contigo	①
MR	Maeve Rojas Integrante da Galera de Bayview, irmã de Bronwyn	①
NM	Nate Macauley Um dos integrantes originais do Quarteto de Bayview	①
PL	Phoebe Lawton Integrante da Galera de Bayview, Café Contigo	①
SK	Simon Kelleher Criador do aplicativo de fofocas Falando Nisso	①
VM	Vanessa Merriman Ex-aluna do Colégio Bayview	①

Sumário

Parte um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Parte dois

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Parte um

CAPÍTULO 1

Addy

Segunda-feira, 22 de junho

— É sério que a gente vai ver isso?

Maeve levanta o controle remoto, depois faz o mesmo com as sobrancelhas. O desafio implícito me irrita porque ela sabe muito bem que, sim, isso é o que vamos ver. *Esse* é o motivo pelo qual estamos sentadas em frente à TV em um belo dia de verão.

— Você não precisava me convidar — lembro a ela, pegando o controle antes que Maeve tenha a chance de jogá-lo do outro lado da sala. Aperto o botão para ligar, depois vou procurando até achar o canal que quero. — Eu estava bem em casa.

— Você nunca está bem depois de um desses. — Bronwyn se intromete do canto do enorme sofá.

A sala de estar dos Rojas é muito mais confortável do que minha casa, com a vantagem de não haver chance de minha mãe enfiar a cabeça pela fresta da porta para participar. Mas eu tinha me esquecido de que, apesar disso, a ótima experiência televisiva viria com uma dose cavalgar de preocupação.

Há algumas semanas, Bronwyn teve férias de Yale e voltou para casa por um tempo, e logo começou a tentar cuidar da minha vida como a irmã mais velha mandona que eu já tenho.

Não que eu esteja reclamando. Sentia falta de conversar com ela no chat do Quarteto de Bayview, que realmente deveria ganhar outro nome, já que temos nove participantes frequentes: eu; Bronwyn; Nate Macauley; Maeve e o namorado, Luis Santos; Cooper Clay e o namorado, Kris Becker; e os colegas de Maeve do Colégio Bayview, Phoebe Lawton e Knox Myers. É um grupo de mensagens particularmente composto de casais, exceto por mim e pelos últimos dois. Provavelmente só eu, já que ninguém acredita nessa história de que Phoebe e Knox são apenas amigos.

Talvez algo como “Galera de Bayview”? Pego meu celular e troco o nome no grupo. Não parece tão ruim.

— Quem é esse cara? Ele vai apresentar... — pergunta Maeve, encarando a tela.

— Não — respondo logo. — Esse não é o programa do Colégio Eastland. Ele começa às três. Esse é... Na verdade, não tenho ideia do que seja.

— É uma reunião do conselho da cidade. Parece que estão terminando de votar o orçamento — explica Bronwyn. É óbvio que ela sabe, deve assistir a esse tipo de coisa por diversão.

— Que maneira. Mas pelo menos isso *importa*. — Maeve coloca os pés descalços em cima da mesinha de centro com uma agressividade exagerada, fazendo careta quando os calcanhares batem no tampo de mármore. — Pelo menos isso merece ser visto. O que é mais do que se pode dizer de...

— É o canal local, Maeve. Eles não são exigentes com a programação — interrompo.

Minha voz permanece no mesmo tom, mas minha cabeça está latejando: estou dividida entre querer estar sozinha e me sentir grata por ter companhia. O vereador a que estamos

assistindo anuncia que a reunião está encerrada, e então a imagem se desloca enquanto uma música começa a tocar. Bronwyn, Maeve e eu ficamos em silêncio por alguns acordes, ouvindo o que parece uma versão instrumental e ousada de “Garota de Ipanema”.

Então, um auditório com metade da ocupação aparece na tela com as palavras *Colégio Eastland: Seminários de Verão* como legenda. Antes que eu consiga reagir, Bronwyn dispara do sofá em que estava para o meu, me envolvendo em seus braços.

— Meu Deus, o que você está fazendo? — balbucio, derrubando o celular no sofá.

— Você não está sozinha, Addy — afirma Bronwyn em um sussurro determinado.

O cheiro de maçã verde me cerca: o xampu de Bronwyn, sua marca registrada, que ela usa desde que a conheci. Provavelmente há mais tempo que isso, já que Bronwyn é uma pessoa de hábitos. Uma vez, quando Nate estava mais triste que o normal com o relacionamento a distância deles, comprei um frasco do xampu e dei a ele com um laço vermelho. Ele ficou irritado, e era exatamente o que eu queria, nunca *deixa de ser* engraçado destruir a aura de mais-descolado-que-você que Nate carrega — e ele guardou o xampu.

— Certo — respondi enquanto cuspi uma mecha de cabelo, depois me entreguei ao abraço, porque estava mesmo precisando dele.

— Boa tarde, Colégio Eastland. Sejam bem-vindos a nossa série de seminários de verão.

O homem atrás do púlpito não se apresentou, provavelmente porque não era necessário: devia ser um professor ou alguém da secretaria. Uma pessoa responsável por moldar as mentes dos adolescentes que pareciam milhares de anos mais novos do que eu me sentia, mesmo que eu tivesse feito dezenove anos havia apenas alguns meses.

— Olha só todo esse pessoal chato entusiasmado. Estamos de férias há duas semanas e eles já voltaram para a escola — observa Maeve, enquanto o homem continua com o que a diretora Gupta chama de “manutenção”: todas as notícias aleatórias que precisam ser transmitidas antes de qualquer tipo de evento escolar. — O bom e velho Colégio Eastland. Lembra quando você perseguiu Sam Barron no estacionamento deles, Bronwyn?

— Eu não persegui ninguém — retruca ela, ainda que, tecnicamente, tenha mesmo feito isso. Mas foi um mal necessário. A solução para o mistério da morte de Simon Kelleher no Colégio Bayview no nosso último ano dependia de Sam: o garoto que Simon tinha pagado para criar uma distração enquanto estávamos na detenção no dia em que Simon morreu. Foi o acontecimento mais horrível da história de Bayview. Até alguns meses atrás, quando o imitador de Simon começou um jogo mortal de Verdade ou Consequência que quase explodiu todos nós no jantar de ensaio para o casamento da minha irmã.

Às vezes eu me perguntava por que ainda morávamos em Bayview. Todos nós.

— Eu fiz um leve interrogatório com ele. E ainda bem que fiz isso ou... — admite Bronwyn. Ela perde o foco quando nossos celulares soam ao mesmo tempo.

— O Quarteto de Bayview está chamando — anuncia Maeve antes que eu alcance meu celular.

— Achei melhor mudarmos o nome do grupo para Galera de Bayview — falo. — O que acham?

— Tudo bem por mim — concorda Maeve, com um dar de ombros. — Kris disse para você aguentar firme, Addy. E também quer saber se está a fim de comer waffles amanhã de manhã. Acontece que eu também gosto de waffles, caso isso seja uma informação relevante para você. Luis disse *Foda-se aquele cara*. Ele não está falando do Kris, obviamente, ele quer dizer...

— Eu sei a quem ele está se referindo — digo enquanto o apresentador do Colégio Eastland levanta a mão para acalmar o falatório da audiência.

— Todos nós que participamos dos seminários de verão sabemos que existem muitas outras coisas que vocês poderiam estar fazendo nesta bela tarde de junho. O fato de estarem aqui em vez de lá fora é uma prova da importância do tema de hoje — anuncia ele.

— Importância, sei. Até parece — resmunga Maeve, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. É o mesmo tom de castanho de Bronwyn, mas não faz muito tempo que ela cortou os cabelos em um bob repicado e fofo. Depois de vencer a leucemia quando criança, Maeve passou os primeiros anos do ensino médio tentando sair da sombra de Bronwyn, e acho que

ela alcançou sua forma final quando parou de imitar o icônico rabo de cavalo da irmã.

— Shhhiu — censura Bronwyn, antes de finalmente me soltar.

— No Colégio Eastland, queremos inspirar vocês a sonhar e alcançar seus sonhos, mas também queremos prepará-los para os desafios da vida. As decisões que vocês tomarem hoje como alunos moldarão o futuro de vocês por anos, e algumas escolhas erradas podem ter consequências devastadoras — continuou o orador.

— É esse o nome agora? Uma *escolha errada*? — pergunta Maeve.

— Maeve, pelo amor de Deus... — começa Bronwyn.

— Quietas! — A palavra sai mais alta e raivosa do que eu queria, assustando ambas e instaurando o silêncio. Se eu não estivesse tão estressada, sentiria vergonha da minha raiva mal direcionada. Nenhuma das duas merecia aquilo, já que a qualquer momento vou ver...

— Ninguém sabe disso melhor do que nosso convidado de hoje. Ele está aqui, por iniciativa da parceria educacional do Departamento de Justiça da Califórnia, para falar abertamente com vocês sobre os crimes que cometeu e que acabaram com um futuro brilhante. Por favor, deem as boas-vindas ao nosso convidado, que está cumprindo pena no Centro de Detenção Juvenil de East Crenshaw e foi aluno do Colégio Bayview, nosso vizinho, Jake Riordan.

Bronwyn aperta meu braço enquanto Maeve prende a respiração, mas, para além disso, eu consegui coibi-las de falar por enquanto. Não que isso faça diferença — mesmo que elas falassem, eu não conseguiria ouvir nada com o sangue pulsando em meus ouvidos.

Jake Riordan.

Meu ex. O amor da minha vida, em uma época distante, quando eu era ingênua e insegura, incapaz de ver quem ele realmente era. Eu sabia que ele era ciumento, e se você me pressionasse naquela época (o que ninguém além da minha irmã, Ashton, fez) eu assumiria que ele era controlador. Mas jamais imaginaria que, quando eu o traísse, ele se aliaria a Simon para me incriminar por assassinato e depois quase teria me matado quando tentei fazer com que fosse condenado.

Ah, certo. Jake não estava *realmente* tentando me matar, se seguirmos a lógica de sua advogada de honorários indecentes. *Não havia intenção definida*, afirmou, com mais um monte de jargões jurídicos que se juntaram à defesa e, no fim, impediram que ele fosse julgado como adulto.

Na época, muitas pessoas disseram que o julgamento foi uma vergonha, ainda mais quando Jake foi enviado a um centro de detenção juvenil até atingir vinte e cinco anos. Tudo que ele fez, não só a mim e aos meus amigos, mas também a Simon, se reduziu a pouco mais de sete anos atrás das grades. As manchetes exibiam “Demonstração de privilégio!” e tiveram algumas dezenas de petições on-line exigindo que o juiz determinasse uma pena mais severa.

Mas a memória não dura muito.

Jake estava sendo um prisioneiro exemplar desde que entrou no centro de detenção, e, em dezembro passado, um programa de true crime traçou um perfil dele que, como disse o *Bayview Blade*, era “surpreendentemente simpático”. Jake era humilde. Ele sentia remorso. Estava *comprometido a ajudar outros jovens a não cometerem os mesmos erros que ele*. E então, apenas duas semanas depois do casamento da minha irmã, no final de março, o Jurado X surgiu.

Ou melhor, a ex-namorada dele surgiu, uma mulher que dizia ter centenas de mensagens de um dos jurados sobre o julgamento de Jake, mensagens que foram enviadas enquanto o julgamento acontecia. Na verdade, o Jurado X a manteve informada a respeito de tudo, com um fluxo constante de informações confidenciais, além de ter acessado vários sites de notícia (coisa que ele era proibido de fazer). Quando os prints apareceram no Buzzfeed, o Jurado X entrou em pânico, tentou apagar seu histórico de navegação, mentiu sob juramento e praticamente entregou de bandeja a oportunidade que o time de advogados de Jake queria: pedir um novo julgamento.

O nome do Jurado X é Marshall Whitfield, fato que foi descoberto pela internet algumas semanas depois de tudo isso. Agora ele desapareceu, depois de ter as informações vazadas, e eu até sentiria pena do sujeito, se ele não tivesse jogado uma bomba na minha vida.

Agora o caso de Jake estava pendente e, enquanto isso, ele tinha começado o que Maeve chamava sarcasticamente de Tour de Reabilitação de Jake Riordan. As visitas às escolas não eram sempre transmitidas pela TV, mas quando eram... eu assistia. Não conseguia evitar.

— Ele está com uma aparência péssima — observa Maeve, de olho na TV.

Maeve não está completamente certa. Jake parece ter mais do que dezenove anos, mas não de um jeito ruim. Ele ainda está bonito, os cabelos castanhos cortados curtos, e os olhos azuis como um céu de verão contrastam com a pele muito pálida. É nítido que está malhando mais do que nunca, e isso é perceptível mesmo com o uniforme largo que usa. Ele se aproxima do púlpito sob aplausos esparsos, a cabeça baixa e as mãos cruzadas em frente ao corpo. Sem algemas, óbvio. Não para uma visita escolar, ainda que os três oficiais sentados nas cadeiras dobráveis colocadas ao lado do púlpito estejam armados e prontos para agir.

Mas Jake nunca faz nada que mereça a ação deles.

— Estou aqui para contar a vocês sobre o pior dia da minha vida — anuncia ele, com a voz baixa, em um tom suave. É como sempre começa. E então, agarrando a borda do púlpito e com os olhos cravados nos alunos a sua frente, ele conta sobre o pior dia da minha vida.

Ele é inteligente. Fala muito sobre *pressão, ser influenciado e estresse*, como se ele fosse a marionete relutante e desinformada de Simon, e não o seu cúmplice mais do que disposto. Segundo Jake, ele nem se lembra de ter atacado Janae Vargas e eu no bosque atrás da casa dela; tudo o que ele queria, como afirmou durante o julgamento, era que nós duas parássemos de ameaçá-lo. *Nós* ameaçando *ele*. Só que isso não pegou muito bem com a opinião pública, então ele faz questão de evitar abordar esse tópico durante as suas visitas às escolas. Se alguém questionar sobre mim, ele rapidamente embarca num monólogo sobre como as escolhas ruins dele afetaram a *todos*. Especialmente ele mesmo.

Em novembro vai fazer dois anos que Jake quase me enforcou na mata atrás da casa de Janae Vargas. Muitas coisas boas aconteceram depois disso: mudei de casa e passei a morar com minha irmã, fiz novos amigos e me formei no ensino médio. Tirei um tempo para pensar no que queria fazer da minha vida e decidi que faria alguma coisa voltada ao magistério. Tirei meu primeiro passaporte mês passado, para que pudesse viajar com Maeve para o Peru no fim de julho, como monitoras de inglês de um programa de imersão no idioma. Depois disso, vou começar a me inscrever em faculdades. Meu pai, ainda que continue sendo um pai ausente, apareceu se oferecendo para custear parte das mensalidades.

A contagem regressiva para a soltura de Jake sempre pareceu longe o bastante para que eu acreditasse que estaria pronta quando acontecesse. Estaria mais velha e sábia, envolta em um cotidiano ocupado e importante, e mal teria tempo de pensar que o meu ex estaria sendo libertado.

Jamais tinha pensado, até pouco tempo, que a contagem poderia se acelerar.

— O que Eli diz sobre isso tudo? Ele acha que Jake vai conseguir um novo julgamento? Ou que ele vai ser solto, ou... — pergunta Maeve enquanto Jake continua seu monólogo ensaiado.

O marido de minha irmã comandava uma ONG de advogados, então ele era nossa primeira parada em qualquer questão jurídica. Ainda assim, como Eli tinha falado para os nove membros da Galera de Bayview mais de uma vez, nós quase nunca dávamos ouvidos a ele até que fosse tarde demais.

— Eli está ocupado pensando em quem vai substituí-lo durante a licença paternidade — lembro a ela.

A gravidez inesperada de minha irmã Ashton, com o parto previsto para novembro, é o motivo pelo qual voltei a morar com minha mãe. Nossa relação nem sempre foi das melhores, mas a animação pelo bebê nos deu algo em comum. Ultimamente, isso tem significado pensar em apelidos de vovó que não façam minha mãe parecer muito velha. Por enquanto o vencedor é Gigi, já que minha mãe se recusa a aceitar minha sugestão de InstaVó.

— Eli consegue pensar em mais de uma coisa ao mesmo tempo. Ainda mais se souber como você está preocupada — sugere Bronwyn.

— Não estou preocupada — respondo, os olhos ainda grudados na TV. Mas minha voz sai fraca de tanto morder a junta dos dedos.

Jake terminou sua fala e agora está respondendo perguntas dos alunos. Um garoto da primeira fila pergunta:

— Como é a comida na prisão?

— Em uma palavra? Horrível — responde Jake, com um timing tão perfeito que todos riem.

— Você pode ver sua mãe e seu pai? — pergunta uma garota. A câmera passa por ela e vislumbro uma segunda garota, com cachos acobreados, atrás da primeira. Quase parece... Mas não. Devo estar vendo coisas. Ainda assim, quando olho para Maeve, ela está encarando a TV com um olhar intrigado.

— Não tanto quanto eu gostaria, mas sim. Eles não desistiram de mim. E o apoio deles é a coisa mais importante. Espero que eu consiga deixar os dois orgulhosos um dia — responde Jake.

— Quero vomitar — anuncia Maeve, mas mesmo ela não consegue soar completamente sarcástica. A Tour de Reabilitação de Jake Riordan está *nesse* nível.

Outro garoto levanta a mão, e Jake acena com a cabeça para que ele fale. É um gesto tão familiar... é o jeito como ele cumprimentava os amigos nos corredores do colégio, com um braço firme em meus ombros. É tão familiar que me dá calafrios.

— Se você pudesse voltar no tempo, o que faria diferente? — pergunta o garoto.

— Tudo — dispara Jake, na lata. Ele olha diretamente para a câmera, e eu me encolho como se ele tivesse entrado na sala.

E ali está.

Era isso que eu estava esperando. O motivo pelo qual continuo me torturando e insistindo em ver essas apresentações. Eu não quero assistir, mas preciso entender que isso existe. Aquele brilho no olhar de Jake. O brilho que ele não consegue esconder durante uma apresentação inteira, não importa o quanto tente. O brilho que reflete toda a raiva que ele está fingindo não sentir mais. O brilho que diz *Eu não me arrependo*.

O brilho que diz *O que eu faria diferente?*

Não seria pego.

CAPÍTULO 2

Phoebe

Segunda-feira, 22 de junho

Eu me curvo ainda mais na cadeira, desejando ter pensado em usar um casaco com capuz, mesmo com os quase trinta graus fora do ar-condicionado do auditório do Colégio Eastland. Sabia que poderia haver câmeras na plateia, mas normalmente a turma que se senta no fundão, onde estou, não é do tipo que faz perguntas.

Sei que Addy assiste a essas coisas. O que vou dizer se ela me vir? Como vou explicar... isso? *Negue, negue, negue, Phoebe. Você é boa nisso.*

— Mais alguma pergunta? Temos tempo para mais uma. — O homem que apresentou Jake Riordan se levanta da plateia e vai para o lado dele.

Você realmente se arrepende?

Você machucaria alguém de novo?

O que fez você ser assim?

São essas as perguntas para as quais preciso de resposta. Não consigo me forçar a fazê-las, mas gostaria que alguém as fizesse por mim.

Em vez disso, uma garota grita:

— Você vai ter um novo julgamento?

Jake abaixa a cabeça e diz:

— Eu tento não pensar nisso. Está fora do meu controle. Só estou vivendo do melhor jeito possível, um dia de cada vez.

Olho para o rosto dele e procuro algo, pensando *Por favor, que isso seja verdade.*

Assim como metade dos meus colegas, já tive uma queda por Jake Riordan. Ele era mais velho quando entrei no ensino médio, e ele e Addy já eram *o casal* do colégio. Eu observava os dois desfilarem pelos corredores, impressionada com quão glamorosos e adultos eles pareciam. Quando eles se separaram, depois da morte de Simon Kelleher, tenho vergonha de admitir que meu primeiro pensamento foi *Talvez eu tenha uma chance com ele agora*. Não fazia ideia de como Addy era infeliz ou do que Jake era capaz. Ele escondia seu lado sombrio muito bem. Muitas pessoas fazem isso.

Sei como Addy está estressada, e queria poder conversar sobre isso com ela, *realmente* conversar, não só oferecer palavras vazias. Mas não posso. Destruí essa possibilidade em abril, e agora a única pessoa com quem posso conversar é minha irmã mais velha, Emma. E ela se mudou para a Carolina do Norte assim que se formou, há duas semanas, para morar com uma de nossas tias. E eu posso muito bem ir para a Lua e ela não vai saber, considerando o quanto demora para responder as minhas mensagens.

O que está feito, está feito, ela disse antes de se mudar. *Tínhamos os nossos motivos.*

— Desculpe, sinto muito por estar tão atrasada, e muito, muito obrigada!

Estou quase sem ar, cuspidando as palavras enquanto disparo pelo Café Contigo para chegar até Evie, uma das garçonetes, que está no caixa fechando um pedido para viagem. Pedi que ela cobrisse o início do meu turno, sabendo que não conseguiria voltar de Eastland a tempo, mas não contava com tanto trânsito. Estou mais de uma hora atrasada, e Evie, que está trabalhando desde as dez da manhã, tem todo o direito de ficar irritada.

Em vez disso, ela me dá um sorriso sincero. Queria que Evie pudesse colocar seu pensamento positivo em uma garrafa e vender, porque eu certamente compraria.

— Sem problemas, Phoebe. Disse a você para não se apressar — afirma ela, entregando uma sacola a um de nossos clientes regulares.

— O médico estava tão cheio — murmuro enquanto pego um avental de debaixo do balcão e o coloco na cintura. Em seguida, tiro um elástico do bolso e faço um rabo de cavalo com os cabelos desgrenhados. Não consigo prender todos os fios, mas tudo bem, o mais importante agora é ser rápida. — Ok, estou pronta. Pode ir.

— Relaxa, Phoebe. Bebe uma água ou alguma coisa assim. E talvez seja melhor ir ao banheiro dar uma olhada no seu cabelo antes de tentar servir mesas desse jeito — sugere ela com um sorriso, enquanto passa a mão pela ponta da trança de cabelos louros.

— Como é? — pergunto bem quando Luis Santos, namorado de Maeve, sai da cozinha, para e começa a rir.

— Belo chifre — elogia ele.

— Ai, meu Deus — murmuro quando vejo meu reflexo no espelho da parede oposta. De algum jeito, consegui transformar meu cabelo em um chifre de unicórnio. Puxo o elástico, fazendo uma careta quando alguns fios de cabelo saem junto com ele, e afundo na cadeira ao lado do caixa. — Estou em desastre. Sua mãe está brava por eu estar atrasada de novo?

— Ela não está aqui. Só o papai — responde Luis, e suspiro aliviada. Amo os pais dele, mas o Sr. Santos é de longe o chefe mais leniente. — De qualquer forma, a casa não está tão cheia. O clima lá fora está bom demais. Falando nisso... — O sorriso dele se abre quando o sino da porta soa e Maeve entra, acenando com as mãos enquanto vem caminhando em nossa direção. — Esta é minha deixa para ir embora. Tenho planos importantes com Maeve. Oi, bonita.

— Oi — cumprimenta Maeve, menos entusiasmada que o normal, ainda que se derreta com o beijo de Luis. Viro de costas. Gostaria que casais felizes não me fizessem sentir uma pontada lancinante de inveja. *Você escolheu não fazer parte de um casal*, digo a mim mesma, mas isso não ajuda. Ainda mais porque não parece uma escolha.

— Você veio de bicicleta, certo? — pergunta Luis, animado.

— Pode-se dizer que sim — responde Maeve, batendo a bordinha do tênis no chão. Luis levanta as sobranceiras e ela continua: — Andei pela maior parte do caminho. — Ele suspira e ela diz: — Sinto muito, mas não sei por que preciso ser boa em andar de bicicleta, sendo que você é perfeitamente capaz de fazer isso por nós dois.

— Você não pode andar no guidão da minha bicicleta para sempre — explica Luis.

— Por que não? Não é como se eu fosse crescer muito.

— Discutindo sobre a bicicleta de novo? — pergunta Evie, escondendo um sorriso.

Luis comprou uma bicicleta para Maeve há algumas semanas, determinado a fazer com que ela aprendesse a andar, já que não teve a oportunidade de aprender quando era criança, entre um tratamento de câncer e outro, mas está sendo um processo mais lento do que o esperado. Maeve não *anda* de bicicleta, ela mais empurra a bicicleta enquanto anda. Ou caminha normalmente, chateada de ter que empurrar a bicicleta.

— Vai ser maravilhoso — incentiva Luis, com um otimismo que não parece muito coerente.

Maeve revira os olhos e me encara, um dos braços ainda na cintura dele.

— Phoebe, foi muito estranho. Eu estava vendo a visita de Jake mais cedo...

O sorriso de Luis desaparece.

— Foda-se aquele cara — rosna. Não existem muitas coisas que perturbam a vibe tranquila de Luis, mas seu ex-amigo é uma delas.

— Eu sei — diz Maeve enquanto aperta o braço dele de um jeito carinhoso e se vira para mim. — Vi uma menina na plateia que tinha o cabelo exatamente igual ao seu e... — Meu coração dispara quando os olhos dela descem para minha blusinha brilhante, que não era feita para ser muito discreta. — A mesma roupa.

— Sério? Que estranho! — respondo, tentando me ocupar criando um rabo de cavalo menos ridículo. — Eu ia assistir, mas acabei me atrasando no médico. Como a Addy está? — Odeio mentir para Maeve, mas odiaria ainda mais se ela soubesse o que estou escondendo.

— Na mesma — responde Maeve. Ela parece querer falar mais alguma coisa, mas desiste quando o sino da porta soa novamente e uma presença conhecida entra no café.

— Owen! Como você está, cara? Meu Deus, você ficou ainda mais alto? — pergunta Luis quando meu irmão-não-tão-pequeno se aproxima do balcão.

— Não — murmura Owen, porque ele não tem um pinga de senso de humor.

— Seu pedido está no balcão — avisa Evie. Ela não precisa dizer *É por conta da casa* porque o Sr. Santos nunca deixa meu irmão pagar nada.

— Valeu — responde ele entediado, enquanto pega a sacola do delivery sem nem olhar para mim.

Maeve me encara com um sorriso pesaroso, como se dissesse *Ele tem treze anos, o que você pode fazer?* Me forço a sorrir para ela, com o estômago embrulhado quando Owen passa pela porta e a deixa bater.

— Ótimo conversar com você, Owen — diz Luis, e Maeve dá um soquinho nele.

Há quase três meses, quando Owen ainda tinha doze anos, Emma e eu descobrimos que ele se passava por Emma na internet — enquanto Emma se passava por mim — para falar com um garoto que Emma tinha convencido a participar de um plano de vingança trocada. O menino, Jared Jackson, prometeu que faria meu ex-namorado, Brandon Weber, pagar por ter causado um acidente que resultou na morte do meu pai três anos atrás. Em troca, Emma supostamente ajudaria Jared a se vingar do cunhado de Addy, Eli, que tinha contribuído para a prisão do irmão de Jared, um policial corrupto. Emma desistiu, mas Owen assumiu o lugar dela e manteve o pacto.

Então Brandon morreu, e todo mundo pensou que fosse um acidente, parte de um jogo de Verdade ou Consequência que Jared tinha armado. Quando Owen parou abruptamente de responder, Jared decidiu conseguir a própria vingança e colocou uma bomba no jantar de ensaio de Eli. Se Knox e Maeve não tivessem impedido, todo mundo que estava no restaurante teria morrido. Em vez disso, Jared foi preso e logo me entregou como sua cúmplice. Emma, que estava hospitalizada depois de semanas bebendo sem parar de tanta culpa, confessou que na verdade havia sido ela quem planejava tudo. Mas nós não percebemos que Owen estava envolvido até que lemos as transcrições do chat dele com Jared e vimos uma palavra que Owen soletrava errado quando estava treinando para um torneio: *bizarro* em vez de *bizarro*.

Naquele momento, sentadas à mesa da cozinha com nossa mãe e o advogado de Emma, minha irmã e eu fizemos um pacto silencioso de manter essa informação apenas entre nós duas. Não conseguia me imaginar fazendo outra coisa, porque, pelas mensagens que Owen enviou para Jared depois da morte de Brandon, estava nítido que ele não tinha entendido completamente o que estava fazendo. Meu querido e inocente irmão, ainda atormentado pelo luto, nunca quis que Brandon se ferisse.

Mas, quase de imediato, dúvidas começaram a aparecer. Eu sabia que não podia contar a ninguém, muito menos a Maeve e Knox, depois que os dois arriscaram a vida para impedir Jared, e esse segredo fez com que me sentisse horrivelmente isolada depois que Emma se mudou. Owen fez treze anos alguns dias depois, parece que cresceu e criou corpo do dia para a noite, e eu não conseguia parar de pensar que ele tinha a mesma idade que Brandon quando acidentalmente matou nosso pai. E que, se Brandon tivesse se responsabilizado por seus atos, ainda poderia estar vivo.

Então agora eu mentia para meus amigos, stalkeava Jake Riordan de leve e escrevia mensagens para minha irmã, tarde da noite, sem coragem de enviar:

Use Owen acabar como Brandon?

Ou como Jake?

Você acha que tomamos a decisão errada?

Você acha que devemos contar para alguém?

Quando meu turno acabou, ajudei o Sr. Santos a fechar o café. Sei que deveria dirigir direto pra casa. São quase onze da noite, estou exausta e amanhã pego o turno matutino. Mas quando chego no cruzamento que leva a minha casa, pego a direção contrária.

Não consigo evitar. Conscientemente ou não, tenho esperado por este momento o dia todo.

Quando chego à casa conhecida, estaciono na entrada, mas não uso a porta principal, vou direto para a dos fundos. Subo em uma árvore, até que esteja paralela ao começo do telhado e, com cuidado, passo para lá. Alcanço uma janela e, quando forço, ela abre com facilidade. Me arrasto para passar por ela, desejando que fosse um pouquinho maior para que eu não parecesse tão desengonçada. E aí despenco no chão de madeira, tiro o pó das mãos e fecho a janela antes de me virar para encarar o cômodo.

— Você sabe que pode tocar a campainha, né? — pergunta Knox.

Ele está deitado na cama, encostado em meia dúzia de travesseiros e com o laptop aberto, os olhos tão sonolentos que tenho certeza de que estava dormindo antes de eu chegar. Meu coração começa a bater numa velocidade agradável, enquanto um pouco da tensão do dia sai do meu corpo, e me apoio na cômoda dele enquanto tiro os tênis.

— Não quero acordar seus pais. Além disso, entrar pela sua janela faz com que eu me sinta uma personagem de um filme adolescente. Qual é o próximo? — Vou até a cama dele, puxo o cobertor azul-marinho e deito ao seu lado, me aconchegando na camiseta branca que ele sempre usa para dormir como se fosse seu cobertor favorito.

Knox tecla alguma coisa antes de virar o laptop para mim:

— *Ela é demais.* Acho que é aquele que a garota tira os óculos e vira rainha do baile — responde. Estamos diligentemente assistindo a filmes clássicos de adolescentes desde que as aulas acabaram e agora, enfim chegamos aos anos 1990.

— Ela provavelmente também solta o cabelo — acrescento, apoiando a cabeça no ombro dele e aspirando o cheiro de sabonete cítrico que ele usa.

— A vida era tão simples no século XX — comenta Knox. Espero que ele aperte o play, mas, em vez disso, ele bate os dedos na borda do laptop, por tanto tempo que levanto a cabeça e o encaro com um olhar questionador. — Então... — começa ele, com os olhos fixos na tela. — Estou contente que você veio porque... Quer dizer, eu nunca *não* fico feliz quando você vem, é sempre bom ver você, e não é como se eu não estivesse te esperando e tal...

— Knox — interrompo enquanto brinco com o cobertor dele. — Você está enrolando. — Isso nunca é um bom sinal.

— Verdade. Desculpa. — Os dedos dele continuam batucando enquanto analiso seu rosto de perfil, me perguntando como existiu uma época em que eu não o achava atraente. Como eu não prestei atenção naquelas maçãs do rosto? — É só que... Queria dizer pra você que eu acho que talvez a gente devesse parar de fazer isso.

— Fazer o quê? Ver filmes? — Ergo minha cabeça do ombro dele, alerta.

— Não, isso não. A gente definitivamente precisa continuar fazendo isso. É mais... — Knox aponta para o espaço entre nós, agora que estou sentada. — Isso. — Eu o encaro enquanto ele engole em seco. — Você. Na minha cama. É... demais.

— *Demais de quê?* — pergunto, puxando o cobertor para me cobrir como um escudo. — Eu não estou fazendo nada!

— Exatamente. Esse é o problema. — Knox passa a mão por trás do pescoço. — Olha, Phoebe, eu respeito que você só queira ser minha amiga. Eu estou bem com isso, juro. Não fico esperando que você mude de ideia.

Meu coração fica apertado com a verdade daquelas palavras. Knox e eu nos beijamos, na noite do casamento de Ashton e Eli, e pensamos — esperamos — que fosse o começo de alguma coisa incrível. Mas então Owen aconteceu. Eu não podia contar para Knox e não podia

continuar me envolvendo com ele enquanto escondia uma coisa tão importante. Então, quando ele me convidou para sair, falei que achava melhor que continuássemos apenas amigos. E por mais que uma parte de mim tenha ficado contente com a rapidez dele em acreditar naquela mentira, uma parte ainda maior de mim odeia isso.

— Mas você ficar tão perto... Olha, eu não estou, tipo, *sofrendo* nem nada. Só que isso dificulta sermos apenas amigos, só isso — confessa Knox, enfiando outra faca em meu coração.

Então não seja só isso. As palavras estão nos meus lábios, e quero cobrir os dele com os meus enquanto digo isso, jogar o laptop de lado para que eu possa finalmente, *finalmente* tirar aquela camiseta branca. Mas é claro que não posso. E é claro que ele está certo, e minha única fonte de conforto não ia durar. Não tem sido justo da minha parte, e Knox tem sido um super-herói por aguentar tanto tempo.

— Eu entendo — digo sem expressão, jogando as pernas para fora da cama. — Sem problemas.

— A gente ainda pode ver o filme. Só que, sabe, lá embaixo. Posso fazer pipoca se você quiser.

Meu Deus. Não tem nada que eu queira menos do que ficar presa na sala de estar de Knox, cada um sentado de um lado do sofá, com a pipoca no meio. Assistindo a um filme pelo qual não tenho o menor interesse, já que a única razão de eu estar aqui é para estar perto dele. Mas seria muito babaca da minha parte recusar a oferta quando ele está sendo absolutamente sincero. Então me forço a sorrir e digo:

— Tudo bem, vamos lá.

Afinal de contas, qual o problema de mais uma mentira?

CAPÍTULO 3

Nate

Quarta-feira, 24 de junho

O outdoor digital na esquina da rua Clarendon é o mesmo desde que me lembro — uma bebida energética dançante —, então o fato de ter algo diferente nele chama minha atenção quando paro a moto no sinal vermelho.

HORA DE UM NOVO JOGO, BAYVIEW.

Apenas essas palavras, vermelhas em contraste com o fundo branco. Elas desaparecem da tela e eu espero, um pouco intrigado para ver o que vem depois, apesar de não querer. Mas o anúncio volta com as mesmas palavras: HORA DE UM NOVO JOGO, BAYVIEW. Todo esse suspense para quê? Se nem mostram o produto que estão anunciando. Ótimo trabalho, publicitários.

O sinal abre e eu atravesso, seguindo o caminho conhecido para o Bayview Country Clube. Para muitas pessoas, o verão em Bayview é sinônimo de praias, churrascos e uma competição de fotos de férias com *#nofilter* nas redes sociais. Para mim, significa um segundo turno de serviço. Trabalho com construção de dia, sirvo bebidas para a galera da McMansion Bayview à noite e depois tento dormir algumas horas em uma casa lotada com outras cinco pessoas que não têm mais nada para fazer além de organizar festas e tentar me arrastar para alguma delas.

Vivendo a vida dos sonhos.

Paro no estacionamento e deixo a moto entre duas linhas brancas recém-pintadas, depois verifico as horas no celular. Tenho uma nova mensagem: uma foto de Bronwyn e Stan, meu lagarto, sentados lado a lado em uma pedra enorme do jardim de Bronwyn. Agora que voltou de Yale para passar as férias de verão aqui, decidi que Stan precisa, como ela diz, de “mais exercício e estímulos mentais”. Então, alguns dias, ao final do estágio, ela o pega lá em casa, leva-o até a casa dela e fica com ele no jardim. Pelo que percebo, Stan não está se exercitando mais do que de costume quando embarca nessas excursões, mas parece que ele gosta de ter uma nova pedra para se sentar.

Solto um sorriso e meu humor melhora instantaneamente. Minha namorada está de volta pelos próximos dois meses, então acho que estou mesmo vivendo a vida dos sonhos. Bronwyn está se preparando para a faculdade de Direito e podia escolher um estágio de verão em New Haven ou Nova York, mas ela escolheu um em San Diego. É um trabalho incrível em uma start-up comandada por mulheres, do tipo em que ela quer atuar como advogada um dia, então nem precisei me preocupar por ela perder oportunidades por minha causa.

Não deixe um passarinho roubar o Stan, mando para ela.

JAMAIS, ela responde, com um emoji de horror.

Claro que ela não deixaria. Bronwyn Rojas é a pessoa com quem mais se pode contar no mundo. Sei a sorte que tenho de estar com ela, e é essa a razão de eu estar fazendo tudo isto: os trabalhos, a escola, a casa barata cheia de gente para que eu não gaste tudo com aluguel. Um dia, serei o cara que Bronwyn merece e não o cara que ela teve que salvar da prisão quando estávamos no ensino médio.

Enquanto isso, preciso servir alguns drinques.

Desligo a moto, guardo as chaves no bolso e ando em direção aos pilares gigantes que emolduram a entrada do clube. O mural no fim do estacionamento está cheio de flyers anunciando serviços de jardinagem, professores particulares, diaristas, passeadores de cães... todas as coisas que gente rica não consegue fazer sozinha porque está ocupada demais frequentando country clubes. Meus olhos se fixam em um anúncio que ainda não tinha visto e que parece mais brilhante que os outros. Bem branco, com apenas algumas letras vermelhas:

HORA DE UM NOVO JOGO, BAYVIEW.

Ando mais devagar, minhas sobrancelhas se juntam antes que eu arranque o flyer e veja o verso. Não há nada ali. É obviamente a mesma coisa do outdoor que vi no caminho para cá, e eu ainda não entendo o que é. A não ser que...

Provavelmente é alguma empresa tentando ser moderninha. Mas agora, com o papel em mãos, percebo que algum babaca pode estar querendo lembrar Bayview do jogo de Verdade ou Consequência que matou Brandon Weber. Isso aconteceu muito depois da morte de Simon, e imitadores do aplicativo de fofoca de Simon, Falando Nisso, continuavam a aparecer pela escola. Mas esse tipo de coisa era feita por estudantes, não gente com dinheiro suficiente para alugar um outdoor. Se bem que, parando para pensar, vários adolescentes do Colégio Bayview têm esse tanto de dinheiro.

— Procurando um professor particular? — pergunta uma voz atrás de mim.

Me viro e vejo Vanessa Merriman em um vestido branco quase transparente por cima de um biquíni listrado. Vanessa e eu nos formamos no mesmo ano, e ela era amiga de Addy, mas depois ficou do lado de Jake quando eles terminaram. De alguma forma, mesmo depois que Jake foi para a cadeia, Vanessa não achava que tinha motivo para se desculpar com Addy. Ela deve ter vindo para passar as férias, seja de qual faculdade for. Não sei e não podia me importar menos com Vanessa Merriman.

Ela se apoia de um jeito provocante no mural e continua:

— Talvez eu possa ajudar. Sou muito boa em várias coisas. Anatomia, por exemplo. — Apenas a encaro, até que ela começa a rir e diz: — Ah, para com isso! Relaxa, era só uma piada. — Ela levanta a mão como se fosse dar um tapinha no meu braço, mas para antes de fazer qualquer contato. — Espera. Você não foi quase explodido uns meses atrás? Como ainda tem os dois braços e as duas pernas?

— As notícias foram um pouco exageradas.

Vanessa vira a cabeça de lado e arregala os olhos quando observa meu braço esquerdo. Eu peguei o pior da bomba que Jared Jackson usou em março, já que caminhava com Bronwyn no arboreto atrás do restaurante onde Ashton e Eli estavam fazendo o jantar de ensaio para o casamento. Knox, que não tinha ideia de que estávamos lá, arremessou a mochila que viu Jared largar no restaurante a alguns metros de nós. Tivemos de correr em disparada e ainda assim estávamos no raio de destruição da bomba quando ela disparou. Eu me joguei em cima de Bronwyn para protegê-la, e acabei com o braço cheio de estilhaços. As feridas já estavam curadas, mas vou ficar com as cicatrizes para sempre.

— Ai — murmura Vanessa. Então aperta minha bochecha e continua: — Bem, poderia ter sido pior, né? Pelo menos não machucou esse rostinho lindo.

Parece que as prioridades de Vanessa não mudaram desde a escola. Ela tenta pegar o flyer que estou segurando, mas consigo jogar o papel no lixo antes que ela o alcance.

— O que era? Por que você jogou fora? — pergunta Vanessa, jogando o cabelo para trás. O cabelo dela parece ser tratado com produtos caros, com as raízes mais escuras e as pontas mais claras, com mechas de vários tons. Addy saberia nomear esse tipo de cabelo.

— Porque é estranho — respondo e volto a andar.

Vanessa segue ao meu lado.

— Estranho como?

Não tenho nenhum interesse em falar sobre teorias de outdoors misteriosos com Vanessa Merriman.

— Você não tem que ir pra uma piscina ou algo assim?

— Preciso de um drinque antes — responde a garota, colocando a ecobag no ombro. Então começa a me contar que acabou de voltar de uma viagem para Ibiza e continua um monólogo disfarçado de conversa desde o estacionamento, passando pela entrada e pelo corredor principal, até chegarmos ao restaurante em que trabalho. Ela se senta em um dos bancos altos de frente para o bar em formato de U, tira os óculos escuros e diz: — Um gim tônica, por favor.

— Valeu a tentativa. Mas a qualidade da sua identidade falsa não importa se você se formou no mesmo ano em que o assistente do barman. — Paro atrás dela e faço um sinal para Gavin, um dos atendentes que está servindo um casal mais velho do outro lado do bar.

— Ah, para com isso Nate. Ninguém se importa. E não é como se eu estivesse dirigindo.

— Então por que você estava no estacionamento?

— Ok, não é como se eu estivesse dirigindo *para longe*.

— Aqui. Use sua imaginação. — Encho um copo com gelo, água com gás e uma rodela de limão.

Vanessa suspira e toma um gole, ressentida, depois diz:

— Sabe de uma coisa? Você é muito menos divertido agora.

— Vou encarar isso como um elogio.

Ela faz uma careta e continua:

— Não é.

— Nate, meu chapa. — Gavin se aproxima e me pega pelo ombro. A pele clara dele ainda está bronzeada do fim de semana, e seu cabelo castanho-claro está mais escuro na parte da frente por conta do suor. Tem muito espaço aberto perto do bar para que o ar-condicionado dê vazão. — Stephanie acabou de ligar do carro. Ela está quase chegando, mas eu já estou atrasado para encontrar uma pessoa e preciso ir embora. Você poderia... sabe?

Sabe é um código para *me substituir*. Tecnicamente eu não posso servir bebida alcoólica, já que não tenho vinte e um anos, mas a gerência do clube não presta muita atenção no bar. Metade do tempo que estou aqui, trabalho como se fosse um segundo bartender.

Eu esperava conseguir comer alguma coisa antes de começar o serviço, já que vim direto de um dia de trabalho na Myers Construções. Não valia a pena ir para casa pois tinha pouco tempo e, além disso, minha casa está pior do que nunca por conta do meu novo colega. O único cara de quem eu mais ou menos gostava se mudou há duas semanas, e adivinha quem foi morar lá? Reggie Crawley, o ex-aluno do Colégio Bayview conhecido por ter sido desmascarado por Simon Kelleher e ter uma câmera no quarto. Nesse caso, Simon fez o que sempre falou que fazia: *Expor babacas*. E não é como se Reggie tivesse melhorado com a idade; quando o *Bayview Blade* entrevistou as pessoas sobre o programa de true crime que fez Jake parecer uma pessoa decente, Reggie foi gravado dizendo esta pérola: “Ele sempre foi legal comigo.”

Mas isso não é culpa de Gavin, obviamente, e ele é tão generoso quando divide as gorjetas que eu não consigo pedir que ele fique por aqui até Stephanie chegar.

— Sem problemas — respondo.

— Obrigado, fico te devendo uma — agradece ele, saindo de trás do bar.

Vanessa se endireita, vendo um novo alvo:

— Olá, acho que não nos conhecemos. Sou Vanessa Merriman — apresenta-se, estendendo um braço cheio de pulseiras.

Gavin pega a mão dela e diz:

— Prazer em conhecer você, Vanessa Merriman — cumprimenta ele, repetindo o nome como se estivesse tentando decorar. O que provavelmente é o caso. Gavin é universitário e não cresceu por aqui, mas ele conhece mais pessoas em Bayview do que eu. *Truque de bartender*, ele diz. *Faz com que as pessoas deem mais gorjetas*.

— Não sirva álcool a essa garota. Ela tem dezenove anos — aviso enquanto pego alguns copos de baixo do balcão e os coloco nas prateleiras.

— Ok, isso foi *grosseiro* — reclama Vanessa.

Gavin dá um sorriso e tira a gravata que sempre usa, mesmo que ninguém nos obrigue.

— Desculpa, Vanessa. Divirta-se com o pessoal do happy hour, Nate.

Ele sai e Vanessa espreme sua rodela de limão em minha direção com um cara feia.

— Nem todos nós podemos nos divertir — diz ela.

Os olhos de Vanessa passam acima de meus ombros, e então seu rosto faz uma nova expressão que é quase... esperançosa? É uma expressão estranha para Vanessa, então eu sigo seu olhar e vejo uma mulher de meia-idade, bem-vestida e elegante, sentando em um banco próximo.

— Olá, Sra. Riordan. Como a senhora *está*? — pergunta Vanessa.

A mãe de Jake olha em nossa direção. Fiquei surpreso, quando comecei a trabalhar aqui, ao saber que ela e o Sr. Riordan ainda frequentam o clube. Não é como se eu passasse muito tempo pensando nos Riordan, mas se eu passasse, suporia que eles se mudariam da cidade, como os pais de Simon. Ou pelo menos que ficariam um pouco mais em casa depois que o único filho deles se envolveu no maior escândalo da cidade. Mas então conheci o Sr. Riordan e tudo fez sentido, porque o cara é um grande babaca. Ele ainda acha que é o rei de Bayview e vai dizer para quem quiser ouvir — e para quem não quiser também — que Jake teve um julgamento injusto. Ele finge não saber quem eu sou, como se o filho dele não tivesse incriminado a mim e aos meus amigos pela morte de Simon. Além de tudo, dá péssimas gorjetas.

Mas a Sra. Riordan é diferente. Eu não estava planejando falar nada com ela a não ser que fosse muito necessário, mas ela me surpreendeu, na primeira noite que trabalhei aqui, quando parou ao meu lado e se desculpou pelo que Jake fez. “Ele está tentando compensar o que fez”, disse com delicadeza. Não acreditei nem por um segundo, mas acho que ela acredita.

— Ah, Vanessa, oi. Que ótimo ver você — cumprimenta a Sra. Riordan. Sei por que ela veio, e como Stephanie ainda não está aqui, eu mesmo encho uma taça quase até a boca com o chardonnay mais caro do bar. A Sra. Riordan precisa de cada gota para lidar com aquele idiota com quem é casada. — Obrigada, Nate — agradece ela, tomando um gole antes de deixar uma nota de vinte dólares no balcão. — Isto é para você. Coloque o vinho na nossa conta, por favor.

— Obrigado — digo, colocando a nota no bolso.

É mais do que estranho, provavelmente, que minhas melhores gorjetas venham da mãe de Jake. Mas é isso. Não tenho nada contra a Sra. Riordan; até conversamos de vez em quando, sobre temas neutros como o clima, a escola e o trabalho. Sei que ela era uma publicitária importante, e acho que sente falta disso. Não sei o que ela faz agora durante o dia, e é meio deprimente pensar nisso.

Vanessa se muda para o banco ao lado da Sra. Riordan, e elas começam a conversar quando pego meu celular para checar as mensagens uma última vez. Mais algumas de Bronwyn, e o recém-nomeado grupo de mensagens Galera de Bayview está bombando. Desde que a Associação Atlética Universitária Nacional mudou as regras sobre atletas universitários e os lucros sobre seus nomes e imagem, Cooper tem recebido muitas propostas de patrocínio. Ele finalmente aceitou uma delas e seu primeiro comercial — para a rede de academias em que malha — vai ao ar mês que vem. Obviamente, Addy achou que isso era motivo para uma festa.

A Festa do Comercial será no Café Contigo, escreve Luis. Mal posso esperar para ver nosso garoto em sua estreia na TV. Mas ainda acho que você devia ter aceitado aquele comercial de operadora de celular. Muito mais dinheiro.

Não consegui, escreve Cooper. Minhas ligações ficavam caindo.

Esse é Cooper Clay para quem não conhece: o tipo de cara que insiste em realmente usar alguma coisa antes de atrelar seu nome a ela e educadamente recusa uma bolada em dinheiro quando a coisa não é boa.

Tem uma mensagem do meu pai. *Não consigo achar minhas chaves. Você as viu na última vez que veio aqui?*

Não, respondendo tentando não bufar. O lance com meu pai é que... ele está tentando. Está sóbrio há quase quatro meses e até tem um trabalho agora, fazendo serviços de manutenção no Colégio Bayview. Não vou apostar em quanto tempo isso vai durar, mas também não vou tentar destruir o cara. Dou o braço a torcer e mando mais uma mensagem: *Olha na mesinha*

ao lado da TV. Noventa por cento das vezes, é lá que ele coloca as chaves, mas mesmo sem beber parece que não consegue se lembrar disso.

O celular da Sra. Riordan toca, e ela levanta um dedo para pôr uma pausa no monólogo de Vanessa sobre Ibiza.

— Me dê licença um momento, por favor, isso é... Alô?

Ela se vira e Vanessa, com o braço cheio de pulseiras, me entrega o copo quase vazio.

— Mais água com gás, por favor, Sr. Estraga prazeres — implica ela.

Completo o copo quando a Sra. Riordan solta um arquejo alto.

— Tem certeza? — diz ela, quase sem ar. — Por favor não... Eu realmente não acho que consigo... Sério? Você tem certeza. *Mesmo?* — Quando olho para o lado dela, seus olhos estão cheios de lágrimas. — Ai, meu Deus. Eu desejei e rezei, mas nunca pensei... Sim. Sim, claro, sei como é ocupado. Estaremos lá amanhã, nove da manhã em ponto. Obrigada. Obrigada, Carl, do fundo do meu coração. — Ela desliga e coloca as mãos no rosto.

Nunca tinha visto a Sra. Riordan tão repleta de alegria e alívio, e isso me dá um nó no estômago. Só existe uma coisa que a deixaria tão feliz. Troco olhares com Vanessa, que puxa a manga da roupa da Sra. Riordan e pergunta:

— Está tudo bem?

— Mais do que bem. Jake... Ele... — gagueja a Sra. Riordan.

Ela não consegue terminar a frase, então Vanessa diz:

— Ele conseguiu um novo julgamento?

Mesmo que eu esteja pensando nas mesmas palavras, ainda parece que levei um soco. De alguma forma, consigo lidar com o fato de precisar ver o Sr. e a Sra. Riordan, porque eles nunca fizeram nada diretamente contra mim. Mas Jake fez. O cara que me incriminou e ajudou a me mandarem para a prisão juvenil — o pior momento da minha vida, quando achei que nunca mais sairia de lá — conseguiu uma segunda chance. Os promotores não pensaram duas vezes antes de me mandar para a prisão, mas Jake? Jake Riordan consegue escapar, como sempre.

Algumas coisas nunca mudam. Essas merdas nunca mudam.

Puxo a gola da camiseta para conseguir respirar melhor, mas não adianta. Foda-se a galera do happy hour, preciso sair daqui. E preciso ligar para Addy, que vai se sentir ainda pior do que eu. Estamos vivendo um pesadelo, e o mínimo que posso fazer é avisar minha amiga antes que ela fique sabendo por outra pessoa.

A Sra. Riordan, que está tão feliz com a notícia que não entende que é uma coisa boa só para ela, procura um lenço na bolsa antes de responder a Vanessa:

— É mais do que isso — acrescenta ela, com mãos trêmulas levando o lenço aos olhos. — Ele está vindo para casa.

CAPÍTULO 4

Addy

Segunda-feira, 29 de junho

O Jeep de Cooper chacoalha ruidosamente quando para em um estacionamento pago em frente a um escritório em San Diego, e Cooper suspira quando puxa o freio de mão.

— Odeio admitir isso, mas acho que este carro está em seus últimos dias — diz ele.

— Nem percebi — respondo, irônica. Durante a viagem de Bayview para cá, tivemos praticamente que gritar um com o outro para ouvir alguma coisa por causa do barulho do motor.

— Desculpa. Não estava tão ruim ontem, juro. Eu teria pegado o carro do Kris emprestado se estivesse — explica Cooper. Ele estica o braço na minha frente, como se fosse abrir a porta do passageiro. — Espera aí. Deixa eu conferir aqui antes. — Ele sai do carro e dá a volta, olhando para todos os lados da rua e dos prédios próximos antes de abrir minha porta. — A barra está limpa — garante ele.

— Você é ridículo — respondo, sorrindo apesar do meu péssimo humor.

Cooper está paramentado como um espião: óculos escuros, um boné enfiado na cabeça para esconder os cabelos louros e metade do rosto, e uma camiseta da Oktoberfest que Kris comprou quando foi visitar os pais na Alemanha. Ainda assim ele não parece um turista, como finge ser às vezes. O físico de atleta profissional conquistado com muito exercício o diferencia na multidão.

Mas não é com os fãs de beisebol que Cooper está preocupado.

— Estamos adiantados. Quer tomar um café antes? — sugere ele, olhando o celular.

— Não. Vamos subir direto — respondo enquanto olho pelas janelas do café que fica no térreo do prédio do escritório de Eli. Meia dúzia de pessoas estão espalhadas pelos bancos, a maioria encarando um laptop ou celular. Nada fora do comum, mas o escritório de Eli é conhecido o suficiente para que eu não descarte a possibilidade de um jornalista estar de tocaia por ali. Alguns dos antigos conhecidos ficaram em frente a minha casa por alguns dias depois que saiu a notícia sobre Jake, mas eu já estou experiente em evitar todos eles.

— Sim, senhora — responde Cooper, entrelaçando o braço no meu.

Me apoio nele, aliviada com sua presença, mesmo que não quisesse isso a princípio. *Vou continuar levando minha vida normalmente*, disse para todo mundo quando recebemos a notícia na semana passada: Jake não só conseguira um novo julgamento, como ele estava saindo em liberdade condicional. *Jake não pode mais controlar o que eu faço*. E eu estava decidida, mas ainda assim é bom ter Cooper ao meu lado. Especialmente porque a minha *vida normal* agora significa buscar os papéis do mandado de proteção que Eli fez.

— Eu levo para você hoje à noite — informou Eli quando liguei mais cedo.

— Não, eu vou buscar. Tenho coisas para fazer na rua mesmo — respondi. *Vida normal*.

— Ainda bem que você não tinha jogo hoje — digo para Cooper ao andarmos até os elevadores. Ele joga na liga de elite no verão, e a rotina é intensa mesmo sem ele arremessar com tanta frequência como na Cal Fullerton.

— Eu também achei bom. Exagerei nos exercícios ontem. Nonny me deu um sermão que durou metade da noite — responde Cooper, alongando os ombros. Passamos por uma mulher que o olha de forma interessada, como se tivesse certeza de que o conhece mas sem saber de onde, porém ela me ignora. As únicas vezes que me sinto realmente invisível é quando estou com Cooper, é uma sensação boa.

— Nonny? Mas ela é sua fã número um! — pergunto enquanto aperto o botão para chamar o elevador.

— É mesmo, mas você sabe como ela está desde que saiu do hospital. Meio obcecada com saúde.

Nonny fez uma cirurgia complicada no joelho há algumas semanas, e embora esteja se recuperando bem, sei que Cooper está preocupado. Além de Kris, não tem ninguém de quem ele se sinta mais próximo.

A porta do elevador faz um barulho e se abre. Entramos.

— Você acha que ela vai conseguir ir à Festa do Comercial no Café Contigo?

— Duvido. Mas provavelmente é bom, já que tenho quase certeza de que fui péssimo no comercial. Não acredito que deixei você me convencer a dar essa festa. — Ele franze o nariz quando o elevador para e as portas se abrem de novo, com um cheiro pungente e conhecido.

— Parece que a clínica de implante de cabelo não mudou de lugar, né?

— Não — digo ao sair para o corredor.

— Addy! Que bom ver você! — A porta da Até que Provem se abre e Bethany Okonjo, uma das assistentes jurídicas de Eli, sai e me enreda em um abraço apertado.

— Digo o mesmo a você — respondo tentando mover minha mão e dar alguns tapinhas nas costas dela. — Obrigada pelo... uhm... abraço. — Eu ia dizer *pela recepção calorosa nada exagerada*, mas por que ser sarcástica com pessoas que estão tentando demonstrar que se importam? E essa é uma das muitas, muitas lições de vida que aprendi nos últimos anos.

— Eli está preso numa reunião, mas já preparamos a sala de conferência para vocês — anuncia Bethany enquanto desfaz o abraço e indica a porta aberta. — Winterfell. — Ela percebe o olhar confuso de Cooper quando ele finalmente tira os óculos escuros e complementa: — Ou para aqueles que não estão familiarizados com a nomenclatura de *Guerra dos Tronos*, a sala pequena. Pode entrar. Deixamos alguns aperitivos lá para o caso de estarem com fome.

Alguns aperitivos não faz jus àquilo. Parece que alguém comprou tudo que o café do térreo fez e levou para a mesa. Esse alguém provavelmente foi Knox, que acena para nós de dentro da sala de conferências maior, com paredes de vidro, onde algumas pessoas escutam o que Eli diz. Agora que acabou o ensino médio, Knox está trabalhando aqui praticamente em período integral. Ele foi promovido de estagiário a assistente no mês passado, então finalmente está ganhando mais do que pizza grátis e experiência.

— Preciso voltar para lá, mas se precisar de alguma coisa é só acenar — oferece Bethany antes de fechar a porta.

Cooper vai direto para a mesa, como se aquela fosse sua missão. Apesar de seus treinos regulares e da dieta balanceada, ele não resiste a um carboidrato.

— Oba! Croissants de chocolate. Kris adora isso — diz ele, feliz, pegando dois. Mas em vez de dar uma mordida, ele os enrola em um guardanapo e coloca de lado.

— Own, olha só você, deixando de comer seus favoritos para guardar para ele. O casal perfeito continua perfeito. — Sento e pego uma tortinha de frutas, escolho um morango caramelizado da cobertura e enfio na boca.

— Isso nem existe.

O morango enorme quase fica entalado na minha garganta, e faço força para engolir. Cooper tem razão, as pessoas costumavam falar isso de mim e de Jake: *o casal perfeito*. Por fora feliz, radiante, superpopular, embora nós dois não fôssemos os melhores naquilo com que mais nos importávamos. Jake não era nada perto de Cooper quando se falava em esportes em Bayview, e eu era sempre a segunda mais bonita em qualquer competição. Acabou que competições de beleza não eram meu forte, e Jake, bem...

— Ele enganou todo mundo — murmura.

— Não no mesmo nível — digo com uma risada nervosa.

— Não é verdade. Quer dizer, claro que era diferente entre vocês, mas eu conhecia ele há mais tempo que você, Addy. A gente começou a ser amigo no final do verão antes do primeiro ano, e eu nunca... nem uma vez... pensei que ele fosse capaz de machucar alguém. Luis também não sabia, e Keely...

— A gente pode não falar da Keely agora?

— Eu pensei... Pensei que tinha sido uma coisa boa. — Cooper parece confuso.

— E foi... Ou seria, talvez, se eu não estivesse completamente *destroçada* por dentro — respondo enquanto brinco com a borda da tortinha.

Naquele mês, quando minha amiga Keely Soria voltou para casa depois de terminar o primeiro ano na UCLA, em Los Angeles, passamos a noite de sexta-feira dirigindo por San Diego em busca de uma festa que um dos amigos de Keely estava organizando. Não conseguimos encontrar, mas ela continuou tentando alguns endereços parecidos, e foi ficando cada vez mais engraçado quando ela ia nos levando em lugares sempre totalmente errados. Quando por fim paramos em frente a um asilo, desatamos a rir tanto que comecei a chorar. Keely tentou limpar minhas lágrimas e quase enfiou uma de suas unhas de gel no meu olho, e isso me fez rir ainda mais. E então, de repente... a gente estava se beijando. Eu não percebi que queria isso até estar acontecendo, e então...

Bem, o final não foi perfeito. Como Cooper disse, isso não existe. Mas foi bem legal.

— Você não está *destroçada* — consola Cooper com firmeza. — Você é cuidadosa, e Keely entende isso. Diria que ela entende isso melhor do que qualquer um. Ela não está insistindo, está?

Cooper e Keely são amigos agora, mas têm uma história; eles namoraram no ensino médio antes de Cooper sair do armário, e Keely ficou magoada quando descobriu.

— Claro que não — murmuro. — Estamos falando da Keely. De qualquer forma, ela já foi embora, lembra?

A família de Keely sempre passa os verões em Cape Cod, e ela foi para lá na semana passada. Odiei quando me senti um pouco aliviada por isso, da mesma forma que me senti aliviada quando Daniel, o cara com quem eu estava saindo um mês antes, aceitou graciosamente meu discurso de *é-melhor-sermos-só-amigos*. Mesmo não sendo essa a minha vontade.

Minha vida amorosa seguia um padrão triste desde que Jake fora preso: eu fico animada com alguém novo, passamos algumas semanas fantásticas juntos e então a parte primitiva do meu cérebro se manifesta. Algum tipo de resposta ao ataque, um instinto de fuga que me faz afastar as pessoas. Não me importo de estar solteira — aprendi a gostar disso de muitas formas —, mas quero que isso seja uma escolha, não que aconteça porque tenho medo.

Cooper foi a primeira pessoa para quem contei sobre Keely, já que eles tinham namorado e eu quis me certificar de que não seria estranho para ele. Acho que ele ficou emocionado quando o procurei para essa quase saída do armário, ainda que eu não tenha certeza do que isso significa. Sei que gosto de garotos, e não acho que senti atração por garotas antes de Keely, embora seja possível que eu sentisse algo que não soubesse nomear. Quando contei isso para Cooper, ele me lembrou que o nome que damos às coisas não importa. “Só continue gostando de quem você gostar”, ele disse.

Cooper me traz de volta para o presente ao colocar a mão no meu ombro.

— Dê tempo a si mesma, Addy. Não tem nem dois anos que tudo deu errado com Jake.

— E ainda assim ele conseguiu sair da cadeia antes de eu conseguir ir em um terceiro encontro — digo, então enfiio o restante da tortinha na boca, e Eli finalmente sai da outra sala de conferências e vem em nossa direção. Ele traz uma pilha grande de pastas, então Cooper abre a porta pra ele.

— Obrigado, Cooper. Oi, Addy. Desculpe por fazer vocês esperarem. E que bom que estão gostando da comida — observa Eli olhando para minhas bochechas de esquilo. Foi mais comida do que imaginei.

— Mastigo com força e aceno, me sentindo mais relaxada só de ver meu cunhado. Mesmo que o caos sempre acompanhe Eli por conta do trabalho, ele é uma das pessoas mais competentes, e portanto reconfortantes, que já conheci.

— Vou ser rápido, porque só tenho boas notícias. Bem, as melhores possíveis, nessa situação — diz ele, deixando as pastas na mesa e pegando a primeira. — Temos tudo de que precisamos. Jake não pode chegar a menos de sessenta metros da sua casa, da minha casa e da casa de Ashton, ou do Café Contigo. Ele também não pode entrar em contato com você, não pode...

— Mas como isso está acontecendo? — pergunta Cooper em um raro arroubo de raiva. Ele trota até a janela e olha para fora, com as mãos na cintura. — Tinham três testemunhas oculares quando Jake fez aquilo com Addy, Addy *estava lá*. Ela foi para o hospital! Sem contar as outras merdas que ele fez. Provavelmente Simon ainda estaria vivo se Jake não tivesse cruzado a vida dele, e talvez as coisas tivessem sido diferentes para ele. Por que de repente nada disso importa?

— Importa — suspira Eli e passa a mão pelos cabelos. Estão um pouco mais longos (ou melhor, altos) desde o casamento, embora não estivesse com o tamanho de “cientista fanático” de quando o conheci. — Mas o julgamento por um júri imparcial é um direito fundamental do nosso sistema judiciário. Junte a isso a opinião popular, a idade de Jake, o serviço comunitário que ele tem prestado e... Bem, estamos aqui.

Cooper continua encarando a janela, o maxilar travado, enquanto Eli se senta ao meu lado e pega minhas mãos.

— Addy, eu sei que isso é horrível. Ninguém acredita mais na importância de um julgamento justo do que eu, e ainda assim odeio o que está acontecendo. Mas o juiz entende sua preocupação, e é por isso que essa medida de proteção é extremamente complexa. Além disso, os movimentos de Jake serão monitorados com cuidado e o novo julgamento acontecerá o mais rápido possível.

— Vou ter que testemunhar de novo? — pergunto, a garganta seca só de pensar nisso.

Da primeira vez tinha sido bom confrontar Jake e conseguir contar com calma todas as formas como ele me machucou. Mas não é o tipo de coisa que tenho vontade de fazer de novo.

— Provavelmente não. Mas podemos falar sobre isso depois — responde Eli quando solta minhas mãos. Ele tira um pacote enorme de folhas da pasta e o coloca na mesa entre nós. — Enquanto isso, aqui está sua cópia. Posso explicar tudo em detalhes, mas o mais importante é que você saiba que seria muito, totalmente idiota da parte de Jake sequer respirar na sua direção. Até a menor violação dessa ordem o mandaria direto de volta para a cadeia, e seria mais uma prova na pilha de coisas que o condenou.

— Ele não se preocupou com as provas que deixou da primeira vez. Queria poder ir para o Peru agora e não só no fim de julho — digo e me mexo na cadeira.

Pensei que ficaria lá pela maior parte do verão, mas a escola na qual me matriculei, Colégio San Silvestre, acabou dividindo o programa em duas partes. Para que eu e Maeve fôssemos juntas, só poderíamos nos matricular na segunda.

— Não se preocupe, Addy! Seus amigos não vão deixar que você fique sozinha nem por um segundo de agora até que você embarque naquele avião. E quando não estivermos do seu lado, estaremos de olho em Jake — afirma Cooper com os braços cruzados.

— Vocês não vão fazer nada disso — censura Eli, mas não consigo evitar e dou um sorriso quando vejo Cooper ativar seu modo guarda-costas.

— Alguma coisa suspeita lá fora, Cooper? — pergunto.

Os olhos dele se desviam da janela e ele diz:

— Um carro velho tem rodeado a rua desde que chegamos. Um conversível vermelho com capota marrom. — Ele se aproxima do vidro e aperta os olhos para ver melhor. — Tenho quase certeza de que Jake jamais dirigiria uma lata-velha dessas, mas preciso chegar perto para garantir.

— Cooper, escuta aqui. Vou ser o mais enfático possível — declara Eli, uma pontada de urgência em sua voz. — Não faça nada. Sobre nada. Isso vale para vocês dois. Para *todos* vocês.

Todo o Grupo de Bayview ou seja lá como vocês se chamam hoje...

— Galera — respondo.

— Que seja — diz Eli com um gesto mostrando que ele não se importa. — Eu disse a mesma coisa para Knox, e eu vou demitir esse garoto se ele não me escutar.

— Não, você não vai — digo com uma risadinha debochada, sentindo uma onda de carinho quando olho Knox amontoando com cuidado alguns papéis em sua mesa.

Eu quase não o conhecia há três meses, mas ver alguém salvando uma festa de casamento inteira é uma experiência bastante impactante. Agora ele é como o irmão mais novo que nunca percebi que queria ter. Ele também é muito paciente com o fato de que, vez ou outra, quando penso sobre o que poderia ter acontecido com minha irmã e quase todas as pessoas que amo, sinto a necessidade de passar meus braços pelo pescoço dele e abraçar apertado por alguns minutos.

— Eu pensaria seriamente nisso — alerta Eli, sem muita convicção. — E quanto a você... — Ele franze as sobrancelhas quando pego os papéis e um envelope escorrega do meio das páginas, caindo na mesa. — Espera aí, isso não deveria estar aqui.

Nós dois olhamos para o envelope por alguns segundos. Eli parece preocupado, e eu me lembro das ameaças de morte que ele recebeu há alguns meses, vindas de Jared Jackson, o irmão de um dos caras que Eli colocou na prisão. As cartas foram ficando cada vez piores, até Jared decidir explodir o jantar de ensaio de Eli e Ashton.

— Isso é... — Pego o envelope antes que Eli o alcance e o viro com as mãos trêmulas. Então pisco algumas vezes enquanto Eli parece tenso em sua cadeira. — Bebê Kleinfelter Prentiss? São... fotos de ultrassom?

— Não — responde Eli. — É o sexo do bebê, da nossa última visita ao médico. A gente não quer saber, mas uma enfermeira nos deu esse envelope mesmo assim. Ashton pediu que eu jogasse fora, mas fazer uma coisa assim não me parece um bom presságio, sei lá o motivo, então eu... guardei. Não sei como isso foi parar no meio desses papéis. — Eli fica um pouco vermelho quando começo a sorrir. Jake foi temporariamente esquecido. — Não abri nem nada. Nem fiquei com vontade. — Ele fica ainda mais vermelho. — Não muita.

— A gente não quer saber? Ou é só a Ashton? — pergunta Cooper com um sorrisinho.

— Nós dois. Mas eu estou um pouco mais curioso do que ela — responde Eli.

— E se eu guardar isso comigo? — digo já colocando o envelope na bolsa.

— Você vai olhar assim que entrarmos no carro, não vai? — pergunta Cooper, finalmente saindo de perto da janela.

— Talvez sim, talvez não — respondo, instantaneamente mais animada. É um sentimento bom e diferente, depois da semana que tive, ter em mãos um mistério que não tem nenhuma resposta ruim.

CAPÍTULO 5

Phoebe

Quarta-feira, 1º de julho

Só é possível se preocupar com um número finito de coisas ao mesmo tempo, e agora, depois de quatro horas de trabalho no Café Contigo, cheguei ao meu limite.

— Se você não gosta de carne moída, nem de alho, nem de cebola, nem de azeitona, talvez você *não* queira uma empanada. Talvez você queira um pedaço de massa e, infelizmente, não servimos isso aqui — digo para a mulher sentada na mesa do canto.

Ela pisca, em choque, o que é compreensível, porque, *caramba*, eu fui grossa. Abro a boca para pedir desculpas, mas minha garganta está seca e não consigo pensar em nada para dizer a não ser *Desculpe, mas sabe o que dizem sobre estar por um fio? Bem, foi isso*. Antes que a mulher chame o gerente, Evie aparece ao meu lado, com o bloquinho e a caneta nas mãos.

— Phoebe, já passou da hora do seu intervalo. Por que você não se senta um pouco e eu termino este pedido? — sugere ela com a voz alegre. O sorriso é tão empolgante quanto a voz, mas as mãos dela estão firmes ao me levar para longe da mesa, na mesma hora que a Sra. Santos nos encara no caixa.

— Ok — respondo logo. Depois complemento atrasada: — Valeu. — Mas Evie já está se curvando à altura do ombro da mulher, mostrando alternativas em nosso cardápio. Nenhuma delas sendo *um pedaço de massa*. Depois de todas as vezes que cheguei atrasada este mês, esse pode ser o estopim para a Sra. Santos, e eu não a culparia.

Consigo sentir minha chefe me encarando enquanto me pergunto o que devo fazer. Tudo o que eu quero é me esconder na cozinha por alguns minutos, quieta e sossegada, mas meu irmão está sentado em uma mesa com as sobras do jantar. Owen está sozinho, como sempre, vidrado em seu celular, a mochila a seus pés e os cabelos louro-avermelhados caindo sobre os olhos. Família significa muito para a Sra. Santos, e se eu passar pelo meu irmão solitário sem falar nada, ela vai me julgar de maneira ainda mais negativa.

Estampo um sorriso no rosto e me sento de frente para ele.

— Como estava o jantar?

— Bom — responde Owen sem olhar para mim. A mamãe deu Airpods falsos para ele de aniversário, e um deles está enfiado em seu ouvido.

— Não quis ficar em casa esta noite? — pergunto, tentando emular o tom alegre de Evie. Normalmente Owen pede comida nas noites que tanto minha mãe quanto eu estamos trabalhando. De dia ela trabalha como gerente em um escritório, e às vezes trabalha à noite e nos fins de semana em sua própria empresa de organização de casamentos. A empresa desandou um pouco depois do desastre do jantar de Eli e Ashton, mas finalmente está voltando aos eixos.

Owen dá de ombros, e o silêncio se prolonga até que eu tento de novo:

— O que você está fazendo?

— Assistindo a vídeos no TikTok.

— Alguma coisa boa?

Meu irmão finalmente levanta os olhos do celular, e meu coração dispara ao ver animação em seu rosto. Ele mudou tanto, tão rápido, que é quase como se eu tivesse recebido um presente ao ver um pouco do antigo Owen: o garoto doce e sensível que poderia falar por horas sobre consertar uma torradeira. E ele diz:

— Este cara postou um vídeo de como a namorada dele morreu num acidente bizarro durante uma pescaria. Ele disse que ela foi arrastada por uma carpa gigante e levada para o fundo da água, daí se afogou, mas na verdade ela não morreu. Ele inventou tudo isso. Ela nem sabia de nada até ver o vídeo.

E logo depois, o antigo Owen desaparece. Eu pergunto:

— Por que ele fez isso?

— Para conseguir mais visualizações — responde Owen, como se fosse óbvio. — E deu certo. É o vídeo mais visto dele, tipo, por milhões de pessoas. — Ele deixa escapar uma risadinha que me dá arrepios.

— Isso não é engraçado — censura, tentando tirar algo dele.

— Eu acho. — Ele dá de ombros e volta a mexer no celular.

Mordo meus lábios para evitar a pergunta *Qual é o seu problema?* Sei como Maeve teria respondido. Ou Knox, ou minha mãe, ou qualquer pessoa que convivesse com a recente mudança de Owen: *Ele tem treze anos*. O que é verdade, mas *também* é verdade que Owen participou de um jogo mortal que acabou matando meu ex-namorado. Rir de uma falsa morte não parece algo tão inocente quando penso nesse cenário.

Mas Owen e eu não podemos conversar sobre isso, porque ele não sabe que eu sei. Em abril e maio, quando era possível que Emma enfrentasse problemas jurídicos, parte de mim queria que ele tivesse confessado, que a consciência dele não deixasse que ela levasse a culpa. Que ele pelo menos confiasse na própria família, mesmo que não conseguisse confessar para a polícia. Mas ele nunca contou.

Ainda que no fim Emma não tenha sido acusada, não é como se ela não tivesse sido punida de outras formas; a bolsa que estava esperando para a faculdade acabou desaparecendo, ela perdeu todas as aulas particulares que dava, e um grupo de pessoas — pequeno, porém barulhento — em Bayview continuava dizendo que ela havia se safado depois de ter cometido assassinato. Foi por isso que ela se mudou para o outro lado do país e foi morar com a minha tia, ao menos pelo restante do verão, mas provavelmente por mais tempo. Minha irmã, inteligente e estudiosa, que passou metade da vida se preparando para a faculdade, de repente está encarando um futuro sem perspectivas.

Enquanto isso, Owen está agindo como se nada tivesse acontecido.

— Você viu isso? — pergunta ele de repente, me mostrando o celular.

Olho apreensiva. Realmente não quero ver nenhum tipo de vídeo macabro, mas é só uma foto no Instagram que alguém tirou do outdoor em Clarendon: HORA DE UM NOVO JOGO, BAYVIEW.

— É, eu vi.

— Tem uma segunda parte — diz ele, passando a foto que agora percebo ser um post carrossel. A próxima foto é do mesmo outdoor, mas agora está escrito: SÓ EXISTE UMA REGRA. Quem quer que tenha postado as fotos, colocou a legenda de *Aqui está o meu palpíte: a única regra é que não existem regras hauhauha* (emoji de caveira).

Meu estômago sempre embrulhado se revira ainda mais quando Owen diz:

— Estranho, né? Tipo, o que eles estão vendendo?

Examino o rosto dele, tentando decifrar a expressão e o tom de voz neutros. Essas palavras o incomodam porque o fazem se lembrar do jogo de Verdade ou Consequência que matou Brandon? Ele está assustado? Ele acha graça disso?

Foi ele que escreveu isso?

Não. Isso é ridículo. Meu irmão pode ser um gênio da tecnologia, mas nem ele consegue hackear um outdoor. Provavelmente. Mas, ainda assim, as palavras não estão só no outdoor...

— Você viu os flyers? — pergunto, mas os olhos de Owen já estão grudados no celular outra vez. Alguns segundos depois, ele dá uma risadinha. Limpo a garganta e continuo: —

Você me ouviu?

— Agora estou vendo vídeos de skate. Esse cara bateu a cabeça na barra e está coberto de sangue.

— Para de assistir a essas merdas.

— Está pingando no olho dele. Cara, parece que ele está morto. — Owen gargalha, e não dá mais para mim. Eu perco o sangue-frio, e antes que perceba o que estou fazendo, pego o celular das mãos dele.

— Isso. Não. É. Engraçado — rosno e arranco o fone do ouvido dele.

— Ai! — Owen coloca a mão na orelha. — Qual é o seu problema?

— Você, Owen. *Você* é a porra do meu problema!

Ai, meu Deus. Assim que as palavras saem da minha boca, percebo que gritei, e que elas foram ouvidas por todos no restaurante. Owen fica boquiaberto enquanto todos nos encaram, e minhas bochechas queimam quando a Sra. Santos sai de trás do caixa e vem até nós.

— Phoebe, por que você não tira o restante da noite de folga? — sugere ela. — Você está aqui há bastante tempo. Evie consegue atender todo mundo.

Sinto uma pontada irracional de raiva de Evie por ser tão eficiente em tudo que faz, conseguindo me fazer parecer ainda pior.

— Eu estou bem, não preciso ir embora... — começo a falar, mas a Sra. Santos me interrompe.

— Precisa, sim — insiste ela. E o restante da frase, *ou você não precisa voltar*, não é dito, mas está implícito.

— Tudo bem — suspiro. Mal consigo olhar para Owen, que está mexendo no fone de ouvido, mas me forço a perguntar: — Quer uma carona pra casa ou...

— Eu vou andando. Vou ficar aqui mais um pouco.

A Sra. Santos dá tapinhas nos ombros dele e diz antes de ir para a cozinha:

— Vou trazer uns alfajores pra você.

Se a senhora que queria uma empanada de nada não tivesse sido o estopim, isso teria sido: ser mandada embora do meu segundo lar enquanto meu irmão, que tem potencial para virar um sociopata, ganha um monte de doces.

Talvez esta seja minha vida agora: uma longa lista de estopins.

Levanto e, sem dizer mais nada, vou até a cozinha pegar minhas coisas. Todos estão ocupados e não falam comigo. Ou talvez já tenham ouvido que eu me descontrolei no salão e estão me dando *espaço*. Que é um conceito que odeio desde que Emma o aplicou a mim quando nosso pai morreu. Não entendo como você pode olhar para alguém que obviamente está sofrendo e pensar: *Sabe do que essa pessoa precisa? Mais tempo sozinha com seus próprios pensamentos*.

Já estou quase na porta quando alguém me chama. Me viro e vejo Manny, o irmão mais velho de Luis, segurando uma sacola de papel.

— Você pode entregar isso? É para a Sra. Clay.

— Tudo bem — respondo.

O Café Contigo geralmente não faz entregas, mas a família Santos tem aberto uma exceção para a avó de Cooper desde que ela operou o joelho. Eu sempre me ofereço para levar o pedido quando estou trabalhando, porque a Sra. Clay — que insiste que eu a chame de Nonny — é muito legal. Além disso, passar um tempo com ela faz com que eu fique menos abobalhada perto de Cooper. É difícil se sentir intimidada por alguém quando você já viu fotos da pessoa quando bebê.

— Ótimo, obrigado. Ela adora você — comenta Manny, e isso me deixa um pouquinho mais animada.

Saio do café e encaro o lugar onde meu carro deveria estar, bem na frente, antes de lembrar que tudo estava cheio quando cheguei. Tive que parar a uns cinco minutos, perto de um beco estranho. Seguro a chave quando me aproximo do carro, franzindo as sobrancelhas ao olhar para o chão porque não me lembro de ser um lugar *tão* estranho, e... Meu Deus.

Não é que a rua seja torta, meu carro é o problema. O pneu traseiro do lado do motorista

está vazio.

— Mas que merda — sibilo ao chutar o pneu com mais força do que deveria.

Não preciso de *mais um estopim*. Então começo a saltar em um pé só, a dor pulsando em meus dedos, antes de colocar com cuidado a encomenda da Sra. Clay no chão para que possa pegar o celular na bolsa.

Tenho que ligar para o Café Contigo e avisar que outra pessoa vai precisar entregar o pedido da Sra. Clay. Depois tenho que ligar para a assistência mecânica. Mas quando pego o celular, hesito, de repente paralisada pelo desejo de ligar para Knox. A última vez que o pneu do Corolla caindo aos pedaços que eu dividia com Emma furou, foi ele quem trocou. Tão devagar e com tanta dificuldade que eu cheguei a ficar impaciente, mas agora, é uma das memórias mais afetuosas que tenho dele. Uma das facetas dele que eu descobria continuamente naquele tempo.

Naquele tempo. Não faz nem quatro meses, mas parece tão longe.

Se eu ligasse, sabia que Knox sairia do escritório sem pensar duas vezes. Mas eu não devia fazer isso, né? Passamos algum tempo juntos depois que ele me expulsou de sua cama, e estou fazendo o melhor que posso para seguir o que ele disse e fingir que tudo está normal. O problema é que não sei mais o que significa normal no que diz respeito a mim e a Knox.

— Você está bem?

Olho para cima, ainda segurando o pé dolorido, e quase caio de vez.

Jake Riordan está na calçada ao lado do meu carro, usando uma camiseta azul novíssima e calça jeans, como se fosse uma pessoa qualquer, e não o monstro que assombra os pesadelos dos meus amigos. Sinto minha boca se abrindo, minha mandíbula quase se deslocar para o chão, na verdade, e minha garganta tenta funcionar, mas nenhuma palavra sai.

— Parece que seu pneu furou — observa Jake com um tom amigável. Uma mulher de meia-idade está atrás dele, com um vestido colado de estampa floral, os mesmos olhos azuis e cabelos castanhos de Jake. — Precisa de ajuda para trocar?

Estou paralisada, ainda incapaz de falar. A mulher me olha nervosa e toca o braço de Jake.

— Querido, provavelmente ela já ligou para alguém...

— Não liguei — disparo sem pensar, e antes que possa pensar em mudar de opinião, Jake sorri.

— Tem um estepe aqui? — pergunta ele.

Olho para o jantar da Sra. Clay que esfria no chão. E de alguma forma, em vez de dizer não a Jake, me vejo abrindo o porta-malas.

— Pode deixar — oferece ele quando me atrapalho com a maçaneta.

Dou alguns passos para trás, dando bem mais espaço do que ele precisa para abrir a porta e tirar o pneu e o macaco. Ele se ajoelha ao lado do meu carro com familiaridade, com rapidez e confiança equivalentes ao que Knox tinha de vagareza e cuidado. Depois de alguns minutos de silêncio, olho para a Sra. Riordan, que me dá um sorriso confuso. Acho que seria educado dizer algo a ela, ou a ele, mas... *o quê?* Como isso está acontecendo? E por que ele está aqui? Não existem leis que o proibam de andar por aí, só a algumas quadras de onde Addy trabalha? Olho para o tornozelo dele e vejo o pedaço de plástico; pelo menos ele está sendo monitorado. Mas o centro de Bayview parece uma área muito ampla.

— Phoebe, certo? — pergunta Jake ao tirar o pneu furado do carro.

— O quê? — Estou tão surpresa em ouvir meu nome que dou mais um passo para trás.

Ele ainda está de cabeça baixa, então talvez não perceba. Não que eu me importe, porque o que importa se Jake Riordan acha que eu sou grossa? Ou que tenho medo dele? Eu não tenho, ou pelo menos não quando a mãe dele está logo ali.

— Você é Phoebe Lawton, não é? Eu me lembro de você do colégio — explica ele, fazendo um barulho ao colocar o estepe no lugar do pneu furado.

Não, você não se lembra, penso. Você se lembra de ter me visto em algum programa de TV a que você assistiu na prisão. O atentado de Jared Jackson não teve tanta atenção da mídia quanto a morte de Simon, mas foi quase. Entretanto, tudo que consigo dizer é:

— Isso.

— Bom te ver de novo — comenta ele, e... *Pelo amor de Deus*. Como eu devo responder a isso? *Pena que não posso dizer o mesmo, mas obrigada pela ajuda com o carro?* Pelo menos ele já está quase terminando e... Não, quase não, ele terminou. Jake coloca o pneu furado no porta-malas, deixa o macaco e outras ferramentas do lado e fecha a porta.

— Uau, você foi rápido — elogia a mãe dele, parecendo aliviada.

Enquanto isso, eu ainda não agradei. De alguma forma, não consigo me obrigar a dizer as palavras necessárias para agradecer a Jake Riordan. Todo esse cenário surreal parece uma traição a Addy. O mínimo que posso fazer é não expressar gratidão para o cara que quase estrangulou minha amiga e... Deus, os dois estão me encarando agora e eu preciso que eles saiam daqui.

Diz alguma coisa, Phoebe. Qualquer coisa.

— Eu... Eu deveria mesmo aprender a trocar um pneu. — É só o que consigo falar.

Jake fica parado com as mãos na cintura, olhos brilhando enquanto me encara por um tempo mais longo do que o necessário. Não consigo evitar e dou mais um passo para trás. E ele sorri de novo, agora parecendo mais um predador, e diz:

— É fácil, Phoebe. Você só precisa de prática.

Jake

Seis anos atrás

— Você quer continuar jogando ou não? — perguntou Simon.

Jake revirou os olhos, irritado, mas sem conseguir explicar o motivo. Não, ele não queria continuar jogando. Estava entediado com o videogame — eles já estavam jogando havia três horas. Ele estava entediado, ponto. Ou talvez *inquieto* fosse uma palavra melhor. Era o verão antes do primeiro ano do ensino médio, e tudo que Jake conseguia pensar era que devia haver mais coisas a serem feitas além de ficar na sala jogando videogame com Simon Kelleher.

Fazer isso durante o ensino fundamental não era um grande problema, mas as coisas estavam mudando. Jake ainda não era tão alto quanto o pai, mas estava finalmente chegando lá. Tinha melhorado muito no futebol nos últimos anos, a ponto de seu treinador falar que ele deveria entrar para o time esportivo do Colégio Bayview. As garotas estavam olhando para ele de um jeito diferente, e quando se encarava no espelho — o que acontecia com frequência agora — ele entendia o motivo. O rosto dele estava mudando para melhor, perdendo o que sua mãe chamava de *carinha de bebê*. Que vergonha. Jake Riordan finalmente estava começando a chegar em algum lugar.

Mas Simon? Simon Kelleher era o mesmo garoto cheio de raiva, meio nerd, esquelético e irritado de sempre. Simon odiava esportes, festas, sair de casa e, principalmente, pessoas. No mês anterior, tudo que ele fez foi reclamar que Jake o tinha obrigado a assistir ao campeonato de futebol americano, ainda que toda a cidade estivesse fazendo isso porque o time de Bayview havia chegado às semifinais. Cooper Clay, um garoto que tinha acabado de chegar do Mississippi, lançava de forma impressionante, e o time só não havia chegado à final por conta de alguns erros bobos. Tudo em que Jake conseguia pensar enquanto observava Cooper, tão calmo e concentrado mesmo sob tanta pressão, claramente destinado a ser uma lenda no Colégio Bayview, era *É esse tipo de amigo que eu preciso ter*.

Mas, por enquanto, ele estava preso a Simon.

A porta da frente se abriu e uma voz grave disse:

— Katherine? Cheguei.

— A mamãe não está em casa — gritou Jake.

Ele olhou para o relógio, surpreso que já passasse das seis da tarde. Sabia que aquilo não era novidade, óbvio. Desde que a mãe fora promovida, ela começou a voltar para casa depois do marido. Quando Jake percebeu que era tarde, decidiu que estava morrendo de fome e disse:

— O que vamos jantar?

— E você acha que eu sei? — respondeu seu pai, olhando para dentro da sala. Ele desfez o nó da gravata e jogou a maleta na poltrona mais próxima. O pai de Jake era advogado, “dos

grandes”, ele sempre dizia, o que Jake entendia como algo que rendia muito dinheiro. O bastante para pagar a casa em que moravam e ainda comprar todos os ternos feitos sob medida em sua loja preferida de Londres. O Sr. Riordan sempre passava na loja para tirar as medidas atualizadas quando estava na cidade a negócios. — Provavelmente vamos pedir delivery. Como vai, Simon? Vai ficar para o jantar?

— Não. Estou indo embora. Nos vemos amanhã — respondeu Simon ao se levantar. Outra coisa que Simon odiava era bater papo com adultos e ser educado.

— Talvez — disse Jake, sem querer se comprometer com planos, enquanto Simon trotava para fora da sala.

— Falou com sua mãe recentemente? — perguntou o Sr. Riordan, encostado no batente da porta. Seus cabelos loiros haviam ficado grisalhos há anos, prematuramente, e seus olhos possuíam uma distinta cor de avelã. Ele tinha sido atleta em uma universidade importante e ainda mantinha o físico, era rápido o suficiente para correr mais que Jake. Jake admirava o pai; ele jamais passara pela fase do *Eu te odeio* que parecia eterna na relação de Simon com os pais. Ainda que Jake se parecesse com a mãe, ele imitava os trejeitos do pai tão bem que todos comentavam como os dois se assemelhavam. Era interessante, Jake pensava, como era fácil fazer as pessoas verem o que desejavam ver.

— Hoje não — respondeu Jake. A mãe sempre falava com ele em algum momento do dia, a não ser que estivesse muito atarefada.

— Mulher ocupada. Deixe-me ver se esperamos ela chegar ou se já pedimos agora. O que acha de comida vietnamita? — sugeriu o pai, pegando o celular do bolso.

— Pode ser.

— Não sei por que reformamos a cozinha. Não estamos usando mesmo — murmurou o pai e continuou mexendo no celular.

Jake sabia o motivo: porque era bonito. Assim como o restante da casa. Quando o Sr. Riordan se tornou sócio do escritório de advocacia alguns anos antes, a família se mudou para o bairro com o qual ele sonhava havia muito tempo.

— Avenida Wellington. Só os ricos moram aqui — diria o Sr. Riordan sempre que passavam pela rua.

Na maioria das vezes a mãe apenas sorria, mas de vez em quando fazia uma careta e respondia:

— As casas são muito grandes.

— Não existe isso de “muito grande” — era a resposta de sempre do pai.

Jake concordava com ele. Quem não ia querer cinco quartos extras, uma sala de jogos, um acabamento de primeira difícil de encontrar e um jardim enorme com uma piscina planejada? Agora tudo de que Jake precisava era o tipo certo de amizades.

E a namorada certa.

O pai franziu as sobrancelhas de repente, colando o celular à orelha.

— Quem é? Ah! E você está atendendo o celular da minha esposa porque... Isso. Faça isso mesmo. — Uma pausa, e o Sr. Riordan continuou: — Katherine? Vai vir pra casa em breve?

Jake se esticou para pegar os fones de ouvido, os conectou ao celular e começou a ouvir música. Ele não gostava quando o tom de voz do pai ficava assim, como se ele já estivesse bravo com você antes mesmo de qualquer chance de conversa. Não havia como ganhar do Sr. Riordan quando ele agia dessa forma, e ele estava assim quase sempre quando falava com a esposa.

O melhor a se fazer, Jake decidiu, era bloquear tudo. Pois se você não vê nem ouve alguma coisa, não há motivo para ela incomodar você.

CAPÍTULO 6

Nate

Sexta-feira, 3 de julho

— Todos de acordo? — pergunta Sana. Todos os meus colegas de quarto levantam a mão, menos eu. O que faz com que a decisão esteja tomada, mas Sana é bastante apegada ao protocolo: — Alguém contra?

Minha mão fica no ar. Sana, que acabou se tornando a líder da casa pela própria vontade, mesmo que só more aqui há alguns meses, olha em minha direção, e depois para a garota empoleirada do meu lado em um dos futons tortos que ficam na sala.

— Bronwyn, você não mora aqui. Você não pode votar — avisa Sana.

— Ainda assim, sou contra — desafia Bronwyn, a mão mais alta ainda no ar.

— Ok, anotado. O pedido para deixar que Reggie Crawley permaneça na casa foi aceito — anuncia Sana, batendo a junta dos dedos na mesinha de centro como se fosse o martelo de um juiz.

Bronwyn endireita as costas ainda mais, o que não parecia fisicamente possível, e diz:

— Vocês estão cometendo um erro enorme.

Passo a mão no queixo e olho para meus colegas. Sabia que a gente perderia nesta rodada, que *eu* perderia, mas quando você namora com Bronwyn Rojas não pode ignorar as situações ruins. Você tem que *fazer alguma coisa* com elas, mesmo sabendo que não vai adiantar nada.

E então você tem que continuar falando.

— Vocês estão fazendo vista grossa pro Reggie e colocando todos que moram nesta casa em risco — continua Bronwyn.

— Ele disse que a garota sabe sobre a câmera — argumenta Jiahao, jogando uma mexa do seu cabelo pintado de loiro para trás.

Reviro os olhos e digo:

— Você realmente acredita nele?

— Tem gente que gosta desse tipo de coisa. Quem pode julgar? — rebate Jiahao, dando de ombros.

— Que tal as pessoas que estudaram com Reggie no colégio e sabem que ele costuma fazer essas coisas? Ele não se importa se a garota sabe e concorda. Acredite em mim, aquela garota não faz ideia de que está sendo filmada, e com certeza não sabe que ele *compartilhou* o vídeo — afirma Bronwyn.

É por isso que estamos aqui, porque na semana passada peguei o babaca do Reggie Crawley mostrando um vídeo de sexo para Jiahao e outro colega nosso, o Deacon. Eles estavam chapados e não exatamente preocupados com os meios pelos quais Reggie tinha conseguido fazer aquele vídeo. Mas eu sabia.

Fui direto para o quarto de Reggie, fechei a porta e as cortinas, e usei a lanterna do meu celular para procurar por reflexos luminosos em lugares inusitados. Achei a câmera no despertador. Quebrei o aparelho, mas isso não o impediu de comprar outro. Expulsar Reggie da casa também não resolveria o problema, mas pelo menos seria *alguma coisa*.

— Nenhum de vocês viu o TikTok da Katrina Lott? — pergunta Bronwyn.

Todos fizeram cara de paisagem. Nenhum dos meus colegas havia estudado no Colégio Bayview além de mim, Reggie e Katrina. Ela se formou no mesmo ano que eu e Bronwyn, e não sabia que havia sido a estrela do primeiro pornô caseiro de Reggie. Katrina não falou sobre isso na época e se mudou para Portland depois de se formar. Mas há alguns meses ela postou um vídeo falando sobre como se sentiu violada por aquele vídeo. Quase todo mundo do Colégio Bayview já tinha visto a fala dela, e isso me fazia odiar Reggie ainda mais.

— Vocês deveriam assistir. Vou mandar o link — disse Bronwyn.

— Tudo bem. Mas por agora... a maioria vence — declarou Sana.

Sana não admitiria, mas o voto dela tinha razões financeiras. Não é fácil encontrar novas pessoas para dividir a casa em julho, ainda mais uma espelunca desta, sem ar-condicionado e com quartos do tamanho de armários. Se expulsássemos Reggie, o aluguel de todo mundo ficaria uns cento e cinquenta dólares mais caro. E Sana tem ainda menos dinheiro que eu — e Jiahao, Deacon e Crystal não estão muito melhores. Ninguém aqui recebe ajuda da família.

Ou talvez seja mais do que isso, talvez eles sejam como eu e não aceitem. Minha mãe me dá um cheque todo mês, e eu deposito tudo em uma conta para devolver caso ela tenha uma recaída e precise voltar para a reabilitação. Ou meu pai.

— Terminamos por aqui? — Deacon levanta seu corpo alto de uma das poltronas, bocejando, e todos seguem o exemplo, menos eu e Bronwyn.

— Vocês são péssimos — resmungo.

— Reggie é um babaca, mas o que podemos fazer? — responde Deacon, dando de ombros.

— Não sei, Deacon, talvez *expulsar o cara*? — disparo em um suspiro exasperado.

Sana continua na porta entre a sala e o hall de entrada enquanto os outros saem. A saia desbotada de algodão se arrasta no chão, e isso é o mais parecido com uma vassoura que este piso já viu. Sana parece uma típica cantora de folk, com roupas fluidas e uma predileção por bandana na testa. Ela também toca violão, mal, e só sabe cantar uma música. Mesmo depois de anos, serei obrigado a me lembrar dessa casa sempre que ouvir “Time of Your Life” no rádio.

— Reggie vai se comportar a partir de agora. Incluindo a festa de amanhã, do Quatro de Julho. Porta do quarto aberta o tempo todo — informa Sana.

— Que boa ideia, Sana. Isso vai resolver tudo — respondo.

— E vai mesmo, pode acreditar — garante ela antes de subir as escadas.

Quando ela já está fora de vista, Bronwyn sussurra:

— Provavelmente eu nem precisava dizer isto, mas *não* confio nela.

— Aham — murmuro.

É tudo que consigo falar agora. Sinto o mesmo aperto no peito que senti no Bayview Country Clube, como se o ar da sala tivesse sido sugado por um único pensamento: *Algumas coisas nunca mudam*. Primeiro Jake Riordan e agora Reggie. Por que fazer a coisa certa quando babacas como eles não se importam com nada e continuam conseguindo tudo o que querem?

— Não vou desistir. A gente só precisa pensar em outra abordagem. — E então Bronwyn olha pra mim, *realmente* olha para mim, e diz: — Mas não precisamos pensar nisso neste exato momento.

Isso quase me faz sorrir.

— Não me diga que Bronwyn Rojas vai *desencanar*.

— É óbvio que não. Só estou entendendo melhor quando se deve dar uma pausa. — Ela se vira para mim e coloca as pernas sobre meu colo. — Podemos falar de outras coisas. Tipo... aquele filme que você está insistindo que eu assistia.

— *Onibaba*? — pergunto. Ainda não converti Bronwyn em uma fã de terror japonês, mas isso não significa que tenha parado de tentar.

— Esse mesmo. É antigo, não é?

— Sim, dos anos 1960.

Ela passa uma mão pela minha nuca e faz carinho em meu cabelo quando pergunta:

— É muito sangrento?

Um pouco da tensão se dissipa enquanto faço círculos com o dedo nos joelhos dela e

respondo:

— Menos que a média.

— Bom saber.

— Além disso, são as mulheres que cometem a maior parte dos assassinatos. Acho que você iria gostar desse.

Bronwyn se curva para dar um beijo em minha bochecha e diz:

— Iria mesmo — murmura ela. Não consigo evitar e começo a rir.

— Está absolutamente na cara que você está tentando me distrair — digo.

Bronwyn beija minha outra bochecha e seus lábios descem pelo meu pescoço.

— Você está reclamando? — pergunta ela sorrindo.

Todos os pensamentos ruins somem da minha mente quando a puxo para perto de mim.

— De jeito nenhum — digo antes de baixar minha boca para encontrar a dela.

O corpo dela se derrete no meu, se encaixando em espaços que eu esqueço que existem quando ela não está perto de mim. Empurro Bronwyn de volta para as almofadas e a beijo com ainda mais vontade, minhas mãos deslizando na barra de sua blusa, até que ela começa a rir.

— Aqui não — diz ela, arrumando os óculos que escorregaram para a ponta do nariz. O cabelo dela está bagunçado, e as bochechas estão vermelhas. Ela está linda. — Daqui a pouco um dos seus colegas entra.

— Meu quarto? — pergunto, esperançoso.

— Tenho que encontrar Maeve daqui a dez minutos.

— Posso fazer esse tempo valer.

Antes que a gente consiga se mexer, a campainha toca.

— Nem vem! — grita Deacon da cozinha.

Bronwyn sai do meu lado e eu me levanto com relutância.

— Também posso fazer nove minutos e meio valerem — digo enquanto vou em direção à porta.

Espero encontrar alguém dos correios ou algumas daquelas pessoas aleatórias que vêm fazer leitura de tarô com a Crystal, mas não é o que vejo quando abro a porta.

— Oi, pai. O que houve? — digo, abrindo mais a porta.

— Oi, Nate. Sua comida em pó pra lagarto acabou indo parar lá em casa. — Ele está segurando uma caixa de papelão e me entrega.

— Foi mal — respondo enquanto pego a caixa. Comecei a colocar um suplemento de cálcio na comida do Stan ano passado (mais uma ideia de Bronwyn, porém essa realmente parece deixar o bichinho mais animado) e a loja on-line onde compro ainda tem meu endereço antigo. Metade das vezes eu consigo clicar no endereço certo. — Eu podia ter ido lá buscar.

— Estou indo pro trabalho e é caminho — explica ele, com sua voz rouca, deslocando o peso de um pé para outro.

Sei que não é caminho, já que ele trabalha no Colégio Bayview e minha casa não fica nem perto de lá, mas não digo nada. Ele emagreceu desde que parou de beber, sua camiseta está folgada e os jeans velhos estão quase caindo. Sei que minha mãe comprou um monte de roupas novas para ele, mas ela finalmente se mudou mês passado, então ninguém mais está lá para obrigá-lo a usar as roupas. Meus olhos vão direto para as mãos dele, procurando o tremor que me indicaria se ele teve uma recaída. Não sei quando vou parar de procurar esses sinais.

— Quer entrar? — pergunto, ainda que meu humor não fique dos melhores com a perspectiva de perder os agora quase oito minutos a sós com Bronwyn.

Não culpo minha mãe por ter se mudado, e eles não tinham mais um casamento de verdade. E ela ficou mais de um ano ajudando meu pai a passar pela reabilitação. Ela merece ter o próprio espaço, e não se pode dizer que seria capaz de fazê-lo ficar sóbrio. Só ele pode decidir isso. Mas meu pai não está acostumado a morar sozinho, então acaba sempre inventando desculpas para passar aqui em casa.

— Não, tudo bem. Você está ocupado — diz ele. Os olhos passam por cima dos meus ombros e ele continua: — Oi, Bronwyn. Bom te ver.

— Digo o mesmo, Patrick. — Bronwyn chega do meu lado, o cabelo já preso em seu

costumeiro rabo de cavalo. Não sei quando ela começou a chamar meu pai só pelo primeiro nome, mas ele parece gostar. — Estou de saída, mas fico feliz que a gente tenha se esbarrado. Estava pensando... Talvez Nate e eu pudéssemos ir até sua casa na semana que vem e fazer um jantar? Minha avó me deu uma nova receita de *sancocho* e eu estou morrendo de vontade de testar, se você quiser ser minha cobaia!

Um sorriso se forma no rosto cansado de meu pai, e por um segundo, eu vejo o que minha mãe vê quando diz *Vocês são muito parecidos*.

— Eu adoraria. Mesmo. Qualquer noite que Nate esteja de folga — diz ele com um olhar esperançoso em minha direção.

Mais uma vez, minha namorada é uma pessoa milhões de vezes melhor que eu, porque essa ideia não sairia da minha cabeça.

— Provavelmente na quarta — respondo.

— Ótimo — diz Bronwyn.

— Pra mim funciona — concorda meu pai. E dá um passo para trás, como se fosse sair, mas não o faz. Em vez disso, ele fala: — Olha, Nate... você tem certeza de que não pegou minhas chaves por engano? Não as de casa — dispara ele antes que eu possa reclamar. — Eu achei as de casa, bem onde você disse que estariam. As do trabalho. Não acho em lugar nenhum.

— Tenho certeza — respondo com um arrepio subindo pelas minhas costas.

As costas do meu pai finalmente estão boas depois que ele se machucou trabalhando em um telhado anos atrás, e isso é ótimo. Mas, ao mesmo tempo, ele não pode mais receber auxílio do governo, então precisa desse trabalho. Se ele perder o emprego, minha mãe e eu provavelmente não vamos conseguir dar mais dinheiro para as contas, e isso significa que eu vou precisar de um *terceiro* trabalho, e...

Bronwyn enlaça meu braço para me passar segurança. Eu quase consigo ouvir minha namorada dizer *Uma coisa de cada vez*, que é o mantra dela para quando todos os pratos que tento equilibrar parecem querer se despedaçar no chão.

— Talvez você tenha deixado as chaves no trabalho? — arrisca ela.

— Acho que não. Mas é possível. Minha cabeça... fica confusa às vezes, sabe? — confessa meu pai, em dúvida.

— Sei, sei sim. Você precisa ir de trás pra frente pensando no que fez. Quer que eu te ajude a procurar? — Não sei como posso ajudar, mas tenho uma hora livre antes de precisar ir para o country clube.

— Não, tudo bem — responde meu pai ao puxar e soltar o elástico em seu pulso. Minha mãe disse que ele deveria fazer isso toda vez que se sentisse nervoso ou ansioso, e agora o elástico não sai do pulso dele. — Vocês provavelmente não vão querer passar perto do Colégio Bayview hoje. Ou qualquer dia, na verdade.

Não gostei da mudança de sua expressão e perguntei:

— Por que não? — Se ele estiver guardando garrafas de uísque no trabalho, eu vou matar meu pai. Não literalmente. Mas vou ter vontade.

— Aquele garoto... ele faz uns exercícios por lá. Com o supervisor da condicional dele. Pelo menos é o que parece que é. O cara tem fuça de policial — informa meu pai.

Acho que minha mente fica confusa, porque Bronwyn entende muito mais rápido do que eu.

— Jake Riordan? Você tá falando sério? Como pode ser permitido que ele chegue perto do colégio? — Ela suspira e segura meu braço.

— Ele está treinando no gramado. Acho que é alguma coisa que eles conseguiram negociar com o juiz, pra ele poder correr na pista por alguns quilômetros. — Estou pasmo e enojado, e meu pai continua: — Ele não pode entrar no prédio nem nada do tipo.

— Meu Deus! Lá se foi a ideia de controlar os passos dele — falo com um tom amargo. Por mais que eu tente não pensar em caras como Reggie e Jake, eles continuam voltando para minha mente. Porque as pessoas *deixam* que eles voltem.

— É... — Meu pai segura e solta o elástico mais uma vez. — Sei que eu não estava muito presente quando tudo aconteceu, mas... não gosto de ver aquele garoto lá. Não gosto de ver

aquele garoto em lugar nenhum, na verdade.

Não é que meu pai não tenha estado *presente*, é mais que ele estava totalmente bêbado quando tudo aconteceu, mas a ideia é mais ou menos a mesma.

— Nem eu — respondo.

Quanto mais Jake ficar zanzando pela cidade como se fosse um cara qualquer, mais as pessoas vão começar a pensar nele assim. E o *julgamento imparcial* que ele deveria ter vai acabar ficando comprometido do jeito errado. Em vez de jurados olhando para ele como um criminoso, como eles olhariam para mim se estivesse no banco dos réus, tudo que vão enxergar vai ser o menino de ouro de Bayview.

Algumas coisas nunca mudam.

CAPÍTULO 7

Addy

Sábado, 4 de julho

Alguns sábados são para relaxamento, outros, para socialização, e alguns são como este: o shopping de Bayview no feriado de Quatro de Julho, com minha irmã grávida e minha mãe brigando porque Ashton se recusa a gastar três mil dólares em um berço no formato de célula em uma loja de artigos infantis da moda chamada Le Petit Ange.

— Mas, Ashton, *olha* isso. É tão chique! Não existia esse tipo de coisa quando você e Addy eram bebês — insiste minha mãe enquanto passa os dedos pela madeira clara e lisa.

— Parece uma câmara de bronzeamento artificial em miniatura — responde Ashton.

Tamborilando os dedos na tampa de acrílico com cortes a laser em formato de estrelas, digo:

— Ou uma tigela gigante de salada.

Minha irmã começa a rir. O jornal local disse que a Le Petit Ange era “o lugar ideal para os pais mais antenados de Bayview comprarem tudo para seus bebês”, e isso é exatamente o oposto do que Ashton e Eli querem. Mas tente dizer isso à mamãe

— Vocês duas não sabem pensar no futuro — resmunga.

Ela se vestiu com gosto para esse passeio: calça branca justa, sandálias douradas e um top de amarrar estampado; tenho que admitir que está bem bonita. E Ashton também, com um vestido azul-claro que mostra a barriguinha de gravidez. Eu sou a responsável por baixar o patamar do nosso estilo com minha blusinha do Café Contigo e short, o cabelo com mechas roxas puxado para trás e preso com uma presilha de flor. E deve estar bem bagunçado, porque minha mãe arruma a presilha antes de dizer:

— E ele ainda vira uma caminha para quando o bebê crescer.

— Sem cercado. A pobre da criança acabaria caindo — aponta Ashton ao olhar a fotografia em exibição ao lado do berço.

Minha mãe faz um gesto de desprezo e posso ver suas unhas perfeitamente feitas.

— Tenho certeza de que é possível comprar separado.

— Por mais mil dólares — murmura Ashton.

— Pelo menos pense a respeito. Vou dar uma olhada nas cadeirinhas de alimentação.

Ashton observa nossa mãe andar entre as roupas ao se dirigir ao final da loja.

— Não tenho coragem de dizer a ela que vamos usar o berço de segunda mão que o primo do Eli vai dar — suspira minha irmã.

— Ela sabe que você nunca gastaria três mil em um berço. Ela só quer ter a experiência de ser uma avó babona em uma loja dessas. Você só precisa comprar alguma coisinha pra que ela fique feliz... — Olho para a arara ao nosso lado e pego um conjuntinho de pijamas com elefantes brancos e cinza estampados. — Estes, por exemplo.

A expressão de Ashton melhora muito assim que ela pega a roupinha.

— Este pijama é muito fofo. — E então ela arregala os olhos quando vê a etiqueta de preço.

— Esta loja não foi feita para filhos de designers freelancers e advogados de ONG.

— Falando nisso...

— Nenhuma novidade — dispara Ashton de uma vez. Ela sabe muito bem o que eu ia dizer, e espero que consiga se sentir grata pelo meu esforço de esperar mais de uma hora antes de perguntar se Eli tinha alguma notícia de Jake. Eu não vi meu ex desde que ele foi libertado, principalmente porque decorei as áreas aonde ele pode ir e me certifiquei de ficar longe delas. O shopping de Bayview, por exemplo, é um lugar seguro. — Pelo menos nada sobre *ele*.

Minha irmã nunca fala o nome de Jake se puder evitar. Mas o tom dela está um pouco estranho, então pergunto:

— Mas ele tem *alguma* novidade?

Ashton olha para trás, para onde minha mãe está olhando as cadeirinhas de cozinha que parecem miniescadas — caras.

— É. Talvez. Mas nada que tenha a ver com você — acrescenta ela depressa, percebendo a expressão que invade meu rosto. Provavelmente pânico. — Mas Eli está preocupado porque... Você se lembra do outdoor que apareceu semana passada na Clarendon? Sobre o novo jogo?

— Lembro, claro. Por que Eli está preocupado? — pergunto. Minha mãe tem certeza de que é alguma tática incisiva de marketing do clube de beisebol de Cooper. Ela se recusa a acreditar no meu argumento de que beisebol não é um jogo novo e que tem mais de uma regra.

— Bem, muitas pessoas ficaram irritadas com o outdoor. Parecia uma campanha de marketing muito sem noção, levando em conta o que aconteceu com Brandon e Jared há alguns meses. Como se alguma empresa estivesse tentando tirar proveito daquilo, ainda que ninguém soubesse quem e o que estavam tentando vender. Então as pessoas reclamaram com a agência que cuida do outdoor e parece que... — Ashton faz uma pausa quando um pai apressado empurra um carrinho duplo. — O outdoor foi hackeado.

— Hackeado?

— Isso. É digital, sabe, e existe uma empresa que toma conta dele, mas de algum jeito alguém invadiu sistema deles e mudou o outdoor. A agência já voltou com o anterior e estão investigando quem pode ter feito isso, mas não têm nenhuma pista. Talvez seja só uma brincadeira idiota, mas... — Ashton estica a mão e acaricia a manga do pijama de elefantes. — Eli está preocupado que seja alguém do fórum de vingança. Sabe, alguém que queira continuar as coisas de onde Jared parou.

— Ai, meu Deus. — Parece que uma pedra cai em meu estômago. Jared participava de um fórum no Reddit chamado “A Vingança é Minha”, inspirado em Simon e cheio de gente rancorosa. Depois que Emma descobriu que Brandon havia sido o responsável pelo acidente que matou o pai dela, acabou entrando no fórum e conversando com Jared. E o resto, infelizmente, é história em Bayview: inclusive a parte em que meu cunhado foi stalkado por um terrorista.

E minha irmã também, por tabela. Não consigo evitar, meus olhos vão direto para a barriga de Ashton, e ela instintivamente a cobre com uma mão.

— Eli não recebeu ameaça. Não existe nenhum indício de que seja um alvo direto, mas ele está preocupado o suficiente para montar uma força-tarefa no escritório para pesquisar — diz ela, apressada.

— Pesquisar como? O fórum foi fechado.

— Foi, mas você sabe como essas coisas funcionam. Fecha um, abrem nove. Assim que um deles é descoberto, eles se re-arranjam em outro endereço.

Ela tem razão, óbvio, mas pensei que teríamos pelo menos um ano de sossego antes de lidar com a herança de Simon.

— A gente deveria chamar a Maeve para isso. Ela é boa nessas coisas...

Ashton levanta a mão e me interrompe.

— Eli não a quer envolvida.

— Ah, para com isso. Ele tem que parar de pensar assim. Se não fosse pela Maeve e pelo Knox, a gente teria morrido! — digo sem conseguir parar de mexer em meu brinco, ansiosa.

Disse a última frase um pouco alto demais, e duas mulheres bem-vestidas olhando a arara

de macacões olham para a nossa direção.

— Shiuuu — murmura Ashton, indo para um canto mais vazio enquanto a sigo. — Eu sei disso. Mas eles são crianças. Ainda estão no ensino médio. Se for mesmo um imitador do Simon e do Jared, não é seguro envolver ninguém — explica ela ao parar em frente à vitrine de cobertores.

— Não é seguro pra *você*. Ash, você tem que ficar com o papai em Chicago.

Achei que ela fosse reclamar, mas ela responde:

— O Eli disse a mesma coisa.

— Então vai! Vai logo amanhã.

— Não posso. Bem, eu posso, mas não vou. Minha vida está aqui, Addy. Meu marido está aqui. O trabalho dele é importante e às vezes faz com que ele tenha contato com pessoas desesperadas, e se toda vez que alguma coisa acontecer...

— Você estaria segura. O bebê estaria seguro. — Minha voz desafina quando penso no envelope que está no meu quarto e que ainda não abri: *Bebê Kleinfelter Prentiss*.

— Mas *você* não vai correr pra casa do papai — diz Ashton.

Eu pensei nisso, por pouco tempo. Minha madrastra, Courtney, ligou me convidando quando as notícias sobre Jake saíram na imprensa. Foi muito gentil da parte dela. Mas a gente mal se conhece, e não consigo me imaginar presa num apartamento com meu pai, Courtney e as crianças dela por um mês.

— A situação é diferente.

— Diferente como?

— Primeiro que eu não estou grávida.

Nos encaramos até que Ashton desvia o olhar, sorri e diz:

— Desculpa, Addy. Falei tudo de um jeito estranho. Deixei você assustada e não queria isso. Eli está sendo cauteloso ao extremo, mas tudo vai ficar bem.

— Você não pode ter certeza disso. A mamãe sabe? — Olho na direção dela, que chegou ao fim da fileira de cadeirinhas de cozinha.

— Ainda não. Vou esperar até termos mais informações.

— Tudo bem. Não é como se ela fosse se preocupar — murmuro.

Ashton morde os lábios e diz:

— Você sabe que ela se sente péssima por tudo com relação ao Jake, né?

— Tudo o quê? Ele ser solto? Todo mundo sente.

— Não. O fato de ela ter dado força para esse relacionamento.

Encaro minha irmã, incrédula. Minha mãe era a maior fã de Jake até alguns anos, tão fã que fazia com que eu me sentisse na obrigação de ser grata por ele estar comigo, e eu tinha a sensação de que devia fazer o que fosse preciso para manter aquele relacionamento. Minha vida toda foi assim, mesmo antes de eu começar a namorar: minha mãe sempre me encorajou a ser a mais bonita, a mais desejada, a mais amável versão de Adelaide Prentiss. Eu tentei tanto ser perfeita que, aos dezessete anos, não tinha ideia de quem eu era. Talvez ainda não soubesse se Simon não tivesse forçado meu término com Jake. E quando Jake me atacou e foi preso, minha mãe mudou o discurso e passou a agir como se sempre tivesse odiado Jake.

— Ela nunca me falou isso — revelo. Não que eu tivesse dado muita chance a ela. Mudei para a casa de Ashton assim que pude depois de tudo que aconteceu com Jake, e agora que voltei a morar com minha mãe, quase não paro em casa.

— Vocês duas precisam conversar — suspira Ashton. Faço uma careta e ela continua: — Dê uma chance a ela, Addy. Você contou a ela sobre a Keely?

— Meu Deus, é óbvio que não! — Eu não falo sobre meus sentimentos com minha mãe há anos, principalmente quando ainda não tenho certeza a respeito deles.

— Bem, talvez seja um bom começo. Ela...

— Ela está vindo — falo baixinho, enquanto nossa mãe marcha em nossa direção segurando um cabide tão pequeno que não consigo nem ver o que tem ali. Quando ela chega mais perto, vejo um par de sapatinhos brancos de tricô com laços de cetim e uma camada de pele falsa na borda. Pelo menos eu espero que seja falsa.

— Vou comprar isto pra você — declara minha mãe e vai em direção ao caixa. Consigo ver a etiqueta de preço quando ela passa: setenta e cinco dólares. Podia ser pior.

— Obrigada! — grita Ashton. E então ela se vira para mim com o sorriso característico de *hora de mudar de assunto*. — A gente deveria começar a dar ideias de onde queremos almoçar antes que ela nos leve àquele lugar onde todas as entradas têm nome de drinques.

— Boa — respondo e pego meu celular do bolso. — Depois tenho que comprar uns petiscos para a festa do Nate. Deixa eu conferir o que ele quer que eu leve. — É a contribuição que vou dar em nome dele, já que ele se recusa a contribuir com as próprias mãos.

— Tá, me encontra no caixa.

Abro meu aplicativo de mensagens, mas não procuro o nome de Nate porque sei muito bem que ele não poderia se importar menos com o aperitivo que vou comprar. Na verdade, a última mensagem que ele me mandou foi *Não se preocupe, eles não merecem*. Em vez disso, mando uma mensagem para Maeve:

Preciso que pesquise uma coisa pra mim.

CAPÍTULO 8

Phoebe

Sábado, 4 de julho

Antes de ir à festa de Nate, me convenci a tirar da mente tudo que me preocupava e só me divertir. Mas agora não consigo parar de olhar para o botão da camisa de Knox.

Ele está com uma camisa social azul-clara com as mangas dobradas, e o segundo botão não está totalmente fechado. Se eu não estivesse pensando trinta vezes antes de fazer qualquer coisa perto dele, eu poderia arrumar. Mas arrumar a roupa do outro é permitido nessa nova relação Knox-Phoebe? Ainda mais porque minhas mãos se demorariam na camisa, limpando qualquer pó imaginário de seus ombros e ajeitando o colarinho já perfeito. Na verdade, o botão é minha única desculpa. Ou talvez seja uma metáfora?

— Phoebe? Você me ouviu? — pergunta Knox.

— O quê? — Pisco antes de encarar Knox e Addy, que está adorável com um vestido rosa-claro larguinho. O cabelo recém-pintado com mechas roxas faz com que o rosto dela seja realçado. — Desculpa, eu... — Meus olhos param novamente no botão, e eu estico meu braço em direção ao peito de Knox quando digo: — Você esqueceu um botão. Ou melhor, meio que esqueceu.

— Sério? — Knox olha para baixo, me entrega o copo de refrigerante e arruma ele mesmo o botão. Lá se vai minha desculpa para encará-lo. — Valeu. Eu sou um desastre mesmo.

Crystal, colega de quarto de Nate, passa por nós e acena para Addy antes de me ignorar e olhar para Knox. Então ela sorri, mudando o caminho e se juntando a nós.

— Você conseguiu vir — comenta ela, parecendo feliz. Crystal afasta uma mecha de cabelo castanho da testa de Knox. — E deixou seu cabelo crescer! Eu disse isso a ele quando veio aqui da última vez — a garota tagarela, como se eu e Addy precisássemos da explicação. — Eu disse que ele ficaria gato se deixasse e acertei, não foi?

Tento esconder meu ciúme com um aceno animado de cabeça porque nada disso é culpa de Crystal. Mas ela ainda está com a mão no cabelo dele, e eu gostaria que parasse com isso.

— Você acertou — respondo. Addy sorri e bate o ombro contra o ombro de Knox.

— Na verdade você disse que ficaria fofo — corrige Knox, com o sorriso de canto de boca que ele dá quando está ao mesmo tempo envergonhado e orgulhoso.

— Disse? Bem, estou aumentando o elogio — afirma Crystal. Tudo bem, agora ela está fingindo espanar alguma coisa do ombro dele, e é absolutamente injusto que ela esteja roubando todos os gestos que seriam meus. — Quantos anos você tem mesmo?

— Dezessete — responde Knox.

— Ahhh — suspira Crystal, dando tapinhas no ombro dele de uma forma completamente diferente agora, como uma irmã. Sem contar o Reggie, todos os outros colegas de Nate estão na casa dos vinte anos. — Muito novo. — Ela se vira para sair e diz olhando para trás: — Vamos conversar daqui a alguns anos.

— Já, já eu faço dezoito! — anuncia Knox enquanto ela vai embora.

— Sério isso? Você e a Crystal? — provoca Addy.

— Que nada. Ela não faz meu tipo — declara Knox. Seus olhos castanhos e calorosos passam pelos meus rapidamente, e um leve arrepio me percorre até que ele completa: — E duvido que eu faça o dela. Ela só estava sendo simpática, e é bom receber elogios.

— Knox, se você não ficasse aqui no canto comigo e com a Phoebe, tenho certeza de que você receberia mais elogios do que imagina — salienta Addy.

Knox fica vermelho e abaixa a cabeça enquanto tomo um longo gole de ponche. Até agora, tudo nesta festa parece ter sido feito especificamente para me torturar.

Então Addy arregala os olhos quando encara algo além de mim.

— Que bom! Maeve e Luis finalmente chegaram. — Ela fica na ponta dos pés e acena para eles. Assim que os dois se aproximam, Addy pergunta: — Então, o que descobriu?

— Sério? Eu acabei de começar — defende-se Maeve.

Addy olha para o próprio pulso, numa encenação exagerada, mesmo sem estar usando relógio.

— Você teve seis horas — apontou Addy.

— E eu estava em uma bicicleta a maior parte desse tempo — responde Maeve com um sorrisinho.

Tomo mais um gole, tentando entrar no clima de festa.

— Você estava em cima da bicicleta?

— Um pouco — responde Maeve sem olhar para mim, o que é... estranho. Maeve tem dificuldade em olhar nos olhos das pessoas quando está mentindo, mas ela nunca tentou esconder que não ama bicicletas. Já começo a ficar nervosa, pensando se Maeve descobriu alguma coisa sobre o fórum de vingança e não quer que Addy saiba. Mas então ela aperta o braço de Addy e diz: — Reservei o dia todo amanhã pra isso. Se o fórum foi pra outro endereço, eu vou achar. Prometo.

Tem alguma coisa estranha na postura dela, apesar da fala, e acho que não tem nada a ver com passar horas em uma bicicleta.

— Vou pegar alguma coisa pra mim e pra Maeve — avisa Luis, passeando o olhar pelo ambiente, em busca de bebidas. Estamos apenas eu, Addy e Knox. Cooper e Kris não virão, e Nate e Bronwyn estão longe discutindo com alguns colegas de quarto. — Alguém quer alguma coisa?

— Você pode trazer mais ponche pra mim? — pergunto.

— Claro. — Luis se vira para sair e Knox olha meu copo vazio.

— Eu enchi seu copo tem uns cinco minutos — observa Knox.

— Tô com sede — respondo. Não é verdade, eu só estou nervosa, como parece ser o normal agora. Maeve olha para nós por tanto tempo que acabo perguntando: — O que foi?

— Uhm? — murmura ela, os olhos grudados em algo atrás de mim.

— Você está me olhando de um jeito engraçado. Ou melhor, você... não está me olhando.

Por fim ela me encara, e meu coração dispara com a expressão que vejo. Ela está preocupada com alguma coisa, e essa coisa obviamente tem relação comigo. Será que ela encontrou algo sobre Owen em sua pesquisa? Ele está contando vantagem sobre o que fez com Brandon em algum lugar na internet? Ele é esperto o suficiente para não dar o próprio nome, óbvio, mas Maeve é incrivelmente boa em perceber pistas sobre a vida de pessoas que acham que estão escondidas pelo anonimato.

— Bem... — Ela pega o celular do bolso e toca em algumas coisas na tela. — Como eu disse, não consegui encontrar nada sobre o fórum de vingança, mas... Vocês sabiam que tem uma conta no Instagram dedicada a postar fotos dos lugares aonde Jake vai?

Meu Deus. Meu estômago embrulha ao mesmo tempo em que Addy prende a respiração.

— Não sabia, mas não é algo que me surpreenda. O que ele anda fazendo? Vou querer saber? — dispara Addy.

— Não tem nada a ver com você — tranquiliza Maeve, ainda passando os dedos na tela. — Mas Phoebe... é o seu carro, não é? E seus tênis.

Ela mostra o celular e... lá está. Jake Riordan, trocando o pneu do meu carro. Tanto a placa quando o para-lama estão perfeitamente visíveis, assim como meu tênis Nike cor-de-rosa. O

tênis com cadarços prateados que estou usando agora. Minha boca fica seca quando Knox e Addy olham o celular de Maeve e encaram meus tênis, boquiabertos.

— Eu... Eu posso explicar — gaguejo.

— Você deixou que ele... — diz Addy, com os olhos arregalados em horror, sem conseguir nem terminar a frase.

— Eu não queria! Foi tudo muito rápido...

— Por que você não me ligou? — disparou Knox.

Não existe ponche suficiente no mundo que me dê coragem para falar sobre *isso*. Então digo:

— É só que... Eu estava preocupada com uma entrega que precisava fazer para o Café Contigo, e estava quase ligando para o mecânico, e aí do nada Jake estava lá, e a mãe dele estava lá, e eu entrei no piloto-automático ou alguma coisa assim...

— Quando foi isso? — pergunta Addy. A voz dela é tão fria que eu não consigo responder, e Maeve fala por mim.

— Há três dias.

— Então a gente trabalhou o dia todo juntas ontem, e você não pensou em me falar isso? — provoca Addy.

Só um milhão de vezes, penso me sentindo infeliz. Mas não consigo falar, e nunca imaginei que ela fosse descobrir.

— Sinto muito — digo, desejando que Luis volte logo com aquele ponche. — Foi idiotice da minha parte. Eu não falei com ele nem nada, eu... Eu nem quis agradecer quando ele terminou, então tudo que consegui dizer foi que eu precisava aprender a trocar pneu, e ele disse que é preciso prática e...

Estou falando sem parar, e Addy já ouviu o bastante.

— Ah, sim, já que você nem *agradeceu* — debocha ela, e o sarcasmo é como uma faca no meu coração. Addy é ótima em dar o benefício da dúvida para as pessoas, e em perdoar erros, mas agora ela está muito furiosa para fazer isso. — Então eu acho que tudo bem.

Maeve morde os lábios e diz:

— Phoebe, realmente *era* você, não era? No evento de Jake no Colégio Eastland. Não era outra pessoa com a mesma camiseta e o mesmo cabelo.

— Meu Deus. Eu vi a *Phoebe* também. — Addy quase não respira quando se vira para Maeve.

A *Phoebe*. Não *você*. De repente não faço mais parte do círculo.

— Foi o dia que a gente estava na sua casa, não é? Com Bronwyn? — pergunta Addy, e Maeve concorda. — Eu quase falei isso, mas tinha certeza de que estava errada. — O tom de voz de Addy muda de novo quando olha em minha direção. — Por que você estava lá?

Não consigo falar. Não posso contar a verdade: *Ah, sabe, só vendo se um garoto que tenta matar alguém pode mudar de verdade, assim eu não vou precisar ficar obcecada pensando no meu irmão*. Então preciso mentir, de novo, mas não consigo achar nenhuma boa desculpa. Não agora, com meus amigos me encarando como se eu tivesse cometido a pior das traições.

— Phoebe, o que está acontecendo? — pergunta Knox. A voz dele exala preocupação, e por algum motivo, é mais um estopim. Luis volta, segurando três copos, e pego um deles com tanta força que ele quase derruba os outros dois.

— O que *está acontecendo* é que eu sou um desastre e vou embora — respondo, me virando para sair antes que comece a chorar. Não vejo a hora de ir embora, mas ainda assim... Fico magoada quando chego do outro lado da sala e ninguém tenta segurar meu braço. Nem mesmo Knox.

A festa está cheia de gente conhecida. Nate e Bronwyn ainda estão discutindo calorosamente com Sana e Reggie, sem saber o que acabou de acontecer. Minha ex-melhor amiga, Jules, está do outro lado do salão com o namorado, Sean, e Monica Hill e outra garota da nossa turma. Até o pessoal do Café Contigo está aqui: Manny, Evie e um cara chamado Ahmed. Mas não consigo me juntar a eles, então encosto na parede do corredor até alguém tocar meu ombro.

— Você foi expulsa do Clube dos Assassinos? — pergunta uma voz.

Me viro e vejo Vanessa Merriman em um vestido frente única vermelho lindo, um copo de plástico vermelho em cada uma das mãos.

— Aqui — oferece ela, virando o conteúdo de um deles no copo que esvaziei de alguma forma enquanto andava. — Era pra uma amiga, mas você parece estar precisando. — Ela encosta um ombro na parede e diz: — A amiga era eu, na verdade. Não sei por que venho a essas festas.

— Por que você acha? — pergunto enquanto tomo um gole, agradecida.

— Acabei de dizer que não sei — responde Vanessa, irritada. Os olhos dela seguem os meus para onde Knox, Maeve, Addy e Luis estão conversando concentrados. — Eles julgam todo mundo, não é? Tipo, você apoiou a pessoa errada *uma vez* e de repente é um pária.

Vanessa fez muito mais do que apoiar a pessoa errada. Pelo que lembro, ela fez bullying com Addy sem parar depois da morte de Simon. E então, para piorar, fez o mesmo com Cooper. Mas não estou na melhor das posições para lembrá-la disso agora.

— Eles são meus amigos — digo, mesmo sem saber se isso ainda é verdade.

— Então o que você está fazendo do lado de cá?

Não tenho uma boa resposta para isso, então viro minha bebida enquanto vejo Nate e Bronwyn saírem de perto de Sana e Reggie e irem se juntar à Galera de Bayview. Sana chama minha atenção de novo quando pega o braço de Reggie, despida da aura de hippie descolada, e o puxa para mais perto para falar alguma coisa em seu ouvido. Reggie dá de ombros e vai embora, deixando Sana com uma expressão frustrada.

— Não acredito que isso ainda está rolando — desdenha Vanessa.

— O quê? — pergunto. Quase pergunto *Sana e Reggie?*, o que seria uma informação nova, mas Vanessa aponta na direção de Nate e Bronwyn.

— Esse casinho de garota comportada com o bad boy. Na boa, olha isso. O que eles têm em comum, além de terem sido acusados de assassinato? O sexo não deve nem ser *tão* bom assim.

E essa é... minha deixa.

— Preciso ir — disparo, me desgrudando da parede para... Não sei para onde. Banheiro, provavelmente, já que tomei *muito* ponche. Na fila impressionantemente curta, pego meu celular enquanto espero e vejo que recebi uma mensagem de Emma. Tenho tentado convencer minha irmã a vir para casa por um fim de semana. Sinto saudade, mas, na verdade, preciso obrigar Emma a falar sobre Owen.

Abro a mensagem e tudo que ela diz é: *Não tenho dinheiro para a passagem. Ainda não arrumei um emprego.*

É só uma desculpa, óbvio, nós duas sabemos. Quanto mais tempo ela passar longe de Bayview, menos ela vai querer voltar.

Você não pode me deixar sozinha lidando com a confusão que causamos, escrevo e apago antes de enviar. Em parte porque digitei muita coisa errada e em parte porque não devemos deixar nada disso registrado.

— Sua vez — avisa uma voz atrás de mim, e desvio os olhos do celular para ver a porta do banheiro aberta.

Assim que entro, percebo como estou bêbada. Os azulejos em preto e branco começam a rodar, e quase não consigo abrir o cinto. É ainda mais difícil colocá-lo de volta depois de usar o banheiro, tentando sem sucesso encontrar o microfuro em que preciso encaixar a fivela, até que uma batida na porta me lembra de que estou demorando demais.

— Quase terminando — grito. Decido improvisar e dar um nó no cinto. O que eu logo percebo ser uma péssima ideia, porque jamais conseguirei desfazer isso quando for dormir. Mas, bem, esse é um problema para a Phoebe do futuro. Lavo as mãos e encaro um rosto vermelho e com o olhar vidrado no espelho.

— Precisamos fazer alguma coisa — digo para o meu reflexo.

As paredes devem ser muito finas, porque escuto alguém bater na porta e dizer:

— Minha *bexiga* é que vai fazer se você não sair logo!

— Foi mal! — respondo ao secar as mãos na... Eca. Achei que era uma toalha, mas é a cueca que alguém deixou pendurada na pia e agora preciso lavar as mãos mais uma vez. Quando

termino, a próxima pessoa da fila está batendo sem parar na porta, e quando saio, passo por ela o mais rápido que posso. — Foi mal — repito olhando para o chão. Vanessa ainda está no mesmo lugar, entretida com o celular e com um copo cheio de ponche na mesinha ao seu lado. Antes de pensar no que estou fazendo, pego o copo e saio de perto dela.

— Ei, sua pinguça, esse copo é meu! — grita Vanessa, mas faço de conta que não escuto e vou direto para a escada.

Prefiro o andar de cima; é mais escuro, mais silencioso e eu não conheço ninguém. A porta de um dos quartos está aberta, e alguma coisa que parece um lençol está amarrando a porta ao aquecedor, e eu provavelmente ficaria curiosa para entender a cena se estivesse sóbria. Tem um monte de gente no quarto, conversando. Ninguém parece se incomodar quando entro, sento no pufe e pego o celular para passar vinte minutos tentando escrever uma mensagem rápida para Emma, sem erros:

Por favor volta pra casa.

Então fecho os olhos e quando abro, estou sozinha no quarto. Levanto e logo fico tonta, e, preciso me apoiar na parede antes de tentar andar até a porta. Quando chego lá, quase atropelo um garoto que estava entrando.

— Opa, oi, Phoebe. Quanto tempo que a gente não se vê. O que você está fazendo sozinha aqui? — Era Reggie Crawley.

Conheci bem a figura quando Bronwyn parou de dar aulas particulares para ele depois da morte de Simon. Emma começou a ajudar Reggie a estudar para o vestibular, mesmo sendo mais nova, porque ela já tinha passado em todos os simulados e os pais de Reggie estavam desesperados. Durante dois meses ele ficou indo ao nosso apartamento três noites por semana, me comendo com os olhos sempre que Emma não estava olhando. Ele quase não mudou nada nesse tempo: ainda usa um cavanhaque estranho, ainda parece gostar de camisetas de gola V bem fininhas, e ainda usa o mesmo colar de couro com três pedrinhas prateadas. Já parece um quarentão aos dezenove anos.

Reggie se apoia no batente da porta e mexe as sobrelanceiras de um jeito que ele acha, erroneamente, ser sedutor.

— Estava me esperando? — pergunta ele.

Posso estar um pouco bêbada, mas estou em posse de faculdades mentais suficientes para dar a única resposta possível:

— Eca, não, obrigada — respondo ao sair do quarto.

— Quem perde é você — retruca.

Desço as escadas cambaleando, sempre segurando o corrimão, e me pergunto se desapareci por tempo suficiente para encontrar Addy menos brava. Mas ela não está mais no mesmo canto com a Galera de Bayview; nenhum deles está lá. Naquele lugar está minha ex-amiga Jules, e quando ela acena para mim, fico tão aliviada com o gesto que não hesito em ir até lá, mesmo que ela esteja com duas das pessoas que mais detesto no mundo.

— Quer uma bebida? — pergunta Sean Murdock quando me aproximo, e me entrega um copo. Eu não quero, mas aceito mesmo assim.

— Timing perfeito, Phoebe Jeebies — observa Jules.

Tento sorrir ao ouvir o apelido, mas não parece certo. Essa é a antiga Phoebe, aquela que julgou Jules por namorar um cara bizarro como Sean e mentir para a polícia sobre a morte de Brandon. Jules e eu fizemos as pazes depois disso, mas as coisas nunca mais foram as mesmas. Em parte porque tento passar o menor tempo possível perto de Sean e em parte porque sei que me tornei uma mentirosa muito pior do que ela.

— Timing perfeito? — pergunto como um eco.

— Precisamos saber umas coisas — continua Jules, batendo o próprio ombro no ombro de Monica.

— Que tipo de coisas? — pergunto, tomando de uma vez metade da bebida que eu não queria.

— Calma aí, gatinha — diz Sean, sorrindo. Meu Deus, como eu odeio esse cara.

— Knox — anuncia Jules.

Pisco em direção a ela, tentando focar em seu rosto, mas não consigo. Ela ainda parece ter duas cabeças.

— O que tem o Knox?

— Ele está solteiro?

— Queeeeê? — Isso não parece ser uma resposta suficiente, então falo: — Por quê?

— Monica está a fim dele — explica Jules.

Começo a rir, mas ninguém mais está rindo.

— Desculpa, vocês estão falando sério? — pergunto.

— Claro. Por que não estaria? Ele é um gato — responde Monica, enrolando uma mecha de cabelo do seu rabo de cavalo no indicador.

Sinto como se todo mundo nesta festa tivesse resolvido reparar em Knox hoje, mas não vou deixar Monica falar isso.

— Você ficou zoando o cara o semestre passado todo!

— Não fiz isso, não. O Sean que fez, mas ele sabe que foi errado. Não sabe, Sean? — incita Monica.

— Eu e Knox estamos de boa agora — declara Sean, com uma confiança idiota.

— Não, não estão, não. Ele não suporta você. Nem você — falo olhando para Monica. Ela tem três cabeças agora, e mesmo uma já seria demais. Qualquer quantidade de Monica é demais. Um número negativo de Monica seria o ideal. — Deixe Knox em paz.

— Phoebe, você não é dona do Knox — dispara Jules com um ar de quem sabe das coisas. — Se você gostasse dele, já teria tido tempo de fazer alguma coisa.

— Eu não... Eu não... Eu preciso ir — digo, e saio tropeçando para longe deles pelo corredor. Tento pegar meu celular no bolso enquanto saio da casa, mas minhas mãos estão moles e não consigo respirar fundo. Minha cabeça dói tanto que não sou capaz de raciocinar. Quero chamar um Uber, mas não sei se consigo desbloquear o celular.

Me viro e volto para dentro da casa, mas, de alguma forma, não é lá que paro. Estou cercada por árvores e mato, e acabo caindo em um banco de pedras. *Tem alguma coisa errada*, penso enquanto minha cabeça fica ainda mais confusa. Alguém está se aproximando, parece uma sombra, mas se eu me forçar a olhar, parece familiar.

Vai embora, tento dizer, mas as palavras não saem. Estou extremamente cansada.

— Ah, Phoebe. Você cometeu um erro terrível — diz alguém, parecendo estar do outro lado de um túnel enorme.

Qual deles? Penso.

E então tudo fica preto.

CAPÍTULO 9

Nate

Domingo, 5 de julho

— A gente deveria comemorar nossa festa de quase aniversário aqui — diz Addy, pegando meu braço.

— O quê? Que festa de quase aniversário?

Olho em volta. Estamos na sala dos fundos do Café Contigo, e uma TV grande foi colocada na parede para que pudéssemos assistir ao comercial de Cooper para a academia. Agora está passando um jogo do Padres, mas o comercial deve aparecer depois da quinta entrada.

— Ah, você sabe, a gente sempre faz uma festa conjunta em março — continua Addy.

— Duas vezes. A gente fez isso duas vezes.

Tecnicamente foi Addy quem fez. Nós dois nascemos em março, então ela decidiu, no último semestre do ensino médio, que a gente deveria fazer uma festa entre as duas datas. Ela organizou tudo no apartamento dela, e eu fui, porque era importante pra ela e não existem muitas pessoas que eu goste mais do que de Adelaide Prentiss. Além disso, faz tempo que aprendi que não tem como ir contra Addy quando ela está operando no modo diretora-de-sociabilidade. E então ela fez a mesma coisa este ano, mesmo que tenha sido bem mais simples, já que Brandon Weber tinha falecido havia pouco tempo.

— Isso mesmo. Então já é uma tradição. Mas como este ano ainda não tivemos uma grande comemoração, pensei... Que tal uma festa de quase aniversário... em meados de setembro? — propôs Addy.

— Não, muito tarde. Eu já vou ter voltado pra faculdade — protesta Bronwyn, puxando a única tortilla sem molho do prato de nachos na nossa frente.

— Ah, é verdade. E não podemos fazer em agosto porque vou estar no Peru, então... Vai ser 14 de julho. Vai ser uma festa de um terço pós-aniversário — declara Addy decidida.

— Isso nem existe — digo.

Addy me ignora e continua:

— Podemos convidar toda a nossa galera — continua ela, fazendo um gesto para todos nós. Estamos em uma mesa pequena com nove cadeiras e quase todas ocupadas (eu, Addy, Bronwyn, Cooper, Kris, Maeve, Luis e Knox), só uma vazia. Phoebe não está aqui, e já se passou meia hora do horário combinado.

— Ótimo! Mas não vai ser só a gente, né? Quero convidar Kate e Yumiko, e Evan, talvez...

— Bronwyn para de falar e me olha de lado. — Ou talvez não.

— Tanto faz — digo e dou de ombros. Eu posso ser superior com o ex dela, já que ele não tem nenhuma chance mesmo.

Ela aperta meu braço e diz:

— Talvez aqui seja pequeno demais.

— Bem, sempre temos a casa do Nate — arrisca Addy.

— Sem chance. — Não consigo evitar a irritação que aparece na minha voz. — Você pode me obrigar a fazer uma festa de um terço pós-aniversário, mas você não pode me obrigar a

ficar o tempo todo de babá de Reggie Crawley.

— Claro que não — diz Bronwyn.

Tentamos falar de novo sobre Reggie com Sana ontem, mas até Bronwyn teve que admitir que não estava dando em nada. Na real, não era a hora nem o lugar certo. Mas fiquei muito irritado quando Sana admitiu que não tinha nem aberto o link que Bronwyn mandou com o vídeo de Katrina, porque isso era o mínimo que eu esperava de alguém que estivesse levando o problema a sério.

— Tudo bem, justo — concede Addy. E ela começa a mexer no próprio brinco (um clássico sinal de ansiedade) e olha para a cortina de miçangas que separa este cômodo do salão principal do restaurante. — Ontem à noite foi uma confusão, né? E não só por conta do Reggie. — Ela não para de mexer no brinco. — Gente, vocês acham que a Phoebe vai vir? Fui meio grossa com ela.

— Você estava chateada — diz Bronwyn.

— Eu estava, mas... — Addy morde o lábio. — Continuo pensando no que eu disse quando ela contou que não agradeceu a Jake pelo pneu. Fui totalmente maldosa e sarcástica. E é que... foi quase do mesmo jeito que Jake me tratava, lá atrás quando tentei me desculpar por ter traído ele com o TJ. Ele dizia *Ah, está tudo bem então. Já que você está pedindo desculpa*. — Pelo jeito que ela fala, consigo perceber que as palavras estão gravadas em sua mente. — Precisamos dar uma chance pra pessoa se explicar, né? E eu não fiz isso.

Seguro na mesa para me impedir de falar uma coisa horrível sobre Phoebe que eu sei, bem no fundo do coração, que ela não merece. Deixar alguém ajudar você a trocar um pneu não é o fim o mundo, mas... é o *Jake*. Andando por Bayview como se fosse um bom moço, como se nada daquele passado tivesse acontecido. Qualquer um dessa cidade que conhece a dinâmica doentia de Bayview não deveria dar o que quer que fosse a ele, a não ser um soco na cara.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — insistiu Bronwyn, que é um jeito bem mais educado de dizer o que pensei.

— Eu sei, são coisas diferentes porque o que eu fiz com Jake foi *pior*. Ou teria sido, se ele fosse um ser humano decente. Tentei mandar mensagem para Phoebe hoje mais cedo, mas ela não leu — revelou Addy.

Knox, que está sentado do lado de Maeve do outro lado da mesa, se vira e pergunta:

— Espera, vocês estão falando da Phoebe? Ela não respondeu minhas mensagens mais cedo. Eu dei uma carona pra ela chegar na festa ontem, mas depois ela sumiu.

— Ela não foi embora com a Jules? — pergunta Maeve.

— Não — respondo. Todo mundo olha para mim, provavelmente porque não é o tipo de coisa na qual eu presto atenção. — Aquele namorado babaca dela estava bêbado demais pra dirigir, então Crystal pegou a chave dele e obrigou os dois a irem embora com outra pessoa. Phoebe não estava lá.

Addy pressiona as unhas nas palmas das mãos e diz:

— Espero que ela tenha chegado bem em casa. Eu não quero me preocupar, mas Ashton me deixou nervosa com essa coisa do outdoor...

— Gente! — Luis chama do outro lado da mesa. — Prestem atenção! Foi a segunda, essa entrada vai acabar a qualquer momento.

Addy ignora o que ele acabou de falar e continua:

— Queria que a gente soubesse o que aqueles caras do fórum de vingança estão fazendo agora — murmura ela, olhando para Maeve, que não percebe, já que ela está fazendo o papel de namorada legal e encarando a TV quase tanto quanto Luis.

— Maeve está trabalhando nisso. Vamos esperar um pouco — sugere Bronwyn.

— O outdoor voltou para o anúncio anterior. Acho que conseguiram consertar — digo. — Percebi isso quando estava vindo para cá e senti uma onda de alívio.

Na TV, a multidão ruge decepcionada quando um dos jogadores bate uma bola para a arquibancada.

— Esse cara estava completamente fora do tempo. Ele vai sair daqui a pouco, é só esperar — narra Luis, olhando fixamente para a frente.

— Ai, meu Deus — diz Cooper, que está sentado de frente para o Kris, e passa as duas mãos no rosto. — Só queria lembrar a todo mundo que eu *não* sou ator. E eu nem teria feito isso se meu carro não estivesse nas últimas, então...

— Cooper, você trabalha mais do que qualquer pessoa que eu conheça e merece ser reconhecido. E *receber* por isso. Não se atreva a se desculpar — afirma Kris.

— Você diz isso agora — murmura Cooper, mas os ombros dele parecem um pouco mais relaxados. Sei que está preocupado com a ideia de um patrocínio, com medo de as empresas usarem a imagem dele só por conta da fama do Quarteto de Bayview. E, sim, talvez isso faça parte da estratégia, nenhum de nós pode descartar essa possibilidade, mas ele mandou muito bem em seu primeiro ano. Mais do que nunca, parecia que estava destinado a uma carreira brilhante, e ele podia muito bem começar a receber.

— Queria que Nonny tivesse vindo. Adoro ver a animação dela com as coisas do Cooper — comenta Addy, melancólica. O celular dela está na mesa e começa a tocar, mas antes que ela consiga pegar, Bronwyn vira a tela para baixo.

— Não vai atender agora. Luis tinha razão, está acabando — censura ela.

A tela fica escura por um momento e Luis diz:

— Hora do show!

Maeve faz um sinal para que ele fique quieto quando uma academia bonita aparece na TV, uma logo enorme da PontoDeBala Fitness na parede. Uma música com o baixo grave começa a tocar quando a câmera passa pelos aparelhos de ginástica, armários, um monte de pesos e... Cooper, correndo na esteira como se a vida dele dependesse daquilo.

Todos começam a falar, tão alto que não dá para ouvir nada por alguns momentos. E não tem problema, já que o comercial é uma sequência de takes de Cooper malhando, quase sem suar, como se fosse um super-herói.

— Estou *amando* isso por enquanto — anuncia Kris, enquanto, na tela, Cooper faz um agachamento com uma barra de peso nos ombros.

E então a música diminui, Cooper coloca a barra no chão, pega uma toalha, vira para a câmera e diz:

— Nada me deixa mais a ponto de bala do que fazer exercícios.

A sala fica em silêncio por um momento, porque aquele provavelmente foi o pior jeito de passar uma mensagem. Cooper parecia um robô programado para falar algum idioma que a pessoa que o projetou não conhecia. Mas é aí que começamos a falar e gritar ainda mais, porque ele ainda é perfeito e isso foi estranhamente icônico.

— Oscar! Oscar! Ou seja lá qual for o nome do prêmio para comerciais! — grita Luis.

— Você estava muito gato — elogia Kris, puxando Cooper para um beijo.

— Eu odeio malhar, mas você *quase* me convenceu — admitiu Maeve.

— Vocês estão me zoando — diz Cooper, com o rosto vermelho. Mas ele também está sorrindo.

Depois que a animação diminui e o jogo volta a passar, Addy pega o celular.

— Será que era a Phoebe? — diz ela, antes de franzir a testa quando olha para a tela. — Uhm. Não. Era a mãe dela.

— A mãe dela tem seu celular? — pergunto enquanto Knox se vira para nós.

— Ela organizou o casamento da Ashton, lembra? — explica Addy, levando o celular ao ouvido. A testa dela fica ainda mais franzida ao ouvir a mensagem. — Tudo bem. Isso é bem estranho. A Sra. Lawton está perguntando se a Phoebe ainda está comigo, porque ela não está atendendo o celular, e, bem... ela nunca esteve *comigo*. Não fomos juntas pra festa ontem. A mãe dela ligou pra você também? — pergunta ela para Knox.

Ele pega o próprio celular com o semblante preocupado.

— Não. Você deveria retornar a ligação.

— Agora mesmo — confirma Addy. Ela disca algo no celular e o coloca no ouvido novamente. — Oi, Sra. Lawton — diz depois de alguns segundos. — A Phoebe não... O quê? — A voz dela fica baixa. — Não, ela não. Isso nunca... Ela o *quê*?

— O que está acontecendo? — pergunta Knox com urgência.

Addy faz um gesto para ele ficar quieto.

— Não, a gente estava juntas na festa, mas não combinamos de ela dormir lá em casa. A última vez que vi a Phoebe foi ontem à noite. Você tentou ligar para a Jules? — A expressão de Addy fica preocupada quando ela escuta a resposta da mãe de Phoebe. — Sim, tudo bem. Me mantenha informada, tá? — Quando ela desliga o celular, seu rosto está lívido. — Phoebe não foi para casa ontem à noite — diz Addy, encarando o círculo de rostos preocupados. — Ela mandou uma mensagem bem tarde pra mãe dizendo que ia dormir na minha casa. Por que ela faria isso?

— Porque ela estava em outro lugar e não queria que a mãe dela soubesse? — sugere Maeve. Os olhos disparam na direção de Knox, que está com a mesma expressão que fazia quando o pai dele, que é meu chefe na Myers, não reparava que ele tinha passado no escritório: como se estivesse fingindo não estar arrasado.

— Não acho que a Phoebe faria isso — diz Knox.

— Se ela fez, eu acabei com o esquema. Mas por que ela não falou com ninguém até agora? Ela perdeu o comercial — diz Addy com uma careta.

Maeve está com o celular na mão, teclando na tela de forma frenética.

— Me pergunto se... Tudo bem, a localização do Snapchat dela está ativada e diz que ela está... — Ela aumenta algo na tela e pisca algumas vezes, antes de me mostrar o celular. — Na sua casa, pelo que parece.

— Sério? — pergunto. — Ela não estava lá quando saí. Pelo menos... acho que não.

Dormi até tarde, já que é raro ter um dia de folga, e não saí do quarto até a hora de vir para cá. Crystal e Sana não estavam em casa, e Jiahao e Dexter estavam vendo TV na sala, como de costume. Reggie estava... Não faço ideia de onde Reggie estava, mas a porta do quarto dele estava fechada porque em algum momento da noite ele quebrou a regra de Sana e se trancou lá.

— Ai, não — diz Bronwyn, como se lesse meus pensamentos. — Ela não pode estar... Ela não está com o *Reggie*, está?

— Sem chance. Phoebe jamais faria isso — afirma Maeve.

— Ela bebeu muito ontem — continua Addy, preocupada.

— Não *tanto* assim — insiste Maeve, ainda que pareça ter menos certeza do que antes. — Mas mesmo que ela tivesse... uhm, ficado um pouco com Reggie ontem, já teria ido para casa a uma hora dessas.

— A não ser que ele não a tenha deixado — pondera Luis. Maeve dá um soquinho no ombro dele, como se fosse uma piada sem graça, mas ele não está sorrindo.

A conversa ficou pesada na hora.

— Melhor a gente conferir — digo.

CAPÍTULO 10

Nate

Domingo, 5 de julho

Não encontramos Phoebe quando chegamos em casa — nós seis, sem Cooper e Kris, que precisavam levar Nonny à fisioterapia.

— Não vi a Phoebe, gente. Desde ontem — diz Reggie meio mole, prostrado no sofá, segurando uma cerveja em uma das mãos e o controle da TV na outra, vendo o que tinha na Netflix.

— Desde ontem *que horas?* — pergunta Bronwyn, puxando o controle da mão dele. E foi bom que ela tenha feito isso, porque aquela cara de *não me importo* me dá vontade de jogar o controle na cabeça dele.

— Ei, devolve isso! — protesta Reggie. Ele tenta pegar de volta, mas cai nas almofadas quando ela se move. — Sei lá, vi Phoebe na festa.

— Onde ela estava? Quando você a viu? — pergunta Maeve.

— No meu quarto — diz Reggie, mexendo no colar sem prestar muita atenção. Nós seis o encaramos até que ele levanta as mãos e diz: — Calma, Clube dos Assassinos. Ela estava sozinha, saindo do quarto, quando cheguei. Claro que eu a convidei pra ficar sozinha comigo...

— Nojento — diz Maeve.

— Mas ela recusou. E foi isso — continua Reggie.

Bronwyn e Maeve trocam olhares como se não estivessem acreditando, mas a verdade é que todos sempre sabem quando Reggie está mentindo. Mas nesse momento, ele não parece estar. Ainda assim...

— A localização do celular dela indica aqui em casa — digo.

— Bem, ela não está aqui — repete Reggie, fazendo uma cena para levantar o cobertor que está sobre as pernas. — A não ser que esteja se escondendo. Phoebeeee? Phoebe?

— Vai à merda — praguejo, e Bronwyn joga o controle remoto nele. Nas mãos dele, o que é mais do que ele merece.

— O que você quer que eu diga? Ela não está aqui. É isso — insiste ele na defensiva.

— Será que a gente viu a localização errada? Talvez ela tenha desligado o celular e estamos vendo o último lugar em que ela esteve — pondera Knox.

— Acho melhor a gente dar uma olhada por aqui. Phoebe pode ter dormido em algum lugar ou perdido o celular — sugere Bronwyn.

Os olhos dela ficam diferentes e eu sei o que está por vir: Bronwyn está no modo cuidar-de-tudo. Graças a Deus alguém faz isso. Em minutos, ela nos divide em grupos e nos passa as tarefas: Addy e Knox vão olhar lá em cima, Maeve e Luis ficam aqui embaixo, nós dois vamos olhar o jardim.

— Estou me sentindo péssima. Addy tem razão, ontem foi difícil pra Phoebe. Mas eu estava tão focada no Reggie que nem prestei atenção — confessa Bronwyn enquanto saímos em direção à parte externa da casa.

— Eu também — digo, passando o dedo por uma das cicatrizes no braço. Não penso muito

sobre a bomba de Jared ultimamente; eu até me saí bem, e de alguma forma, aquilo fez com que eu e Bronwyn ficássemos mais próximos. Ou talvez seja melhor dizer que aquilo me aproximou dos pais dela. Eles pararam de se preocupar por nós dois sermos de “mundo diferentes”.

Mas, agora, as cicatrizes me lembram de que esta cidade pode ser mortal. Odiei a ideia de Phoebe estar com Reggie, mas a alternativa pode ser ainda pior. Não a conheço tão bem. Até recentemente ela era só a colega de trabalho de Addy que tinha um amigo chato que me zoou no jogo de Verdade ou Consequência, mas estamos ligados para sempre por termos passado pela crise de Bayview juntos. Além disso, Phoebe perdeu o pai, e a mãe dela quase se acabou tentando cuidar de todo mundo. Eu sei bem como é a sensação de ter que resolver todos os seus problemas sozinho.

Para e analiso o jardim pequeno e malcuidado. Não tem muito o que olhar: um monte de folhas meio secas e uns arbustos depredados, além de um caminho de pedras que leva até a porta. O sol está alto e forte, e franzo a testa para ver melhor.

— Você sabe de que cor é a capa do celular da Phoebe?

— Cor-de-rosa. E não está aqui — responde Bronwyn, andando em círculos pela grama.

— Acha que ela pode ter ido visitar a irmã? Talvez ela tenha conseguido uma passagem aérea em promoção ou algo assim.

— Talvez. Mas isso não explica por que ela não falou com ninguém nem por que disse à mãe que dormiria na casa da Addy. Nada faz sentido. Argh, se eu tivesse tirado cinco minutos pra *conversar* com ela ontem... — Ela suspira em frustração.

— Não fala assim. Sem ficar se culpando na minha frente — digo ao pegar nos ombros dela e a deixar na sombra.

O jardim do quintal é maior e o mato está mais alto. Crystal tentou fazer uma horta em boa parte dele, mas dá para ver um pátio de pedra e alguns bancos, além da fonte meio embolorada e com um pouco de água suja da chuva.

— Vocês vêm aqui de vez em quando? — pergunta Bronwyn, andando com cuidado pela grama.

— Meu Deus, não. Por que eu...?

E é então que eu vejo: um retângulo cor-de-rosa embaixo de um dos bancos. Bronwyn chega nele antes de mim, pega o celular e vira a tela para que possamos ver algumas notificações.

Emma: ONDE VOCÊ SE METEU???

— Ah, não — diz Bronwyn com a voz fraca.

CAPÍTULO 11

Addy

Domingo, 5 de julho

A polícia de Bayview é bem consistente. Não importa qual crise estejam enfrentando, eles vão focar no problema errado 100% das vezes.

— Então menores de idade estavam bebendo nessa festa? — pergunta o Sr. Budapest ao jogar o celular de Phoebe em uma sacola plástica e selar a abertura.

Ligamos para Melissa Lawton assim que encontramos o celular de Phoebe. Ela entrou no carro no mesmo instante para ir até a casa de Nate e ligou para a polícia enquanto dirigia. Agora ela está aqui e trouxe Owen a reboque, mantendo-o bem perto de si enquanto estamos todos em um semicírculo com o policial Hank Budapest. O fato de ele ter sido o primeiro policial que nos interrogou sobre a morte de Simon não passa batido por ninguém, inclusive para ele, tenho certeza. Digamos que não foi o tipo de investigação que o levou à glória.

— Sim — responde Nate, o maxilar travado.

— Quem comprou a bebida? — pergunta o Sr. Budapest.

— Policial, minha filha *desapareceu*. A gente pode, por favor, focar nisso e pensar na festa depois? — interrompe a Sra. Lawton, o rosto com uma expressão muito preocupada.

— Pelo que você me contou, Phoebe mentiu para você sobre onde dormiria. Não é mais provável que tenha ido para algum lugar que ela não queria que você soubesse? Faz quanto tempo? — Ele faz uma cena enquanto olha o relógio. — Menos de doze horas desde a última vez que ela foi vista?

— Catorze — corrige Maeve, cruzando os braços em frente ao peito. Parece que ela vai dizer mais alguma coisa, talvez citar o fórum de vingança, mas antes que ela faça isso, a Sra. Lawton solta um murmúrio de frustração e aperta Owen ainda mais.

— A Phoebe não iria a nenhum lugar sem o celular. E você se esqueceu de que ela foi *perseguida* há três meses por um jovem desequilibrado com muitos seguidores na internet? Seguidores que passavam o dia fantasiando sobre vinganças? Você deveria estar falando com Jared Jackson *agora mesmo* sobre quem ele pode ter instigado a ir atrás de Phoebe — dispara a Sra. Lawton.

Maeve concorda enfaticamente. O rosto de Owen fica vermelho e ele encara o chão, e meu coração fica apertado ao ver a cena. Pelo que observei no Café Contigo, ele e Phoebe não têm se dado muito bem nos últimos dias, então provavelmente ele, assim como eu, também está sentindo alguma forma de arrependimento agora que ela havia desaparecido.

Desaparecido. A palavra parece fazer uma onda de pânico me atravessar quando o policial Budapest pigarreia e diz:

— Certamente vamos falar com o Sr. Jackson. — Porém eu tenho certeza de que ele nem tinha pensado nisso até a Sra. Lawton dizer. — Se você puder vir comigo até a delegacia, podemos começar o processo. — Ele passa os olhos pelo restante de nós e diz: — Talvez seja útil um de vocês vir também. Talvez...

Bronwyn dá um passo à frente antes que ele tenha tempo de dizer o nome dela, o que era

óbvio que faria. Não importa a situação, ela sempre é nossa representante.

— Claro, eu vou — diz ela.

— Eu também. Acho que fui o último a falar com ela — diz Knox, logo em seguida.

— Muito bem. É isso por agora — informa o policial ao colocar a sacola plástica com o celular de Phoebe embaixo do braço. — E para o restante de vocês, entraremos em contato caso precisemos de algo. E continuem falando com os amigos e colegas de Phoebe. Avisem que estamos procurando. É bem provável que ela esteja com alguém que vocês conheçam.

O policial e os Lawton se dirigem para os respectivos carros, e Bronwyn dá um beijinho na bochecha de Nate antes que ela e Knox os sigam. Maeve olha para o policial Budapest com ódio enquanto ele atravessa o gramado de Nate.

— Bem, ele foi rápido como sempre, não é? Agindo como se Phoebe fosse uma garota idiota que mente para a mãe pra ir se divertir. E, ah, claro, por que devemos nos preocupar se ela só está desaparecida há *catorze horas*? — provoca Maeve.

— O maior mistério de Bayview é como esse cara ainda tem esse emprego — murmura Luis ao passar o braço em volta dos ombros da namorada.

— E ele nem é o pior. Se alguém procurar *incompetência* no dicionário, tenho certeza de que vai ver uma foto da polícia de Bayview — acrescenta Maeve, lançando um último olhar de raiva ao policial antes de levantar a cabeça para encarar Luis. — Você pode me levar pra casa? Preciso me dedicar ainda mais àquele fórum de vingança. Se eles tiveram qualquer relação com o desaparecimento de Phoebe, com certeza vai haver um chat em algum lugar.

— Seu desejo é uma ordem. Você vem, Addy? — pergunta Luis.

Hesito. Se eu for com eles, sei que vou distrair Maeve do que ela precisa fazer. Não posso ir para casa, porque minha mãe está lá e ela vai me deixar ainda mais nervosa. E se eu for para o apartamento de Ashton, vou deixar *minha irmã* nervosa, e isso é a última coisa de que ela precisa, então...

— Fica aqui um pouco — diz Nate, resolvendo meu dilema. — Eu só tenho que ir pro country clube daqui a uma hora, e posso te deixar onde você quiser quando sair. Sana deve estar voltando do trabalho, e podemos perguntar se ela viu alguma coisa ontem à noite. Ela estava sóbria o tempo todo.

— Tudo bem — respondo, agradecida.

— Dá pra acreditar que a gente estava vendo o comercial do Cooper há menos de uma hora? — pergunta Luis enquanto caminhamos até a entrada da casa.

— Não — respondemos eu e Maeve em uníssono. — Parece que foi semana passada — digo.

— Nada me deixa mais a ponto de bala do que fazer exercícios — diz Luis taciturno ao abrir a porta do carro para Maeve. Deveria ser engraçado, mas agora, só... não é.

— Também não acredito — diz Maeve com a mesma melancolia. Ela entra no carro, afivela o cinto e fecha a porta antes de abrir a janela e dizer: — Mando mensagem se encontrar alguma coisa — promete ela.

— Tá bem, obrigada — respondo.

Eles saem, e eu e Nate ficamos parados em silêncio na calçada. Por boa parte do último ano, desde que Bronwyn e Cooper foram para a faculdade, eu e Nate ficamos para trás, tentando achar um jeito de sairmos de Bayview sem pais controladores, dinheiro ou qualquer talento. Não tenho inveja de Bronwyn ou Cooper pelos seus dotes, nem um pouco. Me sinto sortuda em ter os dois como amigos. Mas tem alguma coisa de confortável em ter um amigo que também não sabe o que fazer e que sabe o que significa dar um passo à frente e ser arrastada dois ou três para trás. Nate e eu, com nossas famílias confusas, nossos futuros incertos, nossas crises frequentes de autoestima, nos entendemos em um nível profundo. Quando estou preocupada ou me sentindo culpada e sem saber o que fazer, ele normalmente é a pessoa ideal para uma conversa.

— Quer me ajudar a dar comida pro Stan? É dia de grilo — diz ele.

— Eca, não. Eu só ajudo nos dias de frutas, lembra? — Consigo soltar algo próximo de uma risada.

— Como você preferir — diz ele dando de ombros. — Vamos, vamos entrar pela porta dos fundos pra não darmos de cara com o Reggie. — Ele protege os olhos do sol ao olhar para o outro lado da rua. — Parece que o Phil comprou outro ferro-velho.

O vizinho velhinho de Nate gosta de consertar carros antigos, mas eles normalmente têm bem mais charme do que o conversível vermelho desbotado que está parado na frente do sobrado de Phil. Não que eu entenda muito de carros, a não ser...

— Espera aí — digo dando alguns passos mais para a frente. — Tudo bem, isto é meio aleatório, mas... esse carro parece o carro que estava na frente do escritório do Eli quando fui buscar os papéis da ordem de restrição. — Olho a capota marrom tão propositalmente descombinada que parece ter sido emprestada de um carro completamente diferente. — Cooper reparou no carro e ficou olhando da janela. Ele fez piada dizendo que não podia ser do Jake, porque ele jamais dirigiria um carro velho assim.

— Bem, acho que era o Phil. Ou outra pessoa que não se importe com carros que são mais ferrugem do que tinta.

— E janelas bem escuras — acrescento. Elas são tão escuras que não dá para ver quem está sentado no banco do motorista. — O Phil não costuma trabalhar nos carros na garagem dele?

— Costuma. Talvez ele esteja indo para algum lugar.

E bem nesse momento a porta da casa de Phil se abre com um barulhão, e o próprio Phil sai da casa com um roupão listrado de azul e verde. Ele se curva para pegar o jornal, depois se endireita e olha o carro, e então olha para Nate e para mim.

— Nate! — berra ele, usando o jornal para apontar para o carro. — Me faça um favor e lembre seu amigo que vocês têm garagem.

— Esse carro não... — Nate não termina a frase. Um vinco se forma em sua testa e então ele anda com firmeza até o carro. Antes que ele consiga chegar, alguém liga os motores e sai. Em segundos, o carro não está mais lá, apenas um risco de fumaça. — Esse carro não é de nenhum amigo meu — diz Nate para o vizinho. — Você não sabe quem estava dirigindo?

— Não, essas crianças de hoje em dia... — responde Phil antes de voltar para a casa.

Nate volta para a calçada franzindo a testa.

— A placa estava coberta de lama, não consegui ver nada.

Meu estômago dá um nó e eu digo:

— Sem chance de ser o Jake, né? Por que ele não pode... — *Ele não pode estar aqui* eu ia dizer, mas na verdade, ele pode. A casa do Nate não faz parte da minha área de segurança.

— Posso estar exagerando, mas não gostei do jeito como a pessoa que estava dirigindo saiu assim que eu tentei chegar perto. Ainda mais num dia como hoje.

— Você acha que aquele carro tem alguma coisa a ver com o que aconteceu com a Phoebe?

Nate suspira e diz:

— Não sei, Addy.

O celular dele começa a tocar, um toque tão alegre que não poderia ser menos a cara de Nate. Ele pisca, parecendo tão confuso quanto me sinto, e então sua expressão muda para irritação ao pegar o celular.

— Essa música... é “MMMBop”? — pergunto. Apesar de toda tensão do dia, a última palavra sai como uma risada incrédula.

— Maeve acha engraçado — responde Nate amargo.

— *MMMBop, boppaly roomba* — canto, e isso faz Nate me encarar enquanto coloca o celular no ouvido ao final da música. — O que foi? Desculpa, mas eu não sei a letra. Você pode me ensinar depois.

— Tudo bem, pai? — pergunta Nate um pouco alto demais. Depois de um segundo de silêncio, o vinco em sua testa fica ainda mais fundo. — Que tipo de problema? — Mais um segundo. — Preciso de mais do que isso. Sério? Você não pode... Tudo bem, tudo bem. Se acalma. Vou chegar em cinco minutos.

— O que aconteceu? — pergunto quando ele desliga.

— Não sei, mas meu pai está desesperado com alguma coisa. O que acha de uma visita rápida ao Colégio Bayview? — pergunta Nate ao colocar o celular de volta no bolso.

CAPÍTULO 12

Addy

Domingo, 5 de julho

Faz mais de um ano que me formei, mas quando saio da garupa da moto de Nate no estacionamento do Colégio Bayview, o tempo para e, por alguns segundos, me sinto como *ela* de novo: Adelaide Prentiss, a sempre ansiosa princesa da escola. Todas as manhãs eu ficava neste estacionamento até ouvir o sinal tocar, abraçada com Jake e pensando em várias coisas idiotas ao mesmo tempo: o humor dele, meu cabelo, qualquer que fosse o drama dos meus amigos... Se o comentário presunçoso que fiz sobre o novo namorado da Vanessa chegaria até os ouvidos dela — chegou — ou se eu conseguiria mais votos do que Keely para ser a rainha do baile — não consegui. Para além de tudo isso, mesmo antes da confusão com Jake, TJ e Simon, meu medo mais profundo e sombrio era sempre o mesmo: *Não sou boa o bastante e nunca serei.*

Tenho vários motivos para não sentir falta do ensino médio, mas esse é um dos principais.

Nate deve ter lembranças parecidas, porque antes mesmo de tirarmos os capacetes ele diz:

— Eu poderia passar o resto da minha vida feliz sem nunca voltar aqui.

— Digo o mesmo. — Coloco o capacete extra de Nate no guidão. Atravessamos o estacionamento em direção ao pedaço quebrado da cerca do campo de atletismo. — Seu pai falou mais alguma coisa?

Nate confere o celular e responde:

— Não.

— Ele quer encontrar você no galpão de equipamentos?

— É, acho que ele finalmente encontrou as chaves.

— *Onde é esse galpão?*

— Atrás do campo de beisebol — responde Nate, e não consigo evitar o alívio que sinto por ele não dizer *o campo de futebol*. Prefiro que essa nossa volta ao passado inclua uma passagem no antigo lugar de Cooper e não no...

— Jake — digo antes que minha garganta se feche por completo.

É como se eu tivesse feito o pior truque de mágica possível, com o pedacinho da minha cabeça que está revivendo o Colégio Bayview tendo conjurado meu ex. Porque de repente ele está lá: a menos de vinte metros de distância, de camiseta e short de ginástica. Ele está perto da placa no chão, perto de um homem que me parece borrado, mas que logo se vira em nossa direção quando paro de me mover.

— Ah, *merda* — diz Nate baixinho. — Que saco, eu sou um idiota. Meu pai me disse que às vezes ele vem aqui para se exercitar, mas não pensei... Eu não deveria ter trazido você. Desculpa, Addy. Vamos embora.

— Não — respondo enquanto Jake se vira em nossa direção. Era inevitável que isso acontecesse, certo? Não posso passar a vida toda dentro da área que julguei segura para evitar a ira de Jake. Já fiz muito isso quando estávamos namorando.

Olhamos um para o outro por infinitos segundos. Meu coração bate tão forte que escuto

em meus ouvidos, tão alto que não sei o que Nate está murmurando, e um ponto preto começa a aparecer no meu campo de visão. Por um momento aterrorizante, acho que vou desmaiar, mas então a tontura passa e me sinto estranhamente calma. Isso é meu pior pesadelo há um mês, mas ainda estou de pé.

Eu *sempre* vou continuar de pé.

Jake levanta uma das mãos devagar... Não é exatamente um cumprimento. É como se fosse um gesto de trégua.

— A gente achou que não tinha ninguém aqui. Eu vou embora — diz ele.

Essas são as primeiras palavras que Jake dirige a mim desde aquela noite atrás da casa de Janae, quando ele colocou as mãos em volta do meu pescoço e disse *Deveria ser você na prisão em vez de Nate, Addy. Mas isto serve também.*

Afasto essa lembrança e digo:

— Faça o que quiser. Não tenho nada a ver com isso — falo em alto e bom som. E aí me forço a continuar andando até a arquibancada, com Nate me seguindo em silêncio.

Isso é mais um ponto positivo dele: saber quando ficar quieto.

— Addy — chama Jake. É óbvio que ele não consegue deixar passar. Ele tentou ser simpático por conta do cara que estava ao lado dele, mas Jake nunca me deixou ter a última palavra.

— Você está bem? — pergunta Nate quando não podemos mais ser vistos por conta da arquibancada e passa a mão pelos cabelos revoltos e escuros. — Desculpa mesmo por isso. Você lidou com a situação muito bem, mas não deveria ter que passar por isso. Meu pai me deixou nervoso, e...

— Eu estou bem — interrompo, um pouco surpresa por perceber que é verdade. Talvez porque ver Jake sem qualquer aviso seja só a segunda pior coisa que aconteceu hoje. Além disso, eu quase nunca vejo Nate desconcertado, então é melhor aproveitar enquanto posso. Dou um tapinha no ombro dele e digo: — Eu entendo. Mas seus amigos estão aqui para te apoiar, Nate. Ninguém vai julgar você por ser fã dos Hanson.

— Quer saber de uma coisa? Eu vou deixar aquele toque. Vocês que se danem!

— Isso aí, Nate! Agora onde está...

Antes que eu consiga terminar a frase, Patrick Macauley aparece na nossa frente, e eu presto atenção no galpão quadrado atrás dele. Ele está vestindo uma camiseta desbotada e uma calça jeans que parece grande demais, e tem um molho de chaves pendurado no passante do cinto. Já vi o pai de Nate algumas vezes desde que ficamos mais amigos, e fico impressionada com a expressão preocupada dele. Todas as linhas do rosto dele parecem tensas quando ele indaga:

— A ambulância já está aqui?

Nate e eu trocamos olhares.

— Ambulância? — pergunta Nate, uma pontada de irritação na voz dele. — O que está acontecendo? Você bebeu? — Nate teve que chamar o serviço de emergência mais de uma vez para o pai quando o alcoolismo do Sr. Macauley estava no auge, então não me surpreende que a cabeça dele faça essa conexão. Porém o Sr. Macauley não parece bêbado, mas preocupado.

— Não, não — diz o pai de Nate, puxando e soltando o elástico em seu pulso. — Não é pra mim, é só... Achei que eles já teriam chegado. Liguei pra eles depois que liguei pra você. Devia ter ligado pra eles primeiro, mas eu... eu entrei em pânico. Parecia que, de alguma forma, isso era minha culpa. — Ele tira o molho de chaves da calça e o encara como se não soubesse como ele foi parar ali. — Acho que por conta disso.

— Sua culpa? Por conta das... — Nate para de falar, muito confuso para fazer qualquer coisa além de encerrar as chaves. — Onde você achou isso?

O Sr. Macauley puxa e solta o elástico mais uma vez.

— Bem, eu fiz o que você falou. Refiz meus passos no trabalho, fui em todos os lugares que estive na semana passada, e quando cheguei no galpão... elas estavam lá, penduradas na fechadura. Mas daí eu abri a porta e... — Ele olha por cima dos ombros. — É melhor a gente voltar. Não devia ter deixado ela sozinha, mas ouvi vozes e pensei...

Um calafrio percorre meu pescoço.

— Deixar quem sozinha? — pergunto.

Nate passa por nós depressa, abrindo a porta de uma vez. Ele puxa o ar e entra no galpão. Vou atrás, piscando enquanto meus olhos se ajustam à diferença de luminosidade. Nate está agachado do lado de uma das paredes, olhando para...

— Phoebe! — grito.

Chego a tropeçar em minha ânsia de me aproximar dela, meu coração disparado quando caio de joelhos ao lado de Nate. Phoebe está jogada contra a parede como se fosse uma boneca velha no lixo, as roupas sujas de lama e os cachos cor de bronze caindo sem vida em seu rosto pálido. Tudo que consigo pensar é *Chegamos tarde demais. Alguma coisa horrível aconteceu e chegamos tarde demais pra evitar.*

Então, Phoebe levanta a cabeça e pisca.

— Ai, graças a Deus — digo quase sem fôlego, ao mesmo tempo em que Nate grunhe:

— O que diabos aconteceu aqui?

— O quê? — pergunto enquanto seguro o queixo de Phoebe com uma mão e olho no fundo dos olhos dela. — Phoebe, você consegue me ouvir? Sou eu, Addy, e Nate. Você está segura. Já chamamos ajuda. — Os olhos dela se fecham mais uma vez, mas a respiração está regular, ela não parece estar machucada, a não ser por...

— Olha o *braço dela* — diz Nate, e quando meus olhos focam no braço de minha amiga, eu me assusto.

A palavra escrita no braço esquerdo de Phoebe parece ter sido feita de canetinha preta, as letras maiúsculas são grandes e grossas, e não tem como não ver:

PRÁTICA

CAPÍTULO 13

Phoebe

Terça-feira, 7 de julho

— Obrigada pela carona — digo, de maneira quase robótica, quando sento no banco do passageiro do carro de Cooper.

— Tudo bem — responde ele mais alto que o barulho. — Desculpe por todo o barulho.

— Não tem problema — aviso enquanto afivel o cinto.

O barulho é ruim, mas no geral... Quem se importa? É a primeira vez que saio de casa em quase dois dias, e provavelmente ainda estaria no meu quarto se Cooper não tivesse oferecido uma carona para me levar ao Café Contigo para encontrar o restante da Galera de Bayview. Até minha mãe, que está horrorizada com o que aconteceu no fim de semana do feriado, acha que estou segura com Cooper por perto.

— Nonny pediu que eu entregasse isto a você — diz Cooper, e se estica para pegar um pote plástico no banco de trás. — São cookies. Ela disse pra você passar lá quando estiver se sentindo melhor. Não precisa ser pra fazer nenhuma entrega.

— Agradece a ela por mim — digo engolindo em seco. — Eu vou passar.

E minha garganta se fecha antes que eu consiga dizer a ele que sinto muito por ter perdido o comercial. Eu assisti ontem à noite, e quase consegui sorrir.

— Como você está? — pergunta ele enquanto dá a ré para sair da garagem.

— Bem, acho — respondo. Uma resposta curta que não dá conta do fim de semana que tive. Não me lembro de muita coisa, já que, de acordo com os exames feitos pelo hospital de Bayview, eu estava com traços de sedativo no sangue. “Boa noite Cinderela?”, perguntei para a médica, segurando firme na camisola que o hospital me deu. “Então alguém...”, continuei. “Você foi drogada”, confirmou ela.

Uma onda de náusea e horror tomou conta de mim. Mesmo que eu estivesse completamente bêbada a ponto de não me lembrar de nada, eu não sabia, até aquele momento, que a perda de memória tinha sido *proposital*. Quando acordei, com Addy e Nate ao meu lado, a boca seca e a cabeça doendo, pensei que pudesse ter ido parar no galpão por conta própria. Mesmo depois que vi meu braço, pensei que algum idiota tivesse escrito aquilo na festa. Mas assim que o detetive Mendoza disse *Alguém deu drogas a você*, tudo que consegui pensar foi: *Quem? E por quê?*

Quando recobrei a consciência, minhas roupas estavam empoeiradas do galpão, mas não rasgadas. O nó que tinha dado em meu cinto enquanto estava no banheiro da casa de Nate ainda estava intacto. Isso me deixou um pouco aliviada, mas não mudava o fato de que alguém tinha batizado minha bebida, me tirado do quintal de Nate e então *escrito alguma coisa no meu braço*. Já limpei tudo, mas toda vez que olho meu braço, tenho certeza de que vejo a borda da palavra e que consigo sentir as letras, como se tivessem sido queimadas na minha pele.

— Uma pegadinha doentia e nojenta — disse um dos enfermeiros do hospital quando achou que eu não estava ouvindo. — Os jovens nesta cidade são odiosos, não?

Eles podem ser. Mas de alguma forma, acho que *pegadinha* não serve nem para começar a

descrever o que aconteceu comigo. A polícia me perguntou onde consegui bebida aquela noite, e a última coisa que lembro foi de Sean me entregar um copo. Ainda que não descartar a possibilidade de Sean Murdock drogar alguém, a médica disse que a substância não teria efeito tão imediato, e o fato de eu estar enxergando tudo em dobro enquanto conversava com Sean, Jules e Monica provavelmente significa que tomei o sedativo antes. Além disso, não tem nenhuma chance de Sean ter me levado até o galpão do colégio; Crystal pegou as chaves do carro dele e o mandou para casa com um amigo.

Antes disso, meus drinques tinham sido trazidos por Knox e Luis: duas pessoas em quem confio totalmente. Vanessa me deu mais um copo depois que saí de perto da Galera de Bayview, e depois roubei outro copo dela, o que a polícia achou digno de nota. Acho que posso ter pegado uma bebida batizada por engano, mas se alguém estava de olho em Vanessa, por que eu acabei arrastada para fora da casa de Nate e jogada no galpão?

E ainda tem o tempo que passei no quarto de Reggie, do qual quase não me lembro nada. Alguém pode ter me dado alguma coisa para beber lá? Foi o Reggie? Não acho que tenha sido, mas alguns flashes daquela noite parecem tão surreais que não tenho certeza do que realmente aconteceu desde que saí do banheiro até ser levada para fora da casa de Nate.

Tenho quase certeza de que não mandei nenhuma mensagem para minha mãe dizendo que dormiria na casa de Addy, porque não importa quão bêbada eu estivesse, nunca me esqueceria de que Addy estava brava comigo. Além disso, não tem nenhuma chance de eu ter conseguido escrever uma mensagem sem nenhum erro àquela hora da noite. Mas se não fui eu, quem foi? Tem que ser alguém que conhece meus amigos. Alguém que provavelmente segurou meu celular na altura do meu rosto para desbloquear, buscou “mãe” entre meus contatos e se certificou de que ninguém me procuraria por um bom tempo.

Ah, Phoebe. Você cometeu um erro terrível.

Alguém realmente disse isso ou eu estava sonhando? Não tenho certeza, ainda mais sendo o tipo de coisa que eu diria a mim mesma.

Tento parar de pensar nisso e me concentrar no caminho.

— Você passou da entrada do Café Contigo — comento enquanto Cooper dirige.

— É, eu sei. Pensei em levar você a outro lugar primeiro, se estiver tudo bem. É logo ali.

Isso aguça minha curiosidade, ainda que contra a minha vontade.

— Aonde?

— À loja de carros onde Manny trabalhava — responde ele, fazendo mais uma curva.

— Eu... Tá, tudo bem. Você vai levar o carro pra consertar? — pergunto, confusa.

— Não, não é nada disso — diz Cooper. Ele entra em um terreno baldio cercado por correntes e para ao lado do carro mais destruído que já vi. Está sem os quatro pneus, sem para-choque ou para-lama, e coberto de ferrugem e batidas. — Tiraram tudo que dava pra vender, e daqui a pouco vão levar o que sobrou pro ferro-velho. Mas antes disso, bem... Deixa eu mostrar uma coisa pra você.

Saímos do Jeep e Cooper pega um martelo enorme que estava encostado no carro.

— Depois que Simon morreu, quando tudo ficou pesado demais, Luis me trouxe aqui. Tinha outro carro igual a este. Ele me deu a marreta e me falou para bater no carro o tanto que eu conseguisse até me sentir melhor. Parecia uma ideia idiota até que segui o conselho dele. E como isso me ajudou, achei que poderia te ajudar também.

Pisco algumas vezes enquanto o encaro, sem conseguir me mover, e ele pega a marreta e bate de leve, um pequeno amassado na porta do motorista.

— Phoebe, eu não sei o que significa passar pelo que você passou na noite de sábado. Mas eu sei o que é sentir que sua vida não pertence mais a você. E sentir como se você não pudesse falar nada sobre isso.

Cooper levanta a marreta e olha fixamente para o carro.

— Quando contei para Nonny o que tinha acontecido, sabe o que ela disse? Ela disse: “Isso é horrível, ainda mais porque aquela garota já está sofrendo demais.” — Meus olhos marejam enquanto ele continua a falar. — Perguntei o que ela estava querendo dizer com aquilo, e ela respondeu: “Bem, ela não me contou nada específico, mas eu sei que ela está sofrendo.” Nonny

nunca erra sobre essas coisas. — Cooper se vira e me entrega a marreta. — Você não precisa me contar nada. Mas se bater em alguma coisa ajudar... vá em frente.

Eu pego o cabo sem muita firmeza. A sensação nas minhas mãos é boa, mas meus pés continuam cravados no chão, por tanto tempo que Cooper diz:

— Se for uma péssima ideia, podemos ir embora.

— Não — respondo, respirando fundo ao erguer a marreta. — Não é uma péssima ideia.

Ando em direção ao carro, miro e acerto a porta do motorista com toda a força que tenho. É incrivelmente satisfatório ver o amassado que fiz, então me afasto e bato mais uma vez. Depois vou em direção ao teto antes da próxima marretada. E mais uma, e outra, e outra, por cada uma das coisas horríveis que aconteceram comigo nos últimos meses. Descobrir como meu pai morreu, o jogo de Verdade ou Consequência, a morte de Brandon, a confusão com Emma, o plano de Jared, o machucado de Nate, as mentiras de Owen. A sensação de que preciso me afastar de Knox e Maeve e Addy e de todo mundo de quem eu gosto, e então ser *drogada e arrastada para dentro de um maldito galpão...*

Bato no carro tantas vezes que, se meus braços fossem tão fortes quanto a tristeza e a raiva que pulsam em minhas veias, eu o teria transformado em pó. Quando termino, ele ainda está de pé, mas parece ainda mais só um monte de amassados. Finalmente paro, com a respiração acelerada, e olho para Cooper, que me encara com gentileza e sem julgamentos.

— Obrigada. Você tinha razão, eu precisava disso — digo.

CAPÍTULO 14

Phoebe

Terça-feira, 7 de julho

Quando eu e Cooper finalmente chegamos ao Café Contigo, o restante da Galera de Bayview já se reúne no novo deque no terraço — menos Nate, que está trabalhando. Evie caminha entre as mesas com uma bandeja de bebidas e me dá um leve aperto no ombro quando passa por mim. Todos me ligaram, mandaram mensagem e ofereceram companhia, mas não consegui olhar para ninguém até hoje.

Por isso, não sabia o que esperar, mas... é bom. Muitos abraços, preocupações e raiva pelo que passei. Por alguns minutos, sinto como se estivesse de volta ao momento pré-Jared, quando eu fazia parte do time e não tinha nada a esconder. Provavelmente o fato de eu estar fisicamente exausta por ter batido no carro me ajuda a não ficar tensa. E como o deque ainda não está aberto ao público, parece um encontro privado.

Em algum momento, depois que Evie deixou uma bandeja, Maeve abre o laptop com um floreio.

— Então, se já estamos prontos para dividir informações, tenho coisas a dizer.

Meu estômago se revira de medo de que ela tenha encontrado alguma coisa sobre Owen. Mas se ela tivesse, não estaria me olhando nos olhos com uma preocupação tão acolhedora.

— Estamos prontos — digo, e dou uma olhadinha para Knox ao meu lado. Ele parece um pouco enjoado por conta da altura, e está segurando o copo de Sprite com as duas mãos. — Estão todos confortáveis aqui no deque? Também podemos ir para...

— Eu estou bem. Pode falar, Maeve — interrompe Knox, afrouxando um pouco as mãos no copo.

— Então, passei as últimas quarenta e oito horas caçando o fórum de vingança, quase sem parar — anuncia Maeve, contendo um bocejo, e só agora percebo as olheiras em seu rosto. É óbvio que ela fez isso, ninguém consegue parar Maeve quando ela tem uma missão.

— A não ser pelas duas horas que você dormiu em cima de mim essa tarde — diz Luis carinhosamente.

— Você devia ter me acordado — responde Maeve, um olhar sério em direção a ele. — Perdi um tempo valioso. Mas de qualquer forma, encontrei... um monte de nada.

— Nada? — repete Addy.

— Quer dizer, não é *nada* nada — explica Maeve e se ajeita na cadeira. — Consegui rastrear um monte de caras que postavam no fórum e...

— Como você conseguiu fazer isso? — interrompe Kris.

— Foi fácil. Eu tinha prints da tela com o username deles, então comecei por aí. Mas, além disso, eles deram muitas informações pessoais nas próprias postagens, que eles achavam que seriam apagadas.

— Nem pergunte como ela consegue essas coisas. Meros mortais não conseguem entender — sugere Bronwyn enquanto toma um gole de sua bebida.

— Por fim, um monte deles acabou indo pro Toq — conclui Maeve.

— Toque? — pergunta Kris.

— Isso. Se pronuncia T-O-Q-U-E mas se escreve só T-O-Q. É um desses aplicativos gratuitos pra se postar o que quiser, mas que começa a ficar conhecido quando as pessoas querem falar coisas horríveis nas redes sociais normais. É um lugar cheio de racistas, de gente que acredita em teoria da conspiração, e isso faz com que seja um espaço ótimo pra esses fracassados se esconderem. Ninguém em sã consciência quer perder tempo ali. — Maeve faz uma careta e mostra seu celular. — Eu sei disso. Agora tenho um login. Meu nome lá é Tami Lee Spencer, e vocês não querem nem saber quais são meus hobbies.

— Eca! Fazendo um esforço pelo coletivo, Maeve — elogia Knox com uma careta.

— Os caras do fórum de vingança entraram há alguns meses, e eles postam sempre. Eles falaram do Jared mais de uma vez, usando só as iniciais JJ, mas sei que é ele. O problema é que nenhum deles parece se importar com o que aconteceu com Jared. Eles não estão bravos nem planejando vingar o amigo. Na verdade, acham que Jared é um idiota por ter sido pego.

— Eles falaram alguma coisa sobre o Eli? Ou sobre o escritório ou... — pergunta Addy.

— Não. Eu li todos os posts deles no Toq e outras coisas parecidas em outros aplicativos, mas imaginei que isso não seria o suficiente para você então... — A boca de Maeve se transforma em uma careta, como se ela tivesse chupado um limão. — Desde ontem à noite, Tami Lee tem trocado mensagens privadas com um usuário anônimo conhecido como Jellyfish.

Knox fica boquiaberto e diz:

— Espera aí... Você está falando do cara que sempre postava no fórum sobre querer se vingar da professora?

— O próprio. E ele *ainda* está falando essas coisas. Além de tentar convencer Tami Lee a ir num rally de monster-truck com ele.

Luis coloca a mão no peito como se estivesse sofrendo.

— Não acredito que você está me traindo com um cara que tem um nome desse. E uma corrida de monster-truck pode ser legal, não é?

— Não — responde Maeve.

— Dá uma chance. Se pergunte, *O que Tami Lee faria?* — diz Luis. Mas sua expressão fica séria e ele diz: — Ele não vai conseguir rastrear quem você é de verdade, não é?

Maeve nega veementemente com a cabeça.

— Sem chance. Tenho sido cuidadosa. — Ela se vira para Addy e continua: — Tenho tentado ganhar a confiança dele. Ele fica contando vantagem sobre um monte de coisas, mas nada relacionado a Phoebe, ao jogo de Verdade ou Consequência nem ao outdoor. Não fala nada de Simon, Eli, Emma nem de Jake. Nenhuma referência é feita por esse cara, que supostamente se chama Axel, mas esse nome deve ser tão verdadeiro quanto Tami Lee, ou qualquer um dos outros. Vou continuar monitorando, evidentemente, mas realmente não acho que eles estejam planejando alguma coisa.

Cooper baixa o garfo e percebe que ele limpou metade da bandeja de petiscos enquanto Maeve falava. Eu, por outro lado, não comi nada. Pego uma empanada e mordo a beiradinha enquanto Cooper diz:

— São boas notícias, certo?

— Acho que sim. Para Eli e Ashton com certeza — afirma Maeve, e Addy suspira. — Mas não nos dá pistas sobre o outdoor ou sobre o que aconteceu com Phoebe. É só o que tem aparecido nas redes sociais, nada além disso.

Addy passa o garfo pela porção de guacamole até então intocada em seu prato. Não parece que o apetite dela está melhor que o meu.

— Bem, e se... Alguém acha que *Jake* pode ter feito isso com Phoebe? — pergunta ela.

Um arrepio passa por mim quando Kris pergunta:

— Mas ele está sendo monitorado, não?

— Supostamente — pondera Addy. — O lance é que... — Ela olha para mim com compaixão. — Desculpa tocar neste assunto, Phoebe, mas podemos falar sobre seu braço?

— Tudo bem — respondo, as letras-fantasma coçando quando dou mais uma mordida na

empanada.

— Fiquei pensando no que a palavra poderia significar. E acabei me lembrando do que você me falou quando Jake trocou o pneu do seu carro. Você contou que não quis agradecer, então disse alguma coisa tipo *Eu preciso aprender a trocar o pneu*. Não foi? — Concordo com a cabeça, e Addy continua: — E ele respondeu, *Você só precisa de prática*.

Todos na mesa ficaram em silêncio. Kris fica parado com o garfo no ar, Knox fica boquiaberto, e os olhos de Bronwyn e Maeve estão tão arregalados que elas ficam ainda mais parecidas. A empanada que estou mastigando parece terra, e preciso tomar um gole grande de Coca Diet para conseguir engolir. Cooper é o primeiro a falar, e é quase como se ele estivesse soltando o ar quando diz:

— Nãããão. Não pode ser... É só uma coincidência, certo? Praticar *pra quê*?

— Pra mim — diz Addy.

— Addy, não! — exclama Bronwyn, e é então que a mesa vira um caos, todo mundo tentando assegurar Addy de que não é isso que está acontecendo.

— Isso é impossível. As pessoas saberiam. Ele está com uma tornozeleira eletrônica! — declara Maeve, a voz se destacando no barulho.

— Mas ele pode andar pelo Colégio Bayview. Ele pode ter roubado as chaves do pai de Nate. Ele até estava lá no dia em que encontramos a Phoebe — explica Addy.

— Com o supervisor da condicional dele. E deve ter um tipo de limite, não? Tenho certeza de que se Jake estivesse lá na noite em que uma garota desapareceu, alguém teria reparado — apontou Cooper.

— É surpreendente que você acredite tanto assim na polícia sendo morador de Bayview — diz Addy, seca. — Além disso, tudo de que Jake precisa é um amigo com habilidades como as de Maeve. Se ele passar meia hora na dark web, ou onde quer que seja, ele aprende a driblar o rastreador. — Maeve abre a boca para protestar, mas logo fecha porque... é verdade. Ela provavelmente conseguiria fazer isso. — E, Cooper, lembra do carro vermelho que vimos do lado de fora do escritório de Eli? Aquele com a capota marrom? Bem, Nate e eu vimos o mesmo carro na casa do vizinho dele, logo antes de irmos para o Colégio Bayview no dia que encontramos Phoebe. E Jake sabe muito bem onde é o galpão, e...

— Addy, para com isso — pede Bronwyn, parecendo um pouco desesperada. — Não faz sentido... Por que Jake faria uma coisa dessas? Tudo que ele precisa fazer é ficar na dele e... — Ela para a frase no meio, visivelmente sem querer terminar com *E ele será um homem livre*.

— Desde quando as ações de Jake fazem sentido? — pergunta Addy.

— Tudo bem, você tem um bom argumento — responde Bronwyn, convencida. — É normal você estar preocupada, Addy, mas ele não conseguiria hackear o outdoor nem distribuir os flyers pela cidade. Isso começou antes de ele ser solto.

Addy bufando diz:

— Lembra daquele artigo sobre Jake no *Bayview Blade*? Dizia que ele tinha dezenas de contatos. *Dezenas*. Só Deus sabe o tipo de coisa que alguém pode acabar fazendo quando está sob o feitiço dele. — Ela se virou para mim, com urgência em sua expressão. — Phoebe, você viu alguém parecido com Jake na festa? Ou um carro vermelho? Ou tem mais alguma coisa que você ainda não tenha contado pra gente e que possa ajudar?

Todo mundo olha em minha direção; meu rosto fica vermelho e baixo os olhos para meu prato. Penso no que Cooper me disse mais cedo, na loja de carros: *Sei o que significa sentir que sua vida não pertence mais a você. E sentir como se você não pudesse falar nada sobre isso*.

Seria um alívio enorme jogar na mesa a verdade sobre Owen. Mas Emma tinha finalmente me ligado no domingo à tarde e prometido vir para casa assim que achasse um voo barato. “Desculpa eu estar longe quando você precisou”, ela disse. “As coisas têm sido difíceis por aqui, mas isso não é desculpa. Só não faça mais nada até eu chegar, tá? Temos que resolver uns problemas.”

Estava cansada demais para perguntar *Quais problemas?*, então só respondi que sim.

Mas preciso falar *alguma coisa* para Addy.

— Eu me lembro de um papel de parede.

— Como assim? — pergunta Addy ao piscar.

— Eu já falei pra polícia. Não sei nem se é uma memória real, mas... Acho que acordei em algum momento e estava em um lugar que não sei onde é, e tudo que consegui ver foi o papel de parede. Verde, com alguns ramos interligados. Mas talvez tenha sido só um sonho, porque não me lembro de mais nada, e...

— Ramos — interrompe Addy, o rosto tão pálido que é possível ver as sardas claras em sua pele. Ela se vira para Cooper e continua: — Você está pensando no mesmo que eu?

— Eu... provavelmente não — responde Cooper com cautela.

— O solário. Na casa em Ramona.

Olho para todos à mesa para ver se alguém está entendendo a referência, mas todo mundo parece tão confuso quanto eu. O que quer que seja que Addy e Cooper estão falando, é alguma coisa só deles.

— Em Ramona... O quê? Não. Aquilo não eram ramos. Eram... tipo trigo — diz Cooper.

— Eram ramos. E eram verdes — insiste Addy.

— Do que vocês estão falando? — pergunta Bronwyn olhando de um para o outro.

Addy puxa seu brinco mais uma vez.

— Já vi um papel de parede verde com ramos antes. *Não* era trigo — diz ela, olhando para Cooper. — Numa casa de férias em Ramona, sabe, perto das montanhas Cuyamaca. A uma hora daqui. — Ela suspira antes de dizer: — É da família de Jake.

Simon

Seis anos atrás

Para Simon, a casa de férias de Jake era como a família de Jake: insossa, pouco prática e um tanto prepotente.

Por exemplo, a mobília da sala de estar. Que tipo de família com um filho adolescente decoraria um cômodo inteiro com móveis brancos? Os Riordan fariam isso. A culpa era deles por Simon colocar os tênis sujos em cima do sofá enquanto abria o caderno e destampava a caneta. Ele finalmente estava sozinho, já que o Sr. e a Sra. Riordan estavam fora *procurando antiguidades*, o que quer que fosse isso, e Jake estava tirando um cochilo no quarto.

Ou fingindo estar. Mas isso não importava para Simon.

Ele passa as páginas até encontrar a que está procurando: *Pessoas que eu odeio*.

Conciso e direto ao ponto. Simon não gostava de desperdiçar palavras ao catalogar seus rancores. Ele adicionou *Bronwyn Rojas* na última semana, depois que os dois participaram do mesmo curso preparatório de verão para a ONU. Bronwyn morava em Bayview também, mas tinha feito o ensino fundamental em St. Pius em vez de na Academia Buckingham como Simon e Jake, então Simon não a conhecia antes. Ele soube de imediato que estariam em todas as mesmas turmas avançadas no ensino médio, e ela provavelmente competiria com ele para obter as notas mais altas. *Ela não é mais inteligente do que eu*, decidiu Simon enquanto a garota de cabelos escuros terminava seu argumento. *Mas provavelmente vai se esforçar mais*.

Nariz em pé, ele tinha escrito em seu caderno. *Voz irritante. Insegura*. Ele também escreveu *Feia*, mas depois de pensar um pouco, riscou a palavra. Simon tinha orgulho de ser duro, mas honesto, e a aparência de outras pessoas era sempre um teste de sua objetividade. Só porque ele não achava Bronwyn Rojas nada bonita, não significa que outra pessoa não acharia. Alguém com péssimo gosto, óbvio, mas ainda assim.

Contudo, hoje Simon não estava interessado no que escrevera sobre Bronwyn. Em vez disso, ele virou para uma página em branco e começou a escrever.

Jake Riordan

Péssimo no videogame

Assiste a reality shows não ironicamente

Fica se olhando no espelho

Simon continuou escrevendo, passando a caneta pelo papel fino de seu caderno. Ele tinha pensado em fazer uma página para Jake antes, claro, porque Jake podia ser muito irritante. Mas ele ainda não tinha feito por algum tipo de lealdade equivocada que, percebeu agora, não era recíproca.

Jake e o pai gostavam de acordar às sete da manhã para correr, e eles sabiam que não adiantava convidar Simon. Ele normalmente dormia até meio-dia, mas estava agitado e desconfortável na cama — o colchão era como um travesseiro gigante, macio demais pra ele —, então hoje Simon levantou mais cedo que de costume e saiu da casa. Depois andou pelos dois acres de terra dos Riordan, tão entediado que literalmente chutava pedrinhas no chão quando ouviu as vozes.

— Então por que você o convidou?

Era o Sr. Riordan exalando uma respiração de quem estava se exercitando. Havia diversos equipamentos de ginástica pelo lugar, de forma a parecerem parte da paisagem. Uma barra de pull-up numa árvore, por exemplo. Era provavelmente isso que eles estavam fazendo, porque Jake de repente estava obcecado em ter belos bíceps. E um *tanquinho*.

— Quem mais eu convidaria? — perguntou Jake irritado.

— Quem você quiser. Pelo amor de Deus, Jake, você é um Riordan. Desde quando os Riordan têm que se contentar com os Simon Kellehers do mundo? Você deveria sair com o cara lá de Mississippi. O fenômeno do beisebol.

Simon parou perto da clareira, tentando entender o efeito que as palavras do Sr. Riordan tinham causado. Ele jamais gostara do pai de Jake, mas não havia considerado que o sentimento podia ser mútuo. Estava surpreso, achava, mas no fundo era indiferente, porque ele não se importava com o que Scott Riordan pensava. Jake, por outro lado... Jake estava mesmo reclamando de Simon? Agora, *isso* era ofensivo, ainda mais porque Simon sempre tivera um pouco de orgulho em ser amigo de Jake. Ele era irritante, claro, mas tinha o potencial para ser muito mais. Uma pessoa importante no Colégio Bayview, um lugar que Simon estava determinado a ocupar quando chegasse lá. Simon achava que Jake via o mesmo potencial nele.

— Cooper — disse Jake. — Eu estou tentando.

Isso era novidade para Simon. Ele ainda não tinha uma página para seu ódio por Cooper, mas provavelmente era só uma questão de tempo. Ninguém que era tão adorado por todos escapava de ser um babaca.

— Ora, tente mais. Ou venha até aqui sozinho e use o tempo para malhar. Escreva o que estou dizendo: tem alguma coisa estranha naquele garoto Kelleher — disse o Sr. Riordan.

— Eu sei. Você tem razão, pai. Você sempre tem razão.

Agora Simon escreveu com cuidado *Filhinho de papai* na lista. Então parou quando o som de pneus chegou aos seus ouvidos. Parecia que os Riordan tinham voltado de sua caça a antiguidades, e isso era motivo suficiente para tirar Simon do sofá em busca de um esconderijo. Ele foi para o segundo andar, para uma varanda pequena no quarto de hóspedes de onde ele podia ouvir qualquer um que entrasse na garagem, mas ninguém conseguia vê-lo. Ele tinha sido tomado de uma repentina certeza de que os Riordan estariam falando dele — provavelmente tinham passado todo o tempo de sua busca por antiguidades tramando como mandar Simon para casa mais cedo —, e ele queria saber exatamente o que tinham a dizer.

No fim, Simon não era o centro do universo deles.

— Eu não consigo acreditar, Katherine — disse o Sr. Riordan severamente. Ele não bateu a porta do carro, porque era um BMW novinho, mas Simon percebeu pela sua voz que ele queria ter batido. — É uma viagem de família.

— Eu sei, e eu sinto muito. Mas estamos num ponto crucial da campanha. Queria poder confiar em outra pessoa para gerenciar a criação, mas não tenho como fazer isso.

— Você precisa aprender a delegar funções.

Chato, pensou Simon. Ele já tinha ouvido o suficiente e estava quase saindo da varanda quando o Sr. Riordan disse:

— Caso contrário, você vai continuar a ser um péssimo exemplo para Jake.

— Péssimo exemplo? Por levar meu trabalho a sério? — ecoou a Sra. Riordan.

— Por se importar mais com seu trabalho do que com esta família.

— Mas eu... Isso é... — Mesmo no segundo andar, Simon conseguiu ouvir a Sra. Riordan suspirando profundamente. — Como você pode dizer isso, Scott, viajando do jeito que viaja? Pelo menos meu trabalho é aqui! Nunca perdi um jogo do Jake ou uma reunião de pais e mestres ou...

— Então é culpa minha você estar obcecada pelo trabalho?

— Não estou *obcecada*...

— Vai logo, Katherine — interrompeu o Sr. Riordan. O tom dele era brusco, desdenhoso. — Eu cuido do jantar. Como sempre.

A porta da frente bateu e o silêncio reinou por tanto tempo que Simon achou que a Sra. Riordan tinha saído também.

— Como se fosse difícil pedir comida — murmurou ela por fim, e Simon quase riu alto.

No fim das contas, a Sra. Riordan não tinha sangue de barata. Pena que isso só aparecia quando estava sozinha. Ela ficou em silêncio mais um tempo, e quando falou, a voz estava completamente diferente. Estava alta e cheia de energia, o tom de voz que você escuta e sabe que a pessoa estava sorrindo, mesmo que não pudesse ver.

— Estarei aí em uma hora. Só preciso pegar algumas coisas. — Depois de uma pausa, ela disse: — Também mal posso esperar.

Simon olhou pela beirada da sacada enquanto a Sra. Riordan desligava o celular e se virava em direção a ele. Ela só precisaria olhar para cima para vê-lo, mas não fez isso, e Simon conseguiu olhar bem o rosto dela antes de entrar.

Sua expressão deixava uma coisa bastante evidente: a Sra. Riordan gostava mais do trabalho do que do marido.

CAPÍTULO 15

Nate

Quarta-feira, 8 de julho

É interessante observar as pessoas que acham que estão sozinhas. Como a Sra. Riordan, que finalmente, depois de sua parceira de tênis sair da mesinha de canto onde as duas estavam no Bayview Country Clube, desfez o sorriso que tem se forçado a usar. Agora ela está com a cabeça baixa, pressionando os dedos nas têmporas como se precisasse esquecer o que elas acabaram de conversar.

Ou Vanessa, que finge estar entretida com o celular, no corredor que leva da piscina ao bar, mas não para de olhar para a Sra. Riordan como se esperasse ela parecer menos triste. Vanessa é do tipo que está sempre no comando de suas ações, então é estranho vê-la tão insegura sobre como agir, ainda mais se tratando da Sra. Riordan. As palavras de Addy no Café Contigo voltam à minha mente: *Lembra daquele artigo sobre Jake no Bayview Blade? Dizia que ele tinha dezenas de contatos.* Seria possível que um deles fosse... Vanessa?

Minha curiosidade faz com que eu fique muito tempo olhando para a distraída Vanessa, que Gavin, o bartender em serviço hoje, cutuca meu braço com o dele enquanto limpo o balcão e diz:

— Pensei que você só tinha olhos pra sua namorada.

— Ahn? — pergunto, mas meio segundo depois entendo o que ele está dizendo. — Ah, cara, não — digo e desvio o olhar antes que Vanessa também perceba que estou olhando. A última coisa que preciso é que ela ache a mesma coisa. — Fiquei perdido em pensamentos por um segundo.

— Tem certeza? — pergunta Gavin com um sorriso de canto de boca. Fico olhando para ele sem dizer nada por tempo suficiente para que ele levante a mão em um gesto conciliatório. — Tudo bem, tudo bem. Não quis colocar em dúvida o amor da sua vida. Só estou perguntando porque acho ela bonita. Vanessa, não Bronwyn. Bem, Bronwyn *também* é bonita, mas ela é supercomprometida e você é meio barra pesada e tenho medo de você, então... — Ele levanta as duas mãos, e eu reluto, mas solto uma risada. — O que você acha? Ela está solteira?

— Você está falando da Vanessa, né?

— Claro. Você acha que eu quero morrer?

— Não faço ideia.

Ele passa a mão pelos cabelos e diz:

— Você consegue descobrir pra mim?

— Não — respondo de uma vez e ele suspira.

— Pelo menos eu tentei — diz ele enquanto um grupo de homens que parece ter acabado de jogar uma partida de golfe senta-se do outro lado do bar. — Quanto tempo você ainda vai ficar hoje?

— Meia hora.

— Vai fazer alguma coisa mais tarde?

— Vou. Bronwyn e eu vamos fazer um jantar pro meu pai.

Ou melhor, eu vou acabar fazendo tudo, porque Bronwyn segue as receitas tão à risca que é capaz de o jantar ficar pronto meia-noite se eu não fizer. A quantidade de tempo que ela consegue passar medindo uma xícara de arroz é impressionante. Maeve é ainda pior. As irmãs Rojas têm muitas habilidades, mas nenhuma na cozinha.

— Que bonitinho — diz Gavin com um sorriso. Então ele acena para os caras do golfe e diz: — Só um minuto, senhores.

Enquanto conversávamos, Vanessa foi até a mesa da Sra. Riordan, e agora ela está sentada na beirada do banco, falando animadamente. Olho o bar em formato de U para ver se alguém precisa de mim. As mães loiras no canto ainda estão em posse de suas margaritas de pêssego, os dois velhos na minha frente estão tão ocupados falando sobre alguém que vai concorrer a uma vaga no Congresso que não tocam em seus uísques, e o cara sozinho que acabou de chegar é...

— Que porra é essa?

As palavras saem da minha boca em um rugido antes que eu consiga lembrar que estou trabalhando e que não devo me exaltar com pessoas que se debruçam sobre o balcão com dinheiro entre os dedos. Mesmo quando essa pessoa é o maldito Jake Riordan.

— Bom ver você também, Macauley — cumprimenta ele.

Cruzo os braços no tampo do bar para não avançar nele. Esse *babaca*. Andando por aí de camiseta polo e calça bege como se fosse o mesmo engomadinho que sempre foi. Como se não devesse ficar atrás das grades para o resto da vida pelo que fez com Addy. Comigo. E Bronwyn, e Cooper, e Janae, e Simon...

Jake joga uma nota de vinte no balcão. O cabelo dele está crescendo, e ele se parece mais com sua versão do Colégio Bayview.

— Chardonnay, por favor — pede ele.

— Se manca — respondo.

Ele levanta as sobrancelhas e diz:

— É pra minha mãe.

— Foda-se.

— Você vai fazê-la vir até aqui e pedir?

Ele não está entendendo, então falo em alto e bom som:

— Fo-da-se.

Mas Jake se senta em um banco com um sorrisinho no rosto.

— Isso deve tirar você do sério, não é? — pergunta ele, no mesmo tom supostamente amigável que os caras do golfe usam comigo quando querem me fazer conversar sobre esportes. — O fato de que, mesmo eu sendo um criminoso condenado, erroneamente, preciso dizer, você ainda tem que me servir. E sempre vai ser assim. — Os olhos dele estão brilhando quando coloca os braços no tampo do balcão. — Daqui a dez anos, vou ter dinheiro para comprar dez clubes como este, e você ainda vai estar aqui, juntando moedinhas para pagar a faculdade. Talvez até volte a vender drogas. Foi a época em que mais teve dinheiro, não foi?

Fico irado e minha mão direita se fecha em punho. Consigo ouvir a voz de Bronwyn em meu ouvido dizendo: *Não faça nada, ele não vale a pena*, mas a verdade é que... ela não está aqui, então ela não está olhando para a cara extremamente arrogante de Jake clamando por um soco.

— Sabe o que estou esperando? — continua Jake, ainda sorrindo e relaxado, como se fosse dizer *Nosso encontro de cinco anos* ou relembrar o ótimo tempo que passamos no colégio. O tom de voz dele fica mais sério, mas é baixo e ninguém além de mim o escuta. — Que você perca tudo, Macauley. Seu trabalho, seus amigos patéticos, seus pais viciados e, mais ainda, sua namoradinha presunçosa. Porque assim que ela sumir, você vai despencar tão rápido que...

Não raciocino quando parto para cima dele, mas alguma coisa me puxa para trás, braços firmes em minhas costas.

— Hoje não é dia de perder o emprego — murmura Gavin em meu ouvido. Ele é bastante forte e me joga para trás, assustando as mães-margaritas-de-pêssego. — Vai embora, Nate. Vai andar de moto ou qualquer coisa. Seu turno está quase acabando, não tem motivo para ficar

aqui e deixar esse babaca ficar te provocando. Se chegar perto dele, ele vai fazer você ser preso por agressão. Não dê a ele exatamente o que ele quer.

Meu Deus, eu odeio que Gavin tenha razão. Odeio que minha única opção seja sair daqui e deixar as palavras de Jake ecoando em meu ouvido enquanto Gavin resolve as coisas. Odeio que Jake esteja de volta às ruas e que não exista nada que eu possa fazer. E, talvez o principal, odeio que em menos de cinco minutos ele tenha conseguido extrair todos os meus piores pesadelos de dentro do meu cérebro e esfregar tudo na minha cara.

Algumas coisas nunca mudam.

A Sra. Riordan já está ao lado de Jake, reclamando com ele, a voz tingida de preocupação, e Jake levanta as duas mãos.

— Estou indo, estou indo — diz ele. — Tenho coisas a fazer. — Ele olha em meus olhos e acena, sarcástico. — Vejo você por aí, Macauley.

— Aquele é...? — pergunta uma das mães-margarita-de-pêssego.

— Você sabe muito bem quem ele é — responde outra. — É assustador que ele possa vir aqui. Deveríamos reclamar na gerência.

A terceira mulher toma um longo gole do drinque antes de dizer:

— Pode bater nele, Nate. Vou dizer pra todo mundo que foi legítima defesa.

— Vocês não estão ajudando, senhoras — diz Gavin. Ele acaba me soltando quando Jake está fora do nosso campo de visão. — Não se preocupe com aquele cara. — O maxilar de Gavin se tensiona quando ele vê Vanessa levando a Sra. Riordan de volta para o canto. — Eu acredito muito em carma, e Jake Riordan vai pagar caro por tudo.

— Eu achava isso também. Mas infelizmente o sistema judiciário não pensa assim — digo.

— Tenha fé no futuro. Paciência é uma virtude — diz Gavin.

— Que seja.

Eu deveria agradecer a ele, sei disso, mas não consigo, então pego minhas chaves embaixo do balcão e saio sem dizer mais nada. No caminho até o estacionamento, desbloqueio meu celular e vejo uma mensagem de Bronwyn. Ela saiu mais cedo do estágio para comprar as coisas do jantar. *Olha estas compras*, escreveu ela ao enviar uma foto de vários legumes que pegou na feira. *Marquei você no story do IG, o que você saberia se ENTRASSE NO APLICATIVO.*

Encarei meu celular por alguns segundos. Um bolo de ressentimento e ódio por mim mesmo cresce em meu âmago, e quero responder: *esqueça o jantar*. Esqueça tudo, Bronwyn, porque você é boa demais pra mim e um dia desses vai acabar percebendo isso. Prefiro que seja agora e não no futuro, porque quanto mais tempo ficarmos juntos, pior eu vou me sentir.

Então eu respiro fundo e prendo o ar o máximo que consigo antes de mandar uma resposta normal. *Talvez eu entre*, com um coração para que ela saiba que, se um dia eu começar a usar qualquer uma das redes sociais que ela fez pra mim, vai ser só para ver minha namorada feliz. Bronwyn já provou várias vezes que quer ficar comigo, e não vou deixar Jake Riordan me fazer questionar essa decisão. Ou estragar tudo.

Mas é surreal a rapidez com que aquela vozinha que você achava que tinha calado consegue ressurgir em sua cabeça para dizer o merda que você é. Addy deve estar sentindo a mesma coisa, e sou tomado por um desejo repentino de ir até ela e dizer que ela é incrível e está destinada a ter uma vida maravilhosa. Mas então me lembro de que ela está em um jantar com a irmã e Eli, e acabo só mandando uma mensagem: *Você é incrível.*

Addy responde imediatamente. *Você tá bêbado?*

Guardo meu celular, com o humor um pouco melhor. Ela sabe que não estou.

CAPÍTULO 16

Nate

Quarta-feira, 8 de julho

— O Padres está mandando bem este ano — diz meu pai.

— É. Muito bem — respondo.

Eu não saberia confirmar, já que não assisto a beisebol — a não ser que Cooper esteja jogando —, mas é um dos assuntos favoritos do meu pai, e não exige muito esforço da minha parte. Estou sempre alerta quando venho para esta casa, tendo lembranças da época em que morei aqui. Está bem mais organizada do que costumava ser, e meu pai arrumou algumas coisas: o armário embaixo da pia, que chutei depois da morte de Simon, não está mais rachado. Mas ainda é o tipo de lugar que te faz querer desistir antes de tentar.

Bronwyn sabe disso, então tinha esperança de que ela chegasse antes de mim. Mas quando meu pai acaba com o assunto *beisebol* e olho para meu celular, percebo que ela está cinco minutos atrasada. Que é a mesma coisa de estar uma hora atrasada se ela fosse outra pessoa.

— Que estranho a Bronwyn ainda não ter chegado — digo, abrindo as mensagens para ver se perdi alguma coisa.

— Que horas ela disse que chegaria?

— Seis e meia — respondo enquanto pergunto por mensagem onde ela está. Espero que os três pontinhos apareçam na tela (Bronwyn responde mensagens na velocidade da luz) mas nada acontece.

Meu pai franze as sobrancelhas e diz:

— Sério? Ela está atrasada? Não é o tipo de coisa que ela faz.

Um arrepio toma conta de mim. Não, não é o tipo de coisa que ela faz. Meu pai conhece Bronwyn há pouco tempo, mas já sabe disso. Abro o Instagram dela: o último story é a foto que tirou na feira, onde ela escreveu *Próxima parada, Andre's Groceria!*

Se ela não está vendo as mensagens, com certeza não vai ver o Instagram, mas ainda preciso deixar um comentário de: *ME LIGA*. E um segundo: *por favor*.

Sinto o alívio em minha corrente sanguínea quando meu celular toca com uma chamada de vídeo, mas... não é Bronwyn. É Maeve, que está com a testa franzida quando atendo.

— Desculpa atrapalhar o aconchegante jantar em família, mas você pode falar pra minha irmã que se ela vai mudar a senha da Netflix, ela precisa salvar em *todos* os lugares porque...

— Maeve, ela não está aqui — interrompo.

— Como assim? Achei que vocês tinham combinado. — Maeve pisca, incrédula.

— A gente tinha. A gente combinou. Mas ela está atrasada e não respondeu minha última mensagem — digo enquanto a preocupação enche meu peito como um balão.

Maeve morde o lábio e diz:

— Nem a minha.

— Merda. — Eu me levanto depressa, quase sem reparar no olhar preocupado do meu pai quando saio da cozinha. Abro a porta de entrada e desço a escada, pulando o segundo degrau por força do hábito, já que meu pai finalmente consertou o buraco enorme que ficava ali.

Então encaro a entrada de carros, como se pudesse fazer o Volvo de Bronwyn aparecer com a força do pensamento. — Quando você falou com ela pela última vez?

— Uhm, acho que há uma hora e meia? Ela estava na feira e queria saber qual tipo de alface fica melhor na salada e eu disse: “*Como vou saber?*”, porque é óbvio que eu não tenho esse tipo de informação, então tentei falar com o Luis, mas ele está no trabalho e não atendeu, e... — A voz de Maeve fica um pouco mais fraca. — Então desligamos e não soube mais dela. E você?

— Mais ou menos na mesma hora que você. — O balão no meu peito fica cada vez maior, empurrando todo ar para fora dos meus pulmões quando ando até a calçada e olho para os dois lados da rua. Um carro está vindo pelo lado direito, mas mesmo de longe consigo ver que não é o de Bronwyn. Quando ele passa, eu continuo: — Não estou gostando disso. O que seus pais falaram?

— Eles estão num evento beneficente. Eles... Espera, espera um pouco. Addy está me ligando. Vou incluí-la na ligação. — Um segundo depois o rosto de Addy aparece junto com o de Maeve na tela. — Addy, você falou com Bronwyn hoje?

— Eu estou ligando pra perguntar isso pra você. Faz quase uma hora que mandei mensagem e ela ainda não leu, e isso nunca aconteceu antes, então comecei a pensar no que aconteceu com a Phoebe... — diz Addy.

— Merda. *Merda!* — Meu coração está disparado enquanto ando de um lado para o outro na frente da casa do meu pai, puxando meu cabelo com tanta força que não sei como ele não saiu na minha mão. Uma imagem toma minha mente: Jake Riordan se debruçando no balcão com um risinho sebo. *Sabe o que estou esperando? Que você perca tudo, Macauley.* E ele ainda teve a coragem de falar de Bronwyn: *Porque assim que ela sumir, você vai despencar tão rápido que...*

Sumir. Achei que aquele idiota estava falando de ela me largar. Mas e se ele estivesse falando de outra coisa? Lembro que encontrei Phoebe no galpão, drogada e apagada. Não sei por que Jake iria atrás de Phoebe, sendo que ela não fez nada para ajudar a colocá-lo na cadeia, mas enfim, ela foi só *prática*. Bronwyn, por outro lado...

Uma onda de raiva toma conta de mim. Se Jake Riordan sumir com um fio de cabelo de Bronwyn, vai ser a última coisa que ele vai fazer. Eu vou matar esse cara. Eu vou *matar esse cara*.

— Você consegue ver a localização do celular dela? — pergunta Addy.

— Bronwyn nunca ativa a localização. Ela acha assustador — diz Maeve.

— Tudo bem, não sei por que ela acha *isso* assustador, mas acha normal dizer sempre onde está no Instagram... Nate, *fica calmo* — diz Addy depois de sei lá qual barulho furioso que fiz. Nem eu sei. Não consigo pensar; quase não consigo respirar agora. — Vai dar tudo certo. A gente precisa...

— Eu vou matar esse cara — rosno.

Quando volto para casa, meu pai está na porta de entrada.

— Está tudo bem? — pergunta, mas não consigo responder. Preciso pegar minha moto e ir... para algum lugar. Para onde Jake iria se decidisse incluir Bronwyn nos joguinhos insanos dele?

— Matar quem? — pergunta Addy. — Nate, você está me deixando tonta. — Seguro meu celular para baixo com uma das mãos enquanto corro até minha moto.

— Jake — respondo enquanto passo a perna por cima do assento.

— O quê? *Explica isso* — exige Addy com uma voz fraca.

Seguro o celular de frente para meu rosto e consigo colocar as palavras para fora. Conto o que aconteceu no country clube, sem saber se aquilo faz muito sentido.

— Então eu vou encontrar Jake, e encontrar *Bronwyn*, e me certificar de que ele saiba que mexer com Bronwyn Rojas é o pior erro que uma pessoa pode cometer — termino.

Dizer o nome dela me acalma um pouco, me dá foco de um jeito que só Bronwyn consegue. Se alguma coisa estivesse realmente errada, eu saberia, não é? Eu sentiria, seria muito pior do que este pavor que estou sentindo agora. Deve ser um outro nível de dor quando sua alma é cortada ao meio.

— Você vai encontrar os dois onde? — pergunta Maeve.

— Tenho uma ideia — diz Addy no exato momento em que vou desligar o celular e ligar a moto. — A casa de férias de Jake em Ramona. O papel de parede, lembra? Acho que Phoebe pode ter sido levada pra lá na noite em que foi drogada, e se eu estiver certa, então...

— Me passa o endereço — digo.

— Não — responde Addy, firme. — De jeito nenhum eu vou deixar você fazer uma viagem de uma hora sozinho. Você vai perder a cabeça. Me dá cinco minutos pra pegar as chaves e chamar Maeve, e vamos nós três.

CAPÍTULO 17

Addy

Quarta-feira, 8 de julho

Fiz esse percurso para a casa de Jake em Ramona dezenas de vezes, mas nunca com Nate desesperado ao meu lado e Maeve no meio do banco de trás de olho no velocímetro.

— Cem por hora é o mínimo, Addy. Eles *esperam* que você vá mais rápido — diz ela.

— Estou quase a cento e vinte.

— Tem certeza? Porque a sensação é de passo de tartaruga.

— Não quero que a polícia me pare — digo, olhando pelo retrovisor para trocar de faixa. —

Em outras circunstâncias a presença da polícia seria boa, mas...

— Mas eles só diriam *Ah, ela está desaparecida há apenas duas horas*. — Maeve bufa. — E ainda fariam alguma coisa bem útil, tipo, *O que vocês estão pensando em fazer? Arrombar a porta e entrar?*

— Isso — grunhe Nate. É a primeira coisa que ele fala em quase meia hora, além dos sons guturais de raiva, então acho que é um progresso.

— Estamos quase chegando — aviso, pisando no freio ao sair da rodovia. É estranho estar nesta estrada de novo. A última vez que fui para Ramona com Jake foi algumas semanas depois de eu ter ficado com TJ Forrester. Estava muito tensa durante a viagem, com medo de deixar escapar alguma coisa e estragar tudo. Naquela época, eu não sabia o quanto alguma coisa podia ficar estragada.

Agora, quando penso naquele tempo com Jake, odeio tudo; mas pelo menos sei chegar a esse lugar. Pelo menos estamos fazendo alguma coisa em vez de sentar e esperar, preocupados. É muito melhor para minha saúde mental quando me movimento, ainda que meu coração não concorde plenamente com a minha cabeça; meus batimentos dispararam assim que vi a placa indicando esta saída, e não melhoraram desde então. Esta viagem parece metade corrida maluca e metade missão suicida. O que vamos fazer se Jake realmente estiver lá com Bronwyn? Talvez devêssemos ter chamado todo o Clube dos Assassinos, mas quase não consegui fazer Nate esperar até que eu e Maeve chegássemos à casa do pai dele. Ele teria entrado em combustão espontânea se eu sequer mencionasse que precisávamos de mais algumas paradas.

— Você tem alguma arma no carro? — pergunta Maeve de súbito, como se a mente dela estivesse pensando o mesmo que a minha.

— Arma? — repito. — O que você acha que eu fico fazendo no meu tempo livre?

— Não, não... Tipo um taco de beisebol ou algo assim. Talvez Cooper tenha deixado alguma coisa aqui?

— Cooper não anda por aí com tacos, Maeve.

— Claro que anda. É o trabalho dele — diz Maeve enquanto volta a encostar no banco. — Ou talvez uma pá de tirar neve? Embaixo do seu banco, quem sabe? — continua ela, com a voz mais baixa.

— Tá, antes de tudo, por que eu teria uma pá de neve se moramos no sudeste da Califórnia? E segundo, desde quando isso seria considerado uma arma?

— Mas não é uma coisa pontuda? Para enfiar na neve.
— Você acha que a gente precisa esfaquear a neve para tirar?
— Quer dizer... Você entendeu. Pra quebrar o gelo ou algo assim.
— Nunca vá morar na Nova Inglaterra, Maeve. Você não sobreviveria a um inverno — murmuro ao parar no sinal vermelho.
Ela vem mais para a frente de novo e suspira.
— Foi só uma ideia.
Antes de eu conseguir responder, o celular de Nate dispara um “MMMBop” do meio das mãos dele como se ele estivesse segurando uma boia salva-vidas. Nem Maeve consegue ser engraçadinha quando pergunta:
— É a Bronwyn?
— Eu... Eu não conheço este número — diz Nate, segurando o celular para nos mostrar a tela.
Maeve grita tão alto que eu dou um pulo, e meu pé escapa do freio, fazendo com que o carro avance. Graças a Deus não tem ninguém na minha frente ou eu teria batido.
— É o número da minha casa! Atende logo, atende!
Nate já está atendendo:
— Alô? — diz ele ao colocar o celular no viva-voz.
— Nate, me desculpa *mesmo*! — A voz de Bronwyn preenche o carro, e daí o caos se instaura: Maeve começa a gritar de novo, eu estou meio chorando, meio rindo nervosamente, e Nate repete o nome de Bronwyn várias vezes, como se fosse a única palavra que ele soubesse. Quando nos acalmamos, percebemos que o sinal já está aberto há algum tempo e os carros atrás de nós estão buzinando.
— Deixa eu encostar o carro — digo.
Bronwyn — repetiu Nate, a voz instável de tanta emoção. — Meu Deus. A gente achou...
— Onde você *estava*? A gente estava morrendo de preocupação! — grita Maeve.
— Maeve? Vocês estão... Quem está aí? — pergunta Bronwyn enquanto paro num posto de gasolina quase deserto e puxo o freio de mão.
— Eu, Nate e Addy. Bronwyn, o que aconteceu? Você está bem?
— Eu estou bem, mais ou menos. É só que... deu tudo errado. Eu queria comer framboesa com creme, de sobremesa, mas não consegui achar nenhuma boa, então pensei em colher algumas perto de Marshall's Peak. Sabe que tem aquele arbusto gigante perto das rochas, né? Mas quando cheguei lá, não tinha nenhuma madura. Então pensei em olhar e ver se achava outros arbustos mais pra dentro, e acabei entrando muito e indo parar num rio que nunca tinha visto antes. Peguei o celular pra olhar o mapa e... derrubei ele direto no rio. Tentei ir atrás dele, mas tropecei numa pedra e torci o tornozelo, e acabei caindo feio ao tentar levantar. Quando finalmente consegui me pôr de pé, meu celular já tinha sumido.
— Meu Deus! Quero zoar você, sua desajeitada, mas não posso porque a gente estava *apavorado*! — diz Maeve, os olhos marejados.
— Eu fiquei com medo disso. Sei que é um péssimo momento pra desaparecer, logo depois do que aconteceu com a Phoebe. Mas demorei muito pra achar o caminho de volta, ainda mais mancando. Na verdade eu estava ficando com medo de acabar como aquelas pessoas que passam dias perdidas e depois descobrem que estavam pertinho da saída — admitiu Bronwyn.
— Um medo válido — responde Maeve, secando os olhos.
— Eu consegui sair, mas daí peguei um puta trânsito — continua Bronwyn. — Pensei em parar e pedir o celular de alguém, mas eu não sei o número de nenhum de vocês de cabeça. Aliás, vou decorar. Todo mundo precisa decorar pelo menos um número, não importa qual...
— Todo mundo vai decorar o seu. Óbvio — diz Maeve.
— O que for melhor. Enfim, continuei dirigindo até em casa, peguei os números e... — Bronwyn solta o ar. — Aqui estamos, liguei assim que deu. Nate, desculpa mesmo por ter perdido o jantar.
— Você sabe o tanto que eu amo você? — pergunta ele.
— Eu sei — responde ela, a voz ficando mais mole. — Eu também amo você.

— Maeve e eu também amamos você — interrompo, entrando na conversa, a cabeça encostada na janela. Meu corpo todo ficou flácido de alívio, porque, pelo menos desta vez, não encontramos o pior cenário possível.

— Agora é a vez de vocês. Onde vocês estão? — pergunta Bronwyn.

— Bem, é uma história engraçada. Estamos em Ramona — responde Maeve.

— Como assim? — continua Bronwyn. Ainda que não estejamos em uma chamada de vídeo, consigo imaginar perfeitamente a expressão confusa no rosto dela. — Por quê?

— Porque pensamos que Jake tivesse drogado, sequestrado e escondido você no mesmo lugar com papel de parede de ramos que a Phoebe desconfia de ter visto. Pensando bem, com certeza foi uma reação exagerada, mas fez sentido na hora — diz Maeve.

— Ai, meu Deus! — Bronwyn perdeu o ar. — Vocês devem ter ficado em pânico!

— Não, a gente ficou supercalmo. Nate não estava planejando matar Jake nem nada.

— Pode ser que eu ainda mate. Como medida preventiva — diz Nate, sucinto. Ele encara o celular como se fosse um gênio da lâmpada que faria Bronwyn aparecer. — Estamos indo pra casa. Preciso ver você.

— Também preciso ver você...

— Espera aí — interrompo. — Desculpa atrapalhar esse adorável reencontro virtual e atrasar o encontro cara a cara, mas... a gente está muito perto da casa de Jake. Agora que não precisamos mais resgatar uma refém, podemos mudar de planos e fazer outra coisa.

Maeve levanta as sobrancelhas e pergunta:

— Tipo o quê?

Seguro meu celular para que eles vejam e respondo:

— Podemos tirar uma foto do papel de parede do solário e ver se Phoebe consegue confirmar que foi lá que ela esteve no sábado à noite.

CAPÍTULO 18

Addy

Quarta-feira, 8 de julho

— Aqui estamos. Dá pra ver a casa do Jake atrás daquelas árvores à direita — digo quando estamos quase no final de uma longa estradinha.

Consigo ouvir Maeve se mexer no banco atrás de mim, se aproximando da janela, e então ela prende a respiração e diz:

— As luzes estão acessas. Tem alguém em casa. Abortar missão! Abortar missão!

— As luzes estão sempre acesas. Os pais de Jake colocaram timer nelas. Essas casas de veraneio são alvo de assalto se parecem estar vazias — comento enquanto começo a andar mais devagar até ver uma entradinha conhecida e paro o carro. — A entrada é a uns cinco metros. Podemos continuar de carro ou andar.

— Pare o carro aqui. Caso você esteja errada sobre as luzes — diz Maeve na mesma hora.

Desligo o carro e quando os faróis se apagam, a estrada fica um breu. Quando saímos, meu corpo é tomado por arrepios. Cruzo os braços, desejando ter me lembrado de trazer um casaquinho, como Maeve.

— Aqui — diz Nate enquanto tira a jaqueta e joga para mim.

— Você não está com frio? — pergunto, mas já o vestindo.

— Não — negou ele.

— Ele está aquecido pelo fogo do amor, chama que nem o rio perto de Marshall's Peak conseguiu apagar — recita Maeve, dramática.

— Cala a boca — resmunga Nate, mas ele está muito aliviado para parecer realmente irritado.

— Shhh — sibilo enquanto nos aproximamos da entrada. Algumas arandelas iluminam os pilares dos dois lados da entrada, mas assim que passamos, tudo fica escuro de novo. A entrada é longa, e não consigo ver nada além da monstruosidade de madeira e vidro a uns dez metros. Nunca gostei desta casa. Tem alguma coisa arrepiante nela. Mas não podemos negar que chama a atenção.

— Meu Deus. Esta é a *segunda* casa deles? — murmura Nate.

— Terceira. Eles também têm uma casa em Barbados. O solário está bem a nossa frente, aquele com um monte de janelas, em cima do pátio — sussurro.

— Por que eles colocaram papel de parede no solário? — pergunta Maeve, baixinho.

— É só em uma parede. Supostamente a cor complementa a natureza aqui fora.

— Ah, legal — ironiza Nate. Não consigo enxergar o rosto dele direito, mas quase posso ver o revirar de olhos. — Que bom que as cores não estão em conflito. Onde eles guardam a chave reserva?

— Debaixo de um daqueles vasos do lado da porta. Pelo menos é onde costumavam...

Maeve pega meu braço e eu paro de me mover. Ela fala baixinho:

— Addy, tem um carro ali.

Ela tem razão. Está parado no canto mais escuro da entrada, então não reparei nele até a

gente estar quase esbarrando no carro. Meu coração dispara quando começo a perceber o formato familiar.

— Não é só *um* carro. É o carro do Jake.

— Por que ele está aqui? Essa coisa toda de liberdade condicional é uma piada? — murmura Nate, com a mandíbula tensa ao encarar a casa.

— Eu já falei: dark web. Ele está indo a muitos lugares para quem está cumprindo as ordens do tribunal — explico.

— Tudo bem, hora de ir embora. A gente tentou. Valeu o esforço, time — diz Maeve.

— Espera. A gente sabe que a Bronwyn não está aqui, mas e se outra pessoa estiver? — De repente, não consigo suportar a ideia de vir até aqui e ir embora de mãos vazias. Sei exatamente do que Jake é capaz. E se eu conseguisse provar isso agora que ele está se sentindo praticamente invencível? — Acho que a gente deveria conferir.

— Discordo veementemente — fala Maeve baixinho, andando para trás.

— Bem, eu vou — digo, me virando para Nate. — Você também?

Ele suspira.

— Se você vai, eu vou.

Maeve desaparece nas sombras e diz:

— Vou ficar de vigia.

Nate e eu nos aproximamos da casa devagar, ladeando a entrada e a parede. Já passei noites aqui, então sei que é impossível enxergar qualquer coisa do lado de fora nessa escuridão. Só dá para ver seu reflexo no vidro. Passamos pela sala de estar cavernosa, com a TV pendurada na parede e ligada num canal de esportes, mas não vejo ninguém em lugar nenhum.

— Tudo parece quieto — observa Nate.

— Tem uma área enorme pra baixo da escada, e a gente não consegue ver daqui — sussurro ao me agachar ao lado de um dos vasos. Ele foi feito para parecer pesado, mas é leve. É fácil levanta-lo e colocar a mão embaixo. Procuro a chave reserva, mas meus dedos não tocam em nada além de concreto.

— Procurando por isto? — pergunta uma voz, e eu derrubo o vaso com um estrondo.

Nate se coloca na minha frente, parcialmente tapando minha visão da figura que está nos degraus de baixo: Jake, de calça e casaco de capuz, a tornozeleira eletrônica à mostra, segurando a chave extra. Eu fico boquiaberta, tão chocada com aquela presença que não consigo falar, e a boca dele se transforma em um riso debochado.

— Vi seu carro quando estava correndo. Que jeito de violar sua própria medida de segurança, Addy. Não conseguiu ficar longe, né?

Ele dá um passo à frente, e Nate faz o mesmo.

— Sai fora — ordena Nate.

— Vocês estão em propriedade privada, Macauley. Eu poderia entrar e ligar para a polícia agora mesmo — avisa Jake. Mas ele não se mexe, olhando Nate de cima a baixo. — Ou podemos nos resolver de outro jeito. Tenho quase certeza de que venço uma briga com você. Passei muito mais tempo na cadeia do que você, então aprendi algumas coisas. — Os olhos de Jake se movem de novo em minha direção, e me forço a ficar ainda mais encolhida dentro da jaqueta de Nate. — Assim eu e Addy podemos ter a conversa que precisamos há algum tempo.

— Só por cima do meu cadáver — retruca Nate, o tom de voz gelado de *não-mexe-comigo* que intimidaria a maioria das pessoas.

Mas não Jake.

— É mesmo? Quer tentar? — provoca ele, estalando os dedos.

— Jake! — Uma voz conhecida vem de dentro da casa, me tirando do meu estado de estupor. O pai de Jake continua: — Está falando com alguém aí?

— Com um vizinho. Já vou entrar — responde Jake.

Os lábios dele se movem mais uma vez, os olhos brilhando ao me encarar. Não consigo desviar o olhar, não importa quanto eu queira.

— Bem, não é uma boa hora para uma reunião, mas é o seguinte, *Ads*. — O antigo apelido soa como uma ameaça. — Eu vou tirar esta tornozeleira em breve. Nós dois sabemos disso. E

se você acha que esqueci o que você me fez ou se acha que perdoei você, está errada. Ainda me deve uma. Pode ir se acostumando a viver com medo, porque um dia desses eu vou atrás de você. — Jake nivela o olhar com o de Nate enquanto passa por nós dois e coloca a chave na porta. — E ele não vai estar lá.

Ele abre a porta e, graças a Deus, sai do nosso campo de visão. Mas ainda não consigo respirar direito. É como se eu tivesse esquecido como se faz.

— Não dê ouvidos a esse babaca. Ele está tentando te assustar — tranquiliza Nate baixinho, mas firme.

— Não, ele só está falando a verdade — digo, o peso das palavras fazendo minha voz ficar tão baixa que é quase impossível ouvir. — Sabia que ele pensava isso. Só confirmou o que eu já sabia. E ele está certo sobre a ordem de restrição. — Meus olhos começam a ficar marejados e eu pisco para não chorar. *Aqui não*. — Vamos embora. Foi uma ideia idiota. Nunca devia ter convencido vocês dois a virem aqui.

— Nós concordamos — relembra Nate quando começamos a andar o caminho de volta. — E foi falta de sorte ele nos ver. Quem sai pra correr a esta hora da noite?

— A gente não conseguiu nem uma foto do papel de parede — lamento. O que é o menor dos meus problemas agora, mas se tivéssemos conseguido, talvez eu pudesse me convencer de que ouvir Jake pronunciar frases saídas diretamente dos meus pesadelos levou a alguma coisa boa.

— Não tenha tanta certeza.

A voz de Maeve flutua até nós pela escuridão, e em segundos ela aparece, segurando o celular.

— Não sou muito boa em ficar de vigia, nem vi Jake chegar — sussurra ela, sem ar. — Mas ele também não me viu. Então enquanto ele estava sendo o babaca de sempre, subi até o pátio. A porta do solário não estava trancada, então... — Ela me passa o celular. — Aqui está. Uma foto supernítida do papel de parede, em toda sua odiosa glória.

CAPÍTULO 19

Phoebe

Quinta-feira, 9 de julho

— Não é isso — digo.

— Tem certeza? — pergunta Maeve, segurando o celular mais alto.

— Eu disse a você ontem à noite por mensagem. Não era esse desenho.

— Eu sei, mas achei que você poderia mudar de ideia quando visse ao vivo — insiste Maeve, ampliando a foto na tela. — Além disso, você havia sido drogada, então...

— Eu sei o que vi, tá? Ou o que sonhei que vi, e não era esse papel de parede.

— Droga. Quer dizer que estamos de volta à estaca zero e Addy ficou aterrorizada à toa — suspira Maeve enquanto fecha a foto do papel de parede em Ramona.

— Foi mal — murmuro, e ela aperta meu braço.

— Não, não, não foi isso que eu quis dizer. É só que... Argh, foi uma noite *e tanto*.

— Você devia ter ligado para mim — reclama Cooper no banco da frente. Kris está dirigindo, e Maeve, Luis e eu estamos empoleirados no banco de trás do Honda Civic de Kris.

— E pra mim também! A gente daria conta do Jake lá mesmo — afirma Luis, franzindo o cenho enquanto bate um punho contra a mão.

— Teremos uma próxima vez, valentão — afirma Maeve, dando um beijinho em sua bochecha. — Vocês não viram como o Nate estava. Nada seria capaz de segurá-lo naquela hora. Ou ele ia comigo e com a Addy, ou ele ia sozinho.

— *Ninguém* devia ter ido. Foi uma péssima ideia — ressalta Kris, com um tom de voz ao mesmo tempo furioso e ameaçador. Às vezes, Kris parece ter dez anos a mais que Cooper e o restante do quarteto original, e não apenas um.

— É, agora a gente sabe. Mas não fique falando isso quando vir Addy, por favor — pede Maeve.

— Mas é claro, eu nunca... — começa Kris.

— Ali — interrompe Cooper. — Vire a esquerda no sinal depois desse. A loja da Subaru é um quarteirão depois.

Estamos em uma missão para achar um carro novo, porque o Jeep de Cooper finalmente parou de funcionar, e o preço do conserto era exorbitante. Nonny se ofereceu para pagar a entrada de um carro novo — aparentemente ela comprou ações da Apple nos anos 1990 —, e ele vai pagar o restante com o patrocínio da academia.

Não achei que faria parte dessa excursão, mas estava no Café Contigo quando eles passaram para pegar Luis, e Cooper convenceu o Sr. Santos a me deixar ir também. Cooper tem tomado conta de mim desde que me levou para bater no carro velho, e isso tem feito com que eu me sinta menos sozinha. Pedi permissão para minha mãe — depois do que aconteceu na festa de Nate, tenho que confirmar com ela antes de fazer qualquer alteração no meu itinerário — e concordei em acompanhá-los.

— Subaru? Que tipo de Subaru? Alguma coisa esportiva ou... — pergunta Luis, pensativo.

— Uma Subaru Outback — responde Cooper.

Kris para no sinal vermelho e coloca a mão no braço de Cooper.

— Cooper, querido, amor da minha vida, você sabe que eu sempre apoio você, mas tem certeza de que quer que seu primeiro carro zero seja uma van?

— É o tipo favorito da Nonny. Ela sempre quis ter uma — explica ele.

— Como eu posso continuar dirigindo quando você diz coisas assim? — pergunta Kris. Ele puxa o freio de mão, coloca uma mão de cada lado do rosto de Cooper e dá um longo beijo em seus lábios. Alguns segundos depois, uma buzina começa a soar atrás de nós, e Kris o solta antes de dar um tchauzinho para o retrovisor e continuar dirigindo. — Acredite no que estou falando, a Nonny quer que você tenha um carro que goste de dirigir.

— Eu nem sei por onde começar — diz Cooper.

Os olhos de Luis brilham ao dizer:

— É por isso que eu estou aqui. Vira à direita, Kris. A gente vai pra Mandalay Motorcars.

Kris obedece, e um prédio enorme, de vidro e alumínio, aparece do outro lado da rua, cercado de carros reluzentes de diferentes cores.

— Opa! *Onde o luxo encontra o destino* — digo, citando um anúncio irritante que passava na TV.

— Eu nunca entendi essa chamada — diz Maeve.

— As empresas de Bayview não são conhecidas pelos seus ótimos slogans. Lembra do Guppies? Aquele doce que fingia ser sueco que eles fabricavam aqui quando a gente era criança? *A sobremesa mais doce que você vai encontrar* — recita Luis com uma voz de tenor.

Pisco incrédula e digo:

— Nossa, Luis, você canta *bem*!

— Ele é uma caixinha de surpresas — observa Maeve, apertando o braço dele.

— Não é nada perto de *Nada me deixa mais a ponto de bala do que fazer exercícios*, claro — comenta Luis com um sorriso modesto.

— Eu vou ouvir isso pra sempre, não é? — suspira Cooper.

— Pelo menos isso vai te dar um carro novo — observa Luis enquanto dá tapinhas no ombro de Cooper.

Kris entra no estacionamento cheio e anda devagar até uma das últimas vagas. O carro dele é, sem dúvida, o único Honda por aqui.

— Muito bem. Aqui estamos. Mandalay Motorcars, onde carros custam mais do que uma casa — declara Kris quando tira as chaves do contato.

— Espera aí, como assim? Talvez seja melhor a gente conversar sobre isso antes. — Cooper para com a mão no plug do cinto de segurança, seu belo rosto tomado pela apreensão.

Luis, por outro lado, mal consegue esperar para sair do carro.

— Aqui é onde os sonhos se tornam realidade! — exclama Luis, e vai para a entrada antes que qualquer um possa fechar a porta.

Maeve o encara e diz:

— Olha só, olhem isso! Demorei alguns meses, mas finalmente descobri uma obsessão do Luis.

— Vamos lá, vamos apenas olhar. Vai ser divertido — insiste Kris, passando um braço pelos ombros de Cooper e o levando pelo estacionamento.

Maeve e eu seguimos os dois mais lentamente, e eu puxo a manga da camiseta dela quando ela para e encara um belo Porsche cinza.

— Você ainda está monitorando os caras do fórum de vingança? — pergunto, tentando parecer casual.

Eu tenho feito meu próprio monitoramento com Owen esta semana, tentando olhar o histórico de buscas dele — o que não dá em nada, já que ele deleta tudo, e eu não sou boa o suficiente com tecnologia para encontrar os itens deletados.

— Estou. Ainda estou trocando mensagens com Jellyfish. Mas está ficando cada vez mais difícil pra Tami Lee enrolar o cara, então talvez eu precise parar de escrever. Tenho noventa e nove por cento de certeza de que ele e os amigos não têm nada a ver com o que está acontecendo em Bayview — relata Maeve, com uma careta.

— O que impede você de estar cem por cento certa?

— Seres humanos são imprevisíveis. As pessoas surpreendem, mesmo quando você acha que conhece alguém — ressalta ela, dando de ombros. Meu estômago dá um nó, mas Maeve ainda está olhando para o carro ao continuar: — Veja bem, esse era o objetivo do aplicativo de Simon, não era? Ele fez tudo do jeito errado, mas é o que ele falou uma vez para Bronwyn: *se as pessoas não mentissem e traissem, eu não teria o que fazer*.

— É. Ele não estava errado — respondo, o nó no estômago ficando mais forte.

— O problema de Simon era que ele nunca teve nenhuma compaixão pelo *motivo* que fazia as pessoas mentirem. A maioria das pessoas não é maldosa, elas têm medo. Não existe nada mais assustador do que deixar as pessoas verem partes de você que você gostaria que não existissem.

Está fazendo muito, *muito* calor no estacionamento. Puxo a gola da minha camiseta e pergunto:

— A gente deveria entrar ou...

— Eu preciso me desculpar com você, Phoebe — interrompe Maeve, abruptamente.

— Você precisa... O quê?

— Por mostrar a foto do Jake trocando o pneu do seu carro na festa do Nate. Eu devia ter falado com você primeiro. Fiquei tão surpresa que não parei pra pensar. Joguei isso no seu colo e no da Addy, e se eu não tivesse feito as coisas daquele jeito, o resto da noite teria sido bem diferente. Você não teria bebido tanto e... — As bochechas de Maeve estão vermelhas.

— Maeve — interrompo. — Eu que fui idiota de deixar o Jake trocar o pneu. Eu devia ter contado tudo logo, e também sobre...

Eu paro de falar e Maeve completa:

— Ir ao evento dele?

— É, isso também — respondo ao encarar o chão.

— Por que você foi? E por que não contou a ninguém? — Ela pergunta com delicadeza, e quando não respondo, ela continua: — Vai, Phoebe, me conta. Qual é o sentido de ter amigos? É para ter essas conversas assustadoras.

Engulo em seco. E se essas conversas assustadoras fizerem com que você *perca* seus amigos? Além de tudo que você já perdeu?

— Eu... Eu acho que quis ver com meus próprios olhos se Jake tinha... mudado. Se tinha alguma chance de ele ter realmente mudado, porque... porque...

Ai, meu Deus. Eu vou mesmo contar?

Emma me pediu para não fazer nada até ela chegar. Mas ela ainda não está aqui. Faz cinco dias que fui drogada, arrastada para longe da festa de Nate e tratada como se fosse um rascunho de alguém, e minha irmã ainda está esperando que o preço da passagem diminua. Que habilidade sobre-humana ela acha que eu tenho para lidar com traumas?

— Gente! Venham logo, precisamos de vocês. Vamos fazer o *test drive* em uma Lamborghini! — diz Luis da porta da loja, acenando intensamente.

— Esta versão dele não é *nem um pouco* atraente — rosna Maeve, mas os olhos dela contam outra história quando acena de volta, um sorriso nos lábios. Ela se vira para mim, com uma expressão de compreensão e diz: — Você estava preocupada com a Addy, né?

— É — digo, e é verdade.

E, por ser verdade, é muito mais fácil do que falar outra coisa.

CAPÍTULO 20

Phoebe

Quinta-feira, 9 de julho

Cooper não chegou nem perto de comprar nada na Mandalay Motorcars, porque os preços eram assustadores.

— A Nonny não vai me dar um cheque em branco. Além disso, preciso que as parcelas sejam baixas. Meu contrato com a academia é de apenas um ano, e sabe-se lá o que pode acontecer depois disso. Tenho que juntar dinheiro pro futuro — explica Cooper depois de enfiar Luis de volta no carro de Kris.

— Cooper, você é tão taurino... Porém você tem razão. Foi divertido, mas da próxima vez vamos em uma loja um pouco mais barata — sugere Kris carinhosamente.

— Deixa comigo, Coop. Sei exatamente do que você precisa — afirma Luis.

— Acho que não confio nisso — suspira Cooper.

Os garotos debatem com tranquilidade pelo restante da viagem, e Kris me deixa de volta no Café Contigo. Trabalho no piloto automático até as dez, fazendo meu melhor para imitar Evie e ser uma funcionária exemplar. No fim da noite até começo a juntar os tubos de ketchup, coisa que normalmente deixo para ela fazer.

— Tudo bem, Phoebe. Eu termino por aqui — oferece ela ao me ver.

Você nunca se cansa de ser tão perfeita? Quase solto, mas consigo me controlar e agradecer. Então ligo para minha mãe e digo:

— Acho que vou passar na casa do Knox.

É óbvio o quanto minha mãe gosta de Knox, porque ela não pede que eu vá direto para casa. Em vez disso, ela diz:

— Tudo bem, mas não fique até muito tarde. Quero que você esteja em casa até as onze.

— Pode deixar — respondo.

Então me arrasto até o carro e dirijo para a casa de Knox. Fico olhando para a janela dele por quinze minutos, como uma stalker, pensando se devo ou não ir embora. Mas não consigo. As palavras de Maeve continuaram ecoando na minha cabeça enquanto trabalhava, a ponto de eu quase ligar para ela umas dez vezes antes de encerrar o expediente. Mas, no fim das contas, achei que deveria falar com outra pessoa primeiro.

Então agora estou escalando a janela do quarto dele, de novo.

— Achei que seus dias de escalada tivessem ficado pra trás — observa Knox de seu lugar de costume na cama enquanto me enfió pela janela. Ele está sorrindo, mas também parece confuso. Desde que me pediu mais espaço, eu passei a tocar a campainha para entrar.

— Preciso falar com você, mas não quero que seus pais saibam que estou aqui. E precisa jurar que não vai contar nada a ninguém — digo ao me sentar na beirada da cadeira.

Knox nem hesita antes de dizer:

— Tudo bem. O que houve?

Ele sai de baixo da coberta e senta na beirada da cama para me encarar.

Como vou falar isso? Não sei para onde olhar, então pego um clipe de papel da mesa de

Knox e começo a torcer o metal.

— É sobre... — Minha cabeça está muito agitada. Tento encontrar alguma coisa, qualquer coisa, que possa me ajudar a começar a conversa que estou apavorada demais para ter. — Lembra quando você me chamou pra sair depois do casamento da Ashton e do Eli?

Meu Deus. De onde veio *isso*?

— Lembro — responde ele.

— Eu disse não — continuo, ainda torcendo o clipe.

— Eu lembro — repete Knox. O tom dele está normal, e o único sinal de que está incomodado é a mão no pescoço.

— Mas eu queria dizer sim — confesso. Então eu levanto o olhar e... *Ai, não.*

O rosto de Knox se transforma em um sorriso tímido e absurdamente adorável, e de alguma forma eu estraguei tudo de um jeito pior do que achava possível. Antes mesmo de chegar à parte mais difícil.

— Phoebe, você não tem ideia... — começa a dizer ele.

Não importa o que aconteça, eu *não posso* deixar que ele termine essa frase. Interrompo:

— Mas eu não podia, porque tem uma coisa que você não sabe. Sobre como o jogo de Verdade ou Consequência terminou.

— O que tem o jogo? — pergunta Knox. A expressão no rosto dele fica mais confusa, mas ele ainda está tentando esconder um sorriso. Eu sou uma *péssima* pessoa por ter começado a conversa assim, mas... talvez fosse o único jeito. Porque agora eu não posso dar para trás como fiz com Maeve. Tenho que contar a ele.

Então eu conto. Cada detalhe sórdido sobre o que Owen fez e sobre o que eu e Emma fizemos para encobrir tudo. Mantenho os olhos no clipe de papel enquanto falo, torcendo-o em dezenas de jeitos diferentes, minha voz baixa e estranhamente calma. Só de me ouvir, era impossível saber que meu coração está batendo desesperado, parecendo querer sair do peito.

Continuo falando até não ter mais nada a dizer. Achei que me sentiria aliviada quando contasse tudo, mas não me sinto. Minhas palavras continuam no ar quando paro de falar, preenchendo todo espaço entre mim e Knox no silêncio.

— Uau — diz ele por fim. Eu não consigo identificar nada em seu tom de voz.

— É — murmuro.

E nenhum de nós diz nada por um tempo excruciantemente longo.

Quando não consigo mais aguentar, levanto o olhar e vejo Knox mover as pernas para que seus joelhos fiquem perto dos meus.

— Você sabe que eu me livraria de um corpo para proteger qualquer uma das minhas irmãs, não é? Eu nem perguntaria o motivo.

— Meu Deus. — Meus olhos se enchem de lágrimas e eu levo a mão à boca, quase sem acreditar no que ele está me oferecendo. — Achei que você ia me odiar. Você e Maeve foram muito corajosos, salvaram todo mundo, e você não precisaria ter feito isso se Owen tivesse deixado Emma largar tudo...

— É, essa parte é meio chata. Mas eu entendo por que você fez isso. E por que Owen tem se sentido tão mal. Isso deve estar atormentando o garoto. Mas tudo bem, agora que você está contando para as pessoas, ele vai conseguir a ajuda de que precisa.

O alívio que estou sentindo para abruptamente.

— Contando para as pessoas? Eu não estou contando para as pessoas. Estou contando para *você*.

— É. Primeiro eu, depois outras pessoas, não é?

— Não! — A palavra sai da minha boca antes que eu saiba que quero dizê-la, porque no fim das contas, é assim que tenho pensado. Mas agora que a possibilidade é real, sinto náuseas só de pensar. *Tivemos complicações*, disse Emma.

— Não? — Os olhos de Knox se esbugalham. — Mas então... então tudo vai continuar, não vai? É um círculo infinito. Simon queria vingança, Jake queria vingança, Jared queria vingança, Emma queria vingança, Owen queria...

— Para! — Cubro minhas orelhas com as mãos como se fosse uma criancinha. — Owen não queria isso. Ele nunca quis que isso acontecesse. Ele não entendia o que estava fazendo.

— O que vai acontecer quando alguém quiser se vingar de Owen? E se foi por isso que você foi sequestrada no sábado? — pergunta Knox baixinho.

Minha vista fica embaçada. Por alguns segundos, estou novamente no galpão de ferramentas, assustada e desorientada, sem saber como cheguei ali. *E se...* Não. É impossível.

— Ninguém sabe. A não ser eu e Emma, e agora você, e você *prometeu*...

— Não vou quebrar minha promessa — garante Knox entrelaçando os dedos. — Mas queria que você pensasse em quebrar a sua. O último sábado podia ter tido um final bem pior. E se tem uma coisa que sabemos sobre Bayview é que as coisas costumam piorar bastante antes de melhorar.

Não posso pensar nisso.

— Owen é uma criança, ele vai ser julgado por todo mundo, como fizeram com Emma...

— Brandon era só uma criança também quando ficou fazendo bobagens e acabou matando seu pai. Ele nunca se responsabilizou por aquilo, e Emma armou para que matassem Brandon por isso...

— Ela não queria isso! Você sabe que ela não queria de verdade. Emma achou que ele ia... só se machucar... — Engulo em seco ao dizer essas palavras.

— E isso realmente faz diferença?

Sim. Não. Não sei. Não existe uma boa resposta, então não falo nada.

— Phoebe, mesmo que a gente não pense nisso, você não está ajudando Owen ao esconder isso. Se você acha que está difícil pra você guardar esse segredo, imagina pra ele? A culpa que ele deve estar sentindo? — Uso o clipe de papel para fazer um furinho na ponta do meu dedo até que vejo o sangue sair. Knox continua: — Você esqueceu como foi assistir àquele vídeo? — Ele não precisa dizer qual vídeo; Brandon pulando para a própria morte enquanto Sean, Jules e Monica gritam ao fundo é uma imagem que vai ficar na minha cabeça pro resto da vida. — Ou da bomba que quase matou várias pessoas e destruiu o braço de Nate, ou...

— Eu não me esqueci de nada disso!

Não percebo que estou gritando até que alguém bate de leve na porta, e a cabeça da mãe de Knox aparece:

— Está tudo bem, querido? Ah, oi, Phoebe. Não ouvi você tocar a campainha... — Ela perde a linha de raciocínio quando vê a janela aberta e a leve brisa que entra no quarto. — Está tudo bem?

— Estou bem. Desculpa por preocupar a senhora. Eu estava... liberando a raiva — digo e, meu Deus, queria ter uma marreta e um carro velho agora.

— Por que vocês não conversam lá embaixo? Tem pizza, caso estejam com fome — informa a Sra. Myers.

— Não, está tudo bem, eu... eu já estava de saída. — Levanto ainda segurando o clipe de papel; não sei se consigo largá-lo agora. — Preciso ir embora.

— Tem certeza? — pergunta Knox sem conseguir esconder sua frustração. Isso foi um erro, eu não devia ter vindo. Contar tudo a Knox não vai ajudar em nada; na verdade só piorou as coisas, porque agora ele está me olhando *deste* jeito. Como se nunca tivesse me conhecido de verdade. E talvez ele tenha razão.

— Tenho — respondo ao passar pela Sra. Myers.

CAPÍTULO 21

Nate

Sexta-feira, 10 de julho

Quinta foi minha folga do country clube, e passei o dia com minha namorada não desaparecida. Foi a melhor noite que tive em um bom tempo, e mais do que compensa o fato de que hoje... hoje eu provavelmente serei demitido.

Gavin foi rápido na quarta-feira, mas não rápido o suficiente. Muitas pessoas me viram avançar em direção ao Jake, e depois que a gente apareceu na casa dele em Ramona, não ficaria surpreso se ele usasse a informação para se livrar de mim. Só por diversão.

Então, quando chego no bar, a primeira coisa que faço é olhar para os bancos ocupados, esperando ver o rosto presunçoso de Jake. Em vez disso, vejo Vanessa, um copo alto na frente dela com uma cereja marrasquino em um palitinho ao lado.

— Não se preocupe. Ele não pode mais vir aqui — anuncia ela ao comer a cereja.

Um pouco da minha tensão se dissipa quando vou para trás do balcão e aceno para Stephanie, a bartender que está trabalhando hoje no lugar de Gavin. Eu não vou dar a Vanessa o gosto de confirmar que eu estava preocupado com Jake, então digo:

— Quem?

Ela revira os olhos e responde:

— Você sabe quem. Várias mulheres reclamaram que não se sentem seguras com Jake andando pelo clube. Além disso, algumas disseram que ele ameaçou você.

Minha expressão é de confusão quando encaro Vanessa, e logo começo a esvaziar a lava-louças atrás de mim. Ele meio que fez isso mesmo, mas não tem como outra pessoa ter ouvido.

— Sério? Quem disse isso?

— Eu não sei o nome delas, mas... — Vanessa aponta com o palitinho para o canto em que as mãos-margarita sempre estão. — Elas ficaram do seu lado.

De repente, este turno vai ser bem melhor do que eu esperava. E dentre todas as pessoas possíveis, é Vanessa Merriman que me traz a boa notícia. Na verdade, é bem possível que ela estivesse esperando para me contar. Cruzo os braços, encosto em um dos pilares que sustentam o bar e pergunto:

— Qual é a sua, Vanessa?

— Ah, chegou a hora das perguntas? — diz ela ao beber um gole do drinque. — Que divertido. Tenho uma pra você: por que você é tão grosseiro?

— Ah, vamos lá, Vanessa. Você está sempre aqui, sozinha. Não é a Vanessa Merriman de que me lembro do colégio.

Ela levanta as sobrancelhas ao responder:

— Espero que você não esteja tentando dizer que eu fico aqui por *sua* causa.

— Claro que não. Você fica aqui por causa do Gavin? — É uma pergunta sincera. O normal de Vanessa é *flertar*, mas em todo o tempo que ela passa aqui, nunca senti que ela estivesse flertando sério comigo.

Ela faz uma expressão confusa e pergunta:

— Quem? — Ai. Pobre Gavin. Olho para ela por um tempo pensando em como formular minha próxima pergunta até que ela explode: — O que foi? Vai desembuchando. Comece a me julgar logo, é isso mesmo que você quer, Nate.

Bem, ela pediu.

— Pensei que você pudesse estar aqui esperando o Jake.

— Sério? Aham, claro, eu amo idiotas que abusam das namoradas e ajudam caras problemáticos a acabarem com a própria vida. Exatamente meu tipo de homem. Por Deus, Nate, não acredito que você disse isso.

Ela parece realmente chateada, então digo:

— Desculpa. Não sabia que você pensava assim. Acho que Addy também não sabe.

Vanessa mexe no canudo do drinque e diz:

— Ela sabe que eu lamento pelo que aconteceu no último ano.

— Você falou isso pra ela?

— Não falei, mas claro que lamento. Eu não sou um *monstro*.

— Não é assim que funciona um pedido de desculpas.

— Arrrrrrggghhhh — murmura Vanessa mexendo no canudo com ainda mais força. — Eu sei disso, tá? Estou tentando. Eu ia falar com ela na sua festa, mas bebi muito e rápido demais e não consegui. Mas acredite, eu fiquei tão horrorizada quanto você quando vi o Jake no outro dia. Nunca achei que o deixariam ficar por aqui. Eu venho aqui pra encontrar... a mãe dele.

Isso não devia ser tão surpreendente quanto é, levando em conta que Vanessa estava praticamente perseguindo a Sra. Riordan na última vez que estive no bar. Mas se não é pelo Jake, não entendo o que Vanessa quer com ela.

— Por quê?

— Porque ela era superinfluyente na Conrad & Olsen. — Percebendo pelo meu olhar que não entendi o que ela quis dizer, Vanessa continua: — A maior empresa de publicidade de San Diego. Eles têm filiais no mundo todo. Londres, Paris, Sidney, um monte de lugar. Queria tanto um estágio de verão lá, mas eles nem me chamaram pra entrevista. Acho que ainda estão bravos com meu pai.

— Seu pai? Por quê? — pergunto enquanto inspeciono os copos. A lava-louças é péssima, então a maioria deles ainda está molhada. Pego um pano de prato e começo a secar.

— A empresa dele contratou o escritório pra uma campanha há alguns anos, mas ele odiou a ideia deles e não quis pagar. Foi um problema. — Ela continua mexendo no canudo. — No fim das contas, ele estava certo. A ideia era *péssima*. Eles precisam mesmo da minha ajuda. Enfim, a Sra. Riordan era uma das diretoras, então achei que ela pudesse me ajudar. Ela disse que ajudaria, mas... não sei. Não parece que ela mantém relações lá. Eles reestruturaram a empresa toda depois que o outro diretor morreu. Ela não chegou a falar, mas tenho a sensação de que ela foi demitida.

— Que pena — digo com sinceridade. A Sra. Riordan parece mesmo ter muito tempo livre, e não queria que fosse assim.

— É, nem o nepotismo vai me ajudar. Se bem que talvez seja uma boa, agora que a imprensa está caindo em cima da Conrad & Olsen.

— É mesmo? Por quê?

— Porque são eles que administram o outdoor na rua Clarendon. Sabe? Aquele que foi hackeado.

— É mesmo? — pergunto e paro de secar os copos.

Maeve ainda está tentando achar uma conexão entre o outdoor e o que aconteceu com a Phoebe, mas não teve sucesso. Jake parece um beco sem saída, já que o papel de parede do solário não é o mesmo que Phoebe viu. Mas é interessante que a mãe dele tenha trabalhado na agência que administra o outdoor.

O que Maeve diz sobre coincidências? *Não confie nelas.*

— É. Eles perderam vários clientes por isso. Quer dizer, só o problema de segurança já é uma grande questão. Talvez tenha sido melhor pra mim.

— Então, já que a Sra. Riordan não pode ajudar você, não acha que o Gavin...?

— Sério, quem é esse?

Da próxima vez que eu encontrar o Gavin vou dizer para ele tentar a sorte em outro lugar.

— Por que você continua vindo aqui?

Pergunto como se fosse uma piada, mas Vanessa me encara do outro lado do balcão e diz:

— Não sei se você reparou, Nate, mas todo mundo que estudou comigo me odeia.

— Nem todo mundo — digo com um sorrisinho.

— Você está aprendendo a gostar de mim? Como um animalzinho de estimação?

— Você não é a pior pessoa que vem aqui.

— Obrigada pelo elogio — dispara ela.

— Olha, eu só... acho que se você quer conversar sobre a escola, eu não sou a melhor pessoa pra isso. Você me irritava, mas eu respondia à altura. Eu disse coisas pra você que hoje não diria, não importa quão bravo eu estivesse. E sabe o que mais? Sinto muito por isso. Sinto muito por ter falado merda sobre sua vida amorosa na cantina depois que tiraram Cooper do armário.

Vanessa parece incrédula, e diz:

— Você está se desculpando por ter defendido Cooper? Porque eu passei dos limites aquele dia.

— Estou me desculpando pela maneira como fiz aquilo. Não devia ter falado aquelas coisas.

— Eu... Tudo bem. — Vanessa começa a morder o dedão e vejo que seu pescoço está completamente vermelho, como se ela tivesse alguma alergia emocional. — Entendo o que está tentando fazer. Mas você mesmo disse: nós dois éramos idiotas. Não foi você quem praticamente chutou uma caixinha de filhotes abandonados. Além disso, você tem ideia de como é difícil se desculpar com alguém que não quer mais te ver? Que já espera que você fale alguma coisa horrível assim que você abre a boca?

Eu sei, na verdade. E eu também sei como tudo muda quando as pessoas te dão uma chance; e eu não acredito que vou dizer isto, mas...

— Você quer ir a uma festa de um terço pós-aniversário na semana que vem, Vanessa?

★

Estou na sua casa, recebo a mensagem de Bronwyn assim que saio do trabalho às nove. Com seu pai. Respondo com uma interrogação e ela continua: Passei aqui para me desculpar por ter perdido o jantar no outro dia, e decidimos fazer alguma coisa para comer hoje.

Tenho quase certeza de que não foi uma decisão coletiva. Meu pai não pensaria nisso sozinho, mas ele entraria em uma casa em chamas se Bronwyn pedisse. Temos isso em comum. *Boa ideia*, respondo, embora fique um pouco preocupado com o tempo que vai demorar para os dois prepararem alguma coisa parecida com um jantar.

Não devia ter me preocupado, pois quando chego em casa minha colega Crystal entrou em cena para ajudar. Ela cozinha quase tão bem quanto Luis, e sua especialidade é bolar receitas com ingredientes que não parecem combinar.

— Salada de frutas com hortelã e xarope de bordo — anuncia ela quando entro na cozinha, me entregando uma tigela.

— Sério? — pergunto enquanto dou um beijo no topo da cabeça de Bronwyn antes de me sentar ao lado dela na mesa branca que Jiahao comprou com desconto quando trabalhava na IKEA.

Bronwyn está feliz quando diz:

— Está muito bom. — Então ela alcança o braço do meu pai e o chama: — Você preferia uma salada normal, Patrick?

Meu pai quase não comeu nada de sua tigela, mas agora ele pega uma colherada cheia e diz depois de engolir:

— Não, não, está ótima. É só que não estou com muita fome.

— Você vai querer guardar espaço para a omelete com leite de coco — avisa Crystal. Ela

quebra alguns ovos em uma tigela, então olha por cima dos ombros quando começa a batê-los e pergunta: — Nate, você tem falado com o Reggie?

— Não. Por quê? — Experimento uma garfada da salada de fruta e... É, está estranhamente boa.

— Bem, ele não veio pra casa ontem à noite. O que não é estranho, eu sei, mas ele e Deacon tinham combinado de jogar em algum campeonato de videogame, e Reggie não avisou que não viria. E você sabe que ele trabalha na loja da Apple com a Ariana, amiga do Deacon, né? Ela disse que ele não apareceu no trabalho hoje. Então mandei algumas mensagens para saber se estava tudo bem, mas ele não respondeu.

Paro com o garfo levantado e troco olhares com Bronwyn. Reggie quase nunca dá satisfação a ninguém em casa, mas mesmo assim. Isso está muito parecido com o que aconteceu com a Phoebe.

— Eu vi o Reggie na quarta à noite, e só. E você? — pergunto.

— Mesma coisa. Ah, não, espera aí... Eu o vi ontem de manhã antes de sair pro trabalho. Então não faz tanto tempo, mas... — diz Crystal.

— Mas faz mais de vinte e quatro horas. E ele faltou a dois compromissos. Reggie não é muito de dar satisfação, mas ele ama videogame e ama trabalhar na Apple. Vocês falaram com os pais dele? — pergunta Bronwyn.

— Eu não conheço os pais dele. Você conhece? — devolve Crystal.

— Um pouco. Eu dei aulas de reforço pra ele, então conheci os pais, mas não sei o celular deles. Talvez... — Bronwyn para de falar.

— O que foi? — pergunto.

Os olhos dela exibem um cinza preocupado quando se viram para mim e ela diz:

— Sei que posso estar viajando, mas... talvez a gente devesse dar uma olhada no galpão de ferramentas? Por via das dúvidas?

— Não me parece viagem — respondo.

— Eles não fecharam tudo por conta do que aconteceu com Phoebe? — pergunta meu pai.

— Duvido. A polícia de Bayview não é tão eficiente — respondo.

— Mesmo que fosse, é provável que a gente consiga abrir. Odeio dar uma de cachorro magro, comer e sair, Crystal, mas acho que é melhor a gente conferir — diz Bronwyn, pousando os talheres na mesa.

Meu pai fala antes que eu consiga pensar em algo, empurrando a tigela de salada para longe:

— Então é melhor a gente ir.

CAPÍTULO 22

Nate

Sexta-feira, 10 de julho

Depois de quinze minutos, Bronwyn, meu pai e eu estamos atravessando o campo de beisebol do Colégio Bayview com as lanternas dos celulares ligadas.

— Por trás da arquibancada — digo, guiando os dois.

— Que silêncio. Quase parece pacífico — sussurra Bronwyn.

— Não se engane — murmuro ao apontar minha lanterna para a porta do galpão. — Bem, está mesmo fechado. — Tento abrir. — E trancado.

— Mas alguém pegou minhas chaves, podem ter feito uma cópia — sugere meu pai, enquanto pega seu molho no bolso. — Esperem aí.

Ele encaixa a chave na fechadura e vira, abrindo a porta com estrondo. A imagem de Phoebe jogada no chão volta a minha mente, e meu coração dispara enquanto encaro a escuridão. E então a lanterna do celular do meu pai ilumina tudo e...

— Não tem ninguém aqui — constata ele, e Bronwyn entra e aponta seu próprio celular para todas as direções.

— Graças a Deus — suspira ela.

Eu não estou tão aliviado assim, não depois do que meu pai disse sobre as chaves. Ele tem razão. Quem quer que as tenha roubado agora tem acesso a todas as partes da escola.

— Pai, o que mais fica trancado por aqui? — pergunto.

— Como assim? Tudo — responde ele.

— Eu sei, mas... Se alguém quisesse, sei lá, *continuar jogando um jogo*, onde você acha que eles poderiam fazer isso?

Meu pai parece surpreso, mas Bronwyn parece entender meu raciocínio e diz:

— Você acha que quem colocou Phoebe aqui pode ter colocado Reggie em outro lugar?

— Não sei, mas acho possível — respondo.

— Uhm... Este galpão é separado do restante da escola. Existem outros lugares assim? — pergunta ela, batendo um dedo no queixo.

— Não que eu saiba — responde meu pai.

— Tudo bem... — Ela olha para a bagunça de ferramentas e colchonetes empilhados perto de uma parede. — Vamos supor que *hora de um novo jogo e só existe uma regra* significam alguma coisa. Junto com o que escreveram no braço de Phoebe. *Prática*. Tudo está relacionado a esportes, então...

— A sala de educação física — digo. — Ou talvez os vestiários.

— Exato. Você consegue levar a gente lá, Patrick?

— Consigo, mas... — Meu pai puxa e solta o elástico em seu pulso. — A escola instalou câmeras de segurança em todos os lugares. Talvez a gente devesse ligar pra polícia, contar que estamos preocupados.

— Mas a gente não vai arrombar nada. Você tem as chaves. Vai agir como um funcionário bom e preocupado — sugere Bronwyn.

Meu pai parece em dúvida, e eu não o culpo. Ele precisa desse emprego.

— Ou o idiota do seu filho pode ter pegado suas chaves sem você saber — arrisco.

— Não. Ele não pode deixar alguém roubar as chaves *de novo* — protesta Bronwyn.

— Olha, eu só... Eu vou sozinho, tá? Vocês dois ficam aqui — afirma meu pai.

— E se a gente fosse com você pelo menos até a cerca? — sugere Bronwyn.

Meu pai tranca o galpão, e voltamos pelo mesmo caminho até enxergar o prédio principal da escola. Tudo está escuro, exceto por algumas lâmpadas na entrada.

— Já volto — avisa ele, indo em direção ao estacionamento. Bronwyn treme como se sentisse um calafrio quando ele sai, e eu passo meus braços em volta dela para manter o calor.

— Está com frio? — pergunto.

— Não. Estou tensa. Isso não parece boa coisa — admite ela com a cabeça encostada em meu peito.

Abrço minha namorada com ainda mais força e sinto o cheiro de maçã-verde de seu cabelo. Isso me ajuda a não externalizar o que estou pensando: *Pelo menos nada de ruim está acontecendo com você.* Não é a coisa certa para estar sentindo agora, e, de qualquer forma, na quarta-feira Bronwyn teve uma palhinha de quão mal eu posso reagir se alguma coisa acontecer com ela. Ficamos assim por um tempo, até ouvir passos. Meu pai está correndo em nossa direção, e faz dez anos que não vejo algo parecido. Ele parece nervoso e ofegante quando chega, coloca as mãos no joelho e se inclina para a frente tentando respirar.

— As câmeras de segurança não estão funcionando — anuncia ele com esforço.

— Quebradas? Ou outra coisa? — pergunta Bronwyn.

— As luzes não estão lá — informa ele endireitando as costas. — As luzinhas vermelhas que indicam que elas estão gravando. Percebi isso na câmera da porta dos fundos. Achei que fosse só uma falha, mas as câmeras do corredor também não estão funcionando. Dei uma olhada na sala da educação física e não tem ninguém lá, mas as câmeras também não estão funcionando.

— Talvez esteja sem energia? Mas as luzes da entrada estão acesas... — observa Bronwyn encarando o prédio.

— Vamos lá, pai. Vamos conferir os vestiários — digo.

Espero que meu pai recuse, mas ele não faz isso. Ele me deixa pegar as chaves e ir até a entrada dos fundos, onde, como ele tinha dito, a câmera de segurança no canto está apagada. Destranco e empurro a porta, olho os corredores do Colégio Bayview pela primeira vez em mais de um ano. A primeira coisa que vejo é a escada, e me lembro de estar ali com Bronwyn depois de sermos interrogados pela polícia a respeito da morte de Simon. Pedi desculpas por ter roubado o menino Jesus da peça de fim de ano na quinta série e dei um celular descartável caso ela quisesse conversar.

Tentei agir como se não me importasse se ela quisesse ou não falar comigo, mas, quando passei o celular para ela, só pensava *Não jogue isso fora, tá? Atenda quando eu ligar.* E ela atendeu. Ela deixou tocar seis vezes, mas atendeu.

Nem tudo que aconteceu nesta escola foi ruim.

Bronwyn entrelaça os dedos com os meus ao atravessarmos a porta dupla que leva ao corredor principal, repleto de armários.

— A gente precisa entrar na sala de educação física para chegar aos vestiários? Não consigo me lembrar — questiona Bronwyn.

— Não. Podemos usar um corredor lateral — informa meu pai. Ele nos faz passar pela sala de troféus e continua: — Tem sido estranho trabalhar aqui. Passar tanto tempo andando por estes corredores, sendo que quase nunca vim aqui quando você era aluno, Nate. — Ele pigarreja. — Queria que eu tivesse conseguido melhorar enquanto você ainda precisava da minha ajuda.

— Não se preocupe com isso. Deu tudo certo — consolo. Sempre fico desconfortável quando meu pai fala essas coisas porque nunca sei o que responder.

— Você fez tudo dar certo. Junto com a Bronwyn — corrige ele.

— É, bem... Chegamos. — Nunca fiquei tão feliz em ver a entrada do vestiário masculino. Empurrei esperando alguma resistência, mas ela se abriu de uma vez. — O cheiro continua o

mesmo — digo com uma careta, e entro.

— Nunca entrei no vestiário masculino. A gente pode... Seria um problema se acendêssemos as luzes? Tudo bem por vocês? — pergunta Bronwyn, correndo a mão pela parede até encontrar um interruptor e então uma onda de luz fluorescente inunda meus olhos.

— Eita — murmuro enquanto pisco. — Tudo bem, vamos lá. Os chuveiros são ali e...

Paro de repente e estico o braço para impedir que Bronwyn continue andando.

— O que foi? — pergunta ela, tentando ver por cima do meu ombro.

Escuto quando ela puxa o ar assustada, e sei que não consegui evitar que ela visse o mesmo que eu vi. Uma poça de líquido vermelho e espesso no chão. Bem na quina para onde estão os armários.

— Sangue — constata ela.

— Fica aqui — respondo. Como se ela fosse fazer o que eu falei. Em vez disso, ela continua ao meu lado enquanto ando cuidadosamente para além da poça, viro e...

— Meu Deus! — Bronwyn cobre a boca com as mãos, e o celular novo que ela comprou ontem cai no chão com um estrondo. Consigo continuar segurando o meu, o estômago revirando enquanto encaro a cena a nossa frente.

— Minha nossa! — exclama meu pai, se escorando na parede.

É o Reggie. Amordaçado e vendado, preso a uma cadeira de plástico virada no chão. Um corte em sua testa faz com que uma poça de sangue se forme perto da sua cabeça, e outros rastros de sangue estão na parede entre a área dos chuveiros e dos armários. A pele dele está acinzentada e o corpo, rígido. Uma palavra está escrita no antebraço dele, na mesma caligrafia que escreveram em Phoebe:

LEVA

Parte dois

CAPÍTULO 23

Addy

Terça-feira, 14 de julho

Pego o envelope e o seguro contra a luz. Não dá para ver dentro. Vou ter que abrir se quiser saber se terei um sobrinho ou uma sobrinha no outono. Se eu fizer isso, talvez a empolgação com o futuro me ajude a encontrar algum equilíbrio neste pesadelo de verão.

Mas vai ser uma expectativa a menos.

Meu celular toca e largo o envelope quando vejo que é uma chamada de vídeo de Keely.

— Oi!!!! — diz ela quando atendo, acenando de um lugar que parece um deque no mar. Estrelas estão brilhando no céu atrás dela enquanto continua: — Feliz quase-aniversário, Addy!

— Obrigada — respondo, encostando o celular no espelho. Por um breve segundo, não sei ao certo como estou me sentindo, mas quando vejo os olhos suaves de Keely brilhando contra sua pele queimada de sol e... Isso, é isso mesmo. Borboletas no estômago. — Você está bonita. Estou com saudade — falo de uma vez, antes que meu instinto de preservação me faça dizer algo do tipo *Como está o tempo aí?*

Keely me dá um sorriso enorme e cheio de covinhas.

— Também estou com saudades. E seu cabelo está *lindo*. Está pronto pra festa. Sabe, pensei em pegar um avião pra ir à festa, mas daí fiquei sabendo do Reggie e fiquei na dúvida se a festa ia mesmo acontecer.

Keely ia *pegar um avião*? De Cape Cod? Isso... Eu não sei. Parece exagerado. Me encolho na cadeira e digo:

— Vai ser bem menor. Nate e eu temos um timing horrível pra essas coisas. A última festa foi quase uma semana depois da morte do Brandon Weber, e agora... basicamente a mesma coisa, com o Reggie. É horrível. — Fico triste quando guardo o envelope do ultrassom de Ashton na gaveta de cima da penteadeira. Agora definitivamente não é o melhor momento para boas notícias.

— Não acredito que foram Nate e Bronwyn que encontraram o corpo. Deve ter sido muito assustador. A polícia tem alguma ideia de quem pode ser?

— Se eles têm, não falaram nada pra gente. Mas você sabe como é Bayview. Pelo menos meia dúzia de pessoas age de forma suspeita o tempo todo.

— Eu conheço Bayview — diz ela, então vira a cabeça e continua: — E também conheço você. Toma cuidado, tá? Foque em sua viagem pro Peru. Só mais duas semanas e você vai poder respirar. Tudo pode ter mudado quando você voltar.

Respondo enquanto cutuco uma unha quebrada:

— Pode mesmo. E você vai ter voltado pra UCLA, então... Acho que vejo você no Dia de Ação de Graças?

Eu tento dar uma risadinha para disfarçar as borboletas, mas a quem estou tentando enganar? Nossas programações são totalmente diferentes, e mesmo que não fossem, eu estragaria tudo e acabaria com a nossa amizade.

— Isso pode ser bom — arrisca Keely.

Pisco, surpresa. Tinha que ser eu a pessoa a estar rejeitando a outra antes de qualquer coisa acontecer.

— Por quê? — pergunto.

— Lembra quando eu e Cooper terminamos?

Fico tão surpresa com a pergunta que só assinto com a cabeça. Ela continua:

— Bem, nós dois estamos bem agora, mas na época foi realmente difícil. Eu achei que o conhecesse e que ele sentisse por mim a mesma coisa que eu sentia por ele. Fiquei pensando... Se eu estava tão errada sobre isso, sobre o que *mais* eu estava errada? E parecia que a resposta era: tudo. Isso fez com que eu duvidasse de mim mesma, ainda mais se tratando de relacionamentos. Eu não queria começar nada enquanto sentisse que não podia confiar em mim mesma, e muito menos em outra pessoa.

Cutuquei ainda mais a unha enquanto ela falava.

— Você saiu com o Luis duas semanas depois de terminar com o Cooper.

— Só porque eu sabia que não seria nada sério. Além disso, era minha desforra. Acho que queria me sentir bem com alguma parte de mim de novo. Mas não funcionou. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, exibindo todos os delicados brincos de argola em sua orelha. — Acho que o que estou tentando dizer é que eu sei o que é ser enganada pela pessoa que deveria estar apaixonada por você... e a minha pessoa era *boa*. Cooper nunca quis me magoar, e acho que por isso conseguimos continuar sendo amigos. Mas ainda demorou bastante para as vozes na minha cabeça se calarem quando alguém tentava se aproximar.

— Instinto de preservação — murmurei.

Keely pisca os cílios, confusa.

— É o instinto que nosso cérebro tem quando sente algum perigo, é...

— Seu cérebro deve ficar assim o tempo todo, se recuperando de um cara como o Jake. Ainda mais um cara que de repente aparece no seu quintal. — Uma brisa faz com que o cabelo de Keely cubra seu rosto. Ela o tira com uma das mãos. — Acho que estou querendo dizer, Addy, que não precisamos ter pressa. Gostei de beijar você, mas eu também gosto de *você*. Então vamos continuar conversando como sempre fizemos e não vamos nos preocupar com mais nada. Em outras palavras, você não precisa se apavorar quando eu disser que vou pegar um avião. — Um sorriso travesso passa pelos lábios dela.

— Eu não estava apavorada! — protesto enquanto ela ri.

— Você com certeza estava. Instinto de preservação no talo.

— Tudo bem, talvez um pouco.

— Eu entendo. De verdade. — O olhar dela vai para outro lugar longe da tela e ela diz: — Espera só um segundo. — Ela se volta para mim e diz: — Tenho que ir. Vamos passar a madrugada jogando minigolfe. Poste várias fotos da festa, tá?

— Agora é mais um encontro do Clube dos Assassinos do que uma festa.

— Ainda assim. Coloca uma das suas tiaras e seja a rainha que você sempre é. Você merece — diz ela, e me manda um beijo.

— Eu realmente estou com saudade — digo, me sentindo mil vezes mais leve ao mandar um beijo de volta.

— Eu sei que sim — diz ela, antes de desligar.

De repente estou me sentindo tão melhor que grito um “Pode entrar!” quando minha mãe bate na porta. Ela parece confusa ao entrar, porque essa não é minha típica animação. Normalmente eu só resmungo alguma coisa.

— Estão esperando você. O que te deixou tão feliz?

— Estava falando com a Keely.

— Ah — responde minha mãe, e ela olha mais de perto para mim, bem na hora que me viro para encerrar meu rosto no espelho. Eu estou com uma cara feliz, brilhando, como se uma luz viesse de dentro... Como se os beijos que troquei com Keely fossem reais. — Ah — repete minha mãe, em um tom completamente diferente. — Ah, é mesmo?

Argh, eu não quero falar disso com ela. Não quero ouvir, *Desde quando você se interessa por*

garotas? Ou Ela é boa demais pra você.

— Não é nada — respondo enquanto pego um tubo de hidratante labial e coloco no bolso.

— Melhor não deixar o Luis esperando.

— Bem, se tiver alguma coisa...

— Não começa, mãe. — Estou meio aérea quando a encaro, lembrando de todas as vezes que ela ficou exatamente nessa posição e me deu praticamente uma aula sobre o que vestir e como me comportar perto de Jake. Faz quase dois anos que descobrimos quem ele realmente era, mas parece que nada mudou entre mim e minha mãe. Não importa o que eu faça, sempre vai ser a coisa errada. — Só quero chegar na festa na hora certa.

— Não quero atrasar você — diz ela, me dando espaço para sair. Desço as escadas, os ombros tensos quando ela me chama e diz: — Eu só queria dizer...

Por que você tem que ter a última palavra sempre? Penso quando abro a porta de entrada, acenando para Luis. *Você é igual ao Jake.*

— ... que se tiver alguma coisa acontecendo entre vocês, ela é uma garota de sorte — termina minha mãe, me surpreendendo tanto que eu quase fecho meus dedos no batente da porta quando ela bate.

CAPÍTULO 24

Addy

Terça-feira, 14 de julho

— *Prática leva à perfeição* — diz Maeve, encarando o laptop na sala de estar dos Rojas, que está ocupada pela Galera de Bayview. — Só pode ser essa frase que a pessoa está tentando criar. *Prática* no braço da Phoebe, e *leva* no braço do Reggie. Não acham?

— Talvez — respondo enquanto um desconforto familiar começa a subir pelo meu estômago. Sabia que o bom humor que tinha alcançado depois de conversar com Keely não duraria. — Mas a principal questão é: quem é a pessoa fazendo isso? Jake? Ele disse que Phoebe precisava praticar, lembram?

Olho para Phoebe, esperando algo — ela está sentada no sofá ao lado de Cooper e Kris, e não de Knox, o que é novidade —, mas é Bronwyn quem me responde. Tenho quase certeza de que sei o motivo: ela não gosta que eu seja tragada por uma espiral de preocupação com Jake.

— É verdade, mas ainda que Jake tivesse conseguido desligar o sistema de câmeras, por que ele iria atrás da Phoebe? Ele não tem nada contra ela. Ou Reggie? Reggie defendeu Jake no artigo do *Bayview Blade*, lembra? Disse que ele era legal ou algo assim — diz Bronwyn.

— Beleza. Justo. Ele disse *Ele sempre foi legal comigo* — recito de cabeça, porque praticamente decorei todo aquele artigo idiota.

Phoebe se posiciona um pouco mais para a frente e diz:

— Mas é interessante isso que a Maeve falou, *tentando criar*. As coisas estão *ficando maiores*. Eu... Eu não estava amarrada como Reggie. Não acho que quem fez isso queria me matar ou mesmo me machucar. — Ela engole em seco enquanto Cooper a conforta com um carinho nos ombros. — Acho que a pessoa só queria que me encontrassem daquele jeito.

— É possível que a pessoa não tenha pensado em matar Reggie também — arrisca Bronwyn, trocando um olhar culpado com Nate. — A gente não deveria falar do que viu, mas...

— Código de silêncio do Clube dos Assassinos — observa Nate. Todo mundo murmura concordando, menos Maeve, mas ela provavelmente já sabe o que Bronwyn vai dizer.

— Parecia que Reggie tinha morrido sem querer. O chão estava todo arranhado da cadeira, e a parte da parede que estava mais ensanguentada era da mesma altura da cabeça de Reggie sentado. Nate e eu achamos que ele estava tentando se soltar, mas se desequilibrou e acabou batendo com a cabeça num canto da parede.

Meu estômago dá um nó. Nunca me importei com Reggie Crawley no ensino médio. Na maior parte do tempo, eu não o suportava. Mas ninguém merece morrer assim.

— Então quem fez isso estava querendo... assustar o Reggie? Ou o quê? Mandar um recado? Consigo pensar em algumas pessoas que gostariam de fazer isso. Katrina Lott, por exemplo. Mas é difícil pensar que ela viria lá de Portland só para sequestrar o Reggie. Além disso, o que ela, ou qualquer outra pessoa, tem contra a Phoebe? Não vejo nenhuma ligação — observa Cooper.

— Bem, tanto a Phoebe quanto o Reggie estavam na festa de Quatro de Julho na casa do

Nate. E vocês conversaram um pouco, né, Phoebe? Alguém viu vocês juntos? — pergunto.

— Acho que não. Pelo que me lembro, todo mundo que estava no quarto dele já tinha saído — responde Phoebe.

Bronwyn coloca as pernas no colo de Nate e franze as sobrancelhas enquanto brinca com o cabelo dele.

— Seja quem for, é uma pessoa assustadoramente competente e incredivelmente incompetente. Alguém que conseguiu sequestrar adolescentes e derrubar o sistema de câmeras da escola... — pondera ela.

— Não é uma coisa difícil se o sistema estiver ligado localmente. Você só precisa apagar a gravação de quando entra no prédio e depois desligar tudo — explica Maeve.

Luis a olha com um misto de admiração e preocupação.

— Às vezes eu não sei se fico excitado ou assustado com você — revela.

— Pode ficar os dois — declara Maeve com um sorriso sereno.

Bronwyn pigarreia e continua:

— Como eu *estava dizendo*... A pessoa conseguiu fazer tudo isso, mas não conseguiu evitar que Reggie morresse?

— Talvez a pessoa não quisesse evitar. Talvez a morte de Reggie só devesse parecer um acidente. Assim como a de Brandon — digo e sinto um arrepio.

— É. Assim como a de Brandon — repete Knox. Ele tenta olhar para Phoebe, mas ela só encara o chão. Tem alguma coisa estranha entre eles, e eu tentaria descobrir se não tivesse preocupações maiores agora. — Alguma pista dos caras do fórum de vingança, Maeve?

— Eles estão falando sobre isso. Como todo mundo. Se perguntando se é um imitador do Jared, agora que o Reggie apareceu morto. Mas não estão dizendo que fizeram isso. E ninguém está falando nada sobre *prática leva à perfeição*. — Um olhar distante toma conta de Maeve. — Mas eu não consigo parar de pensar nessa frase. E se tiver ligação com o *hora de um novo jogo* do outdoor? Tipo, a Bronwyn e o Nate encontraram o Reggie porque pensaram no tema esportes. Primeiro no galpão de equipamentos e agora no vestiário. Será que *prática leva à perfeição* é a tal única regra que o anúncio mencionava?

— Mas qual é o jogo? Não é um Verdade ou Consequência. Naquela ocasião as pessoas recebiam mensagens com instruções. Agora a pessoa hackeou um outdoor e só? — pergunto exasperada.

— Talvez só a pessoa que está fazendo isso seja a jogadora — sugere Maeve enquanto liga seu laptop a um cabo que está na mesinha ao lado dela. Em segundos, resultados de pesquisas tomam a tela da TV na parede. — Eu estou pesquisando a frase, claro, mas não achei nada de relevante. Só um monte de músicas, páginas na Wikipédia, um programa de verão...

A campanha interrompe Maeve.

— Quem será? — pergunta Bronwyn se afastando de Nate. — Todo mundo já chegou. — Ela se levanta e atravessa a sala para olhar uma pequena tela ao lado da porta. Bronwyn franze as sobrancelhas. — Espera aí... Estou tendo alucinações ou a Vanessa Merriman está na porta?

— Ah, merda! — exclama Nate, e o tom dele é tão estranho que levo uns segundos para entender. Ele está... *culpado*. Ele se projeta para a frente, com os cotovelos nos joelhos e diz: — Olha, é minha culpa. Tanta coisa aconteceu que eu esqueci de avisar a ela que a festa foi cancelada.

— Nate! Você convidou a Vanessa pra nossa festa de um terço pós-aniversário? Por quê? — Minha expressão de espanto fica estampada enquanto o encaro.

Nate se levanta e ergue a mão em um gesto de paz.

— Foi mal. Eu ia avisar você antes de tudo que aconteceu com o Reggie. Ela passa muito tempo no country clube, e ela disse que queria se desculpar com você e com o Cooper pelo jeito que tratou os dois na escola, então achei... — Nate perde a linha de raciocínio quando a sala toda o encara. — Achei errado, claro. Foi uma péssima ideia. Vou falar pra ela que não é o melhor momento.

— A Vanessa quer pedir desculpas? Sério? — pergunto.

— Ela disse que sim — responde Nate.

— Bem, não é como se esta “festa” pudesse ficar pior. Então a gente pode ouvir o que ela tem a dizer — continuo.

— Tem certeza? — pergunta Nate. Eu concordo com a cabeça e ele se vira para Cooper. — Coop?

Cooper dá de ombros e diz:

— Por que não?

Nate some no corredor e Bronwyn o observa com um misto de receio e orgulho.

— A intenção dele é boa mesmo — admite ela.

Dá para ver Kris cerrar o maxilar quando ele começa a falar:

— É essa a garota...

— Do refeitório — confirma Cooper, e a expressão de Kris é a mesma de um assassino.

— Ah, eu diria que qualquer desculpa que ela queira dar já está ruim e atrasada — diz Kris sombriamente, de braços cruzados.

Escuto alguns passos e murmúrios, e Nate aparece com Vanessa no encalço. Está vestida para uma noite muito mais animada que esta: um vestido curto e brilhante com sandálias de salto e tiras. O cabelo no estilo *ombré hair* está preso em um rabo de cavalo descolado, e algumas mechas de fios loiros emolduram seu rosto.

— Hum — diz ela ao entrar. Vanessa observa todos os lugares da sala, olhando para nós e nossos refrigerantes, todos voltados para a televisão, projetando a tela do laptop de Maeve. — Isto é quase igual ao que imaginei que uma festa na casa dos Rojas seria.

Nate bufa de frustração e diz:

— Sério? É assim que você vai começar?

— Não. Eu... Aqui. — Vanessa empurra uma garrafa embrulhada em papel prateado em minha direção. — Feliz... uhm... quarto de aniversário ou o que quer que seja. — Pego a garrafa e não a corrijo, então ela continua: — É champanhe rosé. O mesmo que eu comprei aquela vez que eu, você, Keely e Olivia fomos passar um dia na praia sem os meninos no verão antes do último ano. Lembra?

— Lembro — digo. É uma das minhas lembranças favoritas daquele verão, e talvez a melhor lembrança que eu tenha com Vanessa. — Obrigada.

Ela começa a mexer nas pulseiras, como se estivesse esperando que eu dissesse mais alguma coisa. Quando não falo nada, um longo silêncio recai sobre a sala até que Nate diz:

— E...?

— E eu sinto muito — dispara Vanessa. — Sinto muito por ter ficado do lado de Jake, e pelo que eu falei sobre sua vida sexual e por tentar virar todos os seus amigos contra você...

— Você não só tentou. Você conseguiu — interrompo. Sinto um pouco do sofrimento que foi meu companheiro constante naquela época. Até a Keely parou de falar comigo por um tempo.

— Menos o Cooper — tenta Vanessa, e se vira para ele. — Sinto muito por ter sido uma babaca homofóbica com você, Cooper. Foi errado e nojento. Não tenho nenhuma justificativa para as coisas que fiz naquela época, então não vou ficar tentando inventar uma. Eu era uma babaca insegura, mas muitas pessoas são babacas inseguras e não fazem o que eu fiz. Eu realmente sinto muito. E fico feliz por vocês dois estarem bem e terem tipo milhões de amigos, então... — Ela mexe nas pulseiras de novo. — Acho que posso dizer que carma é uma coisa que funciona.

Talvez seja o jeito com que ela mexe nas pulseiras — me faz lembrar de como mexo nos meus brincos quando estou nervosa ou preocupada —, mas meu coração acaba amolecendo. Esse pedido de desculpas não faz tudo ficar bem automaticamente, mas pelo menos ela finalmente está tentando. E com o que acabou de acontecer com Reggie, não quero ficar guardando mágoa de antigas colegas, mesmo dos que eram péssimos. Nunca se sabe quando vai ser a última vez que você verá a pessoa.

— Está desculpada — digo.

— Sério? — interrompe Kris. — Isso é bem generoso da sua parte, Addy, mas pra mim... — Todo mundo se vira para ele, que está com as bochechas vermelhas de raiva. — Sei que esse

pedido de desculpas não é pra mim, mas fui eu que juntei os pedaços do Cooper aquele dia. — Os olhos verdes de Kris encaram Vanessa, e ela ruboriza, mas não desvia o olhar. — Ele estava arrasado porque você foi *horrível*.

— Eu sei — admite Vanessa.

— Sabe mesmo? Você tem alguma ideia do que é ser acusado injustamente de assassinato, ter sua orientação sexual exposta para a escola inteira e ainda aguentar o falatório de pessoas que você achava que eram suas amigas? Tudo isso no mesmo dia? — A voz de Kris fica cada vez mais alta. Olho para Bronwyn e ela faz um *Uau* com a boca. Nunca vi Kris assim. Não sei se tinha percebido até agora que ele era capaz de ficar tão bravo. Nate está com os olhos arregalados e imóvel, como se não pudesse acreditar que sem querer soltou o Hulk que existia dentro de Kris. — E não é só pelo que você fez com o Cooper. A pobre da Addy teve que lidar com seu abuso por semanas...

— Ei — Cooper interrompe, os olhos fixos em Kris e a voz calma e acolhedora, como se ele já tivesse visto Kris bravo assim antes e soubesse como lidar com a situação. — A gente passou por tudo isso, certo? Eu fiz coisas das quais não me orgulho e...

— Você nunca foi cruel! — interrompe Kris.

— Você tem razão. Eu fui horrível e eu sinto muito — repete Vanessa. O queixo ainda erguido, mas o pescoço dela está quase tão vermelho quanto o rosto de Kris.

— Bem, talvez você devesse transformar esse sentimento em uma coisa mais palpável. Com uma doação para o Projeto Trevor, por exemplo — sugere Kris.

— Tudo bem, eu posso fazer isso — concorda Vanessa enquanto assente de forma veemente com a cabeça.

— Muito bem. É um começo — concede Kris, e ele parece um milímetro menos bravo.

O silêncio recai novamente sobre a sala. Nate olha para Bronwyn com uma cara tão desesperada que, apesar de toda tensão do ambiente, preciso me controlar para não rir. O inferno vai congelar antes de Nate Macauley tentar ajudar alguém a fazer as pazes de novo.

— Provavelmente isso basta por hoje — diz Bronwyn com destreza.

Cooper aperta a mão de Kris antes de dizer:

— Agradeço suas desculpas, Vanessa.

Vanessa dá um sorriso pesaroso pra ele, talvez percebendo que ele *agradeceu* mas não *aceitou*, e diz:

— Você sempre foi muito mais legal com as pessoas do que elas mereciam, Cooper. Bem, olha, eu não queria estragar a festa. Vou deixar vocês voltarem a... — O olhar dela para na televisão. — Voltarem a pesquisar antigos anúncios?

— Anúncios? Como assim? — pergunto enquanto coloco a garrafa do champanhe rosé na mesinha mais próxima. Foi um gesto simpático da parte de Vanessa, embora a última coisa que eu queira fazer seja brindar.

Vanessa aponta para os resultados da pesquisa de Maeve e diz:

— Não é isso que vocês estão vendo? *Prática leva à perfeição*. Lembra daqueles anúncios no ensino fundamental? Da empresa de aulas de pré-vestibular? Teve toda uma questão porque os pais começaram a falar que *Não existe perfeição*. Mas a empresa ainda assim duplicou de tamanho. — Ela olha para Nate e continua: — Foi uma campanha da Conrad & Olsen, tá? Foi a campanha que deixou a agência famosa.

O nome da agência me é familiar, mas não consigo lembrar por quê. Nate obviamente consegue, e diz:

— Sério? — O tom de voz de repente preocupado.

Maeve começa a pesquisar de novo enquanto falamos, e um vídeo do YouTube enche a tela da televisão. Três “adolescentes” — todos atores com mais de vinte anos, com certeza — estão sentados na biblioteca mais bonita do mundo, cercados por montanhas de livros. “Prática” diz uma garota, batendo o lápis no ritmo da música de fundo. “Leva” diz outra, jogando longas mechas loiras sobre um ombro. “À perfeição” termina o garoto com um sorrisinho, olhos azuis em destaque.

Agora me lembro do anúncio; eles estavam em todos os lugares quando começamos o

ensino médio. Funcionaram perfeitamente para me fisgar. Perguntei a minha mãe sobre aulas de pré-vestibular anos antes de ter que realizar a prova. Ela revirou os olhos e comprou um sutiã com enchimento para mim em vez de me matricular em uma das aulas.

— Você tem certeza? — pergunta Nate a Vanessa.

— Claro. Eu estudei esse *case* no semestre passado — afirma ela.

— O que é Conrad & Olsen? — pergunto.

O anúncio acaba e Maeve o coloca para passar de novo. É mais do que um pouco assustador ver atores sorridentes dizerem as palavras que foram escritas nos braços de Phoebe e Reggie. *Prática. Leva.*

— É a agência de publicidade que gerencia o outdoor que foi hackeado. E é onde a mãe de Jake trabalhava — responde Nate.

Ahhhhh, claro. A Sra. Riordan pediu demissão da agência mais ou menos na época em que a conheci, mas ela falou do lugar mais de uma vez. Sempre me perguntei por que pediu demissão; do jeito que ela falava, parecia que o trabalho dela era...

— Perfeição — diz o garoto de olhos azuis.

CAPÍTULO 25

Phoebe

Quinta-feira, 16 de julho

— Sinto muito — diz Emma mais uma vez.

Estou prestando atenção na silhueta familiar da minha irmã, sentada de frente para mim no balcão da cozinha: cabelos castanho-avermelhados presos em uma tiara, pele pálida mesmo no verão, feições proporcionais e angulosas. Um rosto que conheço tanto quanto o meu próprio, e que não vejo há mais de um mês. Mas não é isso que me machuca.

— Doze dias, Emma. Você levou *doze dias* para vir para casa desde que fui drogada e sequestrada — digo, me esforçando para manter a voz calma, sem começar uma briga.

— Eu sei... Levou um tempo pra eu conseguir um bom voo, mas... — Ela levanta a mão quando bufo em resposta ao que acabou de dizer. — Sério, Phoebe, eu não tenho *nenhum* dinheiro, e não posso pedir pra mamãe. Ela já gastou uma fortuna com advogados pra mim. Além disso... ultimamente eu tenho tido dificuldade em fazer coisas. Não por estar bebendo — diz ela rapidamente antes que eu pergunte qualquer coisa. — Nunca mais, prometo. Mas a ideia de fazer uma viagem parecia impossível. Na maioria dos dias eu mal consigo sair da cama. Quase não consigo acreditar que cheguei. — Ela olha para nosso apartamento silencioso; nossa mãe ainda está trabalhando, e Owen está jogando videogame na casa de um amigo.

— É sério isso? Você está... Emma, acho que você deveria falar com alguém... — Meu coração fica apertado ao ouvir a tristeza na voz dela.

Ela solta uma risadinha antes de dizer:

— Com quem eu vou falar?

— Comigo, pra começo de conversa. Mas talvez com um psicólogo.

— Com que dinheiro? — Emma bufa.

— Eu tenho dinheiro... — começo a dizer, mas ela logo balança a cabeça negativamente.

— Olha, eu causei tudo isso quando fiz o pacto com o Jared, agora tenho que aguentar. Eu mereço me sentir assim. Mas você não. E eu entendo o que você diz sobre o Owen. Talvez a gente não esteja ajudando tanto quanto poderia. Mas Phoebe... — Ela engole em seco. — Eu menti pra polícia quando disse que não sabia quem tinha escrito aquelas mensagens para o Jared depois que falei pra ele parar com o jogo. Eles podem me acusar por isso se quiserem.

— Mas eu posso contar pra eles então — digo. A polícia pegou leve comigo depois que Emma contou que estava se passando por mim.

— As pessoas vão odiar você.

— Elas já odeiam. — Meu estômago dá um nó quando penso em Knox.

— E elas vão odiar o Owen. A gente não pode fazer isso sem pensar, Phoebe. Precisamos conversar. Eu ainda nem vi o Owen... — Emma morde os lábios.

O som de passos pesados vem do corredor, e uma chave se encaixa em nossa fechadura.

— Falando do diabo — murmuro enquanto Emma se ajeita na cadeira ao ver a porta abrir.

— Owen! Meu Deus, você está enorme! — grita Emma, e se levanta.

— Oi.

Ele não se apressa para deixar a mochila no canto, como se nada de diferente tivesse acontecido, como se Emma estivesse fora de casa há uma hora e não um mês. Ela o enreda em um abraço mesmo assim, fazendo barulhinhos enquanto pego meu celular para ver as horas. Tenho que sair em cinco minutos, e isso vai dar a Emma a chance de observar Owen sozinha.

— Como você está? Me conta tudo — pergunta Emma por fim, depois de desfazer o abraço.

— Não tenho nada pra contar. — Owen dá de ombros e vai em direção à geladeira.

— Tem que ter alguma coisa. O que tem feito no verão? — insiste Emma.

— Dormido. E jogado videogame — responde Owen, abrindo uma latinha de Fanta.

— Ah, parece divertido. Tem saído com os amigos? — pergunta Emma com uma voz animada.

Owen dá de ombros e o sorriso de Emma fica um pouco forçado. *Bem-vinda a minha vida*, penso enquanto uma mensagem de Bronwyn aparece no meu celular.

— O funeral do Reggie é amanhã. Todo mundo vai se encontrar no Café Contigo às dez, se quiser vir também — digo.

— Ah, sim, tudo bem. A gente pode ir — concorda Emma.

— Eu não — recusa Owen.

— Por que não? — pergunta Emma, preocupada.

Owen dá um gole no refrigerante antes de responder:

— É tudo falsidade. Todo mundo odiava o Reggie, então por que estão fingindo essa tristeza de repente?

— Owen! Que coisa horrível! — Emma fica boquiaberta.

— Mas é verdade — diz Owen.

— O Reggie morreu. Do mesmo jeito... — A garganta de Emma está tentando dizer *Do mesmo jeito que o Brandon*. Mas ela não consegue. — A morte de alguém é uma coisa horrível e não importa se a gente gosta ou não da pessoa.

— Talvez fosse mais horrível se ele continuasse sendo um babaca — continua Owen, deixando a latinha no balcão e seguindo para o quarto.

Emma o encara assustada, boquiaberta. Eu também estou horrorizada, mas ao mesmo tempo sinto um alívio por ela estar vendo a mesma coisa que eu. Não sou paranoica ou sensível demais. Owen está mesmo sendo péssimo. Seria mesquinho da minha parte dizer para Emma que eu tinha avisado, então só pego minha bolsa e me encaminho para porta.

— Vejo você daqui a algumas horas — digo.

— Phoebe Lawton? — O jovem sentado à mesa de alumínio perfeita ajeita seus fones de ouvido enquanto levanta uma sobancelha muito bem-feita em minha direção. — Lucinda vai falar com você agora. Pode seguir por esse corredor, terceira porta à esquerda.

— Muito obrigada — digo ao me levantar da cadeira ultramoderna e impressionantemente dura da recepção da Conrad & Olsen.

Na noite passada, depois que Vanessa foi embora, a Galera de Bayview passou horas procurando qualquer informação que pudesse encontrar sobre a campanha “Prática leva à perfeição”. Quando olhamos a parte de “Líderes” do site da Conrad & Olsen, um nome chamou minha atenção: Lucinda Quinn. Minha mãe organizou o casamento de Lucinda há cinco meses, e ela era uma visita constante e animada em nossa casa nas semanas antes do grande dia. Ela também é, de acordo com o site, uma veterana na Conrad & Olsen. Está lá há oito anos.

Pareceu um presente; uma pessoa que eu conheço pode nos levar a alguma pista útil. Não sei construir uma ponte entre mim e todos os meus amigos, mas sei fazer de conta que estou escolhendo uma profissão para tentar obter informações de Lucinda.

— Phoebe! Oi! Que bom ver você! — Lucinda ainda é um turbilhão de energia, disparando de trás de sua mesa para me abraçar apertado. Ela é mais baixa do que eu, os cabelos escuros cortados num pixie, e a armação dos óculos é de um roxo moderno. Está usando um vestido

cinza-chumbo que tem um corte estranho, mas que mesmo assim fica tão bonito que só pode ter custado uma fortuna. — Minha nossa, você passou por maus bocados, não foi? Fiquei sabendo de toda a confusão com sua irmã e Jared Jackson. Eu sinto *muito* que você tenha tido que passar por isso — lamenta ela, dando tapinhas em meu ombro.

Sei que ela está sendo sincera, porque é uma boa pessoa, mas nem ela consegue esconder a pontinha de curiosidade em seu olhar. Eu não me importo, estava contando com isso.

— Tem sido *horrível* — digo em voz baixa, deixando meu olhar cair para o chão. — Ele estava obcecado por mim. Bem, ele achou que era eu.

— Eu fiquei sabendo. Por favor, pode se sentar. Me conta o que aconteceu — pede Lucinda, passando por mim para fechar a porta do escritório. Ela aponta a cadeira do outro lado da mesa. Eu me sento, e conto o que aconteceu com o máximo de detalhes que consigo. É só um apanhado do que saiu nos jornais, mas coloco toques pessoais em quantidade suficiente para que ela sinta que está tendo informações privilegiadas.

Assim, pode ser que ela faça o mesmo por mim daqui a pouco.

— Que pesadelo — diz ela quando termino, demonstrando empatia.

— Foi mesmo — concordo. Enfatizo o tempo passado, porque, até onde Lucinda sabe, isso é tudo por que passei. A polícia de Bayview não divulgou nada sobre a palavra escrita no braço de Reggie, então as pessoas não sabem que existe uma conexão entre meu sequestro e a morte dele.

— Mas ainda assim, você está aqui. Passando seu verão planejando o futuro. Acho isso ótimo, Phoebe. Sua mãe deve estar orgulhosa.

— Espero que sim — murmuro, e me sinto uma completa canalha. Minha mãe ainda está obcecada em saber se estou ou não em casa, e *orgulho* é a última coisa que ela sentiria se soubesse o verdadeiro motivo por trás dessa visita.

Lucinda cruza os dedos sobre o tempo de sua mesa preta lustrosa. É tudo muito árido e chique, de um jeito meio parecido com o de Lucinda.

— Vamos lá, o que você quer saber sobre o mercado publicitário?

Lanço meu melhor olhar angelical para ela e digo:

— Tudo?

Lucinda sorri com gentileza e diz:

— Talvez eu possa te contar como consegui meu primeiro trabalho?

— Isso seria ótimo!

Depois disso, a conversa flui com facilidade, porque Lucinda é agradável e eu realmente estou interessada. Mas continuo procurando o momento de virar a coisa para o meu lado, e quando Lucinda começa a falar sobre as campanhas favoritas dela, eu encontro.

— É interessante como algumas campanhas ficam na nossa cabeça. Como a da Mandalay Motorcars. Faz anos que eles usam a mesma frase. Ou o, uhm, jingle dos doces Guppies. — Tenho que falar outra coisa logo, porque honestamente não consigo lembrar do que Luis estava cantando. — E eu nunca vou esquecer a campanha de pré-vestibular do Prática Leva à Perfeição, que estava em todos os lugares no meu ensino fundamental. Eu era obcecada por ela.

— Meu Deus, aquela campanha! — exclama Lucinda meio envergonhada. — Sabia que foi a Conrad & Olsen que fez? — Faço uma cara de surpresa, e ela continua: — Foi uma das primeiras contas em que trabalhei quando comecei aqui, e, para ser sincera... sempre achei que foi meio simples. Vamos lá, *prática leva à perfeição*? Não é uma mensagem original que queriam passar. Mas deu certo.

— Talvez por conta dos atores. Eles pareciam bem descolados.

Até para mim isso parece forçado demais, mas Lucinda fica superfeliz e diz:

— *Exatamente*. Eu fui a responsável por escalar as meninas, e foi esse meu objetivo, fazer com que elas parecessem modelos a serem seguidos. Eram muito talentosas. Uma delas fez um anúncio nacional para a Toyota alguns meses depois.

— Eu tinha uma quedinha pelo garoto — solto a mentira. — Você sabe o nome dele? Eu adoraria saber em que ele está trabalhando agora.

Essa era uma informação que nem as habilidades de Maeve com as pesquisas conseguiram descobrir, ainda que ela tenha conseguido encontrar as duas garotas.

— Ah, *nisso* eu não tive nenhum envolvimento — admite Lucinda, revirando os olhos. — Ainda bem que aquele garoto tinha um sorriso fofo, porque não conseguia decorar as falas nem por um decreto. A gente teve que gravar umas cem vezes até ele conseguir dizer “perfeição” do jeito certo. Duvido que tenha conseguido outro papel.

— Por que ele foi contratado se era tão ruim?

— Ele era filho de um dos nossos diretores.

— Sério? — Endireito minha coluna na cadeira. — E o diretor era...?

— Alexander Alton — informa Lucinda, com uma expressão um pouco preocupada.

— Você não gosta dele?

— Claro que gostava — dispara. *No passado?* — Por quê? Fiz uma cara engraçada? Desculpa, fiquei me lembrando de algumas coisas. Eu amava o Alex; ele foi um excelente mentor. Só fico triste quando penso no que aconteceu com ele.

Meu coração dispara.

— Como assim?

— Ele morreu afogado há seis anos — explica Lucinda. Dou um suspiro de surpresa e ela continua: — Foi uma tragédia. Ele tinha três filhos: Chase, o ator, havia acabado de fazer vinte e um, e os gêmeos ainda estavam no ensino médio. Eles tinham começado as aulas de direção alguns meses antes, e Alex fazia piada de que andar de carro com seu filho mais novo era como ver a vida passando diante dos olhos. A gente nunca pensou... — Ela solta um longo suspiro. — De qualquer forma, a mãe deles se mudou logo depois, para algum lugar na região central do país. Mais perto da família dela, imagino.

— Nossa, isso *é triste* mesmo — digo, e minha cabeça começa a funcionar. Sabia que algum alto executivo da empresa tinha morrido. Vanessa disse isso ao Nate quando falou da reestruturação que levou à demissão da mãe de Jake, mas esse detalhe parecia mais importante agora que tinha relação direta com a campanha. — Morrer afogado é tão... — *Tão o quê? Suspeito?* — Não é muito comum de acontecer.

— Eu sei. Todos ficamos chocados. A empresa toda ficou de luto.

— Deve ter sido bem difícil, com o Sr. Alton sendo responsável por tudo. Ainda que você tenha dito que ele era *um dos* diretores, certo? — pergunto enquanto tento me lembrar do que Nate falou sobre a Sra. Riordan. — Então imagino que outra pessoa pudesse, uhm...

Perco o raciocínio, sem saber como terminar a frase, mas Lucinda a completa para mim.

— Em teoria, sim, mas não funcionou. A outra pessoa saiu logo depois. — Ela vira a cabeça de lado e os olhos brilham como no momento em que me viu, e tenho quase certeza de que sei o que ela está pensando. *Boa fofoca.* — Pode ser que você a conheça, já que mora em Bayview. Ou pelo menos de nome. Katherine Riordan, o filho dela é...

— Jake Riordan. A gente estudou na mesma escola antes de ele ser preso.

— Eu não *acredito* que ele conseguiu um novo julgamento. Que vergonha! Sempre gostei de Katherine, mas aquele garoto tinha que ficar preso para o resto da vida.

— Concorro — digo com veemência. Podia ficar horas falando mal de Jake, mas não foi para isso que vim, então faço uma expressão preocupada e pergunto: — Por que a mãe dele saiu da empresa?

— Bem, oficialmente foi porque ela queria passar mais tempo com Jake. E talvez fosse verdade. Deus sabe que aquele garoto precisava de supervisão. Mas a verdade é que Katherine não conseguia mais trabalhar. A morte de Alex a destruiu. Ela estava filmando no México quando ele morreu, e quando voltou, tirou quase um mês de licença, ainda que estivéssemos extremamente ocupados e desesperados por uma liderança. E quando ela voltou, bem... Já não era mais a mesma.

— Uau. — Eu não conhecia a mãe de Jake, a não ser por tê-la visto em alguns eventos da escola, mas parecia um tipo de simpatia extrema para um Riordan. — Ela era próxima do Sr. Alton?

Lucinda dá um sorrisinho antes de responder.

— Os boatos dizem que sim.

Fico boquiaberta com o que ela está sugerindo.

— *Sério?* — digo.

É uma reação exagerada. Lucinda pigarreia de um jeito corporativo, como se tivesse acabado de lembrar que está falando com uma menina quinze anos mais nova e que não deveria estar fofocando como se fôssemos colegas de escola.

— O importante é que Katherine precisava de algumas mudanças, e a empresa precisava de outros líderes. Alguém que levasse a agência para o século XXI, porque, sinceramente, com aquela besteira de *Prática Leva à Perfeição* parecia que estávamos presos nos anos 1990. A gente não tinha nem conta no Instagram há seis anos. Tipo, você falava *digital* para o pessoal do departamento criativo e eles só pensavam em um *outdoor*.

Ela olha para o relógio, como se estivesse prestes a me dizer que tem outro compromisso, então a interrompo para fazer minha próxima pergunta.

— Falando nisso, vocês descobriram quem hackeou o outdoor na Clarendon? — Uma expressão de irritação passa pelo rosto de Lucinda, como se ela não estivesse feliz com a lembrança de toda a publicidade negativa, e me apresso em dizer: — Fiquei tão assustada quando vi, como se o jogo de Verdade ou Consequência pudesse estar começando de novo.

— Ah, minha nossa, é óbvio — constata Lucinda. Ela torna sua expressão mais empática, mas sei que ainda está um pouco irritada. — Bem, não se preocupe com isso. A segurança do outdoor era bem antiga, mas agora já foi atualizada. Você não vai ver mais nada desse tipo. — Ela olha para o relógio de novo. — Preciso me preparar para minha próxima reunião, mas foi ótimo falar com você, Phoebe. Espero que algumas coisas que falei tenham sido úteis.

— Com certeza — afirmo, fechando o aplicativo do meu celular onde estava discretamente anotando ideias enquanto Lucinda falava. *Chase Alton nepotismo/Alex Alton afogado/Caso com a mãe de Jake?* — Apreendi muito.

Jake

Seis anos atrás

— Tudo isso vai ser seu um dia, Jake — diz o Sr. Riordan, acenando para a piscina extremamente azul no quintal da família. — Se você quiser. Talvez prefira um apartamento no centro, claro. Alguns dos condomínios são incríveis.

— Não sei, pai — admite Jake, ajustando os óculos de sol. — Está tão longe...

— Não tão longe quanto você pensa. O tempo voa. Mês que vem você vai para o ensino médio, e depois de quatro anos já estará formado. Você precisa começar a pensar sobre a faculdade ideal, o emprego ideal, a namorada ideal... — Ele ri da cara de Jake. — Acredite em mim, garoto, você vai ter muito para escolher.

— Espero que sim.

— Você vai — repete o pai dele, esticando os braços para cima na cadeira de praia.

— Quais são as características da namorada ideal? — perguntou Jake. E ele se sente obrigado a adicionar: — Além de ser bonita, claro.

— Alguém que apoia você. Alguém que entende que você é o tipo de pessoa que vai longe e que vai te ajudar a chegar lá.

— Como a mamãe — diz Jake como se fosse um fato conhecido, mas como o pai não responde, ele se vira para encará-lo e continua: — Não é?

— Sua mãe é uma mulher incrível. E ela também é muito determinada. Não percebi isso quando nos conhecemos. — Como o Sr. Riordan está de óculos escuros, Jake não consegue ver sua expressão muito bem.

— E isso é uma coisa ruim?

— Claro que não. — Jake não conseguiu desvendar o tom de sua voz. — Se é o tipo de coisa que você quer. Alguns casais têm carreiras bem competitivas. Outros preferem se complementar. Eu conheço você melhor do que você mesmo, Jake, e acredito que seria mais feliz com um casamento do segundo tipo. Uma garota doce para apoiar você, alguém que saiba

que seus sucessos são dela também.

— É — diz Jake. Parece bom. Mas as palavras do pai o deixaram desconfortável. Não é como se Jake não percebesse a tensão entre os pais durante este verão; ele não conseguiria deixar de ver, não importa o quanto tentasse. Mas nada de grave estava acontecendo, não é? Os Riordan da Avenida Wellington eram uma locomotiva em Bayview, e eles continuariam assim. Jake não queria começar o ensino médio como um garoto que vive com um molho de chaves na bolsa por ter várias casas, por melhor que sejam. — Você e a mamãe estão bem, né?

— Claro que estamos — garante o pai dele, jogando as pernas de lado e apoiando os pés no chão. — Na verdade, estamos tão bem que aposto que ela vai fazer aquela salada de frango que a gente gosta se pedirmos de uma forma muito, muito especial. Vamos lá, vamos entrar. O sol está ficando muito forte mesmo.

— Tudo bem — concorda Jake, escondendo suas preocupações. Se o pai dele está dizendo que não há com o que se preocupar, então ele não vai se preocupar.

— Na verdade, tenho falado com alguns técnicos do Colégio Bayview sobre organizar um jogo para os calouros antes de as aulas começarem — o pai anuncia enquanto contornam a piscina. — Temos bastante espaço e seria uma ótima oportunidade para você começar a andar com as companhias certas.

— Parece ótimo.

— Simon não pratica esportes, né?

— Tá brincando? O que ele ia jogar?

— Sei lá. Golfe, talvez? — responde o pai, e os dois riem.

— Você diz isso como se Simon fosse capaz de arremessar qualquer tipo de bola. Ele não consegue nem jogar pingue-pongue. Você devia ver ele com a raquete. — Jake faz um movimento com uma das mãos ao lado da cabeça como se estivesse brandindo um mata-moscas, e o pai dele ri mais uma vez.

— Então tenho certeza de que ele vai entender se não for convidado.

A porta de vidro costuma ficar fechada, mas Jake percebe que a deixou um pouco aberta da última vez que entrou para beber água. O vidro duplo normalmente evita que se escute qualquer coisa de dentro da casa, ou vice-versa, mas agora Jake consegue ouvir com nitidez a voz preocupada da mãe.

— Não é simples assim, Alex. Queria muito que fosse, mas não é.

Jake para, pronto para ficar ali, mas a mão do pai em seu ombro o faz continuar. Scott Riordan continua a andar como se não tivesse ouvido nada.

— Você não acha que eu quero isso também? Quero isso mais do que tudo, mas tenho que pensar no Jake, e...

E então o Sr. Riordan abre a porta de vez, e a mãe de Jake para de falar. Quando eles se aproximam, o celular já está desligado na mesa da sala de jantar, e ela está com uma réplica quase perfeita de seu sorriso de costume.

— Como estava a piscina? — pergunta ela.

— Ótima, mas um pouco quente demais. E ficamos com fome. Você acha que podemos pedir um daqueles seus sanduíches de salada de frango? — arrisca o Sr. Riordan.

— Claro! É pra já. Só preciso desfiar o frango — responde a mãe de Jake enquanto pega o celular e vai para a cozinha.

Além desse trecho da conversa que Jake e o pai ouviram, existia outro sinal de que alguma coisa não estava bem. É *pra já*? Não era assim que a mãe de Jake falava com o pai nos últimos dias. Era mais provável que ela dissesse algo como *Estou terminando uma coisinha aqui ou Pode me ajudar com isso?*

O terceiro sinal era o reflexo do rosto do pai no espelho da sala de jantar. Scott Riordan estava sorrindo, como sempre fazia quando conseguia o que queria. Mas os olhos dele brilhavam como se quisesse seguir a esposa até a cozinha, e Jake sabia o que aquela expressão significava, embora nunca tivesse visto nada parecido antes.

O pai dele estava absolutamente furioso.

CAPÍTULO 26

Nate

Sábado, 18 de julho

O apartamento da minha mãe é tão arrumado que parece uma loja de móveis. Bronwyn está aqui em casa, tomando café da manhã e conversando com minha mãe sobre Yale, mas eu sempre me distraio com as diferenças entre este apartamento e a nossa antiga casa.

— Por que você tem tanto limão? — pergunto ao olhar a tigela de cerâmica cheia de cítricos que enfeita o meio da mesa.

— Ah, eles são bonitos, não são? E são ótimos em bebidas — diz minha mãe, e eu devo fazer um olhar inquisidor, porque ela continua: — Como água com gás.

— Eu adoro limão — comenta Bronwyn, me dando um olhar que ordena o relaxamento.

Estou tentando. Mas não consigo evitar a sensação de que minha mãe nos convidou por algum motivo, e, de acordo com o histórico, os motivos dos meus pais nunca são os melhores.

— Mas então, o que você tem feito, mãe? — pergunto meio abruptamente. Nós dois temos trabalhado tanto que faz algumas semanas que não nos vemos pessoalmente.

— Estou tentando acompanhar o ritmo do escritório. Estamos tão ocupados. Sinto muito por ter perdido o funeral do Reggie. Me falaram que a cerimônia foi linda. — Minha mãe toma um gole do suco de laranja. Ela ainda está trabalhando na empresa de transcrições médicas, mas agora é gerente.

— É, acho que foi. O melhor que podia ser — digo.

Ontem, enquanto estava sentado num banco da igreja St. Anthony entre Bronwyn e Addy, não pude deixar de lembrar do enterro do Simon. Fui com meu oficial de condicional e a polícia me chamou num canto para fazer perguntas assim que tudo acabou. Na época eu não sabia, mas minha vida estava prestes a mudar. Muitas mudanças foram positivas, mas ainda assim... Ontem foi o terceiro velório de um aluno do Colégio Bayview a que compareci em menos de dois anos.

Ontem à noite, Crystal contou a todo mundo que, quando morreu, Reggie não estava usando o colar de couro que sempre usava, e os pais dele perguntaram sobre o colar. Acho que foi um presente da mãe dele, então reviramos a casa toda procurando. Não encontramos nada. Fiquei me sentindo um bosta depois disso, porque foi a primeira vez que pensei em Reggie como algo além de um pé no saco. Um cara que usava o colar que a mãe deu de presente, todo dia, podia ser alguém melhor se tivesse escapado de Bayview vivo.

Minha mãe parece estar pensando a mesma coisa, pois me dá um sorriso pesaroso.

— Às vezes me pergunto como seria nossa vida se eu tivesse levado você para Oregon anos atrás — reflete ela.

— Teria sido *péssima* — dispara Bronwyn. Eu e minha mãe a encaramos, e ela ruboriza. — Pra mim, eu digo.

Paro de pensar no Reggie e digo:

— Como assim? Você estaria levando uma vida de rainha, namorando algum figurão de Yale, e eu...

— Sofrendo pela sua paixão da quinta série — acrescenta Bronwyn com um sorriso. Não importa quantas vezes eu a veja sorrir assim, eu ainda perco o ar por alguns segundos.

— Verdade — consigo dizer.

— Então foi melhor assim. — Minha mãe diz com confiança, mesmo tendo ficado com a pior parte.

— Você deve estar cansada de morar aqui, né? Com todos os... — Eu ia dizer *assassinos*, mas paro quando vejo Bronwyn balançar a cabeça. — Coxinhas — completo.

— É onde *você* está — responde minha mãe, como se isso fosse suficiente para encerrar o assunto. Além disso, ela não deve se importar com os coxinhas. Ela começou a fazer yoga com alguns colegas de escritório, e tem sido ótimo para ela. Parece mais saudável.

— É, mas... — *Mas agora eu sou adulto. Moro sozinho. Minha vida está ajustada.* Não posso dizer nada disso, porque qualquer dessas frases vai parecer com *Eu não preciso mais de você.* E não é verdade, mesmo que eu não saiba como demonstrar. — Mas você sente falta dos seus amigos.

— A gente se fala o tempo todo. E eles vão estar sempre lá.

Mas e você? Penso.

Hábitos são difíceis de mudar, mesmo agora que meus pais estão estáveis. Minha mãe não merece que eu duvide dela. Está aqui há um ano e meio, trabalhando e tomando os remédios, praticando yoga, e acabou de preparar waffles para nós, pelo amor de Deus. Farinha integral, porque ela sabe que a Bronwyn gosta. Ela não é a mesma pessoa que era dez anos atrás ou mesmo um ano atrás, então talvez eu possa parar de esperar o pior. Mudo o rumo da conversa e pergunto:

— Você acha que vão demitir meu pai por conta das chaves?

Meu pai, ainda posso me preocupar com ele.

— Acho que não. Ele foi descuidado, claro, mas se não fosse por ele, e por vocês dois, o Reggie podia demorar um tempo para ser encontrado. E mesmo que ele perca esse emprego, talvez não seja o pior dos mundos... — Ela me encara procurando algo, como se esperasse algum sinal. — Você tem falado com ele?

— Falei com ele ontem.

— Algum assunto em especial?

A pergunta acende meu sensor de problemas.

— O que ele está aprontando? — pergunto empurrando meu prato depois de comer o último pedaço de waffle.

— Ah, Nate, ele não está *aprontando* nada.

— Então por que...

O celular de Bronwyn toca e ela diz:

— O Cooper chegou. — Depois se vira para minha mãe e continua: — A gente pode ajudar a arrumar as coisas antes de ir embora?

— Não, não, podem ir. Aproveitem a praia — diz minha mãe enquanto nos manda sair. Ela parece esperançosa quando fala: — Vocês precisam descansar.

Já estamos saindo quando percebo que não terminei de perguntar o que queria.

★

Devia levar menos de quinze minutos para chegarmos à praia, mas com o Cooper dirigindo levamos o dobro do tempo.

— É um desperdício um motorista assim ter um carro destes — reclamo quando ele finalmente estaciona. Luis convenceu Cooper a comprar um Subaru WRX: um sedan bonito e esportivo que não custava uma fortuna. Provavelmente ele consegue andar bem mais rápido do que cinquenta quilômetros por hora, claro, mas a gente não sabe, porque Cooper é obcecado com limite de velocidade.

— Eu nunca tive um carro novo — declara Cooper enquanto ajusta os óculos de sol e pega

um boné no porta-luvas.

— Será que a gente devia ter vindo com ele pra praia? Vamos estar cheios de areia quando voltarmos — observa Bronwyn, preocupada.

— Sem problemas, eu tenho um aspirador — avisa Cooper com delicadeza. Kris, que está descendo do lado do passageiro, abafa um risinho quando passa por mim em direção ao porta-malas. Ali ele pega uma canga, cadeiras e um guarda-sol e se parece tanto com um paião que mesmo Bronwyn, a mais organizada, não consegue conter o riso.

— Não se esquece do isopor cheio de suco — implica ela.

— Está cheio de água, mas não vou esquecer — responde Kris, entregando tudo menos o guarda-sol para Cooper. — Você pode pegar, Nate?

Não reclamo e pego o isopor, porque este pode ser nosso último dia de praia por um tempo. Addy e Maeve vão para o Peru no fim do mês. O campeonato de Cooper acaba no começo de agosto, e depois disso ele e Kris vão visitar a família na Alemanha. E já, já vai ser hora de Bronwyn voltar para Yale. É por isso que, mesmo sendo um momento bastante estranho em Bayview, resolvemos fazer de conta que somos um grupo normal de amigos que passam o sábado juntos.

Além disso, se a gente fosse esperar *não* ser um momento estranho em Bayview, ninguém sairia de casa.

— Maeve disse que eles estão à esquerda dos salva-vidas. Ela avisou que vamos ver o chapéu dela — informa Bronwyn, olhando o celular enquanto atravessamos o estacionamento. É um dia de verão perfeito, quente e ensolarado, o céu está azul e sem nuvens. O cheiro é uma mistura de sal, protetor solar e açúcar vindo da máquina de algodão doce.

— Tudo bem — respondo. Mas não olho para nada que não seja Bronwyn quando ela tira a camiseta e guarda na bolsa. Minha namorada de biquíni e shortinho talvez seja a coisa mais linda do planeta.

— O chapéu? — pergunta Cooper já na areia. — Tem muita gente aqui. Como vamos... Ah, tá. Ela sempre se supera, não é? — Sigo o olhar dele e vejo um chapéu de palha listrado do tamanho de um pequeno planeta.

— Você sabe o que Maeve acha de tomar sol — argumenta Bronwyn.

Ou da praia no geral. Quando chegamos perto, ela está sentada de pernas cruzadas em uma cadeira no meio de uma canga gigante, com uma camiseta de manga comprida, calças largas brancas e óculos de sol que cobrem a maior parte do seu rosto. Ela está segurando um laptop e vemos um pote enorme de protetor solar ao lado.

— Que bom! Finalmente um guarda-sol — diz ela quando chegamos.

— É, graças a Deus. Parece que seu pulso está tomando sol — digo ao deixar o isopor na ponta da canga dela.

— Sério? Qual deles? — dispara Maeve já pegando o protetor solar.

— Onde estão os outros? — pergunta Bronwyn, e ajeita uma canga ao lado da cadeira de Maeve. Vou para perto dela e a puxo para um abraço, começo a cheirar o espaço entre seu ombro e pescoço, e ela ri quando alcanço o lugar em que ela sente cócegas.

— Knox e Addy foram comprar sorvete. Luis e Phoebe estão nadando. Eu tentei dizer a eles que o mar está agitado hoje, mas aparentemente nenhum dos dois se importa com segurança — relata Maeve, olhando ressentida para o mar.

— E o que *você* está fazendo aqui neste dia lindo, Maeve? — questiona Kris ao terminar de ajeitar o guarda-sol e abrir uma cadeira.

— Pesquisando — declara Maeve ajustando a tela do computador para que não pegue tanto sol. — A morte de Alexander Alton foi *muito* suspeita. Acharam o carro dele estacionado em uma praia perto daqui, como se, do nada, ele tivesse decidido ir até lá nadar sem avisar ninguém. Foi sorte o corpo dele ter aparecido, mas demorou mais de um mês. Já não tinha muito o que examinar. E ele deixou o celular no escritório e... Quem faz isso? Talvez eu esteja enganada, mas é provável que alguém esteja despistando.

— O que a família dele disse? — pergunto.

— Na época? Nada. Ou pelo menos nada que eu conseguisse achar. Eles não deram

entrevista. — Ela tecla algo. — Então eu obviamente fui procurar mais coisas sobre os Alton. Chase Alton foi fácil. Ele é o típico clichê: um aspirante a ator que trabalha como garçom em Los Angeles enquanto espera sua grande chance. Pelo menos foi o que contou para Tami Lee.

Bronwyn se apoia em um dos cotovelos e olha preocupada para Maeve.

— Achei que Tami Lee tinha saído de cena.

— Ela saiu do Toq. Agora ela está conversando com o Chase por mensagem no Instagram, contando como ela amava o comercial que ele fez — explica Maeve, e Kris pega uma garrafa de água.

— Tem certeza de que é uma boa ideia fazer isso? Se ele tiver alguma relação com o que está acontecendo, pode ser que ache estranho alguém se aproximar agora, não? — pergunta Cooper enquanto abre a tampa da garrafa de Kris e bebe um gole.

Maeve dá de ombros e responde:

— Não tinha outro jeito. Ele não atuou em mais nada, e eu precisava de alguma coisa pra começar a conversa. Ele estava animado no começo, mas passou a demorar pra responder quando comecei a perguntar o que ele ia fazer no fim de semana. Ou achou que a Tami Lee era muito atirada, ou não quer falar sobre isso. Achei o obituário da mãe deles também. Morreu em um acidente de carro no ano passado, nível alto de álcool no sangue.

— Ah, não! Ela estava... — começou Bronwyn.

— Dirigindo? Sim. Estão vendo o padrão, né? — sugere Maeve.

Bronwyn e eu trocamos olhares e digo:

— Não exatamente.

— É a mesma coisa que aconteceu com Jared Jackson. Quando o irmão dele foi preso, a família toda desmoronou. A saúde do pai piorou e a mãe sofreu overdose. Foi quando Jared ficou obcecado pelo Eli, ainda que não tenha sido *culpa* do Eli o fato de o irmão de Jared ser um criminoso. Mas foi por isso que o Jared conheceu a Emma, que estava obcecada pelo Brandon por conta da morte do pai. Mais uma família destruída em Bayview. E o que sempre acontece em Bayview? Vingança. — Maeve ajeita os óculos e encara o mar, onde Luis e Phoebe são apenas pontinhos nadando. — Não acho que seja coincidência que todas as pistas estejam apontando para mais uma família destruída. Ambos os pais morrerem em um ano é bem traumático. Ainda mais se a morte deles não tiver sido acidental.

— Espera, você está dizendo que esse tal de Chase está dando uma de Jared? — pergunta Cooper.

— Talvez. Seria bom se soubéssemos o que realmente aconteceu com Alexander Alton. Talvez a mulher que supostamente estava tendo um caso com ele saiba. — Maeve vira o rosto para o meu lado e apoia um dedo no queixo. — Puxa, se pelo menos um de nós tivesse acesso a um lugar que a Sra. Riordan vai sempre para beber, né...

— O quê? Nem pensar. Eu nem conheço a mulher direito. Não posso chegar perguntando de um suposto caso extraconjugal de anos atrás — respondo, nervoso.

— Ah, Nate, nem vem, você trabalha em um bar. Se até agora não descobriu como fazer as pessoas contarem seus segredos, está indo bem mal — retruca Maeve.

Cooper tira a camiseta e joga de lado antes de dizer:

— Além disso, agora você é um novo homem, Nate. Olha o que você fez pela Vanessa.

— Eu não fiz nada — respondo no automático. Mas... talvez eu tenha feito? O convite não saiu como eu tinha planejado, mas terminou melhor do que começou.

Kris se aproxima e diz, pensativo:

— Vanessa? Olha, é uma ideia interessante.

— Que ideia? — pergunta Cooper, confuso.

— Ela conhece a mãe do Jake, né? E a Vanessa tem uma coisa... Olha, não vou dizer que ela tem *charme*, mas tem um tipo meio agressivo de sociabilidade que pode ser útil. — Kris pega o pote de protetor solar de Maeve, abre e coloca um pouco na mão. — Ela quer fazer alguma coisa pra compensar ter sido idiota na escola, né? Talvez a gente possa começar com isso — diz ele enquanto passa o protetor em Cooper.

— Por que a Sra. Riordan contaria uma coisa tão íntima pra Vanessa? — pergunto.

— Isso é um problema pra Vanessa — rebate Kris, dando de ombros.

— Mas e os irmãos mais novos? São gêmeos, certo? Um menino e uma menina. O que eles fazem? — pergunta Cooper.

— Christopher e Chelsea Alton. Acho que são aquele tipo de família que escolhe uma letra e começa todos os nomes dos filhos com ela. Chelsea está estudando história em Oxford, e usa bastante as redes sociais — relata Maeve e entrega o laptop para Bronwyn, que se interessou quando ouviu *Oxford*. Bronwyn sonha em estudar um ano lá, e talvez isso me force a tirar um passaporte.

— Meu Deus, ela na Biblioteca Bodleiana. Sempre quis ir lá — murmura Bronwyn. Chego mais perto do ombro dela e olho a página do Instagram de uma menina de cabelos castanhos com fotos no jardim de um prédio gótico imponente.

— Já o Christopher é um mistério. Não tem nenhuma rede social. Não achei nenhuma notícia dele depois da formatura do ensino médio — continua Maeve.

— Isso parece suspeito — murmura Kris.

Luis vem correndo para perto de nós, completamente molhando e sacudindo os cabelos para longe dos olhos. Phoebe vem logo atrás.

— A rede de vôlei está livre. Addy e Knox ficaram lá guardando o lugar. Vamos jogar! — chama Luis, quase sem fôlego.

— Vamoooooooo! Como nos velhos tempos — anuncia Cooper, já se levantando em um salto, ainda que Kris estivesse fazendo massagem em seus ombros.

— Velhos tempos não sei pra quem — resmunga Bronwyn, mas ela já está prendendo o rabo de cavalo em um coque.

— Eu vou ficar no time da Bronwyn. Adoro quando você entra no modo ataque — declara Kris, fazendo um *high five* com Bronwyn.

— Eu também — disparo. Não sou muito de jogar vôlei, mas...

— Parece que vai ter muita areia envolvida — observa Maeve, em dúvida.

— Vamos, Maeve! Para de ficar pensando em crimes e vamos jogar vôlei! — insiste Cooper. Ele passa o braço pelos ombros de Luis, que junta as mãos implorando. Phoebe sorri, olha para Maeve com cara de *Você não vai conseguir resistir*.

Maeve suspira e diz:

— Tá bem, tá bem, mas preciso de cinco minutos. Vou passar mais uma camada de protetor solar.

— Não esperava nada menos do que isso — admite Luis com alegria.

— Só vou fechar o computador e... Espera! — diz Maeve, tirando os óculos de sol e encarando a tela. — Tami Lee recebeu uma mensagem de Chase Alton.

— De quem? — pergunta Luis, nervoso.

— O cara do comercial. Presta atenção — censura Cooper dando um soquinho no braço dele.

— A última coisa que eu disse pra ele foi *Se estiver sem nada pra fazer no fim de semana, venha pra San Diego* — informa Maeve. E os olhos dela estão arregalados quando continua: — Ele respondeu, *Talvez eu já esteja na cidade*.

CAPÍTULO 27

Addy

Sábado, 18 de julho

Na volta, trocamos de carro. Maeve e Bronwyn levam os respectivos namorados para um jantar em família, e Phoebe vai junto para aproveitar a carona. Ela diz que vai usar a oportunidade para conversar com Maeve sobre o que ouviu na Conrad & Olsen, mas eu acho que é porque de repente ela e Knox já não conseguem mais ficar perto um do outro.

— O que aconteceu entre você e a Phoebe? — pergunto quando entramos no carro do Cooper. Sinto o cheiro de carro novo, e me desculpo telepaticamente com Cooper pela areia que sai dos meus chinelos para os tapetes. — Vocês não conversaram o dia todo.

— Nada — murmura Knox, mas tem *alguma coisa* na voz dele. Ele se bronzeou um pouco durante este verão, e o cabelo castanho está com algumas mechas mais claras por conta do sol. Se ele fosse outro garoto, eu pensaria que estava começando a se achar. Mas é o Knox, então tenho quase certeza de que ele nem percebeu. — É um grupo grande, só isso. Não dá pra conversar com todo mundo sempre. — Enquanto Cooper dá a ré devagar, ele se remexe no banco. — Olha, estou pensando em uma coisa. Vocês acham que a gente deveria contar pro Eli tudo isso do *prática leva à perfeição*?

Ele está visivelmente tentando mudar de assunto, mas deixo passar, ainda mais porque não posso pensar nisso agora. Se minha irmã desconfiasse do que estou aprontando, ela teria um ataque. Não posso deixar isso chegar até Ashton, não agora que ela vale por dois.

— Não. Por que a gente faria isso? Não temos nenhuma pista boa — respondo.

— Talvez a gente tenha achado uma ligação entre a família de Jake e o que aconteceu com a Phoebe e o Reggie — sugeriu Knox.

— A ligação mais frágil do mundo. Imagina a gente falando isso pra polícia de Bayview? *Ah, oi, a gente acha que as palavras no braço da Phoebe e do Reggie têm a ver com um comercial que foi ao ar seis anos atrás. Foi uma campanha criada pela mãe do Jake e por um cara que morreu, que pode ter sido amante dela. Além disso, estamos mentindo pra atrair o filho dele.*

Knox esfrega o queixo e diz:

— É, a gente não precisa falar *desse* jeito. Além disso, Eli não é a polícia. Ele é bem mais receptivo.

— Você não vai querer fazer isso. Ele disse que demitiria você se algum de nós se envolvesse nessas coisas — adverte Cooper enquanto dirige extremamente devagar para entrar na rodovia.

— Eli não estava falando sério — rebate Knox, mas ele não parece ter certeza.

— Acho que primeiro a gente precisa da informação que a Vanessa vai conseguir. Senão, a gente vai simplesmente contar uma fofoca velha e bem perigosa — diz Kris.

— Você está presumindo que a Vanessa vai *conseguir* essa informação. O Nate não parece ter tanta certeza — afirma Cooper.

— Nate não reconhece o poder de uma boa fofoca — comenta Kris, dando de ombros.

Minha cabeça está a mil enquanto escuto a conversa. Comecei a namorar o Jake no

primeiro mês do ensino médio, mas só conheci a família dele no Dia de Ação de Graças. Fiquei muito animada por ter sido convidada para jantar com os Riordan, principalmente porque minha mãe ainda estava casada com o segundo marido, Troy, e queria me arrastar para a casa dos pais dele. Os Riordan pareciam viver no paraíso: a decoração da casa era impecável, a comida estava arrumada de um jeito lindo, os pais de Jake eram charmosos e glamorosos. Era como se eu tivesse entrado em um filme. A noite pareceu mágica, e depois disso passei o maior tempo possível na casa de Jake. Não me lembro quando nem como fiquei sabendo que a Sra. Riordan tinha saído do emprego havia pouco tempo, mas me lembro de que pensei em como minha mãe invejaria aquilo. A Sra. Riordan tinha *tudo*: não só a casa perfeita, o marido perfeito e o filho perfeito, mas também uma agenda perfeitamente vazia.

Queria poder voltar no tempo, agora que sei quanta coisa tóxica se escondia atrás da *perfeição*, e examinar a família Riordan outra vez, mas com minha cabeça de agora.

Faz mais de uma semana que encontrei Jake na casa em Ramona. No começo fiquei aliviada por não receber nada dele nem dos advogados, porque ele estava certo: eu tinha ido contra a ordem judicial. Ele podia ter me denunciado e contado a história de um jeito que o livrasse da restrição. Mas como ele não fez isso, depois de uns dias comecei a sentir um novo medo me invadir. Só conseguia pensar no que Jake tinha dito antes de entrar: *Pode ir se acostumando a viver com medo, porque um dia desses eu vou atrás de você*.

Jake não vai contar nada a ninguém. Por que contaria? Eu lhe dei exatamente o que ele queria: confirmei que ainda tenho medo dele. Agora Jake só precisa esperar, e uma brecha na lei vai dar liberdade total a ele de novo.

— Você precisa virar à esquerda pra ir pra casa da Addy. — A voz de Kris me traz de volta ao presente.

— Eu sei — diz Cooper. Ele está perto da minha casa e anda bem devagar, mas para uma quadra antes.

— Você também *sabe* que esta não é a casa da Addy? — provoca Kris.

— Eu sei. Mas eu também sei que carro é aquele — afirma Cooper.

Olho para onde ele está olhando e prendo a respiração. No fim da rua, depois da minha casa, o mesmo conversível vermelho que estava esperando perto do escritório de Eli, e depois na frente da casa de Nate. Aquele que definitivamente não é de Phil, vizinho de Nate. É a terceira vez, e agora na minha casa.

Um dia desses eu vou atrás de você.

Cooper se aproxima do carro e meu estômago revira de ansiedade.

— Vamos chegar um pouco mais perto, tentar dar uma olhada em quem está dirigindo — declara ele.

— Quem quer que seja tem insulfilme nas janelas. Nate estava perto do carro aquele dia e não conseguiu ver nada — digo tentando manter minha voz calma.

Knox se inclina para a frente e diz:

— Talvez seja Chase Alton. Talvez não fosse brincadeira quando ele disse a Maeve que já estava aqui. Ele pode ter ficado aqui esse tempo todo.

Ou talvez seja o Jake, penso, mas não consigo dizer em voz alta.

Quando Cooper está quase ao lado do carro, o motorista sai dirigindo, para longe da minha casa.

— Segue ele — dispara Knox.

— O quê? Sério? A gente não sabe... — diz Cooper, confuso.

— Segue ele — repete Knox.

É isso que Cooper faz, hesitando no começo, até que o carro vermelho ganhe velocidade e saia da minha rua para uma mais movimentada. Cooper também acelera, costurando entre os carros no trânsito, até que consegue se aproximar.

— Como deixam alguém dirigir com a placa tão coberta de lama que não é possível ver nada? A polícia nunca parou esse carro? — murmura ele quando o carro vermelho troca de faixa.

— Ah, você sabe, a polícia de Bayview não se preocupa com esse tipo de coisas. Estão

ocupados não resolvendo assassinar — reclama Knox.

— Quem quer que seja, está indo muito mais rápido do que o normal por aqui. Você acha que a pessoa percebeu que está sendo seguida? — pergunta Kris.

— Acho que ele pode ter visto a gente se aproximando devagar lá na casa da Addy, mas agora estamos longe e talvez ele não esteja vendo — responde Cooper. Estamos perto de um sinal que muda do verde para o amarelo, e a caminhonete a nossa frente pisa no freio, mas o carro vermelho passa direto.

— Vai! — insiste Knox batendo no assento de Cooper.

— Tem um carro na minha frente! — exclama Cooper, parando.

O sinal acende a luz vermelha, e Knox solta um grunhido raivoso.

— Pronto, acabou. Perdemos o carro — murmura ele se encolhendo no banco. A traseira do carro vermelho fica visível por mais um segundo e depois vira em uma das avenidas.

— Carro não. Este sinal fica fechado muito tempo, e como Luis repete toda hora, meu carro vai de zero a cem muito rápido, em cinco ponto três segundos — informa Cooper.

— Este carro faz *isso*? — pergunta Kris assim que o sinal abre. Cooper deixa a caminhonete da frente andar um pouco e depois *ultrapassa*, cortando a caminhonete rápido para entrar na avenida. — Ah, beleza. Vamos lá — murmura Kris, igualmente impressionado e surpreso.

O Cooper que veio dirigindo devagarinho da praia até minha casa não existe mais, foi substituído por uma pessoa que ama o acelerador. Em segundos, estamos vendo o carro vermelho novamente, e Cooper desacelera um pouco. Ele deixa alguns carros entre eles até que chegamos a um cruzamento, e se aproxima e passa pelo sinal amarelo junto com o carro vermelho.

— Vocês precisam se abaixar. Não deixem que ele veja vocês — ordena Knox.

— Qual é o plano? A gente não vai tentar falar com essa pessoa, né? Parece uma péssima ideia — digo com o coração disparado. Cooper tinha razão quando viu o carro perto do escritório de Eli. Jake nunca dirigiria uma coisa assim. A não ser que tenha pensado nisso para nos enganar. Será que estamos *mesmo* seguindo o Jake? Não posso fazer isso duas vezes no mesmo mês ou, pelo menos, não posso ser pega de novo.

— Vamos pelo menos ver aonde a pessoa está indo — diz Cooper.

Estamos nos aproximando de um cruzamento grande, e o carro vermelho de repente passa duas faixas à direita para virar em uma das transversais. Buzinas soam enquanto Cooper tenta seguir e diz:

— Droga!

— Acho que agora ele viu a gente. Sabe, Cooper, tenho que ser sincero, essa sua faceta de piloto é bem sexy, mas o motorista daquele carro não quer mesmo ser visto — afirma Kris, se segurando no apoio de braço central enquanto Cooper faz uma curva fechada.

— E é por isso mesmo que a gente precisa saber quem é — argumenta Cooper.

Agora estamos na rua do lado, casas passam pelas janelas enquanto Cooper continua a seguir o carro vermelho. Ele vira mais uma vez e Cooper o acompanha, o carro novo se saindo muito bem.

— Ele passou direto pela placa de PARE, babaca — pragueja Cooper quando o carro vermelho passa direto por um cruzamento. Cooper vai atrás.

— Cooper, vai mais devagar, estamos em uma área residencial. E a gente não tem ideia de quão desesperada essa pessoa está. Ela pode ter uma arma ou... — Kris para de falar assim que um prédio aparece no nosso campo de visão, o carro vermelho entra à toda no estacionamento.

— Ou a pessoa pode estar indo para a delegacia — completa Knox.

— Mas que porra é essa? Por favor, me digam que eu não passei direto em uma placa de PARE enquanto perseguiu um carro da polícia. Como vou explicar isso ao meu treinador? — diz Cooper enquanto estaciona perto de duas viaturas.

O carro vermelho não se preocupa em achar uma vaga, ele para de qualquer jeito e deixa o motor ligado. A porta do motorista se abre e eu respiro fundo, tentando me manter centrada para ver quem vai sair. Não pode ser o Jake, certo? Talvez seja Chase Alton ou um policial que

vai prender Cooper pelo jeito que ele dirigiu, ou...

— Quem é esse *cara*? — pergunta Knox, confuso.

Um homem baixo e magro, na casa dos trinta anos, com cabelos pretos ralos, sai do carro sem fechar a porta, disparando na direção do carro de Cooper. Quando meu amigo abre a porta e tenta sair, o homem corre em direção à porta, como se não quisesse que Cooper saísse, mas também não quisesse tocar nele.

— Não chegue perto ou eu vou denunciar você! — grita o homem.

Cooper consegue sair do carro mesmo assim e vai para a calçada.

— Me denunciar pelo quê?

— Perseguição! Ou você acha que é a primeira pessoa que tenta me empurrar pra fora da estrada? Pode acreditar que não é, e você... — O homem para de falar e parece tentar se encolher. Ele coloca as mãos no bolso. — Você... Você é o jogador de beisebol, não é?

— Bem, eu sou um dos jogadores. E como pode ser que eu esteja perseguindo você quando é você que está seguindo meus amigos? — indaga Cooper.

Não sei quem é esse magrelo, mas ele não parece perigoso, então tiro o cinto de segurança e saio para ficar ao lado de Cooper. O homem fica tenso quando me vê, os olhos arregalados.

— Ahhhhh! — exclama o desconhecido. Ele olha para trás, na direção da delegacia, e depois para o próprio carro, ainda ligado, como se estivesse tentando escolher para onde ir. — Tudo bem, isso... isso foi um engano. — Ele olha de novo para Cooper e diz em um tom quase acusatório: — Você está com um carro novo.

— Como você sabe disso? E por que você está olhando pra ela assim? Quem é você? — pergunta Cooper, com a voz já alterada. O homem demora para responder e continua me encarando, sinto um arrepio.

— Eu...

O homem olha para trás de novo. Algumas pessoas sem uniforme saem da delegacia, conversando animadas enquanto caminham até o estacionamento. Kris e Knox saem do carro e ficam do nosso lado, de braços cruzados. É a primeira vez que vejo Knox parecer chegar perto de ser intimidador.

— Quem é você? — pergunto.

O homem engole em seco e eu consigo ver o pescoço dele se mover mesmo estando longe.

— Meu nome é Marshall Whitfield — revela.

Demoro alguns segundos para lembrar do nome. *Meu Deus, é o Jurado X*, e Cooper já está indo em direção a ele.

— Seu filho da puta — xinga Cooper. Kris e Knox seguram os braços de Cooper e usam toda a força possível para mantê-lo longe. Nunca vi Cooper tão furioso. Apesar de ser forte, ele sempre foi a pessoa mais gentil que já vi. Mas agora ele parece mais do que pronto a mudar de vida. — É por sua causa que o Jake está fora da cadeia, e você ainda tem coragem de vir na casa da Addy e assustar minha amiga? Qual é o seu problema?

— Não é isso! — dispara Marshall. Ele começa a se afastar, como se não confiasse em Kris e Knox para segurar Cooper. Eu confio, percebendo, pela forma como respira, que Cooper já está se acalmando. — Acredite se quiser, mas eu estava tentando ajudar. É que... Olha, eu perdi meu emprego e minha namorada e meu apartamento por causa do que aconteceu...

— Que bom — interrompe Kris.

— ... e praticamente ninguém fala comigo, a não ser meu primo, então eu estou dormindo no sofá da casa dele, sem nada pra fazer. Foi aí que pensei que, bem, já que é por minha causa que o Riordan está solto, talvez eu pudesse ficar de olho nas pessoas que ele odeia, pra me certificar de que ele não vai tentar nada...

— Você está falando sério? — interrompo, e raiva se infiltra no meu sangue. Não acredito que esse cara está na minha frente, o cara que conseguiu dar um novo julgamento ao Jake, me dizendo que está me *ajudando*. — E se ele tentar? O que você vai fazer?

— Eu... Bem... Eu não vou deixar — gagueja ele.

— Bobagem. Você não conseguiu lidar nem com uma breve perseguição. Fala a verdade, por que está aqui? — indaga Knox, soltando o braço de Cooper.

— Eu já disse. Pra ajudar — insiste Marshall, e seu rosto branco fica vermelho quando ele continua: — Se eu fizesse isso, sabe, talvez... talvez as coisas ficassem quites...

Kris olha com raiva e diz:

— Como assim quites?

Marshall vira as mãos para cima e aponta em minha direção, suplicando.

— Olha, eu sei que estraguei sua vida, mas estraguei a minha também. Minha família quase não fala mais comigo. Ninguém vai me contratar. Achei que vocês estavam me seguindo por terem me reconhecido, já aconteceu antes. Eu recebo ameaças de morte o tempo todo. Então achei, sabe, que se eu ajudasse, talvez vocês pudessem me ajudar também.

— Ajudar você? Como? — pergunto com a voz monótona.

— Vocês podem postar alguma coisa simples nas redes sociais pedindo às pessoas que me deixem em paz. Elas escutariam. — A voz dele se torna uma súplica.

Cooper respira tão fundo que percebo o tanto que ele quer responder por mim, mas ele consegue se controlar. Knox solta uma risada, incrédulo. Kris permanece em silêncio absoluto.

Poderia dizer muitas coisas para Marshall Whitfield hoje, além de todas as coisas que já quis dizer nos últimos meses. Mas nada vai fazer diferença, então digo a única coisa que importa:

— Não.

— Você pode pelo menos pensar no assunto? Sei que não fiz nada para ajudar você com o seu ex, mas posso ajudar de outros jeitos. — A expressão dele muda. — Tem muita coisa rolando no seu grupo de amigos, não é? Eu vi umas coisas.

Vi umas coisas. Que manipulador de merda.

— Marshall, escuta aqui, se você chegar perto de mim ou dos meus amigos de novo, eu vou mesmo postar uma coisa nas minhas redes sociais. Vou falar pra todo mundo que você está me perseguindo — digo com o cuidado de falar cada palavra pausadamente.

Marshall arregala os olhos, surpreso.

— O quê? Você não pode fazer isso!

— Por que não? É verdade. Ou talvez eu possa falar isso pra polícia agora mesmo.

A porta da delegacia se abre e um policial de uniforme sai. Marshall Whitfield não espera, ele corre para o carro e entra, fechando a porta rapidamente. O policial nem olha e vem direto em nossa direção e, enquanto ele se aproxima, reconheço que é o detetive Mendoza. Ele interrogou cada um de nós pelo menos uma vez, então definitivamente reconhece os garotos, mas ele nem disfarça que toda sua atenção está voltada para mim, assim como a de Marshall Whitfield estava.

— Addy, acho que você ficou sabendo — começa ele.

— Sabendo do quê? — pergunto enquanto Marshall sai do estacionamento.

Ele para, sobranceiras franzidas.

— Ah, eu... Então... Seu advogado não ligou?

Meu *advogado*? Meu coração dispara e eu pergunto:

— Por quê?

Detetive Mendoza me olha com atenção, uma expressão tão estranha em seu rosto que demoro um tempo para entender que ele parece *preocupado*.

— Tudo bem, não imaginei que fôssemos conversar assim, mas... Olha, por que vocês não entram? — Ele dá uma olhada em Cooper, Kris e Knox. — Vamos mesmo precisar falar com todos vocês, porque Jake Riordan desapareceu.

CAPÍTULO 28

Phoebe

Sábado, 18 de julho

Jake Riordan desapareceu.

— Ele desapareceu fugido ou desapareceu como... o Reggie? — pergunta Luis.

Estamos no deque em cima do Café Contigo mais uma vez, numa reunião emergencial do Clube dos Assassinos, e os pais de Luis nos deram exclusividade. Dessa vez não estou sentada ao lado de Knox, mas mesmo do outro lado da mesa consigo sentir que o seu medo de altura foi suplantado pela notícia que recebemos. Ele parece tenso, mas não assustado. Ao contrário de Addy, que está *aterrorizada*.

— Parece que fugiu — responde ela, mexendo sem parar no brinco. — A tornozeleira eletrônica estava no jardim. De algum jeito ela foi cortada.

— Dark web. Era isso — deduz Maeve.

— Mas não faz sentido. Jake tinha grandes chances de ser absolvido. Agora, tirar a tornozeleira... é um crime grave, não é? — questiona Bronwyn olhando para Nate, que dá de ombros.

— Você é quem deveria saber, é a expert em leis — diz Nate.

— Eu acho que é. E mesmo que não seja, pegaria muito mal com o júri. — Bronwyn se vira para Addy: — O que o detetive Mendoza falou?

— Não é como se ele quisesse compartilhar o que pensa com a gente. Só perguntou se Jake tinha entrado em contato, e disse pra gente ficar *de olhos abertos*. Valeu pela dica. — Addy revira os olhos.

— Vocês falaram pra ele o que aconteceu na casa em Ramona? — pergunta Nate.

— Meu Deus, claro que não! Eu não estava *tentando* me tornar suspeita de alguma coisa. — Ela está com um olhar vidrado, e a voz de Addy é quase um suspiro quando ela diz: — Gente, Jake está por aí. Ele está *em algum lugar*.

Ela parece tão assustada que eu não consigo evitar e digo:

— Talvez não. Talvez ele seja a parte do “perfeição” e alguém tenha amarrado ele. — Faço aspas com os dedos no ar antes de passar a mão pelo meu antebraço, tentando imaginar uma pessoa tão intimidadora quanto Jake Riordan tendo o mesmo tratamento que eu tive.

Bronwyn passa o braço pelos ombros de Addy em uma tentativa de confortá-la e Maeve diz:

— Ou a gente estava enganado. Talvez estejamos seguindo uma pista falsa, já que definitivamente estávamos errados sobre uma coisa: Chase Alton não tem nada a ver com isso.

Como sempre, Maeve está mexendo no computador enquanto as pessoas falam. Passo a mão no meu braço com mais força, tentando fazer com que as letras-fantasma desapareçam de vez. Às vezes acho que elas vão ficar aqui para o resto da minha vida.

— Como você sabe?

— Ele não está mais em Los Angeles, está em Nova York. Parece que estava mantendo segredo sobre a nova peça, mas começou a postar agora. Uma peça off-off-off Broadway, mas

teve algumas resenhas. Porém Chase não compartilhou nenhuma dessas críticas, porque os autores não foram exatamente gentis com ele. — Maeve deixa a voz mais grave e lê: — *Novato Chase Alton estava tão rígido que os espectadores poderiam confundir-lo com um pedaço de madeira.*

— Essa doeu — diz Bronwyn.

— Achei que ele estivesse em San Diego — comenta Nate

— Não é? — Maeve arregala os olhos fingindo surpresa. — Acredita que eu estava fazendo *catfishing* e o cara *mentiu* pra mim? Que audácia. Ainda que tecnicamente, eu acho, ele não tenha mentido. Ele disse *talvez*. Ele estava enganando a Tami Lee pra ela pensar que ele estava geograficamente disponível. Aquela garota tem um péssimo gosto pra homens. — Ela continua a digitar.

— E isso leva a gente aonde? — pergunta Addy antes de responder à própria questão. — A lugar nenhum. Temos um total de zero pistas. Só ficamos rodando em círculos e gastando energia. — Ela se encolhe na cadeira, parecendo ainda mais triste do que antes.

— Ainda temos Christopher Alton. O irmão mais novo. Gêmeo de Chelsea. Ela e Chase postam tudo nas redes sociais, mas ele? Não consigo achar nada sobre ele. Alguém consegue pensar em um cara misterioso de vinte e poucos anos que tenha aparecido recentemente em Bayview? — indaga Maeve.

— Nossa, seria muito conveniente. Mas e a Sra. Riordan? Alguma novidade sobre ela? — pergunta Cooper se ajeitando na cadeira.

— Bem, eu fiz o que vocês pediram antes dessa confusão toda: convenci a Vanessa e... Vai saber. Talvez ela consiga alguma coisa — diz Nate, dando de ombros.

— Pode pedir pra ela parar. Não adianta nada — diz Addy.

— Adianta, sim. A gente sabe que ter informação é importante, aprendemos do pior jeito possível com Jared. Preciso ir ao banheiro. Alguém quer alguma coisa lá de baixo? — pergunta Knox.

Escutamos um coro de “nãos” desanimados, já que todo mundo perdeu a fome.

Knox abre a porta para a escada e, depois que ele sai, uma onda de solidão me invade tão profundamente que meu peito dói. Mesmo que eu esteja cercada de amigos que têm preocupações semelhantes às minhas, ainda parece que uma parede invisível me separa deles.

— Acho que eu preciso ir embora. Deixei a Emma sozinha — aviso.

— Ela quer vir pra cá? — pergunta Cooper.

Não consigo olhar nos olhos dele. Ele tem sido tão legal comigo, e tudo que fiz como retribuição foi parar de visitar a avó dele porque tenho medo de deixar alguma coisa escapar.

— Não, ela ainda está cansada da viagem — explico.

É mentira. Eu convidei Emma, mas ela insistiu que queria ficar em casa, ainda que minha mãe estivesse trabalhando em um casamento, e Owen, na casa de um amigo. “Eu ficaria totalmente deslocada”, foi o que disse. Eu vim sozinha porque queria mostrar que estava aqui caso Addy precisasse, mas ela não vai sentir minha falta agora. Está cercada de pessoas que a amam. Emma está sozinha.

— Manda um oi pra ela — diz Maeve.

— Pode deixar. Vão me avisando de tudo, tá? — peço.

Quando chego lá embaixo, Evie me chama no caixa.

— Oi, o Sr. Santos queria mandar uma rodada de nachos lá pro deque — informa ela enquanto me aproximo. O rosto vermelho e mechas de cabelo escapando de sua trança normalmente apertada. — Eles acabaram de ficar prontos. Você se importaria de levar lá pra cima quando voltar? Ahmed e eu estamos na correria aqui e as pessoas estão começando a reclamar.

— Estou indo embora — respondo sem emoção. Meus olhos passam dela para o relógio na parede, minha mente a quilômetros daqui.

— Ah. Tudo bem. — Evie franze a testa ao bater na máquina registradora, um tapa mais forte do lado. Às vezes é preciso fazer isso para ela abrir. — Não se preocupe em me fazer um favor, claro. Não é como se eu já tivesse feito alguma coisa pra você.

Fico sem reação e, então, assustada ao ver algo diferente de sua calma usual.

— Eu... O quê?

Evie para de bater na caixa registradora e coloca as mãos na cintura, olhando para o salão lotado. Agora que ela apontou... É, várias pessoas estão esticando o pescoço tentando chamar a atenção dela.

— Na maioria das vezes eu faço o trabalho de nós duas. Vai cair a sua mão se levar um prato de nachos pro deque? — indaga ela.

Meu rosto fica quente de vergonha. Ela tem razão, claro que ela tem razão. Eu contei com ela o verão todo, tão absorta nos meus problemas que nem agradeci.

— Desculpa, eu estava distraída. Claro que posso ajudar — digo.

Ahmed sai da cozinha, uma porção grande de nachos na bandeja.

— Pro deque — avisa ele a Evie.

Ela bufa baixinho e não me olha.

— Ahmed salvando o dia, mais uma vez.

Meu rosto está pegando fogo. O problema de estar sempre no modo crise é que você se esquece de que as outras pessoas também podem estar passando por problemas. Ou talvez só eu faça isso. Addy teve um verão pior que o meu, mas conseguiu trabalhar. Eu devia ter dividido minhas gorjetas com Evie e Ahmed, porque eu com certeza não as mereci.

— Sinto muito, Evie. Fico te devendo uma. Várias. Prometo que vou melhorar — afirmo enquanto Evie continua na caixa registradora.

A gaveta finalmente se abre, e Evie pega algumas notas antes de a fechar de novo.

— Tudo bem, Phoebe. Só pense nas outras pessoas de vez em quando, tá? — sugere ela, e o sorriso luminoso e ensaiado volta ao rosto dela quando vai atender uma das mesas do salão. Queria poder me defender. Parece que, nos últimos tempos, *tudo* o que faço é pensar em outras pessoas. Mas a verdade é que nenhuma das pessoas em que penso é ela. E na maior parte do tempo penso em como estou mentindo para as pessoas.

Knox sai do corredor do banheiro nessa hora, e controlo a vontade de fugir. Não conversamos sozinhos desde que escalei até o quarto dele, e isso tem me feito muito mal. E é provável que eu não seja a única que se sente assim.

Pense nas outras pessoas de vez em quando.

— Oi — digo.

— Oi — responde Knox com cuidado.

E agora? Tem tantas coisas que queria dizer a ele que minha cabeça fica confusa, a única coisa que consigo dizer é:

— Eu... queria me despedir.

Argh. É melhor do que sair correndo, mas não é bom.

— Você está indo embora?

— Estou, vou ficar com a Emma.

— Ah, claro.

E ficamos em silêncio, como dois conhecidos que não têm nada em comum.

— Odeio isso — falo de repente, esfregando minhas mãos.

— Eu também — admite Knox, e me pergunto se odiamos as mesmas coisas. Existem tantas para serem escolhidas...

Antes que eu consiga perguntar o que ele odeia, meu celular toca. O som de passarinho é exclusivo para mensagens de Emma; antes de ela voltar para Bayview era tão difícil receber alguma coisa da minha irmã que não queria perder nada.

Mesmo se não fosse o toque, seria difícil ignorar esta mensagem:

VENHA PRA CASA AGORA!!

Mal acabei de colocar as chaves na fechadura e Emma surge abrindo a porta e me puxando para dentro de casa.

— O que deu em você hoje? — disparo enquanto tropeço para entrar.

— Você demorou demais — reclama Emma, fechando a porta.

— Foram dez minutos, que é exatamente o tempo que leva para chegar até aqui. Pode acreditar que eu sei. Se eu atrasar um pouquinho nossa mãe já fica desesperada e me liga. — Deixo as chaves na ilha da cozinha e coloco as mãos na cintura para encarar minha irmã, procurando alguma pista na expressão dela. — O que é tão urgente? Você está brava comigo por alguma coisa?

— Com você? Não.

— Então com quem? — Meu coração dispara.

Emma morde o lábio antes de responder.

— É que... Eu... Como estava sozinha hoje, achei que valia a pena dar uma olhada nas coisas do Owen. Sabe, ver se ele não está falando com alguém que não deveria. Tentei checar o computador dele, mas não tem nenhum histórico de navegação...

Levantei a mão para interromper.

— Eu podia ter te falado isso. Se você tivesse tido o trabalho de perguntar — provoco. É uma coisa mínima de irmã preocupada, olhar o histórico, mas Owen sempre apaga.

Fico esperando Emma entrar na defensiva, mas ela diz:

— Eu sei, desculpa.

Ah, não. Emma culpada *não é* boa coisa.

— E aí? — pergunto.

— Então fui olhar o quarto dele. Ele não levou a mochila hoje...

— Sério? — interrompo, surpresa. Ele vive com aquilo grudado nas costas.

— É. A mãe do Ben chegou mais cedo, então tudo estava meio bagunçado. Enfim... — Emma vai para o outro lado da ilha, se abaixa e pega a mochila surrada. Ela a coloca na mesa. — Olhei tudo. Estava quase terminando, me sentindo uma idiota porque não tinha nada de mais, só que... achei *isto* enfiado em um dos bolsos.

Não quero saber. Tenho certeza de que não quero saber o que minha irmã achou na mochila do meu irmão. Mas ainda assim ela mostra.

— Phoebe, isto é... Quer dizer, isto *era* do Reggie Crawley?

Meu coração dispara até a garganta quando olho o colar. De couro, três pedrinhas prateadas que brilhavam fraco da última vez que vi Reggie no quarto dele.

— É. Era — respondo ao pegar o colar.

CAPÍTULO 29

Nate

Domingo, 19 de julho

— Todos concordam? — pergunta Sana.

Eu e meus colegas de quarto levantamos as mãos o mínimo possível. Parecemos o grupo de voluntários mais relutante e deprimido da história. Até Stan, que está sentado no tampo da mesa como um boneco de pelúcia, quase não pisca.

— Beleza, ninguém vai discordar, o pedido para segurarmos o quarto de Reggie até setembro foi aceito. Lembrem-se de que todos precisam pagar mais cento e cinquenta dólares em agosto — afirma Sana, e depois bate na mesinha.

— A gente sabe — diz Jiahao.

Ninguém está amando a ideia, mas a outra opção — ter um monte de fanáticos por assassinatos e serial killers andando pela casa sem alugar nada de fato — é dez vezes pior.

Jake Riordan ainda está desaparecido, e a cidade toda só fala nisso — onde ele pode estar e se teve algo a ver com o que aconteceu com Reggie. As opiniões estão divididas entre aqueles que acham que Jake fugiu e aqueles que acham que alguma coisa aconteceu com ele. Mas, de qualquer forma, todo mundo está caçando o cara. Porém, até agora, nenhum sinal dele. O Sr. Riordan apareceu ontem no jornal local dizendo aos jornalistas que Jake estava esperançoso com o novo julgamento e que nunca tentaria fugir.

— Além disso, os pais do Reggie vão vir pegar as coisas dele amanhã, então preparem-se. Pode levar um tempo — alerta Sana, triste, ao se levantar.

— Alguma novidade sobre o colar? — pergunto, esticando a mão para que Stan possa subir em meu braço. Ele começa a se aproximar, mas desiste depois de dois passos. Quanto mais velho fica, menos ele quer se mexer, a não ser que você ofereça comida.

Sana balança a cabeça e levanta a barra da saia ao entrar no corredor.

— Ainda não, mas uma hora aparece — responde.

Sana, Crystal, Jiahao e Deacon saem, então sou o único na sala para atender a porta quando a campainha toca. Preparo-me para a possibilidade de encontrar os pais de Reggie mais cedo do que o esperado, mas quando abro a porta, vejo meu pai.

— Ei! Não sabia que você vinha hoje — digo enquanto abro espaço para ele entrar.

— É, desculpa, eu teria ligado, mas... Você está sozinho em casa? — pergunta ao se distrair olhando o corredor vazio.

— Não, o pessoal está por aí — respondo e faço um aceno rápido indicando o restante da casa.

— Podemos conversar em particular em algum lugar? Talvez no seu quarto?

Ah, pronto. Lá vamos nós. Não sei o que aconteceu, mas eu sabia que estávamos passando pelo período bom antes de algo ruim acontecer.

— Claro. Só vou pegar o Stan — digo, já preocupado. *Está tudo bem*, penso enquanto pego Stan da ponta da mesa e subo as escadas com meu pai. *O que quer que seja, não vou ficar pior do que fiquei há dois anos.*

Mas e se eu ficar? Meu pai está usando roupas largas de novo, já que todas as roupas dele ficam assim depois de ter perdido tanto peso. E se ele estiver doente? Maevie já me mostrou fotos dela criança, com leucemia, e eu quase não consegui reconhecer. Não era só porque estava careca, mas é que ela estava tão magra e frágil que parecia que o vento poderia quebrar seu corpo. Seria a pior coisa do mundo se meu pai finalmente tivesse largado a bebida só para ficar doente com algo pior.

— Então este é o seu quarto. Parece bom — comenta, olhando em volta.

Acho que poderia ter mostrado o lugar a ele antes, mas nunca pensei que ele pudesse querer ver. É um lugar pequeno e escuro, com móveis usados e pôsteres de filmes de terror. As únicas coisas alegres são os presentes de Bronwyn, como a luminária antiga com um vidro verde que ela trouxe da primeira vez que veio me visitar no verão.

— É legal. O que aconteceu? — pergunto quando deixo Stan no terrário e vou para a ponta da cama para que meu pai possa se sentar na cadeira.

Ele se senta com cuidado, como se tivesse medo de quebrar.

— Bem, não sei como falar isso pra você...

— Só fala de uma vez.

Não quero parecer babaca, mas é o que acaba acontecendo. Dez anos de frustração e decepção acabam saindo em uma frase. Foi quase como dizer, *O que você fez dessa vez?*

Meu pai ruboriza e abaixa a cabeça antes de murmurar:

— Você sempre espera o pior.

E a culpa é minha? quase digo, mas consigo me controlar. Não posso descontar a raiva em um cara que está prestes a me contar alguma coisa ruim.

— Desculpa — digo.

— Não, eu que peço desculpas. Não era assim que queria começar essa conversa. É que... Lembra do meu tio Pete? De Tacoma? — Ele engole em seco, e eu queria que ele falasse tudo de uma vez. A ansiedade é a pior parte.

— Hã? Não lembro. — Estou confuso. Não esperava por isso. Meus avós paternos já morreram, e o restante da família dele não fala mais conosco há anos.

— É, ele entrou em contato quando saí da clínica de reabilitação. — Meu pai puxa e solta o elástico no braço. — Sabe, Pete também teve problemas com vício, então ele tem me ajudado nos últimos meses.

Diferente de mim, provavelmente.

— Isso é bom. Fico feliz que você possa contar com alguém — digo.

— É, não posso mais. Pete faleceu há algumas semanas.

— Meu Deus! Pai! Por que você não me falou? — Sei que não conversamos muito e que eu nunca conheci esse tio-avô, mas...

— Eu queria falar, mas é uma situação complicada porque ele acabou me deixando uma terrinha. Sua mãe está me ajudando com a burocracia, mas resumindo a história: uma construtora quer comprar, e eu vou poder vender em breve. — Meu pai puxa o elástico no pulso de novo, mas dessa vez não solta. — Quando o negócio terminar, o valor líquido vai ser de duzentos mil dólares.

— Caramba. Você está falando sério? — Fico encarando meu pai sem conseguir processar o que ouvi. A família Macauley nunca chegou perto de tanto dinheiro. Não faz muito tempo que não consegui pagar a conta da ambulância, que custava novecentos dólares.

Meu pai disfarça uma risada.

— Pode acreditar, fiquei tão surpreso quanto você. Não fazia ideia de que Pete tinha terras. Ele nunca falou nada. Por isso que esperei pra contar... Queria ter certeza de que era tudo real. Mas é, e, Nate... depois que tudo se acertar, vou dar metade do dinheiro pra você. — Ele esfrega o queixo.

— Você... você quer me dar cem mil dólares? — As palavras parecem ridículas em voz alta. Mil dólares já seria uma sorte incrível, mas cem mil é surreal. Droga, claro que não é verdade. Estou sonhando, e vai ser péssimo quando eu acordar e ainda tiver que pensar em como pagar os cento e cinquenta dólares extras para cobrir a parte de Reggie no aluguel. Dou um beliscão

no meu braço, mas meu pai continua sentado na cadeira, o rosto cansado agora carrega um sorriso.

— Bem, não vou dar tudo de uma vez. Temos que pagar alguns impostos. Sua mãe é bem melhor nisso do que eu, mas estamos vendo como fazer. Mas, Nate... Você não teve uma boa infância por minha causa e da sua mãe. A gente não construiu um futuro pra você. Você fez tudo isto... — Ele gesticula para meu quartinho de merda, como se fosse uma grande conquista. — Sozinho. Então se esta família consegue um pouquinho de sorte, tem que ser pra você. — Ele esfrega o queixo de novo. — Eu queria dar tudo pra você, mas sua mãe me convenceu de que você tentaria devolver, e ela provavelmente estava certa. Você se preocupa demais com a gente. Então, eu vou ficar bem. Posso fazer um curso ou terminar de pagar a casa, e você pode ficar com a sua metade sem se preocupar. E quero que você aproveite, tá? Sei que você vai ser cuidadoso, mas quero que você se divirta também.

— Me divertir — repito, baixinho.

Não são as palavras certas para este momento, mas não consigo pensar em mais nada. Não estou nem entendendo o que meu pai está me contando.

— Vai demorar alguns meses para tudo se resolver, então não gaste nada ainda — avisa meu pai com um sorrisinho de lado. — Mas prometo que vai chegar. Pode confiar em mim desta vez, tá? Até fiz um testamento, caso alguma coisa aconteça comigo no meio do caminho. — Olho para ele, incrédulo, e o sorriso em seu rosto diminui um pouco. — Você não está acreditando em mim, né?

— Eu... — Por Deus, Macauley, *fala alguma coisa*. Qualquer coisa.

— Você precisa processar isso. Claro, era de se esperar. É uma notícia importante, eu sei. Leve o tempo que precisar... — diz meu pai, se levantando.

Mas ele não conseguiu terminar a frase, porque eu fui em direção a ele e o abracei tão apertado que o deixei sem ar. Quase não toquei no meu pai nos últimos dez anos, a não ser para levantá-lo do sofá. Não estou dando esse abraço por conta do dinheiro, ainda que pareça. É só porque, se ele está mesmo fazendo esse tipo de coisa — planejando não só o meu futuro, mas o dele também —, talvez esteja mesmo progredindo.

Apesar de contas, algumas coisas mudam. Eu mudei, minha mãe também. Por que ele não poderia mudar?

Meu pai dá tapinhas nas minhas costas e depois me puxa pela camiseta até que eu finalmente o solte.

— Obrigado — digo, a voz embargada. Não é o suficiente, mas é tudo que consigo falar agora.

— De nada. Eu vou embora, mas... talvez a gente possa ver um jogo juntos um dia desses? Sei que você não é fã dos Padres mas...

— Não, parece uma ótima ideia. — Talvez eu até assista mesmo.

De algum jeito, consigo acompanhar meu pai pela escada e ainda conversar, mas minha cabeça está indo a milhões de quilômetros por hora. Ele se despede e eu fecho a porta, estou sozinho.

Então é... é isso. Ele não teve uma recaída nem está morrendo. Ele ganhou uma montanha de dinheiro e não vai mais precisar se preocupar com centavos. Nem eu.

Caralho, nem eu.

Eu posso... ir para a faculdade. Morar em um apartamento melhor. Visitar a Bronwyn em Yale. Talvez comprar uma casa velha e, com tudo que aprendi com o Sr. Myers, reformar. Ou não fazer nada disso — a não ser visitar a Bronwyn —, mas sei que eu *posso*.

Meu bolso começa a tocar “MMMBop” e eu quase não me importo com a cafonice da música. Pela primeira vez, é a música adequada para o meu humor. Espero que seja uma ligação de Bronwyn, porque ela não vai acreditar nessa notícia.

Mas não é. A tela diz *Vanessa*, e antes que eu diga qualquer coisa, ela dispara:

— Espero que você esteja em casa porque eu estou quase na porta.

— Eu... O que aconteceu? — pergunto enquanto pressiono minha têmpora para tentar organizar os pensamentos.

— Fui na casa dos Riordan.

— Você está me devendo uma, Macauley — anuncia Vanessa, se jogando em um dos sofás. Ela parece absolutamente deslocada no sofá desbotado, com um vestido de verão branquíssimo e sandálias prateadas. — Você me deve mesmo. — Ela franze o nariz quando vê uma mancha ao seu lado. — Eca. O que *é isto*?

— Não faço ideia. — Sento ao lado dela, ainda agitado pela conversa com meu pai. *Cem mil dólares*. Eu poderia comprar um sofá novo e substituir este que conseguimos de doação. Quanto custa um sofá? Não, esquece. Não vou gastar dinheiro com esta casa. Sinto uma necessidade estranha de contar o que aconteceu para Vanessa, só para contar a alguém, mas não posso dizer nada a ela antes de contar para Bronwyn. *Foco, Nate*. — Por que eu estou te devendo uma?

— Bem, fui à casa dos Riordan com uma galette feita em casa...

— Com o quê? — interrompo. Parece uma arma.

— É uma comida francesa. Tipo uma torta. Fiz com frutas do meu jardim. — Vanessa aperta os olhos quando pareço surpreso. — O que foi? Eu sei cozinhar, tá? Enfim, ninguém atendeu a porta de primeira. Então meio que gritei meu nome e disse que tinha trazido comida e esperava que eles estivessem bem e... a Sra. Riordan abriu a porta. Dei a galette pra ela e perguntei como eles estavam. Ela disse que estava indo, e que o marido estava no trabalho, então pensei: *Ele foi trabalhar no domingo?* E ela disse que ele sempre trabalha nos fins de semana.

— É verdade — digo. Ouvi bastante sobre isso no country clube.

— Que seja. Fiquei confusa com *por que seu marido está trabalhando quando o filho de vocês está desaparecido?* Mas ela mesma já respondeu, disse que eles estavam se esforçando para manter uma rotina normal, e aí eu disse *Nossa, deve ser difícil pra você ficar aqui sozinha esperando notícias*. E foi aí que ela me convidou pra entrar.

Nossa, boa. Vanessa Merriman manda muito bem.

— Estou impressionado — tive que admitir.

— Ela estava *destruída*. E meio bêbada, então... eu apenas a ajudei a falar, sabe? Coloquei um pouco de vinho nas nossas taças, mesmo que não tenha bebido nada. A gente falou sobre o Jake, e tenho certeza de que ela não tem ideia de onde ele pode estar nem do que aconteceu com ele. Ela está desesperada. Ficou falando que não foi uma boa mãe para o Jake, que ela e o marido não eram bons exemplos, e então, depois da terceira taça, ela finalmente me contou.

Vanessa para de falar, e sinto que parte dela está gostando do suspense. Uma boa parte. Mas ela mereceu, então eu aceito a deixa e falo:

— O que ela contou?

— Ela disse que teve mesmo um caso com Alexander Alton — revela Vanessa enquanto arruma as pulseiras. — A coisa era séria. Eles se conheceram depois que ela se formou na faculdade, e Alexander estava separado da esposa. Ele era, tipo, dez anos mais velho, e ela adorava o cara. Os dois ficaram juntos por um ano, mas Alexander partiu o coração dela quando decidiu dar mais uma chance ao casamento. Ele tinha filhos pequenos e achava que precisava tentar, por eles. — Vanessa revira os olhos. — Não sei, acho que talvez ele devesse ter pensado que precisava dar alguma coisa pra *esposa*, que tinha parido os filhos, mas enfim. Homens são péssimos.

— Menos eu, né?

Ela bufa antes de responder.

— Vamos dizer que sim, pelo bem da Bronwyn. Enfim, parece que o Sr. Riordan entrou na jogada para ocupar o lugar do ex, na real. Eles se casaram bem rápido, e ela não viu nem falou com Alexander Alton por anos, até que começaram a trabalhar juntos na Conrad & Olsen quando Jake estava no fundamental. E você sabe o que aconteceu depois, né? — Vanessa faz uma pausa dramática e pisca para uma câmera imaginária. — Os dois se apaixonaram de novo, e a Sra. Riordan disse que dessa vez ele ia mesmo se separar. E ela também. Mas Alexander morreu enquanto ela estava no México em uma viagem de negócios.

— Que estranho.

— É. Ela desmoronou depois disso. — Vanessa vai um pouquinho para a esquerda, como se quisesse sair de perto da mancha no sofá, mas não sei se adianta muito. Ela vai acabar em cima de outra mancha. — Fiquei com dó dela. Tipo, traição não é uma coisa legal, mas parece que ela carregava esse amor há anos. Mesmo depois que Alexander morreu. Ela falou várias vezes, *Eu amava Alexander. Amava tanto. A gente ia construir uma vida juntos. Ele ia me tirar daqui.*

— Tirar de onde? Bayview?

— Eu perguntei, mas ela respondeu *Do meu casamento.*

CAPÍTULO 30

Addy

Segunda, 20 de julho

Não consigo parar de ver o noticiário.

— Agora temos um adolescente morto e outro, o conhecido Jake Riordan que ajudou Simon Kelleher a incriminar o Quarteto de Bayview, está desaparecido. — Liz Rosen do canal 7 está a todo vapor, como se a falta de novidades das últimas 24 horas fosse notícia. — E a cidade toda está nervosa, perguntando-se quem será o próximo, e...

Liz desaparece e a TV desliga.

— Ei, eu estava assistindo — digo ao ver minha mãe segurando o controle remoto.

— Estou começando uma intervenção. Isso não faz bem, Addy. Se alguma coisa importante acontecer, Eli vai contar.

— Eli não está sabendo das coisas — digo, ainda que não seja culpa do meu cunhado que eu tenha descoberto o desaparecimento de Jake pelas palavras do detetive Mendoza. Enquanto estava na delegacia, recebi várias mensagens de voz de Eli, desesperado. Ele não estava atrasado.

— Quero que você me prometa uma coisa — afirma minha mãe, sentando-se com cuidado em uma cadeira na minha frente. O vestido verde-limão que ela está usando é lindo, mas não foi feito para ficar sentado. — Não saia por aí como você fez depois que Simon morreu, tentando encontrar Jake. Deixe a polícia trabalhar.

— Sério, mãe? Quando a polícia desta cidade *fez* o trabalho dela?

Minha mãe ignora a pergunta e continua:

— Na próxima sexta você vai pro Peru, Addy. Se você ficar em casa até lá...

— Não vou ficar em casa onze dias — interrompo, mesmo que eu já tenha pensado nisso. De alguma forma, não importa o que minha mãe diga, eu sempre quero fazer o contrário.

— A gente precisa ter cuidado, já que aquele monstro está solto — insiste ela. Eu devo ter revirado os olhos, porque ela continua: — Por que essa cara?

— Nada — digo baixinho, mas de repente me canso de ficar quieta e continuo. — Quer dizer... Claro, agora ele é um monstro, mas não foi sempre assim, né? — Minha mãe ruboriza enquanto falo. — A gente julgou as pessoas muito mal, não foi? Você achava que o Jake era o máximo. Tanto é que eu tinha sorte por estar com ele, e tinha que tomar cuidado pra ele nunca perceber que eu não era boa o suficiente. Ashton era a única que via quem ele era, mas a gente não dava atenção. — Não consigo me forçar a terminar o raciocínio. *E por “a gente” eu quero dizer você, mãe, porque como eu saberia? Eu era uma criança.*

Espero que ela dê uma desculpa qualquer e pegue a garrafa de vinho mais próxima, porque é isso que ela faz quando não quer ter alguma conversa. Mas, em vez disso, ela passa a mão pelo vestido e diz:

— Eu sei. Eu falhei com você, Addy. — Isso é tão inesperado que pisco, surpresa. — É que... eu nunca fui boa em ficar sozinha. Fui infeliz quase a sua infância inteira, e achei que era porque as coisas não deram certo com seu pai, e depois nem com o Troy. Achei que você e a

Ashton poderiam evitar os erros que eu cometi se encontrassem a pessoa certa para construir uma vida juntos, daí as coisas seriam diferentes pra vocês. Mas não foi isso que aconteceu, né?

— Pra dizer o mínimo.

— Ashton foi a primeira a perceber. Não acreditei quando ela terminou com o Charlie. Achei que ela estava desistindo, e que queria que você fizesse o mesmo. Mas ela era tão inteligente, não é? Tão forte. E você também é.

— Ah — murmuro. Eloquente como sempre, mas ela está me pegando desprevenida.

— Odeio que Jake tenha feito aquelas coisas com você, Addy, mas mesmo antes disso, odeio que eu tenha feito você se sentir desse jeito. Sinto muito por ter deixado essas coisas acontecerem. — Não tem mais o que alisar no vestido, então minha mãe está passando a mão na manta ao lado dela. — Não fui uma mãe de verdade pra você, né?

— Pelo menos você estava aqui. Estou falando sério, mãe — digo quando ela suspira. — Meu pai não estava. Ele se esqueceu da gente quando conheceu a Courtney. Ninguém pode dizer que você não estava, hum, preocupada. — Uma das lembranças mais antigas que tenho é da minha mãe arrumando meu cabelo para um concurso de beleza. Ela separava as mechas com cuidado para fazer os cachos. Lembro de ver o rosto dela concentrado no espelho e de me sentir feliz por ter toda aquela atenção só pra mim.

Talvez tanta atenção não tenha sido completamente boa, mas ela sempre estava lá. E ainda está, mesmo que eu tenha tratado minha mãe como uma colega distante desde que voltei a morar aqui.

— É verdade. Acho que eu fiz alguma coisa certa, porque você virou uma mulher maravilhosa. Espero que saiba disso, Addy.

Agora é a hora que a gente deveria se abraçar, mas as mulheres da nossa família não são boas nisso. Até eu e Ashton parecemos uns tijolos se batendo quando tentamos. Antes que eu possa ensaiar começar um abraço, minha mãe coloca uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha e diz:

— Mas eu queria mesmo que você voltasse com a cor natural do seu cabelo. Sempre foi seu ponto forte.

Normalmente esse comentário me irritaria, mas é quase confortável ouvir que minha mãe não mudou tanto nesse pouco tempo. Então, em vez de reclamar que eu gosto do meu cabelo como está, digo:

— Você vai ser uma ótima avó.

De alguma forma, ela consegue sorrir e fazer uma careta ao mesmo tempo.

— Como eu já cheguei na fase de ser avó? — pergunta ela.

— InstaVó.

— Nem pensar.

— Vódrea? — Faço um trocadilho com o nome dela, Andrea, mas sei que ela não gosta, então tento de novo. — Vovózona?

— Para com isso.

— V-ovó.

— Vi-vó? — Na hora consigo perceber que ela está pensando em um jeito diferente de escrever. — Gosto disso.

— V-vó então, está fechado — digo, sorrindo. A gente pensa depois em como escrever.

— Cem mil *o quê?* — pergunto a Maeve.

Ela faz um movimento como se estivesse fechando os lábios.

— Eu não devia dizer nada, então você precisa parecer surpresa quando Nate contar, tá? — Ela abre o computador ao se esticar na minha cama, colocando um travesseiro extra de apoio para a cabeça. — Acabou saindo. Estou tão feliz por ele. Isso muda a vida, né?

— Demais. Enquanto isso eu e minha mãe tivemos uma conversa e ganhei um tapinha nas costas — digo ao revirar os olhos para que Maeve saiba que estou brincando. Porque é claro que eu amaria ter essa sorte, mas estou muito feliz que Nate tenha conseguido. Às vezes me

preocupado com ele, preso em Bayview enquanto o restante de nós (até eu, mesmo que depois de um tempo) está se mudando. Agora ele pode pensar no que quer.

— Mas é legal sua mãe ter falado isso. Ainda que tenha sido preciso outro desastre pra ela falar — observa Maeve.

— É, foi legal — admito ao encostar minha cabeça no ombro dela enquanto Maeve pula de site em site. — Mas me conta as novidades. O que a Vanessa contou foi útil?

— Acho que sim. Eu já achava que a Sra. Riordan havia tido um caso com o Alexander, mas é bom ter certeza. Agora a dúvida é... Alexander Alton realmente se afogou? E se foi isso mesmo, alguém foi responsável? — Ela espera uns segundos para completar. — Você sabe o que sempre digo, né?

— Não existem coincidências?

— Não isso.

— Todo mundo acaba falando alguma coisa na internet?

— Nossa, você realmente prestou atenção — elogia Maeve, parecendo feliz. — Mas não. — A voz dela se transforma em um sussurro. — *Sempre é culpa do marido.*

Levanto a cabeça para encarar minha amiga.

— Você literalmente nunca falou isso.

Maeve bufa irritada.

— Beleza, eu não preciso falar, porque qualquer podcast de true crime já disse.

— Então você acha que o Sr. Riordan... — Perco a linha de raciocínio quando penso na última vez que vi Scott Riordan. Foi no julgamento de Jake, claro. Ele estava sentado o mais próximo possível do filho e não olhou na minha direção. Nem quando testemunhei.

— ... matou Alexander Alton? — Maeve completa. — É possível, né? Ele tinha motivos, e se for parecido com o Jake...

— Ele é. Em várias coisas, mas... a Sra. Riordan ainda estaria casada com ele se o Sr. Riordan tivesse feito uma coisa dessas? — pergunto.

— Talvez. Se ela não soubesse. Ou se ela tivesse medo do que ele poderia fazer com Jake ou com ela, caso pedisse o divórcio — sugere Maeve.

— Beleza, vamos supor que isso seja verdade. Qual é a relação dessa história com o que está acontecendo agora? — continuo.

— Vamos supor que Jake não tenha fugido sozinho. Como a Phoebe disse, talvez ele seja o *perfeição* na frase *prática leva à perfeição*. A última campanha de Alexander Alton.

— Mas por que a família Alton teria alguma coisa contra Phoebe? Ou Reggie?

— Não sei. A morte de Alexander é a única pista que temos, certo? Então estou focada na família dele. Mas a esposa morreu, Chase e Chelsea não podem ter feito nada, e adivinha? Achei Christopher. — Maeve abre uma aba com a foto de várias pessoas sorrindo em um semicírculo com um cara no meio, segurando uma placa. — Tenha o prazer de conhecer o funcionário do mês da Penner Seguros.

— Tem certeza de que é ele? Onde fica essa Penner Seguros? — Semicerro os olhos para encarar a tela, e quando Maeve aumenta a foto, vejo a semelhança com Chase.

— Ohio — responde Maeve.

— Talvez ele tenha tirado uma licença ou algo assim.

— Mas nesse artigo falam que a cerimônia de entrega do prêmio de funcionário do mês foi no dia que Reggie desapareceu.

— Ah — murmuro, momentaneamente sem palavras.

— É. “Ah” mesmo.

— E agora?

Maeve suspira e continua:

— Não sei. Não tenho uma teoria alternativa. Eu ia pedir pra Phoebe marcar outra conversa falsa na Conrad & Olsen pra ver se descobrimos mais alguma coisa sobre Alexander Alton. Vai saber... Talvez algum colega não gostasse dele. O mercado publicitário é bem cruel. — Ela dá de ombros quando vê meu olhar de dúvida. — Eu sei, eu sei, estou tentando fazer milagres. Mas não importa mesmo, a Phoebe não me responde.

— Sério? Desde quando? — pergunto, preocupada.

— Não é assim. Ela está trabalhando no Café Contigo agora, com Luis. Mas ela desconversa toda vez que falo sobre alguma estratégia. Ela só diz que precisa falar com Emma.

— Aham, sei — digo. Posso falar mais coisas, porque a Phoebe está estranha há meses, mas não quero mudar de assunto. — Pode ser algum desentendimento da faculdade, mas... esse tipo de coisa não parece grande o suficiente pra uma vingança no estilo que Bayview conhece. Você mesma disse isso, né? *É a mesma coisa que aconteceu com Jared Jackson. A família toda desmoronou.* O Alexander Alton se afogou e a esposa morreu dirigindo bêbada. — Eu não estava perto de Maeve no dia que ela falou isso na praia, mas ela repetiu mais de uma vez.

Maeve sorri feliz e diz:

— Eu falei isso *mesmo*. Você é uma ótima ouvinte, Addy.

— Eu escuto e aprendo. Você conseguiu identificar os lugares em que Chase e Christopher estavam, a estreia da peça e o prêmio de funcionário do mês, e isso serve de álibi. Mas e Chelsea? Sei que ela está morando na Inglaterra, mas é época de férias. E se ela estiver postando fotos antigas?

— Pensei nisso, mas ela postou selfies de uma palestra que está acontecendo agora — diz Maeve, mudando de aba. A página de Chelsea Alton no Instagram preenche a tela, e Maeve clica na primeira foto. — Olha, aqui é ela numa palestra de um economista do Banco Mundial há alguns dias e...

Maeve para de falar e começa a respirar mais rápido, e não entendo o motivo. Não tem nada de estranho em uma garota sorridente tirando uma selfie com um cara famoso no fundo.

— O que foi? — pergunto.

— Ah, sua espertinha! — exclama ela, os dedos tecando freneticamente.

— *O que foi?* — insisto.

— Espera aí. Preciso tirar um print antes que isso desapareça, porque provavelmente vai desaparecer. Olha o primeiro comentário dessa foto — diz Maeve, me mostrando a tela.

É um comentário feito por uma garota com o user @sophiehh13, que tem uma foto de perfil... bem parecida com a de Chelsea Alton. O comentário é: *Para de roubar minhas fotos, sua sem noção!!!*

— Espera! Como assim? Quem é essa garota?

Maeve clica na foto ao lado do comentário e uma nova página se abre, com o nome Sophie Hicks-Hartwell. Na bio ela escreveu: *Apreciadora de chá. Estudante em Oxford. Provavelmente estou dormindo.* Todas as fotos que Maeve nos mostrou do feed de Chelsea Alton aparecem no feed de Sophie, e mais algumas dela com amigos em festas, restaurantes e no alojamento estudantil.

— Droga — pragueja Maeve, e parece quase admirada com o fato. — Caí no truque mais velho do mundo. Eu aqui, tentando enganar o irmão mais velho da Chelsea, e nem pensei que ela poderia estar fazendo a mesma coisa com qualquer pessoa que tentasse procurar por ela. Sophie Hicks-Hartwell até se parece com Chase Alton, não é? O problema é que Chelsea aceitou muitos seguidores. Isso faz a conta parecer real, mas também abre espaço para pessoas que conhecem a garota de quem ela está roubando as fotos. Deve ter sido isso que aconteceu.

Maeve volta para o perfil de Chelsea, mas o comentário de Sophie já foi deletado.

— Chelsea foi rápida com esse comentário, mas não adianta. A gente já sabe que ela está mentindo, então só precisamos saber... — diz Maeve.

— Onde ela está? — termino a frase enquanto encaro a tela.

Simon

Seis anos atrás

Jake Riordan era muito previsível. Ele se distanciou de Simon durante todo o verão, mas agora, quando ele quer uma coisa moralmente duvidosa, para quem ele liga?

Claro que foi a atitude certa. Mas ainda assim foi previsível.

— Alexander Alton. O outro diretor no trabalho dela. Não podia ser mais clichê do que isso

— disse Simon, mostrando o celular para Jake.

Jake encara o celular e range os dentes.

— Sem chance. Ela não pode estar tendo um caso com esse cara. Ele nem é bonito.

— Se você está dizendo.

Simon dá de ombros.

Jake joga o celular no sofá e cruza os braços.

— O que você ouviu? Lá em Ramona? — perguntou Jake.

— Que ela estava arrumando as coisas e mal podia esperar — respondeu Simon. Ele não se lembrava das palavras exatas da Sra. Riordan, mas era mais ou menos isso.

— Isso nem faz sentido. Meu pai é perfeito!

Simon conseguiu segurar o riso, mas foi por pouco.

— As pessoas traem por vários motivos — ponderou ele, ao olhar para a sala de estar cavernosa dos Riordan. Era uma tarde ensolarada de sábado, em agosto, e o Sr. Riordan fez a maior cena para dizer que estava “indo jogar uma bolinha”, que é como ele chamava o golfe, quando Simon chegou. A Sra. Riordan, por outro lado, não estava por perto. — Onde está sua mãezinha?

— Almoçando com alguém.

— Aham — disse Simon, esperando que Jake entendesse o sarcasmo.

Ele entendeu; uma das mãos de Jake se fechou em punho e ele socou a outra mão várias vezes.

— Isso é um absurdo. Ela vai estragar *tudo*.

— Tenho uma ideia — anunciou Simon. Jake só queria o nome do cara, mas Simon, claro, fez mais. Afinal de contas, informação era poder. — Vamos de bicicleta até a casa desse cara e ver se o carro da sua mãe está lá.

Jake arregalou os olhos e disse:

— É meio-dia! Ela não faria isso.

— Olha, sem ofensa, mas você acha mesmo que sabe o que sua mãe faria ou não? Especialmente em uma situação como essa?

Cinco minutos depois, eles já estavam passando pela casa de Alexander Alton.

No fundo, Simon não achava que o carro da Sra. Riordan estaria lá. De acordo com a pesquisa dele, o cara tinha esposa e três filhos, então não parecia uma boa ideia passarem a tarde juntos na casa dele. Mas Simon estava adorando a angústia de Jake, e estava animado para ver o que aconteceria se eles encontrassem Alton.

E se, por acaso, o carro da mãe de Jake estivesse *mesmo* ali? Simon se permitiu um leve sorriso quando seguiram pela rua. O segredo dela seria revelado, graças a ele, e o garoto mal podia esperar para ver o que aconteceria.

Ele teve que dizer a si mesmo, quando não viram o BMW vermelho na casa dos Alton, que não estava esperando ver. Não precisava ficar desapontado.

— Ela não está aqui — constatou Jake, nitidamente aliviado ao parar em frente à casa. — Eu falei.

— Pelo menos não agora. Achei que esse cara tinha um puta emprego? Por que a casa dele é tão acabada? — observou Simon, olhando para a garagem vazia do casebre na frente deles. Não tinha vizinhos e ficava no fim de uma rua longa. A casa tinha o tamanho da sala de estar de Jake.

— Publicidade não paga salários altos como advocacia. Minha mãe não entende. Se não fosse pelo meu pai, a gente moraria numa casa assim também — explicou Jake parecendo triste.

— Vai saber. Um dia pode ser você. Vamos dar uma olhada no resto — sugeriu Simon, deixando a bicicleta na rua.

— O quê? Não! Pode ter alguém lá dentro.

— E daí? Somos dois adolescentes pegando um atalho pelo quintal dos outros. Supernormal.

Jake era covarde demais para seguir o amigo. Ele ficou na calçada enquanto Simon foi até a

propriedade dos Alton. A casa, com paredes azuis e detalhes brancos, não era tão ruim como ele e Jake pensaram. Tinha uma janela grande de um lado, uma garagem coberta do outro, e uma entradinha com plantas. Do quintal dos Alton não dava para ver as outras casas, e Simon achava que era isso que valorizava o imóvel. Ele mesmo não conseguia distância dos vizinhos.

Simon foi até os fundos, pensando que podia haver um deque ou uma janela baixa que possibilitasse uma olhadinha no interior. Mas antes que ele conseguisse chegar lá, uma voz chamou:

— Ei, com licença. Quem é você?

Ele se virou e viu uma garota um pouco mais velha do que ele deitada em uma rede entre duas árvores. Simon provavelmente devia ter prestado atenção, mas tudo bem. Era para isso que ele tinha vindo: dar uma olhada na vida dos Alton.

— Simon Kelleher. Eu moro aqui perto — respondeu ele, mentindo com facilidade. — Desculpa passar aqui. Achei que conseguiria chegar na minha casa mais rápido, mas aparentemente não.

— *Ninguém* chega em casa nenhuma por esse caminho.

A garota passou as pernas para um lado da rede, depois se levantou e andou pela grama comprida até chegar perto de Simon. Deve ser a filha de dezesseis anos de Alexander, Chelsea, a não ser que a família deixe crianças aleatórias usarem a rede. Mas, na cabeça de Simon, ela pareceu territorialista demais para ser uma estranha.

— Nunca vi você por aqui — comentou ela, estreitando os olhos.

Nem eu, pensou Simon. Mas isso não era surpresa, mesmo que tivessem idades parecidas. Em suas pesquisas, ele descobriu que a esposa de Alexander Alton era professora na Dartmoor Prep, uma escola particular em Eastland, e que os filhos deles estudavam lá. Provavelmente sem pagar nada, ainda que Dartmoor já fosse a escola particular mais barata das redondezas. Aquilo poderia mesmo ser chamado de pré-vestibular, com tão poucas aprovações nas universidades de elite?, pensou Simon.

— Sou relativamente novo por aqui — arriscou Simon. Mais uma mentira, ele tinha morado nesta porcaria de cidade a vida toda.

Chelsea deu de ombros. Era nítido que não era do tipo sociável, o que Simon admirava. Ele também não ficaria de papo furado com uma pessoa que invadissem sua propriedade.

— Tudo bem, pode ir embora agora. Pelo mesmo caminho que veio — ordenou ela, fazendo um gesto com a mão.

Mas Simon não estava pronto para ir embora.

— Você deve conhecer um amigo meu — insistiu ele.

— Quem?

Os olhos dela mostravam um certo interesse nele, apesar de continuarem frios; era o mesmo olhar que ele via em seu próprio reflexo no espelho. Ela seria uma adversária de respeito, pensou ele. Ou uma aliada. Não dava para saber onde a vida os levaria se o caso entre a Sra. Riordan e o Sr. Alton viesse a público de uma forma tão espetacular quanto Simon esperava.

— Jake Riordan — respondeu ele, a observando com atenção.

Não havia sinal algum de reconhecimento no olhar dela.

— Nunca ouvi falar dele.

— Não se preocupe, você vai ouvir — disse Simon.

CAPÍTULO 31

Phoebe

Terça-feira, 21 de julho

Quando uma chave entra na fechadura, eu e Emma pulamos da cadeira como se tivéssemos ouvido um tiro.

Estamos tensas desde que encontramos o colar de Reggie na bolsa de Owen na noite de sábado.

— Não importa o que aconteça, a gente não pode acobertar o Owen desta vez — falei, ainda que eu esperasse que ele tivesse uma boa explicação para isso. Talvez ele tenha encontrado em algum lugar? Ou comprado uma réplica? Porque nada estava fazendo sentido: não Owen ir atrás de Reggie Crawley, não importa o quanto ele não gostasse do cara, e com certeza não *me* sequestrar.

Ele não faria isso, não é? Mesmo que não levássemos em consideração a logística bizarra que um garoto de treze anos teria que preparar, Owen não faria isso, jamais.

— Não vamos. Mas também não podemos tirar conclusões precipitadas. Precisamos conversar com ele antes de qualquer coisa — diz Emma.

Nenhuma de nós dormiu no sábado. Ou na noite seguinte, depois que nossa mãe disse que Owen passaria mais tempo com Ben, até que a família fosse viajar. E então, ontem à noite, Maeve mandou uma mensagem no grupo do Clube dos Assassinos: *Tudo aponta para Chelsea Alton, que NÃO está em Oxford. Estou tentando encontrar uma foto de formatura ou qualquer coisa assim.*

Isso acabou levando meus pensamentos para uma péssima direção. Tinha sido bom pensar que Owen não conseguiria fazer uma coisa dessas sem Jared Jackson por trás, decidindo tudo. Mas agora...

— Você acha que essa Chelsea Alton pode ser tipo o Jared? Fazendo joguinhos, manipulando pessoas vulneráveis e... — falei, mostrando a mensagem de Maeve para Emma.

— Não tire conclusões precipitadas — repetiu ela, firme.

Ela não me deixou falar mais nada sobre o assunto antes de irmos nos deitar e passar mais uma noite em claro. Quando nossa mãe se levantou hoje de manhã, eu e Emma já estávamos na cozinha, bocejando enquanto preparávamos xícaras enormes de café.

— Por que vocês estão acordadas? — perguntou mamãe.

— Hoje pego cedo no café — menti. Eu não estava efetivamente pensando em ir trabalhar, mas não falei nada.

— Não consegui dormir — respondeu Emma. E quando nossa mãe pareceu preocupada, ela explicou: — Phoebe roncou *demais* ontem. Não estou acostumada a dividir quarto.

— Bem, é até bom que vocês estejam de pé. Owen vai chegar daqui a pouco, então façam ele comer alguma coisa, tá? A família do Ben é vegetariana, e vocês sabem como seu irmão é chato com comida.

— Eu sei — respondeu Emma.

Assim que nossa mãe saiu, liguei para o Café Contigo e disse que estava doente. Agora

Emma e eu estávamos sentadas nos banquinhos na ilha da cozinha, encarando a porta enquanto alguém virava a chave excruciantemente devagar.

— Meu Deus, parece um filme de terror, né? — murmura Emma.

— Os últimos três meses parecem.

A porta se abre e Owen entra em casa, uma bolsa azul nos ombros. O cabelo loiro-avermelhado cai sobre seus olhos, e a camiseta que ele provavelmente está usando desde sábado está completamente amassada.

— Ei — grunhe ele para mim e para Emma, guardando as chaves no bolso e indo para o quarto.

— Espere um pouco — diz Emma, com o tom de voz mais autoritário possível.

Quando eu era mais nova, esse tom me paralisava, mas Owen nem se importa.

— Estou cansado, preciso dormir — responde ele em um bocejo enquanto abre a porta do quarto. Quando a porta se fecha depois que ele entra, os barulhinhos cotidianos parecem tapas em nossos rostos depois de tudo que fizemos por ele. Mesmo que ele não soubesse que estávamos fazendo.

— Que audácia — resmungo. Fico de pé em um pulo e pego a mochila de Owen. Vou até o quarto do meu irmão com Emma em meu calção, bato na porta com força e já abro.

— O que você está fazendo? — grita ele. Owen está sentado na beirada da cama só com um tênis e me encara enquanto o desamarra. — Sai daqui. Eu disse que vou dormir.

— Não antes de você explicar isto aqui.

Jogo a mochila no tapete e sento no chão ao lado dela, olhando atentamente o rosto do meu irmão. Emma senta ao meu lado com uma expressão severa no rosto.

Owen reclama.

— Por que você está fuçando as minhas coisas? — Ele se estica para alcançar uma das alças, e eu tiro de seu alcance. Emma pega a mochila e abre o bolso da frente. — Vocês são ridículas — reclama ele, batendo no meu braço. — Devolve. — Ele agora está no chão, puxando a mochila com as duas mãos, e cai de costas quando Emma a larga.

— Por que você está com isto? — pergunta ela, segurando o colar do Reggie. As pedrinhas prateadas batem umas contra as outras, e encaro Owen para analisar sua reação.

— O que é isso? — pergunta ele, sentando. E... parece mesmo surpreso.

— Você que tem que nos contar — diz Emma.

— Contar o quê? Por que você colocou isso na minha mochila?

— A gente não colocou, a gente achou aqui — corrijo.

A revolta aparece de novo no rosto de Owen.

— Vocês não podem mexer nas minhas coisas!

— Agora já era. Você precisa dizer onde conseguiu isto, Owen — afirmo, pegando o colar da mão de Emma.

— Eu *não* consegui. Não é meu.

Emma e eu trocamos olhares. Estava me preparando para todo tipo de resposta, mas não estava esperando seu costumeiro mau-humor. Ele não parece culpado nem amedrontado. Parece... irritado.

— Você está dizendo que não sabe o que é isso? — pergunta Emma.

— É, é exatamente o que estou falando.

— Então por que estava na sua mochila? — continua Emma.

Owen dá de ombros e diz:

— Como eu vou saber? Talvez já estivesse aí quando a gente comprou a mochila no brechó e nunca reparei.

Eu chamo meu irmão com cuidado e coloco o colar na palma da minha mão.

— Owen, este colar era do Reggie Crawley. Está desaparecido desde o dia em que ele sumiu, e os pais dele estão procurando por isso.

Owen pisca.

— Reggie? Mas... Não estou entendendo. Reggie nunca chegou perto da minha mochila. Como ele colocou isso aí?

Ele parece tão confuso que se esqueceu de ficar irritado conosco. Ele olha para Emma e para mim com os olhos arregalados.

— A gente achou que *você* tinha colocado — explica Emma. Owen abre a boca para falar alguma coisa, mas antes que ele consiga, Emma respira fundo e continua: — A gente achou que você pudesse estar envolvido de alguma forma no que tem acontecido na cidade. Os flyers do jogo, e talvez até...

— Eu? É sério? Por que vocês acharam isso? — Owen não para de olhar para nós duas, a voz tão aguda quanto em sua pré-adolescência.

Eu o encaro, meu coração despedaçando enquanto observo seus olhos castanho-claros, tão parecidos com os meus. E com os de nosso pai.

— Porque a gente sabe que você estava envolvido no jogo de Verdade ou Consequência, Owen. A gente sabe que você pegou o lugar da Emma quando ela desistiu e continuou jogando com Jared. Quando lemos a transcrição das conversas com o advogado de Emma, uma mensagem tinha a palavra *bizarro* escrita errado, *B-I-Z-A-R-O*. O mesmo erro que você cometeu no concurso. — Owen não diz nada, mas seus olhos brilham como se estivessem pegando fogo. — Eu e Emma protegemos você. A gente fingiu não saber o que esse erro significava, e Emma levou a culpa. E...

Mas antes que eu consiga continuar, meu irmão começa a chorar copiosamente, o corpo todo tremendo. Ele se abaixa e abraça os joelhos, chorando como costumava fazer quando era uma criança e estava cansado. Com mais intensidade até, do jeito que ele chorou no enterro do nosso pai. Por alguns segundos, Emma e eu ficamos chocadas demais para fazer alguma coisa. Mas logo cada uma o abraça de um lado, tentando controlar o tremor.

— Me de-desculpa. E não-queria... Eu nunca quis mat-ma-ma... — Ele não consegue falar.

Ele está soluçando demais, mas eu entendo o que ele quis dizer. *Eu nunca quis matar o Brandon*. Era o que eu e Emma sempre pensamos, e por isso o protegemos. Acho que Emma sabia o que isso significava, e mesmo assim decidiu seguir, como um tipo de punição pelo papel que ela teve na morte de Brandon. Eu fui bem mais inocente. Achei que depois que Owen estivesse bem, tudo voltaria ao normal. Não percebi que o segredo começaria a se parecer com uma bola pesada presa em meu pescoço. Eu nunca entendi de verdade o que o segredo faria com Owen, nem quando Knox tentou falar comigo.

— Está tudo bem — murmura Emma.

— *Não está* — estoura Owen. — É tudo minha culpa. Tudo. A morte do Brandon, a bomba, o machucado de Nate, a sua mudança...

— Isso foi culpa do Jared. Ele usou você, do mesmo jeito que fez com a Emma — disparo.

— M-mas eu deixei. Eu *qu-qu-queria* que ele fizesse — engasga Owen.

— Você não sabia o que queria. Nem eu — diz Emma.

Demora para que Owen pare de soluçar, e quando ele finalmente para, não consegue nos encarar.

— Vocês vão contar, né? — pergunta ele.

— Acho que a gente precisa. Primeiro pra nossa mãe. Ela vai saber o que fazer. — Emma me olha por cima da cabeça baixa de Owen. — A gente devia ter feito isso logo que percebemos que era você. A gente não ajudou em nada, Owen.

— Não quero ir pra cadeia — choraminga ele.

— Você não vai — afirma Emma, com tanta confiança que eu quase acredito nela.

Se não existisse outro problema agora, talvez eu acreditasse.

— Owen, a gente precisa descobrir o que aconteceu com o colar do Reggie. Como ele foi parar na sua mochila? Quem poderia ter mexido nela? — Acredito piamente que não foi ele que guardou o colar lá. Não tem como ele ter fingido tão bem ser pego de surpresa nem encenando a crise de choro, quando teve agora que falamos de Jared.

— Não sei. Ela ficou aqui em casa o fim de semana todo — diz ele, esfregando os olhos.

— Mas e antes? Você deixou em algum lugar? — pergunto.

Ele respira fundo, franze a sobrelance e diz:

— Tipo, de vez em quando eu deixo na cadeira da biblioteca quando vou ao banheiro. Faço a mesma coisa no Café Contigo. As cadeiras não são um bom lugar pra isso, então a mochila sempre cai no chão. Ahmed já pegou pra mim, e na semana passada... — Owen se perde em pensamentos.

— O que aconteceu na semana passada? — pergunto.

— Uma garota estava segurando minha mochila quando voltei do banheiro. Você sabe quem é. Aquela meio hippie que mora com o Nate, sabe?

— Sana? — pergunto, surpresa.

— Isso. Ela falou “Ah, caíram umas coisas da sua mochila e eu coloquei no lugar”. Ela fechou a mochila na minha frente e me entregou.

Olho para Emma. O rosto dela exibe uma confusão sincera, já que ela não conhece Sana, mas o meu também está confuso, porque eu conheço. Nunca pensei que a colega de quarto de Nate poderia estar envolvida em nada disso, mas, claro, ela também era colega de Reggie.

— Quando exatamente foi isso? Depois que Reggie morreu? — pergunto.

— É. Foi... no último fim de semana, eu acho? — Owen faz uma careta.

— Nate conhece essa menina? — pergunta Emma.

— Nate *mora* com ela. E Reggie também morava.

O que a mensagem de Maeve dizia mesmo? *Tudo aponta para Chelsea Alton, que NÃO está em Oxford.*

— Qual é a dela? — pergunta Emma.

— Não sei. Ela é meio... — Não sei como completar a frase. *Ela é meio qualquer coisa?* Não conheço a Sana muito bem, e me pergunto se Nate conhece. Será que ela pode não ser quem diz que é? Sei que ela está morando naquela casa há apenas alguns meses, e nunca falou nada sobre a família nas poucas vezes que conversamos. Ela não se parece com as fotos de Chase e Christopher, mas a idade encaixa. E ela estava discutindo com Reggie na noite em que ele sumiu. Na hora pensei que ela o estava xingando por ser um babaca, mas talvez fosse outra coisa.

— Acho que preciso falar com o Nate — anuncio.

CAPÍTULO 32

Phoebe

Terça-feira, 21 de julho

Infelizmente, era mais fácil *querer* falar com Nate do que efetivamente falar.

Ele não respondia minhas mensagens. *Ele está trabalhando*. Addy respondeu quando perguntei onde ele estava. Então fui de carro até a Myers Construções, e agora estou procurando uma vaga no estacionamento cheio de caminhonetes, batedores de cimento e mais uns veículos amarelos que não sei o nome, mas que são usados em construções. Estaciono e tento achar o escritório principal.

— Posso ajudar, menina? — perguntou um homem com cabelos grisalhos e um colete amarelo.

— Estou procurando o Nate Macauley — digo, colocando a mão em cima dos olhos para bloquear um pouco do sol.

— Ele está numa obra.

— Você sabe onde? Preciso falar com ele. É uma emergência.

— Lamento saber. Vou dar uma olhada.

Addy manda mais uma mensagem: *Está tudo bem? Estou querendo conversar com você há tempos. Vamos tomar um café?*

Argh, eu quero ir, mas não agora. *Talvez outro dia*, respondo.

— Não consegui, menina — diz uma voz. O homem de colete amarelo aparece mais uma vez na minha frente, ele parece estar se desculpando. — Nate não está na escala de horários, deve ter sido chamado de última hora. Se você quiser voltar daqui a uma hora mais ou menos, Keith Myers já vai ter chegado. Ele é o dono e sempre sabe onde cada um está.

Não digo a esse homem que sei muito bem quem Keith Myers é, já que pulei uma janela da casa dele várias vezes.

— Muito obrigada.

Volto para o meu carro, mas não abro a porta. Encosto na porta do passageiro e penso no que fazer agora. Esperar pelo Sr. Myers? Ir tomar café com Addy? Ir para a casa de Nate e falar com Sana, perguntar se ela colocou o colar na mochila do meu irmão?

Não, é uma péssima ideia. Claro. Talvez eu possa dar uma espiada. Posso ir até o Café Contigo e perguntar para Ahmed e Evie se eles repararam em alguma coisa. Isso seria um bom uso do tempo de espera até o Sr. Myers chegar.

Está no trabalho?, escrevo uma mensagem para cada um. Ahmed não responde, mas Evie responde de imediato. *Não, hoje estou de folga*. Tenho muitas perguntas, mas não posso mandar por mensagem. Deixar pistas sobre esse assunto não me parece uma coisa inteligente.

Olho a minha volta. Da última vez que conversei com Evie sobre a cidade, ela me disse que morava em um condomínio chamado Glasstown. *É num bairro meio comercial*, disse ela. *Por isso é tão barato*. Procuro o nome do condomínio no Google Maps e só acho um lugar em Sacramento. Mas quando procuro *glass*, o primeiro resultado é um lugar chamado *Glassworks*, e fica a apenas 300 metros de onde estou.

Vale a pena tentar.

Sigo as direções no celular até chegar a um prédio cinza de quatro andares. A entrada é toda de vidro, mas fora isso, o nome parece ser papo de publicitário. Entretanto, é o endereço certo. O interfone tem dezesseis botões, e todos, menos o apartamento doze, têm o nome do proprietário. Nenhum deles é Evie, então estou prestes a apertar o botão doze quando a porta se abre.

— Opa — diz o homem saindo do prédio, e segura a porta para mim.

— Valeu — agradeço enquanto passo por baixo do braço dele.

Lá dentro, vejo corredores para a esquerda e para a direita, e um elevador no meio. Dou uma espiada e vejo que são quatro apartamentos no térreo, então imagino que o de Evie seja no terceiro andar. Pego o elevador, meu celular recebe uma mensagem quando as portas se fecham.

Finalmente, Nate: *O que foi?*

Preciso falar com você. Onde você está? Respondo.

Estou trabalhando, mas saio às três da tarde.

Posso passar aí?

Claro, Nate manda a localização.

Valeu!

Guardo o celular enquanto as portas se abrem e saio no terceiro andar. Vou primeiro para o lado direito, mas volto depois de passar pelos apartamentos nove e dez. O número doze está no canto esquerdo, e rezo para ter encontrado o lugar certo antes de bater na porta. Tudo fica em silêncio antes de uma voz conhecida dizer:

— Quem é?

— Phoebe.

A porta se abre e Evie aparece, com um olhar confuso.

— Oi. O que você está fazendo aqui?

— Preciso perguntar uma coisa pra você — digo e entro no apartamento. Não quero mesmo ter essa conversa no corredor.

— Estou meio ocupada.

— Vai ser rápido. Nossa, que apartamento lindo — comento ao olhar em volta. Podia ter apostado que o apartamento de Evie seria tão organizado e limpo como ela: as paredes da sala foram pintadas de azul, o sofá de dois lugares está cheio de almofadas estampadas, e vários quadros com estampas botânicas estão espalhados pela casa. A cozinha pequena fica à direita, e vejo outro quarto à esquerda, que...

— Meu Deus.

Digo antes de conseguir me controlar, porque estou olhando para o papel de parede verde que tem me assombrado desde que fui sequestrada. Ramos delicados com folhas em formato de coração se enredando por todos os lugares. Tentei me convencer de que ele não existia. Que meu cérebro tinha inventado isso, criado uma memória falsa que levou Addy, Maeve e Nate em uma busca infrutífera até Ramona.

Mas ele existe. Aqui, no apartamento de Evie, e isso significa...

— O que — diz Evie, mas ela não usa a entonação de pergunta. Quando olho para o rosto impassível dela, tenho a sensação desagradável de que ela pode ler minha mente, de que ela sabe o que estou pensando, só está esperando que eu chegue àquela conclusão.

Sana só pegou a mochila que alguém no Café Contigo já tinha mexido para colocar o colar de Reggie. Uma pessoa que estava na festa na casa de Nate quando eu sumi, que tem estado perto de todas conversas do Clube dos Assassinos nas últimas semanas e que teve muitas oportunidades de esperar que meu irmão deixasse a mochila na cadeira do café quando foi ao banheiro.

— Evie? Pelo menos é seu nome de verdade? — pergunto.

Os olhos dela parecem pedras de gelo quando fecha a porta e diz:

— Você não devia ter vindo aqui, Phoebe.

CAPÍTULO 33

Nate

Terça-feira, 21 de julho

— Um brinde! — diz Addy, tocando nossos copos, e depois os de Bronwyn e Cooper.

É só água com gás, já que não sou nem rico, nem tenho idade para comprar uma garrafa de champanhe no bar onde deveria estar trabalhando. Mas ainda assim sorrio e tomo um gole.

— Quem poderia prever, não é? — digo, mas sinto a obrigação de completar com: — Mas ainda não fecharam o negócio.

— Nate, por favor, se permita sentir felicidade. Seu pai vai conseguir fechar — declara Addy, se esticando no balcão para alcançar uma rodela de limão, que espreme em seu copo.

Cooper olha para o bar meio cheio que Gavin começa a atender sem mim, já que meus amigos apareceram.

— Você vai parar de trabalhar aqui? — pergunta Cooper.

— Não, por que eu faria isso? Eles pagam bem, e o Gavin trabalha mais do que eu — respondo enquanto ele passa por mim carregando uma bandeja de copos sujos.

— Um dia desses vamos falar sobre a importância da divisão de tarefas — comenta Gavin por sobre os ombros.

Faço um gesto para que ele vá embora e coloco a mão no bolso.

— Olha o que achei quando estava limpando umas coisas velhas no meu guarda-roupa...

Addy me interrompe com uma exclamação de espanto tão alta que me viro de repente, esperando ver Jake atrás de mim. Ela diz:

— Espera, você disse que estava *limpando o guarda-roupa*? — Ela coloca uma mão sobre o lado esquerdo do peito enquanto Bronwyn tenta, sem sucesso, esconder um risinho.

— Olha só ele, todo almofadinha já — brinca Cooper, rindo.

Solto uma risada sem querer. Devia ter esperado uma reação assim, já que meu histórico é de fazer o mínimo de trabalho doméstico. Mas ontem à noite olhei para o meu quarto e percebi que mesmo que eu não me mude, posso deixar o lugar um pouco menos melancólico. Pintar as paredes, colocar umas prateleiras, jogar fora ou doar o que não uso.

— Posso terminar de falar? — pergunto.

— Quem é você e o que fez com meu amigo? — Addy quer saber.

— Achei meu último celular descartável — digo, colocando o aparelho no tampo do bar entre Addy e Bronwyn. — Carreguei para ver se deixei alguma coisa idiota nele, mas está vazio. Acho que acabei nunca usando este. Ainda assim, talvez eu deva destruí-lo com um martelo ou algo assim.

— Ah, não, deixa comigo — oferece Addy ao pegar o celular e observá-lo. — Podemos usar como enfeite na nossa próxima festa de aniversário.

Olho para ela, surpreso.

— Achei que a gente tinha desistido disso.

Cooper balança a cabeça e diz:

— O histórico dessas festas não é exatamente bom.

— Tudo bem, talvez a gente use em uma festa qualquer, então. Ou na minha festa de despedida com Maeve — sugere Addy ao guardar o celular no bolso do short.

— Vocês vão se divertir muito no Peru. Foi um verão difícil, mas pelo menos algumas coisas estão melhorando — comenta Bronwyn, os olhos acinzentados brilhando atrás da nova armação de óculos que ela escolheu essa manhã. Elas são quase iguais aos óculos antigos, mas eu sei que não devo falar isso para ela.

Addy faz uma careta e diz:

— Não fala isso! Por aqui ainda estamos na Central de Mistérios não Resolvidos.

— Eu sei, e tenho pensado nisso. — Bronwyn olha em volta e abaixa a voz. — Talvez a gente devesse contar tudo pra polícia. Sobre a campanha publicitária, o caso extraconjugal, o fato de uma filha de Alexander Alton estar se passando por outra pessoa. Eles podem investigar, e a gente pode... — Ela se ajeita no lugar quando as mães-margarita passam por nós. — A gente pode ter uma vida normal e curtir o tempo que temos juntos.

— Vida normal? Nunca ouvi falar nisso — bufa Cooper.

— Entendo o que você está dizendo, Bronwyn, mas a polícia de Bayview é péssima. Tenho certeza de que eles não vão dar atenção pra gente. E com Jake por aí... — Addy parece sentir um calafrio. — Prefiro esperar e ver o que Maeve descobre.

— Não só a Maeve. Eu também estou tentando descobrir algo. — Bronwyn mostra uma mensagem de texto. — Maeve não conseguiu encontrar nenhuma foto de Chelsea na escola particular de Eastland. Ao que parece, eles não tiram foto de formatura, mas vocês sabem que a família toda se mudou pra Ohio depois que Alexander morreu, né? — Todos nós concordamos. — Uma garota que mora no alojamento comigo é da cidade para onde eles se mudaram. Ela vai ver se consegue achar alguma coisa.

— Ah, mas a gente deveria entregar as coisas pra polícia, né? — digo, provocando.

— Quanto mais coisa a gente puder entregar, melhor — afirma Bronwyn, baixinho.

Gavin passa por nós de novo, com uma garrafa de vinho em cada mão, e percebo que o bar ficou bem mais cheio de repente.

— Não quero atrapalhar sua festa, mas seria bom se pudesse me dar uma ajudinha — bufa Gavin.

— Foi mal, cara. Já estou indo — digo.

Pela próxima meia hora tudo vira uma grande confusão: pego pedidos, sirvo drinks, converso com clientes regulares, recolho copos vazios. Pela primeira vez, Stephanie chega antes da hora, mas o bar está cheio, e Gavin continua trabalhando. Depois de um tempo, Cooper vai embora para se encontrar com Kris, e Bronwyn se levanta.

— É melhor eu ir. Vou jantar com a minha família. Me liga depois? — pede ela antes de abraçar Addy com força.

— Eu vou ligar se não morrer sufocada — responde Addy, o rosto apertado na blusa de Bronwyn.

— Desculpa, estou nostálgica. Pensando em nós quatro há dois anos e agora. Dá pra acreditar que a gente mal se conhecia no verão antes do último ano? Bem, você e Cooper se conheciam, mas não como agora. — Bronwyn se debruça no balcão do bar, pega meu rosto entre suas mãos, e me dá um beijo longo. — Sabe qual é a melhor coisa do presente do seu pai? — sussurra ela quando algumas pessoas começam a assobiar e bater palma. — Vai facilitar seu futuro, mas não é o que vai fazer você ter um futuro. Você mesmo fez isso.

— Com a sua ajuda — falo baixinho, apoiando minha testa na dela.

— Eu amo tanto você, tanto!

É um daqueles momentos perfeitos dos quais tento me lembrar enquanto ainda estão acontecendo, porque eu sei que quero aquela lembrança.

— Eu amo mais.

— Impossível — diz ela, me dando mais um beijinho antes de se virar. Olho para Bronwyn o máximo de tempo possível, até que todos os cartões de crédito sendo enfiados na minha frente me distraem.

Já passa das sete quando o bar finalmente se acalma. Gavin suspira enquanto enche o copo

de Addy, que pediu uma salada para jantar.

— Isso foi o caos. Já está mais do que na hora de eu ir. Vou ao banheiro e depois vou embora. Você avisa a Stephanie? — pede Gavin, olhando para o lado enquanto Stephanie conversa com as mães-margarita.

— Claro, pode deixar.

— Aconteceu alguma coisa entre ele e a Vanessa? — Addy especula quando ele vai embora.

— Não, a Vanessa realmente não está interessada. E você? — pergunto levantando as sobrancelhas.

— Também não estou interessada nele.

— Você sabe o que estou querendo dizer. Você e a Vanessa conversaram de novo?

— Meu Deus, Nate, você está todo conciliatório agora. — Addy revira os olhos, mas um sorrisinho aparece nos lábios dela. — Estamos conversando de vez em quando. Ela quer pagar pra gente ir visitar a Keely em um fim de semana prolongado antes que eu vá pro Peru. É uma ideia repentina, e como minha mãe não para de me lembrar, eu ainda tenho *muita* coisa pra fazer antes de sair do país por um mês, mas... — Ela dá de ombros. — Quem sou eu pra recusar uma oferta tão generosa?

— É verdade — digo enquanto pego meu celular para ver as mensagens. Vejo algumas dos meus pais, uma de Bronwyn, mas nada de Phoebe, que pediu para me encontrar há horas e não apareceu. *Foi mal, aconteceu um imprevisto*, ela escreveu quando perguntei se ela estava vindo. Depois disso, mais nada. — Você tem notícias da Phoebe?

— Não, por quê? — pergunta Addy. Quando conto, ela arregala os olhos. — E você só fala isso agora? A gente precisa prestar muita atenção, Nate!

— Eu sei. Eu mandei mensagem.

— Você falou com ela ou só mandou mensagem?

— Mensagem.

— Preciso lembrar a você que alguém usou o celular da Phoebe pra mandar uma mensagem pra mãe dela dizendo que ela ia dormir na minha casa?

— Porra, acho que sim.

— Tenho certeza de que estou sendo paranoica, mas acho melhor falar com o restante do pessoal e ver se alguém teve notícias dela. — Ela pega o celular e fica em silêncio por alguns minutos, os dedos dançando pela tela do celular até que sua expressão fica mais preocupada. — Nada até agora. Perguntei se a Ashton podia passar na casa dela, mas ela não está lá. Talvez eu deva ir, mas é que... Argh. — Ela larga o celular no balcão com um suspiro. — Eu vim andando. Vou demorar demais pra chegar na casa dela. A que horas você sai?

— Só depois das dez.

— Deixa eu ver se Bronwyn pode me levar.

— Espera aí — digo quando Gavin sai do banheiro. Aceno para que ele se aproxime. — Ei, Gavin, você pode dar uma carona pra Addy? Ela vai pra casa de uma amiga, não é longe.

— Sem problema. Sua carruagem a espera, milady — brinca ele, com um gesto dramático dos braços em direção a Addy.

— Obrigada — agradece ela, enquanto desce do banco. — Te aviso o que descobrir.

— Beleza — digo, mas sou tomado por um desconforto. Achei estranho quando Phoebe não apareceu, mas não o suficiente para me preocupar, até porque ela respondeu a mensagem. Mas Addy tem razão, eu devia ter telefonado, principalmente com Jake desaparecido.

Assim que o nome dele aparece na minha mente, o bar fica estranhamente silencioso. Quando percebo, vejo a Sra. Riordan andando devagar em minha direção, com cuidado. Ela está muito bem-vestida, como sempre, mas a maquiagem parece um pouco fora do lugar.

— Oi, Nate — cumprimenta ela, sentando-se em um banco vazio e colocando a bolsa no balcão. — Um Chardonnay, por favor.

Percebo que ela já tomou alguns.

— Como você está?

Ela cruza as mãos no balcão e diz:

— Como você acha?

— Nada bem.

Ela solta uma risada baixa e hesitante, que parece quase um choro. Depois se debruça no balcão e me encara.

— Você está procurando por ele? — pergunta, baixinho.

— Por quem? — disfarço, colocando um copo cheio de água ao lado dela.

Sua expressão fica mais severa.

— Não faça isso. Não finja que não sabe do que estou falando. Sei o que ele fez com você e com seus amigos, mas eu também sei... que você não é vingativo. Se encontrar meu filho primeiro, sei que ele vai ficar bem. — Ela engole em seco.

Desisto de fazer de conta que estamos tendo uma conversa normal e me debruço no bar para que só ela me ouça.

— Encontrar ele antes de quem?

— Não sei. — Os olhos dela se enchem de lágrimas.

— Tem certeza? — Ela não responde, e eu falo ainda mais baixo. — O que aconteceu com Alexander Alton?

Ela fica tensa.

— Como você... — Ela olha ao redor, como se esperasse que o próprio Alexander aparecesse. Depois pega a bolsa e segura contra o peito. — Você não sabe do que está falando. Essa conversa foi um erro.

— Não vá embora — peço enquanto ela se levanta. — Você tem razão, sabe? Não sou vingativo, mas tem alguém que é. Reggie Crawley está morto por conta dessa pessoa. Então que tal você parar de palhaçada e me contar como esse cara morreu?

— Eu... eu não sei. Eu estava no México e ele...

— E ele o quê?

Lágrimas caem dos olhos dela e seu rosto revela uma expressão de profunda tristeza.

— Eu pedi pra ele... — começa ela, mas é interrompida por uma voz forte e alta.

— Katherine! Achei você. Hora de ir embora.

Scott Riordan está vindo em direção ao bar com um de seus ternos bem cortados, a testa molhada de suor. O sorriso em seu rosto não esconde como ele está odiando me ver debruçado ao lado de sua esposa.

— Vamos lá, Sra. R — digo, apressando-a quando ele se aproxima. — Última chance. Quem matou Alexander?

Os olhos da Sra. Riordan se fixam no marido quando ela abre um sorriso falso e murmura:

— Acho que você pensa o mesmo que eu.

Então ela se levanta e caminha em direção ao Sr. Riordan.

Pelo que entendi, ela acabou de acusar o marido de assassinato.

O Sr. Riordan passa o braço pelos ombros da esposa, possessivo, e a conduz em direção à saída. Quando eles saem do bar, pego meu celular para ligar pra Bronwyn, mas antes disso chega uma mensagem. *MEU DEUS ME LIGA!!!* Chega junto com uma foto. Aumento a página de formandos do fundamental. *Chelsea E. Alton* é a primeira da lista e é... Meu Deus, é uma versão mais jovem de Evie, do Café Contigo. A filha de Alexander Alton esteve aqui todo esse tempo, servindo nossa comida e ouvindo as reuniões do Clube dos Assassinos.

Mas essa não é a pior parte.

A pior parte é a foto logo abaixo. Um garoto com terno e gravata, um sorriso familiar. Ele está mais forte agora, mas ainda o reconheço sem precisar ler a legenda: *Gavin P. Barrett*. Meu colega de trabalho que parece ser simpático pelo visto conhecia Chelsea Alton há tempos e tem estado em Bayview com ela desde que pessoas começaram a desaparecer.

E eu acabei de deixar Addy ir embora com ele.

CAPÍTULO 34

Addy

Terça-feira, 21 de julho

— Desculpa pela parada. Não percebi que minha gasolina estava acabando — diz Gavin enquanto guarda a carteira no bolso e abre a porta do carro.

— Sem problemas. Nem sabia que este lugar existia. Onde a gente está? — indago sem prestar muita atenção e estico meus braços para procurar meu celular no chão. Deixei cair enquanto estava falando com Bronwyn, e agora ele não para de vibrar.

Gavin liga o carro.

— É a gasolina mais barata da cidade. Bem, da região Bayview-Eastland. Estamos perto da antiga fábrica Guppies. Lembra?

— A bala de gelatina em formato de peixe? — pergunto, ainda procurando meu celular.

— *A sobremesa mais doce que você vai encontrar* — Gavin começa a cantar meio desafinado.

— Os comerciais eram péssimos. Não me surpreende que eles tenham fechado. — Ele faz uma curva fechada para sair do posto e diz: — Isso é seu celular vibrando?

— É, deixei ele cair em algum buraco e agora ele não para de tocar — respondo enquanto me viro para procurar na parte de trás do carro.

— Quer que eu encoste?

— Não, pode deixar. Eu pego quando a gente chegar. — Me endireito e limpo as mãos.

— Tem certeza?

— Bem... — paro para pensar. Se for uma mensagem sobre Phoebe, é melhor que eu veja logo. — É, acho que seria bom.

Gavin olha para os lados.

— Esta estrada é muito vazia e estreita, deixa eu achar um lugar melhor pra parar, que não atrapalhe ninguém... Ah! O estacionamento da Guppies está vazio. — Ele sorri ao passar pelo portão aberto.

— Que estranho eles não terem feito mais nada neste prédio.

— Provavelmente vão vender pra alguma construtora — comenta Gavin, parando no estacionamento deserto.

Minutos depois, estou do lado de fora da porta do passageiro enquanto Gavin, resmungando, afasta o banco o máximo possível e passa a mão pelo chão.

— Você acertou quando falou em buraco. Estou ouvindo, mas não sei onde ele está. Deixa eu pegar a lanterna no porta-malas e olhar pelo banco de trás.

— Desculpa por isso — digo enquanto ele abre o porta-malas.

— Eu que tenho que pedir desculpas. Não sabia que meu carro era o Triângulo das Bermudas — brinca Gavin. Já com a lanterna na mão, ele abre uma das portas traseiras e entra no carro.

Um ronco de motor surge atrás de nós. Quando me viro, curiosa para saber quem decidiu aparecer no estacionamento abandonado, fico surpresa ao ver uma moto conhecida. Nate para a alguns metros de mim, tira o capacete e me encara.

— Aqui — diz ele, oferecendo o capacete. — Não trouxe o extra, então você vai usar este mesmo — continua, enquanto deixa a moto ligada.

Fico confusa e pergunto:

— O que você está... Como sabia que eu estava aqui?

— Pela sua localização no Snapchat — responde Nate. Ele olha o carro de Gavin antes de baixar o apoio e descer da moto, que ainda está ligada, vem até mim e empurra o capacete na minha mão. — A gente precisa ir embora, Addy. Agora. Sem mais perguntas, tá?

Olho para ele chocada. Nunca vi Nate tão sério.

— Tudo bem, mas preciso do meu celular. Gavin está procurando, está em algum lugar no chão...

— A gente pega depois — interrompe Nate, bem quando Gavin se levanta, com um olhar triunfante, segurando meu celular.

— Achei! — anuncia ele. Depois levanta a sobancelha, surpreso. — Nate? O que você está fazendo aqui? Achei que ia trabalhar até tarde.

Os olhos de Nate se movem de mim para Gavin.

— É uma emergência familiar — responde ele.

— Meu Deus, sério? — Meu coração dispara. E bem agora que as coisas estavam começando a melhorar para ele. — Tudo bem, só vou pegar meu celular.

— Nossa, sinto muito — diz Gavin enquanto vou em direção a ele. — Seu celular não para de receber mensagens. Aqui...

Ele se cala quando me aproximo, os olhos fixos na tela do celular.

— O que foi? — pergunto. Estico a mão, mas Gavin não me dá o celular. Em vez disso, ele olha para Nate.

— Então é por isso que está aqui. Você sabe — afirma ele, sério.

— Sabe o quê? O que você... Gavin! Me dá o celular! — digo enquanto tento pegar o celular, mas Gavin o afasta.

— Deixa pra lá, Addy! — insiste Nate, vindo em nossa direção.

— Você não entende — dispara Gavin, um tom de desespero em sua voz. De repente, ele se coloca entre mim e Nate. — Estou tentando ajudar vocês. Chelsea... Olha, ela está meio que numa crise, tá?

— Chelsea? — repito, sentindo um nó no estômago.

— Evie, do Café Contigo — explica Nate. — O nome dela é Chelsea Alton, na verdade. E nosso amigo Gavin se formou com ela no ensino médio em Ohio.

Fico boquiaberta enquanto Gavin diz:

— Juro por Deus que estou tentando ajudar.

Ele levanta as mãos, ainda segurando meu celular.

— Se você descobriu o nome dela, já deve saber que o pai da Chelsea morreu quando ela morava em Bayview. Eu a conheci depois que ela se mudou com a família e eu... eu me apaixonei de cara. Mesmo ela não demonstrando interesse nenhum. — Gavin engole em seco. — Chelsea passou por muita coisa, sabe? Perdeu o pai e a mãe, mas a perda do pai foi pior. Os dois eram muito próximos, e ela nunca superou. Chelsea fica remoendo as coisas, mas ultimamente tem sido mais do que isso. Ela está com essa ideia de que o pai não se afogou, mas que foi assassinado.

— Ela *está com essa ideia*? — repete Nate. — Como alguém chega a uma conclusão dessas?

— Não sei — murmura Gavin, derrotado. — Ela não me contou nada, mas insistiu em voltar para Bayview. Então eu obviamente vim também. Tirei uma licença da faculdade, porque é isso que você faz quando está apaixonado, não é? Você faz qualquer coisa pela pessoa. — A expressão de Nate denuncia que, sim, ele sabe como é.

Gavin esfrega o pescoço e continua.

— Mas Chelsea não gostou da ideia. Ela terminou comigo logo que chegamos em Bayview. E então... meio que... começaram a acontecer... umas coisas.

— Coisas? — repito.

— O outdoor com a frase da campanha publicitária do pai dela. O desaparecimento da

Phoebe. E Reggie... e Jake... — Gavin fica ainda mais tenso. — Não sei o que está acontecendo. Mas não parece coincidência, sabe?

— Sei. — Nate o avalia e concorda. — A gente sabe.

— E agora... eu achei isto. — Gavin vai até o porta-malas ainda aberto e se inclina para dentro. — No apartamento dela.

— Mas vocês não tinham terminado? — pergunta Nate.

— Sim, mas eu tenho as chaves e fiquei preocupado então... Olhem. — Ele pega uma jaqueta azul e dourada. — Não sou especialista, mas eu assisti ao que saiu nos jornais sobre Bayview, como todo mundo, e esta jaqueta ficou gravada na minha mente. Acho... acho que pode ser do Jake.

— Deixa eu ver — pede Nate, indo até o porta-malas.

Gavin joga a jaqueta para Nate, que a observa, tenso.

— Isso não é... — começa Nate, mas antes que ele diga mais alguma coisa, Gavin parte para cima dele, e é tudo tão rápido que não entendo o que está acontecendo até que escuto um barulho horrível, de algo se quebrando, e Nate cai no chão com Gavin por cima dele, um pé de cabra em uma das mãos.

Começo a gritar, mas paro logo em seguida porque Gavin vem direto para cima de mim, segurando meus braços com uma mão e cobrindo minha boca com a outra.

— Não queria fazer isso. Juro. Mas eu falei sério. Faria qualquer coisa pela Chelsea, e ela precisa terminar o que começou — admite ele, quase sem ar.

Lágrimas enchem meus olhos enquanto olho uma poça vermelha se formar perto da cabeça de Nate.

— Ela está te fazendo um favor, Addy. Você sabe muito bem que Jake Riordan é uma ameaça pra todo mundo. Você e seus amigos só precisavam ficar fora disso, e eu e Chelsea cuidaríamos de tudo. Não era pra vocês descobrirem tudo tão rápido. Agora... agora não sei o que diabos fazer com você. — Ele começa a me arrastar para o porta-malas, e eu e me debato, ainda olhando o corpo imóvel de Nate.

Então vejo um dos dedos de Nate se mover. Sou inundada pelo alívio, *ele está vivo*. Mas logo fico apavorada pensando em quão leve foi o movimento e meu corpo enfraquece.

Nate precisa da minha ajuda, e não posso ajudar, a não ser...

Olho para Gavin com a expressão mais suplicante que consigo.

— Quero ajudar você — digo, minha voz abafada pela mão dele.

Ele para, levanta um pouquinho a mão que prende minha boca e diz:

— O que disse?

— Quero ajudar você. Com o que vocês estão fazendo com o Jake.

Gavin bufa e diz:

— Você quer ajudar? Depois do que acabei de fazer com Nate? Acho que não.

— Nate não é meu amigo. Ele deixou Jake fazer o que queria comigo. — A mentira sai da minha boca como veneno. Ninguém em sã consciência acreditaria nisso, mas Gavin nitidamente não está em sã consciência, e eu não consigo pensar em um plano melhor. — Todos eles deixaram. A gente devia ser o Clube dos Assassinos, mas ninguém tem coragem de matar ninguém, nem quando a pessoa merece, como o Jake. Então o que quer que vocês estejam fazendo, podem contar comigo.

Gavin me encara.

— Você acha mesmo que eu vou cair nessa? — pergunta ele. Meu coração dispara, mas vejo que os olhos dele estão brilhando. — Mas pode não ser uma má ideia ter você por perto. Vamos precisar de uma rota de fuga, ou pelo menos de uma distração, até que a gente consiga sumir, e você pode ajudar. Afinal, você também tem motivos para agir contra ele. — Ele me empurra de novo, até que fico diante do porta-malas. — Vai logo, entra. — Quando não me mexo, ele começa a rir. — Você não achou que eu ia levar você do meu lado, né?

Meu Deus, ele ainda está com meu celular e...

E eu tenho outro.

O celular descartável de Nate está no meu bolso.

— Tudo bem — digo. Entro no porta-malas antes que Gavin peça que eu esvazie os bolsos.
— Eu estava falando sério. Você vai ver.

Ele olha pra mim e diz:

— Coloca as mãos pra frente. — Meu coração bate ainda mais rápido quando ele pega uma corda e prende meus pulsos. Gavin me empurra para baixo, e arrasto a bochecha no carpete, então ele amarra meus tornozelos. Por último, ele pega um pedaço de tecido e cobre minha boca, dá um nó tão forte atrás da minha cabeça que não consigo evitar emitir um ruído quando meu cabelo se prende. Ainda assim, não me debato.

— Você está facilitando muito as coisas. Chelsea sempre diz pra não acreditarmos em coisas fáceis — pondera Gavin, como se estivessemos conversando.

Encaro os olhos dele, tentando evitar que lágrimas se formem nos meus. Ele me olha por alguns segundos, e depois a escuridão me cobre quando a porta se fecha.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Não é a situação ideal, mas meus pulsos não estão amarrados tão forte a ponto de me impedir de mover as mãos. Meus joelhos já estão perto do meu peito, então tento colocar a mão dentro do bolso e sinto o metal frio do celular.

O celular de Nate. Nate, que está sangrando no chão.

Não. Não pense nisso.

Foco em pegar o celular enquanto o barulho da moto de Nate para e a porta do carro bate. Gavin dá a partida, e tudo ao meu redor começa a sacolejar, fazendo com que o celular quase caia da minha mão. *Não, Addy, foco. Faça as coisas devagar.* Paro e me movo um pouco enquanto o carro começa a andar. Seguro o celular com cuidado e abro, tentando não soltar um suspiro de gratidão quando vejo que ele liga. Bateria carregada, como o Nate disse.

E agora? Podia tentar tirar a mordaca e ligar para a polícia, mas tenho medo de perder um tempo precioso que não sei se tenho. Em vez disso, abro o aplicativo de mensagens e começo a digitar devagar. Bronwyn não estava brincando, depois de perder o celular em Marshall's Peak, quando disse que faria a gente decorar alguns contatos. Ela quase gravou aquilo no meu cérebro.

Depois de digitar o número, escrevo a mensagem. Com as mãos amarradas, demoro demais para digitar, e o carro me joga de lado quando Gavin vira, mas continuo, escrevendo só o suficiente para Bronwyn entender e saber o que fazer. *NATE MACHUCADO FÁBRICA GUPPIE ESTACIONAMENTO MANDE AJUDA. ADDY.* Então clico em *Enviar* e espero pelo melhor.

Minha mensagem desaparece, e prendo a respiração enquanto encaro a tela. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... A tela apaga, e as lágrimas, que eu vinha segurando desde que Gavin acertou Nate na minha frente, começam a cair. Respiro fundo mais algumas vezes, lembrando que esse era apenas um dos planos. Mesmo que a mensagem não seja enviada, pode ser que a chamada de emergência funcione. Só preciso me concentrar em tirar a mordaca. Coloco o celular de lado e levanto as mãos, me contorcendo para alcançar o nó atrás da minha cabeça. Encontro, mas não consigo um bom ângulo, e começo a ficar tonta quando o pânico ameaça me dominar. Paro de me mexer e me forço a respirar devagar.

E então algumas coisas acontecem. O celular apita, me deixando tão surpresa que me encolho e bato a cabeça na lateral do carro. Imediatamente depois, o carro para. Seco meus olhos e prendo a respiração para tentar ouvir onde estamos. Um sinal fechado, talvez? Trânsito?

Então o barulho cessa e tudo fica em silêncio. O motor foi desligado e, onde quer que estejamos, é um lugar muito, muito silencioso.

Com medo de me demorar, não olho a mensagem recebida antes de apertar o botão para silenciar o celular. Tento colocar o aparelho no bolso de trás, mas passos se aproximam rapidamente. Tudo que consigo fazer é enfiar o celular em um canto e rezar pra que fique fora de vista quando a porta se abre e a claridade invade meus olhos.

— Muito bem. Vamos nessa — diz Gavin.

CAPÍTULO 35

Phoebe

Terça-feira, 21 de julho

Acordo com uma sensação horrível de *déjà-vu*. Minha cabeça dói, minha garganta está seca, minha visão está embaçada e não tenho ideia de onde estou. Mas hoje é mil vezes pior, porque assim que tento me mover, percebo que não consigo. Por conta da confusão, demoro um pouco para perceber que estou amarrada em uma cadeira. *Como o Reggie*.

Lembrar disso é o suficiente para fazer com que eu pare de tentar me mover. Começo a respirar fundo e devagar, tentando acalmar meu coração e minha mente. Estou em um quartinho com uma janela que parece estar tapada com madeira. Vejo uma mesa no canto, cheia de caixas, e estantes vazias na parede à minha frente. O quarto está empoeirado e cheira a mofo. Não acho que estou no apartamento de Evie; este quarto parece estar fechado há anos, e o piso e os batentes são muito diferentes.

E ela não se chama Evie. O nome dela é Chelsea Alton. Não posso mais me esquecer.

Com cuidado, mexo as mãos para o lado, tentando entender quanto espaço tenho. Estou começando a me lembrar um pouco do que aconteceu no apartamento de Chelsea: tentei ir embora e ela me impediu, começamos a brigar e parece que demorou horas até que ela conseguisse passar o braço pelo meu pescoço, apertando tanto que achei que ia morrer. Na hora, imaginei o rosto da minha mãe e me lembro de pensar: *Ela já perdeu tanto*.

Mas não me perdeu, no final das contas. Ainda não.

Chelsea poderia ter me matado. Ela poderia ter me matado com facilidade em vez de me trazer para cá. E por mais que isso não seja o ideal — *Nunca deixe que te levem pra outro lugar* é a primeira regra de qualquer aula de defesa pessoal —, fico esperançosa quando escuto passos se aproximando e não entro totalmente em pânico. Continuo respirando fundo, me acalmando, e quando a porta abre consigo dizer “Oi”.

Ela balança a cabeça, como se estivesse se divertindo.

— Oi mesmo, Phoebe.

— O que... O que está acontecendo? O que você está fazendo?

— Você não sabe? Foi você que veio atrás de mim.

— Mas eu não... Eu não sabia quem você era até que vi o papel de parede. Eu me lembrei dele, de quando você... Do dia da festa do Nate. — Sei que é ridículo, já que estou amarrada em uma cadeira, mas por algum motivo não quero dizer *De quando você me sequestrou*. Me parece importante não começar um confronto. — Eu vim para perguntar sobre a Sana, porque o Owen achou que ela podia ter colocado o colar do Reggie na mochila dele.

— Você encontrou aquilo? Que pena, a ideia era que demorasse mais.

— Demorar mais? Você... quer culpar o Owen?

— Olha, não era meu plano principal. Mas foi um bônus.

— Mas por quê? Ele é uma criança!

Ela cruza os braços e eu a encaro, confusa, até que ela suspira e diz:

— Você realmente não se lembra? Você não era o alvo na festa do Nate. Era a Vanessa. Eu

coloquei a droga na bebida dela, mas aí você pegou o copo e saiu fora. Quando te encontrei de novo, você já tinha bebido tudo.

Vanessa? Quero perguntar o motivo — não sei como Vanessa se encaixa nisso tudo —, mas tenho questões mais urgentes na minha cabeça.

— Então... era você no quintal do Nate? Eu não imaginei coisas? Você estava lá e me disse que eu tinha cometido um erro.

— Mas você cometeu — diz Chelsea, parecendo irritada. — Você estragou a nossa noite. Mas eu ia *ajudar* você. Levar você pra casa e depois lidar com a Vanessa. Você desmaiou quase na hora que eu cheguei, então comecei a dar uns tapinhas no seu rosto, pra ver se acordava e conseguia andar. Quando você acordou, começou a falar que *não aguentava mais*. E daí você me contou tudo que Owen fez.

Meu Deus, eu não me lembro de nada disso.

— O que... o que eu contei pra você? — engasgo para falar.

— Tudo — diz Chelsea, e meu estômago revira. — E, olha, entendo querer fazer Brandon Weber pagar pelo que fez. No geral, eu lido bem com vingança. — Meu sangue gela quando ela continua: — Mas estou cansada de garotos tóxicos fazendo o que querem sem ter que lidar com nenhuma consequência. Você acabou criando outro Brandon ao proteger Owen, e você sequer conseguia ver isso. Então você acabou virando meu alvo. — Os olhos dela brilham. — Minha prática.

Leva à perfeição.

Não consigo falar isso ou sequer perguntar do pai dela. Tenho medo de revelar o que sabemos e deixar Chelsea nervosa ou colocar meus amigos em perigo. Minha garganta está seca e arranha quando digo:

— Mas você... você não queria me machucar, não é? — Minha fala sai como uma súplica, e meu coração dispara quando vejo a expressão fria dela. — Nem o Reggie? Bronwyn disse... ela disse que foi um acidente.

Um músculo do rosto dela se move, e ela diz:

— Bronwyn é esperta.

— E agora...

Não consigo terminar a frase. Sei o que preciso perguntar, mas tenho medo. Tem mais uma pessoa desaparecida e por mais que pareça que Jake é o alvo final de Chelsea... E se ela estiver fazendo tudo *junto* com ele? E se a gente entendeu tudo errado? Jake vai aparecer do nada, rindo e falando que a gente está dando voltas, pegando migalhas de informação, mas sem olhar o cenário completo?

Estremeço ao pensar nisso. Por mais que eu esteja nessas condições, não tenho tanto medo de Chelsea quanto deveria. Mas eu ficaria absolutamente apavorada se visse Jake.

Engulo em seco e pergunto:

— E agora?

— Chels! — Outra voz chama de algum lugar da casa, e me assusta. É uma voz masculina, mas não consigo reconhecer.

Chelsea coloca a cabeça para fora do quarto e grita:

— Espera aí, Gavin.

Gavin? Eu conheço esse nome, mas minha cabeça está girando e não consigo lembrar de onde.

— Não posso *esperar*. Preciso que você venha pra cozinha agora. Temos um problema.

— Onde a gente está? Que casa é esta? — pergunto, aterrorizada com a ideia de ficar sozinha. Não gosto da ideia de *ter um problema*.

— É a minha casa. Eu cresci aqui. Minha família não vendeu, mas está vazia há anos. — Ela olha as teias de aranha nas estantes e continua: — Gavin me ajudou a trazer você pra cá antes de ir trabalhar. Talvez eu devesse ter deixado você no apartamento, mas... pareceu mais seguro deixar todo mundo no mesmo lugar.

— Todo mundo? Quem mais está aqui?

— *Chels!* Você me ouviu? — pergunta Gavin, com urgência.

— Estou indo! — diz Chelsea, mas os olhos continuam fixos em mim. — Phoebe, você tem alguma ideia de como foi difícil fingir ser a pessoa perfeita no Café Contigo durante todo o verão? Sorrindo pra todos os babacas de Bayview enquanto você não fazia quase nada? Eu estou *exausta*. Então faça um favor pra nós duas e não dificulte as coisas. Não estou com paciência. — Ela se vira para a porta e diz: — Ah, meu irmão ensaiava com a bateria aqui. Este quarto é à prova de som, então você só vai ficar com a garganta doendo se começar a gritar.

— Espera, por favor! — digo, o pânico enchendo meus pulmões e dificultando minha respiração. — O que você vai fazer agora? Quem mais está aqui? — Chelsea não responde, e minha voz fica mais desesperada.

— Você vai ver. — É tudo que ela diz antes de sair.

CAPÍTULO 36

Addy

Terça-feira, 21 de julho

— Que. Porra. É. Essa — grita Chelsea, me encarando.

Não sei como responder. Meu coração estava disparado quando Gavin me tirou do portamalas, com medo de que ele achasse o celular descartável e... E aí? Ele leria a mensagem, veria que não falei nada sobre ele e depois voltaria para o estacionamento para terminar o que tinha começado? Acabar com Nate?

Isso se o Nate já não estivesse acabado.

Pensar nisso me deixou tão enjoada e confusa que quase não prestei atenção em onde estávamos quando saímos do carro. Era uma garagem pequena, do tipo que costuma existir em casas. O portão estava fechado, e uma porta menor estava à nossa esquerda. Provavelmente era perto de outras casas, o suficiente para que eles me ouvissem gritar, porque o Gavin me deixou com a mordaca o tempo todo. Depois ele me jogou em uma cadeira da cozinha e desamarrou minhas pernas, meus pulsos e, por fim, tirou a mordaca enquanto gritava por Chelsea e eu tentava respirar e pensar qual seria meu próximo passo.

— O que ela está fazendo aqui? — pergunta Chelsea.

— Eles sabem, Chels. Bronwyn achou as fotos da sua formatura. Nate veio atrás de mim enquanto eu estava dando uma carona pra Addy ir até a casa da Phoebe...

— Casa da Phoebe? Por quê? — interrompe Chelsea, os olhos cravados em mim.

— Eu... Eu fiquei preocupada com ela. Phoebe não estava atendendo o celular e... — digo.

— Ela está aqui — diz Chelsea, e meu coração dispara. Ela passa as mãos pelas bochechas e diz: — Mas... Meu Deus. Está tudo acontecendo rápido demais. Onde está o Nate?

— Eu bati na cabeça dele com um pé de cabra e o deixei lá no estacionamento — responde Gavin.

Deixo escapar um grunhido quando Chelsea fica boquiaberta e diz:

— Você fez... o quê? Nate não... Ele não devia se machucar!

— Bem, o que diabos você acha que eu deveria ter feito, Chels? Eles sabem e vão vir atrás de você. Tomei a decisão no calor do momento. Você acha que eu queria fazer isso? Eu disse desde o começo que aquela ideia de campanha no outdoor não ia acabar bem! Você podia ter sido discreta, mas não, você quis *passar uma mensagem*. — Gavin faz aspas com os dedos, furioso. — Agora o Nate tá na merda, e eu tive que trazer a Addy pra cá, e a Bronwyn sabe quem você é. Então não vai demorar até eles entenderem *onde* a gente está. Esta casa ainda está no seu nome.

— A Phoebe está bem? — pergunto.

Chelsea me ignora, olhos fixos em Gavin.

— É verdade, mas por que eles viriam até aqui? Eles podem até aparecer no meu apartamento, mas ninguém vai fazer isso, porque mudar de nome não é crime. Bronwyn não pode provar nada além disso, então quem vai dar atenção a ela? Com certeza não a polícia desta cidade.

Ai, como eu queria que ela não estivesse certa.

— Nate está fora do jogo. Phoebe e Addy estão aqui, então... está tudo sob controle. Pelo menos por ora. Ainda temos tempo — diz Chelsea, e fico aliviada em pensar que ela me colocou junto com Phoebe, como se minha amiga também estivesse aqui à força, mas sem ferimentos. E meu coração pula de alegria quando Chelsea me olha sem nenhuma emoção e diz: — Acho que você pode ficar junto com a Phoebe no escritório por enquanto.

— Addy falou que queria ajudar você com o plano pro Jake — diz Gavin.

— E você acreditou?

— Não, mas... — Gavin passa as mãos pelos cabelos. — Estamos na merda, Chels. As pessoas logo vão vir atrás de nós. Mas se a gente soltar um vídeo da Addy matando o Jake, e se a gente conseguir fazer com que pareça que a Phoebe ajudou...

Um arrepio percorre minhas costas quando Chelsea leva uma mão à testa. Ela diz:

— Por Deus, Gavin. Para de tentar ter ideias.

— Como essa ideia é pior do que a que você teve?

Olho de um para o outro com a cabeça a mil. Eles têm fraquezas, e eu preciso arrumar um jeito de explorar isso. Chelsea está certa em dizer que Bronwyn não tem muita informação para seguir procurando, mas ela não sabe sobre o celular descartável. Se minha mensagem realmente chegou, então Bronwyn sabe que Nate está machucado e sabe onde ele está. Se conseguir ajudar meu amigo logo, talvez a gente tenha alguma chance.

— Posso perguntar uma coisa? — digo.

Chelsea me encara e diz:

— Manda.

— O que aconteceu com o seu pai? Isso tudo é por causa dele, não é?

Ela confirma com a cabeça e olha de soslaio para o namorado.

— Gavin disse várias vezes que a gente não deveria meter o trabalho do meu pai nisso. E, tudo bem, talvez a coisa do outdoor tenha sido uma viagem minha, mas... não vejo problema nenhum em *passar uma mensagem* — diz ela, e o tom parece magoado. — Todo mundo nesta cidade já se esqueceu do meu pai. É como se ele nunca tivesse existido, como se a vida e a morte dele não tivessem importado pra ninguém além de mim e dos meus irmãos.

— Sinto muito — digo. E por mais que ela tenha feito todas essas coisas, estou sendo sincera.

Chelsea respira fundo, e espero um ataque que não vem. Em vez disso, ela solta o ar e me olha com algo que pode ser chamado de afeto.

— Parte de mim *queria* que vocês descobrissem. Você e seus amigos estão no olho do furacão de tudo que está errado em Bayview há anos, e estou tentando encontrar algum tipo de conclusão pra bagunça dessa cidade. Mas eu achei que vocês demorariam mais, então... acho que devo dizer “bom trabalho”.

— As notícias diziam que ele morreu afogado — digo.

— Nunca acreditei nisso. Meu pai era um excelente nadador. Mas nunca acharam prova de nada, sabe? Ele ficou na água por tanto tempo que não conseguiram nada. O caso foi arquivado, a gente se mudou e eu tentei seguir com a minha vida. Mesmo meu pai sendo a única pessoa que me entendia de verdade.

— Sinto muito — digo mais uma vez.

Ela pressiona os lábios e continua:

— Todo mundo tem que lidar com seus problemas, né? Minha mãe perdeu a cabeça, então eu não podia fazer o mesmo. Alguém tinha que tomar conta das coisas. Chase não serve pra nada, e Chris sempre foi muito fechado. Depois nossa mãe morreu, Chase se mudou pra Los Angeles e eu e Chris ficamos sozinhos no meio do nada. Eu pensei *Esta é minha vida agora*. Até que há alguns meses...

Chelsea para de falar e eu digo:

— O que aconteceu?

A boca dela forma um meio sorriso que não me inspira confiança.

— Quer saber? Vamos deixar o Jake contar pra você.

— O quê? — Meu coração dispara, meu estômago dá um nó. — N-não, não posso... — Começo a dar passos para trás, e Gavin segura meus braços. Ele me empurra pela cozinha em direção a uma escada, e sinto que estou indo para a guilhotina. Chego cada vez mais perto, mesmo resistindo com todas as fibras do meu ser. — Eu não quero ver ele, eu...

— Não se preocupe, ele não pode te machucar — diz Chelsea, calma.

As palavras não me deixam menos nervosa, mas isso não importa. Quanto mais resisto, mais fica nítido que Gavin vai me fazer subir aquelas escadas, eu querendo ou não. Posso continuar tentando resistir até que ele fique nervoso e me amarre de novo ou posso guardar minha energia. Desisto e deixo Gavin me empurrar pela escada, depois por um corredor com portas abertas, que dão em quartos vazios e escuros, até chegarmos a uma porta fechada ao fim.

Gavin abre a porta e me empurra na frente dele. Ele é rápido ao entrar e fechar a porta, e me deixa olhando... olhando para o Jake.

Ele está amarrado a uma cadeira, a boca tampada com fita adesiva e a mesma roupa que seus pais descreveram na entrevista coletiva em que anunciaram o desaparecimento: uma camiseta do time da cidade e calça jeans, ambas sujas e manchadas. Os braços estão amarrados no encosto, e vejo o começo da palavra *PERFEIÇÃO* em um deles.

— Você sabe como funciona — diz Gavin ao ir para trás de Jake e tirar a fita da boca dele tão rápido que fico assustada. — Se gritar, vou colocar isso de volta.

Por um segundo, Jake e eu só nos encaramos. Não sei o que estou sentindo. Medo se transforma em susto e... Meu Deus, estou sentindo pena? Lá no fundo, independentemente do que ele fez a mim, sei que ele é um ser humano que está apavorado e...

— Sua vaca — rosna Jake.

Minha crescente pena se dissolve enquanto Chelsea se posiciona ao meu lado. Gavin está na frente da porta, braços cruzados como uma sentinela, e Jake tenta forçar as cordas que o amarram.

— Addy quer perguntar uma coisa, Jake — anuncia Chelsea.

— Eu *sabia* que você estava ajudando eles — diz Jake, quase cuspidando a frase. Se olhos pudessem começar incêndios, eu estaria em chamas.

— Addy quer saber o que aconteceu com o meu pai. Como ele morreu — continua Chelsea, como se Jake não tivesse falado nada.

Algo além de raiva aparece no rosto de Jake, mas não sei identificar o que é.

— Addy pode ir à merda — esbraveja Jake.

— Eu devia saber que você não ia cooperar — comenta Chelsea. Ela vai até o único móvel do quarto além da cadeira de Jake, uma cômoda velha e desajeitada, e abre a gaveta. Quando pega uma arma, Jake e eu prendemos a respiração.

Ele não tinha visto isso antes, penso quando noto que ele está pálido. Ela está ficando mais violenta.

— Essa coisa nem está carregada — diz Jake, como se estivesse tentando se convencer.

— Está sim. E podia usar isso pra fazer você falar, mas não sei se suporto ouvir a sua versão da história. Então vou ajudar você.

Jake

Seis anos atrás

Simon era como um sanguessuga, pensou Jake. Quando ele disse que não queria dormir na casa do amigo, que preferia voltar para casa e jogar lá, imaginou que Simon entenderia o que queria dizer. Não achou que ele arrumaria uma mochila e iria junto.

— Minha mãe não está em casa, está no México, viagem de trabalho — disse Jake quando se aproximaram da casa em suas bicicletas.

— Aham, de *trabalho* — respondeu Simon, com aquele tom de voz sabichão que ele sempre usava quando falava da mãe de Jake.

Naquele momento, Jake desejava nunca ter contado nada a Simon. As coisas estavam

melhorando na família dele, e ele quase conseguiria esquecer o problema dos pais se Simon não ficasse falando disso o tempo todo.

— De trabalho. E meu pai também não está em casa, foi jogar póquer com os amigos — disse Jake, firme.

— Você não falou pra ele que a gente vinha? — perguntou Simon.

— Não, por quê? — rebateu Jake, afinal, ele esperava voltar sozinho para casa.

Já estavam bem perto da casa de Jake quando Simon diminuiu a velocidade da bicicleta e disse:

— Parece que seu pai está em casa, sim. E com alguém.

Jake olhou para o carro azul parado perto do BMW do seu pai.

— Nenhum amigo do meu pai tem um carro *desses*. Talvez seja entrega de comida — disse Jake, com o maior desdém possível.

— Que bom, estou morrendo de fome — declarou Simon.

Eles deixaram as bicicletas no jardim da frente, e em vez de entrarem pela porta principal, Simon foi até o Honda azul e olhou pelo vidro.

— O que você está fazendo? Vamos entrar — censurou Jake, irritado.

— Tem um folder da Conrad & Olsen no banco de trás. Não é lá que sua mãe trabalha? — perguntou Simon, grudando o rosto no vidro para ver melhor.

— É — respondeu Jake, nervoso.

— Tem também uma maleta — acrescentou Simon. Ele tentou abrir a porta e, para surpresa de Jake, estava destrancada. — Nossa, que confiança.

— Para com isso! — Jake puxou Simon para longe do carro e fechou a porta. — Ainda pode ser entrega de comida. A Conrad & Olsen paga supermal. Você ia ter que fazer bicos se só trabalhasse lá, sem ajuda de mais ninguém.

— Aham, tá bom — respondeu Simon, mas não tentou resistir e entrou na casa de Jake.

Eles ouviram os gritos assim que pisaram dentro da casa, e Jake estendeu o braço para que Simon não entrasse mais. As vozes vinham da cozinha, e eles não conseguiam ver nada de onde estavam.

— Olha, Scott, sinto muito. Eu não achei que você viria pra casa... — disse uma voz de homem que Jake não reconhecia.

— Você *não achou que eu viria pra casa?* Pra minha própria maldita casa? — O pai de Jake gritava.

— Sinto muito. Eu vou embora.

— Não vai, não. Não até você explicar o que estava fazendo no meu quarto, mexendo nas roupas da minha esposa.

— Ah, caraca, que climão — disse Simon, de olhos arregalados.

— Fica quieto — sibilou Jake ao puxar o amigo para a sala. Eles se abaixaram atrás do sofá modular, do lado de uma mesa cheia de vasos, os favoritos da mãe de Jake.

— Scott, para com isso — disse o homem, que deveria ser Alexander Alton, pensou Jake. — Sinto muito que isso tenha acontecido, mas... você sabe o que eu estava fazendo. Eu e Katherine nos gostamos muito, e ela achou melhor terminar as coisas enquanto estava no México. Eu só vim pegar algumas roupas que ela...

— Pode parar — rosnou Scott. Jake conhecia aquele tom de voz, seu pai devia estar com os punhos cerrados. — Não se atreva a falar assim da minha esposa. Não sei o que você está fantasiando, ou ela, mas isso vai acabar agora. Você não devia ter vindo aqui.

— Você tem razão. Vou embora. — Simon e Jake se encolheram quando ouviram os passos, mas o som logo parou. Depois de um momento de silêncio, Alexander disse: — Por favor, saia da frente.

— Eu tenho um *filho*. Você pensou nisso quando me enganou e tentou destruir essa família?

Jake achava que Alexander negaria, mas em vez disso ele falou, com a voz baixa:

— Claro. Eu penso no Jake todo dia.

— O quê? Por quê? — perguntou o Sr. Riordan. O tom de voz dele ficou mais grave quando

Alexander não respondeu. — Por que você está me olhando desse jeito?

— Katherine disse que ela... Eu achei que você soubesse.

— Soubesse o quê?

— Nada. Deixa pra lá. — Eles ouviram barulho de algum tipo de movimento, e depois Alexander falou de novo: — Pelo amor de Deus, Scott, para com isso. Você perdeu o juízo?

— Provavelmente. O que você achou que eu soubesse? — Quando Alexander não respondeu, as palavras do Sr. Riordan saíram como um grunhido: — Não vou mais perguntar com educação.

Depois de um longo momento de silêncio, Alexander Alton soltou um suspiro de dor em resposta ao que quer que o pai de Jake tivesse feito. Quando os meninos ouviram a voz dele de novo, estava completamente diferente. O tom calmo tinha desaparecido, e uma fúria que escondia medo o substituiu.

— Por Deus, Scott, você é um maldito valentão. Não sabe mesmo por que Katherine quer ficar longe de você? Por que ela quer tirar nosso filho de perto de você?

Jake achou que estava com o coração disparado, mas agora ele percebeu que era apenas um aquecimento. O peito dele soava como um bumbo, e todo seu corpo vibrava.

— *Nosso filho?* Que filho?

Jake fechou os olhos, desejando poder fechar os ouvidos também, enquanto Alexander respondia:

— Jake.

— O que você está falando? Jake é *meu* filho.

— Não, não é — murmurou Simon.

Foi nessa mesma hora que Alexander Alton disse:

— Ele é meu filho.

Ele é meu filho.

Jake fechou os olhos com ainda mais força enquanto seu rosto esquentava. Não. Isso não era possível. Ele era filho de Scott Riordan. Ele sempre fora filho de Scott Riordan, e ele sempre *seria* filho de Scott Riordan. Ele não era um... *Alton*. Era isso que aquele homem estava querendo dizer? Era impossível e ridículo, e Jake tinha que fazer ele parar de falar.

E então, depois de um barulho alto, ele parou.

— Levanta — disse o pai de Jake, firme. — Levanta, seu bosta. — Ele respirava com dificuldade, e depois disse mais uma vez, com a voz um pouco mais incerta: — Levanta e diz que é mentira.

Simon soltou o ar devagar. Ele encarava a parede que separava a sala da cozinha, como se tivesse visão de raio X.

— Putz, acho que ele não vai levantar — murmurou Simon.

CAPÍTULO 37

Addy

Terça-feira, 21 de julho

Olho para a arma nas mãos de Chelsea e pergunto:

— Como você sabe disso?

— Simon Kelleher me contou — responde ela.

O nome acaba com o último resquício de compostura que tenho.

— *Simon*? Você era amiga dele? Ele contou isso, e depois? Você ficou em silêncio por seis anos?

Chelsea balança a cabeça.

— Eu não era amiga dele. Esbarrei com Simon uma vez, no verão que meu pai morreu. Ele estava tentando passar pelo meu quintal. E ele não me contou isso naquela época. Recebi uma carta dele com todos os detalhes há alguns meses. — Como ela viu que eu estava surpresa, continuou: — Ele usou um serviço que envia correspondência em datas agendadas. Foi escrita três dias antes de ele morrer. Ele disse que estava *acertando contas*. — Chelsea olha para trás, onde Gavin ainda está de guarda na porta. — Gavin achou que a carta era uma espécie de piada de mau gosto, mas eu não achei. Eram muitos os detalhes que faziam sentido.

Meu coração dispara enquanto dúvidas percorrem meu cérebro. Jake está de cabeça baixa, olhando para o chão.

— Mas por que Simon não contou nada na época? — pergunto.

Chelsea solta uma risada.

— Por que você *acha*? Jake fez ele prometer. Mas a gente sabe que Simon não gostava de segredos, né? Eles precisavam ser revelados.

Jake levanta a cabeça e rosna:

— Simon era um mentiroso.

— Simon nunca mentia — respondo antes que consiga me controlar, e desvio o olhar de Jake antes de ver a reação cheia de ódio. — Mas Chelsea... por que você não contou pra alguém? Assim que recebeu a carta.

— Porque foi bem quando a coisa toda do Jurado X explodiu. Eu sabia que não daria em nada. Mesmo que eu conseguisse provar que a carta era mesmo de Simon, quem ia acreditar? Eles não acreditaram que Jake tentou matar você. — Instintivamente, levo a mão ao pescoço. — Você achou que o Jake tinha ajudado o Simon com o plano de vingança por *sua* causa, não foi? Porque você o tinha traído, e Jake queria se vingar.

Um som abafado sai da minha boca quando respondo:

— Achei. Ele mesmo disse isso.

Depois de toda a confusão com TJ, entendi que traição era uma coisa imperdoável para Jake, mas nunca poderia imaginar que a razão era essa.

— Isso ajudou, mas não foi o único motivo. Jake estava em dívida com Simon depois do que aconteceu com meu pai.

Eu estava evitando o olhar de Jake, mas agora que o encaro, ele não me olha. Tento

encontrar alguma resposta no rosto dele. É verdade? Isso aconteceu mesmo? Jake fez tudo aquilo com Simon não porque estava com raiva de mim, mas porque Simon tinha um segredo desses guardado?

Quando ele tensiona o maxilar, consigo a resposta que procuro. *Sim*.

Chelsea se abaixa para encarar Jake.

— Meu Deus, Jake, você foi muito ingênuo em achar que Simon não falaria *nada*. Você passou todo aquele tempo com ele, trabalhando em um plano que arruinaria a vida de todo mundo que ele odiava, e nunca pensou que ele também odiava você?

Jake olha para Chelsea enquanto ela continua:

— Depois que eu li a carta, senti que tinha perdido meu pai de novo. Não conseguia parar de assistir aos comerciais antigos dele, ainda mais o último. *Prática leva à perfeição*. Era um slogan melhor do que as pessoas achavam, sabe. Tem tantas interpretações. — A voz dela fica mais grave. — Foi um sucesso em Bayview, um lugar que adora garotos como o Jake. Sempre praticando, sempre se aperfeiçoando. Não é, Jake?

Chelsea cutuca o pé de Jake com o dela, e ele se assusta como se tivessem jogado água quente nele.

— Mas a gente sabe qual é o jogo em Bayview, né? Vingança. Ainda assim o pessoal continua fazendo a coisa errada. Ninguém vai atrás de quem é *realmente* culpado. Mesmo que a cidade esteja cheia dessas pessoas. Então eu achei que estava na hora de mudar as coisas. Quando o Jurado X apareceu, eu sabia que Jake seria solto. Eu podia apostar cada centavo que ganhei com o seguro de vida do meu pai nisso. Então me mudei para Bayview com Gavin em maio. No dia da audiência de Jake, usei a credencial antiga do meu pai para hackear o outdoor e avisar a todo mundo que dessa vez as regras do jogo eram as *minhas*. Porque *Prática leva à perfeição*. Uma coisa que honraria a memória do meu pai e traria justiça. Passo a passo.

— Passo a passo? — pergunto.

— O primeiro passo era alguém que tinha feito uma coisa errada, mas não imperdoável. Uma pessoa que ainda poderia aprender. Era pra ser a Vanessa, porque ela ficou do lado *dele*. — Chelsea aponta a arma para Jake. — Apoiou o péssimo comportamento dele. Caras como Jake vão se transformando aos poucos, sabe? E Vanessa ajudou muito no Colégio Bayview. Mas Phoebe roubou a bebida que eu havia batizado. E depois que quase desmaiou no jardim, ela me contou o que realmente tinha acontecido com Jared Jackson.

Fico confusa e pergunto:

— Como assim? O que você está querendo dizer?

Chelsea balança a cabeça.

— Phoebe não contou pra você? Que o irmão dela entrou no lugar de Emma e continuou com o jogo de Verdade ou Consequência até Brandon morrer? Ela o está protegendo esse tempo todo. — Fico boquiaberta, e Chelsea dá mais uma risada. — Acho que não estou surpresa. Quando está sóbria ela mente muito bem. Mas quando a droga começou a fazer efeito, ela não parou de falar. Fiquei ouvindo as desculpas patéticas dela e acabei trocando Vanessa por Phoebe.

Phoebe. *Owen*. Meu Deus, é por isso que ela está assim o verão todo. Quero saber mais, mas não quero deixar Chelsea ainda mais irritada com Phoebe, então mudo de assunto:

— E o Reggie?

Um espasmo de arrependimento percorre o rosto de Chelsea.

— Reggie não se importou em falar pra todo mundo que Jake era um cara legal, mesmo depois de tudo que ele tinha feito. Até pro Simon. *Ele sempre foi legal comigo* — diz ela, e eu sei que ela também decorou o artigo do jornal. Jake, que tem estado estranhamente quieto, dá um sorriso que, por sorte, Chelsea não vê.

— Além disso, Reggie era um abusador nojento. Eu vi o TikTok da Katrina Lott, assim como todo mundo na cidade. Os comentários deixavam evidente que ele não tinha mudado, e eu sabia que ele nunca mudaria a não ser que levasse um susto enorme. — A voz dela fica mais baixa. — Mas não era pra ele morrer. Aquilo foi um acidente. Mas Jake...

Sou tomada pelo pânico, mas tento manter o controle. O mais assustador é a *calma* que

Chelsea aparenta. E como ela está certa do que está fazendo. Se eu conseguisse quebrar um pouco dessa confiança, talvez pudéssemos todos sair com vida.

— Chelsea, isso é horrível, e entendo por que você está com tanta raiva, mas Jake era uma criança quando o pai dele... — *Não o pai biológico*, penso, mas ela vai entender. — ... matou seu pai. Tenho certeza de que teria impedido se pudesse. Ele deve ter ficado muito assustado.

— Sério, Addy? Depois de tudo que ele fez com você, é isso que acha? — pergunta Chelsea, a voz cheia de sarcasmo.

Hora de mudar de estratégia, especialmente porque ela falou coisas que fazem sentido. Se eu pensar nisso por muito tempo, vai ficar difícil fazer a coisa certa.

— Mas você disse que isso tudo é para se vingar do jeito certo. Ir atrás dos culpados. Então por que você está com Jake e não com Scott Riordan? — Claro, seria uma punição horrível para Scott se ele perdesse o filho pelo qual matou Alexander Alton, mas não parece *isso*. Mesmo que eu não a conheça há muito tempo, isso parece o tipo de coisa com que ela se preocuparia.

Os lábios de Chelsea formam um meio sorriso que já aprendi a temer. É como se ela estivesse esperando que eu perguntasse exatamente isso e fiquei feliz que finalmente o tenha feito.

— Porque eu não contei pra você o restante da carta. Simon me falou outras coisas.

Simon

Seis anos atrás

Eles escutaram pelo que pareceram ser horas.

Escutaram o Sr. Riordan tentar ressuscitar Alexander Alton, andar pela cozinha e ir de cômodo em cômodo. Era um pequeno milagre, pensou Simon, que ele não tivesse visto os dois. O Sr. Riordan tinha passado pelo lugar em que Jake e Simon estavam agachados várias vezes. Simon tinha quase certeza de que sabia o que o Sr. Riordan estava pensando: *livre-se do corpo, livre-se do carro de Alexander Alton e espere que ninguém perceba que ele esteve aqui*. Já estava escuro o bastante para que o Sr. Riordan desse a sorte de se safar da situação, pensou Simon. Afinal de contas, os Riordan eram as pessoas mais sortudas que ele conhecia.

— Você não pode contar pra ninguém — disse Jake, em um sussurro de pânico, quando o Sr. Riordan foi para o corredor. — Foi um acidente.

— Tem certeza?

— Simon, *por favor*. Promete. Por favor.

— Prometo — respondeu Simon, só para fazer o amigo ficar quieto.

Jake apoiou a cabeça nas mãos e se fechou em um casulo. O Sr. Riordan não conseguia ouvi-los, mas isso não duraria muito. O que quer que ele estivesse planejando, uma coisa era certa: ele não ia querer testemunhas. Então, quando Jake começou a se balançar para a frente e para trás, parecendo perdido em seu próprio mundo, Simon aproveitou a oportunidade para se levantar e ir embora, o mais rápido que podia e sem fazer barulho.

Enquanto andava até sua bicicleta, Simon esperava que uma mão segurasse seu braço, Jake ou o Sr. Riordan, pedindo que ele não falasse nada. Ou talvez eles fossem mais insistentes. Ficassem irritados e dissessem que ele acabaria como o Alexander Alton. Simon estava tão perdido na ideia desse confronto inevitável que, quando chegou até a bicicleta e olhou para trás, ficou desapontado em só ver grama.

Ele era testemunha de um assassinato, e os Riordan *ainda* o tratavam como se ele não existisse.

Simon pegou a bicicleta, passou a perna por cima do quadro e se sentou. Mas então parou, incapaz de tirar os olhos do palacete dos Riordan.

Ele não queria ir embora agora. Ele queria saber o que aconteceria.

Simon foi até a janela da cozinha e se apoiou na treliça coberta de flores até que conseguiu ver o que acontecia lá dentro. Ele logo viu o corpo de Alexander Alton, rígido e em uma posição que não indicava naturalidade alguma. E ao lado estava Jake. Encarando o chão com

olhos esbugalhados.

A *qualquer momento*, pensou Simon. A qualquer momento o Sr. Riordan chegaria e veria o garoto que ele sempre acreditou ser seu filho ao lado do corpo de seu pai biológico. Simon não conseguia nem imaginar o que aconteceria depois. Era a experiência mais estranha e surreal de toda sua vida, e ele não tinha certeza se não estava sonhando.

E então o corpo se moveu.

Simon quase caiu da treliça achando que tivesse imaginado coisas, mas viu que Jake tinha se encolhido em choque. Nenhum dos dois estava sonhando. A mão de Alexander se moveu, depois sua cabeça. Pouco, mas moveu.

Ele ainda estava vivo, e isso... O que isso significava? O Sr. Riordan chamaria uma ambulância? Como ele explicaria o que tinha acontecido? O que Alexander Alton faria quando sáísse desta casa? *Ele poderia levar o Jake*, pensou Simon. *Provavelmente é isso que ele e a Sra. Riordan estão pensando em fazer.*

Antes que Simon continuasse nesses pensamentos, Jake pegou um pano que estava pendurado na porta do forno e dobrou ao meio. Ele se ajoelhou ao lado de Alexander Alton e, com Simon assistindo da janela, cobriu o rosto de Alexander com o tecido. Mesmo quando Alexander tentou resistir, sem forças, Jake continuou segurando a toalha. Depois de alguns minutos transcorridos de maneira agonizante e lenta, não havia mais movimento algum.

Simon saiu da treliça, respirando com dificuldade. Ele pensou que poderia contar para alguém. Ele poderia destruir a família Riordan e contar para Chelsea Alton e seus irmãos o que tinha acontecido com o pai deles. Provavelmente essa era a coisa certa a ser feita, mas isso não traria Alexander Alton de volta.

Ele prometera a Jake que ficaria em silêncio. Mas isso fora quando acharam que a morte de Alexander Alton tinha sido acidental. Agora já não devia mais nada a Jake.

Mas Jake devia a ele.

Mesmo antes de Simon ver o amigo terminando o que o Sr. Riordan tinha começado, Jake já devia muito a Simon. O tipo de dívida que levaria Jake a fazer o que Simon pedisse, obrigatoriamente.

Simon decidiu que poderia esperar. Esperar e ver se o Sr. Riordan ia se safar. Assim, ele e Jake se sentiriam seguros, como se ainda fossem a família perfeita que sempre fingiram ser. Mas agora Simon poderia revelar a verdade a qualquer momento.

Segredos são poder, pensou Simon enquanto pedalava sua bicicleta para longe.

CAPÍTULO 38

Addy

Terça-feira, 21 de julho

Meu corpo estremece quando digo:

— Jake matou seu pai?

— Que era pai dele também — diz Chelsea.

— Ele não era meu pai! Simon mentiu — grita Jake.

— Simon nunca mentia. — Dessa vez, não desvio o olhar ao dizer essas palavras.

Sei do que Jake é capaz; quase não escapei do nosso relacionamento com vida. Mas todo esse tempo achei que era eu quem despertava o monstro dentro dele. Não sabia que o monstro já existia antes de a gente sequer se conhecer.

— Aham, Simon era um santo, né? Agora você vai acreditar no que ele disse, mesmo que ele quisesse acabar com a sua vida — debocha Jake.

— Você também queria — respondo baixinho.

Chelsea errou uma coisa: Jake não achava que Simon ficaria quieto por ser ingênuo. Ele acreditava nisso porque era arrogante e egocêntrico. Se ele tivesse tentado entender Simon Kelleher um pouquinho, um garoto que ele conhecia desde o jardim de infância, ele saberia que Simon nunca guardaria um segredo assim.

O que eu não consigo entender é por que Simon contou isso para Chelsea. Por que não escreveu para a mãe dela, que ainda estava viva quando Simon morreu, ou um dos irmãos? Foi porque ele tinha visto Chelsea aquele dia? Porque ele instintivamente sabia que ela faria uma coisa dessas? Não parecia uma possibilidade, considerando que os dois só se esbarraram brevemente. Mas de algum jeito, mais de um ano depois de sua morte, Simon ainda conseguiu colocar lenha na fogueira.

Jake continua o deboche:

— Você tinha sorte em me namorar.

— Muito bem, Jake. Obrigada por mostrar que você é totalmente incapaz de mudar — diz Chelsea, se aproximando dele. — Você entende, né, Addy? Não estou fazendo um favor só pra mim, meus irmãos e pra você. Eu estou fazendo isso por *tudo mundo*. — Ela solta a trava da arma com um barulho e abaixa o braço, mirando no peito de Jake. — Está tudo bem, sabe, se você disser que quer que isso aconteça.

— Eu... — Olho para o objeto de metal nas mãos de Chelsea, e Jake passa a respirar com mais dificuldade. Bem, agora eu quero muitas coisas: quero que Nate fique bem, quero que Phoebe saia daqui sem que nada aconteça, quero que Bronwyn e Maeve estejam trabalhando daquele jeito mágico das Rojas para que eu possa sair daqui e ver minha família e meus amigos. Quero conhecer meu sobrinho daqui a alguns meses.

Mas não quero isso.

— Você pode mandar o Jake de volta pra cadeia. Isso seria uma boa vingança — digo.

Chelsea dá um risinho cínico e diz:

— Você está falando sério? Eles não conseguiram manter o Jake preso nem quando ele foi

prego literalmente tentando te enforcar. Você acha que uma carta faria diferença? Mesmo se existisse um jeito de provar que a carta foi escrita pelo Simon. Você ouviu o que ele disse, não ouviu? — Ela levanta o queixo em direção a Jake. — Ele nunca vai parar de dizer que Simon estava mentindo. E não temos provas. O que eu *acho* que aconteceu foi que Scott Riordan pegou o carro do meu pai para jogar o corpo no mar e talvez Jake tenha até ajudado. — A voz dela fica mais baixa. — Mas o carro foi destruído no acidente que matou minha mãe, então nem posso tentar provar qualquer coisa.

— Você pode provar a relação de sangue. Isso demonstraria que a carta está dizendo a verdade sobre pelo menos uma coisa. E isso seria o motivo.

— Não é o suficiente. Você sabe disso.

— Não podemos fazer isso assim — digo. Minha voz passa para um tom de súplica, porque não sei mais como argumentar. — Não vai te ajudar a se sentir melhor.

— Talvez não, mas também não acho que vai fazer com que eu me sinta pior.

— Chels — diz Gavin, de repente. Ele estava em silêncio por tanto tempo que quase esqueci que estava aqui. — Espera um pouco. Ouviu isso?

Estive tão focada em Chelsea que não entendi de cara do que ele estava falando. Mas depois ouvi: o barulho de pneus percorrendo o caminho de pedras da garagem. Meu coração dispara quando Gavin olha pela janela e diz:

— Quem tem uma Subaru preta?

— Uma o quê? — pergunta Chelsea, ao mesmo tempo em que eu grito “Cooper!”. Logo depois já quero colocar a mão na boca e engolir o nome de volta, mas é tarde demais.

Jake começa a rir, um som amargo e debochado que acaba com o pouquinho de esperança que começou a passar pelas minhas veias.

— Cooper Clay vindo ao resgate mais uma vez — diz ele, sorrindo. — Mas dessa vez é você que vai levar um soco.

— Ele está com mais um cara — continua Gavin. — Alto, cabelo escuro. Não sei quem é. — *Luis*, penso, mas desta vez consigo segurar a língua. Gavin se afasta da janela e diz: — Chels, acho que não consigo lutar com os dois. Mesmo que os pegue de surpresa. — Ele olha para a arma na mão de Chelsea. — A não ser...

— Meu Deus, Gavin, a gente não vai atirar no Cooper! — diz Chelsea, encolhendo-se como se estivesse genuinamente enojada. — Isso não tem nada a ver. — Apesar de tudo o que ela fez, sinto uma onda de gratidão ao ouvir essas palavras. Já estou preocupada com Nate, não conseguiria suportar se outro amigo meu se machucasse ao tentar me ajudar.

— Então a gente precisa ir embora. — Gavin pega o braço de Chelsea no mesmo instante em que ouvimos um barulho seco lá embaixo. Parece que Cooper e Luis estão se jogando contra a porta de entrada. — Vamos, Chels. Você fez tudo que pôde.

— Mas não foi o bastante — diz Jake, ainda sorrindo.

Pela primeira vez desde que a vi na cozinha, Chelsea parece não saber o que fazer.

— Eu... Eu não sei — diz ela.

— Vamos pela porta dos fundos, meu amor. Vamos. A gente vai desaparecer um pouco antes do planejado — diz Gavin.

Os olhos de Chelsea estão vazios enquanto ela se deixa ser levada por Gavin pelo corredor, ainda segurando a arma, mas agora apontada para o chão. Estou paralisada, olhando do sorriso de Jake para o rosto de Chelsea, e quase perco o momento em que a expressão dela muda. A máscara de certeza volta, a boca se transforma com um meio sorriso, que agora já conheço bem, e ela levanta o braço.

— Brincadeirinha. Sei muito bem o que fazer — diz ela, e então o barulho alto de um tiro enche meus ouvidos.

CAPÍTULO 39

Phoebe

Terça-feira, 21 de julho

Chelsea exagerou, este quarto não é totalmente à prova de som. Consigo ouvir as coisas. Um barulho de batidas, um tiro distante que parece fogos de artifício e um grito.

Depois, um silêncio perdura pelo que parece ser muito tempo, até que ouço passos se aproximando. Meu coração dá um salto, e tento me preparar para quem quer que esteja do outro lado da porta. Torço para que seja a polícia, mas até Chelsea bastaria. *Se ela quisesse me matar, eu já estaria morta*, penso.

Mas tenho quase certeza de que o grito que ouvi foi de uma mulher. O pior cenário possível é Jake fazendo alguma coisa com Chelsea e agora vindo atrás de mim.

A maçaneta gira, mas a porta não abre. Alguém a sacode com força. *Não é a Chelsea*, penso, e meu estômago se revira de medo. Então escuto um barulho de metal contra metal, a porta se abre e Cooper entra.

Não existe ninguém no mundo que eu preferia ver agora, e meu corpo fica até mole de alívio.

— Ei, Phoebe — diz Cooper, parecendo tão aliviado quanto eu ao deixar o pé de cabra no chão. — Você está bem?

Tudo que consigo fazer é piscar enquanto ele cruza o quarto e se abaixa ao meu lado.

— Vamos desamarrar isso — avisa ele, a voz tão gentil quanto as mãos que passam pelos meus pulsos, tentando achar o melhor jeito de desfazer os nós. — Está tudo bem.

— Como... como você me achou? Cadê a Chelsea? — gaguejo.

— Phoebe! — Uma voz conhecida chama antes que Cooper possa me responder, e fico ainda mais boquiaberta quando vejo Addy. — Você está bem?

Não consigo pensar em nada além de:

— O que você está fazendo aqui?

— Eu estava com o Gavin, que é o namorado da Chelsea desde o ensino médio, por mais bizarro que pareça — diz Addy, quase sem respirar. — Quando Nate descobriu isso, Gavin o atacou, me pegou e... — Ela se vira para Cooper, que agora já conseguiu afrouxar as cordas nos meus pulsos. — Nate está bem, né? Ele contou pra você e pro Luis como encontrar a gente?

— O Luis está aqui? — pergunto. Mas eu não deveria me surpreender com o fato de que tudo isso tenha virado uma reunião surpresa do Clube dos Assassinos.

— Lá em cima — responde Cooper. A corda cai dos meus braços, e massajeio os pulsos enquanto Cooper continua: — Não sei como o Nate está, Addy. Estou aqui porque Marshall Whitfield veio até minha casa dizer que viu Phoebe entrar em um prédio, depois viu duas pessoas colocando ela no carro e indo embora.

Addy o encara, perplexa.

— Marshall Whitfield? O Jurado X? Você está dizendo que ele usou as habilidades de perseguidor dele para uma coisa boa?

— Acho que sim — afirma Cooper, agora mexendo nas minhas pernas. — Ele estava com

medo de ir até a polícia, já que a gente podia dizer que ele estava nos perseguindo, então veio falar comigo. Mandeí uma mensagem no grupo e Maeve conseguiu este endereço. Ela disse que ainda estava no nome da família Alton, então eu e Luis viemos ver. — Ele cerra os lábios antes de continuar: — Ela também disse que o Nate tinha se machucado, mas... foi só isso.

— Meu Deus. Preciso do meu celular. Gavin pegou e provavelmente ainda está com ele... — Addy olha para Cooper como se suplicasse. — Posso usar o seu?

— Claro — responde Cooper, e depois pega o celular e desbloqueia a tela. — Luis já deve estar resolvendo isso, ou... Bem, você sabe. — Ele pigarreja enquanto continua tentando desamarrar a corda nas minhas pernas. — Também pode estar falando pra polícia o que aconteceu lá em cima.

— Lá em cima? — Não me sinto mais aliviada, a sensação já substituída por um pânico crescente. — O que você está querendo dizer? E o que aconteceu com o Nate?

Addy engole em seco e diz:

— Eu... Eu tenho certeza de que ele está bem. Só preciso fazer algumas ligações. E eu não devia ter deixado o Luis sozinho com... aquilo. — Addy começa a ir para o corredor, e de repente me sinto desesperada em pensar que ela pode sair daqui.

— Addy, espera! Sozinho com *o quê*? Isso tem a ver com o Jake? Onde ele está?

Addy fica imóvel, parando tão de repente que ela precisa escorar uma das mãos na parede para não perder o equilíbrio. E é aí que ela me diz, sem se virar:

— Jake está morto.

CAPÍTULO 40

Phoebe

Sexta-feira, 24 de julho

Depois de três dias, o mundo está bem diferente, mesmo que eu não tenha visto muita coisa. Minha família tem ficado em casa desde que a história toda foi contada. Só saí um dia, para visitar Nate no hospital depois que ele acordou. Bronwyn estava do lado dele, como sempre, segurando sua mão enquanto eu fiquei na beiradinha da cama.

— Por que é sempre você que se machuca? — perguntei.

— Porque eu sou um idiota e é fácil se livrar de mim. Não importa o tipo de crime que a gente enfrente, quando a coisa esquenta, eu fico fora de área.

— Eu também fiquei — digo a ele, lembrando, e recebo um sorrisinho.

— É, bem, a gente precisa ficar a par de algumas coisinhas. Fomos colocados pra fora de campo — diz Nate. Levanto a mão para receber um high five e ele é simpático o suficiente para não me deixar no vácuo.

Bronwyn arruma uma mecha do cabelo dele e diz:

— Você está encarando isso do jeito errado, Nate. A gente não teria descoberto nada sem você. Se você não estivesse passando um tempo com seu pai, dizendo que ele pode contar com você, a gente não teria achado a Phoebe *nem* o Reggie. Além disso, ninguém além de você poderia convencer a Vanessa a participar ou deixar ela falando com a Sra. Riordan, e só você sabia que o Gavin...

— Não sei se quero levar crédito por isso — diz Nate, com uma careta.

— Ainda assim, você estava no meio de *tudo*. Você acha que há dois anos conseguiria imaginar uma coisa dessas? — pergunta Bronwyn.

— Eu não imaginaria esse tanto de cicatriz — murmura Nate, passando os dedos pela nova cicatriz em sua têmpora. Mas ele parece um pouco feliz com isso.

— Estou muito contente que você esteja bem — digo.

Sinto que, do grupo, sou a que menos conhece Nate, porque quando começamos a sair, eu já estava escondendo coisas. Mas quero mudar isso, principalmente agora que não tenho mais onde me esconder.

Tudo sobre Owen foi revelado, e minha família está sendo escrutinada pela mídia de novo. Estava me preparando para o pior, mas *Mikhail Powers Investiga* ditou a narrativa, vindo para Bayview na noite em que Chelsea matou Jake.

— Chelsea Alton montou um elaborado plano de vingança que puniria aqueles que ela julgava responsáveis pelo passado tóxico e mortal de Bayview — disse Mikhail no primeiro episódio. — E agora a cidade tem uma escolha a fazer. Eles vão perturbar um garoto que tomou uma decisão terrível quando estava de luto ou vão focar no grande problema que é o privilégio e a presunção que viraram marca registrada da cidade?

Por enquanto, Bayview parece ter escolhido a segunda opção. As pessoas estão tentando fazer de tudo para demonstrar simpatia ao caso de Owen. Acho que ajudou o fato de o advogado de Emma, Martin McCoy, ter aparecido no programa de Mikhail Powers e

compartilhado as últimas mensagens que Owen trocou com Jared. *Não era pra isso acontecer*, escreveu Owen depois da morte de Brandon. Em toda a troca de mensagens, Martin explicou, Jared nunca falou sobre realmente matar Brandon até o fazer. Owen não entendeu que estava ajudando a planejar um assassinato. Emma, aos dezessete anos, entendeu que alguma coisa estava estranha com Jared e encerrou a conversa. Owen, cinco anos mais novo, não teve o mesmo discernimento.

Boa parte da cobertura da imprensa tem focado no Sr. Riordan, ainda que não se saiba ao certo o que vai acontecer com ele. A polícia de Bayview está tentando provar que a carta de Chelsea veio de Simon. Mas mesmo que eles consigam, explicou Martin, não seria uma prova cabal. Ainda assim, os detalhes são suficientes para que as pessoas acreditem que a história é mesmo verdade. É como Addy sempre diz: a principal razão para Simon Kelleher conseguir manter tanto poder sobre tantas pessoas por tantos anos é que ele nunca, jamais, mentia.

Chelsea e Gavin conseguiram sair da cidade depois que ela matou Jake, e ninguém sabe onde estão. Ela deixou explicações detalhadas em seu apartamento, parecidas com as deixadas por Simon há dois anos, responsabilizando-se pelo que aconteceu com Phoebe, Reggie e Jake. *Sinto muito que Reggie tenha morrido*, escreveu ela. *Só queria dar um susto nele. Mas não lamento pelo que vou fazer com Jake. Ele acabou com a vida do meu pai, ele ajudou Simon Kelleher a morrer e tentou matar Addy Prentiss. Ele ia passar o resto da vida machucando as pessoas, e ninguém ia impedir isso. Então eu vou.*

As buscas por Chelsea e Gavin estão intensas, e a polícia continua procurando por qualquer pista que possa ajudar. Acho que poderia contribuir se dissesse que um dia Chelsea me contou que, se pudesse morar em qualquer lugar, ela escolheria o Colorado, mas... não falei nada. Não consigo odiar Chelsea, e não tenho certeza se quero que ela seja presa. Afinal de contas, metade da minha própria família tentou criar um plano de vingança depois que meu pai morreu, e o que aconteceu com Brandon foi um acidente. Não consigo imaginar a raiva que sentiríamos se alguém tivesse feito algo como o que Jake fez.

E, ainda que Chelsea fosse desequilibrada, ela estava certa sobre muitas coisas. Ainda mais no que dizia respeito a mim, Emma e Owen.

Passamos *muito* tempo juntos nos últimos dias. Muito tempo tentando explicar a nossa mãe por que não dissemos nada. Não foi por falta de confiança — na verdade era uma tentativa estranha de tentar proteger alguém que já tinha sofrido muito. Essa foi, como nossa mãe falou várias vezes, uma péssima decisão. O tipo de coisa que vamos repassar infinitas vezes na terapia, que começa amanhã com nossa primeira sessão em família, e em seguidas sessões individuais na semana que vem.

Sendo sincera, estou ansiosa para começar. A gente precisa.

— Podemos ver outra coisa? — murmura Owen do sofá quando entra o comercial no programa do Mikhail Powers. Ele está sentado entre mim e Emma, e nossa mãe está num banquinho na ilha da cozinha, a testa franzida enquanto olha para o laptop. Ultimamente, quando estamos em casa, nunca ficamos muito longe uns dos outros.

— Acho que Liz Rosen está fazendo uma reportagem especial no Canal 7. Aparentemente com Marshall Whitfield — comenta Emma, já pegando o controle remoto.

— Afff... — reclamo. Fico feliz por Marshall ter parado de compartilhar informações pessoais, mas não consigo vê-lo como nada heroico. Ainda que ele tenha ajudado a me tirar da casa de Chelsea.

— Não, vamos ver alguma coisa... que não seja isso. Não aguento mais ouvir meu nome — pede Owen, encolhendo os ombros.

Emma pausa em vez de mudar de canal e fala:

— As pessoas estão sendo bem compreensivas com você, né?

— É, esse é o problema. Eu sou um dos caras de quem todo mundo tá falando, sabe? Um dos que não sofreu nenhuma consequência por ter agido mal.

Pego a mão dele e fico um pouco surpresa quando ele não se afasta. Ainda que seja mais alto que eu, agora Owen se parece mais com meu irmão mais novo do que antes.

— Você *está* enfrentando consequências. Só são as consequências certas pra sua idade.

Owen engole em seco, consigo ver a garganta se mexendo.

— Até os pais do Brandon foram legais — diz ele.

Não lembro a ele que os pais de Brandon ainda estão lidando com a culpa por um ato descuidado do filho deles ter causado a morte do nosso pai. Mas agora consigo entender por que eles o protegeram. Nós fizemos a mesma coisa pelo Owen.

— Eles sabem que você não entendeu o que Jared estava planejando — digo.

— Eu fui tão idiota. E nem vem dizer que eu tinha *doze anos* — continua Owen antes que eu consiga falar qualquer coisa. — Não é como se eu não entendesse nada. Eu só... Sentia tanta falta do nosso pai, não estava pensando direito.

— Eu sei. Eu também — completa Emma, segurando a outra mão dele.

— Somos três — concordo, pensando, com dor no coração, em como nosso pai ficaria feliz em ver nós três de mãos dadas. Mesmo que tenha sido difícil chegar aqui.

— Tadinha da Phoebe. Ela é a menos culpada, mas sempre leva a pior — comenta Emma.

— Pelo menos não sou o Nate — digo.

— Do que vocês três estão falando? — pergunta minha mãe lá da cozinha.

— Nossa parcela de culpa — responde Emma. Honestidade brutal é uma das novas regras da família.

— Talvez seja hora de vermos outra coisa — sugere minha mãe ao olhar o rosto congelado de Mikhail Powers na tela.

— Foi isso o que *eu* sugeri — diz Owen.

— E você, mãe? Alguma novidade? — pergunto, nervosa. Ela está no computador há algum tempo.

— Só falando com Martin, ele tem ajudado muito. Vamos almoçar amanhã para discutir a estratégia jurídica. Ele não acha que vão prestar queixa contra Owen, já que a opinião pública está a favor e as mensagens mostram que não houve intenção, mas disse que é melhor estarmos preparados.

Emma pigarreia e diz:

— Mãe, a regra diz honestidade brutal, então eu acho que Martin está se *preparando* pra convidar você pra um encontro sem ser de trabalho.

Ficamos pasmos e em silêncio por um momento até minha mãe dizer:

— Isso é absurdo!

Owen se enfia no sofá, resmungando, e dou um soquinho no ombro de Emma.

— Estava pensando a mesma coisa! — admito, e sorrimos uma para a outra.

— Irmãs em sintonia de novo! E agora para sempre — diz Emma.

— Nada dessas coisas de após a morte — respondo.

— É, eu sei, quero dizer de agora em diante — corrige Emma.

O interfone toca, e Owen levanta rápido, como se tivesse medo de se ver no meio de um abraço tripla.

— Eu atendo — avisa ele, indo até a porta. Escuto uma voz, mas não dá para saber quem é. Owen volta e se joga no sofá. — É o Knox. Deixei ele subir.

— Ah. — Olho para o celular, procurando alguma notificação perdida, mas não tem nada.

— Não sabia que ele vinha, mas... tudo bem. Deixa só eu, uhm... — Levanto e observo o nosso apartamento pequeno, três rostos me encaram com expectativa. Honestidade brutal não significa falta de privacidade, certo? — Vou encontrar com ele lá embaixo.

— Mas ele está subindo — diz Owen enquanto vou até a porta.

— Então vou encontrar com ele no corredor — digo, e saio.

Knox deve ter tido sorte com o elevador, porque assim que fecho a porta, ele entra no corredor.

— Oi — diz ele, parando. — Estava indo ver você.

— Eu sei. Achei que talvez a gente pudesse dar uma volta. Meu apartamento está meio cheio agora.

— Ah, claro. Ou a gente pode ir pro terraço, se você quiser.

— Você? Num terraço?

— Estou me acostumando — diz ele com um sorriso pesaroso.

— Se você tem certeza — digo, apontando as escadas.

— Tenho.

Abro a porta com Knox logo atrás de mim. Trocamos muitas mensagens desde que a polícia me pegou na casa de Chelsea, mas é a primeira vez que o vejo depois disso. Eu quero estar com ele, mas não sei o que dizer. Levando em conta o silêncio que surge quando subimos as escadas, acho que ele também não sabe.

— Desculpa aparecer do nada. Mas fiquei com medo de você me dizer pra não vir caso eu mandasse mensagem — diz ele quando chegamos ao telhado.

Colocaram algumas mesas aqui agora, e escolho a mais central para nos sentarmos.

— Por que eu faria isso? — pergunto.

— Por conta da minha reação na noite em que você me contou sobre o Owen. Não lidei bem com a informação. Disse várias coisas erradas... — Knox passa a mão pelos cabelos clareados pelo sol.

— Não, você estava certo. Sobre tudo — interrompo. Se eu tivesse falado com a minha mãe naquela noite, Owen teria sido descoberto antes de Chelsea ter a chance de enfiar o colar de Reggie nas coisas do meu irmão. Eu não teria ido até o apartamento dela, e não teria sido sequestrada *de novo*. Talvez todo o resto tivesse acontecido da mesma forma, mas minha família poderia estar tentando se recuperar há mais tempo.

— Ainda assim, não falei do jeito certo. — Ele deixa o olhar vagar ao redor, encara o céu e logo volta a me encarar. — Significou muito que você tenha confiado em mim o bastante pra me contar, e acho que decepcionei você.

— Você não me decepcionou.

— Ainda bem. Porque eu odeio ficar sem falar com você.

— Eu também — digo, e trocamos um sorriso que faz com que eu me sinta dez vezes mais leve.

— Você está ótima — diz Knox, do nada. Depois a expressão dele muda, como se não soubesse se é uma boa hora para elogios. — Digo, levando em conta tudo que você passou.

Meus lábios formam um risinho estranho.

— Ótima?

— Não. Bem, claro, as circunstâncias foram graves, então não seria de se estranhar que você estivesse, bem, afetada por elas, visualmente, mas... — Tento segurar uma risadinha culpada, pois estou gostando de ver o desconforto dele mais do que gostaria. — Mas o que eu queria dizer é que você está bonita, Phoebe. Como sempre.

— Ah. Obrigada. — A súbita intensidade do olhar de Knox me deixa um pouco sem ar.

— Você quer, uhm... — Ele se perde ao olhar ao nosso redor. Meu coração começa a bater mais rápido até ele dizer: — Voltar pra casa? — Devo parecer desapontada, porque ele logo continua: — Sei que tem um monte de coisa de família pra fazer, então...

— Tenho mesmo. Não é o melhor momento. Mas parece que nós dois nunca temos um bom momento. E estou cansada de tudo isso. Então... — Pego a mão dele e entrelaço nossos dedos. — Eu quero descer, mas quero ir pra sua casa ver um filme. No seu quarto. — Sorrio quando o vejo corar. Ele é muito fofo quando fica envergonhado. — A não ser que você prefira assistir na sala. Se for isso, vou fazer um pote gigante de pipoca pra colocar no meio da gente e prometo nunca mais falar nisso.

— Meu Deus, não. Sala nem pensar — diz ele, com uma voz nervosa.

— Ainda bem. Vou avisar minha mãe que vamos sair — digo. Knox levanta muito rápido, ainda segurando minha mão, e eu dou risada quando os joelhos dele batem na mesa. — Não se machuque. E não olhe pra baixo, você vai ficar tonto — provoco.

— Tarde demais — diz Knox com um sorriso, e me deixa puxá-lo para a escada. — Só para registrar, a emoção não é pela altura.

CAPÍTULO 41

Nate

Terça-feira, 28 de julho

— Você tem certeza de que deveria ir a essa festa? — pergunta minha mãe, ansiosa.

— Vai ser a festa mais deprê da história — respondo enquanto levanto devagar do sofá da sala dela. Minha cabeça não está mais doendo tanto, a não ser que eu levante muito rápido. — Nos últimos dias só fico aqui nesta sala ou no quintal da Bronwyn.

— Eu sei, mas você precisa ir devagar — insiste ela, passando o braço em volta de mim como se eu precisasse de ajuda para chegar até a porta. Não preciso, mas a deixo continuar. — Eu não aguento passar por uma coisa dessas de novo. — Um tipo de pedido desesperado é o que essa última frase parece, e estou acenando para Addy, que estacionou o carro na entrada da casa da minha mãe, quando ela diz: — Adoro seus amigos, você sabe disso, mas não pode continuar a se colocar nessas situações perigosas...

— Eu não vou mais fazer isso, mãe — interrompo. *Eu não vou precisar fazer* é o que quero dizer, porque acho que Bayview finalmente vai entrar nos eixos. Mas parece que falar isso em voz alta pode trazer azar.

— Tudo bem. Me dá um abraço.

Eu abraço minha mãe e ela fica pendurada no meu pescoço por tanto tempo que pigarreio e digo:

— A festa já vai ter acabado quando eu chegar lá.

— Tá, tá. Diz pra Addy que desejo uma ótima temporada no Peru — pede ela. Minha mãe me solta e enxuga os olhos.

— Vou dizer.

Quando me aproximo do carro de Addy, percebo que ela não está sozinha. Alguém está no banco de trás, com o tronco para a frente e falando animada.

— Agora faço parte do Clube dos Assassinos — anuncia Vanessa quando abro a porta. Addy recua visivelmente, e Vanessa continua: — Desculpa, não é mais esse o nome? Foi mal. Oi, Nate. Como está sua cabeça?

— Ainda inteira. Como foi a viagem pra Cape Cod? — pergunto enquanto coloco o cinto de segurança.

— Ótima! Keely mandou um oi — diz Vanessa, breve.

Addy dirige devagar e com cuidado pela rua da minha mãe, atenta ao que está a sua frente.

— E como foi a viagem pra você, Addy? — pergunto.

— Boa — diz ela, baixinho, ao parar em um sinal vermelho.

Me inclino em sua direção e tento olhar nos olhos dela, mas Addy ainda olha fixo para a frente.

— Você não parece ter achado realmente boa — digo.

— Foi sim. A gente se divertiu. Parecia que estávamos nos velhos tempos, mas com muito mais cordialidade entre nós...

— Keely e Addy estavam *particularmente* cordiais uma com a outra. Mas tudo bem. Eu sou

uma boa vela, sei quando preciso desaparecer — diz Vanessa.

— E agora? — insisto, e ela se encosta no banco e solta um suspiro. — Você está bem? — pergunto, baixinho.

— Estou bem. De verdade. Foi uma boa viagem, é só que...

— Eu sei — respondo.

Eu levei a parte pesada do ponto de vista físico dessa vez, mas Addy... Addy, de novo, levou o maior golpe emocional. Jake morreu na frente dela, e embora ela não pudesse tê-lo salvo de jeito nenhum, ela é Adelaide Prentiss: claro que ela ia tentar. Mesmo depois de tudo que Jake fez a ela — e teria feito, se tivesse a chance.

— Vai melhorar — prometo. Addy só concorda com a cabeça, e eu continuo: — Você não pode salvar todo mundo, Addy.

— Eu sei — responde ela, a voz entrecortada.

— Mas você me salvou. Literalmente dessa vez.

Ela me olha intrigada e pergunta:

— Quando não foi literal?

— Quando você me obrigou a ir ao recital de piano da Bronwyn e me declarar. Eu ia continuar sendo idiota e teimoso, e a melhor coisa da minha vida ia ter escapado de mim se não fosse por você.

Um quase sorriso aparece no rosto de Addy, que diz:

— Você ia acabar se declarando.

— Não sem uma ajudinha. Eu não achava que merecia nada de bom, mas você? Você não ia me deixar esquecer. — Addy solta uma risadinha, e eu continuo: — Você é uma baita amiga.

Ficamos em silêncio por um tempo, só com o barulho de Vanessa fungando no banco de trás. Addy liga a seta para entrar na rua de Bronwyn e diz:

— Para com isso. Você vai me fazer chorar.

Espero até ela estacionar na casa de Bronwyn para dizer:

— Sabe de uma coisa? Eu sempre odiei ser filho único, mas agora é como se eu tivesse uma irmã.

— Ai, meu Deus. Eu estou usando *rimel*, seu idiota — diz ela, chorosa.

Ela puxa o freio de mão e me abraça, e eu a seguro enquanto ela chora em meu ombro. Passei muito tempo com Addy esta semana, e sei que ela está no limite. Se não extravasar a emoção, vai ficar péssima na festa. Vanessa, provando que realmente é uma boa vela, fica em silêncio até que Addy solta o abraço.

— Você está bem? — pergunta Vanessa, com uma voz tão doce que até me viro para ter certeza de que é ela mesmo.

— Estou. Vamos lá — diz Addy, limpando os olhos.

Somos os últimos a chegar. O quintal de Bronwyn está cheio, as árvores estão cobertas por pisca-pisca, coisa que ela e Maeve fizeram esta tarde. Uma mesa comprida está arrumada no meio da grama, e o cheiro de churrasco nos alcança.

— Aposto com vocês que é Kris quem está cozinhando — diz Addy. Descontando os olhos vermelhos, ela parece bem mais feliz do que quando entrei no carro.

— Vou apostar, e você vai perder, porque Javier comprou uma daquelas churrasqueiras modernas e não deixa ninguém chegar perto — digo quando viramos e vemos o deque dos Rojas e... o pai de Bronwyn preparando a carne. — Eu disse.

— Opa! Olha quem chegou! — diz Cooper, acenando para nós. Mais uma vez, ele é o herói de Bayview, o cara que, junto com Luis, apareceu no último segundo e salvou o dia. Ainda que dessa vez tenha sido mais complicado. Para começo de conversa, ele não conseguiu evitar que Chelsea matasse Jake, e também não acho que a vida de Phoebe ou Addy estivesse em perigo. No meu caso, fico feliz em pensar que Gavin bateu em mim por pânico. Não estou com medo de ele tentar terminar o que começou. Onde quer que ele esteja, tenho certeza de que a prioridade é manter distância.

— Chegamos! — diz Addy, acenando.

Depois disso, é um show de abraços. Um verdadeiro *show*. Olhando assim parece até que a

gente não se vê há anos, isso se a pessoa não soubesse que passamos por um trauma juntos. Quando acabam os abraços, sentamos. Kris e Vanessa começam a conversar sobre os tênis dele, que ela parece adorar. Coisas mais estranhas já aconteceram do que esses dois ficando amigos.

— Vocês estão animados pra viagem pra Alemanha mês que vem? — pergunto a Cooper.

Ele sorri e diz:

— Cara, não vejo a hora. Eu só conheço a família de Kris por chamada de vídeo. — Ele se estica e cutuca Phoebe. — Você vai dar uma olhada na Nonny quando eu estiver viajando, né?

— Claro. Já fizemos planos ótimos. Ela vai me ensinar a jogar bridge, e eu vou mostrar alguns reality shows de namoro pra ela. Tem certeza de que quer ir pra Alemanha e perder tudo isso? — Phoebe está ao lado de Knox, e parece muito mais feliz do que a vi nos últimos tempos.

Cooper ri e diz:

— Que dúvida cruel, mas... não posso remarcar as passagens.

— Todo mundo está indo embora. Vocês, Addy, Maeve... — diz Luis.

— É só por um mês! Mas a gente volta, e aí a Bronwyn viaja — diz Maeve, limpando uma lágrima imaginária da bochecha.

— E eu finalmente vou começar a me inscrever em algumas faculdades. Acho que agora as coisas vão ser assim, sempre mudando — diz Addy.

— Não pra gente que ainda precisa terminar o ensino médio — informa Knox.

Phoebe encosta a cabeça no ombro dele e diz:

— Só mais um ano.

— Daí eu vou sair deste buraco do inferno e vou direto pra Europa — conta Maeve. Luis olha pra ela confuso, e ela continua: — Ué, que foi? Você pode ir também. Não gostaria de conseguir sua primeira estrela Michelin em Paris?

Num primeiro momento, Luis está tentando calcular a distância entre a torre Eiffel e a praia mais próxima. Mas então ele sorri e diz:

— Eu não ia *odiar* isso.

— Sabe, eu odiava Bayview — confessa Kris, olhando para Cooper. — Tudo que eu sabia sobre a cidade é que era o lugar onde Cooper não podia ser ele mesmo. Mas depois piorou. Acho que podemos concordar que nenhuma pessoa em sã consciência se mudaria pra cá por livre e espontânea vontade. Ainda assim... — Ele olha para o jardim de Bronwyn. — De algum jeito estranho, agora é minha casa. E pode ser até que eu sinta saudades quando estiver fora.

Ficamos um longo momento em silêncio, até que Cooper diz, na voz mais calma e paciente possível:

— Kris, meu bem, você não sabe do que tá falando.

Todo mundo começa a rir e Javier anuncia:

— A carne está pronta!

Todos correm até lá, mas eu coloco um braço na cintura de Bronwyn e peço para ela esperar.

Os olhos dela vão direto para a cicatriz na minha têmpora.

— Você está se sentindo bem? — pergunta ela, ansiosa. Eu senti tontura perto dela algumas vezes essa semana.

— Estou, sim. Mas Addy me fez ficar pensando, com toda aquela história de mudança. Você vai embora logo e...

— E a gente não vai ter nenhum dos problemas que tivemos no ano passado — diz Bronwyn, suavemente, segurando minhas duas mãos. — A gente vai se falar todo dia, e eu vou vir pra cá sempre que puder. E você vai me visitar, não vai?

— Vou. Não estou preocupado com isso. É só que... Olha, Bronwyn, sei que você tem planos pra daqui a cinco anos, e pra daqui a dez anos... — Sinto que ela vai me interromper, então começo a falar mais rápido. — E eu também tenho. Tenho um plano pra daqui a cinco anos e você está nele. Na verdade, ele quase é todo sobre você. Porque eu te amo desde a quinta série, e isso nunca vai mudar. — Ela sorri, e troco a posição de nossas mãos para que as

minhas estejam segurando as dela, e então passo o polegar por seu dedo indicador esquerdo.

— Eu não tenho anel nem nada, porque eu sei que a gente precisa de muita coisa antes disso, e também, você não gosta de diamantes...

— Eles são ecologicamente péssimos — diz ela, de repente.

— Eu sei. Então quando chegar a hora, vamos pensar em outra coisa, mas... vai chegar essa hora, tá? — Olho fundo nos olhos acinzentados dela, e meu peito chega a doer de tanto que amo essa garota. — Eu vou me casar com você, Bronwyn Rojas. Só pra você saber.

Ela coloca meu rosto entre as mãos, se aproxima o suficiente para nos beijarmos. Mas antes, ela diz:

— Ah, mas eu sei disso.

CAPÍTULO 42

Addy

Quinta-feira, 30 de julho

— Achei que você estava pronta — diz Ashton, olhando para as pilhas de roupas espalhadas pelo quarto.

— Eu estou. Pronta pra colocar tudo isso na mala. Em breve.

— Você vai viajar amanhã!

— Eu sei — respondo ao jogar mais um par de sandálias na pilha.

Minha mãe olha do batente para dentro do quarto, segurando meu passaporte.

— Addy, você não pode deixar essas coisas jogadas por aí — diz ela.

— Não estava *jogado*. Estava no lugar certinho que eu deixei. Eu tenho uma ordem de raciocínio, mãe. Você pode colocar no mesmo lugar, por favor?

Ela suspira teatralmente antes de sair.

— Não venha me culpar se você perder o voo amanhã porque sua ordem de raciocínio falhou — avisa ela, descendo as escadas.

— Obrigada, Insta-Vó! — grito.

Ashton olha para mim da beira da cama, uma das mãos sobre a barriga imensa.

— Você não pode contar pra ela que não se escreve I-N-S-T-A-A-V-Ó. Ela começou a assinar os e-mails assim, é muito fofo.

— Vai ser nosso segredo — respondo, passando os dedos pelos lábios em sinal de segredo.

— É nosso único segredo? — pergunta Ashton, sobrancelhas arqueadas. Eu hesito, sem ter certeza do que ela está falando. — Eli me contou ontem que não jogou o exame fora. Vocês dois são muito espertinhos — diz ela com um sorriso. — Você olhou?

— Olhei. Quer que eu devolva?

— Não. Quero jogar fora, pra não acabar sucumbindo a um momento de fraqueza no nono mês de gravidez.

— Pode deixar, vou jogar no mar.

— Não precisa ser tão dramática.

— Tudo bem — concordo, então suspiro e me jogo de barriga para cima perto da beira da cama, onde ela está.

— Quer saber outro segredo?

— Claro que sim.

— Escolhemos os nomes.

Na hora, eu me levanto e digo:

— Quais?

— Se for menino, William Elijah. Por causa do Eli, claro. Vamos chamar de Will.

— Amei. É perfeito. E se for menina? Não escolhe nenhum nome com A — peço, antes de pensar que é uma péssima coisa para dizer bem antes de Ashton me contar da escolha. — A não ser que seja um nome muito maneiro, claro. E eu tenho certeza de que vai ser. Só estou pensando no padrão, sabe? E talvez... — *Talvez a gente precise começar novos padrões para as*

garotas desta família.

Mas é um pensamento idiota, porque já fizemos isso.

— Não é com A — diz Ashton. Ela faz uma pausa, aproveitando o clima de suspense, e sou uma ótima plateia quando mordo os nós dos dedos. — Se for menina, vamos chamar de Iris Adelaide. — Olho para ela confusa, lágrimas já escorrendo, e ela continua: — Por conta da tia fodona dela.

— Meu Deus — suspiro, já quase no ombro de Ashton, porque estou quase estrangulando minha irmã com um abraço. — Sério? Isso é... é tão lindo. Obrigada.

— Que outro nome a gente poderia escolher? — diz Ashton, me abraçando. — Não podia usar como primeiro nome, porque só existe uma Addy, mas espero que ela puxe a você. Realmente espero.

— Bem — digo, engolindo em seco ao pensar nos erros que cometi nos últimos anos. Mesmo nas últimas semanas. Não sei se poderia ter feito algo diferente para impedir Chelsea, mas queria ter conseguido conversar de verdade com ela quando a conheci como Evie. Antes de ela fazer o que fez e mudar para sempre a própria vida. Acho que eu teria conseguido entender, mais do que imaginava, como foi descobrir a verdade sobre a morte do pai dela. — Talvez ela não precise puxar *tanto* a mim.

— Nem vem, eu não mudaria nada.

Seria bom conseguir dormir antes do voo superlongo de amanhã, mas preciso fazer mais uma coisa, e queria que a praia estivesse vazia para isso. Está frio agora, meia-noite, e fico feliz por estar com um casaco extra e uma calça de moletom.

Quando eu ainda estava no ensino médio e costumávamos fazer festas aqui, nunca acendi a fogueira. Jake sempre queria fazer isso, e ele gostava de explicar detalhadamente o que estava fazendo. Eu já tinha acendido dezenas de fogueiras quando acampava com Ashton e meu pai, mas eu escutava pacientemente ele me dizer o que eu já sabia.

E ele nunca perguntou nada.

Faço uma fogueira pequena, porque não é uma festa. Quando estava fazendo as malas, derrubei um par de meias atrás da cama, e quando fui pegar, achei um pedaço de papel. Era uma foto minha e de Jake, do nosso segundo ano do ensino médio, que achei que tinha jogado fora há anos. Estávamos com quinze anos, os dois fazendo careta — meus olhos esbugalhados, a língua dele quase tocando o nariz. Muitas das lembranças que tenho de Jake são ruins, mas esse é um dia cuja lembrança é de pura diversão. Jake era muito charmoso, e quando ele me dava essa atenção, eu me sentia a pessoa mais especial do mundo.

Não sei quando o lado sombrio o dominou. Talvez fosse uma coisa sempre presente, levando em conta o tipo de pessoa que o pai dele era. Talvez fosse a prepotência da qual a imprensa adora falar. Mas eu não posso mais perder tempo pensando nisso, porque já me torturei muito pensando nas coisas que poderiam ter sido diferentes. E percebi, há algum tempo, que nunca o conheci de verdade.

Olho uma última vez para nossos rostos felizes e jogo a foto na fogueira.

— Adeus, Jake. Espero que você descanse em paz — digo enquanto as bordas da foto se curvam.

Em segundos, a foto se transforma em cinzas. Observo as chamas dançarem por mais um tempo, depois tiro um envelope amassado do bolso. Coloco o dedo embaixo do selo e abro, tirando uma folha de papel de dentro. Abro, leio a única linha escrita, e começo a sorrir tanto que minhas bochechas doem. Então o coloco de volta no bolso, devagar. Uma hora vou jogar fora, porque prometi, mas não agora. Vou levar essa notícia comigo para o Peru. Vai ser nossa primeira aventura juntas. A primeira de muitas, espero.

Jogo o envelope na fogueira e digo:

— Não vejo a hora de te conhecer, Iris Adelaide.

AGRADECIMENTOS

Há sempre muitas pessoas a quem agradecer por cada livro. Para este, preciso começar agradecendo aos meus leitores, porque sem vocês ele não existiria. Obrigada por amarem esses personagens e o universo de Bayview tanto quanto eu. Se não fosse por seu entusiasmo constante, *Um de nós está mentindo* teria permanecido como livro único. Em vez disso, ele se tornou uma trilogia, e estou muito feliz por poder dar aos meus personagens a conclusão que imaginei por tantos anos. Espero que este livro valha a espera.

As minhas agentes, Rosemary Stimola e Allison Remcheck, obrigada por serem defensoras tão ávidas deste livro e da minha carreira. Não sei o que seria de mim sem sua sabedoria e orientação — por favor, nunca me deixem descobrir.

Estendo meus agradecimentos a toda a equipe da Stimola Literary Studio, principalmente Alli Hellegers, por sua atuação internacional, e a Peter Ryan e Nick Croce, pela contribuição nas operações.

Lembro-me de receber um e-mail da minha agente mais de seis anos atrás dizendo que Krista Marino, da Delacorte Press, queria publicar meu primeiro livro, *Um de nós está mentindo*. Fiquei muito empolgada, mas ainda não sabia o tamanho da minha sorte. Agora, sete livros depois, sou muito grata pelo que conquistamos.

Agradeço aos meus editores, Beverly Horowitz, Judith Haut e Barbara Marcus, por todo o suporte, e ao maravilhoso time na Delacorte Press e na Random House Children's Books, incluindo Kathy Dunn, Lydia Gregovic, Dominique Cimina, John Adamo, Kate Keating, Elizabeth Ward, Jules Kelly, Kelly McGauley, Jenn Inzetta, Tricia Ryzner, Meredith Wagner, Stephania Villar, Elena Meuse, Madison Furr, Adrienne Waintraub, Keri Horan, Katie Halata, Felicia Frazier, Becky Green, Enid Chaban, Kimberly Langus, Kerry Milliron, Colleen Fellingham, Heather Hughes, Alison Impey, Ray Shappell, Kenneth Crossland, Martha Rago, Tracy Heydweiller, Linda Palladino, Tamar Schwartz e Janet Foley.

Agradeço também aos meus incríveis colegas de direitos internacionais na Intercontinental Literary Agency, na Thomas Schlueck Agency e na Rights People por encontrarem editoras para *Um de nós está de volta* em diversos países. Sou muito grata pelo apoio dos meus editores internacionais e fico muito feliz por ter tido a oportunidade de conhecer alguns pessoalmente.

A comunidade para autores YA é algo extraordinário: toda vez que você tem uma dúvida, essas mentes brilhantes têm uma resposta. Obrigada, Krystal Sutherland, Adam Silvera, Becky Albertalli, Leigh Bardugo, Dhonielle Clayton e Jennifer Mathieu, por compartilharem sua sabedoria; e Kathleen Glasgow, Samira Ahmed, Sabaa Tahir, Tiffany Jackson, Stephanie Garber, Courtney Summers, Kara Thomas e Kit Frick por serem colegas extraordinários e também uma inspiração.

Obrigada, Beth Stevens, por generosamente compartilhar sua experiência jurídica.

Um agradecimento especial a todos os livreiros, bibliotecários e professores que defenderam meus livros com entusiasmo e ajudaram a categoria de thriller YA a crescer.

E, por fim, agradeço aos meus pais por sempre me apoiarem; ao meu filho, Jack, por sempre me inspirar; e ao restante da minha família por todo amor e risadas.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Box um de nós

Site da autora

<https://www.karenmcmanus.com/>

Livros da autora

<https://www.record.com.br/autores/karen-mcmanus>

Twitter da autora

<https://twitter.com/writerkmc>

Goodreads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/15127507.Karen_M_McManus

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/18847-karen-m-mcmanus>

Wikipédia da autora

https://en.wikipedia.org/wiki/Karen_M._McManus